J. A. Telles da Silva
Lista nº 8 - nº 163

PORTVGALIA

TOMO SEGUNDO—FASCICULOS 1 A 4

1905-1908

PORTVGALIA

Materiaes para o estudo do povo portuguez

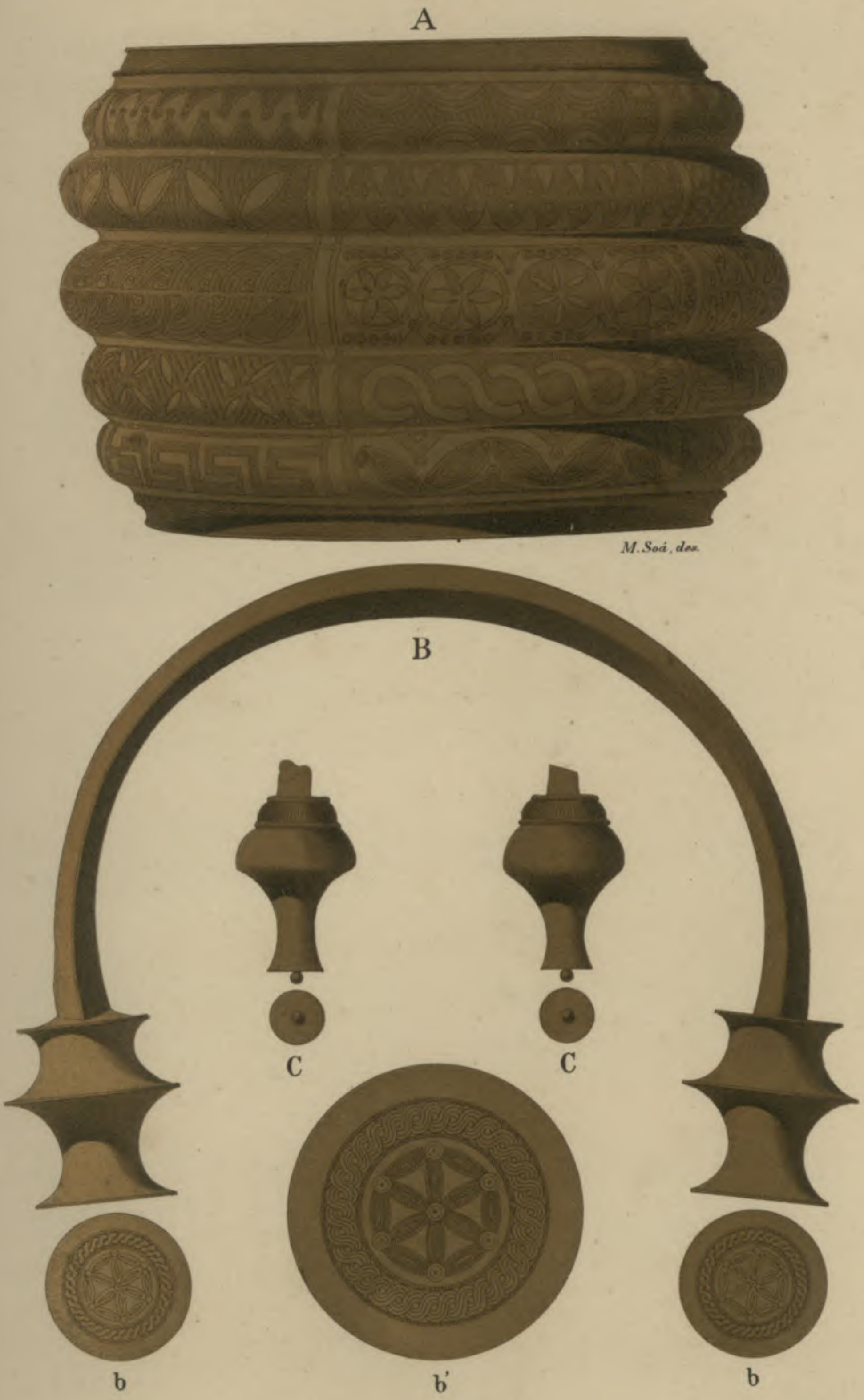
POLA GREY

TOMO II — FASCICULOS 1 A 4

Director — Ricardo Severo
Redactor em chefe — Rocha Peixoto
Secretarios | Fonseca Cardoso
| José Fortes

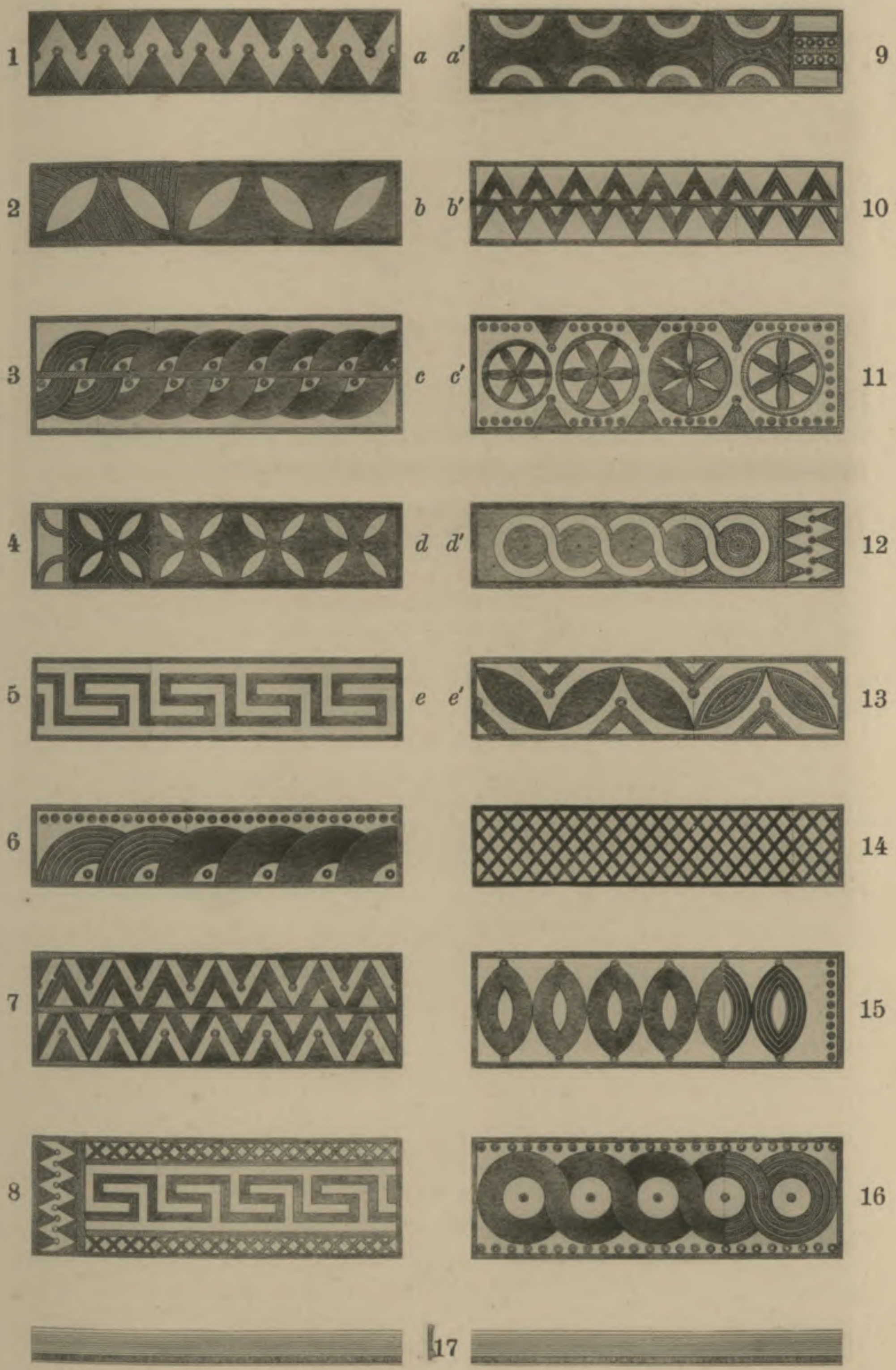
BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

PP
4247
COMPRA
244191



Gr. Nat.

O THESOURO DE LEBUÇÃO



M. Sod, del.

Gr. Nat.

O THESOURO DE LEBUÇÃO

DESENHOS ORNAMENTAES DA ARMILLA

O Thesouro de Lebução

(TRAZ-OS-MONTES)

COMPÕE-SE o Thesouro de Lebução de algumas peças incompletas de muito remota ourivesaria, e são: uma *armilla* de folha de ouro, dois *torques* fragmentados e mais pedaços de uma *manilha* com guizos: peso total em ouro, 459,9 grammas.

Pelo caracter indeterminado da descoberta, mal pareceria que com esta noticia se désse inicio á nossa secção de memorias originaes; melhor se arrumaria na seguinte secção de *Varia*. Todavia, o valor raro do thesouro e a riqueza da sua ornamentação, que d'elle faz verdadeira preciosidade de museu, instigáram-nos a inaugurar com tal somenos noticia o tomo II da nossa publicação, e talvez que por intenção de esthetica decorativa, estimando abrir o novo volume da nossa obra com material de particular merito illustrativo e de subido valor real.

Appareceram estes objectos na freguezia de Lebução, que fica no concelho de Valpassos, districto de Villa-Real, situada umas 4 leguas ao Nascente de Chaves. Cuidava-se ahi de cavar o terreno de uma vinha e occasionalmente estas peças surgiram ao cimo, soltas na terra revolvida. De principio nenhum apreço se lhes ligou, pois mais pareceram simples brinquedos de latão; apercebido, porém, que foi o ouro de seu fabrico, recolheu-as avidamente o proprietario, e desde logo começáram a correr mãos de ourives e gananciosos intermediarios desde Chaves até á Capital. Por um bemdito acaso, e devido aos bons officios de um amigo dedicado, conseguí examinar completamente o

rico achado em fins de 1899; entretanto, só em 1900 [1], um anno depois, e em seguida a uma dilatada campanha contra a desconfiança e exigencia dos negociadores, me foi dado adquirir a maioria e melhoria do valioso achado [2].

É curioso que a mesma indeterminação envolve muitas d'estas preciosas descobertas, tanto aqui como em outros paizes, sempre que não resultem de explorações em regra scientifica; notar-se-ha que em todos os casos a solida desconfiança do ignorante paizano ou a cubiça do astuto collecionador resistem por egual a todas as instancias de rigorosa investigação em desinteressado beneficio dos estudos nacionaes. É um mal, que os progressos do saber não evitam que só rigorosas leis efficazmente remediariam; só a Lei poderá, de facto, considerar todos estes documentos como bens nacionaes inalienaveis, pois que cada qual, muito embora illustrado e patriota, os toma como seus proprios, de todo o direito.

Não me foi possivel apurar todas as circumstancias particulares da descoberta, e, embora perguntadas pessoas da localidade, não se averiguam indicios de que fossem encontrados dentro de sepultura estes adornos, como poderia suppor-se, admittindo o caso muito verosimil de uma necropole ou sepulchro isolado, onde bem estávam, situados junto ao cadaver, como enfeites funebres ou insignias honorarias. E antes parece inferir-se de todo o demorado inquerito que se trata do achado occasional de objectos, os quaes foram propositalmente enterrados em qualquer cóva ou esconderijo, cujo possuidor morrêra, pois não parece que facilmente fosse esquecido ou perdido um tal lote de ouro, quando já então este metal tinha cathegoria de preciosidade.

Varias e imaginosas hypotheses poderiam com maior ou menor verosimilhança explicar o achado, ligando-o á novella do provavel possuidor e dos povos que trespassáram o paiz n'essas epochas revoltas de mysteriosa historia. Não é proprio aventál-as; estudaremos tão sómente o que ha de verdade, isto é, os objectos que constituem o Thesouro de Lebução.

---

[1] Vid. local do *Primeiro de Janeiro*, de 20 de dezembro de 1900.

[2] Devo a Bernardino de Campos a noticia d'esta descoberta e a acquisição dos objectos. Era então seu depositario o negociante Paulino de Mello que os recebêra de Benjamim Leite, de Chaves. Cautellosamente me foi occultado o local e circumstancias da descoberta, e assim o nome do proprietario. Apontava-se desde começo — como processo de negocio certamente, que não como um facto — a existencia de um concorrente hespanhol que comprava os objectos por exagerada quantia a fim de irem para o paiz visinho e d'ahi até Londres, onde parariam em mãos do tal *inglez* apreciador, que paga milhares de moedas por estas e muitas outras cousas de confuso valor. Os jornaleiros da caváda, dizia-se ainda, reclamavam do proprietario o seu direito ao terço do valor do achado. Esse valor, porém, é que nunca se fixou no bastante; tratava-se de *ouro*, e ouro antigo, com todo o deslumbramento das suas lendas subterraneas!

Em ajustes, e a regatear, consumiu-se mais de um anno. Emfim, e graças ainda á dedicação de Bernardino de Campos consigo a acquisição das peças agora representadas na nossa estampa I. Quando julgava prudentemente afastada toda a possivel concorrencia, e quando havia de realisar o pagamento, em conformidade com anteriores compromissos, surgem ultimamente exigencias varias e um novo concorrente; para os satisfazer houve que dispensar o corpo de um *torque* e mais uns pequenos fragmentos que pertenciam á *armilla* principal. Desconfiou-se de que fosse em maior quantidade o thesouro. Não o pude verificar então; passado tempo, porém, vi em poder do Dr. Leite de Vasconcellos, para o Museu Ethnologico Portuguez, os fragmentos que me haviam sido requisitados; felicito-me, pois d'esta sorte existe entre nós na sua totalidade o lote que desde o começo examinei, e que considero exacto, constituindo em seu todo o achado de Lebução.

A Armilla [1].—Está representada esta peça na est. i, fig. a, e em reproducções photographicas nas figuras do texto 1 e 2. É construida de folha de ouro com espessura media de um millimetro, tendo de largura (segundo a altura da peça) 75 m.m., enrolada circularmente com o diametro minimo de 85 m.m. e maximo de 108 m.m.; o seu peso é de 107,5 grammas; o ouro é do toque de 0,662 em liga de prata, sem cobre, e apresenta-se de textura quebradiça, impossibilitando o restauro a frio. Assim a conservo, pois que a avaria notada na fig. 2 não prejudica o aspecto geral da peça, e d'este modo se evitam os inconvenientes e riscos da cozedura necessaria para attenuar a tempera rigida do metal. A reconstituição é, de resto, facil de completar-se, como se expõe na estampa ii.

Fig. 1—1/2 gr.

O contorno exterior da peça é o proprio dos braceletes feitos de uma só lamina, de forma annular, secção concavo-convexa. São sempre superficies de geração circular e secção de faces parallelas quando em folha ou chapa metallica, lenticulares ou de secções segmentarias do circulo quando macissas ou fundidas. E esta é a constituição elementar geometrica d'estes pequenos solidos de revolução em argolas ou anneis communs de vario uso.

No caso presente a forma é de muita originalidade, lembrando a sobreposição de aros, alternadamente concavos e convexos, como se fôra a combinação symetrica de anneis variando de diametros, ou a figura que representaria uma corda enroscada em torno do ante-braço [2]. Este perfil encontra-se na combinação dos mais antigos moldes de braceletes, feitos de folhas de bronze (abertas ou arrebitadas aos topos), com as formas onduladas de perfis cylindricos ou conicos.

O nosso bracelete é um exemplar acabado e perfeito d'esta combinação, realisando

---

[1] Emprégo a denominação *armilla* que é romana e em seu sentido especial; entretanto, o termo tem no geral significação commum: braceletes ou anneis trazidos como ornamentos nos braços ou pernas. Á maneira latina dir-se-hia *brachiale* quando para uso do ante-braço; os romanos differençávam ainda o *torques brachialis* com o nome de *spinter* quando para o braço esquerdo e *dextrocherium* ou *dextrale* quando para uso da mão ou braço direito. Em latim e grego as designações são consoante a forma e seu uso. Vid. Daremberg & Saglio, *Dictionnaire des Antiq. Grecques et Romaines*, voc. *Armilla*, i, pags. 435 a 37.

O illustre linguista Dr. Leite de Vasconcellos revindica para o vocabulo nacional *Xorca* esse sentido geral. No *Archeologo Português*, vol. ii, pag. 20, diz: «*Xorca* póde pois empregar-se em sentido geral, mantendo cada uma das outras significação especial: *torques*, do pescoço; *armilla*, da parte superior do braço; *bracelete, pulseira* e *manilha* na significação vulgar que tem».

Veja-se tambem: J. de S. R. Viterbo, *Elucidario*, etc., ed. de 1798, voc. *Axorca* ou *Xorca*: «pulseiras de prata, á maneira de argolas, que as mulheres no Oriente e Africa trazem no braço e pés por cima do calcanhar».

[2] Ha um objecto de corda apparentando egual contorno, que é apetrecho commum das embarcações; e usa-se tambem com tal forma em terras de França de uma especie de cesto, que em locução *angoumoisine* se chama *bourgne*. Vid. H. Havard, *Dictionnaire de l'Ameublement*, i, pag. 381. Ambos apresentam o mesmo contorno geometrico.

uma forma mais complexa e de maior effeito ornamental, pois melhor realçaria o effeito do brilhante metal nas ondulações salientes, sobresahindo dos sombreados concavos intermedios. E o artista quiz assim resaltar os arabescos ornamentaes de seu desenho, applicando-os em evidencia sobre os cordões salientes, bem emmoldurados pelas faixas lizas reintrantes. Aqui se nota tambem, como em muitas outras obras de antiga ourivesaria, a exacta apropriação das formas e medidas ao destino e uso do objecto, a justa adaptação da ornamentação, o sentimento esthetico do conjuncto, dos effeitos e recursos do material, em perfeito accordo com a technica do seu trabalho.

A estampa I que expõe a armilla, desenhada do natural pelo nosso habil collaborador, dispensa que mais insista na sua discripção. Explicar-se-ha a estampa II na qual, em grandeza natural, estão planificados e reduzidos á sua rigorosa expressão geometrica, os desenhos que ornamentam os aros parallelos da armilla. Veem-se ahi 16 desenhos, e tantas são as combinações que nos mostra o objecto. As duas primeiras series *a, b, c, d, e* e *a', b', c', d', e'*, estão ahi segundo a mesma disposição em que se encontram no braçal; as outras teem varia situação e apresentam-se como distinctas combinações e motivos, pois algumas se repetem em toda a peça. No original estão gravados estes desenhos em superficies curvas, sobre as quaes se deformam em projecção ou perspectiva; na nossa estampa planificáram-se, como os executaria o proprio artista em seu projecto ou esboço, sobre uma lamina recta; e assim se observou a uniformidade e symetria proprias da ornamentação geometrica, na qual linear perfeição está a sua unica feição esthetica.

Sob este ponto de vista a armilla de Lebução é um verdadeiro museu; e mais completo seria difficil de obter, quando mesmo se cuidasse a preceito de conglobar n'uma serie de estudo os motivos decorativos que a singella linha recta póde produzir, sobre si, ou combinada com o circulo. Os dois elementos fundamentaes do primitivo desenho decorativo encontram-se aqui fixados nas suas multiplas e definidas combinações. São como dois symbolos errantes da mais remota antiguidade e da maior vastidão. E tanto que não constituem, por si, motivos de classificação; não são elementos archeologicos, como siglas de um artista ou de uma epocha, marcando precisamente uma origem, uma data, um caracter artistico ou ethnico. São elementos de caracter universal, no tempo e nos povos; representam como factos ethnographicos de primigenia formula, ora em uso nas suas expressões simples e grosseiras, como entre os *primitivos* d'hoje, ora em arranjos de imaginosa combinação nos arabescos complexos, labyrinthos, entrelaços, rosaceas, etc., que sempre compozeram artistas heterogeneos em epochas afastadas e distinctas. Do seu caracter de conjuncto e dos incidentes ethnographicos concorrentes fallar-se-ha a seguir, que talvez do seu todo se infira um caracter.

Vejamos agora, e cotejando a par e passo a estampa II, como aqui se nota o primeiro e mais simples arranjo das linhas rectas, as parallelas cruzando-se em xadrez a formarem um reticulo de pequenos losangos; o desenho de n.º 14 apresenta este motivo como principal, o de n.º 8 fazendo de cercadura. Este arranjo elementar encontra-se desde os começos da edade da pedra, nas primeiras tentativas de ornamentação sobre objectos de barro ou de osso; mais tarde fixa-se a puncção e escopro sobre utensilios e adornos de bronze e ferro; é o mais antigo, o mais singello e o mais duradoiro motivo ornamental.

A linha quebrada, em zig-zag, ou formando filas de bicos *(chevrons, dents de loup)* é tambem um motivo que nos vem desde epochas archeolithicas. No mobiliario prehistorico do nosso paiz são muito communs estes rudimentares ornatos, compostos de riscos cruzados, bicos de serra, triangulos e losangos, alinhados como aqui em faixas parallelas; a numerosa serie de *placas de schisto* ornamentadas, provenientes das grutas e dolmens do Sul, fornece-nos quantidade de exemplares typicos, e muitas outras mais peças de mobiliario, persistindo pelos tempos fóra, até civilisações muito posteriores e actuaes. A proposito cumpre lembrar, e desde já fica citado para todo este processo de confronto, o interessante quadro organisado pelo nosso collega Rocha Peixoto com a decoração linear das actuaes louças populares do Prado, publicado no tomo I d'esta obra [1]. O seu illustre auctor justamente encontra que os elementos ornamentaes observados «são em grande parte communs aos primeiros passos do ornamento geometrico em muitos povos de civilisação atrazada».

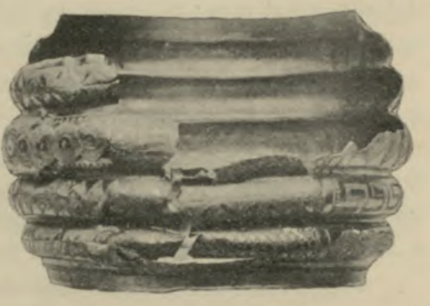


Fig. 2—$^1/_2$ gr.

Exemplifica-se este motivo da linha em zig-zag disposta em listeis parallelos no desenho de n.º 10; a combinação das estreitas faixas em linha quebrada com as series de bicos, ora recheadas de pontuações, ora lizas, produz os exemplares de n.os 1 e 7, repetidos como accessorio em 8 e 12; n'estes quatro ultimos casos o vertice do angulo modifica-se pela apposição de uma pequena marquilha de circulos concentricos. Este diminuto motivo, formado de dois e mais circulos concentricos em torno de um ponto, é muito vulgar na ornamentação de louças e objectos de metal em epochas muito remotas. Isoladamente, constituindo grupos decorativos e appenso ao *chevron*, predomina nos ornatos dos mobiliarios proprios de necropoles das primeiras edades do ferro, em Hallstatt [2], na Italia do Norte [3] (Bolonha, Este, Vilanova, etc.), na Suissa (Toussen), no Valle do Rhodano [4], etc. É curioso que d'entre os enfeites d'este periodo, como berloque suspenso de varios adornos (Hallstatt), ou de azas de cistos (Côte d'Or, tumulus de Magny-Lambart) apparece o triangulo com o circulo terminal recortado em chapa metallica, cheia ou vasada (fig. 3); e o mesmo motivo ornamental se nos mostra agora em outra significação de ordem symbolica, de certo amuletica, entrando de par com os pequenos circulos concentricos na serie mythica genesica ou solar.

Fig. 3

A linha recta ainda, quebrando sobre si em angulos rectos, compõe as formas em ⅂ e ⊔, muito vistas em varios typos de *gregas* simples e duplas. No nosso braçal a

[1] Rocha Peixoto, *Ethnographia Portuguesa, Industrias Populares, As olarias de Prado,* in *Portvgalia,* t. I, pag. 247, fig. 37.

[2] Dr. E. F. Sacken, *Das Grabfeld von Hallstatt.* Wien, 1868. Vejam-se as varias estampas.

[3] Oscar Montelius, *La Civilisation Primitive en Italie depuis l'introduction des métaux,* 1ère partie, *Italie Septentrionale.* Stockolm, 1895.

[4] Ernest Chantre, *Premier Age du Fer (Études paleœthnologiques dans le Bassin du Rhone).* Paris-Lyon, 1880.

grega simples vê-se em os n.^{os} 5 e 8. Este motivo encontra-se desde a primeira edade do ferro, foi elemento caracteristico da archaica ornamentação grega, e dominou na arte do velho mundo mediterranense; entretanto se seguirmos este ornamento, encontramos o seu uso por toda a parte em varios tempos e paizes, até ao Norte Scandinavico.

Os ornatos com linhas curvas compõem-se aqui de elementos circulares. No desenho de n.° 9 arcos de circulo concentricos alinham-se em duas filas parallelas que se defrontam, tal como se vê por exemplo em alguns objectos de Hallstatt [1]; trespassando as duas filas de semicirculos depois de deslocadas obtem-se os desenhos de n.^{os} 2 e 13; do desenho n.° 9 tira-se pela sobreposição de uma serie central de circulos a forma n.° 4, que não é tambem original, como se vê em um vaso de *terre noire lustrée* de um *tumulus* de Ploerneur (Morbihan) [2]; constitue-se um ornato floral de quatro pétalas que deve incluir-se na serie das rosaceas. Este motivo repete-se na *pedra formosa* da Citania de Briteiros [3], semelhantemente á ornamentação de um ossuario de Creta, e ahi tambem, constituindo a cruz de malta ladeada pelo triscelo.

Uma serie de circulos concentricos cortando-se, presos pelos seus centros ao longo de uma recta, produzem o desenho de n.° 15, deixando figuras de contorno lenticular, em modo de uma serie de fusos ou lançadeiras (navettes). Com quartos de circulos compõe-se as figuras de n.^{os} 3 e 6, a primeira em forma de trança ou entrelaço; de egual composição mostra uma faixa a folha d'ouro de Eygenbilsen [4] (Gaule Belgique).

Pela justaposição de circulos se consegue tambem a fita entrelaçando-se, como nas figuras 12 e 16, em lizo sobre fundo pontuado ou vice-versa. Produz-se por maneira elementar este curioso motivo de multiplas applicações como elemento architechtonico decorativo e em muitas outras producções de artes plasticas; encontra-se sobre objectos das primeiras edades do ferro, entre a ornamentação geometrica de estylo mycenico, em vasos de typo greco-archaico, em artefactos etruscos, italicos e em outros muitos de muito varias procedencias. Entre nós, destaca-se primitivamente em pedras lavradas de Sabroso e Briteiros, e se bem quizessemos marcar onde o predominio do *entrelaço* como motivo ornamental bem difficil seria, mais arriscado ainda apontar-lhe a origem, atraz da qual por successivas comparações archeographicas haveria que caminhar sem pousada até ao extremo do Oriente classico.

Temos por fim no desenho n.° 11 a rosacea de 6 lóbos ou pétalas constituindo o ornato principal. N'este quadro o artista certamente pretendêra incluir quatro rosaceas eguaes; falhou-lhe, porém, a repartição dos respectivos espaços, e rematou adaptando o raio do ultimo circulo á grandeza do espaço que lhe restava; ficou menor essa rosacea. Entremeiam com os circulos os bicos terminando em redondo, e ladeiam o quadro filas rectas de pequenas marquilhas de circulos concentricos. A rosacea é o enfeite do-

---

1 Dr. E. F. Sacken, Op. cit., taf. x, 6 e taf. xii, 1.

2 Paul du Chatelier, *La poterie gauloise aux époques préhistorique et gauloise en Armorique*, 1887, pl. 16, fig. 7.

3 F. Martins Sarmento, *A arte mycenica no Noroeste da Peninsula*, in *Portvgalia*, t. i, pag. 1 (cabeçalho), pag. 11, figs. 15 e 16.

4 E. Cartailhac, *L'Or Gaulois*, in *Revue d'Anthropologie*, 1889, pag. 290. — Vid. tambem *Matériaux pour l'Histoire de l'Homme*, etc., t. xii, pag. 403.

minante, de primeira importancia, e collocou-a o habilidoso *aurifex* sobre o cordão central da armilla, onde destaca em primeiro plano.

Fecha pois a nossa serie decorativa da peça-museu um motivo geometrico que tambem errou mundo desde remotas eras. Como symbolo floral ou solar, liga-se á serie immensamente variada das estrellas, circulos radiados, rodas, cruzes symetricas, rodizios, meandros, tambem ao triscelo e tetrascelo. Com intento symbolico, ou méra expressão decorativa, o seu uso póde considerar-se em todo o sentido universal. Pareceu caracteristico da ornamentação etrusca, mas em tanta evidencia se encontra tambem pelos desenhos decorativos egeanos ou mycenicos, e um pouco por toda a parte em productos de civilisações e epochas as mais diversas. Não poderemos tomál-o como elemento caracteristico; em concorrencia com determinados outros desenhos geometricos, tal como no caso presente, approximar-nos-hemos da arte representada nas necropoles da Europa Central e Occidental das primeiras edades do ferro. Entre nós encontramos este ornamento em pedras insculpidas provenientes da Citania de Briteiros, em destaque, na já nomeada *pedra formosa* [1].

Averiguado está pela resenha anterior como da analyse parcellar dos quadros decorativos nada podemos concluir sobre o estylo proprio da armilla. Teremos, como tem sido enunciado, que considerar o objecto em seu todo, pela impressão geral e pelo sentimento do seu conjuncto. Assim deverá ser em face de producções de uma arte em certo estadio de progredimento, pois que estes motivos ou componentes basilares são aqui, como os elementos infinitesimos da materia, de caracter *uno,* universal. Entretanto, da formula a que obedeceu o seu arranjo para constituir um todo, poder-se-hão destacar algumas permissas de racional logica; assim, a disposição decorativa em zonas de parallelos, a ornamentação rigorosamente geometrica, a preferencia de certos motivos lineares, o processo de fabrico, todos estes factos nos prepararão aspectos e caractéres, amparando mutuamente o processo comparativo do seu estudo.

Parece, portanto, que deveremos situar-nos no começo das edades metallicas—ao tempo do ferro, como se verificará—e começar d'ahi revendo as respectivas producções artisticas de mais evidente affinidade. Desde logo deparamos com a ornamentação zonada, de elementos lineares, proveniente de periodos anteriores, que caracterisa as louças encontradas nos nossos *Castros* e *Cividades;* rebuscando, aqui se encontram sobretudo os motivos geometricos, predominando o xadrez, o bico de serra e o losango, tambem as filas de pequenas marquilhas circulares; e como exemplo de curiosa persistencia de certas formulas artisticas, temos entre outros factos ethnographicos, o caso, já citado [2], das actuaes olarias populares reproduzindo hoje na sua primitiva ingenuidade os mesmos singellos motivos de decoração linear.

D'entre as peças de ourivesaria classica pouco ha que estudar entre nós, porque poucas são. Em Portugal a maioria de alguns achados de similares thesouros tem desapparecido. Entretanto, de um certo numero ha noticia, constando no geral de objectos indeterminados, como os presentes, quanto ás circumstancias de jazida. Para acompa-

---

[1] F. Martins Sarmento, *A arte mycenica no Noroeste da Peninsula*, in *Portvgalia*, t. I, pags. 7 e 8, figs. 8, 9 e 10.

[2] Rocha Peixoto, Op. cit., in *Portvgalia*.

nhar a armilla de Lebução temos de primeiro os dois braceletes de Evora [1], vendidos a um ourives que os fundiu, de um dos quaes ficou o desenho feito pelo Dr. Rivara; constam de laminas abertas de ouro, de 22 quilates, a maior (do peso de um marco menos uma oitava) foi certamente um braçal, o menor (de oito onças e seis oitavas) devia ter sido uma manilha; são do typo do bracelete gaulez do *Tumulus des Mousselots.* A *Xorca de Penella* [2] de ouro macisso, com o consideravel peso de 1950 grammas, é ornamentada com linhas cruzadas, dentes de serra e losangos. O *Collar da Penha Verde* (Cintra) [3] tambem macisso, com 1260 grammas, é constituido por tres anneis deseguaes, soldados nas extremidades, com lavores geometricos de linhas entrecruzadas e dentes de serra. É aberto, mas tem fecho de girar como a argola de Penella; junto aos extremos estão de cada lado umas campanulas fixas, como meias espheras ôcas, que fazem lembrar metades de qualquer guizo ou *crotale,* enfeite visto em joias da epocha do ferro como no brinco do Tumulus des Mousselots, por exemplo.

D'entre todos, senão pelo peso do ouro, mas pela quantidade de seus lavores, destaca-se a armilla de Lebução, como exemplar unico e excepcional, constituindo verdadeiro quadro synoptico da primitiva ornamentação geometrica. Todos os demais achados de ourivesaria prehistorica nacional constam de objectos faltos de valor artistico, no geral macissos e de rara ornamentação.

De braçaes com similares enfeites encontramos exemplares no album já citado de E. Chantre [4], provenientes de necropoles e tumulus, em que o auctor encontra affinidades com braceletes do valle do Rheno, da Suissa (Toussen), do Wurtemberg (Metzstetten); e além dos braceletes, as folhas de bronze laminadas e estampadas apresentam a mesma decoração zonada e geometrica. Em Hallstatt [5] especialmente predominam estas laminas estampadas, como um dos caracteristicos d'esta riquissima estação. Pelas necropoles italianas encontramos a ornamentação zonada; não se encontram todavia braceletes de semelhante aspecto. A forma especial d'esta armilla, parece ter sido mais usada no centro da Europa, durante as primeiras edades do ferro, ao approximar-se da epocha *gauleza,* isto é, ao raiar dos tempos historicos.

De facto, entre os mobiliarios caracteristicamente gaulezes encontraremos o maior numero de exemplares para confronto. Uma grande banda circular de folha de ouro, que foi encontrada no tumulus de Apremont (Haute-Saône) [6], em sepultura com carro

---

[1] *Boletim da R. Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes,* t. VII, 1894, pag. 6.

[2] G. PEREIRA, artigo in *Boletim da R. Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes,* t. VII, 1896, pag. 77. — Vid. DR. L. DE VASCONCELLOS, in *Archeologo Português,* vol. II, 1896, n.º 1, pag. 17 e seg.

[3] E. CARTAILHAC, *Les Ages prêhistoriques dans l'Espagne et le Portugal,* pag. 297. — *Boletim da R. Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes,* t. IV, n.º 5. — F. MARTINS SARMENTO, *A argola encontrada em Penella,* in *Noticias de Penella,* 1886, pag. 227 e seg.; e a proposito do mesmo achado, pag. 191 e seg.

[4] E. CHANTRE, Op. cit., *Premier Age du Fer,* pag. 13, fig. 1 e pl. IX, pl. XXXVIII, pag. 34, figs. 6 e 7, pag. 52, fig. 14, pl. XXXVI, XXXI, XXVII e XXIV.

[5] E. SACKEN, Op. cit., taf. IX, X e XII, figs. 1 e 3.

[6] EUGÈNE PERRON, *La Motte d'Apremont,* in *Materiaux,* etc., 1880, pags. 337 a 359, pl. X. — E. CARTAILHAC, *L'Or Gaulois,* in *Revue de l'École d'Anthropologie,* t. IV, 1889, pag. 283. — A. DE MORTILLET, *L'Or en France,* in *Revue de l'École d'Anthropologie,* t. XII, 1902, pag. 57.

definidamente gauleza, tem muitas analogias com o braçal de Lebução. É constituido este objecto por uma folha unica, sem soldadura, com o peso de 232 grammas, ornada de linhas e faixas parallelas, de pontuações e de losangos em relevo; a sua reconstituição feita no Museu de Saint-Germain tem merecido justamente algumas censuras, entretanto, a este especimen me reporto em seu estado actual. N'um tumulus proximo de Mousselots (Côte d'Or) [1], tambem em uma sepultura com carro de parada, encontrou o mesmo E. Perron braceletes de folha de ouro com ornamentação em zonas, executada a punção e por martellagem. O mesmo genero de ornato se encontra no capacete de Anfreville (Eure), exposto no Museu do Louvre, construido de ferro, cobre e ouro. Em França, desde o periodo *hallstatiano* ao *beuvraysiano*, da sua primeira edade do ferro, que os objectos de ouro apresentam um caracter especial; são considerados pelos archeologos francezes de arte nacional, gauleza, mesmo quando fazem lembrar a elegancia e riqueza da ornamentação grega, como nos torques de Lasgraïsses [2] (Tarn). Todos estes objectos remontariam ao começo do chamado *periodo gaulez*. Pertenciam em parte, aventa um archeologo illustre, aos guerreiros que assaltáram a Italia no IV e III seculos, os quaes se apresentavam cobertos de ouro e de uma só vez abandonáram aos Romanos vencedores um espolio de mil e quinhentos torques d'ouro [3]!

Os povos conhecidos sob a denominação de *Romanos*, desde muito que se enfeitavam de ouro. Diz-se que tal uso tomáram dos Sabinos e Etruscos; de certo, porém, o costume viria já das anteriores populações italicas aborigenes. Os Etruscos tivéram a fama de usarem excessivos enfeites de metaes preciosos; homens e mulheres traziam braceletes nos dois braços. Assim como estes, os Romanos tambem depozéram nos tumulus objectos de ouro; a lei das *Doze Taboas* reprime este abuso, e tambem a lei *Oppia* (215 a. C.) regulamenta o uso dos enfeites de ouro pelas mulheres. As *armillas* foram usadas como simples adorno e como insignias *honorarias* ou *profissionaes, dona militaria;* e chamava-se este distinctivo *galbeus* [4]. No seculo II as *armillæ, phaleræ* e *torques* eram reservadas aos centuriões, sub-officiaes e soldados como *dona minora,* habitualmente de prata e só excepcionalmente de ouro *(armilla aurea).*

Entre os povos peninsulares a ourivesaria vem tambem de tempos immemoraveis; e isto se sabe atravez dos auctores gregos e romanos que escreveram sobre a Peninsula Iberica. Não tratando agora das decantadas riquezas metalliferas da nossa terra, muito conhecidas do velho mundo, citaremos, exemplificando o uso das armillas, as estatuas lusitanas do jardim do Palacio d'Ajuda e do Museu de Guimarães; a apresentação d'estes documentos é bastante no que respeita á antiga Lusitania. O Dr. Leite de Vasconcellos apoia a etymologia do nome *Viriatus,* o heroe lusitano, como originada em *viriæ* (armillas), pelo mesmo modo que *Torquatus,* proveniente de *torques;* e o facto

---

[1] *Matériaux pour l'Histoire de l'Homme,* etc., 1882, pag. 187.—E. CARTAILHAC, Op. cit., pag. 284, fig. 8.

[2] E. CARTAILHAC, *Les Torques et le Bracelet d'or de Lasgraïsses* (Tarn), in *Matériaux,* etc., t. XX, 1886, pag. 182, pl. I e II.—Vid. do mesmo A., Op. cit., *L'Or Gaulois.*

[3] IDEM, Op. cit., *L'Or Gaulois,* pag. 292.

[4] DAREMBERG & SAGLIO, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines,* pag. 438, vocabulo *Armilla.*

é que, se fosse possivel averiguar quantas *virias* de ouro se teem desenterrado do solo portuguez, a somma bastaria para confirmar o uso local d'esses adornos, na maioria de construcção macissa e grosseira, faltos de arte, enfeitando pela côr brilhante do precioso metal.

Quanto á sua execução, a armilla de Lebução apresenta-se-nos como feita de uma só folha de ouro soldada nos topos. Não se encontram vestigios da soldadura, mas não hesito em admittil-a, muito embora os conhecidos prodigios da antiga thoreutica a não exijam como indispensavel. Partindo de uma conta ou de um toro de ouro, conseguiria o velho aurifex, martellando e repuchando, pela classica technica da *cælatura,* laminar o metal até á forma ultima da armilla. Obras de maior difficuldade foram feitas por este processo, a frio; a curiosa cadeia de anneis chatos tão admirada na Exposição de Amsterdam em 1883 [1], foi fabricada na Tunisia de uma barra inteiriça por martellagem, sem o emprego da solda. O uso das soldas, porém, é conhecido desde afastados tempos; os Egypcios sabem soldar os metaes desde a dymnastia XVIII. Em pinturas egypcias vê-se o maçarico [2], utensilio usado nos paizes orientaes muito antes de que os gregos conhecessem os processos de soldar, cujo invento attribuiam a Glaucos de Chio. Schliemann [3] admitte que os aurifices mycenicos soldávam o ouro com o borax; e sabido é que o borax abunda na Asia Menor e mesmo na Italia Central. Os Etruscos que desde remotas datas eram reputados eximios ourives, fabricáram tambem as suas joias de folhas d'ouro estampadas, e soldadas; o ouro é sempre trabalhado por martellagem e as superficies obtidas são ligadas pelos seus bordos e soldadas de forma que apresentam um solido unido, podendo mirar-se de todos os lados sem se lhe notar vestigios da soldadura [4]. A maioria das joias etruscas posteriores ao seculo VII são executadas por este processo e raras são as peças macissas ou fundidas. Plinio refere-se á antiga mistura conhecida dos romanos pelo nome de *saterna* preparada com *chrysocolla* e que servia para soldar o ouro quando ligado á prata [5]. Muitos d'estes processos, e as proprias artes da thoreutica, são consideradas por estes auctores citados como oriundas da Asia, por importação. Tanto faz para o nosso caso a longinqua origem oriental; apenas, por estas citações, eruditamente se comprova que a solda é um facto da mais alta antiguidade; nem tanto surprehende, pois, o seu emprego no braçal e tambem nas outras peças do nosso thesouro, nas cabeças dos torques e nos dois guizos da manilha.

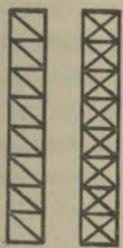
A ornamentação é obtida pela successiva applicação de um trepano, estampando por percussão uma fila continua de pontuações em pequenos rectangulos; uma serie ligada de pancadas produziria uma linha; este processo mais encarece a perfeição do desenho na sua difficultosa applicação a uma superficie convexa. A nitidez da estampagem denuncía o emprego de cunhos, de trepanos ou punções de ferro de rija tempera, e este adminiculo nos impõe desde logo a situação chronologica da armilla em plena edade do ferro, quando d'este metal se construia tão afinada ferramenta.

---

[1] EUGÈNE FONTENAY, *Les Bijoux anciens et modernes.* Paris, 1887, pag. 485.
[2] DAREMBERG & SAGLIO, Op. cit., *Dictionnaire,* etc., voc. *Cælatura,* pag. 793.
[3] H. SCHLIEMANN, *Mycènes,* trad. par J. GIRARDIN. Paris, 1879, pag. 311.
[4] JULES MARTHA, *L'Art Etrusque,* Paris, 1889, pag. 561.
[5] DAREMBERG & SAGLIO, Op. cit., pag. 794.

Torques.—O torque desenhado na estampa I compunha-se de tres fragmentos, o corpo ou haste em parte, uma das cabeças com um pedaço da haste e a outra cabeça desligada. Adaptando-se exactamente estes tres fragmentos, não havia que hesitar na sua reconstituição e assim se executou como mostra o desenho em grandeza natural. Ficou um pouco aberto o aro e menos cintrado do que seria primitivamente, porque se temeu forçar demasiado a haste, visto a constituição quebradiça da sua tempera. O ouro é de toque egual a 0,580, sendo a proporção das ligas de 9 para 1, prata e cobre; o seu peso é de 199 grammas.

A haste tem 255 m.m. e a sua secção, um losango curvilineo, vae diminuindo progressivamente para as extremidades, tendo no centro o maximo de 8 m.m. por lado e para as pontas 6 m.m.; as faces são ligeiramente concavas. Foi obtida esta peça por martellagem, a qual é evidente nas marcas de percussão que accusam todas as superficies. As cabeças são circulares: a sua forma obtem-se pela sobreposição de duas virolas concavas tampadas nos dois topos por chapas circulares. Não tem ornamentação senão no tampo exterior.


Figs. 4 e 5

O outro fragmento de torque, encontrado em Lebução juntamente com os anteriores, constava da haste com a dimensão de 300 m.m. e de secção egual ao de cima; tinha adherente um pedaço de chapa que constituiria a cabeça, semelhantemente ás da estampa I, mas de modelo differente. Em duas faces do aro tinha insculpido os desenhos de figs. 4 e 5 feitos a linhas de pontuações continuas por percussão. Está este fragmento no Museu Ethnologico de Lisboa.

O ornato do tampo está amplificado na fig. *b'* da estampa I; compõe-se de um entrelaço continuo formando uma coroa circular, dentro da qual está a rosacea de seis folhas, terminando cada lóbo por pequenas marquilhas de circulos concentricos ligadas por arcos. O trabalho é executado com eximia habilidade, e tal, que apenas umas leves irregularidades de desenho fazem desviar a ideia de um cunho estampando todo o ornato de um só golpe.

Já anteriormente se fizeram referencias ao enfeite muito commum de entrelaços, e viu-se como tal ornamentação apparecia na Citania de Briteiros. Ahi vamos agora encontrar o simile perfeito da rosacea que enfeita as cabeças do torque; em uma padieira da Citania repete-se duas vezes este motivo [1], e é justamente o mesmo que se encontra em objectos de Mycénas, reatando a interessante approximação da arte mycenica sempre que se estudam producções artisticas d'estes antigos povos occidentaes.

Pela toada de eschola ou de compendio, sou levado a considerar *à priori* como *celtico* ou *gaulez* o torque aberto terminando em *tampons*. De facto, esta joia, fabricada de cobre, bronze, prata ou ouro, apparece em caracteristica abundancia nas estações das edades metallicas do vasto paiz para além dos Pyreneus, onde dominou a civilisação que uns chamáram *celta*, outros *gauleza*. Os exemplares que melhor emparelham o torque de Lebução encontram-se na região limitada pelas cordilheiras dos Pyreneus e dos Alpes.

---

[1] F. Martins Sarmento, Artigo cit., in *Portvgalia*, t. I, pag. 8, fig. 9.

Este factor entra pois no nosso grupo com uma significação archeographica e chronologica de muito valor, a qual se aproveitará em seu estudo de conjuncto; é para o nosso processo de investigação um depoimento verdadeiramente elucidativo.

MANILHA.—As duas pequenas peças representadas em C, na estampa I, considerei-as como pertencentes a um adorno de pulso, devido ao seu pequeno volume e ás reduzidas dimensões da haste que as ligava; poderiam tambem ter pertencido a um pequeno torque, para ser usado ao pescoço, o que é pelo visto menos provavel. São duas peças ôcas; uma d'ellas appareceu esmagada, mas foi restaurada pela outra que estava perfeita; uma pequena areia solta no interior, fál-as tilintar como um guizo ou pequeno *tintinabulo*. Estes ruidosos appensos foram de uso vulgar em objectos de adornos desde mobiliarios hallstattianos; ainda hoje se empregam como enfeites ou berloques em varias joias de mulheres e creanças, e taes como as usáram as bailadeiras de varios povos ou as cortezans romanas, nos pulsos ou sobre os tornozelos, como os *compes* ou *periscelis*.

São constituidas por peças laminares repuchadas a martello e soldadas aos topos; o ouro é do mesmo toque que o dos torques anteriormente descriptos. A haste da manilha parece feita interiormente de metal de baixa liga forrado de uma fina casquinha *(crusta)* de ouro de melhor toque. O pequeno fragmento que possuo não permitte a analyse completa, apenas mostra a sobreposição dos dois metaes de diversa composição e forma.

Eis finda a resenha das peças expostas na nossa estampa I, que constituem o THESOURO DE LEBUÇÃO. Do seu conjuncto parece inferir-se homologias de aspectos, de contextura e de technica que lhes attribuem uma commum proveniencia, como producções da mesma officina ou do mesmo *aurifex*. É um grupo composto de peças inteiras e partidas; a haste do segundo torque não parece deformada pela natural pressão das terras, e antes que assim fôra enterrada junto ás demais, como objecto avariado. A coincidencia de ligas de egual titulo e o ar de parentesco lembram que fossem objectos escondidos pelo proprio ourives ambulante. Sabido é que nos tempos homericos, mesmo ao tempo dos romanos, o artista metallurgico—*aurarii, argentari fabri, bractearius, cœlator,* etc.—era chamado a trabalhar a materia prima que o rico proprietario lhe fornecia. Leve era então a bagagem d'esse artista ambulante, assim como a dos caldeireiros d'hoje que semelhantemente se vão de terra em terra fazendo soar o tam-tam do seu pregão. Na antiguidade como em tempos actuaes repetem-se analogos factos ethnographicos, e nem sempre como sobrevivencias, mas como espontaneos acontecimentos em semelhantes meios de producção.

O conjuncto, pois, se pelo caracter elementar da sua ornamentação denuncia uma phase primitiva da arte, não mostra por outras considerações de technica provir d'esses periodos iniciaes da metallurgia, pois que a soldadura das peças e seu acabamento lhes attribue posterior epocha de execução. Bem pousei, pois, me parece, mais proximo dos tempos historicos, em epocha anterior á invasão romana na Peninsula.

Cada qual em seu ambito ethnographico de estudo tem de olhar os factos circumdantes; não ha razão pela qual percamos caminho atraz de longinquas origens até essa

matriz original de thése idealista. A metallurgia é um facto connexo com a descoberta dos metaes industriaes nos diversos paizes; em todo o velhissimo mundo que rodeia o Mediterraneo existem, desde tempos que a historia não data, minerações e correlativas industrias metallurgicas. Qual d'ellas seria a de mais remota origem não nos é dado destrinçar.

A mythologia grega, que nos conta a historia heroica d'essas nebulosas origens, conduz-nos por enredada via até junto de Rhéa, deusa da terra, e de seus servidores os varios genios metallurgicos: Dactylos, Cabiros, Corybantes, Curetes e Telchines; o fabuloso mytho era collocado dentro de seu templo mysterioso, o encantado santuario da Samothracia, ao centro do archipelago grego onde mais abundante era a riqueza metallifera. Todavia, o segredo d'essa religião, esses afamados *mysterios* da Samothracia, foram no seu tempo, como ainda hoje são, apenas para iniciados.

Entre nós, no que respeita á antiga Lusitania, é um facto que se extrahiram e trabalháram os varios metaes antes do que marca a historia phenicia. As riquezas lendarias da Iberia em metaes preciosos foram louvadas por Poseidonios, Strabão e Diodoro com especial enthusiasmo. As minas peninsulares exportavam para os portos phenicios do Mediterraneo cobre, estanho, ouro e prata. Ao tempo de Plinio as Asturias, a Galliza e a Lusitania forneciam annualmente vinte mil libras d'ouro; a Turdetania primava pela abundancia do ouro nativo; e n'este particular, a proposito das areias auriferas do Douro e Tejo, dizia Silicus Italicus: «Hinc certant, Pactole, tibi Duriusque, Tagusque, || Quique super Gravios lucentes volvit arenas» [Ed. Nisard, pag. 219].

Tanto ouro aqui não deveria apenas valer como precioso material de exportação, mas tambem como materia prima de industrias e artes plasticas, as mesmas que nos paizes importadores aproveitavam esses valiosos e raros metaes. Não repugnaria, pois, admittir que todos esses objectos de ouro, assim como muitos outros anteriores e posteriores de bronze e prata, fossem de producção indigena; e viu-se que os elementos decorativos d'essas velhas joias por aqui existiram e permaneceram desde as primeiras edades metallicas, atravez da civilisação romana, até mesmo aos tempos actuaes. Não obstante, entre o conjuncto de productos das artes e industrias nacionaes ou peninsulares, estes objectos destacam-se como especimens exoticos de extranha configuração, com caractéres proprios, afastando-se da serie de homologias e affinidades que constituem os modelos integralmente ibericos.

Outra versão de equivalente verosimilhança attribuiria estas joias, cujo estylo gaulez foi apontado, a qualquer das invasões celtas ou gaulezas; archeologicamente tanto poderiam ser as do 5.º e 4.º seculos anteriores á era de Christo como as de outros seculos posteriores. Os romanos, desde as primeiras victorias contra os barbaros d'essa *Gallia aurifera*, estabeleceram o uso de se apoderarem das suas rutilantes armas e joias que de começo os deslumbráram. A joia gauleza fôra uma das mais apreciadas insignias honorificas. Os ricos adornos de Lebução poderiam tambem ter vindo a quando as milicias romanas que primeiramente haviam atravessado o paiz gaulez. Dentro do proprio periodo romano o Thesouro de Lebução ficaria ainda bem classificado, sem forçar demasiado o sentido chronologico e archeologico.

Com propositado insistencia, porém, em todo este escripto se pozéram em relevo os caractéres de similaridade que existem entre os ornamentos e formas d'estas joias e outras provenientes de estações caracteristicamente gaulezas. Não representa este con-

fronto mais do que uma opinião perante este incidente archeologico que se nos apresenta de tal sorte indeterminado. O *torque* especialmente forçou este ponto de vista, como a principio confessei. Mas, não concluindo, e apenas formulando uma hypothese, sob argumentos de justa consideração, persistirei na indicação d'esse *estylo gaulez,* emquanto não encontrar melhor interpretação d'este facto e d'outros que considero correlativos em ordem archeologica e ethnologica.

O elemento ethnico de *typo gaulez* que se encontra nos cemiterios de Alcoutão requer ainda uma cabal verificação anthropologica; e tambem a influencia de *elementos nordicos,* que se esboça entre as estatisticas anthropometricas levantadas sobre a actual população portugueza, não está perfeitamente demarcada.

Escasseiam elementos completos para uma formula ethnologica que intégre e explique este conjuncto de factos de apparente concordancia, que por vias diversas de investigação a archeologia e a anthropologia nos apontam. Entre nós vae atrazado este estudo. A civilisação celtica não está perfeitamente caracterisada entre as multiformes civilisações peninsulares, as autochtones e as extrangeiras; assim tambem, no confuso mappa das populações que occupáram a velha Iberia, mal se delimitam as areas typicamente gaulezas, celticas ou celtibericas. Por methodos varios de sciencias distinctas se tem caminhado bastante no esclarecimento do problema celtico; todavia, em rigor scientifico, não é ainda a occasião de concluir.

RICARDO SEVERO.

AS FIBULAS

DO

NOROESTE DA PENINSULA

Parecerá talvez prematuro um trabalho de conjuncto em materia para cujo estudo as collecções archeologicas, publicas e particulares, são notavelmente pobres. A verdade é que um inquerito minucioso e demorado [1] apurou apenas um limitado numero de fibulas procedentes da região superior ao Douro; e essas na pluralidade bastante frustres e mútilas, mal comportando ás vezes seguras reconstituições formaes. Achou-se entanto que não seria inteiramente desproveitoso balancear o material até agora arrecadado—inédito ou já conhecido. Afigurou-se-nos interessante ir approximando similes dispersos, induzir-lhes os caractéres communs, destacar-lhes os divergentes; seccioná-los nos grupos que a morphologia impunha: definir em summa a typologia das fibulas do noroeste da Peninsula, e esboçar-lhes a chronologia.

Virchow [2] e E. Cartailhac [3] já haviam traçado, com fundamento nas explorações classicas de *M. Sarmento,* pequenos quadros de typos lusitanos. A base, porém, era estreita em demasia; e, se é positivo que, depois das excavações de *Sabroso* e *Briteiros,* ainda não se enriqueceu a archeographia do noroeste peninsular com trabalhos de similar amplitude e de tão fecunda informação, ha de comtudo reconhecer-se que ulteriormente se revelaram novas formas do velho *alfinete de segurança* e se alargou a area conhecida da dispersão chorographica dos typos já divulgados. De ahi tambem a justificação da nota presente.

---

[1] Para a organisação d'esta monographia recorreu-se principalmente aos museus — Municipal de Bragança, da Sociedade «Martins Sarmento», do Instituto de Coimbra, Municipal da Figueira da Foz e Municipal «Azuaga», de Gaya; ás collecções particulares de A. Bellino, Celestino Beça, D. Ricardo Blanco Ciceron, Ricardo Severo, Rocha Peixoto, P.e José Augusto Tavares e Vieira da Natividade; e ainda á valiosa collaboração informativa de A. Pereira Lopo e Dr. Santos Rocha.

[2] No *Compte-rendu* da 9.a sessão do *Congr. Int. d'Anthrop. et d'Archéol. Préh.*, Lisbonne, 1884, pag. 658 e segs., apurou cinco typos reduziveis a dous, se fôr excluida a *fivéla circular* impropriamente denominada *fibula annular.*

[3] Vid. *Les âges préh. de l'Espagne et du Portugal,* Paris, 1886, pag. 277. Mencionam-se apenas tres typos, comprehendida sem justo fundamento a *fivéla annular.*

Fique todavia registrado de principio que as conclusões apuradas são de caracter méramente provisorio, traduzindo uma impressão de momento por ventura transmutavel com a superveniente ecclosão de originaes elementos de estudo. E bem assim que, para facilitar esta primaria tentativa, se circumscreveu a area de inquerito restrictamente á região sobre o Douro, a Galliza comprehendida; ainda que não se exclúa, quando pertinente ao assumpto, qualquer referencia a formas parallelas de outras procedencias, portuguezas ou hespanholas.

Fig. 1

I

Typos: descriptivo e dispersão geographica

A fivéla *circular* ou *annular*, de aro interrompido e ininterrupto, é riscada do quadro synoptico das fibulas estudadas. Nem o aspecto, a architectura ou a funcção pratica legitimamente attribuivel obrigam a inclui-la na grande serie a que usualmente se presta hoje a denominação especial de *fibula*, equivalente do moderno *alfinete de segurança* [1]. Com esta omissão, a typologia averiguada abrange apenas os sete grupos subsequentes:

1.º—*Typo* de SABROSO [2] (figs. 1 a 12).

Inclúe todas as fibulas que estructuralmente constam:

a) de um *arco* semicircular ou anguloso (figs. 1 e 4), o qual

b) sem descontinuidade se transforma na *cabeça* em *mola espiraliforme* e *bilateral* (figs. 1, 2, 5, 6, 8 e 11),

c) de onde emerge o *fusilhão* ou *alfinete* (figs. 1 e 2); e

d) sustenta no *pé*, n'uma expansão lateral cavada em *goteira*, o *descanso* do fusilhão (figs. 1 e 3 a 12);

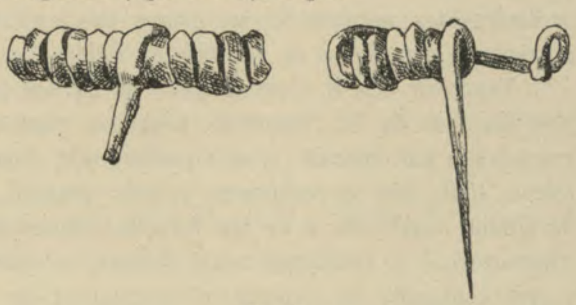


Fig. 2

e) evolvendo por fim n'um *appendice caudal*, de méro effeito decorativo [3].

O desenho do *arco* é variado: roliço, lamelliforme, facetado no extradorso; dando mais geralmente na projecção as linhas periphericas da folha de oliveira; lizo por

---

[1] Cf. in *O Archeologo Português*, t. IX, pag. 3 e segs., o nosso artigo *Fibulas e fivélas*.

[2] Comprehende todos os exemplares, variaveis em pormenores secundarios, mas que pela identidade das linhas geraes, pela presumivel procedencia commum e pela attribuida chronologia não merecem secções distinctas. Afastamo-nos, pois, da classificação de Virchow, loc. cit., pag. 658, que apresenta infundadamente como typos diversos as ligeiras variedades figuradas sob os n.os 6 e 12 da pl. II.

[3] As descripções d'este typo insertas a pag. 658 e nota (1) do *Compte-rendu* cit., são incompletas e pouco rigorosas.

vezes ou com nervuras e sulcos longitudinaes, raramente com gravuras de aspecto archaico.

Figs. 3 e 4—De Sabroso

A *espiral* da *mola* desenvolve-se bilateralmente (figs. 1 e 2): o fio em que o arco se converte na cabeça da fibula, enrola-se de começo para um dos lados em diversas *espiras* ou voltas helicoides; chegando á ultima atravessa, em *corda* diagonal externa, até ao correspondente extremo opposto onde recomeça em direcção regressiva o mesmo numero de espiras; e, descriptas estas, transmuta-se em fusilhão recto, cuja ponta se aloja na goteira preservativa e retentora do *descanso* (figs. 1, 2, 5, 6, 8 e 11). Ha molas de 6, 8, 12 e 14 espiras; muitas são atravessadas por hastes de ferro e até de madeira, no intuito presumivel de lhes evitar o arqueamento [1].

O *appendice caudal*, longo e erecto, ás vezes ligeiramente inclinado sobre o arco (fig. 4), exhibe ornamentação complexa: ora na extremidade apenas—anneletes gravados (fig. 3), botões esphericos ou ovoides (figs. 4, 6 e 11), pyramides quadrangulares inversas, largos discos terminaes (figs. 9 e 12); ora em toda a extensão com similares motivos de enfeite em combinações complicadas e com gravuras incisas, acabando a miudo com feitios campaniformes mais ou menos singelos (figs. 1, 5, 7, 8 e 10).

É o typo dominante, quasi exclusivo, do *castro* de Sabroso [2], que o seu inventor e explorador illustre dizia *préromano;* apparece, porém, na pluralidade das *cividades* e *castros* positivamente romani-

Figs. 5 e 6—De Sabroso

sados, assim na *citania* de Briteiros [3], na *cividade* de Bagunte [4]; nos *castros de Mouros,* freguezia de Villar de Mouros, do *Monte Redondo,* aros de Braga, freguezia de

---

[1] Nos departamentos do Jura e Doubs, França, encontrou tambem MAURICE PIROUTET fibulas da Tène I, typo *marneano,* com mola espiraliforme atravessada por haste de ferro. *L'Anthropologie,* 1900, t. XI, pags. 385 e 388. Cf. *Revue Archéologique,* 1904, t. II, pag. 52 e segs.

[2] De ahi o nome attribuido ao typo, denominação méramente artificial que não implica o reconhecimento do *castro* como originario centro productor das fibulas respectivas.

[3] De *Sabroso,* de *Briteiros* e do *Castro de Mouros* acham-se depositados varios exemplares no Museu da «Sociedade Martins Sarmento». Cf. *Revista de Guimarães,* vol. II, pag. 126, e XX, pag. 60, fig. 4.

[4] Exploração inédita de RICARDO SEVERO.

Guisande [1], do *Castêllo,* freguezia de Guifões, concelho de Bouças [2], talvez no de *Prejal,* sitio de Castello Branco, concelho de Mogadouro [3], de *Gove,* concelho de Baião [4], etc.

Figs. 7 e 8—De Sabroso

2.°—*Typo* da FIBULA ANNULAR (figs. 13 e 14).

Incidentes architectonicos de muito particular feição singularisam este grupo entre os restantes modelos peninsulares e até mesmo, ao que parece, entre os exoticos: dá-lhe especial destaque um *aro* fechado, perpendicular ao plano do *arco* normal da fibula. Lamelliforme, lizo ou ornamentado o *arco* abraça o roliço *aro* com a *cabeça* e o *pé;* a *mola,* quando espiralada, enrosca-se n'elle para ambos os lados da cabeça da fibula, semelhantemente ao que se verifica no typo anterior; o *descanso* de goteira exhibe-se n'uma expansão lateral do arco, junto ao pé.

O unico exemplar até agora descoberto na região estudada provém da Galliza (fig. 14) [5]; mas o typo geral teve ampla dispersão na Lusitania e em toda a Iberia. Do sul do Douro conheço dous especimens inéditos; um (fig. 13) provém do espolio de *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha), exhumado de um estrato archeologico de feição lusitano-romana [6]. Tive, comtudo, ensejo de examinar no *Museo Arqueológico Nacional* de Madrid um numeroso grupo de exemplares sem indicação de procedencia, mas de presumivel origem hespanhola [7]. Além d'estes, inéditos na maior parte, segundo creio, são já conhecidos os seguintes especimens ibericos: um de *Redoban,* provincia de Alicante [8]; alguns de *Cabrera de Mataró,* Barcelona [9]; do valle do Guadalquivir [10]; da caverna de *Despeña Perros,*

Fig. 9—Do *castro* de Villar de Mouros

1 Exploração inédita de ALBANO BELLINO.

2 Idem de ROCHA PEIXOTO.

3 Informação do REV. JOSÉ AUGUSTO TAVARES.

4 Exploração inédita de RICARDO SEVERO.

5 Depositado no museu particular de D. RICARDO BLANCO CICERON, de Santiago.

6 Archivado no museu do Instituto de Coimbra.

7 Sala IV, mostrador A.

8 A. ENGEL, *Nouvelles et correspondances; extr.*, Paris, 1896, pag. 21.

9 JUAN RUBIO DE LA SERNA, *Noticia de una necropolis anteromana,* Madrid, 1881, lamina X, fig. 8.

10 G. BONSOR, *Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Bétis (extr.* da *Rev. Arch.),* Paris, 1899, pags. 78 e 82, fig. 9.

na Sierra Morena [1]; do *Cerro de los Santos* [2]; de *Amarejo* e *Meca;* e os do Museu do Louvre, de proveniencia iberica mas imprecisa [3].

Fig. 10
De Monte Redondo

3.º—*Typo* da Tène III (fig. 15).

Em confronto com o primeiro typo, modificações fundamentaes especialisam este modelo: o *arco* abaixou; desappareceu o *appendice caudal* e com elle a caracteristica forma classica em S; a *mola* continuando bilateral só admitte poucas *espiras*. O novo typo suppõe um intermediario, representa o ultimo termo do schema de uma evolução morphologica: na primeira phase o *appendice* mantem-se livre [4]; na immediata apparece ligado pela extremidade ao dorso do arco mediante um annel ou botão [5]; na ultima une-se intimamente com elle n'um só todo, desapparecendo por inuteis os elementos da anterior ligação ou subsistindo apenas tradicionalmente com aspecto rudimentar e de pura decoração [6] (fig. 15).

Não se encontra ainda representado nas collecções examinadas o typo intermedio que no entanto corresponde a um periodo de seculo e meio (250-100 a. J. C.) na tripartida divisão chronologica da epocha da *Tène* [7].

O exemplar da fig. 15 provém da Galliza e pertence ao museu de D. Ricardo Blanco Ciceron.

Fig. 11
De Briteiros

4.º—*Typo* de Santa Luzia (fig. 16).

Corresponde a uma alteração evolutiva na *cabeça* das fibulas do typo n.º 1, profunda e assignalavel porque transmuta inteiramente a architectura da primitiva fibula lusitana. O *arco* não continua já na mola espiraliforme, como nos precedentes grupos n.os 1 e 3; termina para esse lado em um annel verosimilmente destinado a segurar o travessão ou haste metallica em que se enrolavam as espiras bilateraes da mola. Deixa assim a fibula de ser o todo uno e integro que sem descontinuar ia do fusilhão ao appendice caudal; scinde-se agora em duas ou

---

[1] *Rev. Arch.*, 1903, t. II, pag. 414, fig. 1. Cf. a mesma *Rev.*, 1904, t. I, pag. 151.

[2] Pierre Paris, *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*, Paris, 1904, t. II, pag. 266, fig. 400.

[3] Ibidem, pl. III e VIII, n.º 2.

[4] É o typo *marneano* ou da Tène I. Cf. Léon Morel, *La Champagne souterraine*, Reims, 1898.

[5] É o typo da Tène II. Cf. Victor Gross, *La Tène. Un oppidum helvète*, Paris, 1886, pag. 35 e tab. x, figs. 23 a 25, 28 a 30, 38 e 39.

[6] É o typo da Tène III. Cf. O. Montelius, *La civilisation primitive en Italie depuis l'introduction des métaux*, 1ère partie, *Italie septentrionale*. Stockolm, 1895, pl. XII, figs. 162, 165, 166 a 169, 170 e 171 a 175.

[7] Cf. J. Déchelette, *Le Hradischt de Stradonic en Bohême et les fouilles de Bibracte (extr. do Congrès arch. de Mâcon)*, 1899; *Montefortino et Ornavasso (extr.* da *Rev. Arch.)*, Paris, 1902; *L'Anthrop.*, 1901, t. XII, pag. 178, e 1902, t. XIII, pag. 77.

tres peças independentes, mas sem alterar apparentemente o aspecto geral do modelo sabrosino.

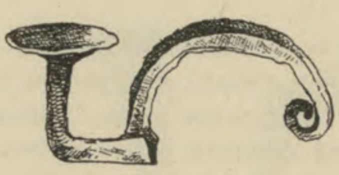


Fig. 12 — De Briteiros

O Archeologo Português publicou [1] um exemplar proveniente do *castro* de Vianna do Castello, conhecido vulgarmente pela denominação de *Cidade Velha de Santa Luzia* (fig. 16). Parece poder incluir-se tambem n'este grupo um outro especimen da *citania* de Briteiros, embora a oxidação avançada difficulte a sua reconstituição incontroversa e definitiva [2].

5.° — *Typo* de FIBULAS TRANSMONTANAS (figs. 17 a 24).

A physionomia muito caracteristica das fibulas recolhidas em Traz-os-Montes, e nomeadamente no districto de Bragança pelo esforço do zeloso archeographo Albino Pereira Lopo, compelle a prestar-lhes localisação independente no quadro organisado para o tracto geographico do estudo. Se pela linha schematica se parallelisam com as dos typos n.os 1 e 3, se se approximam do grupo n.° 4 n'um ponto restricto do seu organismo, distanciam-se de todas as congéneres pela opulencia e originalidade das decorações e por episodios architectonicos relevantemente discordantes. No conjuncto observam-se caractéres geraes que as irmanam n'um agrupamento de *facies* muito especifico; mas individualmente consideradas destacam-se-lhes pormenores privativos de construcção que as distribuem nas subsequentes variedades seccionaes. De commum, além de uma arte mais rica e nova, ha que considerar a descontinuidade entre o arco e a mola, a bilateralidade da espiral, a situação da *corda* sob o arco, a identidade da construcção da goteira para o descanso e no maior numero a existencia de um travessão para a mola, com discos ou botões terminaes. O *appendice caudal,* quando existe, exhibe-se independente, como no typo *sabrosino,* ainda que sempre com mais pronunciado pendor sobre o arco, chegando no exemplar da fig. 18 a tocar n'elle e a dar ao corpo da fibula o aspecto *marneano.* Excepcionalmente desapparece essa independencia como n'um especimen do *castro da Cocolha,* Vimioso, em que ha adherencia intima com o arco em todo o comprimento do appendice (fig. 22). De especial é para notar o seguinte:

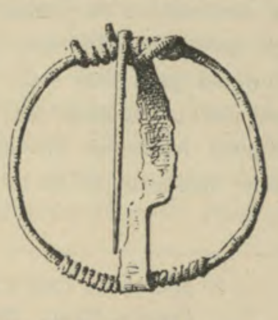


Fig. 13 — De *Conimbriga*: gr. $\frac{1}{2}$

A) No exemplar da fig. 17, proveniente do *castro do Picote,* Miranda do Douro [3], o arco é de *sanguisuga,* e a mola, estreita fita metallica de poucas espiras, foi cravada no arco com dous pregos de cobre rebatidos, facto singularissimo que se repete n'um fragmento de fibula trazido para o Museu de Bragança do *castro da Cocolha,* Angueira de Vimioso.

B) No da fig. 18, procedente do *castro de S. Juzenda,* Valle de Prados, freguezia de Murias, Mirandella, o arco é de *navicella,* e a mola enrosca-se n'uma haste

[1] T. VIII, pag. 15 e seg., JOSÉ LEITE DE VASCONCELLOS, *Cidade Velha de Santa Luzia.*

[2] Do museu da Sociedade «Martins Sarmento». Cf. *Rev. de Guimarães,* vol. XXI, pag. 17.

[3] Já publicado sob outro aspecto no *Arch. Port.,* t. V, pag. 336, (1); e por P. PARIS, loc. cit., pag. 265, fig. 395.

de ferro presa no annel terminal da cabeça da fibula, que sem este incidente reproduziria o typo *marneano* com surprehendente fidelidade.

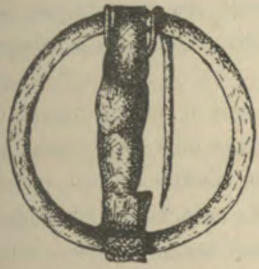


Fig. 14 — Da Galliza

c) Nos da fig. 19, de *Argozello,* Vimioso [1], e da fig. 20, da *Fraga do Seixo,* termo de Estevaes, Mogadouro [2], os *arcos* destacam-se pelo desusado luxo ornamental e pela architectura de muito caracter, e os exemplares particularisam-se pela independencia do *fusilhão,* apenas suspenso da haste por um annel, e pela excepcionalidade da *mola* que só acciona o alfinete pela pressão da *corda.* N'esta variedade estrema-se ainda o exemplar de Vimioso com a placa em *crescente* ligada ao extradorso do *arco,* e com os anneis de que penderiam acaso outras tantas cadeias com pingentes. A este sub-grupo deve pertencer um especimen do *castro de S. Juzenda* (fig. 21), existente no museu brigantino; apesar de parcialmente irreconstituivel, exhibe tambem a placa em crescente atravessada por tres pregos de cobre, fazendo suppôr com este dispositivo anormal que outros objectos, pingentes talvez, ornamentariam a fibula.

D) Nos exemplares d'esta variedade, como o da fig. 22, do alludido *castro da Cocolha,* infelizmente incompleto e irreconstituivel n'uma parte fundamental do organismo, salientam-se o notado incidente appendicular no duplo aspecto de forma e disposição architectonica e os desenhos decorativos, gravados principalmente no *pé,* de que damos uma ampliação na mesma figura. Ha um outro exemplar de Vinhaes depositado pelo major Celestino Beça no Museu Ethnologico de Lisboa; segundo um esboceto a lapis, conserva o olhal da *cabeça* mas perdeu o travessão, a mola e o alfinete, e exhibe gravuras no topo (cruz) e lados do *appendice* (duas circumferencias tangentes cortadas pelos diametros no ponto de tangencia e um rectangulo com *chevrons* inscriptos), e no dorso e lado do *arco* (arcos de circumferencia).

E) No especimen das figs. 23 e 24 do mesmo *castro da Cocolha,* o aspecto geral lembra o typo classico da Tène III: o arco normal transmutou-se, porém, n'uma espessa lamina semi-cylindrica, dobrada em angulo e decorada na parte superior com enfeites platiformes sem vestigios de haverem contido qualquer das usuaes materias de ornamentação — esmalte, vidro colorido ou outra; o travessão da mola, subsistente só por metade e desviado accidentalmente da posição regular, terminava em grossos botões elipsoidaes, cobertos de patine verde-negra, luzidia; da espira só resta um fragmento, ainda pendente do travessão que é de ferro [3].

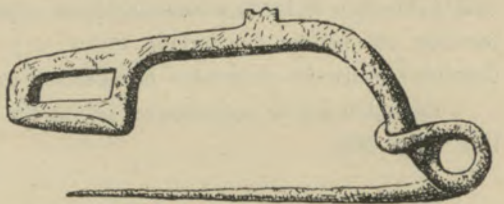


Fig. 15 — Da Galliza

[1] *Arch. Port.,* t. V, pag. 336, (2); e P. PARIS, loc. cit., pag. 264, que acha o exemplar ...*d'un dessin très cherché et d'une ornementation très riche.*

[2] *Arch. Port.* cit., pag. 250.

[3] Á excepção do exemplar da estação lusitano-romana de Vinhaes, todos os demais pertencem ao museu de Bragança. RICARDO SEVERO possue uma fibula, proveniente das suas explorações no *castro* lusitano-romano de *Villarinho de Cottas,* Pinhão, que deve subordinar-se a este typo, embora não possa classificar-se mais especificadamente por falta da mola e do pé.

6.º—*Typo* de FIBULAS DE LONGO TRAVESSÃO SEM ESPIRA (figs. 25 a 30).

Abrange variedades de hypothetica reconstituição integral na pluralidade dos casos. Os exemplares teem de commum uma longa haste transversal, em substituição da mola em espiras que desappareceu; dão a projecção orthogonal de um T com a cabeça alongada. Variedades:

A) Este primeiro sub-grupo exhibe sempre um *travessão* com o mesmo desenho, o das figs. 25 a 28. O componente caracteristico constitue ás vezes uma peça massiça, outras um verdadeiro estojo em que se aloja um eixo de ferro ou mesmo de pau, como o que subsiste no exemplar do *castro* de Guifões (fig. 25): n'este caso ha no travessão um rasgo por onde entra a cabeça do arco munida de um annel terminal que o eixo atravessa e prende formando *charneira;* no primeiro, porém, arco e travessão formam um todo inteiriço, não existindo propriamente charneira. Em ambos o alfinete é soldado no travessão por baixo e um pouco ao lado da cabeça do instrumento.

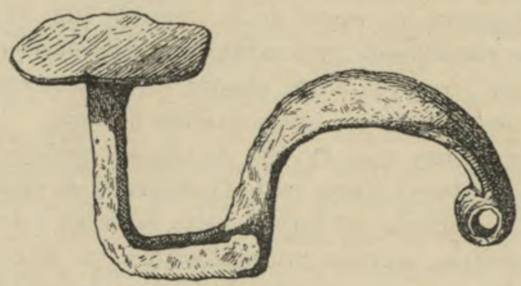


Fig. 16—De Santa Luzia

O *arco* é de secção variavel e por vezes decorado com linhas de pontos relevados; o *pé* terminaria em botão, como nos exemplares do typo n.º 7.

Representada esta variedade nos *castros* de Sabroso e de Guifões [1] (figs. 25 a 27); e na *citania* de Briteiros [2], onde appareceu apenas um travessão muito obliterado, mas notavel pelas gravuras incisas e pelas dimensões avantajadas (comprimento actual 9 cm.), (fig. 28).

B) Entram n'outro sub-grupo os exemplares reproduzidos nas gravuras (figs. 29 e 30). O *arco* é largo e desenvolve-se n'uma linha sinuosa; o *travessão* preso no arco termina em botões de variado feitio; o *pé* finalisa ás vezes n'um pequeno travessão. Gravuras e ornatos relevados enriquecem os exemplares.

Encontraram-se especimens no *castro* de Villar de Mouros (fig. 29), e na Galliza [3] (fig. 30).

7.º—*Typo* de CHARNEIRA CURTA E PÉ COM BOTÃO TERMINAL (figs. 31 a 38).

A architectura do grupo comporta: *a)* o *arco* semicircular, bastante elevado e por vezes com ornamentações no dorso—sulcos, nervuras e gravuras diversas; *b) pé* geralmente curto, terminando em um ou dous botões conicos ou espheroidaes, precedidos ou separados por sulcos e anneis; *c) descanso* de goteira com abertura lateral; *d) charneira* curta e bipartida, onde passa o eixo que prende o *macho* constituido pela cabeça do alfinete; e *e) fusilhão* (fig. 35) com a cabeça (fig. 35, *b*) munida d'uma *espera* (fig. 35, *a*) que, forçando a elasticidade do alfinete, lhe mantém a ponta dentro do descanso.

---

[1] Exploração inédita de ROCHA PEIXOTO.

[2] Cf. *Rev. de Guimarães*, vol. XX, pag. 60, fig. 1.

[3] Pertence o respectivo exemplar ao museu particular de D. RICARDO CICERON.

Apparece nas *cividades* e *castros* romanisados, como Briteiros, e n'outras estações lusitano-romanas, como a da Pedrulha [1] (fig. 36). Usava-se tambem ao sul do Mondego, como no concelho de Alcobaça [2] e na provincia do Algarve, onde o Dr. Santos Rocha colheu tres exemplares explorando a necropole da Fonte Velha, proximo de Bensafrim [3] (figs. 37 e 38).

* * *

A estes grupos locaes, ou quando muito ibericos na maioria senão mesmo na sua totalidade, poder-se-ia addicionar um outro comprehensivo dos exemplares importados de industria italica, como o especimen em prata, proveniente do Mogadouro, que descrevi em *O Archeologo Português* [4]. Ficaria, porém, deslocado no ambito d'um estudo que pretende visar fundamentalmente o primitivo trabalho indigena n'uma particularissima revelação.

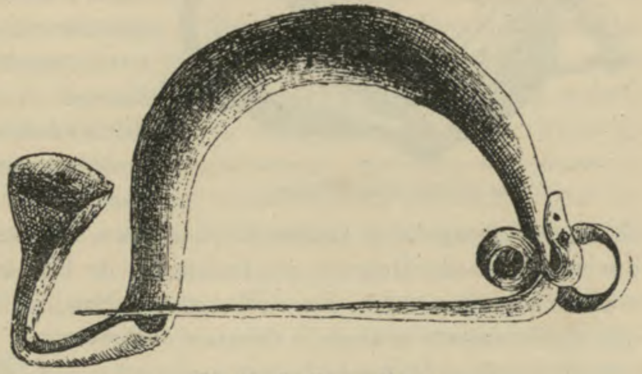


Fig. 17 — De Traz-os-Montes

Omittiram-se tambem outros typos peninsulares que ainda não se manifestaram na região escolhida; refiro-me ás fibulas zoomorphicas, incluso o typo chamado de *Jinete* [5]; ás de pé alongado com botão terminal [6]; ás de typo etrusco [7]; ás da transição do typo italico para o da Tène, como as de Acebuchal e da Cruz del Negro [8], etc.

[1] *Portvgalia*, t. I, pag. 593 e segs., *Communicações da Sociedade Archeologica da Figueira. Estação luso-romana da Pedrulha*, por A. DOS SANTOS ROCHA.

[2] *Portvgalia*, t. I, *Grutas de Alcobaça* por M. VIEIRA NATIVIDADE, pag. 433 e segs. e est. XXIV, fig. 199.

[3] *Arch. Port.*, t. I, pag. 337; e A. DOS SANTOS ROCHA, *Memorias sobre a antiguidade*, Figueira da Foz, 1897, pag. 213.

[4] T. IX, pag. 1 e segs.

[5] A. ENGEL, ob. cit. O exemplar figurado a pag. 14 tem o aspecto typologico do fim da Tène. Cf. P. PARIS, loc. cit., figs. 401 a 414.

[6] Do Carvalhal de Aljubarrota, epocha lusitano-romana, publicou V. NATIVIDADE um exemplar no *Arch. Port.*, t. I, pag. 106, que depois reproduziu na *Portvgalia*, t. I, pag. 433 e segs., est. XXIV, fig. 201.

[7] *L'Anthrop.*, 1900, t. XI, pag. 467, fig. 5; G. BONSOR, ob. cit.

[8] *L'Anthrop.*, ibid., pag. 471, fig. 8; G. BONSOR, ob. cit.

II

Commentario geral

Da inspecção das fibulas classificadas emerge um facto de alcance; é que toda a geral morphologia, anterior ao modelo do typo *sabrosino,* não tem ainda representação nas collecções estudadas: de ahi a impossibilidade actual de traçar o schema da evolução typologica da fibula indigena desde o inicio rudimentar. Como nos mais velhos estratos archeologicos da vasta area *egeana,* e nas sepulturas da *ágora* mycenica, faltam-nos as formas primarias e as immediatas derivações, reveladas nos depositos *lacustres,* nas camadas superiores das *terramares* de Bolonha, nas *palafittas* de Peschiera, nos *thesouros* de Casalecchio, Piediluco, Goluzzo e Montenero da Italia Central, nas *necropoles* de Moncuco, de Fontanella, de Bismantova, do Norte dos Apenninos, e n'outras regiões emfim, como a Bosnia e a Hungria. Não apparecem mesmo os typos que posteriormente produziu a Grecia no ultimo periodo *mycenico,* a região *egeana* nas estações mais recentes da edade de ferro, a Italia nordica no mesmo periodo e a civilisação de Hallstatt [1].

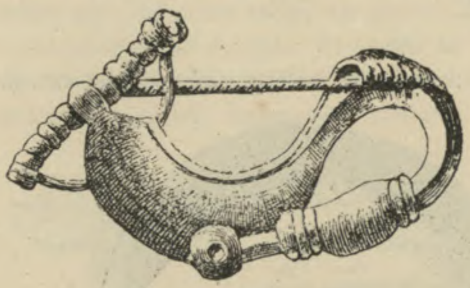


Fig. 18—De Traz-os-Montes

Será que a fibula, na sua forma especifica, não tenha tido aqui antecedentes evolutivos, operando-se a transição brusca d'um alfinete ou prego metallico para o typo de Sabroso? Assertos de auctoridades scientificas, como E. Cartailhac [2] e Ridgeway [3], parecem probabilisar a hypothese. E a associação na *citania* de Briteiros e no *castro* de Sabroso de pregos de bronze, alguns com um orificio [4], e de fibulas *sabrosinas* poderá acaso apparentar a comprovação effectiva. Mas a penuria de explorações intensas e extensas propelle a evitar cautamente inferencias categoricas, emergentes

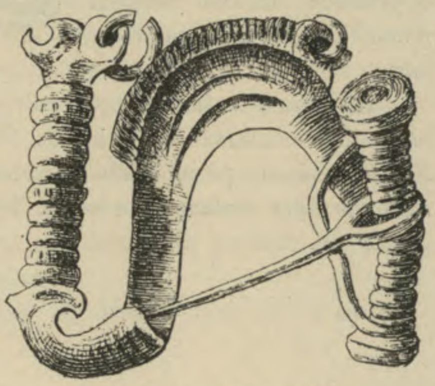


Fig. 19—De Traz-os-Montes

---

[1] Cf. William Ridgeway, *The early age of Greece,* Cambridge, 1901, t. i, pags. 298, 552 e 561; Daremberg & Saglio, *Dictionn. des antiq. grecques et rom.*, t. ii, Paris, 1896, *v. Fibula,* por S. Reinach; O. Montelius, ob. e loc. cit.

[2] Ob. cit., pag. 299, affirma não se haver encontrado uma unica fibula hespanhola ou portugueza da edade de bronze e conclue ...*peut-être n'y en a-t-il réellement pas.*

[3] Ob. e t. cit., pag. 570 ...*neither is it* [a fibula] *found early in Spain...*

[4] Ridgeway, ob. e t. cit., pag. 571, sustenta contra S. Reinach e Undset que os pregos perfurados não são o antecedente da fibula primitiva. No entanto cf. *L'Anthrop.*, 1899, t. x, pag. 206 *(Nadel, Fibel und Gürtelhaken,* por A. Voss) e 1903, t. xiv, pag. 535.

de observações de ordem negativa: a historia da Archeologia elucida que taes corollarios enfermam quasi sempre d'uma precaria e ephemera existencia. É tambem por isso que se frisa ainda que a precedente enumeração typologica nem é taxativa, nem rigorosamente chronologica; póde improvisamente resultar incompleta ou desordenada com ulteriores elementos de informação.

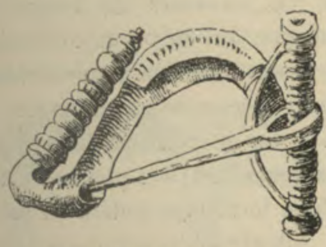


Fig. 20 — De Traz-os-Montes

A ornamentação da serie — excepcionado o grupo transmontano — é visivelmente pobre; e, recordando o enfeite *marneano* nos typos parallelos n.os 1, 3 e 4, inferiorisa-se-lhe pela falta do concurso apparatoso do ambar, do coral, dos esmaltes, do vidro colorido, do marfim e das pedras preciosas. A decoração coralifera, caracteristica da fibula de *Champagne*, com que os nossos typos primarios teem affinidade intima, essa desappareceu, é certo, bem rapidamente pela deficiencia da materia prima, drenada dos portos mediterranicos para as regiões do Levante em virtude da concorrencia commercial da India [1]. Mas substituiram-na logo como succedaneos o esmalte, e o vidro colorido que predominou no embellezamento ulterior da fibula durante os periodos das Tène II e III. E comtudo ainda nenhum d'estes preciosos recursos de adorno se denunciou nos archaicos artefactos da sumptuaria castreja, a revéz do que tem succedido nos *oppida* gaulezes, como *Alésia, Bibracte*, o *hradischt* de Stradonic (Bohemia) e outros, onde elles se revelam profusamente [2]. A ornamentação das fibulas lusitanas resulta assim mais simplista; aspecto severo, com caracter bem regional e autonomo a indiciar apoucada inspiração artistica e limitadas exigencias luxuosas. Quadra bem ao perfil por ventura sobrecarregado em côr, que do lusitano *barbaro* esboçou o velho geographo Strabon!

Nervuras, sulcos, linhas gravadas em singelas combinações geometricas, e formas relevadas — esphericas, conicas, pyramidaes, campaniformes — decoração pouco superior á das fivélas circulares, reproduzindo-se pertinaz e monotona seculos além; tudo isto, que é pobre e sem primor, constitue o quadro modesto dos geraes motivos de adorno. Apenas Traz-os-Montes, como sempre, se destaca; sem transgredir as linhas do thema geometrico, ostenta superior opulencia de desenhos, mais fecunda inventiva, maior variedade artistica.

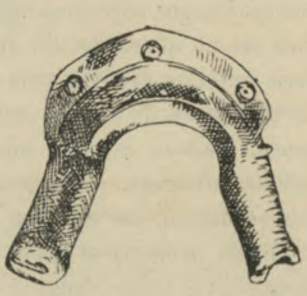


Fig. 21 — De Traz-os-Montes

O metal não suppre a simplicidade decorativa com o valor intrinseco da materia prima. Os exemplares conhecidos são todos de bronze [3] (?); nenhum de metal

[1] *L'Anthrop.*, 1899, t. x, pag. 677.

[2] J. Déchelette, *Le Hradischt*, etc. cit. — As cidades gaulezas com o duplo caracter de *oppida* e *emporia* apparecem no fim da Tène e extinguem-se depressa, como Bibracte, que terminou no anno 5 a. J. C. e cujas ruinas offerecem os caracteristicos da civilisação de meio seculo subsequente á conquista romana. A referencia do texto não importa, pois, identificação com os nossos *castros*.

[3] Na apparencia, porque não conheço analyses chimicas.

nobre [1]. Deve te-los havido tambem de ferro, porque os mais antigos especimens são innegavelmente inspirados pela cultura da Tène I, em que a industria siderurgica assumiu desenvolvimento notavel e larga expansão. Os escoreaes de bronze e principalmente de ferro, apparecendo em numero nas camadas archeologicas dos *castros*, documentam frisantes a antiguidade das correlativas industrias metallurgicas; e um dos productos da siderotechnia local bem podéra ter sido a fibula, sobretudo a *sabrosina* que tanto persistiu na Lusitania [2]. Mas, ou que os inutilisassem as condições geologicas e climatericas do noroeste peninsular ou que as restrictas explorações methodicas não os hajam ainda exhumado, a verdade é que não são conhecidos [3].

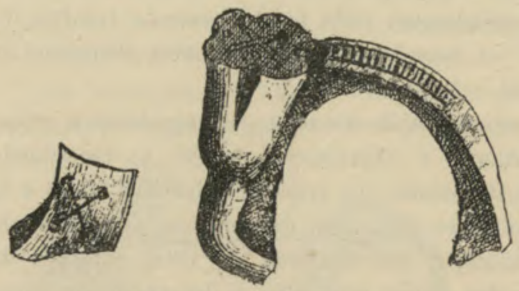


Fig. 22 — De Traz-os-Montes

De resto o *facies* regional da maioria dos modelos, e a continuidade formal, resistindo e sobrevivendo á absorvente civilisação romana, attestam que pelo menos os exemplares em bronze eram de fabríco interno, quando muito peninsular.

A deficiencia de indices precisos torna impossiveis as soluções definitivas sobre a chronologia absoluta e relativa dos exemplares colligidos, que ou são de proveniencia obscura ou procedem de *cividades* e *castros* cuja existencia larguissima — iniciada em recuados tempos ante-romanos e protrahida não raro até ao quarto seculo de J. C. — não fornece criterios seguros para lhes datar todos os elementos do espolio complexo e heterogeneo. Faltam estudos sobre necropoles de epochas diversas, onde seria possivel colherem-se indicadores idoneos. A difficuldade do problema avoluma-se ainda pela notada perduração dos typos, longa e tenaz, mantendo a architectura e desenho iniciaes a par de formas evolutivas, atravez de successivos estadios de civilisação, em concorrencia com novos modelos importados. No capitulo subsequente tentaremos comtudo fixar, sem grande approximação, as datas relativas a cada um dos typos descriptos.

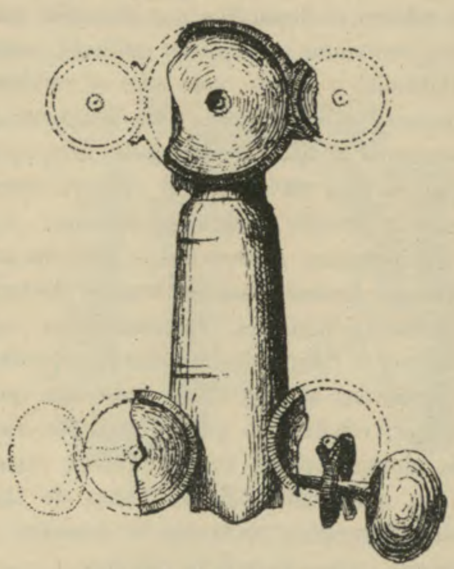


Fig. 23 — De Traz-os-Montes

[1] O unico exemplar de prata conhecido é de fabríco italico, segundo creio. Vid. o cap. I, nota (1), pag. 16.

[2] Já se viu tambem, pelo descriptivo de alguns typos, que eram de *ferro* varias peças das fibulas de bronze.

[3] P. Paris, loc. cit., pag. 263, tambem só conhece fibulas de *bronze* na Peninsula.

III

Notulas a cada typo

Typo n.º 1—Entre a primitiva fibula *marneana* e a do typo *sabrosino* com que o Lusitano apertava o *sagum* [1], ha manifesta affinidade formal. Mas o confronto attento denuncia divergencias episodicas, que documentam a procedencia regional ou pelo menos iberica do grupo lusitano. É que não se reproduziu servilmente um modelo importado da *Champagne* celtica; apenas se imitou com independencia o typo generico da Tène I em pleno desenvolvimento [2]. Além da supranotada modestia ornamental, a differenciação accusa-se nitida principalmente no *pé* que nem sempre descreve a curva inferior do S classico, no *appendice caudal* que em geral não se apoia pelo topo no extradorso do arco [3], e emfim na maior elevação d'este. Não fôra até o exagerado comprimento do appendice caudal e sobretudo a bilateralidade da mola, e a primitiva fibula indigena dir-se-ia de preferencia um reflexo directo do typo italico da *Certosa* [4]. É no entanto de evidencia ineluctavel que a industria local se inspirou realmente na typologia gauleza do periodo *marneano* [5]; resta indagar até ao possivel como e quando se verificou o evento.

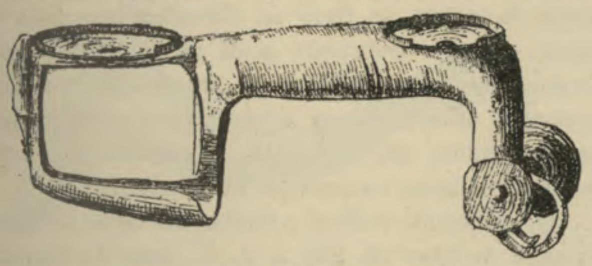


Fig. 24 — A fibula anterior, de perfil

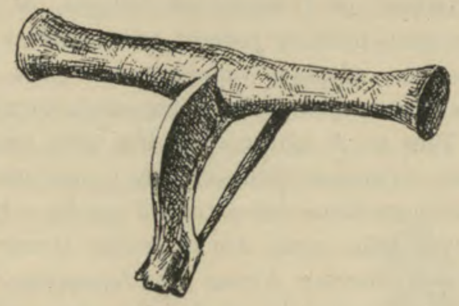


Fig. 25 — De Sabroso

---

[1] Cf. Appianus Alexandrinus, *Rom. Hist.*, Paris, ed. Didot, 1850, liv. VI, *de reb. hisp.*, cap. XLII. Dos *Lusones*, refere: «Utuntur autem gentes illæ veste duplici et crassa, quam chlamydis morem FIBULIS adstringunt, illudque SAGUM appellant». Parece que era geral na Iberia o uso do *sagum* ou *sagulum*. Cf. tambem Strabon, III, 7.

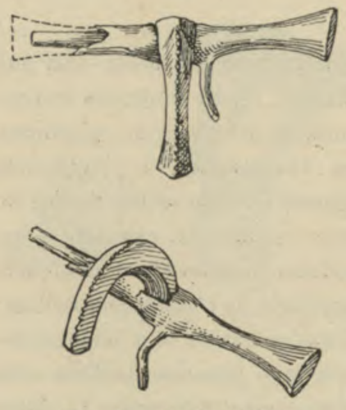
[2] J. Déchelette, *L'archéol. celt. en Europe (extr.* da *Revue de Synthèse Historique)*, pag. 18, attribue á Tène os exemplares publicados nos annos 1899 e 1900 d'*O Arch. Port.*, e commenta *...la forme insolite ferait pressentir un dévellopement local de cette industrie...*

[3] Mas ao sul já se encontrou um exemplar com o topo do appendice a tocar no arco. *O Arch. Port.*, t. VIII, pag. 163, fig. 1.

[4] De resto não deve esquecer-se que parece ter sido este o typo que os celtas modificaram, dando-lhe a mola bilateral. A modificação operou-se fóra da Italia, em ponto impreciso do leste da Gallia *(L'Anthrop.*, 1901, t. XII, pag. 718, e 1902, t. XIII, pag. 271). A fibula modificada é o typo da Tène que da região do Danubio se expandiu até aos valles do Sena e do Tamisa e se diffundiu pelo N. da Allemanha e da Italia, pela Suissa, Prussia Oriental, Bohemia, Austria, Hungria, Bosnia, Herzegovina, Irlanda, Iberia, etc.

[5] E. Cartailhac, ob. cit., pag. 299: «...Il est possible que quelques-unes soient du premier âge du fer, de la période Hallstatienne; mais la plupart correspondent davantage au type dit de la Tène».

Não póde pensar-se em que os portadores da fibula imitada tenham sido os primeiros invasores gaulezes da peninsula iberica (500-450 a. J. C.) [1], os quaes trariam comsigo apenas os productos industriaes da cultura *hallstattiana* [2]. Mas seriam certamente elles, dominantes já na Iberia, que receberam e transmittiram aos dominados os varios artefactos que na segunda epocha da edade do ferro se diffundem por todo o mundo celtico e transpõem ainda as linhas do vasto territorio das tribus gaulezas. A propagação da fibula *marneana* poderia até ser activada pelos segundos invasores gaulezes, que occuparam a Catalunha e o Aragão provavelmente no principio do seculo III [3].



Figs. 26 e 27 — De Guifões

O predominio politico e militar dos celtas começa, porém, a declinar em 236 a. J. C., anno da derrota de Istolaios por Hamilcar Barca, que seria tambem o do inicio da libertação dos povos iberos, taes como os *Lusitani*, os *Uettones*, os *Callaici*, os *Astures* e os *Uascones* (236-220). E estes successos politicos poderão acaso explicar em parte o facto notavel de que o typo sabrosino — adoptado verosimilmente entre 350 e 250 a. J. C. — tenha persistido longamente sem acompanhar a immediata forma evolutiva do prototypo *marneano* durante a Tène II. A influencia gauleza cedia ante os novos e successivos invasores lybi-phenicios e romanos; falhava assim o meio mais adequado e propicio á dispersão dos ulteriores productos industriaes d'aquella cultura. O modelo lusitano, não perdendo a primitiva linha geral, deu as formas transversaes que se agruparam sob os n.^{os} 4 e 5. Mas a directriz d'essas transformações é bem diversa da do padrão gaulez: é que n'ella actuaram já outras influencias civilisadoras.

Fig. 28 — De Briteiros

Typo n.º 2 — Estudados de perto os elementos da sua construcção bem póde suppôr-se que a fibula *annular* deriva simultaneamente do typo de Sabroso e da *fivéla circular* de aro ininterrupto, espalhada em profusão nas estações archeologicas da Iberia. Fundir-se-iam n'um só dous instrumentos distinctos mas ligados por parentesco remoto;

---

1 D'Arbois de Jubainville, *Les celtes en Espagne (Rev. Celtique,* t. XIV e XV). Sobre a epocha da primeira invasão celtica ha opiniões divergentes, como as de Martins Sarmento e de Hübner.

2 A civilisação hallstattiana termina pelo anno 400 a. J. C.

3 A civilisação da Tène I começa cêrca do anno 390 e vae até 250 antes de Christo. Cf. O. Montelius, *La chronologie préh. en France et en d'autres pays celtiques,* no *Compte-rendu* da 12.ª sessão do *Congrès int. d'Anthrop. et d'Archéol. préh.,* Paris, 1902, pag. 339 e segs.

d'um tomar-se-iam o arco, a mola dupla, o descanso em goteira; do outro, o aro e o alfinete.

Fig. 29—De Villar de Mouros

A sua invenção deve entanto recuar-se a epochas préromanas [1]; porque o permittem, entre outros, os trabalhos de *Geo. Bonsor* e de *de la Serna* com relação á Hespanha: a necropole de *la Cruz del Negro, Alcores,* d'onde aquelle archeologo illustre menciona dous exemplares de fibula annular, é por elle attribuida aos lybi-phenicios, mas quando do seu dominio iberico posterior á invasão celtica e cêrca das guerras punicas. Poderia ter apparecido nos fins do seculo III ou principios do seculo II antes de J. C. Teria então que attribuir-se-lhe existencia perduravel, pelo menos em Portugal, porque ainda sobrevivia em *Conimbriga* n'um meio nitidamente lusitano-romano.

Typo n.º 3—Do descriptivo surge a convicção de que o unico exemplar até agora conhecido se conforma absolutamente com a morphologia dos correlativos modelos classicos. O padrão da Tène III, derivado mediatamente do typo *marneano,* só começa a apparecer no seculo I antes da era christã, correspondendo a um superior desenvolvimento na industria metallurgica dos *oppida* gaulezes, onde é frequentissimo [2].

Do achado singular do exemplar descripto, proveniente de região onde aliás os celtas tiveram longa permanencia [3], é impossivel tirar conclusões seguras e proveitosas, mórmente na ignorancia completa das suas condições de jazida. Não se havendo, porém, colligido até agora, que eu saiba, nenhum outro especimen nem na Galliza, nem ainda por toda a area da Lusitania estraboneana, póde quasi asseverar-se que o typo não teve aqui grande diffusão; e esta inferencia harmonisar-se-ia com os successos peninsulares já referidos: ao predominio celtico seguira-se o carthaginez, supplantado agora pelo romano. As fibulas da Tène nas formas evolutivas mais recentes não deviam por isso mesmo ter predominação nos seculos precedente e posterior á era christã; é pelo menos o que parece ter acontecido.

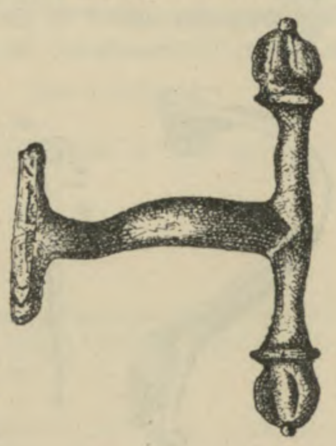


Fig. 30—Da Galliza

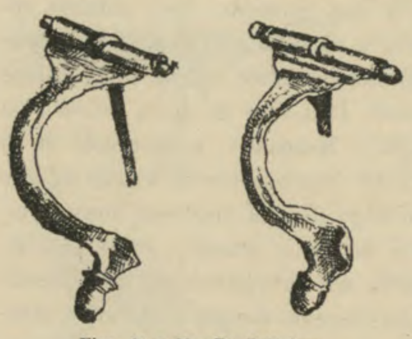
---

[1] Cf. *Rev. Archéol.,* 1904, t. I, pag. 151.

[2] J. DÉCHELETTE, *Les fouilles du mont Beuvray de 1897 à 1901,* Paris, 1904, pl. XIV; e as obras cit. do mesmo auctor.

[3] Cf. D'ARBOIS, loc. cit.

Typo n.º 4—Era uma fibula *composita* de pronunciada feição local, afastando-se dos caracteristicos especimens préromanos da Tène pelo dispositivo da *cabeça* que se approxima dos modelos italicos [1]. Producto mestiço, heterogeneo, não é facil attribuir-lhe bem determinada epocha de ecclosão. O *castro* de Santa Luzia, proveniencia do exemplar desenhado (fig. 16), devia ter persistido algumas centenas de annos como os congéneres; no seculo III, depois de J. C., ainda existia—comprova-o um numisma ali encontrado do imperador *P. Licinius Valerianus Egnatius Gallienus* (253-268). Mas, bem que este typo de fibula ainda sobrevivesse em annos tão avançados, o desenho do arco e do pé semelha-se tanto ao padrão de Sabroso que não seria ousado recuar-lhe as origens chronologicas até ao seculo I da nossa era, quando começaram a sentir-se decisivamente as influencias culturaes de Roma. O. MONTELIUS suppõe contemporaneas da occupação romana fibulas hespanholas de construcção similar [2].



Figs. 31 e 32—De Briteiros

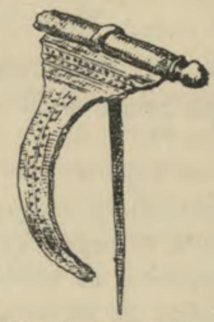
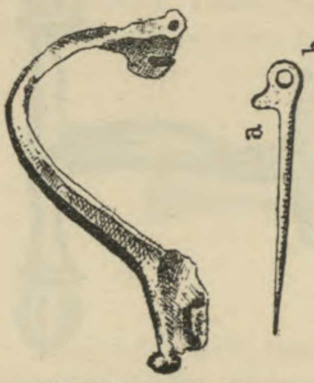


Fig. 33—De Briteiros

Typo n.º 5—Á mingua de explorações methodicas, que a iniciativa particular não póde custear e o Estado não cura de proteger, é quasi inteiramente desconhecido o caracter archeologico da maioria dos *castros* de que procedem os exemplares publicados de fibulas transmontanas. De um dos velhos povoados, *Picote*, de Miranda do Douro, sabe-se que é lusitano-romano [3]; de dous outros, *Argozello*, de Vimioso, e *S. Juzenda*, de Mirandella, presume-se que sobreviveram á conquista latina; de um quarto, *Estevaes*, de Mogadouro, suppõe-se haver-se extinguido antes da invasão legionaria; e do ultimo, *Cocolha*, de Vimioso, falham os informes. Mas a fibula dos Estevaes tem a mesma particularissima construcção da de Argozello, de Vimioso, e estas como de resto todas as do grupo não parecem préromanas. Constituindo provaveis productos mixtos dos typos regionaes e dos modelos italicos [4], mal podem attribuir-se a tempos precedentes ao início da ro-



Figs. 34 e 35—De Briteiros

---

[1] MONTELIUS adverte que «o alfinete das fibulas da Tène... é constituido pela mesma peça que forma o corpo da fibula». Não se verifica isto no grupo 4.º

[2] Cit. por E. CARTAILHAC, ob. cit., pag. 299.

[3] Provam-no as inscripções lusitano-romanas publicadas sob os n.ºs 291 e 292 dos ADDITAMENTA NOVA AD INSCRIPTIONES HISPANIÆ LATINAS, *ex Ephemeridis epigraphicæ* vol. IX, fasc. I. Berlin, 1903.

[4] A exuberancia ornamental do arco e a separação entre este e o fusilhão com a mola são dous dos caractéres que S. REINACH attribue ao typo *romano* de *bésta*; encontram-se tambem na maioria dos exemplares transmontanos.

manisação. É certo que a variedade c) recorda o *quarto typo* de Hallstatt que Ed. von Sacken denominou *Kettengehangen* [1] e que Tischler appellidou *semi-lunar*. S. Reinach observou [2], porém, que a predilecção pelos grandes pingentes perdurou até á epocha romana. Com relação á variedade d) additaremos tambem que o ornato em aspa, com ou sem pontos nas bissetrizes dos angulos, foi ainda usado na epocha lusitano-romano [3]. O aspecto, emfim, do maior numero dos exemplares é identico ao das fibulas hespanholas publicadas [4] por E. Cartailhac, e a respeito d'estas, já o vimos, foi parecer de Montelius que deviam ser coevas da conquista romana.

Fig. 36
Da Pedrulha

Typo n.º 6 — A *charneira*, derivação da mola celtica de espiras bilateraes [5], apparece nas fibulas posteriormente aos exemplares primarios da Tène [6]; a sua posterioridade é confirmada pela independencia do arco e do fusilhão que se nota nos especimens respectivos [7]. J. Déchelette attribue origem italica ás fibulas de charneira e data-as do seculo i da era christã [8].

Apesar d'isto a primeira *variedade* a) acha-se representada em *Sabroso* de par com a fibula da Tène i... Será que o celebre *castro* ao revéz do pensar geral não ficou absolutamente indemne de influencias italicas? Ou o apparecimento de fibulas de charneira deverá reputar-se inexpressivo, indiciando apenas sem maior alcance que alguns habitadores de outras estações romanisadas as perderam ali fortuitamente? Deixo em aberto o problema [9]. Entanto todos os caracteristicos apparentes dos exemplares do grupo 6.º convergem a fazer attribui-los

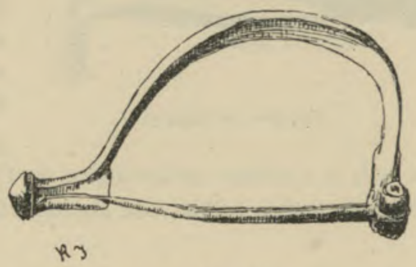


Fig. 37 — Do Algarve

---

[1] *Das Grabfeld von Hallstatt*, Wien, 1868, pag. 59.

[2] Daremberg & Saglio, *Dictionn.* cit.

[3] *O Arch. Port.*, t. i, pag. 106, fig. 9. Vid. tambem ornatos semelhantes *in Communicações da Commissão dos Trabalhos Geologicos de Portugal*, t. ii, fasc. i, Lisboa, 1889; F. de Paula e Oliveira, *Antiquités préhist. et rom. des environs de Cascaes*, pl. iii, figs. 7 e 15.

[4] Ob. cit., pag. 298, figs. 422 a 428.

[5] Como pensa Ridgeway cit. As fibulas da Tène originaram no inicio da era de Christo as formas romanas e outras ainda communs alguns seculos depois. O. Montelius, ob. cit., e H. Hubert, *Fibules de Baslieux (extr.* da *Rev. Archéol.*, 1899, pag. 17).

[6] S. Reinach, ob. cit.

[7] E. Cartailhac, ob. cit., pag. 299, nota que o periodo da separação das duas partes da fibula coincide com a occupação romana. Advirta-se entanto que o mesmo facto não se deu em outros paizes, como nos escandinavos por ex. Cf. O. Montelius, *Les temps préh. en Suède*, trad. de S. Reinach, Paris, 1895, pag. 62.

[8] *Le Hradischt*, etc. Cf. *Rev. Arch.*, 1902, t. i, pag. 245, e *L'Anthrop.*, 1901, t. xii, pag. 179, e 1902, t. xiii, pag. 76.

[9] Se E. Cartailhac, ob. cit., pag. 276, affirma que o castro não soffreu influencia romana, Virchow, loc. cit., pags. 657 e 658, admittindo que os romanos o não habitaram, inclina-se a que os objectos metallicos e nomeadamente as fibulas são indicio da infiltração da cultura italica...

a influencias romanas e a referir-lhes a origem ao primeiro ou segundo seculo da era christã.

Typo n.º 7—Liga-se de perto ao grupo anterior: a charneira encurta-se e o aspecto é já francamente italico. Não é mesmo facil separar agora os exemplares de fabrico indigena e romano; os poucos especimens recolhidos entre nós poderão suspeitar-se locaes, quando muito pela sobriedade ornamental, em que persistem os velhos themas decorativos luctando teimosamente n'um tradicionalismo rotineiro contra as influencias exoticas.

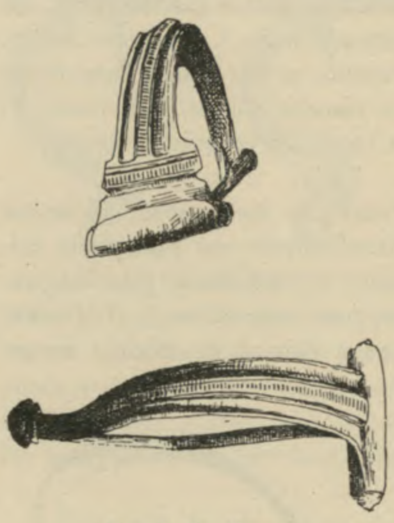


Fig. 38—Do Algarve

Os similes modelares deviam ser importados pelos legionarios invasores; a charneira curta era já largamente empregada ao norte da Italia no principio da epocha imperial. Adoptado o molde pelo lusitano submettido, ficou concorrentemente com os antigos typos. Harmonisam-se estas conclusões com os trabalhos do eminente archeologo Dr. Santos Rocha: o cemiterio lusitano-romano por elle explorado na Fonte Velha é do seculo I ou II [1], e a estação archeologica da Pedrulha, do seculo III ou IV depois de Christo [2]; nos dous pontos colheu elle algumas fibulas d'este grupo.

IV

Concluindo

No limitado horisonte geographico em que a indagação actuou, especialisam-se no momento poucas formas typicas. Adoptado tardiamente avulta o molde de Sabroso, documentando uma primaria influencia gauleza que subsiste fundamentalmente, embora logo de começo modificada na sua expressão typologica pelas autonomas faculdades creadoras dos peninsulares. O curso evolutivo da forma inicial accentua-se fracamente e em linha divergente da do prototypo inspirador. Emergencia acaso dos successos politicos, que deslocam na peninsula a preponderancia gauleza, e tambem das condições sociaes ou mesmo topographicas que isolam o noroeste iberico e favorecem a independente expansão das privativas energias productoras.

---

[1] Dr. Santos Rocha, informações particulares e as suas *Memorias* cit., pag. 213. Cf. *O Archeol. Port.*, t. I, pag. 337.

[2] Vid. loc. cit. in nota (1), pag. 23.

Quando sobrevem ulteriormente o phenomeno da romanisação, surgem outros feitios caracteristicos que todavia nos velhos oppidos subsistentes não desthronisam os moldes pristinos e tradicionaes. Ainda então como antecedentemente a industria indigena reage um pouco contra a nova onda civilisadora, imprimindo na pluralidade dos typos recentes modalidades particulares em que sobrevivem as antigas tradições artisticas [1].

Entre as duas correntes culturaes, destacando-se da geral typologia exotica, intercala-se a fibula annular como a mais lidima expressão da espontaneidade creadora, da originalidade industrial do peninsular.

E eis tudo: introducção tardía na *sumptuaria* indigena do alfinete de segurança; assimilação de formas gaulezas e italicas, e descaracterisação dos architypos acceites; creação de um typo original; persistencia modelar das formas primarias em concorrencia com as ulteriores—taes parecem as linhas geraes que por agora o estudo apercebe na morphologia das fibulas do noroeste peninsular.

Porto, Abril de 1904.

José Fortes.

[1] Cf. Pierre Paris, *Essai* cit., t. II, pag. 263.

Nota—Todos os desenhos das fibulas insertos n'este artigo, excepto o da fig. 13, estão em tamanho natural.

ILLUMINAÇÃO POPULAR

Os dois meios iniciaes da producção de fogo, pela percussão e pelo attrito, não obstante a sua simplicidade rudimentar que recua a descoberta aos tempos prehistoricos mais remotos, tornavam-se, entretanto, penosos e lentos. D'ahi e porque o emprego do fogo breve fosse indeclinavel, cuidou-se em conserva-lo, uma vez obtido, como recurso maravilhoso e até divino. A multiplicidade das applicações, os beneficios da sua acção, o seu brilho incomparavel constituíam attributos que logo o sagraram, trasendo-o a intervir nas mais diversas formas cultuaes. E assim, ou em cerimonias religiosas de breve duração ou permanentemente em certos ritos, o lume purificador e divinisado assistia perenne e rutilante.

Na antiguidade greco-romana em cada casa se conservava sempre o fogo vivo, de dia crepitando, de noite amortecido sob a cinza e na alvorada seguinte de novo despertado por um sarmento. Inditosa a habitação onde o lume se extinguisse: fogo morto, familia extincta! Só em março, precedendo um ritual, se accendia o lume novo [1] no mesmo altar em que, aliás, jámais desapparecera.

Com a chamma sagrada honravam-se os deuses e os mortos; e o christianismo, herdando do mundo pagão, a bem dizer, o mesmo rito, ainda hoje mantem a tradição nas suas solemnidades humildes ou esplendidas. Assim sobrevivera a formula «povoar de *fogo e logo*» como exprimindo fazer casa e n'ella residir, ou a de casal de *fogo morto (foco mortuo* no seculo XIII) designando o que está deshabitado [2]; assim se legitimava pelo adagio *De bom logo, bom fogo* [3] a avaliação concisa e suggestiva do estado d'uma casa; assim se insinuou no moderno vocabulario demographico a archaica denominação de fogos; assim prevalecera o habito de buscar o lume na residencia do parocho, como se o fogo, faltando a todos, existisse sequer onde estava o sacerdote!

---

[1] Fustel de Coulanges, *La cité antique*, pags. 21-2. Hachette ed. Paris, 1895.

[2] Viterbo, *Elucid.*, I, voc. *Fogo morto*, pag. 470; II, voc. *Logo*, pag. 98. Lisboa, 1798.

[3] Bluteau, *Vocab.*, IV, voc. *Fogo*, pag. 154. Coimbra, 1713.

Fig. 1

A relativa difficuldade de se obter lume, explicando melhor est'ultima referencia, por egual dá o sentido do antigo costume minhoto de cobrir á noite as brasas com cinza para despertar o fogo na manhã seguinte. Antes da vulgarisação da accendalha chimica, obte-lo era trabalhoso e muito mais conserva-lo. Com o brasido álerta, para percorrer a casa de noite bastavam hastes de abrotea já seccas e previdentemente reservadas para tal. Assim persistiu o uso do asphódelo ou gamão em Castro Laboreiro e na Serra d'Arga, no Soajo, em todo o concelho de Montalegre, na Campeã, nas serras de Bornes e Nogueira e em Terra de Miranda. E o mesmo destino já archaico mantem ainda, por economia, o emprego do *trocho* de urzeira em Terras de Barroso; a silva e a *gandra* ou vara de urze branca, colhida depois da *ucha* (queimada) na Cabreira; a *saganha* ou *carranha* (carrasca) trasida do alto, pelos pastores das vezeiras, no Gerez; os *guiços de carquejo,* despojos carbonisados após as queimadas na Serra da Amarella; os *murracos,* por fim, ou sejam as cascas de vidoeiro enroladas e já seccas, em Lindoso. Mas a duração d'essas luzes é breve, como breve o da *isca de coiro* obtida com a umbella d'um cogumello do Gen. *Boletus,* o *B. igniarius,* L., basidiomyceto «pro fomite inservit»[1]. Conservar a brasa era, pois, o recurso d'outr'ora e nomeadamente onde não seria facil obter a pederneira.

O silex, entretanto, percutido até á edade do ferro por uma pyrite, foi ulteriormente mais ou menos empregado na serra e na ribeira. Em fins do seculo XVIII um viajante estrangeiro encontrava os habitantes da Azinheira, logar situado a uma legua de Rio Maior, occupados na manufactura de pedras para isqueiros. O silex apparecia em fragmentos n'uma areia avermelhada e, naturalmente, procedia d'uns montes proximos d'onde fôra, para o logar, transportado pelas aguas. Com um ferro os homens fracturavam as pedras em estilhas grossas que logo aperfeiçoavam em quadrados muito perfeitos, trabalhando com habilidade e precisão e podendo fabricar diariamente umas dusentas. Era d'alli que sahiam para o paiz, que se exportavam para Hespanha e que se fornecia o Estado para a armaria do exercito[2]. E foi ainda n'essa localidade que, volvido um seculo, alguem encontrou o mesmo fabríco e até conseguiu que immediatamente lhe imitassem pontas de lança e outros objectos da mais surprehendente analogia com os artefactos neolithicos que aos operarios o archeographo exhibira[3].

O isqueiro ter-se-hia vulgarisado principalmente com os progressos do uso do tabaco; e não obstante as actuaes disposições prohibitivas ainda a sua utilisação subsiste occultamente: o *cornipo* no planalto barrosão e

[1] BROTERO, *Flora Lusitanica,* Pars II, pag. 468. Olisipone, 1804.

[2] *Voyage en Portugal,* par M. LE COMTE DE HOFFMANSEGG, rédigé par M. LINK et faisant suite à son voyage dans le même pays. III, pag. 250. Paris, An XIII (1805).

[3] M. VIEIRA NATIVIDADE, *La taille du silex au XIX siècle.* Alcobaça, 1893.

no Soajo *(galhipo* em Lindoso) é um toro de chifre de bode, vedado com discos de cortiça e incluindo farrapos de linho chamuscado ou medulla de sabugo; com um fragmento de quartzo leitoso regional obteem a faísca e logo o fogo necessario para o fumo.

Fig. 2

Fig. 3

O processo da fricção dos dois paus, muito mais demorado ainda que ess'outro e agora só usado nos povos semi-barbaros, persistiu comtudo nos ritos cultuaes do brahmanismo como recordação do meio pelo qual primitivamente se obtinha a grande, a divina luz. Em alguns povos ás mulheres ainda cabe a funcção de vigiarem a conservação do fogo, como na Roma antiga cumpria ás vestaes; e n'outros, extinguindo-se, preferem ir busca-lo a tribus arredadas, do que substituí-lo, provocando-o [1].

Fonte de calor e de luz, a suppressão d'essa riquesa constituíra até uma punição cruel e irreparavel: em certa região da bacia do Lima a quem violasse os usos e costumes recusava-se-lhe o lume, impedia-se-lhe o accesso á fonte e não se lhe fallava mais. Era a pena que em Roma se dizia «interdictio aquæ et ignis»; era a morte civil [2].

Os *resineiros,* melhor do que o gamão, a silva, a carqueja e a urze, forneceram um dia uma luz mais duravel e intensa. Usavam-se ainda no norte do paiz ha trinta annos, obtendo-se dos toros de pinheiros derribados e propositalmente salientes fóra da terra um palmo e mais. Depois da amputação o toro permanecia no solo preso á raiz; e opportunamente desbastado em cascas, utilisava-se depois na vida caseira (Famalicão, Ponte de Lima, villa do Soajo, etc.) Embora raramente este processo de illuminação ainda ha pouco era de uso em certas regiões do planalto central da França, permittindo sufficientemente, nas cosinhas, a regular execução de varios trabalhos manuaes [3].

Fig. 4

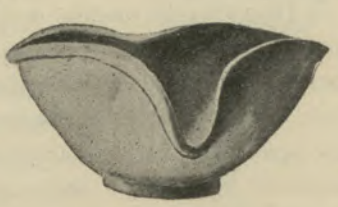


Fig. 5

Até ao dominio romano os brandões formados com as fibras de madeira resinosa eram as unicas luminarias que o grego usara [4]—como ainda hoje sobrevive o mesmo

[1] J. Deniker, *Les races et les peuples de la Terre,* pag. 182. Schleicher ed. Paris, 1900.

[2] Émile de Laveleye, *De la propriété et de ses formes primitives,* pag. 273. Alcan ed. Paris, 1891.—Oliveira Martins, *Quadro das instituições primitivas,* nota de pags. 108-9. Pereira ed. Lisboa, 1893.

[3] Alphonse Aymar, *Les maisons-types du Cantal,* in *Enquête sur les conditions de l'habitation en France,* II. Leroux ed. Paris, 1899.

[4] A. Rich, *Dict.,* voc. *Taeda,* pag. 624, col. 2.ª F. Didot ed. Paris, 1861.

costume nas aldeias da Troada [1]! Com uns feixes de pinho mais ou menos espessos, simples até ás guerras medicas, depois já monumentaes, illuminavam os gregos os caminhos, faziam os signaes em tempos de guerra, celebravam rituaes dos cultos e veneravam os deuses e os heroes. Eileithyia, deusa do parto, representava-se empunhando um d'esses fachos, investida, como estava, no dom de traser as creanças á luz do dia [2]!

Tambem na Etruria e em Roma se usara primitivamente esse brandão, extincto, todavia, muito cedo, pela descoberta ou adopção d'outros meios de illuminação mais

Figs. 6 a 12

efficases. Apenas subsistiram, através de todo o progresso industrial, para as viagens nocturnas, como ainda persistem entre nós os murracos de vido, os guiços de urgueira e de carqueja, as *lumieiras* de colmo que de noite guiam nos caminhos e logares escuros e ainda as *fachas* com que, para certa pesca, se desvairam os cardumes (Cavado, Tamega, etc.)

Do facho ao archote e á vela era minuscula a distancia. Substituída a fibra de madeira pela mecha de junco ou de estopa e occupando o logar da resina o sebo ou a cera, o romano, e presumivelmente antes d'elle o etrusco, achou a *candella* e o *cereus* [3]. Os christãos apoderaram-se logo e para sempre do invento; dispõem-a junto aos tumulos dos seus martyres ou em face dos seus santos veneraveis, como antes, já accessorio religioso, o pagão as multiplicara nos altares e nos sanctuarios das suas divindades; passa de certos rituaes do paganismo para outras festas populares christianisadas, das quaes a Candelaria, entre outras, é um despojo já tenue e apagado; com a opulencia da Egreja os supportes primitivos, inicialmente á semelhança dos mais simples das necropoles da Etruria [4], ascendem, como no esplendor romano, á magnificen-

---

[1] Henri Schliemann, *Ilios*, pags. 82 e 443. F. Didot ed. Paris, 1885.

[2] Daremberg & Saglio, *Dict.*, voc. *Fax*, de E. Pottier, II, 2ème partie, pags. 1026-8. Hachette ed. Paris, 1896.

[3] Daremberg & Saglio, *Dict.*, vocs. *Candella* e *Cera*, I, 2ème partie, pags. 869 e 1020.

[4] Oscar Montelius, *La civilisation primitive en Italie depuis l'introduction des métaux*, pags. 481-2 do texto e figs. 1, 2 e 3 *a* da pl. 103, serie B do atlas. Stockholm, 1895.—Jules Martha, *L'art étrusque*, fig. 362 de pag. 527. F. Didot ed. Paris, 1889.

cia dos candelabros, tocheiras e ciriaes; desenvolve-se uma vasta industria que se regularisa com estatutos, arruamentos e prerogativas e que nas solemnidadss publicas, civis ou liturgicas, deslumbra com a sua representação decorativa e architectonica [1]; na vida ordinaria os modestos castiçaes de argilla, de folha de ferro e de latão generalisam a adopção do mesmo recurso illuminante; a vela é voto, da altura do corpo, do peso da pessoa, até de arrobas, ordinariamente enfeitada com festões, silvas e relêvos (fig. 1, Porto), como outr'ora o facho grego orlado de corôas, filetes e grinaldas [2]; por fim é quasi santificada, é amuleto — *a vela benta* — que quando accesa livra do raio e abranda ou afasta, para o maninho, a trovoada!

Fig. 13

Fig. 14

Do mesmo passo o conhecimento dos oleos vegetaes ou mineraes e ainda o das gorduras dos animaes domesticados determinaram a invenção das primeiras lampadas, porventura já datando dos tempos neolithicos [3] mas authenticamente remontando ao fim da edade do bronze [4]. E ainda hoje alguns dos mais grosseiros combustiveis solidos ou liquidos são empregados por populações cujo estado social é parallelo ao d'essas civilisações já bem longinquas. É o caso dos esquimós utilisando o oleo de phoca ou de baleia em grandes calotes de terra secca ao sol e que lhes serve, a um tempo, para illuminação e aquecimento [5]; é entre nós o costume de fundirem em vasilhas de barro ou de ferro os figados da raia e da pescada, do cação e da papoula, da lixa e da ferreta, do peixe-gato e da sardinha para assim obterem (Povoa de Varzim, etc.) a *graxa* abominavel com que d'est'arte os pescadores illuminam o interior da habitação; é em Cas-

Fig. 15

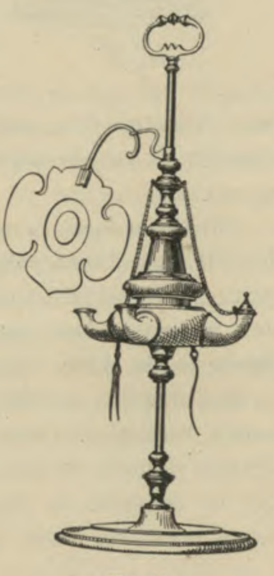


Fig. 16

[1] Viterbo, *Elucid.*, voc. *Candeia*, I, pag. 232. — Sousa Viterbo, *Artes e artistas em Portugal.* XI, *Armadores e cerieiros*, pags. 277-82. Ferreira ed. Lisboa, 1892. — O mesmo, *As candeias na industria e nas tradições populares portuguezas*, in *Portvgalia*, I, pags. 365-8 e 629-31. Porto, 1900-1.

[2] Daremberg & Saglio, *Dict.*, fig. 1072, I, 2ème partie, pag. 869.

[3] Leite de Vasconcellos, *As religiões da Lusitania*, I, pag. 243. Lisboa, 1897.

[4] Hough, *Histoire de l'éclairage*, in *L'Anthropologie*, XIII, pag. 200. Masson ed. Paris, 1902.

[5] Deniker, ob. cit., pag. 200.

tro Laboreiro e outros logares minhotos o uso ainda frequente do sebo derretido n'um caco de telha ou loiça concava.

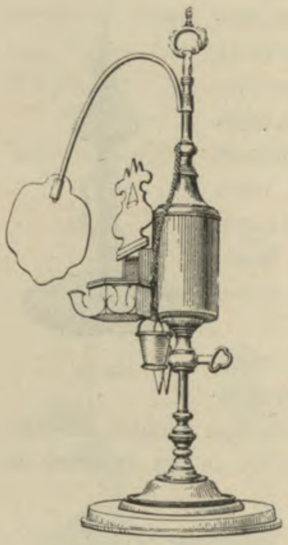


Fig. 17

O recipiente destinado a comportar o combustivel derivará certamente da concha d'um bivalve ou dos seixos com cavidades dos kjoekkenmoeddings. Uma escudella de olaria consequente marcou, por fim, o schema a que ulteriormente se subordinaram as lampadas de mais brilho e de mais luxo, não sem que deixasse de subsistir n'essa forma inicial—a tijellinha—, ou nos usos ordinarios, como no Extremo-Oriente [1], ou em certas solemnidades festivas populares (fig. 2, Barcellos).

Esta calote remota é como o lychnos que o grego obteve do Egypto e que o phenicio vulgarisou por todo o Mediterraneo. O recipiente circular, e ás vezes tambem oval, prolonga-se naturalmente n'um bico onde termina a mecha embebida no oleo que o enche; sem tampa ainda, o seu parentesco com a escudella primitiva é manifesto e em Portugal, pelo Baixo Alemtejo [2] e pelo Algarve (fig. 3, Serpa e Lagos), sobrevive á sua invenção no uso privativo de adegas e lagares.

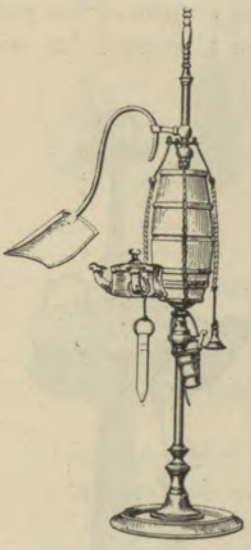


Fig. 18

Modificando-se, a asa de suspensão e a protecção do oleo por meio d'uma cobertura apenas perfurada para a introducção do liquido combustivel foram os progressos mais uteis a contar. Mas simultaneamente ou antes mesmo da adaptação do disco, algumas lampadas romanas surgiram de ansa disposta de maneira a serem suspensas d'uma superficie vertical [3]. Com essas se assemelhavam as que, ha algumas dezenas de annos, eram empregadas nas illuminações do convento de Santa Clara do Porto [4] e que, naturalmente, não constituíam formas privativas d'esta instituição religiosa (fig. 4).

---

[1] Hough, ob. cit., pag. 201.

[2] M. Dias Nunes, *A olaria em Serpa*, in *A Tradição*, ii, pag. 168 e fig. da est. de pag. 165. Lisboa, 1900.

[3] Daremberg & Saglio, *Dict.*, voc. *Lucerna*, de J. Toutain, pags. 1322 e 1334.

[4] Uma missão official n'este convento extincto deu ensejo ao A. de observar algumas d'essas lucernas de barro vermelho e fosco, com evidentes signaes de numerosas combustões. Por antigas serventuarias da instituição houve a noticia referida; e não obstante a deterioração de quasi todos os exemplares logrou separar alguns que actualmente se encontram no Museu Municipal do Porto.—No Museu provincial de antiguidades de Barcellona, que o A. visitou posteriormente á redacção do texto, encontram-se, sob os n.os 2181-2, 2201 e 2901, lucernas romanas que, afóra a suspensão em asa, são como as do supprimido mosteiro.

Antes, porém, do rostro ser um annexo da calote, os bordos d'esta dobrados para o interior em goteira poderiam constituír exclusivamente o bico, como fôra na India e pela Syria [1]. O certo é que nas mais antigas lampadas carthaginesas, aliás de dois bicos, se obtinham assim, sendo essa lucerna proto-punica, com verniz mas sem disco, o mesmo typo ainda usado em algumas ilhas do Mediterraneo, como na de Malta e na de Gozzo, em necropoles primitivas da Sardenha e do sul da Hespanha, em Carthago e em Saida, a antiga Sidon; e de resto, com um supporte vertical e um pé, é ainda esta a lampada dos arabes actuaes [2]!

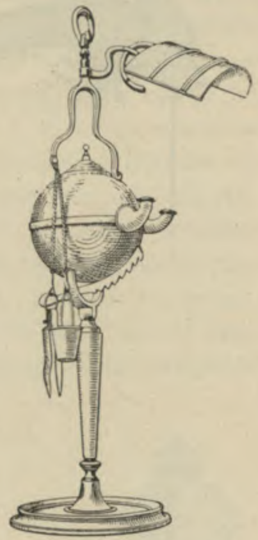


Fig. 19

Ora em Thomar, embora com um só bico, fabríca-se uma lampada de barro (fig. 5), cujo simile mais proximo na forma e mais remoto na ascendencia legada ou imitada se encontra nos despojos funerarios dos primeiros tempos de Carthago!

Fig. 20

Alcançado o apuro do bico nitidamente separado, da asa para conducção ou suspensão e do disco protector do combustivel, a multiplicidade das lampadas de reservatorio circular, oval ou angular, de rostro duplo, triplo e superior, das ornamentadas com relêvos de extensa variedade e admiravel execução, ou emblematicos dos cultos e dos mythos, ou commemorativos das scenas historicas, ou symbolicos dos episodios heroicos, ou narrativos de todos os aspectos da vida ordinaria, constitue um dos ensinamentos mais educativos da arte, do culto e da vida social na antiguidade romana [3].

Vulgarisára-se o emprego do azeite, ulteriormente já sustentado sobre agua, e que fôra desconhecido em Roma até Tarquinio o Antigo [4]; adoptára-se mais a

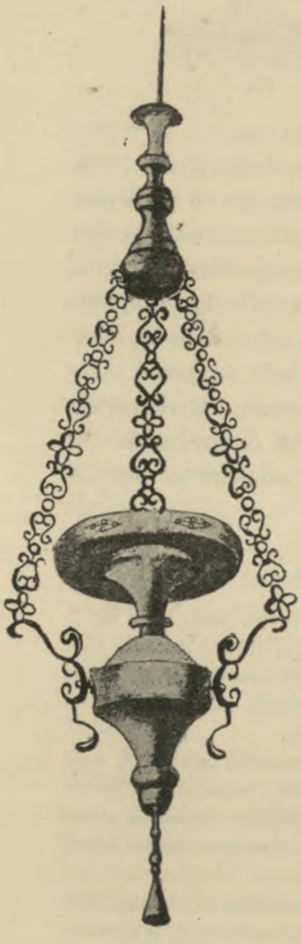
---

[1] Hough, ob. cit., pag. 201.

[2] Delattre, *Les lampes antiques du Musée de Saint-Louis de Carthage*, pags. 1-3 e fig. 1. Lille, 1889.—O mesmo, *Nécropole punique de la colline de Saint-Louis*, Lyon, 1896, a golla do vaso médio da col. 2.ª na est. de pag. 25.—G. Bonsor, *Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Bétis*, figs. 114-5 e pags. 115-6 (Extr. da *Rev. Archéologique*, xxxv, 1899). Leroux ed. Paris, 1899.—Daremberg & Saglio, *Dict.*, voc. cit., fig. 4576, pag. 1323; e ainda pag. 1333.

[3] Independentemente dos trabalhos modernos cumpre não esquecer, apesar dos defeitos do tempo, a exuberancia illustrativa e litteraria de algumas obras menos recentes que se occuparam da illuminação na antiguidade. Citaremos apenas: Bernard de Montfaucon, *L'antiquité expliquée et représentée en figures*, v, 2ème partie. Paris, 1.ª ed. de 1719, 2.ª ed. de 1722.—*Lucernæ fictiles Musei Passeri*, 3 vol. in-4.º Pisauri, 1739-51.

[4] Joachim Marquardt, *La vie privée des romains*, trad. de Victor Henry, ii, pag. 294. (Tom. xv do *Manuel des antiquités romaines*, par Th. Mommsen, J. Marquardt et P. Krüger). Fontemoing ed. Paris, 1893.



Figs. 21 e 22

mecha de linho, embora persistisse o uso, como ainda hoje no littoral e na serra, do tecido poído que lega o *morrão;* e quanto á mecha embebida em enxofre, o da quarta especie que descreve Plinio [1], sobrevivera com outro destino — o mesmo que, ainda ha alguns annos, em todo o Minho determinava a existencia caseira das torcidas passadas pelo enxofre derretido n'um caco e que, suspensas n'um logar da cosinha, eram opportunamente as accendalhas de então.

O mobiliario subsequente, e nomeadamente o popular, procede ainda em grande parte do schema inicial da lucerna. Nas candeias temos, em primeiro logar, a forma já extincta da candeia de barro na Serra de Arouca e a bem primitiva dos mineiros de agua, no Alto Minho, redusida a um reservatorio levemente dilatando em bico á frente e posteriormente prolongado para o alto por uma estreita lamina de supporte. A candeia ordinaria de ferro, que antes da introducção do petroleo era commum em todas as habitações ruraes e nas citadinas do povo e que, em Penafiel sobretudo, deu margem a uma larga e prospera industria [2], é ainda, fundamentalmente, a lucerna — planifi-

---

[1] *Histoire Naturelle,* de PLINE, trad. de E. LITTRÉ, tom. II, liv. XXXV, § L, pag. 491, col. 1.ª Dubochet, Le Chevalier et Cie eds. Paris, 1850.

[2] *Relatorio apresentado... ao presidente da Commissão districtal do inquerito ás industrias,* etc., pag. 29. Porto, 1881.— JOSÉ AUGUSTO VIEIRA, *O Minho pittoresco,* II, pag. 514. Pereira ed. Lisboa, 1887.

cada a base e substituída a asa pela lamina superior e vertical de suspensão (fig. 6, Penafiel). N'estas e nos modelos similares de folha de ferro (fig. 7, Povoa de Varzim), duplicou-se o recipiente, comportando o interior o liquido combustivel e passando para o exterior todo o residuo. Mas tambem em alguns modelos se annexou á interna a tampa em disco, o qual, para a renovação do oleo, se abre verticalmente nas de folha e nas de latão se levanta por corrente [1]. Á lamina annexa-se uma haste de ferro terminada em gancho que se introduz no *mancebo* de pau ou *velador* [2], precisamente como as lampadas romanas de bronze com hastes articuladas para serem suspensas de pregos. E ainda como a estas juntassem um fio de metal para erguer a torcida e reavivar a chamma [3], tambem nas nossas, para a similitude ser mais completa, ou lhe prendem, de alto, arames articulados, ou manteem, para o mesmo effeito, um palito no recipiente:

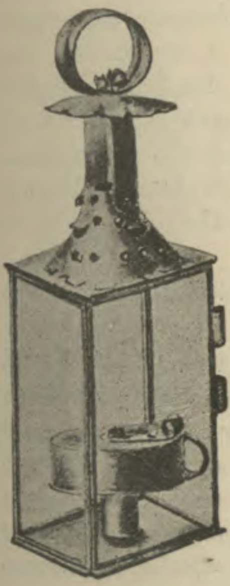


Fig. 23

Burro de ferro,
Albarda de linho,
Tíquele, tíquele,
Com um pausinho.

Fig. 24

A estas formas se podem referir as populares francesas, em mais rapida extincção, de argilla ou de folha de ferro, usadas outr'ora de norte a sul e por egual com reconhecidos ascendentes analogos gallo-romanos [4].

Fig. 25

A propagação mercantil do oleo mineral veio modificar a configuração do reservatorio, conservando o utensilio, todavia, o aspecto geral do seu antecessor. O recipiente passa a ser geralmente um tronco de cone ou um cylindro, ao qual se solda lateral e obliquamente um tubo por cuja extremidade a mecha afflora (figs. 8 a 11, Penafiel; fig. 12, Coimbra). Se é para suspender, manteem-se as hastes e gancho da candeia inicial; se é para pousar, ou directamente (fig. 13, Ponte de Lima), ou sobre um supporte cylindrico com prato de bordo cannelado (fig. 14, Arcos de Val de Vez), ou repousando em trez S S S, ainda o aspecto constructivo é o mesmo dos que primordialmente, com um ou mais bicos, e lembrando os dos arabes actuaes, se empregavam ao tempo em que o azeite era o combustivel mais usado.

---

1 Sousa Viterbo, *As candeias* cit., in *Portvgalia*, I, figs. 2 e 3, pags. 366-7.

2 Idem, ob. cit., fig. 1, pag. 366.

3 Daremberg & Saglio, *Dict.*, *Lucerna* cit., pags. 1322 e 1334.

4 A. Vinchon, *Lampes antiques encore en usage dans certains de nos départements*, in *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, VII, 4.ª serie, pags. 615 e 621, figs. 1 e 5. Masson ed. Paris, 1896.

Certos, já a desapparecerem (fig. 15, Coimbra), estabeleciam a passagem d'estes ultimos para os famosos candeeiros de latão que, por sua vez, tambem se extinguem. Foram em dilatados tempos os utensilios de illuminação domestica mais vulgarisados por entre as classes medianas, popularisando-se nomeadamente aos primeiros rebates de desthronisação. A sua factura, em certos centros, constituía uma das principaes fontes de receita da latoaria, industria popular actualmente desviada para outros fabrícos e cuja applicação á manufactura de candeeiros é apenas subsidiaria em Bragança, em Coimbra, no velho bairro da Sé do Porto, em poucos mais.

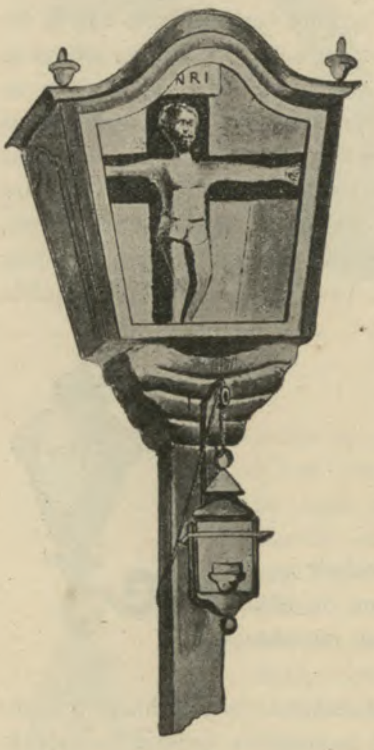


Fig. 26

Para a realisação d'um candeeiro executavam-se separadamente as peças: o *pé,* composto do disco de apoio e da vara ou *columna* erguida ao meio e para o alto; o *deposito* ou reservatorio do azeite; a *tampa* ou disco protector; a *chave* com a qual se elevava o recipiente á altura desejada; a *chapa* ou pára-luz; os annexos, por fim, suspensos de correntes e com as denominações que o seu emprego logo explica— *balde, atiçador, espevitador* e *apagador.* O reservatorio podia ter trez *bicos,* menos frequentemente dois, mais raro um; e o seu manejo ou se limitava a ascensões verticaes ao longo da vara, ou se complicava até á realisação de movimentos obliquos para cima e para baixo ou ainda lateraes, dictados estes ultimos pela abundancia ou indigencia do liquido combustivel.

Fabricados por processos simplistas — modelação prévia em areia e aperfeiçoamento ao torno e a lixa — modestissimos de preço, muitos surgiram, entretanto, que, sem attingirem a concepção e execução artistica dos seus congeneres de Hespanha, assumiram, no plano constructivo, desembaraçado e audaz, na graça dos accessorios, no debuxo filigrannado d'uma zona do pára-luz, na adaptação do recipiente a figurados de realidade ou de imaginação, nos escrupulos de acabamento, por ultimo, um nobre, lindo e gracioso ar de movel decoral (fig. 16, Coimbra; figs. 17 a 20, Lisboa).

Todavia não é grande o afastamento do que não fosse já concebido e realisado pelo romano. O reservatorio, observado separadamente, é ainda a lucerna de trez rostros; a esta tambem em Roma se addicionára um pé adherente, terminado, á maneira de alguns candelabros, pelas trez patas leoninas; em outras lampadas, não pousadas mas suspensas de cadeados, egualmente com trez bicos, se annexavam os accessorios de erguer a mecha, avivar a chamma ou extinguir a luz [1]; e como em alguns dos nossos

[1] Domenico Monaco, *Les monuments du Musée National de Naples,* pl. 118. Naples, 1893.

candeeiros o reservatorio imitasse uma fauna real ou illusoria, por egual na antiguidade latina, entre a variedade das suas adaptações, lá surgiam serpentes, dragões e basiliscos [1].

Fig. 27

A exuberancia decorativa das lampadas romanas, não egualada ulteriormente, ainda nos dá, n'outra applicação da luminaria pelo azeite, o exemplo precursor das modernas sobrevivencias nos templos christãos. São as varias suspensões de lampadarios, figurando aves mythicas ou serpes, dragos e chimeras (figs. 21 e 22, matriz de Villa do Conde), sós ou associadas n'um hybridismo de explicação enlaçada a remotas concepções do mundo pagão. A fertil inventiva da antiguidade romana, profusa na sua ornamentação floral e faunistica, grotesca e erudita, amorosa e mythica, modelando Sileno e Pan ou Triton e Eros [2], a cabeça villã d'um burro ou um Genio cavalgando um golphinho [3], imprimiu indelevelmente, ainda n'este insignificante pormenor, a sua influencia até agora prolongada e funda. Não são raros os lampadarios ornamentaes de figuração illogica com a indole dos templos que illuminavam, geralmente e ininterruptamente no altar da Eucharistia — como outr'ora no sanctuario de Athena Polias, sobre a Acropole, uma mecha de linho fino chammejava, n'uma lampada de oiro, noite e dia [4]!

Para estas lampadas o reservatorio é simplesmente a cuba de vidro, á maneira da *lamparina* d'outr'ora tão empregada de noite para velar medrosos e doentes. Esta cuba, porém, veda-se superiormente, abrindo-se apenas os orificios de injecção e da mecha no utensilio de folha de ferro usado nos lampeões da lavoura (fig. 23, Porto), nos que, em tempos idos, precederam os actuaes dos carroções transmontanos, nos das cadeias e nos das ermidas, nos das alminhas (figs. 24 e 25, Arcos de Val de Vez) e nos dos cruzeiros (fig. 26, Povoa de Varzim). Frente a estes, ás capellas, aos ediculos dizendo picturalmente as penas que castigarão os peccadores, crepita com frequencia uma chamma alimentada pelo azeite dos devotos, como na Roma pagã, ante os deuses, ardia o mesmo azeite das offerendas — costume religioso e tambem funerario que os christãos logo adoptaram, suspendendo lampadas das abobadas das capellas e das cryptas [5].

Fig. 28

---

[1] Daremberg & Saglio, *Dict.*, *Luc.* cit., pag. 1333.

[2] Idem, *Dict.*, *Luc.* cit., pag. 1325.

[3] Fernando Fulgosio, *Estudio sobre algunas lucernas de bronce del Museo Arqueológico Nacional*, in *Museo español de antigüedades*, I, pag. 631 e segs. Madrid, 1872. — O mesmo, *Candelabros y lucernas de bronce del Museo Arqueológico Nacional*, in *Museo* cit., II, pags. 429-44. Madrid, 1873.

[4] Daremberg & Saglio, *Dict.*, *Luc.* cit., pag. 1321.

[5] Martigny, *Dict. des antiquités chrétiennes*, voc. *Lampes chrétiennes*, pag. 352, col. 2.ª Hachette ed. Paris, 1865. O auctor insurge-se contra as indefectiveis heranças do paganismo (pag. 351), o que não admira tendo em conta a sua profissão.

O reservatorio de folha de Flandres é ainda a *griseta* das illuminações populares, d'antes empregada principalmente nos *cópinhos* e alternando com a calote de olaria repleta de sebo fundido. Para a fixação aos lampeões soldava-se-lhe inferiormente um curto tubo, á semelhança do appendice que, como uma haste e na lucerna romana, servia para a introdusir no fuste d'um candelabro.

Fig. 29

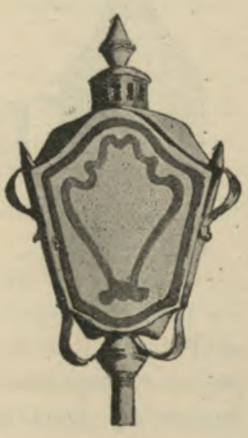


Fig. 30

Já nas lanternas a vela foi ordinariamente preferida á griseta. Era de uso acompanhar os cadaveres ou o viatico em occasiões de pressa e de mau tempo (Castro Laboreiro, etc.) com lanternas de folha de ferro (fig. 27, da egreja de Tavarede e fig. 28, do Museu da Figueira, seculo XVIII) vasadas lateralmente e na cupula para illuminarem e renovarem o ar; ora os movimentos bruscos da marcha por maus pisos determinava a preferencia n'este emprego, desnecessaria emtanto nas formas similares e diminutas das de uso de noite pelos caminhos. Com caixilho metallico, cupula em forma de tronco de cone, orificios para o ar e asa superior ou lateral, ainda n'este caso semelhante utensilio não divergia muito do romano, com a sua armadura de cobre, sempre cylindrico, tampo hemispherico com crivo, paredes translucidas, como o chifre e a bexiga, e ao deante transparentes, como o vidro [1].

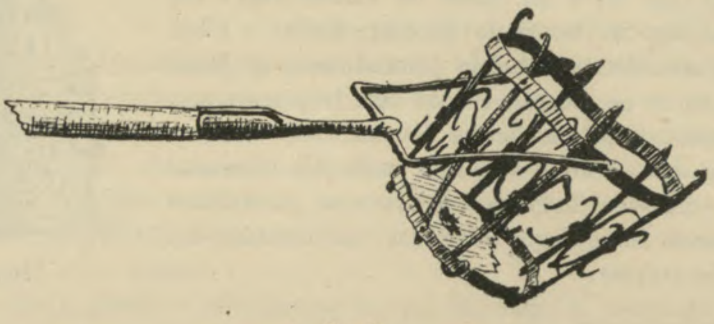


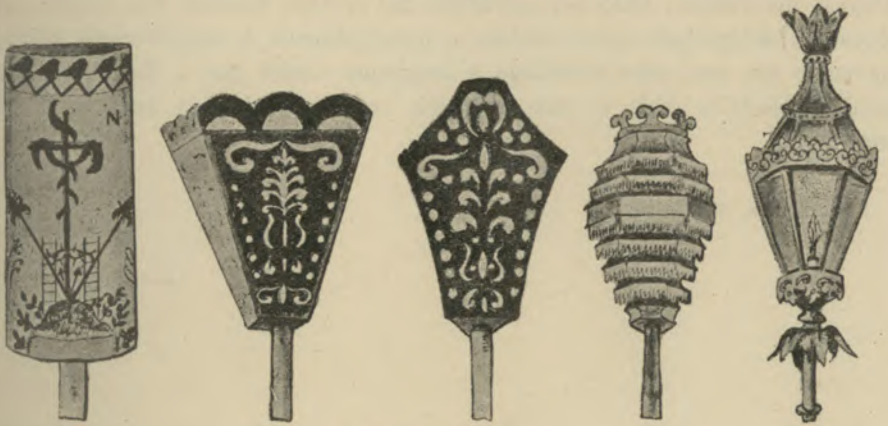
Fig. 31

A par d'essas lanternas de folha vasada, subsistem outras em numerosas aldeias minhotas, beirãs e transmontanas, nas quaes as asas são substituídas pelos varaes com que se empunham nos sahimentos, ladeando o palio ou a cruz (fig. 29, de Brenha, con-

[1] JOSEPH DÉCHELETTE, *L'esclave à la lanterne*, in *Rev. Archéologique*, XL, pag. 353. Leroux ed. Paris, 1902.

celho da Figueira; fig. 30, de Arco de Baúlhe, concelho de Cabeceiras de Basto). O crivo figura então symbolos religiosos, o calix e a hostia, a cruz e a custodia, como nos tempos proto-christãos a figuração da cruz monogrammatica e da equilateral, pombas e peixes, outros symbolos mais [1]. Analogas á de Brenha são ainda as de prata, do seculo XVII, que se encontram em Santa Cruz de Coimbra e que por egual teem identicas em Amorim e Nabaes (littoral do Minho) e Pitões (Traz-os-Montes).

De resto, em certas festividades religiosas, além dos cirios e tochas habituaes, ou núas, ou envolvidas superiormente com um cylindro de papel ornamentado ou emble-



Figs. 32 a 36

matico (Braga), outros cortejos se formavam com as lanternas imitativas das processionaes. Era, outr'ora geral, hoje mais raramente, nas festas de Passos e na noite de quinta-feira de Endoenças. Vestigios obliterados dos antigos fogareos (Braga, Coimbra, Amarante, etc.)—varas com cestos de arame ornamentados ao alto e pinhas ardendo (fig. 31, Amarante)—este cortejo ainda hoje se pratíca em algumas localidades do norte e do centro (Povoa de Varzim, Figueira da Foz, etc.) e tenuemente rememora, desfigurada decerto, a antiga solemnidade dos brandões [2]. Na realisação d'essas lanternas (figs. 32 a 36, Povoa de Varzim), como semelhantemente nas que condusem á cabeça adultos e rapazes na vespera de S. João (Porto), cuidava-se, com muita antecedencia e orgulho, no embellesamento do envolucro, ou fosse pela forma, ou pelos recortes do vasado, ou pela figuração dos symbolos adquados, ou pelos accessorios ornamentaes em froculos, em borlas e em tulipas.

A illuminação, pois, desde os vestigios dos cultos e apreços iniciaes, uns referentes á producção, outros á conservação do lume, passando pelos despojos de ritos distantes e vindo até ás solemnidades actuaes catholicas ou christianisadas, exhibe-nos ainda hoje um educativo depoimento da sobrevivencia de costumes cuja origem vae quasi ol-

---

[1] G. M. Tourret, *Lampes chrétiennes antiques du Cabinet de France*, in *Rev. Arch.* cit., III, 3.ª serie, pags. 197-205, 1884. — Martigny, *Dict.* cit., pag. 352.

[2] Rocha Peixoto, *Os cercos*, in *Portvgalia*, I, pag. 623. Porto, 1901.

vidada e perdida. O ensinamento resulta mais vivo ao considerarem-se, nos pormenores, os meios e os instrumentos. Os recursos naturaes buscados na abrotea, na carranha, no carquejo, no murraco e na isca; o silex, a lumieira, a pinha e o resineiro; os combustiveis procurados nos intestinos dos peixes e na gordura dos mammiferos domesticos; a mecha embebida em enxofre, tal qual a accendalha romana; a vela enfeitada de promessa, como o facho afestoado hellenico; a calote simples ou com bico, á maneira do lychnos grego; a lucerna inicial, ainda sem disco, e a lucerna de parentesco phenicio; o schema da lucerna romana subsistindo nas transfigurações ulteriores de candeeiro e candeia; a lanterna do padrão já exhumado em Pompeia e Herculanum; os materiaes; os themas decorativos; tudo nos approxima das epochas remotas que, sequer da edade do bronze á antiguidade greco-romana, e principalmente á magnificencia latina, teem ainda entre nós esse echo retardado e longinquo—echo que a illuminação chimica, mineral e electrica mais e mais redusirá, com os tempos, a uma fugaz reminiscencia!

Porto. Agosto, 1902.

ROCHA PEIXOTO.

LITH. NACIONAL—PORTO

PRÔA E PÔPA DE UM BARCO MOLICEIRO
RIA D'AVEIRO

OS BARCOS DA RIA DE AVEIRO

I

A ria de Aveiro

A RIA de Aveiro é um antigo braço de mar, formado pelos assoriamentos arenosos da foz do Vouga, e hoje separado do oceano pela linha de dunas que a limitam pelo poente, desde Ovar a Mira, n'uma extensão de 47 kilometros. A sua area total é de cerca de 50:000 hectares. Mas esta area tende a reduzir-se progressivamente por novos assoriamentos, produzidos não só pelas correntes da barra e pelas alluviões do Vouga e seus confluentes, mas pelas enormes massas d'areia que os ventos reinantes, juntos á corrosão das marés, de contínuo lançam no seio das aguas, determinando uma constante elevação do seu fundo.

Para se fazer uma ideia da vastidão d'essa especie de lago salgado, que apenas a estreita barra de Aveiro põe em communicação com o mar—bastará dizer que elle banha terras de dois districtos, o de Aveiro e o de Coimbra, e que o cercam 25 freguezias, divididas por 6 concelhos. A sua maior extensão é de 47 kilometros, e a sua maxima largura de 7,5 kilometros, contados da sua margem occidental até ao ponto onde, na oriental, convergem os esteiros de Estarreja, Salreu e Canellas. Começa a oeste de Ovar no sitio do Carregal, proximo á praia do Furadoiro, e d'ahi vem seguindo para o sul, alargando e bracejando, envolvendo ilhas, praias e marinhas, recebendo o tributo dos affluentes, insinuando-se pela terra n'uma complicada rede de esteiros e canaes que se estendem, como estradas aquaticas, até ás povoações mais afastadas da sua margem. Do poente, banha a extensa linha das dunas maritimas, onde, de leguas a leguas, como oasis n'um deserto, se succedem as *costas* de pesca, que são ao mesmo tempo praias de banhos: o Furadoiro, a Torreira, S. Jacintho, a Costa Nova do Prado, a Vagueira (hoje extincta) e, no extremo sul, o Areão e Mira. Do nascente, entesta com a vasta região da Murtosa, com os campos de Estarreja e de Esgueira, entre os quaes se abre a foz do Vouga, com Aveiro e as suas salinas, até que, encontrando a antiga duna da Gafanha, hoje em via d'uma rapida e admiravel reducção á mais rica e fecunda cultura, se biparte, seguindo o seu braço oriental por Ilhavo, Vista-Alegre e Vagos e o seu braço occidental pela bacia da Costa Nova até Mira, onde termina.

Fig. 1—Mappa da ria de Aveiro

Quasi ao meio d'essa vasta região marinha, rasga-se na duna, entre S. Jacintho e a Costa Nova, a barra que dá accesso ao mar, e que foi aberta em 1806 sob os planos do brigadeiro Oudinot. A antiga barra, que se abria na Vagueira e que as correntes tornavam extremamente instavel, fazendo-a descer ás vezes para o sul, até Mira, e assoriando-a outras de forma a tapal-a e a tornar impossivel a navegação, foi abandonada depois da abertura da actual. Obstruída hoje completamente (já d'ella se não encontra o minimo vestigio na duna) a falta da agua, que por ali d'antes entrava, prejudicou a bacia da Costa Nova, determinando não só o seu rapido assoriamento, como a destruição das suas vastissimas e inexgotaveis ostreiras e o decrescimento da sua riqueza piscicola.

A importancia maritima de Aveiro decaíu rapidamente a partir do seculo XVI, devido em parte ao difficil accesso do seu porto. Ainda n'esse tempo elle era, por assim dizer, o cáes da Beira, a sua principal e mais importante saída para o oceano. Foi lá que em 1578 se concentraram os terços da Beira, a fim de embarcarem para a tragica jornada d'Africa. Muitos navios extrangeiros ali vinham carregar o sal—industria a que os mais antigos diplomas fazem referencia. E contavam-se por muitas dezenas as embarcações que, todos os annos, a praça de Aveiro armava para a pesca do bacalhau na Terra Nova. Todo este grande movimento maritimo se reduz hoje a uma pequena navegação de cabotagem, em que apenas figuram hiates, chalupas e cahiques algarvios e cujo principal carregamento de exportação é constituido pelo sal, o feijão e o taboado de pinho.

Na bacia do norte ou da Torreira é que se encontram as marinhas (na proximidade de Aveiro) e as grandes ilhas onde, além da exploração da junça, que cresce espontanea, se iniciam já as culturas cerealiferas e a pastagem, com notavel proveito. As principaes são a da Testada, do Amoroso, dos Ovos, de Monte Farinha, do Ronca, das Gaivotas, etc. Algumas d'ellas attingem uma area consideravel: a da Testada, por exemplo, mede cerca de 300 hectares.

Nas terras circumvisinhas, todas de origem arenosa, as culturas ordinarias são no inverno a cevada, em menor escala o trigo e o centeio, e no verão o milho e o feijão, além da batata, cebola, tremoço, etc. Nas terras inundaveis do campo de Estarreja cultiva-se largamente o arroz.

Qualquer d'estes generos produz com notavel exuberancia. O segredo, porém, d'esta fertilidade está nas adubações com os *moliços,* especie d'algas que no fundo da ria formam uma vegetação espessa e sempre renascente. A apanha do moliço é uma industria subsidiaria da agricultura e, portanto, a que, n'essa região amphibia, como lhe chama Oliveira Martins, maior numero de braços emprega.

Tanto a bacia da Torreira como a da Costa Nova são abundantes em pescaria. As principaes especies são a taínha, o linguado, a solha, a enguia, a agulha, o robalo, a choupa, o camarão, em cuja captura se emprega especialmente a gente da Murtosa. Ha ainda, de molluscos, a ameijoa e o berbigão, bem como o mexilhão que se encontra nas pedras do molhe da barra. A ostra póde dizer-se que desappareceu por completo. Uma ou outra, que apparece nas proximidades da barra, constitue uma verdadeira raridade.

O rendimento d'esta região aquatica sobe annualmente acima de trezentos contos na proporção seguinte:

Pescado.	47 contos
Sal	50 »
Junça e caniço.	60 »
Moliço	158 »

Nas costas, a grande pesca, com rede de arrasto, tem por principal objecto a sardinha. Do seu systema, processo, economia, me occuparei mais tarde em artigo especial.

II

Os barcos

Do que fica dito, se vê que o trabalho n'essa grande região aquatica se divide em quatro generos bem definidos:

1.º—a exploração das salinas;

2.º—a apanha das algas ou moliços;

3.º—o transporte fluvial da pesca maritima;

4.º—a pesca fluvial.

Ora, a cada um d'estes generos de exploração, corresponde um typo de barco proprio. Embora de um systema de construcção identico, determinado pela natureza da região fluvial em que são empregados, esses barcos differem entre si em certos detalhes de forma, que se teem conservado na sua maxima pureza tradicional.

Assim, para o serviço das salinas temos a *saleira;* para a apanha dos moliços o *moliceiro;* para o transporte fluvial da pesca maritima a *bateira mercantel;* para

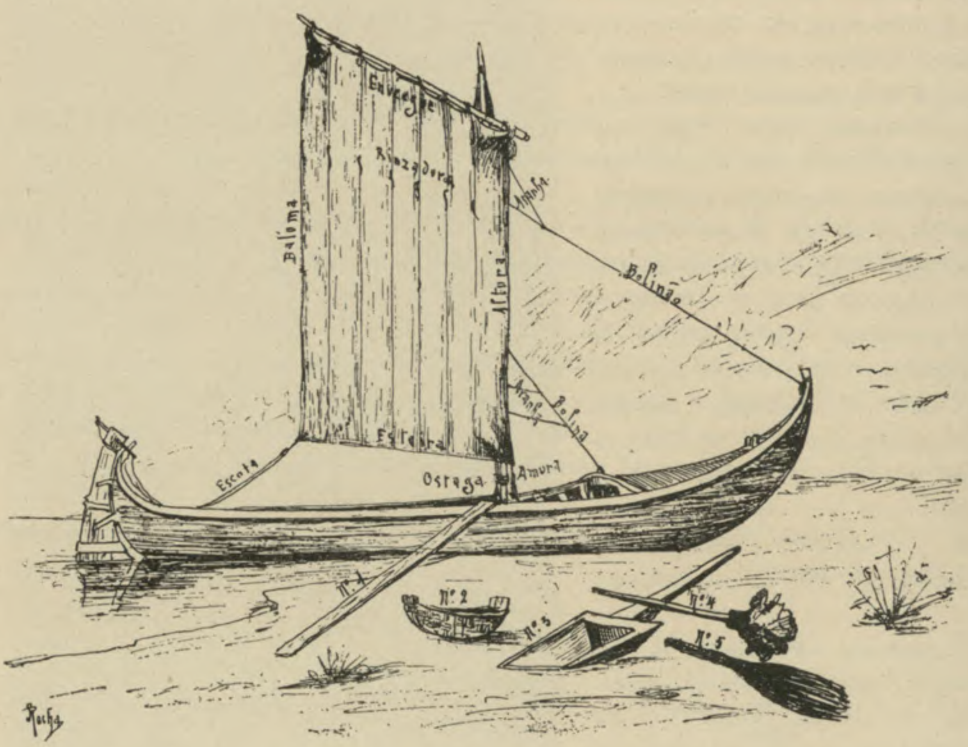


Fig. 2 — Barco *Saleiro*

Legenda: 1, prancha; 2, canastra; 3, vertedoiro; 4, lambaz; 5, vassoira

a pesca fluvial os dois typos de bateiras *murtozeiras* ou *labregas* e a bateira de Ilhavo.

Afóra estes, ha apenas a notar a *caçadeira,* pequeno barco que serve não só para a caça das aves aquaticas e ribeirinhas (como a negra, o galleirão, o mergulhão, o maçarico, a parda, a seichoeira, o fuselo, o borrelho, a colleira, etc.), e que, assim, corresponde ainda a uma exploração regional definida, se bem que secundaria, mas tambem para passagem e transporte nos pequenos canaes de pouco fundo, que separam as marinhas ou se ramificam através dos campos do Vouga.

Estes seis typos de barcos, typos nitidamente definidos e distinctos, são os unicos da região e applicam-se exclusivamente ao fim a que são destinados. Nunca se viu apanhar moliço com uma *saleira,* nem pescar com um *moliceiro.* A sua forma, a sua construcção, o seu apparelho, os seus detalhes devem suppôr-se immemorialmente archaicos, porque correspondem a funcções e serviços que egualmente o são e que, atra-

vés de muitos seculos, se teem conservado immutaveis e estacionarios. Com referencia á exploração das salinas, já d'ellas se faz menção no diploma conhecido pelo «testamento de D. Mummadona» e que remonta ao seculo x. E quanto á apanha das algas, o proprio facto da transformação de toda essa região d'origem arenosa em terra aravel por meio do emprego d'esse adubo, attesta a sua remota antiguidade. Estes typos de barcos devem, pois, constituir um dos mais preciosos documentos para o estudo da ethnographia portugueza. E se nas veias da gente de Ilhavo rolam globulos de sangue italo-grego, se o trajo dos pescadores da costa de Aveiro, com as manaias, o gabão e o gorro de lã, é o trajo do pescador napolitano, se a tradição da fundação d'uma colonia de gente

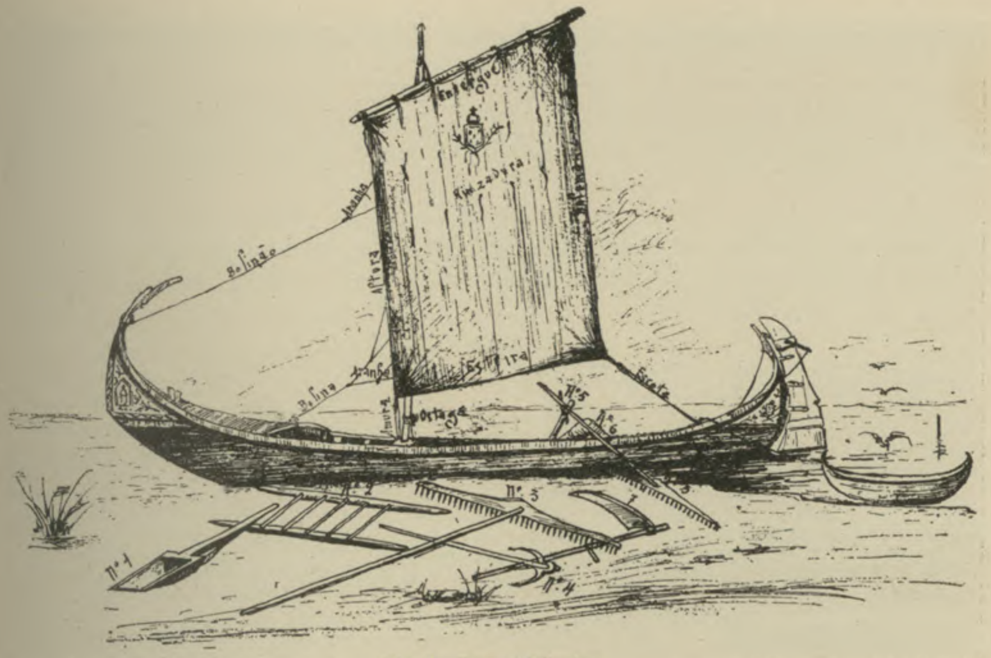


Fig. 3 — Barco *Moliceiro*
Legenda: 1, vertedoiro; 2, padiola; 3, ancinho; 4, engaço; 5, forquilha; 6, tamanca; 7, gadanha

do Archipelago ou da Grande Grecia n'essa região da costa portugueza é a insistente reminiscencia d'um velho facto historico — não será talvez desacertado approximar o barco da ria de Aveiro, chato, esguio, de ré e prôa levantadas, do typo classico e tão conhecido da gondola veneziana.

Sem nos internarmos n'uma questão de origens, onde só poderiamos estabelecer inconsistentes hypotheses, observemos estes barcos, um a um.

Antes, porém, notemos os seus caracteres geraes. Todos são de fundo chato — o que é imposto pela natureza do leito da ria, de grandes espraiados e cheia de bancos de areia ou *corôas*. É preciso que os barcos sejam de pouco calado e que possam facilmente deslizar sobre esses fundos, o que seria impossivel aos barcos de quilha. Todos teem as bicas de ré e de prôa levantadas, sendo a prôa sempre coberta, para agasalho da tripulação nas navegações mais longas e nas demoradas estações fóra da habitação terrestre. Todos usam o mastro alto e a vela trapezoidal muito elevada, para

apanhar o vento de cima ao atravessar os canaes ou a via fluvial do Vouga, abrigada pela cortina dos salgueiros. Todos, finalmente, são construidos de pinho—madeira em que a região é abundante—e ordinariamente embreados de negro ou de amarello, tendo a prôa e a borda cobertas de serradura, fixada pelo alcatrão, para facilitar a marcha aos barqueiros.

Os processos de tracção são quatro: a vela, a vara, os remos e a sirga.

A vela (á excepção das *caçadeiras,* que usam ás vezes um panno latino) é, como fica dito, de forma mais ou menos trapezoidal e variam de tamanho conforme as dimensões do barco. Os tecidos mais usados na confecção das velas são a chamada lona

Fig. 4—Barco *Moliceiro*

franceza, o brim, a estôpa e o tréo. Ordinariamente cada barco usa uma só vela. Os *moliceiros* é que ás vezes, em viagem, içam um segundo panno do mesmo typo, n'um mastro collocado á prôa, e as *mercanteis* reforçam o seu com um traquete. A parte superior da vela é fixada á *verga* pelos *envergues.* Suspende-a do mastro a *ostaga;* aperta-a contra este a *troça;* fixa-a na sua parte inferior a *amura;* esticam-n'a para a prôa, a fim de metter o barco para o vento, a *bolina* e o *bolinão;* prende-a, emfim, á ré, para a governar e temperar, a *escota.* A um terço de altura, na sua parte superior, ha as duas fiadas de *rizes* que servem para reduzir o panno.

A *vara* é uma comprida percha de pinho empregada especialmente pela *saleira,* pelo *moliceiro* e pela bateira *mercantel,* quer em occasiões de calma, quer para romper contra o vento. Mede de 6 a 8 metros de comprimento. Usa-se da seguinte forma: o barqueiro de pé, sobre a tolda que cobre a prôa, firma a vara no fundo do rio, junto á amurada e na direcção da ré. Depois encosta a extremidade superior contra

o peito, e curvado, segue pela borda fóra até perto da pôpa. Chegado ali, ergue a vara e caminha com ella sobre a borda, em direcção á prôa, arrastando-a ao lume d'agua, para, uma vez lá, repetir novamente a operação. Duas, tres varas são o sufficiente para manobrar um barco. Os *mercanteis,* porém, empregam muitas vezes quatro e seis, quando teem pressa de chegar com a sardinha da costa ao mercado de Aveiro.

Os remos, de pá recurva, girando sobre os *toletes* que se introduzem nos *kagados,* são quasi d'uso exclusivo das bateiras de pesca e das *caçadeiras.* As bateiras *mercanteis* empregam-n'os ás vezes—mas rarissimamente. As *saleiras* e os *moliceiros* nunca, pois que a sua construcção, carga, peso, etc., se não prestam a isso.

A tracção á *sirga* é um systema commum a todos os barcos. A *sirga* é uma longa corda, que se fixa na borda junto á prôa, e que um ou mais homens vão tirando da margem. É empregada, sobretudo, para navegar contra o vento e contra as correntes.

A construcção dos barcos é uma industria puramente local e tradicional. Ha talvez mais de cincoenta estaleiros espalhados pelas regiões que circumdam a ria. O que não admira, pois que o numero de barcos matriculados na capitania do porto de Aveiro ascende a mais de 4:200, e o barco moliceiro, typo mais numeroso pela natureza do serviço em que é usado, deteriora-se rapidamente e tem uma curta duração. Um pormenor interessante é que a maior parte d'esses estaleiros está situada no interior das terras, e não na proximidade da ria. De forma que é vulgar encontrar-se pelas estradas um grande barco novo, conduzido sobre carros tirados a duas juntas de bois, a caminho da ria, onde vae ser lançado. O mister de constructor é hereditario e quasi immemorial em algumas familias. Assim acontece com os Monicas, mecanicos admiraveis, de uma invenção e habilidade extraordinarias, cujo bisavô já dizia não ter noticia de que os seus antepassados tivessem tido outro officio. Os processos de construcção são os mais simples. Com um cordel para o alinhamento e um pequeno sarrafo onde estão todas as medidas e proporções a attender, o mestre risca, sobre o proprio solo, o fundo do barco e os vãos das cavernas. Lançado aquelle, entram estas a arquear-se, depois revestem-se de taboado as amuradas, elevam-se a prôa e a pôpa, alteiam-se as bicas, calafeta-se, embreia-se, pinta-se—e está o barco prompto a ir sulcar as aguas do rio, d'onde um dia o retirarão, a fim de queimar na lareira a sua carcassa pôdre, ou de lhe aproveitar a prôa para um gallinheiro ou um cortelho de porcos...

Vejámos agora cada um d'estes barcos, em separado.

A saleira

É o maior de todos os barcos da ria. O seu comprimento medio, de bica a bica, é de 18 metros e a bocca regula de $2^{m},60$ a $2^{m},70$. A capacidade de carga varía de 18 a 20:000 litros. Tem um mastro só, de pinho, de $8^{m},80$. A sua vela mede approximadamente 32 metros quadrados. Não faz uso de remos, mas emprega a vara, sempre que não navega com vento. É especialmente empregada na conducção do sal das marinhas para os armazens e depositos, e de lá para bordo dos navios que o veem carregar. Mas, além d'este destino especial, é o barco de carga por excellencia da ria, e sobe o Vouga, até ao seu extremo limite de navegabilidade. Afóra o cordeame e apparelho já

indicados, tem ainda os seguintes apetrechos: a *prancha* para a carga e descarga, a *canastra* para a baldeação do sal, o *vertedoiro* para exgotar a agua, o *lambaz* e a *vasssoira* para a limpeza. A prôa é sufficientemente vasta para n'ella dormirem dois ou tres homens. Tem prateleiras, onde se guardam as marmitas, as tigelas, os talheres, tudo o que é preciso para se fazer a cosinha, quando se anda por fóra, em serviço.

O moliceiro

Inferior em tamanho á *saleira* (13 metros em media da prôa á ré) é, comtudo, o

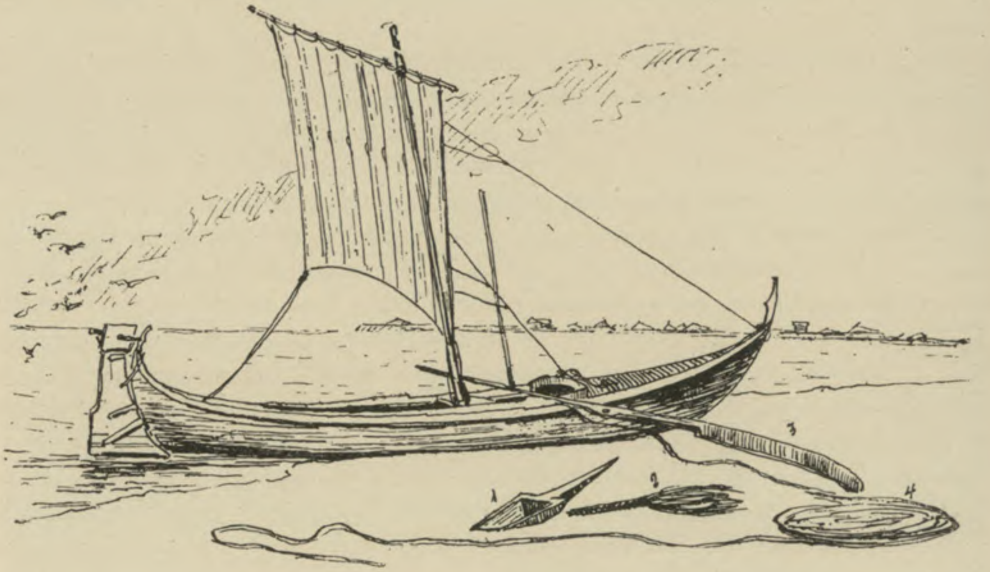


Fig. 5 — Bateira *Mercantel*
Legenda: 1, vertedoiro; 2, vassoira; 3, remo; 4, sirga

mais elegante e o mais rapido barco da ria, e aquelle cuja forma se distingue mais da dos outros. Muito baixos de borda, de bocca larga, bica da prôa elevada e recurva, a projecção d'esta dá a *silhouette* d'uma cabeça de cysne voltada para traz. Andam vertiginosamente á pôpa e bolinam muito bem. O mastro regula por 8 metros de altura e a vela tem uma superficie de 24^m quadrados. Como já se disse, arvoram muitas vezes um segundo mastro com uma vela mais pequena á prôa. Da mesma forma que a *saleira,* o *moliceiro* não faz uso de remos, mas sim da vara. Este barco é uma alfaia agricola, é o carro fluvial d'esses lavradores-barqueiros, que cultivam as dunas marginaes da ria ou as alluviões do Vouga. Empregam-se na apanha das algas (moliço) que cobrem todo o fundo da ria, e no seu transporte para as terras, que com ellas se adubam. A apanha faz-se da seguinte forma: ha dispostas na borda uma *forquilha* e uma outra peça de madeira chamada *tamanca* que amparam compridos e largos ancinhos de pau; esses ancinhos cravam os dentes na emmaranhada vegetação dos moliços. Im-

pellido pelo vento ou pelas varas, o barco avança e os ancinhos operam assim uma especie de dragagem, arrastando comsigo as algas. Quando os sentem pesados, os barqueiros recolhem-n'os, amontoam as algas no barco e tornam a metter os ancinhos nas forquilhas, repetindo indefinidamente esta operação. D'outras vezes, em sitios menos fundos, o moliço é ceifado á *gadanha* ou mesmo á *foicinha de mão* e recolhido depois para bordo. N'esta faina, os homens andam mettidos na agua, muitas vezes até ao peito.

Depois de colhido o moliço, é este sêcco na praia. Para o seu embarque e desembarque ha a *padiola,* e, para o carregar na *padiola* e o estender depois, ou juntar, o *engaço,* que é um gancho de ferro, tridentado.

Como o moliço molhado tem um grande peso, o que faz enterrar muito o barco,

Fig. 6 — Bateira murtozeira: ***Chinchorro***
Legenda: 1, toldo; 2, fateixa; 3, remo; 4, vertedoiro; 5, vara; 6, cabaça; 7, caldeira; 8, podão; 9, infusa; 10, tigela; 11, cabaz; 12, redes; 13, varas

usam estes duas taboas que se collocam sobre as bordas, para as elevar e evitar que a agua entre. Estas taboas chamam-se *falcas.* Outra taboa ha, chamada *pá da borda,* que se mette na agua d'encontro a esta, a sotavento, para não deixar arrolar ou descahir o barco quando bolina.

A prôa é tambem o camarote ou beliche dos tripulantes. N'ella dormem nas suas longas estações sobre a agua. Junto d'ella, da parte de fóra, ha uma pequena lareira de pedra, onde se faz a cosinha.

As velas dos *moliceiros* são, como a das *saleiras,* trapezoidaes. As velas ricas, que só se arvoram em dias de festa, nas romarias fluviaes ao S. Paio da Torreira, á Senhora das Areias de S. Jacintho, á Senhora da Saude da Costa Nova, á Senhora de Nazareth da Gafanha, etc., teem bordados interessantes, quasi todos multicôres, e feitos por meio da applicação de estofos diversos ao panno da vela: umas armas reaes, uma cruz, um vaso com flôres, etc.

As prôas e rés dos *moliceiros* são tambem revestidas de curiosissimas ornamentações pictoraes, cheias da mais caracteristica ingenuidade popular: animaes, figuras humanas deliciosamente grotescas, flôres, arabescos, o sol, a lua, tudo em polichromias berrantes e com motes e dizeres expressivos [1]. São d'uma extrema variedade esses vistosos paineis de que a nossa estampa colorida (Est. III) reproduz fielmente um specimen. O cavallo, o cão, o boi são os animaes mais usualmente reproduzidos. Tambem apparece o leão, como no nosso chromo, e algumas aves. Das figuras humanas a série é muito vasta: abundam generaes, a cavallo, de calças brancas, farda azul, chapeu armado, dragonas de cachos; filas de soldados d'arma ao hombro; namorados; damas e janotas; lavradores e lavradeiras; imagens de santos, etc.

Os barcos *moliceiros* costumam trazer a reboque uma pequena bateira *(matola*

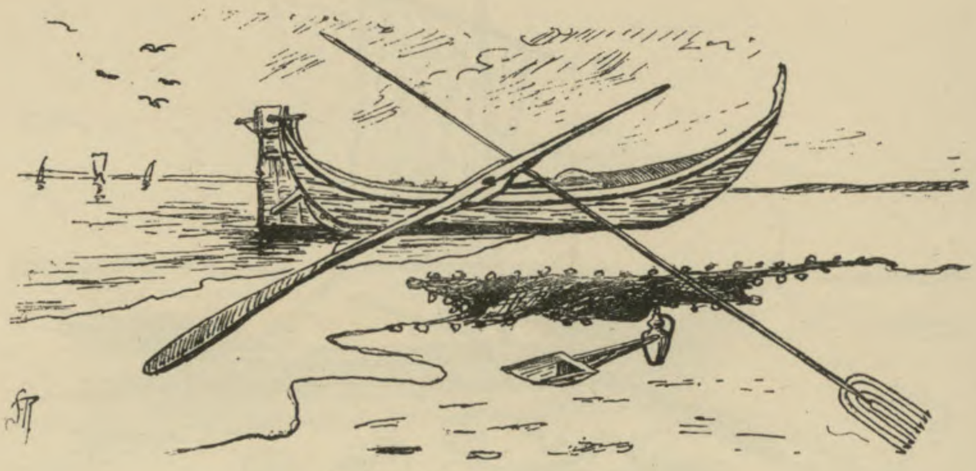


Fig. 7 — Bateira murtozeira: *Labrega*

ou ladra) de cerca de 3^m de comprido, que se manobra com uma vara e que serve ordinariamente para apanhar o moliço nas praias e nos pontos de menos fundo, onde o barco não póde chegar — o que dá origem á segunda das designações por que é conhecida.

A bateira mercantel

Occupa, em dimensões, o terceiro logar entre os barcos da ria. Regula por 11^m o seu comprimento medio de bica a bica. A forma approxima-se da das *saleiras*. A bica da prôa faz, porém, differença, como se póde ver dos desenhos respectivos. Outro detalhe que as differenceia é que na *saleira,* como no *moliceiro,* o barqueiro, ao trabalhar

[1] Eis alguns exemplos, na sua propria orthographia: *Andar ce paça a bida, Bamos com Deus, As mulheres querce gordas, Leão Belho, F... tudo,* etc.

com a vara, corre sobre a grossura feita pelos dois pranchões que revestem, interior e exteriormente, a extremidade superior das cavernas *(cinta,* o pranchão de fóra; *draga,* o de dentro), ao passo que, na *mercantel,* marcha sobre umas taboas largas, que se estendem internamente ao longo das bordas, e que se chamam *taboas de varear.* Á *mercantel* tambem se adaptam remos, mas que rarissimamente servem. São barcos rapidos e leves, empregados, como fica dito, no transporte da sardinha e de todo o pescado, das costas de pesca para as praças onde elle é vendido, quer para o consummo local, quer para exportação. O *mercantel* é o primeiro intermediario d'essa industria. Compra o peixe ás companhas e vende-o depois ás peixeiras, aos almocreves, a todos os que dos grandes centros d'esse commercio o vão espalhar pelo interior do paiz. Á vela, quando o vento o dá, arma muitas vezes um traquete para augmentar a veloci-

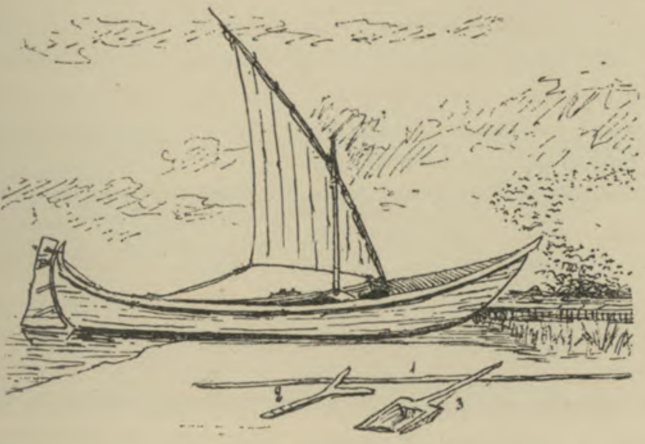


Fig. 8 — *Caçadeira*
Legenda: 1, vara; 2, forquilha; 3, vertedoiro

dade, imposta pela necessidade commercial de antecipar-se na venda aos outros concorrentes. A braço, chega a empregar seis varas. Além das canastras para o trafego da sardinha e sua lavagem, usam uns toldos de junco que se armam para a abrigar da chuva, quando sob ella teem de navegar. O velame approxima-se do da *saleira.* Só differe em ser mais pequeno (22 a 23^{m} quadrados). D'antes usavam a vela chamada do *rio doce,* curvilinea na sua parte inferior, como o representa o nosso desenho. Hoje adoptam a vela chamada *balgueza,* que é o typo tradicional dos *moliceiros.* Na prôa, as mesmas accommodações dos outros barcos.

Bateiras de pesca

Ha tres typos: o da bateira de Aveiro e Ilhavo, que é uma especie da *mercantel* pequena e os dois typos murtozeiros: a *labrega* e a *chinchorra* a que tambem chamam *esguicho.* Estas duas differem uma da outra em ser a segunda maior e muito mais arqueada e levantada de prôa e ré, approximando-se bastante do typo dos barcos do mar

da Torreira. Os desenhos que acompanham este artigo dão uma perfeita ideia d'essas differenças.

As bateiras de pesca usam habitualmente os remos, sobretudo durante as diversas operações de pescaria. Em viagem, porém, servem-se da vela trapezoidal, que é typica na região. Além das redes de diversas especies—*chinchas, saltadoiros, solheiras* ou *branqueiras* e *botirões,* das estacas, varas, fisgas, dos cestos e cabazes para o peixe, e outros apetrechos da arte, estas bateiras, que são a habitação do pescador durante toda a semana de trabalho, teem uns toldos oleados que prolongam o abrigo da prôa e sob os quaes a tripulação dorme, embrulhada em mantas e nos seus gabões de grosseiro briche.

A bateira de Aveiro e Ilhavo mede entre 9 e 10^{m} de comprimento. A *chinchorra* regula pelo mesmo, mas a *labrega* é um pouco mais pequena: 7^{m} pouco mais ou menos.

São diversos os processos de pesca e os systemas de redes. D'elles me occuparei mais tarde em outro artigo. Entretanto convem notar que as bateiras de Ilhavo e Aveiro empregam os *botirões* (rede de espera para todo o peixe), a *chinchorra* a *chincha* (rede de arrastar pequena) e as *labregas* a *solheira* ou *branqueira* para linguados e solhas e o *saltadoiro* para as taínhas.

Estes barcos exploram toda a ria, desde o Carregal até Vagos e o Areão. Fóra da sua região propria, encontram-se em todos os rios onde ha colonias piscatorias de Aveiro: o Douro, o Mondego, o Tejo, o Sado, a ria de Lagos e Portimão e o Guadiana. Algumas d'estas colonias fixam-se até em portos hespanhoes, como em Cadiz e Sevilha, mantendo sempre inconfundiveis a sua nacionalidade, os seus habitos, costumes e typo.

As bateiras *chinchorras,* assim chamadas por serem, como já se disse, as que mais se usam para o lançamento da *chincha,* teem, como os *moliceiros,* a particularidade de ser ornamentadas, á prôa e a ré, de varias pinturas e emblemas. Ao contrario, porém, dos *moliceiros,* cujos motivos ornamentaes são os mais diversos e de ordinario profanos, as pinturas das *chinchorras* reduzem-se apenas a imagens de santos e de santas.

A caçadeira

É um pequeno barco de 5 a 6^{m}. A prôa é cortada quasi horisontalmente, sem bica. Apenas as guarnições das bordas, prolongando-se, lhe fazem na frente como um curto esporão. Já ficou dito que era usada para a caça dos patos e das ribeirinhas, bem como para a passagem nos esteiros e sitios de pouca profundidade. Armam um latino ou uma pequena vela trapezoidal. É tambem tirada a remos ou á vara. Quando á caça, teem na prôa uma forquilha, onde descança o longo esmerilhão, d'antes usado para o tiro aos patos.

* * *

Afóra estes typos de barcos, apenas temos a citar as bateiras de passeio, que não são mais que *labregas*, pequenas *ilhavas*, ou *caçadeiras*, armadas com pannos latinos, pintadas a côres vivas (vermelho, verde, azul, amarello, cinzento) e d'uma construcção mais bem acabada. Os botes e escaleres não podem entrar, pelo seu caracter cosmopolita, na lista dos barcos typicos da região.

Fig. 9 — Bateira de pesca *Chinchorra*, com o toldo armado para a sésta

Tambem por me referir apenas aos barcos da ria, não encorpóro n'este estudo os *barcos do alto*, as grandes meias luas empregadas na pesca maritima, nem as *enviadas*, embarcações grandes d'um typo approximado ao das *mercanteis*, que aproveitando as bonanças e a favoravel monção da primavera sáem por mar para Lisboa, carregadas de madeira, sal e casca de carvalho ou salgueiro para o encasque das redes. Tripulam-n'as apenas dois ou tres homens, que por unico instrumento de marear levam uma tosca e ordinaria bussola. Negociada a carga, o dono da *enviada* vende de ordinario o barco, que é conhecido no Tejo pelo nome de *varino* e que ahi fica ou empregado na pesca da sardinha (tarrafa) ou na carga e descarga dos navios. E feito o negocio, volta para a sua terra, com o velame do barco e o producto d'esta curiosa especulação. N'estas *enviadas* vão tambem muitas vezes bateiras murtozeiras (4 a 5 em cada uma) e as suas tripulações, que seguem a exercer a sua industria nos rios do sul.

Extremamente prolificos, trabalhadores e aventurosos, o varino e o murtozeiro lançam para outras regiões fluviaes o excedente da densa população da sua raça, e, sem perder um só dos caracteres d'ella, fundam por longe numerosas, grandes e importantes colonias piscatorias. Encontram-se, como se disse, d'essas colonias ao longo de quasi toda a costa portugueza, e ainda junto á foz d'alguns rios hespanhoes.

A sua patria é o braço fluvial ou a linha da costa, onde a fortuna mais o favoreça. Para ahi leva primeiro o barco e as redes, depois a mulher e os filhos. Se os negocios lhe correm bem, se junta um peculio, faz a casa: o pequeno rez-do-chão, muito caiado e limpo, á moda da sua terra. A esta junta-se outra, depois outra, e toda uma povoação typica e caracteristica surge, como a Afurada, na margem do Douro, verdadeiras enkystações ethnicas, que o meio ambiente jámais logra absorver ou adulterar sequer. A familia constitue-se n'um rigoroso regimen endogamico—e isto basta a explicar a inalterabilidade do typo, a continuidade dos costumes, a fixidez dos habitos, que tornam esta raça um raro exemplar de pureza ethnica entre as outras que compõem esta familia politica e historica, que é a nação portugueza.

Luiz de Magalhães.

B. N. L.

Cliché de R. S.

Gr. Nat.

BRACELETES D'OURO DE ARNOZELLA

VARIA

NOTAS E COMMUNICAÇÕES

OS BRACELETES D'OURO DE ARNOZELLA

Registra-se mais uma descoberta de objectos d'ouro proto-historicos de caracter indeterminado.

O grupo de manilhas muito interessante e valioso, que está representado na estampa iv, é um d'esses achados de méro acaso, realisado em circumstancias occasionaes de que não ha noticia precisa. N'estes casos, e no geral, raramente se procura o especialista—basta o ourives para o peso, o toque e o valor—e quando, suspeitosos de um alto merecimento ignorado, os felizes descobridores veem até ao archeologo, ou são requisitados a mostrar-lhe o precioso achado, é sempre este apresentado de modo incompleto e envolto em cauto mysterio; obtida a reducção em moeda corrente da estimativa archeologica, de seguida se perde o fio d'esse thesouro escondido que difficilmente a sciencia registra ou os museus adquirem. E some-se de vez o mercante, desconfiado de que o preço é outro, mais alto ainda.

A historia d'estes pequenos factos repete-se; anteriormente foi descripto o acontecimento de Lebução [1], e este assemelha-se; justo é, portanto, não amontoar informes confusos ou simples conjecturas, e declarar desde já que são indeterminadas as condições de jazida d'esse grupo de armillas.

Sabe-se que foram encontradas na freguezia de Arnozella, comarca de Fafe—antigamente Termo da Villa de Basto; e conhecer-se-hão entretanto pela designação de *Braceletes de Arnozella* que serve de epigraphe a este artigo [2]. Esta simples indi-

---

[1] R. S., *O Thesouro de Lebução*, artigo publicado n'este tomo da *Portvgalia*, pags. 1 a 14.

[2] Soube-se da descoberta de Arnozella pelos jornaes da epocha, em 1903. Consegui estudar este grupo de braceletes por intermedio do meu amigo Antonio F. do Espirito Santo e concessão dos seus possuidores os negociantes Borges & Irmão, do Porto. Estava então fóra d'esta cidade e não tinha os elementos necessarios para fazer a analyse do ouro; por este motivo a não apresento. Muito embora as propostas para acquisição d'estes objectos, e a interferencia de amigos, não se concluiu a transacção. Consta-me, porém, que existem ainda em cofre esses objectos de ouro, na segura esperança talvez do melhor cambio.

Veio até aqui este achado por intermedio de gente da Lixa, e de começo se lhe attribuiu esta procedencia. O Dr. Eduardo de Freitas, cuidadoso investigador d'esta região, informa-nos sobre o local onde se encontrou o mólho dos braceletes: foi, de facto, em Arnozella, n'um pequeno valle da vertente norte da serra de Penouta, onde o acháram uns pedreiros, quando excavávam junto a um penedo, a dois palmos de profundidade. A proposito elucida o nosso amigo informador que junto a este penedo passára a velha estrada que de Cabeceiras de Basto se dirigia ao Porto, atravessando o importante povoado da Lixa; o local parece ter sido ponto de passagem de velhos caminhos, conduzindo para o Norte, a terras de Barroso, Chaves, etc., segundo o roteiro ainda hoje batido pelas caravanas dos almocreves.

No sitio não ha tradição nem vestigios de antiga povoação, nem tão pouco junto ao penedo encontrou o nosso informador outros indicios, o que o faz justamente suppôr que se trata de thesouro escondido a que o proprio penedo servia de marco de referencia.

cação que não satisfaz as exigencias do verbete para o archivo archeologico nacional, por sua vez não prejudica a importancia do achado que merece attento estudo como facto notavel da nossa pouco documentada proto-historia.

A estampa IV, em phototypo, mostra tal qual o achado, approximadamente no seu tamanho natural. Em uma argola de secção circular enfiam-se outras 19 de formas várias; é um mólho de 20 argolas d'ouro com o peso total de 533 grammas.

A cada um d'estes braceletes se attribuiu um numero, e agrupáram-se em conformidade com os seus caractéres typologicos. Destácam-se primeiramente as tres peças com forma ornamental ou lavores, as quaes mais propriamente teem o aspecto de joias, e as restantes de formas lizas disposéram-se em tres grupos, consoante a natureza geometrica da sua secção normal: rectangular, polygonal ou lenticular (de face interna plana ou concava) e circular ou elliptica. E, para não embaraçar a resenha descriptiva com a repetição da terminologia relativa ás dimensões e peso, organisou-se o quadro analytico que se segue onde estão expostas todas essas medidas proprias e fundamentaes.

QUADRO ANALYTICO DOS BRACELETES DE ARNOZELLA

GRUPOS	NUMERAÇÃO DOS EXEMPLARES	DIAMETRO INTERNO m. m. — Maximo	DIAMETRO INTERNO m. m. — Minimo	SECÇÃO m. m. — Largura ou diametro	PESO (approximado)	OBSERVAÇÕES — Os pesos são indicados em grammas e as dimensões em millimetros
I. Braceletes ornamentados	1	71	68	27	27	Diametro exterior — 73 m. m.
	2	69	67	17	29	» » — 71 »
	3	65,5	64	8	33	» » — 68 »
II. Braceletes lizos de secção rectangular (lamellares)	4	67	64	5,5	19	
III. Braceletes lizos de secção lenticular (plano-convexa)	5	71,5	64,5	5,5	32	Os n.os 5 e 6 constituem um grupo ligado por arame d'ouro, com o peso total de 80 gr.
	6	68,5	64	5,5 a 6	46	
	7	71,5	64,5	7,5	37	Os n.os 7 e 8 constituem um grupo ligado por fita d'ouro.
	8	62,5	59	3		
	9	71	-	8	31	
	10	72,5	69,5	5,5	32	
	11	64,5	61	5	35	
	12	64	63	5,5	33	
	13	54	-	3,5	17	Manilha aberta, apenas se mediu o diametro medio.
IV. Braceletes lizos de secção lenticular (concavo-convexa)	14	67	57	4	17	
	15	62	61,5	-	18	
V. Braceletes lizos de secção circular, elliptica	16	57	-	7	13	
	17	74,5	51	4	35	
	18	70	65	3	35	Os n.os 18 e 19 constituem um grupo ligado por um arame.
	19	70	65	2,5 a 3		
	20	65	-	2,5 a 3,8	36	
Somma dos pesos, em grammas					525	
A mais: peso de alguns fragmentos de arame					8	
Peso total do lóte					533	grammas

I. Braceletes ornamentados — Consta este grupo de tres especimens de aspecto ornamental. Os dois primeiros vêem-se nos extremos direito e esquerdo da estampa IV; são de folha de ouro ondeada. O bracelete n.º 1, com tres ondulações, é de chapa del-

gada—pouco mais de meio millimetro de espessura—e está bastante amolgado, tendo perdido a forma primitiva a qual seria de aspecto cylindrico circular; de face, em projecção orthogonal, está representado na fig. 1 em desenho schematico, segundo o seu perfil geometrico. Pela mesma forma a fig. 2 representa o bracelete n.° 2, apenas com duas ondulações intermedias; este é de chapa mais espessa, accusando maior peso, não obstante o seu menor diametro e altura. O original está deformado, como que torcido, apresentando á vista o aspecto d'uma lamina helicoidal.

Fig. 1—1/2 gr.

Teem estes braceletes um perfil semelhante ao da armilla de Lebução, e, como esta, apparentam a sobreposição de anneis; então se observou que este perfil ondulado não era raro em mobiliarios préhistoricos desde a edade do bronze, em objectos de adorno e de uso domestico—como nos cistos—feitos de chapa metallica trabalhada por martellagem. Muito parecido com o exemplar da fig. 2 é o bracelete d'ouro que se vê no Museu Archeologico de Madrid, na vitrine central da sala de *Antiguëdades Ibéricas y Celtibéricas*, n.° 16853; apresenta uma aresta (fig. 3), onde o nosso exemplar mostra uma reintrancia; os anneis são aqui convexos, emquanto que os do objecto de Madrid são concavos; é pois o simile inverso, o especimen de Arnozella visto ás avessas.

O bracelete n.° 3 (fig. 4) é tambem o terceiro a contar da direita na estampa IV. A espessura da chapa de ouro varía entre 12 e 15 decimillimetros; é ornamentado na face exterior, ligeiramente convexa, por dois traços longitudinaes parallelos, e ao longo dos dois bordos por uma serie contínua de miudas aspas obliquas, formando espinha. O desenho decorativo é imperfeito, os traços seguem ondeantes e o aspado que margina a peça é de execução irregular.

Estes tres especimens podem considerar-se propriamente como joias, pois se construiram com especial intuito decorativo emquanto á forma, acabamento e ornamentação. Os restantes, que pertencem ao nosso mólho de braceletes, são lizos, fundidos de uma só peça (os solidos originaes) e affeiçoados pela martellagem; não se lhes nota soldadura e verificam-se as series consecutivas de martelladas, quer internamente em golpes convergentes, quer exteriormente em series de impressões circulares. Segundo este mesmo processo se trabalháram tambem as peças primeiras, pois não se lhes encontram vestigios de solda, mesmo nas de laminas largas n.^{os} 1 e 2; o emprego da solda é verosimil; entretanto, explica-se o fabrico pelos recursos proprios da classica thoreutica quando mesmo em seus inicios. De resto, assaz rudimentares eram os moldes para taes reproducções, fôrmas que eram perdidas em seguida á fundição da peça, á maneira do systema ainda actualmente usado, assim chamado: de *fôrma perdida*.

Todos os especimens de n.^{os} 4 a 20 são grosseiros e massiços, sem cuidado algum de forma; visou-se a fazer argolas do metal precioso, nas dimensões apropriadas ao antebraço ou pulso, como braçaes ou manilhas. No quadro descriptivo de pag. 64 se notará a uniformidade dos diametros, como se obedecessem a um certo padrão, com o diametro medio de 65 millimetros.

II. Braceletes de secção rectangular—É a forma mais elementar da argola de chapa d'ouro, e comprehende apenas este grupo o exemplar de n.° 4. Nada tem de notavel a morphologia da singela peça, e apenas merece reparo um pedaço de arame que n'ella se enrosca como se mostra na fig. 5. Está assim este appenso, sem preoccupação decorativa, simplesmente enrolado para que ficasse preso á peça, como se fosse um contrapeso. Attentar-se-ha no diminuto incidente, o qual se repete, e que mais adeante nos auxiliará na interpretação do conjuncto.

Fig. 2—1/2 gr.

III. Braceletes de secção lenticular—a) Comprehende este grupo 10 exemplares. O typo será representado pelo especimen n.° 5 (fig. 6), de secção plano-convexa, ligeiramente polygonal. Alguns d'estes braceletes formam grupos de dois, como os

n.^{os} 5 e 6, unidos por um pedaço de fio d'ouro que pesa 2 gr., e os n.^{os} 7 e 8 amarrados com uma fita da largura de 3 m.m.

O bracelete n.º 7 tem ainda, como enfeite ou contrapeso, uma pequena tira de 2,5 m.m. de largura, que se enrola em forma de helice, adaptando-se justamente, com tres voltas visiveis pelo lado de fóra (fig. 7), rematando as pontas para o interior; o n.º 12 tem tambem enroscada em quatro voltas uma fita d'ouro, e o n.º 9 tem suspensos dois pedaços de arame de forma irregular que se não ajustam á peça (fig. 8). Este bracelete é aberto, assim como o de n.º 13. Parece que foi primitivamente fechado; partiu-se, porém, d'uma vez, e nas duas extremidades soltas foram abertos dois orificios com puncção rectangular, em seguida arredondados pelo arame de ligação, talvez um pequeno cravo rebatido a martello; a perfuração por percussão a frio, alargou a chapa e produziu as rebarbas consequentes, como mostra o proprio exemplar desenhado na fig. 9. Nada mais de interesse denota esta serie de argolas, a não ser imperfeições de fabríco que denunciam os processos de acabamento; não foram polidas ou brunidas a fim de uniformisar as superficies fazendo salientar o brilho permanente do ouro. O bracelete n.º 10 ainda accusa uma particularidade curiosa: parece que foi obtido de uma chapa larga e delgada, a qual se dobrou em ⊐, rebatida e martellada de modo a jungir as dobras ao corpo principal.

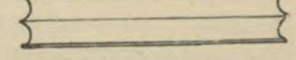


Fig. 3 — Do Museu de Madrid $^1/_2$ gr.

IV. Braceletes de secção lenticular — b) Fazem parte d'este grupo os braceletes n.^{os} 14 e 15, de secção concavo-convexa. A chapa, primitivamente rectangular, foi curvada pela percussão em sentido vertical; são simples as variantes e sempre de producção elementar. Ambos os exemplares teem enrolados contrapesos, uma fita d'ouro no n.º 14 e um arame no n.º 15 (fig. 10), que está solto, podendo correr ao longo do bracelete.

V. Braceletes de secção circular — Abrange esta secção os especimens de secção arredondada, circular, elliptica, ou outras similares, os quaes parecem resultantes tambem da forma quadrangular, por martellagem segundo as arestas. O bracelete n.º 16 é um simples pedaço de arame com os extremos soltos; os de n.^{os} 18 e 19 constituem grupo, amarrados por quatro voltas de arame, afilando para uma das pontas como parte de um ornato serpentiforme.

Por ultimo o n.º 20 é uma pulseira aberta, que servia de argola ao mólho das restantes manilhas; está muito deformada, devido isto certamente ao seu emprego especial e a terem sido primitivamente torcidas as pontas para a fechar; a secção vae-se reduzindo do centro para os extremos. Este exemplar partiu-se em dois fragmentos.

Após este ligeiro estudo, ha que concatenizar a diversa materia de observação em torno d'estes documentos, que não proveem certamente de uma arte e industria em rigor primitivas. Notam-se processos de technica metallurgica incompativeis com o grosseiro e humilde aspecto d'esta ourivesaria. São modelos de simplicidade primordial, annunciando apoucada imaginação, com manifesta ausencia de esthetica na sua composição. Não se patenteiam, mesmo, esses esboços decorativos que no geral enfeitam os apetrechos de adorno e os utensilios, em epochas correspondentes de civilisação. Assim se usava nos primordios dos metaes; o cinzelador do bronze, quando ignorava o ferro, fez melhor sob o ponto de vista industrial e artistico. O bronze foi em seu tempo um metal precioso; nunca, porém, tão raro e nobre como o ouro foi em todos os tempos e civilisações. Não se considerará, pois, sem especial reparo a orientação do nosso *aurifex,* vasando o ouro nos grosseiros moldes que alguns millenios antes serviram á confecção dos primitivos adornos de cobre. Claramente que não é o caso de uma auctorisada sobrevivencia; parece antes que um particular meio de producção, uma outra significação ou destino do producto industrial ou uma especial caracterisação artistica, deverão explicar a supposta desharmonia.

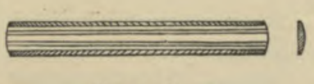


Fig. 4 — $^1/_2$ gr.

O ouro, de facto—pela raridade, pelo alto preço, pelo brilho e côr inalteraveis—é de per si joia de apreço e ornamental enfeite, usado em simples fios enrolados, nos pulsos, nos dedos ou nos cabellos, em argolas abertas servindo de brincos, de fibulas, em espiraes chatas ou bracteias lizas, como as lentejoulas, applicadas sobre peças de variada indumentária. Assim foram de começo o cobre e o bronze nos adornos das primeiras edades do metal; e assim são os enfeites de actuaes povos de primitiva cultura, em applicações rudimentares de cobre, de bronze e de latão. Hoje ainda, entre o riquissimo mostruario da fina joalheria, entre os productos sumptuosos nos quaes concorrem os altos recursos das actuaes artes e industrias—como monumentos em miniatura d'uma poderosa civilisação—encontram-se tambem, não como sobrevivencias, mas como joias e padrões representando symbolos ou medindo valores, objectos de extrema singeleza, de elementar construcção e de formas primitivas.

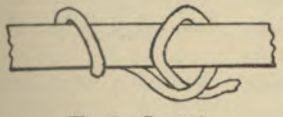


Fig. 5—Gr. nat.

Summulando os considerandos que o assumpto pretexta, façamos intervir como razão ethnica a inferioridade de talento artistico—comparadamente aos maiores—das populações aborigenes da antiga Ibéria, manifestando-se pela singeleza e mesquinhez dos modelos originaes, pela simplificação e grosseira adaptação das formas artisticas ou industriaes de importação. Esta falta de imaginação creadora, decerto que é feição de raça, pois se manifesta caracterisando as multiplas producções ibéricas; e d'ahi a persistencia das formas e dos typos—exemplo: agora com o ouro como ao tempo do cobre.

Em uma obra muito recente sobre archeologia peninsular [1], o professor Pierre Paris, occupando-se parcellarmente das joias da *Hispania,* considera separadamente as joias mais ornamentadas, como as xorcas de Cintra e Penella—no qual grupo entraria o Thesouro de Lebução—, e classifica-as de celtibéricas, pelo facto de que parecem productos d'uma industria indigena formada em contacto da industria celtica ou soffrendo a influencia d'esta; e designa pelo epitheto de *ibéricas* todas as demais em que o caracter de simplicidade melhor se conforma com o aspecto das producções propriamente ibéricas, cuja falta de senso esthetico mais adeante celébra.

Citarei o artigo anterior nas suas concordancias com o exposto [2]; ahi se tentou demonstrar o *estylo gaulez* ou *celtico* das peças de Lebução, quer fossem de importação ou de fabríco indigena; e se admittia como de caracter ibérico todos os demais objectos de ourivesaria em sua maior parte lizos e massiços, taes como estes de Arnozella e outros muitos encontrados entre nós e no paiz visinho.

E para notar é que muitas vezes apparecem em grupos, como se fossem riquezas accumuladas em esconderijos esquecidos. Além de Arnozella e Lebução temos, por exemplo: a serie de cinco braceletes de Folgosinho (Beira-Baixa) [3], do mesmo typo do achado da serra da Conceição (Algarve) [4]; as 16 manilhas das Baralhas (Macieira de Cambra) [5], das quaes reproduzo uma na fig. 11 do peso de 99,5 gr. e toque de 830 millesimos. São estas pulseiras de modelo aberto; entretanto

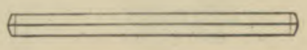


Fig. 6—$^1/_2$ gr.

[1] Pierre Paris, *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive,* Paris, 1904, t. II, pags. 246, 304 e segs.

[2] R. S., artigo cit., pags. 11, 13 e 14.

[3] F. Martins Sarmento, *Excursão scientifica á Serra da Estrella, Secção de archeologia, Relatorio,* Lisboa, 1883, pag. 15, est. V, figs. 11 e 12. Cf. *O Archeologo Português,* vol. II (1896), pag. 21.

Martins Sarmento recolhe ainda a noticia de se terem encontrado no Teixoso (Beira Baixa) argolas de ouro encadeadas e, proximo a Castello Reigoso, uma meada de arame de ouro.

[4] Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve,* Lisboa, 1891, t. IV, pag. 191, est. XXII, fig. 15.

[5] Cf. *Arch. Port.,* vol. II, pag. 86, onde se cita uma d'estas manilhas com 197 gr. O exemplar reproduzido na fig. 11 pertence ao sr. J. Gaspar da Graça, do Porto.

muitas do typo lizo como as de Arnozella se teem descoberto; citarei uma, de acaso, que ha poucos annos vi em Alijó [1], encontrada na Granja do mesmo nome, com 28 gr., semelhante ás argolas do grupo IV de secção concavo-convexa; algumas mais haveria que registrar—factos isolados como este—e de muitissimas outras ha noticia, as quaes foram fundidas pelos ourives, sendo completamente perdidas para o nosso inventario archeologico. Constituem a maior parcella os braceletes e torques lizos, comparativamente aos exemplares ornamentados [2]; estes são no ponto de vista numérico uma excepção. E', pois, justamente fundamentada sobre esta rude singeleza a caracteristica dos mobiliarios ibéricos propriamente autochtones.

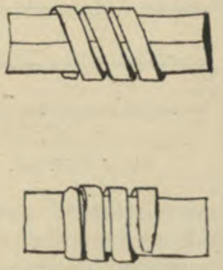


Fig. 7—Gr. nat.

De Hespanha contam factos analogos. No Museu de Madrid, na vitrine das *joyas ibéricas,* está sob o n.° 16843 (e diz-se procedente de Mujibar) um grupo de anneis que tem claras semelhanças com o mólho de manilhas de Arnozella; consta de um bracelete de ouro, aberto, a que estão suspensos 11 anneis de arame, tambem d'ouro, enrolado em espiral. Está representado na fig. 12, decalcado da grande obra de Henri e Louis Siret [3]; e a gravura dispensará que nos occupemos em minucias de descripção.

E' um caso simile do nosso, que se presta a curioso estudo comparativo. O arranjo d'estes mólhos de argolas, com effeito, e mesmo a configuração particular de cada peça, fazem suppôr que a estes objectos foi dado outro emprego que não exclusivamente o de enfeites ou joias. Observar-se-ha a disposição do especimen de Madrid que torna incommodo o seu uso como adorno do pulso; e na collecção de Arnozella notar-se-ha a mesma impropriedade nos grupos de braceletes ligados, ainda mais o accessorio de pequenos pedaços de arame, enrolados nos braceletes, que não podem considerar-se sequer como pingentes decorativos, e talvez que como simples contrapesos para accrescentar o valor em metal do proprio bracelete, ou perfazer determinado peso. No grupo de Arnozella, demais, as peças que pelo seu aspecto ornamental consideramos como joias, são objectos avariados, fóra de uso talvez, e que de adornos passáram a outra applicação, juntos ás outras argolas lizas, de sorte a completar um lóte de uma certa quantidade de ouro.

Fig. 8—1/2 gr.

Não accusam modalidade pela qual se prestem a interpretações symbolistas e resta, portanto, que se considerem estes objectos como representações de riquezas, medidas de valor, instrumentos de troca, finalmente, como *moedas.*

No Museu de Stockolmo [4] desde muito se classificam de *moedas* os pequenos anneis d'ouro lizos, em forma de espiral, por vezes enfiados em grandes anneis abertos, os quaes serviriam de *porte-monnaies;* classificam-se estes objectos na epocha do ferro. O palethnologo historico Désor (em 1870) teve a ideia de considerar tambem como moeda pequenos anneis de bronze que se encontravam nos lagos francezes, e tomava-se como prova

---

[1] Examinei este bracelete em Alijó, em 26 de maio de 1901. Tinha sido encontrado, havia 2 ou 3 annos, suspenso ao pescoço de uma cabra, servindo de argola de prisão. Pertence ao sr. Torquato L. de Magalhães.

[2] No artigo cit., do *Arch. Port.,* o sr. L. DE VASCONCELLOS enumera 22 armillas, das quaes 6 ornamentadas.—O sr. P. PARIS, op. cit., pag. 246, faz a mesma nota; erradamente, porém, cita 21; a estas ha que accrescentar os braceletes das Baralhas, o Thesouro de Lebução, estas peças de Arnozella e de Alijó, o que já perfaz um total de 63 peças d'ouro, das quaes se podem considerar 10 ornamentadas, sendo 4 com desenhos *celticos.*

[3] ENRIQUE Y LUIS SIRET, *Las primeras edades del metal en el Sudeste de España,* Barcelona, 1890, pag. 314, est. XXVI.

[4] *Matériaux pour l'Histoire de l'Homme,* Paris, 1870-71, t. VI, pag. 231, fig. 78.—Vid. O. MONTELIUS, *Les temps préhistoriques en Suède,* Paris, 1895, pag. 204, fig. 287.

confirmativa o grupo de anneis de Estavayer [1] em que serve de ligadura ou *bolsa* um annel aberto de estanho. Então comparáva-se o facto com o uso das *sapécas* chinezas, moedas perfuradas que é de uso enfiar á maneira de rosario, e com as armillas de cobre, latão e ferro que entre negros d'Africa servem tambem de moeda.

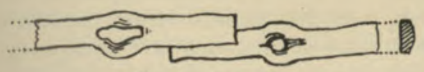


Fig. 9 — Gr. nat.

Mais tarde o Dr. Much publíca em Vienna [2] uma erudita memoria sobre os anneis-moeda — Baugen und Ringen — incluindo n'esta classificação os anneis e argolas de secções variadas, que, se bem podiam ter sido usados como joias ou enfeites, tambem servíram para transacções commerciaes como valores monetarios.

Todo o commercio se iniciou primitivamente nos differentes povos pela troca simples de objectos; a *moeda* propriamente dita só appareceu em tempos historicos. Multiplas medidas de valores, de trafico commercial, foram usadas antes da afamada moeda da Papulonia, que se dizia a primigenia, e da qual os Etruscos se considerávam os inventores. Em verdade, pelo velho paiz da Etruria, desde eras muito afastadas, fôra em uso o systema monetario nas communs transacções commerciaes, empregando como padrões de valores os metaes preciosos [3]. Outros povos, porém, os precedêram. Sobre um tumulo de Seqqarah, no Egypto, desenha-se uma scena de bazar na qual um comprador vae para o mercado com varios objectos e uma pequena caixa cheia de anneis de cobre, prata e ouro, do peso de um *tabnou* (91 a 92 gr.) [4], que elle se propõe trocar por generos de sua necessidade. O exemplo é flagrante. Os Chaldeus, assim como os Egypcios, não conheciam a moeda; todavia, manejavam todos os metaes preciosos como material de troca; *pesar* era na linguagem corrente a expressão do pagamento em metal e *medir* a do pagamento em grãos; a unidade inferior do peso era o *siclo* de $8^{gr.}$,415; sessenta ciclos faziam uma *mina* e sessenta minas um *talento* [5]. De resto, tambem em Troia, na segunda cidade, foram encontradas barras de prata (talentos) que se consideram peças de moeda pré-homericas [6]; e averigua-se que em outros mais paizes classicos do mundo mediterranense se servíram dos metaes raros como instrumentos de troca, quer em forma de barras mais ou menos regulares, quer em forma de joias e utensilios. Tudo isto se passa em eras anteriores á da moeda cunhada de Égina, que os gregos attribuem ao 7.º seculo a. C. [7], a qual se tem verosimilmente como a *primeira*, anterior, portanto, ao celebre exemplar etrusco, que se deverá datar do 5.º seculo a. C.

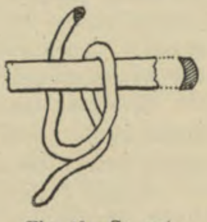


Fig. 10 — Gr. nat.

Esta diversão pelo velho mundo, que se intitula do Oriente classico, tão sómente se utilisa na demonstração da hypothese dos anneis e braceletes-moedas que se encontram na Peninsula Ibérica, tambem do velho mundo do Occidente classico.

Sommaremos aos casos de argolas feitas de ouro os casos anteriores e contemporaneos de cobre, bronze e prata. Para este

---

[1] *Matériaux*, etc., t. cit., pag. 249, fig. 84.

[2] *Matériaux*, etc., t. XIV (1879), pags. 286 a 288.

[3] A. NOËL DES VERGERS, *L'E'trurie et les E'trusques*, Paris, 1862-64, t. I, pag. 257. Cf. OTOF. MÜLLER, *Die Etrusker*, t. I, cap. IV, § 12-20.

[4] G. MASPÉRO, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient classique*, t. I, *Les origines*, Paris, 1895, pag. 323 e nota.

[5] Ibidem, pag. 749.

[6] H. SCHLIEMANN, *Ilios*, ed. franceza, Paris, 1885, pag. 591, figs. 851 a 856. Em Troia encontram-se os anneis espiraloides e grosseiros de fio de ouro (pag. 568, figs. 745 a 747) e os braceletes lizos em grupos (figs. 753 a 757) improprios como joias. Cf. *L'Anthropologie*, t. IX (1898), pag. 455, not. bibl. a proposito de DR. A. GOETZE, *Die trojanischen Silversbarren*, etc.

Em Mycénas tambem apparecem os anneis em espira; vid.: H. SCHLIEMANN, *Mycènes*, e l. franceza, Paris, 1879, fig. 529 e cf. PERROT et CHIPIEZ, *Histoire de l'art*, t. VI, pag. 341, fig. 113.

[7] DAREMBERG & SAGLIO, *Dictionnaire des antiquités*, etc., voc. *Moneta*, pag. 1964.

effeito, offerece-nos quantiosos especimens catalogados o vasto album de Henri e Louis Siret na parte em que expõe os mobiliarios das estações de El Argar, desde estampas n.º 25 a n.º 54; são numerosos os exemplares de anneis e braceletes de cobre e bronze, de prata e ouro mais raros, construidos de um arame de grossura vária, em argola fechada ou enrolada em espira de uma a seis voltas, com diametros diversos consoante o uso: para braçaes, manilhas ou brincos, etc.; em muitos casos os auctores os suppõem applicados sobre peças de vestuario ou nos penteados das mulheres. A estes, em quantidade realmente extraordinaria, se poderá applicar o ponto de vista de que, muito embora tenham servido de enfeites, se prestariam tambem a representar de moedas. Justamente faz notar o Dr. Much que os dois usos não se prejudicam; é facto que «as populações do Oriente, mesmo na Austria, ornamentam o seu vestuario e os penteados com moedas de ouro e prata»[1]; o mesmo uso existe entre os tziganos e não raro entre algumas das populações do Meio-dia da Peninsula.

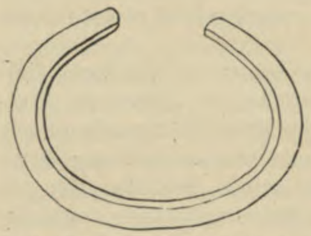


Fig. 11 — Manilha das Baralhas ½ gr.

Não especialisando esse emprego da moeda cunhada, desde a muito antiga á contemporanea, enfeitando alfinetes, fibulas, berloques, adereços varios, considerar-se-ha inversamente o uso do objecto de ourivesaria, joia ou baixella, como fixação ou capitalisação de riqueza, como representação de moeda. Entre as antigas e entre as nossas actuaes povoações aldeãs, a ourivesaria de singelos motivos ethnographicos, como a pesada volta de cordão, cadeia ou contas com os seus volumosos pendentes de filigrana, as grossas arrecadas, as argolas para os dedos e para os pulsos, constituem riqueza capitalisada, bem movel, de tamanha valía como o thesouro de dobrões d'ouro. São um valor commercial, de troca, venda ou penhor, representam um dote ou capital, e contam-se sempre pelo peso do ouro, o genuino ouro de lei.

O Dr. Much encontra tambem pela velha litteratura nordica a traça d'esta forma monetaria. As antigas designações de anneis teem ahi o sentido de riquezas. Nos cantos scandinavos o termo *bauge* apparece com o sentido de moeda, preço, fortuna, etc.; um rei diz-se rico porque possue muitas fortalezas e *baugen;* um outro é qualificado de generoso, porque distribue anneis; contam-se por centenas e centenas de mil e importam-se caixas cheias de anneis; um auctor latino do seculo IX traduz *baugen* por *armilla.* Aponta ainda o Dr. Much a singularidade de se encontrar em francez a palavra *bague* no sentido de riquezas, exemplo: «vie et bagues sauves»[2].

E diz-se assim em francez, por maneira parecida ao nosso dito popular: «tem muito bago» querendo significar «tem muito dinheiro ou fortuna». Attribue-se a *bague* e *bago* a mesma origem latina *baga* ou *baca.*

Egual distincção entre os braceletes e anneis, respectivamente joias e moedas, faz J. de Morgan no seu estudo sobre as necropoles de Lelwar, na Armenia Russa[3]. Dispondo em series os differentes pesos das numerosas manilhas de bronze d'aquellas regiões, observa entre os grupos relações arithmeticas; d'elles toma as medias, as quaes se relacionam como se fossem multiplos fraccionarios de um factor commum; e chega a obter para valor d'essa unidade media o numero de 8$^{gr.}$,352 a que chama *siclo caucasico,* muito proximo do *siclo assyrio* de 8$^{gr.}$,415 (F. Lenormant). Conclue então pela approximação d'estes valores que os povos *allophylos* da Asia Menor usavam para os seus pesos as medidas *ninivitas.*

E' interessante a coincidencia notada em Lelwar de que a quantidade do metal encontrado em uma sepultura está em manifesta relação com a riqueza do morto; assim, nos tumulos em que os anneis de bronze são mais abundantes, os mobiliarios funebres

---

1 e 2 *Matériaux,* etc., tomo cit., XIV, pag. 288.
3 J. DE MORGAN, *Mission scientifique au Caucase,* t. I, Paris, 1889, pags. 107 a 113.

mostram-se mais ricos e melhor ornamentados. Os braceletes e anneis não são aqui simples objectos de adereço.

Applicando o mesmo calculo á serie dos braceletes d'ouro de Arnozella, abstrahindo os exemplares nitidamente ornamentaes, formam-se dois grupos de pesos:

O primeiro: 13, 2×17, 18, 19, que dá a media de 16,800.

O segundo: 31, 2×32, 2×33, 3×35, 36, 37, que dá a media de 33,900; tanto as series de algarismos como as medias apresentam quantidades que são approximadamente no segundo grupo o dobro do primeiro.

Tomando a media dos siclos medios obtem-se o numero 8,432, intermedio tambem entre os algarismos 8 e 9. A serie de observações não é bastante para um calculo arithmetico de resultados exactos; entretanto, considerando hypotheticamente aquelle numero medio como valor provavel do *siclo ibérico,* obtem-se por multiplicação valores proximos dos que entram nas series. Uma certa relação de proporção liga esses numeros, como se nota no quadro anterior; e o factor commum, ou siclo, é, com erro de decigrammas, approximado dos siclos caucasico e assyrio.

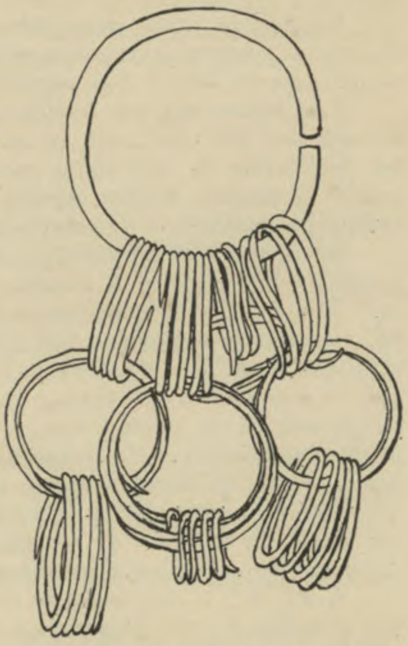


Fig. 12—Do Museu de Madrid—1/2 gr.

A somma dos pesos, ou o peso total do nosso grupo é de 533 gr., o qual, deduzindo a argola de segurança, se transforma em 497 gr., numero que se approxima do valor de *uma mina* de 60 siclos ou seja: 60×8$^{gr.}$,432=505$^{gr.}$,920; parallelamente se verificará que o achado de Lebução pésa em seu total 459$^{gr.}$,900, isto é, cêrca de 500 gr. com os pedaços em falta.

Esta coincidencia é digna de nota, pois que, em tal caso, o Thesouro de Lebução ou o mólho de braceletes de Arnozella representariam um valor de medida, *uma mina,* peso correlativo da actual libra ou arratel, cujo valor antigamente muito variavel de povo para povo, ainda o é hoje entre os diversos povoados de um paiz.

Todo este cálculo se fundamenta em operações de méra curiosidade; as balanças primitivas não eram, decerto, instrumentos de precisão e produziriam grosseiro erro (talvez de gramma ou para mais); outros erros se accrescentam ainda na applicação das nossas unidades e apparelhos de pesagem a esses antigos padrões. Não obstante, por sua vez, a velha arithmetica auxilia a interpretação archeologica; e julgo que bem merecida é a pena de applicar o mesmo cálculo aos mobiliarios peninsulares das edades metallicas, pois se verificaria melhor o valor d'esse siclo ou padrão de peso, o ibérico como o assyrio (oscillando entre 8 e 9 gr.), confirmando-se ao mesmo tempo a verdade que houvér n'esta hypothese, assaz verosimil, dos braceletes e anneis moedas.

Sob este novo ponto de vista se eleva a impórtancia dos exemplares de Arnozella e de Madrid, como procedentes da Peninsula Ibérica, de um paiz que foi desde a mais alta antiguidade centro de exploração e de irradiação dos metaes preciosos, nucleo occidental das antigas industrias metallurgicas e cujas innumeras enseadas ou as pequenas *abras* costeiras foram afamados emporios commerciaes ou frequentadas estações de activo trafego maritimo.

O problema ahi fica exposto, segundo formula integrante, embora hypothetica, para que detidamente se analyse.

Ricardo Severo.

OS TORQUES DE ALMOSTER

Remexendo várias notas sobre ourivesaria primitiva, quando preparava os artigos anteriores, encontro curiosos apontamentos no tocante a este rico achado de Almoster, o qual data de 1893 e hoje é pertença do Museu Ethnologico Portuguez.

Terá algum interesse bibliographico a sua publicação, na companhia das precedentes noticias; por este modo se agrupam n'este fasciculo da *Portvgalia* as mais recentes descobertas de ourivesaria protohistorica feitas em Portugal; em particular, faz-se publico o desenho d'estes objectos de Almoster, talvez inédito, se bem que haja sido váriamente noticiada a descoberta [1].

Informou-me a proposito d'este facto o fallecido official do exercito A. B. de Figueiredo, que escreveu a respeito quatro folhetins no *Jornal de Santarem* de 1893 (n.os 514 a 517), os quaes me enviou ao mesmo tempo que uma serie curiosa de cartas. Occorrencia comesinha, isto pretextou uma verbosa polémica, de caracter mais litterario que scientifico. Replicou A. E. de F. Cavalleiro e Sousa no *Commercio de Portugal*, de dezembro d'esse anno, e retorquiu, esclarecendo, B. de Figueiredo, no primeiro jornal, em 29 do mesmo mez. A discrepancia estava na attribuição do destino appropriado aos objectos: este insiste em que são braceletes para serem collocados no ante-braço, acima do biceps e abaixo da axilla, aquelle considera-os como collares ou torques; ambos os escriptores concordam em que são préhistoricos, da *edade do bronze*, por causa da ausencia de ornamentação, factura primitiva, forma elementar, e pela comparação com similes d'aquella edade.

A fig. n.º 1 representa os dous objectos de Almoster reduzidos a um quarto da sua grandeza [2]: um fragmento e uma peça completa. Trata-se, pois, de duas argolas eguaes, uma d'ellas (a partida) de maior peso que a inteira. O peso total é de 627 gr., sendo de 381gr.,500 o do objecto perfeito, e de 245gr.,500 o do fragmento; e este, constituindo menos da metade, induz a attribuir cerca de 500 gr. á xorca a que perteneria, em seu estado completo. O ouro é de 900 millesimos, isto é, de notoria pureza.

A peça inteira é constituida por uma argola aberta, de secção circular, em forma de sanguesuga, adelgaçando para as pontas, as quaes se dobram em gancho para o lado de fóra, terminando em pequenos botões roliços. No mais fechado d'estes ganchos engasta-se um élo de grosso arame d'ouro que serve de fecho á argola, enfiando-se no outro gancho mais aberto; este presta aqui de fusilhão ou colchete. E' uma disposição de systema rudimentar.

O maior diametro da secção transversal é de 11,5 millimetros e o minimo de 5,5 millimetros; o diametro medio da argola é de 110 millimetros. As duas peças são massiças, lizas, sem decoração; o nosso desenho, representando o simples contorno linear, exprime de modo completo o objecto e resume graphicamente a sua descripção. O peso, a forma da argola, o arranjo do fecho, o aspecto do todo, conduzem-me a classificar este adereço, contrariamente á opinião do mallogrado informador, como *torque* e não como *armilla*. Com effeito, a distribuição da massa, cujo centro de gravidade ficaria na secção maxima, forçar-lhe-hia, quando suspenso, a posição vertical que tem no desenho; uma vez enfiado no ante-braço, o fecho ficaria para a parte do hombro e o ventre da pesada

---

[1] *Arch. Port.*, vol. II, 1896, pag. 21.

[2] Foi decalcado o desenho de uma photographia feita por Sequeira, de Santarem. No verso estava collado um papel com os seguintes dizeres: «Photographia de umas anilhas d'ouro, com o peso de 627 gr., achadas por Antonio Gonçalves, menor de 14 annos, no dia 7 de maio de 1893, n'uma charneca chamada a Boa-Vista, proximo a Almoster, pertencentes hoje a Laurentino Verissimo, por as haver arrematado em hasta publica, no tribunal judicial da comarca de Santarem, no dia 30 de junho do corrente anno. P. S.: pede-se aos cavalheiros entendidos em archeologia o favor da descripção da sua antiguidade. Correspondencia para Laurentino Verissimo, Santarem (Portugal)».

sanguesuga d'ouro cahiria, escondendo-se para debaixo da axilla; não se equilibraria ahi uma tal joia em situação tão impropria quanto incommoda, a menos que não se collocasse sobre o hombro á maneira de dragona. A sua demasiada abertura ou diametro, tambem nos desvia d'esse destino; que tal não deveria ser a grossura d'esse ante-braço a que teria de applicar-se uma armilla de tamanha largura! Sabido é, de mais, que o braçal só se segura n'essa parte do ante-braço quando bem justo e apertado. O proprio fecho, em caso de um braço normal, não tinha applicação; torna-se na armilla um accessorio inutil.

No geral, todos os objectos de adorno—como os demais de vasto mobiliario—obedecem á lei fundamental de equilibrio e symetria, sempre francamente concorde com o seu uso e destino; são funcções simples das circumstancias elementares de materia, fabríco e adaptação. Tomar-se-ha, pois, como principio corrente que todos os adornos do ante-braço deverão ser homogeneos e symetricos na distribuição da sua massa, como o são no commum todas as armillas braçaes.

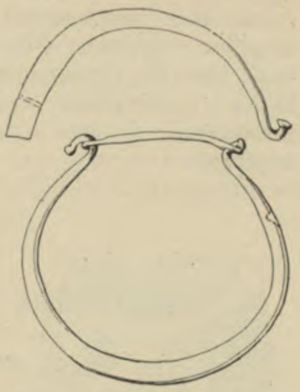


Fig. 1—Torques de Almoster 1/4 gr.

A forma que temos presente poderá considerar-se privativa dos adornos do cóllo; é uma peça destinada a pousar horisontalmente; a sua applicação a modo de colleira, com o fecho para o lado da nuca ou mesmo para a frente, apresenta-se como a mais logica e verosimil. A melhor posição do adereço seria, talvez, com o travessão para o lado de traz, ficando a ornamentar o cóllo, de face, o grosso e brilhante vergalhão de ouro. E', pois, de meu parecer, um collar ou torque.

Estas considerações se ajustarão, seguindo a mesma logica, ao sumptuoso exemplar de Cintra—o *collar da Penha Verde*—cujo uso foi assaz discutido [1] e o qual egualmente classifico de *torque*. Vem a preceito frisar a semelhança formal entre estes adornos; com effeito, a sobreposição de tres argolas do typo de Almoster, de diametro variavel, produziria o exterior formato do adereço de Cintra; em ambos existe um fecho independente que engancha os dois ramos do torque, facto que é notorio e, em certo modo, um caracter typologico d'este grupo de joias do paiz lusitano.

O contorno em sanguesuga e a terminação em ganchos (que se acolchetam directamente ou se ligam por élos de arame) são circumstancias proprias dos torques da edade do bronze e tambem de epochas posteriores; assim é a galba geral dos torques de prata do Museu de Madrid [2] com o corpo torcido, á semelhança dos typos classicos, de outros muitos enfeites do pescoço e cóllo superiormente ornamentados, e finalmente de todos os collares, desde as primitivas enfiadas de pedras, contas, objectos multiplos e vários, sempre augmentando de volume dos extremos para o centro, que uma conta ou pingente maior salienta, servindo de amuleto, insignia ou de adorno.

Quanto á data que compete aos torques de Almoster, tanto poderia ser a da era do bronze como de outras subsequentes. E se á sua forma primitiva parece corresponder primitiva procedencia, esta não se conclue todavia d'aquella.

Já anteriormente ensaiei demonstrar quam enganosas eram taes premissas. Verdade é que persistiram até nossos dias essas mesmas primitivas formas em várias artes e industrias; a deducção do esclarecimento chronologico, baseada na sua rudimentar forma, é por consequencia raciocinio de todo erroneo. Datar-se-hia de certeza o objecto em si, quando a par de outros documentos archeologicos em commum jazida; não nos

[1] R. S., artigo ant., pag. 8 e notas. No trabalho de L. de Vasconcellos ahi citado, este auctor tenta justificar o uso d'esta *xorca:* «para trazer na parte inferior da coxa, superiormente ao joelho». Nada esclarecem a este respeito as suas provas, e em contrario me levam a considerar de nenhum cabimento tal supposição.

[2] Pierre Paris, op. cit., t. ii, pl. vii.

é dado, entretanto, datar-lhe a forma, a não ser que caracteristicas da sua morphologia, da sua ornamentação, do seu uso, etc., nos conduzam a um certo estylo, a um modelo typico. Entre nós, e mesmo fóra de nós, não está ainda constituida de modo completo essa serie typologica; e quando mais perfeita essa classificação, em series regionaes, apenas se fundamenta em padrões de valor local.

Colloquemos, entrementes, esses torques ao lado das restantes armillas lizas, massiças (ora em forma de sanguesuga) que se teem recolhido do solo peninsular, e chamemos-lhes genericamente *joias ibéricas*, tomando como base esse caracter de rude singeleza e grosseira feitura; esta epigraphe geral e provisoria, que agora abrange mais estas joias de Almoster, não terá valor chronologico e tão sómente significação archeologica e geographica; entretanto, desde já exprime a ideia de que são protohistoricas, préromanas, de arte indigena. E' o que, por emquanto, prudencialmente se poderá avançar.

RICARDO SEVERO.

SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL

Como em Traz-os-Montes, denominam-se vulgarmente «paneleiros» os ceramistas rusticos dos logares de Villa Secca e Corujeira, freguesia de Gondar, no concelho de Amarante, e ainda os de Lordello, freguesia de Ancêde, e os de Paredes, freguesia de Gôve, ambas no concelho de Baião. Em cada uma das localidades referidas constituem os oleiros verdadeiras corporações quasi exclusivamente votadas ao fabríco da loiça negra.

A materia prima que empregam os de Amarante procede d'um logar da freguesia de Bustello (Fornello) e compram-a a dose, quinze ou desoito tostões o carro, segundo a categoria assim differenciada:

Barro asul

Côr primitiva	Asulada
Côr depois de calcinado	Acastanhada
Vestigios de carbonatos.	
Residuo por levigação	22 %
Argilla	78 »

Barro amarello

Côr primitiva	Amarello-clara
Côr depois de calcinado	Amarello-avermelhada
Não contem carbonatos.	
Residuo por levigação	40.8 %
Argilla	59.2 »

Barro cinzento

Côr primitiva	Acinzentada
Côr depois de calcinado	Acinzentada
Não contem carbonatos.	
Residuo por levigação	64.8 %
Argilla	35.2 »
Barro muito impuro.	

A que utilisam os de Baião egualmente se distribue por tres classes [1]:

Amostra I

Côr primitiva	Cinzento-clara (perola)
Côr depois de calcinada	De carne
Não contem carbonatos.	
Residuo por levigação	12.0 %
Argilla pura	88.0 »

---

[1] As seis analyses foram effectuadas obsequiosamente, a pedido do A., pelo insigne chimico e professor, sr. Charles Lepierre.

Amostra II

Côr primitiva	Branco-acinzentada (aspecto micaceo)
Côr depois de calcinada	Cinzenta, levemente avermelhada
Não contem carbonatos.	
Residuo por levigação	22 % (areias micaceas)
Argilla	78 »

Amostra III

Côr primitiva	Amarellada
Côr depois de calcinada	De carne
Não contem carbonatos.	
Residuo por levigação	43.6 %
Argilla	56.4 »

Qualquer d'ellas buscam-as de acaso nas *barreiras,* abrindo galerias bastante profundas e não raras vezes com a anciada imprevidencia que explica os desabamentos em que um ou outro fica momentaneamente soterrado. Para a extracção do barro reunem-se todos, ou de Paredes, ou de Lordello, trabalham á vez, e ao fim do dia repartem-o egualmente. E' um serviço em communidade, analogamente ao que succede com os oleiros de Telhado, no Fundão, os quaes, sendo trinta ou quarenta, cosem a sua loiça em cinco fornos pertencentes á classe [1].

Fig. 1—Pico (Villa Secca)

Fig. 2—Pia (Villa Secca)

Juntas duas d'estas substancias n'uma proporção de palpite, ou, pelos de Amarante, doseados o amarello e asul ou o amarello e o cinzento ainda por instincto e pratica, procede-se á trituração com um *pico* (fig. 1) ou maço de carvalho, n'uma *pia* (fig. 2), especie de grande conca obtida n'uma raiz de velha arvore, e seguidamente se passam por um crivo de pelle de chibo (Baião) ou de carneiro (Amarante). E' então que n'uma masseira de pinho e com agua se prepara o barro plastico destinado a ir breve para a *roda.*

Este apparelho, ordinariamente de carvalho, raro de nogueira (Baião), compõe-se d'um estrado rectangular, o *trabul* ou *trabúlo,* do centro do qual se ergue um eixo, o *quisso,* para o alto. Em torno d'este mover-se-ha o *tampo* ou *tabuão,* grande disco com $0^m,80$ de diametro e $0^m,06$ ou $0^m,08$ de espessura [2]. Não ha attrito directo entre a roda e o trabul: inferiormente a ella crusam-se duas espessas regoas, as *pombas,* que effectuam esse contacto inevitavel e que se afastam do disco pelas *cravelhas,* ou sejam curtas espiguetas de madeira (fig. 3). Em face á roda o oleiro, com a mão direita, imprime-lhe frequentemente o movimento necessario e logo com as duas modela a pasta e guia a curva (fig. 4).

Depara-se-nos, pois, uma sobrevivencia da roda primitiva, já figurada nas necropoles de Thebas e de Memphis [3], ulteriormente adoptada na Asia Menor e na Grecia e bem plausivelmente a descripta na *Illiada* [4]. Foi ainda este singello prato de madeira

---

[1] Charles Lepierre, *Estudo chimico e technologico sobre a ceramica portugueza moderna,* pag. 48. Imp. Nac. Lisboa, 1899.

[2] Outra medição obtida n'uma *roda* de Gondar: diametro do tampo, $0^m,59$; altura da roda e pombas, $0^m,18$; altura total do apparelho, $0^m,26$. Um outro exemplar da mesma procedencia e de dimensões ligeiramente divergentes póde ser observado no Museu municipal do Porto, para onde o A. o fez transportar.

[3] Edouard Garnier, *Histoire de la céramique,* fig. 4 de pag. 8 e pag. 41. Mame & Fils eds. Tours, 1882.—Perrot et Chipiez, *Histoire de l'art dans l'antiquité,* I, *L'Egypte,* pag. 819. Hachette ed. Paris, 1882.—H. Schliemann, *Ilios,* pag. 264. F. Didot ed. Paris, 1885.

[4] Garnier, ob. cit., pag. 8.

que porventura precedeu o torno [1] em toda a Europa e em cujo aspecto mais simples —a escudella girante sem eixo—se vê o estadío transitorio da manipulação da loiça sem disco para o fabríco com roda [2].

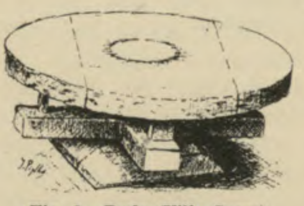


Fig. 3—Roda (Villa Secca)

Accessoriamente os oleiros das duas regiões dispõem ainda d'um *augueiro*, pote já inutilisado, com a agua de que carecem frequentemente no trabalho; para apertar o fundo das vasilhas ou desengrossa-las empregam um pau aguçado, o *esquinote* (Baião) ou *esquinante* (Villa Secca); e por fim o *fanadoiro* é a espatula grosseira com que alisam as superficies ou gravam os ornamentos.

Manufacturada a loiça, vae a seccar á sombra, durante oito dias, em prateleiras ou *sequeiros*. E seguidamente toda reunida (Baião) n'uma depressão de terreno e invertida, amontôa-se com a lenha e ahi coserá em uma hora ou pouco mais. Volvido este curto espaço de tempo, amortece-se a fogueira com terriço e abandona-se uma noite a loiçaria no rescaldo.

Nos logares de Gondar a cova tem, proximamente, tres metros de diametro e chama-se a *soenga*. E' em volta que se dispõem as vasilhas, primeiro com as boccas para fóra (fig. 5), depois, e já bem seccas, para o interior da depressão. A principio a lenha arde ao centro; depois, transportada para a peripheria, é que a loiça vae para o meio e já com as aberturas para baixo. Coberta então com as *rachas* (pinho) e ainda, para *tupir*, com *argaço* (caruma de pinheiro) e o resto do carvão de lenha já pulverisado das cocções anteriores, deixa-se o vasilhame uma hora a rescaldar.

A cocção ao ar livre e em covas, como de resto se pratíca ainda em Lordello e Visalhães (Villa Real), em Chaves, nas proximidades de Bragança, em Lamego, em Coimbrões (Gaya), em Taboa (Coimbra), etc., é tambem uma operação primitiva assignalada desde os tempos neolithicos, passando aos gaulezes e outros e subsistindo até nós. Fogo insufficiente e mal distribuído explica, com a má naturesa das pastas, a porosidade d'estas loiças e bem assim a fragilidade consequente. Por isso o fabríco é ultimado pelo consummidor. Adquirida a loiça, cuida-se logo em limpa-la exterior e internamente das escabrosidades e adherencias de alguns productos da combustão. E' o que pratícam em Gôve e em Ancêde empregando para tal uma folha de coive; ulteriormente enchem a vasilha com farinha de milho e agua, collocam-a ao fogo e, uma hora passada, consideram obtida a vedação. Está a loiça *enfarellada*.

Fig. 4—Oleiro de Lordello (Ancêde)

Em Sanhoane, Fontes, Medrões, etc., (Santa Martha de Penaguião), para se alcançarem os mesmos resultados com a loiça negra de Visalhães, «para lhe tapar as *fontellas*», introdusem-se as vasilhas no forno do pão, deixando-as aquecer até ao rubro; tiradas para fóra verte-se immediamente em cada uma farello e agua, mechendo rapido.

Cera virgem derretida e applicada á broxa na superficie externa das panelas de Lordello (Villa Real) destinadas á agua fria [3] é outro expediente popular de correcção.

A esta manufactura humilde corresponde uma limitação formal que, a bem dizer,

1 A. Brongniart, *Traité des arts céramiques ou des poteries*, I, pags. 20 e 508. Assellin ed. Paris, 1877.

2 Lajard et F. Regnault, *Poterie crue et origine du tour*, in *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, pags. 737-8, fasc. 6, tom. VI, serie IV. Masson ed. Paris, 1895.

3 Lepierre, ob. cit., pag. 28.

se restringe mesmo a um só typo. Ovalada, mais ou menos alta e ampla, desasada ou com uma ou duas ansas, toda esta loiça se reduz, como ondulação, a uma forma de Prado [1] e d'outras olarias. Algumas peças differem pela diminuição do bojo, ausencia de golla e amplitude da bocca, o que lhes dá a apparencia, tambem commum, de troncos de cone invertidos. Panelas barreleiras e para caldo, pucaros com uma ou duas asas, infusas, pingadeiras, assadores, fogões, caçoilas e caçoilos, alguidares e mealheiros constituem a serie [2], em regra ornamentada com linhas onduladas ao alto das panças,

Fig. 5 — Na soenga (Villa Secca)

incisas, simples ou multiplicadas parallelamente por via do fanadoiro que as imprime na pasta fresca, e lembrando modelos bem archaicos [3]. N'uma tira de barro annexa á maior dilatação, ou ainda no rebordo, effectuam-se tambem as depressões digitaes *(verdugos* em Gondar) já conhecidas dos tempos de Robenhausen [4].

Trabalhando por conta propria, muitas vezes pae e filhos effectuam directamente a venda pelas aldeias e nas feiras — os de Baião, no concelho e ainda nos de Amarante, do Marco e de Lamego, os de Amarante por aqui, na Senhora da Apparecida, na Lixa e em Margaride. Raramente um ou outro, que se distanceia para longe, vende loiça que mandou faser por encommenda.

---

[1] ROCHA PEIXOTO, *As olarias de Prado*, figs. 25, 30 e 33, pags. 244-5, in *Portvgalia*, I, fasc. 2. Porto, 1900.

[2] Algumas formas de Baião são figuradas em JOSÉ AUGUSTO VIEIRA, *O Minho pittoresco*, pag. 464, tom. II. Pereira ed. Lisboa, 1887.

[3] SCHLIEMANN, ob. cit., fig. 1470 de pag. 758.

[4] MORTILLET, *Le préhistorique*, pag. 560. Reinwald ed. Paris, 1885. — *Musée préhistorique*, fig. 535, Reinwald ed. Paris, 1881.

A escassez dos lucros é, como em todas as olarias ruraes, o premio d'esta amargurada occupação com o gravame, para annotar, d'uma machina lenta e penosissima—que só é usada ainda por povos bisonhos como na Bretanha *(tournette)* ou barbaros como na Africa e no Oriente [1]. Alguma lavoura subsidiaria porventura attenua, em poucos casos, a exiguidade dos recursos. E ainda assim o paneleiro de Paredes é pedreiro no inverno, como o telheiro de Prado se volve em taxinha de outubro ao entrudo.

As suas *panelas*—designação que abrange toda a ceramica que fabrícam—muito porosas, como vimos, e ennegrecidas pelo fumo e pelas substancias organicas que o fogo carbonisou, teem a reputação do bom gosto dado á agua e á comida. E mais que quaesquer outras olarias conhecidas entre nós, estas podiam legitimar as palavras da Escriptura que na loiça symbolisa a fraquesa e a fragilidade humanas—mesmo independentemente da memoria das rixas d'outros tempos em que, celebres desordeiros, os ceramistas de Gôve chegavam ás feiras com todo o vasilhame já quebrado!

Porto. Maio, 1903.

ROCHA PEIXOTO.

«PRISÕES» DE GADO

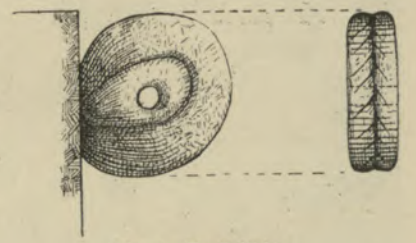


Fig. 1—De Briteiros

Na nota 7 de pag. 13 das suas primorosas *Observações á Citania do snr. Emilio Hübner* (Porto, 1879), o insigne archeologo e ethnologista que foi Martins Sarmento refere que em certa dependencia das casas redondas—as incluídas em construcções rectangulares—«se encontram muitas vezes, embutidas nas paredes, argolas de pedra onde se amarrava o quer que seja, podendo muito bem esta parte do edificio ter servido para guarda de animaes.» No Museu da Sociedade que se fundou sob a egide do admiravel explorador da Citania e de Sabroso estão expostos alguns d'esses pormenores de architectura castreja (fig. 1). E nas explorações, ainda pendentes, da Cividade de Bagunte (Villa do Conde) e do Castêllo de Guitões (Bouças) tambem foram encontrados esses accessorios constructivos.

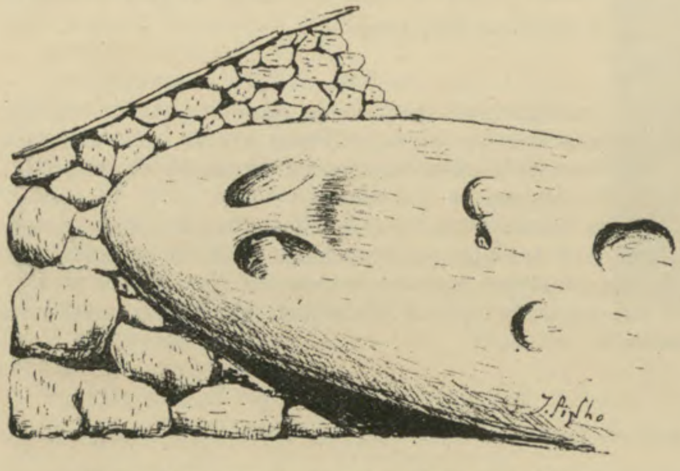


Fig. 2—Detalhe, mostrando uma prisão de gado (Alhões)

Ora, ao norte de Bragança, em Montesinho, aldeia da serra do mesmo nome, vê-se implantada na parede e ao lado da porta da casa d'um ferrador uma grossa placa de schisto sa-

---

[1] REGNAULT, ob. cit,, pag. 738.

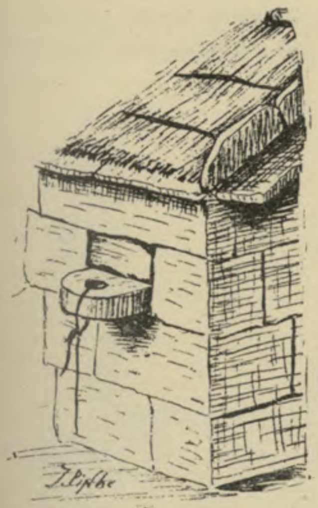


Fig. 3 — Detalhe de construcção para mostrar uma prisão de gado (Alhões)

liente e perfurada cujo destino é a detenção dos animaes que vão á *fragoa* para utilisarem os serviços do artifice. Este annexo da parede não differe, como opportunamente mostraremos, dos que foram observados na estação archeologica de Bouças, afóra a naturesa petrographica d'um e d'outros.

Ainda em Alhões, na serra de Montemuro, são mais ou menos profundas as cavidades, devidas á erosão, que irregularmente se distribuem por um grande penedo arredondado a que uma casa encosta. Pois na saliencia que subsiste entre duas d'essas depressões foi praticado um orificio pelo qual passa a corda com que se prendem touros ou vaccas (fig. 2). E mais além, na parede lateral d'uma casa não distante do cemiterio e da capella, póde observar-se ainda outra pedra saliente, apparelhada e perfurada (fig. 3) cujo destino principal é tambem o de a ella prenderem os animaes.

Por ultimo, em povoações dos concelhos transmontanos de Moncorvo, Freixo e outros limitrophes, é frequente o encontro da mesma placa, ou internamente junta ás mangedouras, ou salientando-se na silharía exterior da habitação. Vê-se pois que Martins Sarmento, ainda em qualquer minusculo pormenor, denunciava sempre a sua penetração admiravel!

R. P.

AS CHAMINÉS ALEMTEJANAS

Aquelles que teem percorrido o norte do nosso paiz, especialmente a Beira, hão de notar que a existencia de uma chaminé em qualquer casa é sempre indicio de bem estar, se não de riqueza. Em geral, as cosinhas são de telha vã e o fumo sae pelos intersticios das telhas, que são seguras por meio de pedras em redor do telhado.

Não succede o mesmo no Baixo Alemtejo e no Algarve onde as casas, ainda as mais pequenas, teem a sua chaminé, notando-se como excepção aquellas que não as possuem e apartando-se os povoados, como Garvão, por exemplo, onde os telhados não são guarnecidos de semelhante *ornamento*, pois que em geral é ahi que se evidencía o espirito nem sempre artistico, mas phantasioso muitas vezes, das raças que povoam esta região do paiz. As chaminés, com effeito, são ou pretendem ser peças architectonicas, e assim succede que é na construcção d'ellas que incide o espirito inventivo dos constructores locaes.

Trazer alguns materiaes para o estudo d'esta nota ethnographica portugueza, a que ainda não vi referencias e de que me não consta haver por emquanto estudo algum, é o objecto da presente noticia em que as estampas salvam as deficiencias do texto que, de resto, não se póde espraiar em considerações a que o assumpto não parece dar logar.

Os typos de chaminés alemtejanas cujo estudo, por emquanto, limitei á região comprehendida na bacia hydrographica do Sado ou nos seus limites com a região que já vae ao Tejo, mas que mal se distingue d'aquella, dada a falta de relevo do terreno nas cercanias de Vendas Novas, e por isso tambem aqui incluidas, podem classificar-se segundo a sua secção transversalmente horisontal em chaminés rectangulares, quadradas e circulares.

Em alçado, as suas formas varíam desde a pyramide truncada até ao cylindro e ao tronco de cone e ainda a algumas com arabescos que, no entanto, são mais vulgares já fóra da região do Sado, em Vendas Novas.

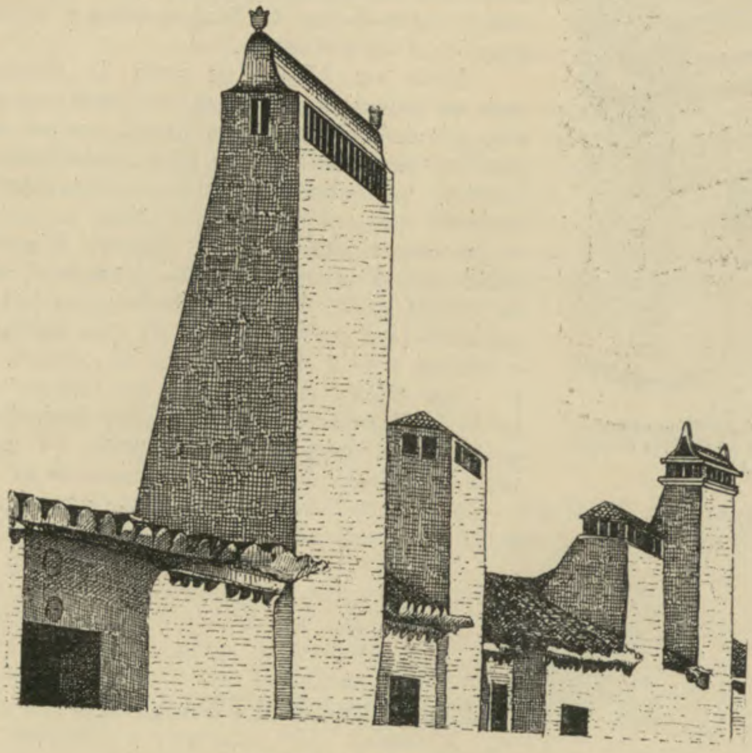


Fig. 1 — Rua de Montemór-o-Novo

Sem duvida a chaminé alemtejana primitiva era o tronco de pyramide quadrangular que se encontra no Minho, com a differença, porém, de que no Alemtejo essa forma

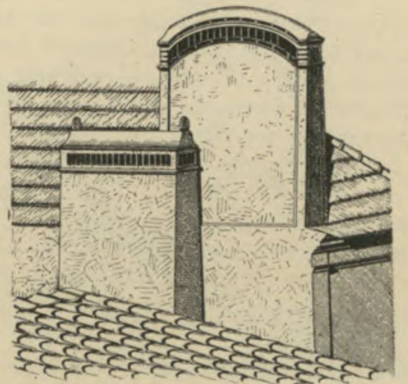


Fig. 2 — De Montemór-o-Novo

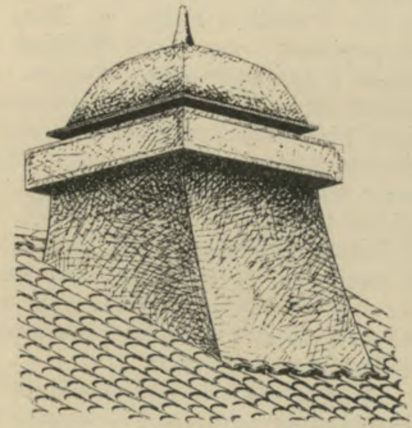


Fig. 3 — De Evora

de chaminé faz parte do alçado ou frontaria da casa e encontra-se junto á porta da rua.

A fig. 1, que representa uma rua de Montemór-o-Novo, dá o aspecto das casas alemtejanas dotadas d'este typo de chaminé, que se encontra em casas antigas de Evora, em Vianna do Alemtejo, em Aguiar, em Alcaçovas com poucas excepções, em Beja e em Ferreira; mas é de notar que este typo de construcção cae em desuso, e nas construcções novas ou nas reparações é posto de parte. Um dos motivos que faz abandona-lo é, sem duvida, a má tiragem, o que, de resto, se torna evidente pelo exame do perfil de taes obras; outro, as linhas hirtas do seu alçado que não deixam meios de expandir-se a phantasia dos constructores, em que, póde-se affirmar, não entram dictames de escola, pois que todas as obras são executadas por artistas as mais das vezes analphabetos.

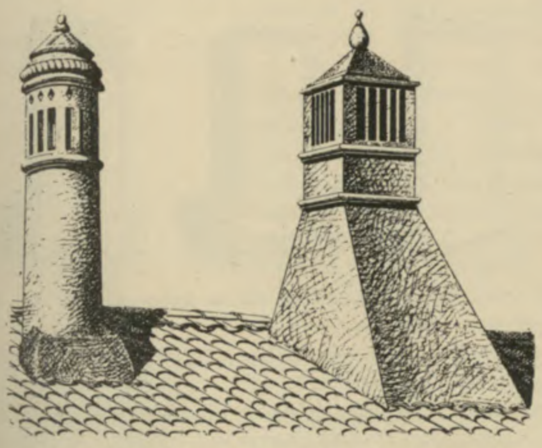


Fig. 4—De Vendas Novas

Nos pannos que ficam virados para o lado da via publica, algumas d'estas obras indicam datas da construcção, nomes dos proprietarios do predio, e por vezes alfaias de trabalho de um desenho primitivo. Em Alcaçovas, por exemplo, vêem-se n'uma d'ellas uma serra, uma enxó e uma plaina, mas taes desenhos nunca resistem por muito tempo ao *prurido de caiação* que se apossa de todos os alemtejanos e principalmente das alemtejanas.

Com effeito, tanto as paredes interiores como as exteriores das habitações, ainda as isoladas que constituem o que chamam *montes,* comparaveis á *villa* romana, são

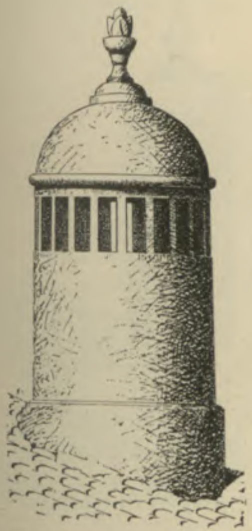


Fig. 5—Do monte do Cuco

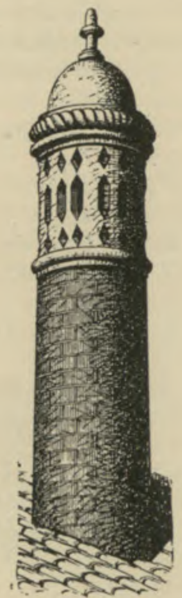


Fig. 6—De Vendas Novas

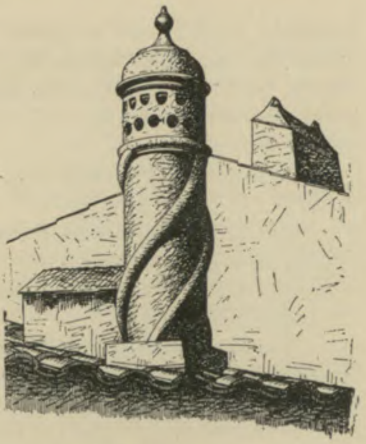


Fig. 7—Do Torrão

irreprehensivelmente caiadas repetidas vezes durante o anno, e a tal ponto constitue este costume, louvavel na sua generalidade pela limpeza que revela, o que ousarei de-

nominar uma necessidade, que o sr. Luciano Cordeiro bem o põe em evidencia quando o denomina «a implacavel caiadura alemtejana [1].»

Se após esta referencia me fosse licito apontar um facto, diria que no claustro do convento da Conceição, em Beja, foi difficilimo desobstruir os rendilhados de um arco manuelino, tamanha era a quantidade de cal branca com que o haviam caiado. Tambem em Evora o portico da sala do Capitulo do convento dos Loyos, que deita para o claustro, custou a desembaraçar da cal com que tinha sido recoberto, segundo o que me affirmou o sr. padre Rosa, que zelosamente conserva os bellos azulejos e as magnificas campas de bronze que ainda hoje existem na egreja.

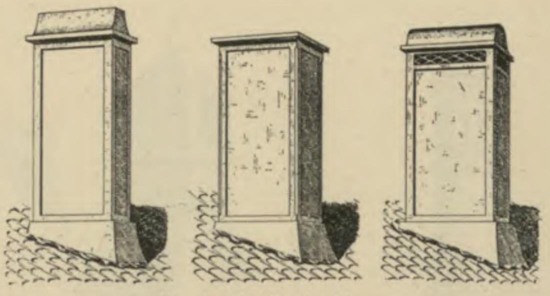


Fig. 8—De Vendas Novas

Fechando aqui este parenthesis e volvendo á descripção e classificação das chaminés alemtejanas, é para notar que, após o typo que eu chamarei primitivo, o que mais se encontra é o de forma cylindrica, de que dá perfeita ideia a fig. 5, que indica uma chaminé do monte do Cuco.

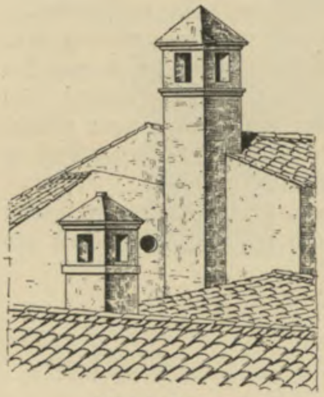


Fig. 9—De Evora

As chaminés que chamarei, á falta de denominação conhecida, de fuste prismatico, tambem são vulgares, especialmente em Ferreira do Alemtejo (fig. 10), e as de secção horisontal quadrada não são menos para notar. Aquella que representa a fig. 11 encontra-se no monte do Cuco, nas proximidades de Beja.

Seria devéras meritorio um trabalho litterario em que esses typos da arte expontanea nacional sejam convenientemente classificados em series, e onde o constructor possa mais tarde ir procurar elementos para uma architectura nacional, que vamos deixando perder pelo abandono do typo da casa beirôa, ou ainda da casa alemtejana em arcarias, como a que se encontra na Praça de S. Domingos em Evora. Proporei que para esse estudo se siga o methodo que é evidenciado pela ordem seguinte:

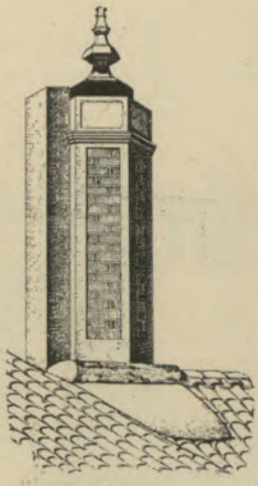


Fig. 10
De Ferreira do Alemtejo

Chaminés de forma pyramidal: figs. 1, 2, 3, 4 (lado direito) e 7 (lado direito).

Chaminés de forma cylindrica: figs. 4 (lado esquerdo), 5, 6 e 7 (lado direito).

Chaminés de forma prismatica: figs. 8, 9, 10, 11, 12 e 13.

N'esta classificação não se attendeu ás formas em que se termina o encimado das chaminés e outras particularidades de ornamentação.

---

[1] Luciano Cordeiro, *Soror Marianna*, 2.ª ed., pag. 175. «... e diz a tradição que de uma especie de tribuna ou janella saliente, na sua juncção com elle (o côro) hoje emparedada e mascarada pela implacavel caiadura alemtejana...»

Assim, por exemplo, nas figs. 1, 2, 8 e 9 vê-se que a preoccupação ornamental ahi é pouco sensivel, mas já o mesmo não succede, por exemplo, nas representadas pelos outros desenhos.

Em geral, nas chaminés de forma cylindrica reserva-se a ornamentação para as aberturas de sahida do fumo (figs. 4, do lado esquerdo, e 6). Uma excepção interessante, aliás pouco vulgar, é a helice que circuita a parte da chaminé do Torrão (fig. 7). Em todas as chaminés d'este typo a cobertura hemispherica, necessariamente a unica possivel, não se termina por ornamentações phantasiosas como aquellas que se notam nas chaminés de forma prismatica, especialmente nas que representam as figs. 10 e seguintes. Geralmente as chaminés de forma prismatica e pyramidal conservam na sua cobertura superior vestigios das arestas. Duas excepções se notam, todavia, nos exemplares aqui reproduzidos, uma em Ferreira (fig. 12) e outra em Evora (fig. 3). Quasi todas as chaminés estão cuidadosamente caiadas a branco, mas a do Torrão (fig. 7) tem a helice caiada a amarello e em Ferreira, uma chaminé visinha da de fig. 10, só tem ligeiras faxas do lado direito caiadas nas arestas, deixando vêr os tijolos no resto da face. Em Vendas Novas, porém, ha muita chaminé pintada em mosaico (fig. 13) ou apenas caiada superiormente, patenteando os tijolos na parte inferior (figs. 6 e 10).

Fig. 11
Do monte do Cuco

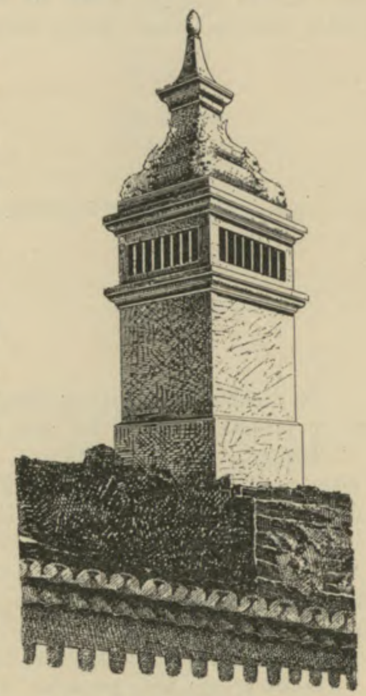


Fig. 12 — De Ferreira do Alemtejo

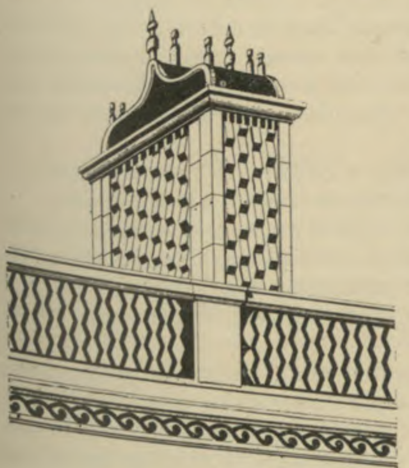


Fig. 13 — De Vendas Novas

Antes de terminar este estudo, direi que em Ferreira fui encontrar um typo de dupla chaminé que é curioso registar, se não para ser seguido, pelo menos para mostrar como é que o alemtejano não prescinde da arte nas suas chaminés. E' esse typo o que representa a fig. 10, em que se vê a chaminé ornamental de fuste prismatico e adjunta a ella, caiada de branco, outra chaminé, de secção quadrada, a que chamam *chupão* em todo o Alemtejo e que tem por effeito realisar a tiragem que a chaminé ornamental não effectua convenientemente.

Deve accrescentar-se ainda que a tiragem por meio dos *chupões* é activissima e por isso, ao passo que não deixa o fumo, arrasta o calorico de tal modo que ainda no verão não aquece demasiadamente o compartimento em que se fogueia. Se não é recommendavel nem sob o ponto de vista artistico, nem ainda em climas frios ou no inverno, este systema de construir chaminés é, pelo menos, digno de registo por ser caracteristico.

Não me prolongarei em minucias descriptivas; ahi ficam graphicamente expostos alguns typos de chaminés alemtejanas, unico fim a que visou esta simples communicação. Servirá quando muito de estimulo para que outros prosigam na colleccionação d'estes interessantes e bellos elementos da architectura nacional.

Mello de Mattos.

ETHNOGRAPHIA AMARANTINA

A CAÇA

De todas as industrias aquella que primeiro poz em actividade o acanhado cerebro do primeiro homem foi, sem duvida alguma, a caça.

Tornado pela evolução um ente superior aos anthropoides seus irmãos, separado d'elles para constituír uma familia á parte, o homem primitivo tinha, antes de se preparar um abrigo, a imperiosa necessidade de prover á alimentação sua e da sua prole, de defender-se com resultado a si e aos seus.

Mas ao passo que desenvolvia o cerebro, enfraquecia o musculo; o que ganhava em intelligencia, perdia em força; e o homem fraco e nu, empenhado numa titanica *struggle for life* contra a animalidade inteira, havia de ser caçador, inventar as armas e pedir a estas a força que não tinha.

Estas armas são, primeiro, fragmentos de silex grosseiramente talhados, redondos de um lado e aguçados d'outro, lanças de silex encabadas num pau, punhaes d'osso, settas, etc., etc.; depois entra como materia prima no fabríco d'estes instrumentos o bronze, o cobre, o ferro e então cada vez mais variados são, mais engenhosos se tornam.

Porém, dentro em pouco o homem conhece quão util lhe seria crear junto de si um certo numero de animaes, não só como reserva de alimentos para ulteriores necessidades, mas para os aproveitar tambem como força motora e besta de carga.

Para isso tem de apanhar o animal vivo; mas esta caça já differe d'essa d'exterminio que até aqui sómente usava. A setta, a lança e as demais armas mortiferas são postas de parte e, para poder luctar vantajosamente com a astucia e destreza do animal de que se quer apoderar, inventa o laço e a armadilha em que o incauto se vae prender.

Mas, desde que o homem armou o primeiro laço e cobriu com ramos e torrões o fosso onde o animal descuidado foi cahir, ficando assim indefezo e á sua disposição, o homem comprehendeu o partido que tirava d'esta especie de caça que, embora traiçoeira e cobarde, era a que lhe dava melhor resultado, lhe poupava tempo e lhe evitava a lucta, para si tantas vezes perigosa; porisso se dedicou quasi exclusivamente a ella, de tal forma que, ainda hoje, e apesar da severidade das leis, ella é a mais geralmente espalhada.

E' certo que muitas vezes caçamos só pelo prazer que a caça nos proporciona, pelas commoções que nos faz sentir, não caçando só por necessidade, mas tambem por passatempo, e assim fazemos da caça uma especie de *sport;* porém, não é sob este ponto de vista que d'ella me vou occupar, quando me proponho mostrar os meios por que a *grey* a faz no concelho d'Amarante, quer procurando destruír os animaes damninhos ou incommodos, quer tratando de apanhar aquelles de que necessita. E assim tentarei descrever todos os processos e armadilhas de caça actualmente em uso neste concelho, indicando tanto quanto possivel os logares em que mais se empregam e o fim a que se destinam.

QUADRO SYNOPTICO

- A caça popular póde fazer-se
  - SEM A INTERVENÇÃO DO HOMEM
    - Armadilhas com engodo: Aboiz, Alçapões, Costella, Costellão, Esparrela, Fojo, Mosqueiro, Nassa, Ratoeiras, Sangra-mocho
    - Armadilhas sem engodo: Armadilhas de fogo, Canudos, Fios, Ichoz, Laços, Lapão, Ratoeiras de toupeiras
  - COM A INTERVENÇÃO DO HOMEM
    - Espera
      - com reclamo natural ou artificial: A' tiella, A' arma
      - só com reclamo natural: A visgo
      - sem reclamo: A visgo, A' arma, A' cavadela
    - Busca
      - com furão ou com furão e cães: A' rêde, A' arma
      - só com cães: A' arma
      - sem cães: A' arma, A' chumbeira, A' palheira, A' fisga, A' lanterna, A' candeia
    - Batida: Montaría

CAÇA SEM A INTERVENÇÃO DO HOMEM

ARMADILHAS

Sob o nome de *armadilhas* considero todos os apparelhos mais ou menos complicados, com ou sem engodo, que, depois de armados e sem a intervenção do homem, funccionam de per si, conservando viva ou morta a caça que apanharam.

COM ENGODO

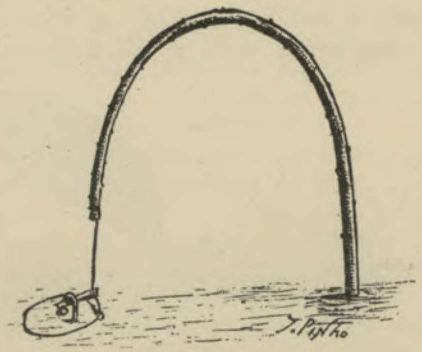


Fig. 1—Aboiz

Aboiz (fig. 1)—Muito espalhado nos nossos campos o aboiz ou zinga-mocho, como algumas vezes lhe chamam, compõe-se de uma vara, do comprimento de $1^{m},20$ approximadamente, á extremidade da qual se prende um fio, atado a um pausinho chamado *pinguel,* e que vae terminar em aza propria para fazer laçada corredía. A uma certa distancia da vara, e cravada no chão como ella, está uma outra muito mais pequena formando arco ou gancho, sob que passa, depois de vergada a primeira, o pinguel, a que faz resistencia uma azeitona ou grão, servindo de engodo, e á roda do qual está armada á laçada. Serve para caçar gaios *(Garrulus glandarius),* pêgas *(Corvus pica),* melros *(Turdus merula)* e mesmo pombas que mal picam no engodo desatremam o pinguel; e este, ao escapar-se, lhes corre a laçada ao pescoço e as levanta ao ar.

Alçapões: a) *Alçapão ordinario* (fig. 2)—Pouco usado nas povoações serranas, o alçapão é quasi especialmente empregado pelos passarinheiros na caça do pintasilgo *(Fringilla carduellis),* embora sirva para apanhar outra qualquer ave granivora, que nelle vae cahir, attrahida pela espiga de painço que lhe serve de engodo. E' feito de cannas ou varas de sabugueiro e tecido com varinhas de codeço ou salgueiro.

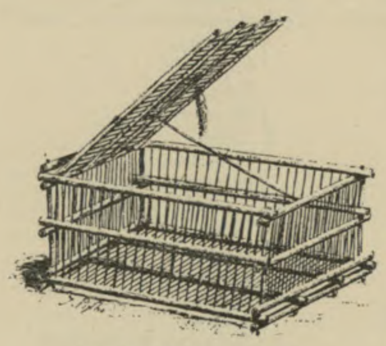


Fig. 2—Alçapão ordinario

Tem a apparencia de uma gaiola ordinaria, da qual se distingue em ser mais baixo, e o tecto, que naquella era fino e abaúlado, é neste plano e movel em forma de porta, tendo a mais uma outra pequena, por onde só cabe a mão e que serve para tirar a ave apanhada.

São variadas as suas dimensões, entre as quaes se nota quasi sempre a seguinte relação: a altura é metade e a largura dois terços do comprimento, oscillando este entre $0^m,25$ e $0^m,40$.

Para se armar levanta-se a porta, á qual está presa uma espiga de painço, e encosta-se-lhe uma vara que finca na travessa superior da frente e que á menor pressão cahe, levando a porta atraz de si. O custo de um alçapão, sendo de sabugueiro e codeço, póde regular por 300 réis, mas se fôr de canna e salgueiro não excede 200 réis.

b) *Alçapão automatico* (fig. 3)—E' geralmente de arame, quasi tão alto como comprido, e em vez de uma só porta tem quatro, dispostas como os raios de uma roda, cujo eixo articula em duas chapas metalicas, a meio das travessas superiores. A porta de sahida é ao lado; as espigas estão collocadas junto ao eixo. Dentro ainda ha aos lados, no sentido das portas, dois reparos tambem de arame que, por mais que as aves esvoacem, impedem que ellas fujam.

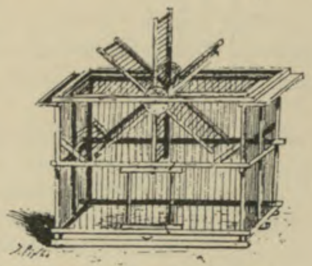


Fig. 3—Alçapão automatico

Como se vê da figura, dispensa-se a vara, pois o proprio peso do passaro faz baixar a porta sobre que pousar e cahir sobre si a immediatamente superior. E' muito menos usado que o anterior e isto talvez devido ao seu preço, 500 réis, e a não ser muito maior o seu resultado.

Costella (fig. 4)—Hoje muito menos em uso desde que se inventaram os costellões, a costella é formada por duas hastes de madeira, uma recta de $0^m,30$ a $0^m,35$ de comprimento, tendo approximadamente ao meio uma charneira, onde gira a outra, menor e em arco, que vae até á extremidade d'ella.

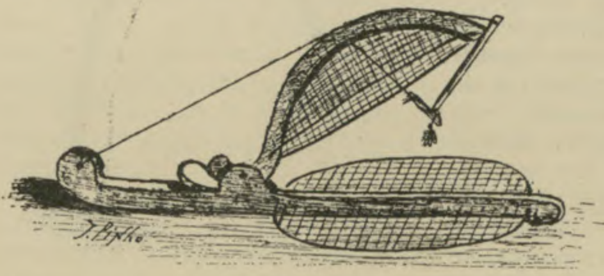


Fig. 4—Costella

Ambas as hastes a partir da charneira são atravessadas por dois arcos de arame, ajustando perfeitamente, onde se prende uma rêde de seda ou linho a vedar o espaço que medeia entre as hastes, quando uma cahe sobre a outra.

A meio da haste menor ata-se um pau com entalhe, em que está o engodo, e no qual descança o pinguel ligado por um fio á extremidade da maior.

O engodo, quasi sempre uma formiga d'aza ou um grillo, está seguro com crina de cavallo; e a haste menor é movida por mola, fixa junto da charneira. E' usada a

costella na caça do taralhão *(Muscicapa grisola)*, da sombría *(Anthu spratensis)* e do rouxinol *(Philomena luscina)*.

A madeira empregada é o buxo, laranjeira ou nogueira e, estando bem feita, custa de 800 a 1$200 réis, podendo durar, sem se lhe renovar as rêdes, quatro ou cinco annos conforme o uso.

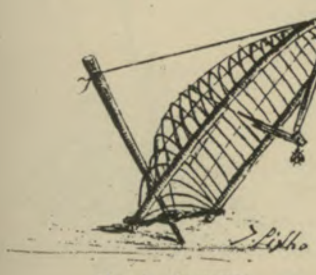


Fig. 5 — Costellão

Costellão (fig. 5) — E' uma costella muito mais simples e como tal ao alcance de todos.

Compõe-se de uma vara dobrada em arco e cujas extremidades, um cordão de crina torcido por um pau, faz approximar. Este pau, ao qual vem prender o pinguel, está cravado no chão e é elle que serve para fixar a armadilha. Aos dois ramos da curva formada pela vara liga uma rêde em sacco ou então, e isto é o mais geral, uma serie d'arcos d'arame, tecido com outro mais fino, substitue a rêde.

Muito usado, especialmente pelos passarinheiros, na caça do rouxinol. O seu preço é de 100 a 120 réis.

Esparrela (fig. 6) — E' armadilha já pouco usada, embora de muito simples factura, pois só necessita uma vara do comprimento de $0^{m},30$ a $0^{m},40$ á qual, proximo a uma das extremidades se ata um fio resistente, terminado em laçada com nó, que se faz passar, vergando a vara, por ser mais pequena que o fio, num orificio aberto na outra extremidade, onde se segura por meio de uma cunha.

Serve para caçar varios passaros: taralhões, chascos e pintasilgos que costumam empoleirar-se nos ramos mais altos das arvores, e que ao pousarem sobre a cunha, em roda da qual está aberta a laçada, a fazem cahir, ficando presos pelas pernas. D'ahi o dizer-se: *Quem cahe na esparrela não mais sahe d'ella.*

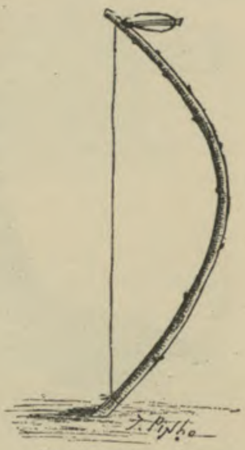


Fig. 6 — Esparrela

Fojo — Especie de ichoz em ponto grande e que serve especialmente para a caça do lobo *(Canis lupus)*. E' um fosso de quatro metros de profundidade e perto de dois de largura que póde ser coberto com ramos e torrões, com uma porta de madeira em forma de alçapão, oscillando em torno de um eixo, ou melhor com duas delgadas portas, abrindo de fóra para dentro á maneira d'ichoz, e para o qual convergem duas paredes muito divergentes, ás vezes de perto de um kilometro d'extensão, cercando espessas mattas e giestaes. Por um mero acaso é que o lobo, passando por ali, lá poderia cahir, mas quasi sempre o obrigam a isso, quer acossando-o, quer collocando-lhe do lado opposto e em logar apropriado uma rez que para lá o attraia.

Devia ser assim o que principiaram a fazer em Murgido, freguezia da Aboadella, motivo que me levou a fallar nesta armadilha, mas que, não sei porque razão, nunca chegou a ser terminado. De forma que no concelho não se caça o lobo, nem nunca se caçou, por meio de fojos, mas sim apanhando-o nas covas, quando novo, ou fazendolhe montarías quando adulto, caça esta que a administração protege, como adeante veremos, e a camara auxiliava, offerecendo 4$000 réis por cada cabeça, o que já agora não faz, visto elle ter desapparecido bastante e ser facilimo mata-lo por meio da estrychinina.

Fig. 7 — Mosqueiro

Mosqueiro (fig. 7) — O mais geralmente usado é uma especie de garrafa de vidro bojuda e baixa, com o fundo aberto e voltado para dentro, de forma a poder conter

um pouco de vinagre, onde as moscas vão cahir e morrer. Assenta sobre pés de vidro, e, quando se quer preparar, deita-se-lhe o vinagre pela parte superior, tapa-se com a rolha de vidro e depois colloca-se sobre um papel, em que se espalhou uma colher de assucar.

Porém este mosqueiro, que custa 350 réis, não serve para todos, pelo que a gente pobre faz uso dos fetos, dos quaes tira magnifico resultado.

Para isso apanham uns poucos de fetos que dividem em pequeninos molhos (fig. 8), pendurando-os do tecto das habitações e, quando á noite as moscas os cobrem quasi por completo, mettem-nos dentro de um sacco, batendo depois com elle no chão até as matar; e assim fazem todas as noites.

Fig. 8 — Fetos (mosqueiro)

Nassa, gaiolo ou *garimpa* (fig. 9) — Tem a forma de uma pyramide regular de base quadrada e é feita de varas encruzadas umas sobre as outras, seguras por meio de quatro vergas a um caixilho, tambem de varas, atadas ou pregadas nas extremidades.

A uma das travessas do caixilho está presa a *gancha* com entalhe, a que encosta o pinguel (fig. 10) que supporta a nassa, e que por sua vez se firma a um outro cravado na terra. De engodo servem azeitonas ou migalhas postas no chão a meio da gancha, sobre a qual o passaro tem de pousar para poder comer, fazendo-a assim desarmar. Não ha rapaz que a não saiba fazer, e é empregada com vantagem na caça da passarada.

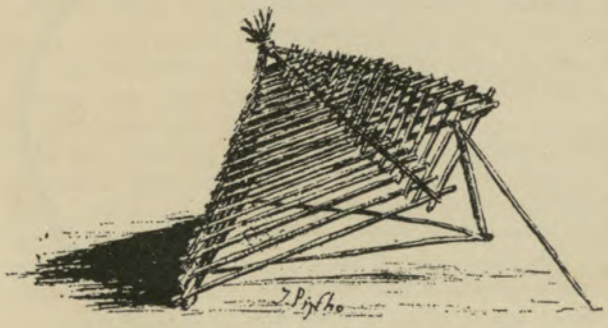


Fig. 9 — Nassa

Ratoeiras: a) *Tigella* (fig. 11) — Como ratoeira é a mais antiga entre nós conhecida e aquella de que em todo o concelho, além d'outras, a gente pobre faz uso. E' uma especie de malga de barro vermelho de Prado e que se vende na praça pelo modico preço de 10 réis.

Lá se vê ao canto do louceiro d'aldeia, fazendo parte do trem de cosinha e para se transformar em ratoeira só basta volta-la sobre um bogalho, galha produzida pela *Cynips calycis,* espetado num pau a que está preso um bocado de pão ou toucinho.

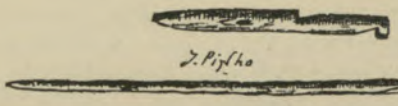


Fig. 10 — Pingueis de armar a nassa

E' infallivel; pois mal o rato bula no isco, este faz oscillar o bogalho sobre o qual, em virtude da sua forma espherica, logo escorrega a tigella. Depois não ha mais que levanta-la um pouco e andar com ella em redor para apanhar a cauda ao rato, feito o que, facil é mata-lo.

Fig. 11 — Tigella

b) *Ratoeira de ferro* (fig. 12) — Assim chamada por serem de ferro todas as suas partes. Compõe-se de uma lamina de $0^{m},020$ a $0^{m},025$ de largura e $0^{m},25$ a $0^{m},30$ de comprimento, a que estão soldadas ou cravadas numa das extremidades duas pequenas peças, distantes uma da outra approximadamente $0^{m},10$, e a que articulam dois arcos dentados, os maxillares, que uma mola d'aço faz ajustar perfeitamente e impede de se afastarem. O *isco* ou *isca,* como tam-

bem lhe chamam, é atado por meio de um fio ou arame a um disco, preso por uma charneira á lamina, no sitio em que a ella está soldada, em forma de braço de cruz, a peça que, abraçando um dos maxillares, vae encostar ao disco. Para não haver perigo, pois a mais leve pressão sobre o disco faz escapar a braçadeira e approximar os maxillares, teem estas ratoeiras um annel quadrangular com que ao armar se prende a mola, tendo o cuidado de depois o afastar.

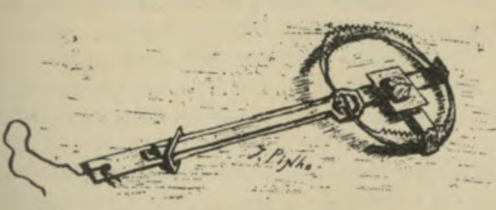


Fig. 12 — Ratoeira de ferro

Póde caçar ratos pequenos e grandes, mas é quasi especialmente empregada para apanhar o arganaz *(Mus decumanus)*. O seu preço regula por 350 réis.

c) *Ratoeiras de arame*—Ha varias, mas as mais vulgares são a redonda (fig. 13) e a de porta (fig. 14), sendo esta ainda preferivel áquella, pois, embora só possa apanhar um rato de cada vez, caça-os de todos os tamanhos, ao passo que a outra, se póde apanhar mais que um, só serve para os ratinhos *(Mus musculus)*. A primeira é de forma hemispherica com o fundo de madeira; na parte superior e voltada para dentro tem a entrada em forma de nassa para impedir que os ratos fujam, e, perto do fundo, uma pequenina porta de lata para se tirarem. A segunda affecta a forma de um parallelipipedo e tem o fundo tambem de madeira; porém a entrada que na primeira está sempre livre, nesta é tapada por uma porta de lata que duas molas de arame, uma de cada lado, puxam e conservam no seu logar, logo que o rato toque no isco, collocado num arame ligado, quando a ratoeira está armada, a outro fixo á porta.

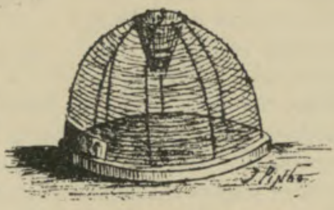


Fig. 13 — Ratoeira redonda

Fig. 14 — Ratoeira de porta

Estas ratoeiras são feitas pelos criveiros que as vendem na praça pelos respectivos preços de 80 e 100 réis.

d) *Ratoeira de pregos* (fig. 15)—Muito parecida com a das toupeiras (c) (fig. 29), como ella é composta de uma taboa, se não coberta de pregos, cravada de alfinetes de ferro ou pontas de Paris, e em vez da pedra que a outra tem como peso, ha uma mola d'aço presa á taboa, que quanto mais esta se levanta, mais pressão sob ella exerce.

Além d'isto, a taboa tem dois orificios: por um passa o arame do isco, o outro é atravessado pelo supporte de uma alavanca interfixa, que d'um lado vae ligar ao arame e do outro ao fio a que prende a taboa, movel em torno de um eixo. Um supporte de madeira, que a torna portatil, completa a ratoeira. Pouco usada. Póde custar 240 réis.

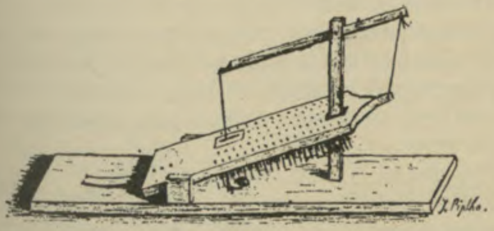


Fig. 15 — Ratoeira de pregos

e) *Ratoeira de cepo* (fig. 16)—E' feita de dois grossos tabuões quadrados de $0^m,30$ a $0^m,35$ de lado e $0^m,08$ a $0^m,10$ d'alto e que ajustam perfeitamente. O inferior supporta duas columnas de madeira que atravessam com fraco attrito o tabuão superior, cepo, este uma outra columna um pouco maior que passa por um orificio a meio da taboa que superiormente as prende, conservando-lhes o seu parallelismo. A meio do

tabuão inferior ainda ha um sulco de $0^m,03$ de fundo, onde, preso a uma extremidade, descança o serrafo dentado a que se ata o isco e prende o pinguel, ligado por um fio á taboa sobre que repousa o tabuão superior, quando a ratoeira está armada. E' empregada com grande resultado na caça do arganaz, que fica esmagado sob o enorme peso do cepo ao mais pequeno movimento que faça oscillar o serrafo. Não é muito vulgar, devido talvez ao aspecto um tanto repellente da massa informe a que o rato fica reduzido e ao seu preço que regula por 500 a 600 réis.

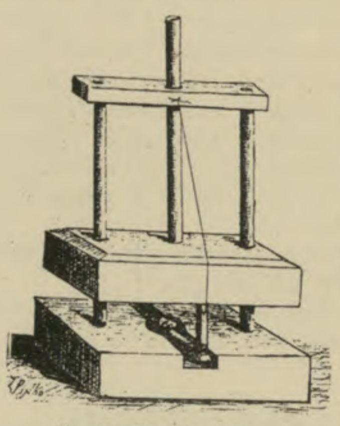


Fig. 16—Ratoeira de cepo

F) *Ratoeira de caixão* (fig. 17)—Muito facil de fazer é uma das mais conhecidas e vulgarmente empregadas. Compõe-se de um caixão de madeira, muitas vezes bem tosco, mais comprido que largo, tapado de um lado com uma grade de arame ou uma folha de ferro cheia de buracos; e no outro, que serve d'entrada, ha duas ranhuras lateraes, onde encaixa a porta de madeira ou lata. Na parte superior está cravado o supporte da alavanca, que de um lado suspende a porta e do outro vae prender ao arame que dentro do caixão segura o isco. Quasi toda a gente sabe construir uma ratoeira d'estas, mas, quando não saiba, é facil obte-la pelo preço de 300 réis, pouco mais ou menos.

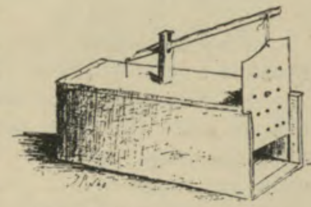


Fig. 17—Ratoeira de caixão

Ha ainda mais ratoeiras para ratos, algumas das quaes engenhosissimas, mas, como não são do dominio popular, não as apresento, visto porisso estarem fóra do meu programma.

G) *Ratoeira de raposa*—E', com pequenas modificações, uma ratoeira de caixão em ponto grande e de bastante tosca construcção, tendo approximadamente 2^m de comprimento, e, quando de secção quadrada, $0^m,60$ a $0^m,70$ de lado.

Dentro ha uma divisão que limita o pequeno espaço, especie de capoeira, onde está um gallo, servindo de reclamo, e proximo d'ella um estrado de madeira, ligado ao serrafo que vae prender á alavanca suspensora da porta.

Funcciona da maneira mais simples: a raposa, attrahida pelo canto do gallo, approxima-se da pseudo capoeira, circumda-a para lhe encontrar a entrada e, não desconfiando da armadilha, penetra dentro, fechando-se atraz d'ella a porta logo que calque o estrado. De todos os meios que os nossos lavradores lançam mão, além do veneno, para se livrarem d'esta ladra de capoeiras, é esta ratoeira uma das que dá melhor resultado, pois, para um animal assim tão desconfiado e astuto, os laços e demais armadilhas são quasi inuteis. E' toda feita de madeira de pinho, geralmente casqueiras ou taboas velhas, afim de incutir menos desconfiança, e deve armar-se junto das habitações ou dentro dos alpendres e palheiros, nos logares por ella frequentados. O seu preço póde regular por 2$500 réis; sendo reparada todos os annos dura bastante tempo.

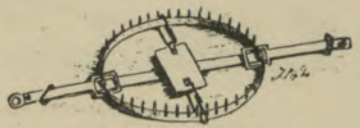


Fig. 18—Ratoeira de cepo de lobo

H) *Ratoeira de cepo de lobo* (fig. 18)—Não é mais que uma ratoeira de ferro de grandes dimensões, só com a differença de ter duas molas em vez de uma para lhe dar mais força e o prato estar munido de duas hastes dobradas em angulo recto a que veem encostar outras duas que equilibram os maxillares quando a ratoeira está armada.

Costuma empregar-se para caçar raposas *(Canis vulpes)*, martas *(Mustela martes)* e fuinhas *(Mustela fuina)*, atando-se-lhe um frangão morto ao prato e disfarçando-o depois o melhor possivel. O seu preço é de 4$500 réis.

I) *Ratoeira de pardaes* (fig. 19) — E' uma pequena e muito simples ratoeira de arame que se vende ao preço de um vintem, e que a rapaziada arma nos quintaes, nos largos e ás beiras dos caminhos para apanhar pardaes.

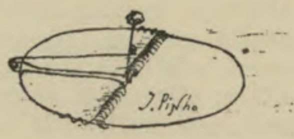


Fig. 19 — Ratoeira de pardaes

Compõe-se de dois arcos de arame articulados nas extremidades, um dos quaes termina em forma de T e cujas hastes superiores, passando por dentro de duas molas em helice, os fazem apertar um de encontro ao outro.

Um pequeno arame, vergado no meio, está preso entre as duas molas e serve para fixar o engodo — um bocadito de pão; um outro mais comprido prende na haste inferior do T, e é por meio d'elle que se arma a ratoeira, fazendo-o passar por cima do arco movel e encostar ao arame, onde está o pão. Muito usada.

Sangra-mocho (fig. 20) — Esta armadilha, quasi exclusivamente usada na ribeira de Travanca, se pelo nome alguem a póde confundir com o aboiz, tambem chamado zinga-mocho, é em tudo completamente differente d'elle, pois até o seu funccionamento é inteiramente contrario. Servem ambos para caçar passaros, gaios, pegas, melros, etc., e ambos os matam, mas de differente forma: para as aves o aboiz é a forca e o sangra-mocho a guilhotina.

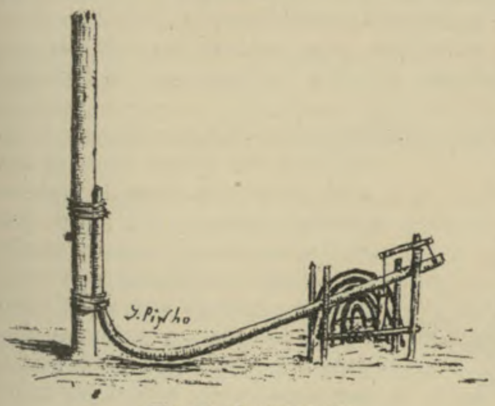


Fig. 20 — Sangra-mocho

Para se fazer toma-se uma vara de 1^{m} de comprimento, o vergueiro, dobra-se, ficando a curvatura para baixo, liga-se bem uma das extremidades a uma arvore ou estaca fortemente cravada no chão e á outra ata-se um pequeno pau a que está preso o pinguel. Perto da extremidade livre da vara espetam-se na terra outras quatro mais pequenas, duas de cada lado, distantes entre si 0^{m},10 a 0^{m},12 e tendo a da direita, de frente, um entalhe na parte superior.

Quando se quer armar levanta-se a vara e colloca-se no entalhe o pau atado na extremidade d'ella, fazendo-a ainda apoiar na parte superior do pinguel, o qual é mantido em equilibrio por uma delgada varinha, apenas encostada ás duas anteriores, um pouco acima da superficie do chão.

Pelo lado de traz deita-se o engodo — migalhas de pão ou azeitonas — que superiormente se cobre com varas em arco, paus ou mesmo pedras, obrigando assim as aves a entrar só pela frente.

Estas, ao approximarem-se, tocam ou pousam na varinha solta, foge o pinguel e sobre ellas cahe com toda a força o vergueiro, matando-as instantaneamente.

SEM ENGODO

Fig. 21
Armadilha de fogo

Armadilhas de fogo (fig. 21) — Com este nome são usadas pelos nossos lavradores duas especies de armadilhas, cujo processo é o mesmo.

Ou uma espingarda bem firme de cujo gatilho parte um fio que vae prender a um determinado logar, de forma que, ao mais leve embate nelle produzido, o tiro parte nessa direcção, ou então, em vez de espingarda, é um pequeno canhão de metal carregado com um cartucho que um fio em condições identicas faz disparar. Quer a espingarda, quer o canhão, estão presos a uma arvore e occultos o melhor possivel.

Costumam arma-las perto das covas para assim apanharem qualquer animal, ou então nos meloaes e pomares a guardarem os gatunos que despresem a taboleta de pre-

venção. Para este ultimo fim é tambem empregado o cepo-de-lobo. A armadilha de fogo em forma de canhão póde custar de 2$200 a 2$500 réis.

Canudos (fig. 22)—São de barro ou madeira, ordinariamente pinho, com $0^m,22$ a $0^m,25$ de comprimento e $0^m,040$ a $0^m,045$ de diametro, fechados em uma extremidade, na qual teem apenas um pequeno orificio, e abertos em bocal na outra. A' parede do tubo, proximo da entrada, está presa, por meio de um arame, uma oval de lata dobrada em telha para melhor se adaptar, quando levantada, á superficie interior do tubo.

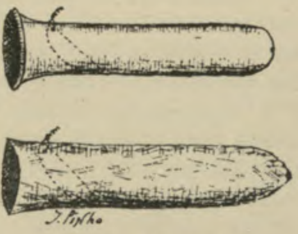


Fig. 22—Canudos

Servem estes canudos para caçar toupeiras *(Talpa europæa)* e, como são baratos, 60 a 80 réis o par, commodos e de soffrivel resultado, teem uso quasi geral em todo o concelho. Para se armarem escolhe-se uma galeria bastante frequentada, cava-se numa extensão de $0^m,60$ proximamente, desobstrue-se-lhe as entradas e collocam-se os canudos, depois de examinar que a oval de lata não esteja levantada, em frente de cada abertura, deixando entre as extremidades posteriores d'elles espaço sufficiente para, atravez dos orificios que nelles existem, se poder introduzir um arame que nos dá a conhecer, sem os levantar, se dentro ha toupeira.

Fios (fig. 23)—Embora verdadeiros laços, differençam-se, dos por este nome conhecidos, em serem feitos de um só fio de arame amarello destemperado e presos, cada um de per si, a uma vara de urze, chamada *pé,* alguns centimetros cravada no chão, mas de forma que possa ser arrancada ao primeiro impulso. A esta vara está atado, por meio de um cordel, um ramo servindo de embaraço, e que, á medida que vae topando no chão ou no matto, cada vez mais aperta o laço. São empregados para caçar perdizes *(Perdrix rubra),* coelhos *(Lepus cuniculus)* e lebres *(Lepus timidus),* variando apenas o numero do arame, o diametro da laçada e a altura d'esta á terra. Para a lebre a laçada deve estar, fazendo luar, a um palmo do chão, quando não só a tres quartos, ter outro palmo de diametro e ser de arame n.° 20; para coelho as alturas devem ser, nas mesmas condições, tres quartos e meio palmo, diametro correspondente e arame n.° 22; para a perdiz arame n.° 24 e uma laçada de meio palmo a mão travessa d'alto.

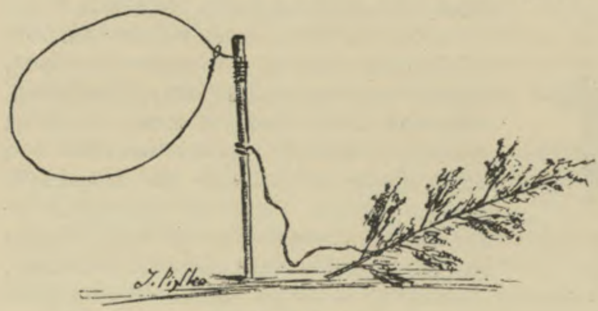


Fig. 23—Fios

Collocam-se nas passagens das mattas, nos carreiros que dão dos montes para os campos e que a caça frequenta quando á noite vae ao pasto; porém, se em vez de carreiros só ha *caminhos de carro,* armam-se os fios no meio do caminho e, com uns ramos deitados aos lados, obriga-se a caça a passar pelo sitio desejado.

Muito usados na serra (Fridão, Candomil, Anciães, Aboadella, etc.), onde ha individuos que ás vezes os armam ás dezenas, indo pela manhã com um sacco apanhar a caça.

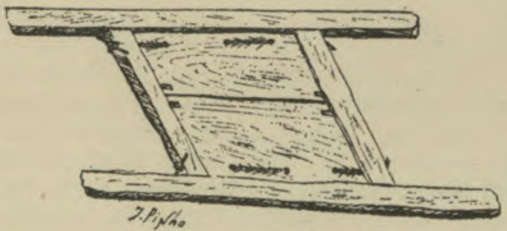


Fig. 24—Ichoz

Ichoz (fig. 24)—Armadilha a mais conhecida dos povos da serra e por elles mais largamente empregada, tal a simplicidade da sua factura e o maravilhoso resultado

que tiram do seu emprego. Tem a forma de uma pequena padióla e é feita de duas hastes de madeira *(banzos)* do comprimento de $0^m,45$ a $0^m,50$ em que pregam duas menores *(travessos)*, formando caixilho quadrado de $0^m,25$ a $0^m,30$ de lado.

Fig. 25 — Laços

O interior d'este caixilho é occupado por duas delgadas taboínhas *(taboletas)*, atravessadas do lado dos banzos e no sentido d'elles por um cordão de crina, que, passando pelos orificios abertos perto das extremidades dos travessos, vae prender pelo lado de fóra a uns pausinhos que servem, quando preciso fôr, para esticar o cordão. A meio dos travessos ainda ha, nos ichozes mais bem construidos, dois pequenos tornos que, por mais força que tenha o cordão, impedem que as taboletas se levantem, conservando-lhes assim a sua precisa horisontalidade. Agora para que o ichoz cace é necessario preparar o *zirbeiro*, nome que os serranos, especialmente d'Anciães, dão ao local onde elle se arma. Para isso interceptam as leiras ou campos, onde as perdizes vão pastar, ou os caminhos por ellas frequentados, com giestas ou urzes deitadas apenas umas sobre as outras, formando assim uma baixa e atabalhoada sebe, aberta apenas no ponto em que se colloca o ichoz, preso com uns ganchos de madeira sobre uma cova préviamente feita do tamanho do caixilho.

Esta pseudo-sebe para nada mais serve do que obrigar as perdizes a passar pelo sitio onde está a armadilha, visto costumarem sempre contornar todos os obstaculos que lhes estorvam a passagem e nunca saltar por cima d'elles, e na qual, pelo seu peso, uma a uma cahem, voltando logo as taboletas, que funccionam como valvulas, abrindo de fóra para dentro, ao seu respectivo logar, em virtude da torsão sobre ellas exercida pelos cordões de crina. E' exclusivamente empregado na caça da perdiz e o seu preço regula por 120 a 200 réis.

Laços (fig. 25)—São feitos de crina torcida e presos, aos dois e tres, a um pau chamado *tranquilha,* ramo despido de folhas e para isso apropriado, ou atados isoladamente ás proprias silvas, sabugueiros ou acacias das nossas sebes.

Mas, quer isoladamente, quer nas tranquilhas, devem ser sempre postos nas passagens preferidas pelos melros, e, quando estas se não conheçam, cava-se uma pouca de terra fresca e armam-se ahi; se o sitio é frequentado por elles, dentro em pouco lá apparecem.

Fig. 26 — Lapão

Os laços são quasi exclusivamente feitos para os melros, mas tambem ás vezes, ainda que raras, os rapazes armam-nos sobre as arvores, videiras, cerejeiras, etc., para caçarem tordos *(Turdus musicus)* e gaios. Bastante usados.

Lapão (fig. 26)—Nome que na serra, especialmente em S. Simão, Càrvalho de Rei e Jazente, dão á armadilha de caçar teixugos *(Melles taxus)*, e isto porque, para a fazer, se servem de uma larga e pesada capa de schisto, a *lapa.* E' grande a abundancia d'estes animaes nas citadas freguezias, e então os habitantes d'ali para se verem livres d'elles procuram-lhes as covas, que se conhecem facilmente pela grande quantidade de folha secca que quasi sempre teem, e erguem-lhes á porta o lapão equilibrado por dois pingueis, um dos quaes prende num serrafo ou vara de carvalho que,

erguendo-se um pouco acima do nivel da cova, vae fixar-se na extremidade inferior do lapão. A' entrada ou á sahida o animal toca na vara e então, fugindo o pinguel, a pedra cahe, esmagando-o, ou pelo menos abafando-o sob o seu peso.

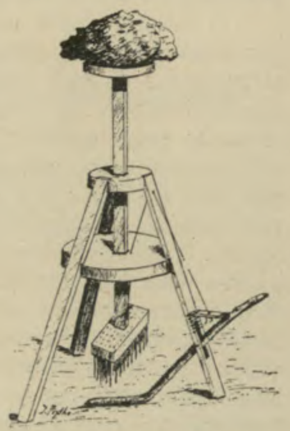


Fig. 27 — Ratoeira de cepo

Ratoeiras de toupeira: a) *Ratoeira de cepo* (fig. 27) — E' muito usada pelos nossos lavradores na caça da toupeira, insectivoro ao qual, apesar dos beneficios prestados á agricultura, por toda a parte declaram guerra de morte. Compõe-se esta ratoeira de dois discos de madeira com diametros de $0^m,30$ e $0^m,20$ e distantes um do outro o bastante para que os pés, que nelles pregam, tenham o afastamento necessario para lhe dar perfeita estabilidade.

Estes discos, em cujo centro ha um orificio redondo ou quadrangular, são atravessados por uma haste de madeira de 1^m de comprimento, terminada numa das extremidades por uma escova de aguçados pregos e na outra por um prato de madeira onde se colloca uma pesada pedra.

Num dos pés da ratoeira ha uma fenda atravessada horisontalmente por um prego que serve de fulcro a uma alavanca angular feita de um ramo ou de uma simples raiz, e cujo braço menor é dentado, estando os dentes em relação com outros abertos aos lados da fenda e ainda um pouco acima d'ella.

Ha mais uma pequena taboa de bordos chanfrados, atada a um cordel que, depois de atravessar este mesmo pé, junto do disco menor e o disco maior perto do orificio central, vae prender proximo da escova a um prego cravado na haste vertical.

Para armar esta ratoeira procura-se uma das passagens mais frequentadas pelas toupeiras, abate-se a galeria, calcando-a, e colloca-se a armadilha de forma que a escova fique na direcção longitudinal da galeria sobre que se fixa transversalmente o braço angular da alavanca; levanta-se a haste vertical; puxa-se o cordel; e prende-se a taboa chanfrada entre um dente do pé e outro da alavanca, fazendo isto por tentativas de forma que á menor impulsão se desarme.

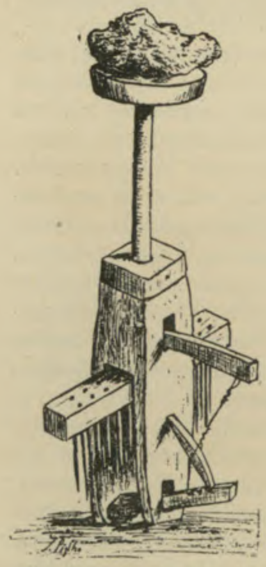


Fig. 28 — Ratoeira de tubo

Depois põe-se a pedra no prato superior e está armada a ratoeira. E desgraçada toupeira que ao passar, achando a galeria abatida, tente reconstruí-la, pois ao menor movimento faz oscillar a alavanca, ficando de repente rasgada pelas puas da escova!...

A esta ratoeira dá-se ás vezes uma disposição differente, que consiste em serem os discos eguaes e estarem pregados dentro de um cortiço ou tronco cavado, pelo que não tem pés, sendo todavia o mesmo o seu mecanismo interior. O seu preço é de 700 a 800 réis.

b) *Ratoeira de tubo* (fig. 28) — E' uma variante da primeira, mais simples e mais barata; pois com um pequeno toro de madeira ou um pedaço de caibro de $0^m,30$ a $0^m,40$ de comprimento se faz a peça principal, o *tubo*, cavando-o nos dois terços do seu comprimento de maneira a tomar a forma de pinça, cujos ramos servem para fixar a armadilha e entre os quaes funcciona o *sedeiro*, a haste do qual, inferiormente dentada, atravessa a parte não cavada do tubo e prende ao *prato* que supporta a pedra. Num dos ramos da pinça ha dois orificios onde, por meio d'um prego ou arame, respectivamente articulam duas alavancas: a superior, *trinque*, cujo braço interno chanfrado sustenta por um dente a haste do sedeiro, e o externo prende o *pinguel* por um fio; a inferior, *sapata*, assim chamada

por o braço interno ser mais largo e assentar no chão sobre a galeria préviamente abatida, tem o braço externo dentado; é entre estes dentes e um entalhe no tubo que se segura o pinguel quando a ratoeira está armada. Póde custar 250 a 300 réis, ao passo que a outra não fica por menos de 400 a 500 réis; mas não é tão estavel e tão certa como esta, pois só tem dois pontos de apoio e basta a toupeira desviar-se um pouco para já não passar entre os ramos da pinça, para ella unico logar perigoso.

Fig. 29—Ratoeira de taboa

c) *Ratoeira de taboa* (fig. 29)—Esta, um pouco mais rudimentar que as antecedentes, parece que foi a primitiva de que aquellas derivaram, e isto porque, apesar da sua muito mais facil factura, é limitado o seu uso e fraco o resultado que d'ella se tira. Differe das já descriptas em que é composta de tres peças distinctas: a escova, pregada á taboa em que se colloca a pedra, taboa que forma com o chão um plano inclinado e a que servem de ponto de apoio dois pregos cravados na extremidade inferior; a alavanca angular, articulada a uma pequena taboa com o bordo superior chanfrado; e por ultimo uma vara em arco, chanfrada tambem numa ponta, que serve, como o mostra a figura, para pôr a escova em equilibrio. De resto tudo se passa como nas precedentes. Póde custar 250 a 300 réis.

CAÇA COM A INTERVENÇÃO DO HOMEM

ESPERA

Todas as vezes que entre nós se caça á espera, e esta é sempre feita a uma determinada especie, o primeiro cuidado do caçador, para ser bem succedido, é impedir por todos os meios possiveis que seja notada a sua presença.

Para isso agacha-se, deita-se, cose-se ás arvores ou muros, occulta-se por detraz das sebes, evita os menores movimentos; porém especies ha com tão apurados sentidos, com um instincto tão fino, que de pouco ou nada servem taes prevenções.

Mas nesse caso o *esperista,* nome dado ao caçador de espera, construe nos sitios frequentados pela caça *barracas* de ramos (fig. 30) em que se embusca e d'onde, sem ser visto nem presentido, á vontade atira sobre o animal que se veio collocar ao alcance da sua espingarda.

Fig. 30 — Barraca de espera

São muito usadas estas barracas na caça dos pombos *(Columba palumbus* e *Columba livia),* das rolas *(Columba turtur)* e tambem, embora muito menos, na dos estorninhos *(Sturnus vulgaris).*

Ora, se umas vezes o caçador espera ou a passagem casual da caça ou d'esta uma paragem de momentos, vezes ha tambem em que elle, não satisfeito ainda com isto, quer obriga-la a approximar-se d'um certo logar que a espingarda domina, onde o fio está armado ou o visgo se estende, e é então que se serve dos reclamos naturaes ou artificiaes de que tira o melhor resultado. Emprega porém poucos: quatro dos primeiros e dois dos segundos, pois esta caça, que só se faz ás aves, limita-se apenas á perdiz e codorniz, ao pintasilgo e pintarroxo.

Os reclamos naturaes, *chamarizes* ou *chamos,* como bem se comprehende, não passam de uma ave da especie d'aquella que se vae caçar e que, pelos seus pios ou canto,

para junto de si attrae a outra que a ouviu; os artificiaes (figs. 31 e 32), usados apenas por commodidade, pois por mais aperfeiçoados que sejam deixam muito a desejar, e com que sómente se remeda o canto secco da codorniz ou a rouca voz da perdiz, são simples assobios de metal tocados por meio de um folle de pellica, que nos primeiros faz incidir o sopro para uma fenda, produzindo assim um som agudo, e nos segundos o dirige para a pequena abertura de uma camara d'ar, emittindo-o então rouco e grave.

Fig. 31
Reclamo
de codorniz

Fig. 32
Reclamo
de perdiz

E assim a caça á espera póde fazer-se:

COM RECLAMO NATURAL OU ARTIFICIAL

A' tiella—A tiella não é mais que um fio de perdizes, já descripto nas armadilhas sem engodo; toma porém este nome na caça dos perdigões e por elle é conhecido em Fridão, Anciães, Candemil e Aboadella. O reclamo, sendo natural, deve ser femea, e vae sempre numa gaiola de forma conica (fig. 33), feita de varas de castanheiro e com fundo de cortiça; as tiellas collocam-se nos apertados carreiros da serra ou nas paredes das tapadas e á distancia de dois ou tres metros umas das outras. Esta caça dá resultado todo o anno, mas especialmente em março e abril, mezes do cio.

A' arma—Substitue esta a tiella na caça dos perdigões, mas então o chamo costuma ser defendido por uma lapa de schisto, porque, como para ali se dirigem as perdizes, quasi todos os tiros são feitos nesse sentido.

Na caça da codorniz *(Coturnix communis)* nas ribeiras e linhaes emprega-se de preferencia o reclamo artificial, atirando-se sobre ella quando, ao approximar-se, atravessa os caminhos ou regos que cortam os campos.

SÓ COM RECLAMO NATURAL

A visgo—Ha duas especies de visgo, mas o usado nesta forma de caça é extrahido por maceração e lavagem da casca do azevinheiro, e deve ter-se sempre em agua quando se não faz uso d'elle.

E' conhecido pelo nome de visgo branco, em opposição ao de resina que é escuro ou levemente amarellado. Faz-se em muito pequena escala no concelho, não o havendo á venda, pelo que os passarinheiros o mandam vir de Guimarães e Braga, onde o obteem pelo preço de 800 a 1$200 réis o kilo.

E' com elle que se apanham nas *armadas* os pintasilgos e pintarroxos.

Estas são feitas num logar descampado, quasi sempre um monte, onde se espetam á roda do chamo, distantes uns dos outros 8 a 10^{m}, tres ou quatro ramos de carvalho, nas pontas dos quaes, depois de aguçados, se mettem uns pequenos *canudos* de colmo de $0^{m},2$ a $0^{m},3$ e que servem para sustentar as *varas* de piassaba ou urze untadas de visgo.

Fig. 33—Gaiola de perdiz

A distancia estão occultos o chefe da armada e um ou mais ajudantes, encarregados de preparar e pôr as varas e apanhar as aves, a que aquelle cuidadosamente desvisga as azas com terra, depois de reconhecer se são machos ou femeas, guardando-os em seguida num alçapão já levado para tal fim.

As armadas são unicamente feitas ás aves que costumam de preferencia pousar nas pontas dos ramos, e de todos os meios de applicar o visgo como auxiliar da caça é

este o que dá mais resultado, pois é raro que a ave, obedecendo ao chamo, não vá, depois de dar algumas voltas, pousar no ramo onde a traidora vara se lhe prende ás azas, tolhendo-lhe o vôo.

SEM RECLAMO

A visgo—A caça a visgo na espera sem reclamo é ainda quasi exclusivamente usada pelos passarinheiros, e estes fazem-na sem engodo ou com engodo.

Fig. 34—Caco

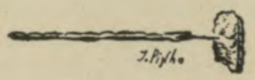


Fig. 35—Piassaba

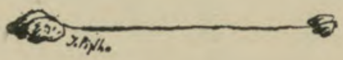


Fig. 36—Vara de visgo

Quando não se servem de engodo empregam, na maioria dos casos, o visgo branco, collocando as varas no chão ao longo dos *bebedouros,* sitios onde as aves costumam ir beber, de forma que estas não possam chegar á agua sem lhes tocar. Assim apanham rolas e varios passaros, taes como verdilhões *(Chlora hortensis),* sombrías *(Anthus pratensis),* milheiras *(Pyrrhula serinus),* etc.; se ao visgo juntam engodo, usam de preferencia o de resina, muito mais barato que o branco, e que, apesar de suas inferiores qualidades, dá um soffrivel resultado.

E' feito este visgo com resina e azeite, que ao mesmo tempo se deitam num *caco* (fig. 34) em geral fundo de panella ou de outro qualquer vaso de barro, e se põe a derreter ao lume, feito o que se tira para fóra e deixa arrefecer, deitando-lhe, se necessario fôr, mais azeite ou resina, até que tome a espessura de gelêa.

Com elle se untam as *varas* de piassaba (fig. 35) ou linha (fig. 36), espetadas ou atadas num pedacito de borôa, com que no inverno se dá caça aos pardaes.

A' arma—Já, quando tratei da espera com reclamo natural ou artificial, fallei na caça á arma e agora de novo tenho de me occupar d'ella na espera sem reclamo.

E' com a espingarda que de dentro das *barracas* o esperista atira nos montes aos pombos e ás rolas, nos olivaes aos estorninhos e á beira do rio aos patos bravos *(Anser ferus* e *Anas crecca)*; é com a espingarda, de noite e de cima de uma arvore, que faz fogo aos coelhos e ás lebres que sabe frequentam um determinado logar; é ainda com a espingarda e de noite que elle mata a raposa nos mezes do cio ou tenta ferir o javali, quando descuidado se espoja nas poças ou lamaçaes.

Esta é, ordinariamente, de um cano (fig. 37), raras vezes de dois e, tanto d'uma forma como d'outra, sempre de carregar pela bocca.

Figs. 37 e 38
Arma e correão

A' cavadela—Entre todos os processos d'espera é com certeza este o mais vulgarisado em todo o concelho, porém sómente usado na caça da toupeira.

Faz-se especialmente na primavera, no tempo das sementeiras, por ser esta a occasião em que aquelle insectivoro anda em maior movimento, procurando á flor da terra as larvas dos insectos ou as minhocas que vão nos estrumes. Então o lavrador munido d'uma enxada ou sachola vae ao nascer do sol vigiar os meloaes ou *margens* de cebolo, evitando fazer o menor ruido que o possa denunciar, e, logo que a toupeira começa a levantar, com uma cavadela tira-a para fóra, matando-a em seguida.

BUSCA

Pelo nome de busca, ou caça propriamente dita, comprehendo aquella em que o caçador com furão ou com furão e cães, só com cães ou sem elles, procura por montes

e valles, por campos e quintaes, desentocando até dos seus esconderijos o animal de que se quer apoderar.

COM FURÃO OU COM FURÃO E CÃES

A' rêde—Sempre prohibida e sempre tolerada assim é feita a caça aos coelhos, quer nos dias chuvosos e frios de inverno em que o caçador, sabendo que estão encovados, lá vae de cacifo e rêdes ás costas afuroar as covas suas conhecidas, quer quando apertado pelos cães o coelho procurou o ultimo retiro, e aquelle não tem confiança na sua matilha.

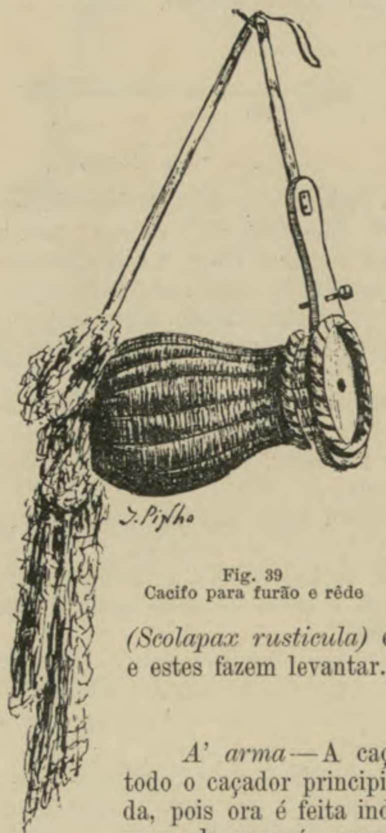


Fig. 39
Cacifo para furão e rêde

O cacifo (fig. 39) em que levam o furão para o monte é um pequeno cesto de vime em forma de cabaça com porta de madeira e custa 500 réis; a rêde, com malha de pollegada, regula por um metro de largo e um e meio de comprido, fica por 100 ou 150 réis, e com ella se cobre a bocca da cova para o coelho *malhar* á sahida.

A' arma—Assim como na espera com reclamo a espingarda substitue a tiella; na caça com furão ou com furão e cães toma ella o logar da rêde, logar que bem desempenha se a matilha é boa e o caçador sabe do seu officio.

SÓ COM CÃES

A' arma—Os cães empregados nesta especie de caça são, de ordinario, perdigueiros e raras vezes de coelho; com o auxilio dos quaes se póde matar a perdiz e a codorniz, o coelho e a lebre, a gallinhola *(Scolapax rusticula)* e a narceja *(Gallinago media)* que aquelles *marram* e estes fazem levantar.

SEM CÃES

A' arma—A caça de busca, á arma, sem cães, é aquella por onde todo o caçador principia, e por isso mesmo muito usada e ainda mais variada, pois ora é feita indistinctamente a tudo que apparece, tomando então o nome de caça á passarada, ora se faz em especial ao coelho e lebre, quer nos campos de milho, onde vão pastar, quer nos montes, batendo com o cano da espingarda as moutas onde descançados dormem. Porém no correão do caçador (fig. 38), entre a cabaça da polvora e a sacca do chumbo, muita vez se encontra um coelho ou lebre no meio de tordos e melros ou de gaios e pardaes.

A' chumbeira—A chumbeira é uma rêde de forma circular com dois a tres metros de diametro presa no centro a uma corda e tendo outra enfiada nas malhas periphericas para a tornar mais resistente. A' altura de $0^{m},30$ pouco mais ou menos e de cinco em cinco malhas atam-se uns pequenos fios de $0^{m},10$ chamados *tensos* que, prendendo e puxando para cima os bordos da chumbeira, servem para fazer sacco do lado interior. Duas balas fixas em cada tenso auxiliam o seu lançamento, fazem-na tomar a direcção vertical e lhe conservam depois a sua estabilidade. Esta rêde é propria para a pesca, custando sem chumbo 600 a 700 réis e completa 2$000 a 2$200 réis; porém tambem é muito empregada para caçar codornizes nos campos de herva e linhaes. Para se servir d'ella ata-se a um braço o cordel que a prende, levanta-se e, apanhando approximadamente metade, deita-se sobre o hombro esquerdo, depois do que, tomando com a mão direita o resto, com um impulso se lança de forma que abra toda ao cahir, vedando assim o logar em que a codorniz cantava ou mexia entre a herva.

A' palheira—A palheira é uma simples pavêa de colmo de que os rapazes se servem, na maioria dos casos, para caçar os grillos. Para isso introduzem-na nas covas ou *buracas* e andam com ella ao redor, imprimindo-lhe com os dedos um leve movimento de rotação, até os deitarem fóra, guardando-os em seguida em pequenas gaiolas de canna ou dentro dos chapeus e carapuças.

A' fisga—E' a fisga a arma predilecta da rapaziada, especialmente na villa e seus arredores. E' feita de uma *gancha* de carvalho em forma de Y (fig. 40), a cujos ramos prendem fortemente dois tubos de borracha ou cordões de elasticos, ás extremidades dos quaes atam um disco de pellica. Para fazerem uso d'ella seguram-na com a mão esquerda pela haste do Y, tomando na mão direita o disco de pellica dentro do qual deitaram grãos de chumbo ou pedras, afastam com força o disco em direcção perpendicular á haste, miram e, abrindo os dedos, despedem sobre um misero passarito a carga que a curta distancia, sendo boa a pontaria, quasi sempre o mata.

Fig. 40—Fisga

A' lanterna—Embora seja muitissimo pouco usada esta especie de caça, aponto-a aqui por já se ter feito algumas vezes nas margens do Tamega.

Dentro de um barco mettem-se tres ou quatro rapazes, um dos quaes rema e outro vae á proa com uma lanterna, dirigindo a luz para os ramos dos salgueiros e amieiros mais proximos da agua, onde costumam passar a noite melros, rolas e pardaes, que com a cabeça debaixo da aza facilmente se deixam apanhar, ou, se algum ruído os desperta, deslumbrados pela luz não voam, podendo á vontade matar-se com um pau.

A' candeia—Como a anterior, esta caça é só feita de noite e especialmente nos principios de verão.

E' nesta epocha do anno que as plantas das hortas e jardins estão com todo o vigor, mas se não se lhes *catar* os caracoes, as lesmas e as lagartas, que nestes terrenos mais viçosos extraordinariamente se multiplicam, dentro em pouco se vê quasi tudo estragado, ficando roídos ou cortados os rebentos mais tenros.

Então, para evitar isto, hortelãos e jardineiros, de candeia e tenaz, teem o cuidado de ir ás noites catar os *bichos* das suas plantações, não poupando nem sequer o sapo que nenhum mal lhes causa e tanta utilidade lhes presta.

BATIDA

Dá-se a batida todas as vezes que a caça é acossada, apertada num circulo de ferro e fogo ou obrigada a passar nos sitios em que melhor se póde matar ou prender.

A batida toma entre nós o nome de *montaría,* quando se faz ao javali, ao lobo e á raposa.

Montaría—As montarías, que, não vae ainda longe, eram no nosso concelho muito vulgares e quasi que obrigatorias, teem-se tornado cada vez mais raras e tendem a acabar.

A ultima que se fez em regra, ha já 10 annos, foi ao javali e nella só foi morto um d'estes animaes.

Ao lobo ainda ha mais tempo que se não fazem, e mesmo a camara, que offerecia 4$000 réis a quem matasse algum, já ha muito eliminou essa verba. Não quer isto dizer que ás vezes na serra não appareça morta e meia comida por elles uma cabeça de gado que por descuido não foi recolhida; porém, já todos sabem applicar a estrychinina e esta poupa despeza e trabalho, produzindo melhor caçada.

Antigamente, que o nosso povo não conhecia o uso d'este alcaloide e não estavam tão vulgarisadas as espingardas, sendo porisso os animaes damninhos em muito maior numero, quando estes infestavam uma certa localidade reuniam-se os povos das freguezias limitrophes em local e hora préviamente determinados, á ordem do monteiro ou caçador-

mór, e, armados com paus, fouces roçadouras e as poucas e más armas que possuíam, começavam a montaría.

Principiavam por fazer um grande cerco ás mattas mais densas e, afoutando os cães, tocando businas, fazendo, emfim, um barulho ensurdecedor, iam-nos apertando pouco a pouco, obrigando os animaes cercados a passar pelo sitio onde estavam os poucos caçadores munidos de espingardas e que ás vezes, porém raras, tinham o prazer de matar.

No fim, se não chegavam a mais, havia pelo menos questão, e isto para se assentar a quem devia pertencer a peça de caça morta que as varias freguezias disputavam entre si. Se porém tocava, e era isto o mais geral, áquelle que tivera as honras da caçada, este ia de porta em porta com o animal ás costas ou em cima de um jumento pedir alguma cousa em premio do seu feito.

Este peditorio ainda hoje é usado em quasi todo o concelho quando alguem mata um animal damninho. Mais tarde interveio a auctoridade administrativa para impedir os desmandos e questões que sempre se davam.

Os regedores são encarregados officialmente de convidar o povo para a montaría e esta é dirigida por elles, pela pessoa mais grada da localidade, ou pelo proprio administrador.

O plano é o mesmo: batedores e cães acossam a caça, sobre a qual só se póde atirar depois de transposto o cerco, para assim não haver desgraças a lamentar.

E, em remate, tomando montaría como synonymo de perseguição, apresentarei apenas por curiosidade, pois é cousa já passada, a devastação das aves silvestres obrigada por lei, ainda em vigor ha 50 annos, e que determinava que o chefe de cada casa levasse á camara municipal, pelo tempo dos ninhos, doze cabeças d'aves, sendo casado, e seis, sendo solteiro ou viuvo.

Amarante, 4—I—904.

José Pinho.

ETHNOGRAPHIA MIRANDESA

I

O CASAMENTO EM TERRA DE MIRANDA

E' bom collecionar os costumes das localidades para d'elles fazer um estudo consciencioso, e para não deixar sepultar no modernismo os velhos costumes das populações.

O casamento em Terra de Miranda não deixa de ser interessante, pois que sendo, na sua origem, um verdadeiro contracto cujo objecto é o interesse, as partes contractantes nem por isso deixam de se estimar, de constituír um lar pacifico e feliz e de se amarem. O contracto prendendo as partes contractantes, cada uma procura cumprir as clausulas á risca. E assim os casaes vivem felizes e progridem sob o ponto de vista economico. Ha excepções, mesmo porque todas as regras as admittem, mas a generalidade dos casamentos obedecem ao que fica exposto.

Digamos antes de mais observações a forma do casamento, e exemplifiquemos com a classe remediada, que é aquella, onde podemos encontrar as formalidades todas que se usam em taes actos. Imaginemo-nos n'uma aldeia do concelho, cuja população vive do

solo, sem outras industrias, e por consequencia toda a sua riqueza consiste no numero e qualidade de predios rusticos, imaginemo-nos n'essa aldeia onde duas *casas remediadas* contam nos seus membros, uma um rapaz, outra uma rapariga. Desde que chegam á edade do casamento, os paes, chefes das casas, começam a pensar na forma de realisarem os planos preconcebidos nos seus espiritos de ha muito—casar os rapazes. Só chegados os nubentes á edade do casamento é que seus paes começam a manifestar-se, guardando no seu intimo o plano que conceberam, algumas vezes, bem cedo. Até aqui os rapazes (usaremos da expressão) não pensaram ainda em se unir, as suas relações são vulgares, e nada faz prever n'elles um futuro casamento. Os paes, e na sua falta os tutores e parentes proximos, encarregam-se de tratar o casamento, porque a experiencia da vida, o respeito que os filhos lhes tributam, o desejo que elles teem de vêr os filhos felizes e para quem trabalham, dão-lhes o direito e auctoridade para tratarem do assumpto, e o coração dos filhos não é objecto que obste, uma vez que se trata de reunir bens (terras) e mais nada.

Os paes, pois, incumbem-se do negocio, e o que é menos acanhado e a proposito de qualquer coisa e em qualquer logar que se encontrem a sós, insinua ao futuro compadre a conveniencia de casar os rapazes. Escolhe-se para esta insinuação a occasião d'uma festa na povoação, os Reis, o Natal, a Paschoa, a festa annual ao santo da terra, dias em que os visinhos se visitam, em que as habitações são francas a todos, e em que todos offerecem vinho aos visitantes. Outras vezes nas conversas á lareira, mas mais raramente, se trata do início do casamento.

Feita a insinuação que, por virtude do acanhamento, é, muitas vezes, realisada pelo parocho, o pastor das ovelhas que só quer vê-los felizes, o outro pae acceita desde logo, se está preparado e tinha as mesmas intenções, ou pede para consultar a mulher.

Está dado o primeiro passo, e passados alguns dias vem a resposta acceitando ou não. N'um ou outro caso ficam amigos como d'antes, ou então, o que é menos geral, nascem odios surdos para sempre.

Devemos dizer que na consulta referida não se trata de saber se os rapazes se amam, mas só se calculam as fortunas e entra em linha de conta a ascendencia—a pureza de caracter. Assim o judeu não encontra noiva que não seja judía, o usurario, o carniceiro, etc., etc., mas isto hoje não é levado em linha de conta a não ser por um restricto numero de familias.

Acceite o casamento, os paes informam do combinado os rapazes sondando-os primeiro até ouvirem a resposta da praxe—o que o pae quizer. Desde então o noivo póde entrar em casa da noiva, e só então começam as relações mais estreitas, indo a casa da noiva como se nada soubesse do combinado, e a noiva fingindo o mesmo. Se o rapaz é acanhado o pae lá o conduz, e á porta da rua emprega o signal de chamada, dizendo: *Daes licença, oh! de casa, oh! tio F.*, etc., (formas usualmente empregadas) e de dentro respondem que póde entrar. O rapaz entra, e como foi conhecido pela voz, vem a rapariga com a candeia na mão, dizendo: *Eu te alumio, não caias, por aqui*, etc. (ou qualquer phrase que não vem para o caso). O rapaz logo que a vê falla bem alto pedindo um copo d'agua, a ceia ou outro objecto qualquer, até que chega á cosinha, local em que de ordinario está reunida a familia. Então declara-se perante os paes da rapariga e pede-a em casamento, depois de muitos rodeios em que se conversa em tudo o que não vem para o caso, os futuros sogros fingindo não suspeitar a que vem, elle acanhado receando um não. Ha scenas interessantissimas n'estas occasiões, mas referimos apenas a generalidade do costume.

Feito o pedido os paes perguntam á rapariga se quer o rapaz, e ella responde: *O que o pae quizer* (phrase sacramental, e que serve para mais tarde o pae tirar a responsabilidade escudando-se na manifestação da vontade da filha). Como se vê é um contracto com todos os requisitos legaes!

Ouvida a resposta da rapariga os paes declaram ao noivo que, visto ser da vontade da filha, que casem, que lh'o não tiram, que depois não se queixem, que o casamento traz encargos, que leva de dote isto e aquillo (dote que foi d'ante-mão combinado) e

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

varios conselhos e observações sobre o casamento. Desde então começa o namoro entre os rapazes, e só desde então procuram comprehender-se.

O rapaz incumbe-se dos banhos (proclames) e da dispensa (bulda) se ha logar a ella. Lidos os banhos as familias dos nubentes communicam-se, na phrase d'ellas, isto é, visitam-se sem escrupulos e como que começa a affinidade que traz o casamento. Em geral a familia do noivo é a primeira a convidar; os rapazes n'esta altura tambem já perderam a *vergonha*. E' n'estas visitas que se fixa o dia do casamento e se combinam os padrinhos, que se escolhem d'entre a familia, ou então as pessoas mais respeitaveis e respeitadas da povoação.

No dia do casamento cada noivo sahe de sua casa para se ir confessar á egreja, sem acompanhamento e até nem se fallam. Mais tarde é o casamento, e para elle o noivo leva seus padrinhos e familia e a noiva faz o mesmo. Na egreja procede-se ás cerimonias religiosas e então os casados podem ás claras abraçar-se! O acompanhamento sahe da egreja, mas espera-o a talanqueira ou talanqueiras, que o padrinho tem de desempenhar dando dinheiro áquelles que a apresentam. Havia o costume de a primeira talanqueira ter uma meza em que estava um copo com vinho, talanqueira dos solteiros. O padrinho (do noivo, é claro, pois agora o marido manda), a quem offereciam o copo, offerecia-o, por sua vez, aos casados, querendo significar que o tempo de solteiro passara e que mudaram de estado. As talanqueiras succedem-se, e o padrinho vae gastando dinheiro.

Tambem se usa receberem noivos e padrinhos em carros de bois *enfeitados*, isto é, cobertos de colchas variegadas e plantas, e os rapazes puxam por elle e assim os conduzem a casa.

Em casa ha banquete, baile, vinho e tremoços ao povo. Findo isto, ou no domingo seguinte, corre-se a rosca.

A corrida da rosca não tem nada de extraordinario. N'uma rua e em certo ponto colloca-se um individuo com a rosca na mão, levantando o braço. Do lado opposto e em certo ponto dispõem-se os corredores, entre os quaes podem figurar os casados e heroes da festa. Ao signal combinado (um, dois, tres é o mais geral) os corredores, correndo o mais que podem, e procurando embaraçar-se uns aos outros, dirigem-se á rosca que é agitada continuadamente pelo individuo que a tem. O que chegar primeiro, ou antes o primeiro que lhe deitar a mão, ganhou a rosca, que depois divide pelos casados ou solteiros, conforme o estado do conquistador.

Ha n'esta occasião jogos de barra, fito e outros usuaes.

E terminaram as festas do casamento. No dia seguinte trabalha-se nos serviços agricolas, e predispõe-se o espirito de longe para supportar os encargos do matrimonio.

As obrigações dos noivos começam antes do matrimonio. O noivo é obrigado a dar sapatos e lenço á noiva. Tudo o mais é considerado generosidade. A noiva, por seu lado, é obrigada a dar ao noivo a roupa branca. Symbolisam assim os direitos e obrigações reciprocas.

Ha tambem o costume de, na noite do casamento, os que teem a confiança e estão em relações intimas com os noivos, pendurarem debaixo do leito nupcial campaínhas (chocalhos) e observarem do lado de fóra os effeitos. Se os noivos não teem o cuidado de tirar as campaínhas, ao barulho feito salta de fóra grande algazarra. Outras vezes semeiam na cama alfinetes, o que é perigoso. Como se vê, procuram perturbar a lua de mel dos noivos!

Miranda, 1 de novembro de 1903.

Carlos Alves.

OS TREMEDORES EM PORTUGAL NO SECULO XVI

O estudo da religião popular em Portugal ainda não começou a ser emprehendido de modo formal, não podendo allegar aqui os estudiosos falta de materiaes, porque estes são tão numerosos como variados no paiz. Neste estudo não póde bem separar-se a religião professada pelas classes populares da seguida pelas camadas superiores, tambem chamadas illustradas, porque estas ainda estão—posto pareça paradoxal—submettidas, quasi por completo, á influencia da classe rustica por sua natureza eminentemente conservadora. A esta influencia é que se deve a antinomia portugueza do *saber* e do *querer*, antinomia que existia ainda attenuada, por exemplo, no seculo XVI.

Os bispos e as auctoridades seculares tiveram sempre em Portugal á sua disposição leis, tão amplas quanto desejavam, para se opporem á formação de heresias, ás injurias de assumptos sagrados e á propaganda exercida entre christãos por mouros e judeus. Factos concretos d'estas ultimas especies são ou podem ser bem conhecidos; outro tanto não succede, porém, com a repressão de factos hereticos anteriores ao seculo XVI. Haverá vestigios, talvez, da existencia de herejes em Portugal antes do reinado de D. Manuel, mas tão tenues elles ainda são, que nada se poderá affirmar de positivo.

O tribunal da Inquisição foi criado com o intuito principal de vigiar o procedimento dos judeus convertidos pela força no final do seculo XV e só secundariamente se applicaram a castigar os culpados na liberdade de espirito, de que tão illustres victimas houve durante o reinado de D. João III e do seu neto. Eram aquelles na sua maioria os individuos mais illustrados: professores da Universidade, humanistas e até funccionarios reaes, como os dois guardas do archivo do reino Fernão de Pina e Damião de Goes. E' certo que, por uma tendencia de origem bastante obscura, alguns teem pretendido vêr nestes casos antes o resultado de intrigas, que a applicação dos regulamentos inquisitoriaes.

Parece que ainda hoje impera entre os estudiosos um certo terror, que os afugenta de compulsar os numerosos processos inquisitoriaes, que se acoutam no humido refeitorio do mosteiro benedictino de Lisboa, onde nesta e outras salas se vão gradual mas methodicamente deteriorando as vastas collecções do archivo do paiz! Após Herculano, á parte monographias, ninguem mais ousou em primeira mão investigar a vida do tribunal, que é manancial perenne para o estudo dos costumes portuguezes. O medo de revelações espantosas, que venham ainda abalar mais a fé na crença dos assumptos maravilhosos ou sobrenaturaes, acobertado em subterfugios pueris tem levado tambem o estado a pear a consulta tanto quanto possivel dos antigos cartorios. Enganar-se-hia bastante, quem julgasse obedecer a methodo ou mesmo a má vontade o que não passa de instincto de defesa propria.

A sciencia afastou hoje todas as explicações sobrenaturaes; mas o que é acceite nos estudos da natureza, ainda não deu completa entrada nos estudos historicos e sociaes, onde, pelo menos entre nós, reina muito preconceito e muita anedocta piedosa. As gerações passadas cultivavam a faculdade de dar aos phenomenos naturaes, á historia e até á vida trivial origens celestes; as modernas ou antes uma parte minima das gerações modernas explicam naturalmente mesmo actos apparentemente maravilhosos. Hoje ainda um individuo que cahe epileptico no solo, extenuando-se em movimentos desordenados, está popularmente considerado como victima d'uma influencia sobrenatural a que só póde fugir com o auxilio do exorcista, tanto secular como ecclesiastico. A sciencia provou que esse mal, pelo contrario, existe dentro do proprio individuo e provém dos seus antepassados. E' inutil juntar mais exemplos para demonstrar a relação que o povo encontra entre assumptos vulgares e forças sobrenaturaes.

Em 1512 deram-se em Montemór-o-Novo ou no seu termo certos casos que motivaram troca de correspondencia entre a côrte e a auctoridade superior da terra. A cor-

respondencia, que nos resta, compõe-se unicamente de duas cartas dirigidas pelo juiz de fóra, uma a D. Manuel e outra ao secretario Carneiro.

O juiz de fóra chamava-se Francisco Frazão. Por uma carta de 27 de novembro de 1499, em virtude da qual foi nomeado Chanceller, Escrivão, Promotor, Distribuidor e Contador da comarca de Entre Tejo e Guadiana, fica-se sabendo que era filho de Pero Frazão, a quem succedeu no logar. Era então escudeiro do rei [1]. Em 13 de março de 1511, já elevado a cavalleiro, recebeu a carta de juiz de fóra de Montemór-o-Novo com 30.000 reaes de mantimento por anno [2]. Foi durante a sua administração que succederam as alterações que adeante irão narradas. Francisco Frazão exerceu depois, por carta de 2 de junho de 1516, o cargo de Provedor das terças, obras, capellas, escrivães, orphãos, albergarias e gafarias de Evora com 10.000 reaes de ordenado [3].

Posto que a carta escripta pelo juiz de fóra a D. Manuel seja extensa, não é ella tão pormenorisada como nós desejariamos para nos elucidar sobre as origens das alterações, ou melhor, da epidemia que atacou parte da população feminina da povoação.

Começou a epidemia numa mulher alcunhada a *Feia*. Era mulher séria, mas depois dos ataques nervosos que teve, perdeu a razão por completo ou quasi por completo, posto que o juiz suspeitasse que se fazia louca falsamente. Ao sentir-se tocada pela inspiração divina chamou o juiz e o povo, aos quaes communicou que Deus queria ali fazer grandes milagres. Parece que durante os ataques pronunciava palavras graves e tão graves que o juiz a teve de prender.

No maior auge da epidemia (grande furia do tremor) evidenciou-se uma outra mulher, a qual era, porém, de mau porte. Esta chegou a tentar fazer milagres, tornando-se intermediaria entre Deus e a humanidade enferma. Não obstante vêr-se rodeada de desassisados não foi tomada de convulsões, o que não deixa de fazer honra aos seus nervos.

Um rapaz coxo, tomado de convulsões ou tremores, foi curado pelo bispo de Evora pouco evangelicamente; não do seu aleijão, mas da epidemia reinante.

Deram maior corpo aos tremores as mancebas dos clerigos que formavam então uma corporação numerosa e influente que só temia a investigação exercida pela alçada que o rei enviava ás provincias periodicamente.

Durante este periodo de excitação houve algumas curas milagrosas que o proprio juiz teve de confessar serem authenticas perante a evidencia do facto. As curas produziam-se principalmente nos individuos quebrados. Uma mulher tolhida da mão curou-se a ponto de depois a poder mover sem difficuldade.

Dentro do templo havia dois homens sempre dispostos a soccorrerem os individuos atacados de tremores.

A agglomeração de povo vindo de outras povoações era grande. Os forasteiros, conforme o uso da epocha, dormiam na egreja, o que naquelles tempos constituía um dos principaes attractivos que a religião ou os sanctuarios d'ella tinham ao seu dispor para chamar o publico. O uso, sem duvida, provinha dos tempos pagãos e não será difficil encontra-lo ainda hoje em qualquer parte do paiz.

A determinação mais instante que o rei venturoso e não menos cubiçoso houve por seu *real agrado* de enviar ao juiz, conforme este nos dá conta na carta, foi a de olhar pela boa applicação ou arrecadação das esmolas. Costumados todos nós e educados na athmosphera não só da suspeição mas na propria convicção, em frente da realidade dos factos, de duvidar do bom emprego dos dinheiros publicos, parece que a actual má administração seria problema novo que ás gerações modernas competiria resolver, quando por este exemplo—que aliás não pertence á administração geral do estado—e por outros ainda mais caracteristicos se conclue que as raizes são tão anti-

[1] Chanc. de D. Manuel, XIV, fl. 76.
[2] Chanc. de D. Manuel, VIII, fl. 31.
[3] Chanc. de D. Manuel, XXV, fl. 71.

gas quão geraes. *Bradavam que viam estrellas, os olhos no céo e as mãos por baixo boliam.*

As providencias tomadas pelo juiz Frazão foram pouco energicas e ainda assim effectuadas quando o mal já ia em abatimento. Mais viril se mostrou o bispo de Evora prohibindo provisoriamente ao povo dormir na egreja e ordenando que só entrasse um individuo de cada vez no templo. Decretadas estas medidas retirou-se o bispo socegadamente para a capital da sua diocese.

Chamava-se o prelado, D. Affonso e foi tronco da illustre casa dos condes de Vimioso. Era varão santo e assaz instruido. Escreveu entre outras obras um *Tractatus de Numismate.* Morreu em 1522 e foi sepultado no convento da Graça, de Evora [1]. Como vimos, não obstante a sua alta prosapia, curou elle proprio á bofetada um rapaz que ia ser acommettido de tremores.

Epidemias identicas a esta teem grassado na Europa em diversas epochas, a mais antiga das quaes data de 1027. Só muito mais tarde a medicina logrou convencer o publico de que estas apparições singulares tinham fundamento puramente pathologico independente de qualquer força sobrenatural. Em todas estas manifestações collectivas, e atravez das descripções mais ou menos phantasticas, se conseguem encontrar alguns vestigios que nos diagnosticam a doença. Segundo Francisco Frazão, o mal apresentava-se com danças e tremores. Pois nenhum outro morbo tem estes symptomas tão caracteristicos como a choreia, que o povo ainda hoje chama *dança de S. Vito* [2]. E', portanto, talvez este o primeiro exemplo achado em Portugal d'aquellas manifestações lugubres da religião a meio caminho da loucura de que a Idade-Media foi tão prodiga.

Numa localidade do gran-ducado de Luxemburgo verifica-se, ha seculos, todos os annos uma procissão, em que ecclesiasticos, confrarias e até os individuos que conduzem os andores, caminham dançando!

Uma religião dos povos anglo-saxões tirou o seu nome de *to quaker,* tremer. São os *quakers* ou tremedores.

Seguem-se as cartas que são a base d'este artigo:

Senhor. = Sesta feira, xvj dias deste pressemte mes, me ffoy dado hũa carta de vosa allteza e outra pera o bispo dEuora, que lloguo ao sabado segujntj lhe ffuy lleuar a Euora e elle veo llogo aquj a segunda feyra; he, quando jaa veo, açhou posto sellençio na jemte, por que o ffuy pomdo pouco a pouco, por que, se no primçypyo o quisera fazer, nom ouvera pedra, que se nom llevamtara comtra mjm; he neste tenpo deseguey o bispo ou outra pesoa, que vosa allteza ouvera por bem o uer, pera o dizer he vosa allteza lhe dar o credito, que tamto o nõ dará, ha quẽ o nom vyo he pasou, como per mjm ffoy visto he pasado; por que asy o bispo o diz, por esto nom ver no propio tenpo que fora pera ver. E, posto que esto asy já estiuese qujeto he asemte, o bispo ajmda qua mandou majs, so pẽa de escomunhã, que nenhũa pesoa nom dormise na Igreja he os que quisesem estar, nom çheguasem hũu tyro de besta da Igreja he que hũa he hũua pesoa fossem a fazer oraçã, he, sayda hũa pesoa, fose outra; e ora se tornou pera a çydade e tornou a llejxar que estyuesem como dantes, segundo me elle dise.

Destes tremores e danças que fizerã estas pesoas, que tremiã, se Ry o bispo he diz: que todo he ffallso; he me deu entemder que elle sabya, como esto pasava por ser nosso prellado he lhe ser o Jntrynsyco desto descuberto, como o mjlhor saberá vosa allteza por elle. Porem ajmda, estamdo elle na Igreja, hũu mancebo manquo de hũa perna tremeo he elle começou as bofetadas a elle, em maneyra que este que tremja, se foy por a porta da Igreja fora.

E, nestas cousas, que muitas dellas saã santas he boas, o que ffuy sabendo he: que allgũuas pesoas .s. molheres sollteiras he que ajmda se diz serem mancebas de creligos que com os menynos amdaram hũu dya em dança he tremjam fallsamentj, segundo djz he mjnha cõcyemcya por darem a emtemder ao

---

[1] Sobre D. Affonso, bispo de Evora, podem-se consultar as seguintes obras: Fr. Apolinario da Conceição, *Portugal Sacro,* pag. 162 (Ms. 472 do Arch. Nacional); *Hist. gen. da Casa Real,* x, 533; e Barbosa Machado, *Bibl. Lusitana,* i, 48.

[2] *Dict. Encyclop. des Sciences Medicales,* xxv, 457. O nome *dança de S. Vito* é importado. *Vito* deriva-se do allemão *Veit.*

mũdo que noso senhor querja fazer millagres por ellas, semdo muito saas he Rjjas; asy, estas como outras que tyuerã outros modos semelhantes, me parece, que avyã mester castyguadas he esto pello que vou sabendo. E, jaa majs Ryjo metera as mãoos, se tyuera sabydo, o que nestj caso vosa allteza ha por seu serujço, que se faça; he esto me faz muito majs crer estas cousas, por o que jaa tenho visto por duas molheres, que ora premdy sobre estj casso .s. Hũua, que se çhama a Fea, que he a primeira que tremeo he que me mamdou çhamar he asy ha jemte, dizemdo que noso senhor querja ally fazer myllagres e, asy por esto como por outras cousas que fallaua com o tremor, a tenho presa. Esta molher he veuua e ffoy jaa casada com dous marydos e dizem todos que era booa molher he sesuda he ora seus modos sã de molher que está fora de seu sysso, ou nõ sey se o faz fallso.

Outrosy, senhor, prendy outra molher, que foy jaa casada he ora ho he com outro esta. Sua fama nõ he de *boyna mujer*, esta se ffoy a Igreja com hũu seu filho casado, quando ffoy a grande furea do tremor he lleuou este seu filho ofertar he tamto que o ofertou, começou de bradar, que este seu filho era sãoo, que ho buscasem, que era quebrado he que Recebera saude; he dous omẽes, que amdauã dellygentes a estes aparelhos, derã com estj omẽ no çhaoo he lhe desabotoarã huas seroyllas e lhe vyrã suas vergonhas, bradamdo este omẽe que o llejxassẽ que era saoo he que nõ era quebrado; e, com todo estes que asy ho buscaram, começaram a bradar por mjsyrycordya, dizendo que aquelle omẽ era saao e elle bradamdo que nom era quebrado; he entam esta molher mamdou çhamar hũa sua nora, filha deste seu filho, que dyzya que era quebrado e tamto que çhegou, omde estava, a lleuou pellos cabellos e começou a dizer que era hũa grande puta he que o mayor mjllagre que noso senhor avya de fazer aquelle dya, era que seu filho lhe avya de cortar a cabeça por que dormja com creligos he, por lhe dizerem allgũs que a lleixase, que nõ qujsese fazer tall descortesya na casa donde estava, elle dise que noso senhor lho mandara que fizese aquyllo ha sua nora; he entam lha tyraram das mãaos; he ella mamdou que lhe trouxesem hũa sua filha, que tynha a boca torta, por que lhe querya dar saude he asy a hũa molher, que hy estava com hũa filha manca, dizemdo que lha trouxesem que lhe darya saude he asy huus seus enteados que lhos trouxesem que os queria ffadar, dizendo que todo o que a nosso senhor pedyse, que lhe tynha prometydo de lho outorguar; he asy outras cousas; he estas, que jaa estam omde farã ẽmenda do que fizerã, como estas molheres outras que fazyam estes tremores fallsos, com o majs que puder saber he fazer neste caso me mande vossa allteza se ho haa por bem he se o farey assy pera se tyrar a llympo estas mjzeras, que se metyam em semelhamte auto na cassa doraçam; por que allgũs mjllagres que se fizerã e fazem os quaes os majs saã em menjnos quebrados, que recebem allgũs saude, como jaa a vosa allteza espreuj. E, asy, de hũa molher de hũa mãoo, que era hũu pouco allejjada e ora era ssãa, segundo dizem os que a vyrã manqua e ora eu a vy cerrar e abryr e apertar com esta mãoo; e, asy, allgũs outros poucos, por que os majs sãa destes quebrados que Noso Senhor aprouue fazer por sua mjsyricordia e pyadade, que he gramde, mais nã por nosos merecymentos, que, segundo estes modos destas taes pesoas, seryã bem aboreciues a elle. A jemte corre ajmda de muitas partes com deuaçã; porem, por o que achã, fycã fryos, asy no apertar que o bispo apertou com a entrada e dormjda da Igreja, como cõ o que lhe majs comtã destes modos, que se fizerã, por que elles o fizerã e elles zonbã ora dyso, assy que por estes modos como pella maneira e arte da deuaçã da jemte desta terra, cujdo que Noso Senhor fara poucos mjllagres; e, quanto as esmollas, que vosa allteza me mandou que fizesse por em boa arrecadaçã, eu tynha jaa acudydo a iso, ajmda que ffoy hũu pouquo tarde; por que, quamdo acudy, foy por o grande Roubo que se fazya; por que amdauã allgũas pesoas, que bradauã por mjsyricordya he bradauã que vyã estrellas he os olhos no ceo e as maoos por baxo bollyã; asy que o mjlhor que se pode fazer he faz he o bispo mandaua por elle amtes que ora aqui vyese, parecendo lhe que era allgũa cousa he achou tã pouca cousa, que llejxou ora que se despendese em hũa obra de hũs allpenderes, que se nesta ermjda e casa de Nosa Senhora fazem. Asy que, se Vosa Allteza ouver por bem llaurar por este camjnho que llevo, mo mande pera mais meu descamsso e pera se ver se ho ha vosa allteza por bem, se asy fazer e esto esta asy ate este paso he desejo hyr cõ isto avamte, se asy a vosa allteza parecer bem. E asy fico, com aquelle acatamento que deuo, beyjamdo as Reaes maoos de vosa allteza he Rogamdo a Noso Senhor por acreçemtar muito de seus llomgos dyas de vida. Esprita em esta villa de Monte Mor o Novo, a xxiiij° de julho de b^c xij annos=Criado he seu Juiz—*ffrancisco ffarzam.*

Senhor=Tamto que me foi dada a carta delRey e asy a do bispo, llogo ao outro dya lha lleuey; e elle veo aquy ter esta segumda feira passada; he esteve até oje sabado, xxiiij° de Julho, que se tornou a hyr pera a cydade. Escrevo a elRey, o que se majs neste caso pasou e asy de huas duas molheres que

premdy sobre este caso, por que se meteo aquj muita Roymdade; e escrevo a elRey que se ouuer por bem liurar por esta materya que seria bem, pera se castygarẽ allgũas pesoas que fizerã modos fingidos he como nõ devyã, na casa de noso Sõr, como vosa mercee vera por essa carta que a elRey escreuo he ajmda que seja hũu pouco llongua nõ se pode majs fazer; por que se se escreuese tudo seria muito prelluxo. Beijarei as maos de vosa merce a Despachar, cujas maoos fico beyjando De mõte mor o novo a xxiiij° de Julho de b^c xij annos.=Servjdor de vosa merce como criado—*francisco farzam.*

Sobrescripto: Ao Muyto prezado senhor o senhor secretayro e meu senhor [1].

Pedro A. d'Azevedo.

FOLK-LORE TRANSMONTANO

ROMANCEIRO

Frei João

Frei João se levantara
Um dia de madrugada;
Foi ás portas de Maria
Tocando n'uma guitarra.

«Abre a porta, Maria,
Abre-me as portas, coitada!»
—Como te hei de abrir as portas,
Se eu já sou mulher casada?!

Como te hei de abrir as portas!
Ai de mim! triste e coitada!
Tenho meus filhos ao collo
Meu marido está na cama?!—

Levantou-se seu marido,
Foi para a sua caçada;
Assim que se o homem fôra,
Logo se ella aceiara.

Calça sua meia fina,
Sua chinella dourada;
Suas ligas de seda
Que até perna lhe estalara.

Frei João, quando a viu,
Não corria, que saltava;
Pegou-lhe da sua mão,
P'ra sua cella a levara.

Lá lhe dava pão leve,
Doces e marmellada;
Tambem lhe dava vinho,
Do que ella muito gostava.

Depois que se enfadou d'ella,
Mandou-a p'ra sua casa;
Lá no meio do caminho
Seu marido encontrara.

«D'onde vens, minha mulher,
D'onde vens tão aceiada?!»
—Venho d'ouvir missa nova,
Que Frei João a cantara.—

«Anda cá, minha mulher,
Anda commigo para casa;
A missa de Frei João
Ha de te sahir amargada!»

—Eu não me temo da morte,
Todos hemos de morrer;
Só me temo de meus filhos
Que outra mãe não podem ter!—

«Se tu fosses boa mãe,
Como devias de ser,
Tu guardavas lealdade
A quem a havias de ter!

Lá te vae, minha mulher,
Direita ao coração;
P'ra te não tornar a ver
Nos braços de Frei João!»

Passados alguns dias,
Lá p'ras bandas de Hespanha,
Morrera o Frei João
Com pena da sua mana!

Recolhido em Maçores.

A Fonte do Salgueirinho

«Minha mãe mandou-me á fonte,
A' Fonte do Salgueirinho;
Mandou-me lavar o jarro
Com a flor do rosmaninho.
Eu lavei-o com aveia
E quebrei-lhe um boccadinho.

O' minha mãe não me bata
Com varas de marmelleiro;
Eu 'stou doente na cama,
Mande-me chamar o barbeiro.»

O barbeiro já lá vem
Com a lanceta na mão,
Para sangrar a menina
Na veia do coração.

—Anda cá, pêrra trahidora,
Onde tinhas o sentido?
Não no tinhas na roca
Nem tampouco no linho;
Tinhal-o n'aquelle mancebo
Que anda d'amores comtigo.

Recolhido no concelho de Bragança.

CANCIONEIRO

51.ª

Fui ao jardim da alegria
Espalhar minhas penas;
Onde as bagadas cahiram
Rebentaram açucenas.

52.ª

Fui ao jardim das tulipas,
Colhi d'umas, colhi d'outras;
Encontrei-me com o amor,
D'estas venturas ha poucas.

53.ª

O' minha pombinha
Do biquinho amarello,
Não vás a beber ao rio,
Não caias no *carambêlo.*

54.ª

Fica-te embora mundo,
Fica-te embora traidor;
Que eu vou-me com Jesus Christo
Levado no seu amor.

55.ª

N'esta rua não ha cravos
Nem janellas para os ter;
No meio de tanta rosa
Algum cravo ha de haver.

56.ª

Triste tenha o coração,
Quem o meu entristeceu;
Sempre chore, nunca cante,
Saiba as penas que me deu.

[1] Arch. Nacional: *Corpo Chronologico,* Parte 1.ª Maço 11. Doc. 116.

57.ª
Minha maçã camoeza
Picada do rouxinol;
Se não fôras tão picada,
Eras linda como o sol.

58.ª
Vae-te cruel, vae-te ingrato,
Vae-te amor da minha vida;
Vae-te gabar que me deixas
N'um mar de penas mettida.

59.ª
Cravos brancos são beijinhos,
Bem d'elles te tenho dado;
Ainda não estou arrepeza,
Que me tens amor dobrado.

60.ª
Se os beijos fizessem nodoas,
Bem d'ellas tinhas no rosto;
Os beijos não fazem nodoas,
Deixa-m'os dar ao meu gosto.

61.ª
A oliveira da serra
Do vento é combatida;
Inda espero de acabar
Comtigo a minha vida.

62.ª
Passei pela oliveira
Cinco folhas lhe colhi;
Eram os cinco sentidos,
Que eu tinha posto em ti.

63.ª
Quando as pombas são simples
Requerem bem o amor;
Pois n'ellas se transforma
Quando quer o Creador.

64.ª
Fui á sepultura a ver
Os ossos da minha amada;
Achei tudo reduzido
A terra, pó, cinza e nada.

65.ª
Puz o pé na sepultura,
Onde está um corpo humano,
Uma voz me respondeu:
Levanta-te d'ahi, tyranno!

66.ª
Mangericão da janella,
Já meu peito foi teu vaso;
Já tendes outros amores,
Já de mim não faseis caso.

67.ª
Não te rias de quem chora,
São cousas que Deus ordena;
Se te faltar o bem que tens
Ficarás na mesma pena.

68.ª
Mangericão miudinho
Posto á beira do tanque;
Dá-lhe o vento, dá-lhe a chuva,
E cada hora mais galante.

(Segue)

Tavares Teixeira.

FOLK-LORE BEIRÃO

ORAÇÕES E POESIAS RELIGIOSAS

Padre Nosso pequenino

Padre Nosso pequenino
Tende-las chaves do paraizo;
Quem as deu, quem as daria
S. Pedro e Santa Maria
Veio a Santa Madalena [1]
Vestidinha de burel
Recebendo as chavinhas
Ao divino Manuel;
Manuel não está cá,
Está no adro da igreja
Abanando S. José
Os anjos estão cantando:
Gloria tibi dominé.

—

Ave Maria pequenina

Sete anjinhos vão commigo:
Sete candeias me allumiam
Nossa Senhora é minha madrinha
Nosso Senhor é meu padrinho;
Deus me livre do demonio
De noite e de dia
E ao pino do meio dia!

—

Salve rainha pequenina

Salve rainha pequenina
Rosa sem espinhos;
Cravo do amor;
Mãe de Nosso Senhor
Dai gloria aos meus defunctos
A mim entendimento
Para que eu possa receber
O Santissimo Sacramento.

Credo pequenino

Creio em Deus padre pequenino
Não sois falso nem enganoso
Os pecados que me esqueçam
Aos pés do meu confessor
Eu vos digo meu Senhor
Quantos é que elles são;
Quero fazer uma cruz na bocca
E outra no meu coração
Para que nunca a minh'alma
Se perca sem confissão.

—

Andorinha gloriosa

Andorinha gloriosa
Tam perfeita como a rosa
Quando Deus aqui nasceu,
Toda a terra estremeceu;
Veio o anjo Gabriel
Perguntar pelos pastores:
«Pastorinhos do bom dia
Aqui s'tá Santa Maria
C'o seu livrinho na mão
Resando a oração;
Oração do pelingrino
Quando Deus era menino
Pôl-os seus pés no altar,
Começou sangue a correr.
Veio Santa Madanela
Com tres lencinhos de côr
Para alimpar o Senhor;
Tata, tata (?) Madanela
Bem me escusas de alimpar
Que estas são as cinco chegas
Que por mim tem de passar.
Sobe acima áquelle oiteiro
Lá verás um moiro pêrro,
Lá verás ruas regadas
C'o meu sangue verdadeiro:
Pergunta se elle é christão
E se elle disser que não
Pucha pelo teu cutello
Ferra-lh'o no coração,
Oh! cutello estimado
Arreliquia de perdão!

Quem esta oração disser
De dia a dia
Poderá ter certo
Que lhe ha-de apparecer
A Virgem Maria:
Ella lhe dirá:
Confessa-te peccador
Que te ha-de vir buscar
Deus Nosso Senhor
Para a Santa Gloria
Amen!

—

Oração para antes de comer

Caminhamos, andamos
Damos graças ao Senhor,
Em seu bemdito louvor
Assim como nos deu p'rágora
Nos dê p'ra sempre
A toda a hora
Que o quizermos comer.

—

Depois de comer, diz-se, erguendo as mãos:

Graças a Deus! O Senhor que nos deu p'rágora, nos dê p'rágora e sempre, na sua santissima graça. Amen!

(Beira Alta).

Pedro Fernandes Thomaz.

[1] O povo diz *Madanela*.

NOTICIAS

Novas descobertas de ourivesaria proto-historica

O **torque de Serrazes** — Realisa-se de modo completo o designio expresso na anterior communicação sobre *Os torques de Almoster*. É o caso que todas as secções principaes d'este fasciculo da revista *Portvgalia* se iniciam por noticias inéditas de *ouros* proto-historicos, descobertos em paiz portuguez. Feliz occorrencia, na verdade, que muito nos apraz celebrar; este fasciculo, pois, agrupando as ultimas e mais recentes descobertas, fornece á estatistica da primitiva ourivesaria nacional a quasi o duplo das peças até então noticiadas.

Com effeito, á nota 2 da antecedente pagina 68, em que se sommáram 63 peças d'ouro (torques, armillas e braceletes), ha que accrescentar mais esta e a seguinte que prefazem o numero 65.

Ha dias, no passado mez d'abril, um pedreiro vendeu ao ourives Soares Reis & Filho, do Porto, um pesado objecto d'ouro que foi por elle encontrado junto a uma pedreira, no sitio de Machorros, em Serrazes, concelho de S. Pedro do Sul. Alguns *diarios* portuenses noticiáram o facto sob a epigraphe *Um achado valioso;* e no dia 20 d'abril publicavam *(Primeiro de Janeiro* e *Jornal de Noticias)* que o administrador de S. Pedro do Sul requerêra á policia do Porto a apprehensão do objecto e a captura do seu vendedor.

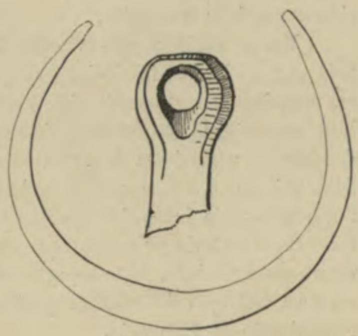


Fig. 1 — 1/4 gr.

O objecto é, para cumulo de coincidencia, exacto simile dos torques de Almoster. Representa-o a fig. 1; ahi se vê o mesmo crescente de secção circular, em forma de sanguesuga, apenas com a differença de que, terminando o de Almoster em ganchos, o de Serrazes remata nos dois ramos por argola fechada — reproduzida em grandeza natural no meio da gravura. Pésa 575 gr. e o seu ouro é de 22 quilates, ou sejam 917 millesimos.

Falta o travessão que servia de fecho o qual foi vendido pelo descobridor a um ourives de S. Pedro do Sul. Pela disposição do desgaste das argolas terminaes, parece-me que o fecho se prendia e funccionava á maneira do exemplar da Penha Verde, sendo aqui apenas um lizo e roliço arame de ouro.

Este novo torque do typo de Almoster — que por sua vez emparelhamos com o de Penha Verde e com varias armillas abertas de procedencias peninsulares — fornece mais um documento para a constituição do molde-typo ao qual se adáptam as *joias,* denominadas em sentido generico, *ibéricas.*

A particular occorrencia dos tres especimens de Cintra, Almoster e Serrazes põe em notavel evidencia este typo singelo, massiço, de arco aberto, em forma de crescente, com fecho independente. D'este modo se vae constituindo a nossa serie typica; aqui temos, decerto, uma forma padrão; resta que se localise a sua area e se investigue a sua origem.

Estes tres especimens provéem de sitios de Portugal, da sua região do centro, entre Douro e Tejo, que era paiz dos Lusitanos, segundo as classicas *Strabonis tabulæ.* E se não fôra o methodo preestabelecido de logica ethnographica — e tambem, no nosso problema, a indeterminada funcção *celta* — havia rasão para requerer a favor do especimen-typo, que entretanto se vae documentando em numerosa serie, o titulo de *joia lusitana,* restrictivo da epigraphe geral e convencional, até agora empregada, de *joia ibérica,* tendo aquella sentido ethnico, archeologico, geographico, e mesmo chronologico.

Dentro, porém, dos exarados preceitos de estudo, limito-me por emquanto a formular e subscrever o documentado requerimento.

O bracelete de Tellões — O nosso collaborador, abbade José Brenha, communica-nos uma nova descoberta de um bracelete d'ouro em carta de 8, maio, 1905. Foi encontrado no começo do anno corrente em uma propriedade do dr. Domingos Gonçalves entre os logares de Villa Chã e Soutellinho, freguezia de Tellões, concelho de Villa Pouca d'Aguiar; uns pedreiros encontráram-no quando abriam alicerces para uma parede e logo o partiram deformando um dos pedaços. Estes fragmentos foram recolhidos pelo rev. Agostinho Gonçalves, irmão do proprietario.

Reconstitue-se com exactidão o adereço o qual é de ouro massiço com o peso de 60 gr. E nitidamente o descreve o nosso cuidadoso informador pela maneira seguinte: «É uma pequena pulseira de forma ellipsoidal um pouco achatada na direcção do seu menor diametro e aberta n'este sentido em um dos lados, ficando as extremidades dos braços separadas uma da outra cêrca de 15 mm. A sua secção é octogonal e bastante regular, engrossando para o centro e adelgaçando para as extremidades que estão ligeiramente rebatidas, ficando o topo lizo; todas as superficies são, de resto, bem polidas. O diametro maior tem 0^m,065 e 0^m,036 o menor.»

Compara-a justamente o rev. J. Brenha com o exemplar descripto por Estacio da Veiga e que foi citado a pags. 67 e 70 (fig. 11), a proposito do achado de manilhas das Baralhas; a differença está na secção transversa em forma de octogono. Este especimen é, pois, muito semelhante ao bracelete de Folgosinho (Beira), tambem anteriormente citado, cuja secção é hexagonal. O modelo geral é sempre o mesmo n'este typo de manilhas e armillas em forma de sanguesuga ao qual longamente me tenho referido nos artigos transactos.

Vae-se enriquecendo a collecção de ourivesaria proto-historica nacional; e digo *proto-historica* pelo sentido lato de tal designação que facilmente abrange estes achados de caracter indeterminado, que em consciencia devemos classificar nas epochas anteriores ás que datam os documentos historicos. Podem bem ser préhistoricos alguns d'estes especimens, da edade do bronze, e serão com egual probabilidade dos tempos posteriores do ferro; não é possivel attestar a qual das civilisações pertenceram e qual a sua data, pois que o seu aspecto de primitiva singeleza é mais uma causa d'esta indeterminação. Quedar-nos-hemos mais junto das epochas historicas, a quando as primeiras civilisações em que imperava o ferro como materia prima, porque cautelosamente pousaremos em sitio d'onde mais facilmente descortinaremos a verdade. Este aspecto primitivo servir-nos-ha tão sómente para agrupar todos estes achados em uma collecção de caracter peninsular, autochtone, *pré-romano*, quer dizer, de civilisação anterior á romanisação da *Hispania*.

15, maio, 1905. RICARDO SEVERO.

Thesouro de Viatodos — Da idade do bronze

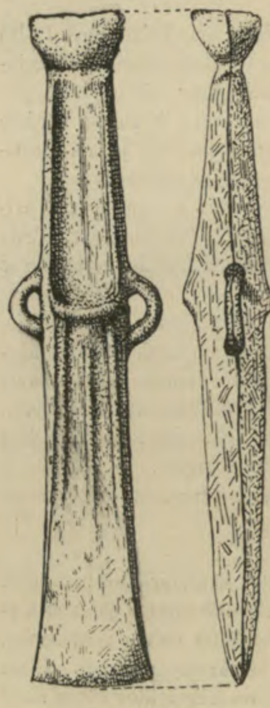


Fig. 1 — 1/3 gr.

Em julho do anno findo descobriu-se, por méro acaso, numa bouça do logar da Fonte Velha, freguezia de Viatodos, ao sopé do monte da Saia ou do Livramento (concelho de Barcellos), mais um interessante *esconderijo de fundidor-mercante* do periodo *tsiganiano*.

Compunha-se o *thesouro* de quinze *palstaves morgeanos* com duplo anel e dupla canelura, de tres meniscos de metal em bruto e de fragmentos de outros visivelmente destinados á fundição de instrumentos. O typo dos machados (fig. 1) é vulgar e frequente ao norte de Portugal, embora não privativo d'este tracto geographico. Os exemplares, bem conservados na sua maioria, exhibem uma singela ornamentação de nervuras nas duas faces maiores e revelam o emprego de varios moldes bivalves desiguaes, por vezes com insuccesso nas operações; alguns conservam adherente o cabeço conico moldado pelo infundibulo em que se vertia o metal candente, a outros foi parcialmente serrado, no maior numero mostra-se destacado por inteiro.

Mais interesse archeographico, porém, offerecem as lenticulas plano-convexas de metal não trabalhado; as duas estudadas pesam respectivamente 1^k,286 e 1^k,412, e teem forma peripherica approximadamente circular, medindo nos maiores diametros 0^m,146 e 0^m,126 e nas maximas espessuras 0^m,021 e 0^m,026; o metal de que são constituidas é poroso e pouco denso.

O curioso achado, ainda que destituído de excepcional alcance archeologico, merece descripção mais ampla; fá-la-emos em pormenorisada monographia especial já em preparo. Apenas se addita, pois, que por directas informações colhidas *in loco* e por noticias ulteriores se apura o seguinte destino da collecção. O Museu municipal do Porto,

mercê dos diligentes esforços da camara e do seu illustre e infatigavel director, sr. Rocha Peixoto, possue actualmente dez machados, duas pastas de metal e um fragmento de outra. Os restantes exemplares pertencem — um ao nosso amigo rev. Souza Maia, illustrado parocho de Canidello (Villa do Conde), um ao parocho de Viatodos, um a Heitor Brandão, de Famalicão, e outro ao Museu ethnologico portuguez por dadiva recente do rev. Maia. Perdeu-se o ultimo da serie, o qual fôra primitivamente trazido ao Porto a ensaio chimico na cubiçosa suspeita de ser de *ouro*, sendo atirado para o cadinho de fundidor desconhecido logo após a negativa averiguação analytica.

É de lastimar se dispersasse d'esta maneira uma collecção interessante que manifestamente convinha ter archivada em conjuncto num museu publico, como a reunira e escondêra o bronzista millenario.

José Fortes.

O cemiterio romano do Monte do Penouço (Rio Tinto)

Na segunda-feira, dia 2 de janeiro do corrente anno, os filhos do lavrador Marques de Sá, moradores em Medancêlhe, occupávam-se em annovar o terreno da sua bouça do Seixo, sita no Monte do Penouço, proximo da Preza da Lage, em Rio Tinto, freguezia limitrophe do Porto. Logo acima da pedreira que ahi está em exploração, encontráram á pouca fundura da caváda lagêdo firme, que a principio suppozeram ser o afloramento da pedreira de baixo. A breve trecho, porém, verificáram que eram lages justapostas formando a tampadura de uma cavidade subterranea. Creio ter ouvido a alguns dos curiosos visitadores, gente do sitio, que só pela caláda da noite procederam ao levantamento da pesada cobertura, sob a qual se abrigaria a arca do mysterioso thesouro, o thesouro escondido dos seus sonhos. Assim foi a descoberta d'este cemiterio romano.

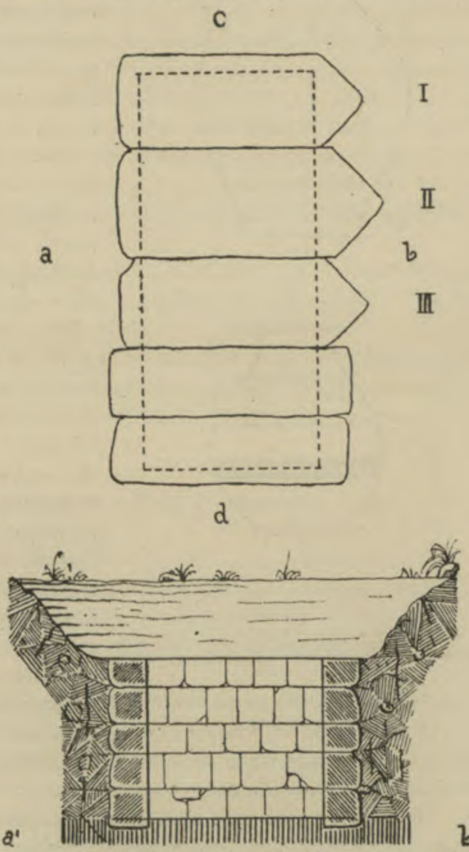


Fig. 1 — Planta e córte do sarcophago — Escala 1 : 40

Asseguram-me que encontraram dentro da cavidade uma camada de terra negra de palmo e meio, acima do *salão* do fundo, e dentro alguns objectos de barro, um vaso de vidro e uma rodéla de bronze; ao todo sete peças, e nada mais. Esmorecidos, apenas recolhêram uma parte, outros leváram e partiram o restante. Constou-me, mesmo, que uns visitantes do Porto apanháram ainda restos de louça e um *peso*.

A caváda no pinheiral do Seixo descobre em torno d'este tumulo vestigios evidentes de uma necropole. Aqui e além apparecem restos de tégulas e grandes pedaços de schisto cinzento com dois rebordos longitudinaes parallelos, e que, decerto, constituiram fundos de sepulturas.

Pesquizando os terrenos circumvisinhos, por toda a parte se encontram restos de louças, de telha, de tijolos; assim é na bouça confinante de M. Ferreira dos Santos e na que fica para norte, passando o caminho intermedio, e que pertence ao dr. J. Ascensão Correia. N'esta, quando se terraplanava uma parte para campo de semeadura, encontraram, diz-me um jornaleiro, numerosos exemplares inteiros de *alguidares* e *púcaros;* na verdade, de tudo se vêem restos pelos monticulos de cascalho e entulheiras proximas, provenientes dos campos e pedreiras. Uma tal variedade e quantidade parecem melhor apropriadas a ruinas de habitações do que a depositos funerarios; entretanto, nada se póde definir quanto á

delimitação e classificação d'estes jazigos archeologicos em que póde existir confusão por sobreposições várias, por contemporaneas ou alternantes applicações do solo ora a estação de vivos ou a final pousada de mortos. Verificar-se-ha a seu tempo este problema archeologico que nos fica na visinhança, se bem que — desde já se nota — muito prejudicará esse exame o estado do solo fundamente remexido por diversos e sequentes trabalhos de cultura e pesquizas de granito.

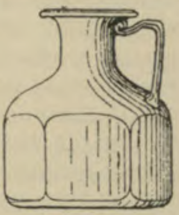


Fig. 2 — Vaso de vidro $^1/_4$ gr.

O achado principal de agora é a caixa tumular representada na fig. 1 em planta e córte. É uma cavidade rectangular de $2^{m},10 \times 0^{m},92$ por $0^{m},85$ de fundo, feita por quatro paredes de perpianho de granito. A cobertura consta de cinco lages justapostas, assentando de nivel sobre as paredes da caixa. As tres primeiras, I, II, III, são de secção rectangular e teem evidentes signaes de haverem pertencido a outra construcção; foram pedras de uma cimalha ou cornija, e duas d'ellas conservam as molduras proprias. Os outros dois esteios da cobertura teem plana a face superior e são abaúlados para a parte inferior; não foram tambem propositalmente feitos para cobrir esta caixa tumular; proviéram de outra qualquer construcção onde lhes cumpria esta forma plano-cylindrica. E tanto que nos topos dos esteios a superficie redonda foi desbastada para fazer sobreleito de sorte a assentar firme sobre as paredes lateraes.

Fig. 3 — Vasos de barro — $^1/_6$ gr.

As lages I, II e III teem nitidamente insculpidas nas suas faces inferiores — as que estavam voltadas para o interior da cavidade — inscripções romanas sepulchraes; estes tres documentos epigraphicos são publicados na secção seguinte d'este fasciculo, das *Noticias epigraphicas*. Esta circumstancia denuncía desde logo que não são lapides referentes ao cenotaphio que cobrem, muito embora seja interessante a coíncidencia de que as tres são monumentos funerarios que um certo APRONIVS RVFVS ergueu á memoria de sua mulher e dois filhos.

Deverá considerar-se proposital este agrupamento, e que foi aqui o cenotaphio d'esta familia Rufa? Parece que não. As tres lapides foram construídas sob o molde commum das stelas funerarias e postas nas testeiras das sepulturas respectivas, *in memoriam* dos mortos n'ellas indicados. Posteriormente, alguem, abrindo este sarcophago no solo da antiga necropole, recorreu para o tampar a essas lapides proximas, talvez abandonadas, que celebrávam mortos extranhos, de outra *gens*, cujo culto lhe não pertencia. Viéram de antigos tumulos para esta nova construcção, pelo mesmo modo como já tinham vindo de outro edificio as lages primitivas, as quaes anteriormente haviam composto qualquer casa ou templeto.

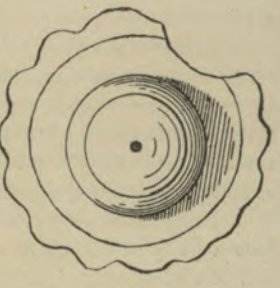


Fig. 4 — Botão de bronze Gr. nat.

Ha n'estes factos uma clara sequencia que servirá para lhes dar ordem chronologica; o sarcophago agora descoberto é posterior ás lapides funerarias de Apronius Rufus, feitas com velhas cantarias de um anterior edificio.

Tudo nos indica, pois, que por esta região demorou — e por espaço de muito tempo — população romana de certa importancia, sob o ponto de vista da qualidade e da quantidade; o que está de accordo com as lendas locaes e os numerosos vestigios archeologicos já denunciados. Estas observações auctorisam-me a denominar *Cemiterio romano* a estação archeologica do Monte do Penouço.

Do mobiliario funebre encontrado no fundo do sarcophago pouco ha que dizer, pois que não é numeroso. Temos o vaso de vidro da fig. 2, de secção hexagonal, o qual está completo; o vaso de barro com bocal trilobado; a pequena caneca com um listel castanho abaixo da asa e dois outros da mesma côr intermeados de um branco; e o prato ou escudella tambem de barro de $0^m,28$ de diametro; estão as tres peças representadas na fig. 3. De metal, apenas o botão de bronze da fig. 4. E são estes os unicos objectos que conseguí examinar, os quaes represento segundo o desenho á vista feito por occasião da minha primeira visita ao local.

São exemplares que teem representantes entre as nossas collecções provenientes de necropoles luso-romanas do norte do paiz. Terei occasião de me referir a todo este material em outro trabalho. Por agora, registra-se o facto isolado d'este sarcophago, verdadeiramente curioso, e annuncia-se a existencia de um novo jazigo archeologico nas visinhanças do Porto.

Maio, 1905. RICARDO SEVERO.

Restos de uma villa lusitano-romana

(POVOA DE VARZIM)

Appareceram ha tempos sob os medos do litoral da Povoa de Varzim, no sitio denominado «Alto de Martim Vaz», as ruinas já muito empobrecidas de uma *villa* lusitano-romana, de que procede seguramente a villa actual. Pelas excavações e estudos feitos, a *villa*, conhecida nos seculos X e XI pelos nomes de *Euracini* ou *Uerazini*, estendia-se por debaixo da hodierna povoação, constituíndo acaso o seu estrato primitivo por fundação de um *procere* castrejo que já sob o dominio romano baixou a estabelecer-se na planura em exodo da proxima *cividade de Terroso* ou de qualquer outro povoado anteromano da região.

A exploração, pouco fructuosa de resto, definiu a existencia de tres grandes construcções — talvez a *villa urbana*, a *fructuaria* e a *rustica* — e a de outros annexos imprecisos; mas a dispersão do material, largos annos patente a depredações utilitarias, difficulta em extremo a sua reconstituíção completa e definitiva.

Como é de prevêr, o espoleo mobiliario achava-se tambem muito redusido; ainda assim forneceu elementos sufficientes para a sua caracterisação. Tem todo o aspecto lusitano-romano, continuando a tradição castreja no mais fundamental das suas manifestações industriaes.

Em proxima reedição do relato das excavações, feito já na imprensa periodica com intuitos meramente vulgarisadores, apreciaremos com mais detença o valor do achado como elemento para o estudo da archeologia da Povoa de Varzim e para a averiguação da origem das *povoas* maritimas.

J. F.

Les dolmens de Villa-Pouca-d'Aguiar—Traz-os-Montes

(QUESTIONS D'AUTHENTICITÉ)

L'essai sur ces dolmens a été publié dans le 4.ème fascicule de la *Portvgalia*, tome I, pages 687 à 750. Il contient un rapport écrit par l'abbé José Brenha accompagné de 16 planches, précédé de mon introduction et suivi de mon commentaire illustré de photogravures, *in texto*, reproductions de clichés que j'ai faits tout exprès.

'A côté des dessins d'après nature il y a donc les photographies directes des originaux, comme témoins de confrontation et de vérification. J'ai tâché de documenter l'exposition de la façon la plus complète et la plus exacte que je pouvais. Le procédé suivi dans les reproductions graphiques est décrit pag. 705.

Dans l'introduction j'aborde moi-même la question d'authenticité, en écrivant:

«En premier lieu, il faut, selon les règles de l'analyse scientifique, soumettre cette série d'objets, mentionnés et répresentés plus loin, à un procès d'authenticité conduit en toute rigueur et justice.»

«Une partie, plutôt industrielle — ustensiles d'usage commun — d'industrie caractéristiquement de la pierre polie, rentre entièrement dans les cadres normaux, en parfait accord d'aspects et de civilisation.»

«L'autre section, composée de pièces sculptées et gravées — objets artistiques ou symboliques — demande un examen plus attentif et plus détaillé, à cause de son extraordinaire signification et des circonstances exceptionnelles de son gisement.»

Tout en admettant la probité des deux inventeurs, les abbés Brenha et Rodrigues, je vérifie personnellement et directement l'exactitude des faits, les circonstances locales des découvertes, la nature des matériaux, leur provenance régionale, la coexistence des dolmens et de leurs propres mobiliers, enfin l'homogénéité de la série des objets en question et l'authenticité indiscutable et évidente de quelques spécimens.

Je termine cette étude analytique prolongée et détaillée, en disant: « En attendant, toute bonne foi raisonnée ne saurait rejeter cette documentation scientifique, assez importante pour réclamer l'attention des spécialistes. »

Ce désir, bien que modeste, a rencontré auprès des spécialistes un accueil favorable.

Quelques jours après la publication de mon essai, j'ai reçu d'un illustre savant, M. Andrew Lang, l'heureux auteur de *Mythes, Cultes et Religion*, une lettre datée d'Écosse (13-XI-1903), dans laquelle il accentue la ressemblance entre les découvertes de Villa-Pouca-d'Aguiar et celles du bassin du Clyde près de Dumbarton, faites par l'artiste-peintre Donnelly (1897-98), et que j'ignorais complètement. M. A. Lang a eu encore l'amabilité de me mettre au courant des découvertes de M. John Bruce, faites dans la même région (on the North Bank of the River Clyde, East from Dumbarton Rock) qui ont été publiées dans le Compte-rendu de la Société des Antiquaires d'Écosse (1899-900) [1]. Une partie de ces découvertes, réalisées dans des Dumbuck-Piles-Structures, provoqua une vive discussion quant à l'authenticité, admise par les uns, combattue par les autres qui n'y voyaient que l'œuvre d'un mystificateur. M. Andrew Lang les prend pour authentiques.

J'ai aussi reçu d'Écosse une demande de renseignements de la part du notable paléthnologue Dr. Robert Munro — auteur du livre *Prehistoric Scotland* — qui met en doute l'interprétation et la classification de toutes ces trouvailles dans la periode néolithique, ainsi que leur véracité.

L'analogie entre les découvertes portugaises et celles du Clyde se complète donc par un sort commun. Les deux séries, quoique éloignées par rapport au temps et à l'espace, réveillent par leur apparente étrangeté la même méfiance et antipathie de la part de la science orthodoxe. Une ancienne expérience nous dit qu'en de pareilles circonstances la lumière se fait lentement et péniblement, car aucune intransigeance n'est plus tenace que celle de l'exégèse scientifique dans son milieu théorique de libre analyse.

Il est vraiment curieux qu'en Écosse on ait fait des découvertes analogues à celles de Villa-Pouca-d'Aguiar, et qu'entre les investigateurs de la préhistoire du Nord Britannique se soit manifesté de suite le plus grand intérêt pour ce problème paléthnographique du Nord-Ouest du pays ibérique. Ignorant ces événements, j'ai fait allusion dans mon exposé aux rapports éthnologiques et archéologiques entre les populations primitives péninsulaires et celles de l'Irlande, du Pays de Galles et de l'Écosse. Cette vague thèse paléo-éthnique — de primitif occidentalisme — trouve ainsi dans ces occurrences, sinon une preuve scientifique, en tout cas un appui moral très appréciable. Voilà pourquoi j'insiste sur cet exemple de curieuse coïncidence.

Au mois de février 1904 j'ai lu dans le journal *The Athenæum* que le Rev. H. J. Dukinfield Astley, honorable Editorial Secretary of the British Archæological Association, avait présenté à cette société dans la séance du 20 janvier une communication sur les découvertes des dolmens de Villa-Pouca-d'Aguiar. Je me suis aussitôt adressé à cet investigateur, qui m'envoya, avec une obligeance extrême, les renseignements les plus complets sur cet incident et sur les trouvailles de Clydeside, leur interprétation et authenticité, dont le Rev. H. J. Dukinfield Astley s'était occupé en différents rapports à la B. Arch. Assoc. [2] Il m'envoie son exposé *Archæological Discoveries in Portugal*, publié dans le fasci-

---

[1] JOHN BRUCE — *Notes of the discovery and exploration of a Pile-Structure on the North Bank of the River Clyde, East from Dumbarton Rock.* In *Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland.* Vol. XXXIV, 1899-900, pag. 437 a 462, avec 27 gravures *in texto.*

[2] REV. H. J. DUKINFIELD ASTLEY — *On ornaments of jet and cannel coal on cup-and-ring markings and on slate weapons, as characteristic of the neolithic age,* separata du *Journal of the British Archæological Association,* june 1900, 27 pags., 21 fig.

IDEM — *Some resemblances between the religions and magical ideas of modern savage peoples and those of the prehistoric non-celtic races of Europe,* separata du *Journal of the B. Arch. Ass.,* september 1901, 34 pag., 1 pl. et 17 fig. *in texto.*

IDEM — *Some further notes on the Lang-bank Crannog,* separata du *Journal of the B. Arch. Ass.,* april 1903, 6 pag., 1 pl.

cule de décembre 1903 du *Journal of the B. Arch. Assoc.*, et en dernier lieu je reçois son long rapport *Portuguese parallels to the Clydeside discoveries*, opuscule de 31 pages, 5 planches et différents dessins *in texto*.

Dans ce travail, minutieux et impartial, le savant auteur s'occupe des découvertes portugaises, il en fait un récit circonstancié en les accordant avec celles de Clydeside; il s'est constitué un zélé propagateur de l'importance de tous ces matériaux paléthnographiques, et se prononce en faveur de leur valeur scientifique et de leur authenticité avec une ferme conviction. Le modeste commentateur des trouvailles des abbés Brenha et Rodrigues n'aurait osé prétendre à une si savante défense ni à un si chaleureux accueil.

Je signale donc ma reconnaissance à M. le Sécrétaire de la British Archæological Association de ses sentiments personnels à mon égard, ainsi que de l'appui trés appréciable qu'il donne a ce problème du préhistorique portugais.

Comme dans cet article je prétends seulement m'occuper de la question d'authenticité en ce qui regarde les découvertes de Villa-Pouca-d'Aguiar, je remets à une autre occasion leur interprétation au point de vue éthnographique, pour extraire de l'opuscule du Rev. H. J. Dukinfield Astley quelques passages qui se rapportent à cette question préliminaire, et qui me semblent dignes d'attention.

Pag. 14: «As a matter of fact, taking all these «finds» in their totality, it needs only an open mind, and one not filled with preconceived prejudices as to what *must be*—it needs, that is to say, an observer capable of paying due account to all the facts, who, therefore, is not willing to close his eyes to any because they do not happen to fit in with previous theories formed on insufficient *data*—to see in them the opening of a new chapter in our knowledge of the condition of things among the Neolithic population of Europe: new, but on the lines of previous research. Of course, the mere fact that certain «finds» in certain places, such as those described by Herr Klebs, Dr. Hoernes, M. Reinach, Dr. Munro, and M. Cartailhac, are held on the unimpeachable authority of these great men to be genuine and authentic, does not prove that other «finds», which have been impugned in certain quarters, are genuine; but it makes the probability that they are so all the greater, and it makes the probability of forgery all the more difficult, and throws the onus of proving forgery on those who make the accusation. We shall see how difficult it is to entertain the idea of forgery in the sequel.»

Pag. 28: «I ask, therefore,—and I think the question is a fair one—if all these which I have mentioned are genuine relics of Neolithic Man, why are the particular finds of Mr. Donnelly and Father Brenha (for these latter, as well as the former, have been pronounced to be spurious by some learned *savants* on the Continent, who have only seen the drawings, just as Dr. Munro pronounced the Clydeside «finds» to be spurious after a hurried and very perfunctory investigation) to be accounted as forgeries or as the work of some practical jokers? Is it too much to ask them to give the grounds of their belief; to point out how the genuineness of certain objects and the spuriousness of others is determined, and at the same time to lay their hands upon those who have fabricated the spurious objects?

«All the objects alleged to have been found in the dolmens at Pouca d'Aguiar and on the Clydeside belong to the same order as those of acknowledged Neolithic provenance, and all these acknowledged genuine «finds» make the Portuguese and Clydeside «finds» by no means surprising. They rather prove that these were to be expected, and that they fall in with our previous ideas of what the social and religious condition of Neolithic Man was, even to the script-bearing amulets. If these latter are not genuine, they undoubtedly bear a most remarkable resemblance to admittedly genuine Neolithic relics; and there must either be a conspiracy among scientific men to deceive, or the same scientific forger or forgers must have been at work in Portugal and in Scotland. I say «scientific», because whoever fabricated these objects must have been thoroughly competent and up-todate. No ignorant forger could have done it. He, or they, must have been fully acquainted with all the most recent admittedly genuine «finds» and all the latest facts. Now, what scientific men are there who would be capable of thus playing a practical joke of a very aimless and foolish sort upon the scientific world? Surely this is a *reductio ad absurdum;* and, if these «finds» are not genuine, the mystery of their origin remains wrapped in impenetrable darkness until the forgers are brought out into the light of day.»

Pag. 30: «The object of this Paper will have been accomplished if it has shown that the hypothesis of fraud and forgery in respect of «finds» which are at first sight unexpected and strange, though not unique, is, where there is good ground for believing in the *bona fides* of the discoverer, more diffi-

cult to hold, and more improbable than the hypothesis that they are genuine. Of course, the way is left open for *proof* of fraud, if such can ever be adduced.» [1]

En France nos découvertes ont mérité l'attention de deux spécialistes de réputation universelle, M. Salomon Reinach, dans la *Revue Archéologique* — 4.ème série, tome II, 1903, pag. 431 — et M. E. Cartailhac dans la revue *L'Anthropologie* — tome XV, 1904, pags. 389-90. — Tous les deux révoquèrent décidément en doute l'authenticité des trouvailles des abbés Brenha et Rodrigues. Je tiens à notifier aux deux illustres maîtres combien m'ont obligé leurs aimables références; quant à leurs opinions sur ce sujet, je me permets de les considérer par trop péremptoires et loin de signifier le dernier mot de la critique.

Je regrette surtout que la présentation très modeste de ces découvertes dans un idiome peu connu au-delà des Pyrénées, ait empêché que leur commentaire ne fût complètement lu et compris, ainsi que la documentation à leur appui. L'inspection sommaire des planches avec les dessins et les photogravures ne peut servir de base solide à une opinion qui commence par déclarer suspects, donc sans valeur, les originaux y réprésentés. Il n'y a que l'analyse directe qui puisse fournir une telle base.

Il s'est formé en outre la fausse supposition, basée elle aussi sur des apparences mal envisagées, que ces trouvailles constituaient un amalgame de matières et de faits anachroniques et disparates; on parle, par exemple, d'un art paléolithique (genre magdalénien) décorant des ustensiles de pierre polie et d'autres objets de caractère néolithique, avec des reproductions d'animaux d'une faune quaternaire — de l'époque de la renne, du rhinocéros et du mammouth!

Je crois avoir démontré précisément le contraire dans mon *commentaire*, et avoir suffisamment éclairé par lettre quelques-uns des archéologues qui avaient fait de pareilles suppositions. J'affirme

---

1 Traduction:

Pag. 14: «Comme conclusion pratique, si l'on considère ces trouvailles dans leur ensemble, il suffit d'un esprit ouvert, non rempli de préjugés sur ce qui doit être — il suffit, répétons-le, d'un observateur capable de prendre chaque fait à sa juste valeur, sans fermer les yeux à ceux qui ne se rangent pas dans les théories antérieurement établies sur d'insuffisantes données — pour y voir le commencement d'un chapitre nouveau dans nos connaissances sur la population néolithique de l'Europe: nouveau, mais non pas en dehors des recherches connues. Il est clair que si les objets trouvés dans certains endroits, tels que ceux décrits par M. Klebs, Dr. Hoernes, M. Reinach, Dr. Munro et M. Cartailhac, sont considérés authentiques grâce à l'indiscutable autorité de ces hommes éminents, cela ne prouve pas que d'autres trouvailles, qui dans certains milieux sont tenues pour suspectes, soient authentiques; mais la probabilité qu'elles le sont s'augmente d'autant plus, et la probabilité d'une mystification en devient plus petite; et la charge de la démontrer retombe sur les accusateurs. Nous verrons dans la suite combien il est difficile d'accepter l'hypothèse d'un faux.»

Pag. 28: «Je demande donc — et je pense que la question est loyale — si toutes les trouvailles que j'ai mentionnées sont des restes de l'homme néolithique, pourquoi celles de M. Donnelly et l'abbé Brenha, devraient-elles être considérées comme des mystifications, comme l'œuvre de quelque mauvais plaisant? (Car ces dernières de même que les autres ont été qualifiées de mystifications par quelques savants du Continent, par le simple examen des gravures, justement comme M. Munro a qualifié de mystifications les trouvailles de Clydeside, cela après une inspection sommaire). Inutile de leur demander les fondements de leur sentence, de nous apprendre comment on distingue l'authenticité de certains objets de la fausseté d'autres, et de signaler ceux qui ont fabriqués les faux.

«Tous les objets qu'on prétend avoir trouvés dans les dolmens de Villa-Pouca-d'Aguiar et sur les bords de Clyde appartiennent à la même catégorie de ceux dont on a reconnu la provenance néolithique, et toutes ces trouvailles reconnues authentiques ne rendent pas extraordinaires les trouvailles portugaises et de Clydeside. Elles prouvent plutôt qu'il fallait s'attendre à leur découverte, et qu'elles s'accordent avec nos idées antérieures sur la condition sociale et réligieuse de l'homme néolithique; cela est vrai même quant aux amulettes portant des inscriptions. Si ces dernières ne sont pas authentiques elles présentent une ressemblance très remarquable avec les restes néolithiques acceptés comme tels; il faut donc qu'il se soit formé une conspiration entre quelques hommes de science ou bien que le même ou plusieurs savants faussaires aient exercé leur métier en Portugal et en Écosse. Je dis *savant*, car celui qui a fabriqué ces objets doit avoir une compétence hors ligne. Aucun faussaire ignorant n'aurait pu les faire. Il doit avoir été parfaitement renseigné sur toutes les découvertes récentes reconnues comme authentiques et sur les derniers faits acquis. Or, où est l'homme de science capable de jouer un pareil tour inutile et sot au monde scientifique? Voilà bien une *reductio ad absurdum*; et si ces découvertes ne sont pas authentiques, le mystère de leur origine reste enveloppé dans des tenèbres impénétrables jusqu'à ce que les mystificateurs soient découverts.»

Pag. 30: «Je me suis proposé dans cet article de montrer que l'hypothèse d'une fraude au sujet de découvertes qui à première vue sont inattendues et étranges est plus difficile à défendre et moins probable, là ou il y a de bonnes raisons pour admettre la *bona fides* de l'inventeur, que l'hypothèse de leur authenticité. Évidemment le chemin est ouvert à ceux qui veulent produire des *preuves* de mystification si toute fois ces preuves peuvent être trouvées.»

encore une fois qu'il s'agit d'une série logique de faits clairement synchroniques et vraisemblabes: d'un mobilier caractéristiquement néolithique, d'un art également néolithique et de caractère indigène, décorant des ustensiles et des objets symboliques, sculptant et dessinant des animaux appartenant à une faune autochtone des temps géologiques actuels. Ce qu'il peut y avoir de singulier pour les investigateurs étrangers à la préhistoire péninsulaire, c'est le caractère original et aborigène de cet ensemble du néolithique portugais — exception très justifiable — et surtout, comme un fait exotique et imprévu, la coexistence d'objets symboliques avec des caractères alphabétiformes. Mais cela même ne constitue pas une nouveauté si étrange pour les personnes un peu familiarisées avec la nombreuse série de pierres avec des inscriptions ibériques, portant des signes semblables, dont la date et la lecture sont encore de mystérieuses énigmes de notre préhistorique.

On conclura, après une analyse consciencieuse, que toute cette antipathie provient de l'aspect exceptionnel de ces documents; c'est la suggestion des apparences. Avec de la méthode on arrivera facilement à classer chaque fait dans son milieu normal, et on vérifiera de même que cette écriture dite *ibérique* a eu une éxistence réelle dans des limites de temps et d'espace vraiment étendus, au milieu de ce vieux monde occidentel, dont la civilisation, dite *égéenne, mycénéenne, méditerranéenne,* etc., est en voie d'une magnifique reconstitution.

J'insiste, donc, sur ce que le problème de Villa-Pouca-d'Aguiar doit être étudié avec un critérium spécial, dans les limites de la paléthnographie et de la chronologie préhistorique propres de la Péninsule; en dehors de ce procédé, les opinions me semblent plus suspectes que les objets trouvés par les abbés Brenha et Rodrigues.

Je m'étais proposé de réaliser, en compagnie de spécialistes, une campagne d'exploration archéologique aux plateaux de Traz-os-Montes, afin d'y chercher des documents rigoureusement contrôlés sur ce problème. Une maladie prolongée, suivie d'une assez longue absence, s'est opposée à la réalisation de ce dessein.

Voilà, à titre d'éclaircissement, l'état de cette question qui, je l'espère, ne manquera pas, en dû temps, d'être solidement appuyée de preuves formelles.

RICARDO SEVERO.

Museu municipal «Azuága»

(CONCELHO DE GAYA)

Á camara municipal do visinho concelho de Gaya foram ha pouco offertadas as collecções archeologica e ethnographica, laboriosamente constituidas com empenho incessante e amorosa solicitude pelo sr. Marciano Azuága.

A illustrada corporação donataria reinstallou-as convenientemente, e, em homenagem á benemerencia do perseverante collector, chrismou-as com o nome de *Museu municipal «Azuága»*. Está, pois, assegurada felizmente a perduração de numerosos elementos de estudo que de outra sorte breve se dispersariam na provavel contingencia de olvido completo ou de perda irremissivel.

Não cumpre aqui produzir o inventario integral e pormenorisado do novo Museu; omittir-se-ão, pois, referencias a dezenas de objectos do dominio privativo da paleontologia, da archeologia oriental, da ethnographia do continente e das colonias, da zoologia, da mineralogia, das bellas-artes, etc., para considerar unicamente a serie respeitante á archeologia nacional. Essa no conjuncto é modestissima, mesmo muito incompleta em padrões dos tempos antecedentes á nossa romanisação e do importante periodo lusitano-romano; constitue entretanto um fundo de valía que urge ampliar com acquisições regionaes. O proprio concelho com a exploração methodica, embora lenta, dos seus numerosos *castros* e mais estações archeologicas iria dando uma contribuição muito apreciavel. De seguro sabemos serem estes, de resto, o louvavel desejo e o intento patriotico dos dirigentes locaes.

Exigua como é a collecção archeologica, inclue todavia monumentos das idades da pedra e do bronze, das industrias castrejas e da civilisação lusitano-romana. Ligeiramente, pois que o espaço não sóbra, vamos fazer o arrolamento das suas verbas capitaes [1].

---

[1] *O Archeologo Portuguez*, t. I, pag. 20, deu já noticia da antiga collecção, hoje mais ampliada.

Do periodo neolithico: 43 machados de pedra polida, de formas, dimensões e rochas diversas, destacando-se, porém, dous exemplares pelo comprimento pouco vulgar (0^{m},33 e 0^{m},3); proveem de Penafiel, de Porto de Moz, de S. Mamede de Riba Tua e de Thomar. Uma pequena serra de silex brancacento, de secção trapezoidal (Valle de Carenque). Um objecto de calcareo de 0^{m},15 de altura (Bellas), de forma analoga á dos que C. Ribeiro encontrou tanto em dolmens do Monte Abrahão como no jazigo neolithico de Folha das Barradas, e denominou *clavas* ou *massas de guerra; é* mais semelhante ainda no aspecto ao especimen que Maximiano Apollinario exhumou da necropole do Valle de S. Martinho, aro de Cintra, e, como este, ornamentado na superficie conica com duas ordens de cordões parallelos. A par, um pequeno martello espherico de pedra, com um sulco circumdando a linha medea (Villa Nova da Cerveira), da mesma familia dos que Estacio da Veiga colligiu em numero e que alguns archeologos francezes pretendem recentemente fazer remontar a tempos paleolithicos; o exemplar exposto póde attribuir-se com probabilidade ás idades do bronze ou mesmo do ferro.

Da idade do bronze: 6 machados *morgeanos*, um *chato*, typo de gume largo, espalmado em crescente (Valença do Minho); um outro, pequeno, incompleto, de um só annel e uma canelura (Riba Tua); e quatro de duplo annel e dupla canelura, já sem o cabeço de fundição (Barcellos, Contumil, Riba Tua e Mirandella). Um pequeno formão de bronze (?) de 0^{m},11 de comprimento (Porto de Moz). No mesmo grupo, um annel liso de bronze, bellamente patinado (Riba Tua), que deve classificar-se como *lusitano-romano,* por ter sido encontrado com numismas romanos, segundo reza o respectivo rotulo.

Da civilisação castreja e lusitano-romana: Em pedra: Dous cones e um prisma rectangular de granito, aquelles com swasticas (triscelos) ornamentando-lhes a base e este com entrelaços nas faces, tendo todos o mesmo aspecto de peças similares que Martins Sarmento encontrou em *Sabroso* e *Briteiros;* procedem de Riba Tua (Alijó) e são um indicio importante de que a civilisação egeana ou mycenense penetrou tambem na provincia de Traz-os-Montes. Um grande fragmento da peça fixa de um triturador de granito (Gondomar); seis *mós dormentes* (Gaya e Alijó) e duas metades de *catillus* (Gaya), tambem de granito, todas do typo castrejo da *mola manuaria.* Fragmentos de mosaicos de *tessellae* polychromicas, brancas, pretas, vermelhas e alaranjadas (Braga, Cantanhede, Elvas, Tralhariz).

Em ceramica: Vaso fabricado á mão, unido, bordo liso, fundo chato, uma só asa, barro escuro (Regoa); typo de um outro encontrado nas ruinas lusitano-romanas de Troia de Setubal *(O Arch. Port.,* fig. 3.ª, pag. 177). Quatro vasilhas trabalhadas na roda de oleiro, de uma só asa, largo bocal, barro claro e dimensões diversas; salientando-se a menor por ser ornamentada no bojo globular com tres listas parallelas, pintadas a vermelho (Marco de Canavezes); uma taça de barro preto forma de tronco de cylindro, sem asas, com ornamentação mixta de nervuras circumdantes e de gravuras na pasta — *bicos de serra, semi-circulos em linhas cheias e pontuadas,* etc., (Thomar-Nabancia); um testo grosseiro da mesma louça (idem); um prato côvo, barro vermelho, forma muito em uso nos mobiliarios lusitano-romanos (Marco); dous cossouros incompletamente perfurados (Ferrado e S. Mamede de Riba Tua); vinte pesos de tear, prismaticos e pyramidaes, transversalmente furados, tendo dous d'elles marcas indecifraveis nas faces (Riba Tua e Thomar); varios tijolos triangulares, rectangulares e de outras formas polygonaes irregulares (Ançã e outras procedencias); um trecho de telhão *colliciar* (Carvalheiras-Braga); e emfim diversos fragmentos de *tegulae.*

Em metal: Uma fivéla de bronze de aro interrompido sem fusilhão, forma em *ómega* — a mais recente por certo; é exemplar interessante pela ornamentação no aro de sulcos e nervuras longitudinaes e de pequenos botões esphericos nos ganchos terminaes (S. Mamede de Riba Tua). Uma estatueta de bronze, de 0^{m},223 de altura, mutilada: Mercurio nú, de pé e de frente, com o *petasus* alado tendo as asas partidas, e a bolsa na mão direita; faltam-lhe a perna esquerda, e o braço e ante-braço do mesmo lado com que porventura sustentaria o *caduceu* e ainda a *chlamyde,* como nos modelos classicos; no pé subsistente duas asas. É um bronze artistico, esplendidamente modelado que bem merece um mais detido estudo e condigna reproducção graphica; a *Portvgalia* decerto inserirá uma e outra cousa em fasciculo subsequente (Casal-Comba, Mealhada). Fragmentos meudos de uma delgada chapa ornamental, de prata muito quebradiça, com incorrectas ornamentações em relevo e a punção (peso 8 gr.); completamente irreconstituivel (Riba Tua).

Algumas moedas romanas; muito conviria ampliar a collecção, adquirindo as que o sr. Azuága ainda possue.

* * *

Por ultimo, uma das verbas mais valiosas do nosso inventario — o *torques de prata de Cortinhas* (S. Mamede de Riba Tua), ainda inédito, de que se dá mais ampla descripção a instigações do illustre director d'esta revista, Ricardo Severo, que pretende com ella completar a serie dos seus proficientes estudos e interessantes noticias [1] ácerca dos torques, armillas e braceletes da joalheria primitiva. Ficará assim este fasciculo da *Portvgalia* constituindo no momento o compendio de todos os achados inéditos e já registrados com relação ás mais opulentas e capitaes manifestações da velha sumptuaria indigena.

A joia é construida de tres grossos fios eguaes, lisos, de secção circular, cujo diametro decresce gradualmente para as extremidades; torcidos em grupo, helicoidalmente, fundem-se por fim em cada extremo num só aro roliço que acabaria em gancho ou acaso por um orificio terminal. A interessante peça está deformada, partida num dos lados e mutilada nas pontas; pesa 144 gr. no estado actual e tem o titulo de 958 millesimos, o diametro interior de $0^{m},135$ e o comprimento na linha externa de $0^{m},460$; com o aspecto mate da prata fôsca, o metal exhibe-se granuloso na secção e por vezes fendilhado á superficie. Como se vê da fig. 1 (photocopia de Ricardo Severo), entra, pela forma geral, na typologia dos collares em *sanguesuga*. É o reflexo longinquo do archetypo *funicular*, que na Inglaterra se encontrou associado a *palstaves* de bronze, de duplo annel e dupla canelura; e que nos paizes escandinavos apparece inicialmente no periodo IV da idade do bronze (1050-850 antes de J. C., segundo a chronologia de O. Montelius); na França surge mais ou menos modificado em braceletes da epocha *larnaudiana;* e na Italia Central se acha reproduzido em torques da idade do ferro [2].

Fig. 1 – 1/3 gr.

A joia de *Cortinhas* tem, é certo, a mesma conformação schematica dos collares de Cintra, de Almoster e de Serrazes [3]; deve todavia reputar-se mais directamente apparentada com os braceletes ou antes *torques de Mujibar* em posse do Museu archeologico de Madrid [4], os quaes são constituidos tambem por tres fios de prata torcidos em corda, fundindo-se em cada topo num só ramo liso, terminado por gancho, e affectando, quando abertos, as linhas periphericas do crescente.

Ricardo Severo e Pierre Paris [5] concordam em julgar *ibericos* estes adereços, attribuindo-os a um periodo indefinido, mas recuadamente préromano. Se fôr scientificamente legitimo o informe do offerente do *torques de Cortinhas*, sr. Guilhermino Moutinho, que esclarece tê-lo encontrado junto com um *denario* de prata do imperador Tiberio (anno 15 depois de J. C.) [6], poder-se-ia concluir tambem que este typo particular deveria ter tido uma larga sobrevivencia na *Hispania* romana.

* * *

Finda aqui o nosso catalogo especial. Para termo de encerramento, a expressão de um voto: que a municipalidade gayense, numa orientação toda actual, impulsione o progresso rapido do seu novo estabelecimento educativo... Será a unica formula alevantada de responder condignamente á bisarria do seu doador, e até a de bem cumprir uma parte ponderosa do programma legal das suas attribuições — a que implica o fomento da instrucção publica.

JOSÉ FORTES.

---

1 Cf. este t. II e fasc. I, pags. 1, 63, 72 e 109.

2 O. MONTELIUS, *La civilisation primitive en Italie*, 2.ème partie, Stockholm, 1904, pl. 151, fig. 4, pl. 155, fig. 9 e pl. 160, fig. 1.

3 Vid. este t. II e fasc. I, pags. 8, 72 e 109.

4 Vid. P. PARIS, *Essai sur l'art*, etc., t. II, pl. VII, figs. 1, 2 e 5.

5 Ob. cit., pag. 246.

6 Archivado com o *torques* no Museu de Gaya; é o numisma descripto sob o n.º 2 de pag. 119 do t. I de H. COHEN, *Médailles impériales*.

O Museu municipal de Bragança

Ainda á isolada iniciativa d'um homem, o sr. Albino dos Santos Pereira Lopo, se deve a organisação de mais este museu regional. A deliberação camararia de 4 de novembro de 1896 creando a nova instituição educativa, a subsequente approvação do regulamento em 4 de fevereiro do anno seguinte, a inauguração logo adeante, em 14 de março, a pastoral do bispo da diocese datada de 17 de outubro d'esse mesmo anno recommendando aos parochos a sua cooperação individual em favor do engrandecimento e progressos do museu do districto, a benemerencia de varios particulares que em breve accorreram ao instante appello do iniciador, a propaganda pela escripta nos periodicos locaes, tudo isso é obra suggestionada, impulsionada ou exclusivamente realisada pelo devotado antiquario brigantino. Até talvez o seu apostolado promovesse, pela sinceridade do ardor, uma deliberação só com parallelo, em modernos tempos, na disposição testamentaria de Martins Sarmento: é o legado do medico Zeferino José Pinto, clinico em Bragança durante 50 annos, contemplando a instituição alvorescente com a sua casa de moradía, ou para n'ella se installar o museu, ou, sendo inadaptavel, dota-lo com o producto da venda! Este facto de excepcional relêvo por entre a multiplicidade dos legados pios destinados a aplanarem a via, em geral bem escabrosa, que leva ao reino da gloria, merece a annotação dos futuros historiadores da archeologia patria!

No enthusiasmo inicial, a camara de Bragança votou a verba annual de dusentos mil réis para custeamento do museu. Mas em breve se estancou este manancial, sempre fruste, que borbulha e surde ás vezes nas corporações administrativas. O museu, pouco depois, começou a manter-se com uma ou outra humíllima contribuição eventual da edilidade e sobretudo com os recursos pessoaes do seu instituidor. Mesmo do legado da casa parece ainda nada terem aproveitado! Mas o sr. Albino Lopo, a quem legitimamente doe o menospreço pela sua obra, de resto tradicional e corrente, em identidade de circumstancias, no paiz e de lés a lés, não deveria surprehender-se, considerando de inicio a fatuidade e a insciencia que em regra se doseiam para constituírem essas camaras municipaes!

O museu de Bragança, tal como se encontra, é principalmente interessante na sua já consideravel existencia de epigraphia lapidar. Machados de pedra e de bronze, fibulas, artefactos romanos, e sobretudo numismas e olaria, outros objectos curiosos post-romanos, são, de resto, conhecidos pelas noticias que o sr. Lopo tem minuciosamente archivado no orgão do Museu ethnologico.

A secção ethnographica, ainda precaria, encerra já alguns documentos referentes á fiação e tecelagem locaes, á esculptura em madeira e á indumentaria. Minerios, rochas e fosseis o que lá ha não conta. Avulta, pois, a paleoethnologia do districto e a archeologia romana, nucleo esplendido e em breve tempo reunido para legitimar a esperança d'um engrandecimento futuro, exuberante e magnifico.

Mas ainda ao sr. Albino Lopo lhe pomos em face estas melancholicas apprehensões. Que destino espera o seu museu quando desamparado do seu ardor? Que virá a ser o museu de Guimarães quando findarem os ultimos amigos de Sarmento? Quem proseguirá na obra consideravel de Santos Rocha com o desvelo, o sacrificio e a exempção que tem comportado a sua fadiga delirante? Se o sr. Albino Lopo só ha encontrado os tropeços que justificam os seus queixumes, imagine Bragança desembaraçada das suas diligencias e rogações, das suas raivas e dos seus amúos! Lá vae o museu para cantaría!

A pulverisação dos museus regionaes, excellente em principio, tem entre nós este resultado final — excepção de tres ou quatro cidades onde é possivel recrutar competencias: ao brilho do impulso inicial, que não logra, aliás, conquistar mais do que adhesões de necessidade ou de polidez, succede o desamparo, pouco a pouco o tumulto e emfim a dispersão. Começa-se a vêr isso...

R. P.

Museus episcopaes

Conta o sr. D. José Ramón Mélida no n.º 10 do anno VII da *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos* (Madrid, 1903) em um artigo intitulado *Museos episcopales en Cataluña,* que possuíndo a diocese de Vich magnificos retabulos pintados dos seculos XI a XIII e tecidos e bordados riquissimos, decidira o prelado reunir todos esses objectos esparsos pelas freguesias, formando assim um museu onde po-

dessem ser admirados e estudados. Creou-se, pois, em Vich o Museu Archeologico-Artistico Episcopal como annexo da Sé, incumbindo-se da conservação D. José Gudiol, auctor d'uma recente *Arqueología sagrada catalana* destinada a diffundir pelo clero diocesano os conhecimentos necessarios para o entendimento, respeito e fiscalisação dos monumentos do passado. Á formação do museu, que hoje encerra 8:000 numeros, presidiu uma larga amplitude de criterio: comporta elle antiguidades prehistoricas, phenicias, gregas e romanas, retabulos romanicos e gothicos, iconographia religiosa em talha polychromada, vestimentaria ecclesiastica, ourivesaria sacra, como hostiarios, calices, navetas, relicarios, arquetas, cruses e ainda tapetes e mobiliario. Um museu lapidar installado já anteriormente n'um templo romano é o complemento natural das collecções reunidas por ordem do bispo.

Este exemplo produsiu salutares imitações, pois outro museu episcopal foi organisado em Lérida, reunindo hoje magnificas preciosidades e até algumas obras primas nas suas varias secções de pintura, esculptura, indumentaria e toreutica liturgicas e ainda outros districtos das artes sumptuarias. Em Gerona tambem um museu diocesano obedece ao mesmo intuito.

Já posteriormente, n'uma communicação inserta no n.º 41 do vol. IV da *Revista de la Asociación artistico-arqueológica barcelonesa* (Barcelona, 1904) se dá conta de egual deliberação do arcebispo de Sevilha, estabelecendo na sua archidiocese um Museu archeologico diocesano afim de salvar do olvido — palavras do prelado — a arte antiga e offerecer as suas obras, ainda que mutiladas pelo tempo, á admiração das gerações.

Pelo que respeita á Catalunha, dois redactores d'esta revista tiveram occasionalmente a fortuna de, indo do Aragão, encontrarem ainda prolongada (1903) a admiravel Exposição de arte antiga, effectuada em Barcellona. Apesar do desvío de incontaveis thesouros que de Hespanha teem seguido para as collecções estrangeiras, a impressão resultante d'esse certamen magnifico não podia ser mais viva de enthusiasmo e dolorosa pela consideração da humildade que reveste o nosso patrimonio artistico. O *Catalogo de la Exposición d'Arte antiguo* (Barcelona, 1902) notavelmente redigido pelo director do Museu archeologico municipal, sr. D. Carlos de Bofarull y Sans, é o documento testemunhal da opulencia de antiguidades sacras e profanas que ainda subsistem n'essa indomavel e progressiva região do territorio hespanhol.

Consigne-se, todavia, que, se outros precedentes ha na peninsula, pelo menos em Portugal já dois contamos. Sabe-se que o bispo D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas fundou em Beja, no ultimo quartel do seculo XVIII, um museu de archeologia, depois transportado em parte, a quando a passagem do prelado á Sé archiepiscopal de Evora, para os annexos do paço d'esta cidade. Por estar depositada, em Beja, a secção lapidar na egreja de S. Sisenando, a instituição tomou o nome, conforme o sr. Gabriel Pereira no 2.º fasc. dos seus *Estudos eborenses* (Evora, 1886), de Museu Sisenando Cenaculo Pacense. Em Evora havia já uma tradição n'este especial departamento de locubrações eruditas. No seculo XVI reunía André de Rezende varios pormenores esculptoricos e lapides epigraphicas; e um seculo depois, segundo refere Vilhena Barbosa no seu artigo *Museus creados em Portugal até ao fim do seculo XVIII*, reeditado no n.º 10 da IV serie do *Boletim da Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes* (Lisboa, 1904) o lettrado e chantre da cathedral eborense, Manuel Severim de Faria, colleccionára estatuaria, ceramica, nummaria romana e outros objectos de archeologia e arte. A transferencia de Beja para Evora, em virtude de difficuldades de transporte, ensejou a perda de valiosos materiaes que, na primeira d'estas cidades, em parte se dispersaram. Mas o exemplo radicára e outros profissionaes e amadores augmentaram e enriqueceram as collecções iniciaes: foram o sr. Gabriel Pereira e ainda, segundo o sr. Francisco Barata no seu *Catalogo do Museu archeologico da cidade de Evora* (Lisboa, 1903) os extinctos Cunha Rivara, Raphael de Lemos e Filippe Simões.

Mais recentemente á deliberação do actual bispo de Coimbra se deve a creação do chamado Thesouro da Sé. Segundo as palavras do seu eminente propugnador, o notabilissimo artista sr. Antonio Augusto Gonçalves, alguns objectos d'arte que n'elle se veem seriam considerados de primeira categoria em qualquer museu do mundo. A collecção formou-se com objectos pertencentes ao cabido, á mitra e a alguns conventos de freiras supprimidos. E adoptando ainda outra informação exarada no magnifico *Roteiro illustrado do viajante em Coimbra* (Coimbra, 1894) o museu diocesano encerra uma legitima riquesa em ourivesaria, brocados, tapetes, paramentos e alfaias de sumptuosidade incomparavel.

Embora de caracter mais restricto é licito memorar ainda o exemplo dado, não ha muito, pela Misericordia de Lisboa, accomodando n'uma dependencia da egreja de S. Roque e facilitando-o ao exame do publico, o tambem chamado Thesouro da capella de S. João Baptista, cuja noticia historica e descri-

ptiva fazem o objecto da monographia de Sousa Viterbo e Vicente de Almeida, *A capella de S. João Baptista erecta na egreja de S. Roque* (Lisboa, 1900).

O inventario, aliás incompletissimo, do que ainda nos resta, está instructivamente adeantado por entre varias publicações referentes a certamens ou de exclusivo caracter artistico e archeologico ou comportando nos seus programmas varias secções de antiguidades sacras. D'uma das exhibições mais remotas subsiste o *Catalogo da Exposição de archeologia e de objectos raros... realisada no Palacio de Crystal Portuense em 1867* (Porto, 1867), ampliado, na parte que diz respeito á cathedral bracharense, pela monographia de Senna Freitas *Noções historicas e criticas ácerca dos objectos antigos e apreciaveis da Sé primacial de Braga na Exposição archeologica do Palacio de Crystal Portuense* (Braga, 1867).

Teve ulteriormente a retumbancia conhecida a exposição de 1882 em Lisboa, da qual, entre outros testemunhos, ficaram os dois volumes de texto e estampas do *Catalogo illustrado da Exposição retrospectiva portugueza e hespanhola* (Lisboa, 1882), o album raro e famoso de Carlos Relvas, *A Exposição d'arte ornamental (Notas ao Catalogo)* do sr. Souza Viterbo (Lisboa, 1882), e as cartas de Filippe Simões reunidas no volume *A Exposição retrospectiva de arte ornamental portugueza e hespanhola em Lisboa* (Lisboa, 1882). No mesmo anno effectuava-se em Aveiro a solemnidade perpetuada pelo *Catalogo da Exposição districtal de Aveiro promovida pelo Gremio Moderno em 1882* (Porto, 1883) e principalmente pelo album notavelmente illustrado pela casa Biel e elaborado pelos srs. Joaquim de Vasconcellos e Marques Gomes, *Exposição districtal de Aveiro em 1882. Reliquias da arte nacional* (Aveiro, 1883).

Sobre a Exposição de arte sacra ornamental levada a effeito em 1895 publicou-se infelizmente e apenas o *Catalogo da Sala de Sua Magestade El-Rei* (Lisboa, 1895) organisado pelo sr. Ramalho Ortigão. Mas ainda d'esta vez a exhibição de Lisboa estimulou outra que ficará conhecida pelo *Catalogo da Exposição de arte religiosa no Collegio de Santa Joanna Princeza...* (Aveiro, 1895) esclarecido com notas e additamentos do sr. Marques Gomes.

Por fim a ultima em data realisou-se no norte e consta do *Indicador na Exposição de arte ornamental de Vianna do Castello* (Vianna, 1896) e nomeadamente do catalogo descriptivo do sr. Figueiredo da Guerra, iconographicamente completado pelas phototypias da casa Biel, e submettido ao titulo de *Exposição de arte ornamental do districto de Vianna em agosto e setembro de 1896* (Porto, 1898).

O sr. D. José Mélida, a proposito do exemplo dos prelados catalães, exalta este intuito patriotico que convem estimular e justo é enaltecer. Egual sentimento nos dictam os precedentes dos dois bispos portuguezes.

R. P.

Excavações archeologicas

Distribue-se ha tempos o estatuto e convite de adhesão á *Société française de fouilles archéologiques* fundada em Paris em 1904. N'esse appello consigna-se o dispendio extraordinario que representam as explorações archeologicas intentadas pelas missões e delegados allemães, inglezes e norte-americanos, o desenvolvimento assombroso dos museus dos respectivos países e as subvenções elevadissimas que, para semelhantes resultados, dispensam, assim cooperando com os governos, as associações de iniciativa particular. Só o *Egypt Exploration Fund* e a *Palestine Exploration Fund*, angariam, cada uma, uns vinte contos annuaes. A nova associação franceza tem em vista emprehender e estimular, com os seus donativos, as explorações archeologicas no paiz, nas colonias e no estrangeiro, tornando conhecidos por exposições e publicações os objectos recolhidos nos trabalhos custeados pela instituição e enriquecendo os museus de França com a cedencia do alludido material. Afim de poder aproveitar-se de doações e legados o *Comité* central sollicitará do Conselho de Estado o reconhecimento de utilidade publica; e desde já pede a todos um esforço generoso para manter a Obra scientifica e artistica que se propõe encetar.

Como se acaba de vêr, este intento de levantar o prestigio de povos, países ou cidades, diverge singularmente d'aquelle em que se julga alcançar o mesmo proposito por via de entrudadas!

Ocioso será lastimar que, estando Portugal fóra da Historia no que diz respeito ás maravilhosas exhumações effectuadas, ha cerca d'um seculo, em torno da bacia mediterraneana oriental, nem mesmo no proprio territorio tal objectivo sollicite o interesse, a curiosidade e o civismo nacionaes. Entretanto, com mais limitado horisonte, já entre nós se iniciou e breve exhauriu uma associação da mesma indole que

fundamenta o novo gremio francez. Foi, em Setubal, a Sociedade Archeologica Lusitana destinada principalmente, segundo a lettra do Estatuto, a effectuar uma excavação nas ruínas da antiga Cetobriga, em Troia. Começou sob os melhores auspicios, com a protecção regia, adhesão de personagens de vulto e pouco mais d'um conto de réis para despesas! A exploração encetou-se com relativo exito; e os *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana* (Lisboa, 1850-1) de que sahiram apenas tres fasciculos, integralmente redigidos por uma figura cujo nome, Manuel da Gama Xáro, cumpre estimar e recordar, accusam, entre artigos de vulgarisação e de doutrina, a historia e os resultados d'esse tão estranho emprehendimento. Comtudo o *Relatorio dos trabalhos da Sociedade Archeologica Lusitana* (Lisboa, 1851) é que elucida resignada e educativamente sobre a frustrada tentativa, tão animada nos primeiros passos e logo abandonada de reis, de fidalgos, de governos, de personalidades e do publico — todos os das pristinas auras e bafejos!

A triste historia d'esta tão patriotica como sympathica instituição está feita nos trabalhos alludidos e resumida por José Sylvestre Ribeiro no tomo VIII, pags. 303-324 da *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal* (Lisboa, 1879), nos dois artigos d'um dos fundadores, J. C. Almeida Carvalho, insertos no *Boletim da Associação dos architectos e archeologos portuguezes*, n.os 5, 6 e 7 do tomo VII e serie 3.ª (Lisboa, 1896), intitulados *A Sociedade Archeologica Lusitana — As antiguidades extrahidas das ruinas de Troia, e onde é que se acham depositadas*, e ainda, por quem isto escreve, no capitulo *Antiguidades Nacionaes* d'*A Terra Portuguesa* (Porto, 1897). Mas nunca será demasía insistir, para ensinamento e reserva, nas vantagens que todos colhem com a leitura d'esses amargos documentos.

Tirante isto, a que se redusem os grandes trabalhos de exploração archeologica entre nós? Officialmente é ainda a Commissão dos Trabalhos Geologicos quem tem as palmas na extensão, precisão, methodo e alcance dos seus magnificos serviços á prehistoria do paiz. E fóra da sua benefica alçada, da sua tradição excelsa e do seu perduravel exemplo, só na iniciativa individual encontramos os impulsos de mais relevante destaque. Em primeiro logar avulta a inesquecivel e generosa figura de Martins Sarmento, com as nunca de mais celebradas explorações de Sabroso e de Briteiros, as suas minuciosas e incontaveis romagens por Entre o Douro e Minho, a fundação do Museu de Guimarães, em grande parte sua exclusiva obra, as publicações realisadas á sua custa e larga e benemeritamente distribuídas, a compra de monumentos, os subsidios a outros exploradores, a acolheita tão prodigamente hospitaleira a todos os que lhe procuravam luzes e serviços.

Recordaremos, como exemplos, por serem dos poucos de que ha denuncia publica, as facilidades que proporcionou ao sr. Leite de Vasconcellos, seu antigo admirador e discipulo, para uma das suas viagens de estudo *(Uma excursão ao Soajo*, pag. 37, Barcellos, 1882) e os subsidios prestados a Henriques Pinheiro para o reconhecimento archeologico de Castro de Avellãs *(Relatorio sobre as ruinas romanas descobertas junto da povoação de Castro de Avellãs...* no n.º 2 do tomo V da *Revista de Guimarães*, Porto, 1888). E se nos é vedado reproduzir o que sabemos de outros e numerosos casos de altruísmo e de bondade associados ao seu enthusiasmo archeologico — com a ulterior ingratidão que é velho apanagio humano — não é desacerto relembrar que tudo isso lhe custou varios contos da sua fortuna pessoal.

Na mesma via segue outra figura eminente da sciencia portuguesa, da qual, por melindres visiveis, não nos é licito assoalhar certos pormenores da sua obra já gloriosa. O sr. Santos Rocha explorando com uma individuação sem precedentes a bacia do Mondego e certas regiões da Beira Alta e da Extremadura, investigando periodicamente no Algarve, creando, organisando, mobilando e conservando a prestante e notavel instituição que é já o Museu municipal da Figueira, congregando n'uma Sociedade todas as aptidões indecisas da cidade em que habita, publicando á sua custa e gratuitamente distribuindo as suas obras extensas e magnificamente illustradas, completa, com uma exploração modelar, ininterrupta, minudenciosa e carissima do famoso Castro de Santa Olaia o seu inultrapassavel affan de archeologo militante.

Sem menospreço por aquelles que não conseguem ou não podem attingir a obra, a fadiga e o dispendio exorbitantes d'estas duas individualidades excepcionaes, é necessario inscrever de modo inapagavel, para hoje e para o futuro, a sua proeminencia na archeologia portuguesa, como sabios e como delapidadores dos bens proprios em homenagem á sua patria.

Quanto a associações como a franceza a que vimos de alludir, manifestamente nos não enredamos em chimeras.

R. P.

NOTICIAS EPIGRAPHICAS

Sob esta rubrica se inicía um noticiario relativo a monumentos epigraphicos, especialmente os lusitano-romanos, quando não tenham cabida noutros estudos archeologicos como documentação privativa. Serão notas ligeiras, sem largo commentario, que de resto não excluem particularisadas investigações monographicas sobre lettreiros de subida valía historica.

Competem, pois, a esta secção todas as inscripções inéditas, e ainda as já editadas se parecer melhor outra lição.

Analecta epigraphica

I — *Inscripções dedicadas a divindades.*

1). *Ara* ou *cippus* [1] de granito, proveniente da freguezia do *Tronco* (antigo concelho de Monforte e actual de Chaves) e existente no Museu municipal do Porto; mau estado de conservação com mutilações na cornija e na base; altura $0^{m},79$, largura $0^{m},60$, espessura $0^{m},32$; lettras irregulares, talvez do sec. III, de altura variavel de 4 a 7 cm. Já publicada incorrectamente sob o n.º 274 dos *Additamenta nova ad inscriptiones Hispaniae latinas ex Ephemeridis epigraphicae* vol. IX, fasc. I (Berlim, 1903):

IOVI OPTIMO MAX*(imo)* V*(otum)* C. A. R. PO*(suit).*

L. 3 — C... A... R... devem ser as iniciaes do obscuro dedicador do monumento.

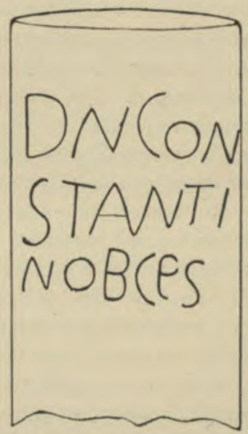
2). *Ara* encontrada no *castro* da freguezia de Alvarelhos, concelho de Santo Thyrso, e depositada no Museu ethnologico portuguez:

GENIO SATVRNINVS CATVRONIS F*(ilius)* V*(otum)* S*(olvit)* L*(ibens)* A*(nimo).*

O nosso illustrado amigo, rev. Souza Maia, proprietario do interessante monumento, a quem devemos a noticia, informa que o T das palavras *Saturninus* e *Caturonis* se parece com I, julgando dever por isso attribuir-se a ara ao sec. II.

II — *Inscripções honorificas.*

3). *Cippus* cylindrico de granito, vindo do logar do *Areal de Baixo*, Braga, para o Museu municipal do Porto; bem conservado; mede no estado actual $0^{m},92$ de altura e tem o diametro de $0^{m},45$; lettras irregulares do sec. IV (333-350), oscillando entre 6 e 11 cm. de altura:



D*(omino)* N*(ostro)* CONSTANTI NOB*(ilissimo)* C*(a)*ES*(ari).*

Não contendo indicação de milhas, deverá considerar-se uma inscripção honorifica [1] collocada acaso, em simples lisonja ao reinante *Imp. Caesar Flavius Julius Constans Augustus,* perto de uma das *vias* que irradiavam de *Bracara Augusta,* semelhantemente ao cippo a Constantino (317-337), de formulario identico, registado sob o n.º 4784 do C. I. L., II.

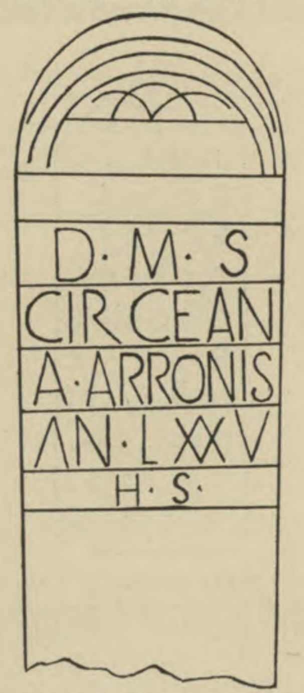
III — *Inscripções funerarias.*

4). *Lapide* de schisto procedente de *Avelleda,* freguezia de S. Vicente da Raia, e recolhida no Museu municipal do Porto; boa conservação; altura $1^{m},29$, largura $0^{m},36$ a $0^{m},32$, espessura média $0^{m},15$; lettras finamente gravadas de altura

[1] A duvida procede á mingoa de vestigios evidentes do *foculum* normal da *ara.*

[1] R. Cagnat, *Cours d'épigraphie latine,* Paris, 1898, pag. 245, nota (5).

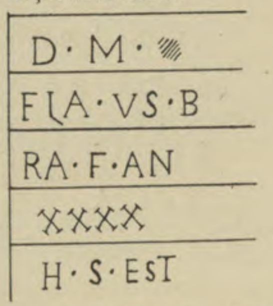
entre 8 cm. e 45 mm. Já publicada incorrectamente sob o n.º 272 dos *Additamenta* cit.:



D*(iis)* M*(anibus)* S*(acrum)* CIRCEANA ARRONIS AN*(norum)* LXXV H*(ic)* S*(ita)*.

L. 2 e 3 — Parece o nome de escrava, que da casa de uma *Circea* (cf. *Circia*, C. I. L., II, 2268) houvesse passado por titulo legitimo de transmissão para a familia de um *Arro*, cognome já conhecido na epigraphia peninsular (C. I. L., II, 2735 e 5619) [1].

5). *Lapide* grosseira de schisto ardosifero, pertencente ao Museu municipal do Porto, para aonde veio de *Santa Justa*, concelho de Vallongo; regular conservação; altura 0m,93, largura 0m,30 a 0m,34; lettras gravadas em duplo bisel, talvez do sec. II, de altura de 5 cm. a 43 mm., as linhas separadas por traços horisontaes:



D*(iis)* M*(anibus)* [S*(acrum)*] FLA*(vius)* VS. BRA. F*(ilius)* AN*(norum)* XXXX H*(ic)* S*(itus)* EST.

[1] R. Cagnat, obr. cit., pag. 78, § 4.

L. 2 e 3 — VS... BRA... incompletaveis; a primeira abreviatura pertence a um gentilicio callaico-romano, a outra ao prenome do pae do epigraphado [1].

6). *Lapide* de schisto existente no Museu municipal do Porto e recolhida da freguezia do *Tronco*, concelho de Chaves; mau estado de conservação, mutilada; altura 1m,14, largura 0m,25 a 0m,33; lettras irregulares de 85 mm. de altura. Já publicada incorrectamente sob o n.º 273 dos *Additamenta* cit.:

Lição provavel: [D*(iis)* M*(anibus)* S*(acrum)* FL]A*(vius)* CALABVS ou CALAB*(i)*VS TVROBI F*(ilius)* ANNORVM LXXV H*(ic)* S*(itus)* O*(pto)* T*(erram)* L*(evem)*.

L. 1 — Apenas vestigios incertos de lettras.

L. 2 a 5 — O *gentilitium Calabius* é já conhecido no onomastico hispano-romano. *Turobus* ou *Turobius*, não; apenas *Turo, Turus, Turaius* e *Tureus*, nomes celtiberos. Mas o exame detido da epigraphe repelle a hypothese dos *Additamenta*, em que se interpretou *Turob(r)i* [*g(ensis)*].

IV — *Instrumenti domestici inscriptiones.*

7). *Signaculum aereum* de proveniencia desconhecida com *manubrium* anepigraphico, exis-

[1] Sobre BRA. cf. C. I. L., II, 4971-3.

tente no Museu municipal do Porto; rectangular com lettras retrogradas e relevadas num quadro tambem relevado de 0^m,049 de largura e 0^m,021 de altura; boa conservação:

Lição duvidosa: C*(aii)* I*(ulii)* VIBBI V*(inum?)* NECTAR*(ium)*.

Parece o sinete de medico oculista *(sigillum medici ocularii)*, mas de uma especie muito particular, porque não corresponde com justeza ás condições formaes, que para o typo classico indica o sabio epigraphista CAGNAT [1] e se vêm largamente exemplificadas em A. HÉRON DE VILLEFOSSE e H. THÉDENAT *(Cachets d'oculistes romains*, t. I, Paris e Tours, 1882). Baldadamente se busca tambem um *simile* no copioso livro de VITTORIO POGGI *(Sigilli antichi romani*, Parma, 1876). O anormal aspecto do instrumento fez suspeitar da sua authenticidade ao douto epigraphista francez, quando consultado sobre a interpretação attribuida, não se pronunciando todavia contra ella. Cf. R. CAGNAT e M. BESNIER, *L'année épigraphique, extrait*, Paris, 1902, onde sob o n.º 88, a pag. 41, vem publicada a inscripção de um sinete de *oculista* em que se preconisa o [*V*] *italion(is) Nectar(ium)*.

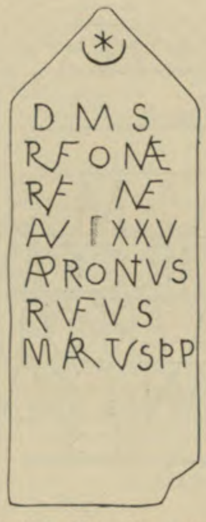
JOSÉ FORTES.

Tres inscripções funerarias inéditas do cemiterio romano do Monte do Penouço (Rio Tinto)

Como descrevi a pag. 112 da secção de noticias, estas tres lapides serviram de tampadura a um sarcophago. A face inscripta estava voltada para o interior do tumulo e as tres alinhavam-se justapostas, consoante está na fig. 1 (planta) de pag. 111. As lages I e II pertenceram a um anterior edificio; a secção transversal indicada no desenho da lapide II mostra o perfil de uma cornija.

LAPIDE I — E' de granito, com 1^m,30 de comprimento por 0^m,50 de largo. Termina superiormente em triangulo e no centro d'este frontão tem a estrella de 6 raios, no meio do crescente.

As lettras de $0,^m05$ a 0^m,09 de altura estão em 7 linhas.

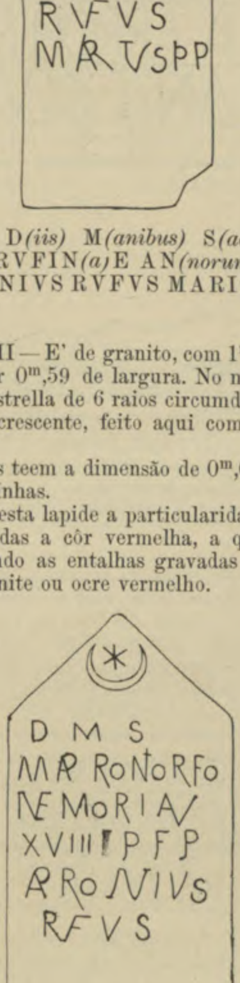


Leitura: D*(iis)* M*(anibus)* S*(acrum)* RVFONIAE RVFIN*(a)*E AN*(norum)* [X ou L] XXV APRONIVS RVFVS MARITVS P*(ius)* P*(osuit)*.

LAPIDE II — E' de granito, com 1^m,40 de comprimento por 0^m,59 de largura. No meio do frontão está a estrella de 6 raios circumdada simplesmente pelo crescente, feito aqui com 2 arcos circulares.

As lettras teem a dimensão de 0^m,05 a 0^m,09 e estão em 6 linhas.

Offerece esta lapide a particularidade de ter as lettras pintadas a côr vermelha, a qual se teria obtido riscando as entalhas gravadas com um pedaço de limonite ou ocre vermelho.

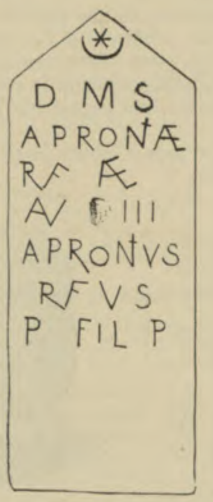


---

[1] Ob. cit., pags. 333 e 334.

Leitura: D*(iis)* M*(anibus)* S*(acrum)* M*(arco)* APRONIO RVFO NEMORI[1] AN*(norum)* XVIII P*(ater)* F*(ilio)* P*(osuit)* APRONIVS RVFVS.

Lapide III — Tambem de granito; tem 1^{m},27 de comprido e 0^{m},495 de largo. Termina tambem em angulo, sob o qual está o asterisco e o crescente. As lettras occupam 7 linhas e são de 0^{m},007 a 0^{m},009 de alto.



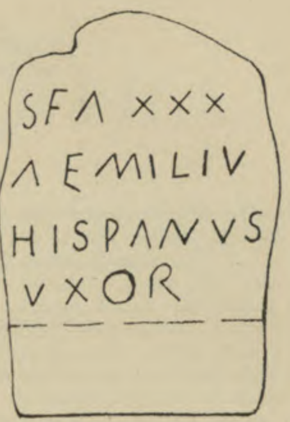
Leitura: D*(iis)* M*(anibus)* S*(acrum)* APRONIAE RVFAE AN*(norum)* [X ou L]III APRONIVS RVFVS P*(ater)* FIL*(iae)* P*(osuit)*.

Ricardo Severo.

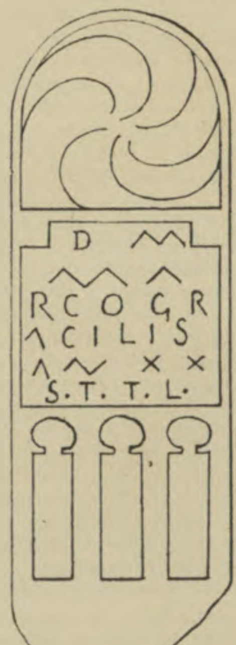
Inscripções brigantinas

Envia-nos o nosso amigo e distincto collaborador, capitão Albino Pereira Lopo, uma curiosa communicação a proposito do conhecido *Castro de Avellans*. Pois que o espaço nos falta e julgamos do maximo interesse a publicação immediata de duas lapides inéditas ahi apresentadas, extractamos os periodos referentes a estes documentos epigraphicos:

«Na egreja do povoado do *Castro de Avellans* encontrei ha pouco uma lapide fragmentada com a seguinte inscripção incompleta:



«No sitio do Couto, aos valles de S. Francisco, Bragança, appareceu ha tempos o primeiro monumento epigraphico descoberto até agora nesta cidade; o achado vem corroborar a conjectura de que já na epocha lusitano-romana havia neste local uma povoação. E' uma lapide funeraria, que deu entrada no Museu municipal de Bragança, contendo a inscripção subsequente:»



A. Pereira Lopo.

[1] Havendo duvida sobre a leitura do cognome NEMORI, foi consultado o sr. R. Cagnat, o qual confirmou esta interpretação.

OS MORTOS

PEREIRA CALDAS

26-I-1818 † 19-IX-1903

Dessas gerações memoraveis que surgiram no primeiro quartel do seculo XIX foi Pereira Caldas uma das ultimas figuras e das mais conhecidas e originaes.

A sua infancia passou agitada pelas luctas do liberalismo; mas ao amortecer das convulsões civis, que se apagaram com o definitivo exito d'aquelle, achava-se já Pereira Caldas absorvido com a educação do seu espirito, que pela ancia insaciavel do saber o levara ao estudo de varios ramos da sciencia. Bacharelado pela Universidade, concorreu ao magisterio secundario conquistando com brilho esta nova posição social, interrompida no seu inicio pela insurreição popular da Maria da Fonte em que se empenhou com patriotismo ardente e paixão generosa.

Recolhida a energica espada de paladino da liberdade, voltou para a labuta do professorado, que supportou até ao fenecer da vida, consagrando-se simultaneamente á sciencia e ás lettras com um afinco persistente e inalteravel, que só a morte foi capaz de sustar.

D'uma intelligencia larga e arraigadamente estudioso, quiz acompanhar o proteiforme e poderoso movimento das ideias que pelos meiados do seculo passado produziu a fecunda e extranha renovação scientifica, cujos beneficios, reconhecidamente, usufruímos hoje.

Em sciencia, porém, os periodos de transição perturbam e prejudicam sensivelmente aquelles que se lhes subordinam e soffrem a influencia. Pereira Caldas foi d'este numero.

Além d'isso isolado e indisciplinadamente entregue a uma inverosimil dispersão intellectiva, por vezes muitissimo particularisada, não legou uma obra de conjuncto e de relevo superior que fosse digna dos seus recursos mentaes e da sua notoriedade.

Com effeito, occupou-se das lettras cultivando o verso, a critica e a historia litterarias; publicou pequenos opusculos sobre as sciencias physicas, exactas e naturaes; abordou assumptos de historia patria; dedicou-se ás questões archeologicas, especialmente á epigraphia; conheceu varias linguas vivas e mortas; não houve camonianista mais fanatico; foi um bibliographo distincto.

Todos estes trabalhos de restricto interesse foram elaborados para satisfazer impulsivas e occasionaes necessidades do espirito, e revestidos com uma linguagem antiquada, embora, por vezes, ironica e pittoresca. No ensino lyceal, na annotação da sua vasta livraria e em tão heterogenea producção se consumiu, durante meio seculo, a sua actividade intellectual. D'estes factos, das suas extravagancias, e das suas relações com altas individualidades portuguezas e extrangeiras e com as innumeras aggremiações scientificas, europeias e americanas, a que pertencia, derivou a sua celebridade.

Devem-se-lhe, emtanto, serviços prestantes.

Especialisaremos aqui os que respeitam apenas á archeologia: fez uma porfiada apostolisação pela palavra, pela escripta e pelo exemplo; foi o que primeiro investigou e revelou a estação thermal romana de Vizella; a *Citania*—a pagina mais fulgida e deslumbrante sobre primitivas civilisações lusitanas, e que é a exhumação historica ainda sem egual entre nós,—encontrou em Pereira Caldas o promotor do seu congresso ou conferencia de archeologia nacional, em 1876; estimulou e coadjuvou Martins Sarmento, o sabio eminente e gloria do seu paiz, avultando entre as maiores cerebrações europeias que se entregaram á ardua e arida sciencia que nos illumina o Passado; salvou do esquecimento e da destruição os copiosos documentos historico-archeographicos sobre a cidade de Braga, do antiquario Senna Freitas.

Além de numerosos artigos dispersos por jornaes e revistas, restam-nos de Pereira Caldas, entre outras, as seguintes publicações archeologicas:

Noticia archeologica das Caldas de Vizella, 16 pags. Braga, 1853.

Programma das conferencias familiares na Sociedade Democratica Recreativa de Braga sobre Monumentos archeologicos em geral e a Architectura Christan das nossas Provincias boreaes em particular, 15 pags. Braga, 1872.

Monumentos epigraphicos de Roma exalçadores da memoria do papa S. Damaso, prodigio vimaranense, 31 pags. Braga, 1879.

Lapide romana da estrada da Geira sem decifração plausivel até agora, 20 pags. (Publicada certamente em Braga e datada presumivelmente de 1899).

Numisma celtiberico, 8 pags. Braga, 1901.

Decifração plausivel d'uma inscripção luso-romana da Citania de Briteiros—indecifrada desde a sua descoberta em 1879 e só depois de 22 annos illucidada, 16 pags. Braga, 1902.

Assim se nos exhibiu este homem de saber que, não attingindo o destaque proprio das suas faculdades e do seu estudo por impeditivos deploraveis, foi todavia prestimoso pela sua benemerencia educativa, litteraria, scientifica e patriotica.

Manuel Monteiro.

BIBLIOGRAPHIA

—

LIVROS E OPUSCULOS

Pierre Paris — Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive, 2 tomes in 8.° gr. Paris, 1903-4, 787 figures dans le texte et xxiii planches.

La bibliothèque archéologique de la Péninsule n'est pas assez nombreuse; l'apparition d'un nouveau livre devient pour nous un événement considérable, toujours accueilli avec un joyeux empressement, et plus encore si cet ouvrage présente la valeur de celui qui a été construit par M. Pierre Paris avec des matériaux de provenance ibérique.

Le grand prix Martorell, qui lui a été décerné à Barcelone, est une récompense et témoigne de la haute considération que mérite cette contribution précieuse à l'archéologie ibérique. Ce livre est dorénavant un élément indispensable dans toute bibliothèque de l'homme de lettres, curieux des problèmes artistiques ou archéologiques de la Péninsule.

Un compte-rendu bibliographique de cet ouvrage nous prendrait trop d'espace; à plus forte raison l'analyse détaillée de tous ses chapitres. Cette critique spécifiée sera faite au fur et à mesure que tous les matériaux et études y comprises seront mises à profit par des travaux ultérieurs sur l'archéologie du Portugal et de l'Espagne.

Je ne tiens nullement à faire ce compte-rendu dans les limites serrées de cette revue.

D'autres raisons sont encore à considérer. Les faits archéologiques du Nord-Ouest de la Péninsule n'ont pas mérité de M. P. Paris un examen détaillé. On ne trouve pas dans son essai des observations nouvelles au sujet du Portugal, et ses communications se renferment dans les exposés de M. E. Cartailhac, dans *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* (1886), et de M. E. Hübner dans *Arqueologia de España* (1888). La revue *O Archeologo Português* l'a renseigné sur quelques faits archéologiques postérieurs, mais ne lui a prêté que des documents isolés; M. P. Paris n'a pas visité le Portugal archéologique, il n'a pas feuilleté toute sa modeste bibliothèque, il ne fait donc pas des études directes de séries archéologiques, et il n'expose pas non plus des impressions d'ensemble sur les matériaux de provenance portugaise. Il regrette que les ouvrages archéologiques soient parmi nous rares et très éparpillés; c'est bien la vérité, mais ce reproche, quoique fondé, n'est pas à lui seul une justification.

Nous examinerons donc plusieurs de ses thèses générales qui embrassent le problème portugais dans la même étude archéologique sur la Péninsule. L'auteur commence par employer les mots *Ibérie, Ibères, Ibériques* dans un sens générique «parce que ces mots sont les plus compréhensifs et les plus commodes». Hérodore d'Héraclée dit que les Ibères sont le même peuple sous des noms différents, la même race divisée en plusieurs tribus; cette citation classique lui sert d'appui à la désignation ethnique, et de cette façon l'auteur échappe avec une prudence systématique à la question inextricable de l'ethnologie péninsulaire, qui persiste, dès les classiques grecs et latins, confuse et mystérieuse. En observant «une unité certaine, indéniable» «dans toutes les œuvres nées sur tous les points du vaste territoire hispanique», il les nomme en général *Ibériques.*

Cette désignation est expliquée au point de vue ethnique et archéologique; quant à sa signification chronologique, il nous annonce que son étude commence «à l'heure incertaine où les habitants de la Péninsule deviennent capables de tailler la pierre en forme d'animaux ou d'hommes, de décorer l'argile, de fondre le bronze en simulacres de divinités ou en figurines votives, de forger des poignards et des épées de fer, de marteler des bijoux d'argent et d'or et d'y graver des dessins plus ou moins géométriques»; «ce sont les débuts de l'histoire, la *protohistoire* succédant à la *préhistoire,* c'est toute la période qui s'étend depuis la naissance des premières cités, au sens élevé du mot, jusqu'à la conquête romaine, et que j'appellerai, sans prétendre d'ailleurs trancher par ce mot une foule de questions ethnographiques et géographiques, la période ibérique.»

Cette façon de simplifier le problème, tout-à-fait conventionnelle, est, au point de vue de la paléthnologie péninsulaire, une source de trouble et d'erreurs. C'est une méthode factice, que son auteur a employée dans un livre qu'il nomme modestement un essai, en s'excusant par avance de très bonne grâce.

Cependant, on est conduit par ce procédé à un amalgame de faits, dont les distinctifs régionaux ou ethnographiques se confondent dans un ensemble artificiel. Le critérium dont l'auteur se sert pour éliminer de cet ensemble les faits préhistoriques ou étrangers, n'est pas, en dedans de cette méthode préétablie, suffisamment expliqué.

Et pourtant l'auteur cherche consciencieusement la vérité; nous n'aurons qu'à l'accompagner en toute confiance sur cette route idéale, qu'il nous présente comme la plus simple, celle qui nous conduira le plus rapidement au but désiré.

Un fait capital s'écoule d'abord du prologue de son livre, la partie qui renferme la plus brillante synthèse de l'ouvrage de M. P. Paris. C'est l'existence d'une civilisation ibérique, exactement déterminée, antérieure aux influences qui sont parvenues jusqu'à nous de l'Orient méditerranéen par l'intermédiaire de la civilisation grecque et des phéniciens. Cette thèse d'une catégorique simplicité est la plus importante de son étude, et l'auteur la développe et la soutient avec un enthousiasme vraiment péninsulaire. Elle est d'une haute portée pour la reconstitution du vieux monde *occidental;* les ibères des anciens historiographes ont, donc, leur place bien marquée dans le vaste amphithéâtre méditerranéen, par où s'est répandue la primitive civilisation dite égéenne. M. P. Paris s'estime heureux de relever «l'art et l'industrie ibériques, que la critique ignore et méprise»; nous nous félicitons aussi de ce qu'un fait acquis, tellement important, ait été proclamé par un savant étranger aux nationalités ibériques.

Quelques investigateurs parmi nous, les uns oubliés, les autres ignorés, avaient déjà affirmé nettement la primitive indépendance de la civilisation de l'Occident ibérique [1], mais ils n'ont pas réussi à faire entendre leur voix au delà de la muraille des Pyrénées.

Cela n'amoindrit en rien le service rendu par M. P. Paris à la thèse.

Son ouvrage est composé de six chapitres principaux: l'architecture, la sculpture, la céramique, les figurines de bronze, les bijoux et les armes, les monnaies.

Dans le premier, l'auteur étudie les *Despoblados, Villares, Castillares* de l'Espagne, les *Citanias* du Portugal et de la Gallice; il décrit en premier lieu la maçonnerie des constructions, l'appareil ibérique au style cyclopéen, bien représenté dans des constructions très connues du pays voisin, que l'auteur prétend retrouver aussi dans la *Citania de Briteiros*. Il nous dit qu'à en juger par les images présentées par M. E. Cartailhac «non seulement les murs d'enceinte, mais encore les murs des maisons étaient de style cyclopéen.» Il se peut que l'échelle réduite des dessins ait produit cette impression erronnée, mais courante dès Hübner [2]; en fait, les maisons circulaires sont construites selon l'appareil hélicoïdal, et dans les murs droits la maçonnerie est irrégulière, ou encore de moellons façonnés et rangés, mais à dimensions plus faibles que celles propres du style dénommé cyclopéen; c'est bien un autre genre.

Dans cette première partie de son ouvrage l'auteur commence par rapprocher l'architecture mycénienne de l'ibérique; les *Citanias* de Sabroso, Briteiros et Ancora lui ont fourni sur ce sujet des éléments de toute précision. Il n'impose pas la priorité de son point de vue, ou l'invention de ce parallélisme, qu'il attribue à de précédents investigateurs, MM. Cartailhac et Siret—auxquels il faut ajouter Virchow [3]. Son informateur des choses du Portugal ne lui a pas aussi indiqué les travaux, de beaucoup antérieurs, de M. F. Martins Sarmento, le savant archéologue des *Citanias* du Minho, qui ont été abrégés dans un écrit publié par lui-même dans le fascicule 1.^er^ de cette revue [4], sous le titre *L'art mycénien dans le Nord-Ouest de l'Espagne;* là, cet auteur nous expose en peu de paroles ses anciens points de vue sur l'ethnique et l'art du Nord-Ouest péninsulaire et nous renseigne sur l'influence mycénienne au moyen de comparaisons solides et précises [5].

Les *Castros, Cividades* et *Citanias* renferment le problème fondamental de la préhistoire du Nord-Ouest de la Péninsule; dans ces stations typiques, en dedans de leurs murailles démantelées, multiples et

---

[1] Je rappellerai, car c'est un acte de justice, quelques écrits de notre regretté ami et savant collaborateur F. Martins Sarmento, dont je traduis les titres:

Les grecs dans le Nord-Ouest de l'Ibérie, in *Instituto*, Coimbra, 1876; *Sur les villes antiques de l'Ibérie*, in *Museu Illustrado*, Porto, 1879; *L'art pré-romain*, in *Occidente*, Lisboa, 1879; *Les lusitaniens*, in *Compte-rendu du congrès de Lisbonne à 1880; Les celtes dans la Lusitanie*, in *Revista scientifica*, Porto, 1882; *Si avant l'invasion des romains il y avait un art chez nous*, in *Arte Portugueza*, Porto, 1882; *'A propos des castros*, in *Panorama contemporaneo*, 1883; *Les Argonautes*, subsides pour l'histoire ancienne de l'Occident, Porto, 1887; *Les statues galaïques*, in *Revista de sciencias naturaes e sociaes*, Porto, 1896; *Ora maritima de Festus Avienus*, étude de ce poème dans la partie concernant les côtes occidentales de l'Europe, Porto, 1896.

Tous ces ouvrages et articles de revues forment une contribution précieuse à l'ethnologie péninsulaire, et proclament nettement l'indépendance originelle de la primitive civilisation occidentale, en même temps que le *ligurisme* fondamental de l'ethnique de l'Occident européen.

Afin de rendre plus connues ces théories, nous avons fait traduire et publier dans le fascicule 1.^er^ du tome I de cette revue (pags. 165 à 171) les conclusions de la partie ethnographique de la dernière étude de l'illustre savant sur l'*Ora maritima*. Il est à craindre, malgré cela, que ces études continuent ignorées au delà des frontières portugaises. Voilà pourquoi j'insiste encore une fois sur ces données bibliographiques.

'A propos aussi *d'occidentalisme*, nous ne saurons oublier l'ouvrage en quatre volumes de l'illustre archéologue, feu M. Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve* (1886-1891).

[2] E. Hübner, *Citania* (Berlin, 1878), trad. de J. V.—F. Martins Sarmento, *Observações á Citania do sr. dr. E. Hübner*, Porto, 1879.

[3] In *Compte-rendu du Congrès Int. d'Anth. et d'Arch. préhistoriques*, neuvième session à Lisbonne, 1880, publié à 1884, pags. 647 à 662; trad. du rapport de M. Virchow.

[4] *Portvgalia*, tome I, fasc. 1, 1898, pags. 1 à 12, avec 16 figs. in texto.

[5] Ce contact de la civilisation mycénienne avec l'Europe n'est pas donc le *fait nouveau* de l'ouvrage de M. P. Paris, ainsi que le dit M. S. Reinach dans sa critique publiée dans la *Revue Archéologique*, tome V, 1905, pag. 160. On peut néanmoins féliciter l'auteur d'avoir solidement établi la généralisation de cette thèse à toute la Péninsule Ibérique.

concentriques, est souterré le secret de ces acropoles ruinées; là a été l'*habitat* de nos primitives populations, entassées sur les cimes des montagnes en des situations stratégiques qui ont surpris et arrêté les premières légions envahisseuses des miliciens romains.

Il n'est pas encore possible de construire un cadre d'ensemble de ces villes mortes. L'exploitation archéologique de ces vastes stations est trop dispendieuse; le peu qu'on a fait chez nous est dû à l'initiative particulière très restreinte parce que, malheureusement, la protection de l'État est presque nulle et les fondations, dans le genre de celle qui a subventionné l'ouvrage de M. Pierre Paris, manquent tout-à-fait. Cette circonstance qui n'agrandit pas, certes, la valeur des travaux des archéologues portugais, doit cependant adoucir le jugement facile des étrangers sur notre indigence en fait de musées et de mémoires.

Le livre de M. P. Paris est assez incomplet en ce qui concerne ce chapitre de la protohistoire péninsulaire. Ajoutons toutefois que les érudits portugais, malgré quelques découvertes récentes, ne sont pas encore en mesure de résoudre ce problème d'archéologie nationale; en sorte que l'étude plus approfondie des sujets portugais — quand même elle l'aurait initié aux petits progrès de notre science — n'apporterait à M. P. Paris qu'un assez faible secours à l'appui de sa thèse générale, qui peut très bien se passer de ces témoins aussi modestes qu'ignorés.

La deuxième partie de son livre s'occupe de la sculpture; les premiers matériaux présents de l'art primitif ibérien sont des «horribles ébauches» «d'une grossièreté barbare» provenant du Nord-Ouest, comme les *becerros*, les *berrões*, les statues de *guerriers lusitaniens*, quelques statuettes et bas-reliefs, dont l'auteur présente une série assez complète. Cet art barbare s'améliore graduellement dans la direction du Sud-Est jusqu'aux plages méditerranéennes, par l'action d'influences du dehors, dont M. P. Paris clairement nous expose chaque part:

«L'art indigène de l'Ibérie, abandonné longtemps à lui-même dans les provinces reculées du Nord-Ouest et du Centre, et comme paralysé par un vice de nature, est resté dans un état stationnaire de rudesse barbare et ne s'est que par intervalles un peu vivifié sous l'influence lointaine de l'art mycénien. Au contraire dans les pays que baigne la Méditerranée, où se sont établis les Phéniciens et les Grecs, la double influence du commerce et de l'esprit oriental et hellénique a apporté aux idées et aux productions locales un élément fécondant. Mais, lorsqu'il s'agit des monuments très primitifs, il faut avoir soin de distinguer entre l'influence grecque proprement dite et l'influence mycénienne; dans presque tous les cas, il faut admettre que les modèles orientaux ne se sont pas imposés directement, mais par l'intermédiaire des Grecs.»

La partie de son étude sur la nombreuse collection de *Cerro de los Santos* et du *Llano de la Consolacion* est très étendue et forme le recueil le plus complet qui ait été publié à propos de cette intéressante série dont l'authenticité a été vivement discutée. L'auteur pose d'abord en principe que l'art du Cerro, comme on peut l'appeler, est un art essentiellement ibérique. Ensuite il constate que sous le fond original ibérique plusieurs influences se dénoncent; d'abord, les orientales (spécialement les chaldéennes) par les apports commerciaux des Phéniciens et des Mycéniens, tout après celles de l'archaïsme grec, dont l'auteur précise l'évolution dans ces mots: «successivement on retrouve dans les œuvres du Cerro les mêmes étapes d'un premier archaïsme à un archaïsme avancé, et à l'archaïsme expirant.» Le chef-d'œuvre de cet art ibérique de style gréco-oriental est l'incomparable *Dame d'Elche*, buste conservé au Musée du Louvre, dont l'auteur fait une étude parfaite; il révérifie ses opinions antérieures, et fait ressortir les beautés de ce superbe échantillon artistique, qu'il restitue à son auteur de fait, un artiste ibérien.

Dans le troisième chapitre, *la céramique*, M. P. Paris complète la série de ces acquisitions ibéro-mycéniennes avec une importante collection de documents nouveaux, résultats de ses excavations en Amarejo, Meca et d'autres stations du Sud-Est de l'Espagne. Il me semble que l'insuffisance de sa méthode analytique devient ici plus sensible. En mettant de côté les éléments préhistoriques et d'autres qu'il considère peut-être exotiques ou étrangers, l'auteur ne peut pas embrasser l'ensemble du problème péninsulaire dans ce cas de la céramique ou de toute autre manifestation de l'art et de l'industrie. Il exerce l'analyse en dedans de son école philosophique d'éclétisme grec — l'auteur est un athénien — et cherche de parti-pris cette brillante influence de l'art grec, à travers toutes les autres influences venues de la Méditerranée orientale [1].

Il se fixe donc à dessein dans la céramique à décor au pinceau, qu'il divise en trois groupes: 1) poterie à décor géométrique et à décor floral irrégulier; 2) le même genre à décor régulier; 3) poterie à décor animal et avec persistance d'importants éléments linéaires et floraux de style régulier.

L'auteur se croit en face d'une industrie indigène; toutefois, l'œuvre n'appartient pas entièrement au céramiste ibérien; il y a quantité d'apports venus de très loin. «Je me crois en droit d'affirmer que l'histoire de la céramique des Ibères n'a qu'un chapitre, un chapitre long et intéressant, à coup sûr, mais unique. Pendant de longs siècles, jusqu'à la conquête romaine, après même cette conquête, ils sont restés fidèles au style qu'ils avaient emprunté à leurs premiers fournisseurs orientaux et qu'ils avaient

---

[1] Notre très distingué collaborateur M. A. dos Santos Rocha prépare, de longue main, une étude complète et minutieuse sur les fouilles considérables qu'il a faites dans la station de Santa Olaya. Nous aurons donc bientôt un nouveau chapitre dans l'histoire ancienne de la céramique qui, à moins de modifier les points de vue antérieurs sur la céramique ibérique, apportera de nombreux documents, tout-à-fait originaux, à l'examen de nouvelles influences venues de l'autre côté de la Méditerranée, qui ne sont pas, cependant, celles connues de l'archaïsme grec.

du reste marqué de leur empreinte personelle. Ce style, pendant une longue période, s'est modifié à mesure que se modifiaient de leur côté les styles qu'il imitait, et si les vases à décor floral font surtout songer à Mycènes, les vases géométriques rappellent plutôt les vases italiotes, et les vases à figures animales sont proches parents par certains côtés des vases proto-attiques et proto-béotiens. Mais bientôt, quand le style primitif a fait place dans les régions orientales au style archaïque, et le style archaïque au style classique, il y a eu comme un brusque arrêt de développement parallèle dans la Péninsule occidentale. Le style céramique d'Ibérie s'est figé, et c'est là surtout que l'on peut parler de la longue survivance du style mycénien et du style géométrique.»

Antérieurement, à propos de dessins d'animaux à demi fantastiques, avec une stylisation d'un nouveau genre, M. P. Paris la compare à celle de quelques objets de *La Tène*, et écrit avec justesse: «L'art de la Tène étant très nettement caractérisé, il n'y a pas lieu, je crois, de tirer des conclusions de ce rapprochement; mais il est bon toutefois de rappeler que ce n'est pas la première fois que l'étude des monuments ibériques suggère une comparaison de ce genre.»

Je pense que dans une collection plus nombreuse et complète de produits de l'Ibérie, M. P. Paris aurait plusieurs fois l'occasion de relever de telles ressemblances, dont sa haute compétence tirerait de très intéressantes conclusions. Ce défaut se répète au chapitre suivant sur les bijoux et les armes. Il faut convenir que: la formule intégrale d'une période ou d'une région artistique étant composée d'une infinité de différentielles, il faut bien qu'elles y soient toutes.

Le chapitre *figurines de bronze* renferme une immense quantité de documents. La difficulté de réunir tous ces matériaux, éparpillés dans plusieurs collections ou en main de tant de collectionateurs, explique bien quelques fautes. Les fondeurs ibériques de ces bronzes ne font pas preuve, dès leurs débuts, d'un savoir-faire remarquable ou spontané; cependant, dans les dernières séries, il y a quelques pièces d'un réel intérêt artistique. M. P. Paris observe impartialement: «Que l'on regarde seulement les 442 figures qui illustrent l'importante étude de M. Salomon Reinach sur la *Sculpture en Europe avant les influences gréco-romaines,* et l'on verra qu'en fait de barbarie tous les premiers fondeurs et coroplastes de la Gaule, de l'Angleterre, de l'Europe centrale, de l'Italie, de la Grèce, de l'Asie Mineure, n'ont rien à s'envier les uns aux autres; ils sont égaux en naïveté maladroite et manquent tous au même degré du sens de la beauté plastique comme d'habilité manuelle.»

M. S. Reinach a donc raison quand il dit qu'on y trouvera bien peu qui offrent une valeur d'art; il n'a pas pourtant raison, lorsqu'il déclare que bien peu offrent un intérêt quelconque [1]. L'intérêt scientifique est toujours pour quelque chose dans les documents de cette espèce.

Le chapitre spécial sur *les bijoux et les armes* nous semble, toute proportion gardée, le plus pauvre. En face de la luxueuse décoration de la dame d'Elche, avec de riches bijoux, ce manque de matériaux est vraiment regrettable, et contredit apparemment ce que nous dépeignent les anciens sur le goût très prononcé des femmes et des hommes ibériques «pour tous les ornements qui rehaussent la beauté du corps et du visage.» Il y a là une grande lacune dans nos connaissances. Malgré cette disette, M. P. Paris a rassemblé la plupart des faits connus.

L'auteur, en mettant de côté tous les bijoux *celtiques* ou *celtibériques* à décoration géométrique, nous présente de suite des échantillons déjà publiés dans différentes éditions archéographiques, auxquels il applique sa thèse ibérique de style gréco-oriental.

La partie de son ouvrage sur les fibules ne permet pas une appréciation synthétique; elle est incomplète. M. J. Déchelette, dans un article à ce propos, *Les petits bronzes ibériques* [2], fait venir de la Haute-Italie quelques-uns des modèles, dont il trouve de nombreuses répliques ibériques. Nous sommes parfaitement d'accord sur ce point, ainsi que sur l'existence de quelques formes gauloises ou celtiques, de quelques modèles de la Tène et d'autres provenances européennes.

En faisant disparaître quelques exigences de la critique — la critique des professionaux regarde toujours de trop près — le travail de M. P. Paris devient pour la nationalité qu'il appelle *ibérique* une œuvre de reconstitution et une affirmation de plus en faveur de son individualisation ethnique.

Dans cet extrême occidental de la vieille Europe a existé en effet une très vieille civilisation, antérieure aux plus anciennes légendes des Phéniciens, au milieu desquelles elle est mystérieusement dissimulée. Les races et les peuples de ce Couchant lointain — du monde *ignoto* de l'au-delà des colonnes d'Hercule — ont été pendant les temps classiques les barbares anonymes de plusieurs mythes: d'abord les phéniciens, ensuite les grecs. La civilisation était celle de leurs inventeurs, grecque, sémite, africaine

---

[1] *Revue Archéologique*, art. cit., pag. 159.

[2] Dans cet article bibliographique, M. J. Déchelette, en faisant des références aux difficultés surmontées par M. P. Paris, dit: «en revanche il est peu de pays où les faussaires aient exercé leur industrie avec autant d'activité.» M. Déchelette réproduit ici une opinion, en cours dans un certain milieu, mais entièrement inexacte. La Péninsule ibérique n'est pas le pays où cette industrie a pris le *maximum* d'activité. Les faits et leur statistique rigoureuse témoigneront de cette vérité.

Cette protestation formelle n'est pas faite dans le dessein quichottesque de défendre à outrance l'honneur national; mais simplement dans un sentiment tout naturel de justice et de vérité.

Nous ne sommes pas trop surpris d'une accusation si rudement prononcée, parce qu'elle nous vient du bon pays de France où l'industrie et l'art des contrefaçons ont une vaste installation. En effet, la presse française nous en fournit couramment de nombreux exemples, et le dernier livre de M. P. Eudel sur le *truquage* est venu à point de nous édifier complètement. Nous ne voyons dans ce contraste que la répétition du cas normal et humain «de la paille et la poutre», d'après la locution proverbiale.

Tous les pays de l'Europe, d'ailleurs, ont contribué pour leur part à cette nuisible sophistication; l'exception aigrement formulée en notre défaveur serait donc par trop injuste.

ou romaine. Et aujourd'hui même, cette vague opinion persiste encore sur cette extrémité de l'Europe, petit ilot caché sous les hautes Pyrénées, terre lointaine au coin du monde, adossée au Nord africain!

Le livre de M. P. Paris est un acte de confirmation de nos vieux parchemins; pour nous autres c'est un motif d'orgueil et une incitation au progrès de notre science archéologique. C'est un pas de plus, un pas solide, pour l'avancement de la théorie occidentale de l'origine des civilisations européennes; la Péninsule ibérique doit avoir été en vérité un des plus importants et peut-être le plus ancien théâtre de cette primitive civilisation occidentale.

'A M. Pierre Paris s'adressent donc les vœux et les salutations enthousiastes de tous les *Ibériens*.

Ricardo Severo.

F. Tavares Proença — Antiguidades. I. *Resultado de explorações feitas nos arredores de Castello Branco em setembro e outubro de 1903*, 8.º, 24 pags., um mappa e duas estampas. França Amado ed. Coimbra, 1903.

Sob a epigraphe de *Antiguidades* iniciou o A. em 1903 uma serie de opusculos, de que apenas se acha publicado um numero com o sub-titulo indicado. O proseguimento da serie trará ulteriormente, crêmo-lo, uma apreciavel contribuição para a vasta obra em que poucos infelizmente andamos empenhados, a da reconstituição do Passado pelo emprego dos methodos racionaes e precisos que manejaram com brilho, entre outros, os grandes mestres Carlos Ribeiro e Martins Sarmento.

Mas, em verdade, os elementos colligidos pelo novo collaborador não podem dar ainda para um trecho importante do nosso atrasado edificio archeologico. E' que elle se limitou a relatar succ ntamente meras informações locaes, e simples reconhecimentos em pontos diversos de uma area das proximidades de Castello Branco, bem demarcada em mappa illustrativo, onde affirma ter descoberto vestigios de uma povoação romana, cujo nome lhe é por ora desconhecido. As sondagens exhumaram substrucções de velhos edificios, pedaços de columnas graniticas, *tégulas* e *imbrices* em numero, mós manuaes, uma *lagariça* em rocha viva, pesos de tear, restos de uma ceramica variada, etc. Comtudo este material é apenas summariamente inventariado, de par com o diario das excavações, sem minucias descriptivas, como em catalogo compendioso de museu. Certamente á mingua de estudo mais profundo, extenso e ordenado sobre a jazida da velha povoação, tambem faltam neste primario trabalho os aspectos geraes, a parte reconstitutiva, as constatações de informação fecunda. A tempo virá porém tudo isto, não esmorecendo o A. na proveitosa empresa iniciada. Vê-se de resto que para ella lhe não mingúam aptidões, esclarecidas e desenvolvidas já por uma literatura escolhida.

José Fortes.

Antonio Francisco Barata — Catalogo do Museu archeologico da cidade de Evora, 8.º, 94 pags. Lisboa, Imp. Nac., 1903.

A magnifica instituição que á sua historia tem ligados os nomes de Manuel do Cenaculo, Cunha Rivara, Filippe Simões e Gabriel Pereira — não contando André de Rezende, o mais remoto, com a sua iniciativa, o seu ardor e a sua fraude — encontrou agora, no conhecido e estimavel antiquario sr. Antonio Francisco Barata, quem denunciasse, aos que nunca visitaram o Museu de Evora, a importancia e valor das suas collecções. São 247 verbas ennumerando a serie epigraphica representada por numerosas inscripções em gothico quadrado e monachal, em arabe, em hebraico e em romano, fragmentos de estatuaria, de mosaico e de ceramica romanas, detalhes architectonicos como capiteis, janellas, arcos, ogivas e linteis, sepulturas, cruzeiros, baptisterios, retabulos sacros de massa ou jaspe, imagens, azulejos, mobiliario de velha siderurgia portuguesa, medalhões e armorial.

Varias referencias dispersas tornaram conhecidas algumas das peças mencionadas, incluindo as apocryphas, que Hübner desvenda, e cuja burla geralmente se attribue a Rezende. O sr. Barata não esquece as allusões respectivas, descreve com maior ou menor amplitude cada especimen de per si e encerra o seu trabalho com um indice dos nomes portugueses enunciados, das inscripções e dos brasões de armas. E se bem que n'uma introducção historica e elucidativa consigne a ausencia de alguns elementos para realisar perfeito o seu catalogo, affigura-se-nos emtanto que, a não ser a manifesta lacuna das illustrações, o emprehendimento logrou um exito discreto. Apenas é para lastimar o tumulto em que as verbas estão dispostas, certamente por ordem de inventario, defeito esse que se poderia ter corrigido com um resumo systematico, precedendo ou seguindo o catalogo descriptivo e com elle jogando por numeros e paginas. O indice só, além de incompleto, é sobremodo escasso.

Embora deslocada é interessante, por pouco vulgar, a verba 124. Trata-se d'uma fôrma de ossos artificiaes em terra-cotta, que foi dos carmelitas de Evora — frades emeritos no fabrico de reliquias de qualquer santo ou santa! Com outras fôrmas, appareceu nos forros do mosteiro, porventura lá escondidas pelos religiosos ao terem de abandonar o convento. Mas não só o Museu de Evora conserva esse pittoresco despojo do mystico ludibrio: mais outras, algumas ainda com os ossos artificiaes, são hoje pertença, a titulo de curiosidade, do sr. visconde da Esperança!

R. P.

José Caldas — HISTORIA D'UM FOGO-MORTO *(Subsidios para uma historia nacional) — 1258-1848. Vianna do Castello (Fastos politicos e militares)*, 8.°, LXXVIII-563 pags., 1 innum. e 1 planta. Lello & Irmão eds. Porto, 1904.

Não ha duvida que este livro produsiu a impressão d'um libello elaborado por um pamphletario. «No estylo quer-se moderação», proclamava uma entidade qualquer ao combinar-se um passo de indecorosa cobardia moral. E o sr. José Caldas, annotando esse deploravel episodio, antecipava-se aos seus detractores exhibindo as palavras que outros haviam de tomar para lh'as arremessarem singellas ou com injurias. Mas o publicista insigne, que é uma das mais rutilas glorias das lettras contemporaneas, ainda se antecedeu á critica que naturalmente o esperava em muitas considerações esparsas pelos tres primeiros capitulos do seu livro magistral. A historia é uma resenha biographica de reis, inçada de lendas do paço, de infimas adulações, de fábulas puerís, alternando-se os monarchas que vencem batalhas com os frades que fazem milagres. Não ha uma historia do povo portuguez pela deficiencia de depoimentos caracteristicamente impessoaes. E se d'esta passamos ás memorias de terras deparam-se-nos apenas tratados apologeticos visando a lisongear o amor proprio dos nativos, com falsidades ao deante reprodusidas por identicos historiographos inscientes e burlões.

Ora estes commentarios ainda teem a mesma rasão e egual effeito para a geral compostura da sisudez contemporanea. E' assim que se foi creado na Historia, é assim que se quer a Historia. Destruír a illusão, escancarar a trama d'um organismo social envilecido, patentear implicitamente a abjecção da propria estirpe é que ninguem supportará de bom grado, por habito, por hypocrisia e convenção. Prove-se, entre outras fabulas respeitadas e solidas, que nunca tivemos uma casta aristocratica e pulverise-se a lenda da nobresa goda e das incontaveis enxertías na heraldica asturica e leoneza. Tombará a metade da população do paiz que n'ella pretende enlaçar, e os linhagistas, e os historiadores, e os romancistas, e o professorado, e o bom senso e o proprio equilibrio social na sua representação mais ponderosa e respeitavel sobre o energumeno audaz e delirado.

O sr. José Caldas, fasendo a historia de Vianna n'uma intenção do seu prestimo como alicerce para uma verdadeira historia patria, quando outras se conceberem e realisarem estructuralmente edificadas com subsidios baseados em analogas fontes, esboçou uma Historia nacional. Em mais do que em um passo ella seria extensiva a outras terras do reino, com transferencia de nomes apenas, permuta de homens e ligeiras alterações de pormenor. Ora isto doe, por um sentimento inconfessado ás vezes, inconsciente muitas. Não esventremos a pustula, não destruámos este arranjo. E' grata a chimera. Desfase-la é rebeldía ao concerto estatuído. A Historia vae muito bem como é feita nas gazetas de domingo: tudo muito nobre, celtas e carthaginezes, godos e sarracenos, as ensinadellas a Castella, a dilatação da fé, o facho da civilisação até ás paragens distantes, monumentos como só em Portugal, estylos da casa, seculos remotissimos, burlas, necedades e asneiras. Contrariar isto é desmoronar, revolucionar, atraiçoar: o livro de José Caldas, pois, breve teria de ser qualificado com desdem como outro brado jacobino do auctor.

E entretanto o singello e lucido relator da *Archéologie préhistorique dans la province de Minho*, (Lisbonne, 1882), o eruditissimo commentador do *Corpvs Codicvm* (Porto, 1891), que só com esta sua tarefa entra na ala que começa em João Pedro Ribeiro, passa fulgidamente em Herculano e remata agora em Alberto Sampaio e Gama Barros, este homem de talentos multiformes, jornalista entre os mais altos da peninsula, elegiaco e ternissimo poeta d'*Os humildes* e justo e intenso demolidor d'*Os jesuitas*, fez, sobre Vianna do Castello, historia e simplesmente historia.

Verdade é que o commento que os factos lhe despertam não se enquadra na linguagem conspicua e redundante, ou enlanguescente e viscosa, ou florída e repenicada e antes severamente se exprime sarcastica, vibrante, comminatoria. Mas esses factos é que indusem o juiz á vehemencia. Assim Vianna depois de patrioticamente evidenciar o seu ardor pela causa do prior do Crato, decide-se após Alcantara a ficar com Castella e tão inteiramente como jámais se houvesse destacado da corôa de Leão. Então a nobresa do reino, com o duque de Bragança á frente, recebe o hespanhol de joelhos logo sollicitando dinheiro, graças ou mercês!

Ainda á ameaça da entrada dos francezes o pavor invade a terra e a camara apressa-se em nomear uma deputação que faça a entrega da villa. E' este o episodio em que se assenta que, para o estylo, se quer moderação. Mas mal retira a tropa inimiga breve o senado se reune para justo desaggravo de todos!

A entrada de Beresford, o libertador, inicía o sentimento anglolatrico cuja expressão mais accentuadamente grotesca é essa festa promovida por um padre volteiro, o abbade de Lobrigos: symbolos, allegorías, coroação de retratos por femeas vestidas de nymphas, torneios do estro local, um pagode, emfim, que origina uma das ironias de mais lucilante acuidade e que ficará lapidar na litteratura portuguesa.

Mais tarde Vianna, ardentemente, com solemnidades e luminarias, celebrará a constituição de 20; pouco depois estará já com D. Miguel, repetindo as festas, vibrando satyras aos constitucionaes, redigindo libellos e pasquins; e adeante, entregue a villa a Napier com a adhesão geral, determinará que se rasguem e tranquem todos os registros publicos que se refiram a D. Miguel! Recentemente, por occasião da Patuleia, Vianna adhere ao movimento popular; mas, se sahe Antas e entra Casal, a cidade segue a um e a outro!

Ora é a multiplicidade d'estes factos que determina o sr. José Caldas a considerar a nobresa vendida, o povo desmoralisado e a consciencia publica adormecida, explicando — palavras d'elle — por imbecilidade publica, estupidez contagiosa, anarchia mental, fluctuação dos espiritos, patriotismo interino, incapacidade civica, baixesa moral e cobardia collectiva, todo esse fragmento de historia nacional.

O que muitos dizem mas dissimuladamente o escrevem, patenteou-o o sr. José Caldas sem ambages nem diversões formaes. Comparando a attitude do publico e gazetas por occasião do *ultimatum* de 90 e agora, 15 annos volvidos, ante a visita dos monarchas inglezes, não seria elle quem diria euphemisticamente que o povo se evidenciou bom e ingenuo e a imprensa versatil: o idioma tem um glossario mais estrictamente justo, punidor e clamoroso. Assim procedendo para factos anteriores, a obra admiravel do admiravel publicista certamente não seria grata a um publico que, comprasendo-se na hypocrisia, não abdica, nem póde, da sua subserviente e irreductivel naturesa de escravo.

R. P.

Alex. Flêbus — L'outillage agricole en Portugal, in *Bulletin et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Bruxelles*, tom. XX, 22 pags. e 1 pl. Bruxelles, 1902.

O magnifico estudo do insigne ethnologista sr. Adolpho Coelho, inserto no primeiro tomo d'esta revista e referente á alfaia agricola popular portuguesa exhibida em Lisboa n'um dos certamens commemorativos da descoberta da India, promoveu uma communicação do sr. Alex. Flébus, presente em sessão de 26 de janeiro de 1902 da Sociedade de Anthropologia de Bruxellas. O folk-lorista belga resume, approximadamente pela mesma ordem, a monographia do nosso illustre collaborador, reproduzindo em parte os seus commentarios eruditos e accrescentando poucos de busca propria. N'uma pagina final agrupa, como esclarecimento subsidiario, as illustrações esparsas na monographia portuguesa.

A memoria exhibe-se-nos com a levesa e impertinencia com que, em regra, os estrangeiros se occupam de assumptos nossos. Affirma primeiro que o mobiliario descripto póde dar uma ideia bastante exacta do que é a alfaia agricola em Portugal, quando em verdade o auctor portuguez se acinge ao que lhe foi dado observar procedente das cercanías de Bragança e d'outra limitada região alemtejana. Depois consigna que o sr. Adolpho Coelho nem sempre tirou todo o partido possivel do que tinha á mão e remata afinal com as mesmas conclusões obtidas ou immediatamente deprehensiveis da monographia do notavel ethnologista portuguez!

R. P.

J. Leite de Vasconcellos — Ensaios ethnographicos, 8.º, I, 374 pags.; II, VI–390 pags. Silva Vieira ed. Espozende, 1891-6 e 1903.

É muito acertado este titulo. Effectivamente o auctor reedita algumas das suas primicias folkloricas e inicía um esboço historico ácerca das tradições populares portuguesas. Os artigos agora reprodusidos, e primitivamente insertos em jornaes e revistas, teem sobretudo interesse para se avaliar a distancia que vae do plumitivo bisonho e servido ainda por um saber muito escasso até ao operoso investigador que é hoje o sr. Leite de Vasconcellos. Se a forma e o relêvo litterarios — que aliás o sr. José Leite desdenha — não se modificaram sensivelmente, quanto ganhou em bagagem o emerito redactor da *Revista Lusitana*, o auctor de tantos e tão copiosos subsidios dialectologicos, o collector insaciado e insaciavel do Museu ethnologico de Lisboa!

Todavia, e já que o estudioso ethnologista, com tão louvavel e sympathico ardor, raro deixa de proclamar a sua inquebrantavel obediencia á verdade, seja-nos licito notar que a molestam algumas affirmações agora reeditadas — não obstante o auctor «mondar ligeiramente, aqui e além, alguma imperfeição.» (I, 99), sequer em certos dos artigos reimpressos.

E' logo, a pag. 38 do tom. I, esta: «No Minho, a terra classica das nossas superstições e antigos costumes...» Com a auctoridade de que gosa surprehende-nos que localise no Minho o que pertence de direito a Traz-os-Montes e á Beira. O sr. Leite conhece a zona transmontana de leste, incluindo a Terra de Miranda, e decerto não lhe escaparam ás suas indagações as multiplas formas de superstição sem parallelo na região minhota. E quanto a antigos costumes, em Arga, em Castro Laboreiro, no Soajo, na Cabreira e no Gerez só vestigios apagados subsistem — quando perduram — do que é ainda vivaz no regimen pastoril e communalista d'algumas localidades do planalto barrosão e das faldas de Larouco.

Alludindo aos serranos (II, 187-8) parece que a impressão que o montanhez teria deixado no espirito do auctor de *Uma excursão ao Soajo* fôra muito superficial e de corrida. Precisamente o soajeiro — vá de exemplo — não é um isolado porque quasi todo o elemento varonil, em regra, emigra, para onde? Para Lisboa, cidade em que principalmente exerce a profissão de padeiro até reunir uns parcos haveres com que, n'um regresso que trata de não dilatar muito, arredonda glebas ou as desonera, oira a mulher e multiplica o gado e a rez. Combater com lobos é, em todas as serras do norte do paiz, historia que passou. E quanto a luctas pelas divisões dos terrenos maninhos, se esporadicamente algumas surgem, são casos pouco frequentes a contrapôr ao admiravel e harmonico concerto, nas reuniões dos povos serranos, que preside á proporcional distribuição das fachas no baldío, ou para centeio, ou para carvão, ou para pastos, ou para lenhas. Visite o erudito ethnologista, já que tanto impõe e exhibe as suas romagens, certas povoações d'uma e d'outra vertente do Marão, das Alturas e da chã de S. Vicente, veja Pitões, entre Barroso e o Gerez, percorra Germil, Ermida e Brufe, na Amarella, suba a Zebral, Espindo e mais além, na Cabreira, chegue até á Gralheira e verá que o serrano confinado nos seus mattos bravos e no isolamento do mundo é apenas uma candida phantasia do seu estro. D'ordinario e precisamente n'uma emigração periodica — Douro, Beira, Alemtejo, Setubal, Lisboa, Porto — é que o montanhez busca um supplemento á escassez dos seus recursos locaes e pessoaes.

Outro informe incompleto e deturpado, visivelmente fornecido ao auctor por pessoa sem criterio e desattenta, é o que allude ao casamento em terras de Barroso (II, 199) — variado, pittoresco, com ritual popular não exempto ainda dos vestigios da conquista da consorte e em todo o caso diverso das modalidades e aspectos que ainda reveste em certas localidades de Vimioso, de Miranda e da serra da Nogueira.

Uma inexactidão, porém, que grato seria vêr expungida d'uma obra subscripta por quem tanto rigor exige aos outros, é a que diz respeito aos pescadores poveiros — que quebram as vidraças das capellas quando os santos não «fazem» o que se lhes pede (II, 49). Realmente esta anedocta, calumniosa e pejorativa, corre vulgarmente no Porto e, em geral, no norte do paiz, á mistura com outros dislates de equiparavel solercia. O illustre homem de saber adoptou incautamente, sem exame e sem verificação, uma pilheria que se gestou entre outras de semelhante exacção e espirito a proposito d'uma classe interessante tanto pela sua heroicidade como pelo seu estreito fanatismo. A verdade, comtudo, é que nunca se verificou tal costume na Povoa de Varzim nem memoria ha, entre os mais velhos, d'um só caso isolado que chegasse até nós. Talvez por a ouvir muito repetida o infatigavel homem de sciencia lhe deu fóros de authentica — semelhantemente ao que aconteceu a D. Antonio da Costa em seu livro *No Minho,* assignalando a sobrevivencia dos «homens bons» no Soajo e o seu vestuario ainda talhado em pelles de bichos!

E' manifesto que estas e outras affirmações, que nos abstemos de commentar, derivam, em geral, da inadvertencia ou ligeiresa com que certas pessoas fornecem subsidios aos estudiosos. Nenhum de nós se póde julgar liberto do percalço; e o douto auctor das *Tradições populares de Portugal* por bastas vezes terá averiguado com dôr como é declivosa a ladeira d'essas fontes... Bem.

A segunda parte de cada um dos dois volumes encerra os materiaes para a historia das nossas tradições populares. Aqui manifesta o sr. Vasconcellos a sua conhecida familiaridade com a litteratura nacional respectiva. Algumas lacunas são nada ante a copia da bibliographia exhibida e onde naturalmente occupam um logar de realce as publicações do auctor. Verdade é que varias, inicialmente dispersas por gazetas e revistas, foram depois fundidas em trabalhos de maior tomo; outras são artigos minusculos que ninguem lograria descobrir por mais attenta que fosse a indagação e a busca; criticas, mesmo, aos seus trabalhos annota o auctor com a escrupulosissima meticulosidade de quem impede avara e antecipadamente o risco de serem ignoradas ou esquecidas. De resto o *Catalogo das obras de J. Leite de Vasconcellos,* organisado e distribuido pelo proprio, é já uma deliberação attinente ao mesmo objectivo.

Algumas das publicações dos outros, que o incansavel compilador registra, são acompanhadas de commentarios, em geral sem os encomios com que a generosidade nacional é abundosa e fertil — caso este de nosso particular agrado e pelo qual vivamente felicitamos o severo bibliophilo.

Emtanto não nos parece que essa impiedosa severidade de critica deva ir ao ponto de, alcançados por obsequio os manuscriptos do archeologo Estacio da Veiga, se commentar, com agastamento e desdem, as suas faculdades de poeta lyrico! Como, por seu turno, não se agastaria e legitimamente o nosso amigo Leite de Vasconcellos se qualquer dos redactores d'esta revista n'ella commentasse, mesmo com bonhomia, as suas *Balladas,* as suas *Nuvens* e ainda outros ocios poeticos! A «boa intenção e sincero desejo de chegar á verdade» levaram o sr. José Leite a examinar minudenciosamente o romanceiro de Estacio, com as suas correcções, emendas e rasuras e ainda a vêr os seus versos e critica-los, não obstante Estacio da Veiga haver escripto: «O auctor reprova a maioria d'estes seus primeiros versos reservando, porém, alguns para publicar depois de serem retocados»! (I, 266). E a seu tempo um intimo rebate de consciencia faz dizer ao sabio illustre (I, 278) que «não suppõe que deva ser accusado de menos respeitador dos manes de Estacio da Veiga ou de indiscreto...» Quanto a nós consideramos irreverente e desnecessario este apuro de analyse para a aquilatação da obra archeologica e folk-lorica do extincto investigador algarvio. Ponham aqui os olhos os estudiosos e tomem as suas precauções em vida!

Folgamos que a estes dois volumes, de vario ensinamento por tantos titulos, se sigam outros. A canceira do sr. José Leite de Vasconcellos, por verdadeiramente consideravel, até parece morbida. Effusivamente tributamos, pois, a mais calorosa e enthusiastica homenagem ás suas qualidades de trabalhador.

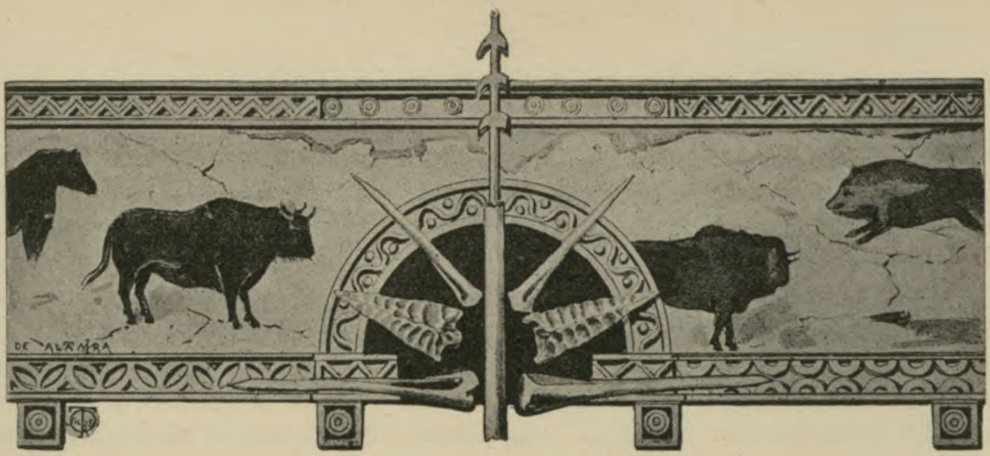
R. P.

F. Adolpho Coelho — Geographia historica e ethnographia de Hespanha e Portugal, 1891-96, 1897-98. In Vollmöller Kritischer Jahresbericht ueber die Fortschritte der *Romanischen Philologie.* Band v, Abtheilung III, pags. 33-49. Erlangen, 1893.

Cumpre-nos recommendar vivamente os magnificos subsidios bibliographicos para a geographia historica e ethnographia da peninsula que o eminente ethnologista portuguez elaborou, acompanhando-os de reflexões criticas onde o prestigioso renome do auctor avulta com as suas admiraveis faculdades de brilhante talento e a solidez do seu vastissimo saber. A este trabalho seguir-se-hão outros que assim completarão a bibliographia do que fundamentalmente importa conhecer em assumptos anthropologicos, archeologicos e ethnologicos peninsulares. Seria, pois, para desejar uma reedição em revista nacional de maior dispersão e accessibilidade.

R. P.

Editor — Ricardo Severo.



LAS PINTURAS Y GRABADOS

DE LAS CAVERNAS PREHISTÓRICAS

DE LA PROVINCIA DE SANTANDER

(Altamira — Covalanas — Hornos de la Peña — Castillo)

PRÓLOGO

AL principio del verano de 1902, supe por la prensa de la capital de esta provincia de Santander la noticia del descubrimiento de grutas en la vecina República Francesa, en las que aparecían pinturas murales análogas á las nuestras de Altamira.

Escitada mi curiosidad, recurrí al buen amigo y malogrado sabio naturalista D. Augusto G. Linares en demanda de datos para apreciar en detalle aquel nuevo hallazgo. En el acto, el nunca bastante llorado amigo, mostróme un número de la *Revista de la Escuela de Antropología,* de París, que acababa de recibir y en el cual venían reproducidas en estampación algunas de las figuras, representando animales, de las descubiertas en las paredes de la gruta de *Font-de-Gaume* (Dordogne). Aunque hacía bastantes años que no veía las de Altamira, teníalas sin embargo bastante impresas en la memoria para poder evocar su recuerdo ante las reproducciones de las de Font-de-Gaume y establecer entre unas y otras, por la observación de la semejanza de su estilo, cierto paralelismo.

Esto hizo que concluyeran de disiparse las dudas que me ocurrían con respecto á la autenticidad de las de Altamira, tan en entredicho puesta por aquellas personas, de aquende y allende del Pirineo, que tiempo hacía formularon su juicio robustecido con la autoridad de su fama científica, inclinándose á confirmar por cierta la leyenda que

---

Nota da Redacção — Publicando esta memoria de D. Hermilio Alcalde del Rio, digno director da Eschola de Artes e Officios de Torrelavega, sobre as grutas com pinturas e gravuras da provincia de Santander em Hespanha, cumpre esta revista a promessa annunciada no seu 4.º fasci-

atribuía al capricho de algun incógnito y excéntrico artista de nuestros días la paternidad de aquellas manifestaciones *apócrifas* de arte primitivo [1].

Careciendo yo de la amplitud de conocimientos precisa para poder formar juicio de lo que significaban aquellas edades prehistóricas, en que el hombre hacía su aparición, no acertaba á persuadirme de que tales muestras de arte fueran producto de aptitudes del hombre habitante en las cavernas (al que yo conceptuaba, creyendo en el por la garantía de la ciencia, de lo mas rudimentario que podía caber dentro de un estado de completo salvajismo).

Así, pues, para dar principio á la empresa que iba á acometer, me era ante todo necesario conocer en la práctica un método adecuado y á la vez eficaz para el mejor éxito de estas exploraciones.

El anuncio de la próxima llegada de dos sabios miembros del Instituto de la Francia, M.M. Cartailhac y Breuil, comisionados para hacer un estudio directo de esta caverna, hubo de regocijarme porqué me brindaba propicia ocasión de obtener provechosas enseñanzas observando los procedimientos de tan doctos y esclarecidos profe-

---

culo, e insére um documento da maxima actualidade e de alto valor para o estudo da Archeologia Prehistorica.

E' já numerosa a serie de noticias sobre as *grutas com pinturas* descobertas pelas vertentes pyrenaicas; a pag. 734 do tomo I da *Portvgalia* foi publicada a primeira serie bibliographica, desde a communicação de Sautuola sobre Altamira, primeiramente condemnada por suspeita; estão, porém, ainda em preparo as monographias completas sobre taes estações.

O estudo actual de D. Hermilio Alcalde constitue um capitulo completo sobre a parte artistica da celebre gruta de Altamira e sobre novas e inéditas descobertas, quaes as das cavernas de *Covalanas, Hornos de la Peña* e *Castillo*, até agora ignoradas.

Que não se julgue fóra do nosso programma, e mal cabido sob a taboleta da *Portvgalia*, este estudo referente ao Norte hespanhol. A palethnologia peninsular não se partilha consoante a divisão politica dos dois reinos ou suas provincias administrativas; os materiaes e estudos portuguezes e hespanhoes entram conjunctamente no grande capitulo ibérico; impossivel é dispensar-se o seu mutuo auxilio na sciencia particular de cada paiz e no estudo da palethnologia do Occidente europeu. N'esta revista teremos occasião de nos occuparmos com egual interesse dos factos portuguezes e hespanhoes que estão em natural harmonia; este favor de D. Hermilio inaugura a collaboração summamente honrosa dos nossos amigos e collegas da Hespanha.

O director d'esta revista expressamente visitou algumas das grutas da provincia de Santander e pessoalmente constatou a original belleza d'essa arte primitiva que se manifesta em pinturas a fresco e desenhos gravados sobre as paredes e tectos das sombrias camaras e corredores que habitáram essas familias ancestraes. Ahi teve a satisfação de verificar as minuciosas e perfeitas observações do nosso distincto collaborador, cuja descripção a *Portvgalia* dá á publicidade pela primeira vez em monographia detalhada e completa.

Oxalá ao seu auctor seja concedida pelas collectividades scientificas e officiaes do seu paiz a recompensa que é devida á sua dedicação pela sciencia hespanhola, e lhe seja prestado o auxilio necessario para completar a exploração dos depositos archeologicos existentes n'estas cavernas. Seguir-se-ha a este o segundo dos capitulos principaes da sua obra agora em inicio; resta decifrar por completo essa rica serie de documentos que o manto stalagmitico esconde e protege.

Compete ao governo hespanhol tal iniciativa, afim de que não sejam forçados os estudiosos extrangeiros a intervir, para o bem da sciencia, e para a chronica da Iberia prehistorica, com as suas descobertas no proprio solo hespanhol; é um dever de honra e patriotismo que cumpre aos chronistas do nobre paiz visinho. O exemplo de D. Hermilio Alcalde significa um estimulo e um programma; é de esperar que lhe sejam franqueados os meios de bem cumprir o seu benemerito intuito.

---

[1] De justicia és consignar las protestas á que dió motivo esta aseveración en los primeros años que siguieron al descubrimiento realizado por el Sr. Sautuola. Este y el Sr. Villanova, decididos campeones de la autenticidad, tanto en sus escritos como en sus discursos en la Sociedad de Historia Natural expusieron muy razonables hipótesis al fundamentar aquella opinión que el tiempo é indiscutibles autoridades han consagrado como definitivas. A D. Marcelino Sautuola hay que considerar, pues, como el *primer* descubridor é investigador de este tipo de localidades cuyo feliz hallazgo dió á conocer en 1880.

sionales. Merced á ellos hube de darme cuenta de que no se trataba ya solo de las pinturas, motivo del litigio, sinó también de las abundantísimas muestras de gráfica que esta caverna atesoraba, cual eran los innumerables grabados representando figuras de animales que ornam sus paredes y los que únicamente son fáciles de percibir para quienes poséen una vista aleccionada por la práctica de estas investigaciones.

Una vez que terminada su tarea regresaron á su país los ilustres franceses, dí comienzo á la mía, disponiéndome á compensar la falta de científica competencia con la tenacidad del empeño, pronto á realizar los mayores esfuerzos. Dos meses y dias hube de emplear en la fatigosa tarea de escudriñar y reproducir esta gráfica en su gran mayoría. Cuanto más registraba los techos, paredes y suelos de sus galerías, más crecía mi asombro al contemplar las huellas de un arte para mi desconocido, que fuí cuidadosamente reproduciendo por los procedimientos más recomendables para su mayor fidelidad. Descubrí sitios, verdaderos escondrijos de dificil acceso, en los cuales aparecían iguales muestras gráficas, que me hicieron pensar en la fiebre inusitada que por el arte debieron sentir aquellos moradores de Altamira.

No había ya que pensar en lo de la broma que constituía la tradición local. Por otra parte los frecuentes encostramientos calcáreos que recubrían algunos de estos dibujos ocultándoles casi por completo, colocaban fuera de toda duda el hecho de su reciente estampación, aún llevando la cuestión á su más material aspecto.

Cuanto más estudiaba el caso veía más claramente que tales manifestaciones en nada se aproximaban á la técnica de los procedimientos seguidos en épocas historiadas. Además, ni por la ornamentación propiamente dicha, ni por los caracteres que pudiéramos llamar caligráficos ó paligráficos que contiene y por la carencia absoluta de formas simbólicas, podemos por analogía colegir que Altamira presente características semejantes á las de otro pueblo señalado en la historia del arte. Hay algo, sí, que retrata á este pueblo desconocido y es: que toda la gráfica de esta caverna parece estar influida por los hábitos propios de un pueblo esencialmente cazador, que, libre de toda preocupación, rinde culto á la naturaleza reproduciéndola en aquel aspecto que le es más familiar.

Imaginé con íntima persuasión que tal localidad no podía ser un hecho aislado en esta región y manifesté este convencimiento á algunos amigos interesados en estos estudios y también á algunas colectividades.

Tan firme y arraigada era mi convicción que, á pesar de las decepciones producidas por quien más podía interesarse en estos estudios, seguí adelante en mi camino sin sentir las vacilaciones y decaimientos de la duda. Y comencé la penosa y molesta tarea de recorrer y explorar la parte más abrupta de esta provincia; el éxito coronó mis esfuerzos y hoy me siento compensado al poder ofrecer nuevos datos á aquellos hombres que con predilección se dedican al estudio de estas materias.

Veamos los resultados:

En febrero de 1903 llegó á mis noticias que en una gruta cercana al pueblecito de Ojevar, perteneciente al ayuntamiento de Rasines, los pastores habían encontrado un crecido número de osamenta humana, incluso algunos cráneos, y que las autoridades locales habían dado parte del hallazgo, sospechando pudiera constituir una prueba de la consumación de algun delito. Inmediatamente salí para el lugar del suceso y á mi llegada tuve la satisfacción de saber que un amigo, el ilustrado profesor de Historia

Natural del Colegio de Limpias, el Padre Sierra, se había anticipado recogiendo parte de esta osamenta, ya depositada en el cementerio del pueblo hasta el esclarecimiento del caso; no sin antes garantizar que tal depósito no constituía materia judiciable.

No es mi propósito entrar en pormenores acerca de este particular. Por el momento, basta apuntar que en las investigaciones sucesivas que el Padre Sierra y yo llevamos á cabo en aquel lugar, pudimos colegir que nos hallábamos ante una gruta funeraria perteneciente al periodo neolítico.

En abril del mismo año exploré una gruta cercana al pueblo de Barcenaciones, Ayuntamiento de Reocín, dando por resultado el hallazgo de un rico yacimiento arqueológico perteneciente al final del periodo paleolítico. Las paredes de ésta y la anterior gruta no presentan señales ni rasgos de dibujos.

En septiembre, en una excursión que hice en compañia del Padre Sierra por el nordeste de la provincia, logramos el hallazgo de una gruta y una caverna cuyas paredes contenían figuras pintadas representando animales. Gruta y caverna están enclavadas en las montañas de roca caliza que separan la villa de Ramales del pueblo de Lanestosa.

En octubre siguiente la suerte siguió favoreciéndome, y descubrí en las paredes y techos de una caverna situada á tres kilómetros del pueblo de Mata, Ayuntamiento de San Felices de Buelna, grabados representando figuras de animales.

Por último, en noviembre de dicho año, dí por terminadas mis excursiones con el hallazgo de una interesante caverna que contenía innumerable gráfica, de grandísima importancia para los estudios étnicos. Dicha caverna está situada en Puente-Viesgo, Ayuntamiento del mismo nombre.

Alternando con estas exploraciones, hube de dedicar mayor atención á la de Altamira, dirigiendo con preferencia mis esfuerzos á la interesante cuestión de relacionar con la gráfica mural los restos de industria que pudiera contener su suelo arqueológico.

Comencé, pues, en serio esta investigación que ofrecía ancho campo á mis deseos y durante estos últimos años llegué á retirar algunas toneladas de escombros, que metódicamente sometidos á escrupuloso y concienzudo exámen, hubieron de proporcionarme diferentes y valiosos hallazgos, y con ellos la plena convicción de que son unos mismos los depositantes de estos restos arqueológicos y los artistas que ornaran con sus pinturas y dibujos las paredes y techos de Altamira.

Daré, pues, á conocer en los presentes apuntes el estudio que tengo hecho de Altamira, Covalanas, Hornos de la Peña y del Castillo. Por ahora me limito á ceñirme á su parte esencialmente artística, dejando para otra ocasión la industrial, de que hablaremos á la vez que de otras localidades.

Quiero ante todo dejar sentada, como precedente, la protesta de que no entra en mi ánimo pasar plaza de prehistoriógrafo; que no puede abrigar tal intento quien empieza por reconocer que carece de aquella competencia científica indispensable para llegar á la entraña de estos estudios tan profundos y delicados. No es otro mi fin, ni me guía otro deseo, que el de contribuir desde la más modesta esfera á la labor de los sabios que emplean sus esfuerzos en la trascendental obra de la reconstituición de la historia de la humanidad. Veré, pues, colmada toda mi ambición, si entre los escasos materiales que aporto la ciencia encuentra alguno utilizable.

I

CAVERNA DE ALTAMIRA [1]

La circunstancia de ser tan conocida la situación geográfica que ocupa esta tan interesante caverna me dispensa de detenerme á describirla.

Hállase situada su entrada al norte, careciendo su exterior de aquellas naturales defensas que á sus antiguos moradores pudieran colocar al abrigo de inesperadas acometividades de las fieras. Penetrando en ella nos encontramos dentro de un espacio de bastante amplitud que forma el átrio ó vestíbulo de la misma, A, (est. v, fig. 1) [2]. Su altura varía de $1^{m},25$ á $2^{m},75$. El fondo de dicho vestíbulo presenta un gran amontonamiento de gruesas placas calizas, desprendidas del techo, las cuales corriéndose hácia el interior forman un muro que separa dos galerías. Penétrase en la primera, B, situada á la izquierda, tras un corto, pero rápido, descenso. Esta galería es la que ofrece materia de mayor interés para el estudio, por encerrar las célebres pinturas, únicas en su género en la época de su descubrimiento. La altura de su techo es de 2 metros á la entrada y de $0^{m},90$ en el fondo.

La segunda galería, C, parte á la derecha de dichos desprendimientos y nos conduce, con no muy suave declive, á la primera sala, Y, de 5 metros de altura; en el fondo de ella presenta el muro una angosta brecha que le rasga á lo alto, dejando ver en su interior una cavidad, de 5 metros de profundidad por $0^{m},90$ de ancha, muy interesante por los dibujos que contiene y de los que más tarde nos ocuparemos.

Dicha sala da acceso á una tercera galería, D, cuyo tránsito hacen muy incómodo los múltiples cantos que accidentan su suelo desde el arranque hasta muy cerca de la mitad de su recorrido. Termina esta galería, con rapidísimo y escalonado descenso, en una segunda sala, J, de 5 metros, de nivel más bajo que la expresada galería y de una dimensión á lo alto que varía entre 5 y 8 metros.

Concurren á la sala J cuatro galerías: una por la que hemos penetrado, y orientadas las restantes una á su izquierda, otra á su derecha y la última hácia el fondo. La de la izquierda, que por seguir el orden de numeración llamaremos cuarta, E, presenta su entrada en forma de arco adintelado, tras del cual alcanzamos á ver una especie de cámara semicircular.

---

[1] Esta caverna fué descubierta por D. Marcelino Sautuola en 1876, dándola á conocer en 1880 en un folleto titulado *Breves apuntes sobre algunos objetos prehistóricos de la provincia de Santander*.

[2] Véase la planta correspondiente (est. v, núm. 1). Dicha planta, como las restantes que contiene la referida estampa, pertenecientes á otras localidades, están sugetas á una misma escala, de 1 : 1000.

La galería de la derecha, F, quinta, eleva su entrada al final de una gran rampa de formaciones estalagmíticas. Algunos sitios de esta rampa muestran claramente impresas las garras del oso y varias señales de grabados en forma de surco toscamente hechos; así como también se advierte sensiblemente la labor de los visitantes que hubieron de entretenerse en esgrafiar sus nombres, por cierto, estropeando algunos detalles de interés para el estudio.

La sexta galería G, que parte del fondo de la referida sala, desemboca, lo mismo que la anterior galería, en otra sala, K, cuyo suelo se halla cubierto de desprendimientos; el techo muestra en alguno de sus puntos señales que al parecer son de inminente ruina. En el fondo de esta sala existe un pozo natural que afecta la forma de un gran sumidero, seco la mayor parte del año, según en diferentes ocasiones he podido apreciar, y con una profundidad de $10^{m},50$. A la derecha y á 2 metros, próximamente, del referido pozo, parte la última galería, H, haciendo todo su recorrido entre roca viva. Esta galería cuya altura varía de $0^{m},90$ á $2^{m},20$, es también muy interesante por la gráfica que contiene.

Ligeramente descrita la parte estructural de esta caverna, pasaremos ahora á ocuparnos en la descripción de su gráfica [1].

PINTURAS

Galería B. Como ya hemos dicho, es la más interesante de todas y la que despierta mayor curiosidad en el visitante al contemplar las célebres pinturas que tanto han venido preocupando á los sabios. Ocupan dichas figuras una extensión de techo de $12^{m},50$ de largo por 5 metros de ancho. Como puede verse (est. VI), representan en su mayor parte bóbidos, algunos caballos, un jabalí y una bella cierva. En general, el tamaño de estas figuras está comprendido entre $1^{m},20$ y $1^{m},60$: dos ó tres no exceden de $0^{m},90$, la cierva alcanza $2^{m},20$.

Todas estas imágenes están situadas en la parte izquierda del techo; en su extremo opuesto, ó séa en la parte de la derecha, un atento observador descubrirá que hubo allí también esta clase de estampaciones, pues así lo indican algunos detalles que de imágenes semejantes quedan aún y por los cuales se hace fácil reconstituir mentalmente la figura que pudo ser trazada. Por el centro del techo y en diferentes sentidos se extienden grandes manchones en tintas rojas; las contínuas filtraciones se han encargado de esfumar su tintaje, siendo por tanto difícil el poder concretar sus contornos primitivos. No obstante, puede asegurarse que sus autores no trataron de representar animales.

Los colores empleados en la mayor parte de estas estampaciones son el negro y el rojo; el primero fué usado para el contorno y el segundo para la mancha. En algunas de estas figuras entra también en combinación con dichos colores el ocre amarillo; en otras sólamente el rojo ó el negro.

---

[1] A fin de evitar en lo posible repeticiones de palabras y facilitar el estudio, en lo sucesivo, cuando tengamos que nombrar las diferentes galerías, lo haremos por medio de las letras con que se señalan en la planta adjunta.

Para dar mayor relieve á algunas de estas imágenes hízose uso del raspado y rayado profundo, á manera este último de grabado en hueco.

Con el raspado hubieron de conseguir degradar ó hacer desaparecer las tintas en aquella parte de la figura que más les convenía, presentando el fondo de la piedra, que venía á hacer las veces de un nuevo tono. Con el rayado profundo vigorizaban aquellas otras más salientes del animal representado, principalmente ojos, hocicos, cuernos y extremidades, con lo cual conseguían el que la figura tomase aspecto de pequeño bajo relieve. Hay algo sobre este último particular que induce á sospechar si tal rayado profundo (que algunas, no todas, de estas imágenes contienen) séa obra de artistas que sucedieron á los ejecutantes de ellas, los cuales trataron de ampliar estos detalles á fin de darlas más acusación y relieve con esa tendencia que camina á la forma plástica: observación es esta, que sólo como de pasada la apunto, deducida por un exámen de la línea que encierra este grabado, la cual discrepa grandemente como técnica de dibujo de aquella que encierra la totalidad que compone la figura; (sospecha que no ha dejado en mi de tomar cuerpo al observar dos tendencias en el grabado que presenta la superficie de algunos huesos recogidos, procedentes estos del yacimiento arqueológico que esta localidad contiene, de los cuales más adelante he de ocuparme).

La superposición que entre sí presentan algunas de estas imágenes, hace pensar si en el conjunto de todas ellas pudieron haber tomado parte también artistas pertenecientes á diversas épocas; pero queda desvanecida esta sospecha, sugerida por la primera impresión, cuando detenidamente estudiamos el caso. Un exámen detenido y atento de las figuras de animales que aparecen debajo de otras nos inclina á suponer que el artista no se propuso concluirlas y pintó otras encima, respetando de las primeras aquellos detalles que más le interesaba conservar; detalles estos, á nuestro parecer, semejantes en un todo á aquellos que en juicio comparativo pudieran suponerse más modernos, pues la técnica seguida en unos y otros es la misma, é iguales son también los materiales empleados en su ejecución.

He pensado muchas veces si tales superposiciones obedecerían al deseo de formar agrupaciones, luchando el artista, como es consiguiente, con el desconocimiento de la técnica de la perspectiva; no es este un caso aislado pues se repite con frecuencia en las figuras de que más adelante nos ocuparemos. Observadores perspicaces de la realidad como eran estos artistas, recurriendo á la Naturaleza como única fuente de su inspiración, segun parece desprenderse de todas sus obras, nada tendría de extraño que hubiesen intentado reproducir agrupaciones tomadas del natural.

Si con respecto á la perspectiva solo nos inclinamos al supuesto de que la sentían, aunque no acertaban á expresarla francamente, con respecto al escorzo afirmamos que le sentían y le expresaban con decisión y aún pudiéramos decir con habilidad, pues lo revela el arte con que utilizan al efecto los accidentes del fondo, como acontece con las figuras 6, 11, 12 y 23, pintadas sobre la convexidad que producen ciertas escrecencias de la piedra, que, á modo de ampollones, sobresalen en la superficie del techo. En tales figuras el artista supo aprovecharse de las formas plásticas que tales accidentes presentan, tomándolas á manera de bosquejo, que luego complementaban con aquellos detalles gráficos necesarios para la realización de la obra, en cuya ejecución, por otra parte, puede afirmarse que el experto artista no procedió caprichosamente sinó

obedeciendo á un plan fijo y premeditado; así lo evidencian la actitud de reposo en que aparecen estas figuras, los detalles gráficos tan comunes entre unas y otras, la manera de tratar el escorzamiento y aún el conjunto que ellas presentan semejante á esculturas policromadas.

En la figura 6 se observa el esfuerzo del artista, en su lucha con la técnica de perspectiva, cuando quiere hacer prevalecer á ésta: así vemos que para encajar la cabeza del animal, vuelta hácia el cuerpo y en cuarto perfil, se vale de un pronunciado saliente que en aquel sitio presenta la piedra.

Nos inclinamos á suponer que dichas cuatro figuras, por su identidad de coloración, factura, detalles y expresión de concepto, deben ser obra de un solo autor.

En el empleo de la degradación de tintas obraron muy discretamente, obteniendo en algunos casos felices resultados. Al hacer el exámen directo de estas figuras, es preciso proceder con exquisito cuidado y mucho tiento para no confundir los efectos casuales, debidos á la acción del tiempo que sobre ellas ha obrado, con aquellos otros que el artista produjo; es de absoluta necesidad por tanto, que, sin desatender el estudio de la coloración, fijemos nuestra atención más predilectamente en el dibujo y procedimientos seguidos para alcanzar la forma de las cosas representadas.

Las figuras 16, 17 y 20 no son en puridad otra cosa que contornos dibujados con negro, en los que la línea ha sufrido cierto desvanecido que parece responder al propósito de buscar el efecto del modelado en la figura. Procedimiento completamente contrario es el seguido en la 9, que solo expresa mancha general, de color rojo, completamente aplanada, sin relieve alguno, lo que prueba la falta de previo bosquejamiento, que es causa de que aparezca desproporcionado su dibujo.

Las figuras 2, 3 y 10, por el encaje de su conjunto, por su actitud y proporcionalidad y por el movimiento de la línea, nos parecen también obra de un solo autor. Si comparamos la 8 con la 15, hallaremos también semejanza, tanto por la actitud y desproporcionalidad que en ambas se nota, como por la tendencia hácia la redondez de la forma.

La figura 19—fuera de alguna analogía, en cuanto á corrección de dibujo, con la 20, que aparece bajo su cuello—no admite comparación con las demás. Un estudio detenido de esta figura, prolijamente analizada trazo por trazo y detalle por detalle, me sugiere el convencimiento de que pertenece al tiempo que las demás compañeras, aunque ejecutada en un momento de tan genial inspiración que el artista se sobrepuja á sí mismo y crea esta obra superior á las otras en que ha tomado parte.

Mi opinión respecto á todas estas imágenes mono y poli-crómas, que decoran el referido techo (con reserva de acatar todo juicio que evidencie mayor acierto), es la siguiente: Que todas ellas son producto, no sólo de una época más ó menos determinada, sinó también de una sola familia de artistas, de la cual, tres individuos cuando menos, tomaron parte en la labor; pues en toda ella se observa una misma preocupación, un mismo sentimiento artístico y aún pudiéramos añadir, no sin fundamento, una misma escuela, toda vez que, si alguna variación puede haber en la técnica, no afecta á la esencia de la cosa ni á su procedimiento, sinó á la práctica de ejecución. Que el referido conjunto aparece como sugerido por una idea puesta en inmediata práctica y cuyos resultados no han debido hacerse esperar mucho tiempo; la expontaneidad con que estas figuras han sido hechas y la facilidad con que la línea aparece empleada

inclina á suponer que esta obra ha sido realizada en corto plazo. Esto, por lo que afecta á las figuras que la referida estampa reproduce [1].

Salgamos de esta galería, á la que no tardaremos en regresar, é internémonos en otras más profundas, á fin de proseguir nuestras investigaciones.

Las galerías D, E y H presentan también sobre la superficie de sus muros imágenes de estos animales, pero delineados solamente con cortos trazos y de dimensiones más reducidas que las de las figuras antes descritas, pues que á excepción de una que mide $0^{m},90$, las demás se hallan comprendidas entre $0^{m},35$ á $0^{m},50$ (véase est. VIII, núms. 1 al 6). Compónense estas figuras de simples perfiles en negro. En algunas, y por efecto de la decomposición que se ha producido en la piedra, han desaparecido parte de sus detalles; no obstante lo cual, se aprecia fácilmente la expontaneidad de su ejecución por la firmeza de la línea en la que no se apercibe el más ligero indicio que indique vacilación ó arrepentimiento. La núm. 6 lleva algunos pequeños toquecitos en rojo, casi imperceptibles: és á la que antes hice alusión como de mayor tamaño, y con respecto á la cual he de añadir ahora que, por lo sobrio y correcto de su dibujo y su notable proporcionalidad, se la puede colocar entre las de primera fila de las figuras contenidas en esta caverna. Dicha figura forma ya otra escuela diferente de aquellas que aparecen en la primera galería. Ya nos ocuparemos más detenidamente de ella al tratar de otra localidad que daré á conocer, pues es detalle muy de tener en cuenta para el estudio investigativo.

Por el movimiento expresivo que alcanzan, es de admirar un grupo de dos ciervecitas simulando una veloz carrera; tal és el señalado con el núm. 2. El núm. 3, cabeza y parte del espinazo de un asno y las dos figuras anteriores pertenecen á la galería E: el 1 á la galería D y el 4 y 5 á la galería H. Podríamos señalar más figuras de estas; pero su mal estado de conservación no permite una reproducción exacta. Todas marcan un mismo estilo y ejecución, aunque entre ellas aparezcan unas más felizmente dibujadas que otras. En cuanto á la manera, es de notar la tendencia á seguir la de los grabados, de que trataremos en este momento.

Regresemos á la galería B.

---

[1] *La Revue de l'École d'Anthropologie*, Paris, correspondiente al mes de julio de 1902, que trae la descripción de los frescos descubiertos por Mr. Breuil y Capitan en la gruta de Font-de-Gaume (Dordogne), hace un resúmen de los análisis hechos por Mr. Moissan de las muestras presentadas por aquellos procedentes de los colores que contienen dichos frescos. Según dicho químico, son derivadas de sexquióxido de hierro y óxido de manganeso. Son por tanto iguales á los materiales de coloración que contienen nuestras pinturas de Altamira, por lo menos de parte de ellas, pues que el del carbon hízose también uso frecuente, según varias veces he podido comprobar, no sólo en esta localidad sinó en otras más que contenían imágenes en las paredes, pues que al recoger — sirviéndome de la hoja del cortaplumas — raspaduras del negro que contiene alguna de dichas figuras y aplicarlas á la llama de la bujía que me alumbraba, he notado que, tan pronto sobrevenía la desecación de ellas, se quemaban produciendo cenizas, lo cual prueba la materia vegetal de que se compone dicho color. En la galería D encontré un gran pedazo, con peso de un kilógramo, de dicho sexquióxido, junto con unas cáscaras *Pectenes*, en el hueco que dejaba libre la base de una gran piedra procedente de los desprendimientos. Una de las referidas cáscaras y en el apéndice que sirve de unión presentaba un agujerito intencionalmente hecho, como si hubiera sido utilizada para colgajo.

GRABADOS [1]

Acercando la vista al techo de esta galería y aproximando la bujía lo más cerca posible, descubriremos un sinnúmero de rayas, producidas por un cuerpo duro, que forman figuras fácilmente comprensibles unas, de difícil interpretación otras y las más formadas con una simplicidad de rasgos tal que nada indican.

Antes de pasar adelante vamos á detenernos por breves momentos á consignar el juicio que, bajo su aspecto material, nos merecen estos rayados. Creemos acertado dividirlos en tres categorías, á saber: 1.ª aquéllos con los que se ha tratado de determinar claramente la forma de la figura representada; 2.ª los que por su aspecto confuso y vago, no la concretan con claridad; 3.ª los que, por la simplicidad é incoherencia de sus rasgos nada indican.

Más tarde nos ocuparemos de los primeros, porque por ellos hemos de seguir el curso de nuestras investigaciones; ahora nos limitaremos á aclarar el concepto formado de los dos restantes, pues se hace necesario no dejar pasar sin detenido exámen, que les esclarezca, ciertos detalles que pueden dar lugar á interpretaciones erróneas.

Hemos observado que en aquellas partes del techo que están á poca altura del suelo, es donde aparecen con mayor profusión esta serie de líneas indeterminadas, que llegan en algunos puntos hasta encubrir con su enmarañado tejido la superficie de la piedra. Estas líneas que, como decimos, no afectan la más ligera forma, son simples rasgos hechos sin prévia concepción, en los que la mano inconsciente del niño se delata. Que tan sólo este ha podido realizar la inútil labor, lo demuestra lo débil y superficial del hendido de la línea en la piedra, que patentiza la escasa energía muscular de la mano que conducía el instrumento empleado. Otra de las razones en que fundamos esta opinión, es el hecho de que en aquellos sitios, sólo accesibles á la estatura del hombre ya no aparecen estos trazamientos y sí aquellas figuras grabadas que expresan claramente la forma en su totalidad.

Las figuras que denomino confusas, son aquellas que determinan una forma, pero de manera tan vaga que su interpretación se halla sugeta á errores; tal sucede con las núms. 1 á 8 de trazo poco franco y en las que más bien parece que obró la paciencia que el arte. Algunas de estas figuras, poco frecuentes por cierto, han sido ejecutadas en sitios del techo cercanos al suelo.

Tanto por la profusión, como por la variedad del decorado de esta galería, bien puede decirse que fué la cámara predilecta para la congregación de las familias que hubieron de posesionarse de esta localidad. Por otra parte, es la que reune mejores condiciones de habitabilidad de cuantas contiene la caverna.

La reproducción de la totalidad de los grabados que se hallan distribuídos por esta caverna alargaría desmesuradamente las proporciones de nuestro trabajo y pondría á dura prueba la paciencia de los lectores; hemos creido preferible limitarnos á presentar á su exámen aquellos que nuestro criterio aprecia como más salientes y de mayor interés para el estudio.

Las núms. del 1 al 15 aparecen en el techo de la primera galería B; las núms. 16

---

[1] Véase est. VII.

y 17 en el muro del fondo de la primera sala I; las núms. del 18 al 25 en los laterales de la tercera galería D; finalmente las núms. del 26 a 36 en la última galería H.

La figura núm. 1, talvez hayan querido representar con ella un reptil. Las núms. 2, 3 y 4 se ven repetidas frecuentemente (he podido contar hasta diez de estas repeticiones) en el techo de la citada galería; á mi juicio, las semejantes á las dos primeras de estas, quieren representar chozas fabricadas de cañizos y soles las de la tercera. Coincido en igual opinión que Mr. Cartailhac y el Abate Breuil, mientras otra interpretación más acertada no se dé de ellas. (*L'Anthropologie,* tomo xv, pag. 637).

Es interesante la núm. 5 que confusamente señala una forma humana, comprendida en otra que afecta la de una construcción de forma cónica, con dos orificios en la cúspide como dando, al parecer, salidas á llamas representadas por lenguas de fuego.

Las 6 y 7 constituyen una mezcla de humana y animal representación, que recuerda la de aquellas imágenes simbólicas en actitud de súplica ó de impretación, que nos legaron algunos pueblos de la antigüedad y muy especialmente los Egipcios y Asirios. Pero hay que tener en cuenta que en estos pueblos el simbolismo encarnó en ellos por sus mismas creencias religiosas, siendo este un medio para dar valor expresivo á las manifestaciones del arte en sus formas plásticas; mientras que Altamira, por el contrario, muestra en toda su gráfica un acendrado realismo, tan vigorosamente acentuado que á veces traspasa las fronteras y llega hasta las desnudeces y crudezas del más franco materialismo. Es lógico, por tanto, suponer que dichas figuras no alcancen una representación simbólica.

Viajeros ilustres, al describir los costumbres que revelan el estado primitivo de ciertos paises salvajes, refieren la manera de que se valen algunas tribus de estos pueblos para dar caza á determinados animales, la cual consiste en disfrazarse con la piel de otro animal de la misma especie y mediante este ardíd poder aproximarse sin recelo al objeto de su presa. (Bien es verdad que estas artimañas no son sólo características de los pueblos salvajes, sinó también de los civilizados. En esta región, no hace mucho tiempo, cuando las armas de fuego carecían de la precisión y alcance de las actuales, he oído referir á los naturales que en la caza del corzo y rebeco valíanse de semejante estratagema para acercarse á los rebaños y no errar el tiro).

Como dichas figuras aparecen con cabeza de aves, cabe suponer que quisieran representar el disfráz de que se servian para la caza de los grandes pájaros, tales como el *manco* ó *bobo,* si es que esta especie de los *aptenoditidos* anidó en estas costas durante la época de los moradores de Altamira.

Podríamos también suponer que sean representaciones con las que nos dan á conocer sus aficiones á la danza, que tal vez ejecutaron á la manera de algunos pueblos salvajes de la Oceanía, los melanesios, por ejemplo, haciendo uso de disfraces ó máscaras.

Esta misma provincia de Santander conserva en algunos de sus lugares ciertas costumbres que indudablemente son reminiscencias de las de otros pueblos cuya existencia en el tiempo es antiquísima; como sucede con la que vamos á referir y que, por cierto, tiene muchos puntos de contacto con las danzas á que hemos hecho alusión.

En el último día del año se celebra en determinadas aldeas una fiesta llamada de la *vijanera* ó *viejanera,* que consiste en ciertas danzas que pudiéramos denominar salvajes. Al romper el día, los individuos que toman parte activa en el festival, que suelen ser los dedicados al pastoreo principalmente, se lanzan á la calle cubiertos de

piés á cabeza con pieles de animales y llevando colgados á la cintura innumerables campanos de cobre. Enmascarados con tal original y salvaje disfráz, corren, saltan y se agitan como poseídos de furiosa locura, produciendo á su paso un ruido atronador é insoportable. Entregados á este violentísimo ejercicio pasan el día y entre ellos será el héroe de la fiesta quien haya derrochado mayor energía y agilidad en sus movimientos y sea el último en rendirse al cansancio. Al caer la tarde se congregan en el límite fronterizo á la aldea vecina, sin traspasar los linderos que les separan y allí esperan á los danzantes de esta, si en ella se ha celebrado igual festejo. Cuando se encuentran frente, ambos bandos se preguntan en alta voz: «Qué queréis¿ la paz ó la guerra?» Si los interrogados responden «la paz» avanzan unos y otros, se confunden en fraternal abrazo y dan principio seguidamente á la danza final. Si por el contrario la respuesta es «la guerra», lánzanse los unos contra los otros y se muelen á golpes hasta que sus cuerpos, ya rendidos y quebrantados por el ejercicio del día, dan por tierra tan bien asendereados y maltrechos, que es precisa la intervención de los vecinos pacíficos para irles transportando á sus hogares. Y así es como termina esta fiesta que, hoy, ya sólo en muy contadas aldeas se celebra.

Se hace por tanto suponer que el artista sugiriera para esta representación hechos semejantes á los mencionados y por tanto tomados de la vida real. Si en él hubiere encarnado una idea simbólica, esta misma idea veríamosla repetida frequentemente en la numerosa gráfica contenida en esta caverna, y nada en verdad hay en ella que no proclame el más ingenuo realismo.

Sigamos, pues, haciendo análisis de estos grabados:

El núm. 11 nos muestra con entera claridad un perfil de cabeza humana de una acentuación tan vigorosa que hace creer que el artista recogió los rasgos fisonómicos del tipo de su raza. Es este un detalle digno de tenerse en cuenta, porque puede contribuir como poderoso auxiliar al estudio de la antropología prehistórica.

No llamaría la atención sobre la figura núm. 15, si la actitud en que se nos presenta no la hubiere visto repetida en otra localidad *Hornos de la Peña*. Este caso demuestra la domesticidad del animal objeto de representación, pues que las ligaduras que cercan su cabeza no son líneas que obedezcan á la forma estructural del mismo, sinó rasgos que determinan el estado de aprisionamiento del caballo.

Las aves tienen también su correspondiente gráfica en Altamira y he observado que con frecuencia las presentan por parejas y como en actitud de procrear. Los núms. 13 y 22 forman parte de estas agrupaciones. El primero de estas por su largo plumaje, gruesa cabeza y pico ancho recuerdan á la familia de los *loros*. Algo en ellos que nos recuerda la especie de los *aras*.

Es sorprendente la figura 31 con la cual no sabemos qué es lo que habian querido expresar estos artistas. Observando el enlace de la línea deduciremos desde luego que las dos figuras agrupadas han sido producidas de una sóla vez, en un sólo momento de ejecución. Si la figura que aparece sobre el lomo de la otra presentara analogías de forma con su adjunto, podríamos decir de ambas lo que de la 13 y 22 apuntábamos, mas habremos de desechar esta interpretación toda vez que ninguno de los rasgos característicos de la primera ofrece analogía con el género del animal á que pertenece la segunda. Es más lógico suponer que el artista se propusiera representar una lucha entre una fiera hábil para el asalto y el bisonte.

FIGURAS ORNAMENTALES

La gráfica que pudiéramos llamar ornamental y que esta localidad presenta, no corresponde en número á la demás decorativa que ella contiene.

Si los pequeños motivos que de caracter geométrico nos muestra, no los hubiésemos visto en gran profusión repetidos en localidad distinta de la que ahora nos ocupamos, tal vez pudieran pasar desapercibidos para nosotros, no conceptuando estos más que como pequeños detalles pasajeros. Como hemos de ver más adelante, estos artistas no se limitaron á reproducir sólamente de la naturaleza los seres vivos y visibles que les rodearan, sinó también las cosas inanimadas que su inteligencia le sugería; pero debemos tener en cuenta para nuestro estudio que en una y otra manera de manifestarse obraron separadamente sin enlace ó trabazón entre unas y otras cosas representadas, por tanto sin que aquellas formen cuerpo de composición con estas.

La *zoología* y la *geometría* fueron los arsenales á que recurrieron en busca de materiales que constituye su obra. De la primera ya hemos visto el uso que de ella han hecho; mas lo que constituye realmente una rareza, y más cuando estos artistas aparecen con un dominio tan grande en el manejo de la línea, es que no hicieran uso de la *botánica,* siendo este reino de la naturaleza uno de los que tantos elementos aporta para la composición; por lo menos no he llegado á ver el más pequeño detalle que indique un tallo, una rama, una flor, en lo mucho dibujado que sobre las paredes de diferentes cavernas he visto hasta hoy.

Que es realmente una rareza que no representen motivos tomados del reino vegetal lo prueba el que, si hacemos un recorrido de los pueblos más antiguos historiados, examinando el producto de sus manifestaciones de arte, veremos que no hicieron exclusión de aquel reino de la naturaleza; así por ejemplo, los egipcios nos muestran con frecuencia la flor de loto ó nelumbo, la palmera, el papiro; los asirios babilónicos la palmera, los helechos, las algas; los persas motivos semejantes tomados de estos pueblos, de donde adquirieron su civilización; la India forma parte de su rica y fantástica decoración la rosa, el mirto, el laurel, el bejuco, cierto que estos pueblos, cuando ellos se nos dan á conocer, no es en su propio origen, sinó en un grado de civilización superior.

Si establecemos comparaciones con tribus salvajes que por su estado social presentan el más primitivo y rudimentario atraso de civilización, al manifestar éstos sus aptitudes artísticas, recurren á la zoología, á la botánica, y á la geometría; cierto que de la primera y más particularmente de la tercera hacen el mayor alarde, mas no excluyen la segunda. Bastará para cerciorarse de ello dirigir una ojeada ante objetos que encierran las vitrinas de los principales museos de etnografía, procedentes de tribus salvajes, principalmente de los oceánicos.

Pueden servirnos también de ejemplo nuestros mismos pastores, los de esta región montañosa, en donde aparecen estas localidades que doy á conocer. Examinando los objetos de madera que su industria produce, *almadreñas, zapitos, colodras* y *palos de defensa,* veremos que el decorado de ellos, en forma de grabado ó entallado, ejecutado á punta de navaja, guarda estrecha analogía en cuanto á su composición con la de los

pueblos en estado salvaje. El estilo geométrico es el principal componente de su decorado, mas ellos no hacen exclusión de la botánica.

Los *palos de defensa* á que antes me he referido recuerdan las mazas arrojadizas de los australianos, así como su decorado se asemeja al que contienen los *palos mensajeros* que con escritura simbólica proceden de estos pueblos.

Este arte pastoril de nuestros indígenas tiene el sello de lo primitivo, esto obedece á que los individuos no están sugeridos por influencias exteriores; su aprendizaje es personal y expontáneo, siguen una tradición y obran no por sentimiento ó inspiración, sinó por rutinario procedimiento mecánico. Fuera de esta decorativa especial les es difícil hacer otra. Si posible fuera conservar objetos análogos de hace cientos de años, seguramente no habrían de diferenciarse.

Mas, volviendo al motivo, objeto por el cual he establecido comparaciones para estudiar el caso, digo que todos los pueblos en que el arte se manifesta en su infancia no excluyen en la ornamentación el reino vegetal por completo. ¿A qué obedece, pues que el artista altamirense hiciera tal exclusión? No es fácil interpretarlo, máxime, como llevo dicho, cuando el dominio de la línea alcanzó en ellos un grado de desarrollo donde no llegaron muchos de los pueblos antiguos historiados.

Entremos, pues, á describir estas figuras ornamentales que Altamira presenta.

El apéndice que la sala primera I contiene, del que tengo hecha ya mención, presenta en su interior con tinta roja las figuras siguientes (véase est. XIII, grupo núm. 12) [1]. En el techo, en un saliente del mismo, las que adoptan formas parecidas á BB; éstas espaciadas proporcionalmente, tal cual la lámina las presenta, tienen un tamaño de $0^{m},28$ á lo alto. Las restantes, á manera de fajas ó cenefas, corren á lo largo de los muros laterales sobre pequeños salientes acornisados que estos presentan; dichos dibujos alcanzan algunos de ellos $2^{m},50$ con un ancho de $0^{m},10$ a $0^{m},15$.

Estas fajas presentan desde luego una franca composición; ellas muestran que el artista obró por pura fantasía al representarlas, cosa que no podríamos decir lo mismo con respecto á las anteriores, pues que pudieran ser motivos sugeridos por forma real de cosas ú objetos directamente tomados del natural; desde luego el conjunto que á todo ello envuelve es puramente un sistema ornamental de carácter geométrico.

La galería H final, cerca ya de su conclusión, presenta en el muro de la derecha varias figuras agrupadas que la est. VIII núm. 16 reproduce. Con estas figuras cabe la misma objeción que hicimos al hablar de las anteriores; desde luego el que ahora nos ocupa es un trabajo lineal también, de carácter escaleriforme, sin la elegancia que aquellos representan, pues en éste su autor revela más paciencia que gusto en su confección.

Al partir de la tercera galería C hasta el final de la caverna muéstranse en todo el recorrido numerosos trazos negros que no sabemos si colocarlos en la categoría de *signos,* marcas particulares ó simplemente señales caprichosas que indiquen un paso por estas galerías (véase est. VIII núms. 7 á 15). Los números catorce primeros per-

---

[1] Se estrañará el lector el ver estas figuras en estampa perteneciente á otra localidad. Ha tenido esto por objeto el aprovechar el tintaje del otro grabado y á la vez poder fácilmente establecer comparación con las figuras que ella contiene.

tenecen á varias galerías y el grupo señalado con el núm. 15 á la última, comprendido este entre un espacio de 15 metros.

Me inclino á creer qué, si no todos, la mayor parte de estos trazamentos no han obedecido á otra idea que á un mero capricho.

ESTRATIGRAFÍA

Los restos de *cocina, de comida, de industria* que constituyen el yacimiento arqueológico de esta caverna, aparecen localizados en su primera parte, ó sea en el vestíbulo A y en la galería B.

Antes de dar á conocer este yacimiento conviene precisar algunos detalles que nos ayuden á reconstituir su formación para mejor deducir consecuencias.

Al atravesar el vestíbulo con dirección á la galería de pinturas B, observaremos que el techo marca tres hileras de escalones casi paralelas; el primero de estos, dentro ya de la galería B y próximo al sitio donde aparecen las primeras pinturas, el segundo cuatro metros separados de aquél, y el tercero á igual distancia del anterior.

Los desplomes que al primero y segundo tablero corresponden, hubieron de verificarse con anterioridad al tiempo en que esta caverna sirviera al hombre de refugio; y con posterioridad á su abandono los correspondientes al tercero. En estos últimos la caída debió producirse lentamente, comenzando tal vez á raíz de ser deshabitada esta localidad. Que no fué simultánea la caída en los desprendimientos correspondientes al tercer tablero lo prueba el hecho de que unos posan directamente sobre los restos de comida y otros sobre gruesa capa de formaciones estalagmíticas que cubren á su vez parte de dichos restos.

Para deducir que los desprendimientos empezaron á producirse á raíz de ser deshabitada, no hay más que observar las adherencias de huesos, silex, etc., en la superficie de la base en que dichos desprendimientos asientan; claro indicio de que el tiempo en que estuvieron al descubierto los referidos restos no fué de larga duración; si lo bubiera sido aparecerían recubiertos cuando menos por una ligera capa sedimentaria.

Los peñascos de formas poligonales, correspondientes al primero y segundo tablero, que han rodado por el suelo y obstruyen el rápido descenso que sirve de tránsito entre el vestíbulo y la galería de pinturas, les considero, repito, como desprendidos con anterioridad á la ocupación de la caverna.

Algunos entusiastas de las pinturas correspondientes al primer tablero que el techo de la galería B contiene, han supuesto si la parte desplomada habría arrastrado algunas otras pinturas de este género, fijándose en que la fractura del techo está próxima al sitio donde aquellas comienzan. Puedo asegurar que las pinturas no han sufrido desperfecto «por lo que atañe á este accidente», pues, como demostraré, esta fractura se produjo con anterioridad á la época en que el hombre tomó posesión de esta caverna [1].

---

[1] Efectivamente, antes de haber comenzado el trabajo de descombramiento de la parte del yacimiento arqueológico correspondiente á este sitio, me asaltaba la duda de que tales desprendimientos fueran posteriores á la formación de aquél, juzgando por la aparencia que, en efecto, daba motivo á

Rebuscas en el vestíbulo—Para hacer un estudio serio y detenido del yacimiento que esta parte contiene, se precisa retirar antes la masa de bloques que sobre él pesan; de no realizar esta operación prévia, el estudio será deficiente porque no se pueden determinar con exactitud los niveles ó camadas que entran en su formación, y su exploración será peligrosa, porque teniendo que llevarla á cabo sirviéndonos de algunos de los huecos que separan las piedras, se corre el riesgo de que al verificar los escarbes por debajo, sobrevenga un corrimiento y nos aplaste.

Por los pequeños sondeos, á que he limitado mi trabajo en esta parte, he podido deducir que el sitio destinado á hogar estuvo situado próximo á la entrada, pues así parece denunciarlo la espesa y profunda masa de *restos* constituidos por resíduos carbonosos y huesos y pedruscos calcinados que hay en este sitio. En cambio apenas se encuentran huesos trabajados y aún muy pocos silex, esquirlas en su mayoría. Según vamos adelantando, hácia el interior ofrece esta formación menor cantidad de resíduos de fuego y mayor abundancia en útiles de piedra y de hueso, con la particularidad de que son más numerosos y mejor trabajados los que á mayor profundidad se encuentran. Á este sitio pertenece el trozo de costilla conteniendo líneas grabadas que representa el dibujo núm. 8, est. IX.

Conceptuando poco completos los trabajos de exploración que he realizado en dicho sitio, no me resuelvo á darlos á conocer con detenimiento y habré de limitarme á una sumaria exposición, á fin de no incurrir en posibles errores. Dejo, pues, para otra ocasión el presentar mayores datos, confiando en algún auxilio que se me preste y merced al cual pueda desembarazadamente proseguir la exploración detenida de todo el yacimiento arqueológico que esta localidad contiene y del que espero han de obtenerse materiales de grandísimo interés é importancia para los estudios de arqueología prehistórica.

Rebuscas entre el vestíbulo y la galería B—Los restos que, como he dicho, se encuentran en esta parte depositados entre los grandes huecos que separan las piedras, han sido objeto principal de mi estudio. Dos son los niveles ó camadas que al parecer marca la formación de este depósito: el primero, de menos espesor, es abundante en mariscos, dominando en él las *patellas* y *litorinas* y alguno que otro, aunque raro, *pectenes;* los huesos que se encuentran son generalmente pequeños, hendidos, y esquirlas en su mayoría; lo contrario ocurre en el segundo nivel en que los mariscos son menos abundantes, los huesos de mayor grosor y prolongación y aún es frecuente encontrar enteros los apéndices de astas de ciervo [1].

Estas camadas ó niveles posan directamente una sobre otra y sólamente las diferencian las tierras de que están formados y los objetos que en ellos aparecen. El pri-

---

creer que ellos habíanse ido sumergiendo por su propio peso entre los escombros; mas hube de desechar este supuesto á medida que, llevando adelante este trabajo en una superficie de veinte metros cuadrados, llegué á profundizar hasta la base de su formación y ya entonces, al quedar al descubierto estas piedras, pude apreciar claramente que su asentamiento no era otro que el formado unos entre otros, habiéndose por tanto rellenado los huecos que las separan con los referidos restos de comida.

[1] En una de mis últimas viajes á Madrid tuve la curiosidad de llevar varios fragmentos de estas astas de ciervo y compararlas con las de los animales de su misma especie que contiene el Museo de Historia Natural, y observé que sólo los de un ejemplar, el del gran *Ciervo Canadiense,* alcanzaban el grosor y longitud de los de Altamira.

mero, cuyo espesor varía entre 0^m,35 y 0^m,45, compónese de una tierra color pizarroso y muy ligera, cual si en su formación entráse un compuesto de tierra estéril y de cenizas carbonosas y pequeños pedruscos calizos y cantos rodados. El segundo, cuyo espesor varía entre 0^m,40 y 0^m,80, está formado en su mayor parte por sedimentos calizos y arcillosos, escaseando los resíduos carbonosos. Mas lo que verdaderamente deferencian á estos niveles ó camadas son los restos de industria que cada cual contiene. El nivel superior muestra ser más abundante en industria de hueso que el inferior. En aquél los útiles de piedras son menos numerosos y variados y á la vez de un trabajo no tan concluido como los del segundo; así como en este hay menos variedad en útiles de huesos; pues realmente en el primer nivel parece dominar una marcada tendencia á sustituir con la industria del hueso la de la piedra.

Es de notar también que el hombre perteneciente al segundo nivel se muestra más artista que el del primero; así parece indicarlo hasta la misma fabricación de los útiles de silex, en los que se advierte un gusto exquisito: las puntas de flechas y jabalinas, los percutores y raspadores, los buriles y lancetas, etc., son en su mayor parte obras delicadas y de esmero, y demuestran que aquellos artífices no se limitaban al simple lascamiento de la piedra aprovechando su forma casual, sinó que sabían concebir la obra y rematarla empleando después del lascamiento el toque y retoque, bien por una sola cara ó bien por las dos, según el destino á que fuera dedicado el útil. Los amuescamientos que contienen algunos de estos útiles denuncian una prodigiosa habilidad [1].

Estos trabajos de piedra discrepan indudablemente de los del nivel superior en que, en éste, el artista más utilitario sin duda, sólo utiliza esta materia como instrumento para el trabajo en hueso.

Mas lo que en realidad evidencia la superioridad artística de los trabajos del segundo nivel, es el hecho de que en algunos casos llegan á consagrar sus aficiones al arte por el arte, de modo tan exclusivo que desatienden en absoluto la parte utilitaria del objeto. Nuestros lectores podrán comprobar esta observación en la est. IX, núms. 1, 4 y 6, que presentamos á su examen.

Representan dichos dibujos fragmentos de huesos pertenecientes á escápula de caballo ó de ciervo. Sus caras contienen grabadas figuras de animales con hábil acierto trazadas, de línea segura y libre de arrepentimientos, á la vez que delicada y expresiva. El objeto, como puede apreciarse, no tiene aplicación industrial ó práctica y es por tanto esencialmente artístico. Sensible es que estos huesos hayan aparecido fragmentados, pues las figuras que contienen tuvieron sin duda su continuación complementaria. Procedentes de este sitio poseo otros de estilo análogo, pero de difícil reproducción.

Comparemos, pues, estas muestras con las procedentes del primer nivel que señalan los núms. 2, 3 y 5 de esta misma estampa y los que van acompañando á la presente página. Los núms. 2 y 3 de la referida estampa representan un útil que procede de asta de ciervo, visto de frente y por sus dos lados; el fracturamiento que contiene parece indicar que fué producido por una gran presión, tal vez ejercida en el uso á que se le

[1] M.M. G. y A. MORTILLET en su obra *Le Préhistorique*, presentan como pertenecientes á la época Solutréenne varios dibujos de algunos útiles de silex idénticos (especialmente los señalados con las figuras núms. 38, 43 y 44 de la referida obra) á los recogidos por mi, procedentes de este segundo nivel.

destinaba; la extremidad que presentan sus caras hace suponer que fué empleado para alisar pieles. El núm. 5 es un apéndice de asta de ciervo, cuyo dibujo aparece desdoblado para apreciarle en todas sus caras; la fig. 1, incluída en esta misma página, es un hueso en esquirla procedente del fémur, y desde luego se comprende que fué destinado á servir de cuchillo, pues que uno de sus bordes y en toda su longitud aparece desgastado en bisel por ambos lados á fin de formar un borde cortante. La fig. 2 es un pequeño fragmento de un apéndice de hasta de ciervo.

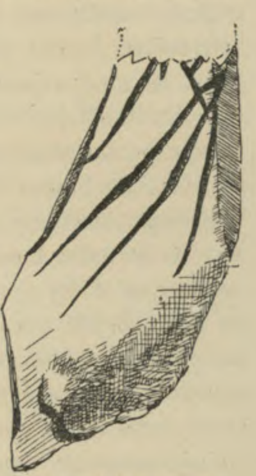


Fig. 1—De Altamira $^2/_3$ gr.

En unos y otros son de apreciar grandes diferencias en cuanto á la técnica de procedimiento en el decorado. En los del primer nivel parece dominar cierta tendencia hacia el entallado y como una transición entre el grabado y aquél. Este procedimiento de grande ahuecamiento en la línea nos recuerda un detalle, en que nos deteníamos al hablar de las pinturas de la primera galería, cuando mencionábamos cierto rayado profundo, que contornaba algunas partes del animal representado; en puridad es uno mismo el procedimiento. Y, ya que hemos establecido esta comparación entre la gráfica rupestre y esta que contienen los huesos, continuaremos sosteniéndola para que con toda claridad podamos persuadirnos de la grande relación y enlace que entre una y otra existen, y á la vez vayamos desvaneciendo todas las dudas, no sólo en lo que se refiere á la autenticidad de cuanta gráfica mural decora á esta caverna, sinó también con respecto á la época á que ella pertenece y que no es otra que la que determinan estos restos de que nos ocupamos.

Comparemos el núm. 1 de la est. IX, por ser el más completo de los tres que marca la série, con algunos de los grabados que las paredes de las galerías contienen: sean estos, por ejemplo, los núms. 18, 27 y 32, est. VII. Uno y otros, como sin duda apreciará el lector, tienen ese aire de familia que determina el parentesco próximo, un mismo movimiento de línea les caracteriza, una misma tendencia les informa y unas mismas son también su factura y su ejecución. Es más: yo me atrevo á suponer que estas figuras no sólo son producto de una misma escuela, sinó que tal vez pertenecen á un mismo artista; especialmente la que aparece señalada en hueso, y la núm. 18 grabada en la pared, determinan el mismo encaje de silueta.

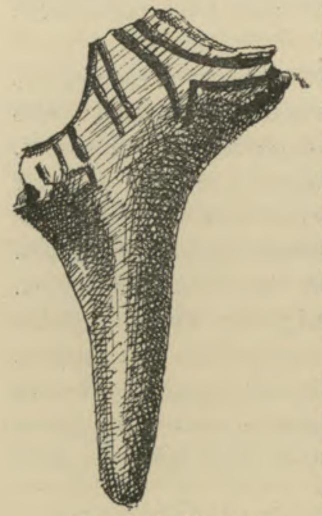


Fig. 2—De Altamira Gr. nat.

En presencia de estos hallazgos, claro es que no se hace necesario forzar la imaginación para demostrar que el hombre, que contribuyó á la formación de este yacimiento arqueológico, poseía aquellas aptitudes artísticas que evidencian las ornamentaciones de los muros y techos; por tanto no cabe dudar que, quien llegaba á mostrar sus aficiones por el arte en la superficie de los huesos, lo mismo había de hacer en cualquiera otra materia apropósito. Si se hubieran hecho este lógico razonamiento algunas personalidades, no hubieran lanzado juicios tan erróneos acerca de la

autenticidad de la gráfica mural de esta caverna, juicios no desculpables en nuestros vecinos ultrapirináicos al emitir tan desacertadas afirmaciones, pues que ellos poseían objetos procedentes de distintas localidades, los cuales demostraban que el hombre perteneciente á su época poseía aptitudes para el arte [1].

Un adagio vulgar, pero de axiomática certeza, dice: «el que dibuja, pinta»; por tanto la materialidad del color significa poco, y menos demostrándose que esta materia colorante podía encontrarse en todo tiempo al alcance de la mano. Fué, pues, sensible que una falta de detenida meditación dimanáse de gentes sabias, que con el prestigio de su autoridad científica motivaran, no sólo que surgiera la desconfianza, sinó, lo que es peor, que se retrasára por largo espacio de tiempo el avance de estos estudios. Por las circunstancias que en él concurrieron, recuerda este caso el del sabio de Abbeville, M. Boucher de Perthes, cuando dió á conocer las primeras manifestaciones industriales del hombre del paleolítico.

Continuando nuestra investigación, hemos de precisar también algunos otros datos de importancia que ambos niveles proporcionan, con lo cual se demostrará una vez más la íntima relación que existe entre estos y la gráfica mural. Ambos niveles contienen gran cantidad de materia colorante, la misma que hubo de ser empleada en las figuras que decoran los techos y paredes.

Ya indiqué, al tratar de estas figuras, que su coloración procedía de un sexquióxido de hierro ó hematítes roja, para el tono rojo; manganeso ó carbon, para el negro; y ocre, para el amarillo. La primera materia se presenta en abundancia; tengo recogido en ambos niveles más de tres kilógramos en diferentes pedazos, de los cuales algunos muestran bien claramente haber sido utilizados, pues que sus caras aparecen desgastadas y bruñidas de haber sufrido frecuentes restregamientos contra la piedra para producir el tintaje. De la segunda, ó sea el manganeso, y de la tercera, el ocre, es poca la cantidade recogida; unos ciento cincuenta gramos.

No se hizo sólamente uso de esta materia colorante en las paredes, sinó también en objetos de fácil transporte, pues que algunos huesos, principalmente en las astas de ciervo, suelen presentar señales de haberse aplicado el color rojo. La misma observación hemos hecho en numerosos cantos rodados y en algunos instrumentos de silex. Cuando descubrí el primero de estos cantos rodados, inmediatamente recordé los célebres *galets* coloridos, recogidos por el sabio arqueólogo Mr. Piette en la gruta de Mas-d'Azil. Desde este momento tuve el cuidado de ir repasando cuantos cantos rodados de su clase encontraba, los cuales rápidamente sumergía en el agua, uno por uno, á fin de hacer desaparecer las adherencias terrosas que les recubría, y poner al descubierto la pintura, sin que esta sufriese deterioro. Entre la abundante colección reunida no he encontrado ninguno, que presente dibujos claramente determinados; unos evidencian que sirvieron para triturar color; otros, después de presentar sus caras lascadas, fueron recubiertos toscamente de color amarillo e rojo, y algunos que suscitan la duda de que, acaso, las señales que contienen, pudieran ser puntos. En los de Mr. Piette parece que concretan claramente el carácter geométrico del dibujo.

---

[1] Argumento muy atendible, que los señores Vilanova y Sautuola hubieron de emplear ante los detractores de la autenticidad de las pinturas de Altamira, á raíz esto de su descubrimiento.

Yo creo ver en estos cantos por mi recogidos que su coloración es casual en unos, por haberse utilizado como trituradores de la materia colorante, y en otros á cierta especie de señalamientos que servían para distinguir la calidad de la piedra á propósito para el lascáje, pues que de esta clase de piedra hacían un gran consumo para la obtención de útiles, con lo cual suplían al silex. Dicha piedra, que se compone de una arenisca muy compacta y dura, procede de las aluviones del rio Saja, á tres kilómetros de distancia de la caverna.

Respeto á objetos de hueso que determinen trabajos de escultura, tales como los que aparecen en diferentes localidades francesas, no he encontrado el más pequeño vestigio, no obstante que se aproximan á veinte las toneladas que de estos restos, que constituyen el depósito, llevo retiradas, los cuales he sometido á escrupulosa observación.

RESÚMEN

De Altamira no cabe dudar que toda su gráfica rupestre es obra perteneciente al tiempo que determina el yacimiento arqueológico que contiene.

Este depósito parece constituir un sólo hecho en dos series de niveles ó hiladas, que unicamente se distinguen entre sí por los restos que cada cual contiene; pues realmente ambos niveles descansan uno sobre otro directamente sin que les separe estratos ajenos á su formación. El nivel superior marca abundancia de huesos trabajados, y cuyos útiles que los constituyen, sobrepujan á los de piedra; así como en el inferior, los de esta última materia aparecen con una mayor variedad y mejor trabajo que revela gusto en la confección, siendo menos variados y abundantes los de hueso. Mas el verdadero distintivo, que caracteriza á este segundo nivel, es que el hombre perteneciente al mismo muestra condiciones artísticas superiores á las del primero; así como este muestra un avance de industrial progreso á la vez que un decaimiento en aptitudes artísticas con respecto al segundo. Hay que suponer, por tanto, con fundado motivo, que cuanta gráfica más saliente, como técnica, decora las paredes y techos de esta caverna, pertenece á este referido segundo nivel; así como la parte que pudiéramos llamar ornamental y el empleo del grabado de trazo grueso son obra del primero.

Altamira no es de aquellas localidades que presentan confusiones para su clasificación, pues, como habitación del hombre, marca sólo un tiempo bien caracterizado y en el cual muestra que aquél sólamente hizo empleo, para atender á los diferentes usos que demandaba la vida, de la piedra sin pulimento y del hueso. Por tanto, como habitación del hombre, cabe sólamente dentro del periodo que marca el paleolítico.

Mas dicho periodo de tiempo, que comprende el cuaternario antiguo, es dividido en épocas ó series por paleontólogos ó arqueólogos, clasificando estas según las aficiones de cada uno, bien por la fauna que cada una presenta ó bien por la evolución que marca la industria del hombre.

Nosotros hemos de seguir la clasificación arqueológica, que es lo que más se ajusta á nuestro género de investigaciones, como también más precisa, según he podido obser-

var por los datos que llevo recogidos de cuantos trabajos de este género he realizado hasta ahora dentro de esta región [1].

Ciñéndonos, pues, á la clasificación empleada por G. y A. Mortillet y que parece, con algunas diferencias, adoptarla la mayoría de los prehistoriógrafos, resulta que Altamira, por los restos que su industria presenta, marca la época Solutreana y Magdaleniana, caracterizada la primera por sus puntas amuescadas (typo Eyziano).

Mr. Piette, sabio arqueólogo é infatigable investigador de esta ciencia, no está conforme con las clasificaciones de Mortillet, que dona — según él — de nombres de localidades á las épocas, á imitación de Orbigny para las divisiones geológicas. Juzga que Solutré no es más que una estación notable por su industria que, como Laugerie-Haute, se distingue por el tipo que prestan sus puntas en forma de hoja de laurel. Agregando al testimonio de Lartet y Christy, funda por tanto que la Magdalena y Solutré constituyen un mismo hecho de nivel variable.

Teniendo pues en cuenta tales datos, que trasladamos á esta localidad, hemos de creer que si ella no corresponde á dos épocas distintas, por lo menos marca dos series de civilizaciones dentro de una misma, caracterizadas la primera por el mayor desarollo en la industria de pieda y la segunda por la de hueso.

Por último creémos que Altamira constituye un tipo nuevo de localidad, que debe servir como tal para estabelecer comparaciones con los de su mismo género. Ella fué la primera que con su descubrimiento nos dió á conocer el arte de su época, y hasta la fecha sigue demostrando que en ella fué donde este alcanzó su más alto grado de desarrollo; por tanto, es de esperar que sin esfuerzo de parte de los arqueólogos, estos han de reconocer la primacía de esta localidad, para que las manifestaciones de arte semejantes á los que ella contiene, y sirviendo como tipo, tomen el nombre de «Arte Altamirense».

---

[1] Efectivamente, la clasificación paletnológica en épocas caracterizadas por la fauna, sólo puede ser comprensible para aquellos países, en los cuales el paleontólogo hace sus investigaciones; así por ejemplo la *época del Reno* cabe muy bien en el suelo de la Galia, que es por donde este animal pulula en determinado tiempo; mas en el nuestro, principalmente en esta província de Santander, que es á la que vengo dedicando mis exploraciones, no aparece; dándose el caso que la manifestación tanto artística como industrial del hombre perteneciente á dicha edad del Reno en Francia guarde analogía con la nuestra. Algo así ocurre con el Mammouth; este animal como el Reno muéstranle aquellos artistas gráficamente representado en localidades francesas, mientras que en las nuestras no aparece y esto evidencia que nuestros artistas no conocieron á estos animales ó no estuvieron en contacto con ellos, pues, si así fuera, nos los hubieran, como aquellos, dado á conocer.

II

CAVERNA DE COVALANAS

La caverna que lleva por nombre el que encabeza este escrito, encuéntrase situada en la linde divisoria que separa la província de Santander de la de Vizcaya, entre la Villa de Ramales y el pueblo de Lanestosa.

Varias son las bocas de grutas y cavernas, que sobre los escarpes de la montaña de roca caliza se divisan á la izquierda de la carretera, que por este sitio se dirige á Burgos.

En los primeros días de septiembre del 1903, acompañado de un amigo, ilustrado profesor de Historia Natural del Colegio de Limpias, tuve el gusto de hacer una expedición por aquellos sitios en los que la suerte nos favoreció con el hallazgo de una gruta y una caverna que contenían dibujos. A fin de hacer de estos un estudio detenido, prolongamos durante unos días nuestra permanencia en aquellos lugares recogiendo apuntes.

Encuéntra-se enclavada Covalanas á la altura de 80 metros próximamente, sobre la base de un barranco que separa dos montañas. La subida tomada á repecho, se hace penosísima por la acentuada rapidez de su declive, siendo preferible emprender el ascenso desde un punto más lejano, que permita ir ganando suavemente la altura.

La boca de esta caverna se abre en medio de uno de los escarpes, al que precede una ligera explanada cubierta de regulares peñascos rodados hasta allí. La entrada forma un atrio de proporcionadas dimensiones, A, (véase la planta, est. v), del cual parten dos galerías casi paralelas: la de la izquierda, B, alcanza un recorrido de 60 metros, desembocando en otra transversal de unos 40 metros. En ambas, y muy especialmente en esta última, se advierte en las paredes señales de trazos negros, recubiertos en su mayor parte por carbonatos de cal. En general la derivación de frecuentes filtraciones hace que estas galerías sean húmedas.

La segunda, D, que arranca á la derecha de la entrada, desarrolla una longitud de 81 metros y con una anchura y altura que varía de 3 á 6 metros, siendo en su último tercio donde mayor desarrollo alcanza á lo alto y menor á lo ancho. Por el contrario que la anterior, ésta es completamente seca y sin señal alguna que denuncie hubiesen ocurrido desprendimientos.

A poco de penetrar por dicha galería, notanse señales de cortos trazos en negro, que se multiplican, á medida que se avanza, hasta llegar á un punto, próximamente á la mitad del trayecto, donde la superfície de las paredes aparece materialmente tachonada de rasgos trazados en negro.

Siguiendo más adelante y cerca ya del final, nos sorprendió el hallazgo de dibujos en tintas rojas, que son los que reproduce la est. x. Los del grupo núm. 3, hállanse en el muro de la derecha; los del 1 en el de la izquierda, enfrente de aquellos; los del 2 en el contramuro izquierdo y en el sitio en que el muro se repliega formando zig-zag. Algunos de estos aparecen á una altura del suelo de 2 á 2^m,50; y en general á la que puede alcanzar el hombre. Termina esta galería con un pequeño apéndice, donde se aprecian algunos intentos de estos dibujos.

Observando con atención como materialmente pudieran estar dibujadas estas figuras de animales, se nota que las líneas y puntos de que se componen hacen recortados; que en algunas de estas figuras, dibujadas en una misma superficie, unas se encuentran más decaídas de tono que otras, diferencias de tonalidad que á veces se advierten en una misma figura; es de creer que fueran trazadas con pincel. Dichas figuras parecen representar un buey, un caballo y corzas ó ciervas en su mayoría. Los dos pequeños perfiles que se notan delante del caballo, tal vez quisieran representar la acometividad del perro hácia aquél animal. La figura del buey y del caballo, que son las mayores, miden respectivamente 1^m,20 y 1^m,30.

El grupo señalado con el núm. 3, es muy interesante, porque marca una tendencia hácia la composición, procurando dar á esta expresión y carácter; parece representar animales huyendo de algun peligro que les amenaza.

Sin embargo, la ejecución no brota con la expontaneidad que aparece en otras cavernas pictóricas, observándose en esta cierta timidez ó inseguridad en el ejecutante, cuya mano, vacilante ante las dificultades de la técnica, debió llevar á cabo la obra por la eficácia de un poderoso esfuerzo de voluntad. Por otra parte, al trazo general precede siempre un tanteo por puntos, que suelen ser rectificados cuando no logran encontrar la debída proporcionalidad en la figura, defecto que en general adolece.

Echase de menos en esta caverna la representación del bisonte, que es tan característico en otras de su género, en todas las cuales dicho animal entra como principal componente de su decorativa. Carece también de figuras grabadas en las paredes, así de dibujos ornamentales.

De todo lo dicho se deduce que la decorativa de esta caverna—sin disentir de la antigüedad que la corresponde—no pertenece al mismo grupo que las similares á la de Altamira, pongamos por tipo.

La ausencia total de grabados, la carencia de ornamentación, la no representación del bisonte y la desproporcionalidad y amaneramiento que en general se nota en el trazado de estas figuras, hace suponer que Covalanas se halla alejada de Altamira por el tiempo, marcando un gran decaimiento en esta arte, que tal vez pudiera ser señal de las postrimerías del *paleolítico* ó los primeros albores del *neolítico*.

En las excavaciones que hicimos, si bien de muy escasa importancia, no descubrimos depósito arqueológico; tres ó cuatro pequeños núcleos de silex mal tallados y sin forma determinada fué cuanto recogimos; pero, como tengo dicho, carecen de importancia estas excavaciones, pues se han reducido á simples calicátas. Yo espero ocasión oportuna para ampliar con más detenimiento estos trabajos, á fin de poder formar un juicio más concluyente respecto á los dibujos contenidos en sus paredes.

A 20 metros debajo de la referida caverna, casi en línea vertical, existe una gran gruta denominada *Mirones*.

Su entrada es de aparatoso aspecto, se aproxima á 10 metros de altura por 8 de ancha y con estas dimensiones avanza unos 30, donde se forma una rampa escalonada que dá subida á la continuación de esta gruta que termina á los 40 metros de este punto. En toda ella sus paredes carecen del más pequeño vestigio de gráfica.

En la primera parte de esta gruta acusa el suelo señales de haber existido abundante depósito arqueológico, hoy casi desaparecido, pues en lo que abarca su extensión todo él aparece totalmente removido, con grandes amontonamientos de guijarros, que demuestran que este suelo ha sido utilizado para la extracción de abonos, siendo acribadas sus tierras.

Los huesos hendidos que aparecen, no son muy numerosos ni corresponden en la proporción que de los silex se encuentran, haciéndome creer que los huesos fueron llevados también con las tierras.

Respecto á los silex, que son abundantes y á simple vista se les ve esparcidos por el suelo, en su mayoría se componen de pequeños núcleos de talla grosera, sin forma determinada. Algunos molares de caballo, buey, cabra y fragmentos de asta de ciervo se recogen también del referido suelo.

III

CAVERNA DE HORNOS DE LA PEÑA

En la opuesta vertiente de la montaña, que se eleva al sur del pueblecito de Mata, Ayuntamiento de San Felices de Buelna, se encuentra esta caverna. La visité por vez primera en octubre de 1903, descubriendo en ella restos de habitación humana localizados á la entrada, así como también una serie de figuras grabadas, representando animales, á la conclusión de la misma.

Ocupa dicha caverna una altura de 50 metros sobre la base de la montaña de roca caliza, al pié de la qual se desliza un arroyuelo de abundantes e cristalinas aguas.

El acceso á la misma está precedido de una rápida y escalonada pendiente fácil de alcanzar. Su orificio de entrada, orientado al sur, es de amplias proporciones; mide 7 metros de ancho por 4 de altura. Penetrando por él, alcánzase á ver sin auxilio de luz artificial una gran cavidad de 20 metros de longitud, 3 á 7 metros de latitud y $1^{m},10$ á 5 de altura; conteniendo las mayores dimensiones en el centro y menores al final. Descrúbrese allá en el fondo y al nivel del suelo un reducido orificio de forma angular, que dá paso á un corredor; este sumamente bajo de techo e de forma abovedada, por el que se hace necesario caminar de rodillas durante un trayecto de 20 metros.

A la terminación de dicho corredor comienza una galería, C (est. v), formada por pequeñas salas sucesivas hasta el final D. El paso por esta galería no ofrece dificultades, y apenas se notan desniveles, si se exceptúa una ramificación que comienza en C, formada por una pendiente de 25.° compuesta de gruesas capas estalagmíticas.

En general esta caverna, á excepción del primer tercio de su recorrido, es húmeda; lo prueban las frecuentes y caprichosas formaciones estalactíticas y estalagmíticas que encontramos á su paso. La altura en estos dos últimos tercios varía de 2 á 6 metros.

Los primeros grabados, que aparecen sobre la superficie de sus paredes, se encuentran en un recodo y á la derecha de la entrada de la ramificación C, á que antes hice referencia. Estos grabados forman un grupo muy confuso por la superposición que se nota de unos e otros, y aún por los encostramientos calizos que en parte les recubre; no siendo posible obtener de ellos un calco aproximado, hube de desistir de su reproducción. Por algunos rasgos de regulares dimensiones que señalan estos dibujos, los cuales pasan de un metro, creí ver representados bisontes. Próximo á la izquierda de este sitio obtuve la reproducción de dos figuras, que se apreciaban con mayor claridad: tales son las señaladas con los núms. 7 y 9 (est. xi), una cabra el primero y rebeco ó ciervo el segundo.

El núm. 11 representa una colección de rasgos que corren á lo largo del muro y á pocos centímetros de su base, extendiéndose en un espacio de 3 metros; esta fórma

de rasgos la tengo observada en otras varias localidades, incluso Altamira; parecen obedecer á un simple capricho decorativo. La sala D, terminación de la caverna, es donde realmente aparece localizada esta manifestación de arte, como vamos á ver.

La figura núm. 1 hállase á la izquierda, en el fondo del techo; la 2, 3, 4 y 10 en el muro de la izquierda; la 5 en el de la derecha y á la entrada; la 8 en el techo de un pequeño apéndice, que penetra por el fondo de esta sala, y de tan reducidas dimensiones este, que para obtener la reprodución de dicho dibujo hube de hacerlo estirándome á la larga sobre el suelo; finalmente el núm. 6 á la entrada derecha del referido apéndice.

También esta sala cuenta con algunos pequeños trazados con tintaje negra, representando ciervecitas, ya muy desvanecidos por el sedimento que sobre ellos se ha formado al descomponerse la piedra. De igual manera se hace digno de señalar un gran número de rayas, que en forma de pequeños surcos producidos por los dedos de la mano aparecen en ese mismo techo; rayas semejantes á estas las contiene también Altamira en sus dos últimas galerías.

Existen también en grabados maior cantidad de los que presento; pero, se hace imposíble obtener su calco por la casi completa desaparición de los mismos, merced á los fuertes encostramientos calizos de que se hallan recubiertos.

Por estos grabados observamos en el artista que muestra la misma tendencia, la misma preocupación, la misma cultura que en Altamira. Por algunos pequeños detalles repetidos en determinadas imágenes pertenecientes á estas dos localidades, vemos también la relación que entre ambas existe con respecto á la técnica del dibujo, según comparativamente podemos observar por las figuras núms. 25 y 3 y 7 (ests. vii y viii respectivamente) que aparecen representadas con tres orejas, descuido del artista que se deba tal vez al procedimiento empleado en dicha técnica.

Es también digno de tenerse muy en cuenta que, tanto Altamira como Hornos de la Peña, parecen querer demostrar que sus antiguos moradores alcanzaron la domesticidad de algunos de los animales que los rodeaban; pues, no otra cosa parece querer significar alguna de estos imágenes que del caballo nos presentan, en las cuales se vé su cabeza cercada de líneas semejando ataduras, que servieran como de enfrenamiento á dicho animal. (Véase est. vii, fig. 15 y est. xi, figs. 2 y 3) [1].

Hornos de la Peña, por la gráfica mural que contiene, realmente presenta tipo análogo á la de Altamira y de esta discrepa unicamente en no contener imágenes coloridas; tal vez sea debído esto á que sus paredes no se prestan á ello, tanto por las frecuentes formaciones estalagmíticas de que se hallla recubierta su superfície, como por las pequeñas y multiples oquedades que forma la piedra en muchos sitios, así también por cierto barrillo sedimentario que posa sobre ellas, lo cual hace ver claramente que muchos de los grabados han casi desaparecido.

---

[1] M.M. G. y A. Mortillet en su obra *Le Préhistorique* (3.ème ed. Paris, 1900), formulan conclusiones generales al final de la misma, pag. 665; entre ellas interesa conocer por tratarse de este caso, la siguiente: «7°, L'homme paléolithique essentiellement pêcheur et surtout chasseur, ne connaissait ni l'agriculture ni même la domestication des animaux.» Conceptúo que tal conclusión no constituye un hecho definitivo sinó provisional, pues como muy bien dicen los mismos citados autores, á la terminación de las mismas, «... le préhistorique est une sciencie encore jeune, qui est loin d'avoir dit son dernier mot.»

IV

CAVERNA DEL CASTILLO

Esta interesantísima caverna hállase situada en las inmediaciones del pueblo de Puente-Viesgo, célebre por sus aguas medicinales, perteneciente á esta provincia [1].

En la ladera E de una elevada colina, que se levanta próxima á la márgen izquierda del rio Pas, de abundante caudal de aguas este, encontraremos el orificio de entrada que conduce al antro terrestre que damos á conocer; mas, para alcanzarle, se hace necesario antes trepar por pronunciada pendiente, á trechos escalonada, hasta colocarnos á unos 90 metros sobre el nivel de la base de la expresada colina.

Este orificio, de forma irregular y de escasas dimensiones, las precisas para poder penetrar por él una persona inclinando ligeramente el cuerpo, aparece al pié de un grande escarpe del terreno, al que precede un ligero descanso á manera de plataforma, que pudo á los antiguos moradores de esta localidad servir como de natural defensa para su resguardo.

Atravesando este orificio, dá comienzo una ligera rampa formada por tierra vegetal y pedruscos, procedente todo del exterior, que nos coloca en el centro de la primera cámara ó vestíbulo, A (véase la planta correspondiente, est. v); esta cámara contiene una elevación de techo de 2 á 3 metros, del que penden algunos ampolles estalactíticos.

Dos pasos paralelos presenta el fondo de esta cámara: uno á la derecha, formado por pequeño tunel y otro á la izquierda por rasgada brecha sobre el muro, ambos conducen en descenso á una sala de grandes dimenciones. Esta sala, H, cuya extensión el lector puede apreciar por la planta que acompañamos, mide más de 10 metros de altura en algunos de sus sitios.

Continuación de dicha Gran Sala (pues así hemos de llamarla en lo sucesivo para distinguirla de otras) y en un mismo nivel de suelo, completamente seco este, es la sala D, toda ella abovedada y con una altura media de 4 metros; aparece por cima de su entrada un pronunciado saliente acornisado, que corriéndose á lo largo del muro lateral derecha ofrece aspecto de balconaje, al que para alcanzarle se hace necesario escalar por entre el hueco que deja libre un repliegue del muro en su parte posterior. Volviendo á la Gran Sala, haremos notar en el suelo y á la derecha de ella una

---

[1] Toma el nombre «Del Castillo» del sitio en que ella aparece enclavada, pues en la cúspide de la colina, á que he de referirme, hubo en lejanos tiempos de existir una pequeña torre ó castillo y más tarde un santuario (convertida hoy su fábrica en ruinas) en que bajo la advocación de «Nuestra Señora del Castillo» veneraban los naturales.

gran masa formada por enormes bloques calizos; estos bloques enfilados hacia el fondo, á medida que avanzan, aparecen sumergirse á más bajo nivel del suelo de la sala, lo que hace suponer que esta parte del suelo ha debído sufrir un grande dislocamiento y su fragmentación posar en otro de piso inferior, que será en el que actualmente lo hace.

A la izquierda y comienzo de la referida sala parte una galería, CC', muy húmeda y de frecuentes filtraciones, la cual, formando recodo, atraviesa por dos de los pasos paralelos de que hizimos mención, para desembocar en otra galería que parte de la derecha de la Gran Sala.

Esta última galería, E, forma dos ramificaciones, una por entre el hueco que deja libre los grandes peñascos y otra que sigue la línea del muro, afluyendo ambas á un descanso, F, donde aquél afronta, presentando en su base un dilatado arco, que dá paso á una cámara abovedada, que termina con dos apéndices, G y H; este recorrido se hace en descenso colocando su final á unos seis metros de nivel más bajo que la Gran Sala.

Retrocediendo hasta F, y siguindo á lo largo del muro derecho, penetraremos en un corredor de elevada altura, J, que nos conduce á una sala, K; tiene esta comunicación con la grande por entre una angosta brecha, I, que presenta el muro izquierdo, siendo necesario trepar por ella para poder alcanzar la referida sala.

Dos nuevos pasos, semejantes á los primeros que encontramos, aparecen en el fondo de esta sala, K; uno á la izquierda que divide el muro por rasgada brecha y otro á la derecha formando pequeño tunel; ambos paralelamente conducen á otra sala, L, que ofrece aspecto de rotonda, recubierta la superfície de sus paredes y techos de formaciones estalactíticas.

Siguiendo en nuestro recorrido, penetramos nuevamente por otro pequeño tunel que pone en comunicación esta sala con otra, LL, de nivel más bajo, á la que se desciende por una rampa de rápida inclinación compuesta de concreciones calizas formando cascada; se hace preciso, al hacer avance de nuestros pasos por ella, el oblicarlos hacia la derecha a fin de no caer rodando.

A partír de esta sala nos será fácil durante largo trecho caminar con toda comodidad, pues que el suelo así lo permite, introduciendonos en una larga galería, M, toda ella á un mismo nivel á excepción del último trozo que en subídas y bajadas termina en la sala, N; esta, á la vez, precedida de un estrecho pasadizo, nos conduce á las O y P, en que finaliza esta caverna.

La mayor elevación de techo contenida en esta caverna se encuentra en la galería M; en algunos sitios de ella no es fácil apreciarla á simple vista, pues que los destellos de luz artificial apenas alcanzan a reflejarse en el techo. A este propósito voy á referir, aunque no sea más que de pasada, una frase tan graciosa como gráfico es su contenido; ocurriósela á un obrero de los que en estas exploraciones me acompañan, muy práctico en calcular distancias á ojo. Preguntábale, si él acertaría con relativa aproximidad á calcular la de que se trata; después de dirigir atentamente la vista al espacio que le señalaba, me contestó: «Señor, esta no la alcanza un cohete». Claro es, el símil es exagerado en el fondo, pero dá una idea clara de la cosa que exponemos.

La parte final de esta caverna, que, como llevo dicho, corresponde á las tres últimas salas mencionadas, el proceso estalactítico y estalagmítico es muy activo en ellas, lo cual hace que presente un efecto vistoso y fantástico. Por lo que al aspecto estructural ó geológico atañe á este antro terrestre, diremos que guarda cierta analogía con

el de Altamira; en uno y otro mantienen una misma tendencia de ir profundizando á medida de su avance.

Respecto á las masas arcillosas, son muy poco frecuentes en la localidad de que tratamos; no así en la mencionada anteriormente, pues que en ella se presentan en grandes bancadas muy comunmente.

En cuanto á la estabilidad de sus paredes y techos, diremos también que no ofrecen el peligro de frecuentes desplomes, cual acontece en Altamira.

Por último, y termíno con la parte relativa á su conformación, la atmósfera que en su interior se respira, carece de completo enrarecimiento, sin duda debído, tanto á la elevada altura que en general alcanzan sus techos, como por la proximidad que algunos sitios mantienen con el exterior, pues que tengo observado al obtener el plano de ella, que esta sigue un paralelismo poco desviado de la corteza externa de la montaña. En cuanto á su total capacidad discrepa poco de la de Altamira: desde la entrada al final en línea más recta tiene 240 metros ó sea 30 menos que aquella.

Passaré á describir su gráfica decorativa.

PINTURAS

De una gran paciencia se hace necesario revestirse el investigador de esta clase de localidades, cuando pone los medios para descubrir manifestaciones de arte debídas al hombre, que en las primeras edades hubo de tomar posesión de estas profundidades subterráneas para constituir en ellas su morada; pues la tarea de sobra penosa, paso á paso tiene que recorrer con la vista cuantas superfícies le rodean y, si estas permanecen á su alcance, registrarlas con toda escrupulosidad, trepando unas veces por accidentados declives del terreno, descendiendo otras por las sinuosidades del mismo, sin contar con más auxilio que la téa lumínica que su diestra empuña y la confianza que pone en sus piés á fin de no rodar por algun abismo como fragmento estalagmítico. Esta paciencia, en verdad, no me ha faltado, y si en ocasiones, motivado por natural cansancio, he cesado en tal empresa, nuevamente he recobrado mayores brios llevando adelante la acometividad hacia ella. Con lo dicho, á manera también de descanso, entro á tratar de lleno la gráfica contenida en ella.

La gráfica colorida hállase distribuida por todo el interior de la caverna, á excepción de la parte que hace de vestíbulo, encontrándose á veces muestras de ella sobre las caras de los peñascos que posan en el suelo.

Por el aspecto que presenta, hemos de clasificarla en dos series, las cuales convencionalmente denominaremos, una: «Figuras de animales», por expresar con ella imágenes de seres animados; otra: «Figuras ornamentales», por manifestar objetos ó cosas inanimadas.

Figuras de animales — Las figuras de esta clase que llevo hasta ahora descubiertas alcanzan su representación la imágen del bisonte, caballo, ciervo y toro, comprendidas, á excepción de dos que pasan del natural, en un tamaño de $0^m,10$ á $1^m,20$.

Señalaremos los sitios en que permanecen estas muestras de arte á la vez que vamos dando algunos detalles de ellas.

La núm. 10 (est. XIII), un bisonte, aparece en un repliegue que forma el muro derecha de la galería E, y á una altura tal que para alcanzarla se hace necesario subirse sobre un saliente que marca el muro en este sitio, el cual nos coloca á metro y medio del suelo, accidente del que sin duda se aprovechó el autor para dibujar dicha figura, cual hube de hacerlo yo para obtener su calco.

En este mismo sitio, más hacia el interior del repliegue y junto á la figura expresada, aparece otra de su mismo tipo más ampliamente trazada, pero de tintaje tan perdido que, para concretar las líneas que la componen, se hace necesario un largo rato de detenida observación. Muchas veces me ha llamado la atención esta particularidad de contraste entre la intensidad de coloración que se observa de unas á otras figuras, que obran en un mismo plano de pared; no es aislado el hecho este que concreto, pues que se observa frecuentemente, dándose el caso que algunas figuras mantienen un tintaje vigoroso, otras en cambio, expuestas á su lado ó próximas á él, hállase tan decaída su coloración que para distinguirlas se precisa de una gran vista; esta notable diferencia entre ellas, sin duda debída á que en unas es menos densa la patina que las recubre que en otras, hace sospechar que no sean contemporáneas, mediando entre sí un largo espacio de tiempo; tal vez. No quiero con esto formular una opinión que sirva como de base para juzgar da antigüedad de esta gráfica; si tal hiciésemos, incurriríamos en frecuentes equivocaciones, pues hay que tener muy en cuenta que su conservación depende en muchos casos de los sitios ó lugares en que permanece, de la más ó menos oblicuidad que mantiene el plano de pared en que se halla expuesta y de otros múltiples detalles largos de enumerar, los cuales sólamente son perceptibles después de una larga práctica de observación sobre el terreno; así pues, el caso á que me he referido es aquél, vuelvo á repetir, en que varias figuras obran en un mismo sitio y plano de pared.

Acerca de este particular preséntanse casos raros y curiosos, los cuales deben tenerse muy en cuenta para la mejor investigación de esta gráfica en las localidades de que se trata. Ocurre con frecuencia encontrar dibujos de un mismo tipo en diferentes cámaras, que, al examinarlos bajo el punto de vista que afecta á su conservación, diríase que eran más antiguos unos que otros: aquellos, porque se presentan revestidos de fuertes encostramientos calizos ó bien recubiertos parte de la figura que los constituye de gruesa formación estalagmítica, y estos, porque muestranse frescos y vigorosos; pues bien, juzgados en su aspecto artístico ó técnico, claramente denuncían todos ellos una misma procedencia ó escuela.

Aparecen también sobre grandes superfícies estalagmíticas, de aspecto de reciente formación, figuras grabadas, las cuales, juzgadas por el sitio en que permanecen, diríase que eran de no muy lejana fecha; pero, si tal creyésemos, incurriríamos en error. El siguiente caso, expuesto no ha mucho á la consideración de un eminente geólogo extranjero, en ocasión de acompañarle en su visita á Altamira, viene á evidenciarlo. Mostréle á dicho profesional una de esas grandes formaciones que presentan aspecto de cascada, la cual, por un corte en ella verificado, dejaba ver diferentes capas que se sucedían unas á otras con un espesor de dos a tres centímetros. Dicho geólogo, tras breve reflexión, hízome comprender que aquella concreción caliza, que le señalaba su proceso de formación, había obrado con gran actividad y por tanto podía considerársela relativamente moderna; llaméle la atención acerca del hecho de que en la superfície de la misma aparecía una muestra de arte, cual era una figura representando un ani-

mal de regular tamaño grabada á grande surco; el aludido profesional hubo de poner en duda la antigüedad que correspondía á esta figura, teniéndola por no contemporánea á aquellas otras que anteriormente le había mostrado en diferentes sitios; mas esta duda hubo de desaparecerle tan pronto como le señalé nuevamente en el mismo sitio unas grandes garras del oso, que al trepar por él dejó impresas este animal, las cuales se percibían claramente.

Esto evidencia que tal formación estalagmítica había obrado muy lentamente, cuando aún permanecía tal detalle sobre la superficie, el cual, si no de más remota fecha, por lo menos contemporánea á la figura aludida, y sabído es la época en que colocan los paleontólogos á este temible habitante de las cavernas; quien sabe, si las huellas impresas del aludido animal perteneciesen á aquél, cuyos restos recogió el sabio señor Vilanova en las excavaciones, que, á raíz del descubrimiento de esta localidad, verificó en la última galería!...

Sigamos adelante. Á dos metros de distancia de la figura del bisonte que dimos ultimamente á conocer, en la línea de avance sobre el muro y próximo al nivel del suelo, hállanse dos de estos mismos animales, los cuales reproducimos en la est. XIV, con los núms. 1 y 2; no muy lejos de ellos, encima del arco que forma la entrada de la galería F, aparecen los señalados con los núms. 5 y 8 de esta misma estampa.

El original correspondiente al núm. 1 hállase en mal estado de conservación, siendo por tanto difícil el poder apreciar algunos de sus detalles; dentro de su contorno presenta algunos pronunciados abultamientos, debídos á la irregularidad de la pared, los cuales fueron exprofesamente aprovechados para dar á la figura cierto relieve plástico, cuyo sistema, el mismo le hemos visto empleado en algunas de las imágenes de su mismo tipo contenidas en Altamira, que aparecen también en actitud de reposo; esta y aquellas son de idéntica procedencia é influidas por el mismo sentimiento y expresión de concepto, separándolas sólamente un pequeño detalle de carácter técnico cual es: que en parte alguna de su contorno presenta rasgos profundamente grabados, como acontece en aquellas (detalle este que por otra parte corrobora en la opinión que formé, al ocuparme del mismo, cuando describí dichas figuras). Las tintas empleadas fueron el negro para el perfilamiento y mancha, y el rojo ligeramente tocado.

Las tres ciervecitas señaladas con el núm. 5, est. XIII, aparecen encerradas dentro del perímetro que abarca la referida figura, las cuales no es fácil precisar si fueron dibujadas antes ó después que aquella.

La núms. 2, 5 y 8 de la referida est. XIV y la 1, 2 y 3 de la XII, estas últimas pertenecientes al pasadizo izquierda que antecede á la sala L, obran dentro de un mismo estilo, aunque mejor dibujadas unas que otras. Todas ellas muestran sólamente um trazo perfilado, sin intento de mancha que indique deseos de su modelamiento, si bien en la 8 pudo haberse iniciado este deseo, como parece indicar un ligero plumeado que presenta la parte anterior de ella. Mi opinión, timidamente expuesta, ante la presencia de tales imágenes, es que no pertenecen á la escuela de la núm. 1, si bien pueden caber dentro de una misma época.

Las mencionadas figuras guardan una estrecha analogía con la núm. 6, de la est. VIII, la qual recordarán los lectores que hacía idéntica apreciación con respecto á otras contenidas en su misma localidad.

Internándonos en la galería F, vése distribuida en distintos sitios de ella numerosa

y variada gráfica de la cual nos ocuparemos más adelante, señalando ahora sólamente una figura que representa un incompleto perfil de caballo, á la entrada y en el techo del apéndice H, tal es la que reproducimos en la est. XIV con el núm. 7. La figura 6 de dicha estampa y la 7 de la XIII pertenecen, una, la primera, al pasadizo J y otra, la segunda, á la galería M. Tanto dichas tres figuras como las ciervecitas que mencionamos más atrás, pueden considerarse todas ellas como producto debído á un sólo artista; bastará para alcanzar el convencimiento analizar ligeramente el trazo que las constituye, viéndose lo comunes que son en ellas unos mismos rasgos y acentuaciones, y aún la manera de empezar el bosquejamiento de la figura siempre éste por las orejas del animal representado.

Voy á terminar este capítulo dando á conocer un detalle que puede ser de apreciable utilidad, principalmente para el estudio de la antropología prehistórica; es el siguiente:

En casi todo el recorrido de esta caverna suele encontrarse estampadas en la pared siluetas de manos del hombre en la forma que señalamos en la est. XIII, núm. 9. Estas siluetas están constituídas sirviendo de modelo las propias manos de los individuos que tomaron parte en este entretenimiento, los cuales, para obtener el resultado que se proponían, las aplicaban sobre la superfície de la pared á manera de plantilla, embadurnando luego con el color el exterior del perímetro comprendido por aquellas, con lo cual estas quedaban impresas en claro sobre dicha pared.

Sitios hay en que preséntanse reunidas un buen número de estas estampaciones, las cuales se pueden garantizar, por lo menos parte de ellas, que son contemporáneas á la más antigua de la gráfica que hemos presentando perteneciente á esta localidad; bastará aducir para ello el hecho de que algunas aparecen debajo de dibujos de otro diferente tipo, tales como bisontes.

Estas manos, las cuales cierto número de ellas comprenden parte del antebrazo, denuncían modelos de pequeñas y de regulares proporciones á la vez que cierta fineza de conformación.

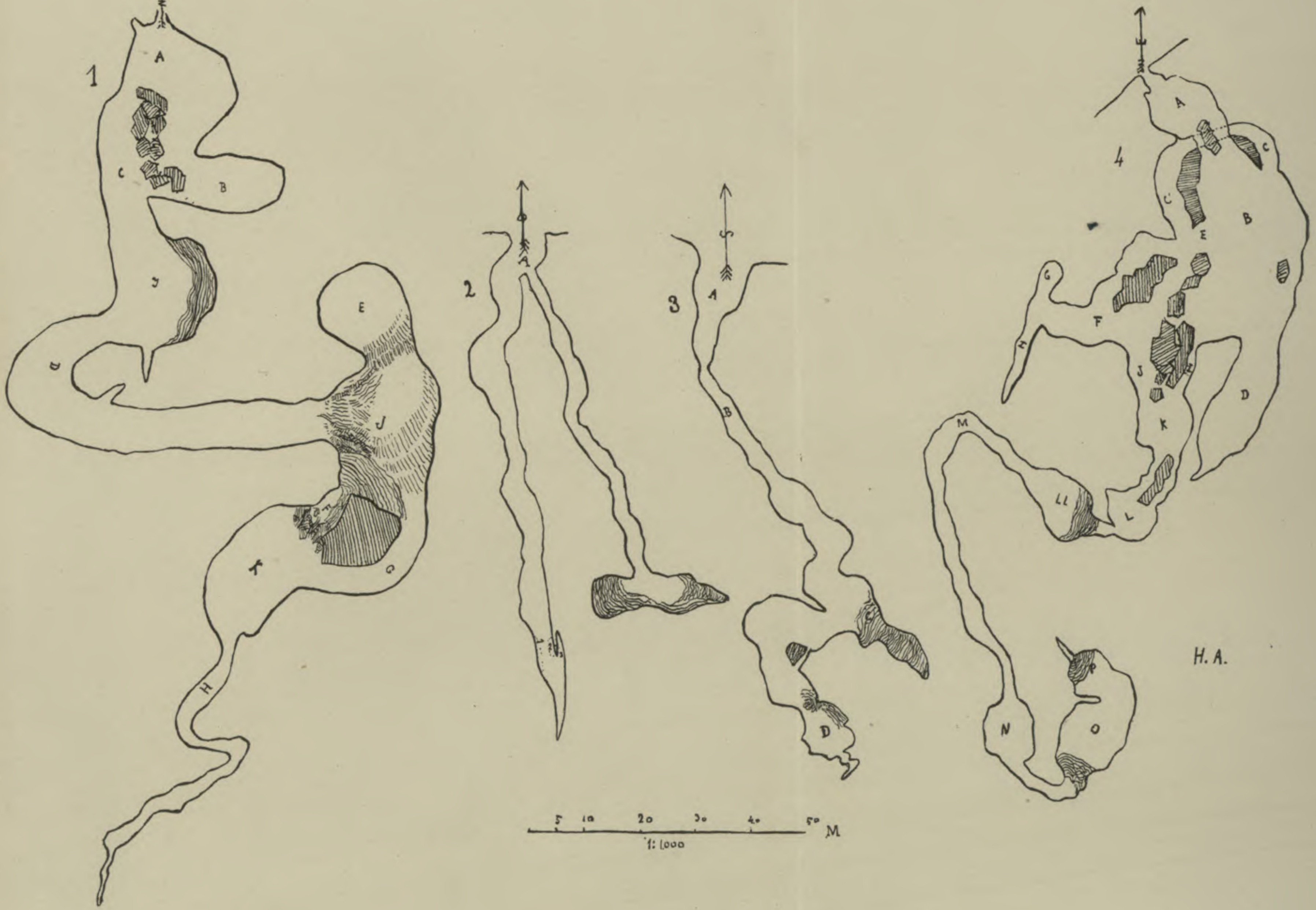
Como las repetidas figuras constituyen lo que pudieramos llamar, permítaseme la fráse por no hallar otra más apropriada, vaciados gráficos del natural, pudiera ser motivo este de estudio antropométrico de gran interés para el de la antropología prehistórica, el cual traslado á gentes que con predilección se consagran á la investigación de tan interesantes problemas.

En Altamira aparece sólamente una muestra como las referidas, pero invertido el procedimiento de estampación, la mano natural fué aquí préviamente humedecida de color y luego á manera de sello estampada sobre la pared.

Figuras ornamentales — De género distinto á la gráfica anteriormente descrita, pero que como ella toma parte en el concierto decorativo que embellece este interior subterráneo, es de la que inmediatamente nos vamos á ocupar.

Dicha gráfica se compone de numerosas figuras de carácter puramente geométrico, las cuales en su composición toman parte el punto, la línea recta y la curba; de estos tres elementos los dos primeros fueron los más frecuentemente usados.

Séries de puntos—Comenzaremos dando á conocer las figuras constituídas por puntos, mas antes diremos que, por el aspecto material que estos presentan, forman tres



PLANOS DE LAS CAVERNAS

1, ALTAMIRA — 2, COVALANAS — 3, HORNOS DE LA PEÑA — 4, CASTILLO

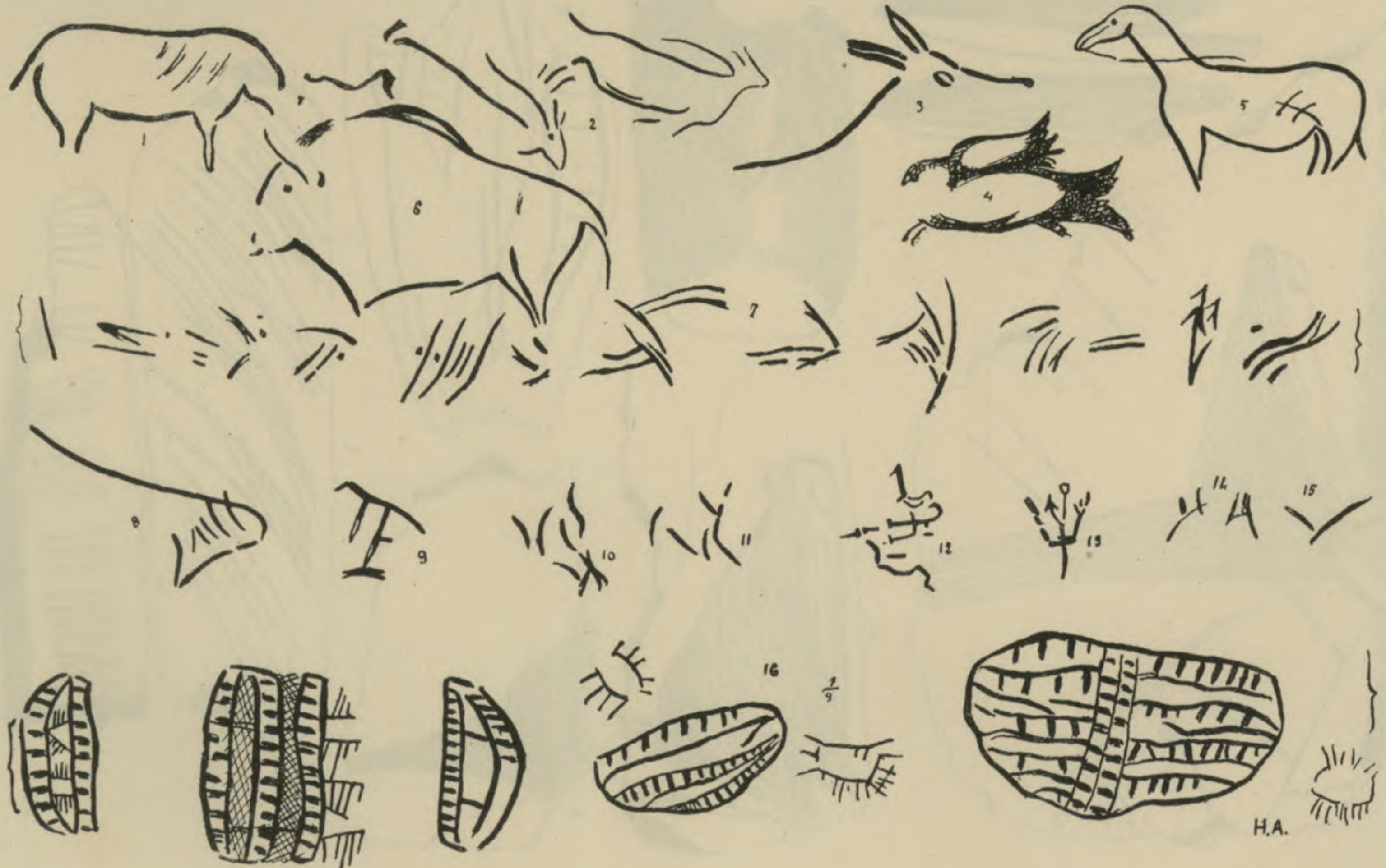
B N L

ALTAMIRA — PINTURAS AL FRESCO

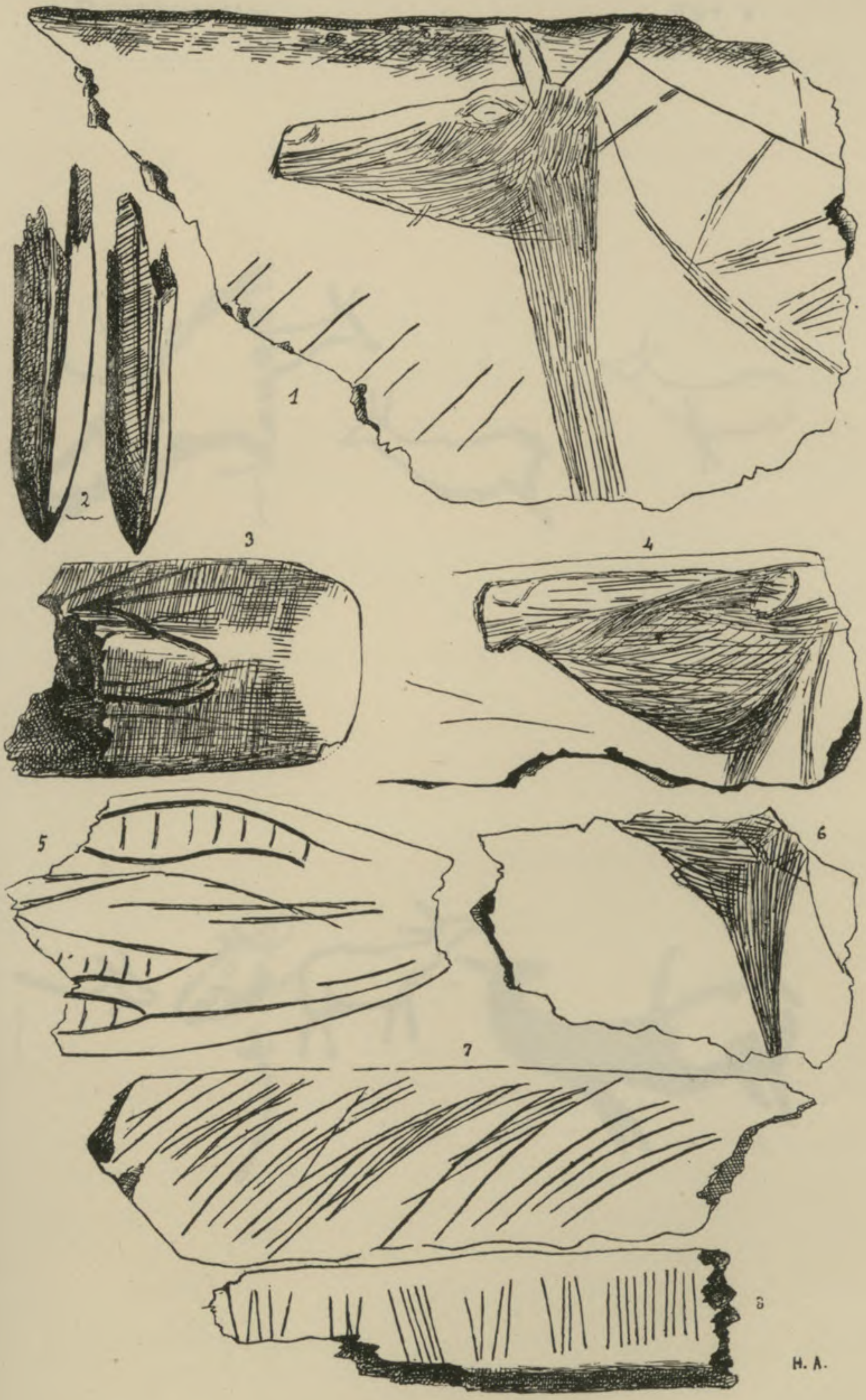
TECHO DE LA GALERÍA B

BN

ALTAMIRA



ALTAMIRA

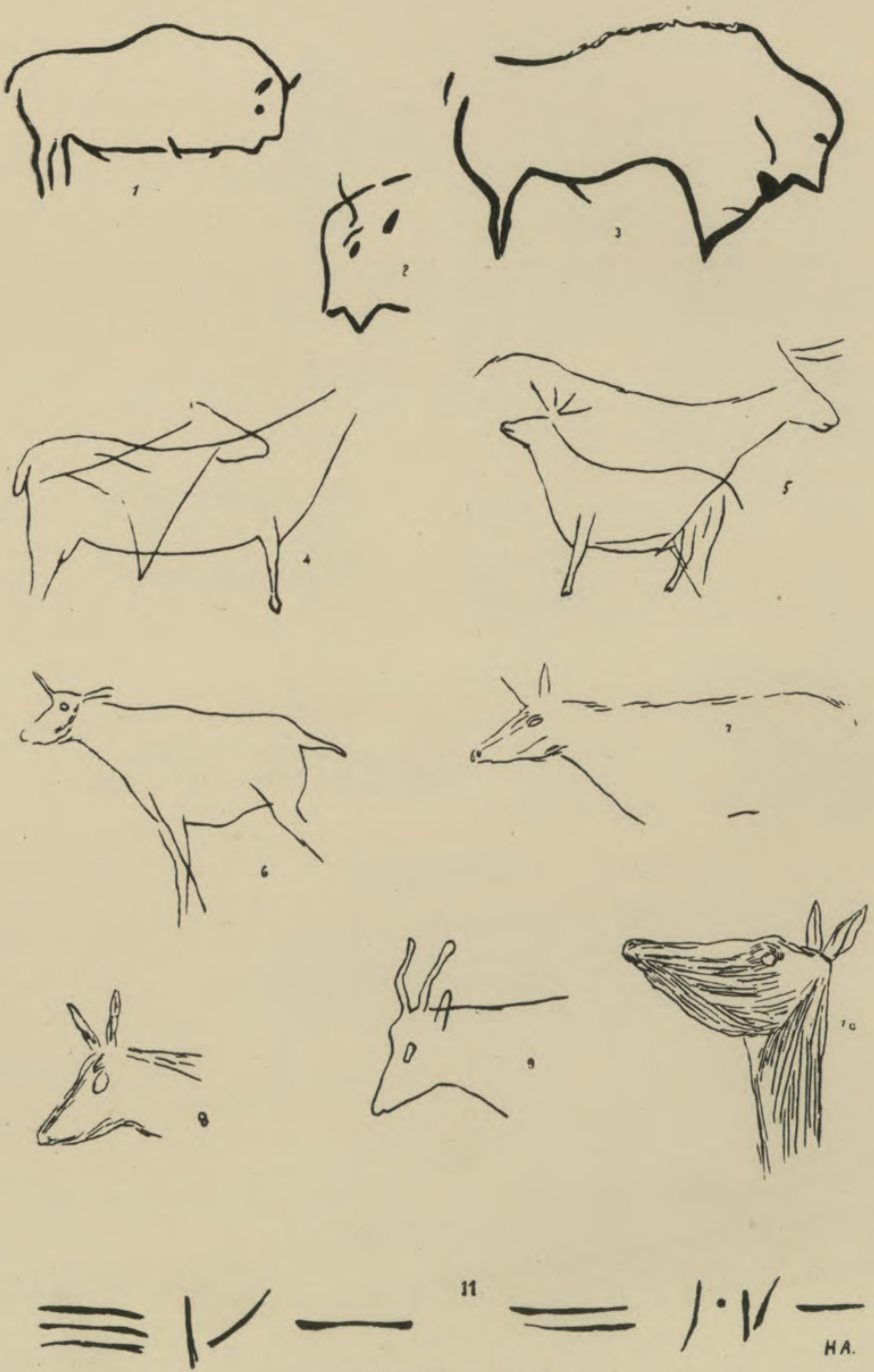


ALTAMIRA — HUESOS GRABADOS

COVALANAS—Muros da galeria B

HORNOS DE LA PEÑA

BN



CASTILLO

BN

CASTILLO

B N L

CASTILLO

categorías, á saber: 1.ª de pequeños, cual sí estos hubieren sido producidos por la presión ejercida sobre la pared con la yema del dedo medio de la mano previamente humedecida de color; 2.ª de medianos; 3.ª de grandes, especie de discos de un tamaño de 5 á 8 centímetros de diámetro. Con los pequeños formáronse figuras de simples y múltiples hileras paralelas, cruces y curvas cerradas (est. XIII, grupo 2); con los medianos, dibujos semejantes á tableros del juego de damas (est. XIV, núm. 27); con los grandes, simples ó dobles hileras de alargadas filas, también conjuntos caprichosos sin forma determinada (est. XIII, grupo 8 y est. XIV, núms. 28 y 29). Estas últimas figuras aparecen en la galería M á lo largo del muro derecha, en el mismo sitio y decorando una gran columna la en forma de alargada U. Las del grupo 2 en el camarin G y la 27 en un escondrijo de la sala K.

Tales muestras que dejamos señaladas, juzgadas por el aspecto general que presentan y por el mismo fondo que las acompaña, creémos que no tienen otra mayor significación que la de una exposición de temas caprichosos de pura y simple decorativa.

Mr. Piette ha dado á conocer figuras semejantes á algunas de estas mencionadas, contenidas en pedruscos recogidos por él en las exploraciones de la gruta de Mas d'Azil. Este autor supone que dichos puntos obedecen á un sistema de numeración [1]. Otros pedruscos, procedentes estos de las exploraciones de los Dólmenes de Traz-os-Montes (Portugal), contienen estos mismos ó semejantes motivos decorativos, pero en este último caso dichos puntos aparecen sobre la piedra esculpidos en hueco [2].

Figuras combinadas por rectas—Son las más interesantes en su género las señaladas en la est. XIII con los núms. 2 (grupo), 4, última del grupo 11, y en la est. XIV los núms. 9 y 10; que pertenecen al techo del camarin G, el grupo 2, al apéndice H, la 4, al escondrijo de la sala K, la 9, y á la galería F, la 10 y 11; (no mencionamos el grupo del mismo estilo núm. 12, est. XIII, por haberlo hecho al describir Altamira, localidad á que como dijimos, pertenece).

Tales figuras indicadas, obsérvase que todas fundaméntanse en un mismo principio constructivo, basado este en un rectángulo en cuyo espacio interior y medio intercálase dos rectas paralelas perpendiculares á los lados laterales del mismo, tal es en semejanza lo que constituye la caja ó esbozo de ellas. Estos esbozos fueron ampliándose, hasta constituir figuras de más relieve y vistoso efecto, agregando nuevas rectas paralelas, dos á dos, á las ya construídas, terminando por unirlas ó ligarlas con pequeños trazos que con carácter escaleriforme van formando el festoneado de la figura.

Digno de atención por todos conceptos es el precitado grupo núm. 2 de la est. XIII, cuyo original aparece en la misma forma tal cual le reproducimos, reducido á una escala de 1 : 16.

El expresado grupo marca en todo su conjunto una tendencia de composición general, puramente de carácter ornamental y geométrico. Su autor aporta á ella cuantos elementos en este género dispone y le son conocidos, mostrándose á la vez revestido de excepcionales dotes de artista por cuanto que para llevar á cabo su obra eligió previamente un fondo apropósito á fin de darla el valor y realce que él deseara, cual

[1] M. E. Piette, *Études d'étnographie préhistorique. L'Anthropologie*, t. VII, 1896.

[2] *Portvgalia*, t. I, fasc. IV, est. XXX y sig. y fots. 11, 12 y 13.

acontece con el pequeño camarin que la contiene, el cual por sus condiciones hace de marco de ajustado encaje á la misma.

Ahora bien estas imágenes, que en su aspecto técnico hemos dado á conocer, ¿alcanzaran ellas, considerándolas aisladamente, una gráfica traducción de cosas ú objetos pertenecientes á la vida real y de inmediata aplicación á los usos de la vida? Creémos que sí, que tales figuras, atendiendo á lo mecánico de su trazamento, tan simétrico y acompasado, fueron sugeridas á la mente del artista por objetos de esta procedencia.

Más estos objetos ó útiles, colocandonos en la materialidad del caso, ¿cuales pudieran ser y cual el uso á que se les destinaba?... A ello tenderemos nuestra investigación y á fin de fundamentarla en hipótesis más ó menos racional, recurriremos en demanda de datos á aquellos arsenales donde creémos encontrarlos, aúnque para ello nos valgamos de algunos rodeos.

Sí con alguna detención estudiamos ciertos y determinados lugares pertenecientes á la parte más abrupta y accidentada de esta región montañosa, donde las costumbres apenas han sufrido grandes modificaciónes de aquellas otras que en lejanos tiempos hubieron de reinar en los mismos, por oponerse á ello la propia naturaleza del país. Sí estudiamos, vuelvo á repetir, los usos y costumbres de sus naturales, saturandonos de su misma atmósfera, encontraríamos tal vez en ellos aquellas luces necesarias para que con alguna claridad pudiésemos ver en las tinieblas, que para nosotros representan aquellos pueblos que tratamos conocer.

Estos lugares á que hago mención y que describiré ligeramente son los comprendidos entre los rios «Nansa» y «Deva», pertenecientes al suroeste de la província, los cuales sostiénese en ellos el gérmen de la raza aborigen del país, tal vez, precisamente, por el aislamiento en que hasta aquí han vivido con los demás pueblos. Esta raza, de tipo rubio y cráneo braquicéfalo, son sus individuos enjutos de carne pero de recia y fibrosa musculatura, de inteligencia viva y sutil, retraidos y recelosos, morigerados en sus costumbres y de portentosa fecundidad.

Sus poblados hállanse cercados de eslabonadas cadenas de montañas, de tortuosa y accidentada pendiente, las cuales dejan entrever entre sus retorcidas gargantas estrechos desfiladeros que establecen penosa comunicación entre unos y otros puntos.

Sus viviendas de sencillo aspecto álzanse escalonadas, ora sobre el ribazo de estas montañas próximo al rio, ora en los altos picachos donde la nieve cierne gran parte del año y el buitre y el águila real se enseñorean meciéndose en la atmósfera.

Sus campos de cultivo, de diminutas proporciones, formados á fuerza de penoso trabajo, aparecen bien entre las hoyadas de estas accidentaciones, bien próximos á la margen de los rios; más estos cultivos son insuficientes y sus productos, maíz en su mayor parte, apenas alcanzan á cubrir las necesidades de los naturales en los primeros meses que siguen al de recogida la cosecha.

Esbozada ligeramente la manera de constituírse este pueblo, el cual podría suministrar abundantísimo é interesante material al estudio de la etnografía, recogeremos de él aquellos detalles que más nos interesa conocer para el fin que perseguimos.

Úsase con el nombre de «basnas» en este país unos artefactos de madera, especie de trineos, los cuales son empleados para el transporte de cosas. Dos tipos suelen presentar estas «basnas»: uno, el de mayor superfície, que se destina á la conducción de

yerba á los invernales ó cabañas y la leña á los hogares, adopta la forma de triángulo escaleno, construido por dos largueros ó *brazales* de extremidades curvadas en sus lados, vários palos transversales á modo de barras ó trenchas, que sujetan aquellos, y un varal que partiendo de la base se une al vertice opuesto, y como accesorios pequeñas pinas, *estadojos,* embutidas á lo largo de los largueros con objeto de preservar el que la yerba al ser conducida en ellos, no rastrée por el suelo; otro, de proporciones más reducidas, destinado entre otras cosas á la conducción de estiercol á los campos de cultivo así también á retornar las tierras á las cabeceras de los mismos que por frecuentes lluvias fueron corridas; operación sin la cual desaparecerian estos cultivos ápesar de atrencamiento amurallado que de corto en corto trecho les sostienen; adopta la forma rectangular compuestos de dos largueros á sus costados también curvados en sus estremidades, y cuatro trenchas transversales dos de ellas, que hacen de cabeceras y dos en el centro, sobre estas últimas descansa el tosco cesto de ramaje que conduce las materias indicadas.

Un útil, también muy típico del país y que llena una gran necesidad, es la «balsa», pequeña embarcación destinada unas veces á atravesar el rio por aquellos parajes en que el remanso de la corriente lo permite y otras para la pesca. Su construcción es sencilla y de fácil trabajo; casi siempre fabricada en el momento y sitio en que se ha de hacer uso de ella; para lo cual bastará al indígena hacer empleo del hacha de corto mango que consigo pendiente de la cintura lleva, con la cual derribando vários troncos de árboles jóvenes coloca dos de estos á lo largo y otros más cortos á lo ancho atándoles con largas tiras de la piel de álamo negro; así constituída la armazon de esta improvisada nave queda terminada por un entrelazado de ramaje.

Pues bien, esta clase de útiles á que nos referimos y de tan primitivo origen, los cuales cubren las necesidades estos lugares, pueden muy bien análogos á ellos ser los que inspiraron al artista del «Castillo» para las figuras estampadas en sus paredes y objeto por nuestra parte de interpretación. Teniendo en cuenta que esta localidad se halla situada en terreno accidentado y que un rio caudaloso hace su recorrido próximo á ella, es de suponer que en épocas lejanas hubo de hacerse empleo de estos aparatos, principalmente los destinados á la navegación por el expresado rio y pesca en el mismo, pues como veremos más adelante los moradores de esta localidad, además de haberse dedicado á la caza, consagraron sus aficiones á la pesca.

Sigamos adelante. En esta clase de figuras combinadas por rectas no hemos visto otras que las dadas á conocer y un pequeño detalle en forma de rombos que, perteneciente á la galería M la misma estampa con el núm. 6, reproduce.

Figuras construidas por curvas—Poco podemos extendernos en la descripción de estas figuras, dado á la escasa representación que tienen entre las demás de su clase. La línea curva que entra á formarlas lo hace, bien abierta ó cerrada, en el grado de su mayor simplicidad, en ningun caso presentando enlaces combinados con algun arte.

Señalaremos por ser las más comunes las núms. 14, 15, 16 y 17 (est. xiv), las cuales aparecen aisladas en diferentes cámaras; alguna de estas figuras se presentan pareadas, tal como las dos que señala el grupo 11 de la est. xiii; todas ellas están comprendidas entre $0^m,10$ á $0^m,15$.

Aunque dichas figuras se calcan en un mismo tipo de forma hay sin embargo

entre unas y otras ciertos detalles que las separan, lo que hace suponer diferencias de concepción; así, por ejemplo, la núm. 14 posa sobre ella un rasgo en forma de acento; la 15 que quiebra la línea en la parte inferior de la misma; la 16 que contiene un amuescamiento en su base y la 17 dos rasgos paralelos transversales.

Difícil nos parece cualquier interpretación que á estas figuras quisiéramos dar, á no ser que empleemos el socorrido tema denominándolas *marcas ó señales particulares ó de pertenencia,* segun para casos análogos es frecuente ver usado por algunos autores á fin de salir del paso.

Muy interesante es el grupo compuesto de cinco figuras de un mismo tipo que la est. XIII, núm. 1, reproduce. Encuéntrase este en un recodo de la sala K.

Dichas figuras, de un tamaño comprendido entre $0^{m},30$ á $0^{m},50$, compuestas por curvas y rectas acordadas, parecen representar escudos de defensa; tal es la impresión que me produjeron cuando las descubrí y que aún persiste en mí cuantas veces despues me he aproximado á contemplarlas en el sitio en que aparecen expuestas. Opinión esta que se afianza más al observar intercalada entre ellas otra figura distinta á modo de flecha, como sí todo ello indicase que su autor, al decorar el trozo de pared en que posan, nos hubiera gráficamente dado á conocer sus armas defensivas y ofensivas.

GRABADOS

Numerosas son las trazas que de esta manifestación aparecen en todo el recorrido sobre la superficie de la piedra y producidas por un cuerpo duro que penetra en la misma, que es lo que hemos dado en llamar «grabados», para diferenciarla de otra manifestación de arte por distinto procedimiento material ejecutada; de estos, unos, se alcanza á ver la forma que los constituye tras ligero exámen ú observación y otros sí no imposible difícil de poderla concretar, dado al denso patinage ó encostramientos calizos que los recubre. Estos grabados, que he llegado á alcanzar á ver una colección muy numerosa, he observado en unos que delatan una mano amaestrada en su dibujo y en otros inexperiencia en la ejecución y que por su falta de expresión resultan inocentemente bosquejados; todos ellos, en conjunto, nos hace suponer algo que pudiéramos llamar *escuela de aprendizaje.*

Pocas son las muestras reproducidas que de estos grabados presento al exámen y consideración de los lectores, debído á haberme entretenido en reproducir otras de más interés por la novedad que encierran, pues que estas de que ahora tratamos se hacen comunes por haberlas dado á conocer profusamente en localidades que ya hemos presentado. Tales muestras están contenidas en la est. XII, núms. 4 al 10 inclusive.

Los núms. 4, 5 y 9, aparecen en el techo de la galería CC′ que, como he dicho, atraviesa bajo nível de los dos pasos paralelos que ponen en comunicación el vestíbulo con la Gran Sala. Nuevamente llamo la atención, como lo hice al hablar de Altamira, acerca de la repetición ó sobrepuesto de figuras que en estas dos primeras se observa, siendo frecuente ver este detalle repetido en otras várias, lo que me hace creer cada vez más que no sea puramente casual esta repetición por parte del artista que las ejecutara, sinó que lo que este tratara con ello no fuera otra cosa que formar agrupaciones, luchando como es consiguiente con un esfuerzo de imaginación á fin de salvar la perspectiva.

Las 7 y 8 proceden de la galería F, muro izquierda; la 6 del techo del apéndice G, pequeño camarín que, como más tarde hemos de ver, constituye un sitio, por lo que él encierra, de los más interesantes de la caverna; la 10 del estrecho pasadizo I que, recordaremos, pone en comunicación la Gran Sala B con la K; de estas últimas figuras nos interesa conocer la 10, pues que por ella juzgaremos cuan estrecha es la relación que esta localidad sostiene con la de Altamira; efectivamente, sí dicha figura la comparamos con otras de su tipo contenidas en las paredes de aquella localidad, tales la 18, 27 y 32 (est. VII) y las que aparecen en la superficie de los huesos procedentes del yacimiento arqueológico tales 1, 4 y 6 (est. IX) observaremos, á ligero exámen de todas ellas, que mantienen una misma técnica, pues que son comunes en ellas unos mismos rasgos y acentuaciones, no siendo por tanto de estrañar que á un mismo artista ó por lo menos á una misma *escuela de aprendizaje* se deban particularmente estas muestras de que ahora tratamos, con lo cual prueba, como anteriormente he dicho, que ambas localidades han tenido una época de relaciones directas; por otros nuevos detalles que hemos de ir presentando ha de verse más claramente afirmada esta idea.

En cuanto á la representación que estas figuras encierran, suelen en general ser: ciervos, caballos, toritos, cabras y bisontes, y alguna que otra indeterminada.

FIGURAS VARIAS

Con la presentación de una serie de figuras, que diseminadas aquí y allá aparecen, pondremos término á la descripción de cuanta gráfica hemos alcanzado á ver en esta localidad.

Aparece en la sala K y en un recodo de su muro izquierda una figura á modo de plasmon de forma rectangular, conteniendo varios claros rectangulares también en su interior, tal es la núm. 3 de la est. XIII. Por un exámen detenido ante esta imágen hace creer en la posibilidad de que su autor con ella se propuso dibujar otra semejante á aquellas que nos son ya conocidas, tales como la núm. 4 de la misma estampa, pero que éste por capricho de momento convirtió en borron el festoneado que á dichas figuras suele acompañar, transformando la presente en el sentido que ahora la vemos.

A modo de fajas de ancho diámetro y corto alargue suelen verse repetidas figuras, de cuyo tipo las contiene también Altamira en su primera galería, tales son las comprendidas en el grupo 11 de la est. XIII, y las núms. 11, 12 y 13 de la est. XIV. El original correspondiente á la primera de estas últimas, aparece el seccionamiento, que en la misma se aprecia, producido por raspadura en seco.

La primera del grupo 11, que consta de dos de dichas fajas en sentido horizontal, amuescada en el centro una de ellas, y una línea quebrada y dentada en la parte superior, creémos, atendiendo á su conjunto, que encierra toda ella una idea gráficamente expuesta por el autor, la cual nos es difícil interpretar.

Pasaremos por alto una serie de pequeños trazos profusamente distribuidos por todas partes, dando fin á esta gráfica con la presentación de unas pequeñas figuras muy interesantes por darse el caso de que de su mismo típo aparecen en localidades muy lejanas á estas, tales son las señaladas con las núms. 24 y 25 de la est. XIV.

Estas figuras á que aludo proceden de *Fuencaliente* y la *Batanera,* en las cum-

bres de Sierra Morena, las cuales dá á conocer la obra titulada *Antigüedades prehistóricas de Andalucia* [1].

El encontrarse un mismo tipo de figuras en localidades tan apartadas unas de otras, nos mueve á pensar sí su procedencia fuére debida á pueblos nómadas, de origen pastor, los cuales seguidos de sus rebaños establecieron incursiones entre el uno y otro confin de la península Ibérica; pueblos estos, tal vez los últimos que hicieran uso de albergues naturales, y á quienes pudiera atribuirse una parte de la gráfica ornamental que decora estas paredes; pues aquella que representa animales, y entre ellos el bisonte, la considero como de origen más primitivo.

En el *Castillo* es un hecho, como más tarde veremos, que cobijó á civilizaciones diferentes, pertenecientes á épocas remotas, alejadas por completo de las historiadas, civilizaciones estas que algun día llegarán á distinguirse perfectamente dado al avance de estos estudios, hoy en embrion.

ESTRATIGRAFÍA

Voy á dar á conocer muy someramente el trabajo explorativo que del yacimiento de esta caverna llevo hecho, y digo muy someramente porque en puridad no pasa de sus comienzos. Tales trabajos de suyo delicados son costosos para lo cual se precisa para llevarlos á cabo además de un buen deséo contar con recursos financieros que no me es dable el poseer, más confio que estas dificultades de orden económico, fácil de orillar, sabrán hacerlo mís compatriotas por algo que afecta al pudor nacional y afin de que cese de repetirse el frecuente caso hasta aquí de que estudiosos extranjeros amantes de la ciencia tengan que intervenir en nuestro propio suelo con sus exploraciones que nosotros por incuria y abandono dejamos de hacer, siendo lo sensible que esto motive el que objetos arqueológicos de inestimable valor y de nuestra propia pertenencia pasen á nutrir las vitrinas de museos extranjeros, cual sí su adquisición hubiere sido efectuada en países exóticos y bárbaros.

Como deciamos al describir la estructura de esta caverna, la parte que hace de vestíbulo de la misma presenta el suelo cubierto gran parte de él por un amontonamiento de tierra vejetal y pedruscos, procedente todo del exterior. Como tengo observado en varias localidades, el depósito arqueológico generalmente se encuentra localizado en la primera parte de ellas; así, pues, me decidí hacer la exploración en esta cámara y en el sitio donde termina la rampa formada por la expresada tierra vejetal á fin de salvar el destierre de ella. Mís escavaciones, pues, son las comprendidas en una superficie de dos metros de largo por uno de ancho; veamos sus resultados (el dibujo del corte seccional que acompañamos puede dar idea clara del mismo):

---

[1] GÓNGORA y MARTINEZ, *Antigüedades prehistóricas de Andalucia*, edic. Madrid, 1868, páginas 65, 66, 67 y 68. Es curioso el dato que el Sr. Góngora aporta para el conocimiento de dichas localidades, pues que le debe al hallazgo de un documento inédito que data nada menos que del año 1783, el cual su autor, el señor López de Cárdenas, dedicaba al conde de Floridablanca, ministro de Carlos III. En dicho documento — segun Góngora — aparecian dibujados los nueve pequeños cuadros de figuras que él reproduce en su obra y que el referido Cárdenas copió de los originales que aparecian en sus descubiertas, suponiendo tales inscripciones como de procedencia Fenicia, Egipcia y Cartaginesa.

A. Pedruscos cuya base está formada por una capa estalagmítica;
B. Capa de tierra vejetal y sedimentos calizos;
C. *Primer* nivel arqueológico;
D. Ligera capa sedimentaria;
E. *Segundo* nivel arqueológico;
F. Arcillas;
G. *Tercer* nivel arqueológico, el cual no he podido aún precisar su total espesor dado á lo difícil que se hace el retirar los escombros al exterior, hasta tanto que los trabajos se efectuen disponiendo de mejores medios.

La capa vegetal B, contiene algunos pequeños fragmentos de cráneo humano y de cerámica grosera.

El primer nivel ó depósito arqueológico, C, se presenta rico en hallazgos y estando caracterizado por la presencia de arpones y puntas de flecha. Los arpones, de hueso de hasta de ciervo, son de fina y esmerada labor, diferéncianse de los procedentes de localidades francesas en un anillo contenido en su agarre, lo que prueba que su destino fué el dedicado á la pesca, empleándose á modo de anzuelo prendido con cuerdas. Tres son los que he recogido; dos de ellos, con pequeñas líneas grabadas á su alrededor, constan de tres barbeludes ó enganches y el referido anillo y el otro más estrecho y alargado de diez de estos apéndices. Las puntas de flecha, silex, triangulares y sumamente pequeñas contienen dos amuescamientos en la base que dejan libre un ligero apéndice de agarre; dos son los ejemplares que poseo de éstas.

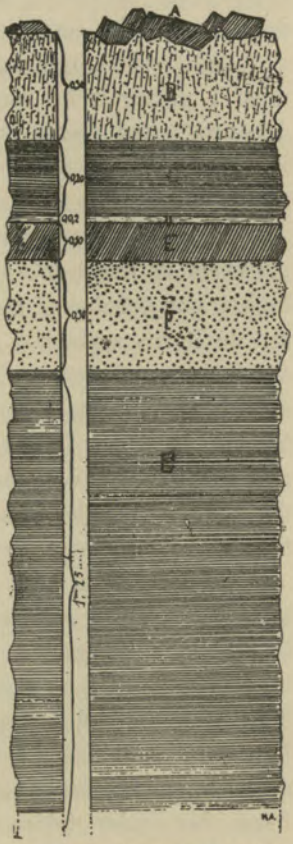


Fig. 3—Estratigrafía de la Caverna del *Castillo*

He de mencionar procedente también de este nivel los siguientes objetos: pequeños punzones de hueso destinados á puntas de flecha; largas y redondeadas baquetas istriadas, para los de venablo; ligeros buriles, cuchillos y raspadores de silex, de mediana talla y gusto; reducidos fragmentos de cerámica y algun pedazo de ocre rojo. Entre los restos de comida se hace notar la presencia de vértebras de pescados de tamaño de las del salmon (lo que evidencia el uso á que atribuyo los referidos arpones) y huesos pertenecientes principalmente á ciervos, cabras y pequeñas especies, abundando los de aves y escaseando los de caballo.

He de dejar consignado como dato curioso, el de que apenas descubierto el referido nivel y comenzado en él los escarbes noté la presencia de unos cantos de regular tamaño colocados en semicírculo cerrando con el muro de la pared; por el acumulamiento de materias carbonosas contenidas en el círculo comprendido por estos cantos me hizo suponer que con ellos se había tratado de formar un hogar; fuera de este sitio el nivel presenta las tierras de un tono grís y muy apisonadas.

El segundo nivel, E, de aspecto semejante al anterior y confundido con él en algunos puntos hasta formar uno solo, se distingue por ser más abundante en silex y de mejor talla, apareciendo el mayor núcleo en la base.

No hubiera intentado proseguir más allá la exploración de la dedicada sólamente á los escarbes de ambos niveles descubiertos sí la circunstancia, debída esta al exámen

que comparativamente hube de establecer entre los útiles recogidos en ellos y los procedentes de Altamira, no me hubiera evidenciado que la formación de los respectivos depósitos que les contenian procedian de distintas civilizaciones.

Tal creencia, que no puse en duda ante la vista de los referidos objetos, me determinó á proseguir las escavaciones sobre las ya hechas, hasta dar con un pretendido depósito, cuyos restos guardasen analogía semejante á los de aquella localidad como la guardaba gran parte de la gráfica rupestre contenida en ambas [1]. Así, pues, partiendo del asiento del segundo nivel comencé de nuevo la escavación al través de una capa de masas arcillosas, F, hasta profundizar 0^{m},30, dando por resultado la presencia en este punto de la descubierta correspondiente á un tercer depósito arqueológico, que señalamos con la letra G. Ante la duda de que este último nivel pudiera ser de ligero espesor y que siguiéranle otros más, proseguí en su ahondamiento, no siendo poca mí sorpresa al ver que á medida que profundizaba más, no daba señales este de su próximo término, por lo cual me fué necesario el tener que suspender el trabajo, tanto por la imposibilidad de la extracción de tierras como por peligro á sus corrimientos; estos quedaron suspendidos á 2^{m},20 de la superfície del suelo y 1^{m},20 del espesor de dicho último nivel. Expondré algunas consideraciones sobre observaciones recogidas ligeramente acerca del mismo.

Es de apreciar ante su seccionamiento, comenzando de la superfície á la base, una série de camadas cuyo espesor de 0^{m},03 á 0^{m},08 próximamente se suceden hasta los 0^{m},60 que se interrumpen estas por la interposición de un ligero estrato formado por arcillas verdes de un espesor de 0^{m},02, las cuales parecen indicar el paso de un abandono temporal del hombre en esta localidad. Nuevamente prosigue su marcha esta formación hasta llegar á 1 metro en que vuelve á paralizarse, pero en este caso debído á una ligera brecha huesosa extendida en todos sentidos, indicadora ésta de festines de fieras, las cuales debieron posesionarse de la caverna por abandono de aquel. Sigue, salvando este detalle, el referido depósito hasta alcanzar una profundidad que no podemos precisarla, pues, como indicamos, fueron suspendidos los trabajos á 1^{m},29 de su espesor.

Este depósito está constituído por gran cúmulo de materias negras y muy ligeras, hasta el punto que fácilmente quedan desprendidas á ligero impulso en el empléo del escarbador; estas materias se componen en su mayoría de cenizas y resíduos carbonosos. Preséntanse en él los huesos de gran espesor y abundantes, aunque no de largo fracturamiento; se hacen frecuentes los molares del caballo, las mandíbulas de rumiantes y los apéndices de asta de ciervo, careciendo de restos de cerámica.

El proceso seguido en la formación de este depósito, podemos decir con seguridad de acertar, que es el mismo contenido en la entrada del vestíbulo de Altamira, pues que uno y otro presentan un mismo aspecto; impresión esta que no tarda el ratificar ante la presencia de los primeros útiles trabajados recogidos en él. Efectivamente fueron estos dos baquetas cuadrangulares del mismo tipo que las provenientes de

---

[1] Efectivamente, los restos de industria procedentes de *Altamira* y los de los referidos niveles del *Castillo*, difieren en que en aquella localidad carece de arpones, puntas de flecha triangulares con doble amuescamiento y restos de cerámica. Los mismos de comida diferénciase también, siendo los huesos más espesos y abundantes en Altamira.

aquella localidad. Son estas cuadrangulares y alargadas, biseladas en su extremidad inferior por la cara posterior y desgastadas por ambas en la superior; las cuatro caras presentan rayas grabadas, profundas y alargadas en las laterales, onduladas en la superior, finas y diagonales á todo lo largo de la inferior. Otros más útiles recogidos en la breve exploración de este nivel aseveran lo ya dicho.

Terminaré estos apuntes dando á conocer un detalle más, de importancia también para el estudio de esta localidad; es el siguiente:

En el espacio comprendido entre las salas B y D, encuéntrase un sitio de buen resguardo y completamente seco en el que, apenas removida la superficie del suelo, salen á ella un sin número de fragmentos de vasjias de barro. Estos fragmentos de cerámica, aunque todos están caracterizados de un aspecto grosero, sin embargo distinguense entre ellos por el mayor gusto y esmero en la fabricación, unos que otros; los menos presentan sus caras exteriores de tosco modelado, donde las huellas de los dedos produciendo surco indican que el vaso de que proceden el alfarero no empleó otras herramientas para su confección que las propias manos directamente; los más se nota ya en ellos cierto pulimento, cabiendo duda sí fueren producto de obra de torneado; entre estos aparecen algunos en que el arte toma parte en su confección, tal sucede por un festoneado de líneas en relieve y ligeramente onduladas y simétricas que corren alrrededor y por bajo de sus bordes, complementando este decorado una serie de pizcados puntos. Como son numerosos estos cáscos y pertenecientes á vários cacharros, no me ha sido fácil el recomponer un tipo de ellos, por más que lo he intentado; llevado de la paciencia, sin embargo, mentalmente lo he hecho al alcanzar parte de su forma: unos la presentan semiesférica y de ancha boca, otros, más dilatados y de plano asiento, y otros á manera de pequeñas tinajas. Es de observar también en la mayor parte de ellos que su cara interna se presenta negra como sí esta particularidad se débiese á su cochura, acaecida esta en el interior del cacharro.

En el yacimiento constituído por tales fragmentaciones es de observarse indicios de fuego indicándolo ligeras camadas de resíduos carbonosos extendidos por él apenas se profundiza; lo que me hace pensar sí este sitio fuére el destinado á taller de la referida industria, no comprendiendo de otra manera á que sea debída semejante aglomeración de estos referidos restos de cerámica.

No entraré en disquisiciones acerca del particular que pueda caber sobre la procedencia de esta precitada industria, sí ella se debe á una ó á más civilizaciones, aúnque bien creo que proviene á partir del nivel primero, del que proceden los arpones, no siendo factible que se remonte á la época á que corresponde el tercero, pues como dejamos indicado, ni en este ni en el de *Altamira,* aparece el menor indicio de ella.

Tal industria, aunque su producto es de grosero aspecto, presenta variedad en la confección y forma, ella por sí prueba un avance de superior progreso en la vida y costumbres del individuo, alejada ya de aquella otra que marcan los niveles arqueológicos anteriormente descritos. En el caso que debatímos, vénse desaparecidos los hábitos originarios del pueblo esencialmente cazador y pescador, trocándose de lleno por los tranquílos y pacíficos del pastor, que atento al cuido de sus rebaños, vive exclusivamente del producto de ellos. En este cambio de vida necesariamente hubo ya de transformarse sus costumbres y con ellos su industria, tomando ancho campo y rápido desarrollo la de cerámica, principal y la más necesaria para atender á las necesidades

de él. Las leches extraídas de sus animales contaban ya medios de depositarse, de igual manera que para su calentamiento y transporte.

Pueblo constituído en tal forma fué á quien aludí al establecer comparación entre las figuras 24 y 25 de la est. XIV, con las de su tipo procedentes de localidades andaluzas; dandose el caso en la citada región de que en varias de sus localidades descubiertas, entre ellas la *cueva de los Murciélagos*, explorada y descrita por Góngora, hanse encontrado restos de cerámica de igual cláse dibujo é impresiones ungüiculares contenidas [1]. Más, como á la vez, con estos han sido recogidos otros que caracterizan por completo su época de pertenencia, tales como instrumentos de piedra pulimentada, no cabe dudar cual sea ésta, la misma que trasladamos á la del *Castillo,* por lo que se refiere al piso arqueológico contenido en las salas B y D, del que nos ocupamos.

A este periodo del *neolítico* es al que atribuyo parte de la gráfica ornamental que ostentan las paredes, muy principalmente determinadas pequeñas figuras á manera de signos, siendo también el último.

Tres series al parecer son las que determinan la gráfica mural contenida en esta localidad, á saber:

Primera—La que se concreta principalmente á la representación de animales—pinturas y grabados—siendo lo más característico de ella la presencia de la imágen del bisonte.

Segunda—La que determina mayor desarrollo en la gráfica de carácter ornamental y decadencia en la de animales.

Tercera—Gráfica ornamental de carácter simbólico y desaparición de la de animales—comienzo de un arte bárbaro.

Relacionada toda ella con los pisos ó niveles arqueológicos contenidos en esta localidad, podriamos suponer su procedencia:

la *primera* como perteneciente al *tercer* nivel G (desarrollo en instrumentos de hueso y arte);

la *segunda* correspondiente al *segundo* y *primero,* E y C, (aparición de arpones, cerámica y puntas triangulares);

la *tercera* procedente del piso *superior,* salas B y D (gran desarrollo de la cerámica).

Todos estos niveles pueden suponérseles: el *tercero* como correspondiente á la época *Magdaleniana;* el *segundo* y *primero* al fin del *paleolítico* ó primeros albores del *neolítico;* el *superior* al *neolítico.*

Tal en conjunto es el trabajo por mí llevado á cabo y que á manera de esbozo expongo en estos apuntes á la consideración de aquellas gentes entregadas de lleno á la resolución de tan delicados é interesantes problemas. Quédese á ellos el resolverlos, bástame á mí la satisfación de haber contribuído con un granito de arena al acumulamiento de materiales con los cuales se llegue á reconstituir la gran obra del edificio social donde la humanidad toda tomo albergue.

Torrelavega (Santander), Enero de 1906.

HERMILIO ALCALDE DEL RIO.

---

[1] Op. cit., *Ant. preh. de And.*, figs. 25, 39, 44 y 52.

CASTRO LABOREIRO

(ENSAIO ANTHROPOLOGICO)

No Alto-Minho dá-se a denominação de *Castrejo* ao habitante da região montanhosa de Castro Laboreiro, a qual outr'ora formou com os seus povoados um concelho limitrophe do de Melgaço, de que depende actualmente como sua freguezia mais vasta.

Abstenho-me de entrar em detalhes descriptivos sobre esta interessante região e sobre o censo da população, seus usos e costumes, porque este estudo faz parte da monographia ethnographica que o meu camarada e amigo Rocha Peixoto prepara a proposito das povoações serranas do Norte de Portugal.

Ultrapassado o Suajo e embrenhando-se pelas terras ao norte da Portella do Lagarto, o viajante anthropologista começa a impressionar-se com a constancia dos caracteres descriptivos dos seus habitantes, notando-lhes a homogeneidade do seu typo ethnico que sobresahe em flagrante destaque do aspecto geral da população ribeirinha minhota. Acantonado desde os tempos prehistoricos n'uma região montanhosa de asperrimo accesso, como o demonstram as numerosas necropoles dolmenicas espalhadas na maioria dos seus planaltos, o *Castrejo* mantem ainda tenazmente no seu typo physico os elementos primordiaes da raça mãe, tendo soffrido pouco com a influencia das gentes immigrantes, que successivamente transportaram para o territorio portuguez novos periodos civilisadores e novos elementos ethnicos.

Além das observações feitas sobre os habitantes que ia encontrando pelo caminho que percorrí, conseguí medir anthropometricamente — usando dos compassos de espessura e de corrediça — 22 homens e 16 mulheres, cuja reluctancia e desconfiança se conseguiu vencer com não pouca difficuldade e graças ao prestante concurso do sr. Mathias Lobato, professor de Castro Laboreiro, e ao esclarecido apoio de dois sacerdotes da localidade, a quem aqui significo o meu agradecimento.

Esses individuos medidos são originarios das povoações de Adofreire, Alcobaça, Campello, Formarigo, Fallagueiras, Varzea Travessa e da villa de Castro. Sobre elles tomei os caracteres descriptivos da côr dos olhos e do cabello, da forma do nariz de perfil, e da face; e os metricos dos indices cephalico e nasal, diametro byzigomatico e da estatura. Esta ultima medida foi colhida em 30 homens, observados nas inspecções do recrutamento militar, sendo-me impossivel obter a estatura das mulheres.

Caracteres descriptivos—A *côr da pelle* é uniformemente a branca mate ou fusca do moreno, tornando-se trigueira nas partes do corpo expostas ao ar. Quanto á

Quadro da côr dos olhos e do cabello

Nomenclatura		Homens		Mulheres		110 minhotos d'Entre Cavado e Ancora
		N.° de casos	%	N.° de casos	%	%
Côr dos olhos	Claros	–	–	–	–	10.3
	Medios	16	**76.2**	5	31.2	18.2
	Escuros	5	23.8	11	**68.8**	**70.9**
Côr do cabello	Ruivos	–	–	–	–	1.9
	Louros	1	7.1	–	–	4.5
	Medios	2	14.3	5	31.2	19.1
	Escuros	11	78.6	11	68.8	74.5

côr dos olhos, predominam nos homens os olhos intermedios, de côr invariavelmente *parda* ou *cinzenta-escura,* ao passo que nas mulheres—comquanto apresentem esta côr n'uma notavel percentagem—predominam os olhos castanhos escuros; no *cabello* a côr caracteristica nos dois sexos é o castanho-escuro.

Fig. 1—Homem do Log. da Varzea. Frente. Dolichocephalo (77.2), leptorrhinio (69.1)

Fig. 2—O mesmo. Perfil. Moreno, olhos e cabellos escuros

Comparando a população castreja com a da região minhota já estudada [1], vê-se quanto aquella é menos variavel e mais homogenea na côr. Devo observar que no quadro da côr do cabello dos homens castrejos o numero dos casos observados é menor, porque houve que rejeitar d'entre o numero de individuos observados aquelles que tinham os cabellos grisalhos.

A *forma do rosto* é claramente alongada, embora por vezes se note um certo encurtamento no rosto feminino, devido por certo á differença propria do sexo. No emtanto os zygomas são fortemente accentuados e divergentes, medindo um diametro byzigomatico medio de 136.2 nos homens e de 131 nas mulheres; é n'aquelles maior

Quadro da forma do rosto

Nomenclatura	Homens		Mulheres	
	N.° de casos	%	N.° de casos	%
Rostos longos	12	**57.2**	7	43.7
» medios	7	33.3	9	**56.3**
» curtos	2	9.5	–	–

[1] *O Minhoto d'Entre Cavado e Ancora,* in *Portvgalia,* t. I, pag. 25.

em duas unidades que o do minhoto já citado e que é na media de 134.2. Esta largura byzigomatica deve influenciar no indice anterior do rosto, de forma a approxima-lo da mesopsía.

Quadro do perfil do nariz

Nomenclatura	Homens		Mulheres		Minhoto d'Entre Cavado e Ancora
	N.º de casos	%	N.º de casos	%	%
Concavos	–	–	1	6.3	21.8
Rectos	16	**72.8**	15	**93.7**	**65.5**
Convexos	6	27.2	–	–	12.7

O *perfil do nariz* apresenta na sua grande maioria a forma recta e longa, mostrando-se nos homens sobretudo a ausencia dos narizes concavos. Notar-se-ha ainda, a este proposito, o agrupamento mais condensado no castrejo e mais variado na restante população do Minho.

Fig. 3 — Homem do Log. da Varzea. Frente. Mesaticephalo, br. (80.6), leptorrhinio (65.5)

Fig. 4 — O mesmo. Perfil. Moreno, olhos medios, cabellos escuros

A estes caracteres descriptivos temos a accrescentar ainda: a fronte quasi sempre fugidía, a glabella saliente no elemento masculino, quasi nulla no feminino, o mento recorrente, com o labio superior longo, liso, quasi vertical, sem recurvamento e com a concavidade media pouco profunda, como seria o beiço neandhertaloide, caracteres estes oppostos aos do labio fino, bem delineado e curto do typo louro ou nordico.

A physionomia do *Castrejo* é em geral severa, rude, mesmo tristonha, como agreste e melancholica é a paizagem serrana que o cerca; as condições exteriores do meio parece reflectirem-se no aspecto physionomico dos habitantes.

Caracteres anthropometricos — O craneo do Castrejo é mais amplo no seu diametro transverso maximo — 151.7 para os homens e 147 para as mulheres — do que o do minhoto limiense — 148.8 —[1]; o que torna o seu *indice cephalico* medio mais mesaticephalo — 78.7 e 79.0 — do que o do segundo — 78.1 — embora ambos pertençam á categoria dos *dolichoides*.

A distribuição d'este importantissimo caracter mostra como elle oscilla entre limites pouco afastados, tanto n'um como n'outro sexo. Effectivamente o indice cephalico maximo nos homens é de 82.8 e nas mulheres de 83.3 e o minimo respectivamente de 74.9 e de 75.9; o que dá differenças de 7.9 e 7.6. Isto mostra a grande homogeneidade da forma craneana em Castro Laboreiro, pois, como se sabe, Broca admittia nas

[1] Vid. *O Minhoto d'Entre Cavado e Ancora*, já cit.

Quadro da seriação do indice cephalico castrejo a uma unidade

Indices	Homens		Mulheres		Minhoto d'Entre Cavado e Ancora
	N.º de casos	%	N.º de casos	%	%
69	–	–	–	–	0.9
70	–	–	–	–	–
71	–	–	–	–	0.9
72	–	–	–	–	3.6
73	–	–	–	–	0.9
74	–	–	–	–	2.7
75	1	4.6	–	–	11.8
76	1	4.6	3	18.6	10.0
77	7	**31.8**	2	12.5	13.6
78	3	13.5	1	6.3	**17.2**
79	1	4.6	2	12.5	14.5
80	4	18.2	5	**31.2**	9.1
81	3	13.5	1	6.3	5.6
82	1	4.6	1	6.3	1.8
83	1	4.6	1	6.3	3.6
84	–	–	–	–	–
85	–	–	–	–	0.9
86	–	–	–	–	–
87	–	–	–	–	–
88	–	–	–	–	0.9
89	–	–	–	–	1.8

raças puras a variação individual até 14 unidades [1]. No emtanto, esta pequena differenciação é o resultado do fusionamento intimo feito n'um grande espaço de tempo entre duas raças, uma dolichocephala preponderante e outra brachycephala em menor numero e immigrante, como se vê dos quadros da seriação a uma unidade e dos agrupamentos.

O anthropologo belga Victor Jacques, ao estudar os caracteres ethnicos da população prehistorica enterrada na necropole de Argar [2], indica-nos para o indice cephalico uma composição semelhante á do nosso povo Castrejo. Essa população é, como a nossa, mesaticephala de 76.5 (78.5 no vivo) nos craneos masculinos e de 77 (79 no vivo) nos femininos, com variações individuaes de 11 unidades. N'essa necropole elle encontrára a chamada raça de Mugem, de Quatrefages, estudada pela primeira vez pelo

Agrupamentos do indice cephalico

Nomenclatura	CASTRO LABOREIRO				Minhoto d'Entre Cavado e Ancora (F. Cardoso)	Região gallaica (Olóriz)
	Homens		Mulheres			
	N.º de casos	%	N.º de casos	%	%	%
Dolichocephalos — 77 et infra	9	41.0	5	31.2	44.5	**48.7**
Mesaticephalos — 78 a 81	11	**49.8**	9	**56.3**	**46.4**	40.6
Brachycephalos — 82 et supra	2	9.2	2	12.5	9.1	10.6

[1] TOPINARD, *Éléments d'anthropologie générale*. Paris, 1885, pag. 377 e seguintes.

[2] HENRIQUE Y LUIS SIRET, *Las primeras edades del metal en el Sudeste de España*, version castellana de SILVINO THOIS Y CODINA. Barcelona, 1890, pag. 343.

nosso mallogrado Paula e Oliveira nos *kjoekkenmœddings* das margens do Tejo [1]. Finalmente, a população serrana de Castro Laboreiro é mesodolichoide, representando ainda o typo craneano primitivo da população neolithica, tendo absorvido o elemento brachycephalo de Grenelle, que por esse periodo lithico se fusionou com a raça indigena.

Fig. 5—Mulher de Castro Laboreiro Frente

O *indice nasal medio* do Castrejo é de 65.4 no sexo masculino e de 63.3 no feminino, isto é, ambos leptorrhinios moderados e visinhos da mesorrhinia, ligando-se, portanto, com o indice nasal do minhoto da bacia do Lima. A sua variação dá-se entre 74.5 e 52.4 no homem e entre 71.8 e 57.1 na mulher, ou uma differença de 22 unidades no primeiro e de 14.7 na segunda. Os seus agrupamentos condensam-se na leptorrhinia, com assignalada maioria dos indices proximos da mesorrhinia, o que nos indica o predominio de narizes alongados, porém de base larga e grosseira.

Fig. 6—A mesma. Perfil

Nos craneos da população prehistorica de Argar, a que já alludí quando tratei do indice cephalico, Victor Jacques accusou o caracter mesorrhinico moderado do seu indice nasal, o que indica uma população constituída por elementos assaz semelhantes ao do povo Castrejo.

Se compararmos, por ultimo, a *estatura* castreja com a do minhoto da região d'Entre Cavado e Ancora, que é de 1^{m}.638, vê-se que ella lhes é egual, attendendo

Agrupamentos do indice nasal medio

Nomenclatura		Homens		Mulheres		Minhoto d'Entre Cavado e Ancora
		N.° de casos	%	N.° de casos	%	%
Hyperleptorrhinios — 54 et infra		1	4.8	–	–	6.5
Leptorrhinios	55 a 59	2	9.5	4	25.0	15.7
	60 a 64	5	23.8	4	25.0	30.1
	65 a 69	7	**33.3**	4	25.0	**30.9**
Mesorrhinios	70 a 74	5	23.8	4	25.0	11.0
	75 a 79	–	–	–	–	3.9
	80 a 84	1	4.8	–	–	1.9

[1] *Note sur les ossements humains existants dans le Musée de la Commission des travaux géologiques*, in *Compte-rendu du Congrès d'Anthropologie à Lisbonne*, 1880.

á pequenina differença de 0^m.002. Com effeito, a estatura media dos 30 mancebos castrejos de 20 annos de edade foi de 1^m.624, medida que, augmentando 0^m.012 para o seu completo desenvolvimento, prefaz a estatura media definitiva de 1^m.636.

Seriação da estatura castreja a duas unidades

Estaturas	Castro Laboreiro (30 HOMENS)		3:089 minhotos d'Entre Cavado e Ancora
	N.° de casos	%	%
1^m.84-1^m.83	-	-	.03
1^m.82-1^m.81	-	-	.10
1^m.80-1^m.79	-	-	.29
1^m.78-1^m.77	-	-	.90
1^m.76-1^m.75	-	-	1.55
1^m.74-1^m.73	1	3.3	2.41
1^m.72-1^m.71	1	3.3	5.49
1^m.70-1^m.69	2	6.7	7.01
1^m.68-1^m.67	2	6.7	9.51
1^m.66-1^m.65	3	10.0	**12.68**
1^m.64-1^m.63	7	**23.3**	12.42
1^m.62-1^m.61	2	6.7	**12.71**
1^m.60-1^m.59	6	**20.0**	11.09
1^m.58-1^m.57	2	6.7	8.73
1^m.56-1^m.55	3	10.3	6.76
1^m.54-1^m.53	-	-	3.03
1^m.52-1^m.51	1	3.3	2.19
1^m.50-1^m.49	-	-	1.49
1^m.48-1^m.47	-	-	.81
1^m.46-1^m.45	-	-	.51
1^m.44-1^m.43	-	-	.23
1^m.42-1^m.41	-	-	.12
1^m.40-1^m.39	-	-	.09
1^m.34-1^m.33	-	-	.03
1^m.29-0^m.26	-	-	.03

Na sua distribuição seriária patenteia-se bem a influencia predominante d'essa raça de pequena estatura que foi, como já n'outro trabalho mostrei [1], a constructora dos *kjoekkenmœddings* de Arruda e Sebastião. Esta raça nos tempos mesolithicos povoava toda a peninsula iberica, de mistura com a immigrante brachycephala, com a qual se ligara intimamente. Como no indice cephalico e no nasal, a população de Castro Laboreiro mostra-nos aqui quanto os seus elementos ethnicos se acham amalgamados, de forma a dar-nos um typo bem definido e constante nos seus caracteres, devido

Quadro dos agrupamentos da estatura castreja

Nomenclatura		30 homens		Minhoto d'Entre Cavado e Ancora
		N.° de casos	%	%
Altas estaturas...........	1^m.70 et supra.....	3	10.0	13.5
Estaturas medias { Altas...	1^m.69 a 1^m.65.....	6	20.0	26.2
Estaturas medias { Baixas..	1^m.64 a 1^m.60.....	**12**	**40.0**	30.5
Pequenas estaturas........	1^m.59 et infra......	9	30.0	29.8

1 *O Minhoto d'Entre Cavado e Ancora*, pag. 12.

certamente á endogamia estabelecida desde tempos remotos entre os sedentarios habitantes d'aquella parte tão isolada e pouco accessivel do nosso paiz.

Conclusões—Póde-se, pois, descrever o typo humano de Castro Laboreiro como: de estatura abaixo da media, moreno, mesaticephalo-dolichoide, de rosto alongado e com os zygomas accusados e divergentes, fronte quasi sempre fugidía, com a glabella saliente, certamente microsemo, nariz recto, proeminente e de base larga, e o mento retrahido.

Fig. 7—De Castro Laboreiro
Frente

Fig. 8—De Castro Laboreiro
Perfil

É nitido o destaque d'este typo no meio da população interduramnense, impressionando o observador que, partindo da cidade do Porto—cujo districto forma um centro notavel de população mestiçada, fortemente impressionada pelo sangue louro do gaulez—atravessa depois toda a provincia do Minho, producto do fusionamento de trez raças—nordica, celtica e predominante de Beaumes-Chaudes—e se vae encontrar entre a população serrana de Castro Laboreiro.

Ao vêr os primeiros representantes d'este povo, lembrou-me o *basco;* á medida, porém, que o numero de observações ia augmentando, fui-o identificando com o typo n.º 1, que apresento a pag. 9 do *Minhoto d'Entre o Cavado e Ancora.*

No Alto-Minho existem, mesmo, especiaes designações para differenciar o habitante das grandes altitudes, do dos baixos valles: áquelle denominam *da Serra,* ou castrejo; ao outro, *da Ribeira.* Esta distincção é feita quanto ao seu typo physico e aos costumes. Na villa de Castro, quando procedia ás minhas investigações, admirava-me de que um certo habitante destoasse tanto do typo commum, castrejo; elle rectificou formalmente: «apezar de residir aqui, eu sou da Ribeira, meu senhor». Sempre que encontrava um homem reunindo em si os caracteres acima descriptos, eu exclamava para o guia: «aquelle é castrejo!»; recebendo sempre como sua resposta: «é, sim senhor; é da Serra!»

Com que raça primitiva se apparenta, pois, o interessante serrano de Castro Laboreiro? Paula e Oliveira define-nos assim o typo dolichocephalo predominante nos *kjoekkenmœddings* de Mugem [1]:

«Le prémier de ces crânes le plus complet des dolichocephales masculins de Mugem et apparemment le plus volumineux (cap. crânienne approchée 1490) est remarquable surtout par le devellopement de ses bosses sourcilières, par la forme fuyante de son front et par un certain aplatissement qui se manifeste à la partie postérieure de la voûte... La face est longue, harmonique avec le crâne prognathe...

[1] *Note sur les ossements humains existants dans le Musée de la Comission des travaux géologiques,* pag. 291, e no livro de M. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal,* Paris, 1886.

«Dans le type dolichocephale, la forme oblongue de la voûte cranienne coexiste avec l'allongement modéré de la face, les têtes osseuses se montrant harmoniques dans les proportions» [1].

Quatrefages, a proposito d'este typo dos nossos *kjoekkenmœddings*, declara [2]:

Fig. 9 — De Castro Laboreiro
Dolichocephala (77.1),
leptorrhinia (68.7).
Olhos escuros, cabellos intermedios

«Par la forme générale du crâne, par les orbites carres, par les fémurs à pilastres, les individus les mieux caractérisés sembleraient devoir prendre place à côté des troglodytes de la Vézère. Mais on ne retrouve pas chez eux la tête disharmonique de Cro-Magnon. La face est allongée aussi bien que le crâne. En outre leur stature est très inférieure à celle des réprésentants de cette race...

«Les hommes étudiés par le savant portugais paraissent donc former une race nouvelle que l'on peut appeler la *race de Mugem.*»

Victor Jacques no seu estudo sobre a população da necropole de Argar, que atraz citei, apresenta a descripção d'um sub-typo, mescla, segundo elle, da raça de Cro-Magnon e da raça brachycephala de Grenelle, que identifica com a *raça de Mugem;* e conclue no capitulo III do seu estudo, pag. 471, que se póde assentar em que primitivamente cinco raças concorreram na formação da população de Hespanha e Portugal: Canstadt, Cro-Magnon, Furfooz, Grenelle e Pyrenaica occidental (basca); e accrescenta: «Podemos agregar á aquellas razas un sub-tipo, el de *Mugem,* que nos parece quedó fijado desde una epoca muy remota.»

Finalmente Georges Hervé n'uma conferencia feita no curso de ethnologia da Escola d'Anthropologia de Paris, ao tratar da nossa raça dolichocephala de Mugem, diz-nos que: «nous songerons tout de suite, comme pouvant offrir un terme de comparaison avec le prémier type de Mugem, à notre type néolithique de Baumes-Chaudes.» E por fim conclue que a raça dolichocephala de Mugem seria a raça de Laugerie-Chancelade, succedendo-se ella propria á raça mais antiga de Néandhertal, «et peut-être croisée avec celle-ci, qui aurait également peuplé la péninsule durant la dernière époque quaternaire» [3].

O habitante da região de Castro Laboreiro identifica-se, pois, com a raça de Mugem nos seus caracteres fundamentaes.

N'aquella região tão aspera e isolada do nosso Portugal, o castrejo ainda é o autochtone e o representante vivo da velha raça mesolithica das margens do Tejo, descendente por sua vez da primitiva raça humana do quaternario.

Resta-nos confirmar estas conclusões com um trabalho craneometrico mais vasto e detalhado; o que, esperamos, se fará um dia.

Porto, 21 — VI — 1902. FONSECA CARDOSO.

---

[1] PAULA E OLIVEIRA, *Nouvelles fouilles faites dans les kjoekkenmœddings de la vallée du Tage,* in *Communicações,* t. II, Lisboa, 1889, pag. 81.

[2] E. CARTAILHAC, *Les âges préhistoriques... Préface* par M. A. de Quatrefages, pag. XXII.

[3] G. HERVÉ, *Populations mésolithiques et néolithiques de l'Espagne et du Portugal,* in *Revue de l'École d'Anthropologie,* 4ème année, Paris, 1899, pag. 265.

ETHNOGRAPHIA PORTUGUESA

TABULÆ VOTIVÆ

(EXCERPTO)

Outra homenagem gratulatoria á divindade é o retabulo votivo. Em torno das imagens, nas paredes conjunctas, ao longo das naves ou em capellas accessorias frequentemente varios paineis attestam e celebram admiraveis milagres, proclamando assim e perpetuando o reconhecimento pelas graças obtidas. A tormenta que faz sossobrar embarcações, os perigos da guerra, a angustia dos captivos, as ciladas de assassinos e das feras, as investidas dos animaes damnados, as desgraças, os desastres e sobretudo o vasto quadro das doenças constituem essencialmente os motivos que levaram o devoto a invocar o poder divino para tudo subjugar, impedir, vencer ou curar. No naufragio o painel accentúa a furia das vagas, sob a caligem celeste, envolvendo a nau desarvorada e já submersa; na emboscada a victima, cercada por bandoleiros que erguem laminas de gume vivo e arqueado, resigna-se a acabar n'esse ermo remoto da selva; na doença o enfermo, no leito, ou já succumbe com os olhos cerrados e a precursora lividez do fim, ou estorce-se bolsando o sangue em torrentes, ou ainda espera, tocado de fé, emquanto em volta mulheres pranteiam e o padre e os cirurgiões só do ceu confiam o soccorro. Em todas, de frente e ao alto, a imagem invocada surge n'um luminoso nimbo de resplendores!

Esta illustração imagetica, que exprime o tributo á omnipotencia divina, já no templo egypcio revestia as paredes sob a forma de quadros symetricamente dispostos a toda a altura. O sentido era sempre o mesmo, pois egual era a intenção de merecer o favor dos deuses: d'um lado o rei offerecia vitualhas, flores, fructos e emblemas ás divindades; do outro estas ouviam os seus rogos ou, em resposta, concediam o favor pedido. E ainda nas paredes exteriores d'outros templos se representavam as batalhas gloriosas, uma vez que aos deuses attribuíam os monarchas a causa primacial dos seus triumphos [1].

---

[1] Perrot et Chipiez, *Histoire de l'art dans l'antiquité.* I, *L'Egypte,* pag. 441. Hachette ed. Paris, 1882.

As pinturas muraes em que se exhibiam episodios historicos, curas miraculosas e scenas de tempestade consagradas por marinheiros [1] eram tambem frequentes nos templos hellenicos. Nas arvores sagradas, ainda, e em volta das estatuas e dos altares o mesmo preito se tributava em quadros de madeira ou argilla, com a dedicatoria ao deus, o nome da pessoa e o assumpto do milagre. Mas nos templos erectos a Asclépios é que os retabulos suspensos [2] ou as estellas dispostas no seu aro [3] abundantemente consignavam a maravilha das curas, os remedios adjuvantes e os nomes dos doentes attrahidos pela celebridade dos santuarios [4].

As *tabulæ* dos romanos, ou antes as *tabellæ,* para melhor ser expressa a mediocridade da execução e dimensões [5], eram ainda pequenos quadros votivos que, nos templos e suspensos deante das estatuas, figuravam grosseiramente a benevolà intervenção da divindade, accudindo a um naufragio ou a uma desgraça, impedindo ou attenuando os effeitos d'um accidente ou curando uma molestia; geralmente uma inscripção complementar esclarecia a homenagem, narrando as circumstancias que tinham acompanhado tam infinita graça [6].

O santuario de Epidauro, entretanto, pelo echo remoto e prestigioso das suas curas, subalternisou, para a opulencia romana, as divindades locaes. A corrente dos doentes era já incontavel e, ao deante, de entre as ruínas, as estellas surgiam, da epocha hellenica e da epocha latina [7]. Mesmo Antonino Pio engrandece, com edificações famosas, a magestade da estancia [8]. E quando, durante a terceira guerra samnita, uma epidemia invade Roma, o Senado, obedecendo ao oraculo da sybilla, manda transportar da Argolida para uma ilha do Tibre, a admiravel divindade da saude [9]. Então mais se dilata a affluencia dos crentes; e logo ao redor se suspendem os ex-voto [10] referindo os milagres e celebrando os dons magnanimos!

Por todo o extenso dominio romano, lento e lento passa depois o rumor de divindade tam miraculosa, conquistando adeptos em todo o imperio: até nos territorios remotos da Lusitania, da Betica e da Tarraconense Aesculapio recebe as consagrações que accusam os seus próvidos beneficios [11].

---

[1] DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Donarium,* de TH. HOMOLLE, II, parte 1.ª, notas de pag. 375. Hachette ed. Paris, 1896.

[2] G. GROTTE, *Histoire de la Grèce,* trad. de A. L. DE SADOUS, I, pag. 207. Lib. Internationale ed. Paris, 1864.

[3] PAUSANIAS, trad. de GEDOYN, liv. II, cap. XXVII, pag. 214. Paris, 1731. — G. F. HERTZBERG, *Histoire de la Grèce sous la domination des romains,* trad. de A. BOUCHÉ-LECLERCQ, II, pag. 214. Leroux ed. Paris, 1888.

[4] DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.* e voc. cits., pag. 378. — GROTTE, ob. e pag. cits. — HERTZBERG, ob. cit., pags. 213-4.

[5] RICH, *Dict.*, voc. *Tabula,* pag. 624. F.-Didot ed. Paris, 1861.

[6] RICH, *Dict.*, vocs. *Tabellæ* e *Donarium,* pags. 619 e 238. — DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.* e voc. cits., pag. 376.

[7] J. TOUTAIN, *Bulletin archéologique de la Religion Grecque,* in *Rev. de l'Histoire des Religions,* XLVIII, fasc. 2, pag. 204. Leroux ed. Paris, 1903.

[8] PAUSANIAS, liv. e cap. cits., pag. 215. — HERTZBERG, ob. cit., pag. 362.

[9] J. MARQUARDT, *Le culte chez les romains,* II, pag. 767. Fontemoing ed. Paris, s. d. (1890).

[10] MARQUARDT, ob. cit., pag. 77.

[11] E. HÜBNER, *C. I. L.*, II, 21 (Cacem), 173-5 (Lisboa), 2004, 2411 (Braga), 3725-6 e 3819. Berlim, 1869.

Em aras, em cippos, em estatuas e em placas lapidares, na mesma fé e intento que promoviam estas offerendas aos deuses de grande aura, se inscreviam os milagres, ou singellamente o cumprimento dos votos a divindades topicas mais modestas. No pantheon lusitano os monumentos epigraphicos consagrados a deuses da saude são escassos; mas d'um, o Endovellico, restam numerosos documentos a attestarem a fé

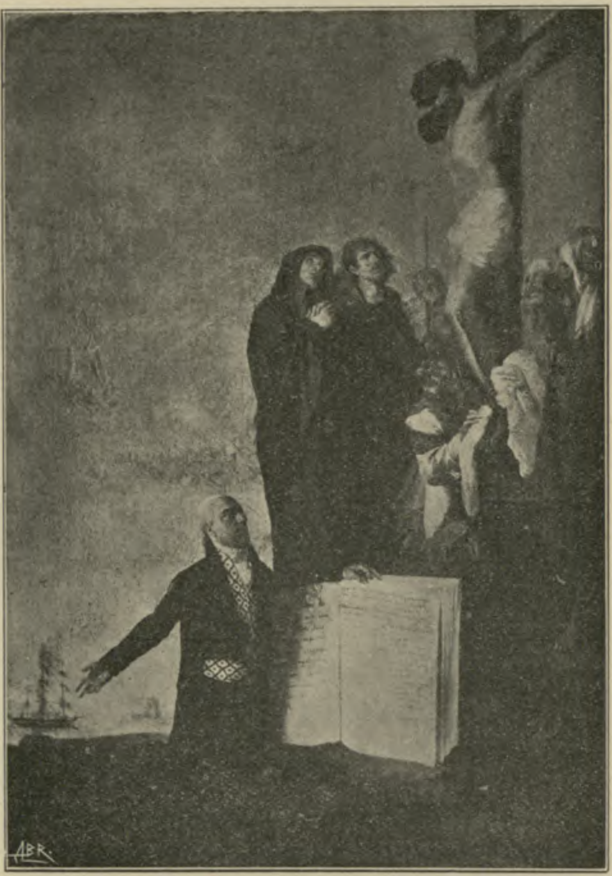


Fig. 1 — Do Bom Jesus do Monte.
Composição de Domingos Antonio de Sequeira

dos crentes, attrahidos, durante seculos, pelas graças com que a divindade tambem accedia aos rogos dos doentes [1].

As *tabulæ votivæ*, das quaes é licito approximar as *tabulaæ devotionis* onde os cocheiros de Circo votavam aos deuses infernaes os seus competidores [2], vieram affectando, afinal, através dos tempos, o mesmo intento e aspecto iniciaes. E as consagra-

[1] Hübner, *C. I. L.*, II e *Suppl.*, principalmente n.os 132, 134, 5203-4, 5207, 6265 e 6267-*a*. Berlim, 1869 e 1892. — J. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, II, pag. 111 e segs. Imp. Nac. Lisboa, 1905.

[2] Louis Bréhier, *Les origines du crucifix dans l'art religieux*, pag. 15 e segs. Blond & Cie, Paris, 1904. — Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Devotio*, de A. Bouché-Leclercq, II, 1.a parte, pag. 113 e segs

ções lapidares, memorando cultos ou edificações por votos ou legados pios, egualmente assumem, muitas vezes, certas formulas já caracteristicas nos retabulos. É o caso da reedificação da lapa de Nazareth junto da qual duas inscripções, uma latina e a outra tradusida, contam como a Virgem resplandeceu em milagres e a Fuas Roupinho, no seculo XII «sucedera que arremessando inconsideradamente o cavalo no alcance d'hum cervo... & indo já para cayr, na ultima ponta d'este despenhadeiro invocando o nome da Virgem foy livre da queda & mais da morte...» [1].

A figuração em argilla com que no mundo greco-romano se louvavam tambem os dons divinos [2] subsistiu nos rotulos e nas composições em azulejos. A capella do Corpo Santo, na matriz de Villa do Conde, toda revestida de faiança polychromica do seculo XVII, apresenta, sob-postas a dois retabulos figurados, duas epigraphes que registram a piedosa obra e o seu caracter contractual: fazendo a Senhora da Boa Viagem mercê de levar e traser a salvamento a João Peres, na sua viagem a Angola (1622) em a nau *Jesus Maria,* promette o pae, Thomé Peres, azulejar-lhe a capella. Derrota com exito, pois que o devoto cumpriu.

Mais que na pedra, emtanto, e na ceramica, os quadros faceis e accessiveis á miseria da piedade humilde é que encerram toda a extensa consagração das almas agradecidas. As *tabulæ pictæ,* como na Roma antiga, são composições grosseiras de artifices curiosos e de amadores occasionaes onde só raramente a ancia e o desespero, a consternação e a magoa, o allivio e a ventura logram uma bem mediocre expressão. As figuras contornam-se como titeres parados, em attitudes cuja intenção dramatica se volve em postura grotesca. Os retabulos precedentes, inspirando ou suggestionando os ulteriores, como vedam, na convenção a que todos se submettem, uma imaginativa mais rebelde ou creadora. Vergeis e florestas, voltas do mar e negrume celeste, interiores de capella e de enfermaria, santos e suas aureolas, tudo se recorta no mesmo molde. Apenas os accessorios, mais concretos e pormenorisados, revelam o intento da fidelidade da copia: são os aspectos da egreja com os quaes o pintor está familiarisado; uma operação de cirurgiões a que presumivelmente assistiu ou de que houve a noticia pungente; a indumentaria domestica regional e da epocha; os paramentos dos clerigos e a compostura fatua dos medicos; as minucias de interior como os bufetes, as cadeiras de espalda de coiro, os leitos de docel e bilrados, as almofadas guarnecidas de rendas, os roda-pés e as colchas. Acaso modernamente o retabulo será uma obra de artista insigne, como, no Bom Jesus do Monte, a téla de Domingos Antonio de Sequeira. É d'este admiravel desenhista o quadro que denuncía a mercê concedida a um negociante que, na tradição popular, imaginára uma commandita perenne com Jesus: este protegia-o no trafico, mas comparticipava nos lucros sob a forma de obulos para acabamento e grandesa do templo. A téla, em que a figura da personagem é o pormenor menos feliz, mas onde a cabeça domina primorosa, solemnisa o milagre da chegada d'um navio de ha muito demorado na sua rota da India a Lisboa [3]. A meio do quadro o mercante, de joelhos, com uma das mãos segura um livro e com a outra indica o

---

[1] FREY BERNARDO DE BRITO, *Segvnda parte da Monarchia lusytana,* pag. 391. Lisboa, 1690.

[2] DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.,* voc. *Donarium,* pag. 376.

[3] FERNANDO CASTIÇO, *Memoria historica do Santuario do Bom Jesus do Monte,* pags. 132-4. Typ. Camões. Braga, 1884.

navio de vela que demanda o Tejo, á vista da Torre de Belem; em uma pequena elevação ergue-se Christo rodeado das figuras amadas; e no livro que o devoto segura leem-se, em uma das paginas, psalmos de David e proverbios de Salomão e na outra, a que fica á esquerda do espectador, esta legenda:

Ao Bom Jesus do
Monte Renova seus
votos Pedro josé
da Silva, na ocazião
de fazer viagem
para Bemgala e
Azia o seu Navio
denominado
Santa Cruz
Anno de 1808
Domingos Antonio de Sequeira inv. e Pict. anno
1809

O retabulo, á maneira popular, constitue uma obra de valor, concebida para figurar como exhibição votiva (fig. 1) e como tal encommendada pelo famoso commerciante de Lisboa com quem o artista convivera [1]. Ainda de Sequeira é ess'outra composição (fig. 2) decerto votada inicialmente a identico destino e allusiva, conforme uma versão, a um episodio de familia [2].

Onde, porém, se irmanam, por egual illetrados, artistas de renome e os humildes imaginarios dos milagres, é na orthographia viciosa das epigraphes. Quaesquer que sejam as dimensões da tabula—$0^m,20 \times 0^m,16$ de sup. min.; $1^m \times 0^m,70$ de sup. max.; $0^m,50 \times 0^m,35$ a media mais frequente—a inscripção, concisa ou prolixa, é, d'ordinario, um risonho depoimento cacographico onde os vicios dialectaes, as corruptelas populares e as abreviaturas incongruentes se alinham n'um espaço restricto que muitas vezes obriga á multiplicidade das lettras inclusas e conjunctas, á mescla de maiusculas e minusculas, ao emprego simultaneo de normandos e cursivos, a uma pontuação e phantasiosa separação dos vocabulos pela abundante copia de pontos, triangulos, silvas e estrellas.

Em regra a inscripção, dando conta de quem operou o milagre, começa por esta palavra, pela sua lettra inicial M., ou pela abreviatura M. Q. F.—*Milagre que fez...* [3]:

M, Q, F, N, Snr' daprizao' ocapitam Manoel Inasio dev,ª | doconde bindo dahilha decauo berde com | hvma doensa recorev odito Snr, iscapou 1828

Egreja da Misericordia. Povoa de Varzim.

---

[1] Ribeiro Guimarães, *Summario de varia historia*, IV, pags. 102-3. Rolland & Semiond eds. Lisboa, 1874.—Souza Holstein, *Domingos Antonio de Sequeira*, in *Artes & Lettras*, 3.ª serie, pag. 183. Rolland & Semiond eds. Lisboa, 1874.

[2] Além do esboço reproduzido, mercê da concessão obsequiosa do seu possuidor, o sr. João San Romão, existe uma composição mais desenvolvida e acabada, pertença actual do sr. José Mauricio Rebello Valente. Na tradição que diz ser o assumpto referente á familia do pintor accrescenta-se que é este quem implora a piedade divina.

[3] Transcrevendo-se integralmente as inscripções e indicando-se a sua disposição linear comprehende-se que não seja possivel tambem a reproducção d'algumas das phantasias e incorrecções graphicas a que se allude no texto. Seria necessario estampa-las; e ocioso se torna explicar a impraticabilidade manifesta.

Menos frequentemente é *Mercê* que inicía o relato:

Merce que fez os^{r} deMathozinhos a Nao de guerra N. S.^{ra} da Piedade vindo do R^{o} de jan.^{ro} | por capitania da ffrota a 11 de jan.^{ro} de 1746 ao manhecer esteve perdida sobre os ffarilhoniz | ea pegandose os devotos como S^{r} passou Livre sem ter prigo

Bom Jesus. Mattosinhos.

A demonstração do reconhecimento abre tambem os rotulos:

Testemunho de gratidão que dá — a Jesus Maria e José — Rita da Pie,^{de} desta v.^{a} a qual estando inteirmen | te cega e sogeitando-se á operação da catarata, por intercesão da sagrada familia recoperou a sua vista: em 1849

Egreja da Lapa. Villa do Conde.

Fig. 2 — Esboço de retabulo votivo, original de Sequeira

E o devoto, declinando ou não o nome, assim inaugura por vezes a homenagem:

Huma Devota do Senhor do Monte não tendo filhos e desejando-os mais que tu- | do supplicou ao mesmo Senhor e este logo lhe deu hum Menino pelo que agradecida | Lhe tributa graças. Anno de 1845

Bom Jesus. Braga.

Custodia Maria Antunes do logar de Lordello desta freg.^{a} de Bouro estando | perigozam.^{te} inferma de huma Catarral Gastrica q. atacava deitando sem termo san- | gue pela boca e apegando-se seu filho Manoel com esta Imagem do Senhor dos | Milagres preso acoluna foi-lhe de repente restituida a saude no anno de 1847 | E para memoria mandou aqui collocar este painel

Egreja do Mosteiro. Santa Maria de Bouro.

O voto ou promessa accusam de entrada a intenção (fig. 3):

Vóto feito por Carlos Cruz, a nossa senhora da Encarnação: no dia dois de Março 1870. ás 2 horas | da manhã, corrido com um grande temporal na Barca Diana sahida do Porto com distino | á Bahia de todos os Santos estando na Latitude N.42°„17′„00″ e na Long. O de Grenuich 14°„ 16′„10″„

Capella da Encarnação. Buarcos.

Ou então é pela data que o registro do tributo principia:

A 12 do mez d'abril de 1881 fez a Senhora da Encarnação o | Milagre de salvar a tripulação do barco Chinca quaze a | submergir-se porisso lhe offerece amesma | tripulação este quadro

Capella da Encarnação. Buarcos.

Não raro ainda é o nome do typo de embarcação—*Patacho, Lugre, Brigue, Escuna, Palhabote*...—que enceta a referencia da graça, com minucias do successo ou estrictamente memorativa e sem detalhes do facto:

Barca portugueza Firmeza. Offerecido pelo Capitão | Joaquim d'Carvalho Rozas. Nossa Senhora da | Bonança

Egreja de S. João. Foz do Douro.

Hiate Rezulvido | Milagre que fes a imagem do Sñr Jesus ao capitão Manoel Simões Vagos e á sua tripolação | no dia 3 quando cahio o comtramestre ao mar ás 11 horas da manhã. E no dia 4 é que dezalboramos ás 11 horas da noite, e no dia 5 é quando | nos a pareceo ás 8 horas da manhã o vapor Ville Terragona francez, procorando todos os meio para nos salvar, i ás 11 horas da manhã é que fomos salvos | em janeiro de 1888

Matriz de Ilhavo.

Barca Portuguesa Alliança | O Capitão João da Costa Gomes Em viagem de Pernambuco para Liverpool, vendo-se perdido no dia 29 de dezembro de 1876 na Latitude N. | 39°.45 Long. O. 23°.30 com um grande tufão que durara d esde as 5 horas da Manhã até ás 11 do mesmo dia offerece este quadro a Nossa Senhora da Bonança pelo milagre que fez

Egreja do Bom Jesus. Villa Nova de Gaya.

Em outros, e naturalmente, é a divindade logo invocada:

Osenhor da Piedade deu saude ahũa | emferma

Egreja da Sé. Braga.

As inscripções ainda começam excepcionalmente fóra dos calcos indicados: *Deploravel situação da galera..., Horrivel tempestade..., Offerecido pela tripulação..., Os passageiros do vapor..., Eis a minha prova de gratidão...* [1], *Lembrança de hũ milagre...* [2]. Mas a frequencia da primeira redacção alludida foi tal que por MILAGRES se designam commummente esses ingenuos textos de agradecimento e piedade.

Algumas vezes mesmo á epigraphe sem desenho se resume o tributo consagrado:

Milagre q fez S Clemente a- | hum mosso de 33 annos q es- | tando Rendido de huma bril- | lha se apegou com o Sto elhe | por metteo huma missa pedi- | da elhe deu saude | 1787

Bom Jesus. Braga.

---

1 *Esboceto historico da veneranda imagem do Senhor dos Passos da Graça e templo da mesma invocação*, pags. 30, 32, 35 e 40. Typ. Lisbonense. Lisboa, 1874.—Este opusculo, de dupla intenção mercantil e beata, reproduz inscripções de retabulos visivelmente corrigidas e portanto deturpadas na graphía e syntaxe originaes.

2 A. THOMAZ PIRES, *Estudos e notas elvenses*. III, *A egreja do Senhor Jesus da Piedade*, pag. 12. T. de Carvalho ed. Elvas, 1904.

E se a um texto apenas se redusiam já, muitas vezes, as estellas votivas de Epidauro e de Cós, tambem então como agora se rememoravam as graças divinas na mais alta e mais culta linguagem da estrophe [1]:

O' mãe amavel, Virgem do Sameiro,
Com gratidão beijo tua mão potente;
Louve-te o céo, o universo inteiro,
Pois da morte livraste o teu doente.

Santuario do Sameiro. Braga.

Fig. 3—Da capella da Encarnação. Buarcos

Só com a inscripção, só com o figurado, ou com uma e outro reunidos—que é o caso mais vulgar—os retabulos são pintados, a tintas de oleo, em papel, em folha de ferro, em téla e, ordinariamente, em taboa. A tinta aguada, porém, apartam-se alguns, como essa aquarella onde as faíscas cortam angulosas e bruscas o ar adensado e turvo, e os passageiros e a nave já se afundam no mar ululante:

Millagre que fes S. Gonçalo á Gente da Gallera Fama por intercessão de hum | seu devoto vindo do Rio de Janeiro, estando ao Oeste dos Açores 24 gráos em 26 de 8br°. 1821

S. Gonçalo. Amarante.

A inscripção annexa ao *Registro* do vulto milagroso, como no santuario de S. Tor-

[1] Alphonse Defrasse et Henri Lechat, *Épidaure*, nota 1 de pag. 143. Quantin ed. Paris, 1895.—Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Donarium*, pag. 378.

quato, ou manuscripta e mesmo impressa n'uma estampa lithographica adrede realisada, são ainda exemplos para nota:

Promessa que fez Antonio Vieira a N. Sª | da Bonança, na occasião em que se virão | perdidos no Patacho bom Jesus, no | dia 3 de Junho de 1865

Egreja de S. João. Foz do Douro.

M. q. fes S Trocato a M.ª Dom.es da frg.ª | da Abelleda Tr.º do Porto q estando com | hom.ª grd.e dor no estamogo rocorrendo | aomᵐᵒ S.to logo milhorov

S. Torquato. Guimarães.

Mas com as modernas facilidades da photocopia já apparecem os grupos da familia reconhecida, os retratos do filho curado e da mãe ou do pae que intercedeu, o do doente apenas, como nos tempos greco-latinos [1], que assim julga perpetuar e encarecer o prodigio:

Miguel Alves Ribeiro, do logar de Pombal, freguezia de S. Cypriano de Taboa- | dello, concelho de Guimarães, padecendo d'uma rotura, e dirigindo preces fervo- | rosas ao milagroso S. Gonçalo, obteve a cura de sua dolorosa enfermidade em | tres horas | E para immortalisar este prodigio estupendo, mandou aqui pendurar este | quadro | Guimarães, 15 de junho de 1865.

S. Gonçalo. Amarante.

Por fim a inscripção acompanha, não um painel onde se exhibe a scena no momento da angustia e da graça, mas a reproducção do proprio membro salvo ou curado. N'uma perna—para exemplo—onde uma depressão ennegrecida indica o logar da ferida, lê-se:

M. Q. F. N. S. | dos Passos | a Joaqvim | a Roiz J.ºʳ

Egreja da Misericordia. Povoa de Varzim.

Ou sob-postas á miniatura emmoldurada d'uma nave se veem rubricas como esta:

Palhabote Brilhante ofrecido ao Sñr. dos Mariantes por | Manuel Xavier da Silva | Capitão do dito

Capella do Bom Jesus dos Mareantes. Matriz de Caminha.

Os assumptos que constituem o vario objecto d'esta expressão d'uma credulidade grata, são todas as dôres humanas e todos os accidentes que, individualmente ou no ambiente em que se agita, affligem, conturbam e surprehendem o crente. Não raro, satisfasendo o preito devido, cala o motivo que o dictou (fig. 4):

Milagre que Fes N. Sr.ª da Encarnação a Joze Antonio Leite da Silva | Filho de Fructuozo J.e da S.ª Quem Fes a Oferta Foi Anna Joaquina | Rodrigues Forte. | pintado em 1859

Figueira da Foz.

Milagre de N. Senhora do Vizo

Capella da Senhora do Vizo. Fontes (Penaguião).

M. Q. F. Sta Ines a huma devota

Matriz de Remoães. Melgaço.

---

1 DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Donarium*, pag. 376.

E até explica que assim não offende o Todo Poderoso, conservando os milagres no mysterio [1]. Mas tambem succede que, historiando e congratulando-se, não esquece o registro pictographico e litteral da offerenda retribuitiva, em alfaias, em generos (fig. 5), em gados, em innumeraveis beneficios:

M. Q. Fes N. Sr.ª dos Afflîtos | A Ioaõ Salgado q acol- | lvqov ov Fondov a mes- | ma Srª nesta capela

Egreja da Oliveira, santuario de S. Braz. Guimarães.

Milagre q. fes os^{r} deMatozinhos.AIoze daSª. Selibestre de antran- | vos.orios nasua doença apegando-se comele foi servido odarlhe saude | cuio oqual lhepermeteu deoferta.obalor doseu barco oqual carega 55 pipas elo- | go q. ele foi lo^{u}-bado odito lhedeu oemporte doseu barco Naera de 1813

Bom Jesus. Mattosinhos.

Milagre que fez o SS. Sacramento, a Manoel Antonio Lourenço d'esta freguezia, | estando em perigo de vida em 1886; o devoto offereceu o valor d'uma junta de Bois | ao SS. e a collocação d'este quadro no Altar do SS. Coração de Jezus e Maria.

Matriz de Amorim. Povoa de Varzim.

Especificando-se, todavia, alguns dos acontecimentos mais memoraveis e por egual mais vulgarmente submettidos ao patrocinio celeste, occorrem logo os que designam os perigos do mar e as tribulações dos nautas. Em alguns casos a pormenorisação da narrativa, além da hora precisa da catastrophe e da latitude e longitude em que se manifesta a inclèmencia, inclue a tonelagem, os nomes do navio e do commando, os portos de escala, as condições providenciaes de salvamento. O debuxo então, por entre a cerração do espaço e a ira convulsa das ondas galgando, mostra a nave desmastreada e sem rumo a subverter-se, com a tripulação pávida á ré, a proa varrida e, em redor, nas ondulações revoltas da vaga, a carga alijada, os mastros, os calabres, a cordoalha e o velame:

M, Q, F, N,Snr,ª aManoel Ant,º Pinheiro nosev br | ige união uindo doMaranhĩo nalatitude 34"2 | oeste de Londres a panhando hvm grande tempo em | 19 demarso 1829 recoreo ans,ª dasNebes lheabrandov utº

Capella da Senhora das Neves. Azurara.

M. Q. F, oS^{r} de Mathozinhos AGoncallo José Miz. vindo da Cidade davahia embarcado emacurveta de N. Sn^{ra} | do cauo davoa esperança p.ª a Cidade de Lx.ª noano de 1774 de qve uinha Segindo Sua de Rota chegado que foçe altu | ra de 36 graos lhe deu hum m^{to} grande temporal deque abrindo a curveta tanta agoa que não lhe podendo dar ven | cimento com duas bombas de q 3 dias alugarão Carga omar bendo q. não fazia nada de Repente seacharão com doze palmos dagoa | se detriminarão a embarcar nalancha p.ª ver seescapavão a vidas a vinte peçoas donde o mar os queria comer Como Trazia o Bom Jezus | comsigo seapegou com m.^{ta}fe com ele que livrase aquelas almas de morer afogadas que lhe deparase hum navio q. os tomase do q. lho depa | rou que ostomou e troxe p.ª attera todos.anno 1774

Bom Jesus. Mattosinhos.

Milagre qffes NS^{ra} doalivio a Miguel de azevedo Costa do lugar de fam | hindo de mestre no hiatte otriumfo emoanno de 1801 a 6 de Janrº foi prezionrº do emgles a 4 do ditto Mes | e a 6 se allevantou hua grd^{e} tempestada demar etempo q estiverão coazi perdidos na Voca do canal | e recorrendo anossa Srª doalivio a mai dedeos foi servida avrandar o mar e tempo e oslevou a | Salvamento aditto portto com os tres Marinheiros emglezes e o ditto Mestre

Santuario do Allivio. Soutêllo (Villa Verde).

---

[1] *Esboceto* cit., pag. 35.

Milagre q. fes N.S.ª de Agonia a Manoel Roiz Alvs capaᵐ do hᵉ novo espicolador tendo saido de viana para Cork carregado | demilho e na altura de 45°16 de latt.ᵉ e 9°43 de long.ᵉ lhe cahiu tanto tenpo q. pedio a N.S.ª e lhe fes o milagre no dia | 21 pª 22 de dezembro de 1846

Capella de Nossa Senhora da Agonia. Caminha.

Fig. 4 — Da Figueira da Foz

Milagre que fez | Nosso Senhor da Agonia a | Antonio Rodrigues Sampayo | Capitão do Brigue Espe- | rança naufragado n'um | diluvio na Quinta de | Palermo em Buenos Ayres | a 29 de outubro de 1866

Capella do Senhor da Agonia. Villa do Conde.

Milagre que fes o S.ʳ Jesus a José Bás Novo e seus companheiros no dia 23 de desembro de 1864 q andando sobre as aguas do Mar não fragados | sem isprança de vida Permeteu ao S.ʳ Jesus seos livrasse deste prigo que lhe daba um cuadro do seu barco. E logo que fórão | salbos comprio com a sua promessa. | Paquete de Aveiro

Matriz de Ilhavo.

Milagre q. fes N.S.ª da Solidade a Joze Ribeiro de Baros | e a sva comp.ª saindo da V.ª da Fig.ª p.ª L.xa em 16 de abril so- | bre aRoca com grande tempes.de NS.ª ospos a salvm.to em 1818

Capella de Nossa Senhora da Soledade. Espozende.

Milagre que fes N.S.ª da sneves a Joze | Frn.co Gz. da Pralheira q. vindo da Inguelate | ra para L.xa se vio de vaxo de grande ri | gor de mar e tempo asim recorreu ad.ª | Sª elogo lhe valeu em 1839

Capella de Nossa Senhora das Neves. Abremar.

Em circumstancias de egual pavor e anciedade os pescadores lançando as rêdes [1], navegando ou aportando, recorrem ao mesmo poder sobrenatural para que lhes accuda ao desamparo d'uma heroicidade exhausta e d'um saber inutil:

Millagre que fes N.S.ra dabadia A Manoel fr,co Milhazes dapovoa debr | azim eatoda asua comp,ª achandoçe nom,º domar comtempo noroeste elle etoda asua com | pª sebiram perdidos comesou Manoel fr,co achamar por N,S,ra elogo ella lhe apareseo epeia | -da aembarcaçam pello seo patroçinio chegaram a descobrir avi lla de Boarcos e hua meni | na de tenrra idade prinçipiou pella villa dizendo acudam a hua embarcaçam q seacha coazi p | erdida napraya e logo a codio gente e ostrouxeram p.ª | terra sem saberem os aflit os nvegantes a | donde estabam por espaço de 24 horas De 1773 | Villa de Boacos

Santuario da Abbadia. Terras de Bouro.

No,frajo que a susedeu na costa de Espinho em 1851 | a senhora companha noua da Snrª dajuda indo obarco | pelo mardentro e bem metidos noprigo bem uma | onda grande que ostebe sormergido pediro a Santa Cla- | ra birgem martel que leacudise asim logo não hoube | mais dubeda ifiquar com grande debosam a esta santa

Egreja do Bomfim. Porto.

Mas os riscos do mar, que já na antiguidade helleno-latina tantas consagrações promoviam aos deuses [2], estendiam-se ainda aos bloqueios [3] e ao corso, ás perseguições pelas esquadras, ás prisões e ao captiveiro:

Milagre q, fez N. Srª daEncarn.ªm aom.e An.to Frz.º deA | z.do desta u.ª easua equipagem a 31 dagto doanno 1795 | uindo desetubal no seu hiate carregado desal p.ªau.ªde | Caminha ieencontrandose com huma esquadra franceza na | altura da Ericeira huªfragata da d.ª esquadra o perseguio fort- | emte eas 2 horas datarde athe as 10 danoite com balas q passa- | uão porentre osmastros doseu hiate estando quasi encalh- | ado na praia ecom lancha fora aponto de dezamparar a sua emb- | arca.m enuocando adª Snrª lhe escapou se foi recolher a bahia de Casca.

Egreja de S. Francisco. Villa do Conde.

Milagre q. fes. Nsª das Nesesidades a Antonio Joze de Sovza q. indo para Sebi- | lha a 7 de Setb.ro doano de 1797 foi tomado de huma galiota franseza e andov 24 | oras prezuneiro e rrecorendo o patrosino desta mai D,s lhederão soltora e seg- | virão o sev destino comfelesidade

Santuario das Necessidades. Barcellos.

M. que fez o bom Jesus do Monte a João Fermeira o qual estando capti- | vo em Argel nove annos apegando-se com o mesmo Snr. foi resga | tado

Bom Jesus. Braga.

---

[1] Rocha Peixoto, *Os palheiros do littoral*, in *Portvgalia*, I, fig. 7, pag. 96. Porto, 1899.

[2] Rich, *Dict.* e vocs. cits., pags. 238 e 619. — Daremberg et Saglio, *Dict.* e vocs. cits., pag. 375.

[3] *Esboceto* cit., pag. 28.

Em terra, porém, não são menos numerosos os terrores e os sobresaltos que inspiram a promessa. A guerra (fig. 6) em primeiro logar:

Milagre q. fes N. Snr daprizam Ioze Ioaq.ᵐ | melîcîano deregîmento de V.ª de Conde por olibrar | dosprigos emq sebîo nacanpanha por vlti ma- | mēnte por olibrar doservico de mēlitar recoreîo | aeste Snr îlogo lhe fes o mîlagre anno de 1824

Egreja da Misericordia. Povoa de Varzim.

Mqfes. oSnʳ de | Matvzinhos.a-hum-see deuo- | to-que sendo-prezivnado- | por-hum esco.a.drao-fra- | nces . donde . nao-podia es- | capar . sem . qvc . fose-por- | milagre-dodito Snr ocoa- | al . foi . servido livralo | de tam grande prigo | pesigeiro de seber.era | d 1812

Bom Jesus. Mattosinhos.

Depois os ataques de companheiros volvidos em ladrões, as hordas que assaltam no despovoado (fig. 7), os tiros vingadores ou traiçoeiros:

Milagre que fez S. Torcato a José Antonio Marques da Matta da Povoa | de Varzim que vendo-se em perigo no mez de Fevereiro de 1874 no rio | Paraguaÿ na viagem que fez para os hervaes com tres passageiros estes | se tornaram assassinos de seus dois companheiros escapando o devoto depois | de muito mal tratado e lançado ao mar por o julgarem já morto, e recuperando os sen- | tidos recorreu a S. Torcato ao auxilio de quem reconhece dever a vida.

S. Torquato. Guimarães.

Milagre que fes o m'lagro | zo Saõ Gonsalo damarante no brazil | a Manoel Pereira Marante vi | ndo davila noba da rainha aos 13 de janro de 1744 ās vindo pª sua caza em hūa serra de 3 le | goas sem Paboasam nomeio.dela lhe sairão.nouenta.e seis.negros.todos.armados.conspin | gardas. e Pistolas. e Facois. e o sercarão.nomeio.e lalhe. tirarão. o bistido. e o rubarão. e o lebarão. p.ª de | ntro. dehuma. berenha. p.ª omatarem. ela. bio. estar.4.corpos. mortos. daquele. estante. e hū. bibo. amara | do. q. dahi. apouco. o matarão. asua. bista. ebendo. esta. tirania. se baleo. do milagrozo. S. Gonsalo. p.ª que | lhe. deixase. auida. elogo. lhe. derão. esperansa. deuida. easim. q. chegou. anoite. o largarão.

S. Gonçalo. Amarante.

Millagre que fes S. Trocato a Manoel I.ᵒ Lopes | de Miranda, da freg.ª de Cristello estando em prigos de uida | por causa de um tiro q lhe derão nas Costas e logo q re- | correu a este milagroso Sto foi restabelecido á Sua Saude | Concelho de Barcellos 1847

S. Torquato. Guimarães.

Ou ainda os assomos dos lobos nos matagaes [1] e as surpresas dos cães damnados:

Milagre que fez u milagroso s torquato a Manuel José Barvosa | da freguezia de Gemezes a chandose ferado de um cão que anda | va com a ravia com muito sosto birra logo que se lamvr | ou du milagroso s torquato logo ficou ã leviado du sosto não | tive prigo algum; Feito no anno de 1883

S. Torquato. Guimarães.

Ou mesmo as desgraças que a manha e o medo dos animaes doceis imprevistamente provocam:

Millagre que fes Nosa Senhora do PillaraThereza Maria d·a cidade | de Braga aquoal estandona uespora dafe.sta da Senhoradeste anno de | 1748. no Sitio deste Castello Com huã mulla esta Asim que sentio o estrondo do primeiro Fuguete tomou medo & Fogindo Aleuou Arasto Com a Corda em que Seembara | çou pera o despenhadouro a onde Chegou & lançando jaasmaos porelle abaixo adita | Mulher & todo omaispouo·ahiestava Clamarão pellauirgem Santisima do pillar & logo A | Bestala boltou do preçipicio em que estaua & adeuota molher Ficou liure de tam grande | Perigo.

Santuario do Pilar. Povoa de Lanhoso.

---

[1] THOMAZ PIRES, ob. cit., pags. 9-10.

M. qfes N.S.ra doPilar, aManoel filho, dem | anoel dearvioLanhozo, qestando amor | te dehvm,coise de hvmã mvla, q lhe, fes, hv | boraco, na cavesa q selhe viaõ os miolos | elhe tirarõ o cacõ, dacavsa, aospedasos | echa mando pela V N Sra logo tive, sa- | vde. Anno de 1768

Santuario do Pilar. Povoa de Lanhoso.

E já nos tempos remotos em que certas feras ainda infestavam algumas serras portuguesas a occasião se proporcionára para a Virgem rebrilhar em prodigios. No termo de Gouveia «havia densas matas, aonde se recolhião Ursos de espantosa grandeza, hum dos quaes fez preza em hum menino; & porque seu pay o foy seguindo, & chamando pela Senhora do Couto que lhe valesse, & o Ceo permittio que no mesmo lugar junto á Ermida deixasse o bruto a preza intacta, & sem algum genero de molestia, começou por este motivo a ser tam grande o concurso da gente neste lugar implorando o patrocinio da Senhora, que em breves tempos se virão as paredes da sua Capella cheas de insignias, & memorias de milagres» [1].

Fig. 5 — Do Bom Jesus. Mattosinhos

Contam-se ainda numerosos desastres, d'entre os quaes particularmente dominam os atropelos (fig. 8), os desabamentos e as quedas:

Manoel Salvador e sua mulher Ignacia das Dores naturaes das Auriolas offerecerão esta memoria a | N.S. de Aires em acção de graças por ter livrado d'uma morte desastrosa ao dito Manoel Salvador no | anno d' 1812

Capella da Senhora de Ayres. Vianna do Alemtejo.

M.ge q fes a Rainha Sta Izabel, a Manoel filho de | Thome Ferreira, do Svbvrbio de Sta Clara q passandolhe por | Sa hvm carro carregado de lenha esta Sta olivrou. Anno 1729

Santa Clara. Coimbra.

Milagre feito Por Nossa Senhora do Pilar a Manoel José da Silva do lugar de cima de Villa desta freg.a de Lanhozo, que no dia quatorze de Janr.o de mil oito centos trinta e nove ficou debaixo | de hum monstruozo Pinheiro, estando-se a traçar com um Serrão, reduzido a um lamentavel estado, e em grande Perigo de vida, e como com viv | a fé invocasse a S.ma Virgem N. S. do Pilar, ella lhe acodio, e o livrou do Perigo; dando-lhe elle em remuneração. de tão. alto beneficio hũa esmola, e ficando obr | igado a dar-lhe annualmen.te em q.to vivo I$200 r.s= | S. Thiago de Lanhozo 22 de Junho de I840.

Santuario do Pilar. Povoa de Lanhoso.

M. qve fes N.S. dabadia abalthezar dearavio da | frg.a des. p.o de Figrd.o andando ele alem devilla real emsim | a dehva caza 30 palmos de alto escoregoi chamoi porn.s. nõa teve prigo

Santuario da Abbadia. Terras de Bouro.

---

[1] ANTONIO CARVALHO DA COSTA, *Corografia portugueza, e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*, II, cap. XIV, pag. 249. Braga, 1868. — *Expedição scientifica á Serra da Estrella em 1881. Secção de Ethnographia*. Relatorio do sr. Luiz Feliciano MARRECAS FERREIRA, pag. 117. Imp. Nac. Lisboa, 1883.

M.que fes S^r de matuzinhos Antonio Ioze demaSedo da Sidade do Porto que no dia 20 de Ianeiro | vindo Pelo Caminho das funtainhas Para cá oPé d omirante dofontana Sedentalmente | Cahi o PelomonteaBaixo queveio tera Porta da caza da Polbraque sendoalto 52 | Baras que cubrou hua Perna eficou muito maltratado em prigo devida | E Recorendo omesmo Senhor ficou libre detodo Prigo. No anno de 17...

Bom Jesus. Mattosinhos.

N'este ultimo despenha-se o desventurado por um fraguedo imminente ao Douro onde uma vela de pendão inflado passa. Ao alto, juntas a muros de quinta, algumas personagens teem gestos de estupefacção alanceada. E a epigraphe, traçada n'uma facha de lata annexa á moldura, pode effectivamente fundamentar o anedoctico retabulo em que alguem agradece á divindade «o haver quebrado só uma perna podendo ter quebrado as duas» — gracejo, afinal, referido a *Milagres* do santuario dos Remedios, em Lamego [1], ao das Necessidades [2], a Barcellos, a Villa do Conde, ao Allivio, á Abbadia, a Mattosinhos e até á Arrabida, no Porto!

Fig. 6 — Do Bom Jesus. Mattosinhos

Todavia por mais do que uma divina figura o milagre se completa — na lenda da Nazareth e suas variantes, como a da Senhora da Guia, no Cabo da Roca, em que um menino é lançado pelas bruxas a um despenhadeiro [3], e a da Senhora da Peneda, na Gavieira, onde um cavalleiro de calção, meia, casaca bordada e rendas se vae a precipitar d'um penhasco, no momento em que, intervindo a Virgem, se detem a montada:

Mila'gro qve ‖ Nosasr^a daPeneda ‖ | Conthome, frz ‖, deSovza davila ‖ | de Valadares ‖ aos 24 Deagosto ‖ | de 1731 anos

Santuario da Peneda. Gavieira.

Certos litigios e as desavenças domesticas dão ainda aso para se recorrer á munificencia divina, n'um conflicto vinculado a partilhas, por exemplo:

Milagre q fes S. Trocato a José Gomes de Campos e a sua | mulher da Freg.^a de Villar de Figos do Concelho de Barcellos, q vendo a sua Caza | quaze perdida por traiçoens de irdeiros chegarão afazer com q se tirase | uma folha do Libro do Rexisto p.^a milhor opoder roubar., apegarão-se com este | milagrozo s.^to permetendole um Touro q pesuia e logo lhe forão discobertas as falcidades q lhe ti- | nhão tramado e hoje esta com a sua casa libre e deximbaracad..... em 1856

S. Torquato. Guimarães.

---

[1] *A cidade de Lamego*, in *O Seculo*, pag. 2, col. 2, de 5 de janeiro de 1896. Lisboa.

[2] José Augusto Vieira, *O Minho pittoresco*, II, pag. 180. Pereira ed. Lisboa, 1887.

[3] *Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»*, in *Archeologo Portuguez*, III, pags. 153-4. Imp. Nac. Lisboa, 1897.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

E a mãe que se vê desolada pelo filho ausente, a amante que alcança a legitimação dos filhos e a rehabilitação da mancebía, ou o devoto que estando a enforcar-se, por visivel traça do Inimigo, invoca o Senhor e logo se vê livre do perigo [1], originam outros retabulos onde a misericordia de Deus é exaltada e verberadas as manobras do Diabo! É este espirito tenebroso que com as suas mortificações persegue um devoto de Jesus dos Passos da Graça, só liberto de tantos maleficios depois de exorcismado pelo reverendo padre José dos Anjos [2]; é ainda um frade quem, em 1712, lança fóra dois demonios que atormentavam uma doente de Baldreu; outra peccadora, a quem accode a Senhora da Abbadia, vê-se illaqueada por cinco [3]; e duas irmãs, no concelho de Barcellos, apossam-se de tal medo, que, sem duvida alguma, é o mafarrico a empecel-as:

M. que fes N. Srã das Necessidades a es- | tas duas irmãns; em as livrar dos effeytos q. | nellas causou hum grande medo: feyto por | illusam do Demonio

Santuario das Necessidades.

Veem, comtudo, em grande numero, se não constituem frequentemente a maior parte, os penhores de gratidão pelos triumphos da saude. Uma ou outra vez a epigraphe notifica, para mais exalçar o milagre, o abandono dos physicos:

Milagre q fes | Nosa Senhora do | Carmo a hun seu | deuoto estando | despedido dos | medicos milhorou | em 8 dias no ano | de 1712

Egreja de S. Vicente. Bragança.

Milagre que fez N. Snr.ª da Madre de Deus a Antonio de Sousa, d'es- | ta villa, que achando-se gravemente enfermo, e sem esperanças | de melhoras, com os meios de medicina de que uzára, recorreo á | virgem Sanctissima de quem obteve as melhoras que tanto desejava

Capella da Madre de Deus. Povoa de Varzim.

M.q.f, Ns,ª da Porificacao' da frgª | de S. Chistouoa' de Riamau aoseu deb | oto Ioao' Lopes Fer,ª dadita frg,ª dol | ugar da Qumta q'estando grauemente | mulestado ia mariundo idezemparado medicos i corgioms iu | padre aiudalo abem morer recoreo a birgem Nosa S,ª | logo requparou asua saude nu anno de 1831

Matriz de S. Christovão de Rio Mau.

A retirada da sciencia impotente é mesmo accentuada ás vezes com um relêvo que attinge o sarcasmo no retabulo outr'ora existente na egreja da Penha de França, em Lisboa, onde o doente agradecia á omnipotencia celeste por se vêr livre de quatro facultativos [4]!

Como na antiguidade hellenica, cujas estellas exhumadas no Peloponeso davam conta das chagas, dos tumores, das ulceras, das paralysias, dos calculos, da hydropisia, da tysica, da mudez, da cegueira, da gravidez laboriosa e de tantos outros achaques curados no sumptuoso templo de Epidauro [5], os actuaes quadros votivos referem as

---

[1] *Esboceto* cit., pags. 41, 44 e 45.

[2] *Esboceto* cit., pag. 28.

[3] José Augusto Vieira, ob. cit., I, pag. 443.

[4] Suppico de Moraes, *Collecçam politica de apophthegmas memoraveis*, Parte II, Liv. II, pag. 240. Off. Augustiniana. Lisboa, 1733.

[5] Salomon Reinach, *Chronique d'Orient*, in *Rev. Archéologique*, IV, notas de pags. 78-81. Leroux ed. Paris, 1884.—O mesmo, *La seconde stèle des guérisons miraculeuses découverte à Epidaure*, in *Rev. Arch.*, V, pags. 266-8. Paris, 1885.—Lechat, ob. cit., pags. 141-50.

mesmas curas maravilhosas sob a protecção efficaz dos seus santos veneraveis. Poucos são os que se restringem a memorar vagamente uma molestia indefinida (fig. 9):

M.q.fes o Sr. naprizaõ. aM.el Fran.co Lixandre d. frg.a | de Nauais q tendo doente sua M.e e F.o ieste sem esperanssa deuida jadesenganado | a q. nao chegaua ao outro dia uiuo lembrace ele doS.r naprizaõ, rrecore aele | ocoal foi oSr sseruido ouvir os ceus rogos elogo teue milhoras ate ficar com sa- | ude pe rfeita oscoais uieraõ comprir ouoto premetido ao m.os Snr. 1819

Egreja da Misericordia. Povoa de Varzim.

M.q.f.N.S.d.P.e ã Joze Lovrenso dolvgar | da Prova frg.a d. Passo q.padecendo hũa grave | qveixa epegandose com adîta Sra ficov lî- | ber detoda qveîxa. anno d. 1796

Santuario da Peneda. Gavieira.

M.q.fes. N.S.P.S. Francisco a D Ma Thereza Locanno (?) desta va q. padeçen | do hvã crabe qveixa porespaso de 4a. logo q. resebo oSto abito | do serafico P. teve savde. estando desamparada demedicina humana, 1752 a.

Egreja de S. Francisco. Villa do Conde.

Milagre q.e fes N.a Snr.a | no anno de 1821 ao sar- | gento mor Ant.o Felipe | de Az.do Cout.o que estan | do em artigos de mor | te lhe ualeu eo cons | serua com uida

Matriz de Ancêde. Baião.

Geralmente annota-se a doença conforme o vocabulario popular. Assim a esterilidade morbida, que na Grecia antiga era objecto determinante de preces a Asclépios e de miraculoso deferimento [1], viu-se já ter ensejado actualmente a mesma sollicitação e, por fim, a devota conceber. Seguem-se os percalços do parto, da primeira infancia e a saude dos filhos:

M.QFes o Sr de Ma.tos a M.a da S.a, mer de M.el glza de Parada, q es- | tando pa parir com desmancho departo, de q perdeo o Iuizo, e foi tirada a Criança p- | ello Surgião, q com m.to traualho Sahiu aCriança com Vida, e a Maj foi dezemparada do- | s Surgioins não hauer Isperança deuida comhum flato torino, deq. tinha perdido o | s Sentidos, ela Com abbito em Sima desi uendo hum bizinho esta necessid.e Se apego- | u Com agente da enferma delhefazerem hũa Romaria todos descalcos, e a enferma | vestida com o abbito epezada atrigo ficou liure de prigo, e com Vida

Bom Jesus. Mattosinhos.

M,Q,F, o Sr datribvna a Jvze Lopes. dematvs de | Gatois q este de.vinosr foiserivdo de selembrar dasv | a nisidade, q teve hvm minino de, trinta etres dias | e a sim q. se pegov com odito Sor logo mamõem sva may foi | este em oanno d e 1759 años

Museu Municipal da Figueira.

Milagre q fîs S. Tîago a.hva de | vota dandelhe savde a. este me | nino estando cazi morivendo

Capella de S. Thiago. Povoa de Varzim.

M.Q.F.N.S.a do Bizo a Joze Benedito de Mateo | Q. tendo sva Filha douda lhede Joizo

Capella da Senhora do Vizo. Fontes (Penaguião).

As varias formas indeterminadas da loucura motivam referencias simplistas á

---

1 REINACH, *Chronique* cit. in *Rev.* cit., nota de pag. 79. — O MESMO, *La seconde stèle* cit., pag. 270. — LECHAT, ob. cit., pags. 147 (31) e 148 (34, 39 e 42).

«doudice phrenetica» [1], ou paineis onde o desgraçado, preso entre quatro homens, ainda é agrilhoado nas mãos e nos pés por solidas gramalheiras:

Milagre q.fes N.S.Dauabia aJose Cardo | zo P.º do Logar da lapinha concelho de S. Gusmado q. estando muito | duente e perdido do juizo prezo de pés i mans com ferro; chamandoce çua mulher | a nossa S. lhedeu saude.

Santuario da Abbadia. Terras de Bouro.

Fig. 7 — Do Santuario de S. Gonçalo. Amarante

O rheumatismo (fig. 10) e a hemiplegía entram naturalmente com grande vulto no quadro nosographico popular:

Milagre que fes N.S. dAbadia em D. | Maria deBaros, pela livrar de h | vmas grandes camaras, ano | de 1733 ã.

Santuario da Abbadia. Terras de Bouro.

M' q f' o s[r]' d Matvzinhos' aIozeta | Maria' deIezus' dasidade' doPorto' estan | bo' com hvm'romatismo' chamando' pelo' s' teve saude

Bom Jesus. Mattosinhos.

Milagre que fes a Milagrosa S.ta Rita de Cassia a Maria José Lopes | de Faria Molhado, achando-se aleijada de todo sem sepoder | mover, e voltando-se para a Milagrosa S.ta logo de um dia para | outro seachou sam de todo como senada tivese.

Egreja do Populo. Braga.

M.ce que fes o Sñr Bom JESVS dematusinhos a Joaquim Pr.a Roza da V.a do R.e Bispado | depernanbuco que estando com Euma Constipação dos membros Ecoaze estoporado | Sacramentado eungido Sem mais Remedio q. odomesmo S.r oinvocou ecobrou Saude ep.a memoria | dosfies mandou fazer este epollo em Sua S.ta Caza para fervor doserictamos (?) R.e 2 de M.co de 1764

Bom Jesus. Mattosinhos.

E por egual as doenças infecciosas se contam em numero, com a variada percentagem dependente da especialidade curativa do patrono:

Milagre que fez S. Vicente, a José Pires Machado Negocian- | te d'esta villa, pois que achando-se sua mulher, asim como | sua filha, doentes com a variola, este recorrendo ao milagrozo | Santo operou o Milagre

Capella de S. José. Barcellos.

M. q. fes. S. Bartolamev, aM[a] Ioãõ, de Alfena | dolvgar de Pvnhete, q estan do emfermade | maleitas, seapegov ao di.to S. logo teve savde.

Capella de S. Bartholomeu. Vallongo.

M. q. fes Este S.or A Manoel Frr Zeão da frg.a de S. P.º Fins de Frr.a | que estando Com hũa grande malinna Chmando se a elle Sea Chou bom | no anno de mil e Sete Sentos e Corenta e Cinco anos

Egreja do Horto. Povoa de Lanhoso.

---

[1] *Esboceto* cit., pag. 29.

Milager q fes NSra do Alivio a Mel Franco Praca | de Va de Cde onde tinha sua Mel de febre malinosa | de zengana de medico e svrgiam ia por tres vezes com avella | na mam recoreo a mai de Ds logo lhe mostrov este mila | gre em 2 de Dez° 1819

Santuario do Allivio. Soutêllo (Villa Verde).

M, q, fes Nossa Snr.a de Soccorro a Maria Ioanna do Socco- | rro etambem a Anna Thereza q'estando com malin | a hambas deduas irmais munto doentes recorrendo 1835

Capella do Soccorro. Villa do Conde.

Algumas hemorrhagias, com o pavor do seu espectaculo lancinante, dão logar a prolixas legendas em que a afflicção do enfermo, a amargura dos assistentes, certos signaes que annunciam a graça e o goso ineffavel do remate aquecem ardidamente o fervor da homenagem:

Merce q. fes N.S.ra da Comceição a M.el Nog.ra deste lvgar de Azvrar no | anno de 1720 estando doente, de doença q. lançava san- | gve pela boca e domingo de lazaro se fes ivnta pela ma- | nham e ávista deles botov 3 golpadas, de sangve eles sa- | pertaram com as mãos dizendo que só Deus podia acvudir- | lhe porq.to vinha do bofe, e logvo pegov com a S,ra da com | ceiçam lhe acvdise, e pelas dvas horas da noite nomes | mo dia aparesev hvm pasarinho de baixo do cortinado comt.° es | trondo q. fazia medo elogvo com a merce da D.aSra tem savde

Egreja de S. Francisco. Azurara.

Milagre q fes o Senh.ordeMatozinhos escipriano Ribero Dias morador noR,°delanro. Pois | botando treze horas sangev pella benta donaris direita etodo esgotado ia de- | sangve sem esperanssas devida comacistencea demedicos esvrigiois selembr- | ov od.to emfemo ter em sv podr hvma med.a do dto Senr.or Alanssov aopescosso com m.ta | fe easeguda volta damid.a estanco o sangve emilagroza mte escapov damorte deq | lovvo o sev soberano Senror delhedar vida p.a o servir. Hoie 1745

Bom Jesus. Mattosinhos.

O quadro comporta ainda a apoplexia e a meningite, o catharral e a nascida, a veia rebentada e até a cegueira, outras, muitas e variadas affecções de que, já agora, basta apenas archivar poucos exemplos [1]:

Milagre q fes o Senhor... (?) o pe Ma | rcalino Qvaresma darancada q o livrov de | hvma febre ardentisima em setembro 1727

Capella do Senhor das Barrocas. Aveiro.

M. que fez o Bom Jesus do Monte a João. Ribr.° da Fig.a de Souzella q estando doente | Com huma retenção ficou com saude no anno de 1785

Bom Jesus. Braga.

Milagre q Fez o Senhor domonte a Ant.° Luiz desza Ar° Menezes | Capão de Granadros do Regimto da Barca estando com hua febre e hua Retenção | Sem esperançadevida Recorrendo ao Bomjazus domonte logo foi livre daquelas | Molestias.

Bom Jesus. Braga.

M. q. fes S. Gonçallo, a Manuel, J.e G.lz da rua do Covêllo, q. estando a morte com huma rotura | a quatro dias se não podia recolher; e os m.mos facultativos promptos p.a se lhe fazer operação, o enfermo se | apegou com devoção ao d.° S. Gonçallo e a rotura se recolheu sem ser nr.° mais deligencias dos facultativos

S. Gonçalo. Amarante.

---

[1] Cumpre notificar que não são incluidas no texto outras e numerosas epigraphes recolhidas pelo A., evitando-se d'est'arte avolumar o presente estudo com materiaes carecidos de novidade essencial.

M.q.fis oS.^or^ doOrto A- | tiedozio deAr.^o^ deta | frg.^a^ tendo hvã· grande | qveicha emaboca dezenp.^o^ | dos m.^os^ esô este S.^or^ olibrov.

Egreja do Horto. Povoa de Lanhoso.

M.q.fès oN.P.S.Francisco aRoza Maria desta | villa.q.estando emferma de hvm erzipilaõ ma- | linno, ella recvrev ao dito S.^to^ e logo. tive sade | no anno de 1746

Egreja de S. Francisco. Villa do Conde.

Milagre q fes o S.^or^ do Monte a An.^to^ Joaquim Fer.^a^ Braga estando | com hua peloura se apegou com o Senhor lhe deu saude como dantes

Bom Jesus. Braga.

Fig. 8 — Da capella da Senhora de Ayres. Vianna do Alemtejo

Milagre q fez a S^a^ do Porto dAve na RM. Maria Thomazia Religiosa de Santa Clara da V.^a^ de G.^es^ q estando gravemente com | huns flatos q lhe costumavão dar; e aleyjada de hua mão de sorte q não podia abrir os dedos e tambem hũpé, q se não mexia | e tendo de vespera levado 4 sangrias por causa da d.^a^ mollestia; amanhecendo no dia 28 de setembro | com dor q lhe deo de noite, de q estava sem sentidos; envocarão algumas religiosas que ahi se achavão a d^a^ s^ra^ por milag^re^ a mesma se pos | repentinamente a pe livre de toda a mollestia

Santuario da Senhora do Porto de Ave. Povoa de Lanhoso.

O Capitão da Escuna — Ermelinda — José Rodrigues Sampaio tendo sido atacado de uma grave enfermidade d'olhos, que o tinha | tornado quasi cego, na occazião em que seguia viagem do Rio Grande do Sul para Londres, attenuando a sua molestia | a trabalhosa viagem de 104 dias daquelle para este porto, conseguio por auxilio do Senhor da Saude chegar a salvamento ao porto | do seu destino, motivo porque pendura das paredes d'este Sanctuario este testemunho de gratidão.

Capella do Soccorro. Villa do Conde.

Ora não se adstringem ás massas populares estas manifestações gratulatorias, como era possivel inferir-se da cacographia das legendas e da barbaríe pictural. Alguma

coisa perdura, realmente, de humilhante para os homens ao constatar-se que a sua credulidade nada diminuiu ha mais de dois mil annos [1]: mesmo as classes convencionalmente cultas buscam por vezes n'esta excrescencia do sob-solo pagão a forma de exteriorisarem a sua expansão agradecida. É um estudante:

Milagre que santo an^{to} fes: a este estudante: que estaudo es | tancandoce: deçangue: chamou: pelo S^{to} elle lhe acudio conaçaude

Santo Antonio dos Esquecidos. Braga.

É um cirurgião:

M. q. fes N. S.^{ra} dãchada a M.^{el} da Fon.^{ra} Gomes | cirvg.^{am}, estando p.^{a} morrer de hvmasv | pessam de vrinas, mes de nob.^{ro} 1720

Senhora da Achada. Villa do Conde.

São os clerigos (fig. 11):

M q f oS^{ro} dMatz^{os} aeste clerigvo dasid^{e} do- | Porto q estando grabe m^{te} emferm recorr- | eo aod^{o} s^{ro} e logvo teve savde no ano de 1753.

Bom Jesus. Mattosinhos.

M. q. fes asnr^{a} St^{a} Barbara | ao rd^{o} p.^{e} Franc.^{o} capellão mor desta fortalleza | era 1813

Capella da Senhora do Castello. Povoa de Varzim.

Milagre que fez o Sr. do Bom Jesus ao P.^{e} Manoel | Villa-chã Pinheiro, da Freguezia de Fão em | Julho de 1881

Santuario do Bom Jesus. Fão.

M. qve fes omenino Iezvs ao | P.^{e} F. Agos^{to} valendoce dosev amp | aro em hva grave emfirmidade

Egreja do Menino Deus. Barcellos.

É ainda este homem nobilitado que manda expôr um painel onde, na epigraphe, se interpõe o brasão, e do qual só persistem actualmente a corôa e o contorno do escudo:

Milagure q. ffes N. S.^{a} da Badia e S.^{ta} Rita de Cacia, a Luis de Sequeira | Machado de Miranda e Azevedo Cunha egusmam, da Caza da Brea, | da ffrg.^{a} de Vermoim, termo de Barcelos, q. estando gravemente emfermo, | Sem es peranças de Vida pormuitos Remedios q. tomou, se apegou Cum- | grande devoção effé aMesma S.^{a} e S.^{ta} Rita de Cacia, Só assim achou alivio | no Anno de 1789.^{as}

Santuario da Abbadia. Terras de Bouro.

Certo, entretanto, que em alguns retabulos já affastados a mesma intenção se expandia sob uma forma artistica mais culta. Uma pintura em taboa do Museu das Janellas Verdes, e que fôra do mosteiro de Palmella, figura um cavalleiro de S. Thiago ajoelhado, com o elmo ante si e fazendo voto, divisando-se ao fundo grupos de cavalleiros mouros e christãos aprestando-se para a liça [2].

Outro retabulo, gravado e esmaltado em bronze e pertença da Cartuxa de Basilea, tem a proveniencia heraldica da casa dos duques borgonhezes. Na metade superior avulta a Piedade sob a cruz, vendo-se atraz varios anjos com os instrumentos da Paixão, á direita Santa Isabel e á esquerda o padroeiro da casa de Borgonha. Em frente

---

1 REINACH, *Chronique* cit., in *Rev.* cit., pag. 81.

2 *Centenario do descobrimento da America. Memorias da Commissão portugueza,* nota de pag. 12. Typ. da Acad. Lisboa, 1892.

e de joelhos estão o duque Philippe o Bom, o filho Carlos o Temerario, a duqueza Isabel e os filhos d'esta, mortos novos, cada qual armoriado. É um quadro votivo de primorosa arte borgonheza [1].

Mais taboas, por fim, da mesma indole ultímam a prova da extensão d'essas demonstrações de reconhecimento e crença em toda a escala social. Assim é que na Sé de Evora quatro pinturas em madeira celebram o voto de Affonso IV a proposito da jornada de Salado. N'uma o monarcha faz o voto antes de se partir contra a Mourama; na segunda representa-se a sahida; n'outra chega o rei entre homens de armas com o principe sarraceno prisioneiro; e na ultima cumpre o voto promettido [2]. A alguns millenios de distancia, n'outras civilisações e perante outras divindades, este remoto monarcha portuguez e as longinquas magestades do Oriente da mesma sorte assignalavam a crença e a cubiça!

Fig. 9 — Da egreja da Misericordia. Povoa de Varzim

A ininterrupção do uso dos retabulos votivos apura-se nas allusões dispersas pela litteratura mystica e historica. Nos primeiros seculos da Egreja — conta um escriptor catholico com a parcialidade sectaria tradicional e caracteristica — ao tempo das peregrinações iniciaes, agradeciam-se beneficios, extincção de flagellos e curas miraculosas suspendendo das paredes das capellas certas inscripções narrativas acompanhadas, ás vezes, da representação pictorica dos milagres. Estas foram a origem, explica o exegeta, dos ex-voto que ornam a maioria das egrejas francesas [3]! As referencias depois emergem a proposito de obras artisticas, de acontecimentos historicos e de sentimentos piedosos.

Mas subsistem retabulos a contar principalmente do primeiro quartel do seculo XVIII, e porventura do seculo anterior [4], deteriorados, removidos e substituídos, como hoje se pratíca, os mais antigos, e conservados os de melhor estado, os mais recentes e os mais miraculosamente interessantes. A pretexto do celebre milagre da Senhora do Cabo da Roca a noticia parochial elaborada nos primeiros annos da segunda metade do seculo XVIII referia que o milagre alludido o vira muita gente n'um quadro estampado na egreja, o qual, com outros, o tempo consumira [5].

---

[1] ALFONSO HINCKER, Noticia bibliographica sobre um artigo de E. A. STÜCKELBERG, in *O Instituto*, vol. 49, pag. 125. Imp. da Universidade. Coimbra, 1902.

[2] GABRIEL PEREIRA, *Estudos eborenses*. VII, *Bellas-Artes*, pag. 20. XXIII, *Evora nos Lusiadas*, pag. 6. Evora, 1886 e 1890.

[3] L. F. JÉHAN, *Dict. des origines du christianisme* (tom. XV da *Encyclopédie théologique*, de Migne), pags. 1108-9. Paris, 1856.

[4] O A. teve noticia deficiente e vaga de retabulos votivos populares do sec. XVI ainda subsistentes, mas não logrou examinar nenhum.

[5] *Exts. archs.* cits., in *Arch.* cit., pag. 154.

As actuaes *tabulæ votivæ* portuguesas, hespanholas [1], italianas [2], francesas [3], outras mais, successivamente se enlaçam através dos depoimentos historicos e artisticos, louvando as graças divinas de passo que elevam sobretudo a fortuna suprema da saude e da vida. Assim, em modestas ermidas ignoradas ou nos grandes santuarios em voga e desde as villas e cidades littoraes aos remotos burgos serranos, estes tributos de veneração agradecida em honra e para gloria de Deus são ainda o echo pouco alterado dos padrões que, ha mais de vinte seculos, já pregoavam as divinas faculdades curativas dos deuses de então. Como os santos catholicos, advogados alguns das enfermidades mais vulgares, tambem as divindades pagãs, secundarias ou proeminentes, se especialisavam nas virtudes: as Anygridas libertavam das affecções de pelle e Diana, em Epheso, curava as doenças dos olhos!

A grande figura, comtudo, dos tempos hellenicos era Asclépios e, subordinadamente, sua filha Hygia—não raro figurada junto ao leito do deus e ambos recebendo as acções de graças d'aquelles sobre os quaes descera a piedade divina [4]. Na sua magestade soberana, porém, Esculapio surgia de pé, semi-nú, laureado e apoiando-se no bastão onde colleava a serpente [5].

Nos santuarios catholicos é preferentemente a Christo ou á Virgem, á mãe e ao filho, que se dirigem os louvores—com profusão nos grandes templos de affeição e de credito, mais escassos nas capellas humildes e remotas. Ora dominando a celebridade de Epidauro sobre a d'outros templos, como os de Tricca, de Cós, de Cnide [6], de Messena, de Cyrena, de Thelpousa [7], de Lebena [8], de Athenas [9] ou de Tinos [10], nem por tal os retabulos votivos, em menor numero, deixaram de expressar, com o mesmo ardor os mesmos hymnos.

As estellas que rodeavam o templo famoso da Argolida formavam, além d'uma decoração interessante para o terreno sagrado [11], um memorial e uma historia das curas

---

1 *Esboceto* cit., pag. 42.—TH. PIRES, ob. cit., pag. 7.—Na cathedral de Orense é vivamente apreciado pela devoção popular o *Milagro* que, na tenebrosa capella do Santo Christo, exhibe e historía uma horrenda catastrophe.

2 P. SÉBILLOT, *Le folk-lore des pêcheurs*, pag. 92. Maisonneuve ed. Paris, 1901.

3 SÉBILLOT, *Études maritimes*, pag. 16. Vannes, 1890. Um dos quadros votivos a que o auctor allude diz respeito ao ataque d'um polvo monstruoso de que escapou uma embarcação bretã á vista da costa de Angola.—O MESMO, *Légendes, croyances et superstitions de la mer*, II, pag. 310. Charpentier ed. Paris, 1886.

4 DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Æsculapius*, de FELIX RUBION, I, pag. 125.

5 REINACH, *Répertoire de la Statuaire grecque et romaine*, II, pags. 31-7 do 1.º vol., e 611-2 e 780 do 2.º; III, pags. 11-3 e 228-9. Leroux ed. Paris, 1897-8 e 1904.—Além da estatuaria a iconographia do deus completa-se com documentação, aliás diminuta, buscada na nummaria e na glyptica.—Sobre os attributos do deus cumpre vêr mais: REINACH, *Les chiens dans le culte d'Esculape*... in *Rev. Arch.* cit., IV, pags. 131-5. Paris, 1884.—LECHAT, ob. cit., pags. 90-3 e 156.

6 GROTTE, ob. cit., pag. 204.

7 LECHAT, ob. cit., pags. 23, 24 e 35.

8 J. TOUTAIN, *Bul. arch. de la Relig. grecque*, in *Rev. de l'Hist. des Relig.* cit., tom. cit., fasc. 3.

9 REINACH, *Les chiens* cit., pag. 133.

10 HUBERT DEMOULIN, *Les fouilles de Tinos*, in *Annales de la Société Archéologique de Bruxelles*, XIX, livs. 1 e 2, pag. 202. Vromant & Cº eds. Bruxelles, 1905.

11 GROTTE, ob. cit., pag. 207.

prodigiosas que, já antes de Troia, enalteciam as virtudes e a omnipotencia do deus. O santuario erguia-se n'um valle, cercado de montanhas vestidas de thymo, myrto e oliveiras [1] e vedado por muros que cingiam ainda os edificios destinados para as festas e os bosques umbrosos sob os quaes passeavam doentes e romeiros [2].

Todos os outros templos da mesma invocação, como ao deante e agora muitos santuarios christãos, eram edificados em comoros onde o ar saneado pela vegetação e

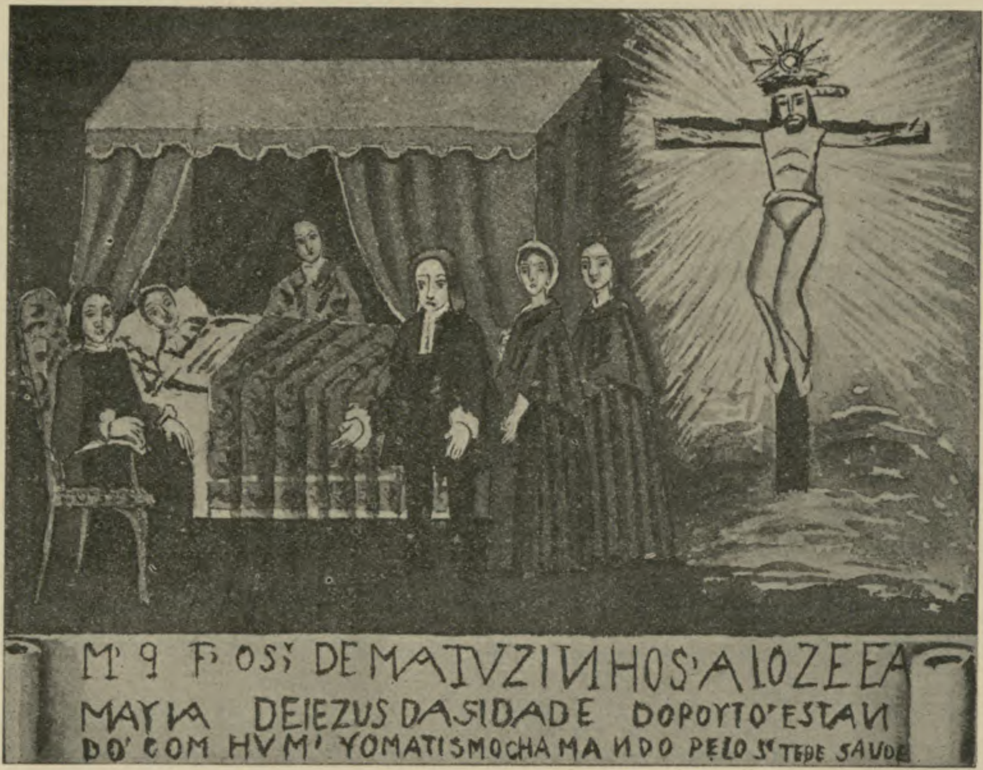


Fig. 10 — Do Bom Jesus. Mattosinhos

altitude e as aguas limpidas ou mineraes do logar, tornavam efficazmente salubres [3] essas estancias de cura e de fé. Em periodos certos as solemnidades a Asclépios attrahiam uma affluencia extraordinaria provinda de todo o mundo antigo conhecido [4]. E habilmente os padres juntavam os doentes á multidão para assistirem deslumbrados, como agora em Lourdes, a algumas curas surprehendentes [5].

Aos banhos frios, primacial elemento curativo [6], seguiam-se os jejuns, os quaes,

---

[1] LECHAT, ob. cit., pag. 37.

[2] HERTZBERG, ob. cit., pag. 213.

[3] VERCOUTRE, *La médecine sacerdotale dans l'antiquité grecque*, in *Rev. Arch.* cit., VI, pag. 274. Paris, 1885. — DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Medicus* de SALOMON REINACH, III, 2ª part., pag. 1671. Paris, 1904.

[4] HERTZBERG, ob. cit., pag. 213. — LECHAT, ob. cit., pag. 233 e segs.

[5] VERCOUTRE, ob. cit., pag. 276.

[6] HERTZBERG, ob. cit., pag. 213.

com a obsessão da doença, a divina arte e sumptuosidade dos templos, a fascinação do grandioso certamen e a ardente fé em Asclépios, preparavam admiravelmente para o exito dos sonhos [1], e, como ainda hoje, para a eclosão das allucinações [2]. Com a arte de tratar adquirida pelos padres, a principio por meio de simples, sonhos provocados, sortilegios e apparições, e muito mais tarde, em virtude do scepticismo crescente, já com a applicação dos recursos medicos que a experiencia revelára [3], a reputação do templo de Epidauro e d'outros menores mantivera-se durante seculos com a fama das curas e a opulencia e fulgor das offerendas preciosas devidas á liberalidade reconhecida dos doentes [4]. Os padres sabiam bem que nada emociona e fortalece a confiança dos homens como o poder mysterioso que restitue a saude [5].

Fig. 11—Do Bom Jesus. Mattosinhos

Florescendo nos tempos do imperio romano, a ulterior deslocação da imagem de Epidauro para uma ilha do Tibre [6] accelerou a dispersão dos crentes para os templos secundarios, d'entre os quaes o Asclepieion de Cós já promovera a famosa escola grega de medicos [7] e onde remotamente, segundo uma tradição antiga, aliás controvertida, Hippocrates obtivera uma parte do seu saber estudando os registros dos casos nas inscripções votivas [8]. Com melhor ou peior fortuna a concorrencia dividiu-se: o santuario de Pergamo alcançou quasi a fama do templo de Epidauro [9]; e Asclépios, na Asia Menor, renovava os milagres da estancia insigne do Peloponeso [10].

---

1 DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Incubatio*, de HENRI LECHAT, III, pags. 458-60.—LECHAT, ob. cit., pags. 128 e 155.—O insigne publicista sr. PEDRO A. DE AZEVEDO, na sua magnifica communicação intitulada *Os tremedores em Portugal no seculo XVI* e inserta na *Portvgalia*, II, fasc. 1, pags. 103-7 (Porto, 1905) allude a um antigo costume de os romeiros dormirem nos templos, o que constituía um dos principaes attractivos de que a religião e os santuarios catholicos dispunham para chamarem o publico. Assignale-se o parallelo.

2 VERCOUTRE, ob. cit., pags. 279-80.

3 REINACH, *Chron.* cit., pag. 82.

4 VERCOUTRE, ob. cit., pag. 276.

5 VERCOUTRE, ob. cit., in *Rev.* cit., VII, pag. 109. Paris, 1886.

6 Actualmente vê-se uma egreja e um hospital no logar onde se edificára o templo pagão. Ainda ahi se celebra todos os annos, a 30 de desembro, uma solemnidade religiosa; em honra de Esculapio realisava-se outr'ora a 1 de janeiro: de sorte que, no espaço de 15 seculos, deslocou-se 2 dias! G. LAFAYE, *Les découvertes en Italie. Bulletin de 1886*, in *Rev. de l'Hist. des Relig.* cit., XVI, pags. 342-3.—MARQUARDT, ob. cit., nota 2 de pag. 76.

7 REINACH, *Les fouilles de Cós*, in *Rev. Arch.* cit., III, 4.ª serie, pag. 130. Paris, 1904.—DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Medicus* cit., pag. 1670.

8 REINACH, *Chron. d'Or.*, in *Rev. Arch.* cit., II, pag. 397. Baer ed. Paris, 1883.—VERCOUTRE, ob. cit., in *Rev.* cit., VII, pag. 118.

9 MAX. COLLIGNON et E. PONTREMOLI, *Pergame*, pag. 47. H. May ed. Paris, 1900.

10 COLLIGNON, ob. cit., pag. 48.

Tambem modernamente o desvío e as modas da fé denunciam, na credulidade humana, a mesma ondulante instabilidade, occasional, caprichosa, inconsciente ou provocada que diminue a attracção pela Virgem do Pilar em Saragoça, ou por S. Thiago, em Compostella, e que subalternisa La Salette e avulta Lourdes. Na facecia popular a «Senhora do Sameiro foi o Diabo que appareceu ao Bom Jesus do Monte». Este offusca ainda os santuarios mais modestos do Pilar, de Porto de Ave, da Abbadia e do Allivio. Outros competidores, S. Torquato e S. Bento da Porta Aberta, a Senhora da Agonia e a da Peneda, mais distantes, concorrem, antes que esmoreça a esperança e a tradição, com o rumor bem proclamado das suas festas e seus feitos; mais tarde Santa Luzia, em Vianna, e a Penna, em Guimarães, entrarão na briga para lograrem adhesão e clientes.

Já na Grecia tambem, ao introdusirem o culto alheio de Cybelle, os velhos sacerdotes lhe opposeram a mais viva resistencia; assim succedeu pouco depois com a introducção do Dyonisos Phrygio e, mais tarde, com a das divindades medicas egypcias [1], outras concorrentes attrahindo a credibilidade publica, principalmente a feminina, com a pompa dos templos e o brilho das festividades [2], e d'est'arte creando e firmando novas crenças, ardentes esperanças e opimos proveitos.

Os logares escolhidos para a edificação dos santuarios, as agoas milagrosas que lhes andam adjunctas, as solemnidades periodicas, a exhibição das curas assombrosas, as allucinações que desvendam e approximam as divindades, a multiplicidade das offerendas que engrandecem os templos e alfaias, a especialisação dos attributos e poderes divinos, as novas modas dos novos deuses, constituem ainda, como outr'ora, aspectos da eterna e universal ficção que estabelece semelhantes relações entre o homem e a omnipotencia sobrenatural de que julga depender. Ora os retabulos que glorificam Deus memorando a doença ou a catastrophe subjugadas não são mais do que outro pormenor sobrevivente.

Porto. Maio, 1905.

Rocha Peixoto.

---

[1] Vercoutre, ob. cit., in *Rev.* cit., VII, pags. 112-5.

[2] O exemplo moderno mais patente da mutação do fervor religioso observa-se no olvido de antigas e numerosas devoções locaes, ou sequer na restricção da affluencia e proventos, do mesmo passo que espantosamente se generalisou o culto ao coração de Jesus, intensamente propagado, como se sabe, pela politica reaccionaria.

As Póvoas marítimas do norte de Portugal

PRÓLOGO

Nas vilas rurais, constituidas sob o domínio de Roma, fundou-se em bases sólidas e nas principais formas a cultura da terra; sistematizada, ficsou-se com tal firmeza que jamais se interrompeu, avançando e melhorando sempre. O trabalho do mar pelo contrário só passados muitos séculos se organizou.

Num estudo precedente [1], foi possível rastrear desde as orijens a filiação histórica da propriedade rural e os diversos graus de desenvolvimento; da navegação porém são muito mais escassos os testemunhos que nos restam, quer do ponto de partida quer das suas fazes sucessivas. Apesar disso, devemos coliji-los com o maior cuidado. Não raras vezes uma afirmação social nos parece simples creação de momento, quando por trás dela há já o labor obscuro de muitas gerações. Que um conjunto de ideas e factos observados esteja latente por larga diuturnidade, não é razão para lhe passarmos por cima a esponja do esquecimento. Sementes muito enterradas germinarão com vigor, se um acidente as trousser mais á superfície do terreno, de ante-mão preparado.

As duas actividades mais culminantes da nação, a lavoira e a arte de navegar, manifestaram-se em épocas bem distanciadas. A primeira, remontando aos tempos antigos, cedo se desenvolveu e radicou. A segunda atinje apenas um certo aperfeiçoamento e importáncia decisiva pouco depois da independéncia do condado portugalense; e os elementos primordiais vagarosamente adquiridos não foram com certeza de somenos valor no século XII, na ocorréncia das circunstáncias económico-políticas que impeliram a população neste rumo.

Chamaram-se então «Póvoas» os grupos urbanos, nascidos em geral á sombra dos forais, outorgados pelos reis da dinastia borgonhesa, ou por entidades sucedáneas da corôa. Houve-as no interior e na costa; nestas, as que nos preocupam agora, brotaram e progrediram a pesca e navegação do alto-mar; não obstante excluir-se a narração detalhada da vida de cada uma, êsse nome ajustava-se melhor que qualquer outro a ser o termo determinante no título do presente opúsculo, por exprimir com assás transparéncia onde e quando a nova enerjia se revelou.

---

1 *As «vilas» do norte de Portugal,* pelo autor. No t. I da *Portvgalia* ou na edição separata.

A área das nossas investigações, convém todavia notar ainda, fica limitada a uma pequena parte do litoral, á compreendida entre o rio Minho e o Vouga. É dela que nos ocupamos, ou seja antes da fundação da monarquia ou depois, sobretudo até Afonso III. Mal se obteve aqui a segurança suficiente com a tomada de Lisboa, a actividade marítima, por motivos que serão indicados com as suas conseqüências, não se demorou a tomar uma rápida e inesperada expansão.

Embora no futuro êste movimento suba ao auge da glória no centro do país, nem por isso o do norte, sem brilho mas principiando antes da conquista de todo o solo nacional, deixará de interessar á história do povo português, pois é o seu primeiro embarque nessa longa e trájica viajem.

CAPÍTULO I

DESDE OS TEMPOS PROTO-HISTÓRICOS ATÉ AOS NOVI-GODOS

A costa do norte de Portugal, com fraca altura de mar cheio de parceis, com a arrebentação a considerável distância e de difícil abordo por temporais, carece de condições favoráveis á navegação; os rios que a sulcam, embora numerosos, exceptuado o Douro, são de pequeno volume; em toda, faltam elevações protectoras dos portos baixos, estreitos, tortuosos, no meio da penedia á flor da água; e o seu contorno, quási rectilíneo, sem chanfraduras que entrem pela terra dentro em baías abrigadas, estende-se debruado por um areal, mais ou menos largo, ora plano ora com montículos bastante elevados, consoante as circunstâncias locais. É assim na actualidade: o mesmo porém não se pode dizer do passado. Apesar de nunca se terem executado nesta zona arenosa trabalhos seguidos, que nos elucidem a seu respeito, todavia pelos factos observados nalguns pontos temos a certeza de haver sido bem diferente. Num estudo anterior [1], já notámos que no litoral de Vila de Conde as areias cobrem terreno fértil, de cultura não muito remota, testificada por paredes de vedação e casas perdidas nas dunas; e não é raro na verdade obter aí terra humosa em excavações a baixa profundidade. Na Póvoa de Varzim, limítrofe, um acaso feliz pôs a descoberto as ruinas, soterradas na praia, duma vila rural da época romana, cuja significação em todas as suas ramificações é exposta na sábia monografia, que o Sr. Conselheiro José Fortes acaba de publicar [2]. O ilustre arqueólogo, além do estudo meticuloso dos objectos encontrados, presta-nos mais sobre esta parte especial as seguintes valiosas informações—«Advirta-se no entanto que não é unicamente aqui, neste conciso trecho do litoral povoense, que afloram indicios ineluctaveis de uma vida intensa de velhas gerações... Ao norte a designação toponimica de *Praia das Mós* promette revelações identicas a quem puder revolver e perscrutar-lhe demoradamente o terreno. Nas proximidades da capella de Santo André, Abremar, apparecem pelo chão fragmentos de ceramica de aspecto lusitano-romano» [3]. Seguindo na

[1] *As «Vilas» do Norte de Portugal*, pelo A., ed. separata, pájina 53.

[2] *Restos de uma villa lusitano-romana*. Porto, 1905.

[3] José Fortes, ob. cit., páj. 18-19. Na ortografia de «Abremar» o erudito autor, abandonando a dos letrados «A ver o mar» ou «A-vê-lo-mar», preferiu a lição do povo, que pronuncia do primeiro

mesma direcção, apontam-se a miudo indicações de se ter efectuado a maior força do assoreamento tanto em Fão e Espozende, como no distrito de Viana, em eras históricas e recentes nalguns sítios [1]. As condições do litoral apresentam-se agora muito diversas das existentes entre os romanos; em vez de areias estéreis, cobria-o terra produtiva, que se retalhou em vilas rurais; delas fazem menção os documentos da alta Idade-Média, quer nas fozes dos rios, quer junto de pequenas angras [2]. Que a planície, hoje banhada pelas ondas, era económicamente aproveitável no domínio de Roma, deduz-se das investigações hodiernas. Na Póvoa de Varzim sob uma duna de três a quatro metros, não contando os seixos rolados e terra arenosa, mostra-se a antiga camada produtiva de 50 cm. de espessura. O autor referido supõe «o avanço das areias, determinado por um prezumivel abaixamento da costa» [3]: dado êste fenómeno, lentamente operado, mal nos podemos representar a sua configuração passada; ¿mas seria êle só o factor do assoreamento, tal como o vemos? Sem querer de modo nenhum entrar numa questão que exije conhecimentos especiais, seja-nos lícito considerar o seguinte: antes da subjugação dos castros fronteiros, quando as populações viviam ali, essa planície estava com a maior probabilidade inculta, e porventura estaria guarnecida de matagais e arvoredo: se foi assim, ¿o corte das matas, indispensável á agricultura metódica, introduzida pelos romanos, não destruiria o unico dique capaz de prender o areal na facha das marés?

Em remota antiguidade, esta costa fizera parte da Ofiuza dos Oestrímnios, e o mar adjacente fôra a estrada do estanho do Cornoalhes para o Mediterráneo, aberta pelos tartessios, freqùentada por êles, pelos albiões e depois pelos fenícios [4]. Essas navegações discutidas e comentadas com a vasta erudição do falecido Sr. Fr. Martins Sarmento, basta indicá-las, porque excedem os limites do estudo presente.

Principiaria êste com os tempos proto-históricos, se densas trevas nos não ocultassem os dados positivos, ainda os mais elementares ou de carácter genérico. Mas no estado actual das nossas informações é obscuro, se os habitantes das citánias próssimas do mar, quando foram vencidos pelos romanos, se entregavam ou não a qualquer navegação oceánica. As notícias demasiado lacónicas de Strabo não nos fornecem declarações explícitas, e nos demais escritores não as há. Por outro lado, as ruinas dessas

---

modo com o sentido claro de «Abra do mar», angra ou barra; e de facto aí perto houve, segundo a tradição, um pequeno pôrto, localidade que ainda hoje se chama Pôrto-Carreiro. Igual orijem deve ter «Lavra» (freg. do conc. de Bouças) escrita «labra» no n.º 12 dos *Diplomata et Chartæ Portugal. Mon. Historica,* provindo o «l» do artigo antigo (La-Abra).

[1] Sobre o assoreamento da costa no distrito de Viana, cf. o sr. Figueiredo da Guerra, na *Portvgalia,* t. I, pájs. 610-612. — Argote, *Memorias para a Hist. Ecl. do Arceb. de Braga,* t. II, doc. VIII, resposta á pergunta IV.

[2] Tais são, entre outras, a v. *matesinus (Dipl. et Ch., P. M. H.,* n.º 274), v. *leza (Ib.,* n.os 277, 288), v. *pinidello (Ib.,* n.os 453, 501, 932), v. *de comite (Ib.,* n.º 67), v. *euracini* ou *uerazini (Ib.,* n.os 67, 281), v. *fano (Ib.,* n.º 77), etc.

[3] José Fortes, ob. cit., páj. 19.

[4] Cf. Fr. Martins Sarmento, *Ora Maritima,* Estudo s. a obra de Rufus Festus Avienus, 2.ª ed., pájs. 77, 95, *passim.* As longas viajens dos tastessios no Oceano atlántico são mencionadas pelo sr. Gustav Oppert — «*Tharshish und Ophir*», na Zeitschrift für Ethnologie, 1903, páj. 59, n. 30,

residéncias citanienses não foram por emquanto submetidas a explorações completas: talvez um dia descubram o segredo que nos enleia: no entretanto a mudez dos reconhecimentos até hoje empreendidos, deixa-nos neste ponto na maior obscuridade. Só sabemos com certeza, que após a sujeição do noroeste peninsular ás armas de Augusto, as populações costeiras aceitaram a civilisação dos vencedores; descendo do cimo dos montes, vieram estabelecer-se nas terras baixas, aptas para a lavoira — em vilas rurais, com evidentes características da sua fundação no governo de Roma, como todas as outras da província, segundo julgamos ter demonstrado no estudo acima aludido [1]: e o exame minucioso, feito pelo Sr. Conselheiro José Fortes [2] nos restos das casas e objectos encontrados na estação arqueolójica da Póvoa de Varzim, revelou uma residéncia com gente provinda duma citánia sob a influéncia dos conquistadores; — dous factos que foram distinguidos pelo ilustre arqueólogo com grande clareza e saber técnico.

Dessem os romanos á navegação impulso igual ao empregado no fomento da agricultura, teriam deixado naquela os mesmos fundos traços com o correspondente poder progressivo, como nesta: e por força, na costa ou nas marjens dos rios perto das barras, multiplicar-se hiam grupos urbanos, onde ela pudesse exercer-se, o que aliás não consta de nenhuma fonte.

As únicas povoações, vezinhas do mar, existentes então, eram «Calem» e «Portucale». Menciona a primeira o Itinerário de Antonino [3], que data do princípio do século IV, como a ultima estação da estrada de Lisboa a Braga. Da segunda dá-nos um cronista do país, ao terminar o período romano, informações elucidativas; no ano 456, refere Idácio [4], que Teodorico, rei dos godos, entrando na Hispánia, derrotara o suevo Rechiar, junto do Orbigo, a dez milhas de Astorga; o vencedor marchou sobre Braga que saqueou, e o vencido fujiu — «ad extremas sedes Gallaeciae — ad locum qui Portucale appellatur»; em 457 — «Ariulfus Portucale moritur»; e em 459 Maldras, depois de assassinar o irmão — «Portucale castrum idem hostis invadit». — Idácio, homem culto, conhecedor do país, embora exajerasse certas descrições excitado pelo ódio aos estranjeiros, sabia muito bem que a Gallaecia terminava no Douro; e por isso o «Portucale locum», colocado por êle nas «extremas sedes» desta província, é claro, não podia ficar senão na marjem direita, onde ela acabava. Consoante está dizendo o primeiro elemento da sua denominação «portu», êsse «locum» era o pôrto que servia a Calem ou Cale da banda da Gallaecia, ao norte do rio; e sem fortaleza, pois o escritor contemporáneo claramente o distingue do outro, munido de «castrum», contraposição que se deve julgar tanto mais intencional, quanto repetidas vezes o autor fala dos «castra» e «castella», onde se refujiavam os hispanos, quando os invasores se tornavam intratáveis. O «Portucale castrum» pelo contrário demorava na vertente esquerda, e em sítio elevado, porque só nestes se construiam os castros: adiante em ensejo oportuno indicaremos a sua situação; por agora, basta considerar que Calem ou Cale teria sido na orijem uma citánia lusitana, erijida em qualquer cerro, e depois

---

[1] *As «Vilas» do Norte de Portugal*, pelo A.
[2] Obr. cit., *passim*.
[3] Ed. de G. Parthey et M. Pinder. Berlim, 1848, páj. 200.
[4] *Chronicon*, na *España Sagrada*, t. IV, an. cit.

aproveitada pelos romanos para a estação, da qual, localizada no alto, vinham os passajeiros embarcar em baixo; e como estava ligada sem interrução com o embarcadouro, não é presumível que se formasse no fundo, por desnecessária, uma povoação semelhante á da marjem direita. O «pôrto», porém, avultava tam singularmente, que já no princípio do século v, em vista do texto idaciano, tinha operado a mudança do nome primitivo do Itinerário—mudança explicável pela influência determinante que o embarque representava nas funções da estação; e por tal motivo, «portus» veiu a preficsar-se no topónimo orijinário. Mas no tempo do nosso cronista, a antiga citánia romanizada voltou, visto o epíteto «castrum», a ter fortificações, as quais, é de supor, seriam recentes, levantadas por causa da chegada dos povos germánicos.——Assim, no rejime romano, em qualquer alto da vertente esquerda do Douro ficava a derradeira estação da estrada de Lisboa a Braga, chamada «Calem» no Itinerário de Antonino e em Idácio «Portucale castrum»: á direita formara-se uma povoação marjinal, em sítio capaz de ser fácilmente atracado pelos barcos, que completavam a via interrompida pelo rio, e indispensável, quer para abrigar os passajeiros do norte quando por força de temporal a travessia exijisse demora, quer para entreposto das mercadorias da Gallaecia; era o «Portucale locum» de Idácio, em cuja vida não existia ainda a sé: e dêste lado, entre os romanos ou no ocaso do seu govêrno, não consta ter havido nenhuma outra povoação.——Os dous «Portucale», adstritos ao serviço da estrada, completavam-na pelo transporte fluvial das pessoas e mercadorias, pouco ou nada se ocupando de empreendimentos marítimos, aliás nas duas marjens até á Foz se encontrariam ruinas de construções apropriadas.

Esta falta, indício sujestivo da pequena freqùentação do mar no litoral adjacente, contrapõe-se dum modo impressionante aos restos existentes da estrada referida e das quatro lançadas de Braga a Astorga, cuidadosamente conservadas, segundo mostram os numerosos miliários, datados de diversos reinados imperiais. Cumpre, todavia, notar que entre essas, cujos cruzamentos faziam a rêde de comunicações das principais cidades da Gallaecia, havia uma, indicada no Itinerário de Antonino com a epígrafe—«Item per loca maritima a Bracara Asturicam». Argote [1], em face do título e da contajem parcial por estádios, atribuía-lhe uma secção por mar, com a primeira estação naval, cuja identificação não conseguiu, «Aquis Celenis», se o era, na embocadura do Cávado. A carência de monumentos, quando não aí, pelo menos ás bordas do rio, onde seriam ainda visíveis, o silêncio dos cronistas e documentos da alta Idade-Média ou mesmo dos tempos primários portugueses, enchem de dificuldades a opinião do erudito académico, ás quais acresce a obscuridade do Itinerário, proveniente da confusa colocação das estações, sobretudo das imediatas ao ponto de partida, e da deficiência das medições, geralmente aceita. O documento escríto mais antigo [2], referente a Fão, do ano 959, descreve esta localidade como simples propriedade rústica, sem outra alusão. O próprio nome—«villa nuncupata fano», não contém nenhuma idea de «pôrto»: êsse «fanum» seria um dos muitos templozinhos pagãos, espalhados nos campos; e dêste, por qualquer motivo tornado notável, ficou memória na toponímia; nem do nome, pois,

---

[1] *De antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*, liv. II, cap. II; liv. III, cap. IV.—*Mem. para a Hist. Eccl. do Arc. de Braga*, t. I, páj. 271 e seg.

[2] *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.º 77.

nem do texto do diploma se pode inferir que a foz do Cávado tivesse tido tal serventia. Provada, contudo, a hipótese de Argote, só por excepção seria aproveitada uma estrada nessas condições, em virtude do diminuto tráfego da costa.

De facto, ela apresenta-se muito lonje de ter sido freqüentada com regularidade. A campanha contra os cántabros, sabemos, que a apoiaram os romanos com navios de guerra; mas nunca depois tiveram ocasião de lá estabelecer uma estação naval permanente [1], a qual provocaria sem dúvida um movimento nos portos da Gallaecia. Talvez então levantassem a famosa tôrre ou farol da Corunha, que ficou a assinalar o segundo ángulo da descrição geográfica de Orósio [2]. O monumento, tipícamente romano [3], parece indicar na primeira impressão um tráfego considerável; se, porém, foi construído, quando os legados de Augusto subjugaram o noroeste, não voltando a haver no norte da península nenhuma estação naval, será antes a comemoração dessa vitória. Para a Itália, sobram-nos informações, que se navegava com intensidade da Bética —terra superabundante de riquezas e onde fôra o centro da remota civilisação dos tartéssios, cujas viajens são conhecidas desde lonjínquas eras, continuando a florescer entre os fenícios, cartajineses e romanos [4] que tinham em subido apreço muitos dos seus produtos; iguais relações davam-se com os últimos em toda a costa oriental; de cá não se recordam exportações marítimas valiosas, merecedoras da atenção dos escritores.

Não obstante a caréncia de dados positivos e a grande obscuridade que envolve as orijens das nossas navegações, no meio dessas trevas palpam-se influéncias, dígnas de ponderação, entre as quais a terminolojia torna salientes as romanas. Circunstáncias desconhecidas impediram certamente que êste trabalho chegasse a plena floresséncia no novo rejime político-social. Estabelecida, todavia, a paz e segurança pública, podemos depreender que os habitantes das vilas rurais costeiras se entregassem, mais ou menos, a uma pequena cabotajem, á pesca, e á extracção do sal marinho; em todas estas formas de trabalho encontramos na linguajem reminiscéncias claras do domínio de Roma.

As palavras que designam embarcações nos nossos mais antigos documentos são de orijem latina — «baixel» de *vascelum,* «caravela» de *carabus* no diminutivo (em esp. cáraba), «nau e nave» de *navis,* «pinácia» (correspondente a «pinaccia» ital.) de **pinacea,* e «barca» de *barca* [5]. Segundo o sr. G. Oppert [6], *Barke* (alem.) deve provir dum termo semita que significa «curvar»; em tal caso «barca» podia ter ficado na península desde os fenícios ou cartajineses, embora fosse igualmente recebida no latim. A terminolojia, pelo contrário, relativa ás partes constituíntes duma embarcação, mostra-se proveniente de várias fontes. E, na verdade, se «proa» procede de *prora,* «popa», de *pupis,* «remo» de *remus,* não assim «quilha» que vem de *Kiel,*

---

1 MOMMSEN, *Röm. Geschichte,* t. V, páj. 61, 4.ª ed.

2 «Secundus angulus circium intendit: ubi Brigantia Gallecia civitas sita, altissimum pharum, & inter pauca memorandi operis, ad speculam Britaniæ erigit». *Adversus Paganos Historiarum Libri Septem,* liv. I, cap. II, ed. de 1738.

3 FLOREZ, *Esp. Sagr.,* t. XIX, pájs. 14-15.

4 Cf. G. OPPERT, obr. cit., páj. 57 e seg.

5 KÖRTING, *Lat.—roman. Wörterbuch,* v. cit.

6 Obr. cit., páj. 59, n.º 31.

«mastro» de *Mastr,* vocábulos germánicos, e «leme» também da mesma procedéncia ou melhor de λέμμα. Entre nós os últimos três, e sobretudo os dous primeiros, a respeito dos quais não há dúvidas etimolójicas, com toda a probabilidade não foram trazidos pelos invasores nórdicos do século v, porque os suevos e visigodos, os únicos que exerceram influéncia, não eram povos navegadores; talvez viessem mais tarde por intervenção dos normandos. Observe-se ainda que «mastro» e «quilha» pertencem ao domínio románico: «leme» é privativo dos dialectos espanhóis [1], e sendo mais apropriada a etimolojia grega, a sua introdução na Hispánia pode muito bem datar das remotas viajens dos samoenses e fócios a Tartessos [2].

«Piloto», de origem contróversa, talvez se derive com justeza de πηλώτης, consoante a conjectura de Breusing, mencionada em Körting [3]. Neste caso, é possível que o termo fosse introduzido pelos navegantes acima referidos, ou por quaisquer da mesma estirpe, passando por outras vias para as línguas congéneres da nossa. «Arráiz», que se usa hoje na navegação do Douro e em Aveiro nas companhas de pesca, é de procedéncia árabe; deriva-se de *ar-ráis* [4], patrão do barco; era de emprêgo ordinário em Lisboa no tempo de Gil Vicente [5], que o repete em muitas passajens; não repugna, todavia, que fosse recebido aqui directamente dos árabes, quando construíram o castro de Mafamude, de que abaixo falaremos, ou se assenhorearam de novo do Entre-Douro-e-Vouga no tempo de Almançor (966-1002).

Tam poucos, como os da navegação, são os vestíjios relativos á pesca. O exame dos achados nas ruinas arqueolójicas da Póvoa de Varzim deixou apenas formular a hipótese, se um peso de tear com dous orifícios teria servido também para rêdes de pescar [6]. É certo que o número das cousas encontradas, por desfortuna, foi em extremo diminuto; por isso a auséncia de utensílios bem característicos e sem a menor dúvida destinados a êste fim não permite concluir por uma completa abstenção. Na falta, porém, dêles e de explorações seguidas nas residéncias contíguas ao mar, podemos ainda uma vez recorrer á linguajem; e pelos esclarecimentos que nos subministra, torna-se de todo o ponto provável que os lavradores dessas vilas se entregavam também á pesca: não só provém do latim êste termo, mas alguns mais que exprímem objectos relacionados com ela. De facto, «rêde» de *rete,* «anzol» de *hamus,* «ísca» de *esca,* «lancha» de *planca* ou *lancea,* «bicheiro» («bicho», *bestius*), denunciam a interferéncia romana; «fisga» do gótico *fiskôn,* deve datar dos visigodos; com «arpão», se do grego ἅρπη [7], acontecerá o mesmo que acima se observou em relação a «piloto».

Outra indústria atribuível aos romanos é a extracção do sal da água salgada. O sal em Roma era monopólio do Estado [8], mas esta circunstáncia não se opõe a que os concessionários permitissem ou fomentassem aqui a preparação. A terminolojia, em-

---

[1] KÖRTING, obr. cit., v. cit.

[2] O sr. G. OPPERT fala nestas viajens na ob. cit., pájs. 64 e 65.

[3] Obr. cit., v. cit.

[4] DOZY, *Gloss. des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe,* v. cit.

[5] Especialmente nos três *Autos das Barcas.*

[6] JOSÉ FORTES, obr. cit., pájs. 26-27.

[7] KÖRTING, obr. cit., v. cit.; sôbre «bicho» cf. Cornu., *Die port. Sprache,* §§ 14 e 721.

[8] MOMMSEM, obr. cit., t. I, pájs. 265, 796 (8.ª ed.); t. II, páj. 381 (8.ª ed.).

pregada pelos notários dos diplomas e cartas, é caracteristicamente latina; e apesar de ser muito restrita, indica os pontos capitais. Poucas transcrições serão bastantes. Em 1032, Benedictus e sua mulher Munia vendem uma — «corte de salinas... et sunt v talios in ipsa corte... illas concedimus cum sua uasa quantumlibet ibi necessarium est» [1]: outro documento de 1070 refere — «damus uobis de ipsa marina... et son III^es talios cum sua uida» [2]; e enfim num do ano 1080 lê-se — «in illa corte noua duas salinas cum sua uida» [3]. Sendo iguais os termos em todos os títulos que tratam do assunto, torna-se escusado fazer mais extractos. «Côrte» de *cohors* [4], adoptada para designar estas propriedades, transporta-nos por si só á constituição agrária, realizada durante o govêrno de Roma. Nas vilas contíguas ao mar, que tinham terrenos convinháveis, estabeleceram-se sub-unidades, destinadas á extracção do sal; chamaram-nas «côrtes», cujo sentido se especializava com a palavra «salinas» *(salinae, -arum)*; donde «côrte de salinas» exprimia um prédio rústico, por assim dizer, com tal produção: sabemos mais que se dividiam, como hoje, em compartimentos — «talhos» (talios, de *talio,—are*) [5]. «Marina» *(marina,-ae,* água do mar) enunciava antes as condições de fácil inundação dum certo sítio: — «Damus uobis nostras salinas cum sua uita... in illa marina de leza» [6], significação que, entre outras, conserva ainda «marinha» na actualidade. Quanto á denominação dos utensílios, não possuímos infelizmente a privativa de cada um. Se confrontarmos, todavia, o primeiro texto acima citado [7] com os outros três [8], vê-se que a *vida* ou *vita* dêstes corresponde aos *vasa* daquele, termo assás conhecido e com o sentido apropriado, por isso que *vas,* além de outras cousas, significava o apeiro dum casal, e portanto no caso presente os utensílios e instrumentos usados no fabrico do sal; a palavra *vasa*, escolhida pelos notários, para exprimir esta generalidade, é mais uma pègada tradicional da orijem. — Esta indústria exercia-se tanto ao norte do rio Minho [9], como ao sul do Douro. Na segunda rejião menciona-a o testamento de Mummadona; — «In territorio colimbrie... terras in alauario et salinas que ibidem comparauimus» [10]. Se «alauario», não obstante ter uma única identificação, se pode interpretar por Aveiro (Al + Avário), a extracção do sal aí, é de crer, remonta também aos tempos romanos. Com a chegada dos povos germánicos talvez ela aumentasse, por se livrar de peias fiscais, e diminuísse depois, em virtude dos assaltos dos piratas, visto praticar-se á orla do mar, sem defesa: quaisquer, porém, que fossem os contratempos, manteve-se, conforme nos esclarecem os documentos novi-godos, e tomou grande incremento na costa portuguesa, desde que o litoral melhorou de condições com a tomada de Lisboa, por ser um dos mais importantes artigos do comércio estranjeiro.

---

1 *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.º 274.
2 *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.º 487.
3 *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.º 584; cf. n.ºs 495, 516, 336, 67.
4 *As «Vilas» do Norte de Portugal*, ed. separata, páj. 63.
5 KÖRTING, obr. cit., v. cit.
6 *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.º 341, cf. n.º 406.
7 *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.º 274.
8 *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.ºs 487, 584, 341.
9 *Esp. Sagr.*, t. XIX, páj. 340; t. XXXVII, páj. 331, etc.
10 *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.º 76, páj. 46.

Os invasores nórdicos do século v, que se ficsaram no país, não eram navegantes; entrando pelos Pireneus em 409, dos álanos, vándalos e suevos, em curto prazo, restaram só os últimos. De vindas por mar neste período, Idácio [1] nomeia três; uma descida dos vándalos na Galiza, e duas dos hérulos em 456 e 459, mas nenhuma de conseqüéncia; rechassados imediatamente, embarcaram de novo, tendo-se limitado a depredações costeiras. Os que permaneceram, tanto suevos como visigodos, efectuavam as suas empresas por terra: nem nas aspirações duns e outros entravam tam vastos planos de conquista que lhes fossem necessárias frotas de guerra e mercantes, destinadas a avassalar os mares. O comércio por esta via durante o seu govêrno foi bem insignificante; o código visigótico reùne todas as determinações em quatro sucintas leis [2], que teem por fim principal regular as relações entre os «transmarini negotiatores» e a gente da terra, ordenando a maneira e por quem hão-de ser julgadas as suas causas; donde se vê, que o pequeno tráfego marítimo internacional corria por mãos de estranjeiros. Apenas da primeira das leis se colije que os artigos de importação usual, pois são os únicos nomeados, se limitavam a «aurum, argenteum, vestimenta vel quaelibet ornamenta»; cifrava-se tudo nos dous metais preciosos e em certos vestidos de luxo ou objectos decorativos. Talvez por intervenção dêsses comerciantes tivessem vindo para certa cidade os mármores com que se fizeram belas construções, e os quais depois Afonso III de Leão aproveitou na reedificação da igreja de Santiago [3], com grandes dificuldades, por estarem nos domínios mussulmanos. Não eram contudo, observe-se, relações nem de lonje comparáveis ás dos povos que por hábito cultivam o comércio marítimo em navios próprios; mas simples transacções feitas por negociantes estranhos. O exame dos documentos novi-godos confirma retrospectivamente a falta duma activa marinha mercante visigótica; tivesse-a havido, embora afrouxasse no momento da catástrofe, voltaria de novo ao estado anterior, conforme aconteceu a todos os outros elementos económico-sociais: muito pelo contrário, porém, só nos aparecem a seu respeito tam escassas alusões, que somos levados a concluir pelo nenhum desenvolvimento após os romanos, mantendo-se todavia neste período e no seguinte o pouco deixado por êles. — Quanto á marinha de guerra o código visigótico é totalmente omisso, nem sequer se lhe reporta da maneira a mais fujitiva no título [4], em que trata dos que não cumprem a obrigação de ir á guerra ou fojem dela. Através do silêncio da lejislação sôbre êste ponto divisa-se logo o nenhum cuidado prestado ás cousas do mar e a carência de navios armados que defendessem os portos. — Antes de concluir, cumpre relatar um facto, ocorrido neste período que nos interessa sobremodo, a edificação, no alto da vertente direita do Douro, da igreja que foi a primitiva sé portugalense. Em seguida nasceu a par dela uma povoação, abastecida provávelmente no princípio com elementos do Portucale romano marjinal: pelo menos o transporte dêste nome para a nova sé e diocese denuncia, até certo ponto, a procedéncia dos primeiros moradores. Segundo J. P. Ribeiro [5], conhecem-se-lhe bispos desde o século VI, e Flo-

---

[1] *Chr.*, na *Esp. Sagr.*, t. IV, anos cit.

[2] *Cod. Visig.*, liv. XI, t. III — «De transmarinis negotiatoribus». Ed. *P. M. H.*

[3] *Esp. Sagr.*, t. XIX, páj. 344.

[4] *Cod. Visig.*, liv. IX, t. II, ed. *P. M. H.*

[5] *Novos Addit. ás Dissert. Chron. e Crit.*, páj. 7, e *Dissert. Chron. e Crit.*, t. IV, part. II, páj. 30.

rez [1] nomeia o primeiro ou Viator em 572 ou Constáncio em 539. A creação duma e doutra é o acontecimento mais culminante do governo vesigótico em relação ao nosso assunto, não só pela importáncia que o futuro lhe reserva, mas também por ter dado lustre ao antigo Portucale, cujo nome transmitiu á pequena nação que o imortalisou na história das navegações.

O curto prazo, que durou o governo dos árabes no norte do Douro, não lhes permitiu, como em tudo o mais, exercer aqui qualquer acção no trabalho de que nos estamos ocupando. Se não destruíram o existente, pelo menos disso nada consta, por sua vez a terminolojia náutica, atrás esboçada, só rejistou uma única palavra que pode provir dírectamente dêles: e esta rareza no vocabulário técnico persuade-nos, sem necessidade de mais provas que também não fomentaram a navegação no nosso litoral, nem lhe deram algum ensino ou adeantamento. Depois de repelidos da rejião por Afonso I de Oviedo (739-757), quando de dominantes passaram a agressores, fizeram sempre essa longa guerra secular com exércitos e não com esquadras. De empresas do último género, que nos digam respeito, não há a arquivar senão duas isoladas, adeante referidas, mas que de modo nenhum se prendem a um plano sistemático de campanhas. Só tarde, muito depois dos normandos e pouco antes dos cruzados, organizaram a pirataria que encheu, é certo, de pavor e desolação a costa ao norte do Vouga, por virtude dos desembarques em determinadas estações do ano, perante os quais fujia a população, sem nunca contrair relações amigáveis com os piratas, que aliás nada podiam ensinar-lhe da navegação atlántica [2]. Não se lhes deve atribuir por isso nenhuma influéncia na pobre arte naval indíjena, quer antes quer ainda durante o período agudo dêsses assaltos, pois continuou a existir no seu estado rudimentar anterior, após a queda do império visigótico.

Concluído o esboço dos três períodos precedentes, é ocasião de voltar outra vez ás duas povoações vezinhas da barra do Douro. Expusemos acima que o «Portucale castrum», Calem do Itinerário de Antonino, ficava á esquerda do rio. A sua situação é marcada duma maneira geral nas supostas «Actas do Concílio Lucense»; tratando das igrejas da diocese de Coimbra, dizem que lhe pertencia — «Portucale castrum antiquum IV» [3]. Êste documento, que não faz parte das actas do concílio nem remonta aos godos, é o fragmento dum escrito da época novi-goda [4], e digno de toda a confiança em relação a ela; então o bispado de Coimbra terminava no Douro, e aí tinha quatro igrejas, incluídas num «Portucale» dito «Castrum antiquum»: o epíteto indica o castro já não existente, mas sim no período visigótico ao qual os homens da restauração novi-goda reportavam sempre a «antiguidade» [5]: o da sé portugalense pelo contrário, fronteiro, é mencionado no mesmo escrito, logo se verá, como «novo», e portanto edificado pelos asturianos-leoneses. No seu tempo, contudo, mantinha-se a tradição

---

[1] *Esp. Sagr.*, t. XXI.

[2] V. cap. II.

[3] ARGOTE, *Mem. para a Hist. Eccl. do Arceb. de Braga*, t. II, doc. I, páj. 804.

[4] ARGOTE, obr. cit., t. II, páj. 753 e seg.

[5] Cf. *As «Vilas» do Norte de Portugal*, ed. separata, pájs. 32-33.

do «antigo», que fôra o invadido por Maldras, e apesar de ter desaparecido no govêrno dos árabes, conservou-o em memória aquele autor e relembravam-no os notários, quando qualificavam de «portugalense» o território voltado para o Vouga: dêle restava em 922 um vestíjio na toponímia — «vila de portugal... quomodo diuidet cum illa uilla de mahamuti. et inde per montem a termino colimbrianos usque in galia (?)» [1]; confinante com Mafamude, tocando em Coimbrões e no reguengo de Gaia havia uma propriedade rústica, a «vila de Portugal», que assinala evidentemente o chão, onde esteve «Calem» do Itinerário e depois «Portucale Castrum» [2]: destruído na invasão sarracena, não tardou a ser levantado outro, a pequena distância, o de «mahamuti» [3], cujo nome mostra a procedência com assás clareza; tam eminente se tornou que serviu até aos cristãos para identificar propriedades ao norte do Douro, quando já havia o castro dêste lado; denominou o próprio monte [4] e a actual freguesia de S. Cristóvão de Mafamude, raro exemplo de topónimo árabe nestes sítios. ¿Seriam extraordinários acontecimentos que lhe deram o renome? ¿ou a tradição veria sempre por trás dêle o «castrum antiquum»? Mudando várias vezes de senhor, depois de Afonso I de Oviedo, uma dessas gravou-se funda na memória popular, que ficou a contá-la na lenda do Rei Ramiro. Pôsto que perdesse toda a utilidade com o avanço definitivo das armas cristãs até ao Mondego, existia ainda em tempos portugueses adeantados; era o Burgo Velho do Pôrto que foi absorvido por Vila Nova de Gaia. — Não obstante a antecipação cronolójica, permita-se-nos um excurso a respeito destas duas povoações. No foral em que criou a última, evidenceia Afonso III de Portugal a intenção de substituir por ela o Burgo Velho [5], o que de facto se realizou, em despeito da tentativa posterior de D. Denis [6]. O território conferido por aquele a Villa Nova de Gaia foi o reguengo dêste nome — «quomodo diuidit cum termino de Combrianos et de Camdelo et de Almeara et deinde quomodo intrat in dorium» [7]. Comparando a presente demarcação com a do diploma n.° 25, já citado, e seguindo no mapa da Comissão Geodésica a linha de Coimbrões, Candal (Camdelo) e Almeara até ao Douro, vê-se que a poente de S. Cristóvão de Mafamude ficava o reguengo de Gaia, e ao nascente a «vila de Portugal», que por Coimbrões tocava nele — «usque in galia (?)». Diz Herculano [8], que no códice

---

1 *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.° 25.

2 Cf. J. P. Ribeiro, *Dissert. Historico-Juridica*, etc. (Coimbra, R. Impr. da Univers., 1834). Discutindo o dipl. cit., n.° 25, diz o erudito escritor — «que a povoação de Portugal era a mesma, que dava o nome ao territorio, por declarar, que ella estava entre Mafamude e Coimbrões, e portanto ao Sul do Douro, no sitio da antiga Cale, hoje Gaia, que na Doação se chama Galha». Desta opinião só discrepamos, quanto a «Gaia» ou «Galha», pelas razões expostas na continuação do texto.

3 *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.° 54.

4 *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.os 156, 159.

5 «Concedo uobis populatoribus qui morabimini in meo burgo ueteri de Portu omnes hereditates quas habeatis in ipso meo Burgo... Et mando... quod vicinus de Gaya non det portaginem et non habeatis militem pro vicino... nisi prout habebat quando morabimini in meo burgo ueteri de Portu». *Leges et Consuetudines, P. M. H.*, pájs. 662 e 663.

6 «illo nostro loco qui consuevit vocari Burgum vetus, cui imponimus nomen Villa Nova de Rei, pro foro forum de Gaya». Viterbo, *Elucid.*, v. Burgo.

7 *Leg. et Cons., P. M. H.*, páj. 662. Sôbre *almeara*, v. Sr. Gonçálvez Viana, *Ortografia Nacional*, páj. 224: a orijem da palavra dá ali mais um topónimo árabe.

8 *Historia de Portugal*, t. I, nota final I.

orijinal só se podia ler «Ga..a», que J. P. Ribeiro [1] interpretou «Gahlia»: na colecção, porém, dos *Dipl. et Ch., P. M. H.*, dirijida pelo ilustre historiador, aparece «Galia» com o sinal «(?)». Um exame mais atento, é de crer, fêz adoptar a última leitura: se restava dúvida, não seria tamanha. «Galia» é a tradução em latim bárbaro do topónimo «Gaia», que denominou a nova vila. Ainda hoje há na área do antigo reguengo um lugar assim chamado.

Quanto ao «Portucale locum», o texto de Idácio elucida plenamente, duma maneira geral, a sua situação: uma vez que demorava nas «extremas sedes Gallaeciae», havia de ficar á direita do Douro; e que o seu assento era marjinal, em sítio de ser atracado com facilidade pelos barcos, que completavam a estrada de Lisboa a Braga, di-lo a sua função de pôrto de Cale ao norte do rio — lugar, assinalado pelo cronista com a prisão de Rechiar e talvez com o falecimento de Ariulfus.

Da fundação da sé portugalense já se falou acima; a igreja, contudo, e as casas em volta não implicavam a necessidade de fortificações, aliás inúteis entre os visigodos. De facto, o castro existente foi construído pelos asturianos-leoneses, por isso que era «novo» então, consoante se exprime o escrito acima citado, as «Actas do Concílio Lucense»; — «Ad Sedem portugalensem in castro novo Ecclesias quae in vicino sunt» [2], e como Sampiro [3] relaciona a «Portugalensis» no número das «urbes» restauradas por ordem de Afonso III de Leão, (866-910) é de crer que date dêle a primeira fortaleza, e bem frájil, como o futuro demonstrou. — O *Chronicon Sebastiani* [4], redijido entre os séculos IX e X, mencionando as «civitates» retomadas por Afonso I de Oviedo, incluíu na lista «Portucalem»; e o seu continuador Sampiro, acaba de ver-se, dá-lhe o título de «urbs». Exceptuadas estas duas qualificações, devidas á dignidade episcopal, não se lê nos demais escritores da época, senão a simples indicação de «Portugale» ou «Portucale» [5]. É até de notar, que o autor do *Chronicon Abeldense*, repetindo a versão de Idácio sôbre a prisão de Rechiar, omitiu o «locum» do orijinal, naturalmente por não haver já motivo para a contraposição doutro Portucale: e na verdade, no seu tempo só havia o da direita, pois o da esquerda tinha sido arrasado pelos árabes, na forma anteriormente exposta. — As singelas referências, que da localidade fazem os cronistas, deixam-na perceber, logo á primeira vista, de muito somenos importância, o que se explica em virtude da situação cheia de dificuldades, apenas sustentada pelo denodo dos seus habitantes e dos conterrâneos do interior. Nem o assento alcantilado da pequena povoação a par da sé, nem as muralhas, depois de Afonso III, eram suficientes para a guardarem; a cada acometida entravam-na os inimigos. Peor ainda devia achar-se o que restava do Portucale romano, marjinal e privado de fortificações. Á circunstância de ser a terra, com intervalos maiores ou menores, uma fronteira do país mussulmano, acrescia a barra do Douro sem defesa — porta sempre aberta ás devastações; por ela entravam os normandos, em 997 entrou parte

---

[1] *Novos Addit. ás Dissert. Chron. e Crit.*, páj. 5.

[2] Argote, *Memorias para a Hist. Eccles.*, etc., t. II, páj. 804.

[3] *Chronicon*, na *Esp. Sagr.*, t. XIV, páj. 454.

[4] *Esp. Sagr.*, t. XIII, páj. 484.

[5] *Chronicon Abeldense* na *Esp. Sagr.*, t. XIII, páj. 446; *Chron. do Silense*, ib., t. XVII, páj. 318; *Dipl. et Chr., P. M. H.*, n.º 25.

do exército de Almançor, e por fim os piratas sarracenos, os mais terríveis de todos pela insisténcia e repetição anual dos assaltos. Mas emquanto não chega êste último período calamitoso para as populações do litoral, convém reatar o fio da narração que deixámos interrompida.

Embora sejam em extremo lacónicas as notícias marítimas, legadas pela restauração asturiana-leonesa, devemos, contudo, aproveitá-las cuidadosamente, como preciosos esclarecimentos do fundo antigo; e são, na realidade, tam escassas que só de raros documentos é inferível a existéncia duma simples cabotajem. Duas alusões directas, duas empresas bélicas conservadas na tradição, uma afirmação categórica da *Historia compostelana*, eis quanto foi possível reùnir. É pouco: isso, todavia, nos convencerá que se praticava então uma navegação, embora rudimentar, de pôrto a pôrto, na nossa costa.

Entre êstes humildes fastos navais, tem a precedéncia, pela ordem cronolójica, a empresa por via de mar, que os *Livros de Linhagens* referem na conhecida lenda do Rei Ramiro. Reduzida a escrita, provávelmente pela primeira vez, no Fragmento II do *Livro Velho* [1], repetiu-a o n.º IV [2], atribuído ao Conde D. Pedro, com excepcional estensão, grandes alterações e muito mais complicada. Ainda que êstes monumentos não mereçam absoluta fé histórica, por não serem textos orijinários [3], mas cópias de cópias onde cada um escreveu a seu sabor, devem, contudo, julgar-se verídicos, quando é possível rectificá-los com outros documentos. No caso presente, da narrativa tal como nos foi transmitida, apura-se apenas o facto fundamental, — a audaciosa expedição marítima, que chegada ao Douro, vinda da Galiza, retomou o castro de Mafamude, voltado pelos azares da guerra ao poder sarraceno, após as campanhas de Afonso I de Oviedo. Essa devemos considerá-la verdadeira: não só concorda com outro acontecimento, mas também constitui o núcleo, em volta do qual a fantasia popular e erudita dobou os fios quiméricos da lenda, com incidentes e personajens que a história nega. Ou sejam, uns e outros, «colores legitimos de novela» [4] ou casos passados em diversos tempos e com diversas pessoas, é força rejeitar parte do enrêdo e os príncipes cristãos, protogonistas nele. A mesma data do Fragmento IV, «Ramiro o Segundo» [5] (931-950) precisa de ser retrotraída «ao primeiro» (842-850); assim fica de acôrdo a empresa guerreira com o transporte de materiais, levados de Mafamude, uns quarenta anos depois de Ramiro I, pelo seu neto, Afónso III (866-910), o que seria impossível se o castro não estivesse subjugado: a êste remeximento de pedraria, amplificado pela transmissão oral, como é de costume, alude o passo das duas versões, com certeza tradicional — «nom ficou em essa villa de Gaya pedra sobre pedra que tudo não fosse em terra» [6]. A localização em Gaia não invalida a tradição, nem a sua antiguidade; mos-

---

[1] *Scriptores, P. M. H.: Os Livros de Linh.*, pájs. 180-181. V. nota A, no fim do volume.

[2] *Scriptores, P. M. H.: Os Livros de Linh.*, pájs. 274-277. V. nota A, no fim do volume.

[3] Cf. HERCULANO, *Hist. de Port.*, t. I, páj. 468 (nota final XI) e páj. 508 (nota XXIII: e Prol. á cit., ed. dos *Liv. de Linh.*

[4] FLOREZ, *Memorias de las Reynas Catholicas*, t. I, páj. 106. As palavras transcritas mostram de sobra a opinião do erudito autor a êste respeito.

[5] *Scriptores, P. M. H.; Os Liv. de Linh.*, páj. 274.

[6] *Script., P. M. H.; Os Liv. de Linh.*, pájs. 181 e 276.

tra antes, que no tempo do escritor a imajinação tinha transferido para a nova Vila o acontecimento que se dera no Castro de Mafamude, subseqùentemente o Burgo Velho do Pôrto. — No longo combater das duas raças não faltaram raptos, uniões secsuais mistas e casamentos depois de certa época, sobrando ensejos de pôr em confronto as maneiras das duas sociedades; ¿vários factos dêstes seriam enfeixados num conto único, que os linhajistas utilizaram, colorindo-o ainda com a falsa erudição usual? Seja como for, não repugna que das relações dum batalhador cristão e duma dama moura se orijinasse a família de que procedeu Gonçalo Méndez da Maia, o Lidador. A alteração feita na data, convém observar, não é a primeira discrepáncia na série das gerações mencionadas no Fragmento IV [1]; pois as rejistadas aí fazem o fundador da família contemporáneo de Ramiro III (966-984) e não do «Segundo». — No meio de tam inextricável confusão e incongruências sobresai a empresa audaz, que um troço de cavaleiros, surjindo furtivamente no Douro, levou a cabo, tomando de improviso a fortaleza mais famosa, que os islamitas possuíam no extremo norte então dos seus domínios. Que entre êles viesse o ascendente do Lidador, e no espólio dos vencidos encontrasse uma cristã cativa, namorada do sarraceno; e que pelo contrário o coração duma agarena se rendesse ao chefe dos expedicionários — excede o nosso quadro: basta-nos sómente arquivar a reconquista do Castro de Mafamude, que a navegação costeira proporcionou aos asturianos no meado do século IX.

O diploma da grande doação, feita por Afonso III de Leão á igreja de Santiago de Compostela, além de ratificar o feito-de-armas anterior, subministra-nos mais, por incidente, uma notícia de vulto. O monarca, descrevendo a sua obra, e indicando a procedéncia dalguns materiais de preço, conclui — «de oppido Portucalense ratibus deportatas adduximus quadras, & calcem unde sunt aedificatae columnae decem & VIII cum aliis columnelis marmoreis simili navigio» [2]. Pedestais e pedra calcárea, com a qual se obraram dezoito colunas, importaram-se por mar, assim como outros colunelos de mármore, do «oppido Portucalense». Esta expressão traz-nos logo á lembrança a idaciana de «Portucale Castrum», que era a primitiva, e por isso talvez ainda empregada, apesar de não corresponder á realidade, por lhe ter sucedido, na invasão árabe, o afamado Castro de Mafamude, levantado nas vezinhanças; pôsto que por vezes mudasse de senhores, como o rei leonês não atribui a si a tomada, entende-se que o achara dominado pelos seus, o que está conforme com a expedição vitoriosa de que acabamos de falar, não tendo por emquanto desde então saído do poder dos cristãos, cujos estados chegavam agora, é bem sabido, até Coimbra; mas sôbre o Douro, só em Mafamude podia ter havido habitação principesca com tal riqueza de construção, e deserta depois da façanha asturiana. Foi o mesmo Afonso III quem restaurou a cidade portugalense na marjem direita ou lhe levantou a primeira fortificação: nessa ocasião mandaria escolher no castro fronteiro de Mafamude os melhores materiais de qualquer grandiosa vivenda mourisca abandonada, e outrora trazidos do sul, destinando-os ao adôrno da nova catedral compostelana. — Sabemos mais que tudo se transportou por mar, visto dizer-nos o documento que os pedestais e a pedra calcárea foram conduzidos em «ratibus» e os colunelos marmóreos «simili navigio». Empregando os dous termos,

---

[1] *Script., P. M. H.; Os Liv. de Linh.*, páj. 277.

[2] *Esp. Sagr.*, t. XIX, páj. 344.

o notário ou quis exprimir duas espécies de embarcações, a não se entender o segundo destinado a embelezar o estilo, ou teve em vista indicar transporte repetido, suposição a que dá lugar até certo ponto a maneira como o texto está redijido. Em todo o caso a importação seria considerável, atendendo á impressão deixada na reminiscéncia do povo, consoante reza a frase a cima citada — hipótese tanto mais verosímil que a esquadrilha de carga havia de ser muito reduzida, e necessárias portanto viajens repetidas. Carreados êsses restos da magnificéncia arábica até á borda do rio, do qual não distavam muito, carregavam-nos aí á medida da capacidade das embarcações que iam e vinham: assim naturalmente se formou a tradição de não ter ficado pedra sôbre pedra. Grande pena é que os vasos de transporte designados por palavras latinas, não o tivessem sido pelas populares usadas então, cujo conhecimento tanto nos interessaria; quaisquer, porém, que êles fossem, construíam-se e aparelhavam-se cá.

Testemunha a existência desta indústria nas marjens do Douro, em 922, a narração da visita de Ordonho II e da rainha Elvira a Gomado, bispo resignatário da sé de Coimbra, recolhido no mosteiro de Crestuma; — «uenit rex in portugale et mandauit pro ipso episcopo... et ipse episcopus non exiuit de confessione... rex pro sua mercede et illa regina excitauit naues in portugale cum suos comites... fuerunt navigio eremitam uisitare» [1]. A transcrição diz-nos que, chegado a «Portugale», o rei mandou chamar o bispo, mas como não saísse do convento, êle e a rainha ordenaram que em «Portugale» lhes aprestassem «naues», e embarcados foram com os seus homens de côrte visitar o ermita. É óbvio que Ordonho II não estava na vertente esquerda, onde não precisava de «naues» para ir a Crestuma, do mesmo lado e pouco acima; por isso a passajem é mais uma prova, se ainda fosse necessária, que «Portugale» ficava na direita, e era a povoação que ao fundar da monarquia se chamava o «burgo portugalense», e logo nos primeiros reinados portugueses «o Pôrto», isto é a povoação junta á sé com as suas adjacências. Alojado nela, o rei encontrou aí construtores de embarcações. —— A indústria, é de crer, datava dos romanos, quando os barcos passavam sôbre o rio as pessoas e mercadorias que seguiam pela estrada de Lisboa a Braga; depois aplicou-se á navegação do Douro e á atlántica de cabotajem. Quanto á primeira informa o diploma precedentemente citado — «dedit ipse rex et ipsi comites nabulum et portaticum de dorio in die sabbati de portu de aliouirio et per totos illos portus usque in illa foce de durio ubi cadit in mare». De Aliouirio ou Aliovirio (?) até á Foz havia muitos sítios atracáveis, «portus», onde os barcos pagavam certos impostos — «nabulum» e «portaticum» [2] que foram cedidos nos sábados ao mosteiro de Crestuma: ¿seria a escolha dêsse dia determinada por já então se fazer esta feira semanal no burgo portugalense? Entre êsses «portus» na antiguidade tinham florescido os dous que serviam a Cale, tornando-se por fim eminente o da direita, e no qual ficou sempre existindo e acabamos de vê-la em exercício, no seculo X, a arte de construir e armar embarcações.

A segunda empresa marítima tradicional é a dos cavaleiros, chamados «gascos». O Fragmento II dos *Livros de Linhagens* conta-a dêste modo — «A quinta geraçom,

---

[1] *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.º 25.

[2] Cf. VITERBO, *Elucid.*, v. *Nabam, Portadigo, Portatico, Portagem.*

que veo postrimeira a Portugal de Gasconha com Monio Gasco, donde vem os que ora chamão de Riba do Douro; e veyo com elle seu irmão o bispo D. Sesnando... e o bispo D. Enego seu irmão»[1]. Quási idéntica é a narrativa do Fragmento IV, mas mais estensa e especializada; marca confusamente a data «Dom Ramiro de Leom», nomeia dous filhos de Monio, «dom Egas Moniz e dom Garcia Moniz», acrescentando—«veerom por mar portar na foz do Doyro... e em aquell tempo chamauomlhe a foz Doyro máao, e lidarom hi com muy gram peça de mouros»[2]. —— Não permite dúvida o cognome de «gasco», porque se lê também na campa de Monio ou Moninho Viegas — «D. Muniõ Viegas... qui dicitur Gascus»[3]. O autor do letreiro notou um sobrenome; os linhajistas, ou interpretando mal, ou impelidos pela tendéncia de considerar estranhos á terra os «padrões» das famílias que se nobilitaram, fizeram-no natural da Gasconha; duas cousas diferentes, entre as quais a preferéncia pertence á inscrição tumular. Como o seu falecimento ocorreu em 1022 (era 1060), o sucesso que lhe valeu o cognome teve evidentemente lugar depois das guerras de Almançor (966-1002), feitas no meio da maior discórdia política dos cristãos, pois muitos condes se entendiam com o general sarraceno: dessas a mais adequada á nossa questão, parece ser a campanha de 997[4]; nesta, vindo por terra, Almançor recebeu em Portucale munições e tropas, transportadas numa esquadra de Alcácer. Reùnido todo o exército, marchou através do Entre-Douro-e-Minho para Compostela; de lá chegou á Corunha, donde retrocedeu pela província de Leão. Só em resultado dela ou de qualquer outra da mesma época, se alguma houve posterior por êste lado, podia haver então guarnições sarracenas nas marjens do Douro, deixadas na rectaguarda duma incursão. ¿E existeria aqui também alguma intelijéncia com os inimigos? ¿E seria em tais circunstáncias que Munio Viegas se veria obrigado a ir com os filhos, irmãos e talvez mais cavaleiros patriotas, pedir socorro a estranhos? ¿Atravessaria os Pireneus[5]? Não é crìvel que fosse tam lonje: pode-se até supor que não passasse da Galiza, onde ainda no século XI, veremos logo, havia uns «Vascones»: êstes ou os da costa peninsular superior deram-lhe o sobrenome e os reforços; embarcado veiu «per mar portar na foz do Doyro», e caindo de golpe sobre as guarnições inimigas, derrotou a «muy gram peça de mouros». —— Os nomes citados, novi-godos, excluem a naturalidade francesa, sujerida talvez para explicar a invocação da Senhora de Vandoma ou Vendome, explicação impossível de admitir-se, visto que «Vendome», no «Cher-et-Loire» e não na «Gascogne», nunca

---

[1] *Script., P. M. H.; Os Liv. de Linh.*, páj. 175.

[2] *Script., P. M. H.; Os Liv. de Linh.*, páj. 316.

[3] D. RODRIGO DA CUNHA transcreve a inscrição que diz ter visto no claustro do convento de Vila Boa do Bispo, no *Cat. e Hist. dos B. do Porto,* 1.ª parte, cap. XV, pájs. 182-183 — «Era M.L.X. Obijt D. Muniõ Viegas, prioli qui dicitur Gascus, et filij eius Egeas Moniz, et Gomes Moniz. Requiescant in pace. Amẽ». PINHO LEAL, *Portug. Ant. e Mod.*, vol. XI, v. Vila Boa, páj. 671, afirma que «ainda hoje se conserva a inscripção».

[4] HERC., *Hist. de Port.*, t. I, pájs. 150-151: sôbre o carácter destas guerras, v. obr. cit., t. III, liv. VII, part. I, páj. 186, 2.ª ed.; começando no princípio do reinado de Ramiro III (*ib.*, t. I, páj. 147), o que provávelmente ocasionou a confusão da data do *Liv. de Linh.*, acima cit., terminaram (*ib.*, pájs. 152-153) na batalha de Lorca (ano 1002) no reinado de Afonso V.

[5] «Unos *(escritores portugueses)* dicen que fueron à la Gascuña de Francia, otros à la de España, y no falta quien recurra à una y otra». *Esp. Sagr.*, t. XXI, pájs. 41-42.

foi sede episcopal [1], e por isso também D. Nunego ou Enego não podia ter sido lá bispo. A invocação, pelo contrário, indica-nos a procedência portugalense dos expedicionários. Desde tempos remotos havia sôbre as marjens do Souza o monte «Bendoma» — «subtus montis bendoma discurrente ribulo sauza» [2]: e sendo o diploma de 985, o topónimo já existia muito antes da expedição. A freqüência de ermidas nos nossos montes faz presumir aí uma com a Senhora dessa invocação, que os cavaleiros tomaram por padroeira. Todavia Monio não era filho de D. Gonçalo Moniz, segundo entenderam alguns escritores; em tal caso o patronímico seria «Gonçálvez», e não «Viegas». Como o pae e filhos foram sepultados em Vila Boa do Bispo, é provável que fossem naturais dali. — Dos dous irmãos que a tradição dá por bispos da sé portugalense, não é difícil aceitá-la a respeito de D. Enego, visto haver um bispo assim chamado, signatário dum documento de 1025 (era 1063), portanto três anos depois do falecimento de Monio: não assim quanto ao outro, porque o bispo Sesnando I viveu entre 1048-1070 (era 1086-1108), e se foi êle, morreu 48 anos pelo menos depois do irmão [3]. De qualquer forma, e seja qual for a ascendência do nosso herói, do qual proveiu Egas Moniz, tipo da lealdade portuguesa, é certo que com a sua patriótica expedição mudou desta vez o «Doyro máao» em Douro salvador.

O cometimento, realizado com tamanha felicidade por Monio Viegas, não produziu, contudo, nenhuma defesa eficaz na entrada do rio. Que neste ponto persistiu o mesmo estado anterior, deduz-se claramente do seguinte facto: em 1071, Sancho II e sua irmã (Giloira, Gelvira ou Elvira) restabelecendo prelados residentes nas sés de Braga e Lamego [4], deixam em silêncio a do Pôrto, que continuou a ser governada por arcediagos [5], e dêste modo ficou até ao bispo Hugo; a barra, privada de fortalezas e sem navios que pudessem opor resistência ao desembarque de inimigos, tirava á terra a segurança que requeria a dignidade prelatícia.

Uma nota retrospectiva, lançada na *Historia Compostelana*, elucida-nos assás sôbre a espécie de embarcações que havia e sabiam fabricar aqui, concordando com a ilacção deduzida do nosso documento de 922. O autor, é verdade, refere-se aos galegos; mas tendo os portugalenses a mesma civilisação, tanto monta falar duns como doutros: podemos por isso apropriar, sem restrições, o passo, que diz — «Verum enim vero Galliciani, nec naves construere exceptis sarcinariis, nec velifero biremibus pelagi alta secare in consuetudine habebant» [6]. Destas palavras tam explícitas, escritas por um contemporáneo, com os factos á vista, antes da chegada dos genoveses [7], resulta, sem sombra de ambiguidade, que os armadores ao norte do rio Minho não costumavam construir senão barcas de carga (sarcinariis), nem os nautas demandavam o alto-mar á vela em biremes. Dada a homojeneidade e relações estreitas entre êles e os seus

---

[1] «no veo que Vandoma (hoy Vendosme, Cabeza de Ducado) haya sido Obispado, sino pura Abadia». *Esp. Sagr.*, t. XXI, páj. 43.

[2] *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.º 146. Cf. sôbre o mesmo nome os n.os 498, 542, 547, 555 e 748.

[3] Cf. J. P. RIBEIRO, *Dissert. Chron. e Crit.*, t. IV, part. II, pájs. 31-36.

[4] *Esp. Sagr.*, t. XVII, páj. 248.

[5] HERC., *Hist. de Portug.*, t. I, páj. 237.

[6] *Hist. Compostelana*, na *Esp. Sagr.*, t. XX, liv. I, cap. CIII.

[7] V. cap. II.

vezinhos até ao Douro, havemos de concluir que a instrução era idéntica; ambos não iam além de aparelhar essas barcas que singravam terra a terra. Esta deficiéncia do ensino tradicional denuncia quam fraco êle foi na antiguidade na costa da Gallaecia, e ao mesmo tempo fornece-nos ainda uma prova de não ter havido dela então navegações seguidas para a Itália, as quais excitariam a actividade dos habitantes e lhes proporcionariam mais amplos conhecimentos. A técnica duma indústria, que lançou grossas raízes nos hábitos dum povo, tornando-se em costume, emquanto novas necessidades e experiéncias a não obrigam a modificar-se, renasce sempre na forma em que tinha sido no passado: e o texto, trazido á colacção, dizendo-nos qual fôra êsse — «in consuetudine habebant», afirma da maneira a mais cabal, que esta gente nunca saíra da arte rudimentar de construir embarcações e de as marear. Talvez não estejamos muito lonje da verdade, se imajinarmos as «sarcinaria» galegas e portugalenses aprossimadamente semelhantes ás lanchas póveiras da actualidade. Em todo o caso foram elas que sustentaram a pequena navegação costeira, não obstante a falta de fomento governativo e os assaltos dos piratas.

Á incúria, tam largamente dilatada, víeram acrescer ainda os males provenientes das piratarias dos normandos, os quais apareceram pela primeira vez no noroeste peninsular durante o reinado de Ramiro I (842-850), e desde então continuaram a abordá-lo até ao século XI. Desembarcando em geral sem resisténcia, começavam por saquear o litoral, e quando êste os não abondava de despojos, internavam-se, praticando por toda a parte danos e crueldades. Segundo dizem os documentos, tornaram-se num verdadeiro terror, o que parece dever entender-se sobretudo até certo tempo. Privada a costa de defesa, as autoridades em regra não acudiam a repeli-los, senão depois de terem praticado grandes depredações. Pôsto que os cronistas só se refiram á Galiza, dêsses ataques não era esenta a província portugalense, nem a sua acção se limitava aqui; passando o domínio cristão, corriam todo o sul da península, e chegavam á Mauritánia e Baleares. As entradas mais famosas, além da mencionada acima, aconteceram nos reinados de Ordonho I (850-866), de Afonso III (866-910), de Afonso IV (925-931) e de Ramiro III (966-984). A última foi excepcionalmente avultada e duradoura [1]: chegados em cem navios, os piratas lançaram-se a assaltar o interior, sendo provável que se aprossimassem de Guimarães; por sua causa, Mummadona mandou em 968 construir o castelo, sobranceiro ao convento: não obstante o diploma os nomear com a palavra de significação indecisa — «gentilium» [2], pois os nossos antepassados chamavam também assim aos sarracenos, a data, contudo, incluindo-se no reinado de Ramiro III, persuade terem sido êles, contra quem a fundadora tomou essa prevenção. Que ela se não enganara muito na previsão do futuro, esclarece-nos a nota da *Chronica Gothorum* no ano 1016 — «Era MLIV. VIII° idus septembris veniunt Lormanes ad castellum Vermudii, quod est in provincia Bracharensi» [3]. Entre Vermuim e Guimarães mediando pequena distáncia, estiveram de facto bem perto dali. Da mesma maneira

---

[1] *Chronicon de Sampiro;* na *Esp. Sagr.*, t. XIV, páj. 471.

[2] *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.° 97.

[3] *Script., P. M. H.*, páj. 9.

teve Afonso III de defender contra êstes pagãos embarcadiços — «navalis gentilitas» [1], a catedral de Oviedo, consoante reza a inscrição que mandou gravar sôbre a porta do castelo, de propósito edificado para a protejer de tais agressões. Mas, usualmente, fora dos portos, a demora nunca seria tamanha, nem tam grande o contacto dos navegadores nórdicos com a gente da terra. Ainda descontando a énfase ordinária do estilo, de Tui resta uma triste recordação do estado, a que se viu reduzida a cidade pelo mesmo motivo [2]. Êsse exemplo na falta de documentos próprios, permite colijir o que se teria passado nos sítios abordáveis da costa portugalense. Do ano de 1026 temos todavia conhecimento da cedéncia de certas propriedades no território de Santa Maria, banhado pelo rio «Ovar», como indemnisação dum resgate a normandos — «Sakastes nobis de barcas de landomanes et dedistis pro nobis...» [3] — Mas por êste tempo os bárbaros entravam já em relações amigáveis com a população do país. Transparece isto, com assás clareza, do incidente da rebelião, levantada na diocese de Lugo, na época de Bermudo III (1028-1037): os rebeldes, certos «Vascones» da Galiza, fortificaram-se no castelo de Lapio: competia ao conde Veremudo Vegilaz trazê-los á ordem: então — «coadunavit seipse Comes cum omnes suos Barones, & cum Gens Leodomanorum, & cerravit ipsa pena, & pressit ea per fortia, & cremavit, & solavit ea» [4]. Com a gente da sua competéncia o conde alistou na hoste guerreiros normandos, aproveitando algum desembarque recente: reùnidos todos, estranjeiros e naturais, tomaram á força o castelo, queimaram-no e arrasaram-no: tal aliança de modo nenhum podia dar-se, sem se ter estabelecido convivéncia entre uns e outros. ¿Resultaria daí para os habitantes do litoral qualquer ensino? ¿Seria então que se introduziram na terminolojia náutica alguns dos termos de orijem germánica, precedentemente referidos? Seja como for, entre as duas datas acima citadas «842-850 e 1028-1037», metem-se de permeio quási dous séculos, no correr dos quais as entradas deviam ter sido em maior número, tendo-nos sido transmitidas só as mais notáveis. Êsses navegantes audaciosos impressionariam os mal instruídos marinheiros da terra, que no período de relações amigáveis, é possível, receberiam dêles conhecimentos da navegação atlántica. Não aconteceu, porém, o mesmo com os sarracenos.

A tradição mais antiga de acometidas mussulmanas, por via de mar, remonta ao fim do reinado de Ordonho I ou princípio do de Afonso III [5], consoante a qual uma tempestade malogrou o desembarque de tropas na foz do rio Minho, enviadas pelo ámir Mohamed. Depois desta tentativa ficou em lembrança a esquadra de Almançor que em 997 entrou no Douro. No primeiro caso havia o propósito de lançar dum jacto a guerra no meio dos estados cristãos: no segundo facilitou-se o transporte do exército para a campanha de Compostela: mas em nenhum se trata de verdadeiros piratas.

---

[1] «caventes, quod absit, dum navalis gentilitas piratico solent exercitu properare». *Esp. Sagr.*, t. XXXVII, pájs. 329-330. Cf. o mesmo t., pájs. 215-217.

[2] *Esp. Sagr.*, t. XXII, Ap. I e II.

[3] *Dipl. et Ch.*, *M. P. H.*, n.º 261.

[4] *Esp. Sagr.*, t. XL, páj. 411. Cf. VITERBO, *Elucid.*, v. Laudomanes.

[5] HERC., *Hist. de Portug.*, t. I, páj. 82; PAQUIS, *Hist. d'Espagne et de Portug.*, t. I, pájs. 368-369.

Sôbre os desta procedência são omissos os documentos e cronistas novi-godos mais antigos. Atacados pelos normandos nos portos onde dominavam, os mussulmanos tiveram também de se defender: Abdu-r-rahman mandou construir por 844, nesse intuito, esquadras em Cádiz, Cartagena e Tarragona, vendo-se obrigado a organizar a defesa das costas [1]. Talvez por isso não se aventurassem a êsse outro meio de ataque, emquanto durou o período mais activo das descidas dos nórdicos; seja esta ou não a razão, é certo que só tarde principiaram as suas piratarias; a *Historia Compostelana* [2] ficsa-lhes a data no reinado de Afonso VI de Leão (1072-1109), a qual se deduz também dos seguintes documentos da sé de Tui; o diploma de 1024 que a anexou á de Compostela não nomeia senão os normandos — «gens Leodemanorum» [3], e do mesmo modo a doação da infanta D. Urraca em 1071, depois de restaurada a diocese — «crescentibus omnis peccatis Leodemoniorum» [4]: apenas em 1112 se mencionam os outros — «fluvium quod Mineum... vocatur... per quod Sarraceni & Normandi frequentius solebant intrare» [5]. Em face dos documentos citados foi entre 1071 e 1112 que apareceram os piratas sarracenos, o que se conforma com a data da *Compostelana*. — A grande calamidade, que vai seguir-se para as populações costeiras, começa assim nas vésporas da fundação da monarquia, e a sua grande intensidade manifesta-se quando já governavam o condado portugalense o conde Henrique e a rainha D. Teresa [6]. Na época novi-goda, pois, não cabe mais que esta simples menção da nova forma de guerra, empreendida pelos inimigos islamitas; dela trataremos no capítulo seguinte.

Apesar de ser um país marítimo a província, onde se formou a nação, a arte de navegar nunca adquiriu aqui, nos períodos históricos precedentes, uma forte individualidade, nem jamais conseguiu fortalecer-se de modo que progredisse sempre, lutando com vantajem contra quaisquer adversidades. Da multiplicidade de influências, porém, revelada na terminolojia náutica, ficaram noções confusas e desconecsas á espera que condições imperiosas obrigassem os naturais a sistematizá-las, se é que para o seu completo desenvolvimento não fosse ainda essencial a importação dos mestres de Génova por Gélmirez na Galiza e que nos portos portugueses surjissem as velas dos cruzados.

ALBERTO SAMPAIO.

---

[1] HERC., *Hist. de Portug.*, t. I, páj. 79; PAQUÍS, *Hist. d'Espagne et de Portug.*, t. I, pájs. 351-352.

[2] Lib. II, cap. XXI, na *Esp. Sagr.*, t. XX.

[3] *Esp. Sagr.*, t. XIX, páj. 391.

[4] *Esp. Sagr.*, t. XXII, páj. 247.

[5] *Esp. Sagr.*, t. XXII, páj. 250.

[6] O casamento de D. Teresa com o Conde Henrique realizou-se em 1095, e nesse ano começou o governo do conde, falecido em 1114. (HERC., *Hist. de Portug.*, t. I, pájs. 194 e 230).

Algumas erratas e correcções: *Err.*, páj. 213, constituidas, fazes, creação, corôa — *Corr.*, constituídas, fases, criação, coroa; *Err.*, páj. 214, auge, abordo, contorno, sobre e pájs. 215 e 216 — *Corr.*, auje, abôrdo, contôrno, sôbre; *Err.*, páj. 215, miudo, facha, tartessios e tastessios, Strabo — *Corr.*, meúdo, faixa, tartéssios, Estrabão; *Err.*, páj. 216, multiplicar-se hiam, ultima, construiam, adiante — *Corr.*, multiplicar-se-íam, última, construíam, adeante.

Gr. nat. = 0^m,222.

O MERCURIO DE CASAL-COMBA

ESTATUA DE BRONZE DO MUSEU AZUAGA

VARIA

NOTAS E COMMUNICAÇÕES

O MERCURIO DE CASAL-COMBA

(Estatueta de bronze do «Museu Azuaga»)

Pertence ao *Museu Azuaga,* da Camara Municipal de Villa Nova de Gaya, a estatueta de bronze representando Mercurio, que está reproduzida em phototipia na estampa XV.

Foi já mencionada por curiosos investigadores de documentos archeologicos, os quaes attestáram o seu real merecimento [1]; digna é, todavia, de mais ampliada reproducção e que se insista espalhando-a por um vasto publico de apreciadores, como precioso especimen que é de estatuaria antiga, pequena obra-prima descoberta em Portugal, onde são rarissimos os achados d'este quilate. Não é demais, portanto, que este nosso Archivo insira tambem em réplica este documento, o analyse e o exponha.

Indica-nos o verbete respectivo que a estatueta foi encontrada em Casal-Comba (Mealhada), em 1877, e refere-se que juntamente appareceram moedas de Constantino, restos de louça e uma manilha de ouro. Tem de altura total $0^{m},222$, e mede o corpo da figura $0^{m},217$; a altura da cabeça é de $0^{m},031$, egual a um setimo do comprimento do corpo (H); a face (do mento á raiz dos cabellos) mede $0^{m},027$ ou proximamente $\frac{1}{8}$H; o pé tambem approximadamente $0^{m},029$ ou $\frac{1}{7,5}$H.

As medidas da cabeça, da face e do pé, que constituíram modulos dos *canons* clássicos dos artistas gregos, estão para a altura do corpo da nossa pequena estatua em proporções que entram nas antigas formulas modulares. A cabeça participava de um setimo a um oitavo do corpo, no *canon* do homem adulto, e o pé regulava por um sexto [2]; é normal, pois, na estatueta a escala da cabeça, mas inferior o comprimento do pé, cuja medida póde ser incerta, porque faltam pedaços de metal que se destacáram com a crosta de patina. Este *canon* dá á figura as proporções médias, racionaes, do corpo humano e approxima-se da formula estabelecida por Polycléto, mais apropriada a pequenas estatuas para serem vistas de perto. E' assim que, não obstante a maioria do modulo, a estatua tem o aspecto proporcionado e a esbelta harmonia de um individuo, *viriliter puer,* de estatura acima da média.

E' construida de bronze por fundição. Não foi vasada em um só molde e fundida de um só jacto; os braços e as azas que ornam os pés e a cabeça foram fundidos á

---

[1] José Fortes, *Museu Municipal «Azuaga»,* in *Portvgalia,* t. II, fasc. 1, pag. 118.—J. L. de Vasconcellos, *Collecção ethnographica do sr. M. d'Azuaga,* in *Archeologo Português,* vol. I, n.º 1, fig. 33, gravuras de pags. 24 e 25.

[2] M. Winkelmann, *Histoire de l'art,* Leipzig, 1781, t. II, pags. 115 a 117.—Daremberg et Saglio, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines,* t. I, 2.ème part., pag. 891, verb. *Canon.*

parte, em appenso. O braço esquerdo partiu pelo hombro; o direito, no terço superior do antebraço, accusa signaes de emenda por soldadura que transparecem sob a capa da patina. A attitude dos dois braços, destacando-se do tronco e estendendo-se para a frente, exigiria a sua fundição em separado e subsequente adaptação ao corpo. Não é massiça; esta circumstancia, porém, nada nos indica; é propria de processos antiquissimos já muito aperfeiçoados, decerto anteriores aos pretensos inventores, Rhœcos e Theodoros, que eram da primeira metade do VI.º seculo A. C. Sabido é que na soldagem e todos os mais trabalhos dos metaes os antigos foram eximios e inconfundiveis. A nossa estatueta não é, pois, por este facto, menos antiga do que mostram o seu aspecto clássico e o sevéro estylo esculptural.

Cobre-a uma patina uniforme de côr verde-malachite. E' de um polido mate, com as cambiantes de côr e o aspecto unctuoso proprio das malachites naturaes. Nas partes contusas verifica-se por vezes a consideravel espessura da crosta da patine. Tem toda a apparencia da *bella patina* dos bronzes clássicos; é a *nobilis ærugo* de Horacio [1], brilhante titulo de vetusta nobreza, tão apreciado pelos antigos quanto o é hoje. Então se considerãram estas patinas como velhos artificios de mysteriosa alchimia, cujo segredo era perdido; hoje imitam-se apenas, *grosso modo,* ou indignamente se falsificam. Plutarcho suppunha artificial essa brilhante coloração das estatuas a que chamava *flôr do bronze,* e o sabio Plinio narra como os antigos tingiam e emboçávam as estatuas de bronze com determinados bitumes [2]. Os esculptores da edade clássica *patinávam* os bronzes, assim como coloríam as estatuas de pedra e de barro. A patina será, pois, mais um exemplo da polychromia na esculptura grega.

Como a estampa XV e as gravuras 1 e 2, intercaladas no texto, nos dão o aspecto geral e assáz completo da estatueta, analysaremos separadamente as suas partes e attributos, a ver se, estudando-os, se inférem elementos de classificação archeologica ou interpretação artistica.

Comecêmos pelo *petasus* alado que lhe cobre a cabeça, que é um caracteristico das representações de Mercurio e tambem de origem hellenica (πέτασος). Anteriormente ao V.º seculo usáva-se representar o Hermes grego vestido com o *chiton* e a *chlamys,* e a cabeça coberta com o πῖλος de feltro ou a κυνῆ, especie de chapeu de abas curtas [3], sem azas, as quaes ornamentávam apenas os pés; na posterior epocha clássica, o chapeu é vulgarmente o petaso alado do viajante, muitas vezes suspenso atraz da nuca [4]. O petaso protegia do sol o eterno viajante, mensageiro do Olympo, assim como era proprio dos arautos gregos *(ceryx)* e a tradição nos conserva atravez do *fetialis* e dos *legati* romanos [5]. E são multiplas as variantes desde os primitivos, ora como uma simples rodela de feltro, ora formando calóte com abas planas ou reviradas, mais ou menos largas, á maneira da forma macedonica da *causia* (καυσία), desde os typos modestos usados pelos pescadores e marinheiros até á *causia* côr de purpura das vestimentas reaes [6]; o mesmo é, em seu conspecto, que o nacional sombreiro braguez de aba voltada ou cahida, de varia medida e accomodação.

O nosso Mercurio tem uma simples calóte de feltro que, adaptada á cabeça, toma a forma polyédrica, produzindo um contorno polygonal curvilineo. Encontra-se esta forma singela e suas variantes em muitas estatuetas de Hermes gregas e romanas de epochas posteriores [7], e nas effigies de Mercurio cunhadas em moedas *(quadrans* e

---

[1] WINKELMANN, op. cit., pag. 295.

[2] G. PERROT et CH. CHIPIEZ, *Histoire de l'art dans l'antiquité,* t. VIII, pags. 176 e 177.

[3] MAX. COLLIGNON, *Mythologie figurée de la Grèce,* pag. 118.

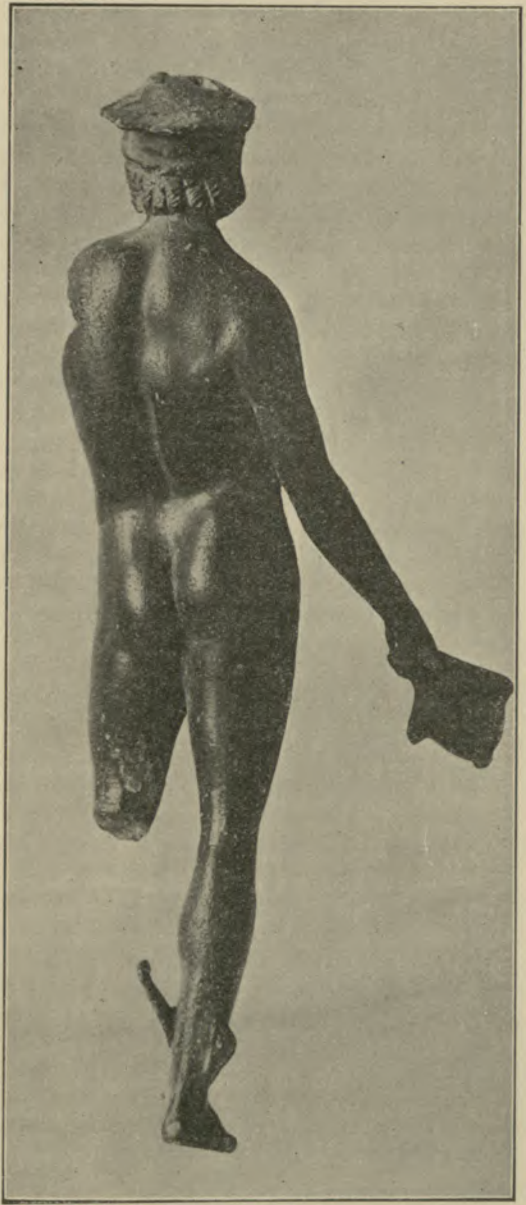
[4] A. LEGRAND, voc. *Mercurius,* in DAREMBERG et SAGLIO, *Dict. des Ant. Gr. et Rom.,* t. III, pag. 1813.

[5] A. RICH, *Dict. des Ant. Rom. et Gr.,* trad. de M. CHÉRUEL, Paris 1859, pag. 140.

[6] J. MARQUARDT, *La vie privée des Romains,* t. II, pags. 214 e 215. — L. HEUSEY, in DAREMBERG et SAGLIO, *Dict. des Ant. Gr. et Rom.,* t. I, pag. 975, fig. 1259. Cf. A. RICH, op. cit., pag. 130.

[7] S. REINACH, *Répertoire de la Statuaire Grecque et Romaine.* Vejam-se as reproducções de *Hermes,* dos ts. II e III.

sextans) do tempo da Republica Romana [1]. E' de crer que o artista fosse estylisando o petaso, que se resume por ultimo em symbolo attributivo da divindade, differenciando-se dos typos usuaes do sombreiro grego e romano. No nosso caso a forma é a mais singela, simplificada em proporções, de modo a não prejudicar o elegante contorno da estatua, o bastante para supportar as azas superiores que, como attributo culminante, melhor significam o sentido aereo da divindade viageira, de vôo rapido, quiçá de caracter ligeiro, vário e inconstante.



Cliché de R. S.

Fig. 1 — Mercurio de Casal-Comba — Reverso

Não existem as azas sobre este Hermes e apenas os seus vestigios. Da esquerda conserva-se a base de secção quadrangular e da outra apenas o orificio de inserção; e pelo tamanho de ambos, se conclue que deveriam ser altos e desenvolvidos estes appendices alados, os quaes, como se notou, foram fundidos á parte e soldados á peça.

O arranjo dos cabellos tem um ar archaico, oriental. O penteado por demais hieratico do nosso Mercurio dirige-nos desde logo para as formas *archaisantes* ou propriamente archaicas da esculptura greco-romana. N'estas a influencia do Oriente, ou a sua acção de retorno, é precisa e fundamental — influencia de origem em proporções, attitudes e technica. Só como sobrevivencia póde explicar-se na presente estatueta o seu penteado hirto, artificial; destaca-se como uma anomalia, um accessorio postiço e anachronico, enfeitando uma figura de modelo naturalista; é um caso de atavismo aqui, sobre a copia em bronze de um bello mancebo, ephebo de gymnasio atheniense, e para attestar certamente, ao lado dos attributos do Hermes grego, a sua antiga origem mythologica de hierarchica e olympica fidalguia.

Temos, portanto, que acompanhar até á sua nascença no archaismo grego este detalhe da cabelleira, que tão longe nos afasta das imagens de Mercurios romanos, com os cabellos soltos, naturalmente frisados ou annelados.

De facto, com longas vestes e longos cabellos são os primeiros especimens da estatuaria entre os primitivos Hellenos.

[1] E. Babelon, *Monnaies de la République Romaine*, t. I; por ex.: pag. 46 n.º 18, pag. 60 n.º 44, pag. 64 n.º 53, etc.

Estes typos foram especialmente usados antes das guerras *medicas,* que marcam um primeiro periodo para a historia da *Coma* usado pelos gregos [1], como para o estudo geral das artes na Grecia, isto é, como quem diz, antes do seculo de Pericles.

Tal uso foi celebrado por Homero e outros poetas, que attribuiam esta moda de belleza aos seus heroes mythologicos. Assim appareceu Theseu em Athenas, no dizer de Pausanias [2], aos operarios do templo de Apollo Delphinense: com longa tunica e bellos cabellos frisados fluctuando sobre os hombros. A maneira era, pois, de estylo archaico e tida como signal de nobreza.

A cabelleira da estatueta de Casal-Comba fórma um todo compacto, encaixado sobre a cabeça e cobrindo as orelhas, como se fosse um postiço *corymbium* [3]. Sobre o craneo ha uma parte lisa terminando por uma orla circumdante, golpeada á maneira de trança ou corda, que serve de *infula, vitta* ou *tænia,* a fim de cingir os cabellos; a outra parte cahe em madeixas sobre a fronte e em rolos sobre os lados e nuca. E' uma cabelleira cuidada a *pecten, calamister, unguenti* e mais artificios da refinada arte do *tonsor.* A estatua, porém, está despedida de vestes e artificios, brilha pela harmonia natural das suas formas em completa nudez. O contraste do artificio chóca á primeira vista; desperta o appetite de explicá-lo.

Póde dizer-se que com a eschola de Argos, desde o mestre Agelaidas, a esculptura grega liberta-se dos velhos moldes hieraticos, das formas hirtas dos velhos typos da sua *edade media.* A cabeça, séde culminante da expressão, acompanha o progresso da estatuaria; mas, é já curioso que, em atrazo por difficuldades de realisação, conserva ainda atravez de Polycléto e Miron a frieza dos exemplos archaicos [4]. Entretanto, desde o v.º seculo o arranjo convencional dos cabellos em penteado calamistrado desapparece; os artistas começam a tratar os cabellos em madeixas naturaes ou naturalmente crespos *(leniter inflexo* ou *crispus),* muito embora amaneirados, consoante a concepção de cada qual d'esses grandes Mestres da edade d'ouro da arte grega.

E' um facto que, tanto no paiz grego como no romano, a moda acompanhou essa concepção de belleza viril; o penteado simplificou-se e por vezes supprimiu-se pela *tonsura* e *rasura,* ficando o uso de longos cabellos soltos para representar lucto ou humilhação, e dos cabellos enfeitados *(ficti, compositi, crispi unguentati,* etc.) como requinte de janotismo, maneira afeminada, pois que talqualmente se toucávam ao tempo as cortezãs romanas [5].

O arranjo sobre a fronte de duas madeixas symetricas em voluta, e o penteado em rolos frisados cahindo verticalmente ao redor da cabeça, são disposições proprias dos exemplares de estatuaria archaica. E' assim, por exemplo, na Artemis de Délos ou Niké de Archeimos [6] e, em typos virís, na cabeça de Athleta do Museu de Athenas [7] e na chamada *cabeça de Rampin* [8] do Museu do Louvre, que são especimens do vi.º seculo. A forma é semelhante á das figuras polychromicas do *Triplo Typhon,*

---

[1] E. Pottier, M. Albert et E. Saglio, voc. *Coma,* in Daremberg et Saglio, *Dict. des Ant. Gr. et Rom.,* pag. 1355. — A. Dumont et J. Chaplain, *Les céramiques de la Grèce propre,* Paris, 1885-90. Veja-se no *pyxis* de pl. x a fig. de Mercurio de barrete alado, caduceu e cabello cahido, cobrindo as orelhas. Nos vasos do estylo anterior a este, o Hermes é barbudo e com as *talaria* aladas.

[2] Gedoyn, trad. de Pausanias, *Voyage historique de la Grèce,* Paris, 1731, t. i, chap. xix, pag. 58.

[3] A. Rich, op. cit., pag. 198. — Idem, pag. 625, fig. do busto de bronze de Herculanum.

[4] S. Reinach, *Apollo,* pag. 44.

[5] J. Marquardt, op. cit., t. ii, pag. 248, nota 8, citando Cicero: «alter unguentis affluens calamistrata coma», e pag. 249.

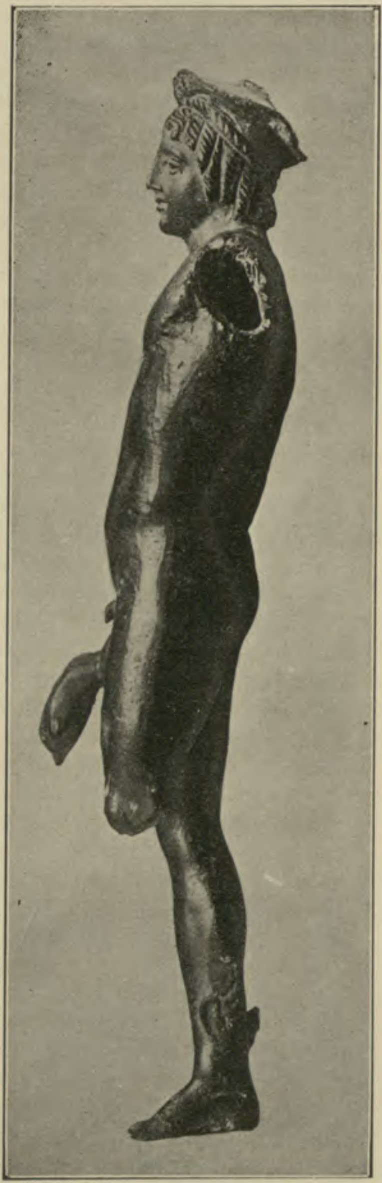
[6] E. Pottier e outros, art. cit., in *Dict. des Ant.,* pag. 1356, fig. 1800.

[7] G. Perrot et Ch. Chipiez, op. cit., vol. viii, pags. 300 e 301, figs. 122 e 123.

[8] H. Lechat, *La tête Rampin,* in *Monuments et Mémoires,* Fondation E. Piot, t. vii, pag. 142, est. xiv. Cf. O. Rayet, *Études d'archéologie et d'art,* Paris, 1888, pags. 339 a 341.

de um frontão da Acropole [1], tal como se vê na cabeça do Apollo de Théra, da eschola de Chios [2], e nas stélas funerarias de Abdéra [3], Aristion [4] e Orchoméne [5].

Estas ultimas formas são uma transição para o penteado em *Krobylos* usado pelos athenienses durante o v.° seculo. D'este temos magnificos exemplos em estatuas celebres na historia do archaismo grego. Assim nas réplicas do *Apollo Alexicacos* de Kalamis ou *Apollon à l'omphalos* (v.° seculo) dos museus do Louvre [6] e de Cherchel [7].



Cliché de R. S.

Fig. 2 — Mercurio de Casal-Comba — Perfil

O sr. P. Gauckler data a cabeça de Cherchel do fim do i.° seculo a. c., isto é, da epocha em que a eschola *archaisante* repõe em moda o estylo attenuado dos mestres de transição do v.° seculo. Parallelamente o sr. H. de Villefosse classifica estas réplicas como da epocha romana precedente ao imperio, da eschola eclectica que reproduziu os mestres antigos. Estes artistas greco-romanos, mais propriamente copistas do que originaes interpretes, teriam trasladado com muita liberdade certos detalhes de antiga technica; os modelos não seriam originaes e já copias alteradas. Entretanto, observa o sr. de Villefosse, «os auctores d'estas réplicas quizeram reproduzir um original muito popular na antiguidade que por vezes se perdeu».

Taes considerandos podem ser applicados ao nosso Hermes de bronze, na construcção do qual conservou o artista detalhes de estylo archaico. Uma estatueta de bronze, de *Athléta*, do Museu do Louvre, estudada pelo sr. H. de Villefosse [8], tem tambem um penteado que por alguns dos seus aspectos se póde approximar do nosso caso. As orelhas ficam egualmente escondidas sob as mechas de cabellos que cahem em cachos sobre as faces, e forma o penteado um todo rigido como um *corymbium*; differe no arranjo sobre a fronte e nuca. O auctor citado considera esta cabelleira como de transição, e filia este trabalho na eschola de Argos, dos annos 460 a 450 a. c.

Longe tivemos que ir buscar, pelo visto, os similes d'este pequeno accessorio caracteristico, e justificado está como só entre o archaismo grego os encontramos. Eis o anachronismo que de começo chóca e assim se esclarece. O artista d'este bello bronze copiou de um modelo do estylo sevéro grego a cabeça do seu ephebo, que bem podia ser Hermes

---

1 G. Perrot et Ch. Chipiez, op. e vol. cits., pag. 217, pl. iii.
2 Idem, pag. 319, figs. 133 e 134.
3 Idem, pag. 357, fig. 157.
4 Idem, pag. 663, fig. 341.
5 Idem, pag. 361, fig. 138.
6 H. de Villefosse, *Une tête d'Apollon*, in *Mon. et Mém.*, Fond. Piot, t. i, fig. 66.
7 P. Gauckler, *Musée de Cherchel*, Paris, 1895, pag. 110, pl. viii.
8 *Mon. et Mém.*, Fond. Piot, t. ii, pags. 105 a 114, pls. xv e xvi.

ou Apollo. A filiação grega é pois indicada, seja o todo de epocha posterior e de estylo archaisante, mesmo de feitura romana.

Sigamos a outros detalhes. A bolsa que a estatueta segura na mão direita é attributo que especialmente pertence á concepção romana do Mercurio; é a bolsa symbolica do lucro. Entretanto a sua forma é archaica tambem, como se vê em uma *plaquette* de terra-cotta com o grupo de Ulysses e Penelope; a bolsa que aquelle tem na mão direita é trilobada como a do nosso Mercurio [1]; em representações do Hermes grego é relativamente raro um tal attributo, e quando n'estas, apenas se vê em especimens de epochas posteriores hellenisticas; a estatua grega do *Hermes de Œgion,* com caduceu e bolsa, pertence já aos tempos romanos [2].

Esta forma trilobada provém naturalmente de que assim se conformáva a pelle do animal que fôra adaptada á bolsa, semelhantemente ás extremidades dos odres *(uter vinarium)* feitos de pelle de cabra. Estylisada depois, deu varias formas trilobadas, em flôr de liz ou com tres appendices a modo de contas, que se repetem em numerosas réplicas gregas e romanas [3]; conserva-se manifestamente a forma triplice, numero que tem expressão symbolica no mundo dos mythos.

As azas que nascem dos tornoselos são de estylo oriental. Acompanham na sua forma hieratica e archaica a coma calamistrada. São, pois, outro exotismo. Não tem o nosso Mercurio as sandalias proprias do viajante profissional *(talaria),* a que são presas as azas nos typos clássicos do Hermes. Estas nascem aos dois lados da perna como um orgão mais; é naturalmente *pteropodo* ou *alipes.*

O perfil da cara fornece-nos caractéres clássicos: assim a linha recta da fronte e do nariz, o mento curto e recurvo; de frente, notam-se as sobrancelhas longas e ligeiramente arqueadas, normaes á linha do nariz; os olhos são grandes, fendidos em amendoa alongada, com as *fossettes* lacrimaes accentuadas e as pupillas vasadas; a bocca é curta, ligeiramente entreaberta com os cantos voltados.

A expressão é calma e sevéra; presente-se o sorriso apenas esboçado, que não traduz a typica expressão *eginética,* mas que lhe dá o aspecto de bondade attrahente e a singela magestade de um heroe divino. A cara é em oval alongada, e afeminada; mais longas que fossem as madeixas e teriamos o semblante de uma divindade feminina. O pescoço, porém, largo e musculoso, relativamente curto, é de apparencia mascula. Resente-se pois da concepção hermaphrodita que revestiu tantas creações esculpturaes do bello Apollo, e que fez eschola para as representações de divindades virís de jovens edades, em modelos de formosos ephebos.

Aqui cessa toda a feição archaica. A perfeita modelação do corpo, consoante a harmonia racionalista da arte grega, transporta-nos, tempos juzantes, para modelos da edade aurea da estatuaria. Não tem a proporção quadrada dos *canons* de Polycléto, nem os exageros naturalistas da eschola de Lysippo; representa uma formula intermedia e differente, de clássico convencionalismo em *canon* e attitudes, mais sóbria, porém, em minucias anatomicas, de sorte a conservar as linhas de contorno continuas e harmonicas, em suaves ondulações, modelando um typo ideal de formosura viril. Já é esquecida por completo a lei estatica da *frontalidade;* o corpo deslocou-se em varios planos, para tomar a sua posição de descanço; o tronco levemente quebrado assenta sobre a perna direita, a esquerda está um pouco erguida e arqueada de forma a que o pé apenas apoie sobre a extremidade, em attitude passageira de quietação, prompto a marchar. Assim poderá reconstituir-se a parte do membro que se partiu, conforme a postura academica, pousando em um só pé, que vem desde os mestres d'Argos e que uns attribuem a Agelaidas, outros a Polycléto; ou, para citar um exemplo comesinho,

---

[1] G. Perrot et Ch. Chipiez, op. e vol. cits., pag. 196, fig. 96.

[2] M. Collignon, *Mythologie figurée de la Grèce,* pag. 130.

[3] B. de Montfaucon, *L'Antiquité expliquée, Les dieux des grecs et romains,* Paris, 1722, 2.ª ed., t. I, pls. LXVIII e LXIX, onde se encontram as tres formas principaes acima indicadas.

á maneira do Apollo do Belvedére, do Museu do Vaticano, cuja attitude a nossa estatueta em certo modo recorda.

O hombro direito cahe seguindo o braço pendido, cuja mão segura a bolsa symbólica; o esquerdo levanta-se para acompanhar o outro braço, certamente erguido ou ligeiramente dobrado, do qual cahiria suspensa, e solta do corpo, a *chlamys,* e cuja mão empunharia o *caduceu* alado com as serpentes entrelaçadas, segundo o ultimo modelo de estylisação d'este complexo attributo do deus-mensageiro. Toda a musculatura está esboçada sem exagero nas situações proprias e nas suas relações anatomicas, de harmonia com a disposição do tronco e membros; a epiderme envolve toda esta perfeita anatomia, deixando-a adivinhar, sem lhe exagerar os contornos e os detalhes morphologicos.

Na mixta composição d'esta esculptura não temos elementos determinantes de classificação chronologica e tão sómente caractéres que destacadamente nos conduzem, por um lado a modelos posteriores ao v.° seculo, por outro a typos precursores do archaismo grego. D'ahi partimos, formando linha genealogica, e esboçando em conclusão uma hypothese que considera a estatueta de Casal-Comba como uma réplica feita por artista *greco-romano* de um original clássico puramente grego—um *Hermes* grego fazendo de *Mercurius* romano.

«On sait—diz o sr. M. Collignon—avec quelle facilité l'art multipliait les répliques librement traitées, empruntant à une statue d'un maitre les lignes générales et ajoutant des accessoires... Quelques fois un changement dans l'attitude souligne l'attribution particulière à laquelle le sculpteur a voulu faire allusion» [1].

Se alguns caractéres são archaicos, outros e maiores são posteriores. Primitivamente a figura representativa de Hermes era viril, adulta e barbuda [2]; substitue-a a concepção do deus adolescente, imberbe, tal qual o cantáram os poetas desde Homero; e esta orientação seguiram os profissionaes das artes plasticas que tomáram para modelo real o ephebo de bello corpo nú, educado nos *gymnasios* e nas *palestras,* elegante e musculoso, com a graciosa constituição sadia e solida de joven athleta; d'esta maneira conceberam a formula ideal de formosura que irradia das obras primas da estatuaria hellenica. Teve, pois, esse Hermes de divina belleza um altar na *Olympia* e nos *ephebeions* —deus *Enagonios,* protector dos athletas, luctadores e gymnastas. A physionomia do nosso Mercurio é tambem de um mancebo, *proton-ypiniti,* conforme a expressão da *Odysseia,* distincta por essa delicadeza singular que Aristophanes teria denominado *attikonblepos* [3], propria «d'un jeune homme dans ſon printems, lorsque ſes joues & ſon menton commencent à ſe revêtir de ce tenre duvet» [4].

A tradição romana do *Mercurius* é desde a sua origem diversa da grega. Os romanos, porém, apropriáram-se da concepção grega com todos os seus attributos e adaptáram-na ao seu culto. Os artistas apossáram-se egualmente das formulas helleninas e reproduziram ao infinito as obras primas de Polycléto, Praxitéles, Phidias, Scopas, Lysippo, e muitos outros. O deus consagrado pela confraria dos *Mercuriales* não era de principio, como o Hermes olympico, filho de Zeus e de Maia. Entre os romanos era mais humana e prosaica a divindade, especial protectora do commercio, de todos os negocios, dos proprios traficantes e até dos ladrões; «avec le progrès des temps et par le travail des esprits, Mercure en est donc venu à exprimer le caractère du peuple romain à la fois sous ses deux grandes faces: le côté égoïstement pratique et le côté politique d'autorité et d'habilité gouvernamentale» [5].

A concepção moral da divindade romana muito longe dista do Hermes grego, ale-

---

[1] MAX. COLLIGNON, op. cit., pag. 128.

[2] A. LEGRAND, voc. cit., in *Dict. des Ant. Gr. et Rom.*, pags. 1813, 1814 e 1815. Vid. nota 1 de pag. 236.

[3] WINCKELMANN, op. cit., t. II, pag. 57.

[4] IDEM, pag. 58.

[5] A. LEGRAND, voc. cit., in op. cit., pag. 1820.

xandrino, deus omnisciente, Λογος, reunindo em si todas as superiores qualidades da raça hellenica! Não obstante, dentro da fórma grega, o Mercurio espalhou-se por todo o orbe romano. São em grande numero as estatuas e estatuetas de Hermes e Mercurius, propriamente da epocha romana, que enchem os museus de archeologia [1]. E, no geral, são réplicas mais ou menos livres ou amaneiradas de modelos clássicos, quando de algum merito artistico, grosseiras e destituidas de senso esthetico quando são artefactos de industria local ou proveniencia romana. Como bem diz o sr. P. Paris em um excellente compendio de estatuaria antiga: «il y a bien une sculpture à Rome, mais pas à vrai dire de la sculpture romaine» [2].

Percorrendo attentamente os livros e catalogos de estatuas antigas, encontram-se numerosos especimens que, não sendo visivelmente similes do exemplar de Casal-Comba, muito proximamente se lhe aparentam em um ou outro detalhe, attitude, proporções, etc. Talvez que por deficiencia bibliographica, e falta do especial *Corpus Statuarum,* não conseguimos encontrar estatueta egual, que podesse considerar-se como modelo, ou identica réplica da mesma original matriz [3]. Contentamo-nos com o ensinamento resultante de taes rebuscas, pelo qual fomos levados a classificar a nossa estatueta como trabalho grego do tempo romano, com caractéres *archaisantes* que a datariam das proximidades da era christã; e colloca-se n'este periodo, com receio de recuar para junto do IV.° seculo A. C. a edade da pequena obra prima de bronze, onde bem pousaria o seu modelo. Em verdade, o receio apenas é de peccar por demasia na consideração d'esse modelo progenitor de belleza attica. De resto, as suas qualidades e os seus defeitos são taes como os de muitas obras do tempo, feitas por discipulos e imitadores dos grandes mestres do V.° seculo; da estatueta de Casal-Comba se poderá dizer como do *Apollo do Belvedêre,* já nomeado, que, não sendo das primeiras, a obra tem comtudo o seu valor e mesmo muito valor.

O nosso Mercurio appareceu ao lado de uma moeda de Constantino; este documento data quando muito a epocha em que o seu ultimo possuidor, de certo romano, o abandonou no nosso solo. Aqui jazeu, pois, desde a primeira metade do seculo IV.° A estatueta, não obstante, é de origem muito mais antiga, como vimos pela patina, caractéres archaicos, technica, eschola artistica, emfim, por todo o estudo precedente. E' objecto de importação que não interessa a historia particular da Arte Ibérica.

Como representativa de divindade protectora e bemfazeja, veio até á Lusitania acompanhando o seu devoto possuidor—mais que um *mercator,* um fino estheta—e cabe-lhe representar aqui, ao lado da moeda do Imperio, de pequeno monumento commemorativo d'essa magestosa aventura romana que avassalou a maioria do Velho Mundo. Symbolisa-nos um dos aspectos, talvez o dominante, da gloriosa expedição militar e commercial do Povo-rei, d'essa lucrativa colonisação, por vastissimo dominio, feita pela Gente poderosa de Roma.

---

[1] Na Hispania outras estatuetas de Mercurio se teem encontrado, attestando, a par d'esta e da conhecida documentação epigraphica, a extensão do culto romano d'esta divindade. Recordaremos a serie de estatuetas do Museu de Madrid, a maior parte provenientes da collecção Salamanca; o antigo *Catálogo del Museo Arqueologico Nacional* (Madrid, 1883) menciona 15 pequenos bronzes figurando Mercurios. Quanto á epigraphia, folhearemos o *Corpus Inscrip. Lat.*, t. II, onde se encontram: sob a invocação de *Mercurius* as epigraphes votivas n.° 730 de Norba, n.° 3097 de Taraco, n.° 3404 de Acci, n.os 5678 e 5729 de Léon; a *Fortuna e Mercurius* os n.os 2103 de Urgavo e 2407 de Vizella; aos *Lares augustales* e *Mercurius* o n.° 5929 de Carthago-nova; a *Deus-Mercurius* o n.° 425 de Vizeu, n.° 2544 de Iria; a *Mercurius Augustus* n.° 181 de Lisboa, n.os 2819, 3825, 4054 e 4614 do Conv. Tarraconensis; a *Mercurius competalis* (?) o n.° 5810 de Clunia.

[2] P. PARIS, *La Sculpture Antique,* pag. 330.

[3] Veja-se a serie muito numerosa de *Hermes* do *Musée de sculpture* de CLARAC, in S. REINACH, *Répertoire de la Statuaire,* t. I, e as series figuradas nos ts. II e III d'esta mesma obra; e tambem: E. BABELON et J. A. BLANCHET, *Catalogue des Bronzes Antiques de la Bibliothèque Nationale,* Paris, 1875, pag. 311 e segs.; S. REINACH, *Antiquités nationales,* t. II, *Bronzes figurés.* Para as representações archaicas e clássicas de Hermes em pinturas e *graffiti* veja-se ainda S. REINACH, *Répertoire des vases peints grecs et étrusques,* Paris, 1899-900, ts. I e II.

E' justamente o seu *Mercurius,* deus do commercio, empunhando triumphantemente a bolsa dos lucros; representa ainda aqui, sob a formula esthetica de divindade hellenica, um dos doze *dii selecti,* que em seu templo da metropole foi servido por um *collegium mercatorum,* e tinha dia marcado no kalendario romano: era o dia 15 de maio—*Feriae Mercurio.* «Maiis idibus mercatorum dies festus erat, quod eo die Mercurii ædes esset dedicata» [1].

RICARDO SEVERO.

A SEPULTURA DA QUINTA DA AGUA BRANCA

(EDADE DO COBRE)

Na *Quinta da Agua Branca* [2], sita no logar da Brêa, freguesia de Santa Maria de Lobelhe, concelho de Villa Nova da Cerveira, trabalhava-se em principios de fevereiro ultimo na excavação d'uma bouça para prolongamento d'um *corredor* ou arruamento do pittoresco predio rustico. Ao entardecer, os *jornaleiros* toparam com uma grande pedra a cêrca de 50 cm. abaixo do nivel do terreno e em meio d'um *salão,* que, por falta da normal consistencia, attestava remeximento remoto. Averiguando pela percussão que o penedo não era nativo, procuraram isolá-lo; e nesse trabalho deram sobre outros monolithos agrupados com flagrante apparencia d'uma construcção definida, mas no momento mysteriosa. Desterroados mais e deslocados mesmo a alvião, descobriu-se emfim uma fossa profunda, aonde logo desceu o capataz dos trabalhadores, Antonio Joaquim Martins Conde. A' luz crepuscular primeiro e depois com o auxilio da artificial, tratou de escrutar o interior da furna e de extraír sem precauções os objectos que se lhe depararam. Depois de esvasiada a camara granitica, que logo se lhe definiu sepultura antiga pela presença d'um craneo, adiaram-se para a madrugada seguinte outras pesquisas mais minuciosas, que de facto se realisaram, desembaraçando-se a construcção da restante terra envolvente, desarmando-se quasi por completo a caixa tumular e cavando fundo no subsolo. Poucos dias volvidos, constava aqui o achado e era facultada pelo dono da quinta a inspecção directa dos preciosos objectos encontrados, cuja importancia suggestiva impôz ineluctavel a necessidade d'um estudo complementar no que restasse do proprio monumento.

Os subsidios informativos dos inventores da sepultura, a reconstituição d'esta pelos que de principio a desconjunctaram, o exame topographico do local e mórmente a analyse do mobiliario funerario—taes são os elementos de que é architectada esta compendiosa nota, cuja exacção descriptiva só periclitará acaso no que dependeu do concurso extranho e incomprovavel. E advirta-se que, para ser ainda inserta neste fasciculo da *Portvgalia,* já em adeantada preparação, houve que restringir-se no possivel o trabalho de critica, sem prejudicar o fundamental desenvolvimento analytico.

A SEPULTURA.

Fôra construida no subsolo d'uma actual bouça de matto e pinheiros, unida á *Quinta da Agua Branca,* e não longe da sua estrema, que demarca um caminho vicinal denominado da Cacharola (?). Na superficie docemente declivosa do terreno, com pendor para sudeste, não se vislumbra qualquer ondulação denunciativa d'antigo *tumu-*

---

[1] MARQUARDT, *Le culte chez les romains,* Paris, 1850, t. II, pag. 366, *Calendrier romain—sicut* Auson. *de feriis,* 5.

[2] Propriedade do negociante portuense, sr. José Mendes Ferreira.

lus; no córte d'elle apenas se depara a usual estratigraphia: uma camada de terra humosa, de espessura exigua, sobrepondo-se ao *salão* de naturesa granitica.

O millenario monumento tem uma planta aproximadamente rectangular; é uma camara, cujas paredes se formaram com lages da região, toscas e deseguaes, cravadas de cutello na terra; o pavimento foi calcetado a pedras de tamanho variavel, com a altura de cêrca de $0^{m},22$; e a coberta, constituida de quatro lajões brutos parcialmente sobrepostos. Pedras menores acunham aqui e além, e obturam tão hermeticamente os intersticios que o interior da sepultura não continha quaesquer sedimentos arrastados por infiltrações. Em toda a altura das paredes o apparelho é monolithico; exceptua-se o lado direito do monumento que comprehende uma fiada complementar de duas lages, apoiadas em parte no penedo sotoposto com que faceiam, e em parte no terreno exterior. Da cobertura multipla uma tampa assenta directamente nas paredes para o lado da cabeceira; outra, cobrindo o lado opposto, pousa tambem nas paredes e em parte na pedra anterior; as restantes ajustam-se parcialmente sobre os lados da primeira tampa e sobre o terreno circundante (figs. 1 a 3).

Orientada de ONO a ESE, a sepultura mede internamente na linha media $2^{m},05$ de comprimento, tendo a largura na cabeceira de $0^{m},66$, aos pés de $0^{m},65$, e a altura media de $1^{m},02$.

Fóra da caixa tumular e á altura do seu pavimento encontraram-se mais duas grandes lageas, ambas assentes de nivel; uma topada á parede inferior do monumento e crivada de *covinhas* nas duas faces maiores; outra ao lado, sem destino attingivel (fig. 1). Sob a primeira haviam-se enterrado numerosos calhaus rolados de grossura rasoavel e um pedaço informe de schisto regional.

Deliberadamente nos detivemos na descripção geral do monumento funerario e dos seus adminiculos. E' que constitue um typo notavel de architectura sepulcrologica, na epoca dos primeiros metaes. Vê-se que os constructores, utilisando grosseiro material granitico, em que não se revela a minima intervenção da rudimentar ferramenta prehistorica, procuraram entanto, mesmo sem o auxilio de argamassas, associá-lo com discreta regularidade, solidez e perfeito acabamento. Produsiram um monumento rude mas estavel, de technica singela mas tão habil e minuciosa e cuidada que nem omittiu a pavimentação interna, nem despresou o obturamento intersticial ou as dimensões folgadas. A obra, se recorda na factura sympathicamente ingenua as *antas* e *antellas* da região [1], diversifica-se muito pela forma e phisionomia geral, impressionando como construcção evolutiva de periodo mais recente e avançado. Aparta-se tambem das notorias *cistas* algarvias [2]—planeadas numa traça differente, de mais apoucado labor e acanhadas medidas [3]. Não é mesmo possivel ou pelo menos facil apurar similes bem proximos nas populosas necropoles de *Fuente Vermeja, Lugarico Viejo, Fuente A'lamo, El Argar* e em tantas outras dos primeiros metaes, que Henrique e Luiz Siret acuradamente pesquisaram e exhumaram, descreveram e figuraram no seu vasto e informativo trabalho sobre a prehistoria do sul hispanico [4].

Fique, pois, registrada como typica na palethnographia minhôta esta interessante sepultura da *Quinta da Agua Branca,* ainda sem par na região, pelo menos do nosso conhecimento.

---

[1] Opportunisa-se relembrar que não longe da freguesia de Lobelhe subsiste o celebre dolmen da Barrosa, e que o illustre M. Sarmento reconheceu na região a existencia de numerosas *antellas* neolithicas. Confr. *Rev. de Sc. Nat. e Soc.*, vol. IV, pags. 25 e 146.

[2] Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve,* vol. IV, pag. 191 e *passim;* J. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania,* Lisboa, 1897, vol. I, pag. 408; A. Santos Rocha, in *Boletim da Soc. Arch. Santos Rocha,* t. I, pag. 57.

[3] Apenas em dimensões, e não na planta, se aparenta com a conhecida sepultura do *Serro do Castello.* Confr. E. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal,* Paris, 1886, pags. 212 e 213, fig. 274.

[4] *Las primeras edades del metal en el sudeste de España,* Texto e Album, Barcelona, 1890; vid. o texto, pags. 94, 101, 260 e *passim.*

O INHUMADO; RITOS FUNERARIOS.

Na camara sepulcral inhumára-se apenas um cadaver, com valiosos adornos de fino ouro e uma bella adaga de cobre. A' cuidada architectura da jasida funeraria addiciona-se, pois, o custoso preço das joias e o enterramento singular, como outras tantas circunstancias persuasivas de que não foi só o sentimento da necrolatria, tão intenso nas tribus regionaes a partir do periodo neolithico, que isoladamente guiou os constructores do tumulo. Acaso interfeririam tambem o respeito publico, a consideração social pela situação politica do inhumado; e o fulgente diadema de ouro, ainda agora pousado na caveira combalida, bem poderá significar antes um symbolo de chefía que mero enfeite pessoal.

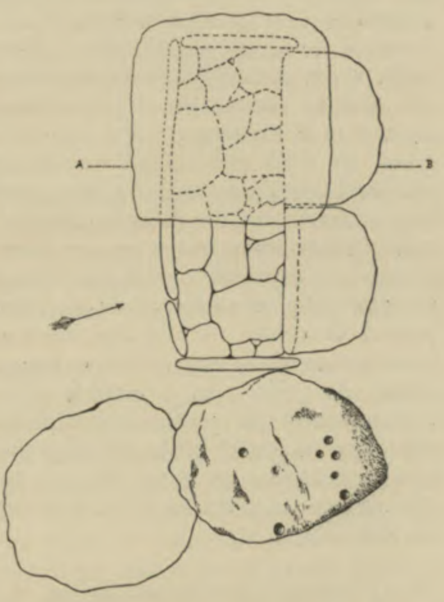


Fig. 1 — Planta geral da sepultura. Esc. 1/50

Do esqueleto do extincto apenas se salvaram poucos fragmentos craneanos; todo o restante arcaboiço osteologico se foi em poalha subtil, quando o inventor do sepulcro o violou. Creio até que os cuidados illustrados d'um especialista o não salvariam para o estudo anthropologico; a naturesa granitica do solo explica sufficientemente a inevitavel e lamentosa perda [1]. O proprio craneo, com a resistencia excepcional dos ossos constitutivos, afinal esboroou-se tambem, ao tocarem no diadema que ainda o cingia; e, para traser até ao gabinete do nosso camarada Ricardo Severo alguns mingoados restos, salvos por fortuna de imminente e *sacrilega* reinhumação «*em sagrado*», foi mister silicatá-los *in loco* com estremada cautella.

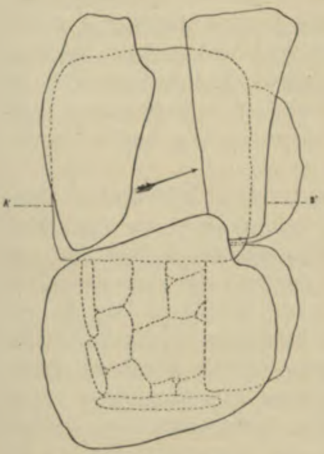


Fig. 2 — Planta. Disposição das tampas. Esc. 1/50

Inquiri da posição do craneo antes do esboroamento desastroso; com as prolixas informações prestadas pode porventura inferir-se, mas sem confiada segurança, que o cadaver fôra deposto sobre o dorso, os pés a sudeste. Se encerrado em esquife de madeira [2] ou simplesmente estendido no lageado do pavimento — foi impossivel averiguá-lo, remexido e despejado o contento da fossa tumular antes da minha intervenção. A' altura da cinta do inhumado, lado esquerdo, seria pousado o punhal com a ponta voltada para os pés; os restantes objectos d'ouro, aros singelos e espiraliformes, em sitio inidentificavel, porque só foram recolhidos quando se basculhou a terra, caída casualmente para dentro do sepulcro na atabalhoada precipitação da sua abertura.

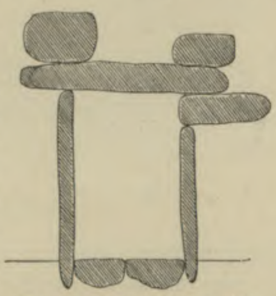


Fig. 3 — Córte segundo AB. Esc. 1/50

[1] Confr. *Bulletin de la Société préhistorique de France*, t. I, pags. 94 e 155, acêrca da má conservação dos esqueletos encerrados em caixões de pedra ou madeira.

[2] O. MONTELIUS, *Les temps préhistoriques en Suède et dans les autres pays scandinaves*, trad. de SALOMON REINACH, Paris, 1895, pag. 77, fig. 86, e pags. 82 e 127.

De aproveitavel nada mais se encontrou na crypta; além dos «restos d'um pó verde» que se desagregava ao menor contacto dos dedos, porventura vestigios do punho da adaga, nem fragmentos ceramicos, nem cinzas, nem carvões. D'estes ultimos havia sim uma pequena mancha, mas comprimida entre duas tampas sobrepostas—indicio assignalavel de qualquer cerimonia funebre, com que se ritualisára, intervindo o fogo, a morte do illustre diademado, antes do encerramento definitivo da tumba. E, associada a um formulario irreconstituivel dos derradeiros obsequios á memoria do extincto, andava certamente a pedra das *covinhas,* em clara e ineluctavel relação mysteriosa com a sepultura, como um attestado authentico d'um inattingivel preceito religioso. Se esta intencional aproximação da pedra insculpturada com o monumento sepulcral não constitue uma occorrencia nova [1], são pelo menos originaes e registraveis as circunstancias do recente achado: insistir-se-á por isso mais abaixo neste caso de valía. Antes summarie-se que os ritos observados no funeral comportariam: *a)* a *inhumação* em decubito dorsal do cadaver cingido com a insignia sumptuosa do mando, ataviado com os primores da ourivesaria coetanea e munido com a fina lamina do seu punhal de cobre; *b)* a *ustão,* sobre a sepultura já semi-tampada, de objecto impreciso—como sacrificio liturgico aos manes do defuncto; e *c)* a *collocação,* junto ao sarcophago, da pedra com a graphia rupestre de confuso sentido. E annote-se por fim que a observancia da pratica inhumatoria já procedia do segundo periodo da edade da pedra; se na região ainda era seguida por tradicionalismo, que de resto persistiu tenazmente, gerações em fóra, noutros pontos do nosso paiz iniciára-se ha muito o rito concorrente da incineração [2], harmonicamente com o que succedêra em mais partes da Europa.

A pedra das covinhas (figs. 4 e 5).

Ao informe generico sobre a localisação e possivel significado, como elemento interferente num ritualismo enygmatico, additar-se-á o descriptivo particularisado da pedra e das suas *covinhas.* E' proveitoso ir archivando com minucia quanto possa apurar-se relativamente a semelhantes insculpturas, que, lavradas em rochedos, em dolmens ou monolithos avulsos [3], quer durante a edade da pedra [4] e dos primeiros metaes, quer já no recinto de *castros* protohistoricos [5], se hão subtraído sempre á interpretação justa e definitiva, que a prehistoria busca laboriosamente.

Fig. 4—Pedra das covinhas
Face superior

A forma da pedra é irregular, francamente de acaso, sem indicios de apparelho ou de preparo intencional, a não ser nas *covinhas* que se incluem nas duas faces, em numero desegual; tem $1^m,30$ de largura por $1^m,04$ d'alto e a espessura media de $0^m,22$. Na face de assento exhibe desanove *buraquinhas,* de diametro e profundidade variaveis, disseminadas em agrupamentos caprichosos; na opposta, apenas nove bem nitidas e uma como levemente esboçada, formando a maior parte um grupo singular que dá um eschema cruciforme. Abertas nas superficies rugosas com instrumentos de pedra, e

[1] J. Leite de Vasconcellos, obr., cit., pags. 358 e 376.
[2] E. Cartailhac, obr. cit., pag. 214.
[3] E. Cartailhac, obr. cit., pag. 174 e segs.; O. Montelius, obr. cit., pag. 38; *Bulletin de la Soc. préh. de France,* t. I, pags. 246, 269, 272 e 278.
[4] Nesta edade são menos frequentes que na do bronze. Confr. E. Cartailhac, obr. cit., pag. 177.
[5] Ibid., pag. 287.

não de metal, o artista millenario lançou o reticulo mais complicado das suas gravuras precisamente na face que logo de principio ficaria occulta. Esta curiosa circunstancia repelle de vez a desacreditada theoria que só descortinava nas *covinhas* meros ornatos prehistoricos; assim como a dualidade de faces insculpturadas invalída a outra, que nellas fantasiava receptaculos do sangue de victimas, sacrificadas em suffragio do morto. D'esta arte resulta apenas assegurada a interpretação, aliás inconsistente e d'uma vacuidade desconsoladora,—de que a pedra esculpida se liga estreitamente com o ceremonial e as concepções da necrolatria prehistorica.

O DIADEMA (fig. 6).

Mais claramente attingivel é o destino da tenue fita, que volteava o craneo do inhumado em diadema aurifulgente. Especimen notabilissimo da primitiva ourivesaria antehistorica, de que herdamos poucos artefactos ornamentados, cumpre frisar-lhe bem os caracteres: se tem mingoado interesse artistico, avulta ao menos pelos recuados tempos que representa, pelos factos ethnographicos que traduz ou documenta; em summa, pelas variadas informações que transmitte.

Este documento de real grandesa na palethnographia indigena consiste numa lamina d'ouro de $0^{m},602$ de comprimento por $0^{m},041$ a $0^{m},047$ de largura, com menos de 5 dmm. d'espessura e o peso de $113^{gr.},6$. Encontrada integra *in loco*, foi logo partida numa das extremidades, para se averiguar de prompto a naturesa intima do metal! Reconstituida, affecta a forma d'um rectangulo irregular, cujos lados maiores não manteem rigoroso parallelismo; um dos lados menores é sensivelmente perpendicular aos anteriores, mas o outro recorta-se numa curva de incorrecta execução. Em linha aproximadamente parallela a este ultimo lado exhibe tres furos, a que na extremidade opposta correspondem seis outros, dispostos em duas series contiguas; por elles passaria qualquer fio de atadura, que retinha o extremo encurvado sobre o lado recto, quando o diadema coroasse o inhumado. Alastram-se pelo anverso e reverso da interessante peça manchas irregulares d'um induto avermelhado, que desapparece pela fricção; a pedra da cabeceira da sepultura tinha identico indumento.

Fig. 5—Pedra das covinhas
Face inferior

Compõe-se a ornamentação d'uma linha pontuada, que borda a peripheria do diadema e se desenvolve numa zona de pontos, disseminados perto do extremo inferior ou recto, até por entre as duas series de orificios para a atadura. A dentro da linha pontuada imprimiram-se longitudinalmente quatro rectas, continuas e equidistantes, que se ligam correspondentemente nas extremidades por linhas curvas. A zona central, limitada pelas rectas interiores e respectivas curvas de ligação, ficou vasia de decorações, a não ser perto dos extremos onde se desenharam, de cada lado, duas series de triplices perpendiculares áquellas rectas; mas as zonas exteriores foram preenchidas com linhas quebradas, continuas, em *bicos de serra*.

O ouro da antigualha em estudo é d'um toque superior a 20 quilates, parecendo ligado á prata numa proporção infelizmente imprecisa [1]. Na Iberia abundavam estes dous metaes nobres, consoante o testemunho dos escriptores classicos; e frequentissimos

[1] E' o parecer do ourives portuense, sr. José Rosas. O detentor dos objectos d'ouro não se decidiu ainda a mandar-lhes faser uma analyse rigorosa.

achados archeologicos, confirmando as informações, testificam que o seu conhecimento e uso devem retrotraír-se, aqui como em outros paises, até ás civilisações da edade da pedra e dos primeiros metaes. O ouro teria sido até o primeiro metal utilisado, por se encontrar em estado nativo e attraír facilmente a attenção em virtude da côr fulgente e bella [1]. Demais, a liga com a prata era tambem conhecida e praticada no tempo dos primeiros metaes, como na peninsula já o demonstrou a analyse d'um bracelete da sepultura n.º 1 de *Fuente A'lamo* [2]. Combinados os dous metaes prestavam-se bem á laminação [3], que, em respeito ao diadema da Brêa, devia ter sido operada, lento e lento, com o auxilio de martelos de pedra ou metal e d'uma bigorna. Se o exame da aurea peça minhôta não apercebe as depressões da percussão, é que á martelagem seguir-se-ia a polidura com instrumento de fino grès ou de serpentina [4], semelhantemente ao que succedia com o trabalho do bronze [5].

Os orificios para os liames seriam abertos com um puncção cortante, applicado principalmente do anverso para o reverso do diadema, onde deixou rebarbas ainda subsistentes. Quanto aos ornatos, o de pontos executou-se a punção acuminado, que se empregaria successivamente pelo anverso; e o das restantes linhas foi *levantado* a escopro de gume em duplo bisel, percutindo-o pelo reverso da custosa joia [6].

Toda ella dá flagrante testemunho d'uma notavel habilidade technica. Não é todavia uma verdadeira obra d'arte. De resto, ninguem desconhece que no periodo dos primeiros metaes, ao qual é attribuivel a sepultura de Cerveira, a Arte no occidente europeu ainda se resentia fundamente do prodigioso recúo, iniciado com o termo do paleolithico [7]. As suas manifestações mais salientes restringiam-se á elegancia da forma nas armas, no mobiliario, nos enfeites, e á ornamentação linear, de que se usou largamente com exclusiva do desenho da figura e da vida humana ou animal [8]. A decoração geometrica sobretudo desenvolveu-se prodigiosamente [9], desentranhando-se em complexas e por veses engenhosissimas combinações, cujos elementos fundamentaes são o *chevron*, os *bicos de serra*, o zig-zag, as linhas ou zonas pontuadas, o triangulo, o rectangulo, os circulos singelos ou concentricos, as espiraes, etc.

Nesta arte incompleta se inspirou o *feitor* millenario do diadema, e ainda assim com apoucada pericia, porque é bem visivel a irregularidade da forma e dos desenhos, em que falta o rigoroso parallelismo, a correcção geometrica das curvas, a symetria perfeita dos angulos nas linhas quebradas. Explica-se esta inhabilidade. Extincta bruscamente a assombrosa escola dos decoradores d'Altamira e das outras grutas peninsulares, o homem do cobre e do bronze, embora manifestamente inclinado a ornamentar as producções industriaes, não tinha ainda atraz de si uma tradição artistica, longa e seguida, que lhe transmittisse a faculdade de desenhar correctamente, irreprehensivelmente.

E semelhante atraso artistico não se verificaria só nesta região, nem apenas na orla occidental da Europa. Os similes ibericos do diadema da *Quinta da Agua Branca*

---

[1] Mortillet, *Musée préhistorique*, Paris, 1903, 2.ème ed., pls. LXXVII e XCIV; E. Cartailhac, obr. cit., pags. 78, 133 e 294; Estacio da Veiga, obr. cit., pag. 45; *O Archeologo Português*, t. X, pag. 67; O. Montelius, obr. cit., pags. 55, 70, 75, 87, 96 e 106; Evans, *L'âge du bronze*, trad. de W. Battier, Paris, 1882, pag. 54; *L'Anthropologie*, t. XV, pag. 205; e Siret, obr. cit., pags. 186, 187, 249, 263, 264 e 301.

[2] Siret, obr. cit., pag. 296. Confr. Estacio da Veiga, obr. cit., t. IV, pag. 192.

[3] O ouro pela sua maleabilidade pode trabalhar-se sem se recorrer á fusão. Confr. Mortillet, obr. cit., pl. LXXVII.

[4] Confr. Mortillet, obr. cit., pl. XCVII, figs. 1295 e 1296.

[5] Evans, obr. cit., pag. 493 e segs.

[6] Evans, obr. cit., pag. 72.

[7] Salomon Reinach, *Apollo*, 2.ème ed., Paris, 1905. Deuxième leçon, pag. 9 e segs.

[8] Salomon Reinach, *Idées générales sur l'art de la Gaule*, in *Rev. Arch.*, 4.ème sér., t. VI, pags. 308 e 309.

[9] Mas na peninsula parece não ter nunca attingido o brilhantismo, a que chegou na Dinamarca e na Scania. Confr. Mortillet, obr. cit., pl. LXXVIII; O. Montelius, obr. cit., pags. 62 e 64.

pouco ou nada se lhe avantajam em aspecto decorativo ou em correcção de desenho. O de *Balugães* (Barcellos) terá mais elegante e complicada forma geral, exigiria até mais habilidade manuaria; como obra d'arte é inferior [1]. O da *Cueva de los Murciélagos* (Albuñol, provincia de Granada), de epoca anterior ao da Brêa [2], não passa de uma fita d'ouro, unida e sem decorações [3]. Da numerosa serie de diademas de prata reunidos pelos SIRET nas productivas explorações em *Gatas, El Officio, El Argar* e *Fuente A'lamo* [4], ha apenas a destacar o de *Cabezo del Officio* [5] que na forma geral se aproxima do nosso. Mas, além da materia prima, inferiorisa-se-lhe nas dimensões, no peso e principalmente na decoração, que se limita a oito series longitudinaes e parallelas de pontos, *levantados* do reverso para o anverso com instrumento acuminado. Reproduz-se nelle a mesma notada irregularidade de desenho; o artista, sem educação visual e talvez desprevenido de instrumento adequado, deixou ondular incorrectamente as linhas, afastando-as por veses com tal excesso que se viu forçado a intercalar uma nova serie de pontos.

Omittindo a referencia a outros exemplares conhecidos [6], pela incertesa da sua proveniencia e edade, vê-se já por este rapido confronto que o diadema da Brêa sobresae como de mór preço e documento mais completo de ornamentação *levantada* no ouro, do periodo dos primeiros metaes. Com esta superioridade não deverá acaso hesitar-se em reputá-lo attributo de supremacia, insignia real da chefía d'um *clan* prehistorico da região [7]. Se posteriormente o diadema se vulgarisou, perdendo este presumido caracter e retomando o inicial, que talvez fosse o de simples adorno para o toucado [8], o evento dar-se-ia, em epoca tarda, noutras civilisações mais aprimoradas [9].

De resto, o diadema em estudo não evita a possivel duvida sobre o sexo da pessoa inhumada na Brêa, que a simultanea presença da adaga tambem não previne ou dissipa [10]; na região d'entre Carthagena e Almeria muitos craneos diademados eram de mulheres [11].

Fig. 6
Diadema d'ouro
1/3 gr.

---

[1] ESTACIO DA VEIGA, obr. cit., pag. 46 e est. IV, fig. 6.

[2] D. MANUEL DE GÓNGORA Y MARTINEZ, *Antiguëdades prehistóricas de Andalucia,* Madrid, 1868, pag. 24 e segs.; SIRET, obr. cit., pag. 304 e est. XXVI, fig. 1; AUGUSTO FILIPPE SIMÕES, *Introducção á archeologia da peninsula iberica,* Lisboa, 1878, pag. 58, fig. 42; E. CARTAILHAC, obr. cit., pag. 76, fig. 77; GEO. BONSOR, *Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Bétis,* Paris, 1899, *extrait,* pag. 52.

[3] M. BERLANGA, *Revista de la Asociacion Artistico-arqueologica Barcelonesa,* vol. III, pag. 6, põe em duvida a authenticidade dos sacos de esparto encontrados na caverna dos *Murciélagos;* deverá duvidar-se tambem do diadema?

[4] SIRET, obr. cit., pags. 192, 199, 223 e 250.

[5] SIRET, obr. cit., pag. 250, lam. 63, sep. n.º 6.

[6] SIRET, obr. cit., pag. 314, est. XXVI, fig. 4; PIERRE PARIS, *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive,* Paris, t. II, pags. 248 e 249, fig. 389.

[7] SIRET attribuem a mesma significação aos especimens mais valiosos. Mas, insignia ou mero adorno, o uso não foi geral na Europa; na Inglaterra não apparece na edade do bronze, a não ser que se considerem diademas as placas de ouro em crescente ou *minds* dos antiquarios irlandeses, como as similares da Dinamarca e Allemanha. EVANS, obr. cit., pags. 46, 199 e 428.

[8] SIRET, obr. cit., pags. 198, 199 e 261.

[9] JULES MARTHA, *L'art étrusque,* Paris, 1889, pags. 564 e 565.

[10] O. MONTELIUS, obr. cit., pag. 83, aponta dous casos, em que, apesar dos punhaes, as sepulturas eram femininas.

[11] SIRET, obr. cit., pags. 205, 223, 250 e 265.

Espiraes e aros d'ouro (fig. 7).

Os aneis serpentiformes dobram-se cada um em tres espiras, que desenroladas dariam respectivamente os comprimentos de $0^{m},242$ e $0^{m},221$, tendo o correlativo peso de $14^{gr.},0$ e $13^{gr.},0$. O ouro é amarello desmaiado; foi bem polido interna e externamente. Estas espiraes constituem duas joias d'apreço, d'um acabamento perfeito, correctissimo, que sob o aspecto da technica industrial deixam a mais lisongeira impressão. Nem as executaria melhor a ourivesaria moderna.

Os aros singelos, não: irregularmente circulares, a parte interna rugosa, despolida, quasi se extranha a sua associação com os precedentes adornos, no mesmo meio archeologico; parecem obra inacabada, repellindo a attribuição de joia ornamental que insinuariam a materia prima e até certo ponto a forma. Teem respectivamente as espessuras de 5 e 2 dmm., os diametros de $0^{m},022$ e $0^{m},021$ em media, e o peso de $5^{gr.},4$ e $3^{gr.},3$; nenhum exhibe vestigios de soldadura ou o mais ligeiro signal de primitiva solução de continuidade.

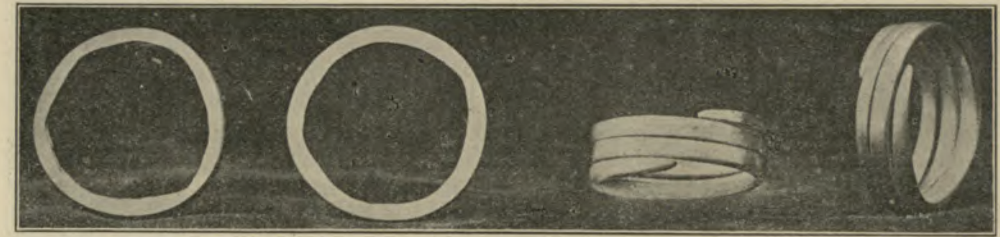


Fig. 7 — Espiraes e aros d'ouro; gr. nat.

As espiraes caem bem no espolio archeographico da jasida [1], que elementos diversos convergem a definir e a caracterisar seguramente; os aros singelos, sem discrepar d'elle, tambem de per si não o esclarecem grandemente. De resto todo o grupo, na ignorancia das condições precisas da sua localisação dentro da sepultura, origina em grau diverso sérias hesitações sobre a sua mais lidima classificação. Recorrendo a confrontos, não se dilucida melhor o assumpto. Os Siret [2], colligindo similares espiraes de cobre, bronze, prata e ouro em sepulturas de *Zapata, Ifre, La Bastida, Gatas, El Argar* e *Cabezo del Officio,* reputam-nas *pendientes de oreja,* não para pendurar nos lobulos do pavilhão auricular, mas para usar suspensas aos lados d'um gorro, turbante, ou fita de tecido pintalgado cingindo a fronte, á guisa de diadema primitivo e rudimentar [3]. Insinuam, porém, outro possivel uso, o de adornarem os cabellos de crianças, mulheres e homens—retidas nas madeixas pelas espiras elasticas [4]. Ha tambem palethnographos que não hesitam em attribuir-lhes a funcção de joias anullares [5]; e ainda outros, o papel simultaneo de adornos e de moeda [6].

Quanto a nós, intendemos que, se a desconhecida situação das espiraes fosse parallela á dos similes encontrados pelos Siret, que os acharam caídos aos lados dos cra-

---

[1] A espiral foi uma forma geralmente muito escolhida para a confecção de varias joias da epoca do bronze; assim braceletes, armillas, alfinetes, contas, etc. Confr. O. Montelius, obr. cit., pags. 84, 85, 87 e 88; Evans, obr. cit., pags. 83 e 424; *L'Anthrop.*, t. xv, pag. 205. Exceptua-se a Inglaterra, onde a espiral massiça e o desenho em espiral são raros; Evans, obr. cit., pag. 428. Os aneis-espiraes d'ouro apparecem frequentemente, na edade do bronze, na Dinamarca e regiões visinhas, na Allemanha oriental, na Austria-Hungria, na Suissa, sudeste da França e na Italia. *L'Anthrop.*, loc. cit.

[2] Obr. cit., pags. 123, 131, 136, 223 e 249.

[3] Siret, obr. cit., pags. 186 e 199; O. Montelius, obr. cit., pag. 83, parece affirmar ao contrario que a espiral de fio duplo, desenhada na fig. 97, era realmente um brinco d'orelha.

[4] Obr. cit., pag. 488. Parece que nas sepulturas etruscas *a pozzo* se averiguou identico emprego. Confr. J. Martha, obr. cit., pag. 564.

[5] Mortillet, obr. cit., pl. xciv, fig. 1229; Evans, obr. cit., pag. 424.

[6] *L'Anthrop.*, t. xv, pag. 205.

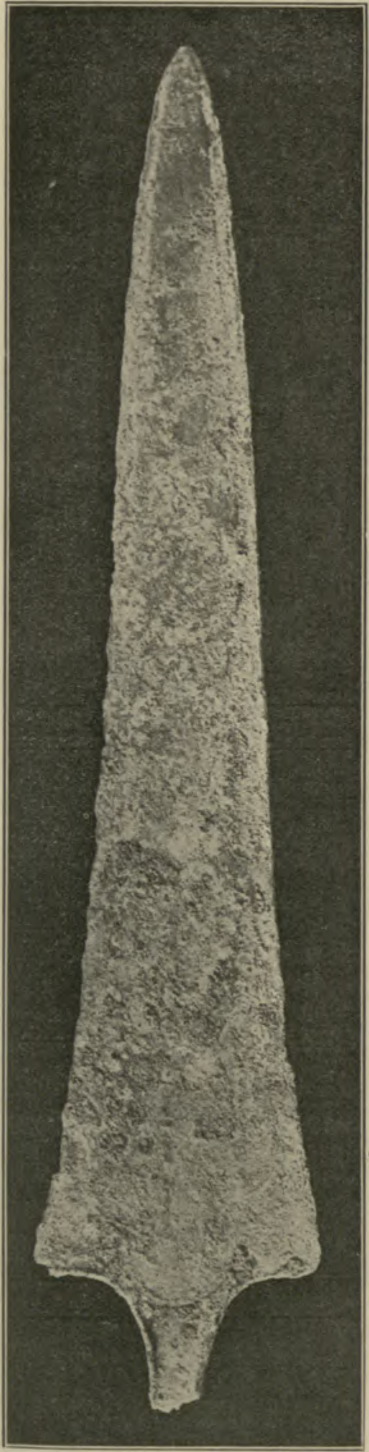


Fig. 8—Adaga de cobre; 1/2 gr.
Frente

neos, haveria de acceitar-se-lhes a hypothese e repulsar as demais; não deixando todavia de reconhecer que os diametros, a forma e ainda as sobrevivencias podem compellir a admittí-las sem esforço como aneis serpentiformes [1].

E os aros singelos? Se porventura não ornamentavam o punho da adaga, joias anullares é que não se podem considerar; eram muito outros os aneis que os SIRET encontraram ainda enfiados nas phalanges dos dedos dos esqueletos — fitas metallicas enroladas em espiral, mas não tendo nunca duas espiras completas. Deverão antes considerar-se valores representativos de *moeda?* O nosso camarada Ricardo Severo reeditou recentemente nesta *Revista,* desenvolvendo-a com proficiencia, a antiga hypothese dos *aneis-moedas;* applicou-a á interpretação d'outra ourivesaria de mais baixa data [2]. Sendo inutil ampliar o commentario sobre uma theoria já tão esclarecida, additar-se-á apenas uma observação curiosa: é que o peso total dos dous aros ($8^{gr.}$,7) caberia perfeitamente no calculo do *siclo iberico,* hypotheticamente apurado pelo nosso director [3]. Mera coincidencia, de todo casual? Talvez. Entretanto cumpre ir registrando quaesquer observações parcellares, que, sommadas a ulteriores descobertas, poderão um dia alicerçar theorias definitivas.

A ADAGA (figs. 8 e 9).

Superando todo o precedente mobiliario funebre em proficuidade informativa, surge por fim a adaga com a segura indicação, emergente da sua qualidade de arma offensiva [4] e da naturesa do seu metal, de que o invento da sepultura da *Quinta da Agua Branca* veio desvendar um conciso trecho ethnographico do periodo indigena dos primeiros metaes. A bella arma consta d'uma lamina alongada, sub-triangular, de 0^{m},35 de comprimento, com a largura na base

[1] Confr. MARTHA, obr. cit., pag. 579, fig. 387. Ainda hoje a ourivesaria do Porto expõe á venda aneis espiralados.
[2] *Portvgalia,* t. II, pag. 68.
[3] Ibid., pag. 71.
[4] O. MONTELIUS, obr. cit., pag. 55.

Fig. 9
Perfil

de $0^m,081$; e d'um espigão para encabamento, que, tendo sido voluntariamente partido no momento da abertura do tumulo, ficou no actual comprimento de $0^m,04$. Ainda com o curto pedaço destacado, o punhal não parece completo; talvez o espigão não estivesse já inteiro. Atravez da espessa e aspera patina, verde escuro e claro, não se descobre se as faces da adaga são lisas, ou decoradas com gravuras incisas, como acontece frequentemente [1]; apenas se percebe na base da folha uma curva que subito esmorece por entre as rugosidades patinosas, sem deixar conhecer nitidamente o seguimento logico. Ligar-se-ia porventura a uns rebaixes lateraes da folha, e indicaria o limite inferior do punho. Distingue-se bem que a zona central da lamina é mais reforçada, adelgaçando insensivelmente para a peripheria até que perto d'esta sobrevêm uns rebaixes bruscos para iniciar o gume duplo, que seria fino e cortante. Ha que notar ainda um rebordo saliente nas linhas exteriores do espigão, em que de resto não se divisa orificio algum para cavilhas de cravação do punho.

Informações especiaes sobre a technica metallurgica da epoca não as ministra a interessante arma; como as congéneres, devia ter sido inicialmente fundida; depois martelada para adensar o metal e imprimir-lhe maior resistencia; emfim polida e afiada pelos já notorios processos em uso. Não ha tambem hesitar em caracterisá-la como arma offensiva; o comprimento e desenho affirmam-no categoricamente. Poder-se-ia apenas discutir se era um grande punhal ou uma espada curta, muito frequente na epoca dos primeiros metaes [2]; porque a distincção entre as duas armas não se basea em regra absoluta [3]. Não se parará todavia em questão de alcance manifestamente mediocre. Cumpre de preferencia inquirir a que estadio da civilisação dos primeiros metaes deve ser referida.

A analyse chimica, realisada pelo sr. conselheiro Ferreira da Silva, constata decisiva e terminante que ella é de *cobre*. E no entanto, sob o aspecto morphologico, mal pode accomodar-se na serie conhecida das armas similares, provenientes do periodo transitorio a que se presta o nome de *chalcolithico* ou *eneolithico*. As laminas colligidas até agora teem geralmente, nesta phase inicial, entalhes ou orificios lateraes na base, para as cavilhas do punho, e são de grosseira e incorrecta manufactura [4]. Da epoca do cobre ha ainda outro grupo mais aprimorado, que se caracterisa pela forma triangular, de base arredondada com orificios e sem espigão para encabamento, taes como os punhaes *morgeanos* [5]; e este eschema subsiste até dentro do periodo do bronze [6].

Vê-se bem que a adaga da Brêa não cabe precisamente em nenhum d'estes moldes; ha, pois, que abrir na palethnographia indigena uma outra secção em que se inscreva como typica a sua forma. Annote-se, porém, que esta não é privativa da região minhôta. O. MONTELIUS, no ensaio de chronologia relativa da prehistoria de França e d'outros países celticos, inclue no primeiro periodo do bronze (cobre puro e bronze com diminutissima percentagem de estanho — mais de 2000 annos antes da nossa era até ao seculo XIX) os punhaes, que «présentent à la base une espèce de languette ou soie qui entrait dans la poignée; il n'y a pas encore de trous de rivets» [7]. Estes caracteres reprodusem-se na adaga, e o seu desenho aproxima-se bem da figura (fig. 1, n.º 14), com que o eminente archeologo illustra a descripção transcripta. Parece pertencer, pois,

---

[1] MORTILLET, obr. cit., pl. LXXIII; O. MONTELIUS, obr. cit., pag. 136.

[2] MORTILLET affirma até que as primeiras espadas não passavam de punhaes compridos. Obr. cit., pl. LXXIV.

[3] EVANS, obr. cit., pag. 241.

[4] ESTACIO DA VEIGA, obr. cit., t. IV, est. III, n.os 5 a 9; X, n.º 14; XI, n.º 4-A; XII, n.os 1, 2 e 4; XIII, n.os 5 e 6; *Boletim da Sociedade archeol. Santos Rocha*, t. I, pags. 58 e 59, est. III, figs. 32 e 36; E. CARTAILHAC, obr. cit., pag. 216, fig. 286 (que é de cobre) e pag. 221, figs. 300 e 301.

[5] *Portvgalia*, t. I, pag. 455 e est. XXVI, n.º 220.

[6] ESTACIO DA VEIGA, obr. cit., est. XXIII, n.º 15; NERY DELGADO, in *Communicações da Commissão dos Trabalhos Geologicos de Portugal*, t. II, fasc. I (1888-1889), Lisboa, 1889, pag. 45 e segs., est.

[7] *L'Anthrop.*, t. XII, pag. 610; *Compte-rendu do Congr. int. d'anthrop. et d'archéol. préh.*, 12.ème session, Paris, 1902, pag. 340.

á mesma phase industrial, sem que por isso deva forçadamente inferir-se que o punhal da Brêa foi produsido num periodo indigena, synchronico com o dos outros paises sobre que incidiu o estudo de Montelius.

Informação anthropologica; analyse chimica.

Como valioso fecho da nota presente, transcrevem-se as subsequentes informações. Acêrca dos fragmentos do craneo do inhumado, diz o nosso camarada Ricardo Severo:

Consta o espolio osteologico de uma vintena de fragmentos de ossos do craneo, nos quaes os cuidados da *silicatagem* mal impedem a sua intensa friabilidade. Tentou-se pacientemente a reconstituição, mas esta só foi possivel em parte insignificante, pois que infelizmente apenas existe uma pequena porção dos ossos do craneo, cujas relações anatomicas são por vezes impossiveis de definir. Com 7 pedaços se compõe uma parte da região frontal: do lado esquerdo até a sutura coronal, com parte do frontal e respectiva bossa, comprehendendo o quadrilatero da fronte, o *metopion*, com a glabela e arcadas supraciliares até á sutura nasal e ainda as apophyses orbitarias externas com o arranque das cristas temporaes, mais nitida a do lado direito. Os outros ossos da caixa craneana são: um pedaço do parietal direito com a sutura lambdoide até ao *aster*, outro limitado pela sutura temporal e mais alguns pequenos fragmentos de duvidosa classificação. Ainda ha um bocado do maxillar inferior, arruinado no seu bordo externo, comprehendendo parte do corpo, lado direito, com a symphyse do mento e parte d'este, tendo implantados o dente canino, dois pequenos molares e um grande molar; solto, outro grande molar.

Se é fallivel a classificação do sexo e da edade em craneos completos, muito mais o é sobre estes destroços. Aventar-se-ha, pelo aspecto da glabela e arcadas assaz pronunciadas e pelo volumoso do conjuncto, um pouco por sentimento, que os presentes restos pertencêram a um individuo do sexo masculino e francamente adulto — nas proximidades dos 50 annos. E' completa a synostose das suturas coronal e lambdoide, ao qual symptoma corresponde o desgaste dos dentes.

O craneo parece ter sido bastante volumoso, largo da fronte e relativamente pouco espesso. Não denuncía caracter saliente de classicismo ethnico. A glabela — entre 2 e 3 de Broca — não é exagerada; o perfil da fronte não é curto nem fugidío, inclinando-se ligeiramente para ligar-se á linha da abobada. De perfil ou de face são normaes as linhas morphologicas, como em um craneo qualquer de série actual.

Raros e insufficientes dados craneometricos se podem obter. Annotar-se-ha: o diametro frontal minimo = 103 mm., o espaço interorbitario = 28, além de outras medidas de curiosidade sem valor anthropologico. A primeira medida apenas confirma a grande largura da fronte que corresponde a um craneo volumoso, *largo*, talvez, *longo* e *baixo*, com o que concorda a segunda medida entre as orbitas. Estes numeros são maximos, mas d'elles nada se infére para a forma do oboveo craneal, pois não estão em relação com o indice cephalico. Coincidem, de certo casualmente, com eguaes medidas tomadas por Paula Oliveira no craneo masculino n.º 3, neolithico, dolichocephalo da Casa da Moura. Os presentes dados empiricos, porém, tanto indicam um craneo dolichocephalo harmonico, de typo primitivo autochtone, como se adaptam ás formas brachyoides do typo chamado celto-slavo.

Esta pequena nota craneologica de resultados negativos, que nada vale, resalta ao menos a importancia do documento anthropologico que é perdido; elle seria verdadeira preciosidade scientifica para o nosso problema ethnico. Todavia os jazigos do Norte do paiz, devido á natureza geologica do solo, rarissimas vezes conservam tão valioso espolio. — (a) *Ricardo Severo.*

Relativamente á composição metallica da adaga communica o illustre chimico, sr. conselheiro Ferreira da Silva:

Destacada tanto quanto possivel a patina, que era bastante adherente, reconheceu-se que um dos fragmentos pesava 0,5771 gr.; o outro, 0,5752 gr. O metal, que era avermelhado, dissolvia-se quasi completamente no acido azotico de densidade 1,2, dando um soluto perfeitamente azul.

Sobre uma parte aliquota de liquido doseou-se o cobre pelo methodo do iodeto de potassio, determinando-se o iodo libertado por meio de um soluto deci-normal de hyposulfito de sodio. Fizeram-se dois ensaios que deram resultados perfeitamente concordantes, conduzindo á percentagem de 92,79 de cobre.

Sobre outra parte do soluto doseou-se o chloro, pelo methodo de Mohr.

Outra porção do liquido foi precipitada completamente pelo acido sulphydrico; a parte d'este precipitado, soluvel no sulfureto de ammonio, serviu para a pesquisa do antimonio e para reconhecer e dosear o arsenio; a que era insoluvel foi dissolvida no acido azotico diluido e o liquido obtido, ensaiado para o reconhecimento do chumbo, prata e bismutho. O liquido separado do precipitado pelo acido sulphydrico serviu para investigar o zinco, o ferro, o nickel, a magnesia e as terras alcalinas.

Os resultados obtidos, referidos a 100 partes, foram os seguintes:

Cobre	92,79	Transporte	95,00
Chloro	1,83		
Arsenico	0,38	Zinco, ferro e nickel	0
Prata	0	Magnesia	Vestigios
Chumbo	0	Silica	0,09
Estanho, antimonio	0	Agua, carbonato de calcio, etc.	4,91
	95,00		100,00

Segundo todas as probabilidades, o chloro encontrado provém do oxychloreto de cobre, que, de accordo com analyses de objectos similares de data muito antiga, compõe na maxima parte a patina, que não foi possivel destacar dos fragmentos analysados, e se dissolveu conjunctamente com o metal.

Os resultados da analyse mostram que se não trata, no caso presente, de uma liga metallica de cobre e estanho, comparavel ao nosso bronze actual, como á primeira vista se poderia pensar. A hypothese tem de arredar-se, pois que o estanho não foi encontrado.

O metal empregado para fabricar a adaga deve reputar-se — *cobre industrialmente puro.*

Porto, 31 de março de 1906. — (a) *Antonio Joaquim Ferreira da Silva.*

O achado da *Quinta da Agua Branca* constitue, pois, um todo homogeneo, particularmente apreciavel e interessante como enlaçado a um momento antehistorico, para cuja synthese ethnographica se hão recolhido ainda poucos indicadores de valía. Se pelas circunstancias denunciadas falhou de principio a observação rigorosa, e não poderam prevenir-se as violencias lamentaveis, com que a soffrega precipitação e a insciencia rematada desvalorisaram algumas peças do espolio e anhilaram os vestigios de factos dignos da mais attenta indagação; ainda assim conseguiu-se para o registro palethnographico um feixe de indicações preciosas, que teem de intervir na solução final do nosso problema ethnologico. A forma e architectura tumular; as emergentes manifestações rituaes; os adereços de ourivesaria cara, reflectindo a modalidade technica e artistica, o estylo da sumptuaria d'uma epoca, e por ventura indiciando até um facto curioso de organisação politica; a arma fornecendo um typo com provavel sobrevivencia figurativa nas celebres *estatuas callaicas* e apontando uma data aproximada para o grupo de objectos e episodios a que foi associada: tudo isto forma um notavel marco de referencia, a que positivamente não deixará de recorrer-se para a futura reconstituição integral do passado.

Porto, março de 1906. JOSÉ FORTES.

NECROPOLE LUSITANO-ROMANA DA LOMBA

(AMARANTE)

O uso de incinerar, como rito funerario observado neste extremo occidental da Europa, inicia-se em afastados tempos anteromanos; é pratica religiosa do ancestral autochthóno [1], que, seculos além, a descendencia continúa a exercer, em parallelismo de cultura com povos coetaneos de mais ou menos preponderante influencia nas suas modalidades e estadios sociaes. Não a importaram as legiões invasoras; prende-se com raiz bem funda num passado longinquo, coexistindo com o rito da inhumação — certamente o primordial e tambem, sem litigio, o mais intimamente insinuado nas civilisações primitivas. Talvez o dominador latino a vulgarisasse na peninsula sem contrariar o consuetudinario enterramento, egualmente vigente no seu paiz; a verdade é que no periodo lusitano-romano deparam-se frequentissimas as sepulturas por incineração em concorrencia com as do outro rito.

Mas, com a relativa abundancia de casos registrados, falham bastante ainda os estudos minudentes e de rigorosa observação, que permittam integrar toda a attinente formula ritual e organisar o quadro definitivo dos concernentes typos sepulcrologicos. Esta deficiencia numa secção interessante da litteratura archeographica, e não a impor-

---

[1] A indagação palethnologica parece ter verosimilmente concluido que o necrolatra primitivo, se inhumava nos *kjoekenmoeddings*, na gruta natural, nas cryptas artificiaes, em regra nos dolmens e mais sepulturas neolithicas, tambem cremou os cadaveres depositando as cinzas e os restos do brasido ustorio nas grutas da *Furninha* e do *Poço-Velho*, nas antas do *Cabeço-dos-Moinhos* e do *Frieiro*. J. LEITE DE VASCONCELLOS, *Religiões da Lusitania*, Lisboa, 1897, vol. I, pag. 206 e segs.

tancia actual da necropole da Lomba, quasi desfeita por diversas causaes, determina a maior latitude da presente nota—pouco informativa talvez, mas não de todo inutil para a futura reconstituição da velha ethnographia local.

I.—A NECROPOLE.

A freguesia de S. Pedro da Lomba assenta pobremente na corúta do pequeno massiço orographico d'entre o Tamega e o seu affluente Ovelha, a cêrca de tres kilometros a sudeste da villa de Amarante. Os terrenos são de córte muito accidentado e naturesa granitica, frequentemente constituidos por um *salão* grosseiro em que a picarêta morde com esforço. Pelos numerosos córregos serpeiam entanto aguas abundantes, que alimentam uma vegetação úbere e fresca. Talvez por isso é que seria densamente povoada desde eras remotas.

Com indagações rapidas, consoante facultava a estreitesa do tempo disponivel, apurou-se já a subsistencia, no seu ambito administrativo, de *a)* um lagar cavado na rocha (logar de Fontellas), muito frustre mas positivamente lusitano-romano, e identico como forma e aspecto geral ao que se nos deparou no sitio dos *Athaúdes*, da convisinha freguesia da Magdalena; *b)* varias sepulturas tambem cortadas na penedia (logar de Fontellas e outros), algumas com forma anthropomorphica; *c)* restos muito obliterados de um povoado antigo (logares contiguos das Paredinhas e do Paraiso); e *d)* emfim, um monumento archeologico de valía, o cemiterio explorado, occupando uma area que as informações locaes, reiteradas e irrecusaveis, demonstram vasta e ao serviço demorado de gerações successivas. Para este *polyandrion* archaico do sitio dos Prasos, logar da Quebrada, convergiu preferentemente o estudo.

Não se accusando, em cuidadoso inquerito, quaesquer vestigios indiciarios de mais proxima estação humana, é aos moradores de Paredinhas e Paraiso, logares distantes cêrca de 300 metros [1], que poderá acaso attribuir-se a velha necropole. A presumpção resultaria mais verosimil e acceitavel, se tivesse havido opportunidade de revolver os escombros da povoação extincta, e, com o estudo do espolio, da ceramographia sobretudo, a intercadente possibilidade de adquirir elementos justificativos da supposta dependencia antepassada. Assim, fica ahi apenas exarada a hypothese, pendente de verificação ulterior se para ella se deparar ensejo.

De resto o apuramento definitivo da presumida relacionação da necropole com o povoado não deixa no momento de ser destituido de importancia primaria, por se visar fundamentalmente neste summario estudo á reconstituição do ritual funerario, com que era cerimoniado o decesso dos habitadores locaes.

A exploração relatanda limitou-se, no sitio dos Prasos, á propriedade rustica de Antonio Bento Pinto (fig. 1), a qual se desdobra em duas folhas rectangulares, separadas longitudinalmente por pequeno comoro com videiras; para poente seguia-se no mesmo nivel uma leira afructada de outro dominio, que foi mister respeitar e que de resto, pelas informações colhidas, pode presumir-se archeographicamente improductiva; para sul, em nivel inferior, mais um terreno declivoso com arvoredos de alto porte, hoje exgotado mas d'onde primitivamente, quando a lavradío, se exhumaram numerosos vasos de argilla.

Veem de longe os achados archeologicos no local; desde 1852—calculou o morgado da Lomba, o sr. Antonio Corrêa d'Almeida, o qual, tendo sempre residido na freguesia, conhece minudentemente a historia e todos os recantos do seu domicilio habitual. De principio era por ali *monte* aberto, inculto, de aspecto commum e inexpressivo; mas os trabalhos agricolas, progredindo na obra cultural, vieram a incidir nos terrenos do velho cemiterio, e subsequentemente a enxada e o alvião ou a relha do arado começaram de assoalhar un abundante vasilhame ceramico de variadas medidas,

---

[1] A distancia entre o povoado e o cemiterio seria assim diversa da prescripta pelas leis de Cesar á *Colonia Genetiva Julia*, a qual era de 500 passos pelo menos. (Confr. *taboas de Osuna*, LXXIV ... *Nequis ustrinam novam hubi homo mortuus combustus non erit proprius oppidum passus D facito...)*

galbas multiformes e um ar estranho e inusitado. Tirou-se do subsolo muita e muita louça; «vinte carros não a transportariam»—repetia a meúdo o sr. Corrêa d'Almeida. Mas uma parte pulverisava-a logo, sob o *olho* inexoravel da enxada, o jornaleiro supersticioso e boçal, na expectativa cubiçosa de que, esmagada simultaneamente a *bicha* da lenda, aquellas cinzas e terra anegrada se transmutariam por desencanto no lusente metal dos seus anceados sonhos d'ambição. Outra levavam-na ainda intacta os moradores visinhos, de menos crendice e mais senso pratico; assim, não poucas *ampullae* votivas, numerosos vasos cinerarios, hoje perdidos, passaram do serviço ritual dos mortos para os mesteres caseiros dos vivos! Veio tambem, a reclamar o seu quinhão no espolio, o antipathico e pernicioso *colleccionador*, infallivel e canceiroso no empenho vão e esteril de avolumar ignoradas collecções desproveitosas... Em summa: violou-se quasi toda a necropole; remexeu-se, partiu-se, dispersou-se largamente todo o mobiliario da morte. Por isso a exploração, provocada pelos achados de uma recente *saibra* [1] para plantío de meloal, quasi só deparou com destroços—muitos cacos esparsos pela terra, um ou outro vaso deslocado pelo vessadouro, uma sepultura semi-revolvida, apenas uma outra intacta. Neste fosso tumular, sobrevivente por feliz acaso, é que se conseguiu, pois, estudar directamente o arranjo intimo de um dos typos de covaes do cemiterio desfeito. Por meras informações complementares se reconstituirá, com prudente reserva, uma segunda forma que a inspecção cuidadosa do terreno não logrou sequer vislumbrar.

E' singela a estratigraphia do campo explorado: na superficie, magra terra humosa; por baixo, o *salão* duro. Abrira-se neste outr'ora uma cova exigua, proximamente circular e pouco profunda, com o diametro de $0^m,60$ e a altura de $0^m,90$ até ao actual nivel superior do terreno; o fundo ficou em córte curvo, de superficie concava. Mas o centenario *fossor*, menospresando regularidades geometricas, manejára a *dolabra fossaria* um pouco ao acaso, ligeiramente, e por isso a obra resultou descuidada, visivelmente grosseira. Sem mais acabamentos, sem outro trabalho complementar—cousa para pobres—, eis rapidamente preparada a sepultura, prestes a receber na sua nudez e attrahente simplicidade os restos do incinerado e os vasos que a piedade dos sobreviventes lhe votaram aos Manes.

Encontrou-se o fosso funerario repleto de terra menos compacta do que o *salão* circundante, onde punha uma escura mancha; limpo cuidadosamente sem a intervenção de instrumentos metallicos, appareceram dispersos sete *clavi* de ferro, fundamente oxidados, quasi irreconheciveis [2], e depois uma piramide de louça de barro, sete vasilhas em grupo adherentes á terra recalcada pelos seculos. Dentro dos vasos, do maior especialmente, cinzas e terra negra recolhidas no *bustum*, em que o cadaver fôra consumido (fig. 2).

Parece que este typo sepulcral de fossa redonda não era o unico dominante em toda a necropole; as informações conscienciosas do sr. Corrêa d'Almeida apontam-nos um outro de planta rectangular e cêrca de dous metros de comprimento por mais d'um de largura. Além de vasos com dimensões e galbas parallelas ás dos recolhidos na exploração, encerrariam outros de maior continencia: «*talhas*» *(ollae?)* «que poderiam levar um *cantaro* e até quasi um *almude*», umas tampadas com operculos, outras borcadas sobre pratos; «*vinagreiras*» *(ampullae?)* com forma ainda sobrevivente na olaria rustica dos *paneleiros* da visinha freguesia de Gondar; pratos enormes, pregos e cinzas. Não se insistirá contudo neste segundo typo tumular pela rasão exposta de não se nos depararem vestigios d'elle, ligeiros ao menos, em toda a grande area explorada.

---

[1] *Saibrar* é na região synonymo de *cavar*.

[2] Pregos identicos encontraram-se nas necropoles da Fonte-Velha e de Molião (Lagos); confr. *O Archeologo Português*, t. I, pag. 327, II, pag. 71, nota (2), e v, pag. 103. Ainda recentemente vi, no museu da *Sociedade Martins Sarmento*, grande quantidade d'elles recolhidos ha pouco num cemiterio lusitano-romano de S. Torquato (Guimarães).

A exiguidade da fossa tumular do primeiro typo e as cinzas carinhosamente recolhidas em vasos documentam em forma authentica a observancia pagã do rito da ustão dos cadaveres entre os antigos habitadores locaes [1]. E addite-se que esta pratica funeraria e o emprego do pequeno coval circular andavam de certesa muito diffundidos pela região; é licito inferí-lo dos multiplos casos já apurados na area territorial do municipio amarantino. Cite-se, como dos mais recentemente observados, o do pequeno cemiterio de Lufrei perto do logar do *Mortorio*, explorado por simples amadores sem intenção scientifica e de que por isso não ficou registro publico. Ainda em 1899 cheguei a desentulhar uma das fossas, já violada e inteiramente vasia; e agora verifico mentalmente que reprodusía com rematada fidelidade o typo da Lomba. Por informação do dr. Joaquim Coimbra colhi tambem que as sepulturas se ordenavam sob a camada humosa em grupos de tres, dispostas em triangulo; em cada uma teria sido deposto apenas um vaso campanular, sem ansas, de olaría commum, e, dentro d'elle e da cavidade tumular, cinzas, carvões e fragmentos d'ossos queimados.

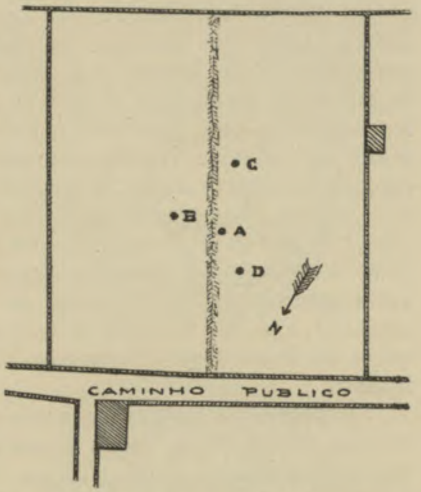


Fig. 1 — Planta do predio de Antonio Bento Pinto. — *A*, sepultura intacta; *B*, sepultura remexida; *C* e *D*, restos d'outras sepulturas violadas.

Os informes penhorantes do nosso camarada José Custodio de Pinho indicam ainda dous covaes inéditos com o mesmo aspecto typologico: um nas propriedades de Antonio da Silva Peixoto, logar de Sapainho, freguesia de S. Verissimo, encerrando vasos multiplos com despojos cinerarios [2]; outro na propria villa d'Amarante, bairro da Devesa, calçada da Misericordia, o qual foi descoberto por occasião d'antigos trabalhos agricolas no olival de Antonio Avelino Augusto da Silveira, exhumando-se tres vasos de forma e destino ignorados. Haverá alguns annos appareceu tambem no précitado logar dos *Athaúdes*, freguesia da Magdalena, dentro do predio de D. Emilia de Magalhães, de Sanche, uma sepultura por incineração com dous vasos de barro, de galba e paradoiro incertos; não poderam reconstituir-me o typo da sepultura, mas é presumivel correspondesse ao da Lomba.

Apura-se, pois, para o rito da cremação funeraria um typo sepulcral muito em voga no concelho — a fossa redonda de restrictas dimensões e factura rude, com mobiliario exclusivamente ceramico contendo cinzas e, por veses, carvões e ossos carbonisados. Cumpre entanto addir que esta singela forma tumular não era privativamente local; decalcar-se-ia aqui apenas um modelo popularisado na *Gallaecia*, na *Lusitania* e no *Cyneticum* romanos: como outras reproducções d'elle, apontar-se-ão de passagem as sepulturas da necropole da Fonte-Velha (Algarve) e do Freixo (Minho) [3].

E mais pode affirmar-se que, embora se hajam encontrado na Iberia préromana algumas covas sepulcraes do mesmo perfil [4], o typo não é exclusivamente peninsular; tinham egual configuração as de identico rito funerario, que foram recente-

---

[1] Não se encontraram indicios simultaneos de inhumação, que poderia coexistir com o outro rito, como na pluralidade dos cemiterios gallo-romanos. Confr. J. DÉCHELETTE, *La nécropole gallo-romaine de Roanne*, Montbrisson, 1904, pag. 6.

Entre nós só poderá por enquanto citar-se, como de rito mixto, a necropole de Molião, aro de Lagos. Confr. *Portvgalia*, t. I, pag. 817 e *Arch. Port.*, t. V, pag. 103.

[2] O Museu municipal do Porto possue dous dos vasos d'esta sepultura, a que faremos especial referencia.

[3] *Arch. Port.*, t. V, pag. 32.

[4] Como nos *Alcôres*, valle do Bétis; confr. GEO. BONSOR, *Les colonies pré-romaines de la vallée du Bétis* (extr. da *Rev. Archéol.)*, Paris, 1899.

mente descobertas sob o proprio *forum* de Roma e são attribuiveis á edade do bronze [1].

II.—O MOBILIARIO VOTIVO.

A velha crença tradicional na continuação da personalidade humana em uma vida posthuma, analoga á terrestre [2], e a concepção do tumulo como uma casa, *aeterna domus* [3], ... *ubi diutius nobis habitandum est,* determinaram tambem aqui a deposição d'algum mobiliario votivo junto dos restos dos incinerados. Singelo como a rude moradía funeraria, consta restrictamente de vasilhas de barro—na pluralidade um *opus figlinum* de grosseira manufactura. Os pregos encontrados a alturas diversas e em situações de acaso não entram naquella categoria; trasidos fortuitamente da fogueira ustoria, como parece, não tradusem de modo nenhum uma offerenda piedosa aos deuses Manes. Ha pois que estudar apenas a olaria funeraria. Os antigos e reiterados remeximentos do terreno e a consequente ruina e dispersão do mobiliario indusem a julgar muito incompleta a serie ceramographica reunida pela exploração, ainda mesmo accrescentada com anteriores e subsequentes offertas obsequiosas [4]. Entretanto, abrangendo sete formas typicas, representadas por 19 vasos integros ou trabalhosamente reconstituidos, não deixa de ser valiosa.

Alguns exemplares foram inhumados já com fracturas ou até esborcinados; a outros fendeu-os a pressão das terras, as operações culturaes, a penetração das radiculas do plantío ou emfim a impericia, a negligencia, a supersticiosidade de pesquisadores ignaros. Raro o vaso que não revéle uso anterior á sua inhumação, nenhum que patenteie a acção da pyra ardente; em muitos a adherencia ás paredes externas do negro de fumo depõe claramente haverem passado dos serviços caseiros para a jasida tumular [5].

Repete-se no *polyandrion* amarantino uma circunstancia enygmatica, observada já noutras necropoles e pouco suasoriamente interpretada até agora: algumas vasilhas exhibem na pansa arredondada um orificio diminuto, irregular, mas de manifesta intencionalidade. Parece um incidente ritual, determinado por uma das cerimonias constitutivas do formulario local do *justa facere,* certamente aberrante da tradição classica, mas ainda irreconstituivel com pormenorisação perfeita quer pelas observações proprias, quer com as extranhas. Em caso similar o pequeno orificio foi attribuido ao mero intuito de inutilisar os vasos para outro serviço [6]; mas o anormal processo de desvalorisação deveria, procedendo a hypothese, applicar-se a todo o grupo ceramico—o que pelo menos o nosso estudo não confirma. De toda a serie fictil da Lomba só quatro peças exhibem, com segurança, o furo ritual: tres *lagoenae* e um *oinochoe* de bico trilobado. E' preferivel, pois, mencionar apenas mais esta occorrencia, sem a velleidade inefficaz de a interpretar desde já.

---

[1] O. MONTELIUS, *La civilisation primitive en Italie,* 2.ème partie; *Italie Centrale,* Stockolm, 1904, sér. B, pl. 134. As fossas são pouco profundas e tampadas com lages; dentro, um grande vaso com o despojo cinerario e pequenos vasos votivos ou secundarios.

[2] TH. MOMMSEN & J. MARQUARDT, *Manuel des antiquités romaines,* XIV, *La vie privée des romains,* por JOACHIM MARQUARDT, trad. de VICTOR HENRY, Paris, t. I, pag. 427.

Um testemunho material particularmente expressivo d'esta concepção religiosa é o curioso facto averiguado na necropole gallo-romana de Roanne: entre os maxilares d'um cadaver introdusíra-se o bordo de pequena taça de barro, que no acto da exploração ainda se conservava *in loco!* Confr. J. DÉCHELETTE, *La nécropole*... cit., pag. 7.

[3] Confr. C. I. L., II, 1222 ... *haec est domus qum meis;* e *supplem.* ad C. I. L., IX et X, n.º 191 ... *aeterna domu*[*s*].

[4] São de registrar as cedencias penhorantes dos srs. José Custodio de Pinho e Joaquim de Queiroz, d'Amarante, que tambem nos prestaram concurso valioso na exploração.

[5] TH. MOMMSEN & J. MARQUARDT, obr. e loc. cits., pag. 431 «... ce qui porte à penser que ces objets étaient déposés dans la tombe, non comme symbole de deuil, mais à titre de souvenir de la vie qu'avait vécue son nouvel hôte...»

[6] GEO. BONSOR, obr. cit., pag. 77.

A ceramica da Lomba não se destaca de resto por um *facies* de privativo caracter; excluindo as louças do *typo arretino* e de argilla cinzenta, é a mesma vulgar olaria dos *castros*, na phase em que se deparam influenciados já pela cultura romana. Tambem não desperta interesse artistico que a decoração é pobre, se existe. Um ou outro perfil se assignala, quando muito, pela elegancia das linhas; este ou aquelle vaso, pela tenuidade das paredes ou pelo acabamento do fabríco; em regra, porém, ha asymetria, deformação e technica muito descuidada. A ornamentação, obtida por incisões na pasta ainda fresca ou a pincel com tintas d'uma paleta indigente, não ultrapassa o velho thema geometrico na sua mais singela expressão do ponto e da linha. E' ineluctavelmente a louça plebeia, olaria barata com accesso facil no tugurio do proletario humillimo; e por esta facêta desperta interesse scientifico, não devendo ser descaroavelmente relegada do estudo attento, como por veses se pratíca. O condigno exame pormenorisado vae ser feito sob o triplice aspecto da forma, do incidente decorativo e dos caracteres physicos, annotando-se que se ampliará a dous especimens do Museu municipal do Porto provindos da necropole parallela de S. Verissimo, de Amarante.

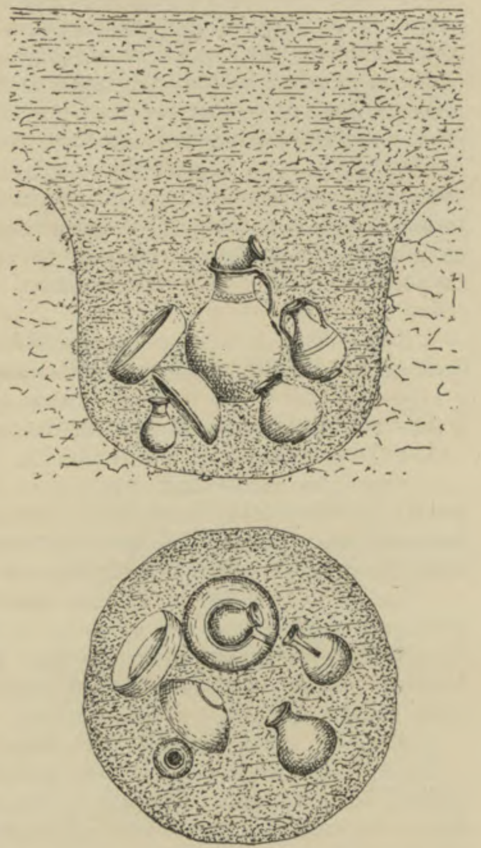


Fig. 2
Diagramma do córte e planta da sepultura *A*

A) *Forma.*

E' fundamentalmente a globular, procurada com manifesta intervenção da *rota figularis* ou *orbis,* mesmo nas peças de mais grosseiro labor.

Está por fazer o nosso inventario ceramographico, da olaria archaica, comprehensivo das formas typicas devidamente seriadas segundo a successão chronologica, as ascendencias ethnographicas, a decoração e a technica. Como discreto subsidio para o futuro trabalho de compendiação, que importaria um chronometro excellente para datar estratos archeologicos, tentar-se-á a ordenação das formas fundamentaes que se apuraram, progredindo das mais singelas para as de manufactura mais complicada.

Advirta-se já que é embaraçosa e não raro impossivel a identificação d'ellas por nomes latinos [1]. E' por isso que o illustre professor de Würtemberg, O. Hölder, inventariando todas as formas encontradas na Allemanha e na Italia, não tentou sequer applicar-lhes a variada terminologia romana. Mas, para não tornear commodamente a difficuldade, procurou-se attribuir uma denominação classica a cada typo formal, quando o facultaram os subsidios nem sempre harmonicos, que fornecem os trabalhos de A. Rich, Joachim Marquardt e H. B. Walters.

1.º typo: catilli, catini (fig. 3 e est. XVI, figs. 6 e 10).

Devia ser a peça mais commum, adaptavel a complexos usos caseiros; é que poucas jasidas archeologicas deixam de a revelar e com aspectos variadissimos. Em Roma

---

[1] H. B. Walters, *History of ancient pottery greek, etruscan and roman*, London, 1905, vol. II, pag. 473 «... in most cases any attempt to give specific names can only be regarded as arbitrary».

reconhecer-lhe-iam a mesma utilidade maleavel: no trem culinario era recipiente accommodado á cosedura d'alimentos; para servir legumes, a caça, o peixe, ia até ao triclinio do banquete; e, com feição mais opulenta como materia e forma, entrava mesmo no templo a levar junto do *focus turicremus* as pastilhas do incenso litúrgico dos sacrificios.

O negro de fumo, patinando espessamente o fundo e as paredes d'alguns exemplares da serie, patenteia que na região tambem os applicavam a serviços de cosinha; porém varios specimens, que revelam uso prolongado sem indícios de contacto com o fogo, comprovam outras adaptações domesticas. Ha-os grosseiros, de argilla negra e infima; ha-os de melhor technica, pintados interna e externamente a côr vinosa, unida ou em singela decoração linear; são todos circulares, ápodos, de fundo raso; as paredes erguem-se num angulo obtuso sobre o plano da base, sem collarinho, ou descrevem uma curva multicentrica que superiormente inflecte para dentro, formando um rebordo terminal. As dimensões são variabilissimas: num grupo de sete exemplares, um tem medidas muito escassas — diametro na bocca $0^{m},101$ por $0^{m},044$ de altura; outro, mais avantajadas, $0^{m},308$ por $0^{m},05$. Entre esses extremos ha tamanhos muito diversificados [1].

Tendo esta 1.ª forma o mesmo desenho do *catinus* e do *catillus* romanos, não será mister todavia recorrer a influencias exoticas para investigar-lhe a ascendencia; o typo encontra-se na primitiva olaria indigena desde o periodo neolithico [2]. E, o que é mais curioso, ainda hoje subsiste nas louças populares.

2.º typo: patina (est. XVI, fig. 5).

Escudella semi-espherica com pé exiguo e bordo singelo; diametro na bocca $0^{m},190$ por $0^{m},195$ de altura, e por isso de maior capacidade que uma grande parte dos modelos similares ainda hoje em uso. Nas superficies unidas nenhum episodio decorativo; o barro de viva côr vermelha não prima pela excellencia da escolha ou do preparo.

No perfil corresponde á forma classica da *patina* [3]; da mesma sorte que o modelo romano, deveria servir nos modestos lares da região para trabalhos culinarios ou para recipiente de vitualhas já preparadas. Vaso egual encontrou o dr. Santos Rocha no Algarve, a servir de *operculum* d'uma urna cineraria [4]; na Lomba estava no coval intacto como vasilha secundaria e independente.

3.º typo: vasos campanulares (est. XVI, figs. 3, 7 e 8).

Na escala ascendente da complicação formal, segue-se uma unidade ceramica que abunda nos cemiterios d'ambos os ritos. O eschema typico é simples: a uma pansa espherica, espheroidal ou ovalar sobrepõe-se o collo mais ou menos amplo e curvo, que superiormente se afasta do eixo do vaso. Com pé exiguo e sem asas, a curva do bojo e a contracurva do collo desenvolvendo-se diversamente, ha-os de multiplas dimensões com predominancia, porém, dos de tamanho diminuto [5].

Dos cinco exemplares da collecção, um é de barro castanho e pintado com filetes vermelhos e amarellos; os outros, de argilla clara e vulgarissima, paredes por veses tenuissimas, sem ornamentação alguma.

Não conheço termo latino que possa applicar-se-lhes com exacção; seriam recipientes para bebidas, pelo menos os de menores dimensões, como hoje o pucaro vulgar; entretanto semelham-se antes ás mais communs jarras de flôres.

4.º typo: lagoenae (est. XVI, figs. 2 e 4).

São vasilhas de maior capacidade que as anteriores; como ellas a curva do bojo esmorece na contracurva do collo, aqui menos desenvolvida; a addição de uma asa

---

[1] Outras dimensões: $0^{m},26 \times 0^{m},058$; $0^{m},245 \times 0^{m},06$; $0^{m},23 \times 0^{m},05$; $0^{m},193 \times 0^{m},05$; $0^{m},133 \times 0^{m},033$.

[2] GEO. BONSOR, obr. cit., pags. 104 e 111, e figs. 6, 19, 20, 22, 23, 90, 95, etc.

[3] A. RICH, *Dict. des antiq. rom. et grecq.*, v. *patina*.

[4] *Arch. Port.*, t. I, pag. 331, fig. 3.

[5] Diversas medidas: altura $0^{m},133 \times 0^{m},138$ de diametro do bojo; $0^{m},110 \times 0^{m},084$; $0^{m},104 \times 0^{m},079$; $0^{m},104 \times 0^{m},077$; $0^{m},097 \times 0^{m},084$.

adventicia, do labio ao ventre, e ainda ás veses a de um curto pé completam o perfil d'este 4.° sub-grupo, que corresponde ao da sobrevivente bilha ou pequena infusa.

Na vida familial estas vasilhas deviam prestar serviços variados, incluindo os culinarios — porque dous dos seis exemplares colligidos conservam no fundo e no bojo os vestigios do negro de fumo. Na moradia derradeira dos mortos attribuiu-se-lhes, pelo menos num caso, a funcção capital de urna cineraria; o original da fig. 2, est. XVI, occupava logar dominante na sepultura inviolada, era o vaso de maior continencia e guardava ainda algumas cinzas. A multiplicidade de adaptações praticas contraprova-se tambem pelas variaveis dimensões [1] e pela diversidade das pastas, desde a infima até á de argilla mais selecta.

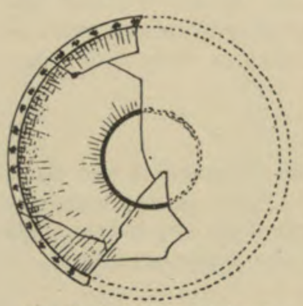


Fig. 3 — Prato com pinturas 1/3 gr.

Os exemplares são em geral lisos; mas tambem apparecem decorados pelos processos em uso, a incisão e a pintura. Morphologicamente têm estreita affinidade com o typo classico da *lagoena* [2], embora não possa estatuir-se definitivamente a identificação.

5.° typo: oinochoe de bico trilobado (est. XVI, fig. 9).

Neste bem notorio modelo, é o gargalo com os labios terminaes em *folha de trevo* que determina a sua especialisação na typologia ceramica.

A ascendencia averiguada retrotrae-se até á mais antiga olaria chypriota, até á edade de ferro e ao periodo etrusco, em que na Italia Central, como já na Grecia, o eschema modelar é conhecido [3]. Apura-se, pois, que o typo perdurou longuissimos seculos; em Portugal ainda sobrevive nos *castros,* como a *citania* de Briteiros, e em necropoles dos seculos III e IV [4]. O unico exemplar recolhido na Lomba, infelizmente incompleto, devia ter os lóbos muito apertados superiormente; é de pouco aprimorado barro, que não valorisa o minimo pormenor ornamental.

6.° typo: ampullae (fig. 4 e est. XVI, fig. 1).

Typo vulgarissimo e multiforme este da *ampulla,* que parece ter dado a sobrevivente *vinagreira* ou *almotolia* da olaria rustica.

Pansa ovoide, espherica, conica, prolongando-se em gargalo estreito, que ás veses se dilata em anel ou rebordo circular e por fim termina em boccal frequentemente encurvado para o exterior — tal o seu perfil mais commum. Muitos exemplares não têm asa; outros, uma ansa adventicia ou duas oppostas, ligando o gargalo ao bojo. Figuramos duas variedades [5]; o exemplar menor reprodusimo-lo em chromolithographia como modelo da louça pintada a filetes, de epoca tarda no periodo lusitano-romano; o outro damo-lo, apesar de muito incompleto, por avultar no grupo ceramico da Lomba em virtude d'um adorno pictorico de excepção.

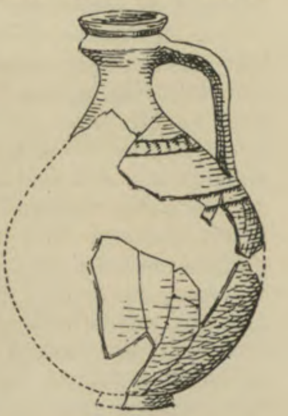


Fig. 4 *Ampulla* com pinturas 1/5 gr.

7.° typo: amphoreta (est. XVI, fig. 11).

Parece uma reducção da typica amphora etrusco-romana, na forma espheroidal de Hölder; exhibe o mesmo collo apertado caindo a prumo sobre o bojo; comporta as

---

[1] Diversas dimensões dos exemplares: altura $0^m,247 \times 0^m,188$ de diametro do bojo; $0^m,220 \times 0^m,175$; $0^m,205 \times 0^m,160$; $0^m,201 \times 0^m,168$; $0^m,195 \times 0^m,150$; $0^m,147 \times 0^m,115$.

[2] TH. MOMMSEN & J. MARQUARDT, obr. cit., t. II, pag. 302, fig. 14; WALTERS, obr. cit., t. II, pag. 467, fig. 217.

[3] WALTERS, obr. cit., t. I, pag. 177. Na Hespanha revelou tambem esta forma a necropole da *Cruz del Negro*, attribuida aos liby-phenicios. GEO. BONSOR, obr. cit., pag. 114, fig. 110.

[4] Confr. *Portugalia,* t. II, pag. 112, fig. 3.

[5] Vid. in *Arch. Port.*, t. IX, pag. 99, fig. 2, outra variedade muito vulgar; o original do desenho é tambem do concelho d'Amarante.

mesmas duas asas oppostas, descendo em angulo recto do gargalo para a pansa. Apenas se restringiu a capacidade do vaso e evitou o incommodo bico terminal, em que esmorecia o corpo da amphora, cortando-o em certa altura por um plano horisontal, que, dispensando a *incitega,* forneceu estavel fundo raso. A forma apparece frequentemente em espolios archeologicos, attribuiveis ao seculo IV depois de Christo, e ainda hoje subsiste levemente modificada. Se não é um typo exclusivamente provinciano, como se affirma, torna-se difficil localisá-lo na nomenclatura latina; d'ahi a designação vaga, que lhe attribuimos.

Estas as fundamentaes formas encontradas; é entretanto extranhavel que numa necropole por incineração não apparecesse a *olla* commum [1]. Seria, porém, temerario considerá-la em desuso, especialmente tendo encontrado parte d'um *operculum* ainda com o respectivo mamillo central de prehensão [2]. Estudemos agora rapidamente a

B) *Decoração.*

Considerado apenas o grupo ceramico em estudo, vê-se que se decorou quasi sempre com *linhas incisas* na pasta ainda fresca, raro com *relêvos,* mais frequentemente com *pinturas,* e só num caso com o emprego conjuncto do primeiro e terceiro processos de ornamentação.

a) Incisões—Tres sulcos circundantes e concentricos, pouco profundamente abertos a estylete na base do collo da vasilha, é a occorrencia decorativa mais commum. Aparta-se um vaso (est. XVI, fig. 2), em que uma zona mais larga entre dous sulcos foi preenchida com linha quebrada, continua, irregularmente incusa em *bicos de serra.*

b) Relêvos—Um tenue cordão a accentuar a nascença do collo e dous botões semi-esphericos, pousados na juncção das asas com o gargalo, constituem o unico ornato relevado da serie e do vaso da fig. 11 da est. XVI.

c) Pintura—Usou-se mais commummente de tintas brancas, amarellas, e vermelhas em multiplas cambiantes até ao vinoso carregado; e applicaram-se singular ou cumulativamente, ora em camada unida, monochromica, ora em filetes e bandas contiguas ou afastadas, circundando o bojo e por veses tambem o collo das vasilhas. No fundo interior d'um pequeno prato (fig. 3) traçou-se uma circunferencia a vermelho-alaranjado e distribuiram-se ao acaso pela superficie do bordo umas pinceladas a côr de chocolate, resultando uns pontos ou manchas irregulares. Numa *ampulla* (fig. 4) o thema pictorico complica-se um pouco mais; entre dous filetes parallelos, no bojo e no gargalo, desenharam-se traços obliquos, tambem equidistantes entre si. E eis a modesta intenção ornamental; addite-se que os pontos, linhas e bandas zonadas não denunciam precisão, regularidade geometrica ou unidade de empaste; o artista lançou-os com mão levantada; não lustrou, nem envernisou as côres, que ficaram com aspecto mate, sem brilho nem solidez; estendeu-as directamente sobre a argilla sem previo banho de cal, nem qualquer outro preparo preliminar.

Em summa: polychromia restricta, carencia de realce artistico, technica verdadeiramente rudimentar. As louças assim decoradas apparecem nas sepulturas [3], em *castros* e ainda em *villas* lusitano-romanas [4]; são acaso remota descendencia d'uma velha familia ceramica [5], em que entretanto as pinturas revelam mais intensa preoccupação artistica.

---

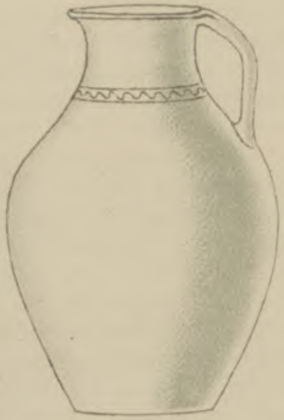
[1] WALTERS, obr. cit., t. II, pags. 456 e 550.

[2] O typo caracteristico da *olla* cineraria ou *obrendarium* appareceu em Portugal, entre outras necropoles por incineração, na de Fonte-Velha (Algarve). Confr. *Arch. Port.*, t. I, pag. 330, fig. 2.

[3] *Portvgalia,* t. II, pag. 112.

[4] J. FORTES, *Restos de uma villa lusitano-romana,* Porto, 1905, pag. 37.

[5] P. PARIS, *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive,* Paris, 1904, t. II, pag. 45; GEO. BONSOR, obr. cit., pags. 126 e 127.



2 - 1/5

3 - 1/4

4 - 1/5

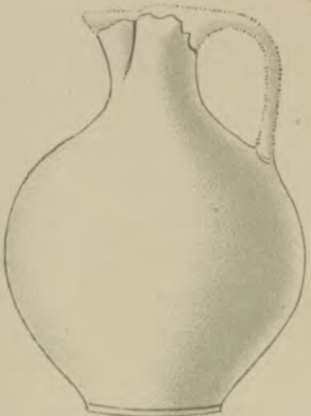
Fig. 1 - 2/3

5 - 1/5

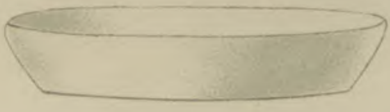
6 - 1/6

7 - 1/4

8 - 1/4



9 - 1/4



10 - 1/6

11 - 1/5

NECROPOLES LUSITANO-ROMANAS POR INCINERAÇÃO

(AMARANTE)

c) *Technica.*

Deparam-se-nos pastas de mui diversa naturesa e composição. As inferiores são anegradas, repletas de volumosos grãos quartzosos e de palhetas de mica; muito friaveis, teem aspecto terroso, parecendo cosidas ao ar livre, como numa *soenga* segundo o processo ainda em vigencia entre os *paneleiros* de Gondar [1]. Da má distribuição do calor, insufficiente de resto, procedeu a irregularidade da côr e duresa. Com esta pasta manufacturaram-se vasos grosseiros, pesados, de paredes espessas que attingem 9 mm.; assim, pratos, *lagoenae* e *oinochoe*. Ante a rugosidade das superficies e a desegual espessura das paredes chega-se por veses a duvidar do emprego da roda [2], que só é attestado no interior das vasilhas pelas estrias regulares deixadas pelos dedos do oleiro.

Segue-se outra especie de pasta mais dura e melhor cosida, em diversas cambiantes de vermelho, do vivo ao desmaiado; ainda abundam nella o quartzo e a mica, mas as paredes dos vasos adelgaçam-se, chegando a ter 3 mm., e as formas aperfeiçoam-se, admittindo já a ornamentação incisa e relevada, mesmo a pintura. E' a pasta mais commum; apparecem manipulados com ella pratos, vasos campanulares, a *patina, lagoenae,* um *oinochoe*, a amphoreta, etc.

Finalmente, embora em menor numero, ha vasilhas confeccionadas numa pasta mais fina e compacta, alcançando-se uma notavel tenuidade nas paredes, cuja espessura baixa até 15 dmm. As côres são as do *chocolate,* do *rosado* muito leve ou do *branco sujo* [3], e os productos ceramicos, de bom fabríco e perfeita cosedura. As formas recolhidas incluem-se nos typos de vasos campanulares, das *lagoenae* de exigua medida, e d'*ampullae* mais cuidadas; alguns especimens seriam lustrados, passados num banho de leite de argilla e decorados muito frequentemente com pinturas.

III.—Commentarios finaes.

A necropole da Lomba e similares do precedente relato, na rudesa do fosso tumular, na indigencia do mobiliario uniforme e singelo, e na vulgaridade da olaria votiva, patenteiam flagrantemente uma vida difficil, a pobresa dos modestos habitadores regionaes que as utilisaram. Eram os cemiterios da grey obscura [4], do rustico anonymo, carente de meios para erigir ao parente incinerado uma lapide carinhosa, sequer um pequeno cippo de concisa epigraphia, ou para offerendar-lhe aos Manes uma fibula, uma *ampulla* de vidro, um *pequeno bronze* da corrente moeda. Nem *ossuarium* de pedra, nem a *mensa* discreta; só a terra núa para recolher o despojo funebre, só alguns punhados de terra para lhe cobrir as cinzas. Não aflora indiculo material que externamente assignale aos vivos ou aos posteros a jasida derradeira dos mortos; se existiu, foi acaso ligeiro *tumulus* de terra que os seculos arrasaram.

O cadaver seria condusido á *pyra* crematoria em rude *sandapila* de taboas mal desengrossadas, que os compridos *clavi* colligidos ligavam em esquife de custo misero. E no cortejo funebre, mal alumiado pela luz vacillante e fumacenta de poucas *funalia* de negro pez; nesse pobre *funus tacitum, plebeium,* certamente não se ouviu nunca o clangor estridulo da *tibia longa* das *exsequiae* pomposas ou as epilepticas *naeniae* mercenarias das *praeficae* carpidoras.

A *ustrina* para aonde os *vespillones* do triste saimento transportariam na sua

---

1 *Portvgalia,* t. II, pag. 76.

2 E' facto averiguado que no periodo romano existia ainda uma industria ceramica de tão primitivo caracter que produsia vasos fabricados á mão, como o que o dr. Santos Rocha encontrou no cemiterio luso-romano de Marateca, Lagos *(Arch. Port.,* t. II, pag. 68).

3 São dos mesmos typos que designamos sob os n.^{os} 2.º, variedades *a)* e *b),* e 6.º, no opusculo cit., *Restos de uma villa* etc., a pags. 36, 37 e 39.

4 Para os pobres sem sepultura familial nem logar nos *columbaria* havia mesmo em Roma cemiterios publicos e gratuitos, como o *Campus Esquilinus.* Confr. Th. Mommsen & Marquardt, obr. cit., t. I, pag. 436. E' provavel que entre nós se verificasse o mesmo, e a necropole da Lomba fosse um cemiterio d'aquella naturesa.

vilis arca o cadaver incinerando, não seria porventura o proprio fosso sepulcral ou o terreno circundante, como na necropole da Fonte-Velha (Algarve) [1]. A cavidade tumular da nossa exploração ou o solo adjacente exhibir-se-iam requeimados pela acção demorada e violenta do fogo vivo, que a combustão do corpo humano requer. E os restos do *bustum* ou *rogus*, carvões e ossos carbonisados, encheriam a sepultura ou alastrariam na terra em denso estrato denunciante. E', pois, de crêr houvesse reservada uma *area*, um recinto annexo á necropole, onde o *ustor sordidus* levantaria, de cada decesso, a *ara funebris* da consumpção do cadaver. Não se lhe víslumbraram entretanto os vestigios, nem sequer os attestou a informação apertadamente solicitada.

Atravez do conteúdo da fossa intacta mal pode reconstituir-se pormenorisadamente todo o cerimonial, com que foram ritualisados os momentos ulteriores á deposição do cadaver na *pyra*. Se com o extincto se entregou simultaneamente ás chammas, segundo a pratica latina, tudo quanto elle em vida usára e estimára, seriam então cousas pereciveis, de que não subsistiram vestigios na sepultura; o mobiliario ceramico esse, de certesa, não passou pela fogueira da incineração. Menos se revela no espolio a cerimonia symbolica do *os resectum*, tradicional e teimosamente persistente no mundo romano, ainda que de sentido confuso e mesmo inattingivel, a meu vêr.

Consumido, emfim, o corpo; apagadas as brasas do *rogus* com vinho ou agua; e enderessado ao morto o ultimo—*Have, anima candida! Sit tibi terra levis!*—, procedêra-se a um breve *ossilegium*, recolhendo pelo menos as cinzas, que seriam, logo ou no derradeiro dia do *novemdial* romano, encerradas nos vasos d'onde se extrahiram agora. Pousados na fossa sepulcral, sobre elles se correu o manto de terra que durante largos seculos os preservou da profanação.

Resta determinar a chronologia do monumento da Lomba. A' mingoa de mobiliario complexo, concorrentemente informativo, e sem qualquer marca numismatica, ha apenas o recurso de dous indicadores um pouco vagos e imprecisos—o rito funerario e a ceramica. Pelo emergente uso de queimar os cadaveres, não deverá ultrapassar-se o seculo IV depois de J. C.; pelo aspecto physiognomico e a naturesa da olaria, temos que encerrar-nos dentro do periodo lusitano-romano, cujo inicio ao norte do Douro pousar-se-á verdadeiramente no começo da era christã [2]. D'este dilatado decurso centenario não ha tambem a apartar um trecho muito breve para datar a necropole, a qual, com a larguesa da area estremada pela exploração e os informes, deveria ter servido a numerosas gerações seguidas. Em taes limites e reservas pode precisar-se mais, ainda com o auxilio da ceramica. Rememore-se que a serie fictil da Lomba não inclue a *terra sigillata*, muito vulgar em alguns *castros* da região e tambem por veses encontrada em pobres mobiliarios funerarios [3]; a necropole amarantina deve ser portanto de epoca posterior ao seculo III [4]. Esta inferencia é roborada pelas formas ceramicas realmente attribuiveis, quanto ás peças mais caracteristicas, ao seculo IV da nossa era; achados recentes, datados por moedas romanas, confirmam-no plenamente.

Concluindo, vê-se que as sepulturas, reabertas quasi no termo do segundo millenio, ainda guardam parcialmente inrestauravel o segredo do passado, não dando todo o formulario liturgico dos ultimos obsequios funerarios. Ulteriores estudos concorrerão a recompô-lo integralmente, esperamo-lo.

Janeiro de 1906.

JOSÉ FORTES.

---

[1] *Arch. Port.*, t. I, pag. 291 e segs.
[2] *Portvgalia*, t. I, pag. 99.
[3] *Arch. Port.*, t. II, pag. 227.
[4] J. DÉCHELETTE, *Les vases céramiques ornés de la Gaule romaine*, Paris, 1904, *passim*.

O CASTRO DE VILLARINHO DE COTAS

RELAÇÃO DE UM RECONHECIMENTO ARCHEOLOGICO

O *Castro* está situado na povoação de Villarinho de Cotas, ficando o seu cume ao Poente da aldeia, com altitude approximada de 500 metros. Assenta sobre o espigão de divisa, entre as bacias hydrographicas do Pinhão, a Oeste, e do Rincão, a Este, desaguando para o Sul sobre a margem direita do Douro; principia na crista de Casal de Loivos (outro Castro), com 506 metros de altitude, e dirige-se para o Norte, espraiando-se pelos planaltos de Alijó, onde a paisagem orographica se modifica, attenuando-se o aspecto agreste e pittoresco das alcantiladas encostas que ficam sobranceiras aos dois rios, abeirando o Douro.

O actual povoado occupa terrenos sobre que outr'ora pousou a primitiva povoação castrense, a maioria dos quaes está cultivada a vinha, alguns poucos a centeio e horta, dispostos em séries de socalcos até ao *Castello* ou ponto culminante. Por toda a parte, em torno, se encontram á flôr da terra vestigios das povoações antecessoras; e a tradição local encarrega-se de apontar em suas lendas e contos imaginosos os locaes de ruinas, a antiguidade d'este *Castello de Mouros* com suas deslumbrantes e mysteriosas riquezas, de que dão a prova real os innumeros achados de metal amoedado, e mesmo — acrescenta o conto — de barras e de ouro em pó! A lenda é aqui, como em muitos outros exemplos de Castros por esse Norte portuguez, composta sob os mesmos tópicos: a passagem subterranea até ao rio proximo, por onde se escoávam os habitadores do cimo quando em occasião de guerra — quando em paz, o caminho directo para irem manter-se d'agoa ou «conduzirem os *cavallos* ao bebedoiro»; a apparição da moura encantada cujas lôas tentadoras alguns ouviram pela calada da noite; os esconderijos de thesouros que outros teem encontrado, á força de esgravatar a terra, com ou sem auxilio de exorcismos e desencantamentos, de bruxa, padre ou do livro-mestre de S. Cypriano. Alguns casos, porém, se affiançam de felizes achados; quem isto escreve, e o proprietario da visinha Quinta do Noval, não conseguem jámais desmentir a fama de haverem desenterrado tambem um valioso thesouro, annunciado em sonho, e rigorosamente demarcado a calculos e apparelhos de engenharia!

Foi muito feliz, de verdade, quem isto escreve, em ter encontrado no sr. Antonio José da Silva um enthusiasta e generoso amigo dos estudos archeologicos, pois a este intelligente viticultor, dono da afamada Quinta do Noval, são devidas as pesquisas de que trata a presente noticia. E'-me cordealmente grato relembrar aqui a affectuosa e opulenta hospitalidade da Casa do Noval, que muito me obrigou, e louvar a generosidade rara do patrono d'esta exploração archeologica, que é benemerencia a favor da sciencia portugueza digna de publicar-se como incentivo e bom exemplo.

A Quinta estende-se quasi até ao alto plaino que o Castro occupou, confinando ahi com terrenos do sr. Manoel Teixeira Cavalheiro. O primitivo povoado, cujo nucleo assentou sobre estes terrenos, alargava-se até ao caminho que passa junto á Capella da Senhora do Couto, segundo a menor pendente, abrigando-se na ligeira baixa que fica entre os altos de Villarinho e de Loivos. O desnivel é mais forte para o quadrante Norte, onde se encontram vestigios da antiga muralha, em pequena extensão, incluidos nas paredes de supporte que sobre elles construiram para formar os socalcos de cultura. E' impossivel demarcar hoje a cinta d'essas antigas muralhas, porque apenas se apercebem uns restos em mais dois sitios distantes; estes apenas denunciam o seu modo de construcção, com blocos do schisto azoico do cambrico — que é a rocha da região — em apparelho regular de fiadas horisontaes, segundo parece, a junta secca; a alvenaria é de melhor acabamento que as actuaes paredes sobrejacentes e d'ellas se destaca por este melhor aspecto e pelo maior tamanho dos blocos. Diz-me o sr. Cavalheiro que em pontos onde, havia tempos, fôra descoberta, se verificou a dupla parede da muralha

que tinha de largura entre as suas faces externas para cima de 2 metros, e era de muito solida construcção.

O terreno tem sido todo revolvido por fundas cávas desde antigas epochas para plantação de vinhas e outras culturas. O solo está juncado de destroços: restos de tijolos, telhas, louças de barro, carvões, escumalhas de forja, etc. Consta que se achá-ram objectos de metal, entre elles uma espada, cujo paradouro se ignora. Registro apenas algumas peças de cantaria, applicadas em construcções actuaes, uma base de columna, restos de grandes vasos, cinco pedras de *mós manuarias*, uma chapa de schisto perfurada, tegulas, imbrices, e algumas moedas romanas de prata e cobre [1].

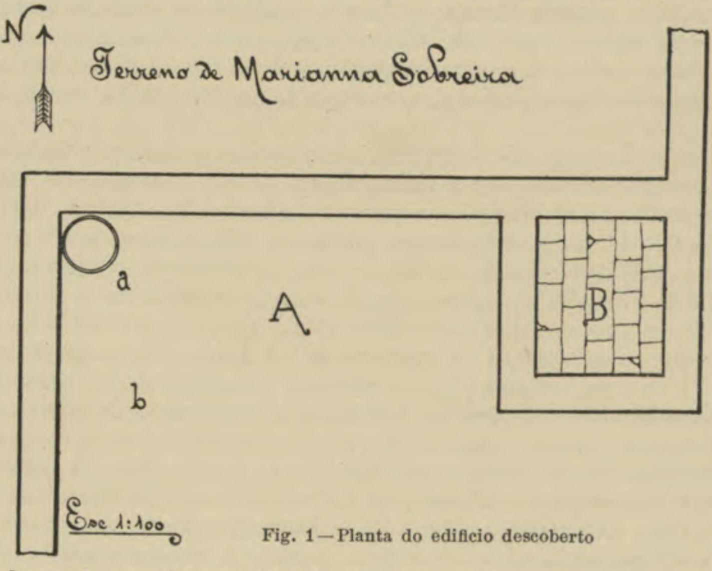


Fig. 1 — Planta do edificio descoberto

As nossas pesquisas, iniciadas em 24 de maio de 1901, foram motivadas pelo apparecimento do objecto de bronze de figuras 6 e 7, no logar de Orgueiras, na leira de Marianna Sobreira, quando abriam um valleiro para plantar vides. Encontraram uma parede e n'essa, debaixo de uma lage, a dita peça junta a um alfinete de bronze. A proprietaria indicou-nos precisamente o local e, de facto, em breve se descobriu a tal parede na direcção Este-Oeste, que seguimos em uma extensão de 7 metros, levantando até á rocha firme toda a terra movida, em uma altura media de 1^{m},50. Primeiramente extrahiu-se a terra solta de cultura, em camada de 0^{m},60, e seguidamente o deposito *archeologico* de terra escura, de aspecto gorduroso, com carvões, restos de ossos queimados, de objectos de barro, moedas de bronze, etc. As moedas accumulavam-se em maior quantidade no local marcado sobre a planta (fig. 1) com a lettra *b* e dentro do aposento *B*. A leira da Sobreira forma aqui estreito socalco, e o seu muro de supporte, ao Sul, quasi parallelo á velha parede soterrada, impede que fechemos o contorno do edificio descoberto. A área *A* e o pequeno quadrilatero *B*—que tem o pavimento ladrilhado—não nos dão a trama da antiga habitação; para a completar seria necessaria muito maior excavação, destruindo os pequenos socalcos de cultura que constituem o predio da Sobreira e circumvisinhos, obrigando a uma consideravel e dispendiosa exploração archeologica de resultados incertos, que multiplas circumstancias impedem ou difficultam. Por esta razão démos por bastante a nossa pesquisa de reconhecimento, e sob esta forma se publíca, tão só para constar a existencia de mais um *Castro* ou *Cividade* romanisada, e fornecer alguns dados archeologicos de qualquer valía para os que investigam sobre o labyrintho destas ruinas o seu passado inédito e mysterioso.

A planta da fig. 1 indica as paredes descobertas pela excavação, que eram construidas de blocos de schisto argamassados, em apparelho regular horisontal, com duas

[1] Uma moeda de prata e quatro de cobre foram-me gentilmente dadas pelo sr. Manoel Teixeira Cavalheiro, prestante obsequio que consigno com reconhecimento. E referirei tambem, agradecido, os prestimosos serviços do sr. Luiz Antonio R. Botelho, de Alijó, que foi o dedicado companheiro e cuidadoso fiscal d'estes trabalhos.

faces. Da parede transversal Oeste não foram encontrados senão vestigios e apenas a demarca o córte na rocha natural de alicerce. No angulo d'esse lado encontrou-se, pousado sobre o solo, um *dolio* completo e vasío, *a,* com a bocca tampada por têsto de barro, que era o fundo de outro *dolio;* como estava todo fragmentado, arruinou-se logo que se desamparou do entulho circumdante. O aposento *B* era lageado a um nivel superior ao do solo firme attingido em *A,* e ligáva-se com esta área por meio de abertura com membros de cantaria. Varias outras peças de cantaria se encontráram soltas, e tambem dois pedaços de mós de granito, algumas pedras globulares polidas, diversos seixos e uma lage de schisto escuro com um rebaixe em forma de rabo-de-peixe, que faz lembrar a cáleira de um lagar; o seu destino, porém, é incerto, assim como a sua exacta proveniencia.

Dos restantes achados far-se-ha breve resenha, pois que não constituem série quantiosa, sobre a qual se permittam extensas explanações archeologicas.

Fig. 2—Vaso de barro—1/4 gr.

Ceramica de construcção. *Tijolos, tegulas, imbrices* — Não appareceram fragmentos em quantidade proporcional á área descoberta; as telhas planas e curvas achávam-se espalhadas em alturas diversas do deposito removido, e não merecem especial menção.

Ceramica de uso domestico. *a) Pesos de tear*—Encontrou-se um peso de forma commum trapezoidal e outro partido.

b) Cossouros—Apenas se recolheram dous, circulares, de secção maxima quadrangular, com os lados curvilineos e cantos redondos; um, que está partido, tem na face inferior seis sulcos radiados, formando seis lobulos.

c) Grandes vasos—Além do *dolio,* já indicado, encontráram-se fragmentos lizos, sem ornatos, que poderiam constituir um outro *dolio.* Aquelle tinha 0^{m},70 de diametro maximo e egual altura; era todo lizo e de bordos singelos, com duas azas. Provavelmente ambos estariam no recanto do aposento *A,* como em um celleiro, guardando provisões de cereaes, talvez de liquidos; e quem sabe se estas talhas já contivéram o precioso licor da uva, que hoje torna celebre a pequena zona sobre os valles do Rincão e do Pinhão na sua confluencia com o Douro.

d) Pequenos vasos—Os restos de ceramica, pertencentes a pequenos e medios vasos de uso domestico, não são aqui na abundancia habitual, relativamente ao commum dos castros; questão de local, apenas, que não do restante jazigo, decerto mais abundante. Entretanto, entre alguns fragmentos que recolhi, julgo poder descriminar seis differentes pastas ceramicas:

1.ª De barro grosseiro com grossos grãos de silica, de côr terrosa homogenea, ennegrecendo em toda a espessura pela acção do fogo; as faces são rugosas, sem ornamentação, e n'ellas brilham algumas particulas de mica; é semelhante á louça de fabrico indigena, propria dos Castros minhotos, ainda que menos micacea.

2.ª De massa mais fina, com côr avermelhada, mostrando, em córte, uma camada interior escura e grosseira, com grãos de quartzites e nodulos ferruginosos, e duas camadas externas de barro mais fino, de tom vermelho. Em alguns vasos, uma tenue capa, como uma tintagem de argilla em pó fino, susceptivel de polido, cobre a superficie exterior, dando-lhe uma côr uniforme. A acção do fogo apenas ennegrece a superficie exposta, interessando menos profundamente a espessura da massa. A ornamentação

d'estes vasos consta de simples raias parallelas, produzidas pela ligeira pressão do alisador, riscos e fachas de obliquas incisas, ou linhas cruzadas levemente impressas entre sulcos horisontaes parallelos (fig. 2).

3.ª De barro de textura egual á anterior, mas de côr escura, coberto exteriormente de um fino enduto negro. Esta ceramica manifesta uma technica mais perfeita; as superficies são polidas.

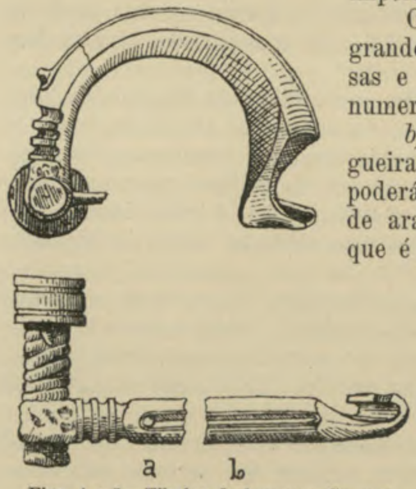
4.ª De pasta cinzenta, de grão muito fino e homogeneo, quebrando em fracturas conchoidaes. Já tenho encontrado d'esta pasta em varios Castros, com cambiantes de côr mais clara e amarellada; supponho esta ceramica de importação.

Fig. 3—Fivela de bronze Gr. nat.

5.ª De barro vermelho, grão fino e compacto, imitando externamente a côr e typo da louça dita *aretina;* esta pasta é, porém, mais escura interiormente, sendo coberta por um emboço exterior muito fino de côr vermelha viva; é uma imitação da louça vermelha, simile do que ainda hoje se chama *terra-cota.*

6.ª Massa de côr vermelha (de zarcão), homogenea e compacta, de fractura conchoidal, do classico typo aretino ou de *terra sigillata,* com lustre pelas duas faces, e singela ornamentação geometrica impressa.

Este quadro de pastas ceramicas é, salvo ligeiras variantes locaes, commum aos Castros e Cividades romanisadas. Quanto a formas de vasos, tão sómente haveria que apontar especimens de bordos, fundos e um ou outro fragmento de azas. Apenas se reconstitue, em dois pedaços, a metade de uma grande tijela (fig. 2) de forma romana. Assim a classificou o distincto ceramista Constantin Könen, de Bonn, quando de passagem no Porto, marcando-lhe a epocha dos seculos III a IV. Concordam com esta data as moedas imperiaes que acompanhávam estes restos. Estamos em face de documentos da decadencia da arte ceramica; talvez que este aspecto seja mais um caracteristico da olaria regional, pobre de formas e particularmente deficiente de ornamentação. Todo este periodo luso-romano se manifesta pela menor diversidade de typos ceramicos, imperfeição das pastas e da respectiva arte decorativa.



Figs. 4 e 5—Fibulas de bronze—Gr. nat.

Objectos de metal. *a) Ferro*—Appareceram em grande quantidade: pregos de secção quadrangular, grossas e longas cavilhas, ganchos, estyletes, e sobre tudo numerosas escorias de forjas.

b) Cobre e bronze—Encontrou-se no sitio das Orgueiras um fragmento de estylete de cobre ou bronze, que poderá ser parte de um alfinete de toucado, e um pedaço de arame, ambos com a patina de tom verde cendrado que é propria dos cobres encontrados n'este local.

Uma *fivela annular* (fig. 3) em forma de sanguesuga, com um dos ramos voltado e terminando em pequena bola—é do typo já encontrado na Citania de Briteiros.

Uma *fibula* fragmentada (figs. 4 e 5) com falta de fusilhão e do enfeite ou botão terminal.

Esta fibula assemelha-se na sua forma geral aos especimens encontrados no Castro de Sabroso com mola bilateral; deve, porém, classificar-se, pelos seus caracteres de detalhe, contorno do arco e sua decoração, na série dos typos transmontanos figurados n'este tomo da *Portugalia,* pags. 12 e 13 *(Memoria* de J. Fortes). A espiral de bronze enrola-se em torno de um eixo de ferro terminado por duas cabeças de bronze. O aro é decorado por nervuras e sulcos transversaes e longitudinaes; uma pequena saliencia no primeiro terço do aro indica enfeite especial, e talvez que seja o pé de uma pequena argola, onde se prenderia qualquer fina cadeia (de segurança ou adorno). O descanso do fusilhão está partido na extremidade; é possivel que se pro-

longasse em qualquer ornato terminal, como se vê em fibulas semelhantes. Esta forma classifica-se chronologicamente no periodo lusitano-romano, a que pertencem tambem os restantes despojos archeologicos encontrados n'esta estação, os quaes lhe marcam precisamente uma data da sua existencia entre nós.

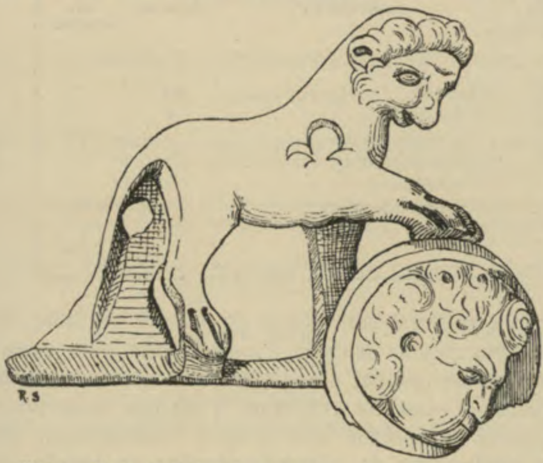


Fig. 6 — Placa de cinturão, de bronze — Anverso — Gr. nat.

O objecto de bronze de maior realce artistico está representado nas figs. 6 e 7 em grandeza natural; é um leão de juba curta, segurando com a mão direita um escudete circular, que tem uma cara em meio relevo; considero tal objecto como uma *placa de cinturão*. Com effeito, a disposição curva do aro inferior no qual pousa o animal, o orificio na nascença da cauda e a conformação do reverso, indicam-nos que foi uma peça de applicação, a qual justamente se adaptaria, por cravação ou pontos de costura, a um *cingulum* de couro. O travessão, que liga perpendicularmente ao aro o botão ou escudete, tem os signaes do desgaste que produziria a outra peça conjugada, com gancho proprio, a qual estaria presa á segunda extremidade do cinturão.

Este especimen tem similes de superior execução, dos quaes pode considerar-se uma réplica. Assim: o exemplar representado no *Répertoire de la Statuaire* (de S. Reinach) n.° 2 de pag. 719, tomo II, e a seguir: o n.° 5 de pag. 723, os n.os 1, 2 e 4 de pag. 724; e ainda os exemplares de n.os 1133 a 1137 do *Catalogue des bronzes antiques de la Bibliothèque Nationale de Paris* (de E. Babelon e J. Blanchet).

O contorno geral e a attitude do pequeno leão de bronze são perfeitos e de correcta estylisação, mas é grosseiro o acabamento das patas, detalhes da cara, e modelação do escudete; parece ter sido fundido em molde assaz usado de um bom modelo original, feito por artista imperito que não manipulou o objecto com o necessario retoque por cinzelamento, aperfeiçoando-o. O animal caminha em postura arqueada e arrogante, a bocca entreaberta, rugindo, o braço direito estendido horisontalmente, apoiando-se sobre o escudete. Este apresenta em meio relevo uma cabeça de homem, de perfil, olhando para baixo, de sobrancelhas espessas e salientes, os cabellos enrolados em largas espiras; faz lembrar a cabeça de um barbaro de basta cabelleira encrespada e solta.

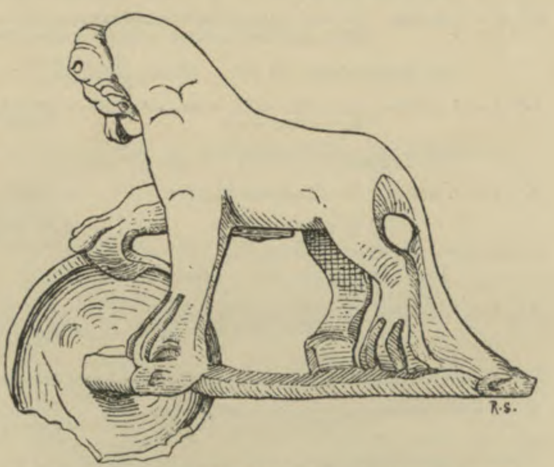


Fig. 7 — Placa de cinturão, de bronze — Reverso — Gr. nat.

E bem poderia representar este pequeno objecto decorativo uma composição allegorica, significando a conquista e o dominio romano sobre o mundo barbaro transalpino.

Moedas—Estes pequenos documentos, todos do tempo do Imperio Romano, datam-nos as presentes ruinas e alguns dos restos archeologicos descobertos. Confirmam o caracter luso-romano dos materiaes desenterrados e fixam um marco secular, de evidente epigraphia romana, sobre este Castro de Traz-os-Montes.

Resumindo em um pequeno quadro chronologico a resenha numismatica publicada em additamento, teremos dois grupos principaes, a saber:

Imperadores	Seculos	Numero das moedas	Imperadores	Seculos	Numero das moedas
O. Augusto	I prob.	1	Helena	IV	2
Tiberio	I	1	Theodora	»	2
Vespasiano	I	1	Constantino I	»	23
Trajano	II	1	Constantino II.	»	14
Faustina	II	1	Constante I.	»	8
			Constancio II	»	39
		5			88

O primeiro grupo, dos seculos I e II, é representado por 5 moedas; o segundo, do seculo IV, por um total de 88 moedas. Esta grande maioria é sobrelevada pela consideração de que os numismas do primeiro grupo podem classificar-se de exoticos ou de antigos especimens persistentes—durabilidade que foi commum a alguns denarios e grandes bronzes, especies de que realmente se compõe esse grupo. Predominam, em conclusão, na série das 93 moedas os exemplares da segunda metade do seculo IV. Pelo fim d'este seculo, portanto, será a ultima data referente á existencia do pequeno edificio cujas ruinas descobriu a nossa excavação de reconhecimento.

E' mais um documento concordante para a historia dos Castros e Cividades da Peninsula durante o Periodo Romano.

RESENHA NUMISMATICA

De **Octavio Augusto** (23 an. A. C.—14 D. C.)—*Prata, denario:*

N.º 1— 1 moeda: A.—CAESAR AVGVSTVS. DIVI F. PATER PATRIAE—Cabeça laureada á direita.
R.—C. L. CAESARES. AVGVSTI F. COS. DESIG. PRINC. IVVENT.—Caio e Lucio de pé, com lanças e escudos. No campo o *simpulo* e o *lituo.*

De **Tiberio** (14—37 D. C.)—*Gr. Bronze*—Moeda provincial de CLVNIA:

N.º 2— 1 moeda: A.—TI. CAESAR. AVG. F. AVGVSTVS. IMP.—Cabeça laureada á dir. Contramarca: cabeça d'ave.
R.—CN. POMP. M. ATO. T. ANTO. M. IVL. SERRAN. IIII. VIR.—Touro á esquerda, por cima CLVNIA.

De **Vespasiano** (69-79)—*Prata, denario:*

N.º 3— 1 moeda: A.—IMP. CAES. VESP. AVG. GEN.—Cabeça laureada á dir.
R.—SALVS AVG. —Figura da Saude sentada á esq. tendo uma pátera.

De **Trajano** (?) (97-117)—*Gr. Bronze:*

N.º 4— 1 moeda: A.—Legenda illegivel —Busto nú, imberbe, á dir. Parece-me o typo iconographico de Trajano.
R.—Idem —*In exergo:* FORT. RED.—Figura da Fortuna sentada á esq. tendo um remo e uma cornucopia da abundancia.

De **Faustina** (m. 141)—*Gr. Bronze:*

N.º 5— 1 moeda: A.—DIV. AVGVS[TA FAVSTINA] —Busto á dir.
R.—[PIE]TAS AV[G]. S. C. —A Piedade de pé á esq. com o braço estendido sobre a chama d'um altar e uma caixa de perfumes na outra mão.

De **Helena,** primeira mulher de Constancio Chloro, mãe de Constantino Magno (m. 328)—*P. Bronzes:*

N.º 6— 2 moedas: A.—FL. IVL. HE[LEN]AE. AVG. —Busto diademado á dir.
R.—PAX PVBLICA —Figura da Paz, de pé, com o sceptro e o ramo de oliveira.

De **Theodora,** segunda mulher de Constancio Chloro—*P. Bronzes:*

N.º 7— 2 moedas: A.—FL. MAX. THEODORA. AVG. —Busto laureado á dir.
R.—PIE[TAS] ROMANA —Figura da Piedade, de pé, olhando á dir., tendo uma creança no braço.

De **Constantino Magno** (306-337)—*P. Bronzes:*

N.º 8— 2 moedas: A.—CONSTAN[TINV]S AG. —Busto com capacete á dir., com a couraça.
11
R.—BEATA TRANQV[ILLITAS] —Altar encimado por um globo, sobre que estão tres estrellas; nelle se lê VOTIS.XX. *In exergo* PTR.

Transp. 11 moedas.

N.º 9 — 1 moeda: A. — CONSTANTINVS AVG. — Cabeça laureada á dir.
R. — D.N. CONSTAN[TINI. M]AX. AVG. — Em torno de uma corôa de louros, dentro da qual está VOT.XX.

N.º 10 — 1 moeda: A. — CONSTANTINVS MAX. AVG. — Busto diademado á dir., com paludamento.
R. — GLORIA EXERCITVS — Dois soldados com capacete, de pé, olhando-se, apoiados nos escudos e tendo as respectivas *hastes*. Ao centro duas insignias militares. *In exergo* R.Ω.

N.º 11 — 9 moedas: A. — CONSTANTINVS MAX. AVG. — Busto laureado ou diademado á dir., com paludamento ou couraça.
R. — GLORIA EXERCITVS — Dois soldados de pé, como na moeda anterior. Ao centro um estandarte, tendo uma corôa, um X ou o *labarum*.

N.º 12 — 1 moeda: A. — IMP. CONSTANTINVS P. F. AVG. — Busto á dir., com capacete laureado e couraça.
R. — VICTO[RIAE] LAETAE PRINC. PERP. — Duas victorias de pé, pousando sobre um altar um escudo. *In exergo* HSIS.

N.º 13 — 2 moedas: A. — [D.N.] CONSTANTINVS AVG. — Busto diademado á dir., com paludamento.
R. — VIRTVS AVG[VSTI (?)] — Constantino de pé, á dir., apoiado em um escudo, tendo na mão uma *haste*.

N.º 14 — 1 moeda: A. — D.V. CONSTANTINVS. P.T. AVGG. — Busto velado á dir.
R. — V.N. M.R. — Figura de mulher, de pé, velada, embrulhada no manto.

N.º 15 — 2 moedas: A. — D.V. CONSTANTINVS. P.T. AVGG. — Busto velado á dir.
R. — Sem legenda — Constantino em uma quadriga, galopando á dir. *In exergo* SMMA.

N.º 16 — 2 moedas: A. — VRBS R[OM]A — Busto de Roma á esq., com capacete e manto imperial.
R. — Sem legenda — A loba amamentando Romulo e Remo; no alto duas estrellas.

N.º 17 — 2 moedas: A. — [CON]ST[ANTI]NOPOLIS — Busto de Constantinopla, á esq., com capacete laureado, um sceptro e manto imperial.
R. — Sem legenda — Victoria á esq., pousando o pé sobre uma prôa de navio; tem uma *haste* e apoia-se sobre um escudo.

De **Constantino II, Junior** (317-337) — *P. Bronzes:*

N.º 18 — 7 moedas: A. — CONSTANTINVS IVN. N. C. ou (NOB. C.) — Busto laureado ou diademado, á dir., com paludamento ou couraça.
R. — GLORIA EXERCITVS — Os dois soldados de pé como no typo anterior n.º 11. No estandarte a corôa uma vez e outra o *labarum*.

7 moedas do mesmo typo que se podem attribuir a este Imp. ou a seu pae — legendas illegiveis.

De **Constante I** (333-350) — *P. Bronzes:*

N.º 19 — 6 moedas: A. — CONSTANS F. P. AVG — Busto laureado ou diademado á dir., com paludamento.
D.N. FL. CONSTANS AVG.
FL. CONSTANS. NOB. CAES.
FL. IVL. CONSTANS AVG.
R. Comm — GLORIA EXERCITVS — O mesmo typo anterior. No estandarte: a corôa por vezes, ou as lettras M e Y.

N.º 20 — 1 moeda: A. — [D.] N. CONSTANS. P.F. [AVG]. — Cabeça diademada á dir.
R. — VOT. XX. MVLT. XXX — Dentro de uma corôa. *In exergo* SMMA.

N.º 21 — 1 moeda: A. — CONSTANS .... — Busto á dir.
R. — Moeda incusa — Busto á esq.

De **Constancio II** (323-361) — *P. Bronzes:*

N.º 22 — 14 moedas: A. — CONSTANTIVS AVG. — Busto laureado ou diademado á dir., com paludamento ou couraça.
[C]ONSTAN[TIV]S P.T. AVG. — Id.
CONSTANTIVS. P.F. AVG. — Id.
D.N. CONSTANTIVS. P.F. AVG. — Id.
F.L. IVL. CONSTANTIVS. NOB. C. — Id.
R. Comm. — GLORIA EXERCITVS — O mesmo do n.º 19; differenças na lettra do estandarte e no *exergo*.

N.º 23 — 1 moeda: A. — [FL. IVL. CO]NSTANTIVS [NO]B. [C.] — Busto laureado á esq., com paludamento.
R. — PROVIDENTIAE CAESS. — Porta de acampamento com duas torres e por cima uma estrella. *In exergo* SMKE (?).

N.º 24 — 2 moedas: A. — D.N. FL. CONSTANTIVS AUG. — Busto diademado á dir., com paludamento.
R. — SECVRITAS REIPVB[LICAE] — A figura da Segurança de pé, de face, pernas cruzadas, á dir., tendo um sceptro e apoiada em uma columna.

N.º 25 — 17 moedas: A. — CONSTANTIVS P.F. AVG. — Busto laureado á dir., com paludamento.
R. — VICTORIAE D.O. AVGG. Q. N.N. — Duas victorias de pé, em face uma da outra, com uma corôa e uma palma. Variantes: lettras differentes no campo.

N.º 26 — 5 moedas: A. — D.N. CONSTANTIVS P.F. AVG. — Cabeça diademada á esq. Dois typos.
R. — VOT. XX. MVLT. XXX. — Em uma corôa de louros.

Total .. 93 moedas.

RICARDO SEVERO.

UMA ORNAMENTAÇÃO CERAMICA ACTUAL DE CARACTER ARCHAICO

A industria ceramica popular vimaranense acantona-se, ao sul da cidade, no bairro denominado Cruz da Pedra. São trinta, proximamente, os fabricantes, contando aprendíses, operarios e mestres, numero esse cuja averiguação particular não offerece notorias divergencias com os dados exhibidos no relatorio d'um certamen concelhío [1], nem com os algarismos fornecidos pelo inquerito industrial [2]. O aprendisado domestico começa aos dose annos e, ao deante, não installando ou herdando officina propria, o novo operario contractar-se-ha como jornaleiro d'uma especialidade: a dos fornos, a dos pucaros ou a dos cantaros. Pago á peça e fabricando n'uma hora, quando dextro, cinco cantaros, o salario raro excede trez tostões diarios. O desaffogo do mestre, entretanto, não se avantaja em demasía: o barro que compra em Prado custa-lhe de vinte a vinte e cinco tostões o carro; de cinco a vinte oscilla o preço da carrada de combustivel, tojo ou rama de pinheiro; os jornaes ainda, os prejuísos fortuitos e a propria subsistencia, por fim, definham até á ultima extremidade a retribuição obtida, mesmo aos que logram effectuar regularmente uma fornada semanal.

A producção de anno, que não attinge uma dezena de contos de réis [3]—e aqui os informes do inquerito official [4] différem singularmente d'outros numeros mais authenticos—dispersa-se pelo concelho, Fafe, Lixa, Amarante, Basto, Cavez e Penafiel, cabendo ao intermediario, como sempre acontece com esta manufactura rustica [5], o maior quinhão do trafico.

Para os seus artefactos ceramicos dispõem os oleiros de Guimarães d'uma argilla ferruginosa local [6] e, principalmente, do barro que adquirem em Prado. Com aquella apenas fabricam tijolo, ainda ligada aos sobejos da alheia; com esta só misturam insignificantes quantidades da materia prima regional, nem sempre e nem em toda a olaria. O barro é moído com um pisão de carvalho ou de oliveira na concavidade d'um grosso tronco de arvore, depois do que se peneira atravez d'um crivo em que a rêde é de arame. Amassado, vae seguidamente para a *roda*, que é o conhecido torno de Prado, auxiliando-se o artífice com o panno humido e as cannas subsidiarias. E separadas as loiças do apparelho por via d'um fio, vão a seccar dois ou mais dias para os *andames* ou prateleiras de loja ou de telheiro, e, em alguns raros casos, ao sol, mas com demora breve.

O forno que adoptam para a cocção da sua loiça comporta uma vasta fornalha no sob-solo e um recinto superior abobadado cujo pavimento de separação é de tijolo e em grade. O ingresso das vasilhas realisa-se pela porta que se abre n'est'ultimo compartimento, vedando-a ainda com tijolos durante as seis ou sete horas necessarias para a operação e deixando apenas superiormente as frestas indispensaveis para a tiragem e para a averiguação do estado em que segue a cosedura.

Além dos tijolos e dos tubos para canalisação os ceramistas de Guimarães fabricam pucaros com uma capacidade que varía desde o quartilho ao almude; cantaros grandes, sendo realisados separadamente o bojo, a gola e a asa e tendo esta, na extrema que a prende á pansa, duas depressões effectuadas com as pontas dos dedos, precisamente como se veem em ansas de amphoras romanas; alguidares redondos e de forno; fôrmas para pão-leve; infusas e vasos para flores; testos côvos com a pegadeira em forma d'um volumoso mamillo, tal qual o mesmo artefacto exhumado das

---

[1] *Relatorio da Exposição industrial de Guimarães em 1884*, pag. 22. Porto, 1884.
[2] *Inquerito industrial de 1890*, III, pags. 178-9. Imp. Nac. Lisboa, 1891.
[3] *Relatorio* cit., pag. cit.
[4] *Inquerito* cit., pags. 236 e 247.
[5] ROCHA PEIXOTO, *As olarias de Prado*, in *Portvgalia*, I, pags. 265-6. Porto, 1900.
[6] CHARLES LEPIERRE, *Estudo chimico e technologico sobre a ceramica portugueza moderna*, pag. 42, analyse n.º 29. Imp. Nac. Lisboa, 1899.

ruínas castrejas; fornos, por fim, levantados á mão e sem fôrma, apenas com o auxilio d'uma cortiça e destinados a serem revestidos com cal e tijolo que lhes deem resistencia [1]. Estylo, o das loiças de Prado.

Um typo de vasilhas ha, entretanto, cuja ornamentação dá um caracter peculiar á loiça *de luxo* fabricada n'esta estancia — excepção feita d'algumas bilhas de barro para agoa, tambem com decoração micacea, e antigamente fabricadas nas Caldas da Rainha [2]. Consiste este processo de ornamento na applicação de palhetas de moscowite sobre os cavados da ornamentação geometrica incisa e ainda sobre os florões, aves, carrancas, brasões e outros accessorios figurados com que é de uso embellesar esta olaria. A materia prima procede d'uma rocha muito micacea que buscam no logar de Fonte Santa; obtida ella e fragmentada vae ao forno onde, como lá dizem, é cosida; e alcançado por esta elevação de temperatura o descasque das lamellas da substancia, pisada n'um almofariz e finalmente passada por um crivo, resta a poalha lusente, *como a escama da sardinha,* que vae polvilhar relêvos e cavados.

Fig. 1 — Bilha de barro – De Guimarães 1/10 gr.

Uma das formas mais vulgares, senão a predominante, denuncía logo uma galba archaica. Compare-se a estampa com a que figura uma antiquissima forma grega [3]: é a mesma a architectura geral, apenas mais rotunda a especie portuguesa, divergente a asa, e ausente, na pre-hellenica, a aselha adjuvante. O mesmo prato servindo de testo, a mesma pucara para tirar agoa e a beber, a mesma tampa cuja pêga é uma ave se encontram n'uma e n'outra! Só os ornamentos, como processo e profusão, se differencíam, não sem que, em ambos, se encontrem elementos communs, principalmente as linhas quebradas e os losangos.

Na vasilha vimaranense as depressões digitaes no rebordo, de applicação tam primitiva e ainda tam frequentes n'outras loiças ruraes [4], e bem assim os *refêgos* ou canneluras verticaes da gola, por egual de uso já proto-historico [5], associam-se com outras particularidades de ornamentação incisa em que as linhas interrompidas, os losangos, as curvas e as combinações de todos estes elementos logo suggerem os longinquos enfeites das loiças neolithicas e de certas da edade do bronze. Os accessorios relevados onde dominam principalmente rosaceas, breve lembram os ornamentos similares exhibidos na ceramica gallo-romana, principalmente nos vasos moldados e depois, a partir do seculo III, obtidos em moldes proprios e applicados a seguir sobre o vasilhame levemente secco [6]. Por fim a applicação da conteira é outro recurso legado, sequer, pelas loiças do convencional typo de Arezzo.

---

[1] ROCHA PEIXOTO, ob. cit., fig. 87 (em miniatura) de pag. 262. — Consideram optimos estes fornos para impedirem a invasão dos ratos e a consequente devastação dos pães arrecadados. A manufactura dos fornos de argilla, outr'ora lucrativa, vae em decadencia.

[2] JOAQUIM DE VASCONCELLOS, Secção de *Ceramica* no *Guia do Museu municipal do Porto,* pag. 96. Typ. Central. Porto, 1902.

[3] PERROT et CHIPIEZ, *Histoire de l'art dans l'antiquité,* VII, *La Grèce archaïque,* fig. 44 de pag. 163. Hachette ed. Paris, 1898.

[4] ROCHA PEIXOTO, *Sobrevivencia da primitiva roda de oleiro em Portugal,* in *Portvgalia,* II, pag. 77. Porto, 1905.

[5] ANTONIO DOS SANTOS ROCHA, *Catalogo do Museu municipal da Figueira,* pag. 142. Figueira da Foz, 1905.

[6] JOSEPH DÉCHELETTE, *Les vases céramiques ornées de la Gaule romaine,* II, pags. 109-65, 168 e 192-303. A. Picard ed. Paris, 1904.

De toda esta variedade de pormenores decorativos sobresahe, todavia, a adopção d'uma substancia estranha á argilla para, com o seu brilho, realçar d'onde a onde, em zonas ou relêvos symetricos, a côr mate e quasi neutra da pasta fundamental da vasilha. E' o emprego da moscowite, recurso tam ingenuo como barbaro, muito conhecido nas loiças dos castros pela mistura das lamellas á pasta, mas, na loiçaria vimaranense, applicadas directamente sobre os ornamentos do hydrocerame já edificado. Analogamente, na edade do ferro, as urnas da necropole de Golasecca apresentavam nos cavados da sua ornamentação em dentes de serra uma especie de esmalte branco [1]; outra calote ceramica da necropole de Valtravaglia exhibia estrias com o aspecto da prata, produsidas visivelmente por meio do chumbo ou do estanho [2]; e com este metal é tambem sabido que se ornava vasilhame desde os tempos prehistoricos até aos alvores da historia [3]. Os pregos e as incrustações de bronze então são frequentissimas nas ornamentações da ceramica, tam varia de forma e de elementos decorativos, que, nas necropoles italianas, apparece com a profusão sabida desde que se conhece aquella liga até aos esplendores da edade do ferro [4].

O intuito e a similitude de proceder são já muito instructivos ao considerar-se o mesmo genero de artefactos; mas a lição resultará mais interessante quando estudarmos outros utensilios actuaes em que ainda a incrustação do estanho representa o mais nobre elemento ornamental.

Porto. Janeiro, 1906. ROCHA PEIXOTO.

PRODIGIOS DE S. BERNARDO EM AZULEJO

Na sachristia da igreja do antigo convento de Santa Maria de Bouro, concelho d'Amares, districto de Braga, ha uma serie de quadros d'azulejo allusivos a feitos prodigiosos de S. Bernardo.

Aquelle mosteiro de frades cistercienses foi reconstruido nos principios do seculo XVIII [5]. Data d'esta epocha o illustrado revestimento ceramico. A affirmação de que as composições em faiança do seculo XVIII e inspiradas na biblia, na mythologia, na hagiographia, na historia ou na pintura de genero, vieram substituir entre nós as tapeçarias flamengas [6], inadquiriveis então, sente-se com inequivoca justeza dentro d'aquelle referido recinto. Os paineis, com effeito, occupam todo o espaço das paredes comprehendido entre o tecto e os arcazes que ao longo d'aquellas se enfileiram. Cada um emmoldura-se n'uma tarja renascença, opulenta e linda [7], e forma um tapete mural,

---

[1] OSCAR MONTÉLIUS, *La civilisation primitive en Italie depuis l'introduction des métaux*, 1.ère partie, *Italie septentrionale*, I, cols. 240 e Atlas, figs. da pl. 43. Stockholm, 1895.

[2] MONTÉLIUS, ob. cit., cols. 253-4 e fig. 11 da pl. 46.

[3] VICTOR GROSS, *Les Protohelvètes*, pag. 97. Asher & C.ie eds. Berlim, 1883. — FELIX REGNAULT, *Essai sur les debuts de l'art ornemental géométrique chez les peuples primitifs*, in *Bull. de la Soc. d'Anthropologie de Paris*, VII, pag. 542. Masson ed. Paris, 1896. — G. CHAUVET, *Poteries préhistoriques à ornements géométriques, en creux*, in *L'Anthropologie*, XII, pag. 642. Masson ed. Paris, 1901. — G. et A. DE MORTILLET, *Le Musée préhistorique*, 2.ª ed., figs. 1272-5 da pl. XCVI. Schleicher ed. Paris, 1903.

[4] MONTÉLIUS, ob. cit., cols. 210, 287-8, 290, 305, 369 e 379; figs. 14 da pl. 38; 3, 4, 12 e 13 da pl. 52; 11 e 13 da pl. 57; 7 da pl. 58; 17 da pl. 59; 11 da pl. 75.

[5] Da primitiva architectura romanica existem vestigios entre os quaes alguns modilhões desnaturados.

[6] JOAQUIM DE VASCONCELLOS, *Os pannos de raz em Portugal*, in *Revista de Guimarães*, XVII, pag. 120. Porto, 1900.

[7] Para mais accentuar a imitação dos tapetes.

azul e branco, de tonalidades doces no brilho liquido do esmalte, o que envolve de graça e frescura o ambiente escuso e sombrío [1].

Todas as scenas se passam ao ar livre junto de cariciosas ramarias d'arvoredo sobre um fundo esbatido e suave de paisagem. A pintura é leve e segura, o desenho tem varias imperfeições, a perspectiva é cheia de *gaucheries*. Não obstante, as difficuldades technicas foram excellentemente vencidas e ha movimento e expressão nas attitudes dos figurantes que parecem subordinar-se ás prescripções da pragmatica e da etiqueta do seculo galante. Porque o pintor deu aos assumptos a vida do seu tempo e assim exhibiu, n'um flagrante e risonho anachronismo, o vestuario, as carruagens [2] e outro mobiliario da epocha de D. João v. Com este scenario pomposo, assim como o constituira já o hagiographo [3], procurou dar um realce de deslumbramento e sumptuosidade materiaes aos milagres patenteados. A inspiração deriva da lenda popular e dos agiologios que eram os repositorios d'aquella, como diz Michelet: *Les moines les écrivirent, mais le peuple les faisait* [4].

Fig. 1 — Milagre de S. Bernardo — Quadro de azulejo

A interpretação da lenda mais incisivamente se revela nas duas maravilhas em que apparece o diabo. Este não se offerece como o tenebroso espirito do Mal, a sinistra potencia da gehena, synthese abstracta das divindades hostis e vencidas, que a Igreja e a Theologia inventaram. Mas é bem a entidade polymorphica, gestada na irreverente e mordaz imaginação do povo que n'ella teve, durante a Idade Media e sob outro conceito, o seu unico refugio e a sua consolação. A Renascença, porém, trouxera o scepticismo com o luminoso fulgor da Razão e o diabo entra n'uma phase de decadencia grotesca que, entre os infinitos aspectos da sua manifestação, se revela na divertida subalternidade a que o submettem, como inquietar, com pirraças e travessuras, as mais solidas e afamadas santidades, que por fim se vingavam, humilhando-o da maneira mais comica.

Estas crendices germinavam na alma popular e, desabrochadas e definidas, passavam mais tarde á fixidez da chronica por um monge

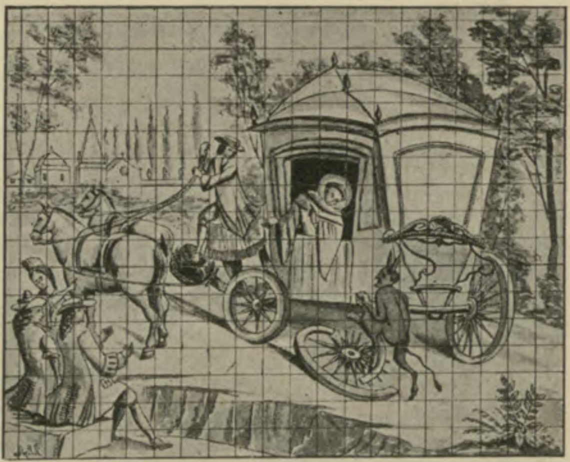


Fig. 2 — Milagre de S. Bernardo — Quadro de azulejo

---

[1] Eis a razão d'estes defeituosos desenhos elaborados sobre photographias fracas mercê das pessimas condições de luz.

[2] Desnecessario será elucidar que no seculo XII não existia este meio de transporte.

[3] FRAY JOSEPH DE ALMONAZID, *Vida y Milagros del glorioso Padre y Doctor melifluo S. Bernardo*, especialmente a pags. 94 e 293. Madrid, MDCLXXXII.

[4] J. MICHELET, *La Sorcière*, pag. 34. Calmann Levy ed. Paris, 1890.

excessivamente ingenuo [1], ou por um chronista monastico, facciosamente, cioso do maximo luzimento dos santos seus patronos, que as archivava com sollicitude para supplantar o numero das acções sobrenaturaes dos das outras ordens [2].

Uma das lendas, que nos occupa, entrou na hagiographia [3]. A outra, que nós saibamos, não teve o mesmo destino, o que não é exemplo unico pelo que diz respeito a S. Bernardo. Conservou-se, pois, latente na tradição popular.

Que a sua formação não é anterior ao seculo XVI, demonstra-o, não só o que acima dissemos, mas tambem um dos elementos que n'uma d'ellas intervem: a carruagem [4].

O compositor ceramista, pois, encontrou-as ainda com viçosa florescencia quando lhes deu a concretisação plastica, como as gravuras o denunciam.

N'um dos quadros, S. Bernardo em traje de viagem e montado, acaba de realisar o successo que pasma as figuras presentes. N'elle se allude á espantosa oscillação d'uma ponte no momento em que o santo a atravessava. Este logo descobriu n'isso uma insidiosa cilada do mafarrico para lhe impedir a caminhada, pelo que o obrigou a conservar-se mergulhado no leito do rio até ao seu regresso.

O outro refere-se ao portentoso facto de o demonio pretender estorvar nova jornada, quebrando uma das rodas da berlinda em que o S. Bernardo seguia. Este sem se assustar, percebendo a origem do desastre, chega á portinhola da sége, impõe preceito áquelle e força-o a servir de roda até ao primeiro logar em que seja possivel fazer a substituição. Submissamente o démo, n'uma anatomia pejorativa de tronco humano, membros inferiores e orelhas de jumento, empunha o eixo para o supplicio da rotação [5].

Taes foram os casos fabulosos [6] que um artifice ignorado acceitou e graciosamente expoz na faiança para a edificação fradesca, perpetuando com tão galante decoração architectural um bello motivo ethnographico em que revive o esplendor d'uma epocha sumptuosa.

Março de 1906. MANUEL MONTEIRO.

A OLARIA EM ELVAS

São apenas cinco as actuaes officinas de ceramica na cidade de Elvas, e situadas no antigo bairro do *Almocovar*, freguezia de S. Pedro—uma na rua do Lobato, duas na rua da Caldeirona, uma no bêco de Jesus e outra no Terreiro de Vasco Martins ou da *Porta Velha de S. Vicente* (antiga *Porta dos Banhos)*. Ahi são manufacturados variadissimos objectos de uso commum e domestico, taes como: cantaros, tarefas, brazeiros, baldes, tinos, tarros, azadas, ferrados, fogareiros, cobridores, barris, assadores de castanhas, tubos para estes assadores, mealheiros, balaustres, testos (productos toscos); alguidares, panellas, quartas, quartinhas, torteiras para assados, vasos para plantas (productos toscos e vidrados); assucareiros, tinores, frigideiras, pingadeiras, sertans, tubos para canalisação, bacíos, defumadores, syphões para pias (productos vidrados); e

---

[1] MICHELET, op. cit., pag. 35.

[2] E' assim que se explica o silencio de todos os agiologios geraes quanto a milagres extravagantes e de feição lendaria que se encontram nas chronícas especiaes.

[3] FRAY JOSEPH DE ALMONAZID, op. cit., pag. 293.

[4] Com a Renascença é que ella surge.

[5] Presumimos que esta lenda seja a adaptação de uma vaga sobrevivencia mythica.

[6] As restantes composições referem-se a uma entrevista de S. Bernardo com o seu biographo Guilherme (?) e a varias conversões, entre as quaes a do duque da Aquitania. Este, á frente dos seus soldados vestidos á legionaria, curva-se em face d'um templo d'onde sahe S. Bernardo ladeado por dois meninos do côro sustentando cirios accesos. O santo conduz a hostia sagrada sobre uma patera e solta imprecações contra o duque, resignado, que se converte.

pratos, tigelas, pelanganas, bacías, chavenas, bules, cafeteiras, assucareiros, leiteiras, manteigueiras e suspensões para plantas (productos vidrados e ornamentados). Tambem fabricam brinquedos para crianças, e com a fórma de quasi toda a louçaria supra indicada.

A côr da louça é castanho-avermelhada; e a dos vidrados é alvadía, amarella, e vermelha. A argilla (ferruginosa e impura) é explorada nas herdades do concelho, e especialmente nas herdades denominadas da *Pereira* e de *Alcobaça,* a 5 e 6 kilometros de Elvas. As substancias terrosas de que se servem para effeito dos vidrados e das ornamentações proveem: a alvadía, de Villa Viçosa; a vermelha, da quinta denominada do *Nabo* (suburbios de Elvas); a verde, das Caldas da Rainha; a rôxa, da herdade do concelho, denominada das *Casas Velhas,* e a amarella, de Lisboa [1].

Os processos de fabríco são os primitivos. A argilla, depois de derregada, é amassada a pés; extrahem-lhe, em seguida, e com as unhas das mãos, as pedrinhas que contém (operação que denominam *escolha)* e depositam-n'a *em massa* a um canto da olaria, no sitio chamado *barreiro.* D'ali vão tirando as porções precisas para o fabríco, formando *péllas* com o barro que julgam necessario para elaborar cada uma, ou parte de cada uma, das peças; e assentando a *pélla* no torno (a que chamam *róda)* procedem ao fabríco manual. Feitas as peças, enxugam-n'as á sombra as pequenas e ao sol as grandes; depois de enxutas vão ao forno, onde se conservam 13 horas de *esquenta* (lume brando) e 5 horas de *escalda* (lume intenso). A *enxuga* das peças miudas dura 24 horas, e a das peças grandes uns 4 a 5 dias. O vento suão é prejudicialissimo para a *enxuga,* pois faz que estallem quasi todas as peças.

A exportação dos productos é circumscripta ás aldeias e villas do concelho. O salario de cada official regula a 500 réis por dia, e as 5 olarias dão trabalho a 16 operarios.

Esta industria popular elvense é ainda hoje exercida no proprio sitio em que os arabes a tiveram, o que vamos provar com um documento (inedito) da primeira metade do seculo XV, e que existe no archivo da antiquissima egreja de S. Pedro d'esta cidade. Eis a cópia do interessante e muito apagado pergaminho:

Sabham todos q na era de mjl qtrocentos e trjnta e noue anos qtro dias de dezembro em Eluas ANTE AS OLARYAS DOS MOUROS em psença de mj Lourēço Roiz tabaliom dElRey na dita villa y as t.^{as} q adeante som escptas pareseo Joham afonso clergo proste da egreia de sam pedro da dita villa pzente Vaasq anes clergo Vigairo na dita villa e pedjo ao dito Vigairo em nome de afonso anes pôr da sobre dita egreia ho metese em pose de hua olarya em q laura Alle mouro foro olejro p. poder de hua stça do Vigairo jeeral da çidade de Euora a ql stça leeo e puvricou o dito Johã afonso prente o dito Vaasq anes Vigairo //o ql dizja q esa stça q era ho tllado da stça q o dito Vigairo dera em..... da dita olarja na ql stça nom parecya sello ni signal do dito Vigairo e o dito V.^{co} Anes Vigairo dise q ell em cprimēto da dita stça por q dizia q era çto da dita stça metia e meteo de pose o dto Afonso Anes por Joham Vaasqz clergo raçoeiro por sj e em nome dos outros raçoeiros da dta egreia da olarja QUE STÁ JŨTO CŌ OS BANHOS p dizia q era da dta egr^{a} a ql pose tomãro pello dto Vigairo p^{r} po^{r}tas çarradas sobresy e se deram por entregues della repelindo fazendo fronta o dito Alle mouro q lhe nō fizesem força porq dizia q a dita olarja q era sua porq a avia p^{r} cōpra e dis que ptestava ante os ditos clergos...... da qual pose o dito p^{r}oste j Johã Vaasqz raçoeiro p^{r} sj e p^{r} os outros raçoeiros pedirom este estrumento// t.^{as} Vaasco Gil Bodolho Afonso mateus de Campo maior martim m^{r}galho fouro de Johã Afonso Joham roiz Vinas e gonçallo.... E eu Lourēço Roiz caualeiro delrey na dita villa que a isto pzente fuy y esto espreui e fiz aqui meu signal q tal he = Logar do signal publico.

No seculo XVII tambem se fabricavam em Elvas grandes potes e talhas para vinho e azeite, constituindo esse fabríco uma secção especial da olaria elvense. A semelhante respeito lê-se a fl. 254 v. do *Tombo primeiro dos foros da camara de Elvas:*

Manoel Rodrigues, oleiro de pottes, de hum forno em que coze a loussa á PORTA VELHA DE SÃO VICENTTE = 400 r.^{s} = Aos uinte e hum dias do mes de Junho de mil e seiscentos e sutenta e tres anos nesta cidade de Eluas nas pouzadas do doutor Julião de Moura Negrão do Dezembargo de sua Al-

---

[1] Na obra do abalisado professor sr. CHARLES LEPIERRE *Estudo chimico e technologico sobre a ceramica portugueza moderna,* veem as analyses chimicas d'estas substancias, analyses feitas pelas amostras que, por intervenção do sr. ANGELO COELHO, illustre professor da escola industrial «Fradesso da Silveira», em tempo lhe forneci, acompanhando-as de algumas notas sobre esta industria elvense.

teza e seu Corregedor com alsada em esta Cidade e Comarca d'Eluas Juiz do tombo dos foros e bens do Comselho sendo elle ahy perante elle paresserão Manoel Rodrigues oleiro de fazer pottes e sua molher Maria Rodrigues que forão citados pera fazerem reconhesimento de quatro centos reis que pagão de foro em cada hum anno á Camara desta cidade prepetuos com direito senhorio de hum forno de cozer pottes que está junto á porta velha de São Vicente como consta da escretura feita e contenuada nesta cidade aos sete dias do mes de majo de mil e seiscentos e outenta annos nas notas do tabalião Antonio Mendes de faria, pello que disserão que reconhecião pagar o ditto foro, etc., etc.=

Ácerca da manufactura, n'este concelho, do material de construcção (tijolo e telha) trataremos em artigo especial.

Para terminarmos esta singela nota ácerca da olaria elvense—industria genuinamente *mosarabe*—extractamos do *Livro das taixas de alguns officios,* existente no Archivo da Camara Municipal de Elvas, o capitulo referente aos oleiros. E' do seguinte theor:

TAIXA DOS OLEIROS—FEZ-SE ESTE
—ANNO DE 1632—

Hum pote grande aparado com seu testo—que leve mais de almude té quinze canadas, corenta e sinco rés.

Outro pote q leue hũ almude pouco mais ou menos com seu testo, corenta rés.

Outro pote aparado mais pequeno com seu testo, trinta e tres rés.

Os cantaros grandes de asaqual de quatro en carga vinte e sinco rés que levẽ hu almude e dahi para sima.

Outros mais meaos, vinte rés.

Outros mais pequenos, quinze rés.

Quartas de asaquais as maiores doze rés.

Outras mais pequenas seis rés.

O maior baril vinte rés.

Outro mais pequeno doze rés.

Outro mais pequeno seis rés.

Hua panella de quatro canadas doze rés.

Outra de tres canadas sete rés.

Outra mais pequena simco rés.

Outra de hua canada quatro rés.

Outra mais pequena dous rés.

Pucaros de hum quartilho real e meio.

Testos de panellas grandes real e meio.

Outros mais pequenos hum real.

Testos de potes aparados tres rés.

Tigelas de comer tres rés.

Hua tigella major de comer leite quatro rés.

Hua tigela de fogo de canada e meia des rés.

Outra de hua canada oyto rés.

Outra mais pequena seis rés.

Hua tigela de lavar tigelas grande vinte rés.

Outra mais pequena doze rés.

Hum ferrado grande cem rés.

Outro mais pequeno sessenta rés.

Azada grande que (sic) de quatro queijos, cento e setenta rés.

Outro azado que fasa dous queijos setenta rés.

Outro mais pequeno de hum queijo sincoenta rés.

Outro azado mais pequeno trinta e sinco rés.

Hum gral de barro grande des rés.

Hum fogarejro grande oytenta rés.

Outro mais pequeno sincoenta rés.

Outro de sumbrejrejro vinte e sinco rés.

Hum servidor grande trinta rés.

Outro pequeno vjnte e sinco rés.

Hum cano aberto como telha des rés.

Hua bozina direita sincoenta rés.

Bozina de cotovelo sessenta rés.

Hum cangirão de lagar corenta rés.

Mejo almude de direito corenta rés.

Mejo alquejre pera azeite vinte rés.

Canada e meja canada a seis rés.

Quartilho e mejo quartilho a quatro rés.

E o que esta taxa exceder pela primeira ves pagara dous mil rés e pella segunda quatro e pella terceira seis huns e otros pagos da cadeia ametade pª a Camara e a otra pª quem acuzar.

E sob as mesmas penas terão este regim^{to} em parte onde possa ser visto e lido pello povo e por esta maneira overão por feita a ditta taxa sendo a ella presentes os Juizes do officio deste mister e ordenarão q o escrivão leve somẽte de cada aranzel que della passar leve setenta rés.

E eu Manoel Sardinha Alcoforado escrivão da Camera o fis escrever e lhe fis o ensseram^{to} e soescrevi. Nuno de Castro — Ant.º Pegado Musq.^{ra} — Lopo Mĩz Sig.^{do} —

Elvas. A. Thomaz Pires.

ETHNOGRAPHIA MIRANDESA

II

A MATANÇA DO PORCO

O assumpto com que encimamos esta descripção não deixa de apresentar os caracteristicos dos costumes mirandezes, até certo ponto originaes, e que se vão mantendo com certa pureza, devido ao isolamento em que se encontra a região. Por isso vamos narrar o facto com as particularidades que podemos observar.

A matança do porco, por estas terras, é uma verdadeira festa, se assim se póde chamar á manifestação d'uma alegria doida. Será talvez a região em que tal facto constitue uma festividade, que é commentado pelos visinhos, que se torna publico, e não passa despercebido a ninguem. Provoca criticas, inventam-se aventuras sobre a morte do porco, misturando-lhe coisa parecida ás aventuras sobre a caça. A visinha esforça-se por convencer que o seu porco estava mais gordo do que o de F., que tinha tantos arrateis de unto, que tinha tal grossura no toucinho, que o tratava d'esta e d'aquella forma, que consultou o ferrador porque não comia, porque estava sempre deitado, porque não agradecia (não engordava) e tantas outras doenças inventadas para mostrar a sua pericia no tratamento de porcos, não esquecendo que teve de lhe mandar *tirar escriptos* porque lh'o tinham embruxado.

D'aqui se vê que o porco é um animal querido; para elle o melhor, o mais bem tratado durante a vida, e, na morte, festejado. Porque será isto?

E' que a alimentação principal, senão exclusiva d'esta gente, consiste no pão centeio e na carne de porco; um e outro conservam para todo o anno. Percorram-se todas as aldeias e ver-se-ha a verdade do exposto. O mirandez tem a base da sua alimentação no pão e no porco. Por isso não admira que estendam, como estão fazendo, a cultura do cereal, e que tratem como a um fidalgo (é assim que elles dizem) o porco; e a sua morte provoque a alegria pela certeza da alimentação durante o anno. Estomago farto, coração alegre, como costumam dizer. Parece-nos que a razão é mais economica do que outra coisa. Mas poderá dizer-se que o boi, por exemplo, que elles criam, podia desempenhar as mesmas funcções, e não obstante não lhes merece as festas da matança. Ora a isto responde-se que o boi é exportado, e que por isso mesmo que não constitue a base da alimentação, não merece os cuidados do porco; e depois este é apanagio de rico e pobre, mais popular, por isso, mais accommodaticio, familiar e barato, de conservação e alimentação mais facil. O pobre chega ao porco que vae creando e engordando, e o boi, esse só pode ser adquirido pelas bolsas grandes. Em virtude d'isto tambem o porco está cercado de certos privilegios e immunidades — segundo a crença geral, é claro. Assim, acreditam que ao porco nenhuma doença estranha se communica, e quando manifestar doença a carne não fica estragada, para o que basta *sangral-o,* isto é, matal-o e extraír-lhe o sangue. Esta crença dá em resultado que os porcos mortos na

forma dita, ou succumbindo á propria doença, são aproveitados. Esta crença é reforçada pela pratica, pois que realmente não se manifestam, na população, as doenças dos suinos, ou raramente surgem. Porém, pensamos, sem sermos perito no assumpto, que taes doenças apparecerão em pequena escala devido á carne de porco ser comida depois de bem cozida, o que todos fazem para lhe tirar os dois proveitos—adubos para o caldo e um prato (o cozido).

Ultimamente, comtudo, têm-se adoptado providencias contra o uso fundado n'essa crença, o que prova os receios das auctoridades pelo prejuizo da saude publica.

Deixemos estas observações e vamos ao assumpto d'este artigo.

E' no mez de dezembro a epocha da matança, tempo frio, de gelos e neves, e por isso o mais proprio para a conservação das carnes. A escolha da epocha não tem outro motivo.

Tomemos uma casa de lavoura, d'aquellas que são chamadas ricas; entremos para a lareira e ouçamos o chefe dar as suas ordens. Informa-se se as mulheres teem o pão sufficiente cozido, se ha tripas, pimento e outros ingredientes (pois é attribuição das mulheres tratar de comprar estas coisas) e recebida resposta affirmativa, marca o dia proximo da matança. Então consulta a familia sobre os convidados e os creados passam a noite de vespera a fazer convites pela povoação. Homens e mulheres são convidados com a seguinte expressão: «Manda dizer meu amo (ou minha ama) que ámanhã fizesse o *favor* de lhe ir ajudar a matar os porcos».

Os convidados são os amigos e aquelles que durante o anno, e sobretudo nas colheitas, auxiliaram a casa com serviços. Por isso não esquece o que ajudou a ceifar, a limpar, a trilhar (debulha), a recolher o fêno, a apanhar a azeitona, e a tantos outros serviços que o lavrador d'estas terras faz e manda fazer. E' a mutualidade de serviços em acção, e é o que vale, porque não ha operariado verdadeiramente caracterisado.

A noite de vespera passa-se em preparar as coisas para a festa do dia seguinte, o que dá, em casas ricas, grande trabalho e pouco descanço. Imagine-se pela natureza dos convites as pessoas que se reunem. A povoação, quasi inteira, acode ao convite e á festa.

São 7 horas da manhã do dia da matança, e sente-se o borborinho de passos, vozes, ordens e observações, preparo de bancos, navalhas e tudo o mais necessario á matança. Todos trabalham, todos auxiliam. Passado algum tempo ouve-se borborinho de vozes apenas; estão á meza almoçando, e já se fazem commentarios. Este sangra melhor um porco, aquelle abre-o (estripar) com outro geito, cada um manifesta a sua aptidão, aquelle outro recommenda que se beba pouco até final da matança.

Terminou o almoço. Grupos de tres ou quatro homens apanham o porco e levam, cada grupo seu para o banco. Ahi é deitado, as cordas prendem-o, os homens auxiliam as cordas, e uma mulher approxima-se de vasilha na mão para recolher o sangue. O matador então, sem se importar com os geitos do animal, antes servindo-lhe de incentivo, empunha a faca, corta os cabellos entre as juntas dianteiras do animal, aponta a lamina, e esta penetrou até ao coração cortando a carotida. O ferro é conservado até sahir todo o sangue e o animal morrer. Então o matador de faca e mão sangrada pergunta aos companheiros que tal acham a sua pericia, e desde logo affirma se a ponta da lamina tocou ou não o coração.

O mesmo fazem os outros grupos, e no fim de poucos minutos veem-se 5, 6, e 7 porcos estendidos no chão, focinho entre as patas anteriores e collocados e apoiados sobre a barriga; e, coisa engraçada, cada porco morde uma pedra, que lhe foi introduzida nos queixos para melhor ser chamuscado. Dispostos os porcos, uns ao lado dos outros, cobrem-se de palha e o fogo queima os cabellos. E' a *chamusca*. Finda esta operação segue-se a lavagem rapando-se-lhes os cabellos que o fogo não cortou. Depois o porco, no banco, é virado de patas para cima, e o matador, em geral, extrae-lhe os intestinos e o unto. E' preciso ter certo geito, pelo perigo que ha em cortar os intestinos. Usam o systema de cortar, desde o queixo até ao anus, e em duas linhas parallelas, o coiro da barriga, abrindo assim uma larguissima fenda por onde se faz a extracção.

A' parte da barriga extraída chamam *barbada*. Extraídos os intestinos são entregues ás mulheres, para estas lhes tirarem as gorduras (untos) que consigam levar os mesmos intestinos.

Terminada esta operação, os porcos são assim guardados (chamam-lhe *ficar em canal)* em logar conveniente, e segue-se o jantar, que consta de carnes (é extranhavel apresentar batatas de qualquer forma) novas e antigas; e pouco saberá de governo da casa a dona que não reservar para este dia o competente chouriço e presunto velhos. A refeição é abundantissima, quer seja pobre quer seja rico, e o vinho é posto á descripção produzindo os seus effeitos nas cabeças. A conversa durante o jantar versa sobre a matança, que dá assumpto bastante para entreter todo o tempo. No fim, e para sobremeza, dão-se graças a Deus, rezando pelos membros da familia extinctos e a alguns santos, e fecha-se, não poucas vezes, com toadilhas, imitando os ecclesiasticos nas missas cantadas. N'esta altura, e já antes, começa a debandada dos commensaes, indo as mulheres lavar as tripas acompanhadas por um ou dois homens, e os homens organisam o jogo do fito, da barra ou cantatas ao som de qualquer instrumento.

Se n'esse dia se fez matança do porco de um membro da mesma familia ou de um amigo, os convidados simulam o roubo d'uma barbada, o ladrão é prezo e de corda ao pescoço é conduzido perante o tribunal, cujo juiz é escolhido d'entre aquelles que melhor pode desempenhar o papel. Procede-se ao julgamento, e não deixam de ser interessantes as perguntas e respostas, nas quaes se procura sempre o comico, visto que a alegria não permitte coisas serias. Segue-se a sentença, a qual em vez de condemnar o ladrão, condemna o dono dos porcos a fornecer vinho e entrega-se a barbada a seu dono. Esta sentença caracterisa bem a costumeira de resolver todas as questões com vinho, pois ainda se diz que a «panella de vinho é o melhor juiz de paz».

Chegada a noite, cada um vae para sua casa, despedindo-se com o sacramental adeus e desejando saude para os comer (os porcos) em bem e em paz. Terminou a festa.

Voltemos agora um pouco atraz. Depois do jantar segue-se a scena sympathica— o bodo aos pobres. E' preciso que n'este dia festivo e de fartura, aquelles que vivem da caridade tenham tambem a sua participação na alegria dos outros.

Entremos em casa. Ali, sentada n'uma cadeira, vemos uma velhinha que se não pode deslocar, examinando tudo com a vista, dirigindo a palavra a todos, sentindo-se alegre e satisfeita com a alegria dos outros, dando ordens e instrucções para que nada falte, para que tudo seja abundante. Mas desde que os convidados se levantam da meza, eil-a dando as ordens necessarias para o bodo e pedindo para ser conduzida junto dos pobres. E'-lhe feita a vontade, e ás suas ordens tem a creadagem e todos os auxiliares. Então, chamando a todos pelos nomes, ou por outra forma, os pobres que concorreram (e tambem concorre o rapazio não pobre) dispõe as figuras e manda distribuir-lhes a sopa, que é perfeita e substancial. E a velhina ri de alegria ao ver o rapazio que se acotovela e grita por um comer mais que o outro, e reprehende-os para os manter na ordem. Comida a sopa, procede a velhinha á distribuição das rações que constam de pão e carne, e a pobreza teve assim um dia de fartura, e a velhinha, rainha d'esta sympathica acção, fica satisfeita e esquecida dos seus achaques.

No dia seguinte desfazem-se os porcos. A operação consiste no seguinte: corta-se a cabeça e o porco é rachado ao meio para o que se lhe extrahe a espinha dorsal. Tiram-se as costellas e todos os musculos, ficando o toucinho e com elle os presuntos e espaduas, formando duas taboas. Estas vão para a salgadeira, e as outras carnes, umas são picadas para fazer as *linguiças,* e os lombos para chouriços (salpicões). Antes, porém, de enchouriçar as carnes vão á *surça,* onde se conservam dois dias. A surça é um molho de agua, sal, loureiro, pimenta de côr e picante e alhos. Ha tambem os chouriços de massas *(alheiras),* chouriços de pão e de sangue (tambem chamados os *chaleianos).* Todas estas especies constituem o fumeiro.

Os toucinhos depois de bem salgados vão a seccar ao fumo, como todos os chouriços. Como se vê, o processo para a preparação e conservação das carnes é simples, e é certo que fica saborosa e sem perigo de se estragar, para o que concorre o clima.

Na cidade, a maior festa é no dia das *tabafeias*, cujo caldo é o melhor que pode haver, pois é preparado com carne de porco (presunto, salpicão), perús, gallinhas e frangãos. Todas estas carnes picadas e mais a dobrada e algum pão constituem a massa das alheiras.

Secco que seja o fumeiro e toucinhos, são recolhidos á dispensa, havendo tambem o costume de os cobrir com grão centeio.

As carnes assim seccas só se retalham na occasião de se prepararem para consumo.

Os toucinhos salgam-se unica e exclusivamente com sal.

CARLOS ALVES.

FOLK-LORE TRANSMONTANO

ROMANCEIRO

As duas donzellas

Indo-me eu a passear,
Pela tarde ás duas horas,
Vira estar n'uma janella
Duas donzellas formosas.

Uma era muito branca,
Da sua côr melindrosa;
Outra era mais morena,
Mas morena graciosa.

Namorei-me da morena,
Da sua feição generosa;
A branca, desde que o soube,
Logo se mostrou queixosa.

Cale-se, senhora branca,
Não seja tão invejosa.
De preto são os cavallos
E os mullinhos corredores.

De preto veste el-rei
E o Padre Sancto em Roma;
De preto era o manto
Da Virgem Nossa Senhora.

Concelho de Vinhaes.

D. João

«Que tens tu, ó meu filho,
O' filho da minha alma?!»
— Estou deitado na cama,
Minha mãe, não é nada!
Só me doe D. Izabel,
Que a deixo desfolhada! —
«Deixa-lhe cem mil cruzados
Para que seja morgada.»
— Eu não quero morgadios,
Nem tampouco ser morgada;
Em morrendo D. João
O mundo p'ra mim acaba! —
«Se me eu erguer d'esta cama,
Minha roseira abandonada,
Ha de ser em trunfa d'ouro,
Em *alcatrunfa* (?) dourada [1]!
Não lances as mãos ás galas
Emquanto se a hora acaba;
Que te não chamem viuva,
Sem nunca seres casada!»
Mandou chamar dous *surjões*,
Em que elle mais fiava;
Quatro horas tens de vida;
Uma já vae acabada.
Uma é de Sacramentos,
Hora tão bem empregada!
Outra é de testamento,
Deixou bens por tua alma.
Outra é de despedida
Da tua querida amada.
Volveu-se para a parede,
E não pôde dizer mais nada.

Recolhido em Ligares.

[1] Será alba trunfa? Assim me parece.

A triste velha

«Meninas, fostes á feira,
Vistes por lá meus amores?»
— Sim, senhora, bem o vimos
Na feira dos compradores. —
«Meninas, minhas meninas,
Que vistes lá comprar?»
— Oh! velha! Oh! triste velha!
Um punhal p'ra te matar! —
«Meninas, minhas meninas,
Onde me hei de acautelar?»
— Oh! velha! Oh! triste velha!
Debaixo d'um laranjal! —
«Meninas, minhas meninas,
Deixae-me aqui descançar!»
— Oh! velha! Oh! triste velha!
Já te podes levantar! —

Recolhido em Carviçaes.

CANCIONEIRO

69.ª

O sol quando nasce inclina
Nas pedras do meu annel;
Tambem eu me inclinei
Aos teus olhos, meu Manuel.

70.ª

Meu annel de sete pedras,
Vae-te fóra do meu dedo;
Por tua causa, annel,
Tomei amor tão cedo.

71.ª

Quem acceita prendas d'outrem,
Logo deve reparar;
Quem acceita fica prezo;
Quem as dá quer-se pagar.

72.ª

Meu annel de coralina,
Minha delicada prenda;
Onde estás, ingrato d'alma,
Que o meu amor te não lembra?

73.ª

Tendes telhado de vidro
Só para o meu atiraes;
Fallaes de mim, fallaes d'outrem,
Só para vós não olhaes.

74.ª

Tenho na minha janella
Salsa feita de dois molhos;
Tenho diante de mim
A cegueira dos meus olhos.

75.ª

A minha mãe é bravazona,
Como as ondas do mar;
As ondas do mar abrandam
E ella não quer abrandar.

76.ª

Maria, minha Maria,
Meu habito, meu cordão;
Tu és o meu oratorio,
Onde eu faço oração.

77.ª

Oh! Quem considera na morte,
Nos martyrios que ella tem;
E' pôr os olhos só em Deus
E não fallar de ninguem.

(Segue)

TAVARES TEIXEIRA.

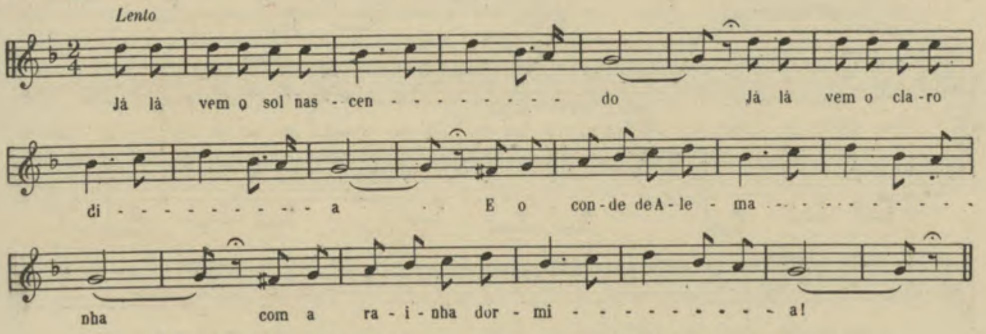
FOLK-LORE BEIRÃO

TOADA PARA OS ROMANCES POPULARES

É nesta singela e melancolica toada que são cantados muitas vezes na Beira os romances populares, ainda hoje tam vulgarisados entre os habitantes das povoações ruraes.

Apesar da facilidade de communicações ter levado até ás aldeias mais ignoradas as canções em voga nas cidades, ainda não é raro ouvir nos campos, pelas tardes calmosas do estio, ou á lareira, nos longos serões d'inverno, uma voz fresca entoar algum dos velhos romances—*A Dona Infanta, O Conde de Allemanha,* o *D. Varão,* ou outra qualquer das que ainda sobrevivem na memoria do povo.

Damos, acompanhando a musica, uma versão da Beira Alta do *Conde de Allemanha:*



O Conde de Allemanha

Já lá vem o sol abaixo
Já lá vem o claro dia,
E o Conde de Allemanha
Com a rainha dormia.

Não o sabe nem el-rei
Nem quantos na corte havia:
Sabia-o a Dona Infanta
Filha da mesma rainha.

—Filha minha se o sabes
Não o dês a descobrir
Que o Conde de Allemanha
De oiro te ha-de vestir.

—Não quero os seus fatos d'oiro
Pois tenho os meus de damasco:
Inda meu pai não é morto,
Já me querem dar padrasto.

As mangas desta camisa
Eu não as chegue a romper,
Deixe vir meu pai da missa
Eu lh'o saberei dizer.

— Venha, venha oh meu pai,
Boa seja a sua vinda;
Tenho um conto p'ra contar-lhe,
Muito triste, á maravilha.

—Conta lá oh minha filha
Que eu folgarei de te ouvir.

—Estando eu no meu tear,
Na minha teia a tecer,
Veio o Conde de Allemanha
Tres fios me tirou della.

—Deixa o Conde de Allemanha
Que é rapaz, e quer brincar.

—Mal hajam os seus brinquedos
E tambem o seu zombar,
Que no braço me pegou
E á cama me quiz levar!

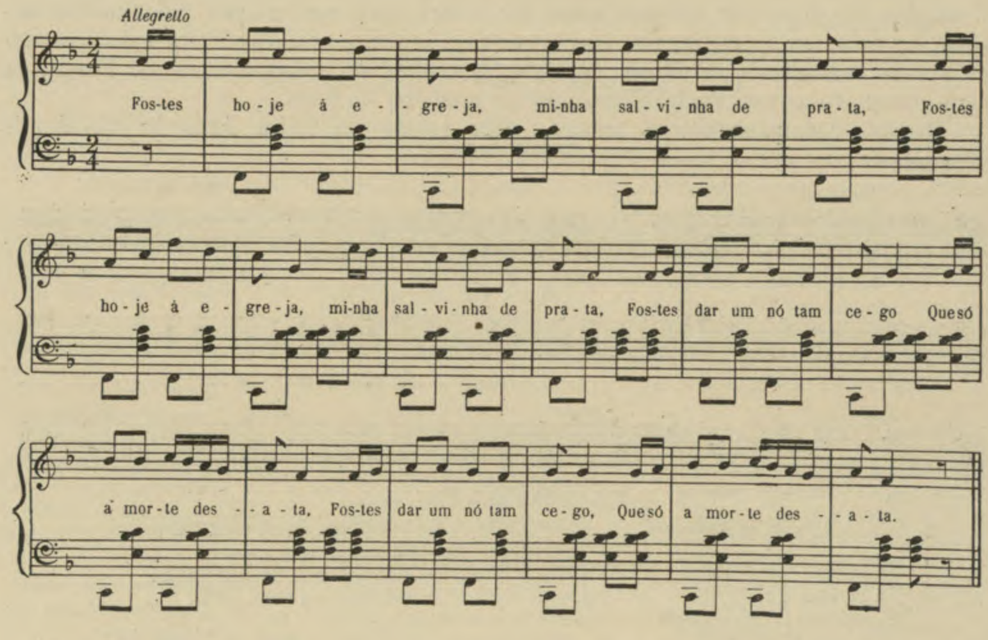
—Cala-te lá minha filha
Não m'o tornes a contar;
S'eu o soubera mais cedo
Tinha-o mandado matar
Mas hoje por dois algoses
Eu o mando degolar.

—Venha, venha, oh minha mãe
Venha á janella do Cabo
Ver o Conde de Allemanha
Vestidinho de encarnado!
Por mandado de meu pai
Vai o Conde a degolar!

—Má-lo hajas, minha filha,
Mai-lo leite que mamaste
Que é um conde tam bonito
E a morte lhe causaste!
Dá cá aquella toalha
Que me veio de Castilha:
Apertá-la na garganta,
E acabar já c'o a Vida!

DESCANTE AOS NOIVOS

Nas duas Beiras é uso em algumas povoações serem os noivos esperados á saída da egreja pelos rapazes e raparigas amigos, que lhes cantam em côro, acompanhados por violas e guitarras, e na Beira Baixa pelo adufe tradicional, cantigas allusivas ao acto, de que publicamos algumas, com a musica com que ordinariamente são cantadas:



Fostes hoje á egreja
Minha salvinha de prata,
Fostes dar um nó tam cego
Que só a morte o desata.

Não quisestes por mais tempo
Ficar onde estavas bem,
Regalada e mimosa
A' sombra da tua mãe.

Oh que lindo Sacramento
Fiseram estes senhores;
Deus no Ceu lhes bote a benção
E nós na terra as flores.

Dá-me cá esse adufe
Eu o farei retenir:
As meninas do meu tempo
Eu as farei aqui vir.

Essa rosa, senhor noivo
Inda hontem era botão:
Trate della como sua
Metta-a no seu coração.

PEDRO FERNANDES THOMAZ.

NOTICIAS

O bracelete d'ouro de Tellões

Reproduzimos na gravura n.º 1 o bracelete de secção octogonal, já descripto no fasciculo anterior a pags. 109 e 110. Com prazer noticiamos que este valioso exemplar foi adquirido pelo nosso collaborador Abbade José Brenha. Á ligeira nota que a esse tempo nos enviou, este nosso informador accrescenta os seguintes esclarecimentos: «são mais desenvolvidos os lados perpendiculares do octogono oppostos segundo a cruz principal; considerando a manilha pousada horisontalmente, mostra maior largura do que altura; as arestas não são nitidas em toda a sua extensão, em alguns pontos a secção torna-se arredondada, quasi circular».

O peso é de 60 grammas, e a analyse quantitativa verificada em um laboratorio de *Contrastaria* deu:

Ouro.	0,813
Prata	0,187
Cobre	apenas leves vestigios.

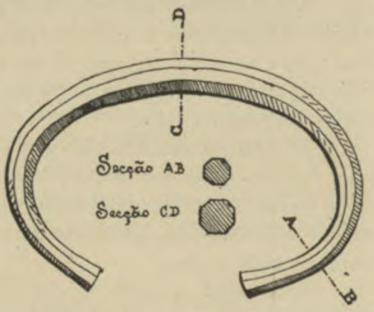


Fig. 1 — ²/₃ gr.

R. S.

Outros achados em Tellões

Mais nos informa o Abbade Brenha o apparecimento de uma *fivela annular*, de bronze. Está reproduzida na fig. 2, segundo o desenho que nos foi enviado; servirá de modelo, pois está completo o aro; é simile do especimen do Castro de Villarinho de Cotas, com aro aberto e extremidades reviradas terminando em botões, já publicado n'este fasciculo, na fig. 3 de pag. 266; e é do mesmo typo, então citado, da Citania de Briteiros. Pode considerar-se especimen typologico dos nossos Castros, Cividades, e outras estações luso-romanas, muito embora seja préromana a origem d'esta fivela circular. Foi encontrada na Veiga da Pousadinha entre Souto e Soutellinho, freguezia de Tellões, concelho de Villa-Pouca-d'Aguiar. Pelo local não faltam indicios certos da civilisação romana.

Fig. 2 — ²/₃ gr.

Com effeito, «n'esta veiga — conta-nos ò Abbade Brenha — dizem que ha annos, quando andavam lavrando, o ferro do arado se prendêra em uma argola chumbada a uma pedra, a qual tampava um cano de alvenaria que se dirigia para o riacho proximo. Pelo mesmo sitio apparecem tegulas, canos de barro, etc. Perto, ainda actualmente ha explorações de barro para fabríco de telha. E pelo anno de 1902, em localidade visinha, appareceu uma moeda d'ouro de Antonino muito bem conservada».

Envia-nos o Abbade Brenha uma excellente photographia do anverso e reverso d'este *aureus*, pela qual se verifica nitidamente a leitura das epigraphes:

A. — ANTONINVS AVG. PIVS P.P. TR.P. XVII. — Busto do imperador á direita com paludamento.
R. — COS. IIII. — Antonino de pé á esquerda tendo um globo.

Identifica-se com o numisma de Antonino Pio n.º 129 de: Cohen, *Mon. sous l'Emp. Rom.*, pag. 294, vol. II.

R. S.

A cividade de Riodouro

Quem de Cabeceiras de Basto se dirige a Salto pode, com um insignificante desvío, visitar a cividade de Riodouro. Está situada esta estação em parte da freguesia d'este nome e em parte da de Refoyos. A nascente fica o logar de Leiradas, freguesia de Riodouro; ao norte, o de Cambezes, da mesma freguesia; a poente, a de Abbadim; ao sul, Chacim, da freguesia de Refoyos. Em virtude da designação pela qual é nomeada pretende-se encontrar uma cividade da amplitude d'outras conhecidas, Terroso, por exemplo, no concelho da Povoa de Varzim, Bagunte, no de Villa do Conde. Depara-se-nos, entretanto, um castro de ambito muito restricto, se bem que a visita, por fugaz, impedisse um exame mais detido das cercanías.

A cividade de Riodouro, a distancia, figura como uma das elevações mais consideraveis d'aquella região montanhosa e é quasi inaccessivel pelo nascente. Pelo noroeste divisam-se duas ordens de muralhas: uma no alto, com pannos ainda regularmente conservados, medindo tres metros de espessura e cujo apparelho é polygonal e sem reboco; a outra, inferior e alagada, postoque ainda se lhe reconheçam nitidamente os vestigios.

No alto do castro varios penedos affloram ou irrompem arredondados pela erosão, existindo em varios d'elles bastantes orificios que parecem praticados com um motivo intencional: n'um observa-se uma especie de rosario de cóvinhas, em semi-circulo, medindo cada uma $0^{m},1$ de diametro; n'outro, um orificio quadrangular; ainda em outro ha cavado um como assento de encosto; n'outro, por fim, uma cavidade mais extensa.

Entre certos penedos do alto está praticada uma passagem em degraus que não repugna crer contemporanea da estação quando habitada, recordando as tres ou quatro similares, embora mais a pique, que se nos deparam no interessantissimo *castello* da Piconha, na Galliza, proximo da fronteira portuguesa e a meia hora da nossa povoação de Tourem. Nem era necessario abrir com custo semelhante passagem para uso quasi exclusivo dos pequenos pastores que por alli vigiam o gado miudo!

O limitado mobiliario que nos foi dado apreciar restringe-se a telhas de rebordo e outros despojos de olaria. D'esta ultima observamos: um rebordo de grande vaso, medindo $0^{m},035$ de espessura, pasta muito grosseira, e com tantos grãos de quartzo anguloso que, nas fracturas, tinha o fragmento um aspecto de rocha brechiforme; pedaços de bojos d'outros vasos menores, barro melhor peneirado e vestigios muito pronunciados do torno de oleiro; outros com indicios exteriores da acção do fogo pelo uso; outros ainda de barro muito mal cosido, tendo soffrido apenas os effeitos thermicos nas superficies exterior e interna; despojos, por ultimo, de muito pequenos vasos, fundos, rebordos e uma asa. Todas as pastas d'esta olaria vermelho-amarellada, mais ou menos salpicadas de quartzo, são, em geral, extremamente polvilhadas de moscowite. Por entre estes destroços de ceramica, uma escoria de ferro.

A explicação dos mouros e até a d'uma buraca, *um minôto*, por onde aquelles iam buscar agoa a um regato que corre perto, não deixou de ser dada pelos informadores occasionaes das proximidades do castro. E por elles soubemos, no que foram concordantes outros mais, da existencia de duas sepulturas abertas em rocha no proximo logar de Cambezes, tendo uma a forma do corpo humano, e outra, mais pequena, como de creança, sem esses contornos definidos. Por egual alludiram a outras dispersas em campos de Chacim, algumas já destruídas, e ainda a varias, de situação mais imprecisa, em que havia tampas e potes que foram despedaçados. De resto, na cividade, ainda eram visiveis e recentes os indicios da lavra dos pesquisadores de thesouros.

Vem a proposito referir que, não distante da cividade, sitio do Outeiro, logar de Leiradas e freguesia de Riodouro, o povoado se dispõe n'um cómoro que dá a impressão d'um castro sobrevivente, não só pela disposição das casas, como, em parte, pelo aspecto d'estas. São predios humildes, construídos com blocos de granito de apparelho polygonal e miudo, sem cal nem rebocos, e cobertura de colmo; de resto, quadradas, pequenas dimensões e poucas dependencias. Na mancha irrompem para o alto as medas de centeio e medram, aqui e além, a figueira e a oliveira. Abaixo, os campos de cultura.

Penetrando no povoado distinguem-se então outras casas de pavimento superior e varanda externa de madeira, com hortejos annexos, as moreias e o espigueiro. Mas ainda a simplicidade se mede quasi pela das restantes: nem cal, pequenas janellas sem guarnições, ausencia de vidraças, e o colmasso fixado pelas pedras que protegem o abrigo do destempero das rajadas!

R. P.

Sepulturas romanas de Condeixa-a-Velha

Condeixa-a-Velha, distante tres leguas a sudoeste de Coimbra, era a antiga Conimbriga dos romanos — um centro populoso de actividade e civilisação. A sua grandesa é attestada pelos restos de monumentos e habitações sumptuosas, que a enxada do agricultor vai de longe a longe e ao sabor do acaso pondo a descoberto.

Ha dez annos a Secção de Archeologia do Instituto emprehendeu excavações, que produziram objectos variados e valiosos, para o estudo da civilisação luso-romana: quatro notaveis exemplares de mosaico — *vermiculata pavimenta* — fragmentos architectonicos de edificios, que, a avaliar pelo modulo das bases e capiteis, deviam ter pertencido a grandiosas construcções, além de quantidade de materiaes — tijolos, telhas, vasilhame de differentes formas e utensilios de usos e applicações diversas.

Um dia foi encontrado o pé d'uma estatua, de marmore branco, de execução magistral, e cuja altura total attingiria tres metros.

Condeixa-a-Velha, tudo induz a crer que seja um abundante jasigo de antigualhas, promettedor de larga compensação á uma exploração em ponto grande, methodica e pacientemente conduzida.

Mas a area de investigação é enorme; e uma tal empresa não poderia deixar de ser longa e dispendiosa. Porque não é sómente o extenso terreno circumdado pela muralha romana e que conserva a designação mussulmana de *almedina*, que tem sido fertil em achados de diversos generos; é tambem por todo o campo, fóra d'esses muros, onde se podem descortinar vestigios de outros cintos de fortificações, que a colheita tem sido não menos abundante.

O *oppidum* romano assenta no planalto d'um pequeno monte. A planta, que ainda hoje se conserva perfeitamente delimitada pela existencia das muralhas, tem a configuração trapesoidal, com o vertice d'um dos angulos, excessivamente agudo, avançado ao occidente.

Uma inspecção ligeira parece dar a entender que duas unicas entradas davam accesso para o interior: uma do lado Norte, em local desfigurado pelo desabamento; outra ao Nascente, na larga abertura, que actualmente offerece serventia aos proprietarios das numerosas courellas em que esse terreno se acha dividido. Esta seria a entrada principal, servida por um viaducto d'um só arco, cintro pleno, fabricado de tijolo, de mais de dez metros de largura e tam solidamente conservado que promette desafiar a successão dos seculos.

Os robustos e espessos muros, que ainda se vêem, mais ou menos corroídos, são construidos de alvenaria, formada de pequenas pedras e ligadas com essa admiravel argamassa, a que se dá o nome de cimento romano, que com o tempo se concretisa e endurece, e de tal forma, que em alguns pontos se vêem porções tombadas, que são verdadeiros blocos monolithicos indestructiveis.

Pelo exterior os muros eram revestidos de fiadas de pequena silharia regularisada, das quaes em muitas partes se acham despojadas, para serem aproveitadas, de certo, a utilidades modernas.

O recinto fortificado é extenso e a sua grandesa dará porventura idea da funcção importante que devia ser-lhe attribuida no mecanismo da administração romana. O seu maior comprimento é de 550 metros; e a superficie, contada de muros a dentro, é de 95 mil metros quadrados.

Em alguns lanços a espessura da muralha tem mais de tres metros. Do lado Sul permanece de pé uma cortina inteira, reforçada de contrafortes pouco espaçados; e, cousa notavel, vêem-se ainda as manilhas de barro vermelho destinadas a dar escoante ás aguas infiltradas.

Todo o flanco da muralha do lado Sul fica alcandorado sobre o despenhadeiro abrupto da penedia, descendo até ao leito do rio dos Mouros, que se despenha caudaloso e pittoresco no inverno, para desapparecer durante as estiagens. Pelo occidente ainda a mesma penedia serve de base á fortificação. A esta parte dão o nome de *alcaçova;* e não occorre explicar porque se acha separada por um muro continuo e forte do resto da praça. Para fóra da Almedina e da depressão do terreno, que o viaducto atravessa, segue-se a planicie, caminhando para Éste, a ligar-se com os campos de Condeixa-a-Nova.

É n'esta zona, onde se notam signaes de outras construcções de defeza, que alguns desaterros e arroteamentos casuaes da lavoura teem posto a descoberto os mais curiosos achados. Até certo ponto o facto é de explicação facil. Sabe-se que depois de aniquillado o dominio romano, a almedina continuou a ser habitada pelos visigodos, depois pelos arabes, e posteriormente pelos christãos da reconquista. É consideravel a porção de moedas ali encontradas dos monarchas portugueses até D. Manoel.

População certamente de somenos importancia, porque, o *oppidum* assolado pela sanha das hordas invasoras, depois d'um assedio diuturno, como é facil de conjecturar pela posição defensavel, que favorecia a resistencia — supposição em parte confirmada pela abundancia de substancias carbonisadas que se alastram no sub-solo — nenhuma vantagem aconselharia o seu restabelecimento, não tendo já a preencher o papel que lhe era marcado na organisação administrativa e principalmente militar dos antigos dominadores. De mais o incremento da nova Colimbria, localisada em condições de manifesta preferencia, concorreria á inutilisação da decahida e arruinada cidade.

E assim, reduzido o numero dos habitantes, não precisavam de expandir-se para fóra da *almedina*, ficando devolutos e despovoados os campos exteriores. Mas nem por isso a persistencia de habitação, durante 4 seculos, deixara de occasionar a destruição lenta de todos os testemunhos da colonisação romana.

As sepulturas recentemente encontradas existiam n'um campo situado a mais de 500 metros para o Nascente da almedina. A pequena profundidade, talvez 60 centimetros, extendia-se n'uma área assaz dilatada, mas por emquanto não determinada ao certo, um pavimento formado de argamassa e tijolo triturado, *opus signinum;* e immediatamente, no terreno subjacente a essa crusta, foram encontrados quatro tumulos, proximos uns dos outros, de typo e dimensões identicas.

As urnas eram formadas de duas unicas pedras que se uniam cavadas em parallelipipedo, com as paredes da espessura de 6 centimetros; e, a cobri-las, lages rectangulares de maior grossura. Continham as ossadas, que foram insensatamente dispersadas e destruidas. Todas ellas estavam orientadas de nascente a poente, com as cabeças voltadas n'esta ultima direcção.

Nos bordos de algumas viam-se pequenos chanfros de cada lado e em correspondencia, destinados a receberem travessões de ferro, que sómente uma d'essas urnas conservava. Foi n'esta mesma que junto da caveira, do lado esquerdo, se encontrou um vaso de vidro, de configuração diversa dos lacrimatorios vulgares, e de maior grandesa: gargalo alto e bôjo espherico. Tem de altura 19 centimetros.

Mais tarde foi descoberto um outro tumulo, que divergia dos outros em que a caixa era d'uma só pedra e a tampa arredondada em semi-circulo nos dois topos.

Nos bordos tinha tambem tres móças de cada lado, mas igualmente desprovidas das travessas de ferro que n'ellas deviam assentar. As travessas de ferro d'esta maneira dispostas, em tumulos romanos, não são raras. Ha exemplos no Museu de Beja e no museu ethnologico.

Mas ahi melhor se justificam pela necessidade de reforçar e manter erguidas, no seu lugar, as pedras lateraes, visto que essas urnas são constituidas por lages separadas.

Este foi aberto sob vigilancia. Verificou-se que o esqueleto se achava em completa integridade. Os ossos, extremamente frageis e quebradiços.

E é de notar um facto curioso: as paredes d'este tumulo, demasiadamente delgadas, pois não medem mais de 4 centimetros, são internamente afeiçoadas a picão; mas nas faces externas ha indicios evidentes de terem sido cortadas a serra. São bem visiveis as estrias produzidas pelo attrito, e desvios accidentaes da lamina cortante. E mais de admirar é que nas superficies lateraes o movimento incisor foi dirigido no sentido do maior comprimento da pedra: dois metros, pouco menos.

O material empregado é calcareo brando, dos jasigos de Mussifas, que ficam a tres leguas d'aquella localidade. Será possivel que sob a camada *signina*, de que só uma pequena porção foi removida, outras sepulturas existam e mais tarde sejam desvendadas.

A excavação não proseguiu, por motivos obvios, até que mais favoravel opportunidade se offereça.

Pensar na possibilidade de attrahir recursos que permittissem uma larga investigação, methodica e completa, seria perder tempo em devaneios illusorios.

Por muitas vezes tem sido deplorado o desprendimento que, não obstante o valor historico d'esta fertil necropole da civilisação luso-romana, até hoje tem impedido que despertem devotadas iniciativas em favor da sciencia e dos creditos do paiz.

Nem a attenção official, nem a generosidade particular, são facilmente accessiveis ao interesse d'esta empresa. Assim iremos confiando do acaso e dos rarissimos esforços individuaes as modestas tentativas que, pouco a pouco, teem produzido a colheita que o Museu de antiguidades do Instituto vai cuidadosamente recolhendo e constitue já um apreciavel deposito de objectos dignos de attenção e de estudo.

A. G.

Sepulturas abertas em rocha

Como materiaes para um inventario de antiguidades e ainda porque alguns d'estes despojos archeologicos estão destinados a desapparecerem, archivamos as seguintes notulas referentes a alguns monumentos de inhumação ineditos ou pouco conhecidos:

I. — Montalegre. Juntas á capella de Santo Adrião, que fica situada a meia legoa de distancia da freguesia e villa de Montalegre, encontram-se quatro sepulturas abertas em rocha, todas cavadas de sorte a denunciarem os logares da cabeça e hombros e estreitando para os pés. Tres d'ellas são de granito de grão grosso, soltas, fóra da sua posição primitiva, que é hoje desconhecida, e dispostas n'uma parede fronteira á capella. A quarta é de schisto, repousa na situação inicial atraz da capella, com a orientação SO.NE, avultando n'ella a exiguidade da largura dos hombros relativamente á altura do corpo que teria sido inhumado em tal sepultura.

Effectuamos as seguintes medições interiores da parte cavada: **1.ª**, comprimento total, 1^m,80; idem da linha dos hombros á dos pés, 1^m,56; diametro maximo da fossa destinada a alojar a cabeça, 0^m,35; largura dos hombros, 0^m,46; largura da linha onde davam os pés, 0^m,20 — **2.ª**, respectivamente, 1^m,90; 1^m,60; 0^m,35; 0^m,45; 0^m,30 — **3.ª** (a que se encontra em melhor estado de conservação), 1^m,80; 1^m,51; 0^m,25; 0^m,46; 0^m,23; fundos, respectivamente dos lados da cabeça e pés, 0^m,25 e 0^m,20 — **4.ª** (a de schisto, bastante deteriorada), 1^m,77; 1^m,59; 0^m,20; 0^m,34; 0^m,27.

II. — Denões. A um dos lados da capella de Santo Amaro, na freguesia de Denões, concelho de Montalegre e muito proximo d'esta villa, encontram-se cinco sepulturas abertas em granito, irregularmente distribuídas: **1.ª**, 1^m,80; 1^m,60; 0^m,20; 0^m,44; 0^m,20; fundo medio, 0^m,23; orientação, E.O. — **2.ª** (incompleta), 1^m,86; 1^m,64; 0^m,20; 0^m,50; 0^m,20 (provavel); 0^m,22; E.O. — **3.ª**, mais distante, muito obstruida, E.NE. — **4.ª** (muito deteriorada), 1^m,85; 1^m,63; 0^m,24; 0^m,46; 0^m,19; E.O. — **5.ª** (a mais conservada), 1^m,84; 1^m,58; 0^m,21; 0^m,49; 0^m,24; E.O.

Detraz do muro que fica posterior á capella encontraram uns cavadores, ha algumas desenas de annos, umas seis sepulturas formadas de tijolos, não encerrando coisa alguma. Destruiram tudo.

III. — Tourém. N'uma das ruas da povoação, concelho de Montalegre, encostada a uma parede, existia (1901) uma sepultura avulsa de granito com a cavidade para a cabeça.

IV. — Pitões. Freguesia do concelho de Montalegre. Nas ruínas do interessante mosteiro da Senhora das Junias de Pitões existe uma sepultura aberta n'um bloco de granito, deslocada indefectivelmente da sua situação primitiva. Dimensões: 1^m,83; 1^m,60; 0^m,26; 0^m,50; 0^m,27.

Referiu-nos o abbade que havia outra a qual, ainda em 1901, fôra occupada por um cadaver, mercê do desejo e retribuição d'uma pessoa de familia. Transportaram-a assim para o cemiterio!

Em frente a Pitões, junto á capella de S. João da Fraga, existiam ou existem sepulturas abertas em rocha. Este informe vago, carece, emtanto, de verificação.

V. — Villa Velha. Estação proto-historica das proximidades da villa de Moncorvo. Aberta no schisto da area archeologica vê-se uma sepultura em forma de canôa.

VI. — Estevaes. N'esta freguesia do concelho de Moncorvo (não Mogadouro), no monte Valdoeiro, logar de S. Mamede, existe, segundo informação fidedigna obtida nas proximidades do local, uma sepultura aberta em granito com a distincção do logar para o repouso da cabeça.

VII. — Ruivães. N'um arredor da freguesia de Ruivães, concelho de Vieira, sobre um cómoro sobranceiro á estrada e no qual, segundo a tradição e os vestigios, existira outr'ora uma capella, encontram-se duas sepulturas abertas na rocha natural, que é o granito, e muito proximas uma da outra. Medições: **1.ª**, 1^m,74; 1^m,56; 0^m,28; 0^m,44; 0^m,20; NE.SO. — **2.ª**, 1^m,72; 1^m,48; 0^m,25; 0^m,41; 0^m,34; NE.SO. Referiram-nos que, ha annos, existiam mais, contando-se algumas em blocos avulsos.

VIII. — Paderne. No adro da egreja romanica de Paderne, concelho de Melgaço, encontra-se solta uma sepultura de granito, com o recorte e cavado para a cabeça do inhumado.

IX. — Refoyos de Basto. Certificaram-nos a existencia de sepulturas no logar de Chacim, nas quaes appareceram potes. E parece que ainda existem algumas abertas em rocha.

X. — Riodouro. No logar de Cambezes, freguesia de Riodouro, concelho de Cabeceiras de Basto, não muito distante da cividade que tem o nome da freguesia alludida, affirma-se que existem duas sepulturas abertas em rocha. Uma tem a configuração grosseira do corpo humano; na outra, de menores dimensões, não se vê esse contorno definido.

XI.—S. Martinho de Guifões. Por varias casas de lavoura d'esta freguesia do concelho de Bouças estão distribuídas algumas sepulturas soltas, abertas em granito e actualmente utilisadas como pias para diversos destinos. São monolithos grosseiros, de cavado semi-cylindrico, em geral com as dimensões sufficientes para a introducção d'um corpo de adulto, se bem que, em menor numero, outras só podessem alojar corpos de creanças. Temos conhecimento de nove. Segundo a tradição local, eram as antigas sepulturas christãs, outr'ora dispostas em volta do templo. Veio uma para o Museu municipal do Porto.

XII.—Santa Cruz do Bispo. N'um logar d'esta freguesia de Bouças, denominado Souto da Portella, depara-se-nos uma sepultura aberta no granito, sendo a actual profundidade da fossa de pouco mais de $0^{m},1$, o comprimento $1^{m},80$, voltada para nascente e ligeiramente mais larga no logar onde deviam ter repousado os hombros. Acima encontra-se metade d'outra com orientação differente: NE.SO.

Como os montantes hajam arrancado pedra no logar é bem presumivel que outras tenham sido destruídas. A região effectivamente fornece para exame varias antiguidades. Assim, proximo da segunda sepultura referida, vê-se uma lage d'um diametro proximamente de trez metros, com forma circular e rebordo no circuito; no Souto de Aguiar houvera outra lage, actualmente destruída, onde do centro se erguia uma especie de cabeça humana; e o mesmo informador alludiu a pedras com cóvinhas pelas proximidades. Parece que em Santa Cruz existem outras sepulturas abertas em rocha, algumas com a forma da cabeça; e na região contigua de Guifões fica situado o castro lusitano-romano do mesmo nome, proximo do qual, onde se ergue a casa natal de Passos Manuel, se encontra o sitio chamado o Logar da Mámoa. De resto é em Santa Cruz que existem duas intrigantes peças de granito: o «Homem da massa» e o casco de navio.

XIII.—Perafita. D'um observador consciencioso obtivemos uma informação absolutamente fidedigna (maio de 1899). Proximo da memoria commemorativa do desembarque do exercito liberal, em frente do mar, distante dois kilometros da costa e no cimo d'uma collina, via-se uma especie de pia estreita e comprida, onde caberia deitado um homem de estatura mediana; era aberta na rocha e a contorna-la observava-se um rebordo saliente, da largura d'uma mão travessa. N'uma das cabeceiras uma depressão como indicava o logar da cabeça; ao fundo, um sulco. Deveria ter desapparecido dentro de alguns dias, pois andavam ao tempo a extrahir pedra do logar, já muito perto da sepultura alludida.

N'esta freguesia do concelho de Bouças outras antiguidades existem ou existiriam por ventura. O nome e a revelação, a sul e a norte, de despojos antigos fazem-nos persuadir de tal, embora só tenhamos noticia, a mais, da presença d'um penedo com insculpturas. Ao sul, effectivamente, denunciam-se as antigualhas ennumeradas em Santa Cruz e Guifões; ao norte foi séde d'uma estação archeologica importante a região comprehendida entre a egreja da freguesia de Lavra, do mesmo concelho, e a praia. Possue o Museu municipal do Porto, d'essa estancia, perdida em maxima parte para a sciencia, fragmentos de mosaicos, restos de olaría romana, telhas de rebordo, etc.

XIV.—S. Christovão de Rio Mau. A matriz d'esta freguesia do concelho de Villa do Conde é um conhecido e interessante templo romanico. Dispersas pela residencia subsistem tres sepulturas abertas em granito e nas quaes os cavados distinguem o corpo da cabeça.

XV.—S. Pedro de Rates. Ás conhecidas sepulturas que estão dispostas em torno do adro do interessante templo romanico que é a matriz d'esta freguesia do concelho da Povoa de Varzim, ha a accrescentar uma outra até ha pouco inedita (1901) e actualmente no Museu municipal do Porto. Foi encontrada nos alicerces da casa da residencia, demolida então para ser substituída por outro predio. É do mesmo typo das que já existiam, ou seja com a configuração humana; e até parece que uma lage solta, tambem destacada dos fundamentos, é a sua tampa.

A epocha a que pertencem as sepulturas abertas em pedra, avulsas ou na rocha natural, tem sido e continuará a ser materia em debate, mercê do mutismo epigraphico ou figurativo em que se exhibem. As variadas circumstancias e condições locaes parece legitimarem a attribuição a tempos romanos, n'uns casos, aos primeiros tempos christãos, n'outros.

Relembre-se, emtanto, a existencia d'uma sepultura aberta n'um marco milliario e que possue o Museu de Bragança; e não é para menospresar a consideração do apparecimento do mesmo modelo de sepulcros nas proximidades de varios templos romanicos mais ou menos intactos, ou completamente transformados pelas restaurações.

R. P.

NOTICIAS EPIGRAPHICAS

Lapide de Guidões

Reproduzimos em photogravura a curiosa lapide de Guidões, cuja inscripção foi publicada por E. Hübner sob o n.º 110 nos *Additamenta Nova ad Corporis, volumen II (Ephemeris epigraphica,* vol. VIII, pag. 398). Foi-nos obsequiosamente cedido o cliché pelo distincto artista pintor Julio Ramos, filho do primeiro proprietario da referida lapide, o sr. David Ramos, de Guilhabreu.

E a proposito, como um documento de curiosidade, reproduzimos tambem parte de um cartão postal, que, em 25 de novembro de 1894, E. Hübner escreveu a F. Martins Sarmento, referindo-se a esta e outras inscripções:

«La de Guidões est plus rare encore; je lis, mais avec toute reserve possible, EX C*(centuria)* ULIA INCA (?) LAVASVS MEBSI EX C*(centuria)* FA*(bia)* AN*(norum)* LXX. Si *Inca* (?) de la *centuria Ulia* est le défunt, *Lavasus Mebsi* (comparer *Mebdus,* C. I. L., II, 5556, 5580) lui a érigé la pierre du tombeau; et les soixante-dix ans sont ceux du défunt. Tout cela est bien rare; mais les lettres semblent parfaitement claires».

Inscripção de Miranda do Douro

Lapide de marmore encontrada em *Malhadas,* Miranda do Douro, e pertencente ao Museu municipal de Bragança; má conservação; altura media da pedra 0^{m},225; largura maxima 0^{m},28; altura das lettras 0^{m},03.

Pela região alludida passava uma via romana que, vindo da Beira Alta, seguia no districto de Bragança pelas alturas dominantes da margem direita do rio Douro. Ainda subsistem os vestigios. E a poente do local indicado encontra-se a *Miramolina,* que parece ser uma povoação extincta e naturalmente importante ao considerar-se a extensão das suas ruinas. A lapide exhibida foi encontrada pelo sr. padre Francisco Manuel Alves, digno abbade de Baçal, na adega d'uma casa em cuja entrada ainda se encontra outra de que opportunamente farei especial referencia.

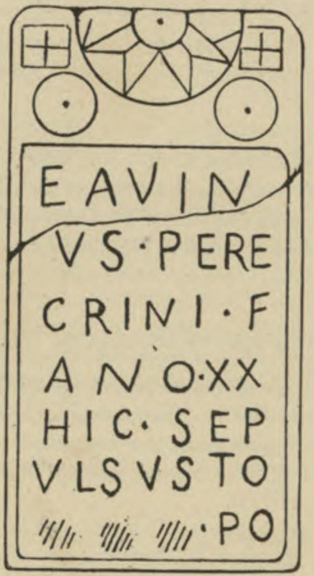
A. PEREIRA LOPO.

Analecta epigraphica

Inscripções funerarias

1). Lapide de granito, achada pelo sr. Rocha Peixoto entre a silharia, junta ao beiral, da egreja de Ancêde, concelho de Baião, e recolhida no Museu municipal do Porto; mutilada na parte superior,

onde é ornamentada, e partida transversalmente; altura no estado actual 0,m87; largura 0m,46.



Lição em parte duvidosa:

FLAVINVS, PEREGRINI . F*(ilius)*, ANO*(rum)* XX. HIC SEPVL*(tus)*. SVSTO.... PO*(suit)* ou SEPVLSVS *(=sepultus)*. TO.... PO*(suit)*.

2). Lapide granitica, de proveniencia desconhecida; encontrada no deposito da antiga casa do Museu municipal do Porto por occasião da transferencia das collecções para o novo edificio a S. Lazaro; mutilada na base, lettras parcialmente frustres; altura 0m,69; largura 0m,48.

Lição:

PATERNA FABIA V*(ixit)* AN*(nis)* LXV H*(ic)* S*(epulta)* E*(st)* I*(ulia* ?) FLAVILLA AVI*(a)*E [*suae fecit*].

José Fortes.

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

José Fortes — Restos de uma villa lusitano-romana *(Povoa de Varzim)*, 4.° peq. ill., 41 pags. e 1 planta. Imp. Portuguesa. Porto, 1905.

Desnudada de atavíos de erudição, mas solidamente fundamentada nos mais recentes preceitos e indefectiveis acquisições da archeologia nacional, esta monographia de vulgarisação é das mais interessantes que ora conta a litteratura portuguesa do genero. Não deu a exploração, pela indigencia do mobiliario e ainda pela impossibilidade de estender as indagações até onde actualmente se erguem predios ou cultivam hortas, os elementos desejados para um estudo de mais dilatado horisonte. E por isso mesmo, com os escassos materiaes obtidos e a magoa do enygma subjacente ao casarío, o illustre archeologo que é hoje José Fortes, alcançou realisar, no entretanto, uma obra de cuja indole não temos exemplos muito frequentes: saber do mais authentico sem o luxo das annotações eruditas, glossario accessivel ou, quando especialisado, logo esclarecido, sagacidade na interpretação dos despojos á vista, proporção, distribuição, e, em torno, a nobre moldura d'uma cuidada prosa.

Effectivamente José Fortes sendo hoje, entre nós, um dos estudiosos mais exuberantemente apetrechados, não dilue o seu saber n'uma exposição desalinhada e secca como galhos mortos, interpolada e intercorrente; sobredoura-o, com um desvelo de estheta, vasando-o n'uma excellente forma didactica em que a elegancia e a elevação caracterisam principalmente as faculdades maximas de que dispõe o seu instrumento de expressão. E provaría este opusculo, se um convencimento, para muitos, não estivesse já de longa data adquirido, como se pode tratar sciencia, mesmo sáfara, a dentro d'uma linguagem que não seja precisamente a d'uma occorrencia de policia.

Assim se explica como este trabalho, em que se descrevem e interpretam umas ruinas soterradas em areias, logrou uma vasta leitura e, o que mais avulta, interessada, curiosa, indagadora e encantada. A revelação de as origens da Povoa de Varzim estarem, com toda a verosimilhança, nos despojos que o acaso fez emergir d'uns médões, promoveu um interesse somenos a quando se procedia aos desaterros. Mas exhibida ulteriormente com rigor, sem excluir comtudo a attracção da plastica formal, o acolhimento então foi outro e o exito — pois que não se servia ao publico garabulhas — acima das mais lisongeiras previsões.

R. P.

J. F. Nery Delgado — Deux mots à propos du livre de mr. Georges Engerrand, *Six leçons de Prehistoire* — Extrait du tome VI des «*Communicações*» *du Service Géologique du Portugal,* 1905, 8 pags.

Dizia no seu livro o professor Engerrand, citando o dr. Hervé, que «les restes de 140 individus de la grotte de Furninha, presqu'île de Peniche... de 80 squelettes de la crypte mégalithique de Monte-Abrahão, près de Lisbonne, et de beaucoup d'autres encore ont été irrémédiablement perdus par le vandalisme stupide des collectionneurs». Ora a gruta da Furninha tinha sido explorada por forma exemplar pelo nosso illustre geologo J. F. Nery Delgado, sem que ninguem anteriormente ahi tivesse feito excavações. A censura de Hervé, que Engerrand adrede cita para provar a pilhagem dos jazigos archeologicos pelos collecionadores, *pretendus savants,* era, em tal caso, de todo infundada e affrontosa. Justa foi, e patriotica, a energica attitude do honrado investigador da Furninha, e a prompta defeza que o distincto homem de sciencia produziu em seu libello de protesto. Já não tem cabimento o nosso interferente commentario em tal questão, na qual todos publicamente deram provas de cavalheiresca lealdade e as mais categoricas satisfações. E' uma pendencia nobremente liquidada.

Resumiremos para a historia do incidente que Engerrand, em carta particular ao sabio Director dos Trabalhos Geologicos, o sr. Nery Delgado, lhe dá as mais honrosas e cabaes satisfações, e do seu

erro fez notoria reparação perante a Sociedade de Anthropologia de Bruxellas, assim como em um pequeno opusculo *Les E'olithes et la Logique*, Bruxelles, 1906, pag. 6. Hervé, que havia publicado a passagem incriminada na *Revue de l'E'cole d'Anthropologie*, 1899, pag. 274 (tambem citada por Manouvrier, idem, 1901, pag. 232) faz publicamente *amende honorable* na carta a M. Boule de 20 de dezembro de 1905, inscripta no fasc. 6, tomo XVI (1905) da revista *L'Anthropologie* (pag. 726). Depois de phrases elogiosas, justas e significativas, dirigidas ao sr. Nery Delgado, termina: «Vous m'obligeriez, Monsieur et cher collègue, en me permettant de rappeler dans votre Revue que j'ai adressé à ce sujet, à M. Georges Engerrand, le 6 octobre, une lettre publique explicative, communiquée par ce dernier à la Société d'Anthropologie de Bruxelles. Cette lettre aura donnée, je l'espère, pleine satisfation à l'honorable M. Delgado, qui reconnaitra qu'il a, avec une vivacité d'ailleurs compréhensible, quoiqu'un peu prompte, croisé le fer contre un adversaire inexistant, ou qui du moins n'existe un moment aujourd'hui que pour le saluer de son épée.»

A tão fidalga cortezia ha que corresponder com egual gentileza; por isso se submette em silencio a inopportuna critica. Para o sr. Nery Delgado foi este um méro incidente, no qual mais uma vez brilharam as suas qualidades de caracter e o seu patriotismo; e ao mesmo tempo um pretexto para que recebesse uma publica consagração de unanime justiça, que os seus admiradores e amigos cordealmente applaudem.

R. S.

José Fortes—Les éolithes du Portugal (Ext. do *Bulletin de la Société Préhistorique de France*, séance du 23 mars 1905). 8.°, 7 pags. Le Mans, 1905.

Consignando que as investigações de Carlos Ribeiro não foram proseguidas depois do passamento do insigne geologo, o auctor illustre d'esta communicação allude rapidamente á historia do assumpto em Portugal, registra a justesa da classificação de edade e naturesa do terreno onde as quartzites e silex foram recolhidos e annota a existencia das caracteristicas convencionaes de presumida intencionalidade. Com o nosso illustre e presado camarada Ricardo Severo partilha certas reservas. E de passo assignala o actual scepticismo de sr. Cartailhac e lembra as observações do sr. S. Meunier. D'estas é licito approximar as do sr. Marcellin Boule, posteriormente vindas a publico (*L'Anthropologie*, XVI, 3) e pelas quaes o eminente paleontologista francez mostra que pedras identicas aos eolithos e encontradas nas alluviões quaternarias ou pre-quaternarias podem derivar exclusivamente de acções physicas. Era, de resto, já conhecida a attitude d'este insigne homem de sciencia ante a debatida existencia, na era terciaria e baseada sobre pedras lascadas, d'um homem ou d'um precursor do homem. Ulteriormente mesmo, e a proposito do art'go de Lapparent *La Fable éolithique*, ma's uma vez confirma (*L'Anthrop.*, XVI, 6) a sua op'n'ão, a qual, segundo informações particulares, teve vasta e boa companhia no recente Congresso de Monaco.

A' communicação de José Fortes appensa-se um resumo de debate ácerca da acção dos agentes atmosphericos sobre os silex.

R. P.

J. Leite de Vasconcellos—Religiões da Lusitania, na parte que principalmente se refere a Portugal, vol. II, Lisboa, Imp. Nacional, 1905, 8.°, 376 pags. VI ests., 82 figs. no texto.

Este segundo volume occupa-se dos TEMPOS PROTOHISTORICOS. Do primeiro, relativo aos TEMPOS PREHISTORICOS, já nos occupamos em succinta bibliographia no tomo I da *Portvgalia*, pags. 172-3.

Por TEMPOS PROTOHISTORICOS entende o Auctor «os que medeiam entre a Prehistoria e a chegada dos Romanos á Lusitania, ou melhor, á Peninsula, no sec. III A. C.» E' o periodo da nossa «HISTORIA HEROICA».

Inicía-se o volume pelos indispensaveis preliminares sobre Protohistoria portugueza, expondo o A. quaes os elementos principaes de investigação: Auctores antigos, Monumentos, Tradição. Segue-se um capitulo em que faz a reconstituição da geographia da Lusitania protohistorica, fundamentada principalmente sobre os AA. classicos: Estrabão, Avienno, Plinio, Mela, Ptolomeu, e outros eguaes e menores. Os resultados da interpretação, conjectural dos textos, e consequente adaptação á geographia actual ou mesmo classica, permanecerão, a nosso vêr, em grande parte incertos—não obstante a proficiencia dos commentadores—e no mesmo indeciso mysterio em que jazem algumas d'essas fontes classicas.

O capitulo immediato sobre Ethnologia baseia-se egualmente sobre os textos, esclarecidos pelas investigações da Linguistica. E, levado pelas especulações philologicas de sua especialidade, construe o A., como é natural, o seu mais desenvolvido paragrapho a proposito dos Celtas—o A. é um celtista. Com rasão se lamenta da falta de elementos anthropologicos para esclarecimento das varias theses ethnologicas. E, na verdade, é já em demasía a litteratura rhetorica e academica d'esta nossa ethnogenia, edificada theoricamente sobre quantos auctores gregos e romanos dissertáram ácerca da Peninsula. Pois que, de tanta philosophia em tamanhos tratados, a conclusão é ainda de uma deficiencia desconcertante. Restam os mesmos pontos fundamentaes litigiosos. Por este motivo e pela carencia de conhecimentos empiricos, o A. é obrigado a affirmar ao final que «nada pode accrescentar a tal respeito» (pag. 71)—da exacta constituição anthropologica do povo ou povos da Lusitania. Tambem nada accrescentamos n'esta ques-

tão, deixando que o A. continue, como diz que prefere, a «seguir impessoalmente o seu caminho», (nota 2, pag. 53).

O capitulo sobre Ethnographia occupa-se de modo breve, em varios sub-capitulos: da organisação social (grupos ethnicos) e instituições dos Lusitanos (*populi* independentes com *regulus* e suas *civitates*, com grupos de *gentilitates*...); dos locaes em que estes viviam (altos dos montes, *castros, cividades*...); das linguas que fallavam (idiomas ibéricos, um dos quaes representa o actual *vasconço*, phenicio, grego, celtico, ligurico, por ultimo o latim predominante); dos costumes e finalmente dos caractéres geraes dos Lusitanos. Não obstante a erudita informação classica, muitos d'estes caractéres ethnographicos são, na sua applicação generica ás *sociedades* lusitanicas, méramente phantasiosos e por vezes incaracteristicos.

Terminam d'esta sorte os *preliminares* e entra o A. no estudo das Religiões protohistoricas. Como justificação do methodo geral que adoptou, pondera o A. que: «visto conhecermos a epocha protohistorica quasi só por documentos provenientes de epochas propriamente historicas, se torna necessario fazer trabalho reconstructivo, apreciando cada deus e cada culto por testemunhos posteriores aos tempos a que elles originariamente pertencem» (pag. 99). Muito embora a excusa, este é um dos desacertos — mais de effeito que de engenho — do estudo presente, o qual o A. não evitou. E se a consideração das innumeras difficuldades, algumas insuperaveis, de uma tal directriz, não aconselhou a mudança de rumo ou a desistencia do projecto estabelecido, o erro era fatal, senão da ousada tentativa que é louvavel, do fim proposto que distante fica, inattingivel, porque para longe conduz o errado desvio. A confessada deficiencia de conhecimentos exactos sobre a naturesa dos povos Lusitanos, linguas, *habitat*, usos, civilisações, etc., impossibilita o necessario estabelecimento dos elementos basilares de origem e de meio, unicas rasões de ser, de causa e de effeito, da propria religião ou phenomenos religiosos. O criterio reconstructivo é, em tal caso, méro artificio; e é, confessêmo-lo, um tentador peccado.

Não nos sobra o tempo e o espaço para seguir bibliographicamente o A. n'esta parte do seu programma. Occupa-se n'este volume tão sómente da secção I — Divindades, crenças e cultos — ficando o restante (actos religiosos, formas cultuaes e considerações geraes) para o terceiro volume, que nos promette para breve. E n'esta primeira secção são notorios pelo seu desenvolvimento alguns dos capitulos, como por exemplo, a proposito dos deuses: *Endovellico, Atégina, Tongoenabiagus, Bormanicus*, etc.

Do primeiro, cujo santuario fôra em S. Miguel da Motta (em Alandroal, no Alemtejo), faz longo e documentado estudo, não só pela importancia do seu culto, e numeroso material epigraphico, como por ter sido a exploração das ruinas do santuario a «auspiciosa estreia archeologica» do A. (pag. 112); e tanto que este capitulo é o resumo de uma monographia circumstanciada que nos annuncia. A palavra *Endovellicus* «pode bem ser celtica» (pag. 125) e o culto do deus «talvez de origem pré-celtica, definiu-se melhor, ao que parece, na epocha celtica, e teve o maximo esplendor na epocha romana. De deus privativo da montanha, *genius loci*, Endovellico tornou-se milagroso» (pag. 145) — egual de Esculapio.

A deusa *Atægina* tambem nos é denunciada pela epigraphia. «Da possibilidade de ser celtica a palavra» não se julga o A. auctorisado «a concluir que a origem do culto o fosse egualmente, pois podiam os Celtas ter celtizado um culto indigena, como depois os Romanos romanizaram um culto celtico-ibero» (pag. 173). O A. identifica esta divindade com Proserpina.

O deus da fonte de Braga, *Tongoenabiagus*, que é conhecido desde Argote, merece tambem estudo desenvolvido. A inscripção fontenaria foi muito discutida e mal lida; o A. rectifica: «fui eu quem primeiro leu correctamente esta inscripção, como se viu da resenha bibliographica que apresentei acima» (pag. 246); e discute substanciosamente o caso da lettra inicial mal lida e de outras deturpadas; explica-nos tambem a barbara denominação pela etymologia celtica, e a proposito da origem celtica ou celtização do culto o mesmo diz que dos anteriores.

O deus *Bormanicus*, genio tutelar das thermas de Vizella, muito embora alguns auctores o considerem de nome ligurico, é tambem para o A. deus dos Celtas lusitanos, resalvando, porém, que bem pudéra o seu culto ser de origem pré-celtica.

Estes casos de realce em obra de quantiosa documentação são apresentados como exemplo corrente do methodo do A. e da concordancia de suas deducções, symptoma de uma preconcebida orientação, a qual consignamos. O A. é um philologo, e como tal submette todas as designações que não entram no molde latino á analyse pela etymologia celtica. Observaremos apenas que é discutivel este criterio, não só quanto á interpretação linguistica, como á consequente deducção archeologica. Em um pequeno e perfeito Manual para o estudo das antiguidades celticas, de recente publicação — pelo professor G. Dottin — está exposto com verdade quanto o methodo linguistico, sendo um methodo preciso de investigação, se torna fallivel n'este caso, particularmente quando se estuda o velho celtico continental. A maneira insistente de resumir que o deus é de provavel nome celta e o culto poderia ser de origem pré-celtica, mas em seguida celtizado e romanisado, manifesta quanto é vaga e hypothetica a solução que apenas substitue varias incognitas á principal incognita do problema. Demais, o A. lê celta, e interpreta pela mythologia greco-romana, consoante a mais proxima rasão de similaridade. Novas duvidas surgem, e certamente porque nos é ainda impossivel determinar, sob o aspecto ligurico, celtico ou romano, qual o typo original da divindade indigena, sua significação e culto proprio.

Apesar de tudo, o facto é que, mesmo sob essa documentação de modelo celtico, existe realmente a individualidade *ibérica* original, que o A. não nega e deixa suspeitosa ou hypothetica.

Falta a secção II para uma impressão completa d'esta parte da obra do sr. J. L. de Vasconcellos. Por emquanto, temos uma volumosa collecção de factos, ordenados para um estudo de especialidade, trasladados na quasi totalidade do *Corpus* da epigraphia nacional, do qual o A. tem sido um dos devotados collaboradores.

Desenvolve o A. o seu commentario, ora alongando-se em minucias bibliographicas e descriptivas que se tornam perturbadoras, ora intercalando extensas e engenhosas especulações de algebra philologica que desordenam o texto, já de sobra retalhado por notulas de varia espécie, e construido sob uma fórma litteraria desigual, anesthetica, por vezes imprecisa. Serão porventura estes detalhes inconvenientes proprios d'um trabalho de especialidade e para especialistas; mas é certo que prejudicam consideravelmente a formal harmonia e clara exposição que compete a um trabalho didactico e a sequencia logica do plano principal determinativo do estudo.

Entretanto, merece-nos indiscutivelmente sinceros louvores uma tal coordenação de documentos scientificos, e porque com justeza sabemos apreciar o valor do trabalho e dedicação que representa esta importante contribuição para a Sciencia de Portugal.

R. S.

Adolf Schulten — Numantia. *Eine topographisch-historische Untersuchung*. Berlin. Weidmannsche Buchhandlung, 1905.

Impressionado pela clara descrição topográfica que de Numáncia e do bloqueio de Scipião se lê em Apiano, e convencido que provinha dum observador emérito, o qual não podia ser senão Políbio, o Sr. A. Schulten veiu á Espanha no outono de 1902 identificá-la no próprio sítio. Dêste primeiro exame resultou a bela e erudita memória, publicada no ano passado em Berlim com o título e sub-título acima mencionados, e que interessará sobremodo aos leitores desta revista, pois tem o mesmo objecto dos estudos privativos dela.

No seu trabalho, condensado em 108 pájinas in-4.º, o sábio professor da Universidade de Göttingen tratou o assunto com tal proficiéncia que conseguiu uma completa restauração da topografia da mais famosa das citánias ibéricas e do bloqueio que a estrangulou, não deixando nunca no esquecimento as questões conecsas, elucidativas do tema principal. Sem a determinação topográfica, essencial ao conhecimento de todas as operações militares, não se pode compreender a campanha de Scipião, que pela sua importáncia tanto para a Hispánia como para Roma, é digna de ser tratada por um largo espírito contemporáneo, como o fôra na antiguidade pelo maior dos seus historiadores. Não raras vezes também a eloqüéncia realça a exposição, tornando a monografia tam atractiva que nos encanta desde a primeira até á última lauda.

Além da introdução, contém a obra do eminente professor três secções. Aquela ocupa-se da bibliografia espanhola relativa a Numáncia: começando com Gines de Sepúlveda, o primeiro antiquário peninsular que marcou com segurança o esquecido glorioso montículo, termina com o Sr. D. Edoardo Saavedra, metendo-se de permeio Morales, Moret, Méndez e Loperráez. Apesar de pouco, isso e sobretudo os trabalhos e plantas do distintíssimo engenheiro Saavedra prestaram ao autor valioso aussílio.

Na secção I é investigada a topografia de Numáncia, na II a do bloqueio, e a III contém um exame comparativo de diversos escritores antigos — confronto do maior interesse por nos mostrar as fontes das notícias transmitidas pelos diferentes historiadores. Não sendo possível relatar por extenso a análise da última secção nem os detalhes crítico-históricos ou mesmo os topográficos das outras nesta simples apresentação do livro, não excederá contudo o quadro dela uma exposição, a traços rápidos, da situação, estado e fortificações de Numáncia, assim como das linhas bloqueantes — exposição que vai ser calcada sôbre a narrativa do autor, e por isso serão dispensadas citações.

Ao sul do Idubeda, montanha divisória das águas do Ebro e Douro, num montículo que pertence ao seu desenvolvimento orográfico, ficava Numáncia, a capital da raça guerreira dos Arevacos. Última das citánias celtibéricas voltava-se para o lado da Galiza, e por ter estado nos confins desta, daí nasceu porventura a frase de Orósio, por muito tempo mal entendida — «in capite Gallaeciae». Ocupando a mais importante posição estratéjica entre o vale do Ebro e o planalto castelhano era «a acrópole dos Celtíberos», e também o ponto de converjéncia das estradas comerciais antigas, como na actualidade é Sória: por isso, apesar de revezes sucessivos durante dez anos de ataques e assaltos infrutíferos, não desistiram os romanos de a destruir.

O montículo numantino de forma oval, cujo grande eixo se inclina do norte para o sul na extensão de 1:550 m. por 775 de largo, demora numa alta rejião serrana, pois está 1:000 m. sôbre o nivel do mar o leito do Douro que lhe corre ao sopé pelo poente, e a planura onde existiu a cidade é sobranceira ao álveo do rio 65 a 70 m.: além do Douro, que pouco acima recebe o Tera, banha-o pelo sul o Merdancho que desemboca naquele. Os lados mais acessíveis, já pela doçura das rampas, já pela falta de protecção das correntes fluviais, são o norte e o nascente.

O assento da cidade própriamente dita no sítio mais elevado da colina, cercado por uma muralha de 1:250 m. com a espessura de 10 na maior parte, compreendia 9,8 hec., segundo a medição feita pelo autor com o planímetro; era a única parte provida de casas, nas quais punham a salvo as mulheres e crianças, ocupando os guerreiros as outras linhas de fortificações que se seguiam — duas ordens de muralhas que podiam ter cinjido todo o outeiro, acrescendo ainda uma mais curta, com probabilidade limitada á vertente ocidental: dessas duas, a imediata á primeira, acima já medida, tinha 1:400 m. de extensão com a espessura de 10 a 15, e a terceira 1:650 m. por cerca de 15, ambas de construção menos perfeita que a superior: a altura presumível de todas seria de 6 m., talvez ainda com um parapeito. Fortificações concéntricas, multiplicando a defesa, pois tinham de ser sucessivamente escaladas umas após outras,

eram próprias não só dos íberos, mas de todos os povos primitivos: e como consistiam em muros de pedra encostados a enchimentos de terra *(aggeres)*, quando foram desmoronadas, esta, cubrindo os pedregulhos, produziu as doces ondulações circulares, que o autor divisou vindo de Sória, como nós aqui as vemos de lonje nos nossos castros não explorados.

No fundo das fortificações mencionadas, possuía Numáncia mais uma obra-exterior, um muro de 4:400 m. (24 estádios) de circuíto, ante-paro defensivo das outras; impedindo a aprossimação do inimigo, formava também um espaço apropriado para a guarda do gado, e para alojar os indivíduos do mesmo povo, combatentes ou não que viviam dispersos, e no caso de guerra se recolhiam á sua acrópole, facto característico das populações ibéricas; a mesma aplicação tinham os intervalos entre a primeira e a terceira muralha. Guarneciam as altas e grossas couraças de pedraria 8:000 homens, que a tanto montavam os defensores de Numáncia, número que compreende não só os da cidade, como os que habitavam fora e correram a socorrê-la. Com esta formidável fortaleza, munida de gente resoluta a tudo, pois tinha o sentimento claro que se jogava então o destino da pátria, vinha defrontar-se o glorioso comandante inimigo.

A secção II contém uma sábia exposição da «circumvallatio» lançada em volta do montículo pelo general romano, que repetiu aqui o bloqueio de Cartago: se não foi a falta de confiança no seu exército, apesar da enorme superioridade numérica, foram sobretudo os fortes baluartes que o resolveram, em vez da tomada por assalto, a esse outro meio, embora laborioso, mas de éxito seguro. O autor, depois de discutir as regras da arte dos bloqueios nesta época, investiga com grande sagacidade a situação provável das linhas scipiónicas, em face das condições do terreno e meios de defesa dos investidos.

Scipião chegou defronte de Numáncia em Outubro de 134 a. de C.: dividindo as tropas em dous acampamentos, cada qual do seu lado do Douro, num comandava êle e no outro o irmão Mácsimo, aí passou o inverno. Os acampamentos, desunidos pelo rio, serviram para dar o primeiro apoio á construção das linhas; terminadas estas, ficando por detrás, só puderam ser destinados ao arrumo das bagagens e outras semelhantes aplicações. O bloqueio principiou no fim de Março de 133 a. de C. Feita uma linha provisória, composta de fosso e estacada, com o fim de protejer os trabalhos ulteriores, distante aqui um tiro de seta (150-200 m.) das obras numantinas, procedeu em seguida o general á execução da «circumvallatio». A sua obra isoladora formava-se de diversos elementos, de que vamos dar uma idea geral no mais curto apanhamento possível.

Nos cimos dos montes, em redor de Numáncia, alguns dos quais mais elevados e donde se podiam vijiar os movimentos dos sitiados, foram estabelecidos sete «castella»: compreendia cada um a superfície de 10 hectares com cerca de 4:300 homens, e todos com 30:000. Ligava os «castella» entre si uma «fossa», larga de 3 m. por 6 de fundo, por trás da qual se erguia um «vallum» com a altura de 3 m. e espessura de 2,3; sôbre êste estava ainda colocada a «lorica», parapeito de espeques aguçados. A «fossa» era contínua, excepto nos pontos em que os acidentes de terreno não permitiam ataques, assim como nos dois cortados pelo Douro, que foi barricado com traves flutuantes, cravadas de picos de ferro e presas ás marjens por cordas. Sôbre o «vallum» levantavam-se tôrres, construídas com solidez, distanciadas umas das outras cerca de 30 m. Serviam não só para dar os avisos de alarme, de dia e noute, por um sistema de sinais assás complicado, mas também para a colocação de máquinas de arremesso. Não falando nos homens dos «castella» guarneciam a restante linha 20:000, com uma reserva á mão de 10:000. A totalidade, portanto, das fôrças de Scipião montava a 60:000 soldados: e a «circumvallatio», incluindo as frentes dos «castella» aprossimava-se, por causa das desigualdades do solo, aos 9 quilómetros tradicionais, concordando com o número transmitido por Apiano de 48 estádios, 8:880 m.

Encurralados neste círculo de ferro, desajudados das cividades vezinhas já vencidas, só duas portas ficavam abertas aos numantinos — a submissão ou a morte; os indómitos bloqueados que repetidas vezes haviam rechassado as lejiões dos seus implacáveis adversários, preferiram a segunda, e por ela saíram trájicamente em Agosto de 133 a. de C., após quási quatro meses de resisténcia, com um heroísmo feroz, que assombrou o mundo. Neste momento decisivo para a Ibéria, ¡que homens reùniu o acaso, em volta do general vitorioso, contra êsse punhado de montanheses, jamais subjugados! — «Deante dos muros de Numáncia, escreve o autor (p. 105-106), fizeram as primeiras armas Mário e Jugurta; aqui C. Graco e Lucílio apreenderam o ofício da guerra. As chamas de Numáncia viu Políbio, como trese anos antes tinha visto as de Corinto e Cartago; e na sua extrema velhice deu-se ao trabalho de descrever a guerra numantina, por amor de Numáncia — para prestar homenajem á luta heróica da independéncia hispánica, por amor de Roma — porque no extremínio do derradeiro inimigo pressentiu o começo duma nova época da sua história, o tempo da declinação».

Com o desenlace da celebrada campanha, podíamos dar por concluída, consoante os limites acima postos, a presente breve notícia do memorável livro, que tantas obscuridades veiu aclarar neste assunto de superior interesse histórico, se não tivéssemos de acrescentar algumas sucintas considerações.

O resumo, cumpre advertir, de ambos os campos belijerantes, que anteriormente fizemos, de modo nenhum enuncia a expressão do texto orijinal, por isso que foi necessário amputar-lhe as observações topográficas, comparativas e eruditas, produzidas a cada passo, com as quais, acrescendo um poder descritivo proeminente, tudo se nos representa, como se estivesse á vista. Todavia, ainda com a mais cuidadosa interpretação dos escritores antigos, cotejada com a localidade, não julga o autor com razão por emquanto resolvidos todos os problemas, que só o serão, quando uma exploração metódica e completa puser a descuberto as ruinas e encontrar nos arredores os vestíjios das linhas circumvalantes: ¿que tesouros de novos conhecimentos não estarão soterrados aí, mal grado da depredação secular,

realizada pelos lavradores da vezinhança? Com o pouco, porém, existente então, com a sua funda erudição e perspicácia penetrante foi possível ao autor traçar os quadros majistrais da fortaleza e do assédio, ajudando á intelijéncia dos detalhes as gravuras e sobretudo os três mapas anecsos, dois dos quais se referem a Numáncia, sendo o terceiro a planta da citánia de Briteiros. Pela analojia que lhe pareceu ter havido em muitos pontos entre as duas, desta fala freqüentes vezes o Sr. Schulten, assim como do ilustre explorador dela, o falecido Sr. F. Martins Sarmento: por desfortuna não existe uma monografia que a descreva por completo — falta que não lamentaríamos hoje, se não lamentássemos também o seu passamento.

Destruída Numáncia, a Hispánia estava de facto aberta á conquista romana: ficaram, contudo, subsistindo por perto de século e meio as citánias do noroeste. Isoladas neste canto da península, fora das grandes estradas do comércio, estariam, porventura, imobilisadas numa remota civilisação, quando foram submetidas pelos legados de Augusto.

Na ocasião em que foi redijida a memória, o eminente historiador alemão não havia ainda feito nenhumas escavações em Numáncia, a que procedeu, posteriormente, em Agosto e Outubro transactos. Pela comunicação do autor em meado do último mês ao *Jahrbuch d. k. d. a. Instituts*, entre outros detalhes preciosos, sabemos que conseguira descubrir, sotopostos á cidade romana, os restos da povoação ibérica e no fundo dêstes os duma residéncia pre-histórica, assim como, segundo parece, claros vestíjios da «circumvallatio». No princípio de Novembro, êle com o Sr. C. Könen, sábio especialista de cerámica, visitaram acompanhados pelos Srs. Ricardo Severo e José Fortes o museu de Guimarães, onde os recebe-ram os Srs. Abade de Tajilde e J. J. de Meira; dali foram examinar as ruinas de Briteiros e Sabroso, concluindo a digressão com uma rápida visita ao museu da Figueira, que lhes facultou o Sr. Santos Rocha.

A estreiteza do tempo, á disposição dos ilustres visitantes, mal lhes permitiu a demora de poucos dias. Não obstante, é provável que o Sr. A. Schulten tenha determinado algumas averiguações nas nossas duas estáncias arqueolójicas e nos dois museus, em comparação com Numáncia: dado tal caso e em ensejo oportuno, com certeza não deixará de dar publicidade aos resultados obtidos, prestando mais uma vez o seu grande saber á explicação das antiguidades peninsulares.

Porto. ALBERTO SAMPAIO.

A. da Costa Ferreira — LA CAPACITÉ DU CRANE ET LA COMPOSITION ETHNIQUE PROBABLE DU PEUPLE PORTUGAIS, extrait des *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, 1905, 8.º, 20 pags.

Sciencia portugueza que nos vem do extrangeiro; facto que surprehende pela carencia de trabalhadores que, entre nós, façam obra nacional de analyse. Este é o caso de uma communicação feita á *Sociedade de Anthropologia de Paris* sobre anthropologia de portuguezes. Não foi tão longe o Auctor, como bem poderia suppôr-se, para apresentar uma monographia ou um estudo completo de documentos nacionaes, sobre os quaes teria de pronunciar-se a sabia aggremiação; o seu trabalho é um pequeno ensaio analytico (como modestamente confessa o A.), cuja documentação é assaz desigual e incompleta e cujas conclusões são hypotheticos corollarios de um theorema a demonstrar, apenas formulado, e de constatação ainda afastada á mingoa de elementos concretos. Não obstante, é grato reconhecer que o seu A. manifesta qualidadas perfeitas de observação e de critica e patenteia um habil e prudente manuseamento das estatisticas anthropologicas. Oxalá prosiga em sua canceirosa tarefa quem tão proficientemente se demostra n'estes meritorios ensaios.

Propõe-se o sr. Costa Ferreira determinar as relações entre a capacidade do craneo do povo portuguez e outros dados anthropometricos como o indice cephalico, indice nasal e estatura. Trabalha sobre observações dos srs. Ferraz de Macedo, Paula e Oliveira, Fonseca Cardoso, Alvaro Basto, Severino Marques, etc. Considera o volume do craneo — que é proporcional á massa organica — como um bom caracter de differenciação ethnica, com o que somos concordes desde que passe á categoria de subalterno; e mostra-nos como, ora está em concordancia com as outras medidas, ora d'ellas discrepa, explicando-nos pela consideração do volume do craneo estes factos e mesmo algumas das relações harmonicas ou anharmonicas que os restantes caractéres empiricos accusam entre si. Para a constituição ethnica do povo portuguez fornece, em resumo, as seguintes conclusões:

Existe entre nós: um dolichocephalo de pequena estatura, mesorrhinio, de cabeça pequena, (typo de Cro-Magnon) dominante na provincia de Traz-os-Montes;

um dolichocephalo de grande estatura, leptorrhinio, de *muito grande cabeça* (typo nordico), dominante na Beira Alta;

um mesaticephalo pequeno, leptorrhinio, de *grande cabeça* (influencia de um brachycephalo, typo de Grenelle), dominante no Minho;

um mesaticephalo grande, mais leptorrhinio, de *pequena cabeça* (influencia de um mesaticephalo, talvez de origem semitica), dominante no Alemtejo;

um mesaticephalo, de estatura intermedia, mesorrhinio, de *cabeça pequena* (influencia de um mesaticephalo de origem berbérica), dominante no Algarve;

nas restantes provincias, combinações ou influencias mais ou menos accusadas d'estes typos.

Estas conclusões, habilmente produzidas, resultam de uma serie insufficiente de observações. É este o capital defeito de todos os estudos anthropologicos, em que se pretende resolver por forma global o

nosso problema ethnico. Faltam os numerosos termos d'essa complexa equação, a qual permanecerá indeterminada, emquanto os nossos anthropologos não cuidarem, com a sua boa sciencia e dedicação, de completar as series regionaes ou provinciaes com numero bastante de observações. Esses serão os unicos valores capazes de levantar a mysteriosa indeterminação d'este problema fundamental.

R. S.

A. da Costa Ferreira—La capacité cranienne chez les criminels portugais, in *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris,* v série, tome vi.ème, fascs. 5 e 6, 1905, pags. 357 a 61.

Completa o Auctor com esta pequena nota a sua anterior sobre a capacidade craneana dos portuguezes como caracter ethnico. Esta communicação interessa sobretudo ao capitulo sociologico da Anthropologia, quando se applica ao estudo do pretenso *typo criminal.* O A. trabalhou sobre uma interessante estatistica que lhe forneceu o dr. Ferraz de Macedo; publíca um quadro numerico, de capacidades craneanas e kormicas de homens normaes e criminosos portuguezes (homicidas e ladrões) e um pequeno quadro das respectivas variações e sua amplitude.

Todo este trabalho resulta esteril, e é apenas uma contra-prova mathematica de que «não existe nenhuma anomalia constante na capacidade craneana dos criminosos» ou, segundo a conclusão final do A., que prejudica todas as anteriores: que é impossivel definir o typo do criminoso segundo a capacidade do craneo.

R. S.

Aula de anthropologia da Universidade de Coimbra. *Trabalhos de alumnos.* Volume i. 8.°, 319 pags. Imp. da Universidade. Coimbra, 1904.

Enfeixa este volume os seguintes trabalhos: *Noticia sobre uma serie de craneos da ilha de Timor,* por Barros e Cunha (1885, pags. 7-28); *Indices cephalicos dos portugueses,* por Alvaro Basto (1897, pags. 31-82); *Anomalias da divisão craneana,* por José de Menezes (1898, pags. 85-104); *Cranios portuguêses,* por Costa Ferreira (1898, pags. 107-174); *Modificação do goniometro mandibular de Broca,* por João Salema (1899, pags. 177-189); *Sobre o livro de Bertillon «Identification anthropométrique»,* por Souza Pinto (1900, pags. 193-197); *Estudos sobre a mandibula,* pelo mesmo (1901, pags. 201-214); *O angulo biorbitario dos cranios portuguêses,* por Cunha Lucas (1901, pags. 217-223); *O indice nasal dos portuguêses,* por Mascarenhas de Mello (1901, pags. 227-246); *Sobre o indice orbitario dos portuguêses,* por Nogueira de Oliveira (1902, pags. 249-261); *Lei da asymetria que existe nos membros do homem,* por Silva Barreiro (1904, pags. 265-303) e *Projecções orthogonaes do craneo,* por Alvaro Machado (1904, pags. 307-319). São, em geral, dissertações dos alumnos da cadeira de Anthropologia, a algumas das quaes já os redactores d'esta revista teem feito especiaes referencias. Agora tam sómente accusamos a coordenação em volume dos resultados obtidos por esta singular innovação no nosso ensino official, mais por elles e seu exito do que pela praxe, aliás corrente, mas anodina, contrafeita, inexpressiva e afinal esteril. Além da originalidade inicial, os fundamentos são buscados em materiaes portuguêses e o objectivo é ainda uma solução de interesses nacionaes.

A iniciativa, o ensinamento e a alta inspecção d'estas investigações cabem ao professor, sr. Bernardino Machado—ao qual grande parte dos seus alumnos tributa, em dedicatorias tam calorosas como justificadas, as homenagens da mais viva sympathia e admiração. E para a *Portvgalia* é este um grato momento de poder tambem associar-se, com os mais rendidos applausos, ao preito de que n'este volume é alvo, tam legitimamente, o insigne professor que, n'um paiz indigente de iniciativas como opimo de indolencias, assim ensina e pratíca, lucido e fecundo, a Historia Natural do Homem.

R. P.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos—Algumas palavras a respeito de pucaros de Portugal, in *Bulletin Hispanique,* pags. 140-196 do tom. vii. Feret & Fils eds. Bordeaux, 1905.

Como todos os estudos da insigne escriptora, este trabalho, não obstante a modestia do seu titulo, é ainda revelador das primaciaes faculdades de talento e do prodigioso saber que enaltecem a eminente romanista. Sob a apparencia d'uma puerilidade, a materia assume proporções inesperadas sem que a solida massa dos subsidios colligidos prejudique a ductilidade expressiva.

Começa a auctora por defender a these de que pucaros e bucaros teem a sua patria na peninsula, em opposição aos escriptores que filiaram as suas origens em certo vasilhame similar de fabrico americano. Já na edade-média se usavam vasos, para beber agua, de barro tosco não vidrado; mas só depois do advento da primeira dynastia foi que os oleiros entraram nos *Vinte e Quatro* mistéres privilegiados. E' então que nas posturas municipaes começam a figurar os pucaros, usados afinal desde a casa plebeia ao paço regio. A reputação dos pucaros através das referencias litterarias, o elogio dos nossos barros na litteratura, as allusões á bucarophagía e á bucaromanía, seja por gulodice, ou seja por superstição e crença no adelgaçamento do corpo ou diminuição da fecundidade, o subsidio linguistico, os adagios, as formas e a nomenclatura ceramica occupam amplamente a escriptora excelsa em reflexões e noticias do

mais vivo interesse historico. Apenas, por estar fóra do seu campo de estudo, a illustre publicista não dá conta de ancestralidades mais remotas, em galbas e ornamentos, que a paleoethnologia decididamente já accusou. Quando muito limita-se a suspeitar que artistas populares romanos fabricaram, com barros finos do Alemtejo, vasilhame para os peninsulares á moda e pelos processos arretinos.

Esta monographia é, no seu conspecto especial, uma das mais suggestivas e notaveis contribuições que hoje conta a escassa litteratura ceramographica portuguesa.

R. P.

A. Thomaz Pires — Estudos e notas elvenses, 8 opusculos in-8.º Torres de Carvalho ed. Elvas, 1904-5.

O laborioso e illustre investigador alemtejano, organisando uma bibliotheca com o titulo que epigrápha esta nota, não só traz a publico novos productos das suas pesquisas historicas e folk-loricas, mas cuida ainda em reunir a sua enorme documentação espalhada por jornaes e revistas. O primeiro opusculo occupa-se do *S. João de Elvas,* comportando a parte tradicional e varios diplomas officiaes allusivos á famosa solemnidade popular; o segundo é exclusivamente historico e diz respeito á entrega de Elvas a Castella em 1580; o terceiro é uma monographia da capella do Senhor Jesus da Piedade, na qual, entre outros titulos de curiosidade, avultam as informações tão interessantes sobre os *milagres (tabulæ votivæ);* o quarto intitula-se *O casamento de Luiz José de Vasconcellos e Azevedo* e representa um capitulo de curioso valor historico; o quinto, já conhecido dos leitores d'esta revista, reproduz o seu trabalho ácerca dos *Amuletos alemtejanos;* o sexto é ainda uma pequena memoria regional sobre as solemnidades populares do Natal, Anno Bom e Reis; o setimo, sob o titulo *Vasco de Lobeira,* fornece documentos ineditos de consideração para o problema litterario que anda junto a influencias e origens do «Amadis de Gaula»; e o oitavo exhibe dados novos para a biographia de *Garcia da Orta.*

Outros se seguirão, alguns já annunciados e varios em projecto, o que é motivo para felicitarmos auctor e editor, mercê d'uma iniciativa tão rara pelo objectivo como pelo desinteresse.

R. P.

A. Thomaz Pires — Cantos populares portuguezes (Recolhidos da tradição oral e coordenados por), vol. II, 8.º, 412 pags. Typ. Progresso. Elvas, 1905.

Com este segundo volume ultíma-se a primeira metade do cancioneiro organisado pelo illustre folk-lorista alemtejano, pois que cabendo á primeira trova o n.º 2:562 encerra-se com a de n.º 5:000. E são 10:000 as estrophes recolhidas. E'-nos grato consignar que mantemos, como se agora escripto fosse, o commentario exarado, a proposito do primeiro tomo, n'uma das paginas bibliographicas d'esta revista.

R. P.

C. Boulanger — Le droit de marché (Coutume des environs de Péronne), *Recherches sur son origine.* Péronne, Loyson, libr.: Paris, Pédone, libr.-éditeur, 1906.

Dans cet ouvrage aussi fermement appuyé sur des faits que sur une critique pénétrante, le savant auteur explique une coutume agraire que l'on ne trouve aujourd'hui en France que dans l'arrondissement de Péronne. Elle y frappe encore par une estimation approchée 20.000 hectares en 100 communes. Les terres qui par une tradition immémoriale en sont grevées, appelées par les paysans «du marché», s'entremêlent à celles soumises au régime du droit commun, les terres libres, ne se confondant jamais avec les autres. Cet usage a établi un droit coutumier sans existence légale, malgré les efforts des législateurs et des magistrats pour l'éteindre, depuis le quinzième siècle. Mais d'abord il faut déterminer le sens de «marché» et celui de son droit.

Quant au premier mot, l'auteur cite le passage suivant de M. Glasson — «... on appelait autrefois, en Picardie, les plaines, les champs, des *marchés ou marcais.* A l'origine, ce mot de basse latinité, *marca,* avait désigné la frontière et la terre commune, puis ensuite, et de bonne heure, il s'était souvent appliqué à tout lot de terre faisant l'objet d'une propriété individuelle» [1]. De son côté, M. Boulanger dit — «*marché de terres,* mots qui désignent un lotissement que l'on exploite, que l'on vend ou que l'on achète» [2]: et le droit de marché est défini par lui — *la possession à perpétuité,* pour le fermier, ses descendants et ayants-cause, et en dehors de toute loi, *des terres qu'il occupe en vertu d'un bail ou par tacite reconduction, moyennant une redevance autrefois invariable, presque toujours en nature* [3].

Voici donc un bail perpétuel en vertu duquel le fermier possède le droit de transmettre, par tous les moyens légaux, le bien fonds qu'il exploite, mais aux conditions suivantes; — 1) une redevance fixe; — 2) un pot-de-vin lorsqu'il y a renouvellement de bail; — 3) un droit d'*agréation* ou d'*intrade*

---

[1] *Le droit de marché,* pag. 15, n. 2.
[2] *Ibidem,* pag. 15.
[3] *Ibid.,* pag. 15.

en cas de mutation de fermier, exceptés les héritiers en ligne directe; — 4) solidarité de tous les fermiers d'un marché de terres ou de ses cessionnaires «pour le paiement de la redevance et l'exécution des conditions du bail» [1].

Nous croyons avoir indiqué les points essentiels de cette tenure qui s'est maintenue, en Picardie, par la force de la tradition et par la ténacité des cultivateurs résolus à la défendre. Quoique éloignée, elle éveille en nous un vif intérêt parceque le bail perpétuel prédominait, il n'y a pas longtemps, dans la presque totalité des terres portugaises, possédées soit par des nobles soit par des roturiers; et encore aujourd'hui, malgré le nouveau courant d'idées introduit dans notre législation, il existe une infinité de ces baux constitués par l'emphytéose — les *prazos* que la loi reconnait, ayant de frappantes analogies avec la coutume de Péronne.

En recherchant l'origine du droit de marché, M. Boulanger la fait remonter au colonat gallo-romain [2]. Son exposition érudite montre avec netteté comment les *villae*, dont le terroir est à présent celui du plus grand nombre des communes, se partagèrent en lots de terres distribués aux cultivateurs en baux perpétuels: ces lots s'appelèrent *manses, mansus*, de *maneo*, mot qui persista jusqu' à la Révolution [3].

Chez nous les choses ne se passèrent pas autrement depuis la conquête romaine. S'il est permis de se citer soi-même, nous croyons avoir expliqué [4] que le territoire de nos cités *(cividades)* fut aussi partagé en *villae (villas* ou *vilas)* et le «dominus» *(senhor*, de «senior») de chacune y installa ses clients en situations variées selon leur conditions, se confondant tous à la fin dans celle des tenanciers perpétuels [5]. Quant à la dénomination des lots, nous avons eu plusieurs mots, dont celui qui s'est maintenu et se maintient encore, c'est — *casal* «casales», «casa» [6]. Mais aussitôt après la fondation de nos *villae* il y a eu des tenanciers perpétuels avec la possession du fonds, obligés seulement au paiement d'une rente. C'étaient les fermiers *ad placitum canonis* du code wisigothique. Il n'y a pas lieu de revenir ici sur l'explication que nous avons donnée [7]. Il suffit de remarquer que plus tard on a introduit l'emphytéose de Justinien; elle se popularisa, sans doute par son analogie avec le *placitum*, et devint la forme agraire prédominante, bien que connue sous le nom plus ancien de *placito*, aujourd'hui *prazo*, dont à son tour est sorti — *emprazar, emprazamento*.

Des baux emphytéotiques portuguais, un seul devait être renouvelé; c'était l'emphytéose à vies, en général, par trois — *prazo de vidas*. Le renouvellement, à présent aboli, rapprochait donc plus ce *prazo* de la coutume de Péronne; mais les uns comme les autres sont grevés d'obligations identiques dont la principale est une redevance en nature ou en argent — *foro;* de ce mot vient *foreiro* (tenancier), *aforamento* (bail emphytéotique). Le pot-de-vin — *laudémio* («laudemium») a lieu en cas de vente, si le titre constitutif l'impose; et s'il ne fixe pas la quote-part sur le prix, on le fixe toujours à deux et demi pour cent. L'*agréation*, seulement exigée dans la cession à titre onéreux, ne se paie pas: en outre, au treizième siècle il existait le droit d'*intrade — entrada*, dû pour l'habitation de la maison de la ferme et quelquefois pour l'entrée dans celle-ci [8]: on distinguait alors les deux droits.

Quant à la *solidarité*, on peut alléguer sa ressemblance avec l'institution, assez fréquente chez nous, du *cabecel* (de *cabeça*, tête): il reçoit les redevances de quelques tenanciers, en répond et les remet au propriétaire: son origine remonte au colonat romain [9]. La *lutuosa*, de *luto* (deuil) consistait dans une augmentation de la redevance dans l'année de la mort du chef de la famille. Cette obligation, provenant de la condition servile de certains colons, s'insinua dans les baux emphytéotiques; maintenant elle est dérogée [10]. Delà venait aussi la *gayosa*, disparue de bonne heure, payée par le père quand il mariait ses enfants [11].

Tout au contraire de ce qui arriva dans les environs de Péronne, les titres constitutifs existent chez nous, soit au pouvoir des propriétaires, soit au pouvoir des tenanciers. Si le titre manque, la redevance prend le nom de *censo*, certainement de «census»; mais dans notre *censo* il n'y pas de pot-de-vin ni d'agréation en cas de vente; c'est une redevance simple.

Ce concis examen comparatif entre la coutume de Péronne et les *prazos* de Portugal nous révèle une identité d'usages agraires, provenant d'une même source commune, reconnaissable à première vue sous le voile léger des diversités accidentelles. Et tous les deux gardent à travers les âges la perpétuité du bail, la distinction entre le domaine éminent et le domaine utile. Non seulement M. C. Boulanger a traité son sujet d'une manière très complète, mais il a fait encore un travail précieux pour l'histoire comparée des formes de la propriété foncière.

Porto. ALBERTO SAMPAIO.

---

1 *Ibid.*, pags. 16-18.
2 *Ibid.*, pags. 30-41.
3 *Ibid.*, pag. 38.
4 *As «villas» do norte de Portugal* (Extrait de *Portvgalia)*, pags. 27-29.
5 *Ibid.*, (éd. cit.), pags. 86-88.
6 *Ibid.*, pags. 56-63.
7 *Ibid.*, pags. 86-87 e 156-158.
8 *Ibid.*, pag. 160.
9 *Ibid.*, pag. 129.
10 *Ibid.*, pags. 107-108.
11 *Ibid.*, pag. 108.

Antonio dos Santos Rocha — O MUSEU MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ — *Catalogo geral*. Figueira, 1905. 8.º peq. 208 pags.

Começa o interessante volume pela Noticia Historica do Museu, o qual foi proposto á Camara Municipal da Figueira da Foz, pelo seu iniciador, em 22 de novembro, renovada em 8 de janeiro de 1893, acceite com o devido reconhecimento e louvor em sessão de 11 do mesmo mez. Nomeou-se a commissão organisadora e «tal foi a diligencia com que se trabalhou, que em abril de 1894 estava concluida a installação, celebrando-se a abertura em 6 de maio. Este caso da fundação d'um museu publico, á custa de particulares, chegou ao conhecimento do Governo, que em Portaria de 2 de maio de 1894 mostrou a sua approvação, mandando louvar os fundadores». Installado primeiramente em casa de arrendamento, ahi permaneceu durante cinco annos, mudando-se para o actual edificio dos Paços do Concelho em 1899. Havia-se fundado em 1898 a Sociedade Archeologica da Figueira, que em seu Estatuto tomava a seu cargo auxiliar o desenvolvimento do Museu. E de tal forma foi cumprida esta missão que conta hoje o Museu para cima de 8:400 objectos expostos.

Segue-se o Edital do Regulamento do Museu, em 5 titulos, e um capitulo de Explicações sobre a ordem chronologica dada ás secções de prehistoria e protohistoria em que figuram series locaes de um alto valor scientifico. Assigna todos estes documentos, como presidente, director, organisador, o nosso querido amigo e illustre archeologo Antonio dos Santos Rocha, a alma de toda esta immensa obra que, por si, tornou celebres na sciencia portugueza o seu Municipio e o seu Concelho. Este pequeno volume de catalogo, resumindo o seu Museu, é como uma reducção fiel, uma crystallisação da sua obra.

O volume divide-se em tantos capitulos quantas as secções do Museu: *Secção de Prehistoria* — Idades da pedra, do cobre e do bronze, *Secção de Protohistoria, Secção de Archeologia Historica* — Subsecções luso-romana, e da edade-media aos tempos modernos, *Sala de comparação,* com especimens ethnographicos das Colonias e de paizes extrangeiros. Cada verbete tem o respectivo numero de ordem, a classificação do objecto, o local de proveniencia, alguns esclarecimentos archeologicos, por ultimo as notas bibliographicas. Falta tão sómente, para que a obra seja perfeita, a reproducção graphica pelo desenho ou photographia, de alguns objectos importantes e caracteristicos. Além de catalogo, seria então um compendio local de mais vasta utilidade e vulgarisação.

Foi o auctor d'este interessante inventario do Museu da Figueira o seu iniciador, o descobridor da quasi totalidade do material archeologico, o restaurador e o seu commentador; o restante d'esta e das outras secções é devido egualmente á sua iniciativa e á sua porfiada campanha de proselytismo; conseguiu este homem de firme vontade o milagre de interessar na sua obra não só o Municipio, as entidades officiaes, como tambem os parochianos de toda a sua comarca; deve-lhe tão meritorio estabelecimento de utilidade nacional, uma inabalavel dedicação e um dispendio consideravel, sem fadiga, de trabalho e de dinheiro. Já n'esta publicação (tomo I, pags. 156-9) nos referimos com merecidos louvores á installação do Museu Municipal da Figueira; com a publicação do *Catalogo*, o dr. Antonio dos Santos Rocha, satisfaz uma falta e presta mais um assignalado serviço á sciencia portugueza.

Confirmamos e insistimos no mesmo enthusiastico elogio.

R. S.

PUBLICAÇÕES AVULSAS

BOLETIM DA SOCIEDADE ARCHEOLOGICA «SANTOS ROCHA», DA FIGUEIRA DA FOZ.

Durante o tomo I da *Portvgalia* publicamos as *Communicações* das primeiras quatro sessões da Sociedade Archeologica da Figueira, as quaes distinctamente o illustraram, e eram para nós honrosa collaboração de mu ta e especial estima. O atraso duplamente prejudicial da nossa revista e o reconhecimento mutuo da independencia que competia á publicação d'essas importantes communicações, aconselháram-nos a desligar-nos, sem todavia nos separarmos de facto, muito menos de coração. Estava desde o seu projecto inclusa no summario d'este fasciculo a notic'a desenvolvida, com gravuras, dos numeros publicados do *Boletim* na sua nova fórma, os quaes conteem commun'cações de maximo interesse. Ainda a nossa lentidão e a falta de espaço nos força a addiar esta e outras mais noticias bibliographicas.

Merece-nos esta excepcional satisfação a illustre collect'vidade, e particularmente o seu Presidente, nosso amigo e muito querido collaborador Antonio dos Santos Rocha.

E pois que noticiamos factos celebres da Figueira, aos nossos leitores annunciamos que o proximo fasciculo da *Portvgalia* iniciará a publicação da obra de real notoriedade para a archeologia nacional: ESTAÇÕES PREROMANAS DA EDADE DO FERRO NAS VISINHANÇAS DA FIGUEIRA, estudo original e completo, do sabio archeologo Antonio dos Santos Rocha, profusamente documentado e illustrado com o material inédito, descoberto nas suas ultimas campanhas archeologicas.

R. S.

EDITOR — RICARDO SEVERO.

ESTAÇÕES PRE-ROMANAS

DA

IDADE DO FERRO

NAS VISINHANÇAS DA FIGUEIRA

PREAMBULO

Os poucos dados ethnographicos, fornecidos pela historia, acêrca dos povos da Lusitania, ao tempo da conquista romana, mostram que uma grande parte d'elles, pelo menos, vivia no estado selvagem.

Ainda no tempo de Diodoro, que os reputava os mais bravos dos iberos, elles são descriptos, em parte, com habitos de salteadores [1]. Estrabão, que escrevia no reinado de Tiberio, apresenta o paiz como um verdadeiro covil de ladrões, sem industrias algumas, apesar dos seus grandes recursos naturaes; e affirma que foram os romanos que puzeram termo a este estado violento e degradante. O grande geographo grego registava, ainda no seu tempo, muitos dos costumes barbaros d'esses povos. Elles faziam sacrificios humanos, abrindo o ventre ou cortando a mão direita aos captivos. O commercio, nas terras do interior, era feito por troca, ou por intermedio de bocados de prata servindo de moeda. A navegação apenas dispunha de canôas feitas d'um só tronco d'arvore; e isto era uma innovação recente e pouco generalizada, porque antes da expedição de Bruto (anno 138 antes de Christo) os lusitanos só tinham barcos de

---

[1] *Bibliotheca Historica,* v, xxxiv, trad. de Hoefer.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

couro. O selvagem montanhez dormia na terra, sobre uma pouca de palha secca, coberto com o proprio *sagum,* tecido de lã grosseira ou de pello de cabra; e durante a maior parte do anno o seu pão era feito de bolota triturada.

Estrabão explicava estes e outros costumes rudes e selvagens não só pelo estado de guerra permanente, mas pela difficuldade de communicações, que fizeram perder a esses povos *toda a sociabilidade e toda a humanidade* [1].

Entretanto, segundo o proprio testemunho da historia, ao tempo da conquista romana já a Lusitania, como uma grande parte dos povos do territorio de Hespanha, tinha estado, durante muitos seculos, em relação com as velhas civilisações do oriente mediterraneano, por intermedio dos gregos e dos phenicios ou carthaginezes. Estrabão [2], Diodoro [3] e Plinio [4] não nos deixam grandes duvidas a este respeito. Desde tempos anteriores a Homero os phenicios estavam senhores da melhor parte da Iberia; e tão fundas raizes haviam criado, que ainda no tempo do primeiro d'aquelles escriptores na maior parte das cidades da Turdetania e campos circumvisinhos o fundo da população era d'origem phenicia.

A sua influencia devia ter sido grande na Lusitania. Bastará notar, como faz Alexandre Herculano, que os lusitanos se distinguiram nas cohortes de Annibal, e oppozeram uma resistencia formidavel aos romanos; e meio seculo depois da expulsão dos carthaginezes por Scipião eram ainda commandados por um general carthaginez [5].

A influencia grega parece ter-se feito sentir até nos costumes. Entre os povos marginaes do Douro alguns viviam á maneira dos lacedemonios. Em geral os lusitanos faziam hecatombes á moda dos gregos; como estes [6], celebravam jogos *gymnicos, hopliticos* e *hippicos;* e effectuavam tambem os seus casamentos com as mesmas cerimonias usadas na Grecia [7].

Colonias gregas deviam ter existido na Lusitania, como na costa oriental da peninsula. Plinio, contestado por alguns eruditos modernos, cita no territorio da jurisdicção dos Bracaros os Helenos, os Gravios e o castello de Tyde, de origem grega [8].

Qual fosse o resultado que sobre as artes e industrias dos barbaros produzira o contacto com os velhos navegadores do oriente mediterraneano não o diz a historia. A archeologia, sem duvida, é que está destinada a supprir esta grande lacuna.

Com relação á Hespanha já ella muito tem feito. Basta ler a recente obra do sr. Pierre Paris—*Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*—onde se descreve enorme copia de monumentos descobertos e cuidadosamente estudados. Estes monumentos pertencem á architectura, ás artes decorativas, á esculptura, á ceramica, á joalheria, ao armamento e á numismatica. As artes da Chaldéa e da Assyria, de Mycenas, da Grecia archaica e até da Grecia classica, como tambem as de Tyro, Sidon e

---

[1] *Geographia,* t. I, liv. 3, cap. 3.º, §§ 5.º a 8.º, pag. 252 e segs., trad. de TARDIEU, 2.ª ed.

[2] *Ibid.,* t. I, liv. 3, cap. 2.º, §§ 13.º e 14.º, pags. 244-246, cap. 3.º, §§ 6.º e 7.º, pag. 253-254, e cap. 4.º, § 5.º, pag. 260.

[3] *Bibliotheca Hist.,* liv. 4, cap. 18.º, e liv. 5, cap. 38.º

[4] *Hist. Nat.,* liv. 4, cap. 34.º, § 3.º, trad. de LITTRÉ.

[5] *Historia de Portugal,* introd., pags. 19 e 20.

[6] DAREMBERG et SAGLIO, *Diction.,* verbo *certamina.*

[7] ESTRABÃO, liv. 3, cap. 3.º, §§ 6.º e 7.º

[8] *Hist. Natural,* liv. 4, cap. 34.º, § 3.º; ESTRABÃO, liv. 3, cap. 4.º, § 3.º

Carthago, reflectem-se d'um modo evidente em uns ou outros d'esses restos archeologicos; e tudo leva a crer que foram os proprios phenicios ou carthaginezes e os gregos que introduziram na Iberia os diversos artefactos que serviram de modelos aos peninsulares.

Sobre o modo como estes modelos foram utilisados, o illustre sabio francez faz uma observação que não nos passou despercebida quando estudamos a ceramica de Santa Olaya: «Les ibères savent pourtant rester eux-mêmes, et l'on verra toujours leur art, qui subit volontiers les influences du dehors, se distinguer par la personnalité de son imitation» [1]. É precisamente o facto que resultára para nós da comparação d'aquella ceramica com a de Carthago e dos Alcores, depois de havidas algumas informações do rev. P. Delattre e do sr. George Bonsor.

O mesmo sabio francez traça com certa ousadia o quadro chronologico da preponderancia d'aquelles elementos civilisadores. Segundo elle, as influencias orientaes e mycenicas predomináram até ao meado do 6.° seculo antes de Christo; a da Grecia archaica até á primeira metade do 5.° seculo; e a da Grecia classica até ao fim do 4.° seculo [2]. Para nós as influencias orientaes e mycenicas subsistiam ainda em plena epocha romana.

Artefactos *importados* tambem não faltam em Hespanha. As sepulturas da *Punta de la Vaca,* em Cadiz, as estações dos Alcores, sabiamente exploradas pelo sr. Bonsor, a necropole de Villaricos, explorada pelo sr. Luiz Siret, e muitos outros logares forneceram mobiliario genuinamente phenicio ou punico [3]. Os artefactos oriundos da Grecia, e pertencentes tanto ao periodo archaico como á epocha classica, não são menos abundantes [4].

A todos esses materiaes, que enriquecem a archeologia hespanhola, ha a addicionar a noticia de que em um inquerito archeologico, feito ultimamente por ordem do governo, nas provincias de Avila, Salamanca e Zamora, se descobriu, entre o mobiliario recolhido nas citanias d'estas provincias, uma ceramica com decoração geometrica, gravada ou estampada, indicando influencia oriental, e que recorda o grego archaico [5].

Foi de certas estações dos Alcores que nos vieram os subsidios mais importantes para o estudo das nossas descobertas, como se verá no seguimento d'este trabalho. Numerosas affinidades entre o mobiliario d'essas estações e o das necropoles da Carthago punica nos feriram profundamente a attenção; e d'ahi é que partimos para a interpretação d'uma parte do mobiliario das estações do valle do Mondego, que é semelhante ao dos Alcores.

Não será inutil consignar aqui alguns dos resultados d'essa investigação, que nos assegurou o caracter punico da influencia que se nota nas estações hespanholas. Elles servirão para elucidar o publico sobre os factos em que se firmou o nosso ponto de partida.

---

[1] Obra cit., vol. I, pag. 35.

[2] Obra cit., vol. I, pag. 316.

[3] Pierre Paris, obra cit., vol. I, pag. 92 e segs.

[4] *Ibid.*, vol. I, pag. 103 e segs., 107 e segs. e 117, vol. II, pags. 7, 21, 22, 23, 27 a 29, 37, 134 a 135.

[5] *La Nature,* 33.° anno, 1905, pag. 313.

A pratica da cremação e de cobrir os restos humanos com fragmentos d'amphoras, que o sr. Bonsor notou em Acébuchal, Alcantarilla e Alcaudete [1], appareceu na necropole de Byrsa [2], e a cremação tambem nas necropoles de Douïmés e de Santa Monica [3]. As sepulturas abertas na superficie da rocha em Bencarron [4] existem tambem na necropole de Santa Monica [5].

A ceramica pintada d'estylo geometrico, em faxas circulares, de Acébuchal, Alcaudete e Cruz del Negro, assim como a louça de coberta negra de Alcaudete e Entremalo [6] appareceram nas necropoles de Byrsa, Douïmés e Santa Monica [7].

A fórma do vaso de cobre, especie de gomil, da Cañada de Ruiz Sanchez, desenhado pelo sr. Bonsor [8], é egual á de certos vasos de barro da necropole de Douïmés [9].

As lampadas ou candeias de barro de typo phenicio ou punico, que vemos representadas com a sua fórma primitiva na sala A dos vasos do Museu do Louvre, com os n.os 226 e 227, appareceram na Cruz del Negro [10], e são vulgares nas necropoles de Carthago [11].

O vaso grande, de alto collo e larga bocca, da Cruz del Negro, representado pelo sr. Bonsor [12], tem precisamente a fórma de certos pequenos vasos que o rev. P. Delattre denomina—*gobelets*—das necropoles de Byrsa e de Douïmés [13].

O prato de Entremalo [14] é vulgar em todas as necropoles carthaginezas, com ligeira modificação [15]; e n'estas tambem se encontraram os ovos d'avestruz pintados ou gravados [16] de Santa Lucia e da Cruz del Negro [17]. Nós vimos um exemplar d'estes

---

[1] *Les colonies agricoles pré-romaines de la Vallée du Bétis*, pags. 28, 29, 50 e segs. e 60 e segs.

[2] M.is DE VOGÜÉ, *Note sur les nécropoles de Carthage, lue à l'Académie des inscriptions et belles lettres*, pag. 6 e segs.

[3] REV. P. DELATTRE, *Cosmos*, n.º 757 e segs., 1899-1900; *Nécropole punique voisine de Sainte Monique, 2.e trim. de fouilles*, pag. 7 e segs.; *La nécropole punique de Douïmés, fouilles de 1895-1896*, pags. 136 e 145.

[4] *Les colonies* cit., pag. 44 e segs.

[5] *Cosmos*, n.º 808, de 1900.

[6] *Les colonies* cit., pags. 59, 77 e segs., 90 e segs. e 102 e segs.

[7] VOGÜÉ, *Note* cit.; *Nécropole punique de Byrsa*, pag. 5 e segs.; *Les tombeaux puniques de Carthage*, pag. 7 e segs.; *Cosmos*, n.º 757 e segs., 1899-1900; *La nécropole punique de Douïmés, fouilles de 1893-1894*, pag. 5 e segs., e *fouilles de 1895-1896*, pags. 33, 45, 138, etc.

[8] *Les colonies* cit., pag. 57.

[9] *La nécropole punique de Douïmés, fouilles de 1893-1894*, pags. 13 e 14.

[10] *Les colonies* cit., pag. 115, figs. 114 e 115.

[11] REV. P. DELATTRE, vejam-se as obras citadas, *passim; Les lampes antiques du musée de Saint Louis de Carthage*, pags. 1 e 2.

[12] *Les colonies* cit., pag. 78.

[13] *Les tombeaux puniques de Carthage*, pag. 16; *La nécropole punique de Douïmés, fouilles de 1893-1894*, pag. 24.

[14] *Les colonies* cit., pag. 113, fig. 81.

[15] VOGÜÉ, vej. especialmente *Note* cit., pag. 15, fig. 25; *Cosmos*, n.º 787 de 1900, pag. 240, fig. 4, e n.º 806, pag. 19, fig. 2.

[16] REV. P. DELATTRE, *Nécropole punique de Byrsa*, pag. 6; *Les tombeaux puniques de Carthage*, pag. 14; *La nécropole punique de Douïmés, fouilles de 1893-1894*, pags. 14 e 15, e *fouilles de 1895-1896*, pags. 14, 38, 39, 40, 64, 72 e 82; *Cosmos*, n.º 760, pag. 241.

[17] *Les colonies* cit., pags. 50 e 78.

ovos na sala A dos vasos antigos do Museu do Louvre, com indicação de ser proveniente da Africa punica.

Tambem é fóra de duvida que nas necropoles da Carthago punica appareceram as placas d'osso gravadas [1] e até os pentes de marfim sem gravuras [2], o *alabastron* de typo phenicio [3], os anneis d'engaste movel [4], os ornatos representando a *arvore sagrada* ou *barca isiaca* [5], tão caracteristicos da arte phenicia [6], que o sr. Bonsor descobriu em Acébuchal, Bencarron e Cruz del Negro [7].

Emfim, em muitas gravuras dos Alcores nota-se esse estylo *egyptisante*, ás vezes com mistura de elementos da arte assyria, que é proprio dos artefactos phenicios [8].

Assim é claro que a civilisação dos povos d'essas estações dos Alcores foi penetrada por numerosos elementos phenicios ou liby-phenicios, como bem sustentou desde logo o illustre archeologo inglez.

Mas ha mais: elle demonstrou pelas suas descobertas (e não é este o menor merito das suas investigações) que essa influencia d'além do Mediterraneo fôra tão profunda na região, que se mantivera durante largo periodo da epocha romana. Eis como elle descreve certas sepulturas da necropole romana de Carmona: «—la plupart n'ont comme entrée qu'un simple puits rectangulaire mesurant environ $1^{m},20$ de longueur, $0^{m},70$ de largeur et une profondeur qui varie de 2 á 5 mètres. Dans ce puits on descend en posant les pieds sur des petites marches entaillées dans les parois. Au fond, sur un des petits côtés du rectangle, se trouve une porte qui donne accès dans la tombe proprement dite. C'est une petite chambre quadrangulaire, de hauteur d'homme...» [9]. Dir-se-ia a descripção das sepulturas da necropole punica de Santa Monica, que o rev. P. Delattre attribue ao 3.° e 2.° seculos antes de Christo [10].

Eis tambem como o sr. Bonsor se exprime ácerca da ceramica: «Pendant quelque temps l'influence punique caractérisée dans la céramique par l'emploi de la peinture, continue à se faire sentir sous la domination romaine. Les poteries, comme auparavant, sont ornées de zones et de lignes de différentes couleurs, parmi lesquelles le rouge domine» [11].

---

1 *Les tombeaux pun.* cit., pag. 13; *Cosmos*, n.° 760, pag. 243.

2 *La nécropole punique de Douïmés, fouilles de 1895-1896*, pag. 44.

3 *Cosmos*, n.° 807 de 1900, pag. 49, fig. 11; Perrot et Chipiez, *Histoire de l'Art*, t. III, ests. V, VII, VIII e IX.

4 *La nécropole punique de Douïmés, fouilles de 1893-1894*, pag. 23, fig. 41, e *fouilles de 1895-1896*, pag. 119.

5 *Ibid., fouilles de 1893-1894*, pag. 5, fig. 11.

6 Vej. *Hist. de l'Art* cit., t. III.

7 *Les colonies* cit., pags. 28, 29, 30, 45, 46, 47, 50, 53, 54, 80, 83, 84, 86, 87, 90, 92 e 93.

8 *Hist. de l'Art* cit., t. III.

9 *Les colonies* cit., pag. 65.

10 *Cosmos*, 48.° anno, n.° 754, pag. 48, n.° 757, pag. 145 e segs., n.° 759, pag. 212 e segs., n.° 760, pag. 240 e segs., 49.° anno, n.° 787, pag. 239 e segs., n.° 791, pag. 372 e segs., n.° 792, pag. 403 e segs., n.° 806, pag. 19 e segs., n.° 807, pag. 48 e segs., n.° 808, pag. 81 e segs., n.° 809, pag. 112 e segs.; *Deuxième trimestre de fouilles*, pag. 4 e segs.

11 *Les colonies* cit., pags. 126 e 127.

* * *

Em Portugal as descobertas d'estas estranhas influencias, que se encontram na Hespanha, são ainda pouco numerosas. As mais notaveis são as das estações de Briteiros e Sabroso, onde os sabios viram manifestos vestigios da velha civilisação mycenica ou egêia [1]. O illustre Martins Sarmento estabeleceu até uma approximação de alto valor entre uma peça de Briteiros e um certo artefacto da ilha de Creta [2], que, segundo as descobertas do sr. Arthur Evans, parece ter sido o centro d'aquella civilisação [3]. Trata-se d'um ornato composto de muitos exemplares do chamado *lozango cyclico,* formando uma especie de rede, que se acha esculpido na celebre *pedra formosa* e pintado em antigos ossarios d'aquella ilha [4]. Seis exemplares do mesmo *lozango,* dispostos em estrella, formam a rozacea, que Martins Sarmento denominou *florão,* tambem existente em Briteiros e em Mycenas [5].

A origem d'aquelle elemento decorativo parece ser asiatica. Os *lozangos cyclicos,* formando uma rozacea de seis petalas, encontram-se em um objecto de Hissarlik [6]; e muitas rozaceas, formando uma especie de rede, appareceram em monumentos da Assyria [7]. Colonna-Ceccaldi considera este pseudo-lozango como um emblema funerario d'indole isiaca, representando o orgão feminino [8]; e, para confirmar o seu funebre destino, poderiam invocar-se os proprios ossarios de Creta, certas placas de barro cosido que formavam as paredes de velhos sarcophagos da Caria [9], alguns artefactos phenicios das sepulturas dos Alcores [10] e um disco de marfim e um molde de barro recolhidos pelo rev. P. Delattre em sepulturas da necropole punica de Douïmés [11].

A estação de Briteiros subsistiu durante uma grande parte da epocha romana, pelo menos até ao reinado de Constantino Magno [12]. Isto prova que as tradições da arte mycenica, n'ella manifestadas, se mantiveram ainda durante o periodo da romanisação da Lusitania. Nós podemos citar outros factos em apoio d'este asserto. São os mozaicos e fragmentos de ornatos da villa luso-romana de Ançã, pertencente talvez ao 1.° seculo da nossa era [13].

É esta persistente influencia que explica a presença d'um disco d'ouro estampado,

---

[1] *Compte-rendu* do Congresso internacional d'anthropologia e d'archeologia prehistoricas, celebrado em 1880, pag. 652 e segs.; E. Cartailhac, *Les Ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal,* pag. 293; *Portvgalia,* t. I, pag. 1 e segs.

[2] *Portvgalia,* t. I, pags. 1 e 2.

[3] *L'Anthropologie,* t. XIII, n.° 1, pag. 1 e segs.

[4] *Hist. de l'Art,* t. VI, figs. 171 e 249, pags. 456 e 568.

[5] *Portvgalia,* log. cit.

[6] Schliemann, *Ilios,* figs. 1997 e 1998.

[7] *Hist. de l'Art,* t. II, figs. 96, 135 e 398, pags. 251, 309, 736 e 742.

[8] *Monuments antiques de Chypre,* pags. 180 e 181.

[9] *Hist. de l'Art* cit., t. V, pag, 332.

[10] *Les colonies* cit., pags. 29, 30, 54 e 84.

[11] *Fouilles de 1895-1896,* pag. 83, fig. 50, e pag. 93, fig. 57.

[12] *Compte-rendu* do Congresso internacional de 1880, pag. 428, nota 1.

[13] *Portvgalia,* t. I, pag. 814 e segs.

com ornatos de typo mycenico, encontrado junto d'uma urna cineraria da necropole luso-romana da Fonte Velha, em Bensafrim (Algarve), de que demos noticia em outro logar [1].

Sabroso pertence já á idade do ferro; mas no sul do paiz a influencia mycenica parece ter sido muito mais antiga, poisque alli apparece em estações do fim da idade da pedra. Poderiam talvez citar-se, como provas, as pontas de setta mitriformes dos dolmens do Algarve [2], e alguns dos proprios dolmens, que apresentam o typo dos que o sr. Luiz Siret descobriu na Hespanha, em um planalto sobranceiro ao rio Andaran, nos quaes se notou uma fórma mycenica [3]; mas basta-nos um outro facto não menos interessante para nós. É a fórma das grutas artificiaes de Palmella [4], que reproduzem a das grutas artificiaes das ilhas do Mediterraneo, Pianosa [5], Sicilia [6], Creta [7] e Chypre [8].

Essa fórma é manifestamente mycenica. Comparando a gruta de Milato, fórma inteiramente igual ás de Palmella, com a de Messara, fórma bem accentuada dos tumulos de cupula de Mycenas, ambas na ilha de Creta, e que continham ceramica caracteristicamente mycenica [9], é licito concluir que o typo de Palmella é uma simples derivação da de Messara, cuja fórma mycenica é incontestavel [10].

Do archaismo grego e da Grecia classica é que não ha por emquanto no paiz senão raros vestigios. Sómente temos noticia do touro de bronze do gabinete de numismatica da Bibliotheca Nacional, estudado pelo sr. Pierre Paris [11], e dos achados em moedas, vasos e espadas de Alcacer do Sal, de que fazem menção os srs. Cartailhac [12] e Pierre Paris [13]. Um d'estes vasos está hoje no Museu Nacional de Bellas Artes.

Egualmente pobre é a archeologia portugueza de indicios da arte ou industria phenicia ou punica propriamente dita. Em 1895 tivemos nas mãos um pequeno thezouro, composto d'um fragmento de vaso de prata, d'uma barrasinha d'ouro, d'um bracelete d'ouro de secção polygonal, d'um annel em fórma de crescente e d'uma arrecada com rozacea, feitos do mesmo metal, que attribuimos a essa arte ou industria [14]. Pouco depois exploramos parte da necropole pre-romana da Fonte Velha, em Bensafrim, onde recolhemos contas de vidro, de commercio ou fabrico phenicio [15], iguaes ás

---

1 *Boletim da Sociedade Archeologica da Figueira da Foz*, n.º 2, pag. 64, e est. III, fig. 43.

2 *Antiguidades monumentaes do Algarve*, t. III, pag. 183 e segs., e 226 e segs.; *Dolmens de Alcalar* no n.º 2 do *Boletim da Sociedade Archeologica*.

3 *Annales de l'Académie Royale d'Archéologie de Belgique*, t. II, pag. 571 e segs.

4 *Portvgalia*, t. I, pag. 10.

5 Chierici, *Antichi monumenti della Pianosa*, pags. 9 e 10, e est. I, figs. 25 e 26.

6 Cartailhac, *Les Ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pags. 138 e 139.

7 *Hist. de l'Art* cit., t. VI, pags. 454 e 456, fig. 170

8 Colonna-Ceccaldi, obra cit., pags. 25, 26, 297, 299 e 307.

9 *Hist. de l'Art*, log. cit.

10 *Ibid.*, t. VI, pag. 453 e segs.

11 Obra cit., t. II, pags. 222 e 223.

12 Obra cit., pags. 252, 253 e 261.

13 Obra cit., t. II, pags. 278 e 280.

14 *Artefactos punicos encontrados no Algarve*, noticia apresentada na 10.ª sessão da Sociedade Archeologica.

15 *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 154.

que o rev. P. Delattre tem exhumado, em grande quantidade, das necropoles da Carthago punica [1], e bem assim uma inscripção em caracteres ibericos, que se reputam d'origem phenicia [2]. Antes de nós já Estacio da Veiga havia dado noticia de contas semelhantes [3], e o sr. Gaspar Pereira tinha apresentado a hypothese d'influencia phenicia ou punica no mobiliario de certos oppidos do Alemtejo [4].

Ajunte-se a isto o cunho das moedas de *Evion*, onde se encontra o symbolo do crescente com o disco [5], e temos a somma dos nossos conhecimentos sobre semelhante assumpto.

* * *

E agora, segundo cremos, no trabalho que vae seguir-se, baseado em investigações que se prolongaram durante quatorze annos, que nós contribuimos com materiaes de certo valor para o estudo da influencia phenicia ou punica no nosso territorio. Sem duvida quasi todos esses materiaes são fornecidos pela ceramica; mas, nos limites d'esta industria, os conhecimentos adquiridos parecem-nos importantes.

Nós veremos com effeito na olaria recolhida, e restaurada com grande dispendio de trabalho, não poucos vestigios da industria de Carthago; e poderemos tambem distinguir algumas vezes a parte que n'esses vestigios tem a velha ceramica chypriota. Como é sabido, Chypre foi em grande parte colonisada pelos phenicios, que alli tiveram cidades importantes, Kition, Paphos, Amathonte, Idalia, Golgos, Lapethos, etc. [6]; e por isso não pode causar surpresa a presença de elementos familiares á civilisação chypriota nos productos da industria carthagineza imitados pelos povos da Iberia. Carthago conservou-se sempre cidade oriental, e com o Oriente manteve relações até final [7].

Referindo-se a certos vasos pintados da necropole punica de Byrsa, o sr. Vogüé tinha já assignalado a sua grande analogia com os vasos archaicos das necropoles chypriotas [8]. O mesmo sabio aproximára tambem uma estatueta de barro, encontrada no terreno d'aquella necropole, de algumas que haviam sido descobertas em Chypre [9]. O rev. P. Delattre, fallando da semelhança entre uma estatueta de marfim, por elle encontrada na necropole de Douïmés, e outra existente no Museu do Louvre, diz d'esta ultima o seguinte: — «Elle provient de Chypre, de cette île soumise aux Phéniciens au VII^e^ et VI^e^ siècle avant notre ère et dont les antiquités ont tant d'analogie et parfois de ressemblance avec les pièces d'archéologie punique trouvées à Carthage» [10].

---

[1] Vogüé, *Note* cit., est. VII; *Nécropole punique de Byrsa*, pag. 7; *Les tombeaux puniques de Carthage*, pags. 14, 15 e 19; *Musée Lavigerie*, pags. 234 a 238, e ests. XXXIII e XXXIV.

[2] *Memorias* cit., pags. 151 e 154.

[3] *Antig. mon. do Algarve*, t. IV, pag. 250 e segs.

[4] Cartailhac, obra cit., pag. 272.

[5] *O Archeologo Português*, t. VI, pags. 83 e 84, e est. I, figs. 4, 5, 7 e 9.

[6] *Hist. de l'Art* cit., t. III, pag. 491 e segs.

[7] *Ibid.*, t. III, pags. 31 e 41; Rev. P. Delattre, *La nécropole du Rabs, Prêtres et Prêtresses du Carthage, deuxième année de fouilles*, pags. 24 e 29.

[8] *Note* cit., pags. 7 e 9.

[9] *Nécropole punique de Byrsa*, pag. 4.

[10] *La nécropole punique de Douïmés, fouilles de 1895-1896*, pag. 106.

Veremos tambem como essa ceramica com influencia estranha, sem duvida fabricada na peninsula e importada no valle do Mondego, actuou na industria ainda rudimentar dos povos d'esta região. Estes aprenderam a purificar as pastas, a imitar as fórmas estranhas e a trabalhar os vasos á roda; e tiveram verdadeiros fornos, com fornalha e lar atravessado por *agulheiros,* para coserem as suas louças.

* * *

Se abstrahirmos d'estas influencias, tudo o mais, nas estações que fazem objecto d'este trabalho, é pobre e barbaro, e pode bem ter pertencido aos selvagens de que falla Estrabão. O mobiliario accusa certamente uma phase de civilisação, que se comprehende na segunda idade do ferro na Europa; mas os objectos d'arte são muito raros e insignificantes.

Pequenas aldeias isoladas, mui distantes de grandes centros, sujeitas a frequentes pilhagens, de que parecem dar prova os povoados que se succederam em Santa Olaya, mal se concebe que prosperassem nas artes e nas industrias. Os seus moradores forjavam o ferro e fundiam o chumbo e o estanho; mas nada denuncia seguramente que trabalhassem o bronze de que usavam. Provavelmente as obras d'este ultimo metal vinham-lhes d'algum outro logar, como lhes vinham de além Douro algumas louças e do sul da peninsula os vasos ibero-punicos.

Nada alli faz lembrar uma religião, a não ser talvez o seixo com covinhas do Crasto ou a hacha bipenne toscamente gravada em uma amphora. Não appareceram esculpturas; e a gravura está apenas representada por alguns exemplares de fórmas puramente geometricas. De moedas tambem não encontramos vestigios; o que nos leva a crer que não eram sómente os povos do interior que as não usavam, como diz Estrabão.

Entretanto esses restos, pobres e barbaros, são a nosso ver preciosos para a sciencia. Elles permittem-nos restaurar parte da vida dos pequenos povos ou grupos de familias que se achavam espalhadas pelo valle inferior do Mondego antes da conquista romana; o que é muito importante.

A restauração historica da civilisação d'um povo não se faz sómente pelo estudo de ruinas de palacios, das habitações dos grandes, dos grandes centros de população; porque a historia não é um simples registo da vida dos reis e dos magnates da terra. É preciso estudar tambem as ruinas dos casebres dos pequenos, dos mais insignificantes povoados esparsos pelos campos e pelas montanhas, para saber qual a parte que esta gente tinha nos beneficios d'essa civilisação, e qual o papel que a sua actividade desempenhava entre as forças vivas da grande collectividade a que pertenciam.

Sob este ponto de vista o deposito negro e immundo do Crasto e os restos dos povoados de Santa Olaya e dos Chões são tão instructivos para o estudo da epocha que precedeu immediatamente a romanisação do valle do Mondego, como qualquer grande ruina da mesma epocha que se descobrisse na região.

O leitor vae ter a plena confirmação d'isto na exposição que se segue.

PARTE 1.ª

SANTA OLAYA

I

Topographia e estratigraphia archeologica

O outeiro de Santa Olaya demora a 3 kilometros para E da villa de Maiorca, no fim do bello lanço d'estrada publica que atravessa o campo, e que faz parte da estrada real da Geria a Buarcos, vulgarmente denominada *estrada de Coimbra.* O nome do outeiro provem d'uma capellinha que existe no ponto mais elevado, consagrada a Santa Eulalia, vulgarmente designada, desde muitos seculos, por Santa Olaya.

A sua configuração é ellipsoidal, com o eixo maior orientado aproximadamente de ONO a ESE. A superficie superior mede no comprimento 160^m até ás escadas de pedra que pelo NO dão accesso ao cimo, e na largura maxima apenas 35^m (fig. 2).

Cercam-no pelo norte, poente e sul, os campos do Mondego. Pelo nascente é separado do monte de Ferrestello por uma forte depressão, que mede uns 80^m aproximadamente na largura. A meio d'esta depressão existe um fosso, sempre com agua, que isola inteiramente o outeiro. Este fosso tem ainda hoje a profundidade de 2^m; e é atravessado, do lado do norte, pela ponte de madeira pertencente á estrada, e, do lado do sul, por uma velha ponte d'alvenaria.

O Mondego fica-lhe ao sul, na distancia de 1 kilometro. Ao poente, distante $1:500^m$, passa o rio ou canal de Foja (fig. 1).

As aguas salgadas sobem ainda agora pelos leitos d'estes rios muito para montante de Santa Olaya, attingindo Montemor-o-Velho, a nascente, e mais de 100^m para cima do porto de Foja, ao norte; mas antes de existirem as mottas ou diques de terra que bordam as suas margens, limitando os respectivos leitos, em defeza dos campos adjacentes, as aguas das marés, na altura de Santa Olaya, invadiam periodicamente todos esses campos, que faziam parte do estuario do Mondego. A prova d'este facto está no fundo de vasa marinha, contendo abundancia de valvas de molluscos, taes como o *Cardium edule,* a *Scrobicularia piperata* e outros, que se encontram, a profundidade de $1^m,50$ a 2^m, nos terrenos baixos que cercam Santa Olaya num raio de alguns kilometros; fundo que tem sido posto a descoberto dezenas de vezes, principalmente no Paúl de Foja, com a abertura de vallas d'enxugo.

Nestas circumstancias, Santa Olaya seria em tempo um verdadeiro ilhéo, banhado regularmente de todos os lados pelas aguas do mar. Na propria vasante das marés era

defendido pelas praias lodosas, que lhe ficavam ao norte, poente e sul, e ao nascente pelo fosso, onde as aguas eram provavelmente retidas, como hoje, attendendo ao baixo nivel do seu fundo. Por isso presumimos que semelhante fosso seria obra do homem, em mui remotas eras, talvez para defeza do outeiro, cortando-lhe a unica communicação com a terra firme.

Seria por estas circumstancias especiaes que os antigos habitantes do logar não o fortificaram com muros ou vallados, á semelhança do Crasto? Ou a falta de vestigios de taes fortificações deve antes explicar-se pelas circumstancias de estas sómente terem sido construidas pelo norte e nordeste, onde eram mais necessarias, e haverem os seus restos desapparecido com os cortes praticados nesses lados para a construcção da estrada publica? Nós nada podemos ajuizar sobre semelhante assumpto.

Saber quando os terrenos, que formam hoje os campos circumvisinhos, foram subtrahidos ás marés, e por conseguinte quando o outeiro deixou de ser um ilhéo, tambem não nos parece facil. Apenas podemos inferir de certos dados historicos que no principió da monarchia portugueza já esse facto era consumado. O chronista dos regrantes, D. Nicolau de Santa Maria, fallando da doação feita em 1166 por D. Affonso Henriques ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra do castello de Santa Olaya, diz o seguinte: — «O Castello ficava senhoreando a Villa de Maiorca, e os logares visinhos, e pela fertilidade da terra e commercio do mar *(que se lhe communicava por hum estreito notavel, que ia ter ao Rio Mondego pouco distante)* era de grande estima» [1]. Um manuscripto dos principios do seculo XVIII, obra do capitão mor de Mon-

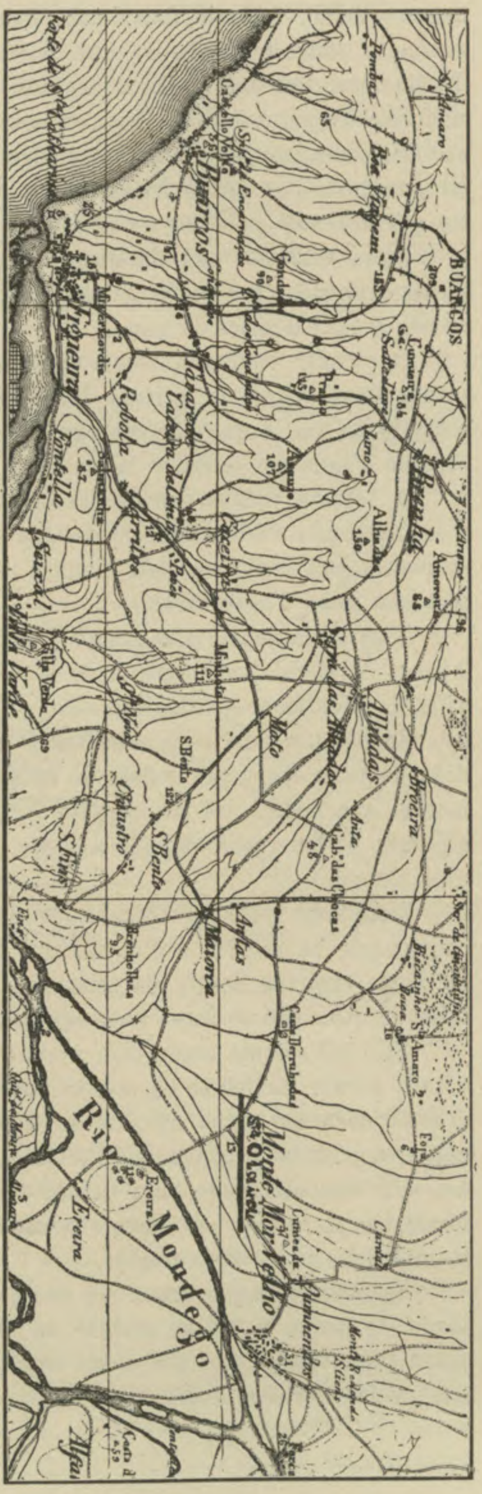


Fig. 1 — Planta I — da carta topographica
Esc. 1 : 100.000

[1] Transcripto nos *Materiaes para a historia da Figueira nos seculos XVII e XVIII*, pag. 25, n.º 2.

temor-o-Velho, Antonio Correia da Fonseca e Andrade, tambem se exprime sobre o assumpto nestes termos: — «Cobria e senhoreava este Castello (de Santa Olaya) o Couto de Mayorca, um dos melhores logares d'este termo, e *por estreito notavel que havia naquelle tempo, se diz vinham embarcações do mar aquelle sitio pelo Mondego, que lhe fica perto, por ser entam muito fundo e não estar como hoje tam areado; e ainda ha poucos annos havia tradições de que naquella fraga se viram grossas argolas, em que algumas embarcações se prendiam*» [1].

Estas tradições não desappareceram. Ainda presentemente se acham profundamente arreigadas nos povos do valle do Mondego, para juzante de Coimbra; e temo-las ouvido repetir dezenas de vezes.

O estreito ou canal, communicando Santa Olaya com o Mondego, prova sem a menor duvida que os terrenos limitrophes estavam já nesse tempo conquistados ao estuario do rio, e que por conseguinte só na occasião das cheias devia o outeiro ficar cercado d'agua por todos os lados, como acontece ainda hoje.

A estrada publica cortou-lhe toda a encosta septentrional; e para os aterros da mesma estrada foi-lhe tambem cortada uma porção do lado oriental; de sorte que não se pode agora conhecer, pela simples inspecção ocular, qual a fórma precisa e dimensões que tinha d'esses lados.

Não conhecemos documentos historicos que suppram inteiramente esta lacuna. Apenas o referido manuscripto do seculo XVIII nos fornece estes dados: — «Perto da villa de Montemor-o-Velho, diz elle, se levanta hum monte, não muito alto, o qual se estende por um quarto de legoa para o Occidente...; está a ponta d'esta serra dividida do mais corpo por espaço de 50 passos, donde se levanta em forma de ilha hum monte, que poderá ter de circuito 700, tendo 14 ou 15 braças d'altura, ficando por algumas partes rocha talhada a pique, e pelas outras deficultosa a subida, e no alto uma planicie» [2].

Entretanto pelo testemunho de pessoas que conheceram bem o local antes da construcção da estrada e d'outras que trabalharam nesta obra, sabemos que o pendor do norte expirava dentro da zona da propria estrada, e que ao nascente o outeiro se estendia quasi até ao fosso, onde apresentava rapido declive (fig. 2).

Pelo sul ostenta ainda hoje o seu esqueleto de rocha viva, erguido quasi a prumo; e pelo poente inclina-se em aspera rampa para o campo. D'este ultimo lado o pendor é quasi todo em rocha núa até ao cimo, em que assenta a capella. Pelo norte d'esta existe, encostada á penha que lhe serve de pedestal, uma estreita faxa de terra vegetal, que vae alargando para nascente até abranger toda a largura do outeiro. Alli fórma um planalto sensivelmente horisontal, todo plantado d'oliveiras. É a *planicie* do manuscripto do seculo XVIII.

As excavações provaram que esta planura é resultante do trabalho do homem. Na idade da pedra, e até ao periodo da idade do ferro a que pertence o povoado pre-romano mais fundo, que alli descobrimos, o nivel do outeiro, seguindo a inclinação do seu nucleo rochoso, baixava consideravelmente para nordeste. Encontramos a rocha

---

[1] *Collecção d'elementos para a historia do concelho da Figueira*, 1.ª parte, pag. 87.

[2] Obra cit., pag. 86.

viva, em que assentam os estratos archeologicos, a profundidade de $1^m,50$ na casa *x*, de $1^m,65$ na casa *q*, de $2^m,30$ na casa *u* e de $5^m,50$ na casa *g* (est. XVII).

Ao tempo d'esses povoados o sitio devia ser singularmente apropriado para habitação do homem. No pendor de E, hoje soterrado, as casas ficavam escondidas do lado da terra, ao passo que do cume do outeiro se descobria largo horisonte por todo o antigo estuario do rio. A algumas dezenas de metros, pelo lado do norte do monte de Ferrestello, existia provavelmente já então a abundante nascente d'agua potavel que alli hoje se encontra. As aguas das marés traziam o peixe; e na vasa podiam colher-se muitas variedades de molluscos comestiveis. Nos montes não faltava a caça. O javali

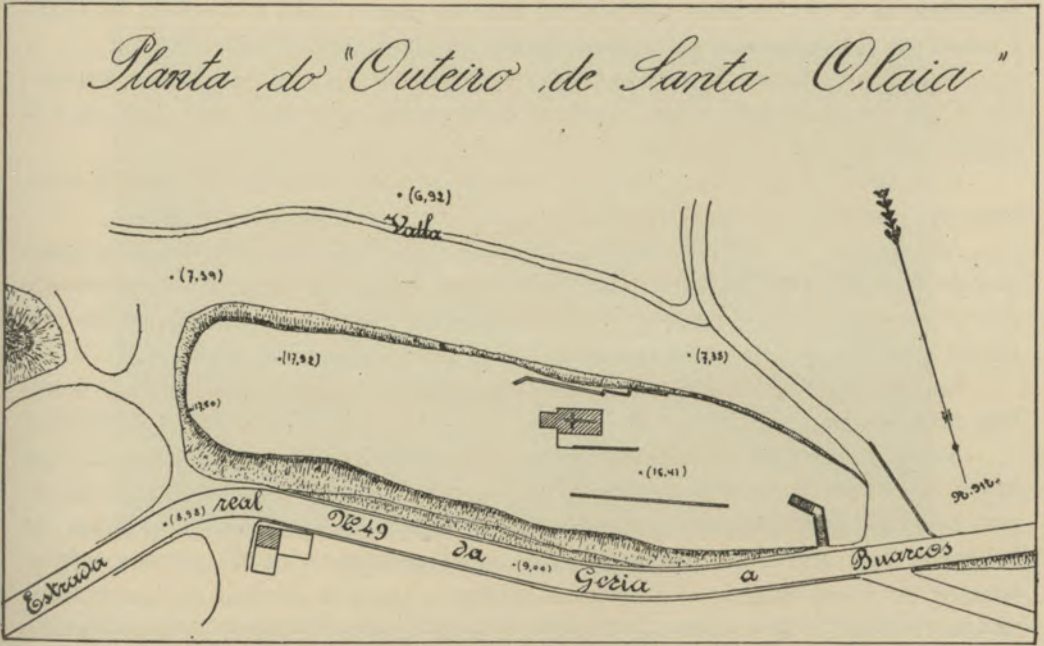


Fig. 2—Planta II—Esc. 1 : 2.000

sobretudo era abundante. Fartas deviam tambem ser as pastagens para sustento dos rebanhos, poisque os moradores se nutriam, em grande parte, do boi, carneiro e outros animaes domesticos. Accresce a tudo isto a communicação com o mar, que permittia importar directamente os productos de outras regiões, e ao mesmo tempo facilitava a evasão, quando o perigo d'inimigos sobrevinha do lado da terra.

Taes eram as vantagens da situação, que, muitos seculos depois de os povoados já não existirem, ainda os rudes guerreiros da Edade Media aproveitavam o logar como um ponto estrategico.

Praticamos um grande córte no lado oriental do outeiro, e o prolongamos pelo lado do norte em direcção ao O, como se vê na planta da est. XVII. A camada superior do terreno, de côr escura, muito carregada de carvões vegetaes e restos de cosinha, apresentava uma espessura variavel entre $0^m,30$ e 1^m. Alli os vestigios romanos eram abundantes.

No sitio das casas *s*, *t* e *t'* um remeximento profundo levara a camada superficial

até á base dos alicerces, misturando e dispersando tudo. Fóra d'essa pequena zona havia um remeximento geral até á profundidade media de $0^{m},25$, proveniente da cultura de cereaes. D'ahi para baixo só appareceram indicios de remeximentos, aliás numerosos, nos sitios em que se achavam plantadas as oliveiras que arrancamos, e naquelles em que appareceram restos de alicerces de muros medievaes. Alguns d'estes remeximentos atravessaram toda a espessura da camada superior, e penetraram na camada subjacente; do que resultou que objectos d'esta ultima subiram para o nivel d'aquella, e inversamente os d'aquella desceram para a camada inferior. Junto á parede occidental da casa *y*, por exemplo, o fosso onde fora plantada uma oliveira attingiu a profundidade de $1^{m},20$. Pelo norte da casa *r* o fosso d'outra oliveira baixou até á profundidade de $1^{m},40$. O muro medieval no sitio da casa *m* tinha a espessura de $1^{m},50$, e penetrava profundamente na camada inferior, causando grande remeximento.

Semelhantes factos, observados desde os primeiros dias das excavações, levaram-nos a pôr de parte tudo o que apparecia nesses sitios remexidos, aliás faceis de distinguir pela propria côr do entulho.

A camada inferior compunha-se de massas de terra de côr amarellada ou castanha, com manchas d'argilla vermelha, envolvendo ruinas de numerosas casas.

Até aos fins de 1903 as excavações tinham posto a descoberto abundantes vestigios de cinco estações. No fundo, restos neolithicos; e quasi no mesmo nivel um povoado pre-romano. Por cima d'este as ruinas d'um outro tambem pre-romano. Sobre este ultimo uma estação luso-romana; e intercalados nesta, restos medievaes.

Em principios de janeiro de 1904 o prolongamento das excavações para O descobriu mais um pequeno povoado pre-romano, sobreposto a uma parte dos já conhecidos.

Assim as estações accumuladas na area da exploração são actualmente seis, que vamos especificar pelos seus caracteres geraes, começando pela camada superficial do solo. Devemos notar que na planta da est. XVII as casas dos povoados pre-romanos são indicadas, pela ordem da sobreposição, do modo seguinte:—as do povoado inferior sómente por traços duplos; as do povoado medio por traços duplos com os espaços intermedios riscados; e as do povoado superior a traço grosso. Os restos de muros medievaes são indicados por lozangos.

Estação medieval—Além dos restos de muros de alvenaria ordinaria (pedra e cal) ao lado e em nivel superior ao da casa *d*, cortando a casa *m*, ou por cima da casa *x*, encontramos uma ponta de virote com alvado, em ferro, egual a outra recolhida no castello de Montemor-o-Velho e existente no Museu da Figueira, e numerosos fragmentos de ceramica. Nós já haviamos recolhido ceramica semelhante na parte superficial d'um deposito de rebotalhos, formado em diversas epochas, junto ás escadas de pedra que dão accesso ao outeiro; e parte d'ella estava associada á lamina d'uma bacha de ferro de typo germanico. Os vasos eram pequenos, todos trabalhados á roda, uns de pasta mui grosseira e outros de barro cinzento mais fino, com asa chata.

Junto do muro medieval que cortou a casa *m*, recolhemos fragmentos de duas mós, com os diametros de $0^{m},65$ e $0^{m},47$. A maior, pelo menos, parece pertencer á epocha d'esse muro.

Seriam os muros medievaes restos do famoso castello de Santa Olaya, que se diz ter sido destruido para applicar os materiaes á obra do viaducto, que atravessa o campo? A seguirmos a versão do chronista dos regrantes e do alludido manuscripto do

seculo XVIII, que collocam o castello neste outeiro [1], teriamos de adoptar a affirmativa. Entretanto é certo que descobrimos no fronteiro monte de Ferrestello, a uma centena de metros de Santa Olaya, o alicerce d'um muro medieval, medindo mais de 20^{m} no comprimento, sobranceiro e parallelo ao fosso, e que seguia o pendor septentrional do mesmo monte até á estrada publica, onde fôra cortado. A mais de meia encosta, do lado de Santa Olaya, uma rampa empedrada prolongava-se com este muro, dando provavelmente accesso a uma porta; e dentro da matta que cobre o monte para nascente, notamos ainda a presença d'outros alicerces, numa area bastante extensa. Tudo isto indica uma construcção consideravel, indubitavelmente muito superior á que podia conter a area exigua do planalto de Santa Olaya.

Fig. 3 — Parte occidental das excavações

Pensamos, em face de tão importantes vestigios, que o corpo principal do castello estava situado realmente no monte de Ferrestello; e que no outeiro de Santa Olaya existiria apenas alguma fortificação avançada, e talvez tambem o cemiterio do mesmo castello, de que serão restos as solidas alvenarias que alli se encontram e os numerosos fragmentos d'ossadas humanas, dispersos na terra, junto á capella, pelo lado do norte.

Seja, porém, como fôr, os mais importantes objectos d'esta estação pertencem á numismatica: são trez moedas eguaes de prata, que se encontraram soldadas umas ás outras pela oxydação. Foi o nosso amigo sr. Ricardo Severo que lhes decifrou as legendas, lendo no anverso ANFVS REX, e no reverso TOLETVO, e attribuindo-as a Affonso VI de Leão e Castella, depois da tomada de Toledo em 1085. Segundo elle, estas moedas, muito raras, deviam ter seu curso no condado de Portucale até aos principios da nossa monarchia.

1 Vej. *Materiaes para a historia da Figueira nos seculos XVII e XVIII*, pag. 25, n.º 2; *Collecção d'elementos para a historia do concelho da Figueira*, 1.ª parte, pag. 86.

Estação luso-romana — O deposito luso-romano, em que se acham intercalados os muros medievaes, é caracterisado por grande abundancia de telhas e telhões, fragmentos de grandes e pequenos vasos, pregos de ferro, fragmentos de vasinhos de vidro, moedas e outros objectos de bronze, bases de columnas muito deterioradas, indicando um edificio importante, provavelmente um templo, etc. Esta ultima hypothese tem o apoio de factos que regista o mencionado manuscripto do seculo xviii. Referindo-se á origem do castello, exprime-se nestes termos: — «Conforme as tradições, e indicios de algumas pedras, e de hum idolo de metal fundido, estatua dedicada a Jano, que não ha muitos annos se achara, parece seria obra dos Romanos» [1].

Não encontramos exemplar algum de ceramica *aretina;* o que faz presumir que alli a *romanisação* é posterior ao 2.° seculo da nossa era. As moedas confirmam este facto. São pequenos bronzes de Juliano e um mediano bronze de Theodosio, imperadores do 4.° seculo.

Á mesma epocha nos pareceu pertencer uma sepultura de fórma ligeiramente trapezoidal, feita de pedras lavradas e ajustadas sem cimento algum, que encontramos na camada superior do terreno; poisque o fosso aberto para construir um dos alicerces medievaes destruira a parte onde se achava a cabeça, e deixara apenas o maxillar inferior com o resto do esqueleto, indicando assim que o deposito mortuario era mais antigo. O esqueleto pertencia a um adulto, e estava estendido sobre as costas, com os braços ao longo do tronco.

1.ª Estação pre-romana da idade do ferro — Povoado de que existem as ruinas *n, o, p, v, x* e *y,* pertencentes a seis casas. A parede septentrional da casa *p* assenta sobre a parede meridional da casa *l,* pertencente ao povoado immediatamente inferior; a parede septentrional da casa *n* assenta sobre a parede do mesmo lado da casa *l;* as paredes oriental e septentrional da casa *o* assentam sobre outras da casa *m,* pertencente ao mesmo povoado immediatamente inferior; e a parede septentrional da casa *y* devia assentar sobre a parede meridional da casa *q,* tambem pertencente áquelle povoado. O pavimento da casa *o* estava sobreposto ao da casa *m;* e neste ultimo se recolheram os fragmentos d'um grande vaso, que foi restaurado.

As paredes das casas *n* e *o* encontraram-se na profundidade de $0^m,60$; as da casa *p* apenas a $0^m,30$; as da casa *x* a $1^m,40$; as da casa *v* a $1^m,80$; e as da casa *y* a $0^m,50$. Nas trez primeiras assentava immediatamente a camada luso-romana; e as outras estavam cobertas pela camada subjacente a esta.

As casas *v* e *x* assentavam na rocha viva, seguindo o pendor d'esta para nordeste.

Em todo este povoado só recolhemos o que estava sobre os pavimentos das casas ou embutido nelles, nos sitios onde não havia indicios de remeximentos. Com o mesmo escrupulo fizemos a colheita na viella *z.* Nada absolutamente com feição romana foi encontrado nestes sitios.

O espolio compõe-se principalmente de ceramica exotica, pintada ou não, associada a louça indigena de pasta grosseira trabalhada á mão e ás vezes com roda, recolhida em todos os pavimentos das casas e na referida viella. Os typos são precisamente os mesmos dos povoados inferiores, com raras excepções.

---

[1] *Collecção* cit., pag. 87.

Além d'isto a casa *o* forneceu fragmentos de utensilios de ferro, a casa *p* um objecto de bronze terminando em cabeça de cysne, a casa *x* uma pequena pinça de bronze, uma placa furada do mesmo metal, uma haste cylindrica de ferro e um fragmento de mó de typo primitivo, a casa *y* uma cavilha de ferro, e a viella *z* um bracelete de cobre ou bronze aberto e uma fusaióla de barro ornada de circulos gravados na base.

2.ª Estação pre-romana da idade do ferro — Ruinas d'um povoado mais vasto do que o anterior. Até dezembro de 1903 apenas se haviam descoberto os pedaços d'envasamentos marcados na planta da est. xvii pelas letras *h, i, j* e *k,* e muitas pedras aglomeradas, provenientes das paredes destruidas. Naquelle mez descobriram-se os envasamentos da casa *l,* em janeiro de 1904 os das casas *m* e *q,* e depois os das casas *r* e *s.*

O nivel d'este povoado baixa um pouco de E para O. Systema de construcção e ceramica são iguaes aos do povoado superior, salvas raras excepções.

Nenhum vestigio romano, excepto nos profundos remeximentos que se notaram nos sitios das casas *r* e *s.* Dentro e fóra dos recintos dos edificios recolheram-se objectos de ferro, fibulas de bronze e de cobre, arrecadas e anneis de bronze, uma grande haste ponteaguda de cobre, mós de typo primitivo e mós circulares, etc.

Este povoado assenta nos entulhos que envolvem o povoado inferior, e em alguns pontos a base dos seus muros toca a face superior dos envasamentos das casas subjacentes, como por exemplo em *i-d* e em *j-e.* As paredes da casa *k* cruzavam-se com a parede oriental da casa *g.* A casa *l,* cuja parede meridional fica por debaixo da casa *p,* sobrepõe a sua parede septentrional a uma das paredes da casa *f,* em que assenta; e a parede septentrional da casa *m* passa por cima da parede *u.*

3.ª Estação pre-romana da idade do ferro — Ruinas d'outro povoado, composto das casas *a, b, c, d, e, f, g, t, t'* e *u.* As casas *f* e *g* eram as mais fundas. Esta ultima tinha por debaixo do pavimento uma lareira, medindo aproximadamente 1 m.q. e contendo entre os carvões e cinzas muitos fragmentos d'um grande vaso de pasta grosseira trabalhado á mão. Esta lareira assentava sobre uma ligeira camada de terra escura, onde se recolheram dois fragmentos de louça neolithica ornamentada e uma lasca de silex. Por debaixo d'esta terra estava a rocha viva, na profundidade já indicada de $5^{m},50$.

Nenhum remeximento attingiu os depositos d'este povoado, a não ser nos sitios das casas *t* e *t'*. A ceramica recolhida nos pavimentos das casas e por fóra d'ellas apresentava os mesmos typos da dos povoados superiores, com raras excepções.

Mós com feição primitiva estavam associadas a fragmentos de mós circulares. Em algumas casas recolheram-se escorias de ferro, e em *u* fragmentos de utensilios do mesmo metal. Sobre o pavimento da casa *f,* junto ao angulo formado pelas paredes, encontramos uma fibula de bronze, um fragmento de lança, um bracelete fechado, um annel e uma haste do mesmo metal, assim como duas contas de vidro. Nas outras casas recolheram-se tambem fibulas, anneis e alfinetes de bronze.

Comparado o espolio d'este povoado com os dos anteriores, ficou-nos a convicção de que a civilisação de todos elles é fundamentalmente a mesma. Nas suas successivas manifestações não parece terem existido alterações sensiveis dos processos industriaes.

Adiante veremos como explicar o soterramento dos muros das casas d'esse povoado, sem recorrermos á intervenção de causas naturaes, nem á acção propositada dos constructores do povoado medio, e tambem sem necessidade de admittirmos um longo periodo entre o abandono de um e a construcção do outro. Aqui só notaremos que a causa devia ser a mesma que fez soterrar os envasamentos das casas dos povoados superiores, levantando o solo ao nivel em que assenta a camada luso-romana.

Estação neolithica—Antes da idade do ferro não ha vestigios de o local ter sido occupado senão na epocha neolithica. Appareceram ruinas de dois dolmens, em excavações abertas no solo primitivo, quasi ao nivel dos envasamentos das casas *d* e *e*, um do lado E da primeira, e outro entre *e* e *g* (planta da est. xvii), e que foram provavelmente destruidos pelos constructores d'essas casas. O mobiliario, pouco abundante, jazia, em parte, junto das proprias ruinas; mas algumas peças encontraram-se esparsas a distancia de muitos metros.

D'estas estações as unicas que entram no plano do nosso estudo são os trez povoados pre-romanos da idade do ferro. Parte d'elles foi cortada e destruida pela obra de construcção da estrada publica. No povoado inferior foram cerceadas as casas *e*, *f*, *g* e *u*, no povoado medio as casas *j* e *k*, e no superior a casa *v*. Impossivel saber se haveria outras do mesmo lado da estrada, que fossem completamente destruidas.

Em quasi todos os pavimentos das casas, onde fizemos as nossas principaes colheitas, tudo parecia estar como no momento em que as povoações foram abandonadas. Só assim se explica que no pavimento de cada casa, e muitas vezes agrupados, se recolhessem todos ou quasi todos os fragmentos de muitos vasos, alguns de grandes dimensões. Chegamos a descobrir pratos esmagados, cujos fragmentos conservavam as suas respectivas relações! Se não fossem as perdas que inevitavelmente occorrem sempre nestas explorações em grande escala, quando se recolhem enormes quantidades de fragmentos ceramicos e muitos de minusculas dimensões, teriamos restaurado grandes vasos sem lhes faltar uma peça!

Verdade é que sobre o pavimento da casa *b* recolhemos alguns fragmentos d'um grande vaso, trabalhado á mão, de que a maior parte se havia encontrado na casa *c*; mas esta deslocação teve certamente logar antes de ficarem soterrados os pavimentos das duas casas; d'outro modo difficilmente se explicaria que em uma e outra occupassem precisamente a superficie d'esses pavimentos.

Tambem se verificou que grande quantidade de fragmentos ceramicos, enterrados ou embutidos nos proprios pavimentos das casas, pertenciam a vasos de que só conseguimos restaurações parciaes. Esses fragmentos eram geralmente pequenos, ás vezes com as arestas muito gastas, indicando longos attritos; e no sitio das lareiras estavam enegrecidos, com a pintura quasi apagada. Estas circumstancias fazem presumir que eram restos de vasos quebrados durante a habitação das casas; vasos de que os mais grossos fragmentos, sempre embaraçosos, sobretudo em tão acanhados recintos, foram lançados fóra. Notamos grandes accumulações d'estes restos não só pelo norte da casa *d*, mas a E da casa *a*, e no pendor do NO do outeiro, junto ás escadas de pedra, na camada mais funda, e que nos pareceram provir d'uma casa que no cimo do mesmo outeiro nos foi assignalada por um resto de parede.

II

Os povoados pre-romanos. Disposição e architectura dos edificios

A planta da est. XVII mostra que os edificios do povoado mais fundo se estendem numa linha, com o desenvolvimento total de 78^m, que, partindo de *t'*, segue por *t, a, b, c, d, e, g, f,* e termina em *u;* que os edificios do povoado medio se estendem noutra linha que, partindo de *s,* segue por *r, h, i, j, k, l, m,* e termina em *q,* com um desenvolvimento de 58^m; e que os do povoado superior estão irregularmente agrupados por cima da parte occidental dos outros dois povoados, em *p, n, o, v, x,* e *y* (est. XVII).

No povoado mais fundo estão contiguas as casas *t* e *t'*. A casa *a* tem uma parede commum com *b,* e esta com *c;* e commum é a parede entre as casas *f* e *g*. No povoado medio só as casas *m* e *q* estão contiguas, e deviam ter uma parede commum. No povoado superior só *v* e *x* tinham uma parede semelhante.

No primeiro as casas *a, b, c* e *d* parecem ter os envasamentos quasi completos. No segundo todos os envasamentos estão incompletos; e junto d'elles se encontraram muitas pedras, provenientes sem duvida dos desmoronamentos. No terceiro as casas *p* e *x* apresentam envasamentos completos, mas em *p* um pouco cerceados talvez na altura.

A fórma d'estes envasamentos e o que resta dos outros provam que as casas eram quadrangulares, e geralmente muito pequenas. As casas *p* e *x,* pertencentes ao povoado superior, medem apenas $3^m,75$ por $1^m,50$ ou $2^m,25$ de vão, e a casa *q,* pertencente ao povoado medio, mede $3^m,25$ por $2^m,50$. A maior devia ser *t,* pertencente ao povoado mais fundo, se porventura os remeximentos não destruiram qualquer parede divisoria. A casa *c* é quasi quadrada.

O uso de casas tão pequenas não surprehende. No oppido de Santa Luzia, em Vianna do Castello, algumas casas de fórma redonda apenas medem no diametro $3^m,30$ [1]; e nas citanias hespanholas das provincias de Avila, Salamanca e Zamora as casas tambem são muito acanhadas [2].

As paredes são construidas com pedras de pequenas dimensões, cimentadas com argila. É o systema que se encontra em muitas estações da idade do ferro. O oppido gaulez de Bibracte offerece um exemplo notavel; e alli as casas tambem apresentam a fórma rectangular [3]. Nos Alcores certas sepulturas e edificios de Acébuchal são assim construidos; e, como veremos, o mobiliario tem grandes affinidades com o das nossas estações [4]. A propria Carthago punica empregava ás vezes materiaes semelhantes nas suas construcções [5].

A origem do systema, porém, é muito mais antiga do que o ferro. Remonta ao

---

1 *O Archeologo Português,* vol. VIII, pag. 18.

2 *La Nature,* 33.º anno, 1905, pag. 311 e segs.

3 Mr. Déchelette, *Note sur l'oppidum de Bibracte,* no *Compte-rendu* do Congresso internacional de 1900, pag. 418 e segs.

4 G. Bonsor, *Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Bétis,* pags. 24, 27, 92 e 95.

5 *La nécropole punique de Douïmès, fouilles de 1895-1896,* pag. 14.

fim da idade da pedra ou começo do metal, como em Hissarlik (Troada) [1], em Hespanha [2] e em estações de Portugal [3]; subsistiu na epocha romana; e ainda hoje é muito vulgar entre nós.

As paredes medem na espessura $0^m,40$ a $0^m,50$, e na altura geralmente $0^m,50$ a $0^m,70$; mas no cunhal norte-nascente da casa *d* a altura attingia $1^m,20$, talvez por causa do declive do solo.

Um dos problemas, que desde logo nos prendeu a attenção, foi o de saber como seria construida a parte superior das casas. De pedra e argila, como os envasamentos? As nossas observações levaram-nos a concluir pela negativa. Na verdade um facto importante se notava nestas ruinas: e era que as paredes de cada uma das casas melhor conservadas eram sensivelmente da mesma altura, e esta chegava a ser quasi igual nas trez casas *a, b* e *c*. Difficil seria explical-o pela hypothese de as casas, em toda a sua altura, terem sido construidas com materiaes semelhantes, a não admittir que o tempo ou a mão do homem destruiram a parte superior das construcções por uma medida certa, deixando regularisada a face superior dos envasamentos! Ao contrario a explicação é facil, desde que se admitta que estes envasamentos supportaram muros de adobos. Não faltam exemplos d'esta architectura na archeologia prehistorica. Encontram-se na 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª estações de Hissarlik [4] e nas antigas construcções chypriotas de Golgos, Dali e Pila [5]. Póde até dizer-se que o uso dos adobos ou tijolos crús foi geral na antiguidade, principalmente no Egypto, Mesopotamia e Grecia mycenica [6]. Segundo Plinio, os proprios carthaginezes empregavam este material ou terra apisoada, e assim levantaram muitas obras em Hespanha [7]; e o rev. P. Delattre descobriu muros de adobos na necropole punica de Douïmés [8].

Para converter a nossa hypothese em certeza, um feliz acaso nos conservou restos d'esses alçamentos de adobos, descobertos em 25 e 26 de março de 1901. Um fogo intenso teve logar numa construcção de madeira, contigua á casa *c*, do lado do nascente; e sobre a camada de carvões e cinzas, que cobria o pavimento, estava caído um lanço de parede de adobos meio cosidos pela acção do calor; parede cuja base se foi encontrar junto do alicerce oriental d'aquella casa. Era manifestamente o alçamento supportado pelo mesmo alicerce e talvez tambem, em parte, pelo seu prolongamento em *b* (est. XVII).

Este alçamento não tinha menos de $2^m,50$ d'altura; e, como o alicerce medía na altura $0^m,70$, a altura total do edificio seria aproximadamente $3^m,20$.

Na face inferior, que estava em contacto com os carvões e cinzas, esta parede apresentava a superficie quasi lisa em muitos pontos; o que era devido, sem duvida,

---

1 SCHLIEMANN, *Ilios*, pag. 262.

2 *Annales de l'Académie Royale d'Archéologie de Belgique*, t. II, pag. 571 e segs.

3 *Os dolmens d'Alcalar*, no n.º 2 do *Boletim da Sociedade Archeologica*.

4 *Ilios* cit., trad. MAD. E. EGGER, pags. 336, 359, 662, 672 e 736.

5 COLONNA-CECCALDI, *Monuments antiques de Chypre*, pags. 37 e 47; PERROT et CHIPIEZ, *Hist. de l'Art*, t. III, pags. 363 e 399.

6 *Ilios* cit., pags. 658 e 659; SCHLIEMANN, *Mycènes*, trad. de GIRARDIN, pags. 60, 61 e 207; *Hist. de l'Art* cit., t. I, pags. 107, 115 e segs., e t. VI, pags. 294, 478 e 483.

7 *Hist. Nat.*, trad. LITTRÉ, liv. XXXV, § 48.º

8 *Fouilles de 1895-1896*, pags. 20, 21 e 68.

ao maior grau de cosedura d'esse lado; mas na face superior estava corroída e desigual. Na est. XVIII, fig. 1, representamos trez fragmentos de adobos alli recolhidos. Dois d'elles conservam vestigios d'uma lama esbranquiçada, que servira de cimento para os ligar.

Tambem encontramos alguns fragmentos de adobos meio cosidos na casa *b*, e dois junto á casa *d*.

Assim, se o alçamento das casas era feito com adobos, facil é explicar o soterramento dos envasamentos em um periodo relativamente curto. Abandonadas as povoações, as aguas pluviaes reduziram as paredes a terra pura; e estas massas d'entulhos, cobrindo os alicerces, foram elevando o nivel do solo.

As portas deviam estar por cima dos envasamentos. Em *p* e *x* não ha abertura alguma; e as que se vêem nos envasamentos das casas *a*, *b*, *c* e *d*, do lado do poente, parecem ser apenas o resultado da ruina. O degrau existente na casa *y* confirma a hypothese da elevação das soleiras.

Assim tambem devia acontecer nas casas do oppido de Santa Luzia, em Vianna do Castello [1].

Em *b* a porta devia ser do lado do nascente. Sobre a parede d'esse lado havia um pequeno vão de $0^m,1$ de profundidade e $1^m,25$ de comprimento, que se accommodava perfeitamente a esse destino. Provavelmente seriam do mesmo lado as portas das casas *a* e *c*.

A construcção de madeira incendiada, junto a esta ultima casa, parece ter sido pertença d'ella, um seu accessorio exterior. O seu pavimento não era de terra, como os do interior das casas, mas calçado com pedras assentes em barro. Vestigios de calçada feita com seixos tambem nós encontramos entre as casas *d* e *e*, e pelo poente d'esta ultima [2].

Sobre aquelle pavimento calçado jaziam muitos vasos partidos, que pudémos restaurar. Evidentemente estes vasos estavam alli collocados, quando sobreveio o incendio.

Nós pensamos que, estando este accessorio do lado da porta da casa, deveria provavelmente ser um alpendre. O caso não seria novo [3]. Entre nós encontra-se no oppido de Sabroso [4]; e ainda hoje é vulgar o seu uso no paiz.

O alludido incendio e a ruina da casa *c* devem ter coincidido com o abandono do respectivo povoado. Se assim não fosse, naturalmente a obra seria reconstruida, ou, pelo menos, teriam sido removidos os entulhos, que naquelle sitio se tornavam embaraçosos.

Tambem nos parece que o incendio do alpendre e a ruina da casa foram precedidos da destruição propositada d'alguns grandes vasos, que se achavam no primeiro. Se uns tinham os respectivos fragmentos agrupados, e assim podiam ter sido esmagados pela parede caída, fragmentos consideraveis d'um *pythos* de quatro asas e d'uma grande amphora estavam espalhados, não podendo este facto attribuir-se á mesma causa.

---

[1] *O Archeologo Português*, vol. VIII, pag. 18.

[2] Na segunda estação de Hissarlik a calçada de seixo pavimentava algumas das salas dos edificios (*Ilios* cit., pag. 359).

[3] *Hist. de l'Art* cit., t. VI, pag. 500.

[4] CARTAILHAC, *Les Ages préhist. de l'Esp. et du Port.*, pag. 274.

Em nenhum dos povoados appareceram vestigios de telhas ou cousa semelhante. Seriam as casas cobertas com madeira e palha? Nós não o pensamos. Dentro da casa *l* e no pendor do outeiro junto ás escadas de pedra, recolhemos pedaços d'argila, que soffreram a acção do fogo, apresentando impressões de ramos de arvores, ás vezes lascados, e de canniços, como os que ainda hoje crescem nas proximas vallas do campo. Nas figs. 2 e 3, est. XVIII, representamos dois exemplares. Evidentemente a argila molle fôra estendida e batida sobre uma especie de fachina, e, recebendo o calor do fogo, adquiriu um certo grau de cosedura.

Estes pedaços d'argilla é que nos parecem provenientes da cobertura das casas. A fachina seria posta sobre travessas de madeira, apoiadas pelas suas extremidades sobre as paredes, e coberta com barro bem batido. Era o systema usado na peninsula, pelo menos, desde a primeira idade dos metaes. Lá o encontraram em Hespanha os srs. Siret [1]. Perrot et Chipiez citam-no na Grecia mycenica e na Grecia da actualidade, comprehendendo as ilhas do Mar Egeu [2]. Colonna-Ceccaldi menciona-o em Chypre, até nas casas da actualidade [3]. Schliemann encontrou-o na 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª estações de Hissarlik e ainda hoje na Troada [4].

Não podemos descobrir o verdadeiro motivo, pelo qual aquelles fragmentos foram expostos ao calor do fogo. Sem duvida o caso não foi de incendio; d'outro modo semelhantes objectos seriam mais abundantes. Lembramos comtudo a hypothese de terem pertencido á parte da cobertura, em que existisse o orificio para dar saída ao fumo.

Os pavimentos das casas estavam geralmente a $0^{m},1$ acima da base dos envasamentos ou alicerces. Provavelmente descia-se na entrada, o que parece confirmar-se por um degrau, feito de pedra e barro, encontrado dentro da casa *y*. O caso tambem não é novo. As casas do oppido de Bibracte no Monte Beuvray (França) eram meio soterradas e tinham escada interior de muitos degraus [5].

A superficie dos pavimentos era de terra argilosa, geralmente avermelhada, e em *b* (est. XVII) coberta d'areia amarella. A camada d'argila, de insignificante espessura, estava comprimida; mas não sabemos se a compressão proviera do simples piso dos moradores, ou de o solo ter sido batido. Esta ultima hypothese póde ter apoio em factos analogos observados em outras estações, como nos pavimentos das casas do referido oppido gaulez [6] e em Hissarlik [7].

Em muitas casas notou-se a lareira quasi a meio do recinto, como em *b, d, j, y* e *x*. Continha carvões, cinzas, fragmentos de louça e restos de cosinha, que assentavam sobre a argila cosida pelo fogo. Naturalmente o orificio do tecto, para dar passagem ao fumo, seria tambem ao meio, como em habitações da idade do bronze e da epocha de Hallstatt [8].

---

[1] *Les premiers âges du métal dans le sud-est de l'Espagne*, extrait de la *Revue des questions scientifiques*, 1888, pag. 11.

[2] *Hist. de l'Art* cit., t. VI, pag. 680 e segs.

[3] *Monum. ant. de Chypre*, pags. 38 e 47.

[4] *Ilios* cit., pags. 359, 360, 362, 673 e 736.

[5] *Compte-rendu* do Congresso internacional de 1900, pag. 418.

[6] *Ibid.*, pag. 418.

[7] *Ilios* cit., pags. 357, 359 e 360.

[8] *L'Anthropologie*, t. XV, n.º 6, pag. 717.

Na casa *a* nota-se uma parede que parece dividil-a longitudinalmente em duas partes desiguaes, e pelo sul uma pequena construcção de fórma trapezoidal irregular. Pensamos que a habitação seria na parte maior, onde o pavimento era igual ao das outras casas, e que as restantes eram accessorios, cujo destino não podemos determinar. Só continham terra com alguns fragmentos ceramicos, carvões e restos de cosinha, esparsos em todos os niveis.

Aquella divisão por uma parede mestra em duas partes desiguaes faz lembrar uma das casas de *Las Grajas,* em Hespanha, de que o sr. Pierre Paris nos dá a planta [1].

Não encontramos vestigios alguns de hombreiras e vergas das portas. Esta falta faz presumir que teriam sido feitas de madeira.

Intercalado na parede occidental da casa *b* descobrimos a fornalha e lar d'um forno de coser louça. Esta fornalha tinha a bocca do lado de fóra da casa, e fôra construida sobre um solo juncado de fragmentos de louça, uma pintada, outra não, igual ás louças dos trez povoados, e que se achavam enegrecidas.

Na fig. 4 (est. XVIII) damos a planta e alçado d'esta curiosa construcção. A parede circular da fornalha era feita de barro e pedra, com a espessura de $0^{m},20$ a $0^{m},30$. A bocca, guarnecida de pedras e formando arco, medía no diametro d'este $0^{m},45$.

O pavimento da fornalha era revestido com ligeira camada d'argila. Ao centro erguia-se uma especie de pilar, tambem de barro, que sustentava o lar na altura de $0^{m},50$. Este lar, onde era collocada a louça, medía no diametro apenas $1^{m},25$; e tinha uma fila circular de *agulheiros,* orificios destinados a darem passagem ao calor produzido na fornalha.

A sua estructura era interessante. Fôra formado sobre um esqueleto de vimes, revestido por cima e por debaixo com argila. Estes vimes, entrando em combustão com o calor do fogo, ajudaram a coser a massa interna do lar, ficando assim uma pequena abobada com a solidez necessaria para receber o peso da louça. Na fig. 5 (est. XVIII) representamos um fragmento d'essa abobada, em que se distinguem as impressões dos vimes. Este systema de auxiliar a cosedura interna do barro é já conhecido por outras descobertas [2].

O lar do forno estava $0^{m},40$ acima do pavimento da casa *b*. A bocca seria para dentro d'esta ou para fóra, como a da fornalha? Difficil é sabel-o. Entretanto um facto interessante foi notado — a ausencia no pavimento da casa d'essas agglomerações de fragmentos ceramicos, que são frequentes junto ás boccas dos fornos.

Pelo lado de fóra da casa, junto á bocca da fornalha, só se descobriu grande quantidade de carvões e cinzas, e no meio d'este deposito uma haste e uma ponta de ferro com alvado, representados nas figs. 10 e 12 (est. XVIII); e do nivel do lar para cima um profundo remeximento revolvera inteiramente os entulhos, de modo que nenhum indicio seguro se colheu sobre o estado primitivo da cobertura e bocca do forno.

A louça, que se cosia neste forno, devia ser a que tem um cunho local, de pasta grosseira, geralmente misturada com spatho calcareo ou grãos de quartzo, e que era usada no valle do Mondego desde a idade da pedra. A louça pintada e toda a cera-

---

[1] *Essai sur l'art et l'industrie de l'Esp. primit.*, t. I, pag. 6, fig. 5.

[2] *Ilios* cit., pag. 668.

mica fina d'estas estações vinha de fóra da localidade. O forno nem capacidade tinha para receber qualquer dos grandes vasos que nós restauramos, sobretudo porque estes exigiam uma alta e larga entrada, incompativel com tão exigua construcção. Por outro lado, se taes louças fossem fabricadas na localidade, ter-se-iam espalhado pelos arredores, e não seriam tão raras no Crasto e nos Chões.

Nem se comprehende que, se houvesse alli um fabríco tão primoroso e tão abundante, esses mestres na arte de preparar as pastas e de trabalhar com a roda continuassem a fabricar enorme quantidade de louça pelos processos primitivos!

III

Mobiliario metallico

Os metaes colligidos nos trez povoados foram o ferro, cobre, bronze e chumbo, este ultimo representado apenas por uma pequena placa enrolada em fórma de tubo e alguns restos de fundição.

Os objectos mais numerosos são os de bronze; os melhor conservados, os de cobre; e os mais deteriorados, os de ferro.

§ 1.º O ferro

O ferro era trabalhado nos nossos povoados. Em todos estes recolhemos algumas escorias de forja; e a esta especie de officinas devem ter pertencido algumas peças de barro cosido, de que representamos um exemplar nas figs. 18 e 19 (est. XVIII). Esta peça, como outra que possuimos, está incompleta; mas indica bem a fórma d'uma pyramide truncada de base quadrada, e é perfurada longitudinalmente, tendo o orificio enegrecido pelo fumo. Provavelmente serviria de tubo, ou guarneceria o tubo de ferro do folle empregado na forja.

Entre os negros Funshi, que habitam o Senuaar, entre o Nilo Azul e o Branco, «o folle consta de dois tubos de couro, pelos quaes se opprime o ar através de orificios de barro» [1]. Os hottentotes usam um folle de pelle de cabra com tubo de barro [2]. Na estação hungara de Velem appareceram, no meio de utensilios de fundição, tubos de barro que parecem ter sido destinados ao mesmo fim [3].

Ainda hoje nas forjas da Figueira o tubo de ferro, que descarrega o ar impellido pelos movimentos do folle sobre o lar, é mettido em barro, para melhor resistir á deterioração.

Das peças de ferro recolhidas nos carvões, que estavam junto á bocca da fornalha intercalada na parede da casa *b* (figs. 10 e 12, est. XVIII), só a uma (fig. 12) podemos attribuir um destino provavel. A sua fórma ponteaguda e o alvado da base indicam que poderia ser a ponta d'uma arma de arremesso.

---

[1] ARANZADI, *Etnografia*, pag. 75.
[2] *Ibid.*, pag. 141.
[3] *L'Anthropologie*, t. XVI, n.º 1, pag. 79.

Este objecto recorda uma ponta de ferro com alvado, que vimos no Museu Prehistorico de Genébra, em uma vitrina com a inscripção — *Age du fer*.

Peça semelhante, mas mais grossa, foi encontrada nas excavações que fizemos junto ás escadas de pedra, que dão accesso ao outeiro; e pelo seu volume e peso parece ter servido a guarnecer a base d'alguma lança (fig. 7, est. XVIII), á maneira dos gregos, gaulezes e romanos [1]. No Museu de *Saint Germain,* sala IX, vitrina 3, contendo antiguidades gaulezas, notamos uma d'estas bases de lança, mas com espigão, em vez de alvado; e na sala XIII, vitrina 6, entre o mobiliario do Monte Beuvray, outras peças analogas com alvado. No atlas da Champagne subterranea do sr. Morel figura tambem uma base de lança, em ferro, igual á nossa [2].

No terreno remexido, acima do nivel do lar do forno, appareceu o ferro da fig. 9 (est. XVIII), ponta alongada de secção quadrangular, mas arredondada na base, onde tem o alvado. Devia ser uma arma. Vimos objectos semelhantes no Museu de *Saint Germain,* sala VII, vitrina 25, contendo antiguidades marneanas, e sala XIII, vitrina 17, contendo mobiliario gallo-romano.

Outros exemplares d'estes objectos foram recolhidos em diversos sitios dos nossos povoados, mas sempre em terrenos que soffreram remeximentos.

Nas excavações, junto ás referidas escadas de pedra, appareceu o ferro da fig. 8 (est. XVIII). É fragmento d'uma lamina com cabo ou espigão. Pertenceria a alguma ponta de lança? Não ousamos affirmal-o.

Junto á parede *u,* além d'um fragmento de lamina muito oxydado, encontrou-se o ferro da fig. 6 (est. XVIII). Parece o cabo d'algum utensilio. Visto na posição que indica o desenho superior, dir-se-ia o espigão d'uma espada; mas na posição do desenho inferior esta hypothese facilmente se desvanece.

No povoado superior, casa *o,* appareceram os fragmentos de podão ou fouce da fig. 14, os fragmentos de cutello ou foução da fig. 15, o objecto da fig. 16 e o cabo d'osso d'outro utensilio, contendo um espigão de ferro, da fig. 17 (est. XVIII); na casa *x* a haste cylindrica da fig. 11; e na casa *y* a cavilha representada na fig. 13 (est. XVIII). Esta ultima peça lembra as grandes cavilhas de ferro do Monte Beuvray e dos oppidos *Puy d'Issolud* (Musens, communa de Cras) e de *Saint Pierre en Châtre* (Oise), que vimos no Museu de *Saint Germain,* sala XIII, vitrinas 8, 17 e 21.

§ 2.º **Cobre e bronze**

Em nenhuma das casas dos trez povoados recolhemos escorias bem caracterisadas de fundição do cobre ou do bronze. D'este ultimo metal appareceram uns restos informes, com mistura de particulas de ferro e outras impurezas, junto ás alludidas escadas de pedra; mas não nos parecem bastantes para se affirmar que os habitantes dos povoados fundiam os objectos de bronze que usavam. Nem descobrimos alli vestigios alguns de moldes de fundição: neste sentido todas as nossas pesquizas foram estereis.

Assim o mobiliario de cobre ou bronze devia ter sido importado de outros logares.

---

[1] RICH, *Diction.*, v. *spiculum*, 3.

[2] Est. I, fig. 3.

A) *Arma*—Junto ao angulo subsistente da casa *f* recolhemos o bronze, muito oxydado, da fig. 20 (est. XVIII). É um fragmento de ponta de lança, com nervura longitudinal de secção quadrangular, que devia terminar inferiormente por um espigão. Ainda no tempo de Estrabão, em plena epocha romana, os lusitanos se serviam d'estas armas de bronze [1].

B) *Fibulas*—Quasi todos os restos de fibulas que recolhemos nos trez povoados são de bronze. Só os exemplares das figs. 24 e 28 (est. XIX) são de cobre.

Todas as cabeças têem a fórma de T, como se mostra nas figs. 21, 23 a 26 e 28 a 30 (ests. XVIII e XIX); e o unico pé inteiro que encontramos, é revirado para cima e toca no arco, a que parece estar ligado apenas pela oxydação.

É o typo geral das fibulas marneanas ou da Tène I, primeiro periodo da 2.ª idade do ferro [2]. Basta confrontal-o com os desenhos de muitas que se acham no atlas da *Champagne souterraine* do sr. Morel [3], para obter a certeza d'esse facto [4]. Vimos numerosos exemplares no Museu de *Saint Germain*, sala VII, vitrina 8, provenientes da propria Marne.

Em quasi todas as cabeças uma cavilha fórma a haste transversal do T, na qual se enrola em espiral o prolongamento filiforme do arco, como se vê nas figs. 21, 23 a 26 e 29 das ests. XVIII e XIX. O mesmo facto se nota na fig. 24 da est. III do atlas do sr. Morel. No da nossa fig. 21 essa cavilha parece estar coberta por um fio enrolado, sobre o qual se enrola tambem o prolongamento do arco.

Nos exemplares das figs. 21, 23 e 25 nota-se ainda uma particularidade curiosa: é que o fusilão não começa junto do ponto onde termina o arco, mas em um ponto mais distante.

Os arcos apresentam secção cylindrica, como nas figs. 23 e 27, ou em segmento de circulo, como na fig. 22, ou rectangular e achatada, como nas figs. 21, 25 e 26; ou são em fórma de folha, ora alongada, ora curta e larga, como nas figs. 24, 28 e 29.

As fibulas com o arco em fórma de folha e cabeça em T appareceram na citania de Briteiros, em Sabroso [5] e nos Quintos [6]. Em Hespanha foram encontradas nas estações ibero-punicas dos Alcores com a de arco de secção rectangular e achatada [7]. Com a cabeça em T se recolheram tambem alguns exemplares em uma das necropoles da Carthago punica [8].

C) *Alfinetes*—Encontramos trez alfinetes inteiros, feitos de bronze, que pelas suas dimensões parecem ter servido para os cabellos. O da fig. 33 (est. XIX) tem secção circular; e a sua cabeça é formada pelo enrolamento da propria haste. Este typo d'al-

---

[1] *Geograph.*, liv. III, cap. III, § 6.º

[2] DAREMBERG et SAGLIO, *Diction.*, v. *fibule*, XVI, pag. 2008.

[3] *Planches* III, XIII, XIV, XVIII, XXII, XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XXIX, XXXIV, XXXVI, XL e XLI.

[4] Vej. tambem *L'âge du fer*, por M. ED. FOURDRIGNIER, no *Bulletin de la Société Préhistorique de France*, t. I, pags. 215 e 228.

[5] *Compte-rendu* do Congresso internacional de 1880, est. II, fig. 6; CARTAILHAC, *Les Ages préhist. de l'Esp. et du Port.*, pag. 277, fig. 399; *O Archeol. Port.*, vol. VIII, pag. 19, fig. 5 e n.º 1.

[6] *O Archeol. Port.*, vol. VIII, pag. 163, fig. 1.

[7] BONSOR, *Les colonies agric. pré-rom. de la vallée du Bétis*, pag. 26, fig. 6, e pag. 82, fig. 97.

[8] *La nécropole pun. de Douïmès, fouilles de 1895-1896*, pags. 64 e 85.

finetes parece ser antiquissimo, poisque apparece no mobiliario da idade do bronze em França [1], na Allemanha [2], na Bohemia [3] e nas estações pre-mycenicas de Hissarlik [4].

Os das figs. 31 e 32 (est. XIX) têem a cabeça conica. Esta fórma é tão antiga como a anterior. Encontra-se tambem em Hissarlik [5] e nas estações da idade do bronze da França [6], da Allemanha [7] e da Bohemia [8].

Recolhemos ainda outras hastesinhas de bronze, que podem ser fragmentos de alfinetes. Taes nos parecem as das figs. 16 (est. XVIII) e 34 a 37 (est. XIX).

O objecto da fig. 38 (est. XIX) é uma grande haste ponteaguda de cobre, achatada, de secção quadrangular. Corresponde perfeitamente, salva a falta de remate superior, ás descripções e desenhos que Estacio da Veiga nos deixou dos celebres *estoques* das sepulturas do Alemtejo, descobertos pela primeira vez por Frei Manoel do Cenaculo [9]. O illustre sabio francez sr. Cartailhac sustentou que estas peças podiam bem ser verdadeiros alfinetes de cabello, confrontando-as com outras encontradas em diversas estações prehistoricas da Europa; mas não repelliu absolutamente a hypothese de haverem tido outro destino. Eis como elle concluiu:—«Enfin, elles pouvaient être utilisées à des usages domestiques inconnus» [10].

É a um uso domestico que, de facto, outros sabios as julgam destinadas. A proposito d'um objecto semelhante, encontrado em um *tumulus de Lemainville,* pertencente ao periodo marneano ou da Tène I, o sr. Conde J. Beaupré apresentou á Sociedade Prehistorica de França um trabalho, em que demonstra que esse e outros objectos similares deviam ser simples espetos para assar as carnes [11]. Temos no Museu da Figueira espetos de ferro, bastante longos e de secção quadrangular, que ainda na primeira metade do seculo XIX serviam a este destino, e que apoiam a interpretação do sr. Beaupré.

D) *Braceletes*—No angulo da casa *f* (povoado inferior) encontramos o bracelete fechado de bronze, que representamos na fig. 44 (est. XX); e na viella *z* o bracelete aberto de cobre representado na fig. 47 (est. XX). Este ultimo está partido, mas os dois fragmentos conservam-se ligados por uma parcella filiforme do proprio metal, que não chegou a romper-se. Fragmentos de braceletes tambem nos parecem ser os objectos das figs. 41 e 42 (est. XX), recolhidos no povoado inferior.

Todos estes objectos têem secção circular, excepto o da fig. 42, que, em parte, é quadrangular; e são lisos, apresentando o da fig. 47 um ligeiro entumecimento junto ás extremidades.

---

1 *L'Anthropologie,* t. XVI, n.os 4 e 5, pags. 451 e 462.

2 *Ilios* cit., pag. 313.

3 *L'Anthropologie,* t. XII, n.os 3 e 4, pag. 413 e segs.

4 *Ilios* cit., pags. 311 e 312, figs. 120 a 130, pag. 643, figs. 1020 e 1021, e pag. 726, fig. 1333.

5 *Ibid.,* pag. 645, figs. 1035 e 1044.

6 MORTILLET, *Musée Préhist.,* est. 88, fig. 1040.

7 *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethn. und Urgeschicht, december 1887,* pag. 681.

8 *L'Anthropol.* cit., t. XII, n.os 3 e 4, pag. 413 e segs.

9 *Antig. mon. do Algarve,* t. IV, pag. 197 e segs.

10 *Les Ages préhist.* cit., pag. 262 e segs.

11 *Bulletin,* t. I, pag. 105 e segs.; *L'Anthropologie,* t. XVI, n.º 1, pag. 76.

Semelhante fórma, tão simples, parece ser de todas as epochas prehistoricas do metal e de todos os paizes. *Acha-se no mundo inteiro,* diz J. Evans, *e foi necessariamente adoptada por toda a parte onde se tornou moda trazer no braço um fio metallico espesso* [1]. Ella subsistia ainda na segunda idade do ferro em França, como provam os exemplares recolhidos nas sepulturas gaulezas da Marne [2]; e o rev. P. Delattre encontrou-a nas necropoles da Carthago punica [3].

A mesma fórma simples notamos em braceletes, tanto da idade do bronze como da idade do ferro, existentes no Museu Prehistorico de Genébra, e em muitos exemplares da idade do ferro na Italia, archivados no Museu Prehistorico de Roma, e que são provenientes de tumulos da communa d'Este.

E) *Anneis*—Os anneis das figs. 43, 45 e 46 (est. XX) parecem ser todos de bronze; e apresentam a fórma mais simples. São pequenas argolas de secção circular, medindo no diametro interno 0^m,018 a 0^m,022. O da fig. 43 appareceu no angulo da casa *f*.

Como os braceletes do mesmo typo, estes anneis são vulgares desde a idade do bronze [4] até á segunda idade do ferro [5]; e apparecem tanto nas estações ibero-punicas dos Alcores [6], como nas necropoles da propria Carthago [7].

F) *Arrecadas*—Destinados a adornarem as orelhas nos parecem os objectos representados nas figs. 48 e 50 (est. XX). O da fig. 49 é manifestamente o fragmento d'uma peça semelhante á da fig. 48.

Esta ultima é feita d'um fio de cobre, formando argola, aguçado numa das extremidades, sem duvida para melhor penetrar no orificio do lobulo da orelha. A sua fórma, verdadeiramente primitiva, encontra-se em Hissarlik [8], como nas estações do bronze do sueste da Hespanha, exploradas pelos srs. Siret [9], e nas estações ibero-punicas dos Alcores. Um exemplar recolhido pelo sr. Bonsor é feito de fio de cobre, como os nossos [10].

Segundo as descobertas do rev. P. Delattre, os carthaginezes usavam estas argolas não só nas orelhas, mas na cartilagem media do nariz [11].

---

[1] *L'Age du bronze,* trad. de BATTIER, pag. 412 e segs.; *Ilios* cit., pag. 577, fig. 756, e pag. 652, fig. 1068; CASALIS DE FONDOUCE, *La cachette de fondeur de Launac,* est. V, fig. 13; *Musée Préhist.* cit., pag. 71, fig. 735; *Les premiers âges du métal dans le sud-est de l'Espagne* cit., pags. 50 e 51.

[2] MOREL, *Planches de la Champagne souterraine,* est. III, figs. 11 e 17, est. XIV, fig. 10, est. XVII, figs. 9 e 15, est. XXV, fig. 4, est. XXVII, fig. 7, e est. XXIX, figs. 19 e 20.

[3] *La nécrop. pun. de Douïmès, fouilles de 1893-1894,* pag. 14, fig. 23, e pag. 23, fig. 41.

[4] *Musée Préhist.* cit., est. LXXXVIII, figs. 1054 e 1055. Vimos alguns exemplares no Museu Prehistorico de Genébra.

[5] *Ilios* cit., pag. 645, figs. 1042, 1047 e 1048, e pag. 753, fig. 1462; *La cachette de fond.* cit., est. V, fig. 14; SIRET, obra cit., pags. 24, 50 e 51; *Planches* cit., est. XIV, fig. 4, e est. 17, figs. 6 e 11.

[6] BONSOR, *Les colonies agric. pré-rom.,* pag. 82, fig. 100.

[7] *La nécropole pun. de Douïmès, fouilles de 1893-1894,* pag. 16, fig. 29; *La nécr. pun. voisine de Sainte Monique, deuxième trim. de fouilles,* pag. 6.

[8] *Ilios* cit., pag. 618, fig. 910, e pag. 632.

[9] Vej. algumas das estampas da obra d'estes auctores.

[10] BONSOR, obra cit., pag. 73.

[11] *La nécrop. punique de Douïmès, fouilles de 1895-1896,* pags. 98 a 100; *Musée Lavigerie,* pags. 84 e 85, e est. XII, figs. 4 e 5.

O exemplar da fig. 50 tem a fórma de crescente. Uma ou ambas as extremidades deviam ter um prolongamento filiforme, para se suspender na orelha.

Este typo era tambem usado pelos carthaginezes. O rev. P. Delattre dá o desenho d'um exemplar recolhido em uma sepultura da necropole punica de Santa Monica [1], e d'outro, mais completo, com prolongamento filiforme d'uma extremidade e tendo pendente um pequeno adorno em fórma de lanterna, por elle encontrado na necropole de Douïmés [2]. Este ultimo é semelhante ao que se acha entre as joias chypriotas da sala A dos vasos antigos do Louvre, e ao da fig. 581 da *Histoire de l'Art* dos srs. Perrot et Chipiez, tomo III, attribuido á arte phenicia [3].

Entretanto estamos longe de pretender que a fórma da nossa arrecada represente uma influencia caracteristicamente punica. Essa fórma já existia, em exemplares chatos ou roliços, ôcos ou massiços, durante a idade do ferro na Europa, longe das influencias punicas, como provam os achados na Marne [4], em Salins (Jura) [5], na Albania [6] e na Bohemia [7]; e parece ser vulgar tanto nas estações de transição de Hallstatt para a Tène I, como nos tumulos da epocha d'Alaise [8]. Deve até ser mais antiga do que o ferro, visto que se encontra nas estações pre-mycenicas de Hissarlik [9].

G) *Pinças*—Na casa *x* (povoado superior) recolhemos a pequena pinça de bronze, representada na fig. 52 (est. XX). Tem adherentes um annel, inteiramente oxydado, que parece ter sido de prata. Nos outros povoados encontraram-se exemplares semelhantes, um dos quaes está representado na fig. 51 (est. XX).

No povoado medio foi recolhida uma pinça maior, feita de cobre, com argola de suspensão e annel de corrediça (fig. 53, est. XX).

As primeiras têem-se encontrado em outras estações da idade do ferro na Europa; e a sua origem remonta á idade do bronze. Ha exemplares recolhidos na Escandinavia [10], Inglaterra [11], França e Suissa [12], e na Italia [13]. O illustre sabio sueco sr. Oscar Montelius considera estes utensilios, na idade do bronze, como destinados á costura das pelles, servindo a puxar o fio pelos orificios abertos com ponções ou sovélas; mas, com relação a objectos similares da idade do ferro, lembra a hypothese de que seriam

---

1 *La nécrop. pun. vois. de Sainte Monique, deuxième trim. des fouilles*, pag. 15, fig. 31.

2 *La nécrop. pun. de Douïmés, fouilles de 1893-1894*, pag. 26, fig. 47. Vej. tambem *Musée Lavigerie*, pag. 227, e est. 32, fig. 9.

3 Vej. pag. 822.

4 MOREL, *Planches* cit., est. III, fig. 14.

5 *L'Anthropologie*, t. XV, n.os 3 e 4, pags. 304 e 305.

6 *Compte-rendu* do Congresso internacional de 1900, pag. 395, figs. 3 e 4.

7 *L'Anthropologie*, t. XII, n.os 3 e 4, pag. 421, fig. 10-D.

8 *Ibid.*, t. XV, n.os 3 e 4, pag. 304.

9 *Ilios* cit., pag. 314, fig. 140, pag. 615, figs. 894 e 895, pag. 618, figs. 904 e 905, e pag. 627, figs. 947 e 948.

10 O. MONTELIUS, *Les temps préhist. en Suède*, trad. de S. REINACH, pags. 75 e 174.

11 J. EVANS, *L'Age du bronze*, trad. de BATTIER, pags. 207 e 208, e fig. 229.

12 *La cachette de fondeur de Launac* cit., pag. 10, e est. X, fig. 7; MORTILLET, *Musée Préhistorique*, est. LXXXVII, figs. 1018 e 1019.

13 *Pinzetta di bronzo di terramaricoli nel Forlivese*, estratto del *Bullettino di paletnologia italiana*, 22.° anno, n.os 10 e 12, 1896; *Bulletino* cit., 26.° anno, n.os 1 a 3, pag. 25 e segs.; *Di un sepolcreto scoperto presso Bologna*, tav. VI, figs. 11 e 12.

destinados a arrancar os cabellos da barba [1]. A primeira d'estas hypotheses é preferida por outros sabios, como o sr. John Evans [2] e Casalis de Fondouce [3]; e é tambem a que nos parece mais provavel.

A outra pinça (fig. 53), mais perfeita e segura, poderia até servir para operações cirurgicas.

Esta especie d'utensilios apparece tambem em Carthago [4].

H) *Botão?*—Na casa *l* (povoado medio) recolhemos o objecto da fig. 57 (est. XX). É um disco de bronze muito oxydado, tendo um umbão ao centro da face superior, e guarnecido em volta, junto ao bordo, com orificios. Na face inferior tem um largo pé, em fórma de aselha, feito com um fio do mesmo metal. Seria um simples botão, ou algum ornamento de applicação? Não sabemos. O que é certo é que elle nos faz lembrar certas peças discoides de bronze encontradas nas necropoles gaulezas da Marne [5].

I) *Objectos diversos*—O objecto da fig. 54 (est. XX), ornado a meio com canneluras transversaes e nodosidades, termina em uma das extremidades por uma pequenina pá. Pensamos que é um d'esses instrumentos a que os archeologos francezes chamam *cure-oreilles,* e que se encontram nas estações da idade do ferro [6], incluindo as necropoles da Carthago punica [7].

A peça representada na fig. 58 (est. XX), encontrada na casa *l,* tem precisamente a fórma dos nossos palitos dos dentes. Seria uma sovéla ou punção, que se fixasse em algum cabo pela sua extremidade achatada? Difficil é sabel-o.

Este objecto não é novidade na sciencia. Exemplares semelhantes têem sido encontrados em França e na Allemanha; e parece pertencer ao mesmo typo do que figura na *Portvgalia,* tomo I, pag. 827.

Os srs. de Mortillet dão-lhes a classificação de punções [8].

O da fig. 59 (est. XX) é uma haste de bronze, terminando d'um lado em cabeça d'animal, e do outro por uma lamina acuminada como a folha d'um canivete, e que se acha partida. Seria, na verdade, um instrumento cortante com cabo? A affirmativa é muito verosimil.

Este ornato em cabeça d'animal tem similar no mobiliario dos tumulos da Marne [9].

Na fig. 55 (est. XX) representamos outro objecto que parece a asa movel d'um vazo de metal ou de madeira. É achatado na parte media, mas de secção quadrada para as extremidades, e termina d'um lado por uma cabeça e collo de cysne, estando partido do lado opposto.

---

[1] MONTELIUS, obra e log. cit.

[2] EVANS, obra cit., pag. 207.

[3] *La cachette de fondeur* cit., pag. 10.

[4] REV. P. DELATTRE, *La nécrop. des Rabs, Prêtres et Prêtresses de Carthage, deuxième année de fouilles,* pag. 16.

[5] MOREL, *Planches* cit., est. X, figs. 3, 11 e 16, est. XXV, fig. 1, e est. XXVII, fig. 9.

[6] MONTELIUS, obra cit., pag. 179; *Bulletino* cit., 26.º anno, n.os 1 a 3, pag. 25 e segs.; GOZZADINI, obra cit., pag. 31, e est. VII, n.º 27.

[7] *La nécrop. pun. de Douïmés, fouilles de 1895-1896,* pags. 32, 107 e 146.

[8] *Musée Préhist.* cit., est. LXXVII, figs. 824 e 827.

[9] *Planches* cit., est. XXXVII, fig. 1.

Este ornato existe no pé d'uma fibula de typo marneano do Museu de Beja [1], e em outras provenientes das sepulturas gaulezas da propria Marne [2], e não é raro no mobiliario metalico das necropoles da Carthago punica [3].

A fig. 56 (est. XX) representa o fragmento d'um prego de bronze. Este objecto é vulgar nas necropoles carthaginezas [4].

O objecto da fig. 61 (est. XX), feito d'uma placa de bronze com furos e annel de suspensão, indica que serviria de guarnição a algum objecto que andava suspenso. De guarnição era tambem o da fig. 64 (est. XXI), cortado d'uma placa de bronze, com dois orificios, em um dos quaes se conserva a cabeça d'um prego do mesmo metal.

O da fig. 60 (est. XX) tem secção circular, e é ornado de traços tranversaes, terminando d'um lado por um lozango furado no meio, e na extremidade opposta por uma lamina acuminada. Ignoramos o destino d'esta singular peça, que devia andar ligada a outro objecto; como ignoramos o das hastes de bronze das figs. 39 e 40 (est. XIX) e dos objectos do mesmo metal das figs. 62, 62-A (est. XX), 65 e 82 (est. XXI). Este ultimo é uma folha de cobre ou bronze enrolada, com um orificio; e o anterior é uma pequena e fina placa toda furada.

Além dos objectos que ficam mencionados, recolhemos muitos fragmentos de placas de bronze. Ajustando alguns, surgiram umas curvas que fazem lembrar as da perna. Serão restos de *grévas,* com que os antigos guerreiros protegiam as pernas? Não sabemos. A hypothese, comtudo, não é inverosimil, porque os lusitanos usavam essa defeza [5], como os outros iberos [6].

§ 3.º **Chumbo**

Como dissemos, só um artefacto de chumbo foi recolhido nos nossos povoados. É o objecto da fig. 63 (est. XX), que consiste em uma placa enrolada em fórma de tubo.

Temos no Museu da Figueira objectos semelhantes, usados na actualidade. São pesos de rede, que se enrolam nas respectivas cordas, muito vulgares entre os pescadores da nossa região.

---

[1] *O Archeol. Port.,* vol. VIII, pag. 163.

[2] *Planches* cit., est. III, fig. 19, e est. XXIX, fig. 23.

[3] *Nécrop. pun. vois. de Sainte Monique, premier mois de fouilles in Cosmos,* 48.º anno, n.º 760, pags. 240 e 243, 49.º anno, n.º 793, pag. 434, figs. 39 e 40, e n.º 809, pag. 113, *2.º trimestre des fouilles,* 1898, pag. 11, figs. 21 a 22, pao. 21, figs. 44 a 46, pag. 27, fig. 60; *Musée Lavigerie,* pag. 211, e est. XXX, fig. 6; *La nécrop. des Rabs* cit., pag. 17, fig. 35.

[4] Vej. *Nécrop. pun.* cit.; *Cosmos,* 48.º anno, n.º 757, pags. 145, 146 a 149, n.º 760, pag. 242, 49.º anno, n.º 806, pag. 21, e n.º 808, pag. 85; *2.º trimestre des fouilles,* 1898, pags. 4, 5, 8, 16, 17 e 26; REV. P. DELATTRE, *La nécrop. des Rabs, Prêtres et Prêtresses de Carthago, 2.º année des fouilles,* pag. 16.

[5] ESTRABÃO, obra cit., t. I, pag. 252.

[6] PIERRE PARIS, obra cit., t. I, pags. 229 e 230, fig. 316.

IV

A ceramica

A ceramica foi abundante e variada em todos os povoados. Só um pequeno vaso appareceu inteiro; mas os fragmentos extrahidos, comprehendendo os que se inutilisaram, formavam um volume d'alguns metros cubicos.

Com os fragmentos conseguimos restaurar mais de cincoenta vasos de todos os typos e dimensões, desde a pequenina taça até ao grande pythos, desde o vaso de mais grosseira pasta até ao da mais fina.

Este facto, como já notamos, seria devido a que muitos vasos foram quebrados pouco antes ou por occasião do abandono e ruina de cada um dos povoados, e os seus fragmentos ficaram sepultados nos entulhos, sem que soffressem remeximento ou deslocação.

Em todos os trez povoados os typos da ceramica, quanto á estructura apparente das pastas, aos processos de fabríco e ás fórmas, são geralmente os mesmos. Entretanto o vaso em fórma de barril e a amphora ou urna do typo Cruz del Negro, só appareceram nos povoados inferior e medio; e na casa *x* (povoado superior) foram recolhidos fragmentos de louça pintada, que denunciam já certa decadencia no fabríco d'esta especie de ceramica.

Duas grandes séries se destacam em todas essas louças recolhidas em cada um dos povoados. Uma compõe-se de vasos de pasta grosseira, de typo absolutamente primitivo; e a outra, de vasos de pasta purificada, bem cosida e trabalhada á roda.

Vamos occupar-nos de cada uma d'ellas separadamente; e depois trataremos de outras séries, menos importantes na quantidade das peças, mas não no valor archeologico.

§ 1.º Ceramica indigena de typo primitivo

As louças da primeira série são muito abundantes. Ellas apresentam geralmente os caracteres seguintes: 1.º, pasta de terra impura; 2.º, mistura propositada na pasta de spatho calcareo triturado ou de grãos de quartzo; 3.º, fabríco á mão, isto é, sem intervenção da roda; 4.º, cosedura imperfeita.

Estes caracteres são precisamente os das louças neolithicas da região [1]; o que prova, sem a menor duvida, que até no tempo dos nossos povoados, em plena idade do ferro, a industria ceramica se mantinha quasi no seu estado primitivo, entre as populações do valle inferior do Mondego.

Assim representa esta ceramica o fabríco local, pelos proprios moradores, para os usos mais vulgares, e sobretudo para os da cosinha; o que é confirmado não só pela sua abundancia, mas pelos numerosos pedaços de spatho calcareo recolhidos nas ruinas, pela descoberta do forno no povoado inferior, e pela grande quantidade de fragmentos que apresentavam na superficie externa vestigios d'exposição ao fogo.

---

[1] Vej. *Antiguidades prehist. do concelho da Figueira.*

Pensamos que a pasta d'estas louças era ás vezes misturada com palha. No deposito de rebotalhos junto ás escadas de pedra recolhemos fragmentos, de que representamos um exemplar, contendo parte do fundo e do corpo d'um vaso, na fig. 66 (est. XXI). Na face interna B e na externa C apresenta as impressões das palhas, e na fractura A, os orificios deixados por aquellas que foram misturadas no interior da pasta.

Ou para augmentar a cohesão d'esta, ou para favorecer, pela combustão dos vegetaes, a cosedura, é certo que este processo, de que não temos encontrado vestigios nas louças neolithicas, apparece no Oriente, em estações da Chaldéa primitiva [1].

A fórma mais commum nesta louça é a que indicam as figs. 67, 68, 69, 70 e 72 (est. XXI). A bocca é geralmente larga e o labio ou bordo recurvado para fóra, o corpo ellipsoidal e o fundo chato. O da fig. 69 provém do povoado superior, casa *x*, os das figs. 67 e 70 do povoado medio, o da fig. 68 do povoado inferior, e o da fig. 72 do deposito de rebotalhos junto ás escadas de pedra. As figs. 70 e 72 representam apenas a metade superior dos vasos, unica que foi possivel restaurar, e o vaso da fig. 68 tem todo o fundo e uma parte do bojo restaurados a gesso.

O que indica maiores dimensões é o da fig. 72; e os numerosos fragmentos do mesmo typo, recolhidos em todos os povoados, provam que estas peças maiores eram communs.

A asa não apparece nesta fórma de vasos, a não ser em exemplares minusculos.

A fig. 71 (est. XXI) apresenta uma modificação do typo vulgar. É maior a curvatura do bojo; e em consequencia, para o lado do fundo, o vaso torna-se mais elegante.

O fragmento da fig. 80 (est. XXI) pertence a um vaso d'outra fórma, impossivel de restaurar, mas que é provido de asa e indica um grande diametro na bocca.

O prato da fig. 81 (est. XXI) é restauração a barro crú por um fragmento do original, bem distincto no desenho, recolhido no nivel do povoado superior e em sitio onde houvera remeximento. Fazemos menção d'elle por a sua fórma ser tambem archaica, e notada por nós em pratos da *Necropoli Servici* e dos tumulos do *Podere Salbioni*, archivados no Museu Prehistorico de Roma, e em um exemplar, feito de barro amarello, existente no Museu Prehistorico de Genébra, todos pertencentes á idade do ferro.

A ornamentação só apparece em vasos da primeira fórma, e limitada geralmente ao bordo. Consiste apenas em incisões ou impressões digitaes, feitas na pasta fresca, como se vê nas figs. 75, 76, 78, 79 e 84 (est. XXI). Entretanto ha fragmentos recolhidos junto ás escadas de pedra, em que esse singelo ornato é reproduzido no corpo dos vasos, como indicam as figs. 73, 74 e 77 (est. XXI).

O ornato de incisões transversaes no bordo dos vasos existe na ceramica neolithica da caverna da Fornea, em Alcaria (Porto de Moz) e na da estação da Varzea de Lirio, concelho da Figueira [2]; e d'origem neolithica é tambem o ornato d'impressões digitaes ou pequenas incisões no bojo [3]. Ainda sob este ponto de vista a louça dos nossos povoados tem uma feição primitiva.

---

[1] PERROT et CHIPIEZ, *Hist. de l'Art*, t. II, pag. 710.

[2] Sobre a caverna da Fornea vej. a communicação feita á Sociedade Archeologica na 9.ª sessão. Da estação da Varzea de Lirio tratam as *Antiguidades prehist. do concelho da Figueira.*

[3] Vej. a communicação cit. e as *Antiguidades* cit., est. XI, fig. 153, e est. XX, figs. 277 e 278.

O sr. Bonsor tambem recolheu em estações dos Alcores, onde appareceu o ferro, louças do mesmo typo, que elle classificou como indigenas, associadas a outras de typo exotico [1].

Larga foi a sobrevivencia da primitiva pasta, misturada com spatho calcareo, entre os povos do valle do Mondego. Ella encontra-se ainda em estações da epocha romana. Descobrimol-a, trabalhada á roda, nas ruinas de Nossa Senhora do Desterro, em Montemor-o-Velho, e nas da Ademia, em Formoselho, onde as moedas romanas denunciam o 3.º e 4.º seculos da nossa era [2]. Na propria *Conimbriga* se encontram restos ceramicos com essa pasta, como se vê dos exemplares archivados no Museu da Figueira.

§ 2.º **Ceramica exotica trabalhada á roda**

A pasta d'esta ceramica é sempre purificada; e nos vasos mais pequenos attinge uma finura admiravel, que não é excedida na moderna olaria. A sua cosedura é perfeita; e os caracteres da roda são bem nitidos. Evidentemente quem manejava assim a argila não fabricava as louças de typo primitivo, de que acabamos de fallar. As fórmas protestam tambem contra um fabríco indigena na propria localidade; porque nada inteiramente semelhante se encontra nessas louças primitivas, a não serem as imitações de que adiante teremos de occupar-nos.

A primeira fórma notavel é a dos pratos de largo bordo e pequeno fundo, representados nas figs. 85 a 88 (est. XXII). Estes pratos conservam restos de pintura vermelha, e é nelles frequente o ornato de *lingoetas* a tinta branca no bordo, ou o de faxas circulares a tinta branca, vermelha-escura ou clara (fig. 88, est. XXII, e figs. 291, 292 e 303, est. XXX).

As necropoles da Carthago punica têem fornecido innumeros exemplares d'estes pratos e com pintura do mesmo estylo [3]. O proprio ornato de *lingoetas* é vulgar na ceramica d'essas necropoles [4].

Estas peças, que o rev. P. Delattre denomina *pateras,* nas necropoles carthaginezas, continham muitas vezes lampadas de barro [5]. Em alguns exemplares estas faziam corpo com elles, isto é, formavam uma só peça [6]; e este typo tambem não é raro nos nossos povoados. Nas figs. 91 (est. XXII) e 308 (est. XXX) representamos um dos fragmentos por nós recolhidos. São bem visiveis nestas figuras os restos d'um pequeno vaso, que se erguia do fundo do prato.

---

[1] *Les colonies* cit., pags. 109, 111 e 131.

[2] *Memorias sobre a antiguidade,* pags. 249 e 250; *Portvgalia,* t. I, pags. 344, 596 e segs.

[3] Vogüé, *Note* cit., pag. 15, fig. 25; *Nécropole punique de Byrsa,* pag. 7; *Les tombeaux pun. de Carthage,* pags. 6 e 7; *La nécrop. pun. de Douïmès, fouil. de 1893-1894,* pags. 3, 7, 12 e 13, fig. 21, *fouil. de 1895-1896, passim; Nécrop. pun. vois. de Sainte Monique, second. mois de fouilles, Cosmos,* 49.º anno, n.º 787, pag. 240, fig. 4; *Deuxième trimestre des fouilles,* pags. 4 e 5; *Musée Lavigerie,* pags. 172 e 174, e est. XXV, figs. 29 e 30.

[4] Vogüé, *Note* cit., est. V, fig. 2; *Cosmos,* log. cit., e n.º 789, pag. 308; *Musée Lavigerie,* est. XXV, figs. 33 a 36.

[5] Vej. as obras e logares cit. na penultima nota; e *La nécrop. des Rabats, Prêtres et Prêtresses de Carth., 2.e année des fouil.,* pag. 18, fig. 37.

[6] *Musée Lavigerie,* pag. 172.

Foi do Oriente que os carthaginezes trouxeram o modelo das suas mais antigas lampadas, que se encontram com estes pratos [1]; e de lá trouxeram tambem a propria fórma dos pratos. Na sala A dos vasos antigos do Louvre, como já notamos no preambulo d'este trabalho, vimos um exemplar com a indicação de ser proveniente de Chypre.

O bordo d'estas peças é ás vezes recurvado, como na fig. 89 (est. XXII), e outras vezes eleva-se como um tronco de cone invertido, á maneira da fig. 90 (est. XXII). Em ambos os casos ha exemplares pintados internamente com faxas circulares escuras e vermelhas, tendo no bordo o ornato de *lingoetas* brancas.

Ao prato da fig. 90 faz seguimento uma série de outros, de todos os tamanhos, em pasta vermelha, cinzenta ou quasi negra, que nós denominaremos *tronconicos,* em attenção á sua fórma geral e para commodidade da dicção, e que se acham representados nas figs. 92 a 104 e 106 (est. XXII), e 107 a 109 (est. XXIII). Só o da fig. 109 tem vestigios de pé. Os outros têem geralmente o fundo concavo, como se vê nas figs. 103 e 104. Os exemplares das figs. 105 e 110, apesar de pertencerem ao mesmo typo fundamental, pelas suas proporções devem antes denominar-se taças.

Um exemplar, feito de barro cinzento, apresenta restos d'uma asa no bordo. É o da fig. 102.

Nos Alcores encontrou o sr. Bonsor pratos semelhantes aos das nossas figs. 91, 97, 99, 100 e 102, que elle reputou louça oriental [2], e outros semelhantes aos das nossas figs. 103 e 104, que considerou como louça greco-punica [3]. Tendo-lhe nós enviado alguns fragmentos de vasos iguaes aos d'estas ultimas figuras e ainda outros pertencentes a vasos de fórma diversa, em sua carta de 3 de março de 1903, depois de especialisar os de pasta cinzenta, carregada de mica e muito dura, informou-nos que os outros abundavam na parte superior dos *tumuli* com plataforma e das *mesas,* que foram assento de povoações do tempo das guerras punicas.

Divergindo do illustre archeologo inglez, o sr. Pierre Paris reputa carthagineza a ceramica que aquelle denominou oriental [4], e de fabrico iberico a que o sr. Bonsor considerou como greco-punica [5].

Para nós todos os vasos com aquellas fórmas, recolhidos nos nossos povoados, são de origem iberica, mas fabricados por colonos carthaginezes, ou sob a influencia da olaria carthagineza. Tendo nós enviado alguns fragmentos ao rev. P. Delattre, este mandou-nos amostras da ceramica recolhida nas necropoles de Carthago, acompanhadas d'estas palavras que, com a devida venia, transcrevemos da sua carta de 7 de junho de 1901:—«Quant aux terres cuites elles diffèrent de celles que nous trouvons ici, comme vous pouvez le constater vous-même en examinant les débris que je vous envoie». Assim é fóra de duvida que as nossas louças não vieram de Carthago.

A *fórma* d'aquelles pratos é que póde ter sido importada da Africa punica, pois que ella apparece em estações da Tunisia [6].

---

[1] *Ibid.*

[2] *Les colonies* cit., pag. 113, fig. 81, e pag. 115, figs. 108 e 109.

[3] *Ibid.*, pag. 125, figs. 163 e 164.

[4] *Essai sur l'art et l'industrie de l'Esp. prim.*, t. II, pag. 129.

[5] *Ibid.*, pags. 32 e 33.

[6] *L'Anthropologie,* t. XIV, n.os 4 e 5, pag. 621, figs. 2 a 4.

Entretanto é forçoso reconhecer que, *nas suas linhas geraes*, o prato tronconico é velhissimo tanto na Europa [1], como no oriente asiatico. Schliemann encontrou-o nas estações pre-mycenicas de Hissarlik [2].

Com galba semelhante á dos nossos exemplares das figs. 104 e 109 appareceram alguns em estações da segunda idade do ferro em França, como, por exemplo, no *tumulus* de Arverne (Cantal) [3]. Vimos alguns semelhantes aos das nossas figs. 93 e 94 no Museu de *Saint Germain*, sala VI, vitrinas 1 e 13, e um desenho, representando um vaso de Hallstatt com a mesma fórma, no movel de caixilhos girantes, n.° 25, da mesma sala. Como o da nossa fig. 106, ha tambem exemplares na ceramica de Villanova, em Italia [4].

Os sabios não cessam de repetir-nos que a identidade das fórmas não prova a identidade da origem; e a verdade d'este conceito quasi que se impõe: mas a abundancia dos nossos pratos tanto em Santa Olaya como nos Alcores, onde se acham associados a artefactos com influencia punica, a semelhança apparente das pastas e do processo de fabríco provam, pelo menos, que estas estações foram contemporaneas, pertencendo todas ao periodo da influencia carthagineza.

Mas ha mais: alguns exemplares d'esses pratos são pintados internamente a vermelho, apresentando no bordo o ornato de lingoetas brancas (fig. 315, est. XXX), a que já nos referimos; e outros ha que só são pintados externamente com faxas vermelhas e brancas, de que damos um exemplo na fig. 301 (est. XXX). Esta pintura em faxas ou filetes, como tambem já notamos, era familiar á olaria carthagineza, onde as côres empregadas eram a vermelha, parda, negra, e ás vezes a branca, amarella e azul [5]; e da epocha carthagineza considera o sr. Bonsor a ceramica com pintura semelhante que recolheu nas estações dos Alcores [6].

Alguns detalhes curiosos se notam nos nossos pratos tronconicos. Um fragmento, por exemplo, apresenta restos d'um gargalo ao lado. Os bordos tomam ás vezes as fórmas que representamos nas figs. 122 a 127 (est. XXIII); e estas fórmas, como veremos, encontram-se reproduzidas na ceramica d'outras estações de Portugal. Em bastantes exemplares notam-se, a um lado, junto ao bordo, dois furos, abertos na pasta quando fresca, como em vasos da Carthago punica [7]. Elles indicam que estes vasos eram dependurados por alguma aselha de fio. Outras vezes novos furos, abertos na pasta já depois de cosida, do lado opposto aos primeiros, ou distribuidos por diversos pontos do bordo, como no vaso grande da fig. 94, indicam que taes pratos eram suspensos no

---

[1] Notamos esta fórma em louça lacustre da Suissa e da França, existente no Museu de *Saint Germain*, sala IV, vitrina 12, e sala V, vitrina 1.

[2] *Ilios* cit., pag. 499, figs. 483 a 496.

[3] *L'Anthropologie*, t. XIV, n.os 4 e 5, pag. 399 e segs.

[4] GOZZADINI, obra cit., est. IV, fig. 20.

[5] VOGÜÉ, *Note* cit., pags. 7 e 9, e ests. V e VI; *Les tombeaux pun. de Carthage*, pags. 11, 12, 15 e 16; *La nécrop. pun. de Douïmés, fouil. de 1893-1894*, pags. 11, 15, 21 e 24, e *fouil. de 1895-1896*, pags. 33, 45, 72 e 138; *La nécrop. pun. vois. de Sainte Monique, Cosmos*, 48.° anno, n.° 759, pag. 215, n.° 760, pag. 240, 49.° anno, n.° 787, pag. 240, n.° 792, pag. 405, n.° 806, pag. 20, *Deuxième trim. des fouil.*, pag. 6; *Musée Lavigerie*, est. XXV; *La nécrop. des Rabs* cit., pags. 7 e 9.

[6] *Les colonies* cit., pag. 21, n.os 1, 59, 77, 78, 95 e 139.

[7] *Les tombeaux pun.* cit., pag. 16.

sentido horisontal, para receberem quaesquer objectos. Emfim um exemplar apresenta tambem um orificio no meio do fundo, aberto depois da cosedura, talvez para escoamento de qualquer liquido.

O vaso em fórma de barril da fig. 111 (est. XXIII), de barro vermelho, apresenta na superficie externa ligeiros vestigios de haver sido pintado a branco. Os das figs. 112 e 113 (est. XXIII) são duas amphoras de barro vermelho, mais ou menos intenso, com pintura de faxas circulares a tinta encarnada. Nos das figs. 111 e 112 ha parcellas que foram restauradas a gesso.

Estes trez vasos apresentam asas, collo e bocca semelhantes. Parece manifesto que saíram da mesma fabrica.

O sr. Bonsor não encontrou nas estações ibero-punicas dos Alcores vaso algum com a fórma da fig. 111; mas recolheu muitos com a fórma d'aquellas amphoras, e pintados do mesmo modo ou de maneira semelhante, que elle reputa de typo carthaginez, pensando que o vaso barriloide tem a mesma origem, pela semelhança da bocca, collo e asas, como tudo nos expoz em sua carta de 3 de maio de 1903. Taes amphoras caracterisam a estação da *Cruz del Negro*, onde serviam de urnas cinerarias [1]. O sr. Pierre Paris reputa-as carthaginezas puras [2].

A fórma de barril, que tambem não é estranha á olaria de Carthago [3], deve ter sido trazida pelos carthaginezes do oriente mediterraneano. Ella existe em Chypre [4]; e a sua antiguidade remonta aos tempos pre-mycenicos de Hissarlik [5].

A urna ou amphora da fig. 114 (est. XXIII), de pasta vermelha, pintada com faxas e filetes encarnados e brancos, é caracterisada pela falta de collo e pelo hombro em fórma de callote espherica, a que se segue uma pequena depressão para o lado do bojo. Estes caracteres encontram-se, com ligeiras modificações, em amphoras de typo punico dos Alcores [6]. A sua fórma geral apparece tambem na ceramica da necropole de Byrsa [7].

As taças das figs. 115 a 118 (est. XXIII) são abundantissimas, e geralmente feitas de barro negro, pardo ou cinzento muito puro. A da fig. 121, de barro cinzento, é manifestamente uma variante do mesmo typo, mas rara nos nossos povoados.

A fórma das figs. 115 e 116 apparece nas estações ibero-punicas dos Alcores [8] e na Tunisia [9]. Enviamos alguns fragmentos d'estes vasos ao sr. Bonsor; e elles foram comprehendidos na ceramica dos *tumuli* com plataforma e das *mesas,* que foram occupados na epocha punica.

É certo, porém, que vasos do mesmo typo se encontram em outras estações da

---

[1] *Les colonies* cit., pag. 77, fig. 73, e pag. 83.

[2] Obra cit., t. II, pag. 129, fig. 211.

[3] *La nécrop. des Rabs* cit., pag. 5.

[4] M. Pottier, *Vases antiques du Louvre*, est. VIII, fig. 151; Perrot et Chipiez, *Hist. de l'Art*, t. III, pag. 691, fig. 496.

[5] *Ilios* cit., pag. 488, fig. 449.

[6] *Les colonies* cit., pag. 113, fig. 98.

[7] Vogüé, *Note* cit., pag. 15, fig. 21.

[8] *Les colonies* cit., pag. 113, figs. 99 e 100.

[9] *L'Anthropologie*, t. XIV, n.os 4 e 5, pag. 621, fig. 5.

Europa [1]: vimos alguns da idade do ferro no Museu de *Saint Germain,* sala VI, vitrina 4.

A fig. 119 (est. XXIII) representa a parte restaurada d'um vaso de barro pardo muito fino. O da fig. 120 é de barro vermelho, e conserva vestigios de ter sido externamente todo pintado de encarnado.

As amphoras restauradas das figs. 128 a 131 (est. XXIV), todas pintadas de branco, distinguem-se pelos caracteres seguintes: fórma ovoide, hombro e fundo convexos, falta de collo, bocca guarnecida apenas por um engrossamento do bordo, e asas massiças, de secção circular, bastante fortes. São os caracteres typicos de certas amphoras de feição punica, recolhidas pelo sr. Bonsor nas estações dos Alcores [2].

A sua origem é na verdade carthagineza; mas foram combinados de diverso modo e até modificados pela olaria peninsular. A amphora da fig. 4 (est. XXV), do *Musée Lavigerie,* é menos alongada do que as nossas, e não tem, como estas, bem acentuada a depressão entre o hombro e o bojo. A amphora de Byrsa [3] tem a bocca como as nossas, hombro convexo, mas menos desenvolvido do que o d'estas, e apresenta aquella depressão; mas o fundo é chato, em vez de convexo. A amphora da necropole de Santa Monica [4], alongada e de fundo convexo, só se afasta da nossa fig. 131 em ter o hombro menos desenvolvido e apresentar menor curvatura no perfil do bojo. Emfim, se tomarmos para comparação a amphora carthagineza com cauda, por exemplo, a que está representada na fig. 5 da obra *Nécropole punique voisine de Sainte Monique, deuxième trimestre des fouilles,* do rev. P. Delattre, pag. 4, supprimindo a cauda, o vaso só differe dos nossos no menor desenvolvimento do hombro e na fórma das asas.

Evidentemente ha um *ar de familia* entre todos estes vasos; mas os nossos apresentam originalidade na imitação, que indicam claramente o fabríco iberico.

As amphoras de fundo convexo só podiam manter-se na posição vertical, sendo o fundo mettido na terra ou assente em annel de barro, pedra ou madeira. Recolhemos fragmentos d'estes supportes annullares de barro cosido, que representamos nas figs. 165 (est. XXVI), 255 e 256 (est. XXVIII). O sr. Bonsor tambem os encontrou nos Alcores [5], e o rev. P. Delattre na necropole de Douïmés [6].

De resto o uso d'estes supportes é antiquissimo. Vimos exemplares na ceramica neolithica lacustre da Suissa, existente no Museu de *Saint Germain,* sala IV, vitrina 18-B, e outros da idade do bronze no Museu Prehistorico de Genébra. Schliemann dá noticia de objectos semelhantes em Hissarlik [7].

Pensamos que nos povoados de Santa Olaya tambem existiu a amphora punica de cauda, e até a amphora terminando inferiormente em bico, que tambem foi usada pelos

---

[1] *Ibid.,* pag. 399 e segs.; *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte,* março de 1887, est. III, vaso invertido da fig. 26.

[2] *Les colonies* cit., pag. 113, figs. 98 e 102.

[3] VOGÜÉ, *Note* cit., pag. 15, fig. 21.

[4] *Cosmos,* 49.° anno, n.° 787, pag. 239, fig. 2. Vej. tambem o 48.° anno, n.° 760, pag. 242.

[5] *Les colonies* cit., pag. 113, fig. 93.

[6] *La nécrop. pun. de Douïmés, fouilles de 1893-1894,* pag. 5.

[7] *Ilios* cit., pags. 446, 447 e 555, fig. 685, pag. 670, fig. 1079, e pag. 722, fig. 1310.

carthaginezes [1]. A estes vasos pertencem sem duvida os objectos de barro das figs. 135 e 136 (est. XXIV).

A amphora da fig. 132 (est. XXIV), de barro vermelho pintado com faxas e filetes encarnados e negros, só differe das anteriores (figs. 128 a 131) em ter maior bocca e bojo e o fundo concavo ou de garrafa, em vez de convexo. Pertence ao mesmo typo o vaso incompleto da fig. 134 (est. XXIV), de barro vermelho, sem pintura, e com asas de cannelura longitudinal.

A amphora da fig. 130 (est. XXIV), de barro vermelho, sem pintura, com o fundo concavo, apresenta tambem a fórma ovoide e a mesma falta de collo.

Evidentemente todos estes vasos são variantes d'um mesmo typo. Este reproduz-se ainda nos grandes *pythoi* de quatro asas das figs. 137 e 138 (est. XXIV), no de trez asas da fig. 139 (est. XXIV) ou no de duas asas da fig. 140 (est. XXV), assim como nos mais pequenos, de que apresentamos um exemplar na fig. 141 (est. XXV). Todos estes vasos, feitos de pasta vermelha, pintados com faxas e filetes encarnados e brancos ou negros (figs. 295 e 298, est. XXX), quasi não têem collo, e apresentam na bocca um pequeno rebordo. Elles recordam os grandes recipientes ovoides da *Cruz del Negro,* que o sr. Bonsor comprehende na ceramica de typo oriental [2], ceramica que o sr. Pierre Paris, como vimos, reputa carthagineza.

Mas, se a ornamentação e certas particularidades da fórma são punicas, o fabríco é ainda iberico. Enviamos ao rev. P. Delattre desenhos da amphora da fig. 132 e do *pythos* da fig. 138; e eis o que elle nos expôz na sua mencionada carta de 7 de junho de 1901:—«Nous ne trouvons pas de vases ayant tout-à-fait la même forme que ceux dont vous m'envoyez le croquis. Les vôtres sont assurément de fabrication différente des nôtres. Impossible de leur attribuer une origine commune. Ils peuvent cependant appartenir à la même époque, car on retrouve, surtout dans l'amphore à deux anses, la forme générale de nos vases, caractérisée par l'absence de col et par des anses courtes et assez lourdes».

Alguns fragmentos de grandes *pythoi* apresentam restos de pintura em quadrados a tinta negra (fig. 294, est. XXX), em lozangos traçados a tinta vermelha e negra (fig. 296, est. XXX), ou só a tinta vermelha (figs. 297, 300 e 317, est. XXX), e em triangulos quadrilhados a tinta vermelha (fig. 299, est. XXX). Esta ornamentação encontra-se tambem na ceramica dos Alcores [3]; e é impossivel deixar de reconhecer nella, como na das proprias faxas circulares, as tradições da velha arte chypriota, conservadas pelos carthaginezes [4].

A fórma espherica apparece nos vasos das figs. 145 e 146 (est. XXV), o primeiro de barro cinzento-escuro, e o segundo de barro vermelho com vestigios de pintura em

---

[1] *Nécrop. pun. vois. de Sainte Monique, premier mois de fouilles, Cosmos,* 48.º anno, n.º 757, pag. 147; *deuxième trimestre des fouilles,* fig. 18.

[2] *Les colonies* cit., pag. 115, fig. 107.

[3] *Les colonies* cit., pag. 113, figs. 83, 86 e 87, e pag. 125, figs. 170 e 174.

[4] *Histoire de l'Art* cit., t. III, pag. 686, figs. 487 e 488, pag. 690, fig. 494, pag. 691, figs. 496 e 497, pag. 692, fig. 498, e est. IV; POTTIER, *Catalogue des vases antiques du Louvre,* 1.ª parte, pag. 85 e segs.; *Vases antiques du Louvre,* do mesmo auctor, est. VI, fig. 56, est. VII, figs. 88, 89 e 97, e est. VIII, figs. 120 e 151.

faxas circulares a tinta encarnada. Recolhemos restos d'outro vaso maior do mesmo typo, sem collo e sem pintura, feito de barro vermelho. Esta fórma tambem não é estranha á ceramica dos Alcores [1].

A fórma ovoide predomina ainda em uma série de vasos sem asas e de todos os tamanhos. Os das figs. 142 e 143 (est. xxv) e 316 (est. xxx), feitos de barro vermelho, são ornamentados com faxas brancas e encarnadas. O da fig. 144 (est. xxv), de barro semelhante, apresenta só a pintura de faxas encarnadas. O da fig. 148 (est. xxv) é feito de barro pardo muito fino; os das figs. 149, 150 e 152 (est. xxv), de barro cinzento; e o da fig. 147, de pasta negra nas superficies: todos sem pintura.

D'estes vasos sem asas e pintados muitos, com a altura de $0^{m},45$ a $0^{m},58$ e diametro de $0^{m},35$ a $0^{m},40$, apresentam uma ou duas zonas, entre faxas vermelhas, pintadas com o fundo branco e ornato de lozangos traçados por cima a tinta vermelha. Na fig. 297 (est. xxx) representamos um exemplar restaurado.

Tambem appareceram restos de dois vasos com o collo alto, todo pintado de vermelho, tendo o hombro ornado com uma larga faxa branca (fig. 307, est. xxx) ou com lozangos pintados a traços brancos e vermelhos.

São ainda para notar a taça da fig. 151 (est. xxv), com um rebordo saliente no fundo, e a da fig. 302 (est. xxx), com pé alto e fracturado, ambas pintadas interna e externamente a vermelho, que recolhemos no povoado superior.

As tintas empregadas em toda esta ceramica não apresentam geralmente brilho algum; e em muitos vasos estão fundidas ou decompostas pela acção do fogo ou da propria terra. Como exemplo d'esta decomposição damos uma aguarella na fig. 293 (est. xxx), onde o vermelho se vae alterando para escuro, quasi negro.

Na casa *x* (povoado superior) appareceram dois fragmentos de vasos de pasta menos cuidada e com vestigios de pintura mais grosseira do que a de todos os outros. Um d'elles está representado na fig. 304 (est. xxx). É parte d'uma asa com saliencia quebrada, que não tem similar na ceramica dos outros povoados, e está pintada com filetes amarellados.

Estes ultimos fragmentos parecem annunciar a decadencia da industria; e esta indicação é apoiada por muitos outros fragmentos com pintura branca ou amarella, encontrados por debaixo da camada romana no deposito de rebotalhos descoberto junto ás escadas de pedra.

Na base d'este mesmo deposito, sobre o solo natural, com a louça pintada em faxas, recolhemos mais duas peças interessantes. Uma é o fragmento d'um vaso grande, pintado a cinzento, que representamos na fig. 305 (est. xxx). A pintura com esta côr não tem similar nas nossas estações. Outra é o fragmento d'um pequeno vaso, representado na fig. 306 (est. xxx), feito de barro vermelho, mas tornado pardo na superficie externa, onde apresenta restos d'um ornato d'imbricação a tinta ligeiramente amarellada. Este ornato recorda o estylo mycenico [2].

Para completar a série de vasos exoticos, trabalhados á roda, mencionaremos tambem o da fig. 153 (est. xxvi), que nos parece ser fragmento d'uma lampada, feita de

---

[1] *Les colonies* cit., pag. 126, figs. 178 a 180.

[2] *Mycènes*, pag. 125, figs. 40, 42 e 43, pag. 129, fig. 63, e pag. 131, figs. 75 e 78.

barro cinzento, provavelmente de typo grego, que os carthaginezes haviam adoptado [1]. Tambem recolhemos outro fragmento d'um vasinho de barro cinzento, que, pelas curvas do bordo, faz lembrar a lampada punica mais antiga [2], de que o sr. Bonsor recolheu alguns exemplares na *Cruz del Negro* [3].

Emfim é interessante assignalar os bordos de vasos das figs. 154 a 156, o bordo excepcional da fig. 159 e os fragmentos de pés de vasos das figs. 160 e 161 (est. XXVI). O primeiro d'estes dois ultimos é de barro vermelho, e indica que o pé supportava um prato ou taça, do meio do qual se erguia outro corpo de vaso. O segundo é de *bucchero* cinzento.

O *bucchero* encontra-se tambem com frequencia em pratos tronconicos e taças, com as fórmas das figs. 100, 103, 104 e 115. Confrontado com as amostras do *bucchero* etrusco, negro, castanho e cinzento, que do Museu etrusco de Florença vieram para o Museu da Figueira, apresenta precisamente os mesmos typos.

Algumas particularidades curiosas se notam em toda esta série de louças. Appareceram fragmentos de bordos de vasos pintados, de mediana grandeza, com orificios abertos na pasta antes de cosida. Provavelmente corresponderiam a outros abertos na tampa, e serviriam a fixar esta por meio de laços ou ligações de corda. Em fragmentos de grandes *pythoi* não é raro encontrar no bojo um ou outro orificio isolado, tambem aberto na pasta fresca. Pensamos que estes vasos vinham ao valle do Mondego com mercadorias, e que os furos seriam destinados a darem saída a qualquer liquido escorrido das substancias que elles continham.

As asas são massiças, de secção circular, como nas amphoras das figs. 128 a 131 (est. XXIV) e no pequeno vaso de barro cinzento da fig. 162 (est. XXVI), ou apresentam uma cannelura media longitudinal, como nas amphoras das figs. 132 a 134, nos *pythoi* das figs. 137 e 138, e em outros vasos (est. XXIV), ou são bifidas, como a da fig. 233 (est. XXVII), ás vezes com ornato de *lingoetas,* como na fig. 163, ou trifidas, como a da fig. 164 (est. XXVI), que pertence a um grande *pythos* de quatro asas, feito d'uma pasta muito pura e muito macia, com bella pintura de faxas vermelhas e negras.

A asa bifida ou trifida parece uma recordação do oriente mediterraneano. As asas bifidas existem em vasos de Chypre, e as asas trifidas e com ornato de *lingoetas* são vulgares em vasos de Rhodes [4].

Nos pequenos vasos em fórma de taça ou prato, ás vezes uma ou duas pequeninas saliencias furadas serviam á suspensão, como nos exemplares das figs. 157 e 158 (est. XXVI).

É tambem para notar o objecto de barro pardo, furado na extremidade opposta á da fractura, que representamos na fig. 248 (est. XXVIII). Provavelmente seria o cabo de algum vaso culinario.

O ornato estampado é raro. Só encontramos dois fragmentos de pratos de barro

---

[1] *Musée Lavigerie,* pags. 172, 178 e 179, e est. XXV, figs. 42 a 44; *Cosmos,* 49.° anno, n.° 789, pag. 307.

[2] *Musée* cit., pag. 172; *Les lampes antiques du Musée de Carthage,* pag. 1 e segs.

[3] *Les colonies* cit., pag. 115, figs. 114 e 115.

[4] *Vases ant. du Louvre* cit., vol. I, pags. 13 e 14, est. VII, fig. 97, est. IX, fig. 165, e ests. XII e XIII, fig. 321; *Hist. de l'Art* cit., t. III, pag. 698, fig. 506.

vermelho muito fino com os desenhos das figs. 166 e 172 (est. XXVI). Esta ultima representa um homem correndo.

Ligeiramente gravados na pasta humida ha os ornatos das figs. 167 a 170 (est. XXVI). Estes fragmentos são de barro micaceo cinzento, quasi negro. No exemplar da fig. 171 (est. XXVI) a impressão é tão leve, que o ornato, de côr mais negra do que a pasta, parece pintado.

Gravado na pasta depois de cosida é o ornato de lozangos, representado na fig. 173 (est. XXVI).

Numerosissimos fragmentos de vasos estão marcados com signaes. Encontramos trez d'estes pintados; e os restantes são todos gravados, uns antes e outros depois da cosedura. Pintado a tinta negra é o da fig. 191 (est. XXVII), interrompido na parte inferior por uma fractura, que se acha em um *pythos* de duas asas, restaurado por nós, e que é ornamentado com faxas e filetes vermelhos e negros (fig. 298, est. XXX). Pintado a tinta vermelha em um fragmento d'amphora é o da fig. 196 (est. XXIX); e existe outro semelhante no hombro da amphora da fig. 113 (est. XXIII). Não encontramos nos alphabetos phenicios e punico fórmas de caracteres semelhantes a estes signaes, que provavelmente representam marcas dos fabricantes.

Gravados na pasta fresca, representando tambem marcas de fabrica, são os das figs. 174 a 184 (est. XXVI), 187 a 189 e 221 (est. XXVII). Estão em fragmentos de pratos tronconicos de barro vermelho ou cinzento, occupando a face interna ou externa, salvo o da fig. 180, que é fragmento d'uma amphora, e o da fig. 181, que pertence ao fundo d'um prato. O mais commum é uma especie de X, que tambem se encontra pintado em louças de Carthago [1].

O signal em fórma de V das figs. 188 e 189 tem similar não só em louças de Carthago [2], mas em objectos phenicios recolhidos na Etruria [3].

Signaes parecidos com os das figs. 182 e 187 apparecem gravados na ceramica de Villanova, em Italia [4].

Gravados na pasta depois de cosida, representando provavelmente marcas de propriedade, são os das figs. 185 e 186 (est. XXVI), 190, 192 a 195 e 197 a 220 (est. XXVII). A maior parte está em fragmentos de pratos tronconicos e de taças do typo das figs. 115 e 116 (est. XXIII), uns no fundo, outros nos lados, raramente na face interna; mas ha alguns que pertencem a grandes vasos, como os das figs. 186 (est. XXVI), 194 e 196 (est. XXVII). O da fig. 190 está á altura das asas no mesmo *pythos*, em que se acha pintado o signal da fig. 191; o da fig. 195, no bojo da amphora da fig. 134; e os das figs. 192 e 213, em fragmentos d'outras amphoras.

O signal da fig. 190, gravado no vaso da fig. 298 (est. XXX), representa a hacha bipenne; e a esta talvez tambem se refira a gravura incompleta da fig. 202 (est. XXVII). Semelhantes apparecem gravados na ceramica carthagineza [5].

---

[1] *Cosmos*, 49.º anno, n.º 789, pag. 308, fig. 18; *La nécrop. pun. vois. de Sainte Monique, deux. trim. de fouilles*, pag. 24; *La nécrop. des Rabs* cit., pag. 5.

[2] *Musée Lavigerie*, est. VIII, fig. 16.

[3] *Hist. de l'Art* cit., t. III, pags. 855 e 856.

[4] GOZZADINI, obra cit., pag. 20, fig. 9.

[5] *Musée Lavigerie*, est. VIII, figs. 14, 21 e 27.

A hacha bipenne é um symbolo religioso, que os carthaginezes trouxeram do Oriente. Na Caria representava o *Zeus Labrandeus;* e em Mycenas figurava entre os cornos das cabeças de vacca e em outras joias funerarias [1]. No palacio mycenico de Cnossos, em Creta, essa representação da hacha é muito frequente [2]; e ella apparece tambem na gruta de Dikté, na mesma ilha [3].

Convem notar que figura semelhante á nossa, mas sem o traço indicativo do cabo, se encontra na ceramica villanoviana [4].

Outro signal symbolico é o pentagramma, chamado entre nós *signo-samão,* das figs. 192 e 193 (est. XXVII): — «signal já conhecido dos germanos e celtas na antiguidade gentilica, o qual mais tarde serviu, gravado nas rochas, como preservativo contra o mal em geral, contra os pesadellos, e como meio d'esconjurar o diabo» [5].

Os circulos e arcos das figs. 186 (est. XXVI) e 194 (est. XXVII) são traçados a compasso. Não encontramos nas nossas ruinas instrumento algum d'esta especie; mas appareceu em França, no *tumulus* de Arverne, que pertence, como as nossas estações, ao periodo da Tène [6].

O signal em fórma de espinha de peixe ou de ramo d'arvore das figs. 214 a 217 (est. XXVII) encontra-se, como motivo d'ornamentação, na ceramica pre-mycenica de Hissarlik [7]. O illustre orientalista sr. Sayce nota que este signal figura entre os hieroglyphos kittitos, na ornamentação do vestuario d'uma personagem esculpida em um monumento da Cachemisk, nos sinetes babylonicos e outros objectos antigos, em um *phallus* de basalto negro da ilha de Bahrein, no Golpho Persico; e que na arte babylonica representava a arvore sagrada. Accrescenta o mesmo sabio que entre os phenicios parece ter representado a folha da palmeira [8].

Como decoração apparece tambem na ceramica mycenica [9].

Determinar o centro ou centros de fabríco d'esta ceramica na peninsula não parece cousa facil no estado actual dos nossos conhecimentos. Chegamos a pensar no sul da Hespanha; mas ella apparece espalhada quasi por todo este paiz, como nos informou o sr. Bonsor. Em Portugal tambem foi encontrada na crasta da Sé de Lisboa e no Algarve, de que se acham archivados alguns exemplares no Museu da Figueira.

O problema foi apresentado ao sr. Bonsor, e este illustre homem de sciencia, em sua carta de 21 de março de 1903, declarou-nos não ter dados para o resolver.

Recorremos á chimica. As analyses foram feitas em Coimbra pelo sr. Charles Lepierre, que nos enviou os seus relatorios devidamente fundamentados. Em cinco

---

[1] *Ilios,* pags. 776 e 777; *Mycènes,* pags. 298, 334 e segs.; BARON DE BAYE, *L'Archéologie préhistorique,* pags. 101 e 102.

[2] *L'Anthropologie,* t. XIII, n.º 1, pags. 24, 25 e 27, e t. XV, n.ºs 3 e 4, pags. 264, 265, 269, 272, 285 e 286.

[3] *Ibid.,* t. XV, n.º 5, pag. 607.

[4] GOZZADINI, obra cit., pag. 20, fig. 1.

[5] *Verhandlungen* etc. cit., dezembro de 1884, pag. 576.

[6] *L'Anthropologie,* t. XIV, n.ºs 4 e 5, pag. 394.

[7] *Ilios* cit., pag. 290, fig. 87, pag. 427, fig. 278, pag. 436, fig. 296, pag. 442, fig. 321, e figs. 1809 e 1898 a 1904.

[8] *Ibid.,* pags. 914 e 915, nota 1.

[9] *Mycènes* cit., pag. 288, fig. 324; *Hist. de l'Art* cit., t. VI, pag. 922, fig. 480.

fragmentos de ceramica pintada de Santa Olaya as analyses só deram composições quasi eguaes em dois, como se vê do quadro seguinte:

Percentagens		
Carbonato de calcio ou cal	Silica	Oxydo de ferro e aluminio
4,10	62,20	23,70
4,4	61,8	33,7
0,4	64,10	35,50
2,30	62,50	35,20
0,30	64,20	35,50

Em um fragmento proveniente da crasta da Sé de Lisboa a composição é diversa de todas estas: carbonato de calcio 21,6, silica 61,5, aluminio e oxydo de ferro 16,7.

A pasta de Acébuchal (Alcores) differe não só das de Santa Olaya, mas da de Lisboa: carbonato de calcio 44,40, silica 40,30 e oxydo de ferro e aluminio 15,30.

Emfim uma das analyses, recaindo sobre um fragmento d'amphora da *Cruz del Negro* e sobre outro da amphora similar da nossa fig. 113 (est. XXIII), deu tambem resultados diversos. A pasta da *Cruz del Negro* contém em carbonato de calcio 31,4, em silica 50,2 e em aluminio e oxydo de ferro 18,4; e assim não só differe das portuguezas, mas da de Acébuchal. A differença existe tambem nos caracteres physicos das proprias pastas, como bem notou o sr. Lepierre.

Por outro lado a pintura do fragmento da *Cruz del Negro,* que foi analysada, era incontestavelmente mais grosseira do que a dos fragmentos d'Acébuchal, que nos enviou o sr. Bonsor; assim como a pintura das louças de Santa Olaya é muitas vezes inferior á das recolhidas na crasta da Sé de Lisboa.

Tudo isto parece indicar que foram muitos os centros de fabríco d'esta ceramica; e esses centros deviam talvez existir não só no valle do Guadalquivir, como nos lembrou o sr. Bonsor, mas na região do sueste da Hespanha, poisque o sr. Pierre Paris declara que a ceramica, que o sr. Bonsor classifica como greco-punica, na qual se comprehendem os vasos e pinturas representados nas figs. 163, 164, 169, 170 e 173 da obra d'este ultimo, é semelhante a outras que elle encontrou com abundancia em estações das provincias de Almeria, Alicante, Murcia e Albacete [1].

§ 3.º **Grandes vasos exoticos trabalhados á mão**

Encontramos fragmentos de grandes vasos trabalhados sem roda, que não nos parecem fabricados na localidade. Trez d'estes recipientes pertencem ao typo da fig. 83 (est. XXI), trez ao da fig. 234 (est. XXVIII) e um é representado na fig. 235 (est. XXVIII). Na restauração dos exemplares das figs. 83 e 234 as faltas de fragmentos estão preenchidas a gesso; mas no da fig. 235 apenas existem uns ligamentos a gesso, bastantes para segurarem a peça.

---

[1] *Essai* cit., t. II, pags. 32 e 33.

O da fig. 83 tem pasta misturada com spatho calcareo triturado; e por esta estructura approxima-se da louça local, de que tratamos no § 1.° d'este capitulo; mas essa pasta é coberta externamente por ligeira camada d'argila pura, de côr pardacenta, talvez resultante da fumigação, bem alisada e polida; e a fórma dos vasos sáe fóra das linhas geraes que se notam constantemente nos vasos de fabríco local, representados nas figs. 67 a 72 (est. xxi).

Esta fórma, constituida por dois troncos de cone unidos pelas bases e com grande labio recurvado para fóra, apparece em estações da Hespanha [1]. Ella não é estranha á olaria carthagineza. Na necropole visinha de Santa Monica o rev. P. Delattre recolheu «une petite marmite sans anse, à panse anguleuse et de forme semblable à celle que donneraient deux troncs de cône d'égales dimensions, soudés ensemble par leurs grandes bases; l'orifice est également en tronc de cône renversé» [2].

Os vasos das figs. 234 e 235 são semelhantes, salvas as dimensões. A pasta do primeiro é cinzenta, e a do segundo é de côr castanha, ambas depuradas e muito duras, negras nas superficies, polidas e lustrosas na superficie externa. Foram manifestamente submettidos ao processo da fumigação, como o *bucchero*.

Estes vasos apresentam um pequeno collo e quatro asas bifidas; e as linhas geraes do hombro, bojo e base não differem das dos vasos das figs. 112 e 113 (est. xxiii) e da fig. 142 (est. xxv).

Recolhemos tambem dois fragmentos de robustos vasos de pasta aspera e espessa, trabalhada á mão, um com asa de cannelura longitudinal (fig. 237, est. xxviii), como em alguns dos vasos exoticos já mencionados, e o outro com vestigios de asa quatrifida (fig. 239, est. xxviii), exemplar unico das nossas collecções.

§ 4.° **Modificações na ceramica de fabríco local sob a influencia dos modelos exoticos**

Na posse dos bellos vasos trabalhados á roda, que descrevemos, e em contacto com os homens que os traziam ao valle do Mondego, provavelmente por mar, o indigena modificou a sua industria. Com a sua pasta tradicional fabricou á mão os grandes vasos de quatro asas, de typo ovoide, imitando os das figs. 137 e 138 (est. xxiv). Conseguimos restaurar um dos exemplares d'esses vasos, que representamos na fig. 236 (est. xxviii). As asas são chatas, e o fundo de prato.

Com a mesma pasta fabricou á mão taças do typo das figs. 115 e 116 (est. xxiii), como mostra o exemplar da fig. 223 (est. xxvii); pratos tronconicos, imitando o typo das figs. 104 e 106 (est. xxii), como provam os fragmentos representados de perfil nas figs. 224 e 225 (est. xxvii); vasinhos com asa roliça do typo da fig. 232, imitando o da fig. 162 (est. xxvi), assim como a asa trifida, abrindo-lhe dois sulcos longitudinaes, como no exemplar da fig. 238 (est. xxviii).

Foi ainda essa pasta de feição primitiva que elle começou a trabalhar á roda. Dos primeiros ensaios é talvez o fragmento, que representamos na fig. 241 (est. xxviii), recolhido no povoado inferior, no qual se nota uma estriação larga e profunda, aproximadamente parallela.

---

[1] Pierre Paris, obra cit., t. ii, pag. 40, fig. 18.

[2] *Cosmos*, 49.° anno, n.° 792, pag. 405.

A fórma mais commum, que elle reproduziu com a roda, foi, como era natural, a que indicam as restaurações representadas nas figs. 240 e 242 (est. XXVIII); fórma local, como se vê das figs. 67, 68, 70 e 72 (est. XXI). Os fragmentos d'esses vasos não são raros em qualquer dos povoados; e a sua pasta é mais depurada nos povoados medio e superior. A esta ultima série pertence provavelmente o vasinho da fig. 247 (est. XXVIII).

A depuração da pasta representa uma das modificações mais interessantes. Expurgando a argila das maiores impurezas, o indigena fabricou á mão vasos grandes, talvez com o bordo representado na fig. 231 (est. XXVII), imitando o bordo exotico e trabalhado á roda da fig. 156 (est. XXVI); e fabricou vasos pequenos, como o da fig. 69 (est. XXI), reproduzindo uma fórma archaica.

Tornada mais homogenea, reduzida a pequena espessura, sem grande prejuizo da sua solidez, muitas vezes bem polida nas superficies, esta pasta empregou-se principalmente na baixella miuda, não sem exhibir-se uma ou outra vez a tradicional mistura com spatho calcareo moido. Assim apparece, trabalhada á mão, em finas taças, como a da fig. 222 (est. XXVII), imitando o typo das figs. 115 e 116 (est. XXIII), e em ligeiros pratos tronconicos, alguns com saliencias externas furadas, como indicam os fragmentos representados nas figs. 226 a 230 (est. XXVII), imitando os vasos exoticos das figs. 99, 102, 103 e 106 (est. XXII), e o da fig. 158 (est. XXVI).

A pasta apresenta-se, em muitos dos fragmentos d'esta ultima louça, quasi tão pura como a dos proprios modelos, posto que de inferior qualidade; e com ella o habitante dos nossos povoados, empregando a fumigação, produziu o *bucchero* negro, castanho e cinzento, que tem o mesmo aspecto do *bucchero* etrusco.

§ 5.º **Confrontação de certos exemplares de ceramica com os de alguns oppidos d'Entre Douro e Minho e d'outras estações de Portugal**

Entre a louça de pasta grosseira appareceram alguns fragmentos carregados de grãos de quartzo e trabalhados á roda, pertencentes ao collo e bordo de pequenos vasos, que são notavelmente semelhantes, na estructura, processo de fabríco e fórma, a outros da Citania de Briteiros, de S. Miguel o Anjo, de Alvarelhos e do Castello de Guifões.

Appareceram tambem dois fragmentos de vasos de pasta arenosa e micacea, com a superficie externa pintada a branco, que têem similares na ceramica de S. Miguel o Anjo e do Castello de Guifões.

Raros são ainda os fragmentos d'uma louça de pasta arenosa mais fina, carregada de mica branca, com a superficie externa pintada a vermelho, inteiramente semelhantes a outros do Castello de Guifões, de Alvarelhos e da Citania de Briteiros. Um dos exemplares pertence á asa interna da bocca d'um vaso de cosinha, asa muito commum no oppido de S. Miguel o Anjo.

Appareceu finalmente um fragmento de taça, feita d'um barro muito puro e macio, pintado a vermelho, que é igual a outros de Alvarelhos e do Castello de Guifões.

Um quadro comparativo d'estes fragmentos está exposto na sala de comparação do Museu da Figueira, onde é facil verificar as semelhanças indicadas. Os elementos foram fornecidos pelo sr. Rocha Peixoto, que explorou o Castello de Guifões, pelo sr. dr. José Fortes, que explorou a estação de Alvarelhos, pelo sr. dr. Felix Alves

Pereira, que explorou o oppido de S. Miguel o Anjo, e por exemplares que recolhemos nas proprias ruinas da Citania de Briteiros.

Não estamos longe de admittir que esta louça de feição especial, rara nas nossas estações, fôra importada do norte da Lusitania.

Outras semelhanças de menor importancia, e que poderão explicar-se por mero acaso, se notam nos bordos de alguns vasos. O da fig. 231 (est. XXVII), por exemplo, apparece no oppido de Guifões. Os bordos, com a superficie superior cannelada, das figs. 122 e 123 (est. XXIII) encontram-se na camada superficial do castro de Pragança, proximo do Cadaval. O da fig. 124 (est. XXIII) existe na Citania de Briteiros e em S. Miguel o Anjo; e os das figs. 125 a 127 (est. XXIII) no Castello de Guifões, na Citania de Briteiros e em S. Miguel o Anjo. O quadro, a que alludimos, contém igualmente os elementos para estas comparações.

§ 6.º **Peças de collar**

Encontramos esparsos nos povoados inferior e medio varios objectos de barro cosido e furados, que representamos na fig. 246 (est. XXVIII). São, a nosso vêr, verdadeiras contas de collar. No Museu da Figueira existe um collar completo com doze d'estas contas, de fórma cylindrica, que foi recolhido em uma sepultura de Ciudad Rodrigo (Hespanha).

O uso de contas d'argila é velho e muito espalhado. Vem já da idade da pedra [1]. Vimos um exemplar, de fórma cylindrica, entre o mobiliario neolithico do Museu de *Saint Germain*, sala II, vitrina 11; e outros da idade do bronze no Museu Prehistorico de Roma, provenientes da palafitta dos Lagass. No Museu de Sèvres ha um objecto igual com o n.º 4499, proveniente do antigo Mexico. Outros foram recolhidos em tumulos da Inglaterra [2], e nos de Killi, região de Goudam, pertencentes á idade do ferro [3].

Schliemann menciona peças semelhantes, mas não cosidas ao fogo e algumas bastante volumosas, recolhidas em Hissarlik; e cita outras das terramares d'Emilia, na Italia, das habitações lacustres da Suissa e de muitos tumulos da Allemanha. Elle repelle a hypothese de que fossem pesos de rede; e adopta a da rainha Olga, da Grecia, que as reputava pesos de tear [4].

§ 7.º **Fusaiólas**

Assim se denominam geralmente as pequenas peças de barro, furadas, que representamos nas figs. 257 a 265 (est. XXVIII) e 266 a 276 (est. XXIX), a metade e a um terço do tamanho natural. Recolhemos mais de quarenta exemplares em todos os povoados.

Distinguem-se nelles cinco typos, a saber: o espheroidal (figs. 259, est. XXVIII, e 270, est. XXIX), a fórma de callote espherica com base plana (fig. 265, est. XXVIII)

---

[1] QUATREFAGES, *Hommes fossiles et hommes sauvages*, pag. 68; *L'Anthropologie*, t. XIV, n.os 4 e 5, pag. 451. Contas cylindricas de barro foram tambem encontradas em sepulturas dos primitivos das Canarias (CHARTOU, *Voyageurs anciens et modernes*, t. III, pag. 51).

[2] J. EVANS, *L'Age du bronze*, trad. de BATTIER, pag. 394.

[3] *L'Anthropologie*, t. XIV, n.º 2, pag. 163.

[4] *Ilios* cit., pags. 719 e 720, figs. 1299 e 1300.

ou concava no meio (fig. 269, est. XXIX), a fórma conica, de base plana (figs. 260, 261, 263, 264, est. XXVIII, e 266, est. XXIX), convexa (figs. 258, 262, est. XXVIII, 267, 268 e 276, est. XXIX) ou com cavidade no meio (fig. 257, est. XXVIII), a fórma da fig. 271 e a da fig. 272 (est. XXIX).

O exemplar da fig. 272 é ornado com molduras, o da fig. 264 com cinco raios a partirem do orificio central, o da fig. 267 com uma espinha de peixe ou ramo vegetal, o da fig. 268 com um circulo, e o da fig. 276 com pequenos circulos impressos na pasta humida, dispostos em espiral. Este ornato espiraliforme recorda as tradições da arte mycenica.

As fusaiólas apparecem desde a idade da pedra. Ha exemplares d'esta idade recolhidos em Inglaterra [1], na Hungria [2] e em estações lacustres da Suissa [3]. Vimos algumas d'esta ultima proveniencia no Museu de *Saint Germain*, sala IV, vitrina 12. A fórma conica já ahi apparece.

Da idade do bronze recolheram-se em França, na Suissa, nas terramares e outras estações da Italia [4]. Notamos algumas no Museu Prehistorico de Genébra, outras no Museu Civico de Bolonha, vitrinas D e E, provenientes das terramares de Rastelliaca e de Pragatto, e outras no Museu Prehistorico de Roma, provenientes das palafittas da Lombardia e dos Lagass. Schliemann recolheu-as aos milhares em Hissarlik; e ahi apparece tambem a fórma conica [5].

Estes objectos atravessaram a idade do ferro. Apparecem no norte escandinavo [6], em Villanova e outras estações da Italia [7], na Suissa, na França e nos oppidos do Minho [8]. Vimos alguns d'essa idade no Museu de Genébra, e muitos no Museu Prehistorico de Roma, provenientes da necropole de Vetulonia, dos tumulos do *podere Salbioni* (alguns de fórma conica e com cavidade na base), das communas de *Castellato sopra Ticino, Este* e *Verucchio,* e da necropole de Bisenzio; e ainda um grande numero nos museus de Florença e de Bolonha. No Museu de *Saint Germain* notam-se entre o mobiliario das officinas do Monte Beuvray.

O destino de taes objectos tem sido muito controvertido. Schliemann chegou a emittir a opinião de que os milhares de fusaiólas de Hissarlik eram consagrados, como offerta, á deusa protectora da cidade [9]. Mas os factos parecem indicar um duplo destino, muito diverso d'esse: se por um lado em estações prehistoricas têem apparecido exemplares ainda enfiados em hastes de fusos [10], e este uso permanece em povos da actualidade, como provam os do Mexico, das Guyanas, do Perú e de Madagascar, que vimos no Museu Ethnographico do Trocadero, e os de Timor, que se acham archivados

---

[1] J. EVANS, *Les âges de la pierre,* trad. de BARBIER, pag. 432 e segs.

[2] *Ilios* cit., pag 288.

[3] MORTILLET, *Musée préhist.*, est. LXII, fig. 604; *Ilios* cit., pag. 287; CARTAILHAC, *Les âges préhist. de l'Esp. et du Port.*, pag. 278.

[4] *Musée* cit., est. XCI, figs. 1118 a 1123; CARTAILHAC, obra cit., pag. 278; *Ilios* cit., pag. 287.

[5] *Ilios* cit., pag. 285.

[6] MONTELIUS, *Les temps préhist. en Suède,* pags. 76 e 174.

[7] GOZZADINI, obra cit., pag. 29, est. VII, figs. 5 a 8 e 11; *Ilios* cit., pag. 287.

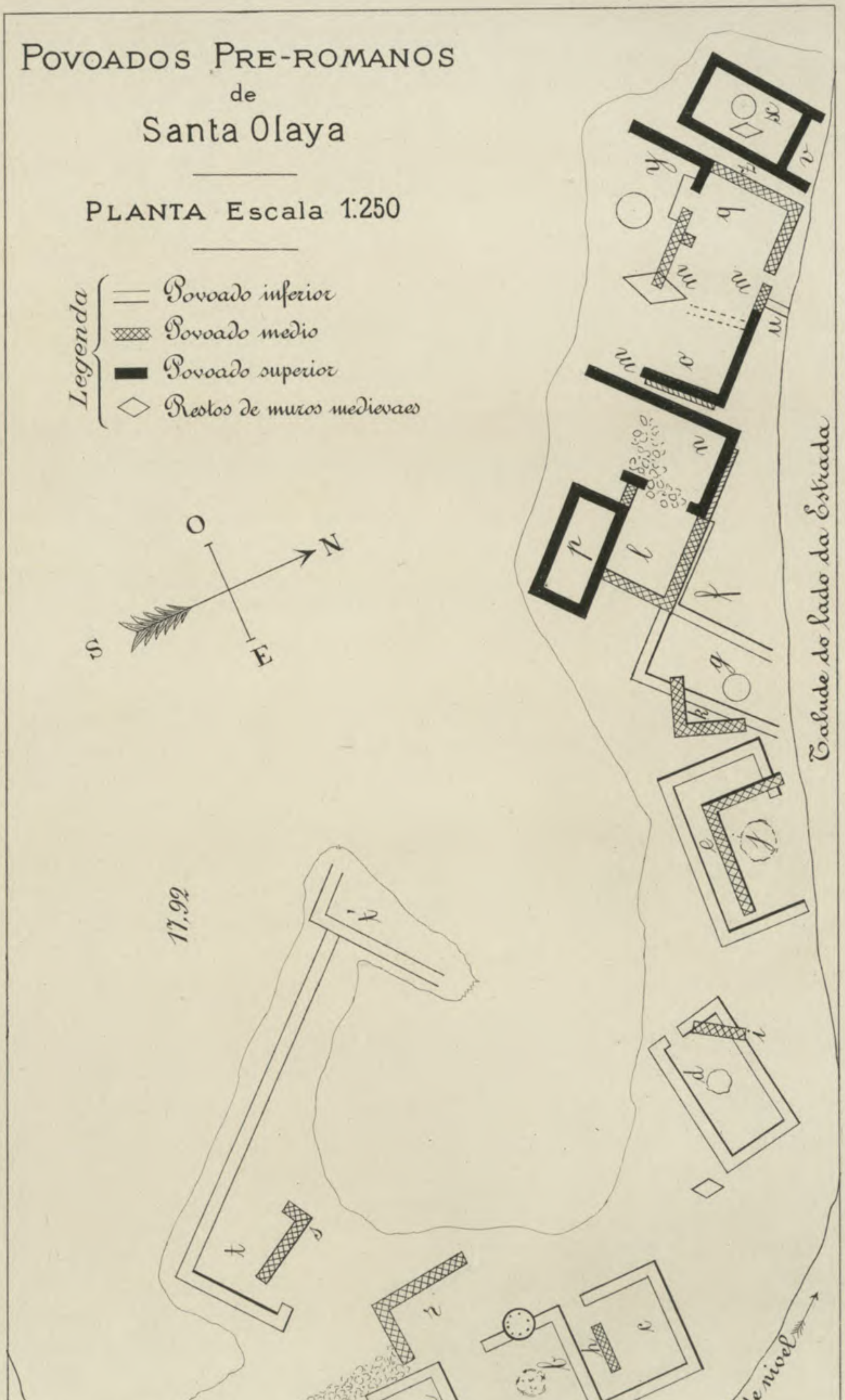
[8] CARTAILHAC, obra cit., pags. 278 e 279.

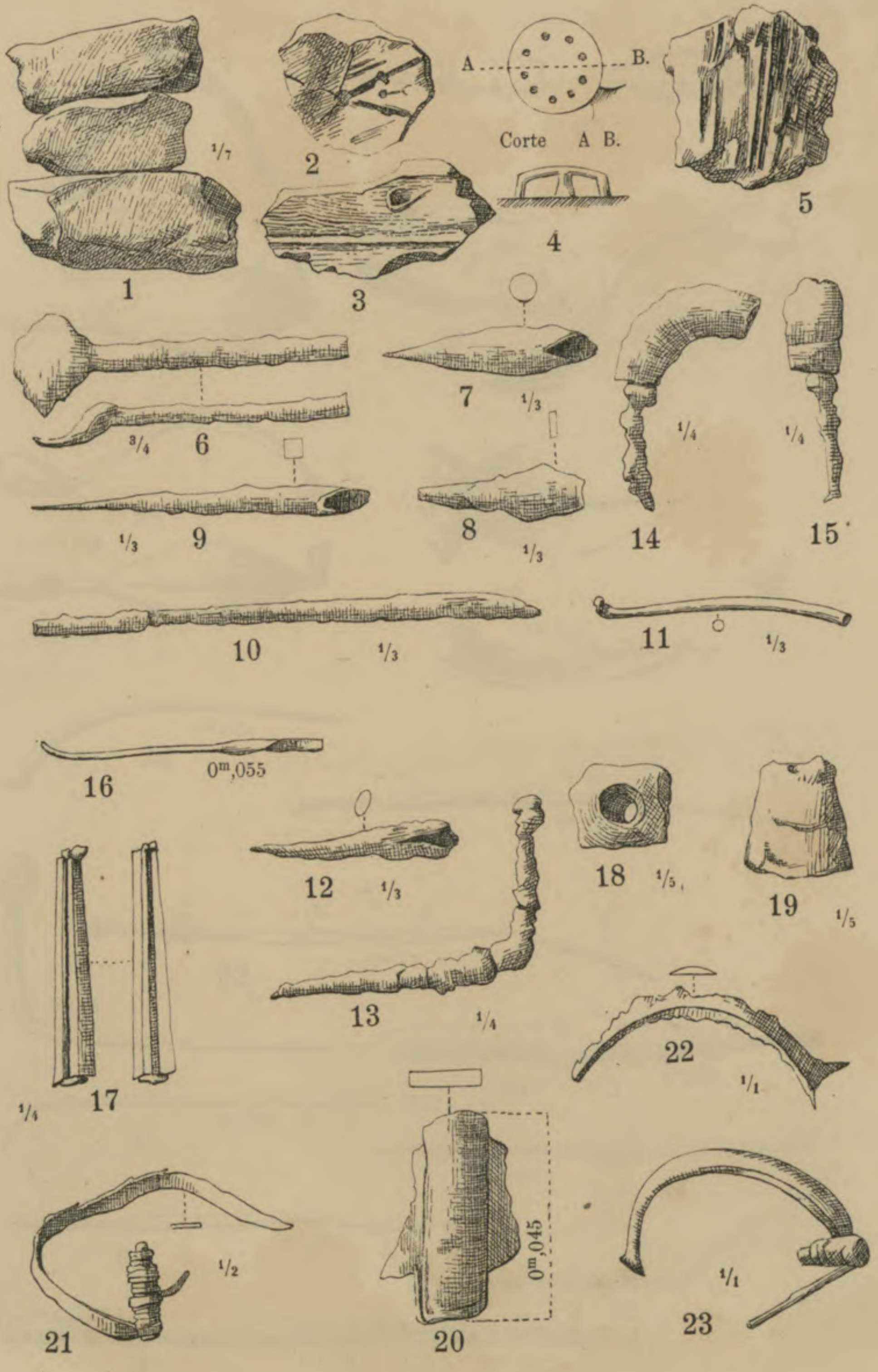
[9] *Ilios* cit., pag. 286.

[10] MONTELIUS, obra cit., pags. 174 e 176; BURNOUF, *Mémoires sur l'antiquité,* pags. 34 e 98.

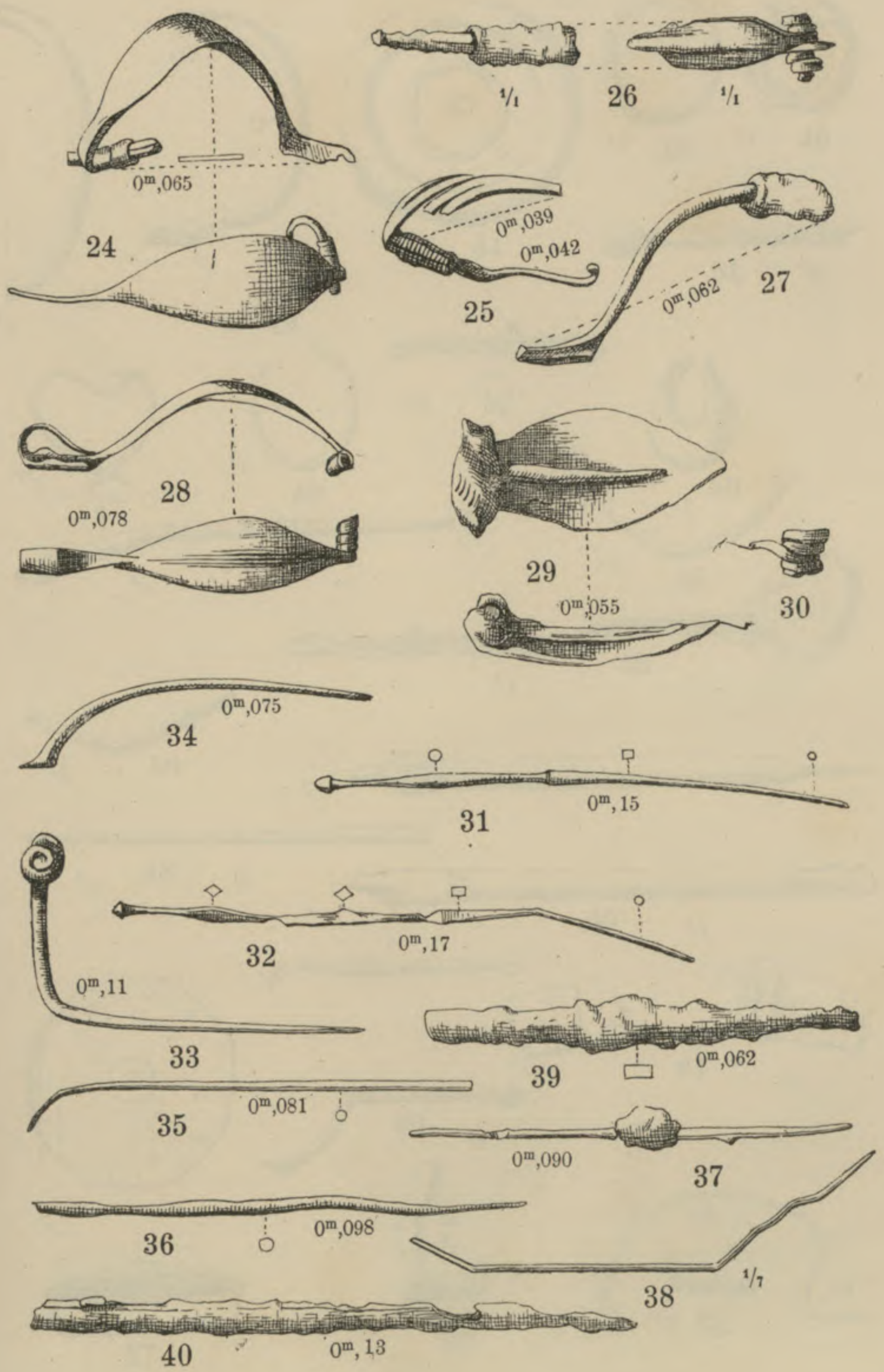
Povoados Pre-Romanos de Santa Olaya

Planta Escala 1:250

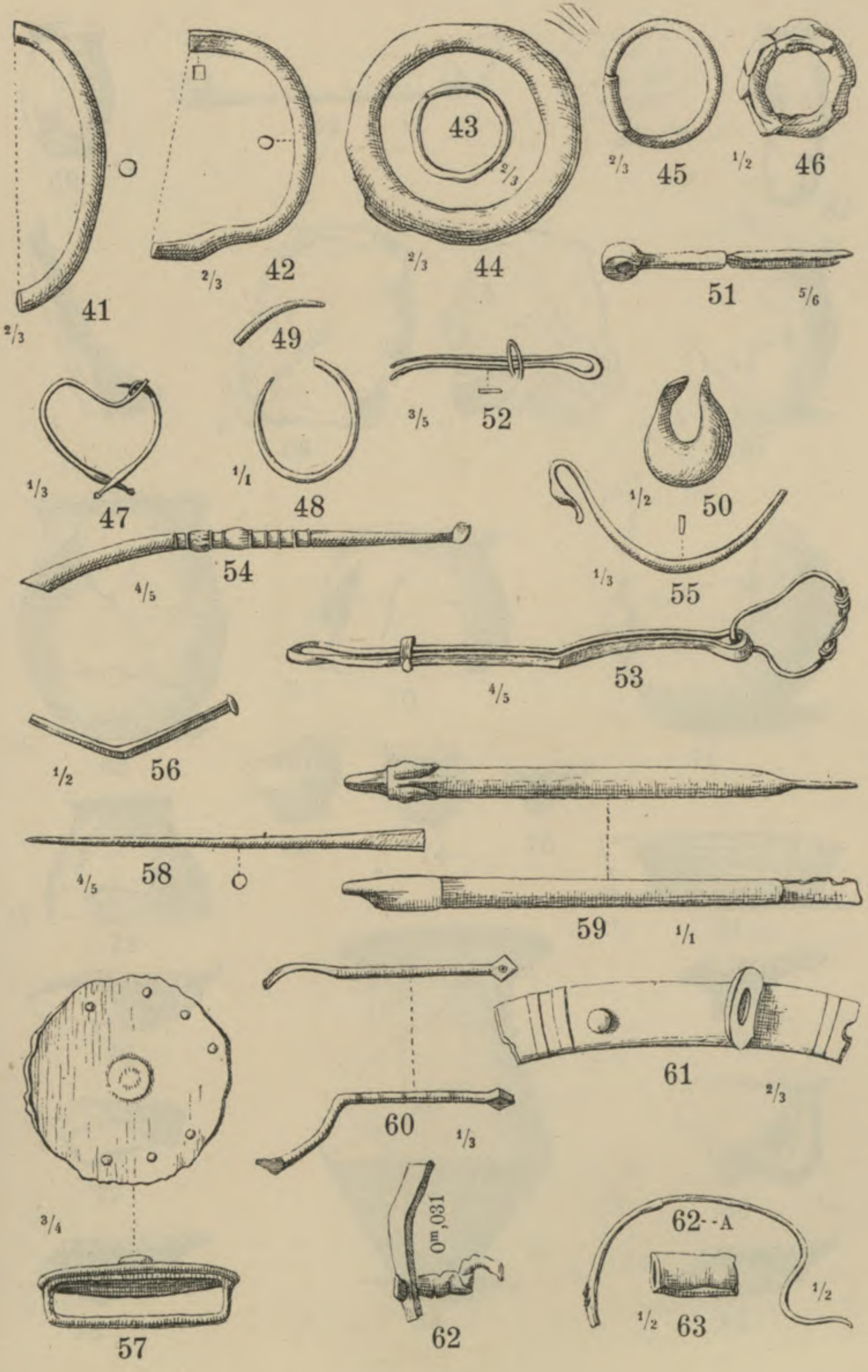




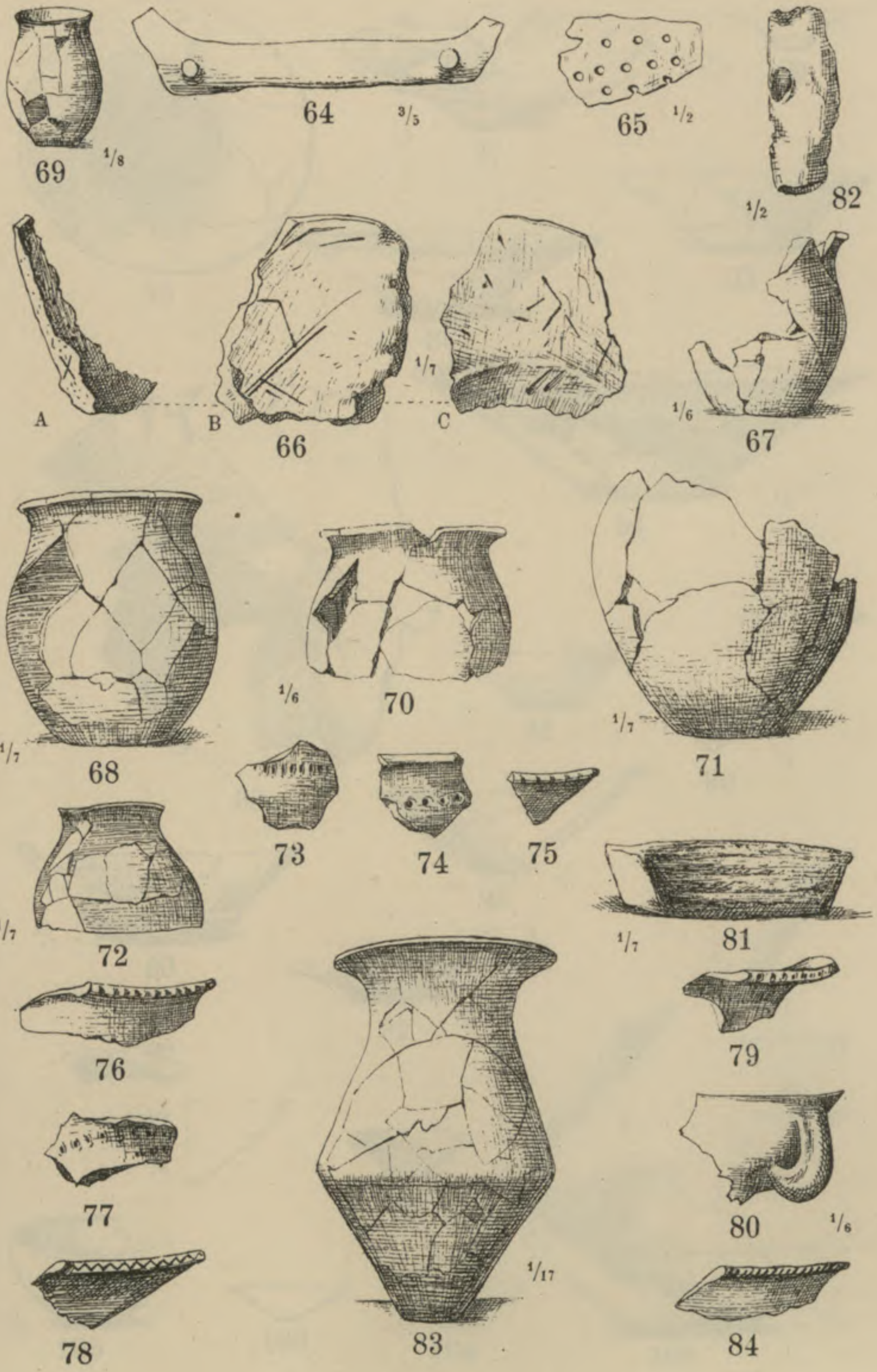
DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DE SANTA OLAYA



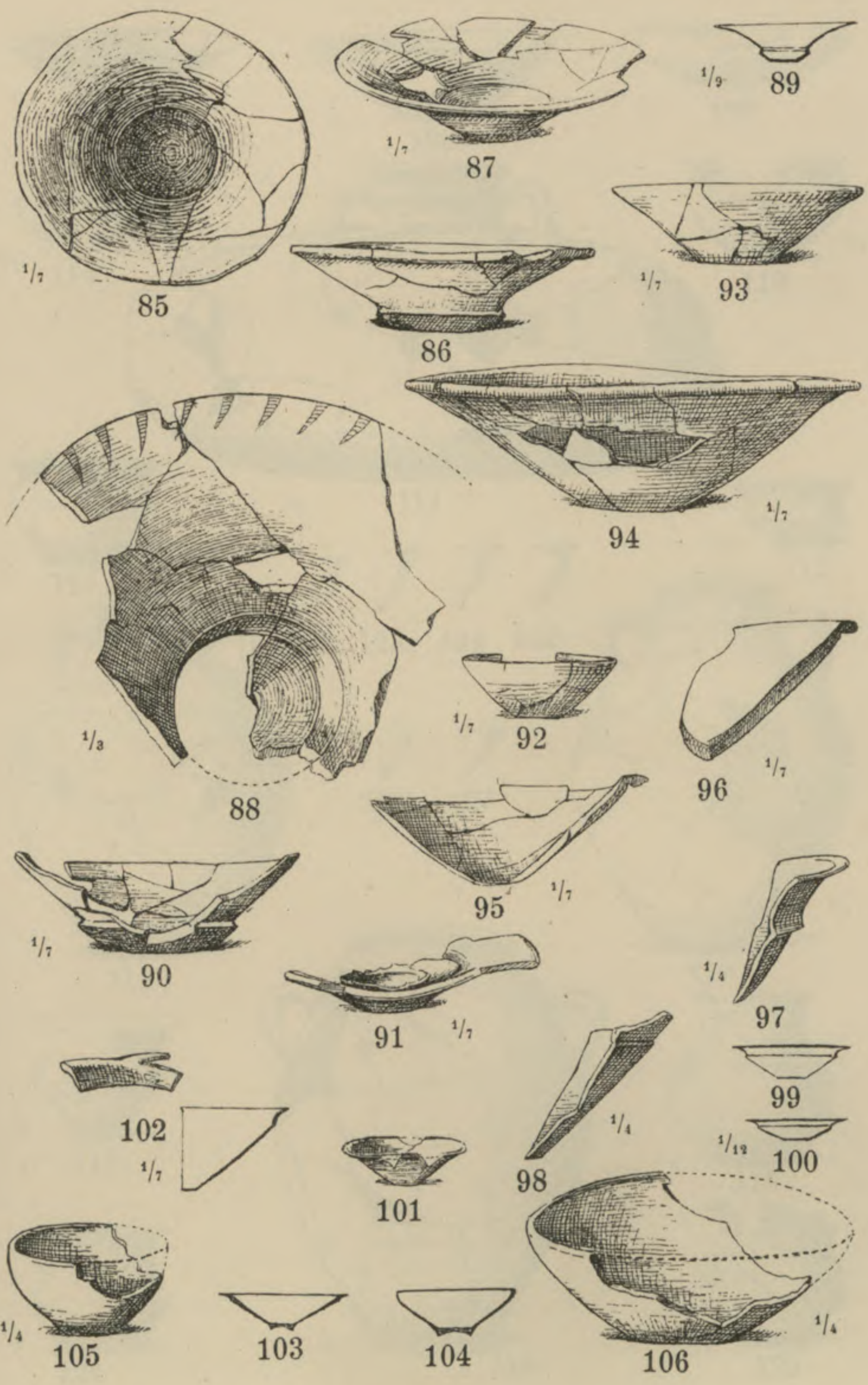
DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DE SANTA OLAYA



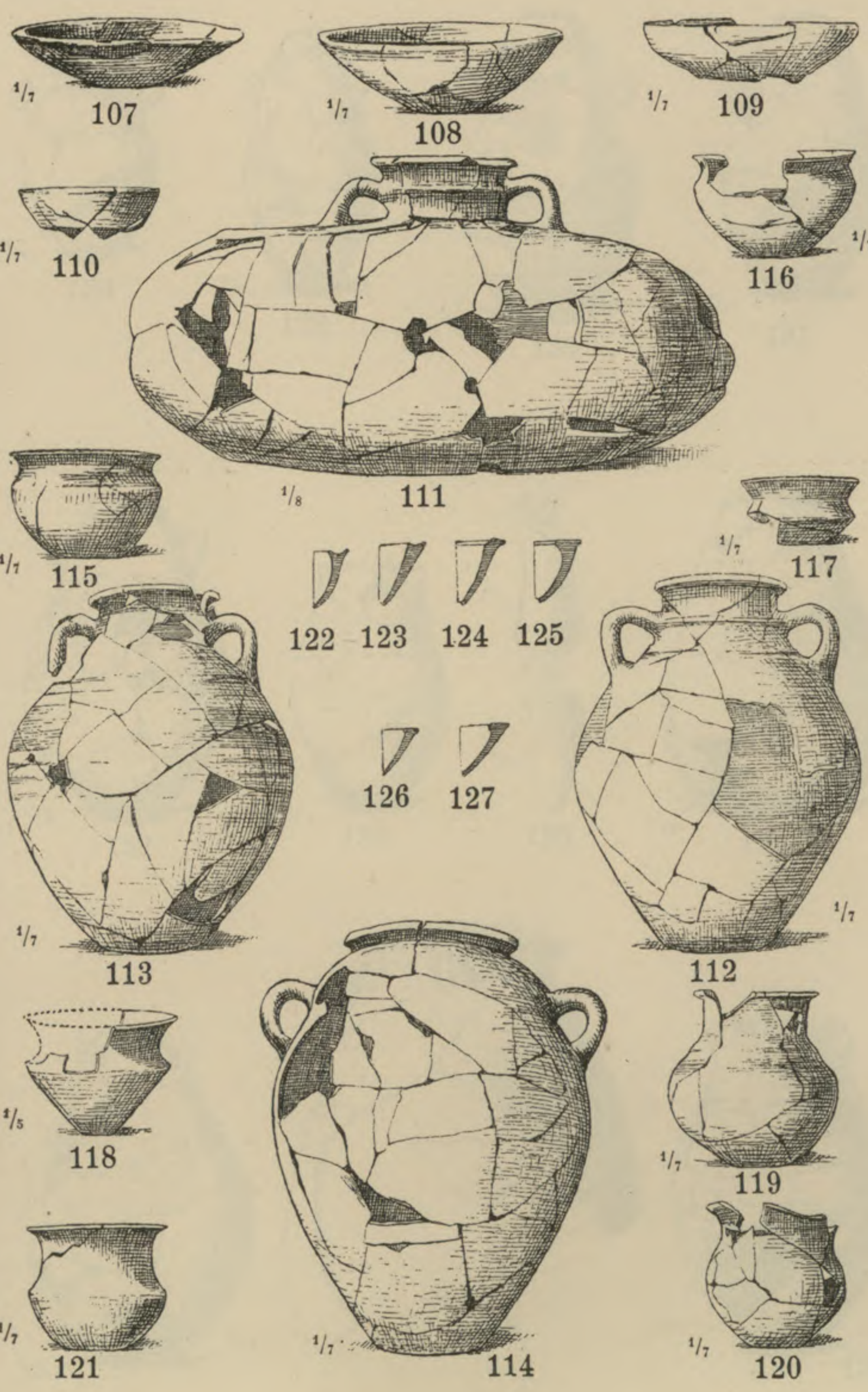
DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DE SANTA OLAYA



DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DE SANTA OLAYA

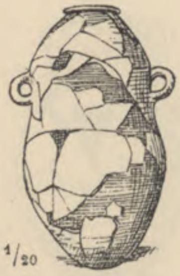


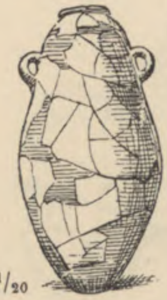
DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DE SANTA OLAYA



DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DE SANTA OLAYA

B. N.


1/20
128


1/20
129

1/17
130

1/18
131

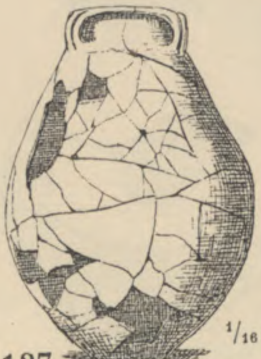
1/16
132

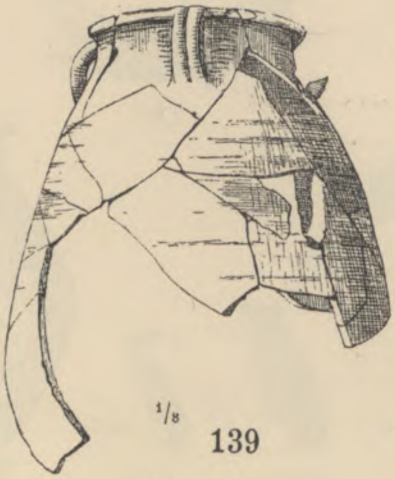
1/18
133

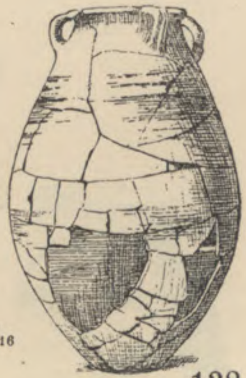
1/4
135

1/4
136

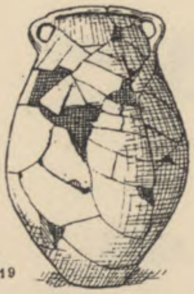
1/12
134

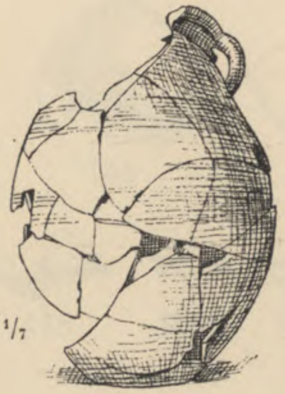

137
1/16

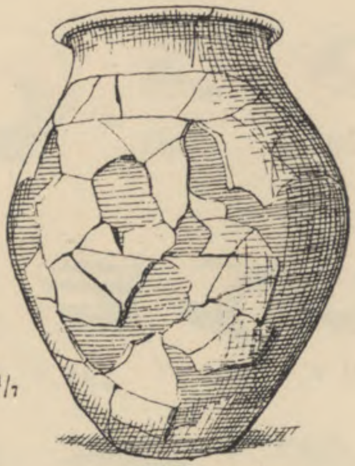

1/8
139

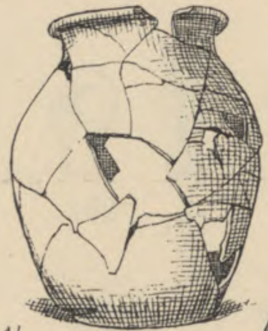

1/16
138

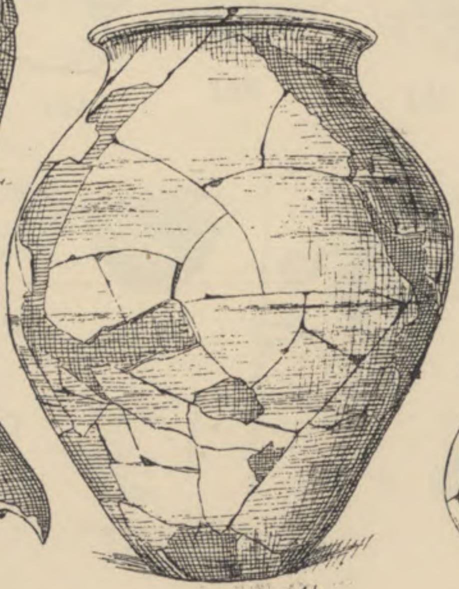
DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DE SANTA OLAYA

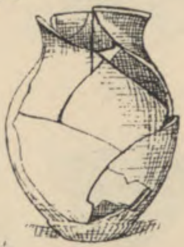

1/19
140

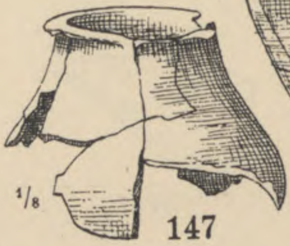

1/7
141


1/7
143


1/7
144


142 1/4


1/7 148


1/8
147

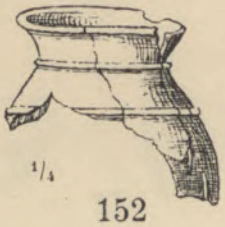
146 1/7

1/7
145

151 1/4

1/7
149

1/7
150

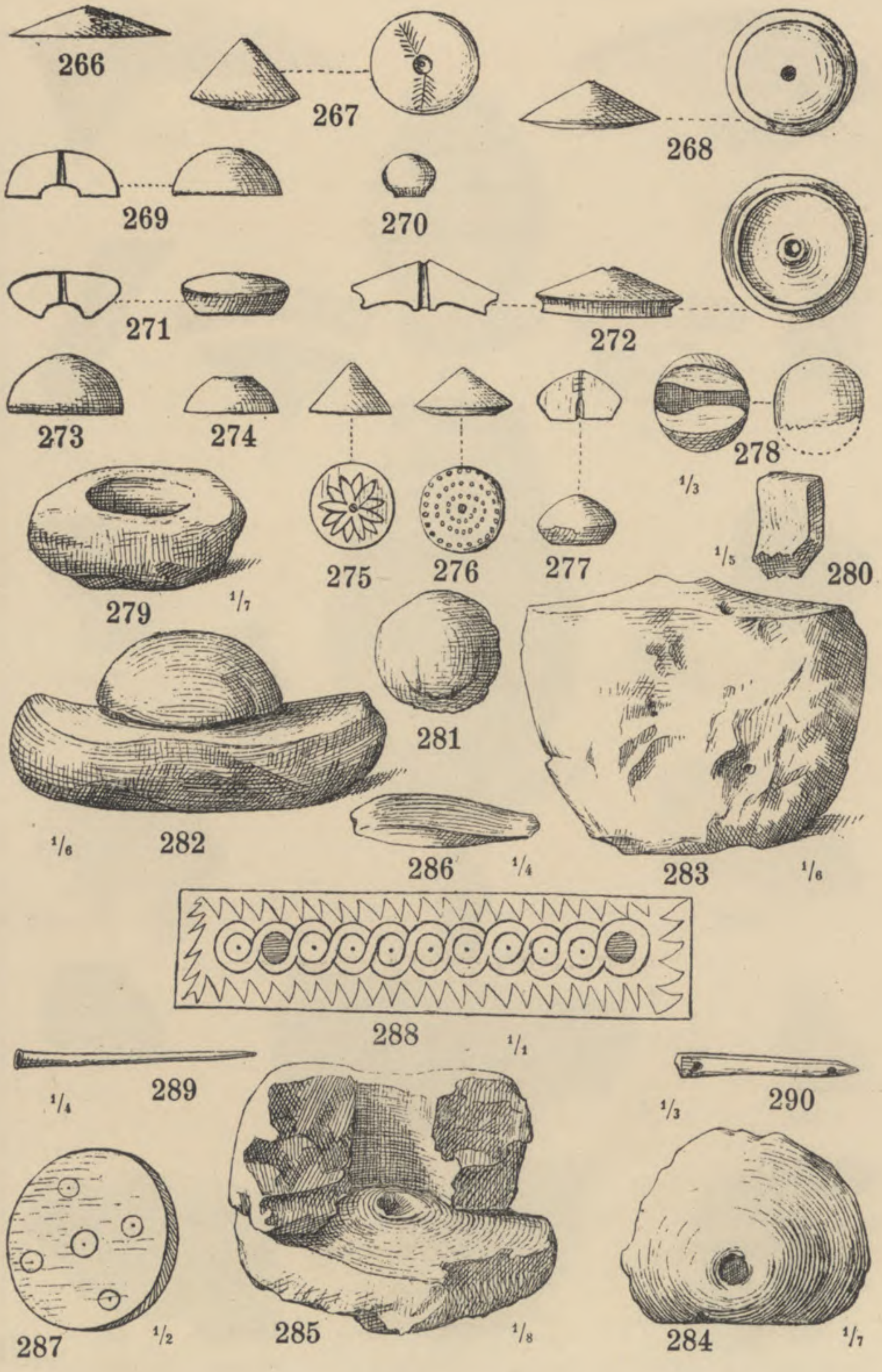

1/4
152

DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DE SANTA OLAYA

DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DE SANTA OLAYA

DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DE SANTA OLAYA

DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DE SANTA OLAYA



DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DE SANTA OLAYA

LITH. NACIONAL - PORTO.

DA ESTAÇÃO PRE-ROMANA DE SANTA OLAYA

B.N.

no Museu da Figueira [1], por outro lado é certo que em uma sepultura neolithica se encontrou já um exemplar servindo de conta de collar [2], e que este facto se repetiu em um *tumulus* da idade do ferro de Salins (Jura) [3], e em sepulturas da Italia [4].

Alguns sabios pensam que na verdade estes objectos seriam geralmente peças de collar; e que os que apresentam gravuras seriam sinetes [5]. Outros que seriam, em parte, volantes de fuso, os mais volumosos pesos de rede ou de tear, e os mais pequenos contas de collar ou botões [6].

Julgamos, como o sr. Burnouf, que as fusaiólas eram apenas volantes de fuso, embora algumas vezes podessem ter um destino secundario. Este sabio funda-se não só na descoberta d'um exemplar completo no lago Bourget, mas no facto de haver encontrado em muitas fusaiólas de Hissarlik restos das hastes de madeira carbonisada dentro dos orificios [7]. A estas descobertas temos a acrescentar que nas nossas estações se encontraram exemplares, feitos d'osso, com as mesmas fórmas dos outros, em que o furo, aberto do lado da base, não atravessa inteiramente a peça. Evidentemente taes objectos não podiam ser pesos de rede, nem de tear, nem contas de collar, nem botões. Só lhes cabe o destino de volantes de fuso.

A circumstancia de o furo estar do lado da base é interessante. Ella prova que a peça era montada na haste com essa face voltada para cima, como já havia notado o sr. Burnouf [8].

Á mesma classe das fusaiólas pertence tambem um pequeno disco, feito do fragmento d'um vaso e furado no centro. Semelhantes objectos têem apparecido em outras estações; e Schliemann classificou-os como volantes de fuso e pesos de tear [9].

Esta fórma subsistiu durante a epocha romana. Na propria estação de Santa Olaya a camada luso-romana forneceu-nos alguns exemplares feitos de fragmentos de telha curva.

§ 8.º Pesos de tear

Para nós os pesos de tear são os objectos de barro cosido e perfurados das figs. 243 a 245 (est. XXVIII) e 278 (est. XXIX). O primeiro é quadrilongo, o segundo ellipsoidal, o terceiro quasi discoide e o ultimo espheroidal. O typo da fig. 243 tornou-se vulgarissimo na epocha romana; e ninguem duvida do seu destino. O Museu da Figueira possue numerosos exemplares.

Estas grossas peças de barro cosido, com fórmas diversas, sempre furadas, apparecem desde a idade da pedra. Ellas existem no mobiliario neolithico lacustre da Suissa, archivado no Museu de *Saint Germain,* sala IV, vitrina 12, no mobiliario da idade do

---

[1] *Catalogo geral,* pag. 90, n.os 7083 e 7084.

[2] *L'Anthropologie,* t. XIV, n.os 4 e 5, pag. 451.

[3] *Ibid.*, t. XV, n.os 3 e 4, pag. 300.

[4] *Hist. de l'Art* cit., t. VI, pag. 905.

[5] *Ibid.*, t. VI, pags. 206, 837 e 905; POTTIER, *Catal. des vases antiques du Louvre,* t. I, pags. 80 e 81.

[6] CARTAILHAC, obra cit., pag. 278; *Ilios* cit., pag. 288.

[7] BURNOUF, obra e log. cit.

[8] Obra cit., pag. 99.

[9] *Ilios* cit., pag. 289.

bronze do mesmo Museu, exposto na sala v, vitrina 1, nos das palafittas e das estações do ferro da Italia, existentes no Museu Prehistorico de Roma. Os srs. Siret descobriram exemplares com dois, trez e quatro furos nas estações prehistoricas do sueste da Hespanha [1].

§ 9.º **Pesos de rede**

Fragmentos de vasos exoticos, mais ou menos arredondados, com dois entalhos abertos symetricamente em pontos oppostos, sem duvida para os ligar por um fio, appareceram em grande numero, principalmente nos povoados inferior e medio. Nas figs. 249 a 254 (est. xxviii) representamos alguns exemplares.

Pensamos que estes objectos eram pesos de rede, não só porque alguns estão gastos pelo attrito, como se fossem muitas vezes arrastados sobre areia ou vasa, mas porque ainda hoje os nossos pescadores usam pesos de pedra com o mesmo typo.

Objectos semelhantes encontraram os srs. Siret em estações do bronze do sueste da Hespanha [2].

V

Mobiliario de vidro, osso e pedra, e restos de cosinha

Em todos os trez povoados appareceram objectos de vidro, assim como o osso e a pedra com vestigios de trabalho; mas bastante raros. Depois da ceramica o que mais abundava nos entulhos eram os restos de cosinha, espalhados por toda a parte, dentro e fóra das casas.

§ 1.º **O vidro**

D'esta substancia recolhemos algumas contas de collar. A maior parte conserva a sua côr azul, mas com iriações na superficie. Outras perderam a sua côr primitiva, soffrendo a pasta profunda decomposição. Na fig. 4, n.os 309 a 314, representamos varios exemplares.

O uso das contas de vidro parece ter começado na idade do bronze. Assignalam a sua presença em estações d'essa idade o sr. Montelius na Dinamarca [3], o sr. John Evans na Inglaterra [4] e os srs. Siret no sueste da Hespanha [5]. Da idade do bronze na Europa serão talvez tambem os exemplares provenientes do lago Bourget e do Theil (Loire-et-Cher), que vimos no Museu de *Saint Germain,* sala v, vitrinas 1 e 23. Schliemann encontrou-as nas estações pre-mycenicas de Hissarlik [6].

Esse uso subsistiu durante toda a idade do ferro. Appareceram em Hallstatt [7],

---

1 *Les premiers âges du métal* cit., pags. 11 e 34.
2 *Ibid.,* pag. 34.
3 *Les temps préhist. en Suède,* pag. 87.
4 *L'Age du bronze* cit., pags. 147, 428, 528 e 531.
5 Siret, obra cit., pag. 54.
6 *Ilios* cit., pag. 639.
7 Desenhadas no movel n.º 25 de caixilhos girantes da sala vi do Museu de *Saint Germain.*

na Austria, nos *tumuli* da Côte-d'Or e da Marne [1], em França, de que se acham exemplares no Museu de *Saint Germain,* sala VI, vitrinas 6 e 10, e sala VII, vitrina 15; e na Italia Gozzadini encontrou-as em Villanova [2] e Marzabotto [3]. O Museu Prehistorico de Roma possue exemplares provenientes das necropoles da communa d'Este e de Veio; e vimos muitos outros no Museu Archeologico de Florença, no Museu Civico de Bolonha e no Museu Prehistorico de Genébra. Alexandre Bertrand assignala a sua presença na Criméa e a sua abundancia na ilha de Chypre [4]. Estacio da Veiga e nós encontramol-as no Algarve [5].

O problema da origem d'estas contas não está ainda plenamente resolvido. Sabe-se que o seu fabríco era antiquissimo no Egypto; e que os phenicios não só commerciavam com ellas, mas provavelmente tambem as fabricavam, visto que se occupavam em imitar os productos da arte e industria egypcias [6]. Por isso o sr. Cartailhac, referin-

309 310 311 312 313 314

Fig. 4 — Contas de vidro

do-se ás que Estacio da Veiga recolhera na necropole da Fonte Velha, em Bensafrim, exprime-se nestes termos: — perles presque semblables à celles que nous trouvons si répandues dans nos cimetières gaulois, et qui passent pour avoir une origine exotique, orientale, égypto-phénicienne» [7].

O que é certo é que o rev. P. Delattre tem exhumado grande quantidade d'estes objectos das necropoles da Carthago punica [8].

§ 2.º **O osso**

Em osso recolhemos os objectos seguintes: quatro fusaiólas (figs. 273 a 275 e 277, est. XXIX), um disco (fig. 287), uma placa rectangular (fig. 288), um tubo (fig. 289) e a peça da fig. 290 (est. XXIX). O da fig. 288 foi encontrado no deposito de rebotalhos junto ás escadas de pedra.

As fusaiólas parecem feitas de cabeças de fémur de bovideos. Só a da fig. 274 é perfurada de lado a lado. Nas outras o furo, aberto do lado da face plana, não chega

---

1 ALEX. BERTRAND, *Archéologie celtique et gauloise,* pag. 327; MOREL, *Planches de la Champ. souter.,* est. III, fig. 16, est. XIII, fig. 16, est. XVI, fig. 4, e est. XXIX, figs. 13, 15, 16 e 18.

2 GOZZADINI, obra cit., est. VIII, figs. 18, 22 e 23.

3 *Renseignements sur une ancienne nécropole à Marzabotto,* pag. 15.

4 Obra e log. cit.

5 *Antig. mon. do Alg.,* t. IV, ests. XXVIII, XXXI e XXXII; *Mem. sobre a antig.,* pag. 151.

6 *Hist. de l'Art,* t. I, pag. 827, e t. III, pag. 733 e segs., est. X, e pag. 826 e segs.

7 *Les âges préhist. de l'Esp. et du Port.,* pag. 297.

8 *Musée Lavigerie,* pag. 234 e segs., e ests. XXXIII e XXXIV; VOGÜÉ, *Note* cit., pag. 9, e ests. VII e VIII; *Les tombeaux pun. de Carthage,* pags. 14, 15, 18 e 19; *La nécrop. pun. de Douïmés, fouilles de 1893-1894,* pags. 19 e 26.

á extremidade superior. A da fig. 275 tem ligeiramente gravada uma rosacea de seis petalas sobre outra de igual numero de petalas. O elemento componente d'este ornato é o chamado *lozango cyclico*.

A rosacea simples, composta de doze, oito ou seis petalas, apparece no mobiliario punico das necropoles de Carthago [1] e das estações dos Alcores [2]. A rosacea de seis petalas sobreposta a outra ou outras, como no nosso exemplar, representa provavelmente uma flor, que Colonna-Ceccaldi julgava ser a do lodão [3].

Não estamos longe de admittir a existencia d'este ultimo ornato no objecto de Acébuchal, que o sr. Bonsor restaurou na fig. 24, pag. 29, da sua obra, sendo para notar que na face opposta do mesmo objecto, que é indubitavelmente phenicio, se acha tambem figurada a flor do lodão vista de perfil.

O disco da fig. 287 tem $0^m,006$ d'espessura. É ornado em uma das faces com cinco pequenos circulos gravados, tendo um ponto no centro. Ignoramos o verdadeiro destino d'esta peça. Apenas conjecturamos que seria embutida, como guarnição, em outro objecto, com o ornato voltado para fóra.

Este ornato tem similar na arte carthagineza. Apparece em estellas funerarias [4] e em varios discos [5]. Comtudo a sua origem é muito antiga, poisque se encontra nas estações pre-mycenicas de Hissarlik, gravado até em discos de marfim. Schliemann pensava que os pequenos circulos representavam estrellas [6].

A placa da fig. 288 (est. XXIX) tem a espessura media de $0^m,002$. Os orificios serviam naturalmente para a fixar, por meio de cavilhas ou pregos, em algum outro objecto. A face representada no desenho é polida e tem gravada uma espiral dupla cercada por um ornato de *dentes de lobo*.

O uso d'estas placas d'osso, ornamentadas de diversos modos, é tambem antiquissimo. Recolheram-se exemplares em Hissarlik; e Schliemann suppôz que seriam provavelmente destinados a guarnecerem os arreios dos cavallos. Elle cita ainda um exemplar descoberto por V. Gross nas povoações lacustres de Moeringen [7].

Na Assyria as placas de marfim ornamentadas guarneciam os moveis; e Perrot e Chipiez dão o desenho de uma em que apparece gravada a espiral dupla, como no nosso exemplar, mas a servir de cercadura. Estes auctores pensam que uma parte d'estes objectos seria de fabríco phenicio e importada na Mesopotamia [8]; e na verdade parece que os phenicios os contavam entre os seus productos e faziam d'elles um trafico consideravel por todo o Mediterraneo [9].

---

[1] *Nécrop. pun. vois. de Sainte Monique, deux. trim. des fouilles*, pag. 8; *La nécrop. pun. de Douïmés, fouilles de 1895-1896*, pags. 83 e 93, figs. 50 e 57; *Musée Lavigerie*, est. IV, fig. 6; *La nécrop. des Rabs* cit., pag. 10.

[2] *Les colonies* cit., pags. 29, 30, 54 e 84.

[3] *Monuments ant. de Chypre*, pags. 180 e 181.

[4] *Musée Lavigerie*, est. IV, fig. 3, e pag. 26.

[5] *La nécrop. pun. de Douïmés, fouilles de 1893-1894*, pag. 24, fig. 42, e *fouilles de 1895-1896*, pag. 83, fig. 50.

[6] *Ilios* cit., pag. 536, fig. 572, pag. 537, figs. 588 e 589, e pag. 727, figs. 1353 a 1355.

[7] *Ilios* e log. cits., pag. 538.

[8] *Hist. de l'Art*, t. II, pags. 729 e 730, e fig. 391.

[9] *Ibid.*, t. III, pag. 849 e segs., e t. IV, pag. 468.

Fragmentos de placas de marfim gravadas, algumas com vestigios da espiral dupla, appareceram nas estações ibero-punicas dos Alcores [1]. O rev. P. Delattre recolheu-as com outros ornatos nas necropoles de Carthago [2].

Quanto ao ornato da espiral dupla, já em outro logar notamos que tivera tambem larga applicação na arte mycenica ou egeia, com que os phenicios estiveram em contacto, e de que elles foram, em grande parte, os introductores na peninsula [3]; e que entre nós não só apparece na Citania de Briteiros, em Sabroso e em uma armilla do *Thesouro de Lebução* [4], mas em obras luso-romanas do valle inferior do Mondego, como nos mosaicos de Ançã [5] e nos de Montemor-o-Velho, conservados no Museu da Figueira.

O objecto de marfim, com dois furos, da fig. 290 (est. XXIX) mede $0^{m},006$ na espessura. Ignoramos o seu destino, como o do osso da fig. 289.

§ 3.º **A pedra**

Nos povoados inferior e medio recolhemos alguns exemplares de mós do typo primitivo. No povoado superior apenas encontramos dois fragmentos. São todos de grés. Na fig. 282 (est. XXIX) damos o desenho de um d'esses moinhos completo, isto é, composto de mó dormente e de mó volante.

É na verdade o typo do moínho da idade da pedra, epocha neolithica [6], de que possuimos um exemplar no Museu da Figueira [7]. Já em outro logar nos occupamos d'estes utensilios, que tanto em Hissarlik como na Europa atravessaram toda a idade do bronze e chegaram até á do ferro.

Entretanto no periodo da existencia dos nossos povoados já o moínho circular e girante tinha feito a sua apparição, e começára a ser usado pelos moradores. Recolhemos um exemplar das mós d'este novo moínho no povoado inferior (fig. 284), dois no povoado medio (fig. 285) e um no deposito de rebotalhos junto ás escadas de pedra (fig. 283, est. XXIX). Os das figs. 283 e 284 são mós dormentes; e os da fig. 285 são mó dormente e parte d'uma volante.

As mós dormentes têem no centro um orificio pouco profundo para fixar o eixo. A mó volante é atravessada em toda a sua espessura por um largo furo.

Tambem já tratamos largamente d'estas peças em outro trabalho; e ahi notamos que Victor Gross encontrára similares na Tène, e que outras haviam sido recolhidas em estações francezas da mesma epocha, como em um *tumulus* de Arverne de Celles. Referindo-nos ao exemplar d'esta ultima estação, descripto em uma memoria dos srs. J. Pages-Allary, J. Déchelette e Ant. Lauby, escrevemos o seguinte: «Ella differe das nossas em que as faces de trituração são sensivelmente horisontaes; a mó volante

---

[1] Bonsor, obra cit., pags. 28, 30 e 84; Pierre Paris, obra cit., t. I, pags. 95 e 96.
[2] *Les tomb. pun. de Carthage*, pag. 13; *Cosmos*, 48.º anno, n.º 760, pag. 243.
[3] Pierre Paris, obra cit., pag. 317 e segs.
[4] *Portvgalia*, t. II, fasc. I, ests. I e II.
[5] *Portvgalia*, t. I, pag. 816.
[6] *Musée préhist.* cit., est. LXI, fig. 587; *Le Préhistorique*, pag. 581.
[7] *Catalogo geral*, pag. 29, n.ºs 2683 e 2684.

tem na face superior uma cavidade em fórma de taça, no fundo da qual se abre um orificio central, e, além do orificio lateral para a manivela, apresenta outro que atravessa toda a peça até áquella cavidade superior; e a mó dormente é completamente atravessada pelo orificio central, onde devia fixar-se o eixo. Os auctores da memoria suppõem que neste ultimo orificio era embutido um cylindro de madeira, que ia penetrar no orificio central da mó volante, e que no topo d'esse cylindro se fixava o eixo de ferro; ao passo que no orificio lateral, que atravessa completamente a mó volante, se embutia outra peça de madeira, contendo uma haste de ferro com annel na extremidade, annel que ficava a meio do orificio central e recebia o eixo» [1].

É provavel que a mó volante de Santa Olaya tambem tivesse orificio lateral para a manivela, poisque o encontramos em exemplares do Crasto, de que adiante havemos de tratar; mas de outro orificio lateral, atravessando toda a peça até ao orificio central, não encontramos vestigios alguns.

A montagem do nosso moínho devia ser aproximadamente semelhante á que fica indicada. O orificio da mó dormente receberia a bucha ou peça de madeira, em que se fixava o eixo de ferro; e no orificio central da mó volante devia embutir-se tambem alguma peça de madeira, talvez provida d'um annel de ferro que encaixasse no eixo, sendo essa peça rota, de modo a deixar passar o grão que se ia lançando por cima.

Recolhemos tambem o gral, feito de grés, da fig. 279 (est. XXIX). Está gasto e roto no fundo, como o exemplar encontrado por Schliemann em Hissarlik [2]. É manifestamente um objecto inutilisado.

Os restantes objectos de pedra são menos importantes. Reduzem-se ao fragmento d'um vaso de grés (fig. 280), a calhaus de quartzo e de quartzite que parecem ter servido de trituradores, como o da fig. 281, e pedras de afiar, como a da fig. 286 (est. XXIX). Entre estas ultimas ha exemplares em schisto, que parecem fragmentos de hachas neolithicas.

§ 4.º **Restos de cosinha**

Estrabão diz que os lusitanos eram sobrios, e se nutriam principalmente de carne de bode [3]. Encontramos nos nossos povoados, não só abundantes restos de cabrito e cabra ou carneiro, mas de bovideos. Ajunte-se a isto a caça miuda, como o coelho, e a caça grossa, como o veado e o javalí. D'este ultimo appareceram numerosissimas defezas.

As valvas das ostraceas eram tambem muito abundantes. Mais raras, as do *Pecten maximus,* do *Cardium echinatum, Cardium edule, Venus verrucosa, Purpura hæmastoma, Littorina littorea* e *Tapes decussata.*

Entre as conchas ha muitas que foram captadas mortas nas praias, como provam os vestigios d'um longo attrito pelas areias.

---

[1] *Os pequenos moínhos circulares de pedra nas estações pre-romanas do valle do Mondego.* Communicação apresentada na 8.ª sessão plenaria da Sociedade Archeologica, celebrada em 25 de outubro de 1903.

[2] *Ilios* cit., pag. 734, fig. 1386.

[3] *Geogr.*, liv. III, cap. III, § 1.º

VI

A necropole

Antes da descoberta dos povoados de Santa Olaya, já tinhamos encontrado, a uns 600 metros para nascente, em terreno da Quinta de Ferrestello, uma necropole por inhumação.

Era situada numa saibreira, em exploração havia mais de vinte annos; e estava quasi destruida. As sepulturas foram desapparecendo, sem que os trabalhadores dessem por tal; e ao caso providencial de haver-se ultimamente encontrado uma que não estava entulhada pela areia, e onde, por conseguinte, o esqueleto se apresentou com toda a nitidez aos olhares d'aquelles rusticos, é que se deve ter sido o caso participado logo ao feitor da Quinta e chegar em seguida ao nosso conhecimento, quando faziamos as primeiras pesquizas em Santa Olaya, junto ás escadas de pedra.

Fomos então ao local, e vimos não só a sepultura de que nos haviam dado noticia, mas outra, ambas construidas com lages brutas, e das quaes os trabalhadores haviam retirado e partido os principaes ossos, e ainda os restos d'uma terceira sepultura, que se havia descoberto alguns dias antes, e que era construida só com telhas romanas.

Dias depois, voltando ao sitio, fizemos sondagens no terreno contiguo, e descobrimos mais duas sepulturas, absolutamente intactas, que desmontamos com cuidado e fizemos transportar e restaurar no Museu da Figueira, onde se conservam.

Trez eram, quanto aos materiaes, os typos d'estas sepulturas, a saber: 1.° construidas só com lages brutas; 2.° construidas com lages brutas e telhas romanas; 3.° construidas sómente com telhas romanas.

Ao principio todas estas sepulturas nos pareceram da epocha romana, e assim o escrevemos em um dos nossos trabalhos [1]; mas, reconsiderando, o nosso juizo foi diverso. Pensamos que se tratava d'uma necropole datando de epocha anterior á romana, e que continuára a ser utilisada depois da romanisação do valle do Mondego: e ainda hoje mantemos esta opinião.

A sepultura de lages brutas é manifestamente a representante do cisto da idade da pedra e da idade do cobre em Portugal [2]. Já na necropole de Odemira e noutras, o cisto se apresenta alongado, para receber o cadaver estendido horisontalmente, e descrevendo uma fórma trapezoidal [3].

Paula e Oliveira, estudando as necropoles das visinhanças de Cascaes, onde existem sepulturas de lages brutas, e, julgando-as romanas, concorda todavia que o typo é o mesmo, que se nota nas sepulturas prehistoricas de Odemira; e acrescenta: «Si le rite funèbre qui s'y révèle est originairement préromain (et telle est la conclusion qui résulte des faits qui viennent d'être rapportés), la persistance de ce rite au temps de l'établissement des Romains indique, très vraisemblablement, une époque où les usages

---

[1] *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 222 e segs.

[2] *Antig. prehist. do conc. da Figueira*, pag. 49; *Memorias* cit., pag. 115 e segs.; *As necropoles algarvias da Baralha e da Serra de Bartholomeu Dias*, pub. no n.° 2.° do *Bol. da Soc. Archeologica.*

[3] *Antiguidades mon. do Algarve*, t. IV, pag. 141 e segs.

de ce peuple ne s'étaient pas encore substitués à ceux des naturels; ou, en d'autres termes, une époque très rapprochée de celle de la conquête».

Mais. Elle admitte que os individuos inhumados nestas sepulturas pertenciam á população pre-romana ainda pura; e que o rito funerario era semelhante ao observado nos tumulos marneanos da França, devendo aquella população ser d'origem gauleza [1].

Ora reconhecido que o rito é pre-romano, ou se derive d'um rito local herdado de idades anteriores ou do rito gaulez do periodo marneano, o mais natural é admittir que as sepulturas de lages brutas, onde não apparece o menor vestigio romano, são pre-romanas, e que as outras, onde se nota influencia romana, foram construidas posteriormente; o que nos conduz á hypothese de terem algumas d'essas necropoles, pelo menos, como a de Ferrestello, começado antes da influencia romana e continuado a servir depois.

Nem é verosimil que os indigenas, em seguida á conquista romana, abandonassem as antigas necropoles, onde jaziam os restos dos seus maiores, e fundassem outras novas. A persistencia no uso das antigas necropoles é um facto que resulta das nossas proprias observações. Na Fonte Velha, em Bensafrim, a necropole por incineração da epocha romana assenta sobre a necropole prehistorica ou proto-historica por inhumação [2]. No adro da egreja matriz da Granja do Olmeiro sepulturas dos principios da monarchia e outras ainda mais modernas estão ao lado de sepulturas de lages brutas, que remontam á epocha romana [3]. No sitio da Nossa Senhora do Desterro, em Montemór-o-Velho, antigas sepulturas trapezoidaes de lages brutas existem por debaixo das ruinas da villa romana, em que assenta a moderna capella, e ao lado d'estas ruinas havia sepulturas romanas do 3.º ou 4.º seculo da nossa era [4].

Entretanto, se as sepulturas de lages brutas da necropole de Ferrestello não datam de tempos pre-romanos, e não serviram aos moradores dos povoados de Santa Olaya, representam em todo o caso o typo que devia estar em uso ao tempo dos mesmos povoados; e, sob este ponto de vista, o seu estudo é ainda interessante.

Estas sepulturas encontravam-se a 0^{m},50 de profundidade. Uma lage forrava o fundo, e sobre ella pousava o esqueleto. Diversas lages, cravadas de cutello, formavam os lados, e outras cobriam esta especie de caixão. A sua fórma era ligeiramente trapezoidal. No comprimento mediam 1^{m},70 a 1^{m},80, na largura do lado da cabeça do esqueleto 0^{m},55 a 0^{m},60 e do lado dos pés 0^{m},50. A altura regulava por 0^{m},40 a 0^{m},50.

A sua orientação era de NO a SE, e os esqueletos tinham a cabeça para o NO. Os corpos haviam sido estendidos sobre as costas, com os braços ao longo do tronco. Nenhuma peça de mobiliario os acompanhava.

Na sepultura que foi restaurada no Museu da Figueira, muitos ossos d'outros esqueletos estavam agglomerados do lado dos pés. Eram manifestamente restos de inhumações anteriores, que foram deslocados para darem logar aos novamente inhumados.

Estes ossos foram estudados pelos srs. Ricardo Severo e Fonseca Cardoso; e o resultado do seu trabalho é do teor que segue.

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA.

---

1 *Antiquités préhist. et romaines des environs de Cascaes*, pag. 13 e segs.

2 *Memorias* cit., pags. 146 e 194 e segs.

3 *Ibid.*, pag. 247.

4 *Portvgalia*, t. I, pag. 596 e segs.

VII

Nota sobre os restos humanos da necropole de Ferrestello

Os restos humanos, encontrados pelo sr. dr. Santos Rocha na necropole de Ferrestello, constam das seguintes peças mensuraveis: um calvarium e duas calotes de tres homens de edade madura; uma cabeça ossea completa de uma joven; tres mandibulas, tres fémures, tres tibias, um humero, um radio e um cubito de homens, e um fémur do esqueleto da joven supracitada.

É pouco material para nos dar resultados concludentes ácerca do typo ethnico dos habitantes das povoações luso-romanas do valle do Mondego. Entretanto, permitte-nos realisar algumas observações de interesse para o nosso problema ethnologico.

Já a pags. 598 do tomo I da *Portvgalia* accentuamos a semelhança entre o typo humano da necropole do Desterro e o de Ferrestello. Pelo estudo comparativo, craneometrico e osteometrico, d'estas necropoles, exposto no quadro que vae junto a esta nota, conclue-se precisamente esta semelhança. É a mesma população dolichocephala, hypsicephala, de rosto alongado, leptorrhinica e de orbitas mesosemas. O seu fraco indice fronto-zygomatico mostra-a dotada de arcadas zygomaticas phenozygicas, exceptuando o craneo feminino n.º 2, cujo indice de 100 nos assignala uma joven não tendo mais de 16 annos de edade, quando falleceu, o que, de resto, se confirma pelo estudo de outros caracteres craneologicos e osteologicos.

O perfil do craneo n.º 1 que tomamos para typo e que pertence ao esqueleto de homem—jacente na sua rude sepultura, á entrada do Museu Archeologico da Figueira—é egual ao representado por Topinard, a pag. 891, fig. 161, no seu livro *Élements d'Anthropologie*. A sua parte frontal é curta e fugidia até ao bregma, e segue plana durante a primeira metade saggital, deprimindo-se obliquamente para fóra, delineando a protuberancia occipital saliente.

As mandibulas apresentam em geral os mesmos caractéres que as do Desterro: massiças, com o mento accusado e evidente prognathismo (n.º III de Topinard). O humero, não perfurado, indica-nos pela sua massa um individuo robusto, o que está em harmonia com o aspecto do cubito e do radio; o fémur do mesmo esqueleto é accentuadamente curvo e apresenta a sua *linha aspera* bastante saliente—os outros fémures teem os mesmos caractéres, porém mais attenuados; as tibias são algum tanto platycnemicas. O fémur da mulher tem a curvatura e linha aspera salientes e a tibia é de platycnemia moderada.

Da medida dos ossos longos deduz-se que a estatura era de $1^m,62$ a $1^m,63$ nos homens, isto é, de media baixa, emquanto que a população das necropoles de Alcoutão e Abujarda era de $1^m,67$, media-alta, como apurou um de nós [1] sobre as medições do mallogrado Paula e Oliveira, pelo methodo de Manouvrier que ora tambem empregamos. Parece, pois—embora diminutos os elementos de analyse—que, na epocha das necropoles de Ferrestello e do Desterro, a sua população apresentava os caractéres dos

[1] Fonseca Cardoso, *O Minhoto d'Entre Cavado e Ancora*, in *Portvgalia*, tom. I, pag. 32.

Quadro comparativo das medições osteometricas das necropoles de Ferrestello e do Desterro

Nomenclatura		Necropole de Ferrestello N.º 1	Necropole de Ferrestello N.º 2	Necropole de Ferrestello N.º 3	Necropole de Ferrestello N.º 4	Nec. do Desterro N.º 1	Nec. do Desterro N.º 2	Media de todos os craneos
		M.	F.	M.	M.	I.	I.	
CRANEO CEREBRAL								
Diametros.	Antero-posterior maximum	190	171	192	–	178	185	183.2
	Antero-posterior metopico	188	170	187	–	–	183	182
	Transverso maximo	142	134	136	–	–	130 (?)	135.5
	Basilo-bregmatico	–	131	–	–	–	–	–
	Naso-basilar	–	86	–	–	–	–	–
	Stephanico	107	112	119	121	–	–	114.8
	Frontal minimo	95 (?	89	–	–	–	–	92 (?)
	Bi-glenoidiano	–	86	–	–	–	–	–
	Naso-alveolar	–	58	–	–	–	–	–
Curvas ...	*Antero-posterior* (nas. opist. bas.)	**373**	**357**	**383** (?)	–	–	–	**384.3**
	Frontal	128	125	125	135	125	–	127.6
	Parietal	125	125	123	143	124	–	128
	Occipital	120	107	135 (?)	–	135	–	124.3
	Horisontal	**533**	**490**	**528**	–	**510** (?)	–	**515.3**
	Anterior pre-auricular	283	225	–	–	–	–	–
	Posterior	250	265	–	–	–	–	–
	Sub-auricular	326	315	–	–	–	–	–
Buraco occipital ..	Comprimento	–	40	–	–	–	–	–
	Largura	–	27	–	–	–	–	–
Indices ...	Cephalico	74.6	78.4	70.8	–	–	70.3 (?)	74.0
	Vertico-longo	–	76.6	–	–	–	–	–
	Vertico-transverso	–	97.7	–	–	–	–	–
	Frontal superior	75.3	83.6	87.5	–	–	–	84.7
	Frontal minimo	66.9	66.4	–	–	–	–	–
	Rel. da curva pre-aur. para a horisontal.	53.1	45.9	–	–	–	–	–
CRANEO FACIAL								
Larguras..	Biorbitaria externa	100 (?)	85	–	–	–	–	92.5
	Bizygomatica	121	112	–	–	–	–	116.0
	Bimaxillar	96	86	–	–	–	–	91
Alturas ...	Mento supraciliar	127	116	–	–	–	–	121.5
	Ophryo-alveolar	86	76	–	–	–	–	81
Orbitas ...	Largura	39	37	–	–	–	–	38
	Altura	32	31	–	–	–	–	31
	Espaço interorbitario	20 (?)	21	–	–	–	–	20.5
Região nasal......	Largura	21	23	–	–	–	–	22
	Altura	53	45	–	–	–	–	49
Abob.ª palatina...	Largura	33	35	–	–	–	–	34
	Comprimento	48	–	–	–	–	–	–
Mandibula	Altura do ramo posterior	46	48	–	–	62	–	47
	Largura do ramo posterior	28	29	–	–	25	–	28.5
	Largura bigoniaca	96	89	–	–	90	87	92.5
	Largura bicondyliana	112	95	–	–	96	–	103.5
Projecções	Pre-basilar	–	80	–	–	–	–	–
	Post-basilar	–	99	–	–	–	–	–
	Do vertex ao ophryon	–	65	–	–	–	–	–
	Do vertex ao ponto espinal	–	129	–	–	–	–	–
	Do vertex ao ponto alveolar	–	139	–	–	–	–	–
	Do vertex ao mento	–	182	–	–	–	–	–
Indices ...	Facial total (anterior)	–	61.5	–	–	–	–	–
	Facial	71.1	68.7	–	–	–	–	69.8
	Orbitario	82.2	83.8	–	–	–	–	81.6
	Nasal	39.6 (?)	51.1	–	–	–	–	44.9
	Fronto-zygomatico	88.4	100.0	–	–	–	–	98.9
	Gonio-zygomatico	79.3	80.0	–	–	–	–	79.6
	Palatino	79.2	–	–	–	–	–	–
Angulos ..	Facial de Cloquet	76°	76°	–	–	–	–	76°
	Naso-malar de Flower	137°	137°	–	–	–	–	137°
	Goniaco	134°	125°	–	–	127°	127°	128°
	Symphisiario	67°	73°	–	–	67°5	75°	76°6

OSSOS LONGOS

Nomenclatura		Comprimentos Maximo	Comprimentos Minimo	Comprimentos Medio	Grossura Media	Grossura Indice	Estaturas Cadaverica	Estaturas Media cadaverica	Estaturas Verdadeira
Ossos masculinos de Ferrestello .	3 femures	431	426	429 + 2	86	20.0	1^{m}.639	–	–
	3 tibias	380	346	361 + 2	84	23.3	1^{m}.658	–	–
	1 humero	300	–	300 + 2	72	24.0	1^{m}.571	–	–
	1 radio	–	–	229 + 2	40	18.0	1^{m}.626	–	–
	1 cubito	–	–	255 + 2	40	15.7	1^{m}.654	–	–
	Total — 9 ossos	–	–	–	–	–	–	1^{m}.638-0.02	1^{m}.618
Ossos femininos ...	1 femur	–	–	355 + 2	65	18.3	1^{m}.381	–	–
	Total — 1 osso	–	–	–	–	–	–	1^{m}.381-0.02	1^{m}.361
Ossos m.ºˢ do Desterro ...	1 femur	–	–	435 + 2	87	20.0	1^{m}.649	–	–
	1 tibia	–	–	356 + 2	66	18.5	1^{m}.647	–	–
	Total — 2 ossos	–	–	–	–	–	–	1^{m}.648-0.02	1^{m}.628

predecessores kymricos enterrados nas necropoles de Alcoutão e Abujarda, porém já attenuados pela mestiçagem com os dolichoides morenos indigenas. Isto significa que a população protohistorica do valle do Mondego deveria ter approximadamente os caractéres physicos que apresentam os seus habitantes actuaes.

Se compararmos, finalmente, os caractéres dos gaulezes marneanos descriptos por Paul Raymond no seu recente trabalho [1] craneometrico e osteologico, com os da população de Ferrestello e Desterro, verificamos a sua semelhança flagrante. Com effeito, além de outras affinidades typologicas, os esqueletos de Caranda apresentam uma estatura media egual á nossa. Raymond conclue que a estatura dos habitantes marneanos da Gallia era media e não alta, como se julgava; o que o leva a crêr que os gaulezes de elevada estatura, vistos por Cezar nas campanhas das Gallias, eram seleccionados na população indigena, a qual portanto seria já mestiçada.

RICARDO SEVERO e FONSECA CARDOSO.

---

1 *Les caractères physiques des gaulois*, in *Revue préhistorique*, 2.° anno, pag. 19.

O TRAJE SERRANO

(NORTE DE PORTUGAL)

A substituição dos antigos processos de fiação e tecelagem, agora mais expeditos e incomparavelmente productivos, as facilidades de viação e de transportes, a superproducção e a concorrencia, o derivado embaratecimento do artefacto e, d'algum modo, as alterações do velho regimen social, destruíram o individualismo das modas regionaes, mesmo nos povos, como os serranos, onde o prestigio do vestuario tradicional mais resistia ao influxo alheio. Se os velhos de ordinario se conservam fieis ao uso antigo e, em regra, o povo menos varía de traje do que os ricos, no campo, e na serra principalmente, mais radicado se manifestava o respeito pelos costumes legados. Em varias regiões de Hespanha certos trajes caracteristicos permaneciam como vinculados a ellas por uma antiguidade de quatro e cinco centurias [1]; e na alta edade-media as roupas de lã grossa e espessa, e sobretudo as de gala e cerimonia, passavam, nas classes ruraes francezas, até á quarta geração [2]. O homem do campo, em dias de feira ou de mercado, assistia, segundo a estação, vestido de linho ou de droguete, de fabríco caseiro nos dias longos em que passára o inverno [3]; mais restricto ainda, o serrano pyrenaico recorria á lã apenas, sua disponivel materia prima quasi unica, e que era o producto do rebanho [4].

O que succedera nos dois paizes confinantes é o que, por similitude de circumstancias no estado social, se produsia na terra portuguesa e, por egual parallelismo de motivos, nas populações serranas. A tradição ainda vivaz e saudosamente transmittida,

---

[1] José Puiggarí, *Monografía histórica é iconográfica del traje*, pag. 266 e segs. J. y A. Bastinos ed. Barcelona, 1886.

[2] Paul Lacroix (Bibliophile Jacob), *Mœurs, usages et costumes au Moyen-âge et à l'époque de la Renaissance*, pag. 558. F. Didot ed. Paris, 1871.

[3] Lalance, *Les maisons-types de la région de Montbéliard (Doubs)*, in *Enquête sur les conditions de l'habitation en France*, I, pags. 121-2. Leroux ed. Paris, 1894. — Souliè de Bru, *Les maisons-types dans la région des Hautes-Alpes*, id., id., pags. 180-1.

[4] Fernand Butel, *Une vallée pyrénnienne. La vallée d'Ossau*, pag. 99. Paris, 1894.

a subsistencia de alguns velhos despojos veneradamente conservados, um ou outro vago exemplo de observancia a antigos moldes e certos vestigios que os recursos, a occupação ou o clima obrigam a manter, depõem pela lenta mutabilidade passada dos vestuarios convencionaes. Mas os contrastes com a intensa transformação que as facilidades elaboradoras de ha um seculo occasionaram, mal se accusam já através dos residuos de habitos e fabrícos que sobreviveram á mutação profunda dos costumes. Como a outro proposito se affirmára, tambem aqui «la plaine est maitresse du siècle et fait la guerre à la montagne» [1]. Dia a dia se adopta, e altera e renova a moda que sóbe da Ribeira, como esta já fôra pouco

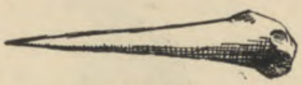


Fig. 1
Furador de osso (Montalegre)
1/2 da gr. nat.

Fig. 2 *a*, *b* e *c* — Na Gralheira

antes invadida, e dominada e seduzida. De sorte que não é pela brevidade com que se introduz agora um padrão e logo extingue, que se formará um juizo certo da antiga persistencia e mais ainda da lenta evolução operada desde a nudez nativa ao modo actual como a velam.

De facto e inicialmente, para se subtrahir á influencia hostil das intemperies, garantindo-se dos frios e das chuvas, de certos extremos thermicos ligados ás estações e aos climas, dos mesmos accidentes meteoricos quotidianos, o homem, desde os tempos magdaleneanos, ao que se apura, creou o habito do vestuario. Na phase primor-

---

1 J. MICHELET, *La montagne*, pag. 345, 3.ème ed. Paris, 1868.

Fig. 3
Em S. Silvestre da Ermida
(Serra da Amarella)

dial de caçador o revestimento encontrara-o na propria pelle das presas com que se havia alimentado, usada tal qual, sob o mesmo instincto, pelos povos mais distanciados. Attestam-o varios monumentos figurados do Egypto, os textos allusivos a gaulezes e germanicos, ao grego archaico, aos pastores do Lacio cujas sobrevivencias ainda são patentes nos Abruzzos [1]. Desembaraçada mais tarde dos pellos pela maceração em agoa com algumas cinzas ou outras substancias alcalinas [2] e assim conquistado um progresso sobre a primitiva e exclusiva extracção de carnes e gorduras, davam-se os primeiros passos, ainda remotos, para a descoberta da cortimenta, d'um lado, e d'outro para a apropriação do mais prestante textil animal [3]. As pelles, apenas limpas, subsistiriam em povos de cultura atrasada, ou como utilidades e reminiscencias que certas condições locaes explicam e determinam em alguns artigos de limitado uso: os safões de anho, de ovelha e até de lobo, entre nós, e ainda os barretes de pelle de carneiro, de lebre e de coelho.

Fig. 4 — Em Robordãos (Abas da Nogueira)

Utilisadas as pelles sob a forma de coiro, como já se observa em algumas estações prehistoricas e em outras de procedencia egypcia e hellenica, o homem, na phase pastoril immediata, iniciou-se progressivamente na arte de fiar e de tecer os pellos animaes, alcançando assim vestuarios mais quentes, mais leves, mais flexiveis e moldaveis ao organismo; na mythologia grega consagrava-se a ovelha a Mercurio, que fôra quem, astuto e divino, soubera primeiro despoja-la do seu vello!

Por fim, e já na phase agricola, a apropriação dos filamentos interiores de certos vegetaes era uma consequencia d'um saber já adquirido e da experiencia porventura anteriormente feita com o entrelaçamento de folhas de plantas. Estaria aqui até o passo inicial da tecelagem, ainda hoje recordado nas nossas sandalias de espar-

[1] Louis Bourdeau, *Histoire de l'habillement et de la parure*, pags. 12-3. Alcan ed. Paris, 1904.
[2] J. Deniker, *Les races et les peuples de la Terre*, pag. 213. Schleicher ed. Paris, 1900.
[3] Bourdeau, ob. cit., pags. 20 e 57.

to [1], nos chapeus de palha ruraes, nas coroças e coruchos, na esteiraría, na cestaría, na ceiraría, nas variadas obras de bunho e palha, de junça e jungo, de palma e vime.

Assim provído, e certamente após uma extensa e atormentada aprendisagem, o homem, defendendo-se dos rigores climaticos, dos bruscos contactos com os corpos

Fig. 5 — Capa de honras de Miranda
Frente

Fig. 6 — Capa de honras de Miranda
Perfil

solidos, dos aculeos e espinhos que erriçam certas plantas, das picadas de animaes aggressivos, dos solos endurecidos, ou cortantes, ou pulverulentos, ou lodosos, ainda attingira, de vario modo, as suas iniciaes aspirações estheticas [2]. Á sua vaidade ingenita foi sempre grato brilhar e distinguir-se, ou pintando-se com rabiscas e gregotins,

---

[1] No interessante espolio archeologico da Cueva de los Murciélagos, em Albuñol (Andaluzia), encontraram-se gorras e tunicas de esparto e bastante calçado da mesma fibra vegetal semelhante ás *agóvias* e *esparteñas* que ainda usam as classes pobres dos arredores: Manuel de Gongora y Martinez, *Antigüedades prehistoricas de Andalucia,* pag. 31, fig. 3 da pl. II, pag. 34, fig. 18 e pag. 54. Madrid, 1868.

[2] Bourdeau, ob. cit., pag. 2.

ou tatuando-se e mutilando-se, ou adornando-se com a mais varia e confusa multiplicidade de enfeites, ou vestindo-se mesmo com prodigalidade e exaggero, ainda que sob um clima terno e um ceu clemente! Para as mulheres, sobretudo, foi e será a arte suprema, depois do que e sómente o convencional sentimento do pudor é attendido.

Fig. 7 — Capa de honras de Miranda
Costas

Sobre estes topicos evolutivos do traje, necessariamente adstrictos a certos povos e correntes, como se poderão marcar, além do successivo caminhar de adaptações e progressos de fabríco, e mais ainda da infinita, peculiar e dilatada modalidade dos córtes, os periodos de tempo que uma acquisição nova de tecido ou um talhe de veste demandaram para se estabelecerem e fixarem? Nos tempos da infancia industrial seriam por vezes tam longos como a epocha em que certos povos surgiram para a tradição e para a Historia, n'ella fulgiram e por fim se abysmaram; mais tarde a incessante busca, melhorando e variando machinas e artefactos, naturalmente promovia a substituição dos velhos padrões, morosamente, comprovadamente reconhecidos de mais prestimo; e por ultimo, com a revolução assignalada da transformação mechanica dos processos technicos, dos consequentes preços abordaveis e das communicações facilitadas, haveriam de cessar os modelos tradicionaes, acantonados, na região e no tempo, pelo quasi sequestro das populações, pelo respeito attribuído ao passado, pela rotina manufactureira local, pela limitação aos recursos de em volta, pelo proprio sentimento de conservar resistente e duravel o que tam penoso fôra de produsir e elaborar.

Fig. 8
Em Canadello
(Marão)

Assim é comprehensivel como se surprehendem na montanha, independentemente do que, pelas condições ambientes, subsiste e permanecerá exclusivo da vida nas alturas, as infiltrações da moda e artigos estranhos aos costumes, aos productos e ao trabalho locaes, e ainda como diminue crescentemente, desenganadamente, a affanosa mas sobria, salutar e economica sufficiencia dos seus meios de acção e de labor.

Procedendo ao registro do que actualmente constitue a vestidura do montanhez no norte de Portugal, denunciando as intrusões recentes, accusando os modelos locaes e determinando-lhes, quanto possivel, as ascendencias mais ou menos longinquas, occorrem, principiando, as roupas interiores. Não são, decerto, aquellas cujo habito radíca em epochas mais distantes: no oriente e no mundo greco-

Fig. 9 — Da capa de honras: aletas

romano as tunicas de linho de uso interno eram privilegio de classes ricas. Só da Renascença em deante é que se vulgarisa um pouco a roupa branca [1], e fixa-se em França o seculo XIII para o inicio do emprego da camisa como hoje é usada, approximadamente [2]. Nos primeiros tempos da monarchia, porém, já existia entre nós a cultura do linho, e sem cessar augmentava, fabricando-se o bragal em casa, ou pela familia ou por tecelões de officio [3]. De preferencia o serrano ainda adopta o mais excellente dos filamentos vegetaes, sob o triplice aspecto, limpo e residuario, de linho, estopa e tomentos. Para ambos os sexos as camisas ou são effectivamente só de linho, ou de estopa e tomentos, ou, em regra, de linho a metade que vae até á cinta e de estopa a restante — pois que esta mais se gasta. Generalisando-se o costume nas mulheres, até mesmo nas populações da planicie, nos homens é mais raro (Castro Laboreiro, Barroso, Gralheira), como raro n'elles é já hoje o opposto e antigo habito mirandez das compridas camisas até abaixo dos joelhos. Succede emtanto que em Montalegre e no seu aro, nas faldas de Larouco e para os lados de Vinhaes, esta vestimenta se limita pelas ancas nos tempos ordinarios de trabalho, em contraste, nas occasiões festivas, com os abundantes folhos das fraldas e dos tufos anteriores, as rendas e abertos na gola e peito e os bordos a branco, vermelho e azul no trespasse e no pescoço. Em padrões das masculinas, já em desuso, por egual os peitos

Fig. 10 Da capa de honras: abertura

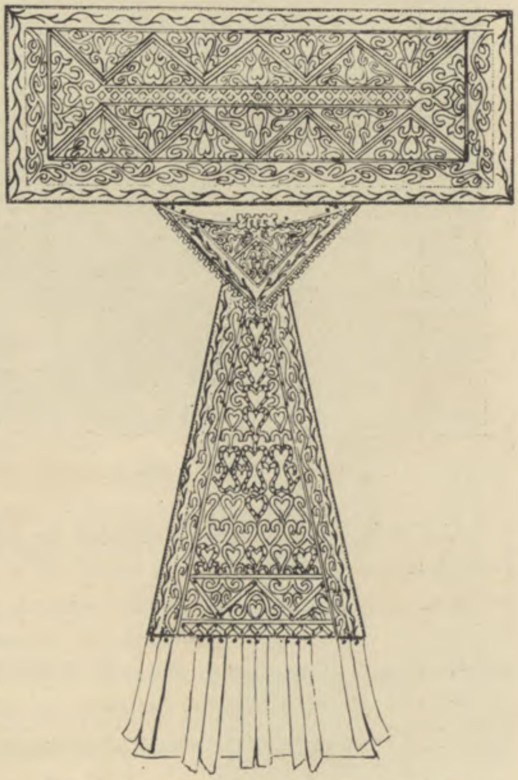


Fig. 11 — Da capa de honras: o capuz e a honra

[1] BOURDEAU, ob. cit., pags. 209-10.

[2] J. QUICHERAT, *Histoire du costume en France*, pag. 181. Hachette ed. Paris, 1875.

[3] ALBERTO SAMPAIO, *As «villas» do norte de Portugal*, in *Portvgalia*, I, pag. 786. Porto, 1903.

tufavam, multiplicavam-se os extinctos botões de linha, franziam-se e bordavam-se as hombreiras e, nos collarinhos altos, sobresahiam os ilhós alinhados e perfeitos e a breve silva bordada a branco ou polychromica (Pitões, Terra de Miranda).

Para saias ou anagoas ainda são os tomentos, a estopa ou o linho a materia prima de escolha, quando os tecidos de algodão, como as baetas e branquetas para camisolas (Soajo, Barroso, Montesinho) e saiotes (Campeã, Miranda) não invadem já estes dominios outr'ora inaccessiveis aos textís que não fossem regionaes.

Fig. 12 *a*, *b* e *c* — Na Serra de Arga

As meias, inicialmente formadas de retalhos unidos e só fabricadas de malha ha tresentos annos [1], abundam na serra, sob a denominação, para homens, de *carpins* ou *meiotes*, e sob a de *piucas*, quando sem pé, para mulheres. É o mesmo typo usado nos Pyrineus [2]: cano, apenas, do joelho ao tornozello, em malha de lã indigena, preferentemente brancas n'uns logares (Serra de Arga, Castro Laboreiro), indifferentemente brancas ou pretas n'outros (Barroso), *redondas* ou *derrabadas*, como lhes chamam na Gralheira e em Montemuro, por economia, mas imprescindiveis em virtude do frio nas pernas e dos

[1] QUICHERAT, ob. cit., pag. 98.

[2] BUTEL, ob. cit., pags. 33 e 100.

Fig. 13 — No Marão

contactos d'estas com certa vegetação silvestre. O desuso, entretanto, accelera-se, definitivamente em Montesinho, e progressivamente no Soajo, na Amarella, no Gerez e em Faifa, Esther, no concelho de Castro Daire, tendo-se-lhes antecipado, na Cabração, faldas de Arga, as piucas de *cabrestilho,* isto é, com uma presilha por baixo, em Sendim de Miranda as *meias de meio pé* e, nas povoações de Reigoso, Pondres, Venda Nova e outras mais do planalto barrosão, as quasi esquecidas *adelhas,* que eram piucas com calcanhar e sem pé, dando a illusão, quando a mulher estava calçada, de que effectivamente usava meia inteira! As completas e vasadas á frente, de trabalho caseiro manual, eram o termo ascendente do luxo n'este pormenor vestimentario!

Nas roupas interiores é, pois, o linho que, não obstante a invasão dos algodões, aliás já presumivelmente introdusidos na Iberia pelos phenicios, adoptados pelos romanos pouco antes da era presente [1] e mais vulgarisados ao deante pelos arabes [2], logra ainda a primazia, principalmente pelo seu indigenato tradicional na peninsula, extensivo, de resto, ás Gallias, cujos tecidos foram reputadissimos [3], á Italia, onde o obtinham de tempos immemoriaes [4] e até ao Egypto, onde primeiro se cultivou, onde se produsiram as melhores especies [5] e onde se fabricaram, na antiguidade, os melhores productos.

Para as roupas exteriores os tecidos de lã local é que mais rapidamente se substituem. A sua rudeza e grosseria, contrastando com o apparato dos tecidos que fornece a

Fig. 14 — Em Miranda

[1] J. MARQUARDT, *La vie privée des romains,* II, pag. 120. Fontemoing ed. (1893).

[2] BOURDEAU, ob. cit., pag. 43.

[3] ERNEST DESJARDINS, *Géographie historique et administrative de la Gaule romaine,* I, pag. 450. Hachette ed. Paris, 1876.

[4] MARQUARDT, ob. cit., II, pag. 115.

[5] ALPH. DE CANDOLLE, *Origine des plantes cultivées,* pag. 98 e segs. Baillière & C.ie eds. Paris, 1883. — MARQUARDT, ob. cit., II, pags. 111-3.

moderna industria, decide pouco e pouco á preferencia, desthronando-se assim o mais precioso dos textís, decerto o primeiro manufacturado, entre outros, conforme os escriptores da antiguidade, por gregos, gaulezes, romanos e lusitanos [1], e, em ultima analyse, o mais isolador e o mais adequado ás condições meteoricas das alturas. Com essas qualidades essenciaes, ás quaes o instincto e a experiencia associou, entre os habitantes de clima rigoroso e em toda a parte [2], a justeza estreita ao corpo, subsistiram durante muitos seculos os tecidos que os bureis ainda actualmente representam.

Fig. 15 — Em Castro Laboreiro

Esta denominação generica, que a leste de Traz-os-Montes se traduz por *pardos*, estende-se ainda ao *riscadilho* ou *rascadilho* em Castro Laboreiro e *xerga* ou *enxerga* em Miranda do Douro, que são bureis menos espessos e mais leves e, em regra, destinados a mulheres e a creanças. Se á lã, porém, associam a estopa, ainda com est'ultimo intento, distinguem-se então, conforme as regiões, por outros nomes, o mais vulgar e conhecido dos quaes é a *sirguilha* ou *serguilha* (Soajo, Lindoso, Gralheira), a *liteira* ou *faldrilha* de Arga, o *chiscado* de Villarinho de Negrões e ainda o *amantezado* de Castro Laboreiro em que, aliás, ao linho se substitue o algodão.

Para maior alisamento e mais firmeza uns e outros, depois de fabricados em casa

---

[1] De Belloguet, *Ethnogénie gauloise*, III, pags. 74 e 77. Maisonneuve & C.ie eds. Paris, 1868. — Marquardt, ob. cit., II, pags. 105-6. — Desjardins, ob. cit., I, pags. 461-2.

[2] Felix Regnault, *L'évolution du costume*, in *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, V.e série, I, pag. 332. Paris, 1900. — Lacroix, ob. cit., pag. 546.

pelas mulheres, vão ao fulão a apisoar — a *fuloar* como em geral dizem — complemento este de correcção já conhecido desde remota antiguidade [1]. *Meio fulão* basta para os tecidos mixtos que, nem por occuparem menos o pisoeiro, se denominam simplesmente por vezes, como os bureis legitimos, *fuloados*.

Fig. 16
Em Miranda

A côr acastanhada em que todos se exhibem nos fatos masculinos, ás vezes mesmo de tons bastante escuros, faz pensar no lusitano descripto por Estrabão, vestido de lã grosseira e negra [2]. As liteiras das mulheres, porém, os riscadilhos, as sirguilhas e outros tecidos mixtos são frequentemente tingidos, ás listas longitudinaes e sobre um fundo sombrío, na propria região de fabríco, com drogas obtidas no commercio ou procedentes até da vegetação local, como, na Gralheira, a casca do amieiro [3]. Nem o sexo renunciaría ás cambiantes do seu traje, tanto, desde a barbarie até á civilisação mais avançada, a mulher se deleita com a polychromía da vestidura e dos enfeites [4]. Todavia, e nomeadamente em Traz-os-Montes e na Beira serrana, nunca os matizes teem a variedade e gradação alacre que fazem o enlêvo da população feminina ribeirinha, sobretudo no littoral dos districtos de Aveiro, Porto, Braga e Vianna do Castello, lembrando mesmo os tecidos de est'ultimo, listados e enxadrezados, o proclamado gosto celtico pela vivacidade e variedade dos coloridos nos seus trajes, ás tiras e aos quadrados [5].

Fig. 17
Em Sendim de Miranda

As peças de vestuario que alguem da familia não está habilitada a fabricar, entregam-se ao profissional, se antes, e principalmente em tempos idos, este não é convidado a vir trabalhar sob a directa inspecção do interessado. Então come, e bebe e ganha a geira, ou seja, em dinheiro, o salario quotidiano estipulado. Para manufacturar uma

Fig. 18
Em Miranda

[1] Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Fullonica* de A. Jacob, II, 2.ème part., pag. 1349. Hac. ed. Paris, 1896.— Desjardins, ob. cit., I, pag. 565.

[2] *Descripção da Peninsula iberica. Livro 3.º da Geographia de* Estrabão (1.ª parte). Versão de Gabriel Pereira, pag. 31. Typ. de C. Bravo. Evora, 1878. — De Belloguet, ob. cit., pag. 85.

[3] Como tenham de ser objecto de estudos especiaes as artes e industrias que interessam ao vestuario o A. abstem-se, n'este logar, de pormenores technicos.

[4] Charles Blanc, *L'art dans la parure et dans le vêtement*, pags. 30-2. H. Laurens ed. Paris, s. d.

[5] G. Dottin, *Manuel pour servir à l'étude de l'Antiquité Celtique*, pag. 131. H. Champion ed. Paris, 1906. — Desjardins, ob. cit., II, pag. 565. — Bourdeau, ob. cit., pag. 163.

capa de honras ordinaria e mais corrente são quatro geiras ou quatro dias; e vae a trinta se os arrendados se complicam e mais perfeito sahe o acabamento. É então de vêr, para uma suggestão fugidía do passado, a ferramenta elementar, tradicional e até herdada, como esse furador d'osso, talvez do peroneo d'um mammifero (fig. 1), já usado pelo pae e avó do artífice (Friães, freguesia de Veade, concelho de Montalegre), certas medidas de convenção familiar ou local, os agulheiros de madeira esculpturados, as caixas de chifre ornatadas para linhas e botões!

Fig. 19 *a*, *b* e *c*—Na Gralheira

Com destino aos homens o vestimenteiro talha, corta e ultíma a peça ou peças d'um fato de burel, de borlinas ou saragoças procedentes da Beira, de cotim ou *fazenda* adquiridas no mercado. Do *terno* fazem parte as calças, o collete e a jaqueta (fig. 2 *a*). As primeiras, de burel (Rebordãos, Amarella, Arga), de lã e estopa, para cotío, (Soajo, Terras de Barroso, etc.) e de qualquer outro tecido mais moderno para festa, succederam ao calção, outr'ora geral e hoje apenas lembrado em algumas localidades (Pitões, Lindoso), raramente subsistente n'outras (Terra de Miranda) e apenas ainda usado um pouco na Estrella e para o Alemtejo [1]. O soajeiro, que em numero emigra para a capital, adopta mesmo, contrastando com o figurino usual, a calça *de bocca de sino* que viu nos fadistas das alfurjas lisboetas!

[1] José da Silva Picão, *Atravez dos campos. Usos e costumes agricolo-alemtejanos*, III, pag. 178 e segs. Torres de Carvalho ed. Elvas, s. d.

Calções e calças teem a ascendencia nas bragas dos gaulezes, dos ligures, dos sarmatas [1] e até dos iberos [2], justas ou largas e fluctuantes, excedendo ou limitando-se ao joelho, consideradas pelos gregos e romanos como veste propria dos povos barbaros mas afinal tambem adoptadas por aquelles quando sob o clima rigoroso das populações que as usavam [3]. Ininterrupto depois o seu emprego encontram-se em França,

Fig. 20 — Na chã de S. Vicente

Fig. 21 — No planalto barrosão

no seculo X, largas e curtas, compridas e largas entre os homens do campo no seculo seguinte e outra vez nos camponezes, a toda a altura da perna e amplas, dois seculos mais tarde [4] — ou seja cahindo da cintura sobre o pé como aliás já assim as vestiam na antiguidade os parthos e os germanicos [5].

Para as fixarem, eram muito apreciados, nas Alturas e em Pitões, os suspen-

---

[1] De Belloguet, ob. cit., III, pag. 76.

[2] Serafin Maria de Sotto, *Discurso histórico sobre el traje de los españoles desde los tiempos mas remotos hasta el reinado de los reyes catolicos*, pags. 6 e 8. Madrid, s. d.

[3] Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Braccæ*, de E. Saglio, I, 1.ère part., pag. 746. — A. Rich, *Dict.*, vocs. *Feminalia* ou *Femoralia*, pag. 266. F. Didot ed. Paris, 1861.

[4] Viollet-le-Duc, *Dict. raisonné du mobilier français de l'époque carlovingienne à la Renaissance*, voc. *Braies*, III, pags. 69-79. Morel & C.ie eds. Paris, 1872.

[5] Rich, *Dict.*, vocs. *Saraballa* ou *Sarabara*, pags. 553-4.

sorios localmente denominados *tiradeiras,* em geral de linho, e bordados, a ponto de cruz, com as côres azul, verde e vermelha salpicadas de missangas. Enrolada a facha de fabríco beirão, era sobre ella ou o collete que se envergava a *vestia,* antiga jaqueta que desappareceu com a *nisa* ou *casaca de rabos* das grandes solemnidades; e a rabona de toda a parte substitue-a, com divergencias apenas de altura, ás vezes em localidades da mesma serra: até ao joelho em S. Silvestre da Ermida (fig. 3), mais curta

Fig. 22 — Em Sendim de Miranda

em Cutêllo, logo adeante, e ainda, passando da Amarella para o Gerez, em S. João do Campo e em Covide. Em casos restrictos, como na occasião em que se atam os centeios, é que, em Barroso, despida a jaqueta, adaptam aos pulsos curtos cylindros ou *manguitos* de burel.

Attendendo aos agasalhos exteriores, mais nos extinctos *manteus* das mulheres do que em cobertura de homem seria licito presumir a sobrevivencia do *sago* iberico, gaulez, ligure e germanico, manto amplo, rectangular, mais ou menos curto, listado nos gallos, negro nos lusitanos [1]. O capote ou é o simples *garnacho* de Alhões, cor-

[1] H. d'Arbois de Jubainville, *Les celtes en Espagne,* in *Revue Celtique,* xiv, pag. 367. E. Bouillon ed. Paris, 1893. — Dottin, ob. cit., pag. 129. — Marquardt, ob. cit., ii, pags. 207-8. — De Belloguet, ob. cit., iii, pags. 71-7. — Sotto, ob. cit., pag. 8. — Rich, *Dict.,* voc. *Sagum,* pag. 548.

tado em burel, ou a capa comprida de pardo com cabeção, gola larga, sem mangas nem botões, que se usa em parte de Barroso, em Montesinho e em Martim, Zoio, Refoyos, Carrazeda, Rebordãos (fig. 4) e outras povoações das faldas da serra da Nogueira.

O antigo gabão ou gabinardo, com mangas, cabeção e capuz, de passado uso geral no paiz, prevalece apenas em varias localidades, como Valle de Papas, na Gra-

Fig. 23 — Em Montesinho

Fig. 24 — Em Montesinho

lheira, e lembra n'outras, como Castro Laboreiro, sob as denominações desfiguradas, de *liberté* ou *labirté;* será o varino de talhe ribeirinho e muito mais o *capote á cavallaria* que succederão geralmente ás capas tradicionaes. Apenas em Miranda a *capa de honras* ainda avulta (figs. 5, 6 e 7), de burel ou de bom panno, custando 2$000 reis ou importando em 45$000, conforme a materia prima e a complicação decorativa. Em fato de homem é esta a peça do vestuario nacional mais profusamente enriquecida de ornamentos (figs. 9, 10 e 11); e para os obter nos logares proprios — a *honra,* o *capuz* e as *aletas* ou hombreiras — o alfaiate sobrepõe-lhes outro pedaço de tecido, cosendo-o segundo as indicações dos ornatos preconcebidos e depois recortando o superior pela guia que o ponto deixa.

O capuz annexo ao agasalho e utilisado quando chove ou contra o frio, póde ainda adoptar-se avulso, como em Canadello, defronte da Serra da Meia Via (fig. 8), na Campeã sob o nome de *capêllo,* em Arga, já não tanto de burel mas de tomentos (fig. 12 *c),* e por fim de jungos com as denominações varias de *capuchos, coruchos, coruchas* (Amarella) e *corucêllos* (Pitões). Estes ultimos, ás vezes ainda revestidos

Fig. 25 — Em Miranda

superiormente de pelle de cabra, associam-se frequentemente ás *croças* ou *coroças*, de fabricação local ou de importação (fig. 13 e fig. 2 *c)* e que se veem desde a Cabreira a Montemuro, a Montesinho e a Arga, e, intermediariamente, na quasi totalidade das populações da Ribeira.

Á coroça ou *palhoça*, principal defeza contra a chuva, ha a accrescentar a *sagôna* (Sendim de Miranda), *seifão* (Barroso) ou *safão*, especialmente destinado para trabalhos no matto e no monte (fig. 12 *c)*. É em geral de pelle de ovelha (Cabreira, Barroso), de anho (Barroso) e de cabrito (Arga, Miranda). No planalto barrosão houve-os mesmo de pelle de lobo; mas como as vaccas, pelo olfacto, reconhecessem a procedencia e lhes fugissem, abandonaram-se decididamente e só ao deante se usaram os ovinos. Suspensos da cintura aos joelhos, ou começando mesmo a meio do peito, os safões não só defendem da chuva, da humidade e até do frio, mas impedem ainda o estrago das roupas nas segadas ou quando se lida com os adubos dos carros para os campos. Entretanto em Bornes, em Pitões e no Soajo o safão é já, ou virá a ser, um accessorio de traje dispensado e esquecido.

Fig. 26 — Em Pitões

Fig. 27
Em Sendim de Miranda

No vestuario das mulheres as sobrevivencias, ao contrario do que era licito presumir, exhibem-se em varios pormenores. Assim as saias exteriores, de liteira, de chiscado, de burel ou de *panno de fóra*, monochromicas ou listadas, com prégas, tomados ou refegos e mais ou menos roda, obedecem essencialmente ao padrão habitual. Mas ainda não esqueceu em Miranda o rectangulo de pardo que se envolvia á cinta, como uma grande tanga, nem em Pitões desappareceu de vez, n'uma ou n'outra pessoa edosa, lembrando, á parte as dimensões, o pedaço de tecido que os egypcios das classes populares enrolavam em torno dos rins [1].

Na terra mirandeza subsistem os rectangulos de pardo ou de xerga com que envolvem os corpos das creanças da cinta para baixo, como em Castro Laboreiro o *fateiro* de burel, com

[1] BOURDEAU, ob. cit., pag. 200.

egual destino, é o que resta d'esse envolucro antigo e elementar do corpo adulto feminino.

Agora em Miranda o ideal é possuir-se *saia de panno;* dá-la á filha significa que está já casadoira. E não vão muitos annos que um accessorio de luxo, em Castro Laboreiro, era a *saia de sete cutellos,* isto é, formada de sete tecidos differentes, sendo, á frente, burel branco, e a seguir saragoça, palmilha e outras mais. Por sobre ellas, no trabalho ou na folga, o avental (fig. 15), nem sempre de rigor: ás vezes de luxo, e por isso de velludo com guarnição de rendas; outras para os serviços ordinarios, como o *mandil* comprido mirandez; outras ainda para agasalho e defeza, como

Fig. 28 — Na rechã da Campeã

o *singuidalho* ou *sanguidalho* castrejo, formando triangulo á frente, como nas costas o angulo d'um chale. Independentemente, mas accessivel por uma abertura lateral da saia, ha o annexo da *algibeira* que é de estopa, de burel, de saragoça ou de cotim, simples ou com lavôres polychromados.

Os *colletes,* que em tempos pouco distantes eram principalmente de linho (Cabração, nas faldas de Arga, S. João do Campo, no Gerez) e mais ou menos bordados com effusivo e juvenil enthusiasmo, pouco a pouco cedem a vez aos de cotins e de riscados (fig. 14). Mais olvidadas, porém, e quasi extinctas estão as fachas de lã vermelha que se envolviam no busto por baixo do collete, em Castro Laboreiro, em Pitões e, na Lombada, em freguesias como Babe, S. Julião, Deilão, Villa Meão, Milhão e outras mais. É, decerto, o pormenor equivalente á *fascia pectoralis* que as mulheres gregas e romanas enrolavam debaixo dos seios, mesmo sobre a pelle e antes, portanto, da applicação da tunica interior [1].

---

[1] Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Fascia* de G. Lafaye, II, 2.ème part., pag. 980.

Aos luxuosos *jaqué* e *bajú* de panno azul ou negro, curtos e justos, com prégas e franzidos nas hombreiras, gola e punhos de velludo e atraz o rabo ou a pestana, de que alguns exemplares subsistem no planalto barrosão e em Terra de Miranda (figs. 16 e 17) succederam os jalecos ou casacos agaloados, com fila de botões simples ou dupla, á maneira como se usam geralmente em toda a aldeia. Accessoriamente e para o frio, em Pitões e nas Alturas, se guarnecem ainda os pulsos com *punhos, pulseiras* ou manguitos, que são como duplas extremidades de mangas que mais assegurem o agasalho.

Fig. 29 — No Soajo

De resto, contra o frio, os meios de defeza são variados. Do Soajo a Lindoso e nas povoações da Serra da Amarella, sobre os hombros ou sobre a cabeça, applicam as mulheres um avental, que aliás, quando para tal emprego, é mais amplo: sem prégas e sem fitas seria quasi uma mantilha. Já em Arga e nas povoações adjacentes, como Estorãos e S. Lourenço, adoptam, pela cabeça ou pelos hombros, uma saia (fig. 12 *b)*, como distante e á beira-mar se via, e ainda vê, nas mulheres dos pescadores da Povoa de Varzim. Antes, porém, de se generalisar este costume, a moda era o *manteu*, «do pescoço ao giôlho», como em Miranda a *mantilha* até á curva do joelho (figs. 18 e 19 *b)*, e ambas sem mangas, nem gola, nem capuz. Subsiste apenas, de burel ou saragoça, e com o nome de *capa,* em Castro Laboreiro. O chale de commercio tudo substitue, lento e lento (figs. 22 e 25): até, e de ha muito, o *gasalho,* antigo, pequeno e commodo envolucro do pescoço á cinta e cruzando sobre o peito [1].

[1] É ainda muito frequente em varias povoações da Galliza, como Arcade, Sottomaior, Marim, Pontevedra, Villa Garcia, S. Thiago de Compostella, etc.

Mais que todos estes resguardos, porém, a *capucha* é o abrigo de maior vulgarisação e preferencia (figs. 20 e 21). No seu córte rudimentar consiste n'um rectangulo que, cobrindo a cabeça, prende á frente no pescoço e apenas se dilata pelos hombros [1]; e com o nome ainda actual de *capella,* denominava-se outr'ora, em Castro Laboreiro, *léra* ou *mantella.* Nas outras regiões, sendo mais longa tem, em geral, um recorte mais adaptado ao corpo; e até em Mezío, na Gralheira, e nas freguesias de Pinheiro

Fig. 30 *a, b* e *c* — Em Montesinho

e Ermida, em Castro Daire, se prolonga atraz em bico muito agudo. Para o trabalho, quando os rigores meteoricos dispensam os *corôços* (Villarinho de Negrões), as coroças (Campeã), os coruchos (Germil, S. Silvestre da Ermida, Cutêllo) e os corucêllos (Pitões), todos de jungo, a capucha é de tomentos (Arga), ordinariamente de burel (Cabreira, Barroso, Gralheira, etc.) e, para a missa ou dias festivos, de saragoça.

Decerto a capucha, como pormenor da vestimenta, inscreve a sua origem no *cucullus* que se adaptava ao *sagum* ou á *lacerna* gauleza [2], ou se alongava como capa pelas espaduas [3], procedendo dos povos do norte e dilatando-se até á Etruria e Roma [4].

---

[1] FONSECA CARDOSO, *Castro Laboreiro,* in *Portugalia,* fasc. 2, figs. 5-6 de pag. 183. Porto, 1906.

[2] DOTTIN, ob. cit., pag. 131.

[3] DE BELLOGUET, ob. cit., III, pag. 79.

[4] DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.,* voc. *Cucullus* de S. REINACH, I, 2.ème part., pags. 1577-9.

É ainda ella que apparece na edade-media sob a fórma de pequeno mantelete com capuz, indifferentemente usada pelos dois sexos, mas principalmente affecta aos conegos regulares *(aumusse)* e hoje ainda sobrevivente *(capulet)* em algumas localidades pyrenaicas [1]. E sob as denominações antigas de *cagoule*, de *gouelle* e de *mélote*, o sobretudo sem mangas e com capucho, redondo, desprovido de aberturas lateraes, de lã grosseira e até de pelles de ovelha e cabra, mais ou menos longo, foi o agasalho preferente dos pastores francezes para as intemperies, e, nas fórmas actuaes da *cape* dos Pyrineus e da *limousine* do centro da França, é talvez o ultimo rebate do vestuario gaulez [2].

Fig. 31 *a* a *p* — Ornamentos de chapeus de palha (Serra das Alturas)

Afóra esta cobertura a mulher usa frequentemente o *lenço* adquirido nos mercados (figs. 23, 24, 26 e 28), acontecendo mesmo, como em Sendim de Miranda, nunca prescindir d'elle e até de dois sobrepostos, envolvendo o exterior o queixo e a testa — de sorte tal que não poucas vezes só apparecem á luz as aberturas naturaes da face. Os homens já casados e edosos tambem no frio, em Miranda, envolvem a cabeça com o mesmo rectangulo de algodão, assim o mantendo ou accrescentando-lhe o chapeu (fig. 27). Mas a cobertura preferida é ainda, em geral, a *carapuça*, grande manga cylindrica fechada n'um dos topos, com bordo revirado e, actualmente, de côres pouco garridas (fig. 29 e fig. 3). Legitimamente a apparentaram com identico artigo de vestuario usado pelos gregos, etruscos e romanos, nomeadamente pastores, pescadores e outros homens de humilde condição [3], e ainda agora visto em marinheiros e pescadores das costas italianas e hellenicas [4].

Fig. 32 — Abarca (Montemuro)

Fig. 33 — Pica (Campeã)

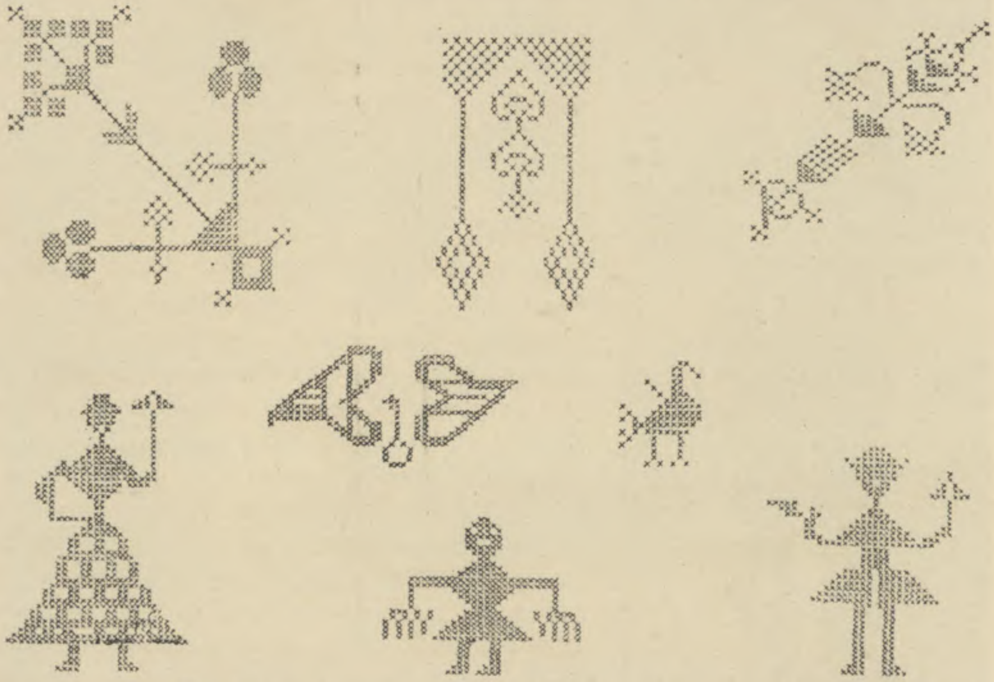
[1] Viollet-le-Duc, ob. cit., voc. *Aumusse*, III, pags. 31-6. — Regnault, ob. cit., pag. 339.

[2] Viollet-le-Duc, ob. cit., vocs. *Cagoule*, *Gouelle* e *Mélote*, III, pags. 31-6, 89, 131-2, 413-5. — Butel, ob. cit., pag. 99. — Regnault, ob. cit., pag. 339.

[3] Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Pileus* de P. Paris, VII, pags. 479-80. — Marquardt, ob. cit., II, pag. 214.

[4] E. Guhl et W. Koner, *La vie antique*, I, *La Grèce*, pag. 239. Rothschild ed. Paris, 1884.

O chapeu de aba larga, que nos mesmos povos da antiguidade se usou já, sobretudo pelos camponezes, caçadores e todos os que tinham de affrontar o sol [1], não se vê em mulheres, como succede para a Estrella, em parte do littoral beirão e no Algarve, mas é commum nos homens e do typo conhecido pelas designações de *chapeu braguez* e de *sombreiro* (fig. 30 *b)*. Só em Miranda a *gorra,* com as dobras viradas para o alto (fig. 5), abre uma excepção aos modelos consagrados. Nos trabalhos do estio, porém, o chapeu fabricado, em regra, no local [2] com palha de centeio é que se



Figs. 31 a 41 — Ornamentos a ponto de cruz (Amarella, Barroso, etc.)

adopta commummente (fig. 30 *c)*; e apesar de destinado aos labores ainda em Montesinho o enfeitam com rosaceas de panno, contas e botões, na Serra das Alturas lhe applicam fachas de chitas pespontadas com varios ornamentos (fig. 31 *a* a *h),* decorações recortadas em velhos tecidos (mesma fig. *i* a *p),* pennas de gaio e cordões pendentes para as costas, e em Cutêllo, na freguesia de Cibões, outros brincos entrançados de palha mais delgada.

A desapparecer com celeridade vae a *abarca.* Em Montesinho usou-se porventura, como nas regiões contiguas hespanholas, o pedaço de coiro que, além da planta

---

[1] Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Petasus* de P. Paris, vii, pag. 421.

[2] Em Alhões, na serra de Montemuro, ha alguns annos já que a maioria das mulheres se occupa em faser *trança* de sete palhas centeias, que depois é vendida em S. Martinho de Paus, no concelho de Rezende, onde os chapeus são manufacturados. A trança é de dois typos conforme a espessura. Como realisem um certo lucro e assim evitem os ardores do sol, esta pequena industria local, de introducção recente, explica a crise de braços femininos para os trabalhos de campo, o que traduz visivelmente, não obstante a nova receita, certas difficuldades economicas attendiveis.

do pé, pouco revirava, fixando-se superiormente por laços entrecrusados. Era a sandalia primitiva, utilisada ainda, com insignificantes divergencias, pelos pastores da Italia, da Hespanha e das kabylas da Argelia [1]. Na Gralheira tambem só lembra o antigo uso. Mas já nas povoações proximas de Montemuro ainda se encontra algum exemplar em que, além da palmilha, uma parte de coiro recortada envolve os dedos e pouco mais, completando-se a segurança com cordões (fig. 32). Mesmo para lavrar, em Eiriz e Mós, que são logares das freguesias de Parada e Esther, preferem algumas vezes aos sócos a abarca mais leve e mais docil. E assim finda, no norte, o que subsiste da sandalia, abarca ou alpercata tradicionaes, cujo parentesco com as *gallicæ* de origem gauleza e as *soleæ* [2], com os *compagi* de procedencia etrusca, com as *carbatinæ*, adstrictas principalmente ao camponez e ao soldado e ainda com outras formas que os romanos por egual adoptaram [3], avulta bem evidente não obstante a difficuldade d'algumas descriminações. Assim se extingue, mais breve do que em Hespanha, uma das primitivas e vulgares acquisições do homem como resguardo contra os contactos e asperesas do solo [4].

Fig. 42 — Em Rebordãos

Figurando a deusa Artemis os gregos representaram-a ou exhibindo nús os seus pés divinos, ou com sandalias atadas simplesmente com correias, ou calçada de borzeguins ascendentes, mais ou menos altos e á frente luxuosamente laçados e ornamentados [5], — como que resumindo a evolução primeira do primeiro calçado humano!

Mais prevalecerão, decerto, nos climas chuvosos, os sócos de madeira, hydrofugos e quentes, economicos e salubres, principalmente entre a gente do campo e nos maus caminhos, como assegura uma

---

1 Bourdeau, ob. cit., pag. 258. — Michelet, ob. cit., pags. 93-4. — Puiggarí, ob. cit., pag. 45. — Escolano, apud J. Pereira de Sampaio, *O Encoberto*, pag. 187. Porto, 1904. — Eduardo Soler y Perez, *Sierra Nevada y las Alpujarras*, pag. 83. Madrid, 1903. — Sotto, ob. cit., pags. 23-4 e 93.

2 Dottin, ob. cit., pag. 132. — De Belloguet, ob. cit., III, pag. 81. — Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Gallicæ* de G. Lafaye, II, 2.ème part., pags. 1453-4.

3 Rich, *Dict.*, voc. *Sandalium*, pag. 553. — Daremberg et Saglio, *Dict.*, vocs. *Compagus* e *Carbatina* de E. Saglio, I, 2.ème part., pags. 862-3 e 915-6.

4 Sotto, ob. cit., pag. 93. — Viollet-le-Duc, *Dict.*, voc. *Chaussures*, III, pags. 155-6. — Lacroix, *XVIII.ème Siècle. Institutions, usages et costumes*, pag. 488. F. Didot ed. Paris, 1875.

5 Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Endromis* de P. Paris, II, 1.ère part., pag. 615.

experiencia já remota e perseverada [1]. Adoptados por gregos, etruscos, romanos e gaulezes, egualmente estes empregavam os pregos, ou laminas de chumbo que evitavam o desgaste das sandalias [2] como hoje se reveste a madeira com *brôchas* para impedir um estrago accelerado. Os sócos serranos são abertos para verão e fechados para inverno (fig. 2 *a* e *b*; fig. 4; fig. 30 *a*, *b* e *c*, etc.), aproveitando-se naturalmente as madeiras locaes como o amieiro (Gralheira, Bornes) e o vido (Castro Laboreiro) e geralmente

Fig. 43 — Pastor e vezeira de reichêlos (S. João do Campo do Gerez)

cardando-os sempre ou *brochando-os* fortemente com tachas. *Chólos* em Miranda, *sócas*, quando para mulheres, em Bornes, *chancas* mesmo, *tamancos* e geralmente *sócos*, estes artigos do traje, quando fechados, figuram umas botas de curto cano apertadas á frente com cordões de coiro, aos quaes em Castro Laboreiro chamam *presilhas*. Lembram bem certas formas dos *calcei* romanos [3]. E das mais rusticas subsistem ape-

[1] Bourdeau, ob. cit., pags. 49 e 259. — Viollet-le-Duc, *Dict.*, iii, voc. *Patin*, pag. 170. — Deniker, ob. cit., pag. 214. — Lacroix, *XVIII.ème Siècle* cit., pag. 488. — Rich, *Dict.*, voc. *Sculponeæ*, pags. 569-70.

[2] Daremberg et Saglio, *Dict.*, vocs. *Caliga* de E. Saglio e *Crepida* de E. Pottier, i, 1.ère part., pags. 849 e 1557-8.

[3] Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Calceus* de Léon Heuzey, i, 1.ère part., pag. 816.

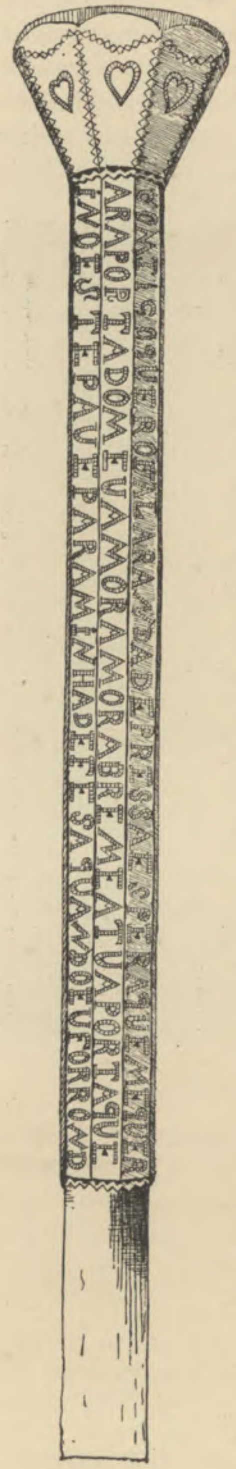


Fig. 44
Moca (Miranda)

nas, em algumas povoações do alto, os *abarqueiros* de Castro Laboreiro [1] e porventura as *picas* da Campeã (fig. 33) com as quaes actualmente só se procede ao descasque da castanha secca.

Ao calçado occorre associar a *polaina,* que progressivamente cahe em desuso, apesar da sua utilidade para o frio, para as chuvas, para as neves, para certos serviços no monte e até, mais remotamente, como artigo de luxo. Geralmente só adoptada pelos homens (figs. 3, 12 *c* e 27), em algumas localidades como, em Terra de Miranda, nas freguesias de Iffanes, Constantim e S. Martinho, e ainda em Montesinho, em Arga e em Castro Laboreiro tambem as mulheres, na estação rigorosa, a usavam (fig. 12 *a),* egualmente de burel mas mais curta. De ordinario nos homens a polaina, ou *poleina* e *polaino* como lhe chamavam em Montesinho, limitava-se superiormente pela curva do joelho e apertava-se externa e lateralmente com botões, de sola não raro. N'estas localidades, como nas povoações da Amarella, excede o joelho uma mão travessa e mais; e na Cabreira, onde tambem a denominavam *sobre-calça,* e ainda em Salto, ao penetrar-se em Terras de Barroso, chegava quasi á cinta, ajustando-se fortemente ás pernas com a sua fileira de botões unidos. Quando de luxo, e então preferentemente de saragoça, era caprichosamente pespontada e munida de fivélas e de pestanas recortadas (Miranda, etc.)

A contrapôr a este artefacto, submettido a um molde convencional e, a bem dizer, geral, registram-se as polainas de palha centeia, fabricadas como as coroças, e empregadas, a quando o inverno, na Gralheira; o accessorio dos abarqueiros já alludidos, que é um panno de burel envolvendo a perna e a ella annexado por correias ou farrapos que se enlaçam; e na freguesia de Talhada, em Montemuro, as alpercatas justas aos pés por farrapada, assemelhando-se ao que ainda se vê actualmente na terra aragoneza. Lembram todas as *fasciæ crurales et pedules* romanas que no campo e na guerra protegiam os membros entrecruzando-se e envolvendo-os, ou só até ao joelho *(tibialia),* ou cobrindo mesmo as coxas [2] *(feminalia).* Por fim o ultimo termo de simpleza encontrava-se e ainda se encontra mais raramente em Pitões ao observar-se, no inverno, as simples pelles atadas ás pernas com feixes de palha torcida e de jungos. É a este esboço de polaina, a alguns barretes e aos safões que se limita,

---

[1] J. AUGUSTO VIEIRA, *O Minho pittoresco,* I, fig. de pag. 20. Pereira ed. Lisboa, 1886.

[2] DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.,* voc. *Fascia* cit., pag. 981.—IDEM, voc. *Impilia* de E. SAGLIO, V, pag. 434. — RICH, *Dict.,* voc. *Tibiale,* pag. 647.

no vestuario, a apropriação directa das pelles animaes, não incluindo, por não ser propriamente um artigo do traje, o *surrão* ou *serrão,* (Bornes, Barroso, Miranda, etc.) bornal ou saccola de pelle de ovelha onde os pastores condusem os alimentos para o monte:

Santo Antonio de Lisboa,
Santo da minha devoção,
Parti os dentes aos ratos,
Não se me vão ao serrão.

MIRANDA.

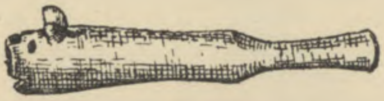


Fig. 45
Fumadeira (Castro Laboreiro)

Fig. 46—Patifa (Alhões)
1/2 da gr. nat.

Accessoriamente a luva de malha de lã grosseira foi, mais que hoje, um artigo de conforto e de relativo luxo, usada principalmente por gente abastada e nas solemnidades e dias festivos. Em egual posse andavam certas bolsas para dinheiro, de malha e bordadas a linhas de côr e com missangas, suas borlas e cordões polychromados. De dispersão geral, porém, na gente moça e ainda agora, são os lenços, outr'ora de estopa (Arga) e depois de linho fino e de cambraia. Encontram-se, como na Ribeira, em todas as localidades serranas e rememoram, pelos bordados a ponto de cruz, (figs. 34 a 41) a vetusta invenção do Egypto e da Phrygia, e pela forma e emprego o artefacto já romano *(facialia)* [1]. Ás vezes em cada uma das quatro orlas simplesmente se avivam os quatro versos da estrophe:

Neste lenço quiz faser
Obras da minha habelidade
Para um dia dar de prenda
A quem tenho amisade.

AMARELLA.

E ainda:

Lenço bai aonde teu mando
Baiter aqelle iardim
Ajoel ha ibeija amão
Dal heu mabraco pormim.

PITÕES.

Fig. 48
Berloque
(Gralheira)
1/2 da gr. nat.

Em outro o centro do quadrado de linho exhibe, a vermelho e azul, dois corações unidos, uma chave ao meio, sob-postas as iniciaes do namorado, e, em volta, um losango assim exteriormente marginado:

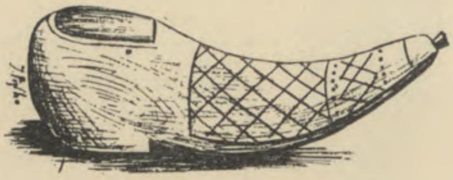


Fig. 47—Patifa (Alhões)
1/3 da gr. nat.

Nada mais
Posso dizer
Soute firme
Até morrer.

---

[1] MARQUARDT, ob. cit., pags. 117-8 e 175.

Nos angulos do mesmo lenço vasos floridos, ramos e fructos e, orlando as baínhas, a quadra:

Aceita esta lembrança
Nao te isqueças de mim
Este pinhor de amisade par
A nunca mais ter fim.

CUTÊLLO (CIBÕES).

Fig. 49 — Em Miranda
Frente

Ainda em outro, por ultimo, além de figuras humanas, arvores, uma cruz e um coração, alinham-se os versos, que seguem, em duas filas:

Com essa luz meiga pura
Inveiam astros dos ceus
Que dizem teus lindos olhos
Quando olham para osmeus.

Com gosto fiz estelenço
Com mil coidados em ti
Com pena de te não ber
Eu este lenço escr evi.

BARROSO.

Os guarda-soes, n'um e n'outro sexo, constituem tambem um objecto de luxo, sendo mesmo de uso, em S. João do Campo do Gerez, todos os que acompanham casamentos irem com elles abertos ainda que não esteja descoberto o sol nem caia chuva. Já o *pau*, o *cacête*, a *cajata* (Rebordãos) são na marcha, na conducção dos rebanhos (fig. 43) e a passeio (fig. 42), um accessorio indispensavel — e ás vezes mesmo, nas tardes de domingo, com uma foice no alto (Miranda) para amputar, na digressão, alguma vara, renôvo ou galho morto. As velhas *mocas* que se levavam outr'ora ás romarias, pintadas quasi sempre e adornadas de sorte a lembrarem certos bastões de madeira ornamentados já da edade do bronze [1], cahem rapidamente no esquecimento e no desuso. N'algumas que ainda subsistem (fig. 44), semelhantemente ás declarações affectuosas dos lenços, inscreviam-se ardentes e prolixos testemunhos de paixão, aos quaes se addicionava, repetindo-o, o symbolo popular e outros ornamentos.

Fig. 50
Em Miranda
Perfil

Em mais objectos de emprego comesinho, como os *cornipos* para a obtenção do fogo [2], as *fumadeiras* (fig. 45) e as *patifas*, que são caixas de nogueira ou de lódo (Alhões) affectando formas varias, como a d'uma pera ou d'um sapato (figs. 46 e 47) e incluindo tabaco picado para cheirar, ainda se revela a inclinação pelo ornamento. Ás vezes o serrano esculpe mesmo berloques para correntes (fig. 48) — pois em breves annos será raro encontrar povoação como a de Montes, proximo da Telhada (Marão), em que só um dos desoito moradores tinha relogio!

[1] O. MONTÉLIUS, *La civilisation primitive en Italie* etc. I, *Italie septentrionale*, pags. 99-100 do texto e figs. 2 e 3 da pl. 13, serie B do Atlas. Stockholm, 1895.

[2] ROCHA PEIXOTO, *Illuminação popular*, in *Portvgalia*, II, fasc. 1, pags. 36-7. Porto, 1905.

O enthusiasmo pelo adorno é mais accentuado, naturalmente, nas mulheres. Os homens, e sobretudo os moços, não escapam á seducção, de modo, certamente, mais sobrio. E assim teria de ser, de tam longe vem a inclinação pelo enfeite, tão inicial e ingenita é a vaidade de brilhar. Sempre o homem quiz dar de si uma ideia vantajosa, cioso de que o distingam dos outros; a nudez ornou-se antes de se vestir; o orgulho nasceu antes do pudor [1]. Mesmo este sentimento não é innato [2] e os povos selvagens exhibem-se mais ornados do que vestidos [3]. Diademas, braceletes e collares de ossos, pennas, dentes, conchas, sementes e coraes dos povos barbaros, ou de metaes nobres, de esmaltes e de pedrarias no Egypto, na Grecia, na Etruria, em Roma e nas Gallias, de então até agora, na sua infinita multiplicidade são de intima analogia e apenas com divergencias materiaes e technicas. Por isso subsiste e prevalecerá, mesmo sob a forma humillima com que as mulheres mais pobres do planalto barrosão, não podendo adquirir os dois fios de contas de oiro que a maioria usa até nas penosas colheitas do feno e do fento, as compram e adoptam sequer de vidro opaco ou córado. Os anneis e principalmente os brincos, os fios de contas, os cordões, voltas ou cadeados, com seus crucifixos e relicarios suspensos são os adereços de preferencia, bem evidentes sobre o peito nas occasiões de gala familiar ou local. Ainda, como na antiguidade e nas populações rudimentares, é o mesmo logar o preferido e, com a cabeça, o mais proprio para a exhibição dos atavíos!

Fig. 51 — Em Pitões

Assim resenhado este capitulo da indumentaria serrana ha que banir a convicção ainda admittida da persistencia, nos retiros montanhezes, de velhos padrões de traje. E certo em Miranda subsistir a capa de honras como agasalho preferivel, mas já raramente se encontra a *gorra* com as beiras dobradas para cima, a jaqueta com botões do mesmo panno e gola alta, o collete de trespasse e dobras, os calções de alçapão e até as polainas (figs. 49 e 50) [4]. De ordinario as peças que os velhos ainda conservam, ou já as não usam ou as utilisam com roupas d'outro córte. N'outras povoações lembra a moda do calção, meia e casaca de rabos (Alhões), do calção apertando com tres botões

[1] H. Baudrillart, *Histoire du luxe privé et public depuis l'antiquité jusqu'à nos jurs*, I, pags. 4 e 166. Hachette ed. Paris, 1880. — Ary Renan, *Le costume en France*, pag. 11. Quantin ed. Paris, s. d. — Deniker, ob. cit., pags. 203-4.

[2] E. Grosse, *Les débuts de l'art*, trad. de E. Dirr, pag. 70 e segs. Alcan ed. Paris, 1902.

[3] Grosse, ob. cit., pags. 40-1.

[4] Em grande parte de Castella-a-Velha é mais frequente o uso dos calções de alçapão e da polaína; e o amplo capote de cabeção franjado lembra a capa de honras, excepção dos ornamentos e do *bacalhau* (a honra). Vigoram, por egual, os safões de çoiro.

e depois a polaina (Pitões), da casaca com duas ordens de botões, das nisas, até de burel, ainda não abolidas totalmente nos povos de Lourido e de Sobredo (Ponte da Barca). Já considerado antigo é o figurino d'um homem velho de Pitões (fig. 51) com o seu capote de burel de gola alta e cabeção, a vestia curta, a calça de alçapão, a camisa de trespasse e colar subido com bordados a branco e coloridos, os sócos fechados e a carapuça.

Fig. 52 — Em Lindoso

Apenas n'uma ou n'outra casa se archivam, da antiga vestidura, as melhores peças; e assim é possivel examinar certas camisas de collarinhos altos com ilhós e rendas, colletes de trespasse com tres ordens, á frente, de botões de vidro azul ou verde e apertando atraz como prendem os colletes das mulheres, jaquetas que dariam pela cinta com gola erecta e colchetes negros de alto a baixo, calças de alçapão e bolsos com pestana que dobrava em triangulo prendendo n'um botão e capotes azues com cabeções e golas direitas (Montalegre). Só por indagações perseverantes e tantas vezes frustradas se consegue occasionalmente faser reviver (fig. 52) o padrão de luxo da primeira metade do seculo ído: jaleco desafogado, até á cinta, vindo as dobras da gola ao meio do peito, com duas ordens de botões e duas de casas, dois bolsos e as mangas de canhão; collete vasto, d'um tecido listado e avelludado; calções de alçapão com botões de prata desde o meio da coxa ao joelho; polainas de saragoça, debruadas superiormente a velludo e com botões do mesmo panno; chapeu do antigo modelo conhecido, especie de «tromblon» ou «bolivar» (Lindoso). Analogamente é já difficil obter esse modelo de mulher vestida (figs. 53 e 54) com camisa de linho e suas rendas no pescoço, jaqué de panno azul com hombreiras e parte das mangas franzidas, gola e punhos de velludo e pestana ou rabo nas costas, saia lisa de *panno*, avental de velludo com rendas, sócos ou chinellos e lenço de cambraia bordado a branco (Montalegre). Mais recatadamente conservadas, porém, são peças que um saudoso respeito ainda venera: certo collete de baeta vermelha, com gola e recortes á frente, de velludo, apertando com tres grossos botões de latão doirado; uma capa azul, que não excederia a curva dos joelhos, debruada em toda a volta com fita larga de seda lavrada e um cabeção terminando em bico e borla (Lindoso); outros pequenos artigos de antigo uso geral.

A mulher de Castro Laboreiro com capella de palmilha, jaqueta e collete de saragoça, mandil de fuloado, saia de riscadilho, calções de burel por cima das piucas, sócos e o fateiro de baeta branca a envolver a creança [1] só se veste assim nos loga-

[1] Fonseca Cardoso, figs. cits. na ob. cit.

Fig. 53 — Em Montalegre
Frente

res altos; e tambem só pela edade provecta, o apêgo ao uso antigo e a miseria se explica est'outra mulher de Pitões (fig. 55) com o seu jaleco curto e fechando com botões de vidro azues, a facha vermelha por dentro do collete, as curtas polainas de burel com botões de sola e o rectangulo egualmente de burel envolvendo o corpo da cinta para baixo, á maneira d'uma grande tanga [1].

Varios d'estes padrões são afinal reminiscencias de antigas modas que da Ribeira subiam á montanha. Afóra os artefactos privativos dictados pelos recursos locaes e condicionados por circumstancias meteoricas, que teriam sido, aliás, de adopção geral nas populações serranas, a moda da planicie, embora com menos latitude do que hoje, tambem penetrou nas familias economicamente mais favorecidas. É na descendencia que ainda sobrevivem alguns despojos. Decerto que as massas profundas da população só muito lentamente as imitariam, considerando-se pois e ás vezes grotesca uma moda que afinal e apenas se distanciava demasiadamente da sua epocha. E semelhante imitação, tam humana e tam geral, filiava-se e ainda se subordina, porventura com mais intensidade, a leis psychicas primordiaes [2], verificado, de resto, como está que a moda segue de cima para baixo, adoptando as classes populares, por lhes parecerem mais honorificos, os vestuarios das que consideram superiores [3].

D'um modo mais geral assignalou-se já que entre nós, nos fins do seculo xv, a trans-

Fig. 54 — Em Montalegre
Costas

[1] Convém annotar que certas illustrações do *Album de Costumes Portuguezes* (David Corazzi ed. Lisboa, s. d., [1888]), copias de aguarellas originaes de varios artistas acompanhadas de artigos descriptivos de varios escriptores, são verdadeiramente do dominio da opereta ou da novella! Exemplos: traje antigo de Traz-os-Montes, pastor serrano e, nomeadamente, a pastora de Barroso!... Prosegue, infelizmente, o mesmo ludibrio e deploravel ensinamento em algumas publicações recentes.

[2] Regnault, ob. cit., pag. 333.

[3] Grosse, ob. cit., pag. 81.

formação dos costumes se accentua, usando geralmente o povo, rico e pobre, como o fidalgo, o traje que mais lhe apraz, embora contradictorio com os proprios haveres e condição [1]. Este novo aspecto social, accusando uma vida menos rude [2], coincide com a tendencia dos lavradores e mechanicos a repellirem os antigos mistéres pretendendo ascender hierarchicamente a outros destinos [3]. E ainda é interessante annotar a insistencia com que o povo pugnava em côrtes pela conservação dos trajes distinctivos de classes quando d'elle, precisamente, advinha a confusão [4].

Fig. 55—Em Pitões

Aos desmandos correspondem naturalmente as repressões. Na Hespanha mesmo se antecipam, sendo o primeiro ordenamento restrictivo do luxo datado dos meiados do primeiro quartel do seculo XIII [5]. Succedem-se os editos, as ordenanças, os fóros com as suas prohibições, as decisões dos concilios e synodos, tam notavel por vezes era o fausto dos fidalgos, dos prelados, dos dignitarios ecclesiasticos e da clerezía [6]. A seu tempo entram as classes dos mesteiraes. E ainda no seculo XVIII a Hespanha lança pragmaticas [7] tam estereis como as anteriores pois nunca escasseiaram os meios de as illudir.

Em França os auctores do principio do seculo XIII testemunham que nos dias de festa as roupas mais sumptuosas, semelhantes ás usadas nas cidades, appareciam nas aldeias [8]; e no seculo XVI, é o proprio homem dos campos quem provoca uma das suas leis sumptuarias [9]. Bernardo de Palissy (apud Baudrillart) diz que «le laboureur veut faire de son fils un monsieur». A loucura do luxo, em todas as classes francezas determina, nos meiados do seculo alludido, nada menos de oito diplomas repressivos. E já uma centuria antes, de tal sorte as modas das cidades se insinuavam nos campos que um *rimeur* do tempo (1400) escrevia [10]:

S'un grand porte mantel envers,
Incontinent un vilain sers (serf)
Aussi se prend envers porter
Pour les bien nobles ressembler.

---

1 GAMA BARROS, *Historia da administração publica em Portugal nos seculos XII a XV*, I, pag. 533. Imp. Nac. Lisboa, 1885.

2 GAMA BARROS, ob. cit., I, pag. 537; II, pag. 207. Typ. da Acad. R. das Scs. Lisboa, 1896.

3 GAMA BARROS, ob. cit., I, pag. cit.

4 GAMA BARROS, ob. cit., II, pag. 209.

5 CH. DAVILLIER, *Recherches sur l'orfèvrerie en Espagne au Moyen-Age et à la Renaissance*, pag. 118. Quantin ed. Paris, 1879.

6 SOTTO, ob. cit., pags. 95-196.—PUIGGARÍ, ob. cit., pags. 115-158.—DAVILLIER, ob. cit., pags. 118-127.

7 PUIGGARÍ, ob. cit., pag. 228.

8 QUICHERAT, ob. cit., pag. 325.

9 BAUDRILLART, ob. cit., III, pag. 438. Paris, 1881.

10 QUICHERAT, ob. cit., pag. 326.

As nossas leis sumptuarias de Affonso IV e João I, e bem assim as ordenações affonsinas que confirmam as prescripções do ultimo monarcha [1] são inefficazes, como afinal o foram sempre e em toda a parte—em Castella [2], onde no seculo XVI já lhes reconheciam a inutilidade, na França, na Italia e na Inglaterra [3].

Mas se apesar da multiplicidade de causas que melhor mantinham o serrano alheio a intrusões e influencias exteriores ou, sequer, tardo e lento para alterações nas suas vestes, ainda assim o padrão de fóra se infiltrou, agora a uniformisação generalisa-se, todas as acquisições de tam experimentado proveito se abandonam e com o acerto, a sobriedade, as vantagens e a economia morrem tambem o caracter e o pittoresco do seu trajar.

Porto. Agosto, 1906.

ROCHA PEIXOTO.

---

[1] GAMA BARROS, ob. cit., I, pag. 536.
[2] DAVILLIER, ob. cit., pag. 127.—SOTTO, ob. cit., pags. 153-6.
[3] GAMA BARROS, ob. cit., II, pag. 208.—A. RENAN, ob. cit., pags. 41, 62, 147-8, 191, etc.

As Póvoas marítimas do norte de Portugal

CAPÍTULO II

O MAR FECHADO: A TOMADA DE LISBOA

ÉNUM diploma de 841, que se nos depara, por incidente, a primeira menção da província portugalense. Afonso II de Oviedo, ampliando a jurisdição espiritual do bispo de Lugo, diz — totius Galleciae, seu Portugalensi Provintiae summum suscipiat Praesulatum [1]. No período asturiano, pois, ao sul da Galiza, entre os rios Minho e Douro, havia-se formado, expresso pelo texto na palavra «província» um dêsses distritos de administração civil e militar, em que os reis novi-godos dividiram os seus Estados, denominado «portugalense». Êste epíteto, sabemos, entre os visigodos determinava, únicamente, a diocese e a respetiva sé, que ficava a cavaleiro do Portucale romano da marjem direita do Douro; agora, porém, êle qualificava um território muito mais vasto de govêrno secular, ou um condado que envolvia, ultrapassando-a, a circunscrição eclesiástica dessa diocese [2], da qual tirou o nome. Marcar-lhe com precisão os limites por norte e leste [3], não o permite a falta de documentos; os do sul avançavam além do rio, com maior ou menor dilatação, dependentes da sorte das armas. — Dá-se, portanto, a extensão dum topónimo assás obscuro, absorvendo e suplantando a supremacía tradicional da antiga capital do convento-jurídico romano

---

[1] *Esp. Sagr.*, t. XL, ap. 16, páj. 378.

[2] J. P. RIBEIRO nas *Dissert. Chron. e Crit.*, t. IV, part. I, pájs. 25-26, põe dúvidas á passajem do diploma acima citada. As razões, porém, que o erudito autor alega não parecem convincentes, tanto mais que adeante, a páj. 27, acrescenta — «Contudo não encontro repugnancia, em que sendo antes da Conquista de Coimbra a ultima Praça notavel do extremo a Cidade do Porto, ella fosse cabeça de todo o districto da fronteira, que até á Era de 1102, em que se conquistou Coimbra, se reduzia ao Vouga... Tambem não repugna, que o Governo do Porto, e seu territorio se estendesse para o Norte e Nascente, e comprehendesse mesmo Braga, que não consta tivesse então Governador particular».

[3] Êstes limites teem sido assás discutidos. Segundo HERCULANO, vacilavam quer por falta de permanência, quer pela «diversa importancia» dos condes *(Hist. de Port.*, I, liv. I, pájs. 189-90). O académico Fr. Franc. de S. Luis tratou a questão na part. II do t. XII das *Mem. da Acad. R. das S. de L.* (1.ª série), onde colijiu os passos de escrituras e crónicas que lhe dizem respeito (cf. em especial pájs. 1-22). Apesar da incerteza, seja-nos permitido considerar êsses limites orijinários não muito distanciados da fronteira actual. O malôgro dos exforços reiterados de D. Teresa e de Afonso Henríquez para a extensão do condado além dela, parece-nos motivo para crer, que por ali sempre se distinguiram os portugalenses dos galegos e leoneses.

e do reino dos suevos—facto tanto mais digno de nota que após a catástrofe visigótica nenhum incremento urbano ocorrera na vertente direita do Douro; pelo contrário a situação das cousas aqui, longe de ter melhorado, estava cada vez peor; basta tomar em conta, que a sua diocese, entre as sufragáneas do arcebispado bracarense, foi só restaurada com a residéncia do bispo no tempo do conde Henrique. Não obstante, êsse epíteto, anteriormente apenas circunscrito á designação diocesana, na nova sociedade cedo se aplicou, saíndo fóra dos limites e sentido primitivos, a uma unidade do govêrno asturiano.

Se atendermos á data do diploma, reconheceremos sem dificuldade que o facto, relatado oficialmente em 841, vinha de outra época, e nenhuma houve, desde Pelaio, mais adequada á mudança, senão a de Afonso I (739-757), na qual se efectuou no meio de fulgurantíssimas vitórias, a reconquista definitiva da actual rejião portuguesa ao norte do Douro [1]. Compreendendo esta a parte do convento-jurídico romano mais próssima de Braga, que foi a sede dêle e depois a capital da monarquia sueva, aconteceu achar-se em condições especiais como fronteira, não raras vezes obrigada a defender-se a si mesma, e por isso a organisar a defesa com as próprias forças; talvez de então começassem a germinar lembranças dos dois antigos governos, e com elas o desejo vago duma administração autónoma. Êsse resto, contudo, de tradições, se reverdeceram por circunstáncias privativas, não explica a nova qualificação; pois o único facto local importante, sucedido nas marjens do Douro, fôra o ter-se tornado o seu curso, numa extensão bastante considerável desde a foz, o termo do domínio cristão, logo por efeito das primeiras campanhas novi-godas. Embora êste limite, visto de relance, careça do valor capaz de produzir uma desdenominação territorial, pode conter, todavía, a explicação do problema. — A tendéncia dos habitantes rejionais, lançados pelo azar das cousas na raia do mundo mussulmano, era, como o futuro mostrou, o avanço para o sul, aonde se havia extendido também o reino dos suevos. A sé portugalense com o seu pequeno burgo a par, ali no sítio mais arriscado e apesar da situação precária por motivo das repetidas entradas do inimigo, além de chave da defesa do condado, vinha a ser, com tais aspirações, um ponto estratéjico de superior importáncia: assim, por ventura, o qualificativo retrocedeu a norte e leste, e no sul, transpondo a pequena área da primitiva, desenvolveu-se largamente, levado para todos os lados pelos pertinazes batalhadores, entre os quais, unidos por tradições de govêrno próprio ou por afinidades étnicas [2], cedo se formou um núcleo homojéneo de resisténcia, província com o sentimento duma nação. Tam depressa se caracterizaram que Afonso II, acabamos de ver, diferençava da Galiza, embora política e administrativamente fizesse parte dela, êsse território que se foi dilatando sempre para o sul; Fernando Magno levou-o de vez ao Mondego, chegando ao Tejo com a tomada, pouco duradoura, de Santarem, Lisboa e Sintra por Afonso VI em 1093. Foi êste rei quem o constituíu em «distrito independente» [3] entre 1094-1095, sob o comando do Conde

---

[1] Cf. *As «Vilas» do Norte de Port.*, pelo A., ed. separata, pájs. 8-9.

[2] Segundo um reconhecimento antropolójico, a que acaba de proceder o Sr. Fonseca Cardoso e cujo resultado teve a bondade de me comunicar, as duas populações ao norte e sul do rio Minho apresentam características étnicas distintas.

[3] HERCULANO, *Hist. de Port.*, t. I, liv. I, páj. 194.

Henrique, ao qual dera em casamento a mais nova das suas duas filhas bastardas, D. Teresa, a rainha dum Estado embrionário, mas onde despontava já o sentimento da independência.

No meio do sem-número de adversidades, com que houveram de lutar os portugalenses, durante a realização da nova forma política, merecem especial consideração as resultantes de recentes e contínuados ataques por via marítima; pois, por êste tempo, conforme se viu no capítulo precedente, os sarracenos principiaram a pôr em execução a maneira de combater os estados cristãos, banhados pelo oceano, com uma pirataria tam sistemáticamente organizada que continuavam a arruinar as terras circunvezinhas dos portos, nos mesmos períodos de paz.

Resumiremos num curto apanhamento as importantes informações que a *Historia Compostelana* nos transmitiu em dois capítulos do Primeiro e Segundo Livro. No ano 1115 [1], diz um dos seus autores, que os «Hispalenses, Saltenses, Castellenses, Salvienses, Lisbonenses» e os demais sarracenos que habitavam as prossimidades do mar, de Sevilha a Coimbra, costumavam vir em embarcações, construídas de propósito, devastar as costas desde Coimbra até aos Pirinéus, a saber Portugalia...; especialmente atacavam o litoral da província de Santiago; nas ilhas que lhe estão adjacentes, levantavam tendas, descansavam e reparavam os navios; isto mesmo faziam nos outros pontos de fácil acesso. Narração idêntica lê-se, bastante condensada, no ano 1120, a qual contém a data já reportada do princípio das piratarias no reinado de Afonso VI, insistindo em que eram empreendidas pelos sarracenos de Sevilha, Almeria, Lisboa e de outros logares; — «A temporibus A. Regis bonae memoriae Sarraceni ab Hispali, ab Almaria, Olisbona, & à ceteris locis... in Gallaeciam venire consueverant» [2]. Os assaltos tinham lugar todos os anos, entre o meado da primavera e o meado do outono: então os lavradores do litoral abandonavam as casas e escondiam-se em tocas (speluncis) com o que podiam levar [3]. — Não era porque os inimigos fôssem conhecedores da arte de navegar no Atlántico, que medrosamente designavam com o epíteto tam expressivo de «Tenebroso», nunca ousando aventurar-se ao largo [4]. Como, porém, estavam perto, subiam a costa sem a perder de vista, limitando-se a praticar nas águas galegas e portugalenses uma simples mas terrível cabotajem de salteadores; essa navegação rudimentar, incapaz de subministrar conhecimentos técnicos proveitosos á gente da terra, bastava para a encher de presas e criar ás populações cristãs, expostas aos seus ataques, a situação mais lastimosa. — Afim de remediar tamanhos males, e

---

[1] *Hist. Compost.*, liv. I, cap. CIII, na *Esp. Sagr.*, t. XX. Da passajem transcrita vê-se que os agressores eram principalmente de Sevilha (Hispalenses), de Saltes, uma das ilhas da baía do Huelva (Saltenses), de Castella, hoje Cacela, no Algarve (Castellenses), de Silves (Salvienses) e enfim de Lisboa (Lisbonenses). Cf. HERCULANO, *Hist. de Port.*, t. II, nota final V, pájs. 447-448, ed. de 1884, sôbre alguns dêstes nomes.

[2] *Hist. Compost.*, liv. II, cap. XXI, na *Esp. Sagr.*, t. XX.

[3] *Hist. Compost.*, liv. I, cap. CIII e liv. II, cap. XXI na *Esp. Sagr.*, t. XX.

[4] «Il y a cependant dans cet océan un grand nombre d'iles, soit habitées, soit désertes: mais aucun navigateur ne se hasarde à le traverser ni à gagner la haute mer, on se borne à cotoyer, sans perdre de vue les rivages». EDRISI, *Description de l'Afrique et de l'Espagne*, trad. par DOZY et GOEJE, páj. 197, ed. de Leide, 1866.

sobretudo para defender a diocese de Compostela, o arcebispo Diogo Gelmírez mandou vir de Génova mestres que construíram duas biremes [1], chamadas na linguájem popular «Galleas» [2], destinadas não só a repelir os inimigos, mas também a atacá-los nas suas localidades. O óptimo serviço dos navios deu o melhor resultado, quer na defesa quer agredindo; passado, todavía, pouco tempo, perderam-se por incúria dos mareantes do Padrão. Mas tal tinha sido o proveito auferido que o mesmo arcebispo ordenou outra bireme em 1124, e entregou-a a um jovem marinheiro de Pisa, «Fuxoni» [3], que foi insultar com a maior felicidade os portos mussulmanos.

Quanto ás conseqüéncias dêstes empreendimentos, a *Historia Compostelana* não hesita em asseverar — «terra maritima... penitus secura permansit» [4]. Embora a afirmação fôsse exacta no tempo de Gelmírez, ou a frase antes queira dizer que os assaltos não tornaram a repetir-se com a periodicidade e intensidade precedentes, a despeito de tudo continuaram a dar-se, pelo menos de vez em quando, ao norte do rio Minho [5], e ao sul, onde os inimigos nada tinham a recear, de modo nenhum afrouxaram nas devastações, como em breve veremos, julgando pelo que se passava nas marjens do Douro.

Da exposição precedente é fácil inferir a que extremos tinham chegado as cousas á beira-mar, quando o conde Henrique foi investido no comando do condado. Por faltarem os mais ténues indícios, não sabemos hoje se jamais no seu pensamento entrara algum projecto de opor uma defensiva a êste modo de fazer a guerra, que tinha por objectivo arremeçar por cima das fronteiras a assolação em parte do territorio, aonde chegava o alcance dos desembarques. É de crer até que no vasto quadro das suas ambições, o condado apenas lhe prendesse a atenção em momentos excepcionais, quando as incursões sarracenas assumiam proporções assustadoras; mas quanto aos piratas dessa oríjem parece não ter tido meios de os repelir. Pelo menos não consta de nenhuma qualquer dilijéncia para a organização das forças marítimas; pois o primeiro acto decisivo no noroeste peninsular, destinado a tal fim, provindo de Diogo Gelmírez em 1115, é posterior ao falecimento do ilustre cavaleiro borgonhês.

No govêrno, pelo contrário, da viuva do Conde, é fóra de dúvida a tentativa de construções navais. Ou fôsse porque a sua atenção incidisse agora exclusivamente na sustentação do pequeno domínio, ou porque não lhe passasse desapercebida a necessidade urjente da defesa dos portos, ou tivesse sido por outro modo, de então devemos datar o primeiro ensaio duma marinha nacional, observação já feita por Herculano [6]. Convém por isso colijir as notícias resultantes dos documentos contemporáneos, tanto em relação ao estado calamitoso do litoral, como a respeito das providéncias tomadas pela rainha com os seus fracos recursos.

---

[1] *Hist. Compost.*, liv. I, cap. CIII e liv. II, cap. XXI, na *Esp. Sagr.*, t. XX.

[2] *Hist. Compost.*, liv. I, cap. CIII; á marjem — «Hodie galeras»; e liv. II, cap. XXI, na *Esp. Sagr.*, t. XX.

[3] *Hist. Compost.*, liv. II, cap. LXXV, na *Esp. Sagr.*, t. XX.

[4] *Hist. Compost.*, liv. II, cap. LXXV, na *Esp. Sagr.*, t. XX.

[5] V. adeante a informação na Carta do Cruzado inglês.

[6] *Hist. de Port.*, t. II, nota final XXVI.

Antes, porém, cumpre notar um sucesso, do qual se derivam informações concernentes ao nosso assunto; por isso e em razão da ordem cronolójica merece a precedéncia. Referimo-nos á escolha de Hugo para bispo da sé portucalense. Eleito em 1113, ainda em vida do conde Henrique, talvez sob a influéncia de D. Teresa [1], foi o primeiro prelado residente da diocese, após a restauração cristã. Pomos de lado, por desnecessaria a êste estudo, a exposição dos motivos políticos que determinaram a filha de Afonso VI a intervir na eleição; êsses, se tinham sido de grande monta, em seguida á morte do marido com certeza aumentaram considerávelmente, pois que em 18 de abril de 1120 fez-lhe doação dos direitos reais dentro do burgo, e fora, num perímetro bastante extenso, das propriedades reguengas e impostos, acrescendo a graça de couto [2]. Pela leitura do diploma figura-se-nos que a doação fôra plena, dando a coroa quanto possuía em direitos dominicais e majestáticos: todavía, parece que êle nunca teve tal interpretação; ajentes do fisco sempre os houve aqui e nem todos os moradores se confessavam vassalos da mitra, doutrina que esta reconhecia no ponto de vista orijinário [3]. Exorbitando a questão do nosso propósito, limitamo-nos a apreciar no documento a única passajem que nos interessa; é do teor seguinte: — «Dono itaque et concedo... supradictas hereditates sine piscarias...» Além dos mais direitos e propriedades, a doadora declara expressamente as «pesqueiras». A menção delas permite entender á primeira vista que produziam um rendimento avultado, aliás não valeria a pena nomeá-las; com a maior probabilidade faziam parte das pertenças do burgo (adjacentiis) e ficavam no Douro, onde as havia também particulares [4]. Da existéncia dumas e doutras, sobretudo da importáncia das reguengas, antevê-se que havia no fundo vivendas marjinais, cujos habitantes se empregavam na pesca do rio e porventura na construção de embarcações rudimentares, conforme foi dito no capítulo anterior. Dessa povoação aberta — a «Vila baixa» das *Inquirições,* mal protejida pela fortaleza superior, mas resistindo sempre com a tenacidade das plantas índijenas — voltaremos a falar em ocasião oportuna. Se os piratas a atacavam em primeira mão, a cada passo entravam no burgo, que apesar de tudo se conservou.

Conseqüéncia directa da doação foi o foral outorgado por Hugo em 1123 [5]. Excluindo a parte relativa á administração [6], fora do nosso quadro, temos nele um esclarecimento quanto á qualidade dos vezinhos que viviam em volta da sé. O foral previne — única prevenção futura — o cultivo dos terrenos incultos, contidos nos limites do couto; o imposto, que taxa, entraria nos cofres da mitra, quando houvesse arroteadores: o principal de presente era um soldo por cada casa, o qual, como pondera Her-

---

[1] HERCULANO, *Hist. de Port.*, t. I, pájs. 239-240 (2.ª ed.)

[2] *Corpus Codicum* etc., documentos publicados pela Câmara Municipal do Pôrto em 1891, páj. 18.

[3] HERCULANO, *Hist. de Port.*, t. II, pájs. 119, 118-119, e 111 (2.ª ed.). Se os burgueses se fundavam no foral, para se eximirem á vassalajem episcopal, a doação, fonte dêle, não era considerada plena.

[4] Numa doação ao mosteiro de Leça de 1035 inclui-se — «nostram rationem in illa piscaria que est in durio quam uocitant cauno inter uillar et laurdello». *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.º 288.

[5] *Leges et Consuet., P. M. H.*, páj. 361.

[6] A análise do foral encontra-se, majistralmente feita por HERCULANO, no t. IV da *Hist. de Port.*, pájs. 97-99.

culano, mostra uma população de fabricantes, lojistas, *homens de rua*, chamados «burgueses», por habitarem o burgo. Não se empregando na agricultura, eram mesteirais, ocupados em ofícios mecânicos, ou mercadores do deminuto negócio da terra. Aninhados naquelle penhasco alcantilado, sujeitos a assaltos repetidos que as fracas muralhas não defendiam por completo, demoravam num sítio de excepcional adaptação ao desenvolvimento subsequente, entre o norte e o sul da rejião.

O insigne autor da *Historia de Portugal* atribui o posterior incremento da povoação «ás importantes exempções e regalias» do foral [1]. Seja-nos lícito discordar de tam abalizada opinião. Quási um quarto de século depois, estava tudo na mesma, senão peor. Para o lugar se engrandecer foi necessário que se desse um surpreendente e estrondoso acontecimento. — Não fique sem se notar a omissão, nos dois diplomas, da mínima referência á navegação e pesca no mar, ou a mercadorias chegadas por esta via. A foz do rio continuava fechada a qualquer tráfego marítimo, ou porque ainda se não fizesse mister, ou em virtude dos assaltos dos inimigos; neste tempo eram os piratas sarracenos que punham a localidade em extremos apuros, conforme logo nos dirá o discurso do bispo Pedro, quando por ordem de Afonso Henríquez pactuou com os Cruzados a expugnação de Lisboa. Na costa faltava, sem dúvida, a defesa necessária para deixar o transito livre, em singular contraste com a que já havia na de Compostela.

Esta carência não deve levar-nos á conclusão que os portugalenses não tinham nem construíam navios capazes de agùentar o mar. Era assim no pôrto mais valioso que possuíam no seu curto litoral; mas não na embocadura do Minho. Vamos vê-los aqui na campanha de 1121. — D. Teresa, que se achava então em Tui, havendo conhecimento que a irmã marchava contra ela, apressou-se a passar para a marjem esquerda do rio; ficara-lhe em poder, porém, uma ínsua próssima a êste lado; aí teve lugar um renhido combate que deu a vitória a D. Urraca; — «nec mora, Compostellani & Irienses cum electissimis militum naves concendunt. Portugalensium, quae per mineum discurrebant, invadunt carinas, & paedictam insulam audaci occupant congressu» [2]. Se os compostelanos e irienses se embarcam imediatamente, com a flor da sua milicia, para assaltarem os navios dos portugalenses que discorriam pelo Minho, e só depois de vencidos êstes ocuparam a ínsua, não pode restar a menor dúvida que a flotilha de D. Teresa cortava o passo do rio ás tropas galegas. — Outro incidente, ocorrido no fim da mesma campanha, esclarece-nos quanto á qualidade das embarcações, cuja derrota abriu as portas ao exército invasor. Feitas as pazes, sabendo D. Teresa que a irmã planeava prender o arcebispo Gelmírez, ao qual por ventura as devia, ainda que indirectamente, não se demorou a avisá-lo do perigo; no aviso e proposta que lhe fez, deixou-nos um traço valioso para a questão que se ventila. Disse-lhe: «Qua propter ad quolibet meorum, ne capiatur, confugiat Castellorum. Sin autem in navibus meis ad suam repedet civitatem; alioquin ex quo mineum transmeabit, mancipatur captioni» [3]. Para evitar a prisão, mal atravesse o Minho, D. Teresa oferece ao arcebispo o refújio de qualquer dos seus castelos, a não ser que antes prefira regressar

---

[1] Herculano, *Hist. de Port.*, pájs. 110-111.

[2] *Hist. Compost.*, liv. II, cap. XXII, na *Esp. Sagr.*, t. XX.

[3] *Hist. Compost.*, liv. II, cap. XXII, na *Esp. Sagr.*, t. XX.

nos navios dela. Não eram êstes, portanto, simples barcassas de transporte fluvial, mas embarcações capazes de efectuarem uma navegação costeira com segurança; doutro modo seria irrisório o oferecimento. — Os dois trechos citados da *Historia Compostelana* embora afirmem, da maneira a mais explícita, a existéncia de navios portugalenses nas águas do Minho, limitam-se contudo a essa simples declaração. Por desfortuna, o laconismo do redactor omitiu detalhes preciosos, informando-nos só sôbre a circunstáncia de poderem navegar no oceano, assim como deixa também na sombra donde tinham procedido. Não repugna, todavía, ver neles a expansão do ensino dos genoveses—expansão explicável pelas relações estreitas entre a Galiza e o condado. Talvez as sementes principiassem a germinar aqui, por estar a embocadura do rio, abrigada pela defesa da costa contígua; e, de feito, nela havia um tráfego bastante sensível, pois em 1125 D. Teresa, que após a campanha ficou com o senhorio de Tui, concedeu ao bispo o privilégio da navegação nesse pôrto — «nullus habeat navem conductitiam in portu de Tuda exceptis vobis» [1]—privilégio que devia ter importáncia, porque foi depois confirmado pelo filho. Os piratas iriam agora aí menos vezes, enquanto que a foz do Douro, jazendo abandonada, se prestava melhor aos seus insultos. Se o exemplo de Gelmírez não foi adoptado pela rainha com tanta firmeza, evidentemente por sua iniciativa, começou a esboçar-se ali a indústria naval, aprendida com os construtores do Padrão; e com a maior probabilidade, dêsses ignorados estaleiros a trousseram em seguida para os portos debaixo mestres e operários, quando as condições permitiram a transplantação, e já medrada com a vinda doutros mestres.

Não obstante, em virtude das pazes com D. Urraca, se terem aumentado os domínios de D. Teresa, tanto na Galiza como em outras províncias, numa posição subalterna da irmã [2], todavía no seu govêrno assentam-se os primeiros fundamentos da nacionalidade portuguesa; quási desconhecida nas largas aspirações do marido, tornou-se o pensamento político da viuva, que o soube sustentar com astuciosa sagacidade por entre as ambições, lutas e enredos dos partidos, embora por vezes a fôrça imperiosa das circunstáncias a obrigasse a curvar a cabeça. Era a hora crepuscular da independéncia; não tinha soado ainda o momento da explosão separatista, nem á sua direção se compadeciam as mãos débeis duma princeza.

Estava reservado ao braço heróico do filho, apoiado nos fortes cavaleiros que o cercavam, desfraldar a bandeira nacionalista. As mudanças, operadas por êsse facto nas condições da vida social dos nossos antepassados, foram de tal magnitude, que ficaria aqui uma lacuna ocasionadora de obscuridades futuras, se deixássemos de indicar pelo menos os pontos capitais. Antes, apesar das entradas sarracenas pelo sul e das agressões periódicas dos piratas, o condado portugalense de modo nenhum se achava isolado no seu canto de montanhas; por norte e nordeste estava em convívio seguido com os seus irmãos de crença e companheiros-de-armas; província da Espanha novi-goda, partilhava com ela a mesma comunidade de interesses e os mesmos ideais. Não, porém, após a revolução separatista. De repente as fronteiras erriçam-se de inimigos; rebeldes

---

[1] *Esp. Sagr.*, t. XXII, cap. IV, páj. 257.
[2] HERCULANO, *Hist. de Port.*, t. I, páj. 268.

para os leoneses, infieis para os mussulmanos e com o mar fechado, os portugueses viram-se encurralados, sem saída para qualquer banda, a não ser á mão armada. Remediar a esta instabilidade angustiosa, cercada de perigos iminentes, só o conseguiria a violenta ambição dum reino, sustentada por uma vontade á prova de contratempos, e socorrida pela fortuna do acaso. Quer o príncipe, de quem os nacionalistas fiaram a causa, previsse os resultados do plano audacioso que por ventura lhe sujeriu o repetido arribar de batalhadores estranjeiros, quer se satisfizesse apenas com a mera extensão de domínio, é certo que numa só jornada, na qual também pouca gente sua arriscou [1], resolveu, como se cortasse dum jacto, a mais instante das dificuldades que enleava o passo da jovem nação. Lisboa, a curta distáncia, era a mais rica e a mais populosa cidade mourisca na costa ocidental da península, e simultaneamente o ninho dos piratas, que todos os anos e em certa estação vinham encher a do norte de devastações e ruinas; conquistada, os sarracenos receberiam um fundo golpe, e restabelecer-se-ia a segurança na orla marítima superior. — Foi nesta conjuntura que as circunstáncias político-relijiosas da Europa proporcionaram a Afonso Henríquez os meios, sem os quais seria inexequível tamanha empresa.

Do grande movimento, que no fim do século XI impeliu sucessivamente para a Palestina lejiões de soldados europeus, chamam-nos só a atenção as expedições marítimas, relacionadas com êle. Posto que o grosso dos exércitos marchasse pela Europa central, muitos combatentes por qualquer maneira acostumados ao mar, preferiam esta estrada. A cada uma das grandes levas por terra correspondia a partida de frotas com maior ou menor número de velas de Inglaterra, França e Flandres; o mesmo tinha lugar nos intervalos. Fazendo-se ao largo, tomavam o rumo da península, cujas costas desciam, refrescando de pôrto em pôrto, sempre que o tempo permitia até ao Mondego. Daqui por deante, antes da tomada de Lisboa, como toda a orla peninsular estava sob o domínio mussulmano, enquanto não chegavam ao Mediterráneo, diziam adeus á esperança de obterem abrigo ou abastecimento. Os nossos portos do norte, freqüentados logo, foram, durante meio século entre a primeira cruzada (1096-1100) e a segunda (1147-1149), os últimos ancoradouros á sua disposição no Atlántico. Os monumentos não rejistraram, até á derradeira data citada, senão a chegada de duas frotas, naturalmente porque só elas se ligaram ao facto de excepcional importáncia, a empresa de Lisboa; mas muitas mais viriam a meúdo surjir nos portos portugueses, e que deixaram de ser arquivadas, por não terem nenhuma referéncia a qualquer acontecimento nacional. A *Historia Compostelana* conservou a memória da entrada duma esquadrilha de cruzados ingleses na ria do Padrão em 1111, que ficaria esquecida, se se não desse o caso de haverem aderido a uma rebelião; vencidos, obtiveram a liberdade; embarcando-se de novo, continuaram a derrota e visitariam os portos do sul, sendo o último a foz do Mondego. O incidente é relatado a propósito do assédio do castelo de Luto, á beira-mar. Os homens do Padrão e de Santa Maria de Lanchata, vendo de lonje os agressores, reconheceram-nos imediatamente, sem sombra de dúvida (procul dubio), o que mostra com assás clareza a sua freqüéncia anterior [2].

[1] HERCULANO, *Hist. de Port.*, t. I, páj. 368 e segs.; *Opusculos*, t. V, páj. 177 e segs.

[2] *Hist. Compost.*, liv. I, cap. LXXVI, páj. 135 e cap. LXXV, páj. 133 na *Esp. Sagr.*, t. XX.

Nesta época, em virtude de tam longas viajens a meúdo repetidas e das novas práticas apreendidas pelos Cruzados no Mediterráneo com os mareantes levantinos, a arte náutica tomou grande adeantamento, do qual em breve teríamos notícia por intermédio dessas esquadras, meio guerreiras e meio comerciais; partidas da Holanda, Inglaterra e França, estacionando freqùentemente, desde a primeira cruzada, nos nossos portos, onde se haviam de abastecer e reparar avarias — foram elas que trousseram conhecimentos técnicos e de geografia comercial aos portugueses, inexperientes não só na arte de marear no alto-mar, mas carecidos também de noções exactas sôbre os povos do norte da Europa e do Levante, assim como dos produtos mercadejáveis com uns e outros. Sem êste aussílio seria impossível a lavradores, especializados na sua ocupação e sequestrados num canto obscuro da península, lançarem-se em tam curto prazo a correr o oceano. Em contacto com os intrépidos navegantes que iam e vinham, dos de torna viajem conservou a poesia popular uma vaga reminiscéncia na xácara da «Bela Infanta», a rude gente da terra recebeu a segunda e eficaz aprendizajem nas cousas da navegação e comércio internacional. E além de mestres e iniciadores prestaram mais á pequena nação as forças necessárias para dar o primeiro passo que decidiu do seu futuro.

Em 1140 (sete anos antes da tomada de Santarém) entraram nas águas do Douro, procedentes de França, quási setenta navios de cruzados. Chegaram sem ser esperados — «ex inesperato», diz o cronista; a frase deixa perceber que usualmente as arribajens de tais esquadrilhas eram conhecidas com antecipação, e assim seriam muito mais amiùdadas, do que á primeira vista se infere dos monumentos nacionais. Como de costume entravam nos portos da Galiza, onde haviam de ter certa demora, a fama precedia-as sempre. Agora, acontecia a vinda duma não se contando com ela, ou porque se tivessem detido menos, ou porque algum temporal os trousse com maior velocidade. A novidade, contudo, voou rápida; e Afonso Henríquez, apesar do inesperado, veiu imediatamente pactuar com êles um assalto a Lisboa, oferecendo-se a ir com a sua tropa por terra e seguindo os outros por mar — «ut irent ad Ullixbonam, ipsei per mare et ipse cum exercitu suo per terram» [1]. O denodado batalhador, confiado na boa-estrêla dos golpes imprevistos, aproveitou a ocasião, mau grado da pressa com que se viu constranjido a reùnir os seus. A singela nota, lançada na *Chronica Gottorum,* de nada mais nos informa, nem siquer sabemos, qual foi desta vez a permanéncia aqui dos cruzados; mas com certeza havia de ser mais longa que a usual, pois teriam de dar tempo a pôr-se em marcha e obter uma certa deanteira o exército de Afonso I. Da sucinta alusão da crónica, só fica claro que se concertaram para a expedição e a enpreenderam. É bem sabido o resultado. A tentativa malogrou-se; ainda assim serviu, quando pouco, para o reconhecimento da defesa da cidade: contentando-se de ambos os lados com as possíveis tomadías, os aliados continuaram na sua derrota; e o rei, lonje de abandonar o projecto, retrocedeu certamente com a esperança de o levar a cabo, se a fortuna lhe deparasse os meios necessários.

O que não foi conseguido em 1140, pôde enfim ser realizado em 1147 por uma forte armada de cruzados, que ancorou no Douro em 16 de Junho dêsse ano. Viajava

---

[1] *Scriptores: Chron. Gottor., P. M. H.;* HERCULANO, *Hist. de Port.,* t. I, páj. 336.

nela um escritor inglês, que na *Epístola* [1] *sôbre a expugnação de Lisboa* nos deixou preciosos esclarecimentos; dêles vamos aproveitar os relacionados com o nosso estudo. — A frota, composta de 164 navios, transportava os combatentes da segunda cruzada, montando «a pouco mais de treze mil» [2] inglezes, alemães, flamengos e francezes, que preferiram a via do mar. Reùnida em Dartmouth, fez-se daí diretamente para o norte da península; depois duma grande tempestade no golfo da Biscaia, durante a qual os viajantes ouviram o horrível canto das sereias (horribilis sonitus), surjiu a salvo no pôrto das Asturias «S. Salvador». Não obstante as precauções defensivas, acima aduzidas, ao extremo norte da península, chegavam ainda de vez em quando os saltos dos piratas sarracenos; pouco antes haviam destruído ali uma igreja; foram as primeiras devastações, que viram êstes homens efectuadas por armas mussulmanas. Dali partiram os expedicionários para a Galiza, onde tiveram demora prolongada por causa da festa de Pentecostes, á qual assistiram na igreja de Santiago. Terminada esta, a armada correndo ao sul, não tardou a entrar nas águas portuguesas. — Navegando costa a costa, o autor deixou-nos dela uma tal ou qual descrição; posto que imperfeita, cheia de insuficiéncias nas designações locais, e agravada com as dificuldades da leitura do códice, pode ter-se como certa a menção do rio Minho com Tui, a do Cávado com Braga, a do Ave com o mosteiro de Santo-Tirso e a do Douro com *Portugala;* mais, devemos julgar averiguado o facto tam característico quam expressivo — que em toda a extensão costeira, acima determinada, não existia nenhum grupo urbano.

Quem nomeou com acerto povoações distanciadas do litoral, não deixaria de rejistar as que visse nêle, se alguma houvesse aí; fácilmente as avistaria de bordo do seu pequeno navio. A omissão permite-nos concluir, sem hesitações, pela não existéncia de qualquer póvoa na embocadura dos rios; e esta falta, deduzida do siléncio do autor, está também de acôrdo com os documentos. Ao sul do Douro acontecia o mesmo. Até ao Mondego a descrição só refere castros e cidades do interior. Esta solidão talvez começasse com o assoreamento que foi sepultando nas areias as vilas rurais romanas [3], aumentada depois por efeito das descidas dos normandos. Fôssem uma e outra as causas primitivas, as expedições sarracenas vieram dar ao quadro o último retoque; a população teve de recuar para dentro do país, fujindo do mar que lhe trazia calamidades incessantes. E assim no meado do século XII, segundo o testemunho do nosso viajante, entre o Minho e o Mondego, não falando em Tui, a única povoação acessível por embarcações era Portucale. ¿Mas em que estado? É certo que por informações colhidas no dia da chegada, o cruzado conta que assolada por uma grande entrada de sarracenos, os estragos tinham sido reparados, havia uns oitenta anos — «habens jam annos reparationis suae circiter LXXX desolata ab introitu maurorum et moabitarum» [4]. Se deduzirmos êsse número a 1147, conclui-se que a reparação se efectuara por 1067, isto é, quási no fim do reinado de Fernando Magno (1037-1065). E vista a aprossi-

---

[1] *Scriptores: Crucevignati Anglici Epistola de Expugnatione Oliciponis, P. M. H.*

[2] HERCULANO, *Hist. de Port.*, t. I, páj. 369 e nota IV.

[3] V. cap. I. Posteriormente á sua publicação tivemos notícia da descuberta das ruinas duma vila rural, contígua ao mar, na pequena enseada de Lavra. Não se exploraram por falta de meios.

[4] *Script.: Cruce. Ang. Ep.* etc., *P. M. H.*, páj. 393, 1.ª col.

mação das datas, é de crer, que a reparação fôsse ordenada por êste monarca após as suas reconquistas definitivas na Beira. Talvez a grande destruição se limitasse ao arrasamento das fortificações em 997 por Almançor, quando aqui desembarcou parte do exército para a campanha de Compostela; dêste modo estaria sem muralhas durante setenta anos. Mas pouco depois da restauração dos muros, na época de Afonso VI, principiaram os assaltos sistemáticos dos piratas, repetindo-se as depredações a meúdo. Delas vamos ter já notícias por uma testemunha autorisada. —— Fundeados os primeiros navios, o bispo Pedro II com toda a clerezia saíu a receber os recém-chegados, em nome e por ordem do rei. Afonso Henríquez, sabedor da vinda, partiu com a sua gente, dez dias antes, para Lisboa, deixando o bispo incumbido de os acolher carinhosamente e concertar com êles a investida á famosa cidade [1]. Pedro II fê-los logo conhecedores da incumbéncia. No dia seguinte, reùnidos os cruzados «in summitate montis in cimite-epyscopii» [2] (¿no adro da sé?) por não caberem na igreja, prègou um longo sermão em latim que os intérpretes traduziam em cada lingua. Prende-nos em especial a atenção um passo do discurso, no qual o bispo se refere aos danos e malfeitorías praticados ali pelos infieis; então não podiam ser outros senão piratas. Começando pelo elojio historico da povoação, que arrola entre as cidades outrora célebres — «Ista etiam nostrae quam cernitis olim inter celebres» — acrescenta que parecia agora voltada á infáncia, por ter sido no seu tempo freqúentes vezes saqueados pelos mouros — «nunc ad instar parvuli redacta videtur, jam nostra memoria multotiens a mauris spoliata est». Os assaltos, vê-se, sucediam freqùentemente — «multotiens» — e dêles resultara a situação calamitosa, expressa na frase «ad instar parvuli».

Quanto ao passado, o bispo falando a estranjeiros desconhecedores da história vernácula, podía ufanar-se de grandezas imajinárias, mas de modo nenhum amplificaria a decadéncia presente, á vista de todos. E proseguindo no assunto, menciona uma grande entrada dos sarracenos quási recente; não volvidos ainda sete anos, vieram roubar as cruzes, paramentos, vazos e adornos da igreja, mataram clérigos e levaram outros cativos — «Verum enim ante hoc septennium ab eis adeo afflicta est, ut ab ecclesia beatae Mariae virginis... signa, vestes, vasa et omnia ecclesiae ornamenta captis clericis aut occisis aportarent». Desta feita, consoante a seqùéncia do texto, o assalto seria tamanho que se extendeu pelo litoral até Santiago de Compostela, com inúmeras vítimas de padres e seculares, pondo os inimigos tudo a ferro e fogo — «igne et gladio cetera consumentes omnia» [3]. Dado ainda o devido desconto á énfase do estilo, os factos apontados nos trechos precedentes representam-nos com assás clareza a povoação a par da sé num estado o mais incerto e deplorável; no mesmo estariam as pertenças, e as vivendas marjinais. —— O sermão, cheio de longas divagações, terminou com a promessa de bom pagamento por parte do rei, obrigando-se o bispo a garanti-lo por si e com reféns. Como o comandante geral e muitos navios, por causa do temporal, não tivessem surjido, nada resolveram de pronto; no entretanto quizeram que se mandasse chamar o arcebispo de Braga, João Peculiar. Juntos os cruzados, foi aceite a proposta;

---

[1] *Script.: Cruce. Angl. Ep.* etc., *P. M. H.*, pájs. 393, 1.ª col. e 395, 1.ª col.

[2] *Script.: Cruce. Ang. Ep.* etc., *P. M. H.*, páj. 393, 2.ª col.

[3] *Script.: Cruce. Angl. Ep.* etc., *P. M. H.*, páj. 394, 2.ª col. O passo que contém os trechos citados começa com as palavras «Ista etiam nostrae» etc. e termina com as «cetera consumentes omnia».

e os dois prelados embarcaram também na esquadra, para os apresentarem ao rei — «ut illinc a rege illorum audiremus presentes quae absentibus mandabantur» [1]. Dez dias se demoraram nas águas do Douro em convivéncia com os naturais; aqui descansaram da viajem e se abasteceram de provisões; daqui partiram em companhia dos dignatários das duas principais dioceses da rejião para a empresa, da qual resultou enfim a tomada de Lisboa. — Na pirataria sarracena, tam explícitamente confirmada pelo discurso do bispo, contemporáneo dos factos alegados, encontramos a explicação do siléncio a respeito do comércio marítimo no foral de Hugo, outorgado vinte e quatro anos antes. Se as cousas se passavam desta maneira nefasta, após uma administração privilejiada, cuja atenção se concentrava toda no desenvolvimento da riqueza local, ¿como haveria sido, quando o lugar mal saía da rejéncia da coroa, distraída pela multiplicidade das questões políticas e militares que a absorviam? Não admira por isso que o donatário do couto deixasse de prever um tráfego futuro pela barra do rio caudaloso, que corria no sopé do burgo episcopal.

Entrada no poder português a grande cidade do Tejo, espedaçara-se aquele bloco de inimigos e ninho de piratas; conseguintemente, o litoral superior ficou esento dos incessantes assaltos periódicos, que duravam desde três gerações. O contacto com os normandos na última fase, o ensino dos genoveses recebido em segunda mão, e as relações directas com os cruzados, subministraram os conhecimentos indispensáveis, relativos quer á arte de construir embarcações e manobrá-las quer ao comércio com o Norte e Levante. Instruída a gente e desimpedido o oceano, aluira-se a muralha isoladora que em torno do Estado nascente levantavam leoneses e sarracenos. Á população hostilizada pelas fronteiras de terra, abriu-se-lhe de improviso uma ampla saída; e na costa abandonada, por onde tantíssimas assolações haviam penetrado, não tardará a despontar essa nova enerjia, que em tempos vindouros há-de ser a vida própria e característica da pequena nacionalidade, agora em via de formação ainda. Enquanto os reis batalhadores adeantam a passos ajigantados as conquistas no sul, o povo da primitiva província portugalense vai fazer o primeiro ensaio de navegação, lançando-se no comércio marítimo internacional.

ALBERTO SAMPAIO.

---

[1] *Script.: Cruce. Angl. Ep.* etc., *P. M. H.*, páj. 395, 1.ª col.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Gr. nat.

R. S. del.

AS ARRECADAS D'OURO

DO CASTRO DE LAUNDOS

VARIA

NOTAS E COMMUNICAÇÕES

AS ARRECADAS D'OURO

DO

CASTRO DE LAUNDOS

A estampa XXXI aqui junta representa o anverso e reverso de duas arrecadas de ouro, com os desenhos complementares de perfil e secção. Appareceram estas joias dentro de um pequeno vaso de barro e conjunctamente um bolo de metal fundido constituido de prata e cobre.

Arrecada d'ouro A	peso	16,85	grammas
Arrecada d'ouro B	»	17,60	»
Bôlo de prata	»	115,00	»

O LOCAL.—Descobriu-se o pequeno thesouro, do qual se vae occupar a presente noticia, no alto do Monte de S. Felix, ou Castro de Laundos, na freguezia do mesmo nome, concelho da Povoa de Varzim. Fica este monte tres e meio kilometros rectos a noroeste de Terroso, e a seis kilometros do littoral, onde é a praia da Aguçadoira, logo acima de Abremar. No sopé passa a estrada real que liga Povoa de Varzim a Barcellos e que por ahi deve marcar o seu setimo kilometro.

A Cividade de Terroso, remota estação bastante extensa e populosa, occupa n'esta zona maritima uma situação dominante e capital. D'aqui se descortina a Cividade de Bagunte, situada cerca de legoa e meia para sudeste, talvez a mais vasta estação fortificada d'esta parte da bacia dos rios Ave e Deste, occupando, tal como a de Terroso, o centro de um systema de Castros e outros menores *oppidos* ou atalaias.

De estações archeologicas do tempo dos romanos existem ainda no littoral importantes testemunhos. Consta que as areias de Abremar cobrem vestigios de antigas povoações; tambem mais ao sul os ha na Praia das Mós, e até na propria Villa da Povoa de Varzim se encontrou, no alto de Martim Vaz, restos de uma villa romana de não pequena importancia [1]. Passado o Ave, e ainda para o sul, na praia de Lavra, existem ruinas de opulenta habitação ou *villa,* com fustes de columnas, marmores de estatuaria, mosaicos polychromicos, etc. Em tão restricta zona maritima, esta riqueza muito significa.

A costa foi ahi, desde eras archaicas, frequentada e habitada, tal como é hoje, por innumeras povoas littoraes. Como singelamente resume um nosso distincto collabo-

---

[1] JOSÉ FORTES, *Restos de uma villa lusitano-romana* (Povoa de Varzim). Porto, 1905.

rador: «Em remota antiguidade, esta costa fizera parte da Ofiuza dos Oestrímnios, e o mar adjacente fôra a estrada do estanho do Cornoalhes para o Mediterráneo, aberta pelos tartessios, freqùentada por êles, pelos albiões e depois pelos fenícios» [1].

Prosegue, bastante avançada, a exploração da Cividade de Terroso, notavel emprehendimento devido aos esforços de Rocha Peixoto, com a collaboração de José Fortes.

Bem entregue está o momentoso facto da archeologia nacional; em breve, pois, o seu estudo completo abrilhantará a nossa modesta bibliotheca. E o acontecimento, por sua raridade e importancia, é sobretudo de uma significação altamente patriotica. A' iniciativa ainda de Rocha Peixoto se deve o actual thesouro de Laundos. O devotado director do Museu Municipal do Porto conseguiu a acquisição dos objectos, cuja descoberta, pelas condições precisas de local e ambiente archeologico, constitue uma preciosa conquista para a nossa ethnographia proto-historica [2].

O ACHADO.—Foi o pedreiro Manoel da Silva Lage Junior quem, abrindo os alicerces para um moinho, encontrou as arrecadas de ouro; diz que estavam á profundidade de quatro palmos, dentro de uma púcara de barro que se quebrou, no meio de entulho de terra e pedras; a púcara estava debaixo d'uma lamina de schisto negro e assentava sobre telha ou tijolo, que ao achador parecia de lareira.

Verifica-se que era ahi o sitio de uma casa de planta circular, sobre a qual se levanta actualmente um moinho cylindrico. A construcção é do typo commum a castros e cividades. Do entulho fazem parte muitos fragmentos de telhas, tijolos de rebordo, restos de louça e carvões.

N'esse interior jazia o pequeno cofre de barro, o fragil esconderijo do nosso thesouro. E, como a entulheira por si indica a desordem propria da ruina e posteriores remeximentos, não temos que citar outros mais testemunhos archeologicos, os quaes pertencem ao futuro estudo analytico da acropole. Bastante é averiguar, entretanto, que participa o nosso achado do deposito proprio de uma habitação do Castro, facto contemporaneo da estação lusitana, cuja vida longa foi, desde incertas eras, durante a epocha dos metaes, até á occupação romana.

O facto archeologico é pois de toda a exactidão e originalidade.

Como raro tenha sido que estas descobertas de velhos ouros se acompanhem de tão precisa documentação, a presente excepção é do maximo valor scientifico.

O VASO DE BARRO.—Fragmentou-se o pequeno vaso que continha o thesouro; e d'elle apenas existem quatro fragmentos. Por uma coincidencia feliz, entre o mobiliario extrahido de Terroso, existem tres especimens similares, aos quaes se adaptam os pedaços vindos de Laundos, permittindo uma completa reconstituição de dimensões e forma; assim o mostra a fig. 1, na qual se adoptou um modelo de Terroso.

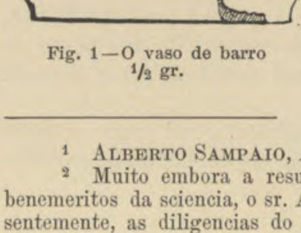


Fig. 1—O vaso de barro ½ gr.

D'estes exemplares e dos apontamentos fornecidos por José Fortes, factos parallelos se destacam que muito esclarecem o nosso caso. Os vasos são, como este, de argilla grosseira, avermelhada, com elementos muito apparentes de mica e silica, modelados sem o auxilio da roda do oleiro. Teem o negrume exterior, irregularmente espalhado, devido á acção do fogo, que por vezes interessou toda a espessura, e teem o lustre gorduroso proprio d'esta

[1] ALBERTO SAMPAIO, *As Póvoas marítimas do norte de Portugal*, in *Portvgalia*, t. II, pag. 215.

[2] Muito embora a resumida formula didactica que aqui compete, não deverei esquecer, citando benemeritos da sciencia, o sr. Antonio Graça, que é o generoso patrono da exploração de Terroso e, presentemente, as diligencias do sr. Joaquim Martins da Costa, para a acquisição dos objectos de ouro de Laundos, os quaes agora enriquecem o Museu Municipal do Porto.

ceramica de barbara feitura. Além da mesma pasta de argilla, commum a outras louças da cividade—o que é um elemento de synchronismo digno de nota—ha a identidade de technica, tão primitiva que surprehende. Parecem vestigios de uma industria archaica, ou casos de sobrevivencia em um meio ulterior de menos barbara civilisação. Com effeito, a forma não é a dos vasos campanulares, sem azas, que geralmente encontramos pelas estações luso-romanas; é mais primitiva e faz-nos remontar a um longinquo archaismo, lembrando os vasos caliciformes da industria neolithica.

A consideração do caracter primitivo e indigena d'estes modelos impõe-se, mesmo quando elles se encontrem ao lado de typos de mais perfeita constituição e technica. O facto de Terroso e Laundos não é excepção. Em Bagunte ha tambem vasos de feitura manual, sem roda. A estratigraphia d'estas estações não é verificada por completo. O deposito archeologico, sempre revolto até aos pavimentos ou rocha esteril, não nos manifesta sobreposição compendiada e chronologica. Assim é natural em locaes desde muito occupados, e proprio dos seus depositos e residuos. Subsiste pois o caracter primitivo dos pequenos vasos, e, porque em um d'elles se esconderam as ricas arrecadas de ouro, a coincidencia avoluma a importancia local do facto: é um attestado de jazida.

O BÔLO DE PRATA.—Tem realmente a forma de uma calóte ou bôlo de contorno irregular e oval, secção lenticular, com uma face approximadamente plana, a outra bombeada; a maxima espessura é de 10 mm. Fundiu-se a liga de prata e cobre, e vasou-se sobre uma superficie plana. Cobre-a uma patina verde-escuro com manchas e pontuações verde-claro. O metal tem, limado, o aspecto da liga de bronze claro, levemente amarellada, como a do *metal branco* hoje usado. É de baixo titulo; e quem sabe se esta era a liga com que se preparavam então os objectos de ouro.

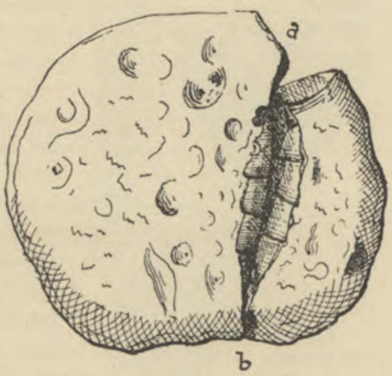


Fig. 2—O bôlo de prata—Gr. nat.

D'este bôlo separaram um pedaço por meio de golpes com uma talhadeira, cujas incisões são visiveis nas duas faces (fig. 2). O maior pedaço tem 87 gr. de peso e o menor 28 gr. A este ainda apararam uma pequena porção; parece que houve ideia de perfazer um peso certo. De facto, se não fôra a pretenciosa generalisação, ligariamos esta medida á que foi apontada quando do estudo sobre o thesouro de Arnozella [1]. Descontando a parcella de $^{1}/_{10}$ de material em falta, teriamos aqui o exemplo de um menisco de 15 *siclos*, em dois pedaços, um de 11, outro de 4.

Em Terroso, tambem junto a restos de cadinho, appareceram escorias e um pedaço de bôlo metallico, analogo ao menor fragmento de Laundos, cuja analyse dá ouro e prata. Esta coincidencia confirma a existencia local do trabalho d'estes metaes, e esclarece o caso do nosso pequeno thesouro, o qual de certo pertenceu a um *aurifex*, antigo habitante do velho castro em ruinas.

AS ARRECADAS.—A estampa XXXI figura-as no seu tamanho natural, de face em *A*, de costas em *C*, ao centro o desenho do seu perfil *B*, em baixo o corte *D*.

O ouro é de composição variavel. Para não prejudicar os objectos, limitamo-nos ao ensaio visual, o qual indíca para os cordões e laminas o toque medio de 0,640 a 0,650, havendo partes de toque inferior. O metal é o que os ourives chamam *ouro baixo*, orçando por 15 quilates. Afasta-se pois dos ouros primitivos, de composição mais proxima da do ouro nativo, em que o toque é de cerca de 0,900, com liga de

---

1 *Os braceletes d'ouro de Arnozella*, in *Portvgalia*, t. II, pag. 63 e segs.

prata e raros vestigios de outros metaes. O nosso *aurifex* tinha pois sciencia das ligas; o ouro é defraudado na sua titular valia.

Antes de proseguir na analyse d'estas arrecadas, um facto ha a citar que mais as notabilisa.

Não são no Norte de Portugal objectos unicos. Ha annos (em 1903), passando em Vianna, vi na collecção do sr. Seraphim das Neves duas joias de ouro, uma das quaes é replica dos nossos modelos. Na fig. 3 se representa em leve esquisso a traço, não como reproducção exacta, mas no mero intuito de apresentar o apontamento schematico da joia, tal como a desenhei do natural no meu livro de notas. Delineou-se ahi a peça em duas metades separadas pela vertical *A B*—o reverso e o anverso, e ao lado o perfil [1]. O sr. S. Neves nada elucida sobre a proveniencia d'estes objectos; a arrecada da fig. 3 foi comprada a um ourives de Vianna, que a obtivera de uma mulher a qual diz ter apparecido em Affife; se assim foi, é de notar que esta povoação está situada no sopé da sua *Cividade*, na serra de Santa Luzia; a outra joia foi comprada no Porto e d'ella não se sabe a origem. São duas peças de proveniencia indeterminada.

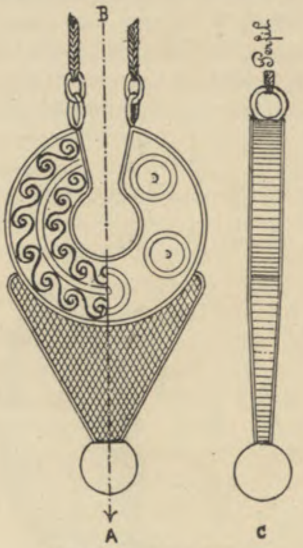


Fig. 3—Esquisso linear da arrecada de Affife—2/3 gr.

Valorisa-as o achado de Laundos que fornece a este conjuncto de classica ourivesaria um documento determinado e authentico. Ás duas arrecadas de Laundos, pois, em sua analyse, se encorporará a arrecada similar de Affife.

A construcção d'estas joias empregou technicas diversas na manipulação do ouro, accusando uma nitida divisão de trabalho. O metal é laminado, em folha, no fundo e lados da caixa circular e nas pequenas capsulas; é puxado á fieira nas argolas, no cordão torcido, na cadeia em forma de trança. A chapa é trabalhada pelo systema de estampagem e *guillochage*, e de maneira que lembra o uso mechanico de utensilios de certa precisão; assim, nas raias concentricas e parallelas dos fundos e lados, no cordão, que contorna as arestas da peça, formado de pequenissimas granulações á maneira da serrilha nas moedas. São estampadas as cinco capsulas, de forma mais conica que globular, com um pequeno mamillo central, e o rebordo formado por um annel de arame a ellas soldado. O triangulo inferior é composto, nos exemplares de Laundos, de duas folhas soldadas pelos reversos, mostrando nas duas faces externas a superficie granulada a meio relevo, como uma especie de reticula ou *guillochis*. Envolve esta placa triangular uma tira estreita com um cordão central de serrilha, e pelo anverso contorna-a ainda um arame torcido.

Os dois topos das arrecadas são ligados por um travessão firme de arame; é uma peça de segurança, pois não servia, como o caso moderno da fig. 7, para entrar no furo da orelha suspendendo o brinco, nem se póde explicar por qualquer outro modo de suspensão. A cadeia é do typo ainda hoje usado de *trancinha* ou *trancelim*, de quatro pontas.

Na peça de Affife apenas existiam dois pequenos fragmentos de cadeia. E esta arrecada differença-se do exemplar de Laundos: no reverso, pela applicação de duas fachas concentricas de ; no perfil, pelo afastamento das duas placas triangulares,

[1] Soube ha mezes que o sr. J. L. de Vasconcellos adquiriu, por um alto preço, estas duas joias da collecção de Vianna para o Museu Ethnologico. O proprio vendedor me narrou o seu negocio. Como pertencem a um museu publico, de muito agrado será para archeologos a boa nova. Apenas lamentamos, os interessados, que de maneira tão deficiente e morosa o orgão official d'este museu nos relate os seus achados e acquisições, conforme é de sua obrigação, para nosso serviço e estudo.

as quaes formam com as fachas lateraes um solido pyramidal achatado, de secção quadrangular. No vertice tem a pequena bola ôca, que falta nos objectos de Laundos. Por uns, pois, se completam os outros.

A outra joia da collecção S. Neves, que aqui não figuramos, é differente d'estas arrecadas. Consta apenas de uma placa circular de ouro, com uma ligeira fenda na parte superior, circumdada por um aro. O circulo interior não é vasado; decora-o uma serie de pequenas saliencias conicas. O campo envolvente é ornamentado com duas series de triangulos de finas granulações, formando bicos de serra, e deixando uma estreita facha interior em zig-zag. No alto da placa deveria ter uma ou mais argolas de suspensão, ligadas aos dois topos do aro, ahi destacados; na parte inferior tem um pequeno appendice, ligeiramente conico, formado por uma fita d'ouro enrolada em espiral. Estas differenças desde já ficam annotadas, resalvando-se as faltas proprias da resumida observação.

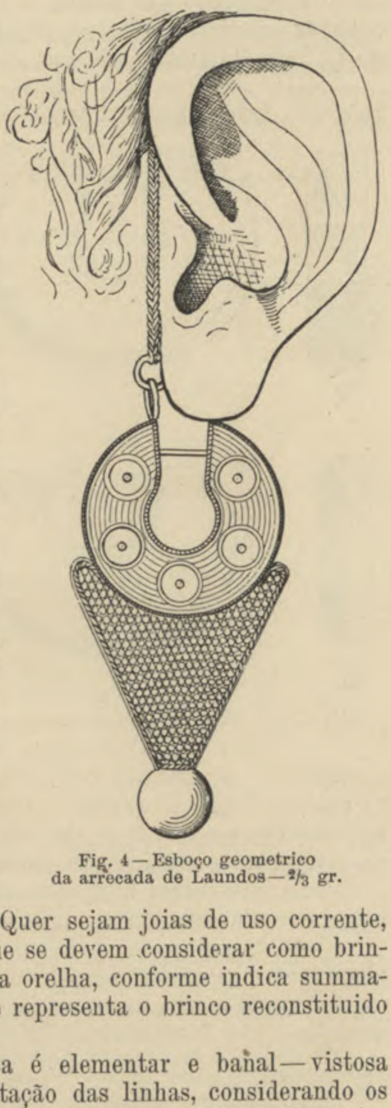


Fig. 4 — Esboço geometrico da arrecada de Laundos — $^2/_3$ gr.

Usou-se e, pode dizer-se, abusou-se da soldadura, que em partes grosseiramente se applicou, ficando apparente. Estão, pois, representados n'estas peças os processos fundamentaes da classica e nobre arte da toreutica. Falta a obra artistica da *cœlatura,* feita a puncção, a cinzel, a buril, que tanto enriqueceu as obras primas da joalheria grega, do bello estylo attico. Estes exemplares de Entre-Douro-e-Minho nada teem de artisticos em sua concepção e trabalho; e parecem productos de uma arte industrial, nos quaes se procurou principalmente ostentar o effeito do rico metal, de eterna côr e brilho. A factura é grosseira, de um barbarismo primitivo, não obstante recursos de avançada technica industrial; denota um estado decadente da arte; é pois posterior á *era d'ouro* da ourivesaria greco-oriental que, pelos ultimos computos deveria ter sido anterior ao seculo v A. C., de tamanha celebridade.

O seu uso, como adornos da cabeça, dos temporaes — suspensos de um diadema ou das madeixas — não se explica pela sua constituição e pelo trancelim curto e fechado, ligado ás duas argolas da roseta. Quer sejam joias de uso corrente, quer enfeites de cerimonial ou funerarios, parece que se devem considerar como brincos, para serem suspensos pela cadeia ao pavilhão da orelha, conforme indica summariamente, e em projecto, a fig. 4. N'este desenho se representa o brinco reconstituido com a bola, lentilha ou bolota terminal [1].

A expressão artistica da sua forma geometrica é elementar e banal — vistosa apenas. Valorisa-se a concepção forçando a interpretação das linhas, considerando os dois schemas circular e triangular, na sua união intima, como representantes dos principios geradores, symbolos vitaes em vária e remota ideographia mythologica. Não é, porém, o assumpto para tão abstracta especulação. Ficaremos na restricta analyse das joias e no seu caracter de apparente barbarie, e vejamos se conseguimos classificar-lhes o estylo.

De principio se approximarão estes achados de outros feitos na visinha Galliza.

[1] Segundo informam, os brincos appareceram completos.

Refiro-me aos brincos encontrados em 1873 no Castro da Masma, partido de Mondoñedo [1]. São de folha de ouro soldada, formando um solido, ôco, de secção polygonal, com as duas faces principaes planas; o contorno geral é, como se vê na fig. 5 (reproducção do desenho citado) [2], o da arrecada aberta, oval, ligando os dois topos um travessão em angulo. A decoração é de linhas concentricas de pontuações, granulado e bicos de serra. Juntamente com estas joias appareceram tres *torques*, tambem de ouro, terminando em bolotas e *tampões* no genero do exemplar de Lebução [3]. A estes achados se addicionarão os de Mellid, de Riotorto, e outros pertencentes á collecção de D. Ricardo Blanco Ciceron, de Santiago de Compostella [4].

Se a estes *torques* houveramos de dar importancia typologica, classificar-se-hia toda esta serie de joias, descobertas na proximidade de Castros, segundo o classico verbete de *Celtas* ou, mais a commodo, de *Celtibericas*.

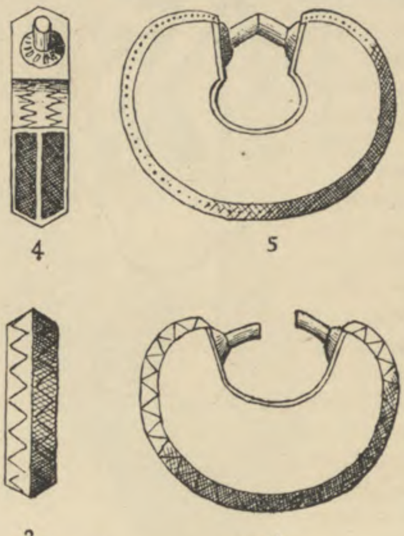


Fig. 5 — Arrecadas do Castro da Masma. Galliza

Ora acontece que em um tumulo gaulez da Marne (cemiterio de Marson) [5] encontraram-se dois brincos de folha de ouro em forma de crescente, trabalhados *au repoussé,* cuja ornamentação é de filetes parallelos entremeados de fileiras de granulações. A forma é semelhante á das arrecadas gallegas; a technica é diversa.

N'esta linha de affinidades outros testemunhos comparecem. Um dos pormenores decorativos dos adornos de Laundos e Affife, de maior relevo e originalidade, é a serie de cinco pequenos cones abertos, com a sua diminuta proeminencia central, soldados no interior do aro da rodella. Apenas se encontra este ornamento no brinco d'ouro do tumulo gaulez de *Mousselots* (Côte-d'Or) [6] repetido nas duas fileiras de 16 duplos cones, eguaes aos dos nossos exemplares.

Este appenso decorativo é, em maior tamanho, o que enfeita a *xorca de Cintra* [7], cuja forma geral apenas se encontrava — no dizer de Cartailhac — na Bretanha, Grande Bretanha, Peninsula Iberica e Baleares. N'esta xorca as campanas têm ao centro, em vez da pequena proeminencia umbilical, um verdadeiro estylete como á imitação de uma flôr. O estylo celtico d'este especimen foi já notado no estudo sobre o achado de Lebução. Não obstante a legitima approximação, a technica e outros pormenores ornamentaes d'esta ourivesaria peninsular, não permittem a sua categorica classificação na serie *gauleza.*

---

1 D. José Villaamil y Castro, *Adornos de oro encontrados en Galicia,* in *Museo Español de Antigüedades,* t. III, lamina, n.os 1, 2, 4 e 5.

2 Devido á escala reduzida do desenho, não reproduzi as filas de pontuações que decoram as faces das arrecadas, as quaes, na de n.º 4, são em numero de nove linhas concentricas.

3 *O Thesouro de Lebução,* in *Portvgalia,* t. II, pl. I, pags. 1 a 14.

4 D. J. Villaamil y Castro occupa-se actualmente de todos estes achados no *Boletin de la Comisión Provincial de monumentos de Orense,* t. III, n.os 53 e segs.

5 L. Morel, *La Champagne souterraine, Fouilles archéologiques dans la Marne,* Reims, 1898, pag. 17, atlas, pl. III, n.º 13. Vid. E. Fontenay, *Les bijoux anciens et modernes,* Paris, 1887, pag. 118.

6 E. Cartailhac, *L'Or Gaulois,* separata da *Rev. d'Anthropologie,* 1889, pag. 284, fig. 9. Cf. Fontenay, op. cit., pag. 119 «boucle d'oreille de Chatillon-sur-Seine», que está no Museu de Saint-Germain.

7 *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes,* t. V, n.º 5. Cf. E. Cartailhac, *Un nouveau torques d'or en Portugal,* in *L'Anthropologie,* t. VII, 1896, pags. 373 e 374.

A designação de *celtibericas* proposta pelo sr. P. Paris [1] para estas joias, no intuito de harmonisar as duvidas sobre a proveniencia do estylo, do artista e da materia prima, é já um symptoma da indeterminação que nos accusa o problema.

E' um facto, todavia, que nos visinhos castros da Galliza se encontram exemplares de arrecadas penannulares, com travessão, como as provenientes dos castros de Entre-Douro-e-Minho. A forma localisa-se, portanto, em uma determinada area do noroeste da Peninsula.

Considerando ainda separadamente a rodella central da joia — dois circulos concentricos, com a facha annular enfeitada por outros pequenos circulos — constitue-se um motivo decorativo muito commum nas placas de ouro, diademas, bracteas, etc., provenientes de Mycenas [2]. Vem a proposito, como adorno do genero, a placa d'ouro circular encontrada no Algarve, cinzelada com decorações mycenicas, que é um exemplar do archaico estylo grego, achado no paiz [3]. E tambem por esta ourivesaria se encontra correntemente o motivo em ∽ da arrecada de Affife, o qual é tambem nas joias etruscas um elemento constante de ornamentação. Todavia, na ourivesaria mycenica predomina o emprego do metal laminado, repuxado e cinzelado.

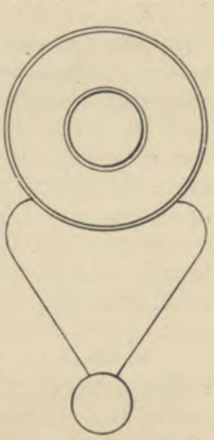


Fig. 6
Desenho schematico das arrecadas — 2/3 gr.

Tomemos porém o brinco em seu conjuncto: o crescente ou a roseta circular com o triangulo suspenso (fig. 6) terminando por um pequeno enfeite espheroidal. Esta figura geometrica é o contorno envolvente, a formula synthetica, que os antigos adoptaram em desenhos incisos, em vasos pintados e na estatuaria para representar o esguio pingente decorativo.

Em busca de similes, vamos até á Mesopotamia, e ahi, em um baixo relevo assyrio de Nimroud [4], encontramos o modelo de longos pingentes, tendo no cimo o crescente sobre um rectangulo, do qual se suspende um triangulo; cobre este e o rectangulo uma decoração reticular, á semelhança de granulado ou *guilloché*.

D'este longinquo Oriente regressamos atravez a Phenicia, essa nação errante que se espraiou por toda a bacia mediterranense até ás plagas occidentaes do Atlantico. Fornece-nos elementos o celebre thesouro de *Curium* [5], em *Cyprus*, uma dependencia insular do paiz syrio; encontramos ahi a forma penannular com decoração espiraloide, e a arrecada formada da roseta a filigrana, trança e granulado, com ∽∽, tendo um cone suspenso de cadeias. Estes grandes brincos, considera-os o sr. Perrot como funerarios ou votivos, para adorno de qualquer estatua de Astarté. De Curium tambem é um medalhão, que está no Museu de New-York [6] e que faz lembrar a outra placa circular da collecção S. Neves, anteriormente descripta. Se outras semelhanças não apparecem, dá-nos a Phenicia uma das mais opulentas collecções de ourivesaria e joalharia. — ¿E seriam os phenicios os aurifices, ou os recoveiros vendilhões d'esta preciosa mercadoria? — Muitos auctores os consideram como os primeiros que souberam produzir a chapa e o fio d'ouro, a filigrana e o granulado — mestres dos gregos e etruscos, teriam sido os monopolisadores do fabríco e do commercio da ourivesaria na antiguidade, como durante seculos foram os etruscos em Roma, acantonados no seu bairro, o *Vicus tuscus*.

---

[1] Pierre Paris, *Essai sur l'art et l'industrie de l'Esp. primitive*, Paris, 1904, t. II, pag. 246.

[2] H. Schliemann, *Mycènes*, trad. de Girardin, Paris, 1879, figs. 242, 246, 252, 387 a 401, pags. 281, 282 e 481.

[3] Santos Rocha, *Estudo sobre um artefacto pre-romano d'ouro do Algarve*, in *Boletim da Sociedade archeologica Santos Rocha*, t. I, pag. 64, est. III. Cf. J. Fortes, *La spirale préhistorique*, extrait de la *Rev. Préhistorique*, t. I, n.° 10. Paris, 1907.

[4] G. Perrot et Ch. Chipiez, *Histoire de l'art dans l'antiquité*, t. II, *Chaldée et Assyrie*, pag. 764, figs. 432 a 434.

[5] Idem, op. cit., t. III, *Phénicie et Cypre*, pag. 819, fig. 572 *c* e *d*, pags. 821, 840 e 842.

[6] Idem, op. cit., t. III, pag. 820, fig. 590.

Antes ainda de cotejar com estas as joias etruscas, citaremos a Lydia, velho paiz da Asia-Menor, rico em ouro e ourives; aqui encontramos uma technica muito semelhante á das joias minhotas, a mesma applicação do trancelim, dos ornamentos em triangulo e bicos de serra, e por ultimo as pequenas lamellas circulares com umbigo como um motivo ornamental corrente [1]. Sómente n'esta terra do Oriente encontramos um tal simile de ornamentação. E não é desconnexa a approximação d'estas affinidades, pois que, segundo o testemunho de Herodoto, o pae da historia, da Lydia emigráram os etruscos [2], cujas influencias na Peninsula muitos teem accusado. E para reforçar o confronto, recordar-se-ha a opinião do sr. S. Reinach, acceite por Schlumberger [3], a proposito da banda d'ouro de Cáceres, denunciando relações entre a iconographia de lydienses, iberos, e tamahu, machachua, do norte d'Africa. Vae-se, pois, transportando para áquem do velho cyclo oriental, e para o Occidente, a tentativa de solução do mysterioso problema palethnographico.

E do proprio problema occidental se avisinha a questão etrusco-pelasgica.

Não obstante esses eruditos ensaios a respeito das suas origens (de resto louvaveis e productivos) o facto é que os etruscos, afamados ourives, possuiam a technica completa d'esta arte preciosa desde o seculo x A. C. Trabalharam com successo as joias de leves folhas de ouro estampadas e vasadas, soldaram-nas, enfeitando-as com um granulado finissimo e delicada filigrana, com cordões, fitas e cadeias, formando meandros, entrelaços, rosetas, palmetas, figuras, etc. Entre a multiforme variedade encontramos o typo geral do brinco, formado pelo disco ou crescente tendo suspenso o triangulo (fig. 6) [4]; esta forma representa o schema linear do grande pingente constituido pela placa circular que pende do lobulo da orelha, cobrindo-a por vezes, da qual cahe, presa por argolas ou cadeias, uma pyramide, um cone, uma bolota, uma amphora, uma cabeça de animal, de mulher, por vezes uma Venus completa [5].

Notar-se-ha, porém, que a esta arte etrusca, assim como á phenicia, alguns especialistas negam originalidade; ora a arte, ora a technica são orientaes e gregas, e ao estylo lhe chamam greco-oriental. Pela mesma razão não perderemos tempo com a analyse da ourivesaria romana, porque teriamos que voltar á Etruria e Grecia em busca dos modelos originaes, da arte e dos proprios artistas.

A historia da arte, se bem que opulenta de documentos, permanece confusa quanto á delimitação dos estylos, sua origem e classificação. Comprehende-se a falta pela deficiencia da ethnographia classica e prehistorica.

Sujeitemos, finalmente, o problema ao quadro geographico da Ibéria. Não se repetirá o que outros estudos d'esta publicação referiram quanto á riqueza metallurgica da Peninsula e ao caracter indigena de certas obras de ourivesaria aqui descobertas [6].

---

[1] Idem, op. cit., t. v, *Lydie et Carie*, etc., pag. 295, fig. 203, pag. 297, fig. 205, pag. 298, fig. 207.

[2] B. Modestov, *Introduction à l'Histoire Romaine*, trad. de M. Delines, Paris, 1907, cap. *Les Étrusques*, pag. 344 e segs.

[3] Pierre Paris, op. cit., t. ii, pags. 261 e 262.

[4] J. Martha, *L'Art Étrusque*. Veja-se pags. 547 a 551, nos espelhos gravados, os brincos que usam as mulheres. Cf. Ch. Daremberg et Saglio, *Diction. des Antiquités Grecques et Romaines*, voc. *Coma*, fig. 1800, uma Artémis de Délos, e voc. *Corona*, fig. 1900, a pintura etrusca de Corneto com uma grande roseta á maneira da esculptura de Elche.

[5] O. Montelius, *La civilisation primitive de l'Italie*, ii partie, *L'Italie Centrale:* joia de Montefortino, pl. 153, 7 *a* e *b;* de Regulini Gallassi, pl. 341, um triangulo de ouro com figuras e circulos. Cf. E. Fontenay, op. cit., pags. 109, 110 e 112: joia com pingentes amphoristicos; pag. 113 a pyramide invertida em joia de estylo etrusco; em collares, a pag. 161, a roseta e a amphora; a pag. 170, um pingente de cabeça de mulher tendo por brincos a roseta com a suspensão amphoristica. Cf. Ch. Daremberg et Saglio, *Diction.*, voc. *Inaures*, fig. 4004, n.os 5, 8, 10, 13, 15, 18 e 21; voc. *Cœlatura*, figs. 965 a 968.

[6] *Portvgalia*, t, ii, *O Thesouro de Lebução*, pags. 1 a 14; *Os braceletes d'ouro de Arnozella*, pags. 63 a 71; *Os torques de Almoster*, pags. 72 a 74; *Novas descobertas de ourivesaria proto-historica*, pags. 109 e 110; *O bracelete d'ouro de Tellões*, pag. 283. — José Fortes, *A sepultura da Quinta da Agua Branca*, pags. 241 a 252, diadema de ouro.

Basta citar o vasto museu de esculpturas do *Cerro de los Santos* e do *Llano de Consolación,* a começar no busto de Elche, onde superabundam os casos de grandes rosetas, como adornos das orelhas e dos temporaes, com longos pingentes. E' caracteristica esta sobrecarga de adornos e joias, e esta arte peninsular que não se filia «na Chaldeia, no Egypto, na Phenicia, na Grecia ou na Italia» e que o sr. P. Paris considera em principio como «essencialmente ibérica» [1].

Um ultimo achado de ourivesaria, tambem do sul de Hespanha, o thesouro de Jávea, approxima-se em theoria dos de Laundos e Affife; tem o motivo ornamental em ᔕ, o mesmo emprego do trancelim, e o mesmo apparato de opulencia decorativa. A este proposito o sr. Ramon Mélida commenta [2]: «de manera que, concretando el caso, el adereso de Jávea ofrece todos los caractéres de ser producto de una moda y de manufacturas íberas, puesto que sus términos de comparación no están en Oriente, más que como tipos originarios (diademas troyanas, tiaras asirias), y si lo están en la Peninsula, en las esculturas levantinas y en otra diadema de oro» o de Cáceres, que o A. noticía procedente das Asturias. E resume: «En suma, el adereso de Jávea es del proprio estilo íbero-greco-oriental á que correspondem aquellas esculturas».

Difficil é, em conclusão, harmonisar com todos estes pontos de vista tão distinctos, o cotejado estylo celtiberico das arrecadas de Entre-Douro-e-Minho e suas visinhas da Galliza. Fica de reserva esta premissa.

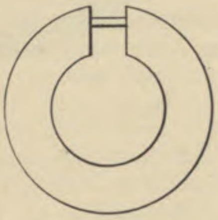


Fig. 7—Arrecada actual ²/₃ gr.

Convem não abandonar a logica que deve guiar o nosso methodo analytico, do contrario o espirito erra perdido pelo labyrinthico roteiro de povos e de civilisações. Admittiremos uma metallurgia indigena, regional, e parallelamente uma industria de ourivesaria com a sua completa technica. Seja o estylo de longinqua origem oriental, atravez das escholas gregas e das officinas etruscas, transportado por phenicios ou punicos, seja esta civilisação de origem celtica, o facto é que em parte alguma encontramos o modelo originario d'estas replicas peninsulares, com o seu particular feitio iberico, ou, mais especificadamente, lusitanico. Não podem negar-se todas estas extranhas influencias nas civilisações peninsulares; nem todas porém é possivel definir e explicar—e nem todas as explicam.

O facto que agora nos occupa não é unico, como um exemplo exotico de immigração. Em duas localidades se encontra repetido o modelo da joia de Laundos. Parece, pois, que era de uso na gente que occupou as cividades esse typo de adorno.

As formas da ourivesaria primitiva modificaram-se nos varios povos, consoante a technica para a applicação dos esmaltes e das pedras finas. Entretanto, subsistiram nas classes populares muitos d'esses typos singelos em ouro e prata; assim como ficou na joalharia o uso do longo pingente carregado de ornamentos e de pedras lapidadas. É de notar que na Peninsula Iberica ininterruptamente perdurou esta moda, que em outros paizes esqueceu, e que a dama de Elche brilhantemente exhibe; d'ahi voltou para a côrte francesa, pelos meados do seculo XVI, enfeitando depois, á *maneira hespanhola,* as preciosas e os *incroyables* do seculo XVIII.

Se percorrermos a variada ourivesaria popular do norte do paiz, encontramos actualmente os mesmos longos brincos de folha de ouro e de filigrana, com pingentes, a mesma arrecada penannular, em forma de caixa, com o travessão recto para atravessar o lobulo da orelha (fig. 7), e por ultimo o mesmo gosto pela sobrecarga de volumosas joias de grande apparato.

---

1 Pierre Paris, op. cit., t. I, pl. I, figs. 144, 165, 175 e 180, pl. IX, fig. 208, pl. X, fig. 255, pl. XII; t. II, pag. 293. Cf. D. José Ramon Mélida, *Las esculturas del Cerro de los Santos, cuestion de autenticidad,* separata da *Rev. de Bibliotecas y Museos.* Madrid, 1906.

2 D. J. Ramon Mélida, *El Tesoro Ibérico de Jávea,* appendice á separata cit., pag. 105 e segs. Cf. P. Paris, *Le Trésor de Jávea,* in *Rev. Archéologique,* t. VIII, 2.º, 1906, pag. 424 e segs. Este A. suppõe a joia indigena mas o joalheiro grego.

Deveras interessante é tambem a persistencia, como adorno, dos berloques formados por minimas reducções de peças ceramicas que se vendem e usam nos mercados e romarias populares de Traz-os-Montes. O collar de pequenas louças de barro de Miranda do Corvo, adeante figurado [1], é um exemplo curioso d'esta sobrevivencia—tal qual os collares de amphoras, ampullas, bolas e *crotales* dos etruscos e dos romanos; a pequena amphora diota do collar de Miranda é replica d'esse typo amphoristico greco-italo-etrusco, ao lado da pequena bilha de bico trilobado.

Existiu pois, n'este paiz do Noroeste da Peninsula, desde tempos, para nós, prehistoricos, uma ourivesaria caracteristica, com essa technica barbara e de primitiva esthetica, mas que manifesta uma feição propria.

Tem que se addiar a destrinça das influencias, quaes as de origem, eschola, technica, gosto. Atravez do nosso estudo indicamos as principaes. Em muitos casos o problema ethnico e historico embaraça-as e confunde-as. Para definir o facto ethnographico seria necessario que todos os outros que parecem explica-lo fossem determinados; mas tem cada qual as suas incognitas, funcções umas das outras. Haverá pois, entrementes, que restringir o problema aos limites da zona occidental atlantica; simplificando-o, esclarecer-se-ha.

Os castros e cividades escondem-nos ainda o seu mysterioso passado. A obra da exhumação vae apenas em começo. Estes pequenos e valiosos documentos de Laundos e Affife juntar-se-hão ao volumoso processo da magna questão de origem da nossa nacionalidade.

30, abril, 1907.

RICARDO SEVERO.

DUAS JOIAS ARCHAICAS

A opulentar a série já copiosa das joias archaicas, appareceram recentemente dous preciosos artefactos em ouro. Dia a dia, mais concretamente se robora, pois, com factos a pristina fama de riqueza da Iberia, já desde o periodo neolithico, em concorrencia com os tres outros grandes centros aurigenos da antiguidade—a Macedonia, Thracia e Thasos; a Hungria e Transylvania; e a Hibernia [2].

Os novos ouros, recolhidos accidentalmente por imperitos em circunstancias mal observadas e mal definidas; surgindo sem outros indicadores subsidiariamente elucidantes; e desviando-se, em parte, dos typos já seguramente caracterisados na archeographia nacional ou exotica; os novos ouros mal podem ser referidos a uma epoca precisa. É mesmo de insuccesso quasi certo pretender attribuí-los sequer a uma civilisação determinada; entanto estudemo-los segundo os caracteres morphologicos e o aspecto decorativo—os vagos indiculos afinal, que podem frouxamente guiar-nos, sobretudo quanto á joia, por que se inicía esta noticia.

COLLAR DE VALLE DA MALHADA (fig. 1).

Em fins de fevereiro de 1906, o operario Florencio d'Almeida procedia ao arranque d'um penedo no sitio de Villa Secca em Valle da Malhada, freguesia de Roccas do Vouga, concelho de Sever do Vouga; parece que, afastando de picarêta a terra circundante, exhumou inesperadamente o collar do nosso estudo [3]. Transmittiu-nos a noti-

---

[1] MANOEL MONTEIRO, *A loiça de Miranda do Corvo*, communicação seguinte.

[2] CHARLES H. READ, *British Museum, A guide to the antiquities of the bronze age*, 1904, pag. 145.

[3] Deram-nos, com estas magras informações, a indicação vaga de que teriam apparecido conjunctamente umas laminas d'ouro, rectangulares, perfuradas, que «poderiam ter sido ligadas pelos topos a formar um bracelete ou qualquer outro adorno»; ignorava-se, porém, o destino d'ellas.

cia do achado o nosso distincto camarada, Rocha Peixoto; e á sua diligencia devemos o ensejo de poder examinar a joia.

Estava um tanto deformada: massiça, irregularmente circular, de secção losanguica, adelgaça gradualmente para os extremos, onde, medeante breves curvas salientes das quatro faces, se expande em exiguos botões terminaes finalisando em piramides quadrangulares. No estado de repouso os topos distam entre si 3 mm.; mas, forçando a restricta elasticidade do metal, pode a abertura attingir 18 mm., e mais ainda, se se exercerem tracções lateraes desencontradas. O metal é amarelo quente, com pouco brilho, antes de aspecto mate; a peça tem o peso de 75 gr. e os diametros internos de $0^m,103$ a $0^m,108$.

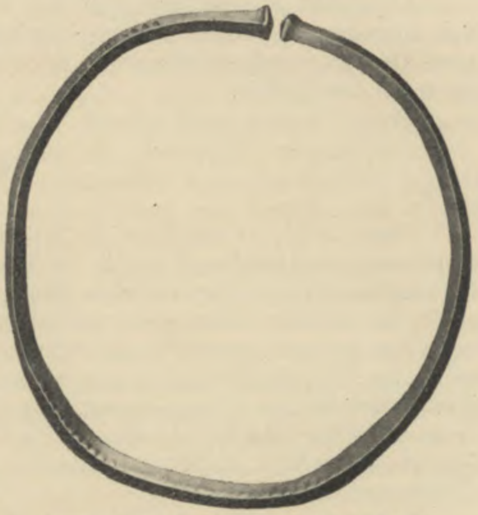


Fig. 1 — Collar de Valle de Malhada — 1/2 gr.

D'uma discreta simplicidade, a ornamentação recae nas duas faces externas da haste — na parte media e mais espessa, e nas extremidades a distancias variaveis dos topos. Para motivo decorativo predominante, e até exclusivo na parte central, recorreu-se ao triangulo incuso, preenchido com pontos relevados; a mais, nos extremos, só curtas séries de pontos em relevo, dispostos em linhas parallelas. Os triangulos alternam-se a meio do extradorso do aro, com os vertices voltados para a linha media das faces ornamentadas; nos extremos apenas se enfileiram na mesma posição, a seguir ás linhas pontuadas (fig. 2). Todo o ornato foi batido a trepano, sem meticulosa preoccupação de symetria, e quasi sempre com tal vigor que se produziram deformações nas faces do collar, diametralmente oppostas, onde o metal se levanta e ondeia, em pequenas bossas bem salientes.

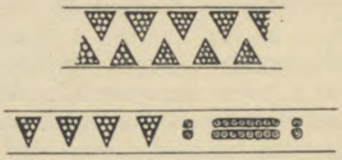


Fig. 2 — Decoração do collar

Bracelete de Bairro (fig. 3).

Á amabilidade do rev. João Gomes d'Oliveira Guimarães, digno abbade de Tagilde, devemos o conhecimento d'esta joia valiosa e o das informações colhidas *in loco* sobre as circunstancias do achado. Ao entardecer do dia 3 de setembro ultimo, *surribava-se*, para plantação de vinhedo, um terreno inculto da Quinta da Bouça, pertença do ex.[mo] sr. commendador Joaquim Augusto Alves Carneiro, sita na freguesia de Bairro, concelho de Villa Nova de Famalicão. Á profundidade de $0^m,55$ appareceu de subito o bracelete [1], ourejando num meio que, á mingoa da cohesão normal, denunciava antiga cava; o remeximento, de resto muito remoto, revelar-se-ia numa area rectangular, que poderia corresponder em dimensões a um coval d'inhumação. E, probabilisando a, desde logo, presumida existencia d'uma sepultura, relembrou-se o apparecimento no mesmo terreno, á distancia de cêrca de 100 metros, de duas vasilhas hermeticamente tampadas

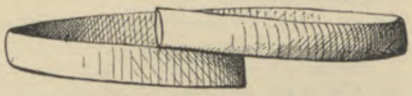


Fig. 3 — Bracelete d'ouro de Bairro — 2/3 gr.

[1] Informaram-nos ulteriormente que tambem se encontrára um pequeno aro de metal, que não parece d'ouro.

e contendo «terra em pó», quando em tempo remoto se procedeu a uma identica *surriba*.

A pulseira é constituida por uma verga d'ouro, lisa e massiça, de secção elipsoidal, dobrada ovalarmente de modo que as extremidades se sobrepoem cêrca de $0^{m},016$; pesa 150 gr., tendo os diametros internos de 62 e 54 mm.; o metal, d'um amarelo fulvo, foi bem polido.

* * *

Como se vê, as condições de jazida dos dous artefactos são pouco informativas. É entanto acceitavel que a joia de Bairro estivesse realmente numa sepultura por inhumação, do typo mais singelo e afinal tão commum no Entre-Douro-e-Minho. A ausencia de despojos osteologicos não infirma a presumpção, sabida a influencia consumptiva dos terrenos graniticos da região sobre os esqueletos inhumados. E, quanto ao collar de Valle da Malhada, parece antes verosimil que fizesse parte d'um deposito ou constituisse de per si um esconderijo, que o decesso accidental e superveniente do depositante fez subsistir até agora.

Nestes termos resulta aventurosa a caracterisação archeologica, nitida e precisa, d'estes custosos adornos.

O pequeno *collar de Valle da Malhada* approxima-se, pela morphologia, dos typos em ouro e prata, já definidos e figurados em Portugal.

Podem dispôr-se em seis grupos as joias d'esta categoria, até agora exemplificadas em varios espécimens:

1.º—collares fechados, circulares, massiços e roliços—typo, o *torques de Penella* [1];

2.º—collares de haste aberta, em forma de crescente, massiços, com fecho independente—typos, os *torques de Almoster* e *de Serrazes;* o nosso camarada Ricardo Severo propõe fundadamente incluir neste grupo o celebre *collar da Penha Verde* ou *xorca de Cintra,* que assim constituiria uma variedade [2];

3.º—collares penanulares, massiços, com pequenos botões terminaes—typo, o *torques da Serra da Conceição* [3];

4.º—collares penanulares, massiços, com grossas *cabeças* terminaes—typo, o *torques de Lebução* [4];

5.º—collares, adelgaçando do meio para os extremos, que se curvam formando ganchos de prisão directa, como os de *Wedmore* e de *Burwell* descriptos e figurados por J. Evans [5]; secção quadrada—typo o *torques de Reguengos* [6]; e

6.º—collares de fios torcidos ou entrançados em grupo e fundindo-se em cada

---

[1] V. *Bolet. dos arch. do Carmo,* t. IV, pag. 62; FILIPPE SIMÕES, *Album de phototypias da exposição da arte ornamental,* pag. 16, nota (8); E. CARTAILHAC, *Les âges* etc., pag. 297, fig. 421; PIERRE PARIS, *Essai sur l'art* etc., pag. 243, fig. 379; *O Archeologo Português,* t. II, pags. 21-22; *Portvgalia,* t. II, pag. 67.

[2] RICARDO SEVERO, *Os torques d'Almoster,* in *Portvgalia,* t. II, pag. 72, fig. 1, e *Novas descobertas d'ourivesaria protohistorica,* ibid., pag. 108, fig. 1. Cfr. *O Arch. Port.,* t. II, pag. 21.

—Acêrca da *xorca de Cintra* v. *O Arch. Port.,* t. I, pag. 160, fig., II, pag. 17, e VII, pag. 155; *Bol. dos arch. do Carmo,* t. VII (3.ª série), pag. 77; P. PARIS, obr. cit., pag. 244, fig. 380; e *Portvgalia,* t. II, pag. 67. Completando a ultima informação d'*O Arch. Port.,* additar-se-á que a xorca pertence hoje ao *British Museum* de Londres; refere-se-lhe *A guide to the antiquities of the bronze age,* que a pag. 148 dá uma excellente gravura, attribuindo a joia ao VIII sec. a. J. C.

[3] ESTACIO DA VEIGA, *Antiguidades monumentaes do Algarve,* t. IV, est. XXII, fig. 15 e pag. 191 e segs. Cfr. *O Arch. Port.,* t. II, pag. 21.

[4] RICARDO SEVERO, *O thesouro de Lebução,* in *Portvgalia,* t. II, pag. 1 e segs., est. I.

[5] *L'âge du bronze,* trad. de BATTIER, pag. 405 e segs., figs. 466-469.

[6] GABRIEL PEREIRA, *Manuelinho d'Evora,* n.º 287, de 20 de julho de 1886.

extremo num só ramo liso e roliço; em prata e ouro — typo, o *torques de Cortinhas* [1].

O collar em estudo avisinha-se mais do typo 3.°, que Estacio da Veiga inscreveu hypotheticamente na idade do bronze: a similitude accentua-se em particular nos extremos, os quaes, nas duas joias comparadas, finalisam em piramides quadrangulares. E se, considerando apenas o aspecto formal, se cotejar o *collar de Valle da Malhada* com os quatro braceletes inteiramente similares de *Beachy Head,* Sussex [2], averigua-se que o alvitre do illustrado archeologo portuguez era procedente, e coincide com o parecer de Charles H. Read, o qual attribue legitimamente as joias irlandesas áquella idade, pela sua associação no mesmo meio archeologico com uma espada e um *winged celt,* de bronze.

Seria mesmo esta para nós a solução definitiva do problema ethnographico e chronologico, se não interviesse a duvida opposta pelo caracter muito particular da ornamentação, que os precedentes exemplares confrontados não exhibem. Em verdade, d'um modo geral, os collares e braceletes da idade do bronze são abertos, massiços, por vezes com decorações gravadas; os da idade do ferro, fechados, tenues, com ornatos globulares, em carena, em entalhos fundos, e ás vezes vasados — taes os da celebre *cachette* de transição de Launac, os dos cemiterios do Marne e dos Alpes [3], etc.

Evans enumera, entre os braceletes penanulares da idade do bronze, alguns exemplares de *Redhill,* Aberdeen Co., exhumados conjunctamente com machados de alvado; o desenho d'um [4] similarisa-o, á parte o córte seccional, com o nosso collar, que d'este modo poderia localisar-se no fim da idade do bronze. Annote-se entretanto que na Europa continental os braceletes abertos, com haste solida e os extremos não acuminados, começam a apparecer mais cedo, no *Bronze* III, segundo os quadros chronologicos de O. Montelius [5]; por isso, attribuindo mesmo genericamente a esta civilisação a joia de Valle da Malhada, não poderiamos datá-la com justesa dentro da chronologia indigena, á mingoa d'outros indicadores connexos.

Mas a hesitação avoluma-se, entrando em conta com o aspecto decorativo, sobretudo com a technica da ornamentação. O caracter puramente geometrico dos singelos adornos ainda se harmonisava com o estilo peculiar da idade do bronze; o processo, porém, de os applicar a trepano, certamente de ferro para supportar a violencia manifesta da percussão, desloca-nos para a subsequente idade d'este ultimo metal.

Não impedem, de resto, a configuração do collar nem o desenho dos motivos decorativos: as numerosas sobrevivencias formaes e artisticas na industria da nossa idade do ferro são hoje bem notorias. Mas, ainda aqui, ficará indeterminada a epoca justa da manufactura da joia. Vacillar-se-á entre a primeira e a segunda fase da idade do ferro; devendo entretanto recordar-se que em França ainda no periodo da Tène I se usavam braceletes e torques penanulares, com exiguos botões terminaes; e até apparecia nelles por vezes a ornamentação de figuras geometricas com pontos inscriptos [6].

Rebuscando similes de torêutica e de processos ornamentaes em metal precioso, poder-se-ia tambem pensar na assombrosa *arte Viking;* e, remoçando muito a joia

---

[1] J. Fortes, *O museu municipal Azuaga,* in *Portvgalia,* t. II, pag. 119, fig. 1.

[2] *A guide* cit., pl. IX, figs. 1 e 2.

[3] P. Cazalis de Fondouce, *La cachette de fondeur de Launac,* Montpellier, 1900, pag. 17; Dr. P. Raymond, *Tumulus de l'époque mœringienne ou launacienne,* in *Bull. de la Soc. Préh. de France,* t. I, pag. 90 e segs. Cfr. J. Déchelette, *Les sépultures de l'âge du bronze en France,* in *L'Anthrop.,* t. XVII, pag. 321.

[4] Obr. cit., pag. 413, fig. 473. A forma tambem existiu na Irlanda, como se vê do exemplar em ouro do *Clare Find,* figurado no *Catalogue of the antiquities of gold,* por W. R. Wilde, pag. 75.

[5] *La chronologie préh. en France et en d'autres pays celtiques,* in *Compte rendu* do Congr. int. de 1900, pag. 346.

[6] H. Hubert, *La collection Moreau au musée de Saint-Germain,* in *Rev. Archéol.,* 1906, t. VIII, pag. 337 e segs.

lusitana, irmaná-la, sob a mesma orientação e technica artisticas, com um bracelete de prata de Gotland, figurado por O. Montelius [1], ou melhor ainda com outro da Suecia, desenhado por Hans Hildebrand [2], em que ha similarmente o emprego de puncções triangulares com globulos inscriptos. Mas, pelo seu conjuncto e na relativa pobresa da ornamentação, o *collar de Valle da Malhada* não deverá entroncar-se numa tão tardia, magnificente e distante civilisação, de que afinal não se encontraram ainda quaesquer manifestações em Portugal.

Em provisoria interpretação ficará, pois, agrupado genericamente com os braceletes protohistoricos da idade do ferro, até que ulteriores achados o classifiquem definitivamente. Entretanto, reconhecer-se-lhe-á tambem, pelo seu todo, uma feição singular e de muito caracter, que demanda para elle um logar distincto na série dos collares ibericos.

* * *

Quanto á outra joia. A vulgaridade da forma do *bracelete de Bairro*, contrastando com a singularidade do precedente collar, olhado no seu conjuncto formal e artistico, determina semelhantemente uma hesitação insuperavel sobre a sua justa procedencia archeologica.

Um grosso fio metalico, dobrado em oval ou em circulo, é o mais commum atavio do antebraço desde os inicios da metalurgia iberica—ou o circulo seja continuo ou descontinuo, e neste caso quer os extremos da manilha se toquem apenas, quer se sobreponham parcialmente. *Campos, Qurénima, Caldero de Mojácar, Barranco Hondo, El Argar* e outros pontos do sudoeste hispanico deram aos Siret numerosissimos exemplares lisos, em cobre, bronze e prata [3], com a mesma typologia do nosso.

A forma do espécimen de Bairro é, pois, iberica [4], preromana, de origem remotissima. Nada mais pode, por enquanto, asseverar-se com segurança. A circunstancia de ser inhumado com um cadaver, como se presume, não esclarece melhormente: inhumaram-se cadaveres ataviados com joias preciosas na idade do bronze, na do ferro e no periodo lusitano-romano. É rito velhissimo, de longa sobrevivencia. A naturesa do metal é elemento menos informativo ainda: o ouro trabalhou-se e foi usado na peninsula desde o fim dos tempos neolithicos. Por ultimo e exgotando os indicios subsidiarios, a forma do coval, se foi exactamente averiguada, parece tambem inexpressiva. É no entanto de frisar que na região do achado foi muito usada durante o periodo lusitano-romano, em concorrencia com o coval circular para incinerações.

Em summa: ante a insufficiencia patente de indicadores, é prudente não concluir com precisão. A joia entrou no archivo archeographico e ahi fica como elemento de referencia, tambem na espectativa de que outros achados virão por ventura datá-la.

Porto, dezembro de 1906.

José Fortes.

P. S.—Depois de composta esta nota, chegou o *Kungl. Vitterhets Historie och Antikvitets Akademiens. Manadsblad*, 1903-1905 (Stockholm, 1907), que a pag. 97, fig. 134, e pag. 193, fig. 257, reproduz as gravuras de dous pequenos braceletes de Gotland, um com a forma e ambos com a ornamentação em triangulos e linhas parallelas de pontos do collar de *Valle da Malhada*. É a justificação da hypothese, atraz insinuada fugidiamente, sobre a procedencia nordica da joia.

Outras descobertas virão ainda confirma-la por certo, e sobretudo fornecer elementos decisivos para a questão chronologica, que fica por enquanto duvidosa.

J. F.

---

[1] *Les temps préh. en Suède*, trad. de S. Reinach, Paris, 1895, pag. 252, fig. 342.

[2] *The industrial arts of Scandinavia in the pagan time*, 1894, pag. 111, fig. 96.

[3] *Las primeras edades del metal en el sudeste de España*. Texto e album, Barcelona, 1890.

[4] É certo entanto que, na epoca dos dolmens, braceletes d'ouro, como o nosso, se usaram nas Landes de Candós, Mios, Gironde: o museu de Saint-Germain-en-Laye possue alguns exemplares.

NECROPOLES LUSITANO-ROMANAS DE INHUMAÇAO

I

Cemiterio do Bairral

Está situada esta necropole na freguesia de Santa Leocadia, do concelho de Baião, na propriedade chamada do Bairral, e em terreno então pertencente (1899) ao meu amigo Francisco de Paula de Brito Lobo d'Avila, algumas dezenas de metros ao poente da casa de habitação. Para lá se chegar, toma-se o travêsso da estrada municipal que parte do apeadeiro da Palla, caminho de ferro do Douro, e sobe-se ao longo do estreito valle, de pittorescas ravinas, cujas cabeceiras ficam a norte de Baião, entre as cumiadas da Ventosa (527 metros de altitude) e Loureiro (557 metros). Encontra este ramal outra estrada que segue por Esmoriz, vindo do Marco, para ligar-se á estrada de Campello segundo a margem esquerda do Ovil. O encontro do travêsso com esta estrada forma angulo agudo no quadrante sudeste, e ahi está localisado o cemiterio que ambas as estradas limitam, a de Esmoriz pelo norte, a de Palla pelo noroeste.

O pequeno mappa da fig. 1 é um traslado simplificado da carta geodesica na sua redusida escala, apenas com as indicações precisas para a localisação chorographica

Fig. 1 — Do mappa geodesico — Esc. 1 : 100000

do nosso caso; ahi está marcado o cemiterio por um triangulo negro, junto a Santa Leocadia.

O rio Ovil ao nascente, correndo para o Douro, é a linha principal d'este valle secundario, tributario do grande rio, no qual desagúa junto a Palla. Esta região da extensa bacia duriense é ainda de terrenos graniticos, ricos em accidentes orographicos e linhas d'agua, que os regam por enredados talwegs, fazendo a terra fertil e portanto densa em povoados. E assim foi desde muito, consoante manifestam os innumeros achados archeologicos a cada passo realisados por toda a parte d'este concelho e limitrophes, produsindo vestigios de todas as epochas e civilisações, desde as archeolithicas até á dominação romana, por aqui nitidamente accentuada. Não importa, por demasiada, a citação de tão numerosos pontos archeologicos, a começar nos dolmens da Serra da Aboboreira, divisa do concelho; em todos os locaes marcados no mappa

da fig. 1 se teem registrado achados; e, entre outros sitios de estações e necropoles proto-historicas, notar-se-ha pela sua posição dominante o visinho Castro de Gove, importante estação com muralhas concentricas, fossos e abundantes vestigios de habitações.

Fica, pois, bastantemente justificada esta necropole, no meio de povoados, que por aqui teem permanecido desde tempos muito remotos. Fixar-nos-hemos por agora na actual descoberta que constitue o assumpto d'esta ligeira communicação.

Como de costume, por acaso se fez o achado; nenhuma tradição nos apontava este local. O proprietario Francisco Avila mandou cavar no terreno vallas parallelas, com cinco palmos de profundidade, para o plantío de videiras; e começaram a apparecer fragmentos de vidro, de ferro, restos de louça e algumas vasilhas completas «dentro de uma especie de canos cheios de areia», como disseram os trabalhadores. A convite de Francisco Avila, a cuja generosa e intelligente iniciativa se deve esta descoberta archeologica, fui ao local na companhia do nosso amigo, distincto engenheiro e professor, Manoel Rodrigues Miranda Junior, e démos seguimento á exploração com os necessarios cuidados, sob o novo ponto de vista do seu rigoroso estudo. Isto foi na ultima semana do mez de março de 1899.

A NECROPOLE. Actualmente, está limitada pelo crusamento das duas estradas, estendendo-se para sudeste. Suppõe-se que a estrada de Esmoriz a cortou, pois que na bouça fronteira egualmente se encontram vestigios de ceramica do mesmo aspecto e pasta. Já ha annos, em trabalhos de lavoura, tanto n'este campo como na bouça, se haviam assignalado estes restos de louça, visiveis á flôr da terra. De facto, a camada de terra aravel constitue aqui um verdadeiro deposito archeologico, no qual predominam os cacos de argilla grosseira e micacea; no mesmo se encontrou uma pedra cavada e polida (especie de triturador ou mó prehistorica) e dois fragmentos de mós circulares. Restos d'esta natureza commummente se acham nos castros, dos quaes alguns são typos privativos; e talvez que estes pertencessem á acropole proxima, a qual se estenderia pela collina do Outeiro, ao norte; a não ser que indiquem vestigios locaes de habitações anteriores ás sepulturas subjacentes. Os remeximentos ulteriores, que completamente desordenaram o deposito, desviam qualquer hypothese.

Todavia, desde já se destacarão estes restos da série que constitue o espolio archeologico proprio da necropole. Alguns d'estes pedaços de barro, do deposito superficial, differençam-se completamente das louças exhumadas das sepulturas pela sua textura, dimensões e formas. Serão pertences de outros typos de louça grosseira, de exclusivo uso domestico; e talvez que, mesmo quando dos castros, sejam de epocha anterior.

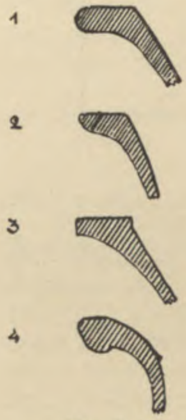


Fig. 2
Bordos de vasos

Na fig. 2 representam-se alguns rebordos de vasos. Os de n.^{os} 1 e 2 são de barro constituido por grossos elementos de silica, feldspatho e mica branca, em pasta argillosa de côr parda-avermelhada; desagrega-se facilmente á mão, denotando uma cosedura incompleta. Os de n.^{os} 3 e 4 são de pasta mais escura, de textura egual á anterior, apenas com a substituição da mica branca pela moscovite. Em todos se veem os signaes do trabalho com a roda. São vulgares estes especimens nos nossos castros; constituem o typo mais grosseiro e primitivo da série ceramica.

Continuando as excavações, ao attingir o sub-solo, que é de granito decomposto, encontram-se as tampas dos sarcophagos, feitas de lages de granito. O massiço de sub-solo, de petrographica homogeneidade, inclina-se, subindo para nordeste—junto ao vertice da encrusilhada—onde afflora, e vae aprofundando na direcção opposta. Para além, onde ha uma pequena casa, nada apparece; e sómente para o centro do campo, se encontraram as sepulturas, onde a cobertura de terra solta é mais profunda.

Contando os tumulos destruidos pelas primeiras vallas, perfaz-se o numero de dez, dos quaes apenas quatro podem considerar-se intactos. A necropole teria sido, porém, mais numerosa e extensa. É incerta a demarcação da sua area, que os trabalhos de lavoura e a abertura das estradas completamente modificaram e destruiram.

Não se nota uma expressa orientação dos tumulos, nem tão pouco ordem de alinhamentos; a orientação approxima-se, com variaveis declinações, da flecha nascente-poente, e a sua disposição é indeterminada, não obstante o grosseiro parallelismo que provém da semelhança de orientação.

As sepulturas. Em planta são rectangulares. A caixa sepulchral é constituida por blocos de granito de variadas dimensões, consoante em paredes ou tampas. No geral o fundo é a rocha granitica; os lados são paredes verticaes de silhares (racheados nas juntas) no total ou em parte, conforme as circumstancias do coval e do sub-solo; são paredes de alvenaria grossa, especie de *perpianho palmeiro,* cuja espessura raramente ultrapassa o palmo de medida. Quando a cóva foi aberta em parte resistente da rocha, aproveitou-se e affeiçoou-se esta, que forma o chão e uma ou mais faces da caixa tumular, em toda ou parte da altura. E assim ellas são completamente de alvenaria de granito, ou mixtas, parte abertas na rocha, parte de alvenaria. A tampadura é sempre de grandes lages justapostas.

Fig. 3 — Sepultura n.º 1

Tomaremos como exemplo a sepultura mixta n.º 1, representada no cliché de fig. 3, a qual foi encontrada intacta. Executou-se a photographia antes de se levantar o espolio funerario. D'esta sorte se representa tal qual a sua situação de exhumação, que bem poderia ser tambem a de inhumação. Falta apenas o documento principal, o esqueleto, cuja ausencia em todos os sepulchros é resultante da sua consumpção pela acção corrosiva e dissolvente dos agentes meteorologicos e organicos em um meio de natureza granitica; é este um facto, deveras lamentavel, notado em todas as regiões de rochas graniticas ou similares.

A caixa tumular é constituida de topo e lado — á esquerda da fig. 3 — por um

murete de blocos faceados interiormente; dos outros dois lados é a rocha cortada a prumo, tendo de topo, a forma ligeiramente curva. O comprimento é de $2^m,20$, a largura $0^m,70$ e a altura $0^m,65$. A tampa era constituida por cinco lages de granito justapostas, apoiando-se de um lado no córte da rocha, do outro sobre o muro longitudinal; todas as juntas estavam tomadas com pequenas pedras collocadas de cutello, bem apertadas. O interior estava completamente cheio de terra areienta, de grãos finos, como areia commum de rio. Apenas, no fundo, o deposito tinha o aspecto de cascalho miudo de pequena espessura, especie de *gravier* de montanha, no qual estavam sitos os vasos, dois grandes pregos e seis pequenos, um d'elles com a ponta dobrada, e alguns fragmentos de carvão. O fundo era a propria rocha granitica, o *salão* resistente, mas que facilmente se corta a picareta.

Em todas as sepulturas não violadas o enchimento é tambem de terra areienta. Inquire-se: ¿a areia teria sido accumulada casualmente, transportada pelas aguas de filtração atravez dos intersticios das pedras?—ou teria sido expressamente lançada sobre o corpo na occasião da cerimonia inhumatoria?—Poder-se-ha responder ás duas perguntas com certa verosimilhança que este deposito é todo de transporte: uma parte deposta quando o cadaver (o punhado de terra do cerimonial), outra parte carreada atravez das fendas e juntas pelas aguas meteorologicas, que lavaram o proprio deposito, deixando-o sedimentar-se segundo a acção da gravidade, no fundo precipitando o cascalho de elementos maiores e mais pezados.

Quanto á construcção das caixas tumulares, não ha pormenores dignos de nota, salvo casos curiosos de arranjo e adaptação das pedras em muros e capeados, para bem vedar o sarcophago, aproveitando habilmente o seu ajuste segundo a forma natural das lages e com o minimo trabalho de desbaste. Na sepultura n.° 2, por exemplo, as capas são de forma trapezoidal, alternando a base maior com a menor, de forma a ficarem endentadas. A junta é sempre racheada com pequenas pedras á feição.

E, em seu conjuncto, ou particularmente em suas partes, nada mais nos dizem as sepulturas.

O ESPOLIO. Consta no geral de: vasos de argilla commum, pratos de *terra* do typo arretino, vasos de vidro, pregos de ferro e pedaços de carvão. A este pouco se reduz o modesto espolio das sepulturas [1]. Vamos considerá-lo em seu todo, distribuindo-o conforme as categorias indicadas:

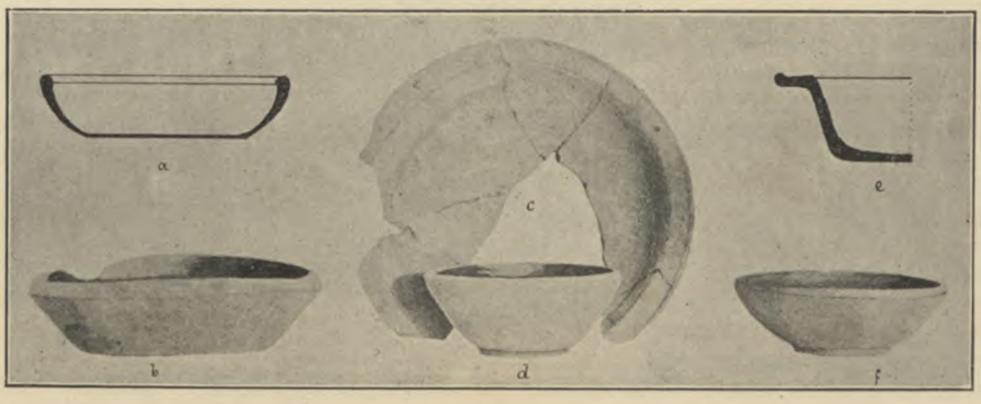


Fig. 4—1/4 gr.

[1] Este espolio distribuiu-o o proprietario da necropole pelo Museu do Porto, collecção Manoel Negrão e Museu de Lisboa.

A—Vasos de barro commum. 1) *Vasos abertos, pratos e tijelas.*

Começa-se pela forma primitiva do *catinus*, de que a fig. 4 *(a* e *b)* expõe dois exemplares. É uma forma que os romanos continuamente usáram, mas que pode egualmente considerar-se indigena. E são, de facto, de industria universal, taes typos elementares de utensilios em que á materia prima se dá a forma mais simples, facil e pratica. O fundo chato, circular, as paredes inclinadas ou ligeiramente curvas, sem rebordos nem decorações; eis a formula mais simples da prateira. Entre os mobiliarios das estações luso-romanas este modelo é vulgar. Já n'este tomo da *Portvgalia*, est. xvi, figs. 6 e 10, se exemplificou este typo, proveniente de uma necropole de incineração de Amarante [1].

Fig. 5—1/3 gr.

A fig. 4, em *c*, apresenta um especimen de *discus* ou *scutella*—se assim podem designar-se, á latina, estes pratos circulares, de diametro medio, pouco profundos, mais proprios a servir alimentos do que a cosinhá-los. É um exemplar partido, mas interessante pelo seu rebordo plano, bastante saliente, como os nossos pratos côvos. Por este pormenor se differencía da especie anterior do *catinus*.

Fig. 6—1/4 gr.

Da tijela simples, typo *patina*, em que o fundo se destaca em pequeno filete cylindrico, ha dois exemplos fig. 4 *(d* e *f)*, eguaes ás da est. xvi, n.º 5, já citada. Forma corrente nos mobiliarios das nossas estações luso-romanas, ainda hoje o é, e de uso quotidiano.

2) *Vasos campanulares sem azas*—D'esta categoria temos apenas o exemplar perfeito de fig. 5, proveniente da sepultura n.º 1 (fig. 2). É um pequeno púcaro, de forma globular, sem azas; ainda hoje são d'este modelo, com aza ou cabo, as púcaras para beber agua da nossa olaria popular. Fazem lembrar a forma do *sinus* [2] e de algumas *ollae*, se bem que estes sejam de dimensões décuplas.

O nosso exemplar é *litteratus*. No collo tem gravadas as lettras Γ e E. Não são raros os vasos com *graffiti* pelas nossas estações e necropoles lusitano-romanas. Encontram-se marcados com signaes, lettras avulsas, siglas, monogrammas, por vezes um nome completo, e até, como em um vaso do Museu Ethnologico de Belem, em caractéres pintados, a formula votiva: *diis manibus sacrum*.

Fig. 7—1/4 gr.

[1] José Fortes, *Necropole lusitano-romana da Lomba* (Amarante), in *Portvgalia*, t. ii, pag. 252 e segs.

[2] A. Rich, *Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques*, trad., Paris, 1859. Voc. *sinus*.

3) *Vasos com uma aza* — São de differentes typos, emquanto á conformação geral, inserção e perfil da *ansa*, lembrando as formas romanas da *ampulla*, *lagœna*, *guttus*, etc.; genericamente são vasos globulares ou piriformes, de collo mais ou menos delgado, a pansa dilatada, a aza curta e larga, não ultrapassando na sua curva o gargalo. Uniformisando as denominações, de accordo com o estudo anterior de José Fortes, já citado, teremos nas figs. 6 e 7 o typo de *lagœna*, bilha de collo mais largo recordando a actual caneca para uso de agua ou leite. Da necropole de Amarante são os n.os 2 e 4 da est. XVI.

A fig. 8 representaria o typo da *ampulla* de gargalo mais estreito, vaso de elementos campanulares e conicos, de largo fundo chato sem filete. É um modelo de muita estabilidade, forma que não é só classica e sobrevive nas vinagreiras e almotolias de barro do Minho e Traz-os-Montes [1].

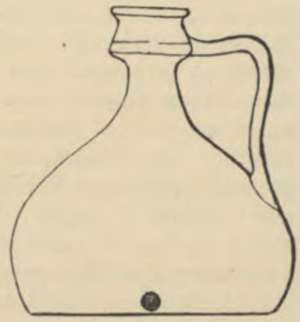


Fig. 8 — 1/5 gr.

4) *Vasos com duas azas* — Abrange todas estas vasilhas *diotas* a forma schematica da amphora, com o collo alto e adelgaçado, as ansas destacando-se symetricamente do bordo superior e quebrando direitamente para o bôjo, formando angulo, ou de perfil todo curvilineo. A linha do bôjo, ora é arredondada e contínua, como nas pansas das *lagœnas* e outras bilhas, ora esboça nitidamente o typo classico da amphora, afunilando para o fundo, parecendo-se a uma amphoreta a que cortassem uma parte da extremidade conica. As figs. 9 e 10 (est. XVI, n.os 1 e 11), exemplificam os dois casos. O gargalo termina superiormente por um cordão de onde nascem as duas azas (fig. 9) ou prolonga-se superiormente, formando um collarinho com rebordo (fig. 10), como se vê actualmente em algumas bilhas alemtejanas. Um pequeno enfeite, em forma de conta ou capsula (fig. 10), ou mesmo de simples cóvinha feita com a pressão do dedo (fig. 11), adorna a juncção da aza com o gargalo.

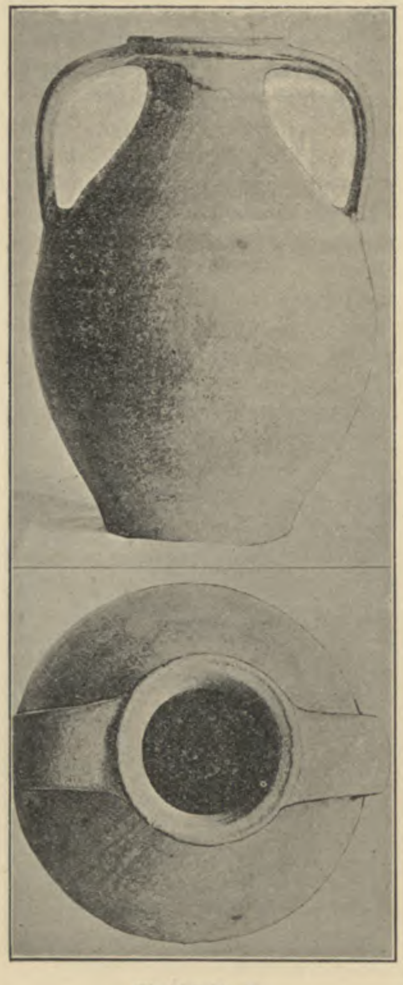


Fig. 9 — 1/4 gr.

Todos estes vasos, até agora enumerados, são de barro commum, isto é, de uma pasta feita de argilla avermelhada, de varios cambiantes, em que os elementos, silica e mica, não predominam. A massa é menos friavel que a dos exemplares grosseiros de fig. 2, e em certos casos permitte espessuras minimas, apresentando-se fina, homogenea, e perfeitamente cozida. São de industria do paiz, que nas localidades ou visinhanças persiste ainda, com apparelhos, materiaes e technica pouco ou nada superiores ás antigas. E persistem as formas, como já se notou, attestando a localisação, desde remotas datas, d'estas industrias méramente populares, autochtonas.

[1] É egual o exemplar representado no *Arch. Port.*, vol. IX, pag. 99, fig. 2, de Gondar, concelho de Amarante.

Alguns dos vasos, de figs. 5, 6 e 8, teem um orificio aberto no bôjo; este é circular, perfeito, executado propositalmente. O mesmo facto se manifesta na necropole amarantina da Lomba, cujo espolio a miudo cotejamos com o nosso [1]. ¿Corresponderá isto a uma determinada intenção, ligada ao ritual de inhumação ou ao destino da vasilha junto ao morto? Não significaria o méro proposito de inutilisar a vasilha?

O sr. G. Bonsor inclina-se para esta ultima hypothese, a proposito das louças perfuradas da necropòle da Cruz del Negro [2]. É de notar, porém, que n'estes nossos cemiterios tão sómente apparecem furados os vasos proprios para liquidos, e que estes apparecem sem grandes signaes de uso, por vezes em estado de novos; certo é, pois, que muitos serviram manifestamente ao festim funerario ou para a baixella votiva, como objectos de ceremonia. O seu destino foi expresso, aqui houve que terminar.

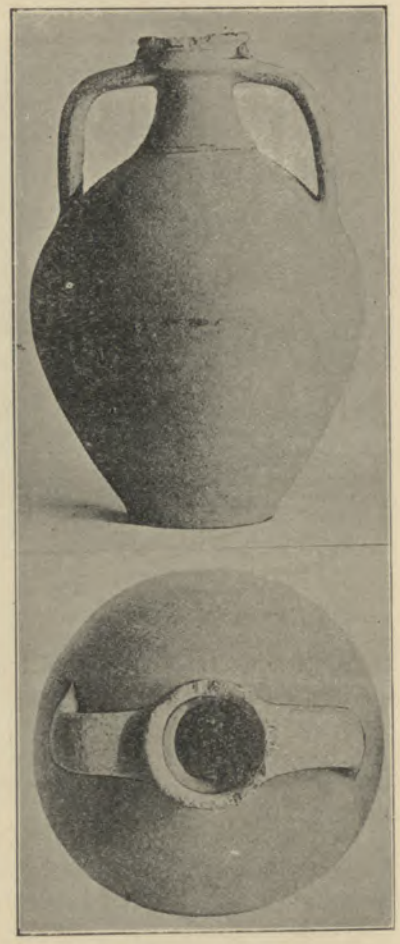


Fig. 10 — 1/4 gr.

É porém de notar que se evitasse ás vasilhas um futuro aproveitamento, inutilisando-as, e não se resguardasse o restante espolio, por vezes de ricos objectos de adorno e armas. A vasilha foi posta junto ao cadaver, afim de o servir na sua outra vida, analoga á vida terrestre que findou; muitas d'ellas se encontram inteiras e intactas; alguns vasos são libatorios, outros apenas são para conter os liquidos e manjares, e todos foram conjunctamente depostos ao pé do morto sob o mesmo sentimento de piedosa religiosidade. Porque se destruiram uns e não todos? Haveria que generalisar o facto, como tambem observára J. Fortes, a todo o grupo ceramico, ou restrinji-lo a um certo typo de vasos.

Na lenda do rei de Thule inutilisou-se o vaso libatorio para que outrem o não usasse, e o costume foi com egual significado de outros tempos e mesmo de alguns festins da actualidade. Mas é de crer que esta nunca fosse a expressão do pequeno furo nos vasos d'estes modestos sepulchros. Teria certamente, como a pequena moeda para Charonte, um destino mais de accordo com as cerimonias correntes do ritual funebre.

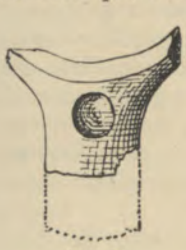


Fig. 11
Fragmento de aza

B—Vasos de terra sigillata [3]. São os dois pratos de fig. 12; o primeiro *(a)* propriamente um *discus* com bordo largo e plano; o segundo *(b)* de paredes curvas, sem bordo saliente, especie de *scutella*. Não teem marcas litteratas, nem signaes figulinos e apenas o disco tem no centro seis pequenas marquilhas decorativas; constam estas de uma pequena oval envolvendo um campo cheio de

[1] José Fortes, op. cit., in *Portvgalia*, t. II, pag. 256.
[2] G. Bonsor, *Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Bétis*, Paris, 1899, pag. 77.
[3] Esta designação tem apenas sentido technico; reporta-se á pasta fina de argilla plastica vermelha.

impressões irregulares que não formam desenho definido. Algumas nervuras de pouca saliencia e raias concentricas completam a singela decoração d'estas duas peças, ambas encontradas na sepultura n.º 1 e nas posições indicadas na fig. 3. São nitidamente

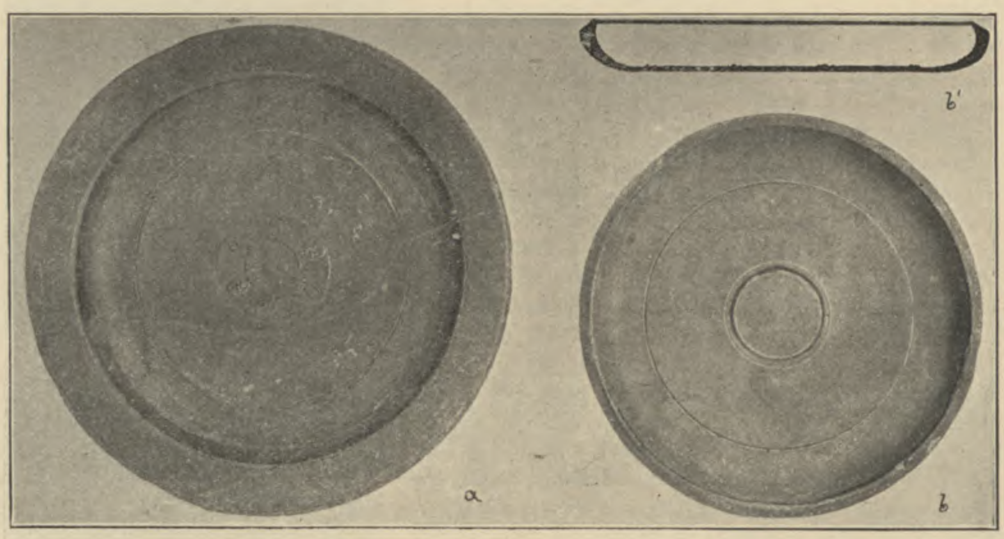


Fig. 12 — Pratos de terra sigillata — 1/4 gr.

peças extrangeiras na sua forma e material. Não obstante, pelos castros e necropoles luso-romanas são vulgares os restos d'esta ceramica.

C — Vasos de vidro. Encontram-se no geral fragmentos. Apenas, intacto, o vaso *apodo* de fig. 13; conseguiu-se restaurar a *ampulla* de fig. 14, a que falta a aza.

O pequeno copo tem um estreito cordão no bordo e raias parallelas a meio do corpo; é de vidro verde-amarellado. Representa este *pocillus* a forma mais singela e commum da vidraria de uso corrente n'esta remota antiguidade.

A *ampulla* de fig. 14 é de vidro verde-claro, côr de esmeralda pallida, perfeitamente translucido, sem irisações, porém cheio de pequenas bolhas de ar redondas e lenticulares. Foi feita a sopro e sem molde. Quebrada a extremidade final da ampolha de massa vitrea, para lhe ageitar o fundo, o artista pousou-a obliquamente, e assim ficou em postura que assaz lhe comprometteria o equilibrio, quando cheia de liquido. A aza foi soldada na face opposta para contrabalançar o effeito [1]. Um pequeno cordão saliente forma o fundo ou pé; e do bordo superior destaca-se um estreito filete que se enrola em torno do gargalo até á base da ansa. Esta acompanha o gargalo até ao bordo. Alguns gommos longitudinaes, produzidos por depressões correspondentes, quando a pasta ainda estava molle, dão á pansa do vaso uma conformação especial muito vista nos vidros antigos, em vasos funerarios e de uso domestico.

Fig. 13
Copo de vidro

Dada a latitude chronologica e geographica do fabríco de vidro na antiguidade, estas peças, muito embora a sua apparencia romana, não são documentos que nos fixem uma data. Houve, é certo, o fabríco

[1] A fig. 14 não dá impressão d'esta obliquidade, porque foi photographado o vaso segundo a face da aza.

do vidro na Peninsula Iberica; peças da fragilidade d'esta *ampulla* e de outros vasos, cujos fragmentos se encontraram n'esta necropole, não eram susceptiveis de um longo transporte. Este vaso tem partes onde a espessura é inferior a um millimetro. Temos que suppôr-lhe uma proveniencia mais proxima; e, para sua applicação, um uso particular qual o de vaso libatorio para o ritual funerario. A sua inhumação junto ao cadaver e o mero cumprimento do cerimonial funebre, não lhe exigiriam superior resistencia. Em eguaes circumstancias estão, entre o material votivo ou de funeral, muitos dos *alabastra* de variadissimas formas e attribuições. Estes considerandos se adaptam á ceramica do espolio, vasos de fragil construcção, sem vestigios de uso, tão sómente destinados aos festins posthumos e para serem immoveis serventuarios do inhumado, jámais usados.

Fig. 14 — Ampulla de vidro — 2/3 gr.

D — Objectos de ferro. Constam de pregos de varios formatos e dimensões. Estes podem resumir-se em dois typos: a cavilha de grande cabeça chata e haste de secção quadrangular (fig. 15) e a tacha de cabeça pyramidal e haste curta (fig. 16). Não apparecem dentro das sepulturas em grande quantidade. Na sepultura n.º 1, por exemplo, apenas appareceram dois grandes pregos e seis pequenos.

A diminuta porção de grandes pregos, que são no geral elementos de construcção, para ligação de peças de madeira, pretexta suspeição quanto ao seu destino apparentemente simples e certo. E, porque raros são, hesita-se de principio em considerá-los como *clavi tabulares* e attribuí-los ao *capulus* ou *arca*. Serão, pois, pregos symbolicos ou votivos?

Em alguns são evidentes os signaes de fibras de madeira. Junto ao ferro, em estado de oxydar-se, a madeira soffreu uma especie de fossilisação; particulas ferruginosas se substituiram a particulas organicas, e a madeira ferrugenta fez corpo com o prego, continuando simultaneamente a alterar-se por oxydação. Pregos houve, portanto, que estiveram ligados á madeira dentro da caixa tumular. Tão poucos, porém, não bastariam para ligar as peças principaes de um esquife. É provavel que alguns houvessem desapparecido por completo, peroxydados e dissolvidos pelas aguas de filtração; por vezes se encontram nos depositos nodulos e manchas ferruginosas. Não obstante a explicação, o facto é que as sepulturas intactas produziram a menor somma de pregos.

Não considerando pois o uso da *arca*, poderia admittir-se o da *lecticula* ou da *sandapila* [1], pequeno leito ou estrado em que se transportou o morto e juntamente deposto no sarcophago. Egual é a opinião de José Fortes quanto ao seu caso da necropole crematoria da Lomba.

---

[1] J. Marquardt, *La vie privée des Romains*, trad. de V. Henry, Paris, t. I, pags. 416 e 442.

A hypothese do *cravo votivo* não é outrosim para desconsiderar. Não citando o cravo symbolico da piedosa lenda christã, ainda hoje o prego virado é um poderoso amuleto; e foi-o tambem na antiguidade greco-romana, como attributo das divindades do destino. O *piaculum* do *clavum figere* tem um caracter de expiação para o passado que fixa, e para o futuro cujo inicio desprende [1]. É identica a crença que leva a depôr junto aos tumulos pregos de ferro, de bronze, alguns com inscripções e figuras bizarras [2]. Recordar-se-ha que entre os ouros achados em castros gallegos — da collecção Villaamil y Castro — appareceu um prego de ouro do typo commum da cavilha [3]. Temos aqui um pomposo documento de que entre nós havia a crença no poder do cravo amuleto. Entretanto, ponderaremos que, como symbolicos, teriam sido sepultos em estado de novos; e não é este, assim parece, o nosso caso de pregos usados, dobrados, com vestigios da madeira que pregaram.

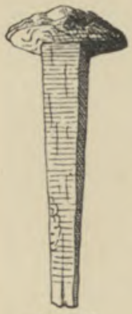


Fig. 15
Cavilha de ferro
1/2 gr.

Foi tambem de uso entre os romanos suspender alguns vasos das paredes dos sarcophagos por meio de cavilhas de cobre [4]. Estamos, porém, em face de rusticas e acanhadas sepulturas que albergaram mortos pobres; teremos que reduzir a nossa hypothese a proporções modestas e simples. E considerar-se-ha por emquanto, em vez do *capulus*, a *lecticula* ou *sandapila*.

O pequeno prego de cabeça pyramidal poderia ter pertencido ás sandalias, *clavi caligares*, á maneira romana, as quaes eram usualmente *clavatæ*. As cardas hoje usadas são ainda d'este typo de cabeça lisa ou raiada. Na necropole de Giubiasco, adeante citada, foram encontradas estas pequenas tachas em grupos, no sitio das sandalias. O auctor da descoberta dá-lhes esta justa proveniencia. O formato é identico.

Fig. 16
Tacha de ferro
1/2 gr.

Conforme foi dito, alguns pedaços de carvão se encontram nas sepulturas. Não se tratando de acto algum de cremação, estes carvões devem ser considerados, tal como a baixella de barro e vidro, participantes do mobiliario funebre do sarcophago. E ahi estão recordando os carvões do lar, o fogo sagrado — symbolo da morada dos vivos e da propria vida — agora apagados e mortos tambem.

II

Cemiterio de Villa Verde

A povoação de Villa Verde pertence á freguesia de Bagunte, concelho de Villa do Conde. Ha ahi uma pequena deveza, no logar do Souto, na encruzilhada de dois caminhos principaes, o que segue para Peniche e o que vae para a Ponte do Ave. Os caminhos passam em nivel inferior, e o souto forma uma pequena elevação, constituida por afloramento de rocha granitica, de quando a quando explorada como saibreira. Em tempos, excavando saibro, dizem uns do logar, que toparam com «um panêlo e seu testo de bronze». Nada mais constava, porém, de semelhantes achados pelo local, além de que, mais para cima e no centro do povoado, dizia-se, haviam apparecido «tijolos de beira».

Como referencias de importancia archeologica ha que notar a situação da Cividade de Bagunte, tres e meio kilometros a nordeste, e dos *Castros* de Santagões, pouco

---

[1] J. Marquardt, *Le culte chez les Romains*, trad. de Brissand, t. I, pag. 11.
[2] Daremberg et Saglio, *Diction. des Antiquités Grecques et Romaines*, voc. *Clavus*, pag. 1241; vid. fig. 1616 de cravos votivos.
[3] J. Villaamil y Castro, *Museo Español de Antigüedades*, t. III, lamina.
[4] J. Marquardt, op. cit., pag. 430.

mais de um kilometro a noroeste, e além d'estas duas estações proto-historicas de manifesta importancia, outras menores existem por esta freguesia, em localidades proximas, ribeirinhas do Ave, que não merece a pena citar.

Em 19 de agosto de 1905 o visinho José Peniche foi ao Souto para extrahir saibro e encontrou restos de louça, de pregos ferrugentos, um prato com moedas (pequenos bronzes) e uma argola de bronze. Prevenido, de seguida compareci e tratei de explorar o terreno, excavando uma area de 250 metros quadrados, abrindo vallas de pesquiza em varios sentidos. Creio ter esgotado por completo o deposito archeologico.

A camada de terra vegetal que cobria o *salão* granitico não era espessa e havia sido mais vezes revolvida, pela derruba de sobreiros, e para o fabríco *in loco* do carvão de chóça. Nada encontrei intacto; apesar de vario material que considero como espolio funerario proveniente de um cemiterio, não percebi vestigios de sepulturas de lages brutas ou trabalhadas, ou simplesmente abertas no saibro.

Fig. 17 — 1/4 gr.

Entretanto os objectos, se não formavam grupos limitados, appareciam proximos e em séries. Um dos grupos, constituido por dois vasos, um prato e outros restos, pareceu-me que formava o deposito de uma sepultura orientada NO-SE. Estes factos, e a ausencia de outros vestigios caracteristicos de local de habitação ou cemiterio de cremação, convenceram-me de que se tratava de uma necropole de inhumação, de typo singelo, sem sarcophagos. E, pois que d'estes não ha signaes, passemos ao espolio.

O ESPOLIO. A—OBJECTOS DE BARRO COMMUM. 1) *Vasos abertos, pratos e tijelas.*

Na fig. 17 se expõem alguns d'estes pratos, n.os 1, 2, 4 e 5, do typo *catinus*, de varios diametros e alturas, completamente liso (1) ou com rebordo (2, 4 e 5). O exemplar n.º 3 é semelhante ao que foi reproduzido a pag. anterior 265, fig. 2, proveniente do Castro de Villarinho de Cotas. É uma especie de *jatte*, segundo os francezes, ou como a *gabata* dos romanos, á maneira do nosso pequeno alguidar.

A estes juntaremos uma grande prateira de fundo liso com o diametro superior de 0m,35, que appareceu em fragmentos, os quaes foi possivel ainda juntar. É o maior exemplar que tenho encontrado.

Foi dentro do *catillus* n.º 5 que appareceram 16 moedas romanas de bronze, das quaes adeante se fallará.

2) *Vasos campanulares sem azas*—São representados pelos pequenos púcaros (fig. 18, *c* e *d*, fig. 17, 7), de typo egual aos do Bairral anteriormente descriptos, um

d'elles com vestigios de pintura a vermelho, outro com dois traços parallelos no collo, tambem a vermelho.

3) *Vasos com uma aza*—Apparece aqui o caso do pequeno púcaro anterior com o annexo de uma aza (fig. 18 *a* e *b*). Esta é exactamente a forma actual do púcaro de barro para beber.

O vaso de uma aza da fig. 19 é tambem uma forma notavel na typologia da nossa ceramica luso-romana. É uma *ampulla,* que pelo adelgaçado do gargalo se approxima da forma do *guttus*. O formato piriforme d'este vaso é vulgar nas necropoles amarantinas, já citadas; e é curioso que não só nas nossas estações da epocha romana, como tambem em extrangeiras, esta forma abunda e persiste como um typo, variando apenas de dimensões. Ha um exemplar de barro commum, das actuaes olarias de Prado, que é uma replica d'este modelo.

O vaso da fig. 20 é o *œnochoë* de classico typo, de bico trilobado, já representado n'este tomo da *Portvgalia,* pag. 112, fig. 3, de um sarcophago romano do ultimo

Fig. 18—1/4 gr.

periodo, e na est. XVI, n.º 8. Mais uma vez aqui nos apparece, e a par de moedas do Imperio, como do proprio certificado. O exemplar figurado, dispensa a descripção. Ahi fica como exemplo modelar, authenticado.

4) *Vasos com duas azas*—D'estes, apenas appareceu a *amphoreta* de fig. 21. Não obstante fracturada, conseguiu-se reconstituí-la, o bastante para nos dar a sua completa conformação; é, como se vê, um bello exemplar, de elegante contorno; não encontram melhores formas os oleiros de hoje; estas linhas classicas são, pela sua perfeição, um brilhante ensinamento.

Não se encontrou resto algum de *terra sigillata*.

5) *Louça pintada*—Além dos casos acima indicados, de pintura homogenea de côr vermelha—púcaro de fig. 18 e *ampulla* de fig. 19—e de decoração a traços vermelhos, temos exemplos de louça de pasta fina amarella, egual á da necropole da Lomba, com dois traços parallelos côr de chocolate. É ainda o typo encontrado na estação romana de Tralhariz [1], e em outras *villas* e *castros*. Aqui apparece, acompanhado por numismas do seculo IV, as quaes datam este facto da industria ceramica nacional. E este pormenor é de importancia, valorisando a descoberta do pequeno cemiterio de Villa Verde.

B—Objectos de metal. Archivou-se uma argola de bronze (fig. 22), com o diametro interior de 14 mm., espessura de 5 mm., e secção em losango; poderia ser de uma pequena fivela annular; falta-lhe um pequeno pedaço.

---

[1] *Portvgalia,* t. I, pags. 391 a 398.

E a mais, de metal, alguns fragmentos de pregos muito oxydados, uma argola com o diametro medio de 4 cent., uma pequena chapa de ferro com 8 cent. em duplo esquadro, e uma grossa dobradiça de 4 cent. de largo e 8 cent. de comprido nos dois ramos. Estes ultimos objectos serão de proveniencia incerta; no emtanto, estavam no mesmo deposito archeologico e teem egual patina no mesmo grau de oxydação.

Além d'este pouco, as 16 moedas, medios e pequenos bronzes, classificadas como dos seguintes imperadores romanos:

1 moeda de Gallienus	annos	253–268	Seculo III
1 » » Helena	»	328	Seculo IV
6 » » Constantinus Maximus	»	306–337	
7 » » Constantinus Junior.	»	317–340	
1 » » Delmatius	»	335–337	

III

Considerações geraes

Approximaremos estas duas necropoles pelo caracter commum do seu espolio. Com effeito, as formas do mobiliario repetem-se e completam-se; a série total abrange todos os typos simples e mais triviaes, que tanto se encontram nas nossas estações lusitano-romanas, como nas necropoles e sepulturas isoladas, contemporaneas d'aquellas. Não são privativas de uma região e nem mesmo do nosso paiz. Para o provar, não merece a pena accumular citações forrageadas dos numerosos estudos de necropoles por todo esse velho mundo europeu que a civilisação romana dominou, a começar na Peninsula Italiana. São evidentes as affinidades, e quando não se egualisem os caractéres somaticos, um typo, um ou outro elemento principal se repete, legitimando esse parentesco archeologico.

Não obstante, cada caso tem em si distinctivos ethnographicos especiaes que o apartam dos outros consoante as epochas, as localidades, os meios ethnicos. Assim, de facto, entre os belgo-romanos, gallo-romanos, luso-romanos *et cœtera;* são differenciaes que, no geral, a carencia de perfeitos conhecimentos regionaes e de uma chronologia archeologica propria, não permitte definir com precisão. Estas necropoles do norte de Portugal ditas lusitano-romanas — e conservemos a provisoria designação por accommodaticia e vaga — teem na nossa archeologia protohistorica um cunho particular que lhes dá a sua normal rusticidade e pobreza, e o conjuncto uniforme do espolio funerario.

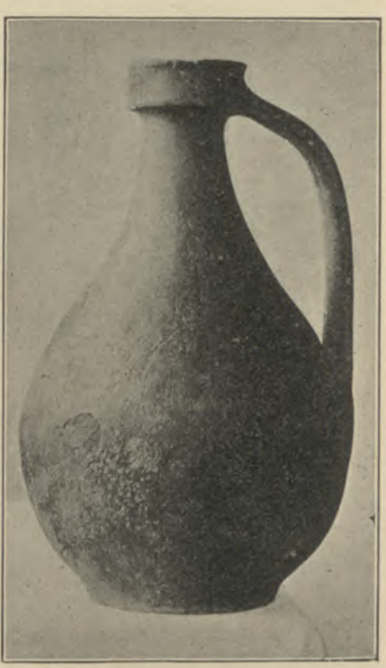


Fig. 19 — $1/3$ gr.

Percorrendo os raros museus locaes ou collecções de particulares, ahi se encontram repetidamente estas formas, só estas, com raras alterações de novidade; as variantes constam de peças exoticas, ou modalidades das poucas especies que a elementar olaria indigena conservou, e conserva actualmente, no seu barbaro tradicionalismo. A preferencia por determinadas formas, a sua modificação e appropriação pelos artistas do paiz, dar-nos-hão certamente caractéres de certa autochtonia.

Parece que, de verdade, não póde encontrar-se um dado cemiterio italo-romano completamente egual a outro gallo-romano ou luso-romano. Os espolios differençam-se

em seu todo e parcellas. Os diversos meios de cultura modificam diversamente uma dada civilisação, talqualmente a mesma semente que de terra para terra varía em seus productos. Permanecem tão sómente caractéres typicos fundamentaes, pelos quaes se denuncía a civilisação originaria, ou a natureza especifica da semente mãe.

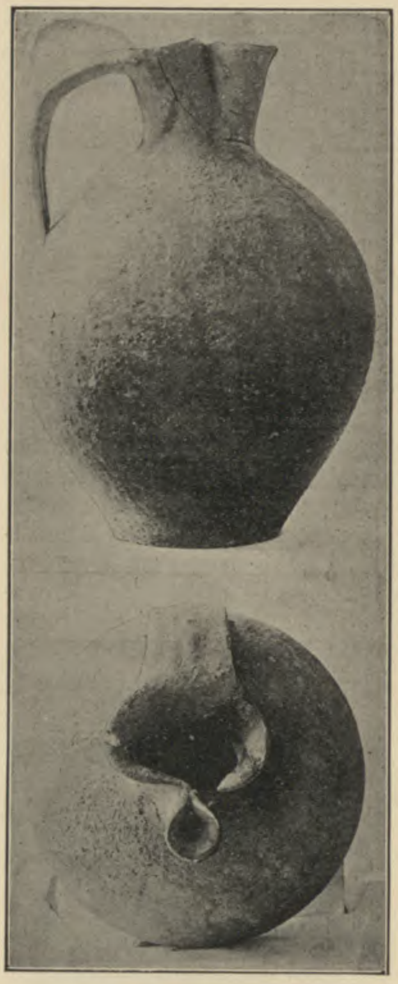


Fig. 20—1/4 gr.

Uma revista suissa da especialidade [1] publíca em recentes fasciculos o relatorio da exploração de uma grande necropole, de Giubiasco, a mais importante do valle do Tessino, perto de Bellinzona (fronteira Suissa-Italia). É um cemiterio, na quasi totalidade, de inhumação, cujos tumulos o auctor por commodidade distribue segundo os periodos *etrusco, gaulez* e *romano*. As caixas tumulares são rectangulares, de pedras e lages, como as de Bairral, e o mobiliario é na sua simplicidade e nos seus typos o que encontrei de mais semelhante ao nosso, particularmente quanto aos tumulos da epocha romana. Alguns vasos abertos, *catini* e *patinæ,* e outros com aza do typo da *lagœna* são de flagrante egualdade.

O auctor, seguindo Jubainville, considera de fundo ligurico o povo que deixou na toponymia local a terminação *asco,* commum em toda a região do Tessino. A civilisação, a que chamou de *epocha etrusca,* inclina-se a considerá-la como *etrusco-ligure.* E diz a pag. 273: «peut-être un jour, en comparant cette civilisation à celle qu'on trouve dans les autres régions où les Ligures s'établirent, peut-être serait-il possible de faire le part de l'élément étrusque et l'élément ligure, et d'établir une démarcation entre ces deux civilisations».

Fig. 21—1/4 gr.

Se bem pesquisarmos, outros cemiterios mais distantes, onde egualmente foi a civilisação romana, nos dão tambem uma ou outra forma typica e algumas semelhanças de ritual. Não nos dão, comtudo, caractéres tão completos como este exemplo de Giubiasco. ¿E não será para considerar que, encravados nos Alpes — á beira da prehistorica via commercial que pelo valle do Tessino conduzia ao do Rheno — existam similes ethnographicos dos nossos, em paiz de supposto fundo ligurico sob o dominio da civilisação romana? Não será o parentesco ethnico que se accentúa na similaridade dos symptomas ethnographicos?

[1] *Anzeiger für Schweiserische Altertumskunde,* Band VIII, 1906, n.os 2, 3 e 4. — D. VIOLLIER, *Fouilles exécutées par les soins du Musée National,* I, *Le cimetière préhistorique de Giubiasco.*

Para que não pése a philologos e ethnologos a denominação de *ligures*, qualquer que seja o seu significado ethnico, limitamo-nos a expôr a questão ao exame dos especialistas. E os estudiosos de necropologia que, comparando, verifiquem se não é pelos paizes de *ibero-ligures*, d'áquem e d'além Pyrineus, que se encontram — não desprezando outras influencias — os similes mais completos d'estes casos da nossa archeologia assaz nebulosa e imperfeita.

Tanto a necropole de Villa Verde como a de Bairral ficam sitas na proximidade de Castros, em regiões onde uma densa população existiu. A sua concordancia com as acropoles fortificadas é evidente em caractéres archeologicos. As moedas sepultas em Villa Verde servirão de commum balisa e marcar-nos-hão uma data — o seculo IV — da qual se usará com a devida latitude.

Fig. 22
Argola de bronze

Já n'este tomo da *Portvgalia* a pag. 268, foi verificada esta data a proposito do Castro de Villarinho de Cotas e José Fortes a aponta a respeito da necropole da Lomba de incineração.

O caso presente é de necropoles de inhumação. Não se cuidará porém de verificar o espaço que distancía os dois ritos funerarios, os quaes coexistiram em varios tempos e povos. N'este e no anterior fasciculo ficam exemplificados os dois casos coevos. O espolio é ainda de tão clara affinidade, que o material numismatico de Villa Verde ficará marcando entre nós mais um padrão a este estadío de civilisação denominada lusitano-romana, no ultimo periodo da dominação romana da Peninsula.

E aqui terminarão todas as possiveis conjecturas de chronologia, ethnologia e historia, as quaes competem a um estudo de synthese.

Pelo seu caracter geral de humildade e pobreza, na rustica singeleza das formas, na singularidade elementar d'esta eschatologia — formulas cultuaes e religiosas — estas necropoles ficarão como exemplos typologicos, ao lado das nossas *cividades* e *castros*, egualmente pobres e humildes.

Ricardo Severo.

A LOIÇA DE MIRANDA DO CORVO

I

No grande centro de manufactura ceramica que é o districto de Coimbra, avultam, entre as olarias rusticas, as de Miranda do Corvo pela sua intensificação productiva, pela amplitude do seu mercado e ainda pela sua elegancia formal.

O fabríco d'esta loiça commum e não vidrada, tão tradicional, adstringe-se aos logares de Carapinhal, Bujos e talvez ainda ao de Espinho [1], todos comprehendidos na area parochial e administrativa d'aquella villa.

O vasilhame de Miranda, embora a sua factura não seja das mais primitivas, exhibe varios dos defeitos apercebidos em toda a ceramica rustica do paiz.

A sua chromía oscilla entre o avermelhado e o amarello tostado, facto sobre que interfere, sem duvida, o irregular doseamento dos barros e o differente grau de cocção rudemente determinado. A pasta, em geral, é consistente, sonora e muito porosa.

[1] Em 1900, segundo informações recebidas em Miranda, apenas laborava uma olaria n'este logarejo.

Mas além do grupo de loiça fosca, a unica propriamente conhecida como de Miranda, ha a registrar o da vidrada, cuja producção é muito diminuta, largamente intercadente e apenas exigida por uma limitada procura local.

Em identicas circumstancias se nos offerece ainda a loiça negra manufacturada em Via Longa, logarejo serrano, a tres kilometros de distancia da villa, a cuja circumscripção concelhía pertence. Tanto uma como outra, áparte as necessarias referencias ás differenciações respeitantes á technica, são naturalmente extranhas ao nosso objectivo.

Indicando, ao deante, qual a natureza da materia prima empregada, cumpre revelar desde já as transformações que soffre desde a sua extracção, em blocos, das barreiras, até que se converta no vasilhame d'uma notoria esbelteza formal.

A argilla extrahe-se nos logares da Pisca *(barro branco)*, Traz do Cabeço *(barro vermelho)* e Valle do Salgueiro. A que deriva d'esta procedencia destina-se ás peças vitrificaveis como potes, talhas, etc.; a da primeira localidade, quando empregada simplesmente, produz a loiça preta da Via Longa e, misturada com a proveniente de Traz do Cabeço, origina a loiça mate, propriamente mirandeza.

Adquirida a materia prima conduz-se para a officina olarica. Esta, em geral, installa-se n'um telheiro annexo á habitação e constituido por um ripado de madeira coberto de telha vã que tres paredes de pedra solta sustentam: aqui se nos deparam o *barreiro*, a *curtidoira*, o *torno*, o *forno*, utensilagem e material accessoriamente indispensavel.

A operação inicial consiste no *amanho* do barro, ou seja *cortar* e *picar, curtir* e *empéllar*. O barro fragmenta-se no *barreiro* com uma enxada (cortar e picar), addicionando-se-lhe agua em tal quantidade que não só o torne pastoso, mas attenue tambem a ingratidão da tarefa; passa depois para a *curtidoira* — pequeno espaço terreo, cujo *lastro* é formado por uma crosta de *garanhotos* [1] longamente recalcados e fortemente endurecidos.

É na curtidoira que se curte a argilla submettendo-a ao piso lento dos pés, depois do lastro ser cuidadosamente varrido e areiado para evitar a adherencia da massa; em seguida, e ultimando o preparo, procede-se á escolha minuciosa d'esta para lhe subtrahir toda e qualquer particula de substancias extranhas, que porventura contenha e possam mais tarde prejudicar a formação ou a contextura dos vasos. Este exame faz-se, em detalhe, em pequenas porções d'argilla denominadas *péllas*, sobre uma pedra larga e polida — o *empélladoiro*.

Findo o amanho pelo serventuario, ou pelo proprio oleiro, segue a pélla para o torno, o simples apparelho d'origem multisecularmente distante, que accusa todavia um sensivel progresso na evolução da arte ceramica (fig. 1). Obedece ao sabido typo commum, compondo-se da massiça roda horisontal de madeira — a *folha*, do *eixo*, que se levanta perpendicularmente ao meio d'esta, passa atravez d'uma viga — a *travessa da adoquina*, e termina, ao alto, por um disco de madeira tambem — a *cabeça*, emquanto que a extremidade inferior, ponteaguda e munida d'um ferrão — o *pião*, gira sobre uma lage encravada no solo.

Adjuncto ao torno ha um taboleiro composto de varias tabuas sustentadas por *escóras*. Esse taboleiro é a *adoquina* e sobre ella repoisam o vaso com agua, a pélla prompta, utensilios e as peças modeladas aguardando a collocação das asas.

Para transmutar em loiça o pedaço informe de massa posta sobre a cabeça, o oleiro installa-se no *assento*, firma um pé na *esteveira* [2], com o outro faz rodopiar o torno por destros e fortes impulsos intermittentemente communicados á folha e então *abre o barro*, ou seja mergulhar os dois pollegares na argilla para d'ella arrancar imper-

---

[1] Detrictos varios de calhau, raizes, etc., agregados ao barro.

[2] Travessa de madeira horisontal, rente ao solo ou superior á folha, onde o oleiro fixa o pé inactivo.

turbavelmente as lindas galbas tradicionaes. Com rapidez emerge o embryão da peça, desenvolvendo-se e affeiçoando-se ao capricho das mãos do torneiro que, em successivas *tiradas,* ora se afastam, ora se unem durante a gestadora marcha ascensional, dirigida com certas solicitudes artisticas.

As estrias digitaes desapparecem ao contacto da superficie lisa d'um fragmento de canna — a *ferramenta;* é ainda com o agudo extremo d'esta que se executam, na pasta fresca, como na loiça pre e proto-historica, algumas das ornamentações dos vasos: linhas horisontaes e parallelas, as *silvas* (linhas quebradas), etc.

Repare-se, porém, que nem todo o vasilhame é feito d'um jacto. Não. As formas de proporções de mais vulto, a partir dos *potes* e *asados* para a agua até ás *talhas* para o azeite, são torneadas parcellarmente pela impossibilidade de conservar em equilibrio a integridade da modelação que a pasta molle e branda não permitte. N'aquelles organisa-se primeiro a parte superior do bôjo, mais volumosa e pesada — a *capella,* e depois a inferior — a *enchente,* que se sobrepõe áquella invertida. Quanto ás talhas fazem-se aos poucos, assim como na Grecia [1], com intervallos de 24 horas de seccagem, sendo necessario o concurso de dois oleiros, rodando um o torno, manufacturando o outro o barro, á semelhança do que se usava já no Egypto, na Hellade e em Roma [2]. Mas, se as dimensões d'estas vasilhas são exageradas, dispensa-se o torno, depois de modelado o fundo, e architectam-se em cima de qualquer plano, erguendo as paredes, lento e lento, n'um delineamento inevitavelmente irregular não obstante os continuos reparos e arranjos tendentes a conseguir uma conformação rasoavel.

Cliché de Sousa Pinto

Fig. 1 — Oleiro de Miranda do Corvo ao torno

Concluida a modelação da peça separa-se com um cordel fino — a *linha,* da massa d'onde irrompeu, e colloca-se ao lado sobre a adoquina para se lhe adaptarem as asas, *lisas* ou *trançadas,* após o que segue para o *enxugo.* Este obtem-se expondo a loiça enfileirada em *andaimes* (tabuas), ao sol no inverno e á sombra no verão, durante um ou dois dias; enxuta, as mulheres e filhas do oleiro ornamentam-n'a por fricção com a *pedra de brunir.*

Resta a cocção. Realisa-se esta no forno construido d'alvenaria e forrado d'adobe por dentro, tendo sobrejacente á *bocca,* a chaminé cuja extremidade transpõe o telhado.

O interior, denominado *caldeira,* divide-se em duas camaras: a superior, quadrangular, com abobada — o *sobrecéo,* e a inferior, que communica com a antecedente pelos *olhaes* ou orificios do pavimento divisorio — o *crivo,* e se chama propriamente a *fornalha,* sempre abaixo do nivel do solo, com duas aberturas lateraes para introduzir o combustivel e proceder ás inspecções necessarias. Tal é o specimen dos fornos mais modernos de Miranda do Corvo. Accusa algum aperfeiçoamento sobre o antigo, que predominava ainda no anno de 1900, de construcção menos cuidada, sem chaminé e com a

---

1 Guhl et Koner, *La vie antique,* I, *La Grèce,* pag. 198. Rothschild ed. Paris, 1885.

2 Daremberg et Saglio, *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines,* v. *Figlinum.*

camara superior da caldeira de secção circular. N'aquelle presente-se a influencia progressiva dos exemplares de Coimbra; n'este persiste a estructura dos fornos romanos que a technica olarica, cheia de apêgo ao passado, fez chegar, na sua rude pureza, até nós.

Reatando, cumpre elucidar que, sêccas as peças, enfornam-se, collocando-as methodicamente ás camadas, por maneira que os olhaes não fiquem interceptados, até encher a camara, deixando apenas um pequeno espaço livre, no cimo, para a tiragem; depois cerra-se a bocca a tijolo e barro — o *tapadouro*. Feito isto accende-se a fornalha introduzindo-se-lhe, durante umas seis horas e com o auxilio d'um forcado, o combustivel, constituido simplesmente pela rama de pinho tambem conhecida por *frangalho, agulha* ou *frança;* findo aquelle periodo de tempo barra-se a abertura inferior da fornalha e continua-se a alimentar a combustão pela superior durante mais quatro horas, além do que se paralysa devendo terminar a cosedura seis horas depois. No emtanto ha um processo empirico de verificação, que consiste em examinar um vaso adrede solto sobre a fornada e facil de sacar com uma vara — o *varredouro,* avaliando-se por elle o grau de cocção attingido.

Rematada a cosedura desfaz-se o tapadouro e extrahe-se a loiça, que depois se arruma e guarda por todos os cantos da habitação até ao momento de ser conduzida ao mercado.

A loiça vidrada, cuja producção restricta se determina pelo exiguo consumo local, está sujeita á technica descripta, áparte o processo de vitrificação. As peças que constituem este typo ceramico são: as talhas para agua ou azeite, as tarefas dos lagares, as manilhas para canalisações, os telhões, alguidares e caçoilas.

A argilla componente, e que a pratica solicita de preferencia para supportar o induto vitrificavel, provém exclusivamente do logar de Valle Salgueiro.

O vidrado, mau e grosseíro, consta de zarcão [1] e *lanoja* [2] diluidos em agua e peneirados, e applica-se ás vasilhas, ainda crúas e sêccas, banhando-as com um trapo embebido no liquido vernisante, ou então vertendo-lh'o por cima, depois do que vão para o forno a coser juntamente com a loiça fosca.

Sabidas quaes as procedencias e especies de barros empregados no fabríco da loiça de Miranda, resta conhecer-lhes a natureza que lucidamente avulta das analyses seguintes [3]:

LOIÇA FOSCA

ANALYSE DAS DUAS ARGILLAS QUE A COMPÕEM

I. *Barro do logar de Traz do Cabeço* (vermelho).

Côr	Vermelho
Côr depois de calcinado	Vermelho-vivo, levemente acastanhado
Não contém carbonatos.	
Residuo por levigação	6,4 %
Argilla	93,6

II. *Barro do logar da Pisca* (branco).

Côr	Avermelhado, côr de carne
Côr depois de calcinado.	Acastanhado
Não contém carbonatos.	
Residuo por levigação	3,2 %
Argilla	97,8

---

[1] A base plumbifera.

[2] Residuos de barro adherente ás mãos do oleiro depois de preparar a massa ou tornear um vaso. Identico vidrado se usa em Vianna do Alemtejo.

[3] A analyse completa é extrahida do notabilissimo livro do insigne chimico CHARLES LEPIERRE, intitulado: *Estudo chimico e technologico sobre a ceramica portugueza moderna.* Imprensa Nacional. Lisboa, 1899, pag. 49; as tres restantes foram feitas expressamente pelo mesmo douto professor da Escola Industrial Brotero, de Coimbra, para este insignificante relato ethnographico. A' gentil deferencia do illustre homem de sciencia renova o auctor os seus effusivos agradecimentos.

ANALYSE COMPLETA DE UM FRAGMENTO DE TALHA

Côr primitiva	Ocre amarellada
Agua e materias volateis	1,7
Silica	62,1
Alumina	23,9
Oxydo ferrico	7,3 } 9,8
Cal	1,6 } 9,8
Magnesia	0,9 } 9,8
Alcalis, etc.	2,5
	100,0

$$\frac{\text{Silica}}{\text{Alumina}} = 2{,}6 \quad \frac{\text{Alumina}}{\text{Somma dos oxydos}} = 70{,}9$$

Conclusão: Argilla ferruginosa plastica.

LOIÇA VIDRADA

ARGILLA DE VALLE SALGUEIRO

Côr	Amarello-clara
Côr depois de calcinada	Vermelha, tijolo-clara
Contém carbonatos, mas apenas vestigios.	
Residuo por levigação	36,4 %
Argilla	63,6

Por ultimo resta informar que uma *canniçada* ou *sebe* larga comporta a fornada de loiça procedente d'um forno de mais amplas dimensões, sendo necessarios, para a sua cosedura, oito a dez feixes de combustivel que os pinheiraes circumvisinhos fornecem; os fornos de proporções regulares apenas em dupla cosedura attingem aquella quantidade de loiça, consumindo seis feixes de lenha. Assim se avalia, pois, que o numero annual de fornadas em cada olaria oscilla entre vinte e quatro e quarenta e oito, conforme a capacidade do forno.

II

Não se encontra, decerto, no paiz, sob o ponto de vista formal, ceramica aldeã mais interessante que a mirandeza, pois nenhuma outra ostenta tão nobre pureza de linhas e tão distincto e gracioso contorno.

N'esses galantes vasos de barro feitos por obscuros oleiros de reconditas aldeolas beirãs parece resurgir, como um reflexo vivaz e preciso, o delicado sentimento esthetico da galba que deu um relevo inconfundivel aos productos dos ceramistas etruscos e hellenos. É irreprehensivel a correcção das formas, assaz suggestivas, na sua flexuosidade serena e eurythmica.

Começando pelas de inspiração mais simples, offerece-se em primeiro logar a *bilha,* tão gracil, no seu formato conjunctamente espherico e cylindrico. Originada naturalmente na calote primitiva, n'ella revivesce a configuração mais ampla do *aryballe* [1] ou a da *ambula* [2] e, quando com asa, uma das variedades da amphora frequente em Chypre [3]. Este

Fig. 2 - O pote

[1] DAREMBERG et SAGLIO, ob. cit., v. verb., figs. 544 e 545, pag. 454.

[2] *Ibid.*, v. verb., figs. 288 e 299, pag. 250.

[3] PERROT et CHIPIEZ, *Histoire de l'art dans l'antiquité,* t. VII, figs. 40 e 60, pags. 158 e 179.

hydrocerame de breves dimensões destina-se a ligeiras provisões d'agua; e quem conhecer de perto a vida de Coimbra comprehende o seu caracter quasi local poisando discretamente nos peitoris das janellas para a absorpção da frescura athmospherica ao cahir das tardes estivaes.

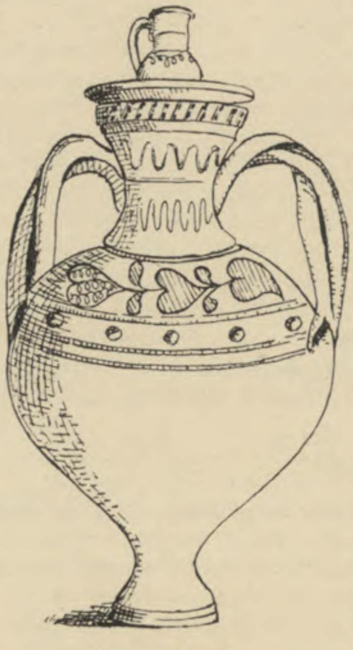


Fig. 3 — O asado

Depois, e como que procedente da bilha, vem a *picheira,* d'uma conformação admiravel. Persiste a esphericidade da pança, ás vezes canelada para mais realce do perfil, mas o collo ergue-se em leve tronco de cone invertido tendo a bocca trilobada; oppostamente ao bico rompe a asa em curva airosa. Recorda o gracioso *oenochoé* hellenico [1], se bem que mais remota seja a sua ascendencia.

Outro typo de galbas nitidamente differenciado se exhibe com mais vastidão e capacidade na maior parte.

O schema fundamental divisa-se no *pote,* onde se concentram similitudes ancestraes observadas na infinita modalidade das amphoras da ceramica etrusca, grega e romana, que n'elle revivem com toda a aristocracia das suas linhas. O recipiente sustenta-se n'uma base minguada e estricta, d'onde ascende, n'um esvasamento progressivamente crescente, até attingir a maxima dilatação que a pasta permitta, flectindo logo, a abobadar, até á bocca de curto diametro; d'esta partem as asas, em symetria, audaz e obliquamente, angulando breve para ligar, na queda, á convexidade. Rematado com o testo e o pucarosito, é d'uma esbelteza encantadora e d'uma harmonia inexcedivel. «A *sumicha,* por exemplo, com quatro decilitros de capacidade, tão maneira, tão graciosa, tão bem proporcionada a uma sede d'agua, é ainda hoje na olaria de Coimbra o pucaro consagrado, que no pote da região, de uma elegancia tão fina e tão attica, se encasa no alguidarinho que lhe serve de tampa [2]».

Mas, se o collo surge, se se supprime uma asa e a outra se desloca para o bordo, obtem-se a *cantara;* permanecendo, porém, as asas symetricamente entrançadas e se a garganta irrompe com maior elevação, eis o *asado.* A eurythmia das linhas attinge n'este vaso a sua maxima expressão. A sua architectura é muito bella pelas curvas magnificamente lançadas e pelas proporções admiravelmente sentidas. Ora, se no pote se encontram já sobrevivencias profundas da amphora, esta reproduz-se integralmente no asado com o hieratismo triumphal da sua forma desde as mais remotas tendencias para o modulo consagrado, isto é, desde o dominio da idade do ferro [3] e das civilisações pre e proto-hellenicas [4] até ao abastardamento romano [5].

Fig. 4 — O manigrepo

---

[1] A. JACQUEMART, *Les musées de la céramique,* t. II, pag. 62. — ED. POTTIER, *La peinture industrielle chez les grecs,* fig. 1, pag. 63.

[2] RAMALHO ORTIGÃO, *O culto da arte em Portugal,* pags. 132-133.

[3] OSCAR MONTÉLIUS, *La civilisation primitive en Italie depuis l'introduction des métaux,* pag. 290 e serie B. Pl. 53, fig. 10, pag. 470.

[4] J. MORGAN, *Nouvelles acquisitions du Louvre. Département de la céramique antique,* in *Revue Archéologique,* 1889, t. XXXIV, pl. III. — PERROT et CHIPIEZ, ob. cit., t. VI, *La Grèce primitive,* Paris, 1894, pag. 915, fig. 466. — JULES MARTHA, *L'art étrusque,* pag. 65, fig. 60 e pag. 469, fig. 306.

[5] DAREMBERG et SAGLIO, ob. cit., t. I, pags. 250 e 251, figs. 288 e 292.

No entanto, mais ligado com a cantara, existe o *cabaço* ou *manigrepe* com a mesma galba, a mesma asa superior e apenas divergindo na estreiteza do collo sinuoso e em comportar menos liquido.

Fig. 5 — O moringue

Com a mesma applicação, no geral, mais reduzido, resta o *morim* ou *morina* (moringue), tão vulgar entre nós e por tanto tempo considerado como de origem americana. Não obstante, cumpre accentuar a sua apparição em Mycenas e registrar a flagrante paridade do exemplar mirandez com a preciosa reliquia exhumada d'um tumulo de Creta [1].

III

A ornamentação que enfeita a loiça de Miranda não corresponde á delicadeza e aperfeiçoamento das galbas. Pelos elementos que a constituem, quasi se confina na estreiteza e penuria conceptivas da ceramica prehistorica a contar dos tempos neolithicos.

Com effeito, os motivos consistem nas pressões digitaes feitas, de quando em quando, nos bordos dos asados; nas incisões abertas com a unha e sobretudo com o puncção (a *ferramenta)* organisando linhas curvas, quebradas *(silvas)*, rectas, horisontaes e parallelas; e, principalmente, nos corações com frequencia floridos que se obteem pela fricção na pasta ainda crúa. Este ornato, que apparece já na Proto-historia, o mais vulgar e repetido, occupa toda a zona superior do bôjo dos vasos, associando-se ao elemento florico, aliás indeterminavel, onde predominam as gavinhas em espiral — a decoração tão caracteristica da primitiva arte iberica e exuberantemente assignalada nos espolios de Creta e Mycenas.

Cumpre dizer ainda que os asados, ou potes ou bilhas, constituem, por vezes, uma sentida prova d'affecto e então sobre a pança ostentam, por sobreposição, as iniciaes das pessoas dilectas a quem são offerecidos, como dadiva amorosa, e dois corações juntos com uma chave ao alto, o thema querido do symbolismo popular e corrente na lyrica:

> Aqui tens meu coração
> e a chave para o abrir...

IV

O oleiro mirandez não tenta a plastificação. Uma vez por anno, apenas, os filhos que seguem o aprendizado modelam no barro figuras e coisas, que mais impressionam a sua attenta curiosidade infantil e são mais facilmente adaptaveis á interpretação pela argilla. Modelação grosseira, monstruosa, elaborada com os recursos e illogismos de cerebros incultos, sem faculdades predispostas e attrahidas por incitamentos, ou desenvoltas em systematicos ensaios plasticos. Na maioria, assumptos zoo e anthropomorphicos, mal definidos, incomprehensiveis e inexplicaveis quasi, tal a sua barbarie anatomica ou estructural que só poderá parallelisar com os bisonhos debutes da arte humana.

Fig. 6 — Rosario

[1] Perrot et Chipiez, ob. cit., t. VI, *La Grèce primitive*, pag. 464, fig. 118.

Juntamente com esta imagetica tosca e sem significação attendivel manufactura-se em Miranda, para a feira annual do Espirito Santo, em Santo Antonio dos Olivaes, perto de Coimbra, a diminuta reproducção das vasilhas e outros motivos de distracção infantil, como fogareiros, assadeiras, cornetas, mealheiros, *alminhas* e as tradicionaes campainhas que fazem lembrar, quer isoladas quer em *rosario,* os *crepundia* da antiguidade classica e ainda encontrados nos tumulos christãos [1].

V

Não é facil dizer desde quando se acha localisado em Miranda o fabríco da loiça. O mysterio dos escassos archivos continua intangivel. Apenas d'uma secca informação do começo do seculo XVIII [2] se infere que o seu estabelecimento n'essa terra beirã data de epocha não muito proxima.

De longe fixados, os rusticos ceramistas ali radicaram, pois, para a pratica da arte humilde, mas tão tradicional e sympathica, de trabalhar o barro, na estricta fidelidade ao passado, fazendo reviver continuamente a pureza das linhas das formas herdadas.

Auxiliado pela mulher e pelos filhos que acanhadamente se abrigam sob o mesmo tecto, em despidos e desconfortaveis cubiculos e recantos, por entre as rumas da loiça, o oleiro de hoje arrasta uma existencia simples e primeva, sem ambições nem vaidades, longe de estimulos e absolutamente alheio a ensinos; e nada fornece melhor a ideia da malleabilidade da argilla que a resignada e passiva conformação de tal creatura ante a agrura pertinaz do destino e da sorte.

Deduzidos os dispendios da extracção do barro e seu transporte, do combustivel, da conducção da loiça para os centros de consumo e outros supplementares [3], é mesquinhamente recompensado o mister familiar e carinhoso, que obriga o loiceiro a uma labuta violenta, suspensa na officina para proseguir nas jornadas necessarias ás festividades dos Olivaes, do Bussaco e da Senhora das Necessidades em Poiares, ás feiras de Cantanhede e Montemór-o-Velho e aos mercados permanentes de Coimbra e Figueira da Foz, onde surge o exhaustivo intermediario.

A retribuição miseravel e outros factores conhecidos teem promovido o definhamento da ceramica mirandeza, circumscripta, em 1900, a umas dezeseis olarias, algumas das quaes subsidiadas pela lavoura. De resto cumpre accentuar os deploraveis enxertos e deturpações innovadoras, que muito se evidenciam já com a incriteriosa imitação de productos de varias procedencias.

Oxalá que estas palavras não sejam a lugubre toada do dobre de finados sobre a encantadora loiça rustica de Miranda do Corvo.

Abril, 1907.

MANUEL MONTEIRO.

---

[1] DAREMBERG et SAGLIO, ob. cit., verb. *Crepundia.*

[2] P.e ANTONIO CARVALHO DA COSTA, *Corographia Portugueza,* t. II, pag. 37: «O mayor trato desta Villa são oleyros».

[3] Não será despropositado exarar o custo parcellar dos varios serviços e operações: — O arranque de cada carro de argilla, custa 120 réis; o transporte de cada carro do local das barreiras para o local do fabríco, 300-400 réis; cada feixe de lenha, 120-150 réis; transporte d'uma caniçada de loiça para Coimbra, 1$200 réis; para Cantanhede e Montemór, 2$400 réis e a alimentação do carreteiro; salario maximo d'um operario, quando o ha: 400-450 réis ou 240-300 réis e comida; licença fiscal pelo exercicio do forno (em 1900), 3$800 réis annuaes.

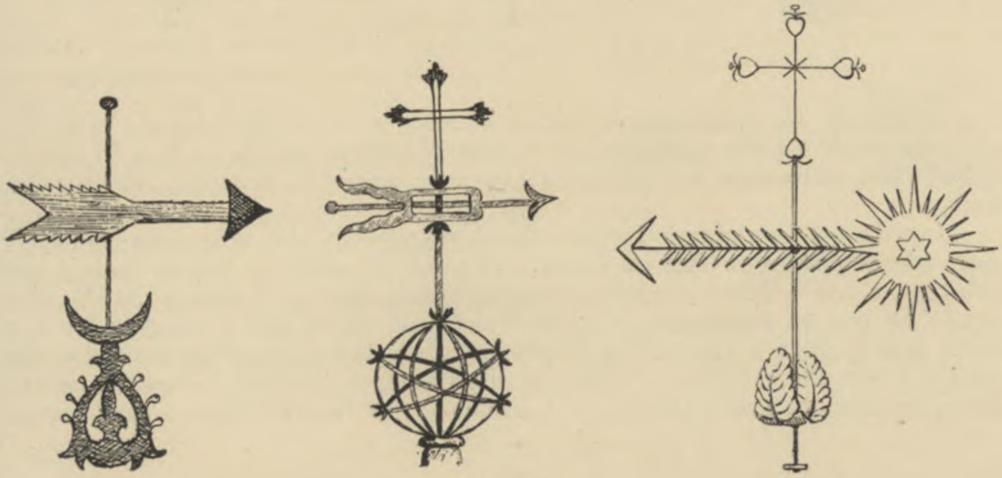
OS CATAVENTOS

Na meteorologia popular prognostica-se ácerca dos doze mezes do anno conforme os aspectos dos primeiros doze dias de janeiro; ou presume-se pelo vento que soprar á meia noite no dia da Senhora das Candeias, 2 de fevereiro, o vento dominante durante o resto do anno; ou conclue-se pela agitação atmospherica n'umas temporas d'onde prevalecerá o meteoro até ás seguintes; ou ainda mais restrictamente se avalía pelo vento do dia de S. Miguel, 29 de setembro, o estado do inverno que se approxima; ou, por ultimo, se infere da direcção observada á uma hora da tarde do dia da Senhora da Ascenção qual o vento estival de predominio. A verdade, porém, é que isto se vaticina e mal se admitte. Alguns adagios contradictam logo os prenuncios, pois

Quando Deus queria,
Do Norte chovia.

Quando Deus quer, com todos os ventos chove.

Vento e ventura,
Pouco dura.



Figs. 1 a 3

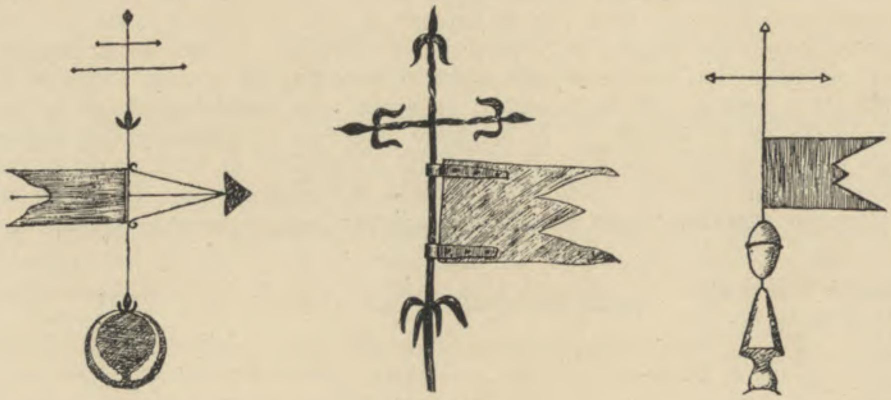
De mais firmesa é a illação diaria tirada dos aspectos celestes, associados frequentemente a relações com a ondulação orographica local. «Vem ahi o trovão», diz-se no planalto de Barroso ao observarem-se as formas de certas nuvens e a orientação da sua marcha. E a trovoada, ás vezes diaria no estio, em breve surge. No Soajo, formando-se ellas na portella de Tibo, apenas se «esbarram» em vento; mas levantando-se uns «penduricalhos» no rio, sitio do Cachão, e quando o castello da Nobrega «tem carapuça» irrompe a chuva. O mesmo succede em Castro Laboreiro quando as nuvens «fazem chapeu» lá para os montes do Gerez; e em Rebordãos, nas abas da serra da Nogueira, se «está o buraco tapado», ou sejam as nuvens ao nascente, a agoa é certa. Entretanto, como se diz no Soajo:

Chuvas de verão,
É como amores em vão.

A «maré pica de cima» ou a «maré pica de baixo» são as formulas com que ordinariamente se distinguem os ventos norte e sul que annunciam bom ou mau tempo.

Todavia, e em regra, quando o vento do sul é forte, a chuva não se prolonga tanto como se é mais brando do mesmo quadrante (Castro Laboreiro).

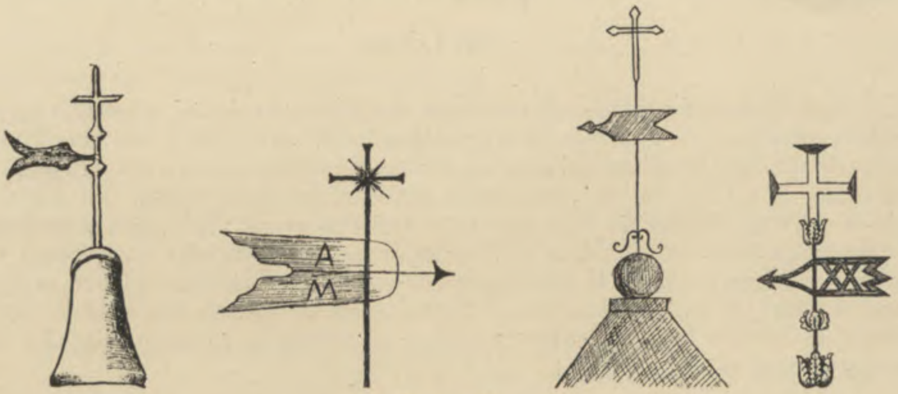
Outras previsões fundamentadas em varios aspectos de nuvens, do orvalho e circumstancias, logares e horas em que se mostra, de attitudes dos animaes e até da agoa das fontes, asseguram nevoeiro ou chuvas proximas, os trovões ou as nevadas.



Figs. 4 a 6

E mais quando aos trabalhadores seccam as mãos e não se agarram aos cabos das enxadas é signal de chuva, como é de trovoada, pela tarde, quando, na faina do centeio, a palha tem difficuldade em guardar o grão e se resente da humidade (Castro Laboreiro).

Decerto que com alguns d'estes e outros prognosticos nem sempre condiz a realidade ulterior dos factos. Mas em muitos a experiencia assegura a certesa, tanta e precisa como a tem o aldeão, e o serrano principalmente, quando se orienta. Assim, pelos cumes dos montes descobertos se guiam, como pela altura do sol calculam a hora e ainda pela direcção e extensão da sombra (Barroso). Depois do dia governa-os o sete-estrello e por elle sabem se a noite vae alta (Nogueira, Barroso, Laboreiro). Se pela tarde, emtanto, ha muito nevoeiro, é o orvalho que os esclarece sobre a approximação



Figs. 7 a 10

da noite. «Já *lóze* o orvalho», isto é, já luz e portanto a noite chega (Castro Laboreiro). Só quando o *camasso* ou camada de neve é tal que tudo é branco (Barroso) os mais sabidos se perdem nos caminhos; os homens enterram-se até aos joelhos; os gados

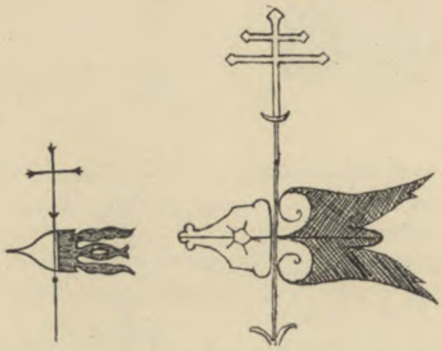
não podem marchar, sequer para irem beber; e, na serra das Alturas, não é possivel mesmo sahir por um e por dois mezes.

Ainda outro impedimento de orientação, mas mais ephemero, vem com a nevoa. Ha a esperar que se dissipe. E entretanto afugentam-a com esconjuros, com formulas rimadas. Em Meirinhos, no concelho de Mogadouro, os rapazes, quando pela manhã a olham, increpam-a e mandam-a para a Villariça:

Figs. 11 e 12

Névoínha peidorreira,
Vae para os cantos da ribeira,
Que está lá uma porca parida com leitões.
Come-lhe os leitões,
E manda a porca para os berrões.

As grimpas, emtanto, sempre que as ha, são naturalmente observadas, uma vez que este simples apparelho, limitado frequentemente a uma bandeirola movendo-se em torno d'um eixo vertical, indica a direcção do vento e, derivativamente, certos estados atmosphericos. Rara é a torre que não remata em veleta. De dia, pois, e sem nevoa, a freguesia tem na séde o instrumento que logo a elucida, mais ou menos grosseiramente, sobre o tempo provavel.



Figs. 13 e 14

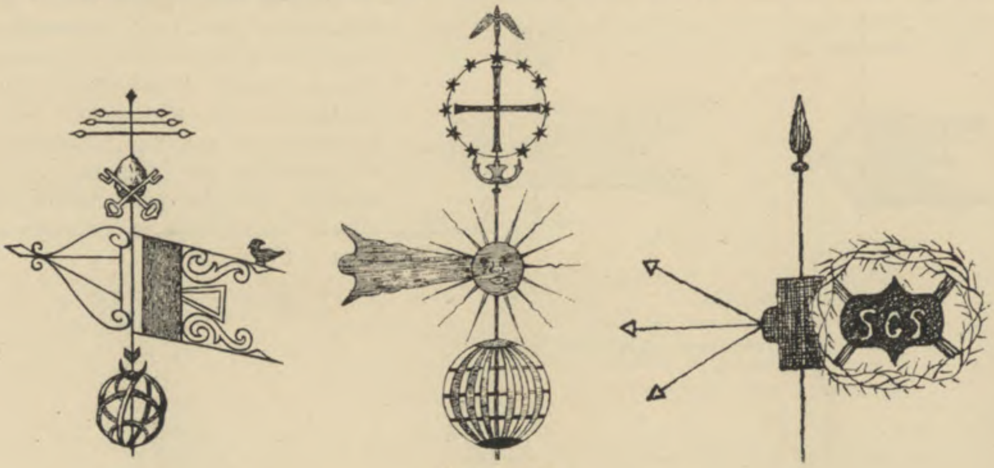
Este apparelho, a um tempo orientador e ornamental, procede da alta edade-media tendo sido a principio um signal de nobresa [1] e portanto um privilegio senhorial [2]. Além das edificações nobiliarias, só tinham direito a exhibil-as as construcções ecclesiasticas. De sorte que figuravam muitas vezes as armas do mosteiro e do senhor em recorte na chapa, pintadas ainda e douradas, ou outros symbolos da heraldica, como corôas e leões rompantes. Nos seculos XIV e XV as grimpas convertem-se em verdadeiros ornamentos. E como desde os fins do seculo XI a torre, depois de ter sido uma fortificação que protegia a egreja, comece a prestar-se ás combinações mais diversas e as suas funcções se multipliquem com uma liberdade cheia de phantasia, tornando-se um poderoso instrumento de decoração e de orgulho para cathedraes e mostei-

Figs. 15 e 16

[1] VIOLLET-LE-DUC, *Dict. raisonné de l'architecture française du X au XVI siècle*, VI, voc. *Girouette*, pags. 28-9. Bauce ed. Paris, 1863.

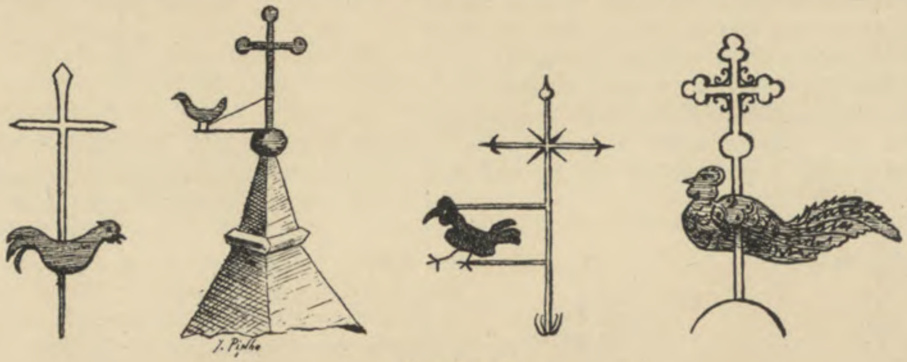
[2] CAMILLE ENLART, *Manuel d'archéologie française depuis les temps mérovingiens jusqu'à la Renaissance*, II, *Architecture civile et militaire*, pag. 177. A. Picard ed. Paris. 1904.

ros [1], as proprias ornamentações dos remates mais se acuminam e alindam. Umas vezes a decoração exclue a ventoínha e apenas consiste em combinações de folhas e flores,



Figs. 17 a 19

aves e outra fauna de imaginação, figuras humanas e cupidos, de loiça, ferro, chumbo ou zinco e do mesmo passo notaveis pela belleza de execução e graça [2]. E' a estes ornamentos em ponta que correspondem, nos monumentos arabes, as terminações aceradas que um crescente fecha [3]. As mais das vezes, porém, a veleta apparece



Figs. 20 a 23

sob a forma de monstros alados, dragões e animaes phantasticos [4], do archanjo S. Miguel, anjos e navios [5], do gallo principalmente [6], tudo mais ou menos histo-

---

[1] Louis Gonse, *L'art gothique*, pags. 110-1. Quantin ed. Paris, s. d. — André Michel, *Histoire de l'Art*, capitulo de Camille Enlart, *L'architecture romane*, I, 2.ª parte, pags. 450-2. A. Colin ed. Paris, 1905.

[2] Henry Havard, *Dict. de l'ameublement et de la décoration depuis le XIIIᵉ siècle jusqu'à nos jours*, II, voc. *Épi*, pags. 503-4 e figs. 339 a 342. Quantin ed. Paris, s. d. — Viollet-le-Duc, ob. cit., V, mesmo voc., pags. 271-87.

[3] Prisse d'Avennes, *L'art arabe d'après les monuments du Kaire*. Morel & C.ie eds. Paris, 1877.

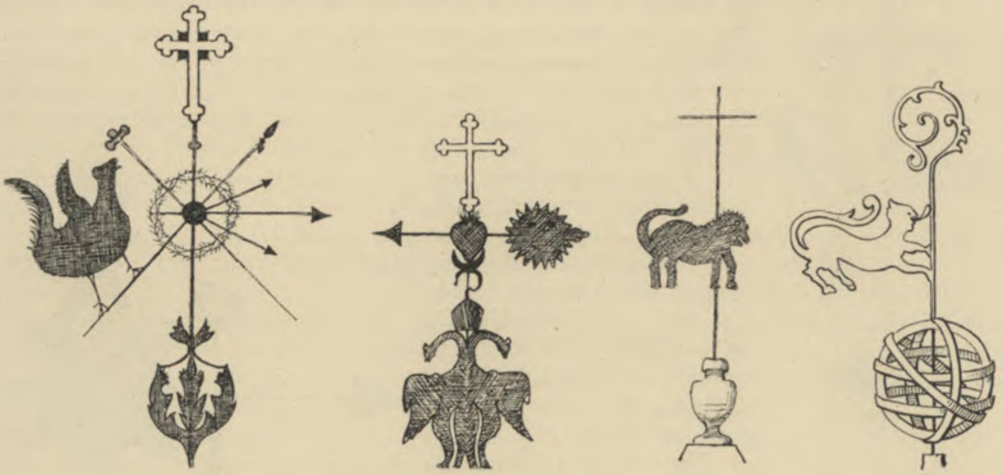
[4] Havard, ob. cit., voc. *Girouette*, pag. 1099. — Viollet-le-Duc, ob. cit., VI, voc. *Croix*, pag. 427.

[5] Enlart, *Manuel* cit., pag. cit.

[6] Viollet-le-Duc, ob. cit., VI, voc. *Croix*, pag. cit., e voc. *Coq*, pags. 305-6.

riado e até, da Renascença ao seculo XVII, com a assignatura ou inspiração d'um artista emerito [1].

A serralheria portuguesa concorreu tambem, com a humildade caracteristica da



Figs. 24 a 27

industria popular nacional, para a indigente ornamentação dos acumes das torres e, mais restrictamente, de castellos, de pharoes, de pelourinhos (Rates), de chafarizes (Barcellos), de moínhos, de telhados, de chaminés (Alemtejo) e até d'um mastro ou vara ao alto, em campos e quintaes. Dominam, todavia, as de ferro nas egrejas. A flecha, designadamente adstricta a indicar o rumo do vento, é simples, associada a folhagens, á cruz e á esphera armillar, recortada outras vezes e até modificada na sua

Figs. 28 e 29

configuração habitual, substituindo-se por um sol a massa posterior e mais pesada. São exemplos as que se vêem em muitas habitações particulares (fig. 1), a do convento dos dominicos de Amarante (fig. 2) e a do santuario da Senhora da Abbadia (fig. 3).

---

[1] Havard, ob. cit., voc. *Girouette*, pag. 1100.

A combinação da bandeirola e da flecha é patente na egreja de S. Victor, em Braga (fig. 4), pois a bandeira apenas, como as de Santo Thyrso, de Moreira da Maia, de Santo Ildefonso, no Porto, da Alcaçova, em Montemór-o-Velho, de Travanca (fig. 5) e da capella do Bom Despacho, em Ancêde (fig. 6), são menos communs na singelesa dos seus breves recortes. A regra é accusarem a suggestão da flecha, como a do pelourinho de Rates (fig. 7), a do Carmo de Braga (fig. 8), a da capella da Senhora da Graça de Villa Cahiz (fig. 9) e a do mosteiro de Refojos do Lima (fig. 10). E a desfiguração d'esse elemento sempre transparece, aliás, em exemplares como a da casa particular do Trasladario, nos Arcos de Val de Vez (fig. 11), ess'outra dos Arcos (fig. 12), a de Santo Antonio dos Frades, em Ponte do Lima (fig. 13), a do Populo, em Braga (fig. 14), a da Misericordia de Amarante (fig. 15) e a da matriz de Ancêde, em Baião (fig. 16).

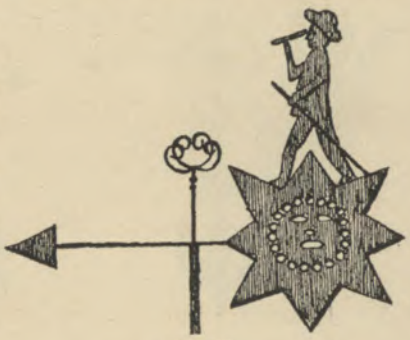


Fig. 32

Com os mesmos accessorios da cruz e da esphera armillar, mas mais historiadas e accrescidas, são as da egreja do Espirito Santo, nos Arcos de Val de Vez (fig. 17), e a da capella de S. João do Souto, em Braga (fig. 18) [1]. A do Oratorio da Senhora da Saude das Carvalheiras, n'esta ultima cidade (fig. 19), é apenas uma interessante substituição pelos cravos e a corôa de espinhos.

Tam frequente é ainda o gallo, symbolo da vigilancia, vulgarissimo nas torres de numerosas egrejas christãs [2], e já empregado de datas longinquas [3]. Alguns mesmo assumiam proporções grandiosas: o da torre da Ajuda, cuja veleta de bronze attingia

Figs. 30 e 31

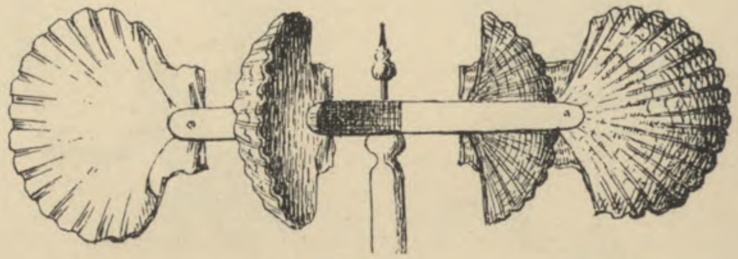


Fig. 33

31 palmos de alto, media 18 do bico á cauda [4]! Nas casas particulares ou seus anne-

---

[1] Pela distancia e situação do desenhista em relação ao objecto esboçado, algumas das grimpas figuradas não apresentam o rigor de perspectiva nem a minucia de pormenor que os embaraços accusados explicam.

[2] VIOLLET-LE-DUC, ob. cit., VI, voc. *Coq*, pag. 306. — PAUL SÉBILLOT, *Les travaux publics et les mines dans les traditions et les superstitions de tous les pays*, pag. 383. Rothschild ed. Paris, 1894.

[3] VIOLLET-LE-DUC, ob. cit., VI, voc. *Croix*, pag. 432.

[4] RIBEIRO GUIMARÃES, *Summario de varia historia*, V, pag. 175. Rolland & Semiond eds. Lisboa, 1875.

xos (fig. 20), em Cedofeita e Carmo, no Porto, nas matrises da Trofa, de Ponte do Lima, da Campeã (fig. 21) e de Castro Laboreiro (fig. 22), na egreja da Senhora das Dôres, da Povoa de Varzim (fig. 23), na Lapa, em Braga (fig. 24) e em outras e innumeraveis torres e campanarios, o gallo apparece, ou associado simplesmente á cruz ou a folhagens e emblemas ornamentaes. Outras aves raramente pretextarão o ornato accessorio das grimpas, como o caso das duas geminadas no Seminario de Braga (fig. 25), ou então o papel exclusivamente decorativo do admiravel pelicano de bronze da Sé de Vizeu, inicialmente estante de côro, e durante muito tempo adaptado, depois de mutilado, a uma torre da cathedral, por cima do sino do relogio [1]!

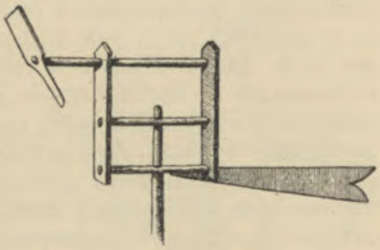


Fig. 34

Da fauna ha ainda os peixes, principalmente nas povoações da beira-mar (Mattosinhos, Santa Cruz do Bispo, Lavra, etc.), os leões mais ou menos barbaros como o da egreja de Pico de Regalados (fig. 26) e os dragos da fauna mythica, como o do mosteiro de Santa Maria de Bouro (fig. 27), já de remota concepção e uso [2].

A iconographia dos anjos é mais vasta e variada em pormenores. Vêem-se com a mitra e o baculo no hospital de S. Marcos de Braga (fig. 28), com o calice em Guimarães, com o sol na matriz de Fão e na egreja de S. Francisco, em Ponte do Lima (fig. 29), com a tuba em S. Bento, no Porto, e em S. Martinho de Gallegos, junto a Barcellos, com outros emblemas em S. Paio, nos Arcos (fig. 30), com arco e setta na egreja de S. Domingos, em Amarante (fig. 31), com a espada em Guimarães e no santuario do Allivio, em Soutello, e com o gladio ondeante na matriz de Monsão. Este motivo decoral, de execução mais difficil, é tambem dos mais generalisados nos templos christãos; e occorre relembrar o celebre *anjo de ouro* do campanario de S. Marcos, em Veneza, esculptura de madeira de 5 metros de alto, revestida de chapas de bronze dourado e inaugurada solemnemente como cataveento no primeiro quartel do seculo XVI [3].

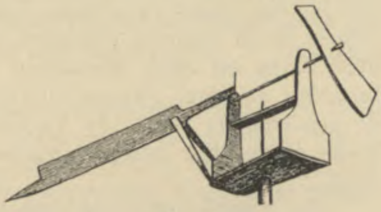


Fig. 35

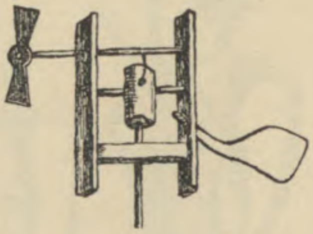


Fig. 36

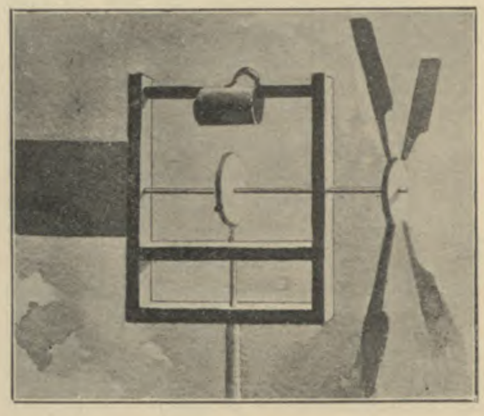


Fig. 37

Veem por ultimo, e d'ordinario na habitação privada, outras figuras alheias aos themas convencionaes, como o homem sobre um sol e que consulta os astros, n'uma casa da Povoa de Varzim (fig. 32), o homem que

---

[1] FILIPPE SIMÕES, *A Exposição retrospectiva de arte ornamental portugueza e hespanhola em Lisboa*, pag. 78. Typ. Universal. Lisboa, 1882.

[2] HAVARD, ob. cit., II, voc. *Girouette*, pag. 1099. — ENLART, *Manuel* cit., II, pag. 177.

[3] GABRIEL PEREIRA, *O Campanario de S. Marcos*, in *Bol. da R. Assoc. dos architectos civis e archeologos portuguezes*, serie IV, fasc. 5.º, pag. 32. Lisboa, 1902.

maneja um alfange, o miliciano que aponta uma espingarda, o cavalleiro que galopa, o cavalleiro que peleja (Povoa de Lanhoso), outras mais.

De toda esta obra de serralheria só excepcionalmente se aparta uma grimpa mais interessante de concepção e realisação, como as já alludidas de S. João do Souto, de Monsão e de Bouro e ainda a agradavel cruz ornamentada de Santa Eugenia de Rio Côvo, perto de Barcellos. No norte, como no sul [1], as veletas e outra obra artistica de ferro manifestam vivamente a subalternidade portuguesa ante a sumptuosa variedade e merito artistico da obra similar hespanhola.

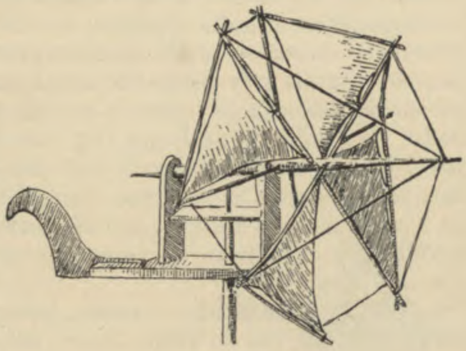
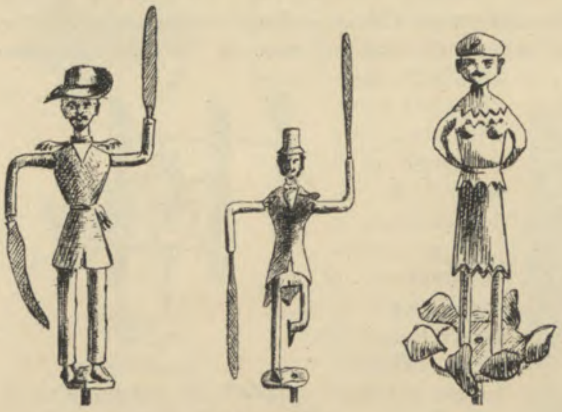


Fig. 38

Entretanto não se limitam ás grimpas os pequenos instrumentos de engenho popular accionados pelas correntes aereas. Ha-os que são exclusivamente decorativos; outros destinam-se a afugentar as aves que assaltam os fructos; outros ainda são ventoínhas reguladoras, mais ou menos. Um muito interessante pela simplicidade, graça e utilisação d'um recurso commum e local é a especie de anemometro executado com duas varas em cruz, rematando cada extremidade com a valva concava d'um lamellibranchio do Gen. *Pecten*, o *P. maximus*, L. (fig. 33). Usam-o em varias freguesias do concelho da Povoa de Varzim, como Amorim (Abremar), Beiriz e Terroso, dando assim ás conchas uma das varias applicações, ou ornamentaes ou utilitarias, já conhecidas [2].

Na mesma região até uma canna, com um velho retalho de sola figurando de bandeira, serve de catavento. O modelo, porém, mais geral é o denominado *ventiéla* (fig. 34) commum não só em todo o concelho, mas ainda n'outros e com ligeiras alterações constructivas, como em Bouças, por exemplo (fig. 35).



Figs. 39 a 41

Annexando á ventiéla uma velha vasilha de folha de ferro e duas pedritas suspensas por fios do eixo movel, de sorte a percutirem repetidamente a lata quando o apparelho está em movimento, temos o cata-vento, *corta-vento* ou *bate-bate* que afugenta a passarada das figueiras e das vinhas. É a *taraméla* de Ponte do Lima (fig. 36), a *tarabella* de Lindoso e Miranda, a *cacaréla* de Melgaço, o *ratatau* e *catraméla* de Santa Martha de Penaguião, a *ralhadeira* do Soajo, o *batedor* de Barroso, o *rigibó* ou *ruge-ruge* de Cabeceiras e do Arco de Baúlhe (fig. 37), um modelo geral, emfim, com estas designações ou outras, empregado em quasi todo o paiz para semelhante destino — como, para a defesa dos ervilhaes, o casaco, as calças e chapeu velhos suspensos de dois paus em cruz e formando o geralmente denominado *espantalho*.

---

[1] Gabriel Pereira, *Estudos eborenses*, fasc. VII, pag. 25. Minerva eborense. Evora, 1886.

[2] Rocha Peixoto, *Notas sobre malacologia popular*, in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, I, pags. 75-90. Porto, 1890.

A designação barrosã de *batedor* applica-se, aliás, em Lindoso a outro engenho com intuitos semelhantes, ou sejam de espantar a *beadilha*—bichos bravos, como o texugo e a raposa—mas em que o vento não interfere. É uma caixa de madeira disposta sob um veio de agoa que vem d'alto. Ao fundo addiciona-se-lhe uma longa taboa que remata por um mascôto e cujo peso, quando a caixa está vasia, inclina esta para a frente. Enchendo-se de fluído, o recinto então pesa mais, ergue-se veloz e logo verte e se esvasía. Volve, pois, á posição inicial, isto é, inclinando-se para o lado do mascôto; e ao voltar este bate rijamente n'uma taboa sobjacente. São estas pancadas successivas e espaçadas que amedrontam e afastam a bicharia.

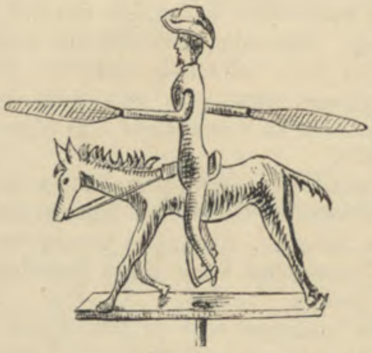


Fig. 42

Fig. 43

A intenção ornamental determina a adopção d'outros brinquedos em que do vento apenas se deseja motricidade, sem nada inquirir do rumo em que caminha. São as flammulas e bandeiras dos *coruchos* ou cupulas das moreias (Ponte da Barca, Barcellos, etc.), associadas frequentemente a cruzes floreadas, a estrellas, a arcos de festa, e ás vezes mesmo ao pucaro invertido que corôa as mêdas (Maia, Bouças, Porto, etc.); são as reducções dos moínhos de vento (fig. 38) com os mesmos pannos e varaes, em logares, como Laundos e Terroso, no concelho da Povoa de Varzim, onde funccionam estas rudimentares estancias de moagem; são os curiosos bonecos de madeira que se veem nas hortas, jardins e campos desde Barcellos e Povoa de Varzim até á Maia e parte do concelho de Bouças. O exame das figuras, todas pintadas a côres vivas, logo indica como se effectua o andamento (figs. 39 a 42). Outr'ora, em Azurara, raro era o quintal que não possuía uma ventoínha figurada, em regra esculpida por marujos em descanço. E em alguns casos, que hoje só por acaso se observam na area dita, em vez d'uma figura havia muitas, peões e cavalleiros batalhando sobre uma circumferencia com cerca d'um metro de diametro.

Ainda um barco, com a cordoalha de arame e as vélas de tecido de algodão (fig. 43) estava organisado e orientado de sorte (Povoa de Varzim) a realisar movimentos que imitavam

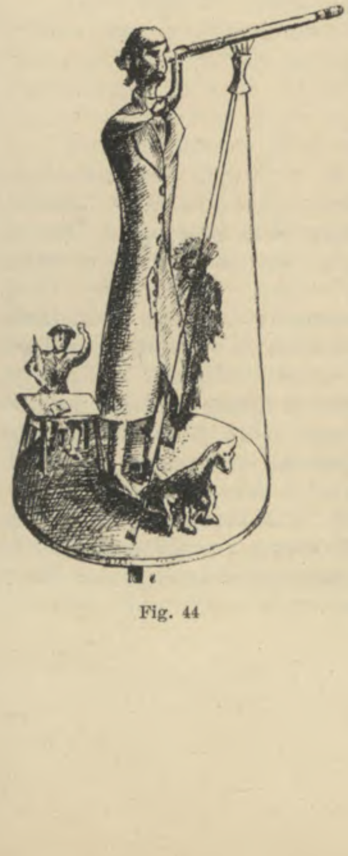


Fig. 44

Fig. 45

a marcha d'uma nave. Mas já outra esculptura immovel, do mesmo habilidoso, apenas manifestava, a seu modo, um symbolismo: era um *saragoçano* em face do tripé que sustentava o oculo de alcance e inquirição; á frente o cão fiel; a um lado um anjo inspirador, sustentando nas mãos os astros sobre cuja influencia incidiam as observações do astrologo; atraz, e a uma meza, o secretario que registrava as observações e os algarismos (figs. 44 e 45).

Como arte popular esta esculptura lembra os brutescos que os ceramistas de Aveiro fabricavam para ornamento dos telhados. Apenas os esculpidos e levantados para ventoínhas teem sobre aquelles o interesse do movimento.

Fig. 46

Ora nem só as creanças, com os seus *corrupios* e *gregorios* (fig. 46), se apropriam do vento como agente do brinquedo: tambem o homem, independentemente da utilidade orientadora do engenho, edifica grimpas e cataventos que o mesmo motor faz trabalhar para seu regalo esthetico—bem limitado, em verdade!

Porto. Janeiro, 1907.

ROCHA PEIXOTO.

ETHNOGRAPHIA AMARANTINA

II

A PESCA

A quem se propõe estudar a ethnographia d'uma região, quer esta seja do interior, quando atravessada por uma maior ou menor rêde hydrographica, quer seja do littoral, uma das industrias mais interessantes, sob todos os pontos de vista, é com certeza a pesca.

E tem esta então a maior importancia quando essa região é como o accidentado concelho de Amarante, cujas montanhas e serras, que o cercam na sua quasi totalidade e d'onde, de cachoeira em cachoeira, se precipitam os varios confluentes do Tamega, impedem por formas mil que o progresso chegue até esses povoados perdidos no meio d'ellas; pois é nesses logares, onde ainda não pôde chegar a luz da civilisação, que hoje se conservam puros, verdadeiros factos de sobrevivencia, os processos mais primitivos.

Além d'isso a rêde hydrographica do concelho (fig. 1) é bastante completa, os rios são abundantes em pescado e, se não sempre, pelo menos em alguns mezes do anno, a pesca é uma bella fonte de receita para as povoações ribeirinhas que a fazem de todos os modos ao seu alcance, como passo a descrever.

QUADRO SYNOPTICO

- A pesca popular póde fazer-se
  - SEM A INTERVENÇÃO DO HOMEM
    - Armadilhas com engodo........................ Covo; Cana; Fio; Corda
    - Armadilhas sem engodo........................ Caniço; Roda de capas; Galripo; Rêde boqueiro; Malheira
  - COM A INTERVENÇÃO DO HOMEM
    - Matando o peixe........................ Substancias explosivas
    - Atordoando-o ou matando-o........................ Substancias venenosas; Martellão
    - Apanhando-o vivo.
      - na agua ..
        - Espera..
          - com rêde .. Mingacho; Paciencia
          - sem rêde .. A' cana
        - Busca...
          - com rêde .. Tesão; Chumbeira
          - sem rêde .. A' mão; A' cana
        - Batida..
          - com rêde .. Malheira; Tresmalho; Varredoura; Tesão; Rêde boqueiro
          - sem rêde .. Cesto
      - em secco........................ Estancada

PESCA SEM A INTERVENÇÃO DO HOMEM

ARMADILHAS

As armadilhas de pesca, cuja definição é identica á que se deu para as de caça, podem tambem, como aquellas, ter ou não engodo.

COM ENGODO

Covo (fig. 2) — Esta armadilha, formada pela sobreposição de dois cones da mesma base e alturas differentes, sendo a maior de metro ou pouco mais, é feita de varas, em geral de castanho ou salgueiro, e tem duas aberturas: uma circular na extremidade do cone interno para a entrada do peixe e outra rectangular, quasi no alto do externo, e que serve para por ella se deitar a *ceva* e tirar o peixe.

Ao cone interno dá-se o nome de *nassa* e a sua abertura é guarnecida de varas aguçadas para impedir a sahida do peixe; a abertura externa chama-se *porta* e é tapada com ramos ou um pedaço de cortiça.

O covo, geralmente *cevado* com pão ou sangue de boi, sendo-o tambem bastantes vezes com rijões de sebo e restos de comida, está preso á margem pela *prisoeira* feita d'um simples sarmento de vide ou d'um fio d'arame zincado. Costuma levantar-se duas vezes por dia e, como além de ser barato, pois só custa 400 a 500 réis, dá bastante resultado, é por todos conhecido e largamente usado.

Cana — Instrumento de pesca de uso quasi geral a cana compõe-se, como todos sabem, de duas partes: uma haste flexivel, comprida e leve, para o que se escolhe a cana vulgar, o bambu ou mesmo uma vara de salgueiro ou aveleira, e a *sedella,* fio a que está preso um anzol, raras vezes dois, e que póde ser feita só de crinas vulgarmente chamadas *cabellos cócos* ou então parte de torsal, parte de crinas, sendo sempre a estas que o anzol se prende.

Porém, como a ponta da cana é bastante fragil, tornando-se com o tempo ainda mais quebradiça, é costume, para evitar que esta se separe do troço, deitar-lhe o *trincafio* feito d'um barbante ou fio de norte enrolado na ponta, onde se lhe deixa

uma azelha para prender a rodella e que depois segue, atando ou dando laçada junto dos nós, até approximadamente meio da cana.

Ora sempre que a cana está a funccionar como verdadeira armadilha, isto é, quando o pescador a abandona depois de iscada para só a ir levantar passado um espaço de tempo maior ou menor, diz-se que está de *manjoada,* e é necessario pôr-lhe um *sarilho* para, se o peixe fugir com ella, facilmente se apanhar.

O sarilho (fig. 3), mettido numa vara fortemente cravada no chão, é um grosso canudo de cana de $0^{m},20$ de comprimento em que se dobou grande quantidade de fio a que a cana está presa e que lhe não oppõe resistencia, quando ella foge.

Fig. 1 — Rêde hydrographica do concelho de Amarante

A pesca de manjoada é quasi exclusivamente feita ao barbo *(Barbus Bocagei);* e é este um dos processos por que se apanham os maiores, servindo de isca o gaimilo, a tripa de frangão, a codea de pão, a castanha assada, a uva e a cereja.

Fio (fig. 4) — O fio substitue a cana nas aguas fundas. Tem quasi sempre dois anzoes presos por *cabellos* torcidos ás extremidades de um pequeno fio d'arame, que só serve para os separar, e leva uma *chumbada* muito mais pezada que a da cana, á qual apenas se deita uma pequena espira de chumbo.

Não se emprega o sarilho, mas sim um *carrinho* de lata (fig. 5) com mola e roda dentada em que o fio está enrolado e que funcciona da mesma forma. É muito usado no Tamega.

Corda (fig. 6) — É uma simples enleia ou um resistente cordel de tição, sendo preferido este, embora mais caro, por ser mais forte e durar mais tempo, a que estão atados os anzoes por delgados cordões de fio de norte chamados *remaes,* á distancia de $0^{m},25$ a $0^{m},30$ de comprimento uns dos outros. Se a corda é pequena ata-se-lhe só uma pedra em cada uma das extremidades ou sómente numa d'estas, se na margem ha a que a prender, e é lançada de terra; porém, se tem muitos metros de comprimento só póde ser deitada com barco, leva mais uma pedra no meio e ainda assim

fica preza á margem. A corda é quasi só empregada para a pesca do eiroz *(Anguilla vulgaris)*, quando os rios vão sujos, podendo apanhar tambem outro qualquer peixe.

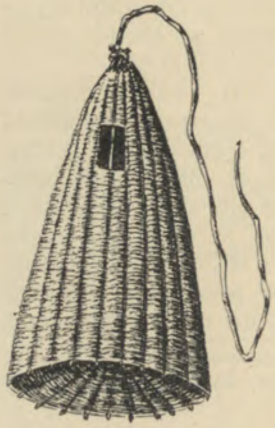


Fig. 2—Covo

Os barcos empregados são de duas especies: o ordinario (fig. 7), de fundo chato e de 3 a 4 metros de comprimento e a *gamella* (fig. 8) com as mesmas dimensões d'aquelle, do qual sómente differe por ter o fundo approximadamente triangular. Ambos são movidos á vara ou a remos (fig. 9), as mais das vezes apoiados em forquilhas de ferro ou pau (fig. 10), ou então seguros por vergas ou tiras de couro a tornos fixos nos bordos e a que tambem impropriamente se dá o nome de forquilhas.

Fig. 3 Sarilho

SEM ENGODO

Caniço (fig. 11)—De todas as armadilhas de pesca é o caniço uma das que dá melhor resultado; e uma vez feito conserva-se por muitos annos sem occasionar despeza, sendo só necessario limpa-lo por occasião das cheias que o entulham d'areia e seixos.

É formado por duas solidas paredes de pedra em direcção perpendicular a um açude, da altura d'elle, parallelas entre si e apenas separadas uma da outra um metro ou pouco mais, e um soalho de ripas com intervallos de $0^m,015$ a $0^m,020$, cuja secção longitudinal é uma curva muito aberta. Funcciona muito simplesmente: o peixe arrastado pela corrente precipita-se sobre o soalho inclinado, atravez do qual a agua passa, deixando-o em secco, e, embora possa cahir de novo na agua, a pressão que esta faz ao escoar-se é bastante para o impedir de voltar para traz.

Na maior parte dos caniços o peixe fica a descoberto, mas outros ha em que esse espaço é tapado com porta fechada á chave.

O seu preço é muito variavel, porque está em relação com os dias de trabalho e estes dependem da altura do açude, do comprimento das paredes e da facilidade de construcção.

É só usado no Tamega e serve para apanhar todo o peixe.

Roda de cópos—Embora não seja uma verdadeira roda, pois d'esta só tem os raios, é assim chamada por semelhança com o instrumento de hydraulica seu congenere, como ella movido pela acção da agua.

Esta armadilha, sempre construida aos lados de um açude, é, no caso mais simples, formada por um eixo de ferro com quatro ou seis raios do mesmo metal a que estão presos os cópos ou cestas d'arame do diametro do caneiro, onde a roda trabalha.

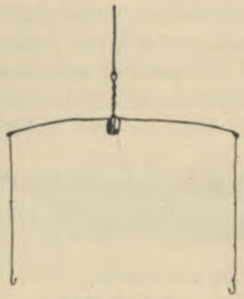


Fig. 4—Fio

A agua que cae do açude, ao bater no fundo dos cópos, faz mover a roda, e cada cesta que sóbe apanha o peixe que encontra e vae deita-lo numa pia alimentada pela agua do caneiro e collocada um pouco acima d'elle.

Tudo isto é coberto por um revestimento de pedra cimentada e gateada, tendo só á altura da pia uma pequena porta com chave para se poder tirar o peixe. Muito pouco usada.

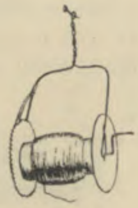


Fig. 5 Carrinho

Galripo (fig. 12)—Esta rêde, sustentada interiormente por arcos de verga, o maior dos quaes com $0^m,25$ a $0^m,30$ de diametro, tem a forma de um sacco conico com cerca de um metro de comprimento, que, dobrando na bocca para o lado de dentro, forma a nassa, presa pelas *alvitanas* á parte posterior da armadilha.

Assim o galripo não é mais do que um covo feito de rêde, funccionando da mesma forma. É usado com vantagem nos rios pequenos (Ovelha, Ovelhinha, Anciães), collocando-o atado a uma estaca em sitios para onde, por meio de pedras e areia, se faz dirigir a corrente e com a bocca voltada no sentido d'ella.

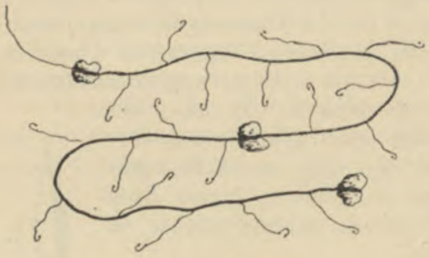


Fig. 6—Corda

O seu preço é de 500 a 600 réis.

Rêde boqueiro (fig. 13)—Assim chamada, porque só se arma nos caneiros ou boqueiros para este fim preparados, é um perfeito galripo ligado por meio de rêde de malha mais larga a um vergueiro dobrado em arco, tendente a augmentar-lhe a abertura. A corda que sujeita o vergueiro, com $0^m,65$ a $0^m,70$ de comprimento, fica assente no chão para ajudar a firmar convenientemente a armadilha e esta é presa por um gancho de ferro a uma vara atravessada ao meio do caneiro.

Póde custar 600 a 800 réis e é muito usada no Tamega, dando-se o nome de *pesqueira* ao local onde se arma.

Malheira ou *pardelho* (fig. 14)—É uma rêde d'um só panno com a altura media de $1^m,10$, comprimento de 4 a 8 metros e malha quer d'um só tamanho, quer de mais, tendo na parte superior, com intervallos de $0^m,25$, boias de cortiça, e na inferior, distantes umas das outras $0^m,08$ a $0^m,10$, balas de chumbo que lhe fazem tomar a direcção vertical. Póde-se armar solta ou presa ás margens por cordas atadas nas extremidades. Caça o peixe que sóbe ou desce e que, ao malhar, fica preso pela guelra.

O seu preço varía, segundo a malha, entre 300 a 400 réis o metro quadrado. Usa-se muito no Ollo, Mendes, Ovelha e Anciães.

PESCA COM A INTERVENÇÃO DO HOMEM

MATANDO O PEIXE

Substancias explosivas—Como processo de pesca nenhum ha tão prejudicial como este.

O explosivo ordinariamente usado é a dynamite e ninguem desconhece os seus terriveis effeitos.

São quasi sempre tres homens os occupados nesta especie de pesca, dos quaes um atira as bombas e, dos restantes, um mergulha para colher o peixe que a corrente leva e outro, com um mingacho, tenta apanhar o que fica proximo da margem. Ora, como em seguida ao tiro pouco peixe vem á superficie, julgam porisso esses insensatos destruidores que foi pequena a mortandade, e que tudo ou quasi tudo aproveitaram, não pensando sequer que num raio de tres a quatro metros todo o peixe ficou esphacelado e que o maior foi ao fundo, isto sem fallar na creação destruida em muitos metros de raio e cujos individuos mortos se podem calcular em dezenas e dezenas de milhares. Mas, como não estão satisfeitos, lá seguem margem fóra, cobrindo o rio de tiros na extensão de kilometros, de forma que, passados dois ou tres dias, a corrente só arrasta peixe putrefacto e os remansos estão transformados em puras montureiras. E todos os annos se dá isto, apesar de haver leis que fingem prohibi-lo!...

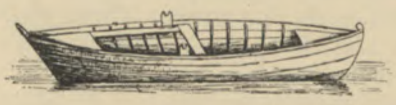


Fig. 7—Barco

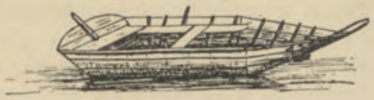


Fig. 8—Gamella

ATORDOANDO-O OU MATANDO-O

Substancias venenosas — Outro processo, se não tão prejudicial como o primeiro, ainda o bastante para contribuir em grande escala para a escassez do pescado, que cada vez mais se faz sentir, é o abuso das substancias venenosas e da cal como auxiliares da pesca, entre as quaes são dignas de menção a cóca, a cicuta, o trovisco, o perrechil e o barbasco.

A cóca *(Anamista cocculus)* é empregada especialmente para apanhar os gaimilos com que se iscam as canas e cordas. Já se encontra á venda reduzida a pó, porisso não ha mais que amassa-la com miolo de pão e deita-la proximo da margem nos sitios em que haja uma leve corrente. D'ahi a pouco o gaimilo principia a *atonar* e é então que o pescador apanha com o mingacho aquelles que lhe servem para isca, abandonando

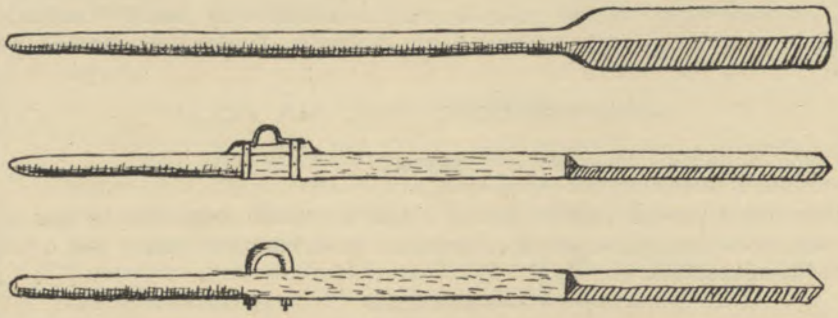


Fig. 9 — Remos

os mais pequenos, mortos aos milhares, á voracidade do barbo e do eiroz que quer *assórados,* não sendo exagero o dizer-se que, por cada peixe apanhado, se sacrificam mil e mais.

A cicuta *(Conium maculatum),* o trovisco *(Daphne guidium),* o perrechil *(Chrithmum maritimum)* e o barbasco *(Verbascum thapsus),* que em abundancia crescem pelos campos e margens dos ribeiros, são muito usados nos rios pequenos (Ollo, Odres, Santa Nathalia, Ovelha, Lagido, Anciães) na pesca do eiroz e bastantes vezes tambem na do barbo e da truta, especialmente no outomno e principios d'inverno, quando estes se retiram para as *colheitas.*

D'estas plantas os pescadores só aproveitam as raizes tuberosas que esmagam a martello e misturam com terra gorda para nada se perder dos seus principios activos; e d'esta massa fazem bolas, pouco mais ou menos do tamanho de bolas de bilhar, que esmigalham e dissolvem na agua, por entre pedras, junto de paredes e açudes, em todos os sitios, emfim, proprios para colheitas. A truta e o barbo atonam, podendo apanhar-se á mão ou com mingacho; o eiroz que não vem á superficie, esse é cravado com um garfo previamente atado a uma vara (fig. 15) á guiza de arpão.

A cal que, embora não seja uma substancia venenosa, desempenha neste caso o mesmo papel, pela facilidade com que se obtem, pelo pouco trabalho que dá e pelo bom resultado que d'ella se tira é quasi sempre a preferida nestas especies de pesca.

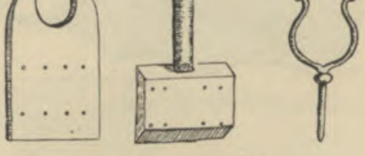


Fig. 10 — Forquilhas

Queimam-na á beira do rio só na occasião em que tem de servir, enchem d'ella um pé de meia e dissolvem-na nos sitios proprios, como dissemos se fazia com as bolas de trovisco ou cicuta. Os effeitos são os mesmos.

Martellão—Esta maneira de pescar, bastante primitiva, é deveras interessante. O pescador, munido d'um martellão dos empregados pelos britadores, vae, rio acima, na época do verão, procurar as pedras meio a descoberto que possam servir de colheita e com a maxima cautela chega-se perto e descarrega-lhes em cima uma forte martellada.

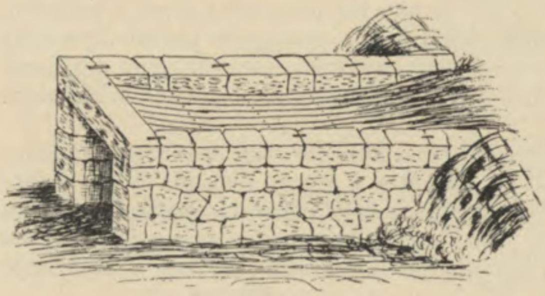


Fig. 11 — Caniço

O choque faz atordoar o peixe que vem logo á superficie e que elle apanha, mettendo-o em seguida nos bolsos, no seio da camisa ou no cacifo, se por acaso o leva. E, se o peixe não anda batido, tira do seu trabalho um bonito resultado. Bastante usado nos rios pequenos (Ollo, Santa Nathalia, Ovelha, Ovelhinha), pouco no Tamega.

APANHANDO-O VIVO NA AGUA

ESPERA

Diz-se que o pescador está a pescar á espera, quando, com rêde ou sem ella, collocado num sitio que julga proprio, espera, ás vezes bastante tempo, que o peixe procure os seus apparelhos.

COM RÊDE

Mingacho (fig. 16)—O mingacho é uma pequena rêde em forma de sacco conico e de malha miuda que um arco de arame, de $0^m,30$ de diametro pouco mais ou menos, conserva aberto, e uma bala de chumbo presa ao fundo faz mergulhar.

Geralmente tem o arco solidamente fixo a uma vara de perto de $1^m,5$ e é assim que serve para apanhar o peixe atonado ou já morto, quando vem á superficie; mas na pesca á espera é costume suspende-lo por tres ou quatro cordões á extremidade da vara e deitar-lhe dentro um pedaço de pão para attrahir os gaimilos, levantando-o rapidamente logo que dentro estão bastantes.

Estes gaimilos apanhados vivos são preferiveis aos mortos pela coca para iscar as canas, fios e cordas. Um mingacho regular não póde custar menos de 360 a 400 réis por a malha ser muito miuda.

Paciencia (fig. 17)—Não é mais que um grande mingacho de $0^m,80$ a $0^m,90$ de diametro preso a uma vara por meio de cordeis. Atando-lhe no fundo um pedaço

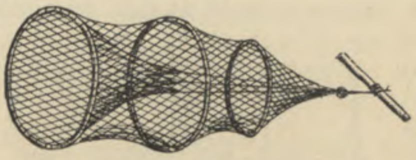


Fig. 12 — Galripo

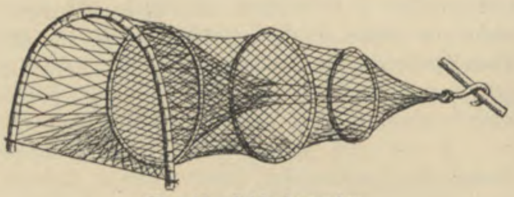


Fig. 13 – Rêde boqueiro

de pão serve para apanhar barbos e bogas *(Chondrostoma nasus)*, especialmente quando a agua vae um pouco suja, e assim funcciona como o mingacho na pesca ao gaimilo.

O seu preço é de 500 a 600 réis.

SEM RÊDE

Á cana—A pesca á espera sem rêde é aqui só feita á cana, e esta geralmente iscada á minhoca ou ao pão.

O pescador conserva sempre a cana na mão para, logo que o peixe pique, o cravar, evitando assim que *desaferroe* por ficar mal preso, como muitas vezes acontece.

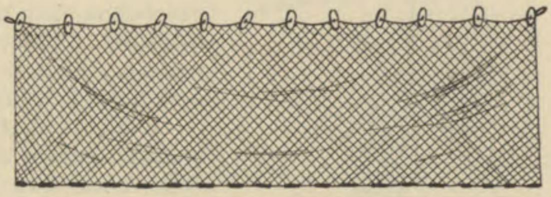


Fig. 14—Malheira

BUSCA

Na pesca á busca, tão usada em todo o concelho, o pescador não está, como na pesca á espera, horas e horas inteiras a vêr se o peixe pica; caminha sempre, ora por uma margem, ora por outra, tratando de apanhar, com rêde ou sem ella, o peixe que se lhe depara.

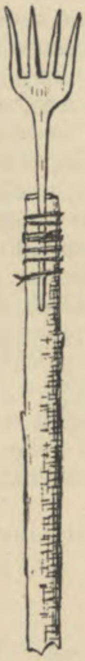


Fig. 15—Garfo, servindo de arpão

COM RÊDE

Tesão (figs. 18 e 19)—Esta rêde, de forma trapezoidal, fazendo, no meio, sacco conico, está ligada pelos lados não parallelos a duas varas de $1^{m},5$ cada uma, tendo no menor dos outros dois uma ou duas boias de cortiça e chumbos no maior e no fundo do sacco. Encontram-se com varias dimensões; mas em geral teem $0^{m},60$ a $0^{m},80$ de alto e os lados parallelos approximadamente $0^{m},70$ e $1^{m},30$, custando 500 a 600 réis.

É esta a rêde empregada na pesca da truta *(Salmo fario Ausonii* e *Salar Ausonii)* á facha, pesca usada nos rios pequenos (Santa Nathalia, Ovelha, Lagido, Anciães) na occasião em que levam pouca agua. A *fachada* é só dada nas noites serenas, e, ou por conta de um individuo que paga todas as despezas, ou por uma sociedade de dois ou mais.

Nesta especie de pescaria a primeira cousa a fazer é dividir tres ou quatro *colmeiros,* pequenas braçadas de colmo a 80 réis cada uma, em *fachas* que se possam abarcar com a mão, atar cada uma de per si com uma verga de palha, o *nagalho,* e ir depois colloca-las ao longo da margem, em molhos de tres e quatro duzias, conforme a distancia a percorrer de um logar a outro. Quando tudo está preparado começa a pesca, que é sempre de baixo para cima.

Pela agua vão tres homens: á frente um com a facha accesa, a *lumieira,* ao lado outro com o tesão e atraz o terceiro com um molho de fachas, evitando que uma se apague sem que outra já esteja accesa. Por fóra seguem quasi sempre dois: um com a roupa dos que andam na agua e outro com uma sacca para deitar o peixe e agua-ardente e trigo para os pescadores.

Quando apparecem trutas, o que vae na frente puxa pelo nagalho da facha para augmentar a chama e as deslumbrar com o brilho da luz, evitando assim que fujam; emquanto que o que leva a rêde a abre por baixo d'ellas, para em seguida a fechar e erguer, obrigando-as a cahir no sacco, d'onde logo as tira e mette no seio até as passar ao que vae por terra.

E assim seguem, rio acima, por sitios em que a agua não exceda a altura do peito, até se gastar a ultima facha, apagada a qual, tiram a roupa que trazem, vestem-se e vão para casa d'aquelle ou aquelles que os convidaram entregar ou divi-

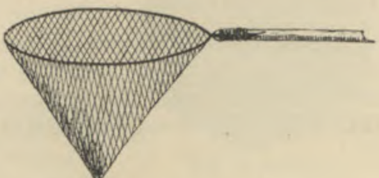


Fig. 16—Mingacho

dir o peixe e comer uma *parva*, refeição quente, mas passageira, composta de um prato só.

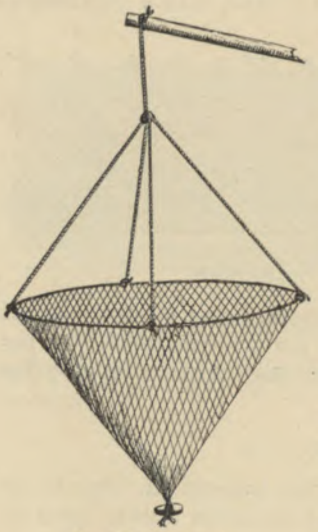


Fig. 17 — Paciencia

Chumbeira (fig. 20) — A chumbeira, já descripta quando tratamos da caça, é uma rêde de forma circular, com dois a tres metros de diametro, presa no centro a uma corda e tendo outra enfiada nas malhas periphericas para a tornar mais resistente, e em que se prendem balas de chumbo á distancia de 0^m,08 umas das outras.

Á altura de 0^m,30 pouco mais ou menos, e de cinco em cinco malhas, atam-se uns pequenos fios de 0^m,10 chamados *tensos* que, prendendo e puxando para cima as bordas da chumbeira, servem para fazer sacco do lado interior. As balas auxiliam o seu lançamento, fazem-na tomar a direcção vertical e conservam-lhe depois a sua estabilidade.

Para se servir d'esta rêde ata-se a um braço o cordel que a segura, levanta-se e, apanhando approximadamente metade, deita-se sobre o hombro esquerdo, depois do que, tomando com a mão direita o resto e, prendendo nos dentes ainda algumas malhas, com um impulso se lança de forma que abra toda ao cahir, vedando assim o logar em que o peixe se encontra.

É a mais usada de todas as rêdes e aquella de que mais se abusa, especialmente na pesca da boga por occasião da desova. Neste tempo o pescador vigia cuidadosamente os *ensemialhos*, logares proprios para a desova, e, quando percebe que a boga está a *dar*, começa a *lançar*, percorrendo-os a todos, de forma que, se são bastantes os *lanços*, ao dar o ultimo já póde tornar ao primeiro, visto que a boga, passada hora e meia pouco mais ou menos, volta de novo ao ensemialho.

Claro está que é prohibida a pesca nestas condições, mas, como a guarda dos rios deixa muito a desejar, todos os annos se faz e em grande escala por ser de todas a mais productiva, pois muitas vezes de um só lanço se apanham trinta e mais duzias de peixes.

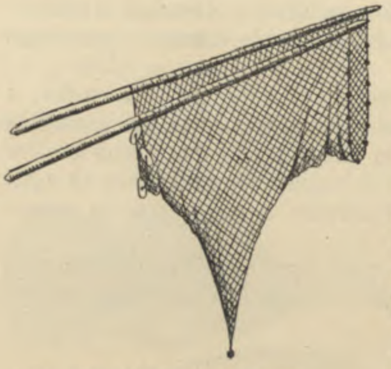


Fig. 18 — Tesão (de perfil)

Fig. 19 — Tesão (de frente)

Emprega-se tambem esta rêde, quando da desova do barbo e do escalo *(Squalius cephalus)*, mas com muito menos resultado.

Fóra d'estas occasiões a pesca á chumbeira dá, mas pouco, a não ser se o pescador faz, em sitios adequados, *cevadoiros* de pão ou centeio que ao outro dia vae *levantar* e onde, para evitar que ninguem lance antes d'elle, como é praxe estabelecida, espeta um ramo para signal. A chumbeira póde custar, sem chumbo, 600 a 700 réis e completa 2$000 a 2$200 réis.

SEM RÊDE

Á mão—D'entre os processos de pesca, de todos o mais primitivo e ainda hoje tão usado, é, na busca sem rêde, o da pesca á mão. Póde-se por este meio apanhar qualquer peixe, mas é especialmente empregado na pesca da truta, quando no verão os rios e ribeiros que ella frequenta estão reduzidos a simples regatos e ella se vê obrigada a recolher ás colheitas, onde só a vae procurar a atrevida mão do pescador.

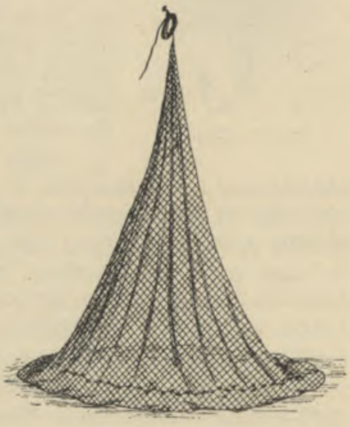


Fig. 20—Chumbeira

Á cana—A cana, já muito empregada quer como armadilha com engodo, quer na espera sem rêde, tem sem duvida o seu maior uso na pesca á busca em que o pescador de bicheiro á cinta e cacifo a tiracollo, por cima de rochedos e por entre as arvores marginaes, abafando o ruido dos passos e evitando mostrar-se, lá vae, rio fóra, a apanhar o barbo á minhoca e ao grilo, o escalo ao saltão e á mosca, a truta á pluma e á minhoca. O *bicheiro* (fig. 21), de que se serve para levar as iscas vivas, é uma pequena caixa de lata em forma de crescente, presa á cinta por meio de uma correia e que póde custar 160 a 200 réis; o *cacifo* ou *cabaço* (fig. 22) é um cabaz circular de verga com uma abertura na parte superior e duas azas lateraes, onde vem atar a correia suspensora, e que os gigueiros fazem ao preço de 200 réis; as plumas (fig. 23) são anzoes encobertos com pennas de gallinha e que por este meio grosseiramente tomam a forma de insectos, com que se engana a truta, e que tambem se vendem avulso a 40 réis cada uma.

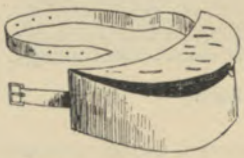


Fig. 21—Bicheiro

BATIDA

Sempre que o peixe é desentocado das suas colheitas ou batido e enxotado numa certa direcção em que, por qualquer meio, póde ser apanhado, toma a pesca o nome de batida e póde ser feita com rêde ou sem ella.

COM RÊDE

Malheira—A malheira, de que já tratamos nas armadilhas sem engodo, emprega-se aqui tambem, quando é necessario cercar uma colheita que vae ser batida á vara, tapar a bocca d'um ribeiro por occasião de cheias, obrigando depois o peixe a descer ou para substituir a varredoura na pesca com tresmalho; porém poucas vezes se servem d'ella, visto qualquer d'estas duas dar muito melhor resultado.

Fig. 22—Cacifo

Tresmalho (fig. 24)—Esta rêde, formada de tres pannos, os dois externos, *alvitanas*, com malha de decimetro e o interno, *sacco* ou *miudo*, muito maior que aquelles e com malha quasi dez vezes menor, é, como a malheira, orlada superiormente de pequenas boias de cortiça, e inferiormente de balas de chumbo, conservando tanto estas como aquellas, approximadamente, as mesmas distancias que na rêde mencionada. Apesar das boias que lhe fazem tomar a direcção vertical e que perfeitamente o sustentam, é costume prende-lo ás margens com cordas atadas ás extremidades superiores. Com esta rêde apanha-se tanto o peixe que sóbe como o

que desce, pois, de qualquer lado que venha, ao passar pela malha da alvitana leva deante de si o panno interno, formando sacco para o outro lado na malha da alvitana opposta. Substitue, como já dissemos, a malheira na vedação de uma colheita; mas o seu principal emprego é quando, alliado á varredoura, serve para interceptar um determinado trecho de um rio e assim apanhar o peixe que fica no meio. Para isso os pescadores, depois de escolherem o sitio, fazem ahi *cevadoiro* durante alguns dias e, na vespera á noite d'aquelle em que tem de ser feita a pescaria, estendem com todo o cuidado as rêdes por meio de cordas presas nas margens.

Fig. 23 — Pluma

Esta operação é feita já tarde da noite, quando o peixe tem abandonado a colheita para ir para o cevadoiro, e tomam-se as maiores precauções para que elle se não assuste e fuja antes das rêdes estarem lançadas. Ao outro dia de manhã mettem-se á agua varios homens, e, emquanto uns vão arrastando a varredoura de cima para baixo, outros, mergulhando, desentocam o peixe que está *enlapado* por baixo das pedras e mettido pelos buracos, obrigando-o a malhar no tresmalho, ao qual dentro em pouco vem unir a varredoura, sendo então tudo puxado para a margem, onde se recolhe e conta o peixe.

Esta rêde é bastante usada; mas, attendendo ao bom resultado que d'ella se tira, muito mais o seria se se fizesse cá no concelho e não fosse tão cara.

Varredoura — A varredoura, de que já se ennumeraram os usos, raras vezes é substituida pela malheira, da qual differe em formar seio na parte inferior, seio em tudo identico ao da chumbeira, já descripta na pesca á busca.

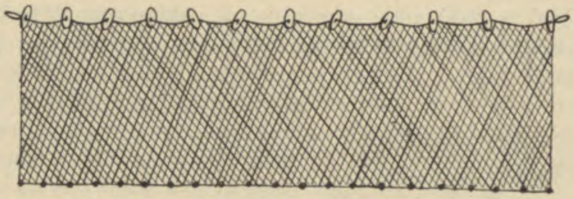


Fig. 24 — Tresmalho

Tesão — Emprega-se o tesão na batida sómente nos rios pequenos (Odres, Carvoal, Ovelha), abrindo-o em sitios estreitos para onde se fez derivar a corrente e no qual o peixe, acossado de cima para baixo, se vae precipitar.

Ha tambem uma outra rêde (fig. 25), a que em alguns sitios (Villa Cahiz, Fregim) impropriamente chamam tesão, e que serve para pescar nos ribeiros, quando o Tamega vae cheio; porém não passa d'um enorme mingacho com a abertura de $1^{m},5$ e um comprimento de $2^{m},5$ a 3^{m}.

Esta rêde é sustentada por um vergueiro de castanho ou louro preso a um pedaço de caibro de $0^{m},30$ a $0^{m},35$ encabado numa vara de $1^{m},5$ a 2^{m} de comprimento. Para pescar com ella bastam dois homens: um que enxota o peixe de cima para baixo e outro que está com a rêde inclinada perto da bocca do ribeiro á espera d'elle e que a levanta para cima, logo que o sente dentro. Custa apenas 600 a 700 réis, mas apesar d'isso é muito pouco usada, devido talvez ao esforço que é preciso empregar para a manejar.

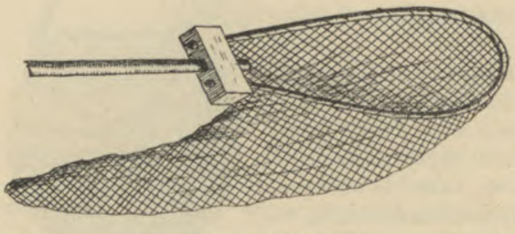


Fig. 25 — Mingacho tesão

Boqueiro — Podia desempenhar nesta especie de pesca o mesmo papel do tesão; mas em geral só é usado na batida á boga no tempo da desova, quando a entrada para um ensemialho é bastante apertada. Para assim pescar com elle os pescadores vigiam, quando a boga está a dar, e, emquanto um tapa com a rêde a entrada do ensemialho, já de antemão preparada, outro, podendo, vae dar um lanço de chumbeira ou, se o sitio se não presta, bate o ensemialho com

uma vara, impellindo o peixe para a rêde, que neste caso está com a bocca voltada para cima.

SEM RÊDE

Cesto—Quando á falta de rêdes a pesca á batida é feita com um cesto, é costume atravessar-lhe ramos na bocca para mais facilmente o peixe lá entrar sem receio; e, embora assim podesse substituir, porém mal, qualquer das duas rêdes precedentes, só é empregado, no verão, na batida das colheitas, que um homem faz com uma vara, emquanto outro com o cesto, o mais possivel encostado á margem, espera que o peixe acossado nelle se vá esconder.

APANHANDO-O VIVO EM SECCO

Estancada—A estancada, um dos mais rudimentares processos de pesca, póde fazer-se de duas maneiras; porém, quer d'uma quer d'outra, sempre no verão, quando os rios (Odres, Fervença, Anciães, Santa Nathalia) levam pouca agua.

Uma das formas é desviar por qualquer meio a corrente d'aquella das margens em que ha colheitas, e esgotar a agua com uma pá para obrigar o peixe a sahir do seu esconderijo, o que está muito em uso na pesca do eiroz; a outra é, quando o leito do rio tem bastante declive e poças aqui e além, onde o peixe se recolhe, esvasiar estes.

Para isto juntam-se varios rapazes e, volvendo pedras e cavando, fazem um rego capaz de dar vasante a toda ou quasi toda a agua do poço, e, ao passo que elle vae ficando em secco, lá vão apanhando o peixe conforme podem.

Amarante, 6—I—906.

José Pinho.

COSTUMES E TRADIÇÕES AGRICOLAS DO MINHO

I

REGIMEN PASTORIL DOS POVOS DA SERRA DO GEREZ

O estudo das tradições dos povos, interessante sob todos os aspectos e em todas as regiões, sobe de ponto n'aquellas em que, apesar dos longos tempos passados, os usos e costumes se manteem, se não no seu estado primitivo, pelo menos bastantemente approximados ainda do que seriam em epocas distanciadas.

N'este caso estão no geral as povoações da região montanhosa do Minho, cujo afastamento dos centros mais populosos lhes imprime uma vida propria, como careceriam de a ter antigamente, pela quasi impossibilidade de lá chegarem os progressos e beneficios sociaes, que os seculos teem vindo trazendo.

Hoje mesmo, quasi se conserva ainda integralmente esse estado de cousas, sob muitos aspectos, tornando curiosa a observação da vida d'essas gentes na sua organisação interna e nas suas relações com os outros povos visinhos.

Constituem, por assim dizer, sociedades autonomas, governando-se independentemente das leis geraes. Vivendo em maiores altitudes e sem meios de communicação que lhes facilitassem o accesso aos que aos povoados subissem ou aos que de lá descessem, os povos das serras constituiam-se em organisação social, que elles mesmos decretavam e á qual obedeciam e obedecem ainda hoje, com aquella diligencia e espon-

taneidade só facilmente comprehensiveis n'aquillo, que é livremente estipulado e acceite e que os tempos consagram para vindouros n'um uso indestructivel.

Multiplas são as causas que dão origem á desegual distribuição dos beneficios sociaes e á desegual maneira como nem todos os povos são de egual modo accessiveis ao recebimento d'esses beneficios; mas, a meu ver, nenhuma de tão decisiva influencia, quanto aos povos das montanhas, como a sua situação topographica.

O isolamento em que vivem, e a pouca sociabilidade de suas pequenas povoações, distanciadas umas das outras, com poucas escolas e mal frequentadas, e pessimos caminhos, tornando-as quasi inaccessiveis, fazem dos montanhezes outros tantos seres collocados fóra da marcha geral do mundo e da civilisação, vivendo quasi á lei da natureza.

E este meu juizo fundo-o pela semelhança de costumes tradicionaes, que se encontram em parallelo entre os povos de differentes regiões montanhosas, e quanto se passa nas serras do Gerez, se vae encontrar, mais ou menos, salvas condições especiaes, não só n'outras serras de Portugal, como lá de fóra.

A exploração economica das montanhas, independentemente da exploração florestal, assenta especialmente n'um regimen pastoril, mais ou menos aperfeiçoado, pois que, a não ser em alguns valles, impossivel se torna qualquer outro genero de cultura, e mesmo nos planaltos são preferiveis as pastagens. Outro genero de exploração não se harmonisaria com as suas condições especiaes de solo.

De forma que o que existe ainda é uma agricultura primitiva, como a dos patriarchas das primeiras edades, sem adiantamentos nem progressos, de que aliás é muito susceptivel, pela rude ignorancia e obstinada teimosía dos naturaes em não acceitarem os ensinamentos, que melhores orientações lhes poderiam fornecer.

E, como a feição principal da agricultura alpestre é a pastoril, os povos entre si estabeleciam leis, consignadas em regulamentos especiaes, pelos quaes se teem sempre regido e regem ainda, observando um communismo de direitos e obrigações, que tornam profundamente solidarios entre si, todos os individuos das diversas povoações.

Encontro referencias a regulamentos d'esses nos Alpes francezes e suissos, de ha mais de 200 annos; e nos das Veseiras em pastoreação na Serra do Gerez, que adiante se publicam, se declara que os usos e costumes d'estas vezeiras veem já de tempos de que não ha memoria nem noticia.

No livro de D. Antonio da Costa *No Minho,* encontro egual noticia ácerca dos povos do Suajo, onde vigoram ainda os antigos regulamentos, pelos quaes elles se governam.

E as suas leis não se estendem apenas ao regimen dos gados; vão mais longe em algumas localidades, pois prescrevem principios que se applicam a todas as questões de interesse collectivo.

Esta independencia de vida levava certos povos a observarem um egoismo feroz no seu isolamento, que queriam manter soberano, repudiando absolutamente o convivio de extranhos. Assim, no regulamento de Villarinho da Furna se prescreve que ninguem possa arrendar casa a pessoa de fóra, sob pena de 6$000 réis de multa, o que corresponde á sentença de expulsão de *visinho,* pela qual o que a ella fosse condemnado, teria de retirar-se, porque todos lhe negariam o seu convivio e o seu auxilio.

Ainda sobre este particular acho interessante transcrever do livro do doutor José Pinto Rebello de Carvalho, *Noticia topographica e physica do Gerez e das suas aguas thermaes,* e que elle por sua vez foi buscar a Jeronymo Contador d'Argote, auctor das *Memorias do Arcebispado de Braga,* a seguinte nota, que bem revela o atrasador espirito dos povos d'estas serras e a sua obstinada tendencia em quererem viver n'um regimen de tribu isolada, sem convivio de extranhos e com independencia propria.

Diz Argote: «os montanhezes do Gerez são agigantados e fortes, as mulheres robustas e trabalhadoras, dadas a trabalhar as suas fazendas. Em algumas Freguezias he gente pouco caridosa para com os d'outras terras. Ajustão seus casamentos na mesma Freguezia e na de S. João do Campo se não acha um só homem que viesse de

fora e todos os que não são naturaes chamão-lhe *vendiços*, isto he, gente estrangeira de que se não deve fazer caso, nem dar-lhes entrada em suas terras e isto denotão os *estatutos* que tem a respeito de certas herdades, que chamão *casarios*, em que todos os moradores do campo tem sua parte e por *leis*, instituidas por seus antepassados de tempos antiquissimos, não pode n'ellas succeder ninguem que nascesse fora do Lugar e Freguezia, o que observão com tal rigor que os mesmos filhos, se por algum incidente nascem em outra Parochia ou Terra estranha, s'entendem ficar exclusos d'aquella herança. Vivem em grande união, e offender a hum morador he o mesmo que aggravar a todos no seu conceito. São arrogantes e destemidos: levão seus gados todos juntos em um só rebanho, a que dão o nome de *bezeira*, a pastar todos os dias pelo interior d'aquellas serranias e valles, e todos por ordem e alternativamente o acompanhão. Nos moinhos tambem são companheiros e todos tem n'elles o seu dia. Nunca partem os seus bens e fazendas para não empobrecerem: os seus casamentos ordinarios são por troca. Não exercitão officio nenhum; e só estimão o da agricultura. Todos malhão em huma só eira e huma só parede lhes tapa todas as suas propriedades e lavouras. Este he o estylo estabelecido em S. João do Campo.»

Claro é que, porém, os costumes se teem vindo modificando e, de muitas das praticas acima mencionadas, estão hoje abolidas umas e enfraquecidas outras, tanto em S. João do Campo como nas demais freguezias, mas não no resto, quanto respeita ao regimen dos gados. N'esse, como em quasi todos os outros serviços agricolas, se mantem ainda o communismo realisado de harmonia e á boa paz, prestando-se todos o mutuo auxilio para a realisação das vessadas, das segadas, das vindimas, das cavadas, etc., cuja descripção farei em outro artigo.

Em S. João do Campo, mesmo, não existe actualmente nenhum regulamento, por se ter perdido, ou extraviado por qualquer outra forma, o que havia e ao qual Argote se refere; mas isso não impede que a tradição se mantenha inalteravel em muitas praticas e serviços.

A necessidade que n'outros tempos justificava a existencia d'estes regulamentos e accordos conserva-se e justifica-se ainda hoje até certo ponto, e tanto que algumas camaras municipaes teem transformado em posturas muitas das prescripções que os povos consignam e seguem nos seus regulamentos.

Assim o fez em 1845 a camara municipal de Terras de Bouro, transformando em posturas para Villarinho da Furna algumas das clausulas do seu contracto e união, e em 1850 e 1889 a camara da Ponte da Barca procedeu de egual modo para a freguezia de Lindoso.

O certo é que as auctoridades, a quem taes regimens investem de poderes, são respeitadas com mais acatamento e as suas deliberações cumpridas com mais diligencia e exactidão do que as das auctoridades que o regimen administrativo e politico do paiz lhes envia. Das questões a dirimir entre elles raramente haverá appello e nem isso é preciso, porque entre elles se resolvem.

De resto, a solidariedade commum é uma caracteristica certa nas gentes que vivem, por assim dizer, em tribu.

No Gerez está viva ainda a lembrança de que, tendo o povo de Villarinho em uma das suas reuniões deliberado que nenhum de entre elles trabalhasse na matta do Estado (era um meio de protesto contra a posse que em 1888 o mesmo Estado realisara de parte da serra do Gerez) e tendo um de entre elles quebrado esse accordo, todos os outros o espancaram. E todos bateram no desgraçado, para que a nenhum se podesse pedir responsabilidade individual.

Este regimen de vida, de tão extremado communismo, ia necessariamente mais longe ainda e, a avaliar pela intensidade com que agora mesmo se praticam certos usos, é de presumir que, em epochas não muito afastadas, a moeda seria cousa de pouco valor e reduzido curso, vivendo-se quasi exclusivamente sob um regimen economico todo assente na permuta de serviço por serviço e de producto por producto.

É porém, notavel, a maneira como espiritos rudes, deseducados e ignorantes, con-

seguiam coordenar um certo numero de principios e regras, que mais parecem tirados do modo de ser de sociedades mais avançadas e mais bem constituidas.

As Caldas do Gerez é que póde dizer-se que não teem tradicções proprias como população. São modernas. Por isso mesmo não existem n'ellas, nem regulamentos nem accordos locaes, como nas outras.

Os gerezianos são pois em grande parte adventicios, trazidos na corrente de interesses que uma concorrencia sempre crescente de tributarios das aguas medicinaes, torna annualmente certos. É por isso uma população incaracteristica, que muito se differença das outras que na serra teem o seu *habitat* secular, pois não ha muitos annos ainda que no Gerez, fechada a época thermal, poucos mais individuos se viam, do que pastores percorrendo a serra com seus gados.

Não assim hoje, em que ao calor da rocha milagrosa do Gerez outros beneficios se teem produzido, a mais do que a cura das enfermidades hepaticas que a elle se acolhem; a elle se deve o nucleo de formação de uma povoação, que já hoje disfructa de relativa preponderancia local e que o futuro promette augmentar ainda, e a revelação para os povos d'estas montanhas do que, para lá das freguezias a que pertencem, ha mais mundo ainda e vive uma outra civilisação differente da d'elles, que a pouco e pouco os tem vindo e irá influenciando, pondo-os em relação directa com esse mundo e essa civilisação.

Mas não tem sido muito frequentada por curiosidades estudiosas a serra do Gerez, que nos ultimos annos a abertura de estradas, que a ella conduzem e de facilidades relativas, que n'ella se proporcionam já, torna até certo ponto facil. Essas condicções teem apenas de algum modo concorrido para abrir aos povos indigenas vistas mais largas na facilidade de alcançarem outras relações e o convivio de melhores gentes, além da facilidade de accesso ás aguas medicinaes.

Feitas estas considerações geraes, resta apreciar de uma maneira mais directa o regimen pastoril da serra do Gerez e para isso não vejo melhor modo do que transcrever por inteiro alguns dos regulamentos dos povos que n'ella vivem, tanto porque isso é mais exacto e rigoroso, como porque esses regulamentos constituem interessantes documentos, que convem ficarem aqui archivados, para servirem em qualquer futuro a quem quer que algum dia se proponha fazer com minuciosidade, cuidado e competencia o estudo d'esta região, tão pittoresca e tão curiosa, tanto sob o ponto de vista social, como sob outros variadissimos aspectos.

Mas, antes de taes transcripções, farei umas ligeiras notas, indicando o significado de alguns termos que n'ellas se encontram e esclarecendo o sentido de algumas phrases n'ellas contidas.

Não conheço em pormenores qualquer organisação especial de outros povos serranos do nosso paiz, mas é possivel que haja grandes pontos de analogia e contacto com o que se observa na Serra do Gerez e nas montanhas de outros paizes, onde a regulamentação do regimen dos pastos e a sua exploração se faz já com mais adeantado criterio e melhor orientação do que entre nós, intervindo directamente as auctoridades administrativas locaes n'essa regulamentação.

A epocha da pastoreação dos gados na serra, permanecendo sempre n'ella, é, como os regulamentos prescrevem e como facilmente se comprehende, de maio ao fim de setembro. Isto no que respeita ao gado vaccum, que constitue as *vezeiras* ou manadas, em que andam reunidos os gados dos individuos que se associam para esse fim, formando entre si um *Accordo* ou *Junta*.

São rebanhos pastoreados.

Em pastoreação permanente e *avezeirados* andam tambem as cabras e alguns pequenos rebanhos de ovelhas; mas estes gados veem pernoitar sempre a casa dos respectivos donos, nas suas competentes *côrtes*, ou estabulos, pois que nunca se afastam muito para longe dos povoados. Estes varios rebanhos reunem-se todos os dias de manhã e dissolvem-se todos os dias á tarde.

De manhã o pastor grita em termos de ser ouvido em todo o *logar*—*Botál-a rez, botál-a rez*— e todos soltam as suas cabras; á tarde, ao recolherem, cada qual toma conta das que lhe pertencem e é curioso ver então como estes animaes, que não parecem intelligentes, ao entrarem na povoação, se separam em grupos independentes, encaminhando-se para as suas differentes e respectivas *côrtes* e *heidos* [1].

Nem todos os rebanhos andam, porém, em vezeira e, principalmente de cabras, ha muitos que são guardados em separado. Gado vaccum é que pouco se encontra n'estas condições. O que não anda na vezeira, anda em liberdade. O *pascigo* (é este o nome generico de qualquer systema de pastoreação), em liberdade e fóra das vistas de guarda, é pouco usado e tão sómente para as especies bovina e cavallar, mas esta ultima muito pouco, por aquelles que não estão associados nas vezeiras.

Este systema tem o nome especial de *ao feirio,* certamente por corrupção de Alfeirio, que tanto significa um regimen em que o gado anda em liberdade, como se refere a gado de um só ou de ambos os sexos, mas em que não entrem femeas prenhas ou paridas, termo este (alfeiro) muito usado na lavoura alemtejana.

As vezeiras de gado vaccum dissolvem-se por todo o mez de setembro, mas nem todos os proprietarios recolhem a casa os seus gados. Se o tempo continua favoravel, alguns deixam-nos ainda na serra, mas então já sem guarda. Ficam *ao feirio,* até que, vindo peores tempos, de chuvas, frio e neves, os vão procurar, descendo-os ao povoado.

Para cada uma das freguezias, que demoram nas circumvisinhanças da serra e que n'ella lançam os seus gados, ha limites estabelecidos, para fóra dos quaes elles não podem sahir, sob pena de invadirem as pastagens dos visinhos, que por sua vez se encarregam de os escorraçar, como invasores de propriedade alheia.

Cada freguezia tem os seus curraes exclusivos, mas alguns ha que são communs entre duas, *primi capientis. Curraes* são tractos de terreno chão, escolhidos em varios pontos da serra e destinados a pernoitarem alli os gados das vezeiras. Alguns são bastante extensos e prestar-se-hiam bem a cultura e a hervagens de magnificos prados, mas não teem outra applicação além d'aquella. Apenas um ou outro alterna annualmente entre o pousio para dormida do gado e producção de feno e raros entre o pousio annual, alternando com centeio. Estes productos costumam ser vendidos e o seu rendimento applicado a melhoramentos da freguezia ou ao custeio de quaesquer questões judiciaes da mesma. Cada curral tem a sua *Cabana* ou *Fôrno* para dormida dos pastores. São ligeirissimas construcções de 2 a 2,5 metros de alto por 2,5 a 3 metros de comprido, de pedra secca, com os vasios enchidos a *torrão* (herva arrancada com terra adherente) e cobertas de telha redonda, portugueza. Os curraes vão sendo durante o verão percorridos por escala e só são occupados quando as juntas das vezeiras, a que pertencem, o determinam. *Muda-se* então *a vezeira. Pálas* são abrigos naturaes formados pelas rochas, que ás vezes, tomando posições especiaes, deixam intervallos grandes, vazios, onde os pastores se recolhem; alguns ha tão espaçosos que o proprio gado os procura e utilisa.

A fazenda, as fazendas, é a denominação geral, que se dá a todos os gados. *Rez* se denomina genericamente o gado caprino. Aos machos adultos chamam *Reichêlos.* Referindo-se ao macho da cabra montez, designado tambem por este nome, inclina-se o naturalista sr. Barbosa du Bocage *(Memoria sobre a cabra montez da serra do Gerez),* não encontrando melhor explicação etymologica, a vêr na primeira syllaba a pretensão de se designar o animal como o *Rei* do rebanho.

Visinhos se chamam entre si os moradores das differentes freguezias e dos *logares* (pequenos povoados) que a ellas pertencem. *Freguezia* é, não só todo o conjuncto de *logares* que a formam, como mais estrictamente o logar da sua séde.

---

[1] Tambem se chama Heido ao espaço comprehendido a dentro dos limites do povoado, ou ao proprio *logar.*

Entregue, desentregue, diz-se do gado que está ou não, á responsabilidade do pastor. O gado só se considera *entregue* quando ao fim de tres dias consecutivos não tenha fugido da pastagem [1]. A isto chama-se *afazer-se o gado.* Fugindo antes d'este praso, o pastor não é obrigado a procural-o; se porém tal caso se dér depois do quarto dia, já o gado se considera entregue e então tem o pastor de o procurar, conforme os regulamentos determinam.

A escala entre os pastores para guarda das vezeiras faz-se *á roda,* entre os moradores da freguezia associados. O primeiro a quem pertence inaugurar a temporada, e que é o immediato áquelle *á porta* de quem *parou* no anno anterior, tem obrigação de levar para o monte a louça, alviás e caldeira que são da vezeira e outros utensilios, que podem ser precisos, como corda, para *desenfragar* alguma *cabeça,* etc.

Ao ultimo a quem toque a guarda compete levar comsigo os mesmos utensilios e conserval-os á sua guarda até ao anno immediato.

Chamado é a convocação das juntas das vezeiras.

Dia dos covaes chama-se ao dia que a Junta marca para os *vezeiros* (denominam-se assim os associados da vezeira) irem para a serra concertar os caminhos e as cabanas ou fôrnos.

* * *

O primeiro *chamado* da junta da vezeira de Villar da Veiga é no ultimo domingo de abril. A reunião faz-se ao ar livre no local já de muitos annos escolhido para esse fim e sem aviso previo. Os cargos d'esta vezeira são:

Procurador, eleito annualmente no terceiro domingo de abril;

Juiz, fica investido n'este cargo o procurador do anno anterior.

O Juiz que termina o seu mandato, dá juramento sobre os Santos Evangelhos ao que entra, mas antes d'isto dá execução aos erros do seu anno. Isto quer dizer que faz um relatorio verbal, perante os associados, das occorrencias da sua gerencia e das transgressões e condemnações *(erros)* dos vezeiros, apresentando o dinheiro, que tiverem produzido essas multas, ao Juiz que entra.

O novo juiz, por sua vez, dá juramento ao *procurador* que acaba de ser eleito, e então ambos elegem os *seis homens da falla,* escolhidos entre os mais habeis e competentes, que constituem uma junta permanente, para juntamente com elles governarem o que fôr para bem da dita vezeira.

O touro de cobrição pertence á vezeira, por isso é de todos. Os do Villar da Veiga e de Villarinho costumam invernar na serra, mas quando recolhem ás povoações, e o mesmo succede com os das outras vezeiras, são sustentados por escala entre os associados, que os têem nos seus campos um numero de dias proporcional ao numero de vaccas que possuem.

Segue o Regulamento da Vezeira das Vaccas do Villar da Veiga:

«*Livro que hade servir para o Rol Viseira das Vacas da freguezia de Santo Antonio do Villar da Veiga.* Feito no anno de 1882; reformado na forma do antigo, por se achar arruinado, mas sem mudança de costumes, que vai a ser a signado por todos os Vezeiros. Usos e custumes da Vezeira das Vacas da freguezia do Villar da Veiga, concelho de Terras de Bouro comarca de Vieira.

Primeiramente hé de costume d'esta Veseira em o derradeiro domingo de Abril de cada um anno depois da missa conventual a juntarem-se os Veseiros no sitio da Moldeira, a juntarem-se todos os que tem Vacas, e na quelle dia não são avisados porque o dia os chama pelos costumes n'este dia se fas a eleição do procurador da dita veseira e o Juis que fica servindo, o que no anno antecedente serviu de procurador e o Juis que acaba n'esse dia dájuramento ao que entra; antes de isto dá execução aos seus erros que são os d' seu anno, e depois o Juis novo dá Juramento ao seu procurador novo que é eleito pelo acordo, que expediu no mesmo dia; e o novo Juis com o seu procurador elegem os seis homens da falla para governarem o que for para bem da dita Veseira. Hé costume n'este dia detreminar os dias para cobrir as cabanas, que se chama dia de covaes; e os que n'elle faltarem pagão de condena os cos-

[1] Na lavoura do Alemtejo chama-se *entregue* ao pastor, a cuja responsabilidade está a guarda do rebanho.

tumes á Veseira que são tresentos reis excepto tendo Veseira de rês, ou gado, ou boda ou Baptisado, ou cargo de justiça. Hé de costume d'esta Veseira no primeiro de maio por a Veseira aonde o acordo determinar, e será obrigado o pastor que for nesse dia a levar a louça, Alvião e caldeira da dita Veseira, para onde lhe for detreminado pelo acordo e todos os Veseiros serão obrigados a por as suas Vacas em o curral quando o acordo detreminar, e o pastor tomará conta de todas as Vacas que lhe forem entregues, sendo filhos das tres Veseiras e d'ellas dará conta ao que se lhe seguir, e as que lhe faltarem as buscará dois dias tendo pão e não as achando nos dois dias dará recado a seu dono e com elle irá a busca e achandos enteiras, que se conheça que foi d'achaque, então não tem obrigação de as pagar, salvo se não fizer a deligencia a procurallas que por esse respeito apodreção, ou se percão; que em tal caso as pagarão, e os costumes a Veseira e assim mais as que forem feridas, em modo que não iscapem, ou mortas pelo o bicho: sempre o pastor é obrigado a pagallas a seu donno, pelo preço que Valerem:

E todo pastor que estiver a guardar e aconteça que o lobo fira qualquer animal, este pastor o trará á porta do dono para tomar conta d'elle, e não querendo este aceitallo sem estar curado; o dito pastor chamará um homem e o dono do animal outro; e estes homens louvarão o animal, pagando o pastor ao dono dentro em trinta dias o preço em que for posto, e fará do animal o que quiser o dito pastor. Hé costume d'esta Veseira; sendo Veserro mamão macho ou femia, matando o como fica dito, a respeito as Vacas, não pagarão os pastores senão quatrocentos reis por cabeça. E sendo subrano se pagará pelo que valer com as Vacas, e estes Veserros subranos, se intendem nassidos das tres Veseiras que pastão n'esta serra, que estes se guardarão na Veseira como as Vacas na forma dita. Todo que trouxer Vacas fora das tres Veseiras as afará tres dias na Veseira, e logo assim que forem para ella não as afazendo não andarão por conta do pastor; e matando-as assim o lobo não as pagarão os pastores a seus donos, e d'ellas pagarão os costumes á Veseira.

Todo o Veseiro que não for guardar os seus dias quando lhe tocar, dando-lhe recado pagará os costumes a Veseira, e mil e duzentos para o que lá fica a guardar á sua custa, excepto se tiver causa de justiça ou doença como a tras se declara a respeito dos covaes, mas n'este caso dará recado antão ao que se segue de baixo da mesma pena e o tal recado será dado de vespera pela manhã, e quando pelo acordo for mandado mudar a Veseira, os pastores a mudarão.

De baixo da mesma pena, tourando algumas Vacas com o touro para a verem de tomar o corral; e os que não sahirem no seu dia como dito fica pelos inpedimentos já ditos, acabados os inpedimentos sahirão logo a procurar a roda a onde for para que não saião a diante, e este lhe largará o dia que d'esta sórte é costume o que uns e outros comprirão debaixo da mesma pena dos costumes da Veseira.

Quando se fizerem os chamados uma ves que esteja um de Paredes se tirará conta, os que faltarem pagarão um vintem, tambem é costume quem tem duas vacas, guardar na Veseira um dia de cada roda, e quem tem uma guardar na primeira roda um dia e na segunda roda folga e assim se regulla quem tem tres ou maís conforme as que tem regulando-se por duas ao dia.

Hé mais costume da Veseira assim que se vender o touro velho com o dinheiro comprar outro para a dita Veseira.

Hé costume não descer a Veseira para baixo athé dia da Snr.ª da Abbadia [1], isto se entende de Burrageiras para baixo e d'esse dia por diante decerá quando os homens do acordo detreminaram. Tambem é costume que qualquer moço solteiro sendo capas é aceite pelo acordo na Veseira obrigando-se seus paes por elle ou chefe de familia, este depois de aceite poderá levar em sua companhia quem quiser.

Hé costume d'esta Veseira tanto que ella passar da presa para cima passada a ocasião das segadas guardar cada um o que tiver. — Hé costume d'esta Veseira dado que alguns dos Veseiros não queirão pagar logo; os costumes que n'estes se achão escriptos e a signados depois de serem ouvidos pelo acordo e offeciaes se lançarão fora d'esta sociedade; Outro sim os que não quiserem estar pela dita condenação poderão ser por detreminação do acordo serem lançados fora da Veseira e se lhe não tomará mais conta do seu gado, sendo na mesma ocasião avisados pelo procurador da dita Veseira para tomar conta do seu gado ou em chamado ou em presença de duas testemunhas para que tome conta do seu gado e que o não querem mais na Veseira nem na sociedade e não tem mais obrigação os Veseiros de gardar o gado dos taes rebeis nem lhe pagar os seus gados, mas antes os darão desagregados de sua Veseira e lançado fora da mesma.

A mesma pena terá aquelle Veseiro que na dita Veseira trouxer gado agregado já o que toca á mesma; e o que não quiser d'esta sorte, bae contra os mesmos usos. Outro sim todo o veseiro que chigado o dia primeiro de Maio apresentará seu gado a onde o acordo detreminar. Tambem os que tiverem veserros na Veseira que os queirão tirar entende-se veserros ou veserras o poderão fazer, dando parte aos pastores, primeiro, ficando as Vacas mães Veserros por conta dos donos quatro dias, e passados os quatro dias continuarão a ser entregues.

Estes são os usos e costumes d'esta Veseira que sempre se oveservarão de tempo a tempo que não há memoria nem noticia, e sempre assim se oveservarão e por essa razão se mandarão lançar estes ditos usos n'este dito livro para memoria e para que sempre permaneção e todos observem na forma d'elles e os asignam todos os Veseiros que de presente se achão e de futuro se seguirem. Seguem-se as a signaturas dos Veseiros declarando mais que as tres Veseiras comprehendidas n'estes usos se compoem d'esta

---

[1] 15 de Agosto.

freguezia e Rio Caldo, Ermida e da Ribeira bem a ser hoje quatro, e tudo mais que o acordo d'esta Veseira detreminar a bem da mesma Veseira se observar. Mais declaro todos os Veseiros que os Violar ficão prohibidos de nunca ser ouvidos n'esta Veseira em cousa alguma, e bem assim declaro que no principio de maio quando começa a Veseira se guardará só o gado que ficar sem guardar no fim de setembro. E depois lido a todos vão a signar».

Segue-se o regulamento da vezeira da freguezia de Rio Caldo.

Aqui não ha, como na do Villar, uma direcção superior tão completamente organisada.

Os cargos de Juiz, Procurador e o conselho dos Homens da Falla desapparecem, havendo apenas uma direcção a que se dá o nome de gerentes, d'entre os quaes se escolhe o thezoureiro.

Apesar de na escriptura se fazer referencia aos antiquissimos costumes da vezeira, parece que o seu regulamento, se regulamentada esteve alguma vez, não serviu de guia á confecção do existente. Este não tem, certamente, aquelle tom de antiguidade que se nota no do Villar, e mais ainda nos de Villarinho e Covide.

A escriptura que adeante se transcreve, e que comprehende na integra o regulamento em vigor em Rio Caldo, tem a data de 1884, o que lhe dá uma existencia muito moderna.

Em todo o caso, como ella está dentro da indole d'este artigo, julgo opportuno deixal-a tambem aqui transcripta.

E como segue:

«*Clausulas extrahidas da Escriptura de contracto entre os moradores da freguezia de Rio Caldo para guarda de gado na serra do Gerez.*

Que se reunirão todos os outorgantes no citio de Sam Pedro d'esta freguezia no terceiro domingo do mez de Abril de cada um anno, sem que para isso sejão havisados, pois que o dito dia não pode ser alterado, e por isso so este mesmo dia os chama a esta reunião, e o que faltar a ella sendo dos gerentes que são seis que entre elles outorgantes escolheram no dito terceiro Domingo de Abril e que poderão ser escolhidos por maioria de votos ou por illeição annoal que n'aquelle dito dia farão, o que d'estes faltar depois de serem elleitos pagarão sessenta reis, e sendo dos mais outorgantes por cada um que vinte reis assim como faltando as mais rioneõs pagarão as mesmas quantias assima referidas não mostrando legitimo impedimento seguindo-se quanto á falta dos gerentes o antiguissimo costume.

Que n'este dia os gerentes darão suas contas da receita e despeza que houverem feito a beneficio d'este contracto aos novos gerentes que na forma supora forem elleitos perante todos os outorgantes que presentes estiverem naquelle Domingo terceiro de Abril.

Que nenhum dos outorgantes se podera escusar de ser gerente logo que seja elleito e serão substituidos todos os annos se assim intenderem todos os outorgantes não sendo gerentes nunca os outorgantes molheres.

Que o que estes gerentes accordarem e determinarem a beneficio de todos os outorgantes se observará com toda a prontidão, e se algum dos não gerentes não respeitar a decisão dos gerentes ou ainda altercando com palabras espirituaes ou offensivas será condenado na quantia de trezentos reis.

Que no precitado dia será affixado pelos gerentes o dia em que se hade ir compor as cabanas e caminhos ao Gerez, os que d'elles outorgantes tiverem Bois hirão compor os pertencentes a este gado e os que tiverem vaccas hirão compor os pertencentes a este mesmo gado por serem diverços os sitios, observando-se tudo o que os ditos gerentes determinaram.

Que o producto das condenações será aplicado em concerto das cabanas e otencillios para as mesmas.

Que se algum dos outorgantes for omisso ao pagamento das quotas em que for condemnado será logo demandado no juizo competente sendo autores os gerentes que n'esse anno estiverem servindo que constituirão Advogado e procurador para as mesmas acções elles por si só, e se algum dos gerentes commetter alguma infracção será demandado pelos gerentes do anno tranzato ao que servir o infractor e que todas as condenações poderão ser pagas voluntariamente pelos infractores, sendo cobrador das condenações um dos gerentes que entre elles seis gerentes escolherem, e quando algum dos infractores se defenda e seja absolvido da condenação por sentença do respectivo juiz ordinario n'este caso as custas serão pagas pelos restantes outorgantes ou pelo producto das condenações havendo-as.

Que quando os gerentes não promovão contra os infractores as competentes acções, serão elles os responsaveis, pagando pelos mesmos infractores no referido dia do chamamento.

Que a Veseira dos Bois será levantada no citio ou local aonde os gerentes determinarem e no primeiro dia do mez de Maio de cada anno se o tempo assim o permitir e todos os outorgantes que tiverem a botar este gado ao monte do Gerez guardará só a primeira roda, uma junta ainda que lá a não tenha e os que tencionarem botar mais gado o guardará.

Que no mez de Maio e Setembro de cada anno só haverá um pastor e nos mais mezes será o gado

guardado por dous pastores se a veseira assim o premitir e que os pastores nunca poderão mudar as veseiras do gado para outros corraes sem que lhe seja ordenado pelos gerentes.

Que o outorgante que tiver uma só junta guardará um dia, o que tiver duas guardará dous dias.

Que o pastor que perder ou deixar perder alguma cabeça de gado e depois de aparecer morto de Lobo pagará mil e dozentos reis avisará o dono, sendo obrigado a procural-o um dia e depois voltar com o dono a procural-o em dous dias e não o achando não pagará a dita quantia, e só sendo que se ache morto do lobo pagarão todos os pastores que lá estiverão a quantia assima imposta uma vez que tenham tomado conta no dia da sua entrega.

Que fallecendo algum gado de molestia irão quatro dos referidos outorgantes interralo andando este serviço por giro entre todos os referidos outorgantes, ficando excluido d'este serviço o dono do gado.

Que os outorgantes que deixarem de hir fazer este serviço assim como de hirem ás composições das cabanas ou caminhos serão condenados cada um em seiscentos reis.

Que os outorgantes que em algum anno não mandarem gado para o monte não serão obrigados a hirem ás composições dos caminhos e cabanas, assim como serão excluidos d'este serviço os outorgantes que em suas casas tiverem boda, baptisado, mortorio ou impedimento de justiça.

Que o que fôr levantar a veseira levará os utencilios pertencentes á mesma andando de entrega athe que o ultimo os conduza para o poder dos gerentes.

Que o recado da guarda será dado na vespera do dia em que tem de sahir athe ao meio dia, e o que faltar a este preceito guardará mais um dia.

Que o outhorgante que tiver quatro cabeças de gado, querendo, chegando-lhe a roda á porta guardará só sem camarada e poderá fazer na forma do costume.

Que os outorgantes que só tiverem vaccas vendendo-se o Boi o que elle der será aplicado para a compra de oitro, e o que faltar será pago por todos na razão de duas cabeças (Vaccas) ainda que as não tenha n'aquella occasião e dalli para sima conforme as vaccas que tiverem, assim como respeito ao preço do Boi; em tempo de inverno será pensado por giro entre todos que tiverem vaccas um dia ainda que as não tenhão, e tendo mais de duas vaccas pensará conforme as que tiver.

Que os pastores não poderão avezeirar gado que não seja dos outorgantes e quando algum com elle avezeire o expulsarão e quando o contrario façam pagarão seiscentos reis.

Que as vezeiras dos gados cada uma seguirá os seus giros do uzo e costume antigo.

E por todos os referidos outorgantes juntos e por cada um d'elles de per si in solidum foi mais dito que por suas pessoas e bens e terços delles se obrigam a manter firme e valioza a presente escriptura e a cumprirem tudo quanto nella estipolado fica e querião que a mesma surtisse todos os devidos e legaes effeitos na forma della.

Que o pastor ou pastores que estiverem na guarda do gado no tempo competente não poderão abandonar seus pontos sem serem rendidos e quando alguns estejam a mais do que lhe pertencer vencerão mil e dozentos reis por cada dia que lhes serão pagos pelos infractores que teem de os render».

Independentemente d'esta Escriptura, teem os vezeiros de Rio Caldo um livro, onde estão inscriptos nominalmente os associados. É, por assim dizer, o livro das actas das suas sessões, em que se tomem resoluções dignas de especial registo e livro de receita e despeza.

Abre com este titulo: *Livro dos esclarecimentos da sociedade dos vezeiros para as guardas na serra do Gerez, d'esta freguezia de Rio Caldo,* e em seguida transforma em 25 artigos regulamentares toda a escriptura de contracto, despindo-a das formalidades de linguagem usadas em taes documentos e pondo-a em termos mais accessiveis ás intelligencias, que com tal instrumento teem de manobrar.

A este regulamento, de recente data (1903), seguem-se muitas assignaturas, bastantes das quaes estão já riscadas e teem adeante a palavra *Fóra.*

Isto significa o inexoravel cumprimento de laconica e inappellavel sentença proferida de harmonia com o artigo 1.º que diz:

«Todo o assignante d'esta suciedade que náo cumprir as condições adiante mencionadas será multado e no caso de não querer pagar a multa será lançado fora d'esta suciedade e perderá todo o direito e pertenças que tiver».

N'este livro, além do regulamento, estão já inscriptas as seguintes resoluções posteriores:

«Determinou o acordo que todo o veseiro que tiver gado no geres quer na veseira ou fora dela é ó brigado a guardar até quatro cabeças:

Detriminou o a Cordo que todo o veseiro que for guardar um da idade de dezoito annos para baixo e outro da idade de vinte para baixo é Condenado em trezentos reis:

E tambem é Condenado o veseiro que lá estiver a guardar que entrege a veseira a esses homens que não tiver a idade na mesma pena:

E tambem Detriminou u acordo que não poderio ir dois homens guardar sem que ó menos um tivesse gado na vezeira sobe a mesma pena de trezentos reis:

Todo o Gado que não for entrege na vezeira a suciedade não será ovregado a enterarlo».

Antes de fechar as referencias particulares d'esta vezeira, quero deixar aqui em registo especial a transcripção de dois artigos dos Esclarecimentos já referidos. São os artigos 16.° e 19.°, que dizem respectivamente o seguinte:

«Art. 16.° Qualquer dos pastores que bater com pau ou pedra no gado da veseira pagará a multa de dosentos reis, sendo cem reis para o que disso der parte».

«Art. 19.° O que faltar ao respeito ou fallar alto no chamado será multado em tresentos reis».

Por elles se garante o bom tratamento para com os animaes e o respeito para com as sérias solemnidades e o principio de auctoridade.

E garantido fica o cumprimento de todas as disposições, pela condição que manda observar com toda a promptidão o que os gerentes accordarem e determinarem a beneficio de todos.

Segundo os Esclarecimentos, a vezeira de Rio Caldo acabará no dia da Senhora do Porto (8 de setembro).

* * *

Actualmente em Covide não está já rigorosamente em uso a organisação regulamentar da sua vezeira, regulamento que consta da escriptura de que adeante se transcreve a parte mais importante.

Aqui a Junta compõe-se tambem, além do juiz e seu substituto, de seis homens, como a do Villar; mas emquanto que para esta se não dá no regulamento indicação especial sobre a sua escolha, no de Covide se prescreve que essa escolha, feita pelo juiz, recaia sobre seis individuos, sendo *dois dos mais ricos, dois dos mais ordinarios* e outros *dois dos mais inferiores teres*, dependendo ainda da approvação por pluralidade de votos.

O juiz, que é chamado *Juiz de vintena*, e o seu substituto são eleitos pelos vezeiros, e aquelles, com o conselho dos seis homens nomeados por elles, teem poderes para resolver sobre qualquer objecto que estipulado não esteja no seu regulamento, comtanto que seja para beneficio commum.

Hoje o juiz vintenario é substituido pelo regedor da freguezia, o que significa um afrouxamento no cumprimento da tradição estabelecida, pois que, não sahindo da eleição directa dos seus consocios, não toma um tão directo interesse pelos negocios da vezeira e das demais attribuições, nem impõe o respeito que disfructam os juizes das restantes vezeiras.

A Junta de Covide não decide só sobre o regimen dos gados; tem attribuições mais largas, como póde ver-se no regulamento que segue:

«*Escriptura de contracto e união que fazem os moradores do logar e freguezia de Covide* d'este Julgado na forma seguinte:

Saibam quantos este publico Instrumento de Escriptura de contracto e união, ou como em Direito maior nome tenha, virem que sendo no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1861, aos 9 dias do mez de Julho do dito anno, no sitio da Eira, Cabana de Pedro José Pires da Silva, proprietario d'este logar e freguezia de Covide, d'este Julgado de Terras de Bouro onde eu Tabelião vim, e ahi perante mim, e testemunhas abaixo nomeadas e no fim assignadas appareceram presentes e authorgantes...

E por elles referidos autorgantes foi dito e disseram por cada um de per si insolidum na minha presença e das testemunhas que presentes se acham, que para o bom governo e regimen de sua utilidade e querem viver como bons vizinhos, se achavam justos e contratados de fazerem entre si a presente Escriptura de contracto, e união debaixo das condições, clausulas e obrigações seguintes: Primeiramente determinaram que d'entre elles outorgantes e seus futuros successores e herdeiros fosse nomeado e elligido um Juiz ventenario com um substituto para reger e governar e fazer manter os seus antigos usos e costumes e feita que fosse esta nomeação ficariam elles autorgantes sujeitos a comparecerem a todos os seus chamados em quaesquer dias ou horas e local que por elle lhe fôr designado ou já por avisos de qualquer

pessoa de seu mandado, ou por qualquer signal d'um vozio, que por elle lhe fôr dado, e elles autorgantes moradores se obrigam e sujeitam a comparecerem em qualquer local, que lhe fôr designado para a mesma Junta a onde ficarão sujeitos a comparecerem dentro do praso de meia hora, menos aquelles que por tal occasião se acharem ausentes, e os que não estiverem ausentes deixando de comparecer ficarão sujeitos a pagar cem reis de multa que será depositada na mão de um depositario, que para isso se nomear, cuja multa será applicada para o que seis homens da mesma Junta destinar, que serão dois dos mais ricos e dois dos mais ordinarios, e outros dois dos mais inferiores teres, cuja nomeação dos seis serão nomeados por elle Juiz, no acto da mesma Junta, e approvados a pluridade de votos.

Que elles authorgantes mais ficarão sujeitos a occorrerem ao que por elle Juiz lhe for destinado no acto da mesma Junta, sobre quaes quer objectos a bem dos povos no que for mais bem adquado e de suas utilidades.

Que tambem nenhuma pessoa dos moradores d'este logar cortem urzes do rio dos Moinhos para a parte dos mesmos logares até ao Ribeiro de Freixeiro, e menos poderão estorgar e arrancar as canhotas do dito montado e outra qualquer lenha; e da mesma forma pessoa alguma não poderá fazer carvão nos sitios que sempre foi coutado aguas vertentes para o dito rio e só o poderão fazer sendo a votos do dito Juiz da Vintena e da maior parte dos vizinhos d'elles autorgantes.

Que no monte de Cerdeiras e em todo o monte coutado não poderão cortar arvores algumas pelo pé, só sim para paus de prestimo que se entenderá para obra e para lenha sómente se poderá cortar por cima cada um a que lhe for precisa; n'estes sitios acima indicados nunca poderão ser queimados só sim cortados a fouce por elles autorgantes nos tempos que por elle Juiz e seis homens do Governo lhe for destinado.

Que toda e qualquer pessoa d'esta freguezia que se provar ter lançado fogo nos montados acima indicados ficará sujeito a pena criminal e alem d'esta pena pagará uma multa de quatro mil reis, que entrará no deposito conforme acima declarado fica.

Que se não poderão deitar gados a pastar nas Veigas senão cada um nas suas propriedades e o mesmo se praticará nos Outeiros e montes que se acham dentro das propriedades das mesmas Veigas e só o poderão fazer quando andarem a trabalhar nas mesmas terras botando-os prezos aos mesmos Outeiros.

Que o mesmo Juiz da Ventena, com os mesmos moradores autorgantes fará pôr promptos os caminhos e cancellas das Veigas no tempo das sementeiras, fazendo guardar á roda como sempre fôra costume da vizinhança nos seus districtos.

Que no tempo das sementeiras do centeio d'este logar e de todos quaesquer outros fructos e sementeira do Maio, ficarão obrigados a guardar e tapar os seus portellos, por onde se servem cada um nas suas testadas, e que acabadas as sementeiras do centeio poderão elles autorgantes cerrar os seus carreiros e feitas as sementeiras do centeio ficará o prazo de oito dias, para conducção dos estrumes das terras que ficam de temporão, matos e lenhas pelos mesmos carreiros, e passado este tempo não poderão passar pelos ditos carreiros depois de semeados, só se o tempo o não permittir por causa do inverno. Todo aquelle que deixar terra de temperão no meio das veigas, levará o estrume antes que qualquer outrem semie.

Que emquanto aos regos da veiga e seus caminhos da mesma e outros mais fóra d'ella, ficarão elles outorgantes e seus vindouros sujeitos a observar o que se deliberar em acto de Junta pelo Juiz vintenario e seis homens da sua escolha. E com quanto ás segadas será pósta pelo Juiz e seis homens, e posta segarão n'um dia e lavrarão no seguinte e não poderão levar gado sorto á Veiga, emquanto lá ouver fructos a recolher; e qualquer d'elles autorgantes que contravir esta clauzula por avuzo, n'esse caso pagará uma multa de quinhentos reis por cada futura contravenção, que entrará no deposito acima dito.

Que pela mesma forma e debaixo da dita pena no tempo de segada ninguem poderá hir com carro voscar senteio ás Veigas.

Que nenhum morador desde o primeiro de Maio athé ao dia de São João, não poderá levar a Rés e gado de toda a qualidade ao monte de Lamas, só sim a Rés da Vezeira de Fijaco poderá ir do caminho das Caldas para sima, e fazendo o contrario incorrerá na mesma multa, salvo á Rés da Vezeira da carreira estando o tempo muito rigoroso de Inverno, a levará para a costa da Ponte, e não passará o caminho do porto do Freixo para sima e encorrendo na mesma pena, se o contrario fizer. Finda a sementeira do Maio se porá a vezeira do Gado no Castello athé o S. João, e não poderão levar Gado a Lamas desde o principio de Maio athé o S. João, e do contrario incorrerão na mesma pena de quinhentos reis se o contrario fizer.

Que o Juiz da Vintena com os seis homens nomeados mandarão correr o monte de Lamas a roda para fazer retirar os Gados miudos, e grandes que no mesmo se achar por todo o tempo de verão athé o S. Miguel, e qualquer dos autorgantes, e qualquer outros que for nomeado, e assim o não cumprir incorrerá nas penas asima declaradas.

Que a vezeira do gado na serra seguirá o giro do antigo costume já estipulado na Escriptura de vinte e tres de Junho d' 1802 = debaixo das condições e clauzulas na mesma exaradas, cuja Escr.ª por este Instromento aretificão em toda a sua extenção, que querem se cumpra, e sempre valha do milhor modo que em Direito possa. =

Que nenhum d'elles autorgantes, nem pessoas e suas familias, ou quaesquer outras d'este lugar poderão lavar roupas no Ribeiro de riba, poça de S.ta Luiza, e fonte de Fijaco em nenhum tempo futuro, e do contrario quando assim o não cumprão incorrerão na multa de mil reis, que será paga na forma que dito fica, e aplicação dita:

Que qualquer dos moradores d'este logar da Igreja, Sá, e Barzias, que aqui não entrarão n'esta Escriptura de união, e a futuro quizer entrar o poderá fazer por nova Escr.ª sujeitando-se ao estipulado, e assim disso ficará obrigado a meter no deposito a quantia de seis mil reis, e não cumprindo assim tambem não valerá esta condição.

Que mais condecionavão entre si elles autorgantes, que em tal caso que ao futuro possa haver qualquer prejuizo em seus gados graudos por queda, ou comida do Lobo ficarão obrigados um por todos, e todos por hum aresarcir a perca a quem a tiver por metade do seu valor a saber, sendo touro tres mil reis. e sendo Baca de trabalho, ou Boi seis mil reis.

Que mais elles autorgantes ficarão sujeitos a estarem por tudo o mais que for deliverado pelo Juiz da Vintena, e seis homens da sua escolha sobre qualquer objecto, que n'esta Escr.ª estipulado não fique, e que se, porventura qualquer Juiz Vintenario deixe de cumprir o que for dos seus deveres, e por tal motivo possa causar alguns prejuizos n'esse caso ficará sujeito aressacir qual quer perda, ou damnos a quér ó tiver d'elles autorgantes, isto he se assim for justo por Lei.

E declararão mais que os mesmos Juizes ficarão obrigados a servir aroda pelo tempo de hum anno, cujo será nomeado a votos d'elles autorgantes que tiver maior numero, e o mesmo estillo se siguirá emquanto aos Juizes substitutos, e estarem pelo estipulado dicerão se obrigavão por suas pessoas, e todos os seus bens presentes, e futuros, e terços de suas almas, e de como assim o dicerão dou fé. E achando-se n'este acto presente João José Alves, e mulher Joaquina Alves do logar de Sá, d'esta freguezia, que reconheço pelos proprios dicerão, que tambem se obrigavão a estar pelo estipulado n'esta Escr.ª com a condição de nunca em tempo algum poder ser nomeado para Juiz por motivos, que lhe não convem declarar, condição, e clauzula esta, que aceitarão os autorgantes primeiro nomeados.

Huns e outros assim o dicerão, quizerão, cederão, autorgarão, acceitarão de parte a parte rogando a mim Tabelião, que esta lhe fizesse, e aceitas-se a qual assim lhe fiz, estipulei, e acceitei em nome das partes presentes, e ausentes a quem possa pertencer, sendo testemunhas presentes Antonio Joaquim Pereira do Lago, casado meu escripturario a quem os autorgantes rogarão, que a seos rogos assignasse, por dizerem de que dou fé não sabião escrever, o qual a seos rogos assignou, sendo mais Manoel José de Araujo e Silva inminoribus do logar de Parada de Bouro, freguezia do mesmo nome, do Julgado de Vieira, e José Joaquim Antunes inminoribus do logar e freguezia de Friande do Julgado e Comarca da Povoa de Lanhoso, que aqui assignarão com elles autorgantes, e rogado ao depois d'este Instrumento lhes ser lido por mim como de todo o referido dou fé, Manoel Joaquim Pereira do Lago, tabelião que o escrevi e assignei. Declaro que por ingano se mencionou n'esta Escr.ª Maria Pires mulher do Autorgante Antonio José Rodrigues, por quanto a dita Maria Pires não compareceo por se achar imposebilitada de parto, e por isso assim o declaro, e assignarão elles sobre ditos autorgantes, e testemunhas lida esta por mim sobre dito Tabelião, que escrevi e assignei. E declararão elles autorgantes, que emquanto ao Juiz da Vintena servirá aroda, e não será feito a votos, e de como assim o dicerão e declararão dou fé, e vão assignar elles autorgantes, e rogado com as testemunhas ao depois de tudo lhe ser lido por mim sobre dito Tabelião, que escrevi e assignei».

* * *

Como em Covide, o juiz de vintena da Junta Villarinho da Furna tem attribuições de uma maior latitude que as juntas do Villar e de Rio Caldo, pertencendo-lhe marcar os dias da segada, das vindimas, do milho serodio, etc., e bem assim impôr as multas que julgar convenientes, além das marcadas para casos especiaes.

Aqui existem tambem os seis homens escolhidos a votos para resolverem, além dos casos indicados no regulamento, sobre todas as duvidas que possam haver no *logar* com aguas ou outra cousa.

A não ser nos casos especiaes apontados nos diversos regulamentos, não ha dias certos marcados para ser convocada a reunião das juntas, menos em Villarinho. Aqui a Junta funcciona regularmente todas as sextas-feiras, reunindo-se os moradores ao chamamento de um buzio. Lá comparece o juiz, sobraçando a respectiva pasta, onde andam o regulamento e o livro das condemnas, que toma a presidencia, muito senhor da importancia do seu papel e do respeito, que para todos tem a sua funcção especial.

Em Villarinho, estendendo se, como se estende, a interferencia da Junta para mais do que o regimen dos gados, indo até á superintendencia nos demais serviços agricolas e outros, é aos interesses de todos que se estende a sua acção. D'ahi o não ser apenas um numero restricto de individuos que tem logar nas suas assembleias, mas sim toda a freguezia, representada por todos os cabeças de casal, e sendo viuvas, pelo filho mais velho.

Para completa elucidação, segue o extracto das condições do regulamento da Junta de Villarinho:

«*Clausulas extrahidas da escriptura de contracto e união (junta ou accordo) do povo de Villarinho.*

Primeiramente disseram que todo aquelle morador que tivesse um bezerro e uma junta de bois ou toura será obrigado a guardar a bezeira nos dias que lhe pertencer e aquelle que não tiver bois ou touras não será obrigado a fazer guarda alguma só sim depois que os tiver.

Que aquelle que só tiver uma Junta de bois de trabalho fará a guarda de uma vez sim e de outra não e não cumprindo assim ficará de fóra da bezeira e não poderá entrar com o seu gado para a mesma sem pagar aquantia de dois mil reis para despezas d'este logar.

Que todo aquelle a quem pertencer a guarda da bezeira não se entregará a outro serviço senão a guardar a dita vezeira e faltando a isto pagará a quantia de 400 reis.

Que todo aquelle que não fôr para as bezeiras no dia que lhe pertencer pagará 800 reis por cada vez.

Que a vezeira das vaccas será conforme o costume que se observa n'este logar e todo aquelle que não conduzir as vaccas do logar para o Monte e conduzil-as d'aqui á noute para o logar pagará por cada vez que assim o não fizer a quantia de 400 reis entende-se que aqui se inclue a bezeira das vaccas da serra, para esta guardada e vigiada na forma do costume.

Que ninguem poderá trazer gado a pastar na Veiga ás soltas só sendo no que é seu e fazendo o contrario pagará pela primeira vez 1000 reis e pela segunda dobrado.

Que todas as aguas de lima e rega e vertentes e enchurros tudo seguirá o costume antigo.

Que o Juiz de ventena d'este logar será senhor de pôr os dias da segada do centeio das vindimas e milho serodio attendendo sempre ao costume antigo e sem quê se ponha dia para isto ninguem o poderá fazer salvo sendo em parte onde tenha caminho por terra sua.

Que ninguem poderá abrir caminho das Veigas sem chegar o dia de S. Miguel de cada anno.

Que ninguem poderá arrendar casa a pessoa de fóra do logar e o que fizer o contrario pagará 6$000 reis.

Que nas Juntas que se fizerem no logar assistirão sempre todas as cabeças dos casaes e sendo viuvas o filho mais velho.

Que todas as duvidas que se suscitarem e possam haver n'este logar com as aguas ou outra cousa serão decedidas por seis homens escolhidos a votos.

Que nas Juntas que se fizerem para trabalho do logar serão todos obrigados a comparecer e a trabalhar o que poder e para si não.

Que auctorisam o Juiz de Ventena para poder impor as penas e multas que lhe parecer justas alem das que ficam declaradas e tudo isto será applicado para despezas d'este logar e todo aquelle que não pagar por bem poderá ser obrigado judicialmente.

Que todo aquelle Juiz de Ventena que não cumprir com os seus deveres no que lhe for requerido, pagará a quantia de 2$000 reis applicado para o logar, que todas as dictas condenações no caso de as haver serão impostas e recebidas todos os mezes».

* * *

Além dos regulamentos que ficam transcriptos, outros ha respeitantes a differentes freguezias tambem limitrophes da serra do Gerez e que n'ellas lançam os seus gados, mas todos mais ou menos se approximam n'uma quasi identidade de preceitos. E' por isso inutil a sua reproducção.

Os que atrás ficam, referem-se ás freguezias que mais disfructam os pastos creados a dentro do perimetro florestal, que n'esta serra possuem as Mattas Nacionaes, usofructo que, com outras mais regalias, ficou garantido aos povos visinhos, quando o Estado em 1888 creou aquella matta.

Pelas razões indicadas já, esses mesmos povos comprehenderam entre si instinctivamente a necessidade de assentarem em regulamentação séria o aproveitamento do communismo que lhes pertencia disfructar. D'ahi a creação das vezeiras, principalmente, e o estabelecimento de leis applicaveis á resolução de muitos outros casos da vida intima d'esses povos, como se verifica em alguns dos seus regulamentos.

São ao ar livre as suas sessões. Alli, sob o grande tecto commum, todos se conservam de cabeça coberta, como affirmando uma egualdade de direitos. A um lado o *juiz;* mais longe os *homens do accordo;* á parte a massa dos representantes da vezeira ou os cabeças de casal da freguezia. Perto do juiz, o *procurador.*

—*Chame á roda,* ordena o juiz e o procurador faz a chamada; aos que não estão presentes, applica-se a multa.

—«F... Você este anno *deu este ou aquelle erro.* Que allega?»

Então o que tem *condemna* avança, e de chapeu na mão, em homenagem á auctoridade perante quem comparece, justifica-se.

— «Eu, *sr. juiz*...»

Os do accordo escutam e, deliberando, dizem depois ao juiz: «Condemne» ou «não condemne».

Todos discutem. Ha a mais ampla liberdade para isso e todos a teem completa para se justificarem. No campo livre perdem-se os echos da mais acalorada discussão, que ás vezes toma proporções de verdadeira lucta. As suas eleições fazem-se por votos expressos verbalmente, alto e bom senso. A maioria de votos sancciona as deliberações tomadas.

A magica das urnas, com todos os subterfugios a que se presta, não tem alli seu cabimento. São organisações genuinamente democraticas.

Em Covide e em S. João do Campo os regedores presidem ás reuniões que se realisam, e os avisos são feitos por um dos seus cabos de policia; em Villarinho é que ainda hoje as formulas se cumprem com mais escrupulo.

Aqui as Juntas funccionam todas as sextas-feiras; a ellas devem comparecer todos os cabeças de casal e no seu impedimento serão substituidos pelas mulheres; se o cabeça de casal fôr viuva, mandará o filho varão mais velho, se tiver mais de 12 annos, e se o não tiver, irá ella mesma. As mulheres, que por direito assistem ás Juntas, teem n'ellas voto em todas as deliberações.

Em todos os regulamentos resalta evidente o principio de communidade. O cooperativismo, as associações e syndicatos agricolas e todas as creações modernas, em que se applica á agricultura o principio de associação, teem, sem duvida nenhuma, um ancestral respeitavel nas montanhas do Gerez.

É por isso que, além de outras razões, as interessantes notas especiaes que transcrevi sobre os habitos tradicionalmente seculares dos povos da serra do Gerez, em muitos dos quaes se descobre Edade Media pura, mas capaz de dar ensinamento de boas leis a este incipiente seculo XX, merecem mais completo e mais bem orientado estudo.

Em outro artigo, subordinado ao mesmo titulo, tentarei ainda descrever outros usos d'esta região.

Gerez, Novembro de 1906.

TUDE M. DE SOUSA.

FOLK-LORE TRANSMONTANO

ROMANCEIRO

A mal casada

Estava a mal casada
No seu tear tecendo;
Da sua vidinha nova
Mal ella estava dizendo.
Ouviu-lh'a um *crelgo*,
D'onde estava lendo;
Pegou no seu breviario,
Fôra-se lá correndo.
«Gertrudes, mal casada,
Que estavas dizendo?»
— Cahiu-me a lançadeira,
Estava-*la* erguendo. —

Ouviu-a outro *crelgo*,
D'onde estava resando;
Pegou no seu breviario,
Fôra-se lá andando.
«Gertrudes, mal casada,
Que estavas fallando?»
— Cahiu-me a lançadeira,
Estava-a alevantando. —

Recolhido na Louza.

—

O pôr do sol

Agora baixou o sol
P'ra traz d'aquella serra;
Leva faixinha vermelha,
Quç lh'a déra *Magdanélla*.
Magdanélla escreveu
Uma carta a Jezus Christo;
O portador que a levara
E' o Padre São Francisco.
São Francisco vae descalço,
Vestidinho de burel;
Foi beijar as chagas
Ao divino Manuel.

Recolhido em Carviçaes.

CANCIONEIRO

78.ª

Muito lindo é o Ceo,
Onde está a Virgem Maria;
Lá não ha noite nem dia,
Sempre é um claro dia.

79.ª

Estás para mim agastada,
Eu para vós tambem;
Informa-te da verdade,
Torna a culpa a quem a tem.

80.ª

Estás para mim agastado,
Craveiro do pé da murta;
Deixa-me fallar comtigo,
Que eu te darei a desculpa.

81.ª

Meus principios foram bellos,
Minha vida extravagante;
Para mim acabara tudo,
Já não ha nada constante.

82.ª

Pelo amor de Deus te peço,
Pelas chagas do Senhor,
Que não vás á minha rua,
Que dizem que és meu amor.

83.ª

Assenta-te aqui, Antonio,
Tu n'uma pedra e eu n'outra;
Aqui contaremos ambos
A nossa ventura pouca.

84.ª

O meu amor e o teu
Andam ambos na ribeira;
O meu anda a colher cravos
E o teu herva cidreira.

85.ª

O mar pediu a Deus peixes
Para viver acompanhado;
Quando o mar pede companhia,
Que fará um desgraçado!

86.ª

Vae-te a deitar, passarinho,
Ao arvoredo, que é noite;
Tu dormes com tuas pennas
E eu durmo com penas d'outrem.

VARIA

O gaiteiro

«O' minha mãe,
D'onde é o gaiteiro?»
— O' minha filha,
De Valle de Madeiro. —
«O' minha mãe,
Eu vou-me com elle»
— O' minha filha,
Tomava-te elle. —
«Vejo *vil-a* a gaita
Ao cimo do logar;
Poiso a roquinha
E ponho-me a bailar.
Vejo *vil-a* a gaita
E o gaiteiro não;
Oh! que pancadinhas
No meu coração.

Recolhido em Maçores.

(Segue)

O bailarico

Baila, bailarico,
Senhora Maria;
Temos bailarico
Para todo o dia.
Baila, bailarico,
Senhora Joanna;
Temos bailarico
Para toda a semana.
Baila, bailarico,
Senhor Luciano;
Temos bailarico
Para todo o anno.
Baila, bailarico,
Baila, bem bailado;
O José do Milho
Já está casado [1].

[1] Variante:
Ao cabo de nove mezes
Temos baptisado.

O juramento da velha

Juiz: «Diga o seu juramento».
Ella: — Se comi fermento? —
Juiz: «Esta mulher está tola!»
Ella: — Se comi bola? —
Juiz: «Mettam-na p'rá cadeia».
— Se sou d'aldeia? —
De lá venho,
Para lá torno;
Passe muito bem,
Adeus! até logo.

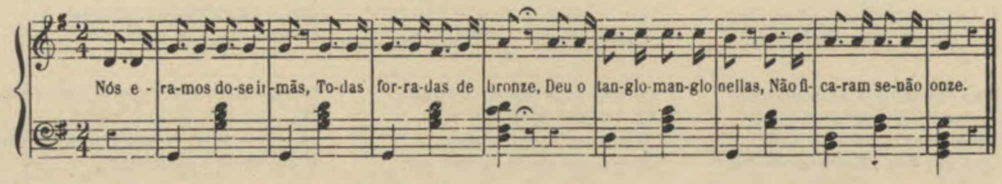
O enredo é o seguinte: Uma velha não gostava de faltar á verdade nem comprometter uma sua visinha com o seu juramento. Como proceder? Fingindo-se doida!

Carviçaes, 1905.

TAVARES TEIXEIRA.

FOLK-LORE BEIRÃO

O TANGLO-MANGLO



Nós eramos doze irmãs,
Todas forradas de bronze:
Deu o tanglo-manglo nellas,
Não ficaram senão onze!

Dessas onze que ellas eram,
Foram-se a lavar os pés:
Deu o tanglo-manglo nellas,
Não ficaram senão dez.

Dessas dez que ellas eram,
Foram dar esmola a um pobre:
Deu o tanglo-manglo nellas,
Não ficaram senão nove.

Dessas nove que ellas eram,
Foram comer um biscoito:
Deu o tanglo-manglo nellas,
Não ficaram senão oito.

Dessas oito que ellas eram,
Foram riçar o topéte:
Deu-lhe o tanglo-manglo nellas,
Não ficaram senão séte.

Destas sete que ellas eram,
Foram a pedi-las Reis:
Deu o tanglo-manglo nellas,
Não ficaram senão seis.

Destas seis que ellas eram,
Foram jogar o chorinco:
Deu o tanglo-manglo nellas,
Não ficaram senão cinco.

Destas cinco que ellas eram,
Foram p'ra matar um rato:
Deu o tanglo-manglo nellas,
Não ficaram senão quatro.

Dessas quatro que ellas eram,
Voltaram lá outra vez:
Deu o tanglo-manglo nellas,
Não ficaram senão tres.

Dessas tres que ellas eram,
Foram lá por essas ruas:
Deu o tanglo-manglo nellas,
Não ficaram senão duas.

Dessas duas que ellas eram,
Foram apanhar caruma:
Deu o tanglo-manglo nellas,
E não ficou senão uma.

Dessa uma que ella era,
Foi-se confessar a um frade
Deu o tanglo-manglo nella,
Não ficou senão metade.

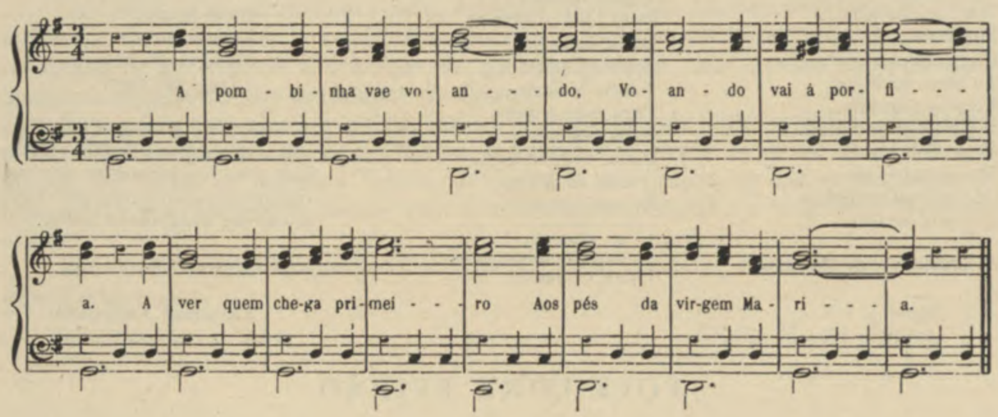
Dessa metade que ella era,
Foi fazer certa funcção:
Deu o tanglo-manglo nella...
Acabou-se a geração!

OS REIS MAGOS

Em muitas povoações do nosso paiz, principalmente na Beira Alta, é uso juntarem-se, na noite e dia de Reis, magotes de mulheres e rapazes, que percorrem o povoado pedindo esmola, e cantando de porta em porta versos allusivos á festa tradicional que se commemora.

Um ou mais dos do grupo é portador de um sacco, onde se recolhem os donativos, que são depois divididos irmãmente pelos pedintes.

Eis algumas d'essas trovas, acompanhadas da respectiva musica:



A pombinha vai voando,
Voando vai á porfia
A ver quem chega primeiro
Aos pés da Virgem Maria.

Não vos démos as Janeiras
Porque são dos lavradores,
Vimos cantar-vos os Reis
Que são dos nobres senhores.

Eu, senhores, fui a Belem
E de lá vim espantado
De ver a Jesus, meu bem,
Numas palhinhas deitado.

Foi tam grande a minha pena
Pelo ver tam pobresinho
Que as lagrimas dos meus olhos
O molharam no bercinho.

Ora não choreis meus olhos,
Meus olhos não desmaieis,
Que daqui a pouco tempo
Vereis chegar os tres Reis.

Os tres reis são do Oriente,
São reis e adoram o rei;
Mas é rei omnipotente.
Que mais vos diga não sei.

A pombinha vai voando,
Voando vai á porfia:
Vimos cantar-vos os reis,
Que se festeja o seu dia.

Mal haja esse rei Herodes,
Capitão falso e damninho,
Que ensinou aos tres Reis Magos
A's avessas o caminho.

Mas Deus, como poderoso,
Deu-lhes estrella de guia
Que os conduza ao presepe
Onde o menino jazia.

Quem traz oiro, incenso e myrrha
Dos desertos d'alem mar?
São tres reis: Gaspar um delles,
E Belchior e Balthazar.

Oiro fino lhe off'recem
Como a rei celestial,
Incenso como a divino,
Myrrha como a immortal.

A pombinha vai voando,
Voando vai á porfia:
Viva o senhor desta caza,
Viva a sua companhia!

PEDRO FERNANDES THOMAZ.

NOTICIAS

Esconderijo morgeano da Carpinteira

(Melgaço)

Em novembro de 1906, quando se arrancava um pinheiro numa bouça do sitio da *Carpinteira,* freguesia de S. Paio, a 14 kilometros da villa minhota de Melgaço, appareceram sob as raizes cinco machados de bronze, que, dias passados, foram adquiridos pelo digno professor da escola de desenho industrial de Vianna do Castello, sr. Serafim de Souza Neves. Gentilmente confiados, pudemos estudá-los e averiguar que pertencem todos ao typo, que a archeologia franceza denomina *à talon* e classifica de *morgeano* — modelo vulgarissimo entre nós e conhecido hoje pela periphrase de *machados de duplo anel e dupla canelura.*

É em geral mau o estado de conservação da série; o lenhador, fantasiando logo um aureo thesouro, mutilou ou partiu alguns exemplares, e raspou a patina d'outros — tudo em averiguação cubiçosa da natureza intima do metal. Assim, appareceram-nos — um partido logo abaixo da *espera (talon);* dous com falta d'um *anel;* e um com o *cabeço da fundição* partido e novamente soldado. A patina, que era verde-escura, e em parte verde-malachite, está levantada na maioria d'elles; ainda se percebe no entanto que a crosta patinosa era mais espessa num dos lados dos instrumentos. Restos de particulas terrosas adherem-lhes ás faces, attestando uma longa permanencia no subsolo.

Foram todos fundidos em diversos moldes bivalves; num reconhece-se que as valvas do molde se deslocaram durante a operação, resultando um instrumento defeituoso, asymetrico, grosseirissimo. Exhibe este mesmo especimen uma particularidade invulgar de architectura; o rebordo saliente da *espera* prolonga-se para ambos os lados do instrumento e transforma-se ahi nos *aneis* usuaes.

Apesar d'este e d'outros insignificantes episodios architectonicos, o aspecto geral é o mesmo, reprodusindo-se esta uniformidade generica até na ornamentação das duas faces maiores, constituida em todos por uma nervura média, entre dous sulcos mais ou menos profundos, a começar logo abaixo do rebordo da *espera* e esmorecendo até desapparecer a distancias variaveis do gume.

Só dous dos machados conservam adherentes os *cabeços da fundição;* nos outros foram serrados préviamente á inhumação no esconderijo; mas o córte não os separou por completo, percebendo-se-lhes ainda nitidamente o inicio, logo a seguir ás *caneluras.* Estas circunstancias, e a subsistencia de rebarbas em alguns exemplares, attestam que não tinham sido usados.

No mappa subsequente se resumem outros pormenores descriptivos:

Numero	Comprimento	Largura do gume	Espessura maxima	Largura das caneluras	Peso	Forma do *talon*	Observações
1	$0^{m},253$	$0^{m},052$	$0^{m},040$	$0^{m},027$	$1_{k},490$	Quadrado	Anel partido, sem cabeço da fundição
2	$0^{m},242$	$0^{m},047$	$0^{m},035$	$0^{m},024$	$1^{k},110$	Ovalar	Perfeito; idem
3	$0^{m},245$	$0^{m},047$	$0^{m},045$	$0^{m},018$	$1^{k},950$	Redondo	Cabeço da fundição e anel partido
4	$0^{m},273$	$0^{m},044$	$0^{m},040$	$0^{m},021$	$1^{k},167$	Quadrado	Partido; cabeço da fundição
5	$0^{m},242$	$0^{m},051$	$0^{m},045$	$0^{m},024$	$1^{k},085$	»	Perfeito, sem cabeço da fundição

O achado representa mais um *esconderijo de fundidor-mercante.* Repete-se nelle a irritante monotonia d'estes depositos da idade do bronze, quasi sempre constituidos exclusivamente pelo mesmo typo de machado, sem outros instrumentos ou utensilios coevos. D'entre os sete esconderijos, de que temos notas, só um, o de *Bujões* (Villa-Real), continha um padrão diverso de machados, o de *cunha,* e outro, o de *S. Braz* (Torre de Donna Chamma), reunia os dous modelos, de *cunha* e de *caneluras duplas;* os restantes, e agora este oitavo deposito, apenas forneceram o *palstave de duplo anel e dupla canelura.*

Assim, o recentissimo achado, conquanto registravel, carece de importancia archeologica para a constituição da chronologia da idade do bronze, ainda tão imprecisa e incerta entre nós, á mingoa de indicadores seguros.

J. Fortes.

Castros do concelho de Amarante

I. — O MONTE DO CRASTO. Ao lado direito do caminho que da freguezia d'Anciães vem sahir á estrada, um pouco abaixo da egreja de Candomil, proximo do logar de Gião e a uns 15 kilometros distante da villa, encontra-se o castro, que d'este logarejo tem o nome.

Está a matto, retalhado em pequenas bouças, todas separadas umas das outras por paredes, cuja pedra foi, não ha duvida, partida dentro do proprio castro; e é por isso que, por mais que se esquadrinhe de baixo a cima, não se lobriga uma unica insculptura, das que porventura teria. A incessante acção da enxada no córte dos mattos durante longos annos tem feito tambem desapparecer da superficie os outros restos, especialmente os ceramicos e metallicos, todos para nós tão interessantes, e por meio dos quaes podemos levantar um pouco o denso véo que nos occulta a existencia dos nossos antepassados.

E assim, á falta d'outra exploração, só nos dizem que aquelle outeiro foi habitado o nome, a forma e a lenda.

II. — LADARIO. O castro do Ladario está situado no logar de Paredes, da freguezia de Gatão, á beira da estrada districtal n.º 40 e a 3:600 metros de Amarante. É apenas conhecido pelo Alto do Ladario ou simplesmente Ladario, passando o nome de Castro, por que ninguem o conhece hoje, para uma quinta que lhe fica ao pé: mede 223 metros d'altitude e domina todo o fertil valle de Gatão, que lhe fica a nordeste. Só poderia ser habitado de sudoeste a norte, e só aqui tambem é que deviam existir as muralhas, pois que de todos os outros lados era facil a defeza por o terreno ser quasi inaccessivel.

É possivel que tivesse insculpturas, mas, se as teve, tudo foi destruido, despedaçado, e as pedras fazem hoje parte d'algum socalco ou das casarolas do logar. Vê-se, é certo, num dos penedos terminaes uma pequena cavidade cylindrica, que se poderia incluir nas insculpturas castrejas e que hoje serve para firmar o pau da bandeira por occasião da festa ao orago da freguezia, mas parece de factura relativamente moderna, talvez para o fim a que se destina.

Como este castro está muito perto do povoado, tem sido em parte explorado como pedreira e parte arroteado, o que lhe tem mudado sensivelmente a forma; e é assim que, ao descoroar e escavar a penedia ou nas saibras e surribas da parte aravel, apparecem restos ceramicos em maior ou menor quantidade; mas todos, especialmente os que vi e dos que tenho conhecimento, são d'uma pobreza extrema de ornamentação.

Além d'isto só se sabe que o arado ou a picareta tenham posto a descoberto seixos rolados, fragmentos de *tegulæ* e escorial, uma pequena mó (pé) de $0^{m},35$ de diametro, que ainda hoje se vê ao lado do caminho junto d'um cunhal d'uma casa, e... mais nada.

III. — O CRASTO DE VILLA GARCIA. Quem, partindo de Amarante e seguindo a estrada districtal n.º 40, se dirigir á Ponte Nova, encontra a 7:900 metros da villa, proximo d'aquelle logar e á esquerda da estrada, um caminho de carro que serve a freguezia; e, mettendo por elle, dá depois do curto percurso de uns 300 metros com um pequeno outeiro de 252 metros d'altitude, que pela forma logo percebe ser o castro citado.

Por entre o matto que o cobre na sua totalidade, não se descortina o mais leve vestigio da ceramica castreja, e os poucos afloramentos graniticos que d'elle irrompem já nos não mostram vestigios de insculpturas.

A causa é sempre a mesma — a enxada e o ancinho, o pico e o martellão.

Mas o que felizmente ainda hoje se conserva são, além de indicios de casas, restos evidentes de pannos de duas muralhas, especialmente da ultima que defendia a parte superior. Eram estas feitas de pedra não lavrada, granito e schisto, visto a rocha regional já ser de transição, assentes em secco, faceadas sim, embora grosseiramente, mas sem preoccupação de fiada nem de tamanho. Como em toda a parte, o povo continúa a considerar aquillo obra de mouros; e, com o seu fundo natural de superstição e cubiça, lá vae uma ou outra vez pela calada da noite escabichar, aqui e além, em busca do thesouro encantado, com que tres noites a *áfio* sonhara e que ainda, apesar da desillusão que sempre o espera, não cessa de procurar.

(Continua)

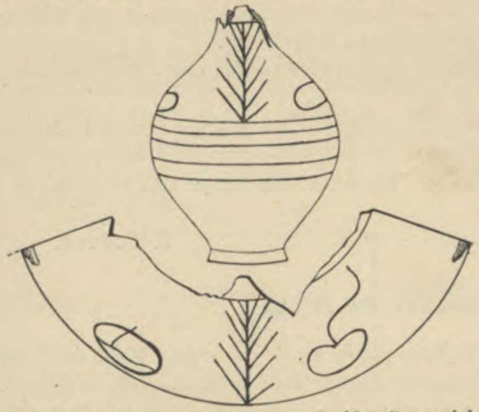
J. PINHO.

Casa e necropole lusitano-romanas de Villarinho

(AMARANTE)

O intelligente ethnographo José Pinho, de Amarante, offereceu ao Museu municipal do Porto uma pequena collecção ceramica, proveniente d'uma casa e necropole archaicas, que os trabalhos de terraplenagem para os fundamentos da estação de Villarinho, na linha ferrea do Valle do Tamega, e o córte subsequente d'uma trincheira puzeram, ha mezes, a descoberto. A solicitude do nosso camarada não pôde salvar intacto todo o espolio; ainda assim é interessante, por mais d'um aspecto, a série offerecida, e particularmente valiosos os informes que a acompanharam. Sobre elles composemos esta rapida noticia.

Villarinho é um logar da freguesia de Villa Cahiz, a sudoeste da circunscripção administrativa d'Amarante, entre o Tamega e a linha ferrea do Douro. Num antigo olival, onde assentará a estação, appareceram vestigios d'uma casa: umas escadas de pedra, um cunhal do edificio, uma pedra larga e comprida com um orificio bastante regular (de $0^m,26$ de diametro e $0^m,33$ de profundidade), as mós dormentes de duas atafonas manuarias (diametro, $0^m,41$, altura, $0^m,21$), uma lareira em que pousavam um prato, varios cacos e alguns carvões, fragmentos de *tegulae*, etc. Notou-se ainda no saibro do pavimento uma cavidade contendo carvões (altura, $0^m,60$, largura, $0^m,45$).



Vaso pintado — contorno geral e planificação parcial
$^1/_6$ gr.

Mais adeante, a cêrca de cem metros para a banda de Amarante, o córte da linha ferrea veio tambem a atravessar um cemiterio. Quando o nosso diligente informador acorreu ao local, já os trabalhadores haviam destruido tudo — sepulturas e seu mobiliario. Pôde entanto averiguar, pelos vestigios d'uma sepultura ainda patentes na secção da trincheira, que ella se incluia no typo das do cemiterio lusitano-romano de *Laboris*, que ambos exploramos no anno findo e de que a *Portvgalia* dará um minucioso relato no fasciculo proximo. Eram portanto para inhumações, mais ou menos superficialmente abertas no *salão*, sem revestimento interno, nem tampas, de planta proximamente rectangular, apenas encerrando um modesto mobiliario de vasilhame grosseiro; pertenciam, em summa, ao *2.º typo*, a que fizemos breve referencia no trabalho sobre a necropole amarantina da *Lomba (Portvgalia*, t. II, pag. 252 e segs.)

No espolio ceramico da *casa* avulta a metade d'um *catillus* circular (diametro, 184 mm.), fabricado ao torno em uma argilla grosseira, vermelho-escura, cheia de grãos siliciosos e de pequenas palhetas de moscovite, porosa, bem cosida e sonora. Se a pasta é vulgar, a forma da peça tem certo destaque no abundantissimo grupo, já fartamente exemplificado, dos *catini* e *catilli* exhumados nos *castros* e nas necropoles lusitano-romanas. Sobre um fundo concavo, fortemente estriado na face externa pelos dedos do oleiro, elevam-se em angulo recto as paredes espessas (altura, 51 mm., espessura, 8 mm.); em toda a peripheria do fundo, na linha da intersecção com as paredes, uns entalhos obliquos, e parallelos entre si, constituem um modesto ornato, registravel pela região em que se exhibe. Das manchas de negro de fumo, que o patinam, deduz-se ter sido vaso empregado em usos culinarios.

No mais, só amostras muito incompletas de ceramica, em que se reconhecem especies correntes das estações lusitano-romanas; assim, um bordo espesso de argilla *negra*, mal preparada e mal cosida; um fragmento de vaso, de paredes delgadas e argilla *cinsenta*, durissima e bem trabalhada; o fundo e duas asas chatas da trivial pasta *amarellada;* um pedaço da pansa d'um vaso, que na secção apresenta uma zona média *acinsentada* entre duas extremas d'um *vermelho vivo* — pasta homogenea, muito dura, e tambem já conhecida dos *castros;* emfim, uma porção de taça, muito interessante por se comprehender na familia das louças envernisadas. Esta ultima salienta-se, entre as congéneres *castrejas*, pela puresa da pasta vermelha e a diminuta espessura das paredes, protegidas interna e externamente pelo brilhante induto de viva côr rubra; além d'isso, o bojo do vaso respectivo devia ter sido ornamentado com ligeiros relêvos, de resto irreconstituiveis, em que entravam linhas de pontos.

Da *necropole* vieram quatro vasilhas quasi inteiras, de formas bem definidas e já encontradas noutros cemiterios amarantinos dos dous ritos, taes como os da *Lomba*, de *Laboris*, de *Sanche*, etc. Adaptando-se aos padrões enumerados no relatorio da necropole da *Lomba*, dispensamo-nos d'uma descripção minuciosa; pertencem aos *typos 2.º, 4.º* e *6.º (Portvgalia*, t. II, pag. 258-259, fig. 4 e est. XVI, n.os 2, 4 e 5). A *patina* é porém pequenissima (altura, 52 mm., diametro na bocca, 127 mm.); uma das *lagoenae* e a *ampulla*, com uma só asa adventicia cada uma, de forma espheroidal; e a outra *lagoena*, de perfil globular. Apenas a *patina* e a *ampulla* exhibem a frequentissima decoração de faxas e filetes pintados, a primeira no bordo a tinta de côr vinosa, a outra no bojo onde se alternam, meio delidos e apagados, varios filetes circundantes a branco e a vermelho.

Mas a *ampulla* notabilisa-se ainda pela ornamentação floral da abobada ou parte superior da pansa. Na figura junta — contorno geral do vaso e planificação da zona ornamentada — desenham-se todos os elementos pictoricos, sobresaindo a meio uma figura arborescente — palma ou fronde de féto, thema vegetal muito repetido nestas louças, e aos lados as corollas estylisadas de duas flôres, uma com o pedunculo bem visivel. Este conjuncto decorativo, simples e ingenuo, raro se tem encontrado intacto num mesmo vaso; e por isso singularisa o exemplar de Villarinho, que bem ficará irmanado com os similares da vasta série iberica, recentemente recolhidos e divulgados no paiz visinho.

Quanto ás pastas das quatro vasilhas, merece menção especial a da *patina*, que tem o aspecto e a duresa do grés.

Concluindo: O espolio noticiado, no seu todo e no caracter especial das unidades ceramicas, indicía uma habitação e uma necropole do periodo lusitano-romano, do qual felizmente já levamos registrados abundantes vestigios procedentes do concelho d'Amarante — mercê da dedicação e zêlo do nosso prestante collaborador José Pinho.

J. FORTES.

Achado de moedas romanas em Braga

No dia 6 de maio ultimo, quando se procedia á reedificação do predio do sr. José Maria de Lima, sito no largo do Barão de S. Martinho, appareceu, n'uma pequena cavidade aberta em salão resistente, um vaso de barro, logo destruído, que continha cerca de cinco kilos de moedas romanas. A forma do vaso não se reconstitue seguramente; parece uma *lagoena* grosseira, de olaria rustica, manufacturada ao torno numa pasta mal coada e muito desegual em côr.

Temos tambem presentes algumas das moedas. São de cobre; e, postoque pertençam quasi todas a imperadores do seculo IV (Constante, Constancio, Juliano, Valente, Graciano, Valentiniano e Theodosio), estes exemplares são interessantes pela notavel variedade do seu cunho. Outras, raras entre ellas, são cunhadas em nome da cidade de Roma e de Flavia Julia Helena.

Alguns fragmentos do vaso e uma parte das moedas foram recolhidas no Museu municipal do Porto.

Braga, 2 — VI — 1907. J. M.

José Fortes

Consigna-se o facto, que o frontispicio de capa já annuncía, da entrada para esta redacção do nosso distincto collaborador José Fortes. Desde muito que este nosso querido amigo nos seguia e auxiliava como um devotado camarada de tão intelligente quanto prestimosa collaboração. Liga-nos hoje intimamente o mesmo amor pelo dilecto ideal que a *Portvgalia* symbolisa; e o difficultoso emprehend'mento ora em inicio, desperta-nos irmãmente enthusiasmo e fé, une-nos vigorosamente na mesma lucta, assaz ardua por vezes e ingloria, em prol da sciencia nacional. Estas e muitas outras adhesões nos alentam a vontade e a coragem; vae sendo quantiosa a confraria dos nossos devotos; e qual não será futuramente, pois que progride por felicidade e para nossa plena satisfação, a ala benemerente dos obreiros sob o pendão da *Portvgalia!*

Conservemos amorosamente o ambicioso ideal. Distingue-nos sobremodo a camaradagem do nosso novo secretario, e porque sinceramente nos felicitamos, aqui celebramos o acontecimento, como notavel nos annaes da nossa obra.

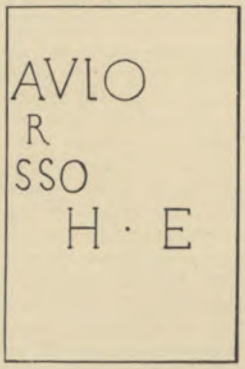
R. S.

NOTICIAS EPIGRAPHICAS

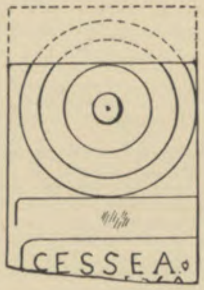
Analecta epigraphica

É ainda á proficua actividade do nosso camarada Rocha Peixoto, e á sua estremada gentilesa, que se devem a acquisição para o Museu municipal do Porto e, por outro lado, as facilidades para o estudo, das lapides que a seguir descrevemos e figuramos:

1). *Lapide* de granito, proveniente da freguesia de Adaúfe, aro de Braga, em cuja derruída capella de Santo André se achava encravada; mutilada e incompleta; altura $0^{m},385$, largura $0^{m},58$ e espessura $0^{m},28$; lettras regulares e elegantes, variando entre 68 a 92 mm.:



2). *Lapide* de granito, vinda da *capella do Roncal,* concelho de Moncôrvo, em cujas paredes estava engastada juntamente com a seguinte lapide; muito mutilada e incompleta; altura $0^{m},55$ a $0^{m},59$, largura $0^{m},42$ e espessura $0^{m},20$; lettras irregulares de altura variavel entre 6 e 7 cm., e pintadas a vermelho.



Sob os circulos concentricos notam-se vestigios de lettras, talvez da formula *Diis Manibus* como na lapide subsequente.

O nome de *Cessea* não é conhecido na epigraphia hispanica. Cfr. entanto *Cesia (=C(a)esia),* C. I. L., II, 659, e **Cesia,* ibid., 1012.

L. 2—Vestigios da parte superior d'algumas lettras incompletaveis.

3). *Lapide* de granito, da mesma proveniencia que a anterior; mutilada, mas quasi completa na epigraphe; altura $0^{m},68$, largura $0^{m},40$ e espessura $0^{m},25$; lettras irregulares, variando entre 4 e 6 cm.:

D*(iis)* M*(anibus)* [S]EMPRO[N]IVS SILONIS F*(ilius)* AN*(norum)* X[x ou v] S*(it)* T*(ibi)* T*(erra)* L*(evis).*

O epigraphado *Sempronius* parece ser o filho de outro *Sempronius Silo,* cuja lapide funeraria foi encontrada na ermida de «*Andra Maria prope Albeniz, à la vista de S. Roman*», segundo informa o C. I. L., II, 2947. De resto o nome de *Sempronius* e o cognome de *Silo* andavam abundantemente diffundidos na Tarraconense.

4). *Lapide* de granito, procedente do logar de *Eivandra,* freguesia de Sousella, concelho de Lousada; em bom estado de conservação; altura $1^{m},17$, largura na base $0^{m},58$ e no vertice $0^{m},22$, espessura média $0^{m},33$; lettras irregulares, fundamente gravadas, de altura variavel entre 55 mm. e 10 cm.;

a pedra é sensivelmente concava na parte em que se lê a epigraphe:

D*(iis)* M*(anibus)* S*(acrum)* SEPTVMANVS POSIIT MATRI.

Sob o lettreiro ha uma falha natural do granito, que dá a illusão d'uma lettra apagada; a epigraphe parece-nos completa.

A forma II = E, d'esta e da precedente lapide, não é rara nas inscripções epigraphicas do Imperio; apparece tambem no alphabeto archaico e no cursivo.

Cumpre ainda notar a morphologia especial das lettras A, M e N da legenda d'esta quarta lapide, que no-la faz attribuir aos sec. III ou IV d. de J.-C.

L. 2 — *u* por *i*. Cfr. C. I. L., II, 1621; *Additamenta nova ad inscriptiones Hispaniæ latinas, ex Ephemeridis epigraphicæ* vol. IX, fasc. I, n.º 221; e *Additamenta nova ad Corporis* vol. II *(Ephem. epigr.*, vol. VIII, fasc. 3), n.º 158.

L. 4 — *i* por *u*. Cfr. C. I. L., II, 5740, em que tambem se lê *posierunt*.

J. Fortes.

OS MORTOS

FRANCISCO FERRAZ DE MACEDO

1845 † 28-I-1907

Em 1882, era já a Anthropologia uma sciencia constituida ha 25 annos, quando o dr. Ferraz de Macedo, natural de Agueda do Vouga e medico pela Escola do Rio de Janeiro, assentara na nossa capital um laboratorio, á sua custa, para o estudo craneologico e craneometrico do povo portuguez.

No nosso paiz, porém, desconhecia-se esta sciencia e os seus intentos, apesar de se ter realisado em Lisboa, em 1880, a IX sessão do *Congresso de Archeologia e de Anthropologia Prehistoricas* onde foram apresentados dois trabalhos de valía: o estudo sobre os craneos existentes no museu da Commissão geologica, por Paula e Oliveira, e o resultado das observações feitas sobre a microcephala Bemvinda, pelo medico sr. Oliveira Feijão; e de o mallogrado naturalista Arruda Furtado ter publicado os *Materiaes para o estudo anthropologico do povo açoriano.* O nosso publico cuidava então, como de resto ainda hoje, mais das festas que o Congresso proporcionava, do que dos problemas scientificos debatidos, interessando a nossa Palethnologia ou a Historia natural do Homem.

Foi, pois, com ignorante pasmo e estupenda indignação que o povo de Lisboa, pela voz do seu elemento mais culto — a imprensa jornalistica — recebeu o notavel medico, quando este se dispunha a encetar os seus estudos, n'uma primeira série de duzentos craneos, provenientes dos cemiterios da cidade. Tacharam-o de charlatão, de nigromante, de sacrilego cohabitador de despojos humanos com o fim de extrahir do diploë craneano um oleo para o cabello! A policia chegou a intervir, e Ferraz de Macedo, que vinha de frequentar a Escola de Anthropologia de Paris, de conviver com Manouvrier, Quatrefages e Topinard que o consideravam um profissional conscienciosoissimo, viu-se forçado a dar explicações e a expôr, nas vitrinas d'um estabelecimento lisboeta, os seus apparelhos craneometricos em funcção de mensurar cabeças osseas e mandibulas, para esclarec'mento e edificação do indigena.

Todos estes dissabores e contrariedades não impediram, comtudo, o nosso anthropologista de reunir uma notavel collecção de mil craneos portuguezes, rigorosamente etiquetados com a sua naturalidade, edade e sexo, sobre os quaes fez os seus magnificos trabalhos craneometricos, que depois serviram de base aos que realisaram em Coimbra os srs. Silva Bastos e Costa Ferreira ácerca do indice cephalico e da capacidade craneana dos portuguezes.

Essa collecção e esses apparelhos legou-os agora patrioticamente á Escola Polytechnica de Lisboa o prestante homem de sciencia, que, em vida, punha sempre galhardamente á disposição de qualquer estudioso os seus registros craneometricos e a sua technica.

Como Paula e Oliveira foi o primeiro paleo-anthropologista portuguez, Ferraz de Macedo tem a gloria de ser o iniciador dos estudos craneologicos em portuguezes contemporaneos. Muito culto e infatigavel trabalhador, deixou-nos não só varias memorias sobre anthropologia natural e criminal, como sobre sociologia a que ultimamente se dedicava. Ferraz de Macedo tinha a seu cargo, desde annos, o laborator'o photo-anthropometrico do Juizo de Instrucção Criminal de Lisboa.

Muito amante da sua Patria a quem dedicou todo o seu esforço scientifico, o nosso mallogrado anthropologista deixa uma vaga, que por muito tempo ficará por preencher, no reduzidissimo grupo d'aquelles que, no nosso Paiz, se dedicam ao estudo natural das raças humanas. E, se não fossem algumas d'estas sentidas homenagens tributadas ao illustre morto pelos seus amigos ou confrades, o seu nome desappareceria desconhecido da gente portugueza, como tantos outros que se esforçaram tenazmente na busca das origens da nossa nacionalidade e na determinação da nossa caracteristica ethnica, documentos confirmativos da independencia d'esta Patria muito amada.

Eis a lista das principaes obras de Ferraz de Macedo:

O Homem quaternario e as civilisações prehistoricas na America, Lisboa, 1882.
Ethnogénie brésilienne, 1.ª e 2.ª edições, Lisboa, 1886-87.
Estudos sobre a ethnologia algarvia, in *Antiguidades monumentaes do Algarve* de Estacio da Veiga, vol. II, Lisboa, 1887.
Tableau des degrés de complication et de soudure de la suture sagittale, sur 1:000 crânes portugais contemporains, in *Dictionnaire des sciences anthropologiques*, vol. II, Paris, 1888.
Tableau des sutures craniennes. Exposição universal de Paris, 1889.
Tableau de capacité cranienne dans trois catégories d'individus portugais contemporains, idem.
Notes sur quelques anomalies craniennes, in *Archivio di Psichiatria*, Turim, 1889.
De l'encéphale humain avec et sans commissure grise, Genebra, 1889.
Crime et Criminel, Lisboa, 1892.
Lusitanos e romanos em Villa Franca de Xira, Lisboa, 1893.
Degeneração e degenerados na Sociedade, Lisboa, 1899.
Elementos elucidativos sobre a relação dos indices cephalicos e da estatura com a capacidade craneana, in *Instituto*, Coimbra, 1900.
Bosquejos de anthropologia criminal, Lisboa, 1900.
Os criminosos, Lisboa, 1901.

F. C.

JOSÉ HENRIQUES PINHEIRO

† outubro de 1904

A personalidade sympathica do antigo professor brigantino, ha tempos fallecido nesta cidade, não se affirmou com destaque vigoroso nos estudos archeographicos, a que se dedicou numa fase curta da sua existencia. Devem-se-lhe principalmente o reconhecimento das importantes ruinas junto á povoação de *Castro de Avellans*, aro de Bragança, e uma tentativa de identificação das estações da *via* romana de Braga a Astorga. A mais, só alguns respigos de epigraphia lusitano-romana, depois aproveitados no C. I. L., II.

Os relatos das suas investigações perfunctorias constam de dous artigos publicados na *Revista de Guimarães* (vol. V, pag. 71 e segs., e VI, pag. 53 e segs.) e d'um folheto editado no Porto em 1896, sob o titulo de *Estudos da estrada militar de Braga a Astorga*.

De resto, mais do que a obra litteraria, o proprio caso modelar do extincto investigador, trabalhando com enthusiasmo em reconstituir o Passado, fructificou no meio que elegeu para os seus estudos; e hoje o districto de Bragança, opulento em despojos das eras antepassadas, tem outros collectores fervorosos, que adeantarão a obra iniciada da archeographia transmontana.

J. F.

ALBANO BELLINO

1863 † 3-XII-1906

Na orbita restricta, em que se moveu a actividade scientifica d'est'outro modesto mas operoso trabalhador, devem-se-lhe alguns serviços assignalaveis. As suas producções capitaes: *Inscripções e lettreiros da cidade de Braga e algumas freguezias ruraes, Inscripções romanas inéditas de Braga, Novas inscripções romanas inéditas de Braga* e *Cartas sobre epigraphia romana*, além de artigos avulsos, publicados em *O Archeologo Português*, patenteiam a orientação preferente das suas locubrações — a epigraphia da *Bracara Augusta*, a que innegavelmente deu impulso proficuo, embora nem sempre alcançasse a licção mais lidima para os lettreiros que ia colligindo. Fóra d'este thema, pouco mais chegou a produsir. Os reconhecimentos archeologicos na *Cidade Velha de Santa Luzia*, Vianna do Castello, e num *castro* do aro de Braga, cujos espolios recolheu acuradamente em inicio d'um projectado museu bracarense, constituiriam o assumpto d'uma ampla monographia que ha tempos elaborava, sob a epigraphe de *Cidades Mortas;* a doença e, afinal, a morte prematura baldaram o intento.

Por fim, o livro *Archeologia christã*, um *Questionario archeologico*, o *Catalogo das moedas romanas, celtiberas e visigothicas, pertencentes á Sociedade Martins Sarmento* (publicado na *Rev. de Guimarães)*, a collaboração na *Portvgalia*, assim como na imprensa diaria — são outros tantos titulos discretos da sua productividade scientifica e litteraria, que põem num grato relêvo o empenho de contribuir, na medida das suas forças, para o progredimento dos estudos, em que tão poucos lidamos.

J. F.

JOAQUIM MARIA PEREIRA BOTTO

† 23-I-1907

A chronica obituaria tem ainda que registrar o decesso do Conservador do *Museu archeologico lapidar Infante D. Henrique*, de Faro, instituição que criou como a mais significativa e fecunda homenagem ao heroe de Sagres, amparando-a depois com carinho e desvelo. E é tambem este o principal titulo que illustra e recommenda a memoria do biographado.

Quando vice-reitor do Seminario Episcopal de S. José, de Faro, e na regencia da cadeira de theologia fundamental, deu largo desenvolvimento ao estudo da *Pre-historia*. Affirmava assim o seu feitio interessante de concorrer por todos os meios para a diffusão dos conhecimentos archeologicos.

Collaborou ainda n'*O Archeologo Português*, onde deixou notas curtas, mas curiosas e elucidativas (cfr. t. I, pags. 93 e 136, II, pag. 25, IV, pag. 158, etc.).

Não produziu, vê-se, uma obra de larga envergadura; parece mesmo que ultimamente lhe esmorecêra o ardor que gestára a valiosa propaganda inicial. Entanto, não pode regatear-se-lhe reconhecimento pelos proficuos esforços em prol da vulgarisação da archeologia nacional.

J. F.

GUILHERME AUGUSTO DE VASCONCELLOS ABREU

20-V-1842 † 4-II-1907

Cabe agora a vez de deplorarmos a perda do illustre professor da cadeira de lingua e litteratura sanscrita, classica e vedica do Curso Superior de Letras.

Vasconcellos Abreu, natural de Coimbra, tendo regressado do Brazil, em 1858, onde falhara a tentativa que fizera para seguir a carreira commercial, voltou a estudar na sua cidade nativa, em cuja Universidade tirou o bacharelado de mathematica e depois, em Lisboa, o curso de engenheiro naval. Abandonou por sua vez esta carreira para substituir seu pae, que fallecera, no logar de tabellião que praticou na sua terra natal, vindo mais tarde para Lisboa exercer o cargo de escrivão da 4.ª e 3.ª varas civeis.

Foi então que se dedicou ao estudo das litteraturas orientaes e suas religiões, fundando, com o duque de Avila e Bolama e Possidonio da Silva, a *Associação Promotora dos Estudos Orientaes e Glotticos,* a qual teve a ephemera duração de quasi todas as nossas sociedades scientificas. Depois partiu em missão ao estrangeiro, por varias vezes, com o fim de se aperfeiçoar no estudo das linguas orientaes, especialmente o sanscrito. Percorreu assim a França, a Allemanha, a Inglaterra, convivendo com os mais distinctos orientalistas d'estes paizes. Em 1877 foi nomeado professor da sua especialidade no Curso Superior de Letras, indo varias vezes representar o nosso paiz em congressos estrangeiros.

Foi um dedicado trabalhador na sciencia, conseguindo pela sua perseverança tornar-se um homem notavel e prestante no seu paiz e lá fóra, onde era bem considerado. A pedra tumular encerrará para o Esquecimento mais este homem illustre da nossa terra, a quem aqui lançamos a nossa derradeira homenagem bem sentida.

Vasconcellos Abreu publicou, entre outros, os seguintes trabalhos:

Investigações sobre o caracter de civilisações Asya-Hindu. Paris, 1877.
O Sãoskrito e a Glottologia Arica no ensino superior das lettras e da historia. Lisboa, 1878.
De l'origine probable des Pankhares et leurs migrations à travers d'Asie, in *Compte rendu* do Congresso Internacional de Anthropologia e d'Archeologia Prehistoricas de Lisboa em 1880.
Summario das investigações em sanscritologia desde 1836 até 1891. Congresso dos orientalistas de Londres, 1891.
Curso de litteratura e lingua sanscrita, classica e vedica. Lisboa, 1881 a 1898.
Texto critico da Lenda dos Santos Barlaão e Josafat. Lisboa, 1898.
Charad-Bibi, a Sultana Branca de Anenagara. Lisboa, 1898.
Fragmentos d'uma tentativa de estudos scoliastico da epopeia portugueza. Lisboa, 1880.
Camões, os Lusiadas e a Renascença em Portugal. Lisboa, 1880.
O criterio nomalogico.
O animismo em geral e sua representação entre os chinezes.
Passos dos Lusiadas estudados á luz da mythologia e do orientalismo.
A litteratura e a religião dos Arias na India.
La symbolique des nombres dans les recettes magiques des traditions et des usages populaires en Europe.

F. C.

MANUEL DIAS NUNES

9-XI-1868 † 7-V-1907

Este nome fica ligado a uma empresa muito sympathica e prestante, *A Tradição,* revista de ethnographia illustrada, publicada em Serpa e da qual sahiram seis volumes, o ultimo dos quaes incompleto (1889-1904).

Com o sr. Ladislau Piçarra foi Dias Nunes fundador e director da apreciavel revista, onde collaboraram publicistas como Adolpho Coelho, Conde de Ficalho, D. Carolina Michaelis, Pedro de Azevedo, Ramalho Ortigão, Souza Viterbo, Theophilo Braga, Thomaz Pires e outros; n'ella surge a innovação de um cancioneiro musical e uma interessante galeria iconica de typos e costumes populares. Accentuadamente regional, embora e por vezes com collaboração alheia á zona e á indole, Dias Nunes, com o seu ardor, energia e enthusiasmo, não pouco contribuiu para o seu realce por via dos seus trabalhos folkloricos e de ethnographia local. Annunciava-se, ultimamente, do extincto, o I tomo d'uma *Bibliotheca d'ethnographia lusitana,* intitulado *Cancioneiro alemtejano,* com notas explicativas do texto e um estudo sobre a linguagem popular.

R. P.

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

José Queiroz — Ceramica portugueza, 4.°, viii-449 pags. e numerosas illustrações. Typographia do Annuario Commercial. Lisboa, 1907.

Nova contribuição para a ceramographia nacional, enriquecendo-a com bastantes materiaes ineditos de pormenor e com numerosas e excellentes reproducções graphicas. Se faltam na illustração peças conhecidas que grato seria vêr vulgarisadas pela photogravura, se a preferencia dada a outras que este livro archiva póde ser discutivel, se a ausencia de tres planchas coloridas onde se fixassem, tanto quanto possivel, alguns typos caracteristicos, motiva legitimo pesar, cumpre attender a que esta obra é edição do auctor, carecida inteiramente do auxilio official e alheio, e, pelo vulto, pelo luxo discreto e ainda pela copia de illustrações e de marcas, dispendiosissima e irremuneravel. Honestamente, embora com notação bibliographica por vezes deficiente, o snr. José Queiroz presta a devida homenagem aos seus precursores, avultando, entre todos, o snr. Joaquim de Vasconcellos a quem o A., com acerto, chama Mestre e a cuja obra de critica archeologica e artistica entretece os mais justos e calorosos louvores, utilisando a cada passo os seus trabalhos magistraes de sagacidade e erudição intitulados *Exposição ceramica* (Porto, 1883) e *Ceramica portugueza* (Porto, 1884), ambos extractos da *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto*. Por egual o snr. Antonio Augusto Gonçalves, cuja *Breve noção sobre a Historia da ceramica em Coimbra* bastaria para denunciar o seu copioso saber e o seu entendimento scintillante, merece do A. effusivas consagrações. E não menor preito tributa o snr. José Queiroz a Charles Lepierre, o Professor e chimico insigne, que subscreve o *Estudo chimico e technologico sobre a ceramica portugueza moderna* (Lisboa, 1899) e ao qual vem appenso o estudo de Gonçalves precitado. Alludindo ainda a outros monographos, o A. assim designa a obra restricta, sem duvida, mas notavelmente educativa, que lhe serviu de base estructural para o seu livro. Apenas nos move a reparos o mutismo quasi absoluto ácerca d'um dos nossos amadores mais doutos e mais lucidos, e que todos conhecem no paiz, o medico snr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, cuja collecção tam escolhida como notoria constitue, com a de A. A. Gonçalves, o mostruario celebrado do Museu do Instituto e no qual, aliás, o snr. Queiroz obteve excellentes luzes e modelos. E ainda é para annotar o silencio sobre outros colleccionadores muito cultos, e bem assim o papel apagado de Guerra Junqueiro no seu esboço historico da ceramica em Portugal, quando não ignoramos, todos nós, a lucilante cooperação do Poeta na estima, salvação e culto da nossa ceramica artistica, grande parte da qual, por elle reunida, está hoje n'outras mãos e até surge, de onde a onde, por entre as illustrações da recente memoria. Consignemos, a tal respeito, duas verbas olvidadas: *A collecção de faianças de Guerra Junqueiro*, magnifico folhetim do insigne critico de arte, snr. Antonio Arroyo, inserto em *O Primeiro de Janeiro* de fins de abril de 1894; e o extenso artigo exarado em principios de maio do mesmo anno e no mesmo jornal, intitulado *Faianças* e rubricado por quem isto escreve. Associamo-nos, por ultimo, ao parecer do nosso commum amigo e mestre, snr. Joaquim de Vasconcellos, exhibido no fasciculo 64 da *Illustração portugueza* (Lisboa, 1907) e lamentando a ausencia d'uma bibliographia completa sobre os varios ramos da ceramica nacional.

Fig. 1

O A. teve a fortuna, que se traduz por uma canceira e dispendio exorbitantes, de examinar 8:000 peças, espolio consideravel e sufficiente para a elaboração d'uma obra de que este livro poderia representar o seu primeiro grosso tomo. Ficam tocados os principaes aspectos do assumpto: esboço historico, comprehendendo o caracter geral da ceramica portuguesa, primordios, filiações e influencias; as fabri-

cas, sua historia, economia e producção; a esculptura em barro; os tijolos; um diccionario de marcas e um diccionario de ceramistas. Mas a brevidade com que alguns capitulos são tratados, faz-nos crer no proseguimento do trabalho com maior individuação — a não ser que o brutal sacrificio d'uma tarefa incompensada estanque tam singular boa-vontade. Adstringindo-se, todavia, a este volume, então convenhamos em que o rotulo que o apregoa — *Ceramica portugueza* — foi demasiadamente lato.

Assim, referindo-se de passagem ás ancestralidades exhumadas nas necropoles e outras estancias pre e proto-historicas, o A. passa immediatamente ás influencias romana e moura com pouco mais avultada sufficiencia. Ora a contar, sequer, da edade do bronze, e afóra as intrusões latinas e arabes, o snr. José Queiroz tinha, nas publicações da especialidade, e sobretudo nos museus, innumeros materiaes que, atravez do seu livro, muito elucidariam o publico ácerca de themas decorativos, galbas e infinitas modalidades eurythmicas do vasilhame do passado. Um sobrio e lucido capitulo, sem emphase nem erudição perturbante, era um lindo ornamento e, principalmente, uma lição.

Fig. 2

A loiça popular actual ou commum, a que o A., um artista, chama constantemente ordinaria, descura-a o snr. José Queiroz quasi por completo. E aqui de novo me encontro, n'um mesmo lamento, com o snr. Joaquim de Vasconcellos. Ora, como se verificou na Exposição do Porto de 1882, a multiplicidade das fórmas populares revela-se, a bem dizer, inexhaurivel. Ha centros de fabríco, como Villar de Nantes ou Miranda do Corvo, onde certos typos, e nomeadamente os hydroceranes, teem o córte expontanea e finamente artistico que os loiceiros cultos das grandes fabricas não souberam dar ás suas vasilhas! E independentemente da infinita variedade formal, que vivo interesse, mesmo para um estheta, não desperta a multiplice ornamentação incisa, digital, pintada, brunida e relevada de dezenas de olarias ruraes! E que estreita solidariedade com o passado não deriva do exame de tanta ceramica rustica fabricada na Beira, em Traz-os-Montes, no Minho e até na Galliza, região que o A. visitou e onde, principalmente em Lugo, se deveria ter offerecido aos seus olhos de analysta uma das mais chocantes reviviscencias dos velhos schemas olaricos proto-historicos!

Porventura o quasi esquecimento da faiança ordinaria ou loiça vidrada branca implica maior dissabor para os leitores attentos do seu livro. Com a faiança fina tem aquella mais intimas e indestructiveis affinidades: galbas, paleta, factura, assumptos e themas decoraes. A subalternidade da pasta e do esmalte, o empeno, o abuso ou quasi regimen da estampilha, a grosseria plebeia e insciente de certos debuxos, o desarrasoado emprego, por vezes, da esponja, a rudimentar delineação dos themas illustrativos, outros defeitos mais, não annullam nem sequer opalisam o manifesto parentesco, o fundo ar de familia que liga umas e outras. Bem pouco, nada ás vezes, é differenciada a capacidade artistica do illustrador, antes a materia prima e as condições de fabríco separam apenas as vasilhas das duas procedencias. Dois exemplos, á mão: o snr. José Queiroz apresenta a pag. 216 a reproducção d'uma infusa de Darque, polychromica, do fim do seculo XVIII cujo motivo inspirador em grande parte aqui lhe estampo, na fig. 1, representativa d'um prato egualmente polychromico de loiça vidrada commum, anonymo, e datando, quando muito, da primeira metade do seculo XIX. Nas figs. 2 e 3 ahi estão dois pratos, o primeiro de fabríco perfeito, esmalte lacteo, brilhante, suave e muito unido, marcado I e do seculo XVIII, o segundo com 30 annos, decerto, de existencia, egualmente polychromico, churro, deformado, technicamente pessimo. E o mesmo para as aves, para os animaes da fabula, para os typos e mobiliario, para o assumpto mystico, amoroso ou erotico, até ainda para o allegorico e mythologico.

Fig. 3

Comprehende-se que, sendo o snr. José Queiroz um artista, e por signal, com fundamentadas rasões, muito estimado, desdenhasse o que não entra na categoria da denominada loiça artistica — incluindo mesmo, por manifesta obnubilação dos amadores, certas monstruosidades e varios productos franca e soberanamente detestaveis que motivariam, com justeza, um trecho capitulado «Teratologia ceramica». A dentro, porém, da especialisação em que se accommoda ha novidades e minudencias interessantes, só agora desvendadas. A sua descriminação dos estylos, porém, é vaga e confusa. E que quer dizer estylo europeu? Decerto é uma maneira de destrinçar padrões da Europa dos que se nos exhibem em «estylo oriental». Mas ha que distinguir! Temos o Japão, a China (e, especialisadamente, Cantão), a India, a Persia, etc. Ocioso, mais que nunca, é accentuar as inconfundiveis caracteristicas que marcam a loiçaria de taes proveniencias. Portanto: quaes d'elles?

O mesmo succede quanto á delimitação dos seculos. Sempre se consegue, com o auxilio das estampas, a comprehensão dos dizeres e asserções do auctor. Mas um curioso espectador da galeria, como nós, só com esforço desnecessario alcança reconhecer, ao cabo, que muito bem viram já, nas linhas geraes, os

seus precursores. A verdade, emtanto, é que o A. não era obrigado a inventar factos novos. Bastas minucias nos indica elle, embora não abalem fundamentalmente o que estava definido. Mas porque viu 8:000 peças, como se dispensa o snr. José Queiroz de nos esclarecer co n um catalogo geral dos productos? Que typos de objectos se fabricaram e em que proporção plausivel em face dos usos provaveis e dos despojos subsistentes? As caracteristicas de certas fórmas do vasilhame, e principalmente a ceramoscopia das grandes peças decorativas? Quaes os assumptos predominantes da illustração? Mundanos, caricaturaes, phantasistas, religiosos ou mythicos? Como se produsiram, em que limites e com que sentimento ou intuito?

A'parte a significação informativa d'estes dados, o exame de tam copiosa serie ensejaria ainda outros serviços que todos nós vivamente lhe agradeceriamos. Um d'elles seria a lista das familias cujos brasões ennobrecem tantas peças. Sabido que raras se eximiam á posse da ceramica exotica, não seria interessante, sob varios aspectos, conhecer tambem as baixellas armoriadas de fabríco nacional? Não estimariamos ainda conhecer, pelas legendas que perduram, as communidades religiosas que encommendaram e usaram apparelhos de loiça portuguesa adrede manufacturada e rotulada? Não conviria reunir ainda toda a especie de inscripções — amorosas, patrioticas, enigmaticas, chalaceantes, etc. — que se inscrevem em tam vasto mobiliario de cópa e ornamento? Não mereceria a pena transcrever essa vasta e curiosissima rotulação dos boiões de botica? Certo o snr. José Queiroz adeja por sobre um ou outro d'estes topicos, mas muito de leve e de modo a ficar em aberto um grande hiato. A inclusão, nas descripções parcellares das fabricas, de alguns d'estes pormenores de fórmas, estylos, typos, assumptos, heraldica e legendas não basta. Tudo se dilue e pulverisa. E' para sentir, pois, a carencia, ao menos, d'uma recapitulação geral a grandes traços.

Fig. 4

Passando á parte que se occupa de azulejos o snr. José Queiroz assignala de principio, e muito bem, que seriam necessarios varios in-folios para descrever os que cá temos. Allude, de passagem, aos hispano-mouriscos, existentes principalmente ao sul de Coimbra, o que é verdade, pois, para áquem do Vouga, só os temos observado, por emquanto, em Grijó, no supprimido convento da Ave-Maria do Porto, no extincto convento da Conceição em Leça da Palmeira, n'um annexo da egreja de S. Francisco em Villa do Conde, em Santo-Thyrso, no extincto mosteiro de Tibães perto de Braga, n'uma capella de Santo Antonio dos Frades em Ponte do Lima, e no frontal do altar-mór da parochial de Bravães proximo de Ponte da Barca. Apresenta o A. varias considerações, acertadas em geral, e já agora facilitadas com a documentação, não diremos de Ceuleneer, nas suas *Notes archéologiques sur le Portugal (Bul. de l'Acad. d'Arch. de Belgique*, Anvers, 1882), demasiado incerto, insufficiente e futil, mas com outros depoimentos criticos ou iconicos de mór valor, como os da *Arte Portugueza* (Lisboa, 1895), dos snrs. Casanova, G. Pereira e D. José Pessanha, os da *Quinta e palacio da Bacalhoa em Azeitão* (Lisboa, 1895-8) do mallogrado Joaquim Rasteiro, os de *O Paço de Cintra* (Lisboa, 1903), do snr. conde de Sabugosa e os dos snrs. A. A. Gonçalves, Gabriel Pereira, Joaquim de Vasconcellos e outros estimaveis e illustres monographos.

Fig. 5

Demora-se o A. na descripção, muito interessante, dos azulejos de Bemfica, dando-nos uma ideia geral d'esse verdadeiro museu, como seria para desejar quanto ás maravilhas que ahi tem em S. Vicente e como já anteriormente, em menor ambito, se occuparam Ribeiro Guimarães, no I tomo do *Summario de varia historia* (Lisboa, 1872), dos da Senhora do Cabo, em Cezimbra, o imaginoso Thomaz Mendes Norton nos *Études sur les œuvres d'art... au monastère de Refojos do Lima* (Lisbonne, 1888) dos que guarneciam varias dependencias do referido convento, o snr. Manuel Monteiro no fasciculo 13 da 2.ª serie dos *Serões* (Lisboa, 1906) dos azulejos de figura avulsa de Coimbra, o snr. Gabriel Pereira de alguns do Alemtejo e, por fim, o snr. Joaquim de Vasconcellos, mais e melhor que todos, nos seus já citados trabalhos ceramicos.

Muitos materiaes ineditos opulentam a serie conhecida, obtidos principalmente em Lisboa, e caracteristicos dos varios typos e epochas. É este um magnifico serviço prestado ao prodigioso inventario a proseguir — nos figurados, por exemplo, desde os historicos, como os da batalha de Ourique em Castro Verde, não longe effectivamente de Ourique e no districto de Beja, até aos inspirados nas hagiographias e santoraes populares de numerosas egrejas e os mundanos e de costumes, como os que revestem, n'uma profusão e brilho que é um delirante enlêvo, esse famoso corredor do seminario de Santarem. O snr. José Queiroz não esquece a multiplicidade das applicações do azulejo, incluindo até os pavimentos, como o chão da capella da Senhora da Piedade, entre Cintra e Collares — ao que poderia acrescentar o caso de certa capella da Conceição de Beja. Esta singular utilisação não é rara, ao que lemos, em Italia; e na Hespanha, que o A. conhece, não lhe escaparia decerto, entre outras, certa capella da famosa basilica da Virgem do Pilar, em Saragoça, n'um estado ainda de tanta integridade que faz reflexionar, com tristeza amarga, nas sevicias com que, entre nós, os armadores e as confrarias maculam os muraes.

O snr. Joaquim de Vasconcellos, sempre nosso patriarcha, estabeleceu as caracteristicas chromaticas fundamentaes dos nossos azulejos, a contar do seculo XV para cá, o que, effectivamente, as descobertas ulteriores teem confirmado, assignalando assim os admiraveis e lucidos conceitos do notavel historiographo da arte nacional. O snr. José Queiroz, com os seus originaes depoimentos, implicitamente acrescenta uma nova e prestimosa adhesão. Como quer, porém, que ainda sejam, entre varios amadores, motivo de litigio as attribuições assentes, conviria que o A. tivesse esclarecido mais certas descripções de azulejos datados, e principalmente aquelles em que a ornamentação consiste em laçarías e estylisações phytomorphicas. Melhor ainda seria acompanha-las de desenhos — se nos fosse licito sollicitar ainda mais de quem tanto se prodigalisou em avultados sacrificios!

Fig. 6

Vem a proposito archivar alguns documentos confirmativos. A capella do Corpo Santo da matriz de Villa do Conde exhibe dois retabulos de 9 × 15 azulejos (?) cada um, polychromicos, representando um d'elles certa figura empunhando uma véla e outro a Virgem dos Navegantes. O que resta das paredes é revestido com losangos d'um padrão banal e vulgarissimo (fig. 4), azul, amarello franco e amarello tostado, interpolados n'um xadrez de placas azues e brancas. Sob um dos retabulos lê-se:

FAZENDO ME N S^A DA BOA VIAGEN MERSE | DE LEVAR E TRASER A SALVAM^TO AMEV FILHO | IOÃO PERES VELHO NESTA VIAGE QVE VA | FAZER NA NAO IHS M^A PROMETO DE LHE | MANDAR FAZER DEAZULEIO A SVA CAPELA

E sob o outro, egualmente com caracteres por vezes inclusos ou conjunctos:

E CORPO SANTO | PARTIO DESTA VILA DEVILA DECON | DE PERA ANGOLA NO ANNO DE˙ 1622 | ESTA PROMESA FES ANOSA SNRA DE | BOA VIAGEM TOME PERES MIELA

A capella-mór da Misericordia da Povoa de Varzim está azulejada com outro padrão egualmente commum (fig. 5), mesmas côres e titulado como claramente se lê na reproducção (fig. 6). E aqui estão, do primeiro quartel e dos fins do ultimo do seculo XVII, mais dois precisos e preciosos documentos.

Ainda uma capella lateral do templo romanico de S. Pedro de Rates apresenta um padrão de azulejos (fig. 7) visivelmente deslocados d'outro logar, anepigraphos, mas por entre os quaes se veem duas placas avulsas e separadas contendo os numeros 16 e 17. Qualquer das duas combinações possiveis não altera fundamente o estipulado.

Por ultimo e ao desembocar no alto da rua do Visconde, na Povoa de Varzim, surge-nos n'um predio um retabulo de 12 × 13 azulejos (fig. 8), em amarello, laranja, azul e roxo, que é, certamente, um dos termos agonisantes da polychromia no primeiro quartel do seculo XVIII. Diz assim o lettreiro, aliás já obliterado:

NO ANNO DE 1713 MANDOV FAZER... | ESTA OBRA PEDE HV, P,...A,... | PELLA ALMA DO MAIOR PECADOR | SERA' PELOAMOR DE DEOS OVSEIA | P.^LLA MAIS DEZAM | PARADA ALMA Q ESTANAS P.^AS DOPRGATORIO

Sobre os imaginarios-ceramistas o A. aproveita os subsidios condensados em varios trabalhos e sobretudo, para Aveiro, os do snr. Marques Gomes nas suas *Notas e additamentos* ao *Catalogo da Expo-*

sição de arte religiosa no Collegio de Santa Joanna (Aveiro, 1895). Não ignorou, como se vê por uma citação sem indiculo preciso da fonte, o brilhantissimo artigo de João Barreira intitulado *Os presepios de barro,* inserto no fasc. 6 da 2.ª série dos *Serões* (Lisboa, 1905) e reedição melhorada d'outro anteriormente publicado no *Jornal do Commercio,* de Lisboa. Acrescenta dados novos; mas apenas cita, caminhando, o famoso apostolado de Santa Cruz, hoje religiosamente conservado pelos illustres antiquarios de Coimbra, e que merecia, não obstante a sua origem, uma attenta e carinhosa referencia. E sobre as figurinhas de costumes do Porto, que reclamam uma integral monographia, e os interessantes coroplastas indigenas, ao menos duas paginas instruiriam elementarmente os alheiados.

Fig. 7

A opulencia real do livro está, por fim, no seu quadro de 649 marcas. Aos nomes, rubricas, abreviaturas, monogrammas, emblemas e siglas da loiça antiga, acrescenta o A. as da ceramica actual, o que representa, para agora e para vindouros, um serviço indefectivelmente valioso. Claro que o especialista, sempre obsidiado, por vezes se exaggera. Os VV da loiça de Darque, por exemplo, são de mais. Ha que contar com a *calligraphia* dos artifices e até a d'um só, com geito vario em hora varia. D'entre umas 20 peças de Vianna ahi tem o snr. Queiroz trez marcas que, na mesma logica, lá vinham muito bem em variantes (fig. 9, *a, b* e *c).* O mesmo para outra marca (fig. 9, *d)* correspondente ao seu numero 170, e ainda, mais ou menos, para os BB, para os RR e etc.

Como na face anterior de certas peças se vê, por exemplo, S. BENTO, tambem no fundo d'outras, e no logar onde estão commummente sigladas, se observam rubricas identicas. Ahi está esse S. IOZE n'uma jarra em tubo, de Vianna, decerto inicialmente destinada á egreja e convento d'aquella invocação na cidade que deu o nome ao fabríco (fig. 9, *e).* Isto só importa para principiantes; mas é prudente contar com elles. Todavia, ás marcas de Darque registradas pelo sr. Figueiredo da Guerra no *Archivo Viannense* (Vianna, 1895) e bastante ampliadas nas duas planchas que acompanham a *Exp. de ceramica* do snr. Joaquim de Vasconcellos, o snr. Queiroz addita algumas curiosas e ineditas.

E' dubitativa a procedencia da sua marca 306. Aqui está ella de novo (fig. 9, *f)* e tambem vinosa, no fundo posterior d'um grande prato cuja illustração primacial, a azul e roxo, se inspira na lenda de Santo Antonio fallando aos peixes. Mas será MATOS uma rubrica de oleiro, ou a denuncia da modestia d'um cliente a contrapor á petulancia exhibitoria, na face anterior, d'um snr. TORES ou d'um snr. ROIZ? Tudo é verosimil embora, pelo uso, esse logar seja classicamente destinado a marcas de fabríco. Mas já a sua 96 em que MAFRA se sob-põe a um C e que promove a tradição ou a hypothese d'uma fabrica local destinada a abastecer o mosteiro, encontramo-la (fig. 9, *g*), sem o C, ao alto do bojo d'uma pequena e graciosa olla, dupla e symetricamente azelhada, isto é, n'um logar onde não era frequente annotar a procedencia do artefacto figulino [1].

Fig. 8

Não nos é possivel, todavia, entrar demasiadamente em detalhes d'esta indole, dos referentes a certas reivindicações, dos attinentes a attribuições discutiveis. Urge terminar consignando a apresentação final d'um

[1] Podendo convir, por virtude de elucidativas constatações, não ignorar a paragem d'algumas peças a que se allude, aqui archivamos os informes devidos: ao Museu municipal do Porto pertence a floreira de Darque cuja marca é indicada por um *b* na fig. 9, e bem assim os azulejos, a que nos referimos acima, outr'ora existentes em Santo Thyrso e nos extinctos conventos da Conceição de Leça e de S. Francisco de Villa do Conde; ao snr. Ricardo Severo pertencem os pratos onde se veem as marcas figuradas em *a* e *f* da fig. citada e ainda o pequeno boião cujo rotulo assignalamos em *g*; os tres pratos das figs. 1, 2 e 3, a pia de agua benta com a marca em *c* e as jarras em *d* e *e* fasem parte d'uma antiga e insignificante collecção (!) do A.

diccionario de fundadores, proprietarios, pintores e decoradores de fabricas, bem como de esculptores-barristas e de ceramistas-amadores. Eis outro serviço de prestimo a registrar e a louvar. Verificamos, comtudo, que o snr. Queiroz traslada da litteratura ceramographica nacional, e, maximamente, dos estudos do snr. Joaquim de Vasconcellos, os nomes de humildes e ignorados ceramistas provinciaes que fabricam a loiça dos pobres. Avulta assim a lista, não ha duvida. Mas não resalta patente um illogismo entre o vago apreço votado á loiça rustica e o aproveitamento dos nomes dos obscuros oleiros das aldeias? A estarmos em erro, então faltam no diccionario alguns milhares!

Se fosse possivel, n'este paiz, contar com um exito editorial que animasse a uma segunda tiragem, certos ficamos de que o snr. José Queiroz, esclarecido, voluntarioso e patriotico, corrigiria alguns senões que afinal sempre acompanham a obra humana. Com os trabalhos litterarios acontece, não raro, o que dizem succeder aos donos dos predios: depois d'estes findos é que se vê como deveriam ser edificados.

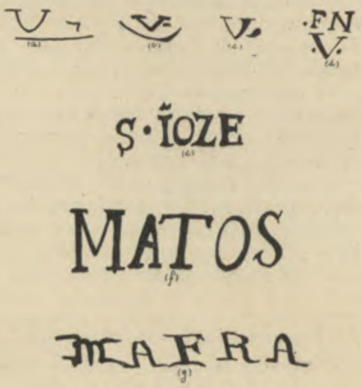


Fig. 9—1/3 da gr. nat.

Mas discordes aqui e além, não nos eximimos, por tal, a rendermos ao snr. Queiroz as mais sinceras e calorosas homenagens. Cá em casa sabe-se o que custam semelhantes emprehendimentos, sem ajudas de custo nem a cooperação, sequer, dos caixotins e dos prelos da Imprensa Nacional. Como assignalava o snr. Joaquim de Vasconcellos no seu folhetim *Ceramica portugueza*, inserto no *Commercio do Porto* de 29 de maio de 1907, é admiravel vêr, nos tempos de egoismo que correm, alguem «capaz de escrever e imprimir, *á sua custa*, o formoso volume» a que acabamos de referir-nos.

O snr. José Queiroz praticou, com desusada coragem e abnegação, uma acção meritoria e nobilissima. E o seu lindo livro, pela condensação d'uma grande parte do adquirido, pelo informe inedito e pelo subsidio iconologico fica sendo indispensavel nos gabinetes de todos os amadores.

R. P.

J. Fortes — La spirale préhistorique et autres signes gravés sur pierre. (Extracto da *Revue préhistorique*, anno I, n.° 10). Paris, 1907.

Este trabalho, que o nosso presado camarada inseriu na importante publicação archeologica franceza, trata da diffusão de archaicos elementos decorativos ou symbolicos na Europa proto-historica, de quaes os caminhos seguidos e das relações que se deram então entre a Peninsula iberica e a antiga Hibernia, concluindo:

a) que a espiral, as curvas concentricas e outros signaes gravados em pedras se encontram tanto na velha Lusitania como na Irlanda;

b) que se não póde pôr em duvida que, desde a edade do bronze, relações prehistoricas existiram entre estas regiões.

O auctor perfilha a hypothese de que a introducção d'estes signaes na ilha irlandeza se teria realisado pela via do littoral iberico para noroeste, como a mais directa e accessivel.

F. C.

João Monteiro de Meyra — O Concelho de Guimarães *(Estudo de Demographia e Nosographia)*. in 4.°, 182 pags. Porto, 1907.

Eis uma dissertação inaugural, apresentada á Escola Medico-Cirurgica do Porto pelo novo medico João de Meyra, que não causa pejo á corporação scientifica que a acceitou, nem irá pejar, por demais, os archivos das Escolas congeneres, como tantos milhares de outras que por lá jazem, amontoadas e poeirentas, n'um justo esquecimento.

O seu auctor, sympathico moço estudioso, deixa-nos antever um futuro homem de sciencia, util ao nosso Paiz, patenteando-se desde já um investigador activo e enthusiasta. A dissertação consiste no estudo estatistico da collectividade humana do concelho de Guimarães, observando as suas condições mesologicas, fazendo-lhe a historia politica, tentando estabelecer as suas caracteristicas ethnicas e mostrando as doenças que mais a depauperam.

A' indole d'esta revista interessa, sobretudo, o capitulo «Anthropologia», de pags. 41 a 47. N'elle estuda o auctor a estatura de 1238 homens, segundo o registro camarario das guias dos mancebos recrutados no territorio vimaranense, durante o trienio de 1899-1901.

A estatura média obtida é de $1^m,611$ ou antes $1^m,623$, se lhe juntarmos os doze millimetros necessarios para a obtenção da estatura definitiva. E', pois, o vimaranense de estatura média baixa, inferior 15 millimetros ao minhoto da região d'entre Cavado e Ancora e 13 ao de Castro Laboreiro. Na seriação a duas unidades o maximo de frequencia cabe em $1^m,62$ e $1^m,61$ com tendencia para as pequenas estaturas.

Pena foi que o auctor não tivesse formado o quadro de agrupamentos para avaliarmos a mestiçagem dada na população, comparativamente com a dos tempos pre-historicos e proto-historicos do nosso paiz. No quadro XXVI o auctor apresenta as médias por freguesias, o que tem a vantagem de podermos notar mais tarde a distribuição das estaturas no mappa geral que se intenta fazer. João de Meyra quer deduzir a influencia menor das raças de alta estatura. Assim parece. E a influencia predominante seria ainda a da raça-mãe de Beaumes-Chaudes? Se na sua investigação tão cuidada tivesse aproveitado o ensejo de colher indicações sobre a côr dos olhos e do cabello da população cujo territorio percorreu, o que lhe seria relativamente facil, poder-se-hia concluir, desde já, com certa segurança, quaes as influencias que mais concorreram na formação do typo vimaranense. Um caracter por si não basta; só um conjuncto de caracteres somaticos poderá mostrar-nos a verdade scientifica. E a não ser assim arriscamo-nos a divagar, phantasistas, pelo campo das hypotheses.

Como o novo homem de sciencia se apresenta já dotado de tão excellentes faculdades de investigador, esperamos, se o arranjo politico o não transviar, que elle nos dará qualquer dia os caracteres ethnicos da terra vimaranense que tanto ama, com a firmeza e segurança do bom methodo scientifico, em livro substancioso e util como este que acabamos de ler.

F. C.

A. Thomaz Pires — CANCIONEIRO POPULAR POLITICO. *Trovas recolhidas da tradição oral portugueza*, 8.º, VIII-98 pags. 2.ª ed. Torres de Carvalho ed. Elvas, 1906.

Colleccionação de versos politicos allusivos á invasão franceza, ao movimento liberal, á revolução de setembro, á Maria da Fonte, á Regeneração, etc., com certos passos esclarecidos d'onde a onde pelas notas do collector. Antecede-a uma carta de Oliveira Martins ao activo e intelligente folk-lorista alemtejano, que registra e commenta a escassez das nossas cantigas politicas e o desinteresse do povo portuguez pelas bulhas partidarias. Com elle tambem crêmos que varias das composições agora reunidas são antes pacotilha politico-litteraria do que espontanea creação popular.

R. P.

J. Leite de Vasconcellos — ENSAIOS ETHNOGRAPHICOS, 8.º, III, VIII-408 pags. Imp. Lucas. Lisboa, 1906.

Como estava promettido, sahiu mais um volume da obra já em parte commentada a pags. 135-6 do II tomo da *Portvgalia*. As grandes divisões das materias são assim epigraphadas: *Noticias bibliographicas* (1881-4), *Superstições populares* e *Historia dos estudos feitos ácerca das tradições populares portuguesas*. Só est'ultima parte é, em geral, inedita; as outras duas reeditam trabalhos já publicados, muitos dos quaes foram mesmo encorporados em obra de maior tomo. E, como sobre os processos de elaboração e redacção nada tenhamos a acrescentar ás considerações expressas na critica alludida, bastanos, no momento, registrar mais esta publicação folk-lorica portuguesa.

Entretanto, no *Additamento* á secção historica, ha umas referencias ao commentario aqui exarado, remettendo-se o leitor para uma publicação official mais expandida, *O Archeologo Português* (tomo XI, 1906), onde se responderá a quem isto escreve. A annotação que essa resposta provoca não a incluímos no corpo d'esta revista. Sahirá em *Supplemento* á secção bibliographica do presente fasc. 3.º do II tomo.

R. P.

Francisco Baptista Zagallo — RELATORIO DA EXPOSIÇÃO ALCOBACENSE REALISADA DE 1 A 13 DE MAIO DE 1906 e **Manuel Vieira Natividade** — ALCOBAÇA D'OUTRO TEMPO, 8.º gr., 74 pags. e varias ests. no texto. Alcobaça, 1906.

A primeira parte d'este opusculo occupa-se da historia da exposição realisada na villa de Alcobaça em 1906, da descripção das installações e dos commentarios que o modesto certamen suggeriu ao relator, tudo n'uma linguagem exuberante, grandiloqua, apotheotica mas sympathica pelo sentimento que traduz. Na segunda parte o nosso presado collaborador, snr. Vieira Natividade, traça o quadro da evolução da industria humana, alludindo a proposito, n'esta succinta romagem, ao mobiliario archeologico regional que elle descreveu e illustrou no primeiro tomo da *Portvgalia* e agora expoz no certamen referido. A annotar alguns interessantes extractos das *Cartas de povoação* dadas pelos frades de Alcobaça aos seus colonos, varias referencias a industrias extinctas, quasi esquecidas e moribundas, e outras ainda ás industrias profissionaes e caseiras.

Desejariamos vêr, com mais pormenor, as de olaria, cortumes, cutellaria, tecelagem, tinturaria, obra de malha, seccagem da fructa, queijaria e outras, tratadas com a latitude e desvêlo que um investigador experimentado como o snr. Vieira Natividade póde imprimir-lhe. E nutrimos a esperança de que o fogo patriotico que o aquece, e as suas qualidades de indagador e estudioso o estimulem a tal, ainda um dia.

R. P.

PUBLICAÇÕES PERIODICAS

Boletim da Sociedade Archeologica «Santos Rocha», in-4.º, n.ºs 1-4, 139 pags., xiv est. e 21 grav.; Figueira, Imprensa Lusitana, 1904-1907.

«Très modestement, sans fracas et mieux que maintes Sociétés savantes connues, elle a fait de la bonne besogne...»

Melhor trabalho e mais intensivo sobretudo do que poderia inferir-se d'este juizo synthetico, que uma das figuras proeminentes da archeologia franceza, M. E. Cartailhac, emittiu recentemente acêrca da *Sociedade Archeologica Santos Rocha* (in *L'Anthrop.*, t. XVIII, pag. 182). Ante o frouxo movimento scientifico, em que apenas afloram raras energias individuaes ou patrioticas empresas particulares, desauxiliadas e entanto vivazes, têm, de facto, um destaque de grande relêvo — a actividade persistente, a productividade effectiva, a superioridade de vistas e de labor d'aquella instituição scientifica da Figueira da Foz. Sob o vivificante impulso do seu fundador e director eponymo, *sans fracas* e sem esmorecimentos, as missões archeologicas no centro e sul do paiz, as sessões regulamentares, as communicações e os outros trabalhos litterarios emergentes succedem-se, ininterruptos e progressivos. O opulento museu municipal com as variadas collecções e as assombrosas reconstituições ceramicas de Santa Olaya e Crasto; os compactos e variados relatorios publicados no tomo I da *Portvgalia;* os quatro fasciculos do *Boletim*, a que vamos ligeiramente referir-nos; e o recente estudo sobre as estações da idade do ferro nas visinhanças da Figueira, em publicação corrente nesta revista; todos esses trabalhos largos e de real merecimento são, entre outras, das mais frisantes provas materiaes do intensissimo esforço, *de la bonne besogne*, do brilhante nucleo de obreiros, e muito particularmente do eminente homem de sciencia que é o dr. Antonio dos Santos Rocha — centro de todo este bello movimento, espirito disciplinado e disciplinador, alma cheia de civismo, de lealdade, de dedicações nobilissimas.

Mas, no momento, é só o *Boletim* que deve preoccupar-nos. Por accidente cáe-nos hoje a ardua tarefa de substituir aqui o nosso estimado director Ricardo Severo, em viagem para paiz estrangeiro. Elle só, e não eu, poderia dizer condignamente do apreço e da consideração, e, por outro lado, da valía do novo orgão da Sociedade figueirense. Que, de resto, a importancia e os bons serviços da publicação impoem-se evidentes a quemquer a lêr, nacional ou estrangeiro, douto ou insipiente. Traduzindo a acção scientifica da collectividade, é, como ella, variada e complexa nos assumptos que versa, sejam de archeologia, de anthropologia ou de ethnographia; precisa e concisa, erudíta sem exaggero, rica em documentação nova, sufficientemente illustrada, exhibe-se com os predicados essenciaes dos melhores trabalhos de similar natureza.

Nos quatro fasciculos já editados — seguimento ás publicações officiaes, insertas na *Portvgalia* — deu-se logar a relatorios e communicações apresentadas nas assentadas plenarias, 5.ª a 8.ª (1900-1903), de que extractamos uma nota resumida e compendiada.

Com referencia aos tempos archeolithicos estudam-se ali — os restos da necropole neolithica da Moita, Cantanhede, que, por muito violada e destruida, forneceu um escasso espolio; alguns materiaes do mesmo periodo, dispersos pela area territorial da Figueira, como supplemento á obra modelar do dr. Santos Rocha, *Antiguidades prehistoricas;* o estrato neolithico de Santa Olaya, em que se averiguou a existencia de dous megalithos derruidos e vario material esparso, immediatamente subjacentes aos povoados da segunda idade do ferro; e, emfim, as grutas da Columbeira, Obidos, já em tempos exploradas parcialmente por Carlos Ribeiro, concluindo-se dos trabalhos recentes do dr. Santos Rocha que uma das do grupo, a *Lapa do Suão*, em alturas quasi inaccessiveis, fôra utilisada em epocas diversas desde a segunda idade da pedra até talvez á do ferro.

Apesar de não se haver colhido objecto algum de metal, parece poderem collocar-se no periodo de transição ou *cupro-lithico* os dolmens n.ºs 8 e 9 de Alcalar ou Alcalá, Portimão, explorados pelo dr. Joaquim Pereira Jardim e proficientemente descriptos pelo dr. Santos Rocha. Como se sabe, Estacio da Veiga já havia estudado sete dolmens na mesma região, encontrando objectos de cobre em alguns de typo identico aos recem-descobertos. Demais, o dolmen n.º 9 apresenta uma innovação de grande alcance, consistindo no systema de formar a abobada com silhares que convergem sensivelmente para um centro commum; o que representa um progresso notavel sobre o processo constructivo d'alguns dos outros monumentos cupro-lithicos, em que já se empregavam pequenos materiaes, cimentados com argilla, e bem assim a abobada de lages horisontaes e sobrepostas. A abobada de *silhares divergentes* d'este dolmen, até agora unico na palethnographia peninsular, constituindo um avanço architectonico sobre os monumentos similares com a abobada de *silhares convergentes*, manifesta superior desenvolvimento intellectual nos constructores, aconselhando-nos a attribuí-lo a epoca posterior ou pelo menos não anterior á d'estes ult'mos. Quanto á origem da notabilissima e singular construcção dolmenica, o dr. Santos Rocha com fundamento se inclina a reputá-la exotica, talvez oriental.

Ao mesmo periodo de transição pertencem as grutas de Palmella, acêrca das quaes o fallecido consocio Belchior da Cruz reproduz'u integralmente o manuscripto com desenhos das grutas e do mobiliario, em poder da Direcção dos Serviços Geologicos depois que o illustre Carlos Ribe ro as fez explorar por um collector. A leitura d'esse documento faz-nos lastimar sinceramente que a exploração inicial dos importantissimos monumentos não tivesse sido feita directamente pelo conspicuo sabio; e bem assim nos insinua que é urgente retomar o estudo desde o principio. Seria ainda excellente serviço á archeologia nacional organisar uma monographia particularisada, com todo o rigor de criterio e de informação, com a

maxima e a mais perfeita documentação illustrativa, e o largo uso do methodo proficuo da archeologia comparada. No periodo do cobre cabem as necropoles algarvias da Baralha e do Serro de Bartholomeu Dias, que Santos Rocha explorou e descreve com a usual minucia e rigor scientifico. As sepulturas incluem-se no typo da pequena cista quadrangular, formada de quatro lages cravadas de cutello e de tampas simples ou multiplas, todas com grosseirissimo apparelho; continham vasos, punhaes e puncções de cobre, esqueletos dobrados pelas articulações e deitados, ora sobre o lado direito, ora sobre o esquerdo, e num caso, de *bruços*. Infelizmente os documentos osteologicos, preciosos para o estudo anthropologico, não poderam ser retirados em condições de integridade que permittissem utilisá-los como subsidio para a averiguação ethnologica. E' de annotar que a dous esqueletos faltavam os craneos, tendo sido retirados em tempos remotos, depois da consumpção das carnes. Rito? Simples violação inexpressiva?...

Como elemento interessando ao estudo d'este mesmo periodo, encontra-se ainda a menção d'uma ponta de setta proveniente de sepultura, destruida por operarios no outeiro do Forno da Cal, Soure; é o vulgar typo algarvio, attribuivel á idade do cobre.

Sobre a idade do bronze não é o *Boletim* tão fertil; a descripção e desenho de dous machados, pouco frequentes, de *caneluras e anel singulares*, vindo de Alvaiazere, onde já havia apparecido um fragmento d'espada de bronze, que fez em tempo objecto d'uma communicação á Sociedade *(Portvgalia*, t. I, pag. 135) — eis a unica contribuição para o conhecimento d'este longo periodo indigena, ainda tão obscuro.

Não proseguiremos sem deixar uma referencia especial a um artefacto pre-romano, descoberto junto a uma urna cineraria na necropole romana de Fonte Velha, freguesia de Bensafrim, Algarve; é uma tenue folha d'ouro, pesando 1gr.,2, com a forma discoide e o diametro de 36 mm. (fig.); rebatida num molde, mostra ornatos em relêvo. Harmonisando-se com o parecer auctorisado do dr. Santos Rocha, diz a seu respeito M. Cartailhac: «Elle est estampée d'un décor où la double spirale — en lunette — intervient symétriquement, puis il y a des anneaux et des signes qui rappellent certaines pendeloques, enfin dans cinq intervalles libres, s'étalent en grènetis autant de figures irrégulières qui semblent, au premier abord, des caractères alphabétiques; sur les bords court une file de minuscules oiseaux stylisés à la mode de Golasecca. Au total, on dirait du Mycénien»...

São tambem diminutas no *Boletim* as informações sobre a idade do ferro; o material enorme e importantissimo que o sabio director da Sociedade vem laboriosamente colhendo, ha muitos annos, nas estações de Santa Olaya, Crasto e Chões, esse reservou-o elle para uma vasta monographia, com que gentilissimamente brindou a *Portvgalia*. Para o orgão official apenas destacou um elucidativo estudo acêrca dos pequenos moinhos circulares de pedra; nelle confirma exuberantemente a origem pre-romana das atafonas manuaes, que por tão dilatados tempos sobreviveram á romanisação peninsular. A necropole da Moirama, visinhanças de Celorico, já entra no periodo lusitano-romano; ahi, as sepulturas abertas na rocha, em planta oval alongada ou ellipsoidal, alastram, sem ordem apparente, por algumas centenas de metros, violadas infelizmente. Seria o cemiterio d'um povoado contiguo de Lusitanos em via de romanisação. D'aquelle mesmo periodo registram-se, com minucias descriptivas de interesse — alguns novos achados na estação humana de Pedrulha, freguesia das Alhadas, em que merece menção especial um fragmento de estuque com decoração floral; mais um lagar no valle de Marinho, freguesia da Mexilhoeira Grande, Algarve; e uma necropole no sitio do Molião, proximo de Lagos, tendo sepulturas em forma rectangular, com paredes de pedra e barro, rebocadas interiormente a argamassa de cal e areia, e o fundo forrado de *tegulae*. Numa d'ellas, encerrando ainda um esqueleto, de costas, e dous vasos ceramicos, encontrou-se um grande bronze de Julia Mamea Augusta. O sr. Francisco Gil insere tambem um curioso estudo dos tijolos romanos, existentes no museu da Figueira, distribuindo-os em tres typos *(rectangular, trapezoidal* e *triangular)*, subdivididos em varios grupos e variedades.

A epocha lusitano-arabe não foi esquecida; silos algarvios e louçarias varias, comprehendendo um alguidar mudejar de Buarcos, pretextam valiosas informações do dr. Santos Rocha e do consocio Goltz de Carvalho.

Outras noticias e communicações sobre ethnographia, anthropologia e assumptos diversos dão ainda interesse e relêvo a estes quatro fasciculos, sobretudo porque veem subscriptas por consocios de auctoridade e saber; taes os srs. Pedro Fernandes Thomaz *(Superstições e fiação populares no concelho da Figueira)*; A. Carlos Borges *(As barreiras ou trincheiras no casamento beirão, As carpideiras nos funeraes beirões)*; Ferreira Loureiro *(Pelourinhos do concelho da Figueira, Restos da Figueira antiga e seus arredores)*; e Frederico Nogueira de Carvalho *(Notas sobre um caso de microcephalia)*. Addicionem-se os lucidos e informativos relatorios da gerencia, que abrem annualmente as sessões plenarias e cada fasciculo do *Boletim*, e ter-se-á uma idea geral da excellencia da publicação — idea descolorida sem duvida, porque a estreiteza do espaço não consente, de momento, commentario mais largo.

Um voto fazemos afinal: que a Sociedade, num esforço patriotico, active a publicação do seu *Boletim*, pondo-o quanto possivel a par das sessões e apressando, em nosso proveito, a divulgação dos trabalhos originaes, nellas apresentados.

J. Fortes.

Editor — Ricardo Severo.

SUPPLEMENTO

Á

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA DO FASCICULO 3 DO TOMO II

DA

PORTVGALIA

(Porto, 1907)

O Archeologo Português, vol. XI, n.os 9 a 12, pags. 321-381.
Imprensa Nacional. Lisboa, 1906.

Tendo-se ausentado temporariamente do paiz o director da *Portvgalia,* sr. Ricardo Severo, foi por elle convidado o seu immediato a annotar as referencias de caracter geral que se exhibem em 60 paginas de critica áquella revista, inserta nos fasciculos reunidos 9-12 do tomo XI d'*O Archeologo Português* e subscripta pelo redactor principal da mesma publicação, sr. J. Leite de Vasconcellos. O sr. Ricardo Severo apenas addia para a primeira opportunidade o seu ajuste de contas com aquelle cavalheiro; e quem isto escreve liquida já as suas, de passo que satisfaz uma incumbencia promanada, aliás, da mais affectuosa, intensa e remota solidariedade.

Devo consignar, antecipadamente, que as annotações que seguem as resenho com desagrado e enfado. A *Portvgalia* não foi creada para pleitear dissenções que apenas revestem o apparato externo de «questão scientifica» e na essencia tradusem o despeito e o rancor d'aquelle litigante; implicitamente, do estampído de semelhante pugna, só resulta, como sciencia, esterilidade; depois é aborrecido, para contrarestar a pretensa desqualificação do nosso admonitor, ter cada qual de dizer de si, quando por si deve fallar exclusivamente, má ou boa, a sua obra; por ultimo tenho de desnudar factos que estimaria occultar piedosamente aos futuros panegyristas do sr. J. Leite de Vasconcellos.

A sua intemperada displicencia, filiada na inicial e irreductivel antipathia que a *Portvgalia,* desde o cartaz, lhe provocou, supportamo-la ha 8 annos, não obstante, e canalisada pelos vehiculos mais diversos, ser de nós conhecida a campanha systematica, ininterrupta e lacerante d'este erudito. Contrastando com o que aquella empresa representa, os seus auctores teem sido apresentados pelo sr. Leite de Vasconcellos sob aspectos que lhes minoram e menoscabam o proceder e os intuitos. Da semente, porfiadamente esparsa, alguma germinou. Por isso e, como assegurava um notavel publicista a outro proposito, porque ainda perdura muita boa fé em Portugal, quisemos evitar uma controversia, que decerto explodiria, avisando e aconselhando o detractor nas entrelinhas d'uma critica *(Portvgalia,* II, 135-6) que elle, obumbrado e desregrado, só viu aggressiva e bellicosa. Foi inutil. O arremesso do sr. Leite de Vasconcellos completou, em lettra redonda, a sua obra de propaganda adversa e odienta. Vamos, pois, esclarecer essa boa fé, documentando e numerando, não sem mais uma vez deplorarmos que nem a intelligencia do critico, muito subalterna se comparada com a sua capacidade de trabalho, nem um conselho salutar e amigo lhe travassem a incontinencia e os desmandos, que afinal resultam em inapagaveis maculas para o seu tam desveladamente architectado Panegyrico.

1.º De entrada, na inicial allusão e seguida d'um adjectivo encomiastico, a primeira qualificação que a *Portvgalia* merece ao redactor do *Archeologo* é a de «apparatosa». Pelo significado commum do vocabulo transparece o sentimento tenuemente pejorativo que o dicta. Nós não a fasemos garrida mas pretendemos apenas exhibi-la asseada. E como seja, porventura, a illustração que suggere o qualificativo translucidamente desdenhoso, cabe-nos referir que, não olhando o editor a dispendios, ainda assim não alcança dos recursos technicos e artisticos locaes o desejado e correspondente exito graphico. A occasião é asada para renovarmos, em publico, os nossos constantes pedidos aos collaboradores da *Portvgalia* no sentido de faserem acompanhar os seus trabalhos com o material iconico mais copioso possivel, não esquecendo, além dos desenhos e photographias, as plantas, cartas, calcos, diagrammas, graphicos, schemas e todo o subsidio que melhormente esclareça e illustre as suas obras, de sorte a tornarem esta Obra commum, embora apparatosa, como acha o sr. Vasconcellos, maximamente instructiva.

2.º A escolha do titulo da nossa revista foi, para o sr. José Leite, simplesmente desastrosa. *Portvgalia* é do latim maçorral, um lemma barbaro, uma palavra erronea e espuria; adoptando-a procedemos (323) «com pouca discrição e nenhum conhecimento do assumpto» (a genese etymologica). O sr. Vasconcellos esclarece a sua asserção com estrepito e luxo sabios. Mas felizmente antecipa-se a justificar-nos, affirmando que «em verdade... está consagrada pelo uso das moedas, de muitos documentos, da Academia das Sciencias nos seus *Portugaliæ Monumenta Historica,* etc.» (322). De originar'amente maçorral chegou, de ha muito, a erudita, o que não é caso novo. Pois está bem!

3.° Não se intromette o sr. Leite no typo, impressão e qualidade do papel, não discute a côr das capas e a sua bonhomia poupa-nos mesmo censuras ácerca da marca dos nossos charutos preferidos. Mas já o cartaz e os prospectos são alvo de sarcasmos fulminantes! Nos prospectos «vê-se uma joven de braços abertos e ar grave, EMBLEMA DA PORTVGALIA, em vez do ancião ou do guerreiro que costumam symbolisar Portugal. Pois que á palavra *Portugal*, que é masculina, corresponde *Portvgalia*, que é feminina, tambem a redacção do periodico pretende harmonisar com essa mudança de generos grammaticaes a mudança dos sexos symbolicos, metamorphoseando o velho ou o guerreiro em rapariga...» (321). A escolha do nome *Portvgalia* é lastimavel, pois que «obriga Portugal a mudar periodicamente de genero grammatical e de sexo emblematico... Não se póde admittir que se vista theatralmente um e mesmo país de duas maneiras, conforme a dóse de latim do ensaiador scenico» (323).

Além d'este commentario ser nada pessoal e só estrictamente scientifico e patriotico, nunca, a um tempo, o sr. Leite de Vasconcellos foi tam pittoresco e tam faceto. Bastaria a leitura do trecho para nos dispensarmos de o notular. Mas ha a boa fé supradita. Ora a revista incriminada, occupando-se apenas d'um districto especialisado de estudos e não de toda a esphera do saber, manifestamente podia adoptar um symbolo condisente tam só com o seu objectivo. O *ancião*, que nem leis nem praxes obrigam a manter sempiternamente em todas as publicações portuguesas existentes ou a emprehender, iria muito bem n'uma «Encyclopedia portuguesa» cujo contexto obedecesse absolutamente á legitima significação da rubrica. E fosse ou não fosse, pouco nos importa. A *Portvgalia*, para o seu intuito, satisfez-se com a vinheta debuxada por um artista consagrado, o sr. E. Casanova, ao qual, natural e previamente, alguem expoz o seu proposito: o semeador no primeiro plano, com o moinho ao fundo já transformando em farinha para alimento o producto da colheita, e ainda, ladeando a figura, a divisa *Pola grey*, é d'um symbolismo — como direi? — alvinitente. O sr. Leite de Vasconcellos não comprehendeu; e postoque o haja visto nas capas, nos pergaminhos das cartonagens, nas separatas, nas circulares, no nosso papel de correspondencia, nos mesmos postaes, vae ao cartaz e aos prospectos, pega n'uma mulher ornamental que lá vem e erige-a, por seu alvedrio, em nosso symbolo, atacando-nos descommedidamente por termos mudado o sexo a Portugal! Dicaz e picaro! E' claro que a polidez e as convenções me impedem de qualificar a intelligencia e o espirito d'este ethnologo, como tam inhabil e obcecada critica m'o permittia. Apenas, e para a boa fé tam dilatada, lembrarei que ao insigne artista investido no cumprimento de illustrar o cartaz (depois redusido nos prospectos) se deu ampla liberdade no que dizia respeito ao thema decoral d'esses papeis volantes. Fez assim e achamos bem — que é quanto basta. Mais tarde talvez se realise outro ou outros, com menina ou sem menina. O symbolo, porém, é que subsistirá, e masculino, sem o perigo, portanto, de tornarmos o paiz androgyno ou hermaphrodita como receia, com tanta magoa e ardimento, o redactor do *Archeologo*.

Aclarado o entendimento do cavalheiro rogo ao sr. Leite de Vasconcellos que largue a moça!

4.° «Feitas estas observações preliminares, passarei a fallar da obra» (323). E passa. Mas cumpre-nos retrogradar a uma das attribuídas origens da peleja. Sobre a já referida critica inserta na *Portvgalia* (II, 135-6), e que envolvia um aviso tendente a prevenir esta contenda, o sr. Leite de Vasconcellos, em additamento ao III tomo dos seus *Ensaios ethnographicos* (Lisboa, 1906), annuncía a tormenta e convoca a plateia para este numero do orgão do Museu ethnologico. N'essa critica, que era aos dois primeiros tomos dos *Ensaios*, referira-me ao escrupulo com que o sr. Vasconcellos inscreve os seus trabalhos, mesmo os mais humildes, deixando em aberto algumas lacunas que dizem respeito aos outros. E o sr. Leite commenta em nota d'este tomo (III, 341) que a «maledicencia de certo folhetinista quiz faser acreditar... que incluia os seus trabalhos por vaidade.» Ora como esta affirmação tem de desdobrar-se, começarei pela classificação de folhetinista, al'ás amiudadamente repetida n'estes fasciculos do *Archeologo* que vamos commentando.

Effectivamente é um asserto do sr. J. Leite, mas retrospectivo. Vae em 14 annos que perpetrei em *O Primeiro de Janeiro* uma serie de chronicas scientificas nacionaes sob a forma de folhetim, mais tarde quasi todas reunidas no volume *A Terra portuguesa*. Não valem, porém, nem sequer pela originalidade da ideia, uma vez que tive varios precursores. Um d'elles foi precisamente o sr. J. Leite de Vasconcellos que publicou inicialmente *As maias* em dois folhetins do *Tirocinio* de Barcellos e outros na *Vanguarda*, na *Justiça Portugueza*, no *Penafidelense* e na *Religião e Patria* (*Ensaios*, II, 143 e 152; III, 33, 257 e 298).

Collega: *salut!*

5.° O sr. Leite, porém, — eu bem o sei! — não quer alludir tanto á indole como á forma. Foi-lhe desagradavel uma discreta referencia á abominação da sua prosa e, mais ainda, á sua debil teorba [1]. Sabe-se como os poetas d'este padrão — o sr. Leite de Vasconcellos tambem devaneia na fonte de Castalia! — são sensiveis a um sorriso, mesmo indulgente, votado ás suas camenas! D'ahi o vibrar contra mim, não uma grande satyra, mas um tremendo anathema: o nosso estylo é cheio de flammancias e eivado de estrangeirismos, com vocabulos barbaros e monstruosos; atira-me, pois, o sr. J. Leite á execração dos sabios, visto ainda faltar-me, além da competencia philologica, a compostura e a gravidade que a obra scientifica requer. Despresivelmente eu sou apenas um folhetinista no sentido aligeirado do vocabulo.

---

[1] Não se ignora geralmente o divertido conceito de Anthero de Quental sobre o estro do tangedor Leite de Vasconcellos: — Faculdades poeticas... só se fôr em mirandez!

Muito bem. Tomemos só duas das suas obras mais recentes e ainda uma das publicações periodicas que dirige e colhamos ensinamento nos exemplos d'este juiz inexoravel.

Algumas das numerosissimas passagens do corpo do texto, aliás sempre pejado de notas nos baixos das paginas:

«Sobre o estylo mycenense das sepulturas de Cintra e do Algarve (fins do neolithico e começo dos metaes) vid. *O Arch. Port.*, VII, 129. Os castros nem sempre conteem vestigios de uma só epoca: vid. esta obra, vol. I, pag. 48 seg. e 79. Etc.»

«Havia tambem quem distinguisse Ligures de Celtas: vid. Hecateu, *Fragm.*, 22; Scylax, §§ 18, 3, 4. Mas tudo entre os antigos, etc.»

«Aos productos do campo juntava-se a criação do gado: cabrum, vaccum, suino, cavallar; vid. supra, pags. 11, 21, 22, 30, 33 e 46. Facilitado por estas excellentes condições, etc.» *Religiões da Lusitania*, II, pags. 48, 53 e 93.»

Passagens circumspectas que, pela sua profundesa e transcendencia, ficam lapidares:

«Diga-se o que se disser, o nosso paiz está ainda muito atrazado.» *Arch.*, VIII, 23.

«Torna-se indispensavel aproveitar a sciencia nos seus diversos ramos e progressos, se se quizer faze-la adeantar.» *Relig.*, II, 4.

«Isto é:

dolmen = *arca*
arca = *orca*
logo *dolmen* = *orca*

porque duas cousas iguaes a uma terceira são iguaes entre si.» *Relig.*, I, 256, nota.

Estylo de grande gala, com tanta propriedade como banalidade:

«É territorio (do Cyneticum á Callaecia) bastante accidentado: planicies onde o trigo ostenta louras messes, ou onde pastam pacificamente os gados por entre as azinheiras; valles de doce fresquidão, em que a videira, a gingeira, a figueira pagam com bons juros os cuidados do lavrador; montanhas que não se sabe por onde mais nos cativem, se pela majestade dos seus contrafortes revestidos de matagaes, se pela riqueza dos seus veios metalliferos.» *Relig.*, II. 46.

Oasis entre a aridez da tarefa:

«Que cousa mais triste que um descampado alemtejano! Pelo contrario, como os olhos se regalam ao pousarem na verdura das veigas do Minho ou ao percorrerem a orla do mar do Algarve, tão ajardinado quasi todo elle!»

«Com effeito, não ha ninguem que não tenha experimentado sentimentos poeticos e mysteriosos ao vêr como, em meio do silencio e do sossêgo dos campos

Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva...»

Relig., II, 47 e 237.

Evocações e devaneios:

«...e ahi (n'umas grutas prehistoricas) a minha imaginação evocou as sombras dos mortos de ha milhares de annos, e com ellas fallei ácerca dos tempos passados e das cousas de além do tumulo.» *Relig.*, I, XXXVI.

«...quanto prazer não experimento nestes passeios archeologicos que me transportam ao passado! Nuns sitios converso com os homens da epocha da pedra, que me revelam as suas habilidades artisticas, as suas relações commerciaes, as suas crenças; noutros ouço os Romanos fallar-me latim...» *Arch.*, IV, 113.

Estylo correntio, sem apuros de estheta:

«...nos seus escriptos, ha uns 20 annos para cá, F... fazia citações camonianas, a torto e a direito, no principio e no fim, e ás vezes tambem no meio.» *Arch.*, IX, 132-3.

«Conforme disse acima, nos kjoekkenmoeddings encontrarão-se esqueletos, dispostos de maneira que fazem crer que houve inhumação regular, e não que forão atirados para alli á toa.» *Relig.*, I, 99.

Rythmo e musica:

«...estivessem enlaçados (nomes de duas deusas) de modo analogo áquelle em que ha pouco vimos os deuses de que falla Luchaire, e como os quaes muitos outros eu poderia aqui citar, se d'isso se necessitasse.» *Relig.*, II, 302.

«...a disposição crucial das cóvinhas pode nada ter de especial por ser muito natural.» *Relig.*, I, 358.

De visu, com a «nota realista a bater»:

«A proposito do fado, ouvimos as canções dolentes da nossa terra, ora entoadas ao luar, por entre os sinceiraes do Mondego, ora arrastadas, entre vinho e fel, em noites tetricas, nas travessas do Bairro-Alto: e vemos passar deante dos nossos olhos estupefactos, em promiscuidade extraordinaria, os mais variados typos, desde o fadista armado de facalhão, até o fidalgo toireiro que desceu da torre feudal para o alcoice, e, enrolando os seus pergaminhos, fez d'elles rodilha para a Severa protervamente se sentar.» *Ensaios*, III, 350.

Ironia, entre outras, aos redactores da *Portvgalia*, não obstante os seus protestos contra os gracejos (*Arch.*, XI, 379) em materia scientifica:

«...está de accordo (aquella burlesca mudança de sexo) com o plano de renascimento patriotico emprehendido pelos intrepidos labutadores do Septentrião.» *Arch.*, XI, 321.

Objurgação delicada e serena a um de nós, a qual, para não injuriar o auctor, suspeito que fosse redigida pela servente:

«...portanto calasse-se a tal respeito, e não viesse onde não era chamado.» *Arch.*, XI, 379.

Outra passagem critica nobilissimamente grave e elevada:

«...mas fallar d'essa singular organisação poetica pela forma como falla o sr. F. é fazer crer a quem não conhecer o Arcipreste que este era para ahi qualquer poetastro como o Nabiça.» *Ensaios*, III, 367-8.

Outra, finalmente, que eu não applicaria nem á mais infima das suas producções scientificas. Que digo? Nem mesmo aos seus versos!

«O latim do sr. F. é propriamente latinorio: frases corriqueiras e estafadas...» *Arch.* IX, 258.

O estylo é o homem. Ora em estylo, com semelhante mestre, persisto no erro, contumaz e impenitente.

6.° Resta, na passagem, averiguar o fundamento da minha maledicencia, a quando me referia á escrupulosissima annotação dos seus mais insignificantes escriptos, de passo que alguns de varios eram propositalmente esquecidos. Tenho pois de esclarecer violentadamente que, em lacunas, alludia a certos extractos da *Portvgalia* e, nomeadamente, a todos os subscriptos por um dos seus redactores. O sr. Leite não os desconhecia, uma vez que todos hão dado entrada na Bibliotheca Nacional, onde, por cumpridor que seja das suas funcções officiaes, não lhe escapam certamente os assumptos da sua predilecção.

O facto concordava ainda com a recepção d'essa revista n'esses 3 volumes de *Ensaios* onde grande parte é dedicada á mais varia productividade ethnographica. E aqui está o lance em que, sendo tam desagradavel termos de fallar de nós, se esclarece, ao menos, uma face d'esta lastimavel discordia. No II tomo dos *Ensaios*, onde ha 106 pags. de critica bibliographica, o sr. Vasconcellos, alludindo pela primeira vez á *Portvgalia*, não a 1 mas já aos 3 primeiros fasciculos, enuncia titulo, sub-titulo e director e diz que, a par de artigos anthropologicos, etc., publica «esta excellente revista tambem artigos ethnographicos e folk-loricos»: typos de casas, barcos, olarias, etc. (II, 357). A uma duzia de linhas e ao escasso registro d'alguns assumptos reduz, pois, o director do Museu ethnologico a sua primeira impressão d'uma revista da indole do estabelecimento que dirige. No tomo III, onde 90 pags. se occupam inclusivamente de livros de compilação, a *Portvgalia* desperta ao sr. J. Vasconcellos o juizo critico que integralmente reproduso:

«PORTVGALIA. Vid. estes *Ensaios*, II, 357. Publicou-se o fasciculo 4.° e ultimo do vol. I (1903) e o fasciculo 1.° do vol. II (1905). Contem artigos sobre costumes (maritimos, caseiros, etc.) superstições, jogos populares, industrias tradicionaes, litteratura oral.»

E aqui está o que na sua *Historia dos estudos feitos ácerca das tradições populares portuguezas*, que em 3 volumes dos *Ensaios* occupam 456 pags., este critico imparcial dedica á *Portvgalia*, sua orientação, organisação, conjuncto, illustração e circumstancias em que é realisada!

O sr. Vasconcellos, porém, dirige outra publicação que é um archivo de estudos ethnologicos onde a bibliographia occupa um legitimo logar de realce. Ora a pag. 190 do tomo IX da *Revista Lusitana* lê-se textualmente:

«PORTVGALIA, fasciculo 4.° do vol. I, e 1.° e 2.° do vol. II. — Cfr. *Rev. Lusitana*, VII, 158. D'este periodico sairá n'*O Archeologo Português* noticia desenvolvida (já no prelo).»

O leitor que reparou em — Cfr. *Rev. Lusit.*, VII, 158 — vae averiguar o que lá se disia do periodico. E do periodico diz-se isto, textualmente:

«PORTVGALIA. Publicou-se o fasciculo 3.° d'esta interessante revista. Por falta de occasião não tem podido dar-se d'ella mais ampla noticia, o que se fará em breve.»

Eis aqui. Umas vinte e tantas linhas em 4 apreciações d'este teor, pelo historiographo da Ethnographia portuguesa, a uma publicação da especialidade que se effectua ha 8 annos!

Como o sr. J. Leite proclame sempre com facundia o seu ardente patriotismo, oppor-lhe-hei dois simples exemplos da acolheita estrangeira. A revista allemã *Globus* noticiava o apparecimento do primeiro fasciculo com um largo artigo de abertura, não da secção bibliographica, mas do proprio numero, reprodusindo 21 das gravuras que ao sr. dr. Hubert Jansen se affiguraram mais interessantes *(Globus,* LXXVI, 265-71; id., LXXXII, fasc. 18, com 24 gravs., etc.). E o sr. Emile Cartailhac em *L'Anthropologie* (XI, 454) no mesmo proposito dizia, certamente com o exaggero procedente da sua sympathia pelos portugueses:

«... Une grande nation peut envier cette Revue: *Portvgalia* dans un beau format, sous une impression très soignée, avec des illustrations multipliées et bonnes, avec des chromos excellents nous offre un texte de valeur. Ces volumes, qu'on apprécierait à Londres, à Berlin, à Paris ou à Rome, sortent de Porto et lui font honneur à tous égards...»

Quer isto dizer que em Portugal não tivessemos incitamentos particulares e publicos? De modo algum. Inimigo por todos os meios, mesmo os ostensivos, nenhum attingiu a altura do redactor d'*O Archeologo português*, como iremos vendo. E sob este aspecto, ou seja de inspirador e director do orgão do Museu ethnologico o caso, para o sr. Vasconcellos, assume deploravelmente maior gravidade. O *Archeologo* é uma publicação do Estado. Na sua *Introducção* (tom. I, fasc. 1.º, pag. 1) diz o sr. José Leite de Vasconcellos, delegado do Governo: «... *Arch. Port.* procurará indicar aos seus leitores as obras que sahirem a lume, no país ou no estrangeiro, sobre as antiguidades nacionaes...» De facto, e percorrendo-o, deparam-se-nos numerosas criticas e noticias bibliographicas [1] onde se não distinguem, e muito bem, consagrados de principiantes, incluindo-se ainda as revistas, duas das quaes appareceram já depois da *Portvgalia.* Esta, porém, só ao cabo de 8 annos logrou a attenção d'aquelle funccionario, isto é, quando na publicação que o Estado estipendía, decidiu esvurmar a sua raiva como desforra d'uns commentarios ao auctor de dois livros — *Religiões* e *Ensaios* — com que o alludido *Archeologo,* orgão official, nada em absoluto tem que vêr!

Ora o Estado, com surpresa e pasmo para todos nós, galardoou espontaneamente a *Portvgalia* com a seguinte portaria *(Diario do Governo* de 4-IX-1903):

«Tendo em vista a grande utilidade de uma obra como a revista *Portvgalia*, que veio preencher uma enorme lacuna;

Attendendo ás incontestaveis vantagens que, para o estudo do nosso meio e da nossa raça, a mesma publicação representa pela luz que tem já derramado sobre tantos pontos, até agora obscuros, da nossa ethnographia e tantos outros problemas essenciaes ao estudo do caracter e da maneira de ser portuguesa; e

Considerando ainda o altruísmo com que, sem nenhum auxilio official, e só pelo esforço da vontade propria, a direcção e a redacção da *Portvgalia* vem brilhantemente levando a cabo a difficillima empresa a que se abalançou:

Ha Sua Magestade El-Rei por bem determinar que a Ricardo Severo, director da *Portvgalia*, Rocha Peixoto, redactor em chefe e Fonseca Cardoso, secretario, sejam dados os merecidos louvores pelo desinteresse e alta distincção com que teem cumprido a nobre e utilissima tarefa que se impuseram.

Paço, em 1 de setembro de 1903 — *Luiz Augusto Pimentel Pinto.*»

E o sr. J. Leite de Vasconcellos, chefe da instituição que, na capital do paiz, tem o objectivo que motiva para a *Portvgalia* uma homenagem do Estado, supprime-nos e só dá por nós quando se considera individualmente molestado como auctor de publicações alheias á intervenção do instituto official que o *Archeologo* representa!

Por fim o sr. J. Leite, na sua ira contra a *Portvgalia,* assume uma attitude singular para a imparcialidade que clama quando diz o seguinte *(Relig.,* II, nota 4 de pag. 6): «O nosso movimento archeologico contemporaneo póde seguir-se n'*O Archeologo Português*, cujo vol. VIII está em publicação.» Como até ao tomo XI do referido jornal estava supprimida a *Portvgalia,* implicitamente ella não conta para o nosso movimento archeologico contemporaneo!

Aqui teem os espectadores d'esta celeuma porque veladamente se alludia a lacunas bibliographicas — ao que o sr. Leite retorquiu, envenenando, que, por maledicencia, eu implicava com a escrupulosissima annotação das suas obras!

7.º Foi o paragrapho precedente um regalo para o sr. José de Vasconcellos. Elle vae acudir, em latim, proclamando a nossa vaidade e despeito por sermos tão parcamente citados n'uma ou n'outra nota fugaz e nas suas criticas desapaixonadas e fecundas. Considere, emtanto, o escrupuloso e sincero contradictor que até hoje se prescindiu, n'essa empresa, de tam megalithico arrimo. Nós cá vamos! E despeito, de quem? Da *Portvgalia?* Por quê? Pelo *Archeologo?* Se isso lhe dá praser consentimos jovialmente n'est'outra illusão. Da nossa complacencia tem o sr. Vasconcellos antigo conhecimento, pois, não

---

1 *Arch.:* I, 62-4, 112, 256, 352 e segs.; II, 58-62, 192, 267-9 e 255; III, 112, 117 e 272; IV, 155; V, 154; VII, 288; VIII, 31-2, 78, 157-8, 236-7, 317-8; IX, 43-8 e 142; X, 157-9, 284, 405-7; XI, 128 e 255-6.

obstante o seu aziume particular e publico contra a *Portvgalia*, não esqueceu, decerto, que acolhemos sempre benignamente os seus pedidos. Como subtrahir, porém, aos seus biographos do futuro este traço tam precioso da psychologia d'um archeologo portuguez que, procurando deslustrar ininterruptamente os seus camaradas, particularmente obtinha d'elles utilidades, sollicitando-lhes até gravuras emprestadas? (IV e X de 1906).

A generosidade com que n'essa empresa se corresponde á conjura dos inimigos — que longe de os humilhar ainda os guinda a mais olympica austeridade! — não a dilatamos, porém, até permittirmos que o sr. Vasconcellos deturpe os factos. O conservador do Museu ethnologico ha annos que affirma, ao que nos consta, ter-se-lhe proposto a divisão do paiz em duas zonas, norte e sul, insinuando a sem rasão d'esta infundamentada scisão ethnica. A um tempo o mesmo individuo põe em destaque a insensatez do nosso presumido intento, n'um paiz de tantos palmos de comprido por tantos de largo. Ora surge o ensejo de informarmos os interessados que o director da *Portvgalia* lembrou ao sr. J. Leite a vantagem que resultava, sob o ponto de vista economico, de insistirem principalmente, — de insistirem, não limitarem-se — nas suas respectivas zonas, os dois nucleos de investigadores do norte e do sul — vantagem apenas economica, repetimos, uma vez que os recursos particulares e publicos disponiveis, d'uma e outra banda, eram insufficientes. Desrespeita a verdade o sr. Leite de Vasconcellos se affirma o contrario d'isto, pois nem estava no nosso animo impedir quem quer que seja de explorar no norte, como não abdicamos o direito de irmos ao sul como, quando e onde nos aprouver.

Houve, porém, e ha quem acredite o sr. J. Vasconcellos, não obstante o desmentido que a *Portvgalia* offerece com varios artigos sobre assumptos algarvíos, alemtejanos e extremenhos. O sr. Leite recalca e requinta, todavia, encarecendo o seu asserto com o decantado antagonismo da gente do Porto e da gente da capital. Pois bem. Isto liquida-se com pouco: o director, editor e fundamental propulsor da *Portvgalia* — saibam-o os ingenuos e os crentes — é natural de Lisboa!

8.º Mas tem a colera do sr. Vasconcellos algum fundamento? Na *Portvgalia* acolhe-lo-hiamos com todas as facilidades que nos é licito proporcionar aos nossos cooperadores. Pessoalmente nada ha, nem jámais houve, que nos fizesse reparar com sanha n'este pobre homem, na apparencia inoffensivo e modesto. A sua animadversão, a sua quisilia radíca, infelizmente, n'esse mal tam humano da competencia: somos officiaes do mesmo officio e armados com dotes de vontade!

Nós incommodamos horrorosamente o sr. Leite de Vasconcellos na sua sufficiencia. Todos cabemos, não ha duvida, mesmo centuplicados. A sua balda de grandesas, porém, a amplificada ideia de sua individualidade é que não se compadecem com a nossa marcha autonoma, e portanto e para elle, atravancadora e insolente. Reparará, quem quiser, como o sr. Vasconcellos, em sciencia, se narcisa. As suas publicações são a cada passo citadas com uma insistencia tam frivola como morbida; basta vêr como a *Rev. Lusitana* [1], as *Religiões* [2] e o *Archeologo* [3] veem a pello na critica á *Portvgalia;* basta verificar, n'este unico artigo, como o contraría a circumstancia de qualquer auctor não faser uma citação de indicações suas *(Arch.*, XI, 324, 332, 338, 344, etc.); basta attender no cuidado doentío com que assignala que taes resultados coíncidem com os seus *(Id.*, 336), confirmam os seus *(Id.*, 345 e 348), chegam ás mesmas deducções *(Id.*, 352), attingem a mesma conclusão *(Id.*, 353).

Em regra as naturesas apagadas e submissas, como esse pobre e estimavel A. Bellino, ou as que lhe são immediatamente uteis e a um tempo alheiadas ao estudo da antigualha, é que lhe merecem, assim anodinas, alguma effusão: «A lapide foi offerecida graciosamente ao Museu Ethnologico pelo sr. F..., cavalheiro digno de todo o applauso e agradecimento pela sua generosidade». *(Arch.*, X, 199).

No *Indice dos assumptos discutidos na critica* á *Portvgalia* ha verbas como estas: «Abbade F... Sua generosidade para com o Museu Ethnologico. — F... Offereceu objectos de bronze, etc. — F... Offereceu uma placa de lousa prehistorica, etc.» *(Arch.*, XI, 380-1) — as quaes representam, como se vê, assumptos discutidos!

A critica rude a uns trabalhos epigraphicos do modesto antiquario Bellino rematava-a o sr. José Leite dizendo que, dos textos das suas inscripções dadas por ineditas, poucos estavam exactos, e que, relativamente aos commentarios, estes eram a cada passo falhos de bom criterio, resultando, portanto, um trabalho de pouca utilidade *(Arch.*, II, 134). Bellino não tinha temperamento para bulhas. Tempos depois o sr. Leite de Vasconcellos era seu hospede em Braga e Bellino passa a ser, sem restricções, um estudioso meritorio, um applicado e principalmente um benemerito. A proposito d'uma gravura do Castro do Monte Redondo — o que se repete, approximadamente, n'outros passos — diz o sr. Leite: «Segundo uma photographia que me foi obsequiosamente ministrada pelo estudioso archeologo vimaranense, sr. Albino Bellino...» *(Relig.*, II, 80, nota 1). Grato e justo.

Em egualdade de circumstancias, porém, não succedia o mesmo com o archeologo sr. Ricardo Severo. Achou o sr. Vasconcellos excellente a plancha obtida sobre photographias do director da *Portvgalia* e representativas do ex-voto de bronze do Museu Negrão. Pediu prova solta para mandar reproduzir. Deu-se-lhe, é claro. Lá vem, tal qual na *Portvgalia*, nas suas *Religiões* (II, 290). Com a delicada annotação, como atraz? Não. Com a reivindicação, quanto á memoria, da prioridade do sr. J. Leite

---

[1] Citações da *Rev. Lusit.*, trese: pags. 321, 329, 330, 332, 336, 344, 347 (2 vezes), 349, 354, 355, 361 e 365.

[2] Citações das *Relig. da Lusit.*, vinte e cinco: pags. 324 (2 vezes), 325, 327, 330, 333 (3 vezes), 334, 335, 337, 338 (2 vezes), 339 (3 vezes) 356, 358, 359, 363 (2 vezes), 372, 375, 376 e 377.

[3] Citações do *Archeologo*, trinta e duas: pags. 321, 324, 325, 330, 333 (2 vezes), 334, 335, 336 (2 vezes), 347, 348, 349 (2 vezes), 350, 352 (2 vezes), 353 (2 vezes), 355 (2 vezes), 356, 358, 359 (5 vezes), 366 (2 vezes). 368 e 374.

em 10 linhas do *Arch.* e n'uma noticia um mez antes submettida a uma sociedade sabia de França *(Relig.*, II, 289).

O sr. Ricardo Severo não é, pois, em taes serviços archeologicos e como Bellino, um benemerito!

Na correspondencia de Martins Sarmento ao sr. Leite endereçada e por elle reprodusida n'um fasciculo especial e commemorativo da *Revista de Guimarães* (1900), varias cartas communicam-lhe descobertas e acquisições; algumas, porém, e nomeadamente as de numeros 3, 4, 6, 8, 9, 14 e 19 dão-lhe instrucções, em parte visivelmente sollicitadas. Uma d'ellas, que é typica, tem a data de agosto de 1880 — aquelle tempo remoto em que o sr. Leite de Vasconcellos ainda pastava nas viridentes pradarías do folk-lore e pouco mais. Eis a parte que importa:

«O monte fortificado nas margens do Leça chama-se Castello. Fica proximo á ponte de Guifões (margem esquerda do rio). Para não andar ás apalpadellas o melhor é ir á ponte e perguntar á moleira onde é o Castello. Ella mostra-lh'o logo com o dedo. Tomando o monte pelo làdo do poente, chega a uma pequena bouça plantada de eucalyptos, onde verá já muita carcova e um monumento de tijolo, meio arruinado, não longe da parede que limita a bouça pelo lado do sul. Para subir ao alto segue o caminho que corre a norte da mesma bouça, e verá já alguns restos de construcções e uma calçada que o leva ao alto, onde terá de torcer á esquerda para se internar na corôa da fortaleza. Verá os taludes das muralhas e aqui e alli alguns fragmentos de barro... etc.».

Remate da correspondencia subscripto pelo sr. Leite: «Sarmento ia-me assim contando successivamente os seus prazeres archeologicos: noticias que lhe vinham, passeios que dava, descobrimentos que fazia.»

Instruir, nada: tudo, quando muito, camaradas!

Recordarei ainda que, na introducção ás *Religiões*, o nosso imparcial contendor allude ás excursões archeologicas que effectuou, provando assim, e muito bem, que falla servido frequentemente pela observação directa:

«Percorri grande parte do paiz...; no Algarve visitei a celebre necropole de Alcalar...; estive mais d'uma vez nos logares...; fui em piedosa romagem ao Promontorio Sagrado...; proximo de *Aesuri*... procedi em mais de um logar a excavações...; visitei o Museu de Faro...; desembarquei em *Myrtilis* onde me familiarisei... etc.» *(Relig.*, XXXIV e segs.)

Mas isto, que começa a pagina 34 e se prolonga até pagina, 38 não lhe basta. O EU obsidia-o. Imagine-se pelo que se apura n'um só volume, o II e ultimo das *Religiões* (1905):

«Eu estive no local [Cabo de S. Vicente] em 1894 (10). — Na viagem que fiz ao Cabo em 1894 (*bis*, 10). — Onde estive [monte perto de Ourique] em 1897 (19). — E ahi eu proprio tenho achado muitos [objectos archeologicos] (19). — Fui lá de proposito [ao Cabo Carvoeiro] em 1891 (26). — Em 1902 estive á vista d'estas e da Insoa (39). — Eu mesmo tenho por lá visitado muitos [castros] (40). — Que eu vi [inscripção] no museu episcopal (55). — Foi encontrado tambem [fragmento d'um *carmen*] por mim (135), — Em Junho de 1904 visitei o Museu de Elvas (156). — Em Junho de 1904 estive em Elvas (156). — Eu a vi lá, no Museu lapidar (176). — Fui lá [Cabo de S. Vicente] em Março de 1894 (*tris*, 205). — Fui eu quem primeiro leu correctamente esta inscripção (246). — Eu comprei-a [figurinha de bronze] para a Bibliotheca (285). — Publiquei pela primeira vez na integra as inscripções (296). — Foi publicada [inscripção] a primeira vez por mim (302). — Agora publicada pela primeira vez (322). — Agora publicada pela primeira vez (323). — Eu tenho-a examinado por varias vezes (327)» (*Relig.*, II).

E continua — no *Arch.*, na *Rev. Lusitana*, em toda a parte. Ainda n'uma publicação recente intitulada *Peintures dans des dolmens de Portugal*, separata de *L'Homme Préhistorique* (V, fasc. 1, Paris, 1907), depois de ir contando em 5 escassas paginas, e aos poucos, que foi elle quem cavou, quem encontrou, quem assignalou, não esquece, ao cabo, de registrar ainda outra vez: «C'est moi qui en ai parlé (das pinturas neolithicas) pour la première fois...»!

Até as viagens fóra do paiz pretextam a mesma exhibição:

«Eu, que ainda ha bem pouco vi, em uma viagem de estudo que realisei pelos paizes classicos, o desvelo com que se conserva e restaura o menor vestigio historico ou artistico do passado; que vi museus archeologicos em todas as cidades de alguma importancia; que vi como Roma admira ciosa as ruinas...; que vi com que devoção os Gregos contemplam a Acropole... etc., (*Arch.*, X, 245).

Na allusão aos prospectos da *Portvgalia* com que enceta a sua critica, apressa-se a pôr em relevo que nós vinhamos no mesmo espirito da sua *Rev. Lusitana* e de accordo com o programma do *Arch. português* (321). A um tempo fixa as datas de inicio e os volumes publicados, para que a Sciencia não olvide a precedencia. Mas é claro que á Sciencia subtrahiria, se podesse — apenas uma piedosa fraude! — a prioridade do *Boletim* da antiga, prestante e illustre *Associação dos Architectos e Archeologos* e, mais recentemente, da *Revista Archeologica* fundada por Borges de Figueiredo e Alexandre de Souza em 1887 (o I vol. do *Arch.* data de 1895) e bem assim a da *Revista de ethnologia e de glottologia*, dirigida pelo sr. Adolpho Coelho, (effectivamente «uma das glorias mais vivas da sciencia portugueza» segundo proclama o sr. J. Leite de Vasconcellos a pag. 290 do tomo I da *Revista Lusitana)*, e datando de 1880 (o I vol. da *Rev. Lusit.* appareceu em 1887)!

Comprehende-se como symptomatologicamente isto é grave e entra já nos dominios da psychiatría. Semelhante egotismo morbido volve o sr. Leite de Vasconcellos n'um paranoico que um dia veremos, compungidos, proclamar-se o fundador da Monarchia!

Por fim e como o sr. Ricardo Severo citasse o *Manuel* de Dottin na critica mansa que fez a um seu livro (*Portvgalia*, II, 293), o sr. Vasconcellos attribue-lhe intenções que magestaticamente regeita, pois, na Europa, no Mundo, «o primeiro exemplar que se vendeu d'este livro foi exactamente o meu!» (377). Accrescenta em nota que o editor que lhe vendeu a obra o certificava de tal em lettras de 23 de Dezembro de 1905. E conclue, com um regosijo tocante e com a mesma infantilidade e perrice das creanças, batendo os punhos: «Por esta é que Ricardo Severo de certo não esperava!» (377, nota 5).

Este desventurado não faz rir; faz, realmente, muita pena!

9.º Assim possuído de si mesmo a obstinação da prioridade no sr. Leite de Vasconcellos perturba-lhe o mais elementar discernimento. D'entre varias das suas praticas exaro uma que revela, com vinco, as demasías da sua soberba. Por incumbencia do Gabinete de Geologia da Academia Polytechnica do Porto procedeu, quem isto escreve, a uma exploração do castro lusitano-romano de Guifões — aquella estancia, precisamente, sobre cuja situação e estado Martins Sarmento ensinava, na carta atraz, o actual conservador do Museu ethnologico. Tempos depois sabe do inquerito o sr. J. Vasconcellos, e das edificações a descoberto e dos vehiculos de material carreados para o Porto. Pois logo cuida em solidar a sua prioridade inserindo (*Arch.*, IV, 270-1) um artigo d'uma pagina, apenas condimentado com os extractos de duas cartas particulares do sr. conselheiro José Fortes. N'esse artigo de pagina diz o que encontrou quando por lá passeára: um peso de barro e o fragmento d'um tijolo, exuberante documentação que é objecto d'uma plancha!!! Marcada a prioridade é claro que não mais a perdeu de vista; pelo menos recordo-me de 3 citações suas do alludido artigo de pagina: na *Rev. de Guimarães* citada (85), no *Arch.* (VI, 33) e nas *Relig.* (II, 39).

Que julgam agora os nossos camaradas do paiz ácerca do procedímento ulterior d'este collega immoderado e impolido? Larga a pedir, directa e indirectamente, a mim e ao sr. conselheiro José Fortes, que lhe dê eu cacaría de Guifões para o Museu! Isto é hilariante, mas do lado do sr. Vasconcellos está a rasão: ter a prioridade, o artigo e as citações e expôr, nas estantes, só um peso e um pedaço de tijolo é bem pouco! Ora succede que por varias circumstancias de armasenagem, ao deante ainda aggravadas com as obras do edificio academico, a maioria do espolio se encontra encerrada em caixões. Mas logo que cesse o impedimento irão materiaes para Lisboa.

E escusa o sr. José Leite de pretender repudiar agora, sobranceiro e desdenhoso, a acquiescencia aos seus pedidos. Ha de receber o mobiliario porque não é para si: é para o nosso Museu ethnologico!

10.º Isto posto reparemos em alguns dos pormenores da sua bibliographia — aquelles em que não nos é vedado, por delicados melindres, intervir. Mas antes, para effeitos comparativos, accentue-se que o sr. J. Leite enquadra as criticas da *Portvgalia* em dois moldes: elogiativas, laudatorias e benevolas, ou depreciativas, hostís e causticantes (*Arch.* XI, 337 e 348). Desejando alguem penetrar na exacção d'este juíso é folhear a *Portvgalia*: certificar-se-ha que para tal ser limpidamente a verdade, o prato da balança das primeiras destroe abundosa e pesadamente o equilibrio — do que não nos penitenciamos com martyrios por sabermos o que significa o trabalho bem intencionado e não retribuído. Todavia o sr. L. de Vasconcellos, annunciando-nos criticos insufficientes e apaixonados, esqueceu — o que é bem duro ter de lhe recordar — que estavamos no nosso jornal...

Por seu turno o sr. Leite de Vasconcellos, n'uma publicação que não é sua mas do Estado, *O Archeologo português*, diz-me, a varios propositos, coisas como estas: que eu me espanto com pouco (XI, 353), que me assemelho a um catavento (356), que faço d'um argueiro um cavalleiro (357), que a minha vaidade é uma delicia para os outros (363), que pugno *pro domo mea* (363) e que ando de má fé (361). Compelle-me, pois, a adverti-lo de que, percorrendo ha muitos annos grande parte do paiz, o tenho feito á conta dos sobejos dos meus honorarios de funccionario publico, custeando ainda algumas centenas de *clichés* e pagando a maioria dos desenhos das minhas pastas. Isto não é a vesania do EU, como se tem visto: é o confronto com o sr. J. Leite de Vasconcellos, nos ultimos annos, com vantagens, collaboradores, collectores, photographos e desenhistas remunerados pelo Estado.

Ora se procuro concorrer, independentemente das minhas funcções officiaes, para o movimento scientifico do meu paiz, como é que o meu paiz, como é que o Estado, pela penna do seu empregado sr. José Leite de Vasconcellos, se atreve a dirigir-me aquellas expressões? Como é que o meu paiz, no jornal que o funccionario sr. José Leite de Vasconcellos redige por incumbencia official, se permitte jogar-me piadas? Como é que o meu paiz, pelo orgão d'um estabelecimento publico, se auctorisa a endereçar-me chalaças? Como é que o meu paiz recebe a minha desinteressada boa-vontade procurando injuriar-me e aos meus camaradas, ao proclamar a minha má fé na publicação official para cuja mantença contribuímos eu, os meus amigos e os outros meus concidadãos?

Não é o meu paiz: é o empregado sr. José Leite de Vasconcellos que, com o serodio pretexto de bibliographar, como lhe cumpría de ha muito por um compromisso tacito (*Arch.*, I, 1) e pelas suas funcções officiaes, exteriorisa a sua inveja e a sua furia á sombra da longanimidade geral. Mas não o faz impunemente porque encontra homem! Saia para fóra do *Archeologo*, que é uma publicação official; saia para fóra da *Revista Lusitana*, que é actualmente paga pelo Estado; saia para fóra das *Religiões da Lusitania*, outra publicação agora custeada pelos cofres do Reino.

E então desafogue.

11.° Mas é que os *Ensaios ethnographicos*, onde naturalmente deveria responder ao commentario feito aos primeiros tomos da mesma obra, são agora edição do auctor e estão á venda. Ora a revista official que se chama *Archeologo*, e portanto e essencialmente se occupa de Archeologia, não tendo implicitamente nada a vêr com os *Costumes populares* em debate, é onde o sr. Vasconcellos me responde. Porquê? Porque assim dispersa, sem prejuiso pessoal, a sua reprimenda á *Portvgalia*, mandando o fascículo respectivo, não só aos collaboradores habituaes, collegas e benemeritos, como é justo, mas inclusivamente a pessoas nossas collaboradoras e amigas que nunca tinham recebido o *Archeologo*. Exemplos apurados por emquanto: o sr. Alberto Sampaio, do Porto, o sr. Fiuza da Silva, da Povoa de Varzim, o sr. José Pinho, de Amarante — a pretexto das referencias, está claro, mas p.ra que soubessem, como logo julgaram, «da tareia!»

12.° Minudenciando, prosigamos. Logo ao referir-se a um artigo da *Portvgalia* ácerca dos palheiros do littoral, o sr. Leite começa por dizer que «já a *Rev. Lusit.*, III, 226-228 se tinha occupado», embora menos amplamente, do assumpto. Abro a revista no logar indicado; e n'um programma do Museu ethnographico vejo que as tres paginas citadas se referem geral e perfunctoriamente ás habitações portuguesas. Só na 227 ha dez linhas ácerca das casas sobre estacarias de Lavos, emquanto no artigo alludido ha todo um capitulo. Prejudica-o, emtanto, a prioridade do sr. Vasconcellos, e eu lh'a cedo. Não acontece, porém, o mesmo com certa opinião. Com effeito, diz este homem superior e justo (329): «A mais curiosa das estampas é a que reproduz um ex-voto da capella de... onde o artista popular representou um naufragio deante dos palheiros.» Ora 6 annos antes, em 1901, escrevia, sobre o mesmo pormenor do artigo, o sr. Cartailhac (*L'Anthrop*, XII, 435), adivinhando antecipadamente a opinião do sr. J. Leite: «Il clôture ses illustrations par la reproduction d'une très curieuse peinture ancienne représentant un naufrage précisement sur un littoral garni de nombreuses cabanes de ce genre.»

Estão vendo que, mais uma vez, as opiniões coincidiram!

13.° Acodem, porém, outras prioridades, felizmente. N'uma singella communicação descrevia-se um penedo insculpturado d'uma povoação minhota. Era apenas mais um numero a accrescentar aos indicados por Martins Sarmento (varios fascs., da *Rev. de Guimarães*, etc.) e outros archeographos, entre os quaes, posteriormente, o sr. J. de Vasconcellos. Como faz este critico leal o commentario? Assim (333): «Noticia d'um penedo... do genero dos que se assignalam nas *Religiões*...» Mais uma prioridade em terra!

Mas n'essa despretenciosa notula ha um defeito irremediavel — que é não alludir o A., a proposito d'este penedo do Minho, a uma lenda antiga e localisada em Traz-os-Montes, «omissão tanto mais estranhavel quanto é certo que já ao A. se havia tornado conhecida... no citado logar das *Religiões!*» (334).

Outra vez as suas *Religiões!* Duas prioridades! Tome-as!

14.° Desaffectada e sincera é ainda a estranhesa do integro bibliographo ao notar que, entre a lista das obras do extincto Eduardo Allen, a quem succedí na Bibliotheca e Museu do Porto, eu não apontasse, na noticia necrologica da *Portvgalia*, um raro opusculo do mesmo, separata d'uma revista estrangeira de 1865, ácerca de moedas de oiro suevo-lusitanas. Simplesmente quando essa noticia foi escripta eu ainda não era o successor como, além das datas, o sr. Vasconcellos viu na passagem em que conto ignorar se ficaram conclusos os catalogos dos respectivos monetarios. E sabia mais o sr. Leite: é que logo adeante, no *Guia do Museu municipal do Porto* (1902), a pag. 136, então effectivamente successor, lá vem a obra citada, na ordem chronologica em 5.ª verba, com elucidações complementares a pag. 138.

Irra! Que é lealdade de mais!

15.° Inteiriço e austero vamos vêr ainda o sr. L. de Vasconcellos ao criticar, com exempção e rigor, a nota sobre a *Pedra dos Namorados*, baixo-relêvo em granito muito delido e quasi indecifravel. Aconselha-me a que compare os monumentos que apparecem com os congeneres do paiz — o que, visivelmente, não está nos habitos da *Portvgalia;* diz que o A. se esquece de comparar o objecto que a mão d'uma das figuras sustenta com o escudo redondo lusitano — o que equivaleria a confrontar uma maçã com uma peneira; e, pelo tom da prosa aspera, deduz-se que é calhau de pouca monta. Todavia, e particularmente, o sr. J. Leite, sempre altaneiro e inflexivel, pede-nos emprestada a gravura respectiva (ponto está em que os outros não saibam do que se passa nos bastidores), decerto para o III tomo das suas *Religiões da Lusitania*. Logo accedemos, é claro. E estão a vêr pelo precedente das photographias: lá volta o caso da isca e do anzol... como sabe o intáctil paremiographo!

16.° Mas ainda ha melhor do que este catonismo e tal acerbidade. Como em virtude da obliteração do figurado o A. da nota não podesse pronunciar-se com decisão sobre os objectos que as duas figuras sustentavam, limita-se prudentemente a recordar que poderiam ser ou crossas, ou uma pátera, ou a maçã emblematica da abundancia, etc. E, fasendo a transcripção, commenta depois o sr. José Leite, sempre integerrimo e illuminado: «Isto é, podem ser indistinctamente tudo quanto ha!» Torno a abrir as *Religiões da Lusitania*, no seu tomo I a pag. 225 e vejo, como remate transcendente ás suas considerações sobre o uso das grutas prehistoricas: «Se os factos não succederam assim, podiam succeder; ou succederam outros semelhantes.»

Está conforme!

17.° Estas imprudencias do sr. Leite, ás vezes loucas e outras infantis, associam-se curiosamente á arteira faculdade de diminuir o interesse dos assumptos pela escolha de vocabulos depreciativos. Fallando d'um escripto sobre a illuminação popular em Portugal diz o detractor (350) que o artigo «dá ideia» e o A., que compara o mobiliario portuguez com o estrangeiro e fixa as sobrevivencias, no dizer de Vasconcellos «mistura a descripção dos nossos usos com os de fóra.» *Mistura*, como velhacaria, vale uma prioridade! E emtanto o sr. Leite excepcionalmente a não consigna! Aqui a deixo registrada!

18.° Noticiando a *Portvgalia* a fundação de varios museus episcopaes em Hespanha, com referencias especiaes aos de Vich, Lérida, Gerona e Sevilha, lembram-se os precedentes de Beja, Evora e Coimbra em Portugal, com dados historicos accessorios, e, subsidiariamente, bibliográpha-se o que entre nós existe capaz de inventariar, em parte, as nossas antiguidades sacras. Summula do sr. José Leite, com a precisão e inteiresa que o exornam: «Noticia do museu de Vich!» (355). Analogamente, o resumo d'um artigo em que se estuda a technica, as formas, a ornamentação, e, principalmente, um especial processo decorativo na industria ceramica popular vimaranense, é assim dado (368), com elucidante claresa, por este escrupulosissimo annotador das proprias obras: «A proposito d'uma bilha de barro fabricada em Guimarães!»

19.° Adeante outra nota lhe enseja um claro ardil. Alludira, quem isto escreve, aos grandes trabalhos de exploração archeologica entre nós, fasendo avultar os de Martins Sarmento e Santos Rocha, individualidades que em Portugal dispenderam, em excavações, e pagando as suas obras, numerosos contos de réis das suas fortunas pessoaes. E rematava-se dizendo que, sem menospreço pelos que não podem attingir a obra e o dispendio extraordinarios d'estas duas figuras, ellas são, por isso mesmo, (quer queira ou não queira o sr. Leite) proeminentes em Portugal *(Portvgalia*, II, 123). O sr. Leite de Vasconcellos, cortando por onde lhe convinha, com a lealdade que vamos apontando aos seus futuros biographos, faz avultar a minha injustiça não citando outros archeologos (356), varios dos quaes, por signal, nossos amigos! Sem accentuar que se tratava das ***grandes explorações archeologicas custeadas pelos proprios investigadores***, quem quer justamente se sentiria hostilisado da nossa banda. A manobra é, a um tempo, transparente e perfida, filiando-se, ostensivamente, na phobía já antiga d'este systematico e allucinado calumniador da *Portvgalia*.

20.° Grandesa de alma e visão critica synthetica e fulgurante não a externaria melhor tam habil contradictor como na sua referencia (364-5) a uma monographia sobre *Tabulæ votivæ*. Plano organico, systematisação, encadeamento, abundancia ou escassez de materiaes, falhas, acerto ou desacerto comparativos, sufficiencia e escolha das fontes bibliographicas, rigor ou ligeiresa no seu aproveitamento e conclusões, nada importa ao critico. O que é funesto para a ethnographia e desvalorisa, portanto, a memoria, é um vocabulo monstruoso, uma terminação imperfeita, uma lettra dobrada e varios erros syntaticos e de graphía que o Purista poderia ennumerar. O que é nefasto é que o A. se ria dos casos que estuda. O que, por ultimo, decide em prejuíso do artigo é o trabalho, embora mais amplo, não ser inteiramente novo: a prioridade pertence-lhe!

Manifesto se torna, quanto «aos mysterios fataes da orthographia» que nos abysmamos no cahos, esperando desoladamente que os philologos se entendam. E quanto ao riso, em ethnographia ou assumptos que a lembrem, eu só tenho rido, e sonoramente, — contrito o declaro — com os engraçadissimos carmes lyrico-paleoethnologicos [1] do sr. J. Leite de Vasconcellos, como *O homem primitivo, O culto do fogo* ou a *Edade da pedra (Balladas*, 119, 120-1). Descrever, registrar não é rir: «a inscripção, concisa ou prolixa, é d'ordinario um risonho depoimento cacographico onde os vicios dialectaes, as corruptelas populares e as abreviaturas incongruentes se alinham n'um espaço restricto que muitas vezes obriga á multiplicidade das lettras inclusas... etc.». E de *risonho* diz um livro que o sr. Leite tanto aponta, o *Dicc.* de Moraes — que causa riso — o que effectivamente se observa em todas as pessoas que se deteem a ler as ingenuas epigraphes populares.

Por ultimo e quanto á prioridade eu lh'a deixo. Na *Rev. Lusit.*, III, 204-5 lá vejo 30 linhas sobre *Donaria* em geral, com referencias leves ás *Tabulæ*, e tam leves que nem uma só epigraphe se transcreve; o sr. C. Landolt, que alguns annos antes (1890), como o sr. Leite me lembra para meu escarmento e desdouro, inseriu nos n.os 447-8 de *A Independencia*, 24 epigraphes d'uma egreja local (Misericordia da Povoa de Varzim), tambem cede, em favor do sr. Leite de Vasconcellos e com pouco custo, a

---

[1] Entre varias anecdotas que se contam do sr. Leite de Vasconcellos e ás quaes, até vêr, não alludo, destaco apenas uma, muito corrente no Porto, e que, na cidade, tem feito com gaudio o giro de varias gerações. Diz respeito á sua pancada poetica, pois como elle refere em nota *(Balladas*, 325) — o que tambem poderia pôr em verso:

Todos somos pois artistas,
Em mór ou menor escala.

Publicára o sr. Vasconcellos um opusculo ou volume de poesias e soubera que um dos mais insignes escriptores portugueses, felizmente ainda vivo, se referira ao alaúde do vate com escassa benevolencia e piedade. Encontrando-se os dois, o sr. Leite de Vasconcellos dirigiu-se-lhe arrogante, mas nos olhos luzindo a vaga esperança d'um carinhoso desmentido:

— Então dizem-me que achára muito duros os meus versos?
Ao que o eminente homem de lettras prompto retorquiu:
— Como cornos, meu caro senhor, como cornos!

primasía — que já me prometteu! E como na memoria alludida fossem buscadas em 51 egrejas e capellas de 35 localidades do paiz os 94 retabulos transcriptos e commentados, resolvo de boamente — para mais ditoso tornar o sr. Leite — que isto fique sendo nada em face das 30 linhas que sobre ex-votos em geral escreveu este auctor de consciencia!

21.º A minha critica aos dois primeiros tomos dos *Ensaios ethnographicos* refuta-a o sr. Leite de Vasconcellos, n'esse famoso libello da publicação official, o *Archeologo*, d'uma maneira deveras triumphante — o que me apresso a assignalar aos seus futuros panegyristas! Distingue duas partes no meu suave commentario: «uma que se refere pessoalmente a mim; outra que se refere a tres asserções minhas. Com relação á primeira parte não responderei...» (359). Responde pois ás tres, que examinaremos já, e apparenta considerar tudo o mais allusões de caracter pessoal.

Ora o sr. J. Leite de Vasconcellos ludibriou o publico para se escapar á confissão de que subscrevera algumas falsidades que lhe levantaram. Mas não escapa, que eu não deixo! O sr. J. Vasconcellos a pag. 187 do tom. II dos *Ensaios ethnographicos* (Esposende, 1903) assignalava que os nossos serranos «vivem nos seus montes e nos seus matos bravos, no isolamento do mundo». Eu retorqui-lhe docemente, corrigindo-o, que não, aconselhando-o ainda a que percorresse varias serras portuguesas e verificasse que era, precisamente, n'uma emigração periodica que o montanhez busca um supplemento á insufficiencia dos seus recursos locaes e pessoaes. Como o sr. Leite seja auctor do folheto *Uma excursão ao Soajo* (excursão que effectuou á sua custa, como nos elucida), annotei-lhe, por bons modos, que semelhante passeio foi d'uma rapidez e leveza deploraveis ao oppôr-lhe as phrases que reproduso:

> «Precisamente o soajeiro não é um isolado porque quasi todo o elemento varonil, em regra, emigra, para onde? Para Lisboa, cidade em que principalmente exerce a profissão de padeiro até reunir uns parcos haveres com que, n'um regresso que trata de não dilatar muito, arredonda glebas ou as desonera, oira a mulher e multiplica o gado e a rez.»

Isto é uma questão de facto e não pode incluir-se, como convem ao sr. Vasconcellos, nas pessoaes. Queira explicar o sr. J. Leite a lealdade e a seriedade da sua attitude.

22.º Para affirmar que os serranos são robustissimos, entre outras rasões consigna, no mesmo passo, que os montanhezes luctam com os lobos. Redarguiu-se-lhe, instruindo-o, que isso era, em todas as serras do norte do paiz, historia que passou. Os fojos desabaram em grande parte e quasi todos, e a strychnina suppre, com menos percalços, as luctas occasionaes d'outr'ora. O sr. Leite de Vasconcellos, com o seu mutismo, considera esta correcção ás suas informações erradas como uma questão pessoal. Cumpre-lhe apagar a falsidade e assignalar a inconsistencia da sua primitiva asserção.

23.º Ainda, no mesmo intento e passagem, assegura que os serranos luctam uns com os outros por causa das divisões dos terrenos maninhos. Contradisse-lhe esta erronea informação, esclarecendo-o, com as seguintes palavras: «E quanto a luctas pelos terrenos maninhos, se esporadicamente algumas surgem, são casos pouco frequentes a contrapôr ao admiravel e harmonico concerto, nas reuniões dos povos serranos, que preside á proporcional distribuição das fachas no baldío, ou para centeio, ou para carvão, ou para pastos, ou para lenhas». Recommendava-lhe seguidamente que visitasse alguns logares serranos que citava, empresa tanto mais facil quanto o sr. José Leite pode realisar, no paiz, viagens scientificas, para seu renome, á custa do Estado. O sr. Leite não responde tambem a este passo *pessoal*, mas com a emphase e soberbía costumadas diz depois que «não encontra nas explanações do critico, como é natural, nenhuma novidade». E eu encontrei-o, n'uma só duzia de linhas, n'estas tres fraudes, *de facto*, successivas e engrenadas.

24.º Referentemente a uma apreciação que o sr. José de Vasconcellos exara ácerca do extincto archeologo Estacio da Veiga, considerava irreverente e desnecessario aquillo a que chamarei agora uma inconfidencia abusiva e uma má acção. Alludia a esta passagem do sr. Leite que se lê a pag. 266 do tom. I dos seus *Ensaios ethnographicos* (Esposende, 1891-6): «O mais recente caderno que compulsei (do espolio litterario de Estacio da Veiga) intitula-se *Versos* e tem a seguinte nota a lapis: = O auctor reprova e condemna a maioria d'estes seus primeiros versos, reservando porém alguns para publicar depois de serem retocados = ». Foi inutil a previdencia do mallogrado escriptor; nem sempre, tambem, nos cemiterios as grades vedam o ingresso aos cães! O sr. Leite de Vasconcellos, não obstante a prevenção, compulsa realmente o caderno, verifica e conta em publico que encerra poesias de tal e tal data, cita mesmo os titulos d'algumas, reproduz inclusivamente o fragmento d'uma estrophe e ainda commenta: «Versos melancolicos, lamurientos» [1].

---

[1] É um illustrativo complemento a este criterio certo soluço, entre muitos, do bardo Leite de Vasconcellos, no seu anceio lyrico-lithico intitulado *Trebaruna* e em que espera ter á beira do seu ultimo moimento

> Uma virgem que estenda as azas perfumadas
> Engalhando o meu somno, a cantar e a sorrir...
>
> Suas *Nuvens*, 179.

Longe de explicar, por inconsciencia ou irreflexão, esta affronta á deliberação tacitamente expressa por quem já não podia corrigir-lhe a intrusão e a malvadez, o sr. Leite de Vasconcellos, perante o qual estranhamos o desmando, emmudece a tal respeito, incluindo portanto o caso nas «questões pessoaes»!

25.º Fugindo ás allusões de caracter pessoal que os senhores estão vendo — e que convem não ignorar como caboucos para o seu futuro panegyrico — entro no debate das outras trez asserções que prometteramos examinar. O sr. Leite escrevera que o Minho era a terra classica das nossas superstições e antigos costumes (*Ensaios*, I, 38) observando-lhe eu a minha surpresa por localisar n'aquella provincia o que pertence de direito a Traz-os-Montes e á Beira, e indicando-lhe brevemente, para seu ensino, algumas zonas que o certificariam do asserto. O sr. Vasconcellos reíncide (360-1), apresentando os exemplos de varios escriptores e terminando por esclarecer que o sentido em que empregou *classica* era no de terra que todos consideram sempre, quer fallando, quer escrevendo, cheia de tradições typicas, de costumeiras avoengas, etc. E' uma defesa do personagem e desculpavel. Mas se a indagação moderna, muito mais intensa e generalisada, desloca para outros logares o que antecedentemente se presumía, mercê da ignorancia em que se estava ácerca de superstições e costumes transmontanos e beirões só recentemente desvendados, porque é que o sr. José Leite não se rende? Tambem o erro geocentrico, e com elle milhares de outros, foi classico. Recordo até que já vi escripto isto: «Quando a sciencia adeanta, para que havemos de estar a seguir as ideias velhas?» O escriba era o proprio sr. Leite de Vasconcellos... exactamente na sua pretendida demolição da *Portvgalia! (Arch.*, XI, 327).

O sr. Leite, porém, está quasi convencido... Já no fim da sua defesa diz: «*terra classica*, isto é, terra que todos (com rasão ou sem ella, isso é problema differente) etc.» Bem: a prioridade do erro cabe aos outros escriptores, mas nós ambos estamos mesmo a coincidir!

26.º A outra observação minha tinha em vista a sua incompleta e deturpada referencia ao casamento em Barroso (*Ensaios*, II, 199). Procedí semelhantemente ao que succede com o sr. J. Leite, sempre accrescentando aos outros algum complemento, inclusivamente, e com colchetes, nos proprios trabalhos dos auctores! O ardido ethnographo responde afinal (361) que, pelas minhas palavras, julgar-se-hia que elle nada mais sabia dos usos do casamento em Portugal. Não é de Portugal, sr. Leite, é de Barroso! E manda vêr o que a tal respeito escreveu nas *Tradições*. Fica-se, pois, na mesma!

De resto eu conheço as *Tradições* e, regularmente, os outros livros do auctor, como vae vendo. Sei bem com quem estou a lidar! Até li, com coragem epica, os seus versos e colhí notas — para o que der e vier!

27.º A terceira e ultima asserção diz respeito a uma informação do mesmo individuo pela qual se fica sabendo que «os pescadores da Povoa quebram as vidraças das capellas quando os santos não fazem o que se pede». (*Ensaios*, II, 49). Lamentei a inexactidão subscripta por quem tanto rigor exige aos outros e sem verificação nem exame admittida. Felizmente o sr. José Vasconcellos attendeu, embora tarde, ao dever a que eu o chamava: «Ora no dia 24 de setembro de 1905 fui de proposito á Povoa de Varzim, (ditosamente estava perto, em Villa do Conde) para colher informações directas sobre isto» (361). Confirma assim o que eu asseverára: adoptou a anecdota leviana e incautamente (*Portvgalia*, II, 136). E que soube? Um pescador disse constar-lhe que d'antes, quando o mar estava bravo e andavam os pescadores a pescar, as mulheres se apegavam a rezar (o estylo é d'elle ou do pescador) na capella de S. José e que, se o barco se voltava, ellas atiravam com areias e pedras contra a capella. Não ha, pois, quebra de vidraças, as capellas são uma apenas, e, com as pedras, entra a areia. Bem.

A novo pescador consta-lhe a coisa d'outra maneira: punham uma imagem de S. José á beira-mar e supplicavam; se S. José não attendia, algumas mulheres atiravam, zangadas, areia para cima do santo. Excellente! Agora nem vidraças partidas, nem penedos, nem capellas; fica apenas um inedito martyrio, *post mortem*, para o marido de Nossa Senhora!

Por fim um anonymo cavalheiro de respeito — estou a vê-lo! — escreve ao sr. Leite informando-o de que, outr'ora, atiravam com areia ás portas da capella de S. José e que batiam n'ellas com pedras afim de despertarem o santo para este acudir aos pescadores. Magnifico! Nem vidraças partidas, nem varias capellas, nem vingança pela passividade da imagem: areia e pedras eram despertadores e batentes.

Aos quatro cavalheiros, o anonymo de respeito, os dois pescadores e o sr. Leite de Vasconcellos, opponho — sempre com os olhos nos seus biographos do futuro — os seguintes depoimentos, para cuja contestação desafio o intangivel folk-lorista. São cartas, respectivamente, dos srs. Padre Affonso dos Santos Soares, professor do Lyceu e capellão da Real Irmandade dos pescadores, Antonio Silveira, advogado, deputado da Nação e presidente da Camara, Arnaldo Baptista, professor do Lyceu, medico da Misericordia e ex-administrador do Concelho, Caetano de Oliveira, medico municipal e ex-presidente da Camara, David Alves, advogado, provedor da Misericordia, ex-deputado e ex-administrador do Concelho e Domingos Moreira, medico municipal, sub-delegado de saude e ex-administrador do Concelho:

I. — «Meu caro...: A asserção que o meu presado amigo viu exarada — «os pescadores da Povoa quebram as vidraças das capellas quando os santos não fazem o que se pede» — é por completo inexacta. Nunca presenceiei esse facto e nunca a menor referencia a elle ouvi. Procurei informações e todas resultaram em formal negativa. Sem duvida a affirmação transcripta não tem fundamento algum. Seu... *P.e Affonso dos Santos Soares*, Capellão da Real Irmandade dos pescadores.»

II. — «Meu... amigo:... Quanto á asserção que n'ella (carta minha) transcreve, posso afoitamente affir-

mar-lhe que, tendo tido a infelicidade de assistir a varios naufragios na barra e na enseada da Povoa de Varzim — alguns de bem penosas consequencias, por signal! — nunca vi nem ouvi rumorejar que os nossos pescadores *quebrassem as vidraças das capellas*, por os santos os não attenderem nas suas supplicas, vivas e exaltadas talvez, mas respeitaveis e justissimas, pois que n'esses lances se joga, quasi sempre, com o espectaculo da miseria, o quadro tragico da orphandade e viuvez! Devo mesmo accrescentar que, quando ha annos, em jornal, revista ou livro cujo nome me não recorda, li asserção identica, procurei — apezar de filho da Povoa e, portanto, conhecedor dos habitos e sentimentos da nossa classe piscatoria — informar-me de tam estranha *novidade*, sendo-me então assegurado, quer pelas mais velhas pessoas da chamada gente da terra, quer pelas do mar, que tal facto nunca se dera nem d'elle havia tradição... Seu .. *Antonio Silveira.*»

III. — «Meu caro...: Em resposta á sua estimada carta de 31-3-907 tenho a declarar-lhe terminantemente que tal asserção é falsissima. Nem agora, nem pela tradição me constou que jamais se effectuasse tal pratica. Do seu... *Arnaldo Baptista.*»

IV. — «Meu caro...: Surprehende-me immenso a tua carta. Nos meus dezesete annos de aturada clinica n'esta praia, em convivio constante com a classe piscatoria, nunca vi, nem me consta, que os pescadores — homens ou mulheres — quebrassem os vidros das capellas ou ameaçassem os santos quando estes não fazem o que lhes pedem. Affianço-te que o pescador é incapaz d'isso. Aqui fico esperando, etc. Teu... *Caetano de Oliveira.*»

V. — «Meu... amigo: Pergunta-me V. se é verdadeira a asserção de os pescadores da Povoa quebrarem as vidraças das capellas quando os santos não fazem o que elles pedem. Acho-a de pura invenção. Nunca presenciei tal facto nem a elle ouvi fazer a menor allusão, e as pessoas mais velhas a quem interroguei desmentem-o categoricamente. Mande o seu... *David Alves.*»

VI. — «Meu... amigo: Em resposta ao assumpto da sua carta de 31 do mez findo offerece-se-me dizer-lhe muito summariamente o seguinte: — É absolutamente falha de verdade a asserção transcripta em que se faz referencias a *ameaças a santos*, como pratica attribuida aos pescadores d'esta praia. A affirmação de que estes *quebram as vidraças das capellas quando os santos lhes não «fazem» o que se pede* poderia acceitar-se como *dito de espirito* a bordar uma passagem de romance; mas nunca quando encabeçada n'um estudo serio, de responsabilidade scientifica, porque terá então a contradicta-lo a verdade dos factos, corroborados pelo testemunho de todas as pessoas que de perto conheçam a indole e costumes da nossa gente do mar. Disponha, etc. *Domingos Moreira.*»

O sr. Leite de Vasconcellos dizia-me, em gozo delirando, que ficava confutada a minha critica. Fica como se viu e o mais que segue.

28.° O admiravel triumphador — que até recebeu missivas, felicitando-o! — arrasava-me na sua diatribe por eu não citar, n'uma necrologia, um raro trabalho de nummaria e, a proposito d'uma fraga minhota, uma lenda transmontana incluida n'um poema. Ora mais adstrictas a um assumpto cujo debate fasem do bibliographo sr. Leite, a um tempo, Cezar e Catão, são certas fontes litterarias ácerca das quaes a indigencia d'este conservador da Bibliotheca Nacional tam bem contrasta com a sua campanuda jactancia. Livros raros, quasi desconhecidos, pouco accessiveis? Não. Obras faceis, algumas das quaes varias vezes citadas pelo contundente bibliophilo! E' isto — sempre com o pensamento no panegyrista:

No *Almanach de lembranças* para 1857 (Imp. Nac., Lisboa, 1856), dirigido por Alexandre Magno de Castilho, lia-se a pag. 145 e subscripto por *Providencias* (Santo Thyrso), o seguinte:

«S. JOSÉ APEDREJADO. Na Povoa de Varzim, comarca de Villa do Conde, quando o mar se encapella de repente e pilha em si os pescadores, as mulheres d'estes vão, in-continente, á capella de S. José e começão a atirar pedras á porta, dizendo em altas vozes: — *Acorda S. José!* Se o mar não amaina, então vão ter com o capellão, e o obrigão a vir com o santo para a praia, e ahi principião a dar com areia no pobre do santo, repetindo — *Acorda S. José*... etc.».

Está aqui, presumivelmente, a origem da anecdota.

No mesmo *Almanach*, destinado ao anno de 1859 e a pags. 332-3, contrapunha-se á informação transcripta, os documentos que seguem:

«S. JOSÉ APEDREJADO. Com este titulo se lê a pag. 145 do Almanach de 1857, o seguinte: (reproducção do texto supra). «Animado com a lembrança de que V. desejará saber o credito que merecem os artigos publicados no seu Almanach, ouso informal-o de que é inexacto quanto n'aquelle se diz, pois tendo eu presenceado taes actos, apenas tenho visto as referidas mulheres dirigirem-se á capella de S. José com toda a fé christã, fazerem as suas supplicas, e na praia invocarem o nome dos Santos de suas devoções, mas nunca a ponto de os apedrejarem! Para prova d'isto bastará notar que a mencionada capella de S. José ainda não tem confraria erecta, nem capellão, para que se diga que este é obrigado pelas mulheres dos pescadores a ir levar o Santo á praia!...» (a) *Manuel Luiz Monteiro Junior* (Povoa de Varzim).

Em apoio de suas asserções nos manda este cavalheiro um attestado do Reverendo Parocho e outro do Administrador do Concelho, os Ill.^mos Srs. Reitor José Bernardino Pereira de Freitas e Dr. Agostinho Luiz d'Oliveira Machado. Diz o 1.°:

«Attesto em como a capella de S. José erecta n'esta villa da Povoa de Varzim não tem confraria, nem capellão, e apenas as esmolas de alguns bemfeitores fazem face ás despezas de algumas obras ou festividades

feitas na dita capella. Outro-sim é inteiramente falso que S. José fosse alguma vez conduzido á praia pelo capellão, ou outra qualquer pessoa obrigado pelas pescadoras, e pelas mesmas apedrejado quando no mar seus barcos tem recebido desastre, o que sómente por linguas horriveis e farisaicas póde ser levantado. E por este me ser pedido, o passo na verdade e juro *in Sacris*—Povoa de Varzim, 2 de Novembro de 1857.—O Reitor, *José Bernardino Pereira de Freitas.*» Acha-se a assignatura reconhecida pelo tabellião de notas na Povoa de Varzim, *José Francisco da Silva.*

Diz o sr. Administrador do Concelho da Povoa de Varzim:

«Attesto em como dos respectivos mappas estatisticos existentes n'esta Administração não consta que haja, nem houvesse, n'esta villa confraria erecta de S. José, existindo apenas uma capella na *Rua d'Areosa* com essa denominação, sustentada por esmolas d'alguns bemfeitores, mas sem capellão, sendo por conseguinte falso que este fosse alguma vez obrigado a ir com a imagem d'aquelle Santo á praia, e ahi as mulheres dos pescadores lhe atirassem areia ou pedras, nem tam pouco me consta que tal caso succedesse com qualquer outro ecclesiastico. Administração do Concelho da Povoa de Varzim, 2 de Novembro de 1857. O Administrador do Concelho, *Agostinho Luiz d'Oliveira Machado.*—Vem a firma reconhecida pelo mesmo tabellião.

Poucos annos passam e em 1868 escrevia o sr. Brito Aranha a pag. 362 e cols. 1-2 do tom. XI do *Archivo Pittoresco* (Lisboa, 1868), no cap. XIV da sua monographia intitulada *Villa da Povoa de Varzim:*

«Suppoz-se por muito tempo no Minho, e appareceu algures impresso, que os pescadores da Povoa de Varzim eram tam supersticiosos, que as mulheres nas occasiões de temporal... dirigiam (aos santos) imprecações absurdas e extravagantes... Por esta razão se contava que as mulheres do povo, em taes apuros, se encaminhavam para a capella de S. José, e ahi, apedrejando ao mesmo tempo este santo... etc. Não é assim, todavia. O que é certo é que não só as mulheres do bairro de S. José, mas tambem as do bairro da Lapa... nos momentos de suprema angustia... revelam a afflicção que as atormenta povoando as areias e o Oceano com tristes exclamações e dolorosas preces.»

E logo adeante, ainda na pagina citada e col. 2, transcreve o auctor parte d'uma carta do extincto e curioso indagador povoense, o já referido Manuel Luiz Monteiro:

«A'cerca das imprecações das mulheres do povo por occasião de temporal, em que tem fallado e não é exacto, direi que a verdade é que em similhantes occasiões as mulheres dos pescadores invocam os santos da sua devoção. As do bairro de S. José vão para a porta da capella d'este santo dizendo: S. José, governae-os! S. José, ponde-vos ao leme! etc.»

Em 1871 apparecem estes extractos reeditados a pags. 46-8 das *Memorias historico-estatisticas de algumas villas e povoações de Portugal com documentos ineditos*, por P. W. de Brito Aranha (Pereira ed. Lisboa, 1871). E no doc. 4, exarado a pags. 73-5 como um dos annexos á memoria sobre a Povoa, que é a primeira do livro em questão, lá se reprodusem os documentos do *Almanach de lembranças para 1859.*

Por fim em 1887 escrevia José Augusto Vieira—fonte aproveitada pelo sr. Leite para o *Minho classico* e não para aqui—a pag. 242 do tom. II do *Minho pittoresco* (Pereira ed. Lisboa, 1887):

«Ao retrato desenhado (de Ramalho Ortigão ácerca do poveiro) com traços tam seguros, nenhum toque poderia a nossa penna accrescentar se não fôra o ter de corrigir uma affirmação que ahi e em outros livros temos visto ácerca da superstição das mulheres poveiras. Não é verdade que nas occasiões de temporal, e quando imploram o santo ou santos da sua devoção, partam as vidraças dos templos e corram as imagens á pedra, se porventura o milagre pedido se demora. Enchendo de gritos dilacerantes a praia, por que veem no mar os filhos, os paes ou os esposos em lucta com a procella e sob a imminencia d'uma catastrophe medonha, as pobres mulheres não fazem mais do que exprimir a angustia do seu coração e n'esse estado é com supplicas que se dirigem ao ceu e não com imprecações.»

Eu bem aconselhava este conscio e imperterrito bibliophilo a que não copiasse, sem verificação nem exame, as anecdotas que se teem inventado, como n'outros povos e logares, ácerca dos pescadores da Povoa de Varzim...

29.º Para mais radiante entretecer os seus laureis n'esta victoria estridente o sr. Leite de Vasconcellos accrescenta em nota: «O sr. R. P., como Poveiro que é, pugna *pro domo sua*, e ataca o que elle suppõe deslustrar a historia dos seus conterraneos. E' porém sem razão que suppõe isso...» (363). Critico lealissimo e grilheta da verdade o sr. J. Leite lança a suspeição de bairrismo sobre um indagador que, em breve, terá de exhibir factos de ordem moral bem lastimaveis ácerca d'uma classe que estuda ha cerca de vinte annos! Não ha nada, de resto, mais scientifico nem menos pessoal!

E' sestro, porém, d'este patriotico e intrepido demolidor da *Portvgalia!* Já a proposito d'um artigo do snr. Souza Viterbo sobre as candeias nas tradições portuguesas e inserto a pag. 365-8 do I tomo da nossa revista, aquelle individuo nos ensina que a candeia moderna não é a antiga candeia (lat. *candela).* O erudito e insigne auctor do artigo já o sabia, como se observa no contexto; os redactores da *Portvgalia* não o ignoravam, como se verifica a pags. 35-48 do II tomo d'essa publicação. Mas Souza

Viterbo, decerto e a proposito do seu passo em que lembra os contos narrados pelas amas e creadas, na sua meninice, á luz bruxuleante da candeia (368), pede-nos que intercalemos algumas figuras do utensilio. Adheriu-se graciosamente ao desejo do preclaro escriptor. Ora chega o sr. J. Leite de Vasconcellos — vão annotando os seus biographos vindouros — sempre inconcusso e clarividente, e diz (335) que as figuras das candeias «decerto foram juntas pelos redactores da *Portvgalia,* levados da falsa comparação das *candeias* dos textos com as candeias da industria moderna.» Isto não é uma ignobil navalhada pessoal nem com a *Portvgalia:* é para a Sciencia ficar esclarecida!

30.º Resta n'este articulado, por agora, a apreciação d'uma outra faceta do sr. J. Vasconcellos na qual, mais uma vez, estou a vêr com dolorida magoa a inspecção perscrutadora dos seus futuros panegyristas. Ainda a proposito das grandes explorações archeologicas em Portugal, como a Citania de Briteiros ou a Bacia do Baixo Mondego, repara o sr. Leite que não se alludisse, na respectiva noticia, aos serviços do Museu ethnologico. Se bem que a necessaria propaganda esteja em boa mão e o sr. J. Leite não conheça fadiga [1] em proclamar as suas riquesas magnificas, a verdade é que, atravez do *Archeologo,* estalão aferidor d'esse importante instituto, não se colhe ensinamento ácerca d'uma exploração similar ás que designo. Immensa e excellente documentação ha-a decerto, colhida com intenso vigor em todo o territorio. Mas exploração systematica, ininterrupta e ampla como poderia ser, por exemplo, a de Cetobriga ou a de Conimbriga, nada conhecemos na revista. Pelos rumores e summarias referencias sabe-se nebulosamente de Pragança; mas como avaliar da extensão e latitude d'essa campanha archeologica se, em vez d'uma exposição que nos elucide, o sr. Leite de Vasconcellos pulverisa o seu saber official em notas e notinhas, contando um dolmen, informando que foi o primeiro a descobrir qualquer missanga em tal logar, historiando um crusado de oiro ou discreteando sobre grovios? Desconhecidos, pois, os trabalhos da amplitude a que se alludia, a referencia appetecida não tinha logar então. Mas tanto bastou para que o sr. L. Vasconcellos arremettesse no seu portuguez castiço e escorreito, sobredourado ainda com um incrassado latim, assignalando que eu «olho para o Museu como para uma sombra, para um pesadello continuado: *aliorum felicitatem ægris oculis introspicit!*» Se tal attribuição me faz sorrir, que juíso formarão do sr. Leite todas as pessoas que, com o alvejado, hão tratado d'esses e outros assumptos convergentes?!...

Já a enormidade de alma do sr. Vasconcellos, em materia de estabelecimentos concorrentes, é, como vamos vêr, d'outro quilate. Ou por elle subscriptos, ou por outrem, ha no orgão do Museu ethnologico noticias elucidantes sobre o Museu Azuaga (*Arch.*, I, 20 e segs.), os projectados museus de Leiria (I, 30-1 e 223-4) e de Villa Real (I, 37-43 e II, 272), o da Figueira (II, 234 e segs.), o do Instituto de Coimbra (II, 273-7) e o de Faro (II, 296 e segs.) A's vezes acompanham-se as referencias com palavras de estimulo, como a proposito da fundação d'um museu em Alcacer do Sal (I, 46-7 e 80 e segs.) e dos projectados em Moncorvo (I, 175-6) e em Braga (VIII, 298-9 e X, 15). E não raras o sr. Leite dispensa ardor e elogio merecidos ao referir-se a varias tentativas de organisação e rejuvenescimento.

Assim, alludindo á ideia d'um museu em Serpa diz (I, 19): «a creação d'um museu archeologico local é muito para desejar; e a Ex.^ma^ Camara, se a levar a effeito, merece os maiores louvores». Noticiando o apparecimento d'um catalogo do museu de Beja accentua (I, 20) «que a Ex.^ma^ Camara bejense se torna merecedora dos maiores applausos por parte dos estudiosos, pois comprehendeu perfeitamente uma das mais altas missões dos corpos sociaes dirigentes». Informando ácerca de novas acquisições do museu de Elvas (II, 2-5) consigna que «a Ex.^ma^ Camara de Elvas merece todo o louvor pela sua justa e patriotica deliberação». Apontando o intuito do conservador respectivo desenvolver as collecções com o auxilio das camaras do districto (II, 282-4) considera tal como «um louvavel empenho de engrandecer o museu de Evora». Historiando um museu transmontano (III, 55 e IV, 153 e segs.), «como director do Museu ethnographico portuguez e redactor do *Archeologo português* não pode deixar de applaudir intimamente, e com todo o enthusiasmo, o que acaba de succeder em Bragança». Dando ouvidos a uma pretensa fundação de museu em Braga appella para a camara (III, 78-80) afim de que «a sua nobre ideia não esmoreça». Congratulando-se com a intenção de se fundar um museu em Setubal (VII, 18) acha digna de enthusiastico applauso a ideia da creação pela camara. E, finalmente, a proposito do museu de Beja (VII, 248), annunciando os seus progressos, registra este «motivo de satisfação para todos os que se occupam de archeologia nacional».

A'parte o estylo, cuja vernaculidade cabe toda ao sr. José Leite e cuja banalidade formal é visivelmente da creada, o indefesso Mestre da lingua não poupa louvores a tentativas frustradas, a museus incipientes, a alguns já importantes e a outros bastante notaveis mas sem recursos que lhes permittam actualmente uma competencia intolerada — talqualmente o que succede com os collegas apagados ou submissos!

Menos o do Porto! N'esse é conservador um redactor da *Portvgalia,* collaboram n'elle os outros camaradas e coopera o maior numero dos seus collaboradores! Sempre escravo da norma inviolavel: nada com as pessoas, tudo pela Sciencia!

---

1 Só no artigo de critica á *Portvgalia* o sr. Leite de Vasconcellos cita o Museu que administra, 41 vezes. Quarenta e uma vezes! *Arch.*, XI, pags. 324 (2 vezes), 325, 326 (2 vezes), 335, 336, 338, 339 (3 vezes), 342, 343, 349, 350 (3 vezes), 351 (4 vezes), 352 (3 vezes), 354 (2 vezes), 355 (5 vezes), 356, 357, 358, 367 (3 vezes), 369, 371 (2 vezes) e 375.

Juntando a estas citações as 13 da *Rev. Lusitana*, as 25 das *Religiões* e as 32 do *Archeologo* são 111 as referencias que faz á sua obra n'um só artigo. Cento e onze! Nada exhibicional, está claro; tudo e sempre para esclarecer a Sciencia!

Apenas um collaborador do *Archeologo*, por signal dos mais distinctos, recorta e reproduz do *Diario de Noticias* (*Arch.*, x, 283) a nota officiosa, mandada para os jornaes, em que se dá conta da transferencia do museu para outro predio!

31.º E' possivel, porém, que o Museu municipal do Porto, nem intrinseca nem historicamente assuma o relêvo que viriam a ter, de futuro, os projectados em Alcacer do Sal e em Moncorvo — motivo sufficiente para arredar a attenção d'este grande espirito plethorico de justiça. Recorrendo, todavia, a depoimentos facilmente verificaveis, observa-se que já em 1835 D. José de Urcullú, a pags. 39-41 do I tomo do seu *Tratado elementar de geografia astronomica, fisica, historica ou politica, antiga e moderna* (Porto, 1836) descrevia com singular individuação as varias secções que constituiam o então denominado *Museu Allen*, accrescentando ainda em nota de pag. 103 do tomo II (Porto, 1837) que o fundador construia ao tempo uma casa «destinada expressamente para servir de galeria de pinturas, hoje sem duvida uma das mais escolhidas do reino».

Annos volvidos o conde de Raczynski, na 18.ª carta datada de agosto de 1844 e inserta na sua obra celebrada *Les Arts en Portugal* (Paris, 1846) affirmava a pags. 384-5 e antes das notulas impressivas de varias télas, que «Lisbonne ne possède pas de collection particulière qui puisse être comparée à celle de M. Allen, négociant anglais. Les tableaux sont répartis avec ordre et avec goût dans plusieurs grandes salles etc.» No mesmo anno d'essa publicação Ferdinand Denis, na col. 2.ª da pag. 381 do seu *Portugal* (Paris, 1846) narrava que «M. Jean Allen a doté récemment la ville (Porto) d'un musée qui, sans être absolument spécial, répond à une foule de besoins; non seulement on y remarque quelques tableaux d'un haut prix, mais certaines branches d'histoire naturelle y sont représentées par des collections habilement classées.»

No seu *Portugal antigo e moderno*, voc. *Miragaya*, tomo V e pags. 252-6 (Lisboa, 1875) Pinho Leal conta como o Museu foi iniciado. João Allen, o fundador, nasceu no ultimo quartel do seculo XVIII, e já antes do seu casamento, realisado em 1823, dava principio a uma collecção de armas, medalhas e loiças adquiridas durante as suas repetidas viagens pela Europa. Em Roma, na intimidade de Domingos Antonio de Sequeira, adquirira varios dos melhores quadros que ornam a actual galeria do Municipio do Porto. Comprára em Lisboa, depois de 1834, as preciosidades da casa de Abrantes. E em 1836, não cabendo já na sua habitação as numerosas e variadas collecções adquiridas, edificára para ellas casa propria. Até que, morrendo em 1848, era o Museu adquirido pela Camara do Porto dois annos depois e ao preço baratissimo de 19:000$000 de reis, tendo servido de peritos, entre outros, Carlos Ribeiro, João Baptista Ribeiro e José Victorino Damasio.

Mais ampliada, pois que vae de pags. 179 a 197 do tomo VIII da *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal* (Lisboa, 1879) é a informação que dá José Silvestre Ribeiro. Entre outros extractos colhe-se este do eminente historiador de arte, sr. Joaquim de Vasconcellos, obtido na *Reforma do ensino das bellas-artes* (Porto, 1877): «A municipalidade do Porto fez o que a de Lisboa não soube ainda fazer; comprou um Museu inteiro, o actual Museu municipal, collecção preciosa... Deu este exemplo, unico até hoje, a todos os municipios do reino; deu mais este exemplo de iniciativa local á propria capital do paiz.»

O mesmo notavel publicista em *O Museu municipal do Porto, o seu estado presente e o seu futuro* (Porto, 1889), preambulando um projecto de remodelação refere como «o Museu Allen foi creado com um intuito encyclopedico, por um espirito investigador e curioso, que colleccionou tudo o que despertava o seu interesse» (pag. 10); e fasendo a historia do estabelecimento, d'ella se apura, entre outras noções curiosas, que o catalogo da galeria de pintura (pag. 7) «foi o primeiro catalogo do genero que se publicou no país.» (1853).

O proposito de remodelação, que motivou o opusculo do insigne historiographo, já um anno antes provocára o excellente e instructivo artigo de Rodrigues de Freitas intitulado *O Museu e o Archivo do Municipio* inserto no *Commercio do Porto* de 4 de novembro de 1888. E mais tarde, em separata illustrada do n.º 65 do *Branco e Negro*, de Lisboa, o major de Estado-Maior e illustre critico de arte, sr. Prof. Manuel de Oliveira Ramos, sob o pseudonymo de Mosar e com o titulo *Museu Allen*, consigna que o plano de João Allen «respondia aos mais variados e multiplos intuitos de curiosidade,» estando semelhante cosmopolitismo no espirito do tempo e iniciando-se só mais tarde, na Europa, o movimento de especialisação que deu origem á prodigiosa variedade dos museus modernos. Entre outros traços historicos muito interessantes resalta este: o Museu do Porto, como galeria publica, foi o 3.º, na ordem chronologica, que houve em Portugal. O primeiro creára-o, em 1833, D. Pedro IV, sob o titulo de Museu Portuense ou Atheneu D. Pedro; o segundo foi a galeria de pintura annexa á Academia de Bellas-Artes de Lisboa, instituida em 1836; o terceiro, o Museu Allen, comprára-o em globo, em 1850, a Camara municipal do Porto.

Já tem alguma historia o humilde Museu! Pois bem: o sr. J. Leite de Vasconcellos, com tam engalanado fluxo de escripta para varias camaras da provincia e museus em gestação, nos onze volumes de *O Archeologo português*, solta apenas esta phrase incidental a proposito d'um hypothetico museu transmontano: «No Porto ha um museu municipal, postoque não esteja á altura da cidade». (*Arch.*, I, 42).

32.º De facto, sob os pontos de vista ethnographico e archeologico, a instituição exhibia-se n'uma indigente humildade, se bem que a sua existencia em artes industriaes, em ethnographia asiatica e africana e nos monetarios romano, bysantino, suevo-lusitano, wisigothico, grego, celtiberico, arabico, nacional e estrangeiro medievico, moderno e contemporaneo, comportando 7:500 numeros (450 moedas

de oiro, 3:450 de prata, etc.), não fosse, entre as collecções de Portugal, uma parcella justificadamente despresivel.

As suas deficiencias, o seu estacionamento, a sua installação, o quasi completo abandono a que o haviam votado varias edilidades, foram por vezes origem de acerbos clamores, d'entre os quaes vibrou com mais ardor de mocidade — o sr. Leite bem o sabe! — a campanha levantada por uns estudantes ha cerca de vinte annos!

Nos ultimos tempos, porém, accentuára-se, emfim, uma viva corrente a favor da reorganisação do museu do Porto, rematando, em 1900, pelo inicio d'uma nova era de rejuvenescimento. D'então para cá o municipio votava a verba média annual de 1:500$000 réis para a ampliação do edificio onde actualmente se procede á nova installação; e a sua exigua dotação, ao tempo de 150$000 réis por anno, breve quasi quintuplicou — e subirá! Isto se fez publico em extractos das sessões da camara, nos documentos officiaes, em artigos e noticias de gazetas. E em 1902 o erudito historiador e critico de arte, sr. Joaquim de Vasconcellos, com uma insignificante collaboração do respectivo Conservador, publicou o *Guia do Museu municipal do Porto*, 8.°, XXXIX-138 pags., trabalho provisorio, exclusivamente destinado ao periodo ephemero em que as collecções municipaes subsistissem no antigo edificio.

Se outros não houvesse, este era um dos vehiculos pelos quaes o orgão official do Museu ethnologico tomaria conhecimento de intentos muito aprasiveis, (!) decerto, para o sr. Vasconcellos. Elle compromettera-se, effectivamente, a que «... *O Archeologo português* (I, 1) procurará indicar aos seus leitores as obras que sahirem a lume, no país ou no estrangeiro, sobre as antiguidades nacionaes, e publicará muitos outros artigos de interesse para os especialistas, a respeito de... museus publicos e particulares...»

Pois é folhear o *Archeologo:* passam cinco annos e, do *Guia do Museu municipal do Porto*, o recto e imparcial funccionario nem sequer accusou a recepção do exemplar offerecido, como officialmente lhe cumpria!

33.° Certo que o conservador, como já apontamos, é um dos redactores effectivos da execranda *Portvgalia*. Com os seus camaradas de redacção levou ao estabelecimento um certo esforço que se traduz por um vigor ligeiramente mais accentuado do que o de todas as Ex.^mas^ Camaras ás quaes o sr. J. Leite de Vasconcellos presta, tam amavioso como pouco inquieto, as suas fervidas homenagens. E assim succede que, sendo distribuída pelo Museu, em 1906, uma communicação a todas as pessoas que entre nós, mais ou menos, teem sido benemeritas da archeologia, relatando-se-lhes o estado, progressos, mudança e condições da nova installação e rogando, se possivel fosse, a respectiva cooperação para esta obra civica, o nosso collega J. Leite de Vasconcellos teve ensejo, com a sua agitada e delirante colera, de evidenciar a sinceridade dos seus preitos ás camaras do país, n'uma exhaustão de raiva que logo nos constou...

Já a nossa antinomia com Lisboa, insinuada perfidamente pelo sr. Vasconcellos armando em victima, se manifestára d'outra sorte.

Em officio de 5 de junho de 1902 o Museu do Porto, desembaraçado de varios serviços de beneficiação e revisão, cuidava de iniciar as suas relações de cordealidade e mutuo prestimo com os estabelecimentos similares, offerecendo n'essa data ao Museu ethnologico uma serie de padrões de azulejos polychromicos do seculo XVII, manifestando o seu intento de proseguir nas offertas, esperando a reciprocidade e apresentando os seus votos pelas prosperidades do alludido Museu lisbonense.

Em officio de 29 de fevereiro de 1904 offerecia o Museu do Porto ao Museu ethnologico as photocopias d'uma estatua de guerreiro e d'um baixo-relêvo lusitanos, aproveitando a nova occasião de apresentar os seus protestos de consideração ao estabelecimento scientifico congenere da capital.

Em officio de 3 de novembro de 1904 accedia o Museu do Porto a um pedido do Museu ethnologico enviando-lhe a reproducção graphica de dois fragmentos d'uma lamina de espada de bronze existentes no instituto portuense.

A isto, que intrinsecamente é nada, mas moralmente é boa vontade de paz cordeal, o Museu que o sr. Leite de Vasconcellos dirige correspondia com coisa nenhuma — incluindo, sequer, uma palavra polida e amistosa!

34.° O mesmo não succedeu nem succede com outros museus do reino, e, nomeadamente, os de Coimbra e da Figueira, credores nunca reembolsados de muitas e porfiadas gentilesas. E ainda quando estes e outros estabelecimentos, incluindo o Museu ethnologico, receberam, com um officio de 27 de novembro de 1905, uma dezena de photocopias em platinotypia, formato 18 × 24, colladas e etiquetadas, representando as historicas installações em que o Museu municipal do Porto se expunha desde 1838 a meiados de 1905, todos mais ou menos se congratularam por ficarem esses documentos d'uma instituição cujo edificio, para tal erecto de proposito, ia ser demolido. Effectivamente já hoje se erguem tres predios de renda no logar onde, do antigo Museu, só resta a memoria. O sr. Leite de Vasconcellos não se congratulava nada: agradeceu em quatro linhas com a sobriedade lacedemonica que deriva certamente da sua provavel romagem pelas alturas de Sparta, (EU, que percorri a Laconia...) e, como sempre, fechou o *Archeologo*, orgão do Estado, á memoração d'estes subsidios historicos e d'esta delicada consideração pelo Museu publico que administra!

E vejam os futuros panegyristas do sr. Leite de Vasconcellos como a imparcial sinceridade dos seus actos confirma esta sua sentença, a pretexto d'um frustrado museu de provincia e n'aquella sua perenne e garrula louçanía idiomatica (*Arch.*, VII, 284): «Quando se trata d'um melhoramento d'estes não deve haver gregos nem troianos, e somente deve haver patriotas!» E' completo!

35.º «Harmonia e confraternisação» eis, pois, um dos lemmas com que pousa para o publico, para a Historia e para o futuro Panegyrico o delegado do Estado portuguez na superintendencia do nosso Museu ethnologico. Mas particularmente, como temos visto, cahe a mascara. Vae um caso, ainda pendente, lucilar como ultima folha de myrto d'uma rescendente corôa que tanto esplende.

Em fevereiro de 1906 era procurado o conservador do Museu do Porto, e n'essa qualidade, para examinar uns objectos apparecidos na Quinta da Agoa Branca (Lobelhe, Cerveira), offerecendo-se-lhe, a um tempo, as facilidades necessarias para o exame da necropole d'onde o espolio fôra exhumado. Observando os artefactos, mas não podendo seguir logo viagem, convidou a substitui-lo, n'essa deligencia, um illustre e prestante collaborador do Museu, o sr. conselheiro José Fortes. Os resultados da expedição e inquerito estão patentes na interessante monographia incluida no segundo tomo da *Portvgalia*, pags. 241-52. E, sem perda de tempo, cuidou-se de obter da Camara recursos extraordinarios para a acquisição dos aros, espiraes e diadema de oiro e bem assim da adaga de cobre que subsistiam. Alcançadas as auctorisações e meios, publicaram-se nos jornaes do Porto do mez alludido varias noticias referentes ao achado, não o encarecendo indevidamente, mas reconhecendo-lhe a merecida importancia e estimulando o detentor á preferencia pelo Museu do Porto — instituição convidada a pronunciar-se pelo valor do mobiliario e estabelecida na cidade onde residiam dono, peritos e respectivo monographista. Estava o proprietario nas melhores disposições quando surge o collega-conservador, sr. Leite de Vasconcellos. Enviados especiaes e cartas multiplicadas poseram de sobreaviso o possuidor do espolio, affigurando-se-lhe, naturalmente, que deveriam ter exaggerado valor umas peças que até de Lisboa eram tam sollicitadas. A curiosidade e o interesse levaram-o á capital a mostra-las; e o que por lá ouviu occasionou, no regresso, uma attitude de reserva tal que o resultado ultimo é conservar ainda os objectos, suspeitoso de todos — não obstante as instancias particulares e as cartas com que «o massa o tal Vasconcellos de Lisboa.»

Para casos de tam leal camaradagem occorrem as seguintes palavras — de quem? Do sr. J. Leite de Vasconcellos:

> **«Desde o momento que as pessoas que superintendem nos museus forem levadas, não de preoccupações mesquinhas ou puramente pessoaes, não de impertinentes considerações de secretaria, mas do interesse alto e justo de servir com sinceridade a patria e a sciencia, de fazer uma obra boa que a todos utilise e todos indistinctamente apreciem — estou certo que se estabelecerá commum accordo e que os respectivos museus não precisarão de pleitear entre si preferencias.» *(Rev. Lusitana,* III, 196).**

Em episodios como o que fica assignalado e em que interveem uma corporação administrativa e uma entidade official, haverá quem opine pela legitimidade de semelhantes deligencias em favor dos museus provinciaes? Ha. Por exemplo, o sr. J. Leite de Vasconcellos:

> **«Comquanto pela minha parte me esforce sempre por trazer para Lisboa, para o Museu ethnologico a meu cargo, todas aquellas antiguidades que encontro perdidas, mal estimadas ou deslocadas pelas provincias... nem por isso deixo de ser apologista da fundação de museus locaes.» *(Arch.,* VII, 18).**

E uma vez que, como foi do dominio publico através dos jornaes, os objectos não corriam o risco de se dispersarem, perderem ou fundirem, é licito que um museu do Estado mais favorecido concorra para inutilisar os serviços e os esforços d'um museu local? Não. Assim o testifica o sr. J. Leite de Vasconcellos:

> **«O Museu ethnographico, quando nas differentes localidades houver museus archeologicos, não os pretenderá esbulhar das suas riquezas, antes contribuirá quanto poder para que elles augmentem, porque convem fomentar o interesse local por estes estudos; mas quando estes museus faltarem, e não fôr facil organisa-los, então chamará a si o que estiver arriscado a perder-se.» *(Rev. Lusitana,* III, 198).**

Aqui teem os senhores o recto e leal camarada! Aqui está o critico! Aqui está o homem que «sem nenhum estardalhaço» (*Rev. Lusitana*, VII, 313) — estylo do porteiro do Museu — ninguem verá entrar senão na «serena liça das doutrinas!» (*Arch.*, XI, 379).

Não obstante, o Museu portuense progride em acquisições, auxilios officiaes e benemerencias, como se verá em breve tempo...

...Ora pegue o sr. Leite no seu latim — *aliorum felicitatem ægris oculis introspicit!* — e encabece-o!

Assim commentado o libello com que o sr. Vasconcellos, n'uma impotente angustia de exterminio, pretende amesquinhar uma empresa que a sua cupidez e emulação, ainda assim, não estrangulam, cumpre lembrar, a quem não tiver prevenções nem indolencia, que a nova leitura do nosso commentario *(Portvgalia,* II, 135-6) revelará uma formal intenção de paz. Muito leves e muito velados, quasi que para só nós os entendermos, eram tocados os topicos fundamentaes de que o sr. Leite, precipitada e inintelligentemente, logo tirou a represalia. Aquellas palavras exprimiam um transparente convite para que mudasse de rumo.

Aferro á vangloria, ensoberbecido, desapoderadamente invejoso e sob o consequente dominio d'um delirio persecutorio, o sr. Leite não attendeu nem entendeu. Aqui tem pois, compendiadas, varias das suas miserias que poderiam, com esbatido relêvo, ficar esparsas. E terá mais, querendo, porque —

oiça bem! — não desarmamos, embora se saiba, pelos precedentes, que d'ora avante e a todo o ensejo seremos crivados de facadas. Todos conhecem a damnação com que o sr. Leite de Vasconcellos se refere, sempre que pode, ao escriptor que subscreve os seus trabalhos com o pseudonymo *Caturra;* todos recordam o mau humor ferino do sr. J. Leite para com o estimavel polygrapho Pereira Caldas; todos se espantaram e não esqueceram a attitude irritante d'este individuo para com o seu grande mestre e velho amigo Martins Sarmento; todos teem presente a ingratidão d'este epileptico da prioridade para com alguns protectores das suas lettras iniciaes, os srs. Adolpho Coelho e Theophilo Braga. Avolumamos agora o numero e alegremente, pois vamos em boa companhia. O tempo, depois, porá as coisas no seu logar.

«Morrem rosas, nascem rosas,» e, passadas duas gerações, a que se redusirão as suas prioridades? quantas perdurarão? como impedir, aos outros, outras, e virentes, e admiraveis e ruidosas prioridades?

Vaidade? Inanidade! Um erudito apenas para tres eruditos citarem apressadamente entre a productividade estonteante do tempo, mais solida, mais segura e, em ultima analyse, mais viçosa. O que poderá um dia e, n'um folheto, reverdecer é a historia jovial e sceptica d'este prelio, que um investigador, cotejando citações e textos e ao modo de certos bibliophilos e linhagistas, se lembre de exhumar por entre estes nossos então já vetustos papeis olvidados! E elle annotará, servido de erudição facil e fertil, como, por mais ideativo que seja o mobil dos actos humanos, a jaça da pessoalidade mais ou menos e sempre os annuvía ou escurece!

Diz-nos o sr. Leite de Vasconcellos que só no campo das doutrinas terçará os ferros! Mas a este debate não veio pela magestade augusta das ideias e sim pela faminta avidez de primasías! Que é isso de, impertinentemente, se inculcar, a proposito dos passos mais futeis, n'uma noticia e até em necrologios? Que impersonalidade é essa que, antes de desvendar uma crypta ou lêr uma lapide, se antepõe ao mysterio da jazida ou á decifração d'uma rubrica com o EU SOU ou o FUI EU? Que é o senhor ante a solemnidade e a significação das revelações ineditas d'um sepulchro ou a nova luz d'um indeciso facto aclarado n'uma epigraphe? Onde está o livro, nacional ou alheio, em que o auctor assim pretira e posponha a ideia e o facto á ephemera argilla do seu trambolho physico?

E, revertendo á *Portvgalia,* que critica é essa, feita de miuçalhas, com um saber disperso e tam abundantemente obtido como tumultuariamente exteriorisado, não derruíndo textos, opiniões e fontes, mas exhibindo-se com a pedantería dos caracteres gregos, arabicos e hebraicos, para afinal se insurgir principalmente contra a linguagem e — oh! homem encanecido na sabedoria, oh! misero! — as palavras que passaram com lettras dobradas? Que critica impessoal é essa que no *Indice* ou especie de synthese onde lhe resume os assumptos investidos rancorosamente em 58 paginas (380-1) o auctor assim reduz o papel d'um elemento que o director da *Portvgalia* convidou para seu immediato:

> **Rocha Peixoto. Escarnece da lingoagem popular. Escreve com incorrecção grammatical. Insufficiencia das suas criticas.** (*Arch.*, XI, 381, 2.ª col.)

E se n'isto apenas se confina a minha cooperação na empresa, não resulta ainda da leitura do petardo, e para toda a collaboração dos redactores principaes da *Portvgalia,* só estulticia, insignificancia ou malevolencia?

Pobre homem! Coagido pelo ambiente a consignar que é essa uma empresa de patriotismo e desinteresse, com que dôr e com que travo submetteu a sua insania a tam pungente confissão! Na ferocidade do seu egoísmo, hirto e resequido, alma onde nunca desabrochou uma ternura e apenas uma densa caligem a escurenta, coração glacial e sáfaro d'onde jámais emanou o perfume da bondade, naturesa estructuralmente cubiçante e avara, que pode comprehender de desinteresse este desgraçado no ermo em que o isola a sua diathese mental e outros irreparaveis estigmas da sua sensibilidade? como attingir quanto ha de brutal e perdulario n'essa obra que nem nós, para não denegrirmos os nossos contemporaneos, jámais referiremos? como conceber que seja o proprio director quem se exima frequentemente a inserir os seus trabalhos retardados para dar a vez aos que, n'essa empresa, comnosco galhardamente cooperam? como admittir que, havendo quem aconselhe a realisação apenas das obras proprias, todos prefiramos chamar mais, chamar muitos, afim de, congregados n'uma vasta revista, porventura melhor contribuirmos, assim juntos, para o lustre da Patria portuguesa?

Coitado! Megalómano, solitario, cultivando sobretudo os complacentes que se prestam benevolamente para esteios, impulsivo e tam inconsciente das suas lesões que com as proprias palavras se desmorona, esta infeliz creatura, no tormento da sua chimera e no fogo da sua ancia, só leva da sua aspera jornada n'este mundo fulgurações de grandesa inquietas e desabridas! Coitado!

Rocha Peixoto.

ESTAÇÕES PRE-ROMANAS

DA

IDADE DO FERRO

NAS VISINHANÇAS DA FIGUEIRA

PARTE 2.ª

O CRASTO

I

Topographia e estratigraphia archeologica

Caminhae pela estrada municipal da Figueira a Quiaios, até ao lanço que vae, quasi em linha recta, dar entrada no Casal da Serra; e seguí depois por um atalho que atravessa os terrenos accidentados que se estendem á direita, no rumo de E. Descendo um profundo valle, onde passa uma corrente de agua, que tem a sua principal nascente no Olho de Perdiz, e que segue para o sul a banhar todo o Valle de Sampaio, e subindo a ingreme encosta que vos fica em frente, ireis, a distancia de algumas dezenas de metros, encontrar o sitio que, entre os habitantes da Serra, tem o nome de Crasto.

Vereis ahi um outeiro que, do lado do norte, apenas se eleva alguns metros acima do nivel do solo contiguo; mas dos outros lados attinge alturas consideraveis. Provém esta differença de que os terrenos ao nascente e poente descem rapidamente para o sul, formando o fundo e encostas de dois valles que se reunem d'este ultimo lado.

Tão empinadas são as rampas do Crasto pelos lados de E, S e O, que só com bastante fadiga podem subir-se em linha recta. No proprio lado do norte, onde se reconhece um aterro artificial, já muito destroçado pelas chuvas e pela mão do homem,

notareis que, apesar da sua pequena altura, que em alguns pontos não excede 5^m, os constructores de tão tosca obra procuraram tornal-a tão ingreme, pelo lado de fóra, como as outras encostas do outeiro.

Vereis tambem na orla do planalto, pelos lados de E e S, que onde faltava o apoio da rocha viva e o desnivelamento do terreno era mais suave, grossos muros de alvenaria secca se erguem a prumo, como para difficultarem o accesso.

Notae o isolamento do sitio. Está escondido no meio dos montes. Pelo norte ergue-se a cumiada da Serra; e pelos outros lados não vereis senão as curvas sombrias dos montes, que vão abatendo para o sul, como grandes contrafortes d'uma collossal muralha; e ao longe uma nesga do Mondego e do oceano.

O solo é ingrato, e, em parte, ainda virgem de cultura. Quem se occuparia outr'ora, quando as boas terras estavam á disposição do cultivador, em romper essas chapadas, onde as torrentes pluviaes destruiriam todas as searas, esses maninhos onde a rocha aflora em grandes massas? Por isso o goso dos productos da terra não podia attrahir alli o homem; e ainda hoje são raros os moradores nas visinhanças.

Entretanto, por muito que procureis em toda a Serra do Cabo Mondego, lembrando-vos das grandes luctas da antiguidade, um sitio mais apropriado para refugio do homem, não o encontrareis. Uma obra pouco trabalhosa cortaria a unica communicação facilmente praticavel do outeiro. No sopé haveria agua bastante para uma população numerosa. Do planalto e dos cimos proximos poderiam esses barbaros, que Estrabão nos descreve com habitos de pilhagem, vigiar a approximação dos navios e a sua entrada na foz do rio, para cahirem, como aves de rapina, sobre as tripulações incautas. Entrae no planalto. A coroa do outeiro é de fórma oval, com o eixo maior orientado de nascente a poente. Este mede 128^m; e o eixo menor apenas 85^m. Uma pequena curva reintrante existe do lado do sul (fig. 319, est. XXXII).

Metade approximadamente do planalto do lado de E desce do norte para o sul em ligeiros socalcos formados pelas bancadas de grés. Segue-se para oeste uma pequena depressão, que começa quasi a meio do eixo menor e vae alargando e profundando para o sul até á orla guarnecida de muro. O resto do planalto, pelo norte e poente d'esta depressão central, inclina-se um pouco para O, e, em parte, tambem desce em pequenos socalcos para o sul. Avistando-se o outeiro d'alguma eminencia ao O, o seu contorno dar-vos-ha a ideia d'um cone truncado, com o plano da truncatura sensivelmente obliquo, mas cuja base, do lado do norte, se acha soterrada (fig. 318, est. XXXII).

E aqui tendes um dos logares onde algumas familias lusitanas, provavelmente descendentes dos antigos *Cempses* ou *Saefes* de que falla Avieno, que habitavam *arduos colles,* tinham estabelecido e fortificado os seus lares, antes que a civilisação romana penetrasse no valle do Mondego. Na referida depressão central existia uma habitação; e do lado do nascente d'esta, e pouco distante, encontrou-se uma lareira.

Ao abrigo do parapeito do norte é que viveu o grosso da população da aldeia, cujos vestigios se prolongam um pouco para NO. Esta disposição faz lembrar certas fortificações prehistoricas da França, feitas com vallado de terra e pedras — «*contre la face interne duquel sont accumulés les foyers et les débris de cuisine*» [1].

---

[1] *L'Anthropologie,* t. XIV, n.os 4 e 5, pag. 449.

Em mais sitio algum do planalto as sondagens deram vestigios de habitação. Tambem as não assignalaram nas encostas do Crasto, posto que n'estas se recolhessem algumas peças de mobiliario, provavelmente caídas de cima.

Medindo o espaço occupado pelas habitações, e dando para cada uma um quadrado com 3^m por lado, podemos calcular que o seu numero, attendendo aos intervallos indispensaveis á circulação ou exigidos pela natureza das construcções, não seria superior a setenta.

Provavelmente o Crasto não era defendido sómente pela população que comportavam estas habitações. Era talvez alli a residencia do chefe e maioraes da tribu, que se achava disseminada por outros logares, como por exemplo nos Chões; e a essa especie de acropole se recolheriam todas as familias, com os seus haveres e gados, em caso de guerra com outros povos.

Em toda a área das descobertas o terreno tinha recebido apenas ligeiros amanhos, que não excederam a profundidade de 0^m,30. A base d'esta camada superficial, onde a mistura com a camada inferior era manifesta, forneceu fragmentos de louça, com fórmas semelhantes á de Santa Olaya, assim como alguns raros fragmentos de telha romana. Ao principio esta mistura illudiu-nos; e nós escrevemos mais d'uma vez que a estação era luso-romana; mas os trabalhos posteriores fizeram-nos reconhecer o erro. Se porventura os habitantes do Crasto viram raiar a civilisação romana, seria nos ultimos dias da sua occupação. Para o fundo nada nos denunciou o seu apparecimento.

A camada subjacente foi denominada pelos nossos trabalhadores *deposito negro*. Era uma especie de vasa ou lodo negro, gorduroso, empastado, carregado de rebotalhos e detritos de toda a especie, que em alguns sitios attingia a espessura de 1^m,50. Junto ao parapeito do norte deu-nos a ideia d'um grande saguão, com mais de 75 metros no comprimento e a largura de 4 a 12 metros, onde se havia accumulado toda a casta de immundicias. A facha que elle occupava n'esse local vae indicada na fig. 319 (est. XXXII) com a letra D.

Este deposito, quando humedecido pelas aguas da chuva, produzia uma lama infecta, repugnante, que desagradava aos proprios trabalhadores. Fomos forçados a estacionar durante muitos dias sobre semelhante chiqueiro; e ficamos convencidos de que estava absolutamente virgem de profanações, se esta palavra póde applicar-se ao remeximento da immundicia. Era homogeneo até ao solo natural, que se compõe d'uma argila amarellada, que cobre a rocha viva. Nenhuma mistura d'esta argila na camada negra, que lhe estava sobreposta e se separava facilmente com as enxadas. Por outro lado os fragmentos ceramicos recolhidos na base do deposito negro, immediatamente sobre a argila, eram eguaes aos que se encontravam em todos os niveis do mesmo deposito.

Uma casa semelhante ás de Santa Olaya tinha formado a habitação que occupava a depressão central do planalto. Faltavam-lhe os envasamentos do nascente e sul; e junto dos outros jaziam muitas pedras caídas, como se observa nos velhos muros de pedra e barro abandonados. Nenhum remeximento alli foi notado; e logo ao pé dos envasamentos subsistentes descobrimos uma camada de fragmentos d'argila de revestimento, cosida pela acção do fogo, todos estendidos no mesmo nivel; indicio seguro de que o deposito não fôra profanado.

N'este sitio, dentro e fóra dos muros, existia tambem o deposito negro. Os seus

caracteres eram os mesmos que se notavam no que ficava contiguo ao parapeito do norte.

Esse deposito, em ambos os sitios, continha o ferro, assim como o bronze. O cobre, o chumbo e o estanho, muito raros, appareceram junto ao parapeito do norte e até dentro d'elle. Em ambos os sitios abundava a ceramica indigena, geralmente com caracteres semelhantes á de Santa Olaya; mas dentro da casa existente na depressão central recolheram-se alguns fragmentos com notavel ornamentação, que não tem similar em Santa Olaya.

A ceramica exotica apresenta muitas fórmas semelhantes ás de Santa Olaya; mas a pasta é geralmente inferior, e abunda alli um barro micaceo e arenoso que é raro n'esta ultima estação. Entre os pequenos vasos é vulgar a tigella da fig. 412 (est. xxxv), que apparece raramente em Santa Olaya. De louça pintada apenas se encontraram alguns fragmentos.

Em bronze tambem ha fórmas que não appareceram em Santa Olaya.

O maior numero de armas de bronze, a raridade relativa do ferro, a pasta da louça exotica geralmente inferior á de Santa Olaya, algumas fórmas de pequenos vasos que são raras n'esta estação, e sobretudo o grande desenvolvimento, que a ceramica pintada apresenta em Santa Olaya, levariam a pensar que o Crasto é mais antigo do que os povoados d'aquella estação.

Mas o nosso juizo é diverso: as duas estações devem ter sido contemporaneas. Enviamos ao sr. Bonsor amostras d'essa ceramica micacea e arenosa, tão commum no Crasto como rara em Santa Olaya; e o illustre investigador, em sua carta de 3 de maio de 1903, declarou-nos que a recolhera egual na estação da Cruz del Negro e nos tumulos com incineração dos Alcores. Ora, como vimos, a amphora ou urna da Cruz del Negro, de typo punico, encontra-se em Santa Olaya; e tudo leva a presumir que esta louça, posto que de fabricas diversas, é contemporanea. Assim, tambem o devem ser as estações em que ella apparece.

Por outro lado a fibula em T encontra-se em ambas as estações. Em ambas a mó de feição primitiva associada á mó circular. Em ambas se observa o mesmo periodo de transformação na ceramica indigena.

Mas ha mais: é sómente no povoado superior de Santa Olaya que se encontram alguns fragmentos de taças com a fórma da fig. 412; o que indica que se não trata d'uma fórma de vasos que se extingue, mas de vasos raramente importados em Santa Olaya.

Do mesmo modo se explicariam os poucos vestigios de louça pintada no Crasto.

Sem duvida, as duas estações estão apenas separadas por uma distancia não muito superior a 10 kilometros; mas a de Santa Olaya era indubitavelmente mais abastada do que a do Crasto, onde o grosso da população vivia apenas em cabanas sobre uma vasa immunda. Os moradores da primeira importavam boa louça, verdadeiramente luxuosa; emquanto os da segunda não teriam meios de adquirir senão louças de baixo preço.

De resto, como veremos, a fórma e estructura dos envasamentos da unica casa do Crasto são eguaes aos das casas de Santa Olaya; e no espolio recolhido encontram-se peças de metal e muitas fórmas de vasos semelhantes ás d'esta ultima estação.

Como Santa Olaya, o Crasto forneceu alguns machados de pedra polida, esparsos

nos entulhos [1]; mas ignoramos se seriam provenientes d'alguma estação neolithica que os seus habitantes da idade do ferro tivessem encontrado no proprio local, ou se teriam sido levados de fóra por elles. Foram provavelmente esses habitantes que primeiro profanaram alguns dolmens da região [2]; e não repugna admittir que d'alli levassem alguns d'aquelles objectos, talvez por motivo de superstição, ou para os utilisarem como pedras de amollar [3].

Tambem na base do deposito negro, junto ao parapeito do norte, se encontraram vestigios dos primeiros tempos do metal (epocha cupro-lithica); e esses pareciam provir d'alguma sepultura destruida no proprio local pelos moradores do Crasto [4].

A lareira encontrada pelo nascente da casa que occupava a depressão central, assentava sobre o solo virgem. A camada dos carvões e cinzas tinha apenas a espessura de $0^m,20$; e forneceu restos de cosinha e fragmentos ceramicos eguaes aos do deposito negro.

As sondagens nos outros logares do planalto foram inteiramente estereis. Onde nunca houve cultura, uma ligeira camada de terra vegetal cobria o solo compacto de natureza argilosa. Para o fundo só se encontrou a rocha viva.

II

As fortificações e as habitações

Como dissemos, o planalto do Crasto é limitado ao norte por um parapeito ou vallado, na extensão de 115^m approximadamente. O esqueleto d'este parapeito é um muro de pedra, com a espessura de $0^m,80$ a 1^m, que está a descoberto, pela face interna, na extensão de 60^m.

O vallado de terra que cobre o muro e lhe serve como de contraforte pelo lado exterior, tem ainda actualmente, para a extremidade do nascente, a altura de 1^m acima do nivel do terreno do planalto immediatamente contiguo; mas declina para oeste e chega até a baixar tanto que o muro fica tambem a descoberto pela sua face exterior. Sem duvida este facto foi devido á acção das aguas pluviaes que, durante muitos seculos, têem arrastado as terras; pois que o nivel do solo adjacente baixa consideravelmente para esse lado, offerecendo assim a encosta do Crasto alli um maior plano inclinado áquellas aguas do que para a extremidade do nascente, onde o vallado assenta immediatamente sobre o solo exterior.

A espessura do vallado, no sitio da sua maior elevação, e ao nivel do terreno contiguo do planalto, mede 4^m approximadamente; mas diminue para o lado do O.

O parapeito prolonga-se pela orla do nascente na extensão de 40^m; e prolongava-se tambem outr'ora pela orla do poente, onde ainda se encontram vestigios d'elle. Foi o avô do actual proprietario que destruiu a obra d'este ultimo lado, por causa da cultura.

---

[1] Vej. o n.º 2 do *Boletim da Sociedade Archeologica*, pag. 52.

[2] Vej. *Antig. prehist. do conc. da Figueira*, pag. 262; *Cat. geral do Museu da Figueira*, pag. 48.

[3] *Portvgalia*, t. I, pag. 132 e segs.

[4] *Portvgalia*, log. cit.

As excavações poderam descobrir alli restos do deposito negro que, acompanhando quasi todo o parapeito do norte, proseguia ao poente na direcção do sul, n'uma extensão de mais de 8 metros.

No cimo do parapeito do norte, a pequena profundidade, encontraram-se restos de grandes fogueiras. A ausencia de rebotalhos de cosinha fez-nos pensar que estas fogueiras teriam apenas servido de *signaes*, para serem principalmente avistados do lado do sul, até ao rio.

Para baixo do nivel d'estes vestigios, na massa interna do vallado, recolhemos fragmentos ceramicos eguaes aos encontrados no deposito negro. Por debaixo d'um troço de muro, que fizemos excavar pelo lado de fóra, recolhemos tres fragmentos de louça pintada, semelhante á dos povoados de Santa Olaya.

Estes factos têem, a nosso vêr, um alcance consideravel. Elles provam, sem a menor duvida, que a fortificação foi obra dos homens que occuparam o planalto na idade do ferro, e dos quaes recolhemos o mobiliario que adiante vae descripto. Nem ella poderia ser feita posteriormente, attendendo a que o deposito negro se formou encostado ao muro e ao longo d'elle, attingindo ahi uma espessura consideravel.

Esta grande espessura resulta do facto de o solo primitivo, em que assenta o deposito, baixar de nivel para esse lado, indicando o relevo do cabeço do outeiro antes da construcção da obra. Sem duvida esta foi feita por fóra d'esse relevo, ficando entre ambas uma especie de fosso, em plano inclinado para a base do parapeito, onde se estabeleceram os moradores.

A escolha d'este local para as habitações póde ter sido determinada por duas razões. Era alli o lado mais accessivel da estação, aquelle que mais carecia de vigilancia e de prompta defeza. Além d'isto, sendo o planalto açoutado durante uma grande parte do anno, pelos ventos rijos do norte, só n'aquelle sitio poderia encontrar-se abrigo para as ligeiras e frageis cabanas dos moradores.

O muro é feito geralmente de grossas pedras brutas, que parecem ter sido cimentadas com terra humedecida. No parapeito do norte é bem visivel, como dissemos, pela face interna. Descoberto um pedaço pelo lado de fóra, verificou-se que a sua altura actual não excede $1^{m},40$. Nas orlas de E e S do planalto são visiveis pela face externa, no meio d'uma vegetação selvagem, troços d'um muro semelhante. Para a extremidade O da orla do sul vêem-se ainda restos de vallado de terra cobrindo um pedaço de muro (fig. 319, est. XXXII).

O juizo que fazemos em face de todos estes vestigios é que primitivamente o muro cercava toda a coroa do outeiro, sendo apenas interrompido na orla de E pelas bancadas de rocha nativa, que o substituiam; e que o vallado de terra cingia inteiramente o planalto, cobrindo e protegendo o muro pelo lado de fóra, mas era menos elevado e talvez menos espesso dos lados de E, S e O.

Este systema de fortificações, que segue a fórma oval do planalto, recorda as obras similares pre-romanas das provincias hespanholas de Avila, Salamanca e Zamora, com a differença de que estas contêem duas e tres ordens de muralhas, como a citania portugueza de Briteiros [1].

---

[1] *La Nature*, 33.º anno, 1905, pag. 311 e segs.

No deposito negro contiguo ao parapeito do norte não foram encontrados vestigios de alicerces de casas. Deviam, pois, as habitações ser simples choças, feitas com ramos de arvores. Entretanto, em alguns sitios appareceram fragmentos de argila cosida pelo fogo, apresentando impressões de hastes de vegetaes, que nos indicaram que algumas das cabanas, pelo menos, eram revestidas com aquella substancia (fig. 326, est. XXXIII).

Este processo de revestimento não é novidade na sciencia. No Museu de *Saint-Germain,* sala IV, vitrina 12-A, vimos, entre restos do neolithico lacustre, pedaços de barro cosido com o mesmo aspecto, e que indubitavelmente tiveram o mesmo destino. No Museu Prehistorico de Roma notamos objectos similares, provenientes da estação *Servirolo di Sampolo.* Assim construiam tambem os gaulezes [1] e os iberos [2], e construem ainda hoje certos povos, como os negros do Baoulé, na Costa do Marfim [3].

O deposito negro era continuo. Nada nos assignalou a separação entre as cabanas. Seriam estas redondas, ovaes, quadrangulares? Não foi possivel averigual-o. O immundo chiqueiro, em que jaziam, apagára todos os vestigios. Tudo se confundiu na podridão d'aquella lama negra e infecta!

Apenas para a extremidade E do deposito, onde este tinha uma pequena espessura, logramos distinguir um pedaço de pavimento endurecido, estivado de fragmentos ceramicos, espalhados no mesmo nivel e fortemente empastados na vasa. Cobria-o uma pequena camada de carvões e cinzas, talvez restos d'um incendio.

Este achado foi precioso. Alli recolhemos o unico exemplar de adaga de bronze lusitana que conhecemos, um fragmento de pequenino vaso de vidro esmaltado e algumas contas de vidro. Uma pequena porção do proprio pavimento foi arrancada e transportada para o Museu. Conserva restos d'uma ceramica bastante pura e macia, trabalhada á mão.

Para o lado O do deposito, em sitio onde este era pouco espesso, tambem notamos uma pequena área onde o solo parecia comprimido, e sobre este recolhemos uma placa de cinturão em bronze.

Vestigios de casa com envasamentos de pedra cimentada com terra só appareceram na depressão central do planalto. A bancada de grés A da fig. 319 (est. XXXII) abrigava-a do lado do norte.

A sua estructura, como dissemos, não differia da das casas de Santa Olaya; e, por ser a unica e estar isolada n'um ponto central, dir-se-ia a habitação d'um chefe.

Assentava nos bordos d'uma especie de fosso cheio de deposito negro. Pelo lado do poente prolongava-se de norte a sul outro fosso cheio do mesmo deposito. Este ultimo continha, como aquelle, rebotalhos de habitação, provavelmente lançados de dentro da casa.

As suas ruinas indicavam a fórma rectangular, como nas casas de Santa Olaya (fig. 319-C, est. XXXII). O envasamento que subsistia de norte a sul, e que formava o lado do poente do rectangulo, media no comprimento 3^m; mas na extremidade do sul apresentava vestigios de ter sido mais longo. A julgar pelo prolongamento do deposito

---

1 CARTAILHAC, *La France Préhistorique,* pag. 133.

2 *Les colon. agric. pré-rom. de la Vallée du Bétis,* pag. 95.

3 *L'Anthropologie,* t. XI, n.º 4, pag. 433.

negro do interior para esse lado, o seu primitivo comprimento devia ser de $3^m,90$ até formar o cunhal sul-poente da casa.

O envasamento do lado do norte formava angulo recto com o anterior, e media apenas 2 metros. Ligava do lado de E com uma bancada de grés nativo, que seguia o mesmo rumo (fig. 319-B, est. XXXII).

A espessura média d'estes envasamentos era de $0^m,40$. Os dos lados E e S tinham sido completamente destruidos; e só pelo prolongamento do deposito negro para E podemos inferir que a largura do recinto interior da casa devia medir $2^m,50$ approximadamente. Estas pequenas dimensões estão tambem a indicar a architectura das casas de Santa Olaya.

Sobre o envasamento do norte e contigua ao angulo formado com o do poente estava assente uma lage em posição horisontal, occupando toda a espessura do muro, e que media no comprimento $0^m,70$ approximadamente. Pensamos que seria a soleira da porta; e, se attendermos á espessura do deposito interior, esta soleira estava muito acima do nivel do pavimento primitivo da casa; o que confirma a hypothese, já emittida sobre as casas de Santa Olaya, de que da porta se descia para o interior das habitações.

A maior altura dos envasamentos subsistentes era de $0^m,50$. Em alguns pontos a ruina os fizera baixar a $0^m,20$. Eram feitos de pequenas pedras; e a terra que os ligava era vegetal. Pareceu-nos que com semelhantes materiaes a construcção não poderia elevar-se a altura de servir de habitação; e por isso julgamos muito provavel que sobre esses alicerces se erguessem paredes de adobos, como em Santa Olaya, ou se alçasse a construcção com ramos de arvores entrelaçados, revestidos com argila.

Como já dissemos, foi encontrada fóra da casa, ao NO, e a distancia de 1^m apenas, uma camada de fragmentos d'argila cosida pelo fogo, conservando bem distinctas as impressões dos ramos a que fôra applicada. Estes fragmentos occupavam a área de 1 metro quadrado approximadamente. Pertenceriam ás paredes da casa ou sómente ao tecto apoiado sobre paredes de adobos? Nada podemos ajuizar com segurança; mas entre os fragmentos ha um muito volumoso, pertencente sem duvida a um dos angulos da construcção, que póde bem ser um dos do tecto ou cobertura do edificio.

Esta ultima peça tem as impressões da madeira ennegrecida; indicio do incendio que carbonisou esta substancia e coseu a argila.

III

Mobiliario metallico

Não encontramos metaes preciosos. Se porventura estes foram usados pelos habitantes do Crasto, não nos deixaram de semelhante uso o mais ligeiro vestigio.

No mobiliario metallico que colligimos, predomina o bronze. D'este são feitas algumas armas, utensilios e objectos de adorno. O cobre, o estanho e o chumbo são raros, como já notamos; e o ferro só abundava sob a fórma de escorias de forja.

Alguns dos objectos de bronze appareceram inteiros, caso pouco frequente nas nossas explorações. Naturalmente seriam objectos perdidos. O restante material compõe-se de fragmentos, a muitos dos quaes não é facil determinar o destino.

Nos paragraphos seguintes vamos descrever os mais importantes de todos esses objectos.

§ 1.º **O ferro**

As escorias de forja encontraram-se esparsas no deposito negro. Foi impossivel determinar os pontos em que se tivesse trabalhado o metal, porque não appareceu agglomeração alguma d'aquellas escorias que nos désse um raio de luz sobre semelhante assumpto.

Das peças forjadas uma pertence indubitavelmente ao typo da fig. 7 (est. XVIII), encontrada em Santa Olaya. É uma grossa ponta com alvado, indicando provavelmente a base d'uma lança (fig. 320, est. XXXIII).

As restantes peças são apenas fragmentos informes (figs. 321 a 325, est. XXXIII).

Devemos comtudo notar que o gancho ou colchete da placa de cinturão da fig. 344 (est. XXXIII) tambem era de ferro, ligado ao bronze por pequenas cavilhas d'aquelle metal.

§ 2.º **O bronze**

Os objectos de bronze formam os grupos seguintes:

a) armas,

b) faca,

c) fibulas,

d) placa de cinturão,

e) alfinetes,

f) braceletes,

g) anneis,

h) arrecadas,

i) fragmentos de vasos,

j) objectos diversos.

Nem todas as peças que formam estes grupos foram recolhidas no deposito negro. Algumas são provenientes das encostas de E e S do Crasto, como as das figs. 365 e 372 (est. XXXIV) e 373 (est. XXXIII), e uma foi encontrada no interior do parapeito do norte (fig. 341, est. XXXIII); mas todas estavam associadas á ceramica caracteristica d'aquelle deposito.

a) Armas—A arma mais notavel é a adaga da fig. 327 (est. XXXIII). Quebrou-se no acto da exploração, e foi restaurada por nós, ajustando e collando os fragmentos.

É uma delgada lamina, acuminada nos dois lados, tendo ao meio uma nervura longitudinal, e medindo no comprimento $0^{m},245$.

Na base conserva uma das cavilhas que a fixavam no cabo. Ao lado apresenta vestigios de que esta cavilha estava em um largo espigão, semelhante ao da espada de bronze de Alvaiazere, archivada no Museu da Figueira [1].

Nós não conhecemos outro exemplar de adaga de bronze, que seguramente possa attribuir-se á idade do ferro na Lusitania.

---

[1] *Portvgalia,* t. I, pag. 135.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

A capsula de bronze, com furo lateral, e de secção ellipsoidal, que representamos na fig. 331 (est. XXXIII), era provavelmente uma ponteira da bainha d'estes punhaes. Uma peça semelhante existe no Museu Ethnologico de Lisboa, proveniente da estação de Pragança.

Nas figs. 328 e 329 (est. XXXIII) damos os desenhos d'uma ponta de dardo ou zagaia inteira e d'um fragmento d'outra. A espessura maxima d'estas peças não excede 0^m,002. A da fig. 328 tem gravados, em cada uma das faces, dois traços longitudinaes.

Estrabão diz que os lusitanos usavam estas armas de arremesso [1]; e na verdade outros exemplares foram já recolhidos na referida estação de Pragança, e se acham expostos n'aquelle Museu.

b) Faca—A faca da fig. 330 (est. XXXIII) é exemplar unico. Compõe-se d'uma fina folha com o gume concavo, e d'um cabo com a espessura de 0^m,003, ornado em tres partes com traços transversaes gravados, e terminando por um crescente.

A peça é inteiriça, e bastante delicada para se applicar a rudes misteres. Provavelmente seria uma navalha de barba.

A lamina d'esta faca e o crescente do cabo fazem lembrar as das figs. 2106 e 2103 do Diccionario de Daremberg e Saglio, pag. 1583.

c) Fibulas—Na fig. 343 (est. XXXIII) representamos uma fibula annullar incompleta. É o typo que o sr. Bonsor encontrou na necropole ibero-punica da *Cruz del Negro* [2], e que parece vulgar em Hespanha [3]. Em Portugal tambem já appareceu nas ruinas da velha *Conimbriga* [4].

As cabeças das outras fibulas são um T, como as de Santa Olaya, tendo uma, duas ou mais voltas de espira de cada lado da extremidade do arco (figs. 332, 333 e 338 a 342, est. XXXIII). Na da fig. 340 a haste transversal, em que se enrosca o prolongamento do arco, é guarnecida com um fio de bronze enrolado em espiral.

Nós tambem recolhemos uma haste transversal terminando por pequenos discos, como nas fibulas transmontanas (fig. 1, n.º 2).

Os pés ou terminam pela gotteira em que se aloja a ponta do fuzilão (fig. 335, est. XXXIII), ou se alongam, enrolando-se na extremidade em fórma d'um pequeno annel (fig. 332, est. XXXIII), ou se erguem, espalmando-se, quasi perpendicularmente, tomando a fórma d'uma espatula (figs. 336 e 337, est. XXXIII).

A secção dos arcos é arredondada nas das figs. 332, 335 e 373, e quadrangular e achatada nas figs. 333 e 334 (est. XXXIII).

Exemplar semelhante ao da fig. 333 existe entre as joias etruscas de bronze do Museu do Louvre.

d) Placa de cinturão—A placa de bronze da fig. 344 (est. XXXIII), com a espessura de 0^m,002, singelamente ornamentada com traços e covinhas, tem applicado e cravado pela face opposta um fragmento de gancho ou colchete de ferro, e do lado da base apresenta uns furos que deviam servir para a ligar a alguma correia de couro.

---

1 *Geogr.*, liv. III, cap. III, § 6.º

2 *Les Colonies* cit., pag. 82.

3 PIERRE PARIS, obra cit., t. II, est. III e pag. 266, fig. 400; *Portvgalia*, t. II, pag. 18 e fig. 13.

4 *Portvgalia*, log. cit., e fig. 13.

A nosso vêr, seria uma placa do cinturão que usavam os guerreiros lusitanos, e que é figurado nas estatuas callaicas [1].

O illustre archeologo sr. Bonsor dá o desenho d'uma peça de cobre com fórma semelhante á nossa, recolhida na estação ibero-punica de Acébuchal [2]. Ambas fazem lembrar algumas das descobertas na Marne [3].

e) Alfinetes—O fragmento d'alfinete da fig. 347 (est. XXXIV) pertence ao typo da fig. 31 (est. XIX) de Santa Olaya.

O exemplar da fig. 348 (est. XXXIV), que está completo, apresenta um ornato de *nodosidades,* e não tem cabeça propriamente dita. Esse ornato apparece em um alfinete do mesmo typo, proveniente da necropole gauleza de Magny-Lambert [4], em objectos da estação de *Hradischt de Stradonitz,* na Bohemia [5], e não é raro nos bronzes marneanos [6], nem nas nossas fibulas transmontanas [7].

Fig. 1—Alfinete e fibula do Crasto

Gozzadini recolheu em Villanova um alfinete semelhante, mas sómente adornado com traços transversaes [8].

Mais graciosamente ornamentado é o exemplar, tambem completo, da fig. 346 (est. XXXIV), o mais bello, sem duvida, das nossas collecções.

Outro, que reproduzimos na fig. 1, n.º 1, tem a cabeça conica, concava na base, do meio da qual sahe a haste cylindrica, que se acha fracturada.

Todas estas peças, pelas suas dimensões, indicam ter sido destinadas ao cabello. De vestuario seria o pequeno alfinete da fig. 345 (est. XXXIV). A cabeça é globular, como em muitos exemplares de Hissarlik [9], da idade do bronze na Europa [10] e da Carthago punica [11]. Temos lembrança de havermos visto um alfinete de bronze com cabeça semelhante no Museu Civico de Bolonha, vitrina F, secção superior, entre o mobiliario dos fundos de cabanas da propria região.

f) Braceletes—Só recolhemos dois objectos que podem ter feito parte de braceletes. São os das figs. 355 e 361 (est. XXXIV), o primeiro dos quaes tem secção em fórma de segmento do circulo, e o segundo secção circular. Pertencem ambos ao singelo typo de Santa Olaya.

g) Anneis—Nas figs. 357 a 360 (est. XXXIV) representamos tres anneis inteiros e um fragmento d'outro. Pertencem tambem ao typo de Santa Olaya.

---

[1] *O Archeologo Português,* t. II, pags. 30-31, figs. 1 *b* e 3.

[2] *Les Colonies* cit., pag. 27, fig. 9.

[3] *Planches de la Champagne souterraine,* est. II, figs. 4 e 9.

[4] A. BERTRAND, *Archéologie celtique & gauloise,* est. VIII, fig. 6.

[5] J. L. PIC, *Le Hradischt de Stradonitz,* trad. de DÉCHELETTE, est. XIV, fig. 61.

[6] *Planches* cit., est. XXXIV, fig. 15, est. XXXVI, fig. 2 e est. XXXVIII, fig. 11.

[7] *Portvgalia,* t. II, pags. 24 e 25, figs. 19 e 20.

[8] *Di un sepolcreto etrusco scoperto presso Bologna,* tav. VII, fig. 14.

[9] *Ilios,* pag. 568, fig. 748, e pag. 645, figs. 1040 e 1049.

[10] C. DE FONDOUCE, *La cachette de fondeur de Launac,* pag. 30; J. EVANS, *L'Age du bronze,* pag. 398, fig. 256.

[11] *La nécropole punique de Douïmés, fouilles de 1895 et 1896,* pag. 64, fig. 37.

h) Arrecadas—Como Santa Olaya, o Crasto forneceu-nos a arrecada em fórma de crescente. Recolhemos alli os tres exemplares das figs. 362 a 364 (est. XXXIV), o primeiro dos quaes pesa nada menos de 36,5 gr.

Estas joias, bastante pesadas, não são novidade na sciencia; e muitos sabios têem posto em duvida o seu destino. Assim, sobre umas argolas de grande peso e com apparencia de arrecadas, que os srs. Henri e Louis Siret descobriram em estações da idade do bronze no sueste da Hespanha, estes auctores pensam que seriam demasiadamente incommodas para serem usadas nas orelhas [1].

Perrot e Chipiez, a proposito de certas arrecadas com peso consideravel, que se attribuem a fabríco phenicio, apresentam a hypothese seguinte: «Il se pourrait que ces boucles d'oreilles n'aient pas été fabriquées pour une simple mortelle; celui qui les avait commandées les aurait destinées à quelque statue d'Astarté. Les figurines de terre cuite suffisent à nous apprendre de quelles riches parures la piété des fidèles, dans les temples de l'Orient couvrait et surchargeait la tête, la poitrine et les bras des simulacres divins» [2].

Este ultimo facto não se observa só no Oriente. A propria Iberia o manifesta nos seus monumentos. O famoso busto da Dama d'Elche e outras estatuas peninsulares apresentam-se sobrecarregadas de adornos, e entre estes figuram enormes discos cobrindo as orelhas [3].

A nosso vêr, o peso do exemplar do Crasto não é um argumento seguro contra o destino que lhe attribuimos. Nas mascaras punicas de mulher o lobulo inferior das orelhas é sempre exaggerado, indicando o habito de pesados brincos; e esse exaggero se nota nas proprias estatuetas femininas de Carthago [4]. Por outro lado as mulheres portuguezas da provincia do Minho ainda hoje usam grandes e pesados brincos nas orelhas. Em cada uma d'estas, além d'uma arrecada de grandes dimensões, suspendem muitas vezes simultaneamente uma argola e um botão, e, segundo as informações que colhemos, tudo isto chega a pesar 30 gr.

i) Fragmentos de vasos—Recolhemos a asa d'um vaso, que vae representada na fig. 366 (est. XXXIV). Tem duas canneluras longitudinaes, separadas por uma forte aresta, que a tornam ligeira e elegante.

Na fig. 357 da mesma estampa damos tambem o desenho d'um objecto, que parece fragmento d'um vaso, contendo parte do bordo, e guarnecido externamente com canneluras parallelas a este. A fórma d'este vaso devia ser cylindrica.

j) Objectos diversos—A peça representada na fig. 365 (est. XXXIV) consiste em uma haste de secção quadrangular, terminada em gume n'uma das extremidades. Dir-se-ia um pequeno escopro ou buril, analogo a muitos da idade do bronze [5].

Difficil, porém, é determinar o uso a que serviria o fio de bronze, enrolado em espiral, da fig. 369 (est. XXXIV). Só nos faz lembrar certas peças d'ouro que Schliemann

---

[1] *Les premiers âges du metal* cit., pag. 51.

[2] *Hist. de l'Art,* t. III, pag. 821.

[3] PIERRE PARIS, *Essai sur l'art et l'industrie de l'Esp. primit.*, t. I, est. I, fig. 208, est. XII, fig. 306, e pags. 266 e 285 a 289.

[4] *Musée Lavigerie,* pags. 88 e 97.

[5] MORTILLET, *Musée Préhist.*, est. LXXVI, figs. 812 a 814.

recolheu em Hissarlik, e que elle suppõe terem sido destinadas aos cabellos [1]. Fios de bronze em espiral, para os cabellos, foram na verdade usados entre os gregos e os etruscos [2].

Convem ainda especialisar o objecto da fig. 368 (est. XXXIV), feito d'uma fina folha de bronze estriada. Deve ter sido o remate ornamental d'alguma peça bastante delicada.

Quanto ás placas das figs. 371, 374, 375 e 380, aos objectos das figs. 379 e 381 e aos fragmentos representados nas figs. 372, 377 e 378 da mesma estampa, nada podemos dizer sobre o seu destino.

§ 3.º O cobre

De cobre nos parecem a fina folha dobrada da fig. 370 e o objecto da fig. 376 (est. XXXIV), este ultimo cheio de móssas da martellagem. A primeira conserva em um furo a cabeça d'uma pequena cavilha ou prego.

§ 4.º O estanho

O annel da fig. 356 (est. XXXIV) é o unico objecto d'estanho que encontramos. Pertence ao typo dos anneis de bronze do proprio Crasto e de Santa Olaya.

§ 5.º O chumbo

O chumbo appareceu-nos sob a fórma d'um pequeno espheroide, que parece ser o resultado de um derramamento casual do metal fundido em alguma cavidade, e em um *gato* lançado n'um fragmento de louça, de que adiante teremos de occupar-nos.

IV

A ceramica

A ceramica é menos abundante e variada do que nos povoados de Santa Olaya, e está tão fragmentada que poucas restaurações pudemos conseguir.

Entretanto não é difficil reconhecer nos fragmentos, depois de minucioso exame, que, salvas algumas variantes, estamos em face de fórmas e de processos de fabríco analogos aos da ceramica d'aquelles povoados.

Distinguem-se na verdade, em primeiro logar, duas grandes séries: uma composta de vasos de pasta muito grosseira, trabalhada á mão, de typo primitivo, e outra de vasos de pasta purificada e homogenea, bem cosida e trabalhada á roda. Depois notam-se restos de grandes vasos, feitos de pasta bastante depurada, trabalhados á mão, apresentando um aspecto exotico; e emfim certos fragmentos de ceramica indigena, que mostram na estructura da pasta e nas fórmas o cunho da imitação das louças exoticas.

Vamos tentar a descripção detalhada de cada um d'estes grupos.

---

[1] *Ilios*, pags. 627 e 628, figs. 942 e 944.

[2] J. MARTHA, *L'Art étrusque*, pags. 63 e 70.

§ 1.º Ceramica indigena de typo primitivo

Os fragmentos mais numerosos pertencem á ceramica de typo primitivo, apresentando na pasta os caracteres geraes que já foram indicados com relação á sua similar de Santa Olaya. Podem verificar-se estes caracteres, examinando os cortes das pastas d'uma e d'outra estação, que se acham na Sala de Comparação do Museu da Figueira.

A fórma mais commum, indicada pelos fragmentos, é a das figs. 67 a 70 (est. XXI). A do vaso restaurado, que representamos na fig. 384 (est. XXXV) parece a reproducção da fig. 68 (est. XXI).

Esta fórma archaica é ainda manifestada em fragmentos de vasos mais pequenos, providos d'uma asa, que representamos nas figs. 395, 396 e 404 (est. XXXV). O da fig. 395 tem a superficie externa bastante lisa, e apresenta na superficie interior certas depressões feitas com os dedos, como se a pasta tivesse sido comprimida dentro d'um molde.

A fórma torna-se mais ovoide no fragmento da fig. 393 ou no da fig. 394 (est. XXXV), que accusam o perfil da fig. 72 (est. XXI).

D'esta fórma commum desvia-se a indicada por um fragmento de grande vaso, que representamos na fig. 397 (est. XXXV). Não possuimos exemplar algum completo d'este typo.

Fragmentos d'outros grandes vasos de largo bordo, revirado para fóra, tambem foram recolhidos no deposito negro; mas é impossivel determinar a fórma que teriam as peças inteiras.

Os vasos pequenos eram providos de operculos feitos da mesma pasta. Recolhemos um fragmento, que completamos com barro crú, representado na fig. 385 (est. XXXV).

Nas figs. 399 e 400 (est. XXXV) damos os desenhos de dois objectos de barro cosido que parecem pertencer ao pé de pequenas taças, com a fórma indicada por linhas pontuadas na primeira d'essas figuras. Vimos no Museu Prehistorico de Roma muitas taças d'este typo, entre o mobiliario da idade do ferro, como, por exemplo, no espolio dos tumulos de *Salbioni* e de *Golasecca;* e semelhantes no Museu Civico de Bolonha, entre a ceramica da mesma idade, assim como na ceramica gauleza exposta no Museu de *Saint-Germain,* sala VI, vitrina 1. Gozzadini tambem as descobriu em Villanova [1].

Entretanto a origem d'esta fórma é indubitavelmente anterior á idade do ferro [2].

N'esta ceramica de fabríco local a asa é em fórma de arco, roliça ou achatada e trifida (figs. 395, 396 e 404), ou reduzida a saliencias furadas no sentido vertical (figs. 401 e 403), para servirem á suspensão. A fórma de crescente que se nota n'estes ultimos appendices, encontra-se já nas louças da idade da pedra da nossa região, como mostram os exemplares archivados no Museu da Figueira [3].

---

[1] Obra cit., tav. IV, figs. 11, 21 e 27.

[2] SIRET, obra cit., pag. 37 e est. IV; *Ilios*, fig. 61 e pags. 279 a 281.

[3] *Catalogo geral*, pag. 45.

Na fig. 386 (est. XXXV) representamos dois fragmentos unidos por um *gato* de chumbo. É uma peça notavel, unica encontrada nas nossas excavações, que nos explica uma parte dos furos que se observam nas louças d'esta especie, e o modo como eram utilisados. Fendido o vaso, abria-se um furo de cada lado da fenda. Com argila molle se formava nas faces interna e externa do vaso um pequeno tunel, a communicar os dois orificios, abrindo n'elle, junto a um d'estes, um buraco para introduzir o chumbo fundido. O metal em fusão, penetrando por esta abertura, circulava entre os orificios e formava a ligadura. Na fig. 386-*a* está representado o *gato* pela face externa do vaso, e á esquerda nota-se o *botão* da fundição, correspondente ao buraco por onde fôra introduzido o metal; em *b* o *gato* pela face interna do vaso; e em *c* a fórma de toda a ligadura.

Geralmente não se encontra n'esta ceramica outra ornamentação além de impressões digitaes ou incisões transversaes nos bordos dos vasos, feitas na pasta emquanto fresca (figs. 391 a 393, est. XXXV), que é, como tambem vimos, a ornamentação mais commum na louça indigena dos povoados pre-romanos de Santa Olaya. Raro é encontrarem-se alguns traços gravados em fragmentos pertencentes ao corpo dos vasos.

Entretanto dentro da unica casa do Crasto, que occupava a depressão central do planalto, recolhemos os notaveis exemplares representados nas figs. 388 a 390 e 409 (est. XXXV), que não têem similares nos povoados de Santa Olaya. Nos tres primeiros vê-se uma fila de circulos concentricos, entre duas faxas de pequenas impressões quadrangulares ou triangulares, que parecem estampadas.

O uso da ornamentação estampada é muito antigo. Apparece já na ceramica neolithica [1]; e o Museu da Figueira possue um fragmento de louça d'essa epocha, recolhido em Santa Olaya, por debaixo dos povoados pre-romanos, com ornato de folhinhas estampadas, e outros fragmentos provenientes da estação neolithica da Junqueira, com ornato de linhas onduladas, estampadas por meio de conchas do *Cardium edule;* ornatos que têem similares na ceramica neolithica italiana [2].

Não é menos antigo o ornato de circulos concentricos [3], que se tornou muito commum na idade de bronze [4], e depois na idade do ferro de alguns paizes [5].

Nós damos-lhe o nome de — ornato, porque nos parece ser este o seu verdadeiro caracter, como sabiamente notam os srs. Perrot e Chipiez [6]; mas não falta quem lhe tenha attribuido um caracter symbolico. Schliemann, por exemplo, pensou que os tres

---

[1] G. A. COLINI, *Rapporti fra l'Italia ed altri paesi europei durante l'étá neolitica*, pags. 16-17, 28-29; CARTAILHAC, *La France Préhistorique*, pag. 260.

[2] COLINI, obra cit., log. cit.

[3] O. MONTELIUS, *Les temps préhistoriques en Suède*, pag. 45, fig. 46; MORTILLET, *Musée Préhistorique*, est. LVI, fig. 542.

[4] MONTELIUS, obra cit., pag. 70, fig. 72, pag. 75, fig. 81, pag. 88, fig. 108-*a*, pag. 91, fig. 113, pag. 121, fig. 169, pag. 122, fig. 170 e pag. 125, fig. 175; J. EVANS, *L'Age du bronze*, trad. BATTIER, pags. 136 e 137, figs. 140 e 142, pag. 138, fig. 144, pag. 150, fig. 166, etc.; *Musée Préhist.*, est. LXIX, fig. 711, est. LXXXIX, fig. 1069 e est. XC, fig. 1094.

[5] GOZZADINI, obra cit., tav. II, figs. 6, 8 e 9, tav. III, figs. 1 a 3, 10 e 11, e tav. VI, figs. 15 e 18; JULES MARTHA, *L'Art étrusque*, figs. 12, 64, 66 e 69; *L'Anthropologie*, t. XVI, n.º 1, pags. 31, 33 e 35.

[6] *Hist. de l'Art*, t. IV, pag. 103.

circulos concentricos d'um objecto de barro de Hissarlik representavam a lua [1]. Fallando de desenhos semelhantes encontrados em vasos chypriotas, Colonna-Cecaldi exprime-se n'estes termos: — «Ils représentent à mon sens, en perspective, un sein de femme, et leur présence sur les vases serait un symbole de fécondité, d'abondance, qu'on n'aurait point, pour plus de commodité dans l'usage, mis en relief sur le flanc du vase, comme dans certaines poteries d'où ces vases sont dérivés» [2].

O ornato da fig. 409 é uma especie de *palmetta* em fórma de leque meio fechado, estampada na argila fresca. Nós conhecemos um ornato que se lhe assemelha d'um modo notavel. É o dos vasos etruscos representados na estampa 24, figs. 357 e 502 da obra *Vases antiques du Louvre,* do sr. E. Pottier.

Este facto, a nosso vêr, tem bastante importancia. Elle concorre, com outros já por nós assignalados, para demonstrar uma certa influencia da arte e industria etruscas na peninsula; influencia que não tem passado despercebida a alguns sabios, e que poderá ter sido exercida, quer directamente, quer indirectamente, por intermedio de Carthago, que durante muito tempo manteve estreitas relações com a Etruria, como provam a historia e a archeologia [3].

§ 2.º **Ceramica exotica trabalhada á roda**

A pasta d'esta louça é geralmente arenosa, micacea e bastante dura. Comtudo ha muitos fragmentos em que não apparece a mica, e a pasta é tão branda e macia, que se risca com a unha.

As fórmas indicadas pelos fragmentos são semelhantes ás da ceramica dos povoados de Santa Olaya. Temos o prato de typo punico, com largo bordo e fundo de pequeno diametro (fig. 408, est. XXXV), egual aos das figs. 85 a 88 (est. XXII); o seu derivado (fig. 407, est. XXXV), egual ao da fig. 90 (est. XXII); os pratos tronconicos (figs. 410 e 411, est. XXXV, 414, 415, 417 e 420, est. XXXVI), eguaes aos das figs. 93, 94, 99, 104, 106 (est. XXII), 107 e 108 (est. XXIII); a taça das figs. 413 (est. XXXV), 418 e 419 (est. XXXVI), egual á das figs. 115, 116, 118 e 121 (est. XXIII); a amphora da fig. 406 (est. XXXV), que completamos a gesso, variedade da amphora das figs. 129 e 130 (est. XXIV); a taça da fig. 412 (est. XXXV), que tem similares em Santa Olaya, mas raras; o fragmento representado na fig. 423 (est. XXXVI), que pertence a um vaso do typo da fig. 152 (est. XXV); o fragmento de prato com saliencias furadas da fig. 415 (est. XXXVI), egual ao da fig. 158 (est. XXVI); o fragmento representado na fig. 421 (est. XXXVI), que pertence á fórma da fig. 146 (est. XXV); o fragmento representado na fig. 425 (est. XXXVI), que parece reproducção da fórma representada na fig. 110 (est. XXIII); os fragmentos de bordos, representados nas figs. 426, 427 e 428 (est. XXXVI), que pertencem aos typos das figs. 154, 155 e 156 (est. XXVI); a asa massiça, de secção circular ou com cannelura longitudinal, das figs. 430 e 433 (est. XXXVI), vulgar nos povoados de Santa Olaya; o ornato de lozangos, ligeiramente gravados na

---

[1] *Ilios,* pags. 394-395.

[2] *Monum. ant. de Chypre,* pag. 279.

[3] *Hist. de l'Art,* t. III, pag. 46; *L'Art étrusque* cit., pag. 117; *Cosmos,* 48.º anno, n.º 754, pags. 48 e 49; 49.º anno, n.º 787, pag. 238; *Musée Lavigerie,* prefacio, pag. 11, e texto, pag. 192.

pasta fresca (fig. 422, est. XXXVI), egual ao das figs. 167, 168 e 170 (est. XXVI); e o pé de vaso da fig. 431 (est. XXXVI), semelhante ao da fig. 181 (est. XXVI), ou o da fig. 432 (est. XXXVI), semelhante á base do que está representado na fig. 160 (est. XXVI).

Só uma fórma parece não ter similar em Santa Olaya. É a que indica a fig. 424 (est. XXXVI).

N'estas louças exoticas do Crasto raramente se encontra algum signal gravado que faça lembrar qualquer marca de fabricante ou de proprietario.

A pintura tambem é rara. Na fig. 2, n.ºs 1 e 2, representamos dois exemplares. A pasta d'estes fragmentos é vermelha e muito pura e macia, como em muitos exemplares de Santa Olaya.

§ 3.º Vasos exoticos trabalhados á mão

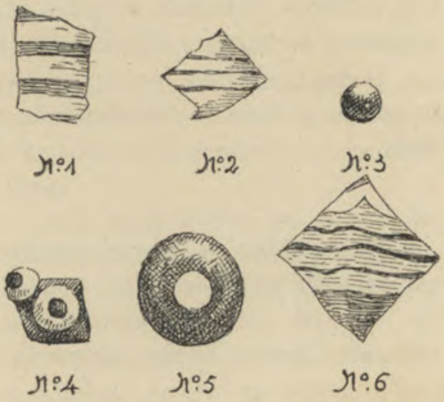


Fig. 2 — Objectos do Crasto

Encontramos fragmentos de grandes vasos de pasta cinzenta ou anegrada pela fumigação, carregada de mica e bastante dura, trabalhada á mão, indicando a fórma ovoide; e conseguimos restaurar parte d'um, que vae representado na fig. 434 (est. XXXVI). Este exemplar tinha asas trifidas, e pertence ao typo dos *pythoï* das figs. 137 e 138 de Santa Olaya (est. XXIV).

Fabricados á mão foram tambem alguns vasos de mediana grandeza, cuja pasta denuncia uma origem exotica. Pertence a este numero o fragmento de bordo de vaso, representado na fig. 387 (est. XXXV), com largo orificio lateral e uma especie de calha exterior, que poderia servir de asa e ao mesmo tempo para beber o liquido contido na vasilha. Esta peça faz lembrar o fragmento de prato ou taça de louça exotica, recolhido em Santa Olaya, que apresenta vestigios d'um orificio lateral e d'uma especie de gargalo, n'elle formado, assim como certos fragmentos de vasos encontrados pelos srs. Siret nas estações prehistoricas do sueste de Hespanha.

No mesmo grupo estão comprehendidos o fragmento representado na fig. 429 (est. XXXVI), feito de pasta inteiramente semelhante á de muitos vasos trabalhados á roda, e que parece pertencer a um prato tronconico, e outros que indicam a fórma da fig. 425.

§ 4.º Modificações na ceramica de fabrico local sob a influencia dos modelos exoticos

Observa-se na ceramica do Crasto, mas em menor numero de fragmentos, o mesmo phenomeno que foi notado na ceramica dos povoados de Santa Olaya. O indigena modificou a sua industria em face dos modelos importados. Com a sua pasta tradicional imitou os pratos tronconicos, como se vê nos exemplares das figs. 383 e 398 (est. XXXV). O da fig. 383 é restauração a barro crú, feita por um fragmento bem visivel no desenho. Esta imitação nota-se tambem no exemplar da fig. 382 (est. XXXV), restaurado do mesmo modo, comparando-o com o vaso exotico da fig. 411 da mesma estampa.

No exemplar da fig. 404 (est. xxxv) imitava asa trifida; e no bordo da fig. 402 reproduziu uma fórma de Santa Olaya (fig. 231, est. xxvii), que foi imitada da louça exotica (fig. 156, est. xxvi).

A modificação comprehendeu a propria pasta. Appareceram fragmentos de vasos feitos com a pasta de typo primitivo, mas carregada de mica branca, como a louça exotica, reproduzindo uma fórma archaica, como a da fig. 394 (est. xxxv). N'outros a pasta apresenta-se mais pura, mas ainda muitas vezes misturada com grãos quartzosos, em vasos com a fórma da fig. 384 (est. xxxv); e ha bastantes exemplares em que a pasta apparece inteiramente purificada e muito macia, como no da fig. 405 (est. xxxv).

Emfim, tambem não são muito raros os fragmentos de vasos, feitos de pasta com typo primitivo, carregado de grãos de quartzo ou de spatho calcareo moido, com signaes manifestos de haverem sido trabalhados á roda, e indicando a mesma fórma da fig. 405.

D'este modo tudo leva a crêr que o Crasto e povoados de Santa Olaya pertencem ao mesmo periodo de transformação na industria ceramica do valle inferior do Mondego.

§ 5.º Peças de collar

Na fig. 448 (est. xxxvi) representando tres objectos de barro cosido, furados, que nos parecem peças de collar, como os seus similares de Santa Olaya. O objecto da fig. 440 (est. xxxvi) tambem furado e com ornato de linhas pontuadas, tinha provavelmente o mesmo destino, apesar da sua semelhança com as fusaiólas.

§ 6.º Fusaiólas

Os exemplares das figs. 437 a 439 e 441 a 446 (est. xxxvi) pertencem ao typo conico, de base plana ou concava, de Santa Olaya. O disco furado, feito d'um fragmento de vaso, representado na fig. 447 (est. xxxvi), tambem existe na mesma estação, como vimos. O que em Santa Olaya se não encontrou, foi o typo da fig. 435, nem o da fig. 436 (est. xxxvi). N'este ultimo objecto, que apresenta uma fractura, o furo só chega até ao meio. O Museu da Figueira possue uma fusaióla semelhante, proveniente do gentio da Mossuca (Africa Occidental), mas inteiramente furada.

§ 7.º Pesos de tear

Recolhemos algumas peças de barro cosido, com um furo, apresentando o typo da fig. 449 (est. xxxvi). Pertencem provavelmente ao grupo dos pesos de tear, já representados nas figs. 244 e 245 (est. xxviii), que se encontraram em Santa Olaya.

§ 8.º Peso de rede

O objecto da fig. 450 (est. xxxvi), feito d'um fragmento de vaso, com dois entalhos oppostos, é semelhante aos das figs. 249 a 254 (est. xxviii), recolhidos em Santa Olaya, que classificamos como pesos de rede.

V

Mobiliario de vidro, pedra, chifre e osso, e restos de cosinha

Sobre o restante mobiliario colligido no Crasto pouco ha a dizer. Escasso e pobre, apenas algumas peças despertam verdadeiro interesse.

Compõe-se de alguns objectos de vidro, pedra e chifre, esparsos no deposito negro e em diversos niveis. De osso apenas se encontraram tres peças.

§ 1.º Vidro

Sete contas de collar inteiras, de vidro azul, sendo tres muito pequenas, e uma biconica, um fragmento d'outra conta *oculada,* com esmalte de circulos brancos (fig. 2, n.os 3 a 5), e um fragmento de pequenino vaso de vidro azul, esmaltado de amarello e verde (fig. 2, n.º 6).

Estes vasinhos de vidro, esmaltados ou não, são já muito conhecidos na sciencia. Vimos exemplares inteiros no Museu etrusco de Florença, no Museu civico de Bolonha, no Museu prehistorico de Genebra e no Museu do Louvre, sala A dos vasos antigos. O rev. P. Delattre tambem os recolheu em sepulturas carthaginezas [1].

A questão da proveniencia, que se ventila a proposito das contas de vidro, tem logar tambem relativamente a esses vasinhos; e o pensar geral é no sentido d'uma origem egypto-phenicia. Ha com effeito na secção egypcia do Museu do Louvre muitos d'estes objectos, inteiramente semelhantes aos que se attribuem a fabrico phenicio; de modo que, se os phenicios não fabricaram todos os exemplares que se encontram na Europa, seriam entretanto elles os introductores de taes objectos pelo seu commercio [2],

A conta *oculada,* sendo de vidro azul escuro e ornada de circulos brancos, se é exacto o asserto do sr. Reinecke, indica um periodo decorrido desde o seculo IV antes da nossa era [3].

§ 2.º Pedra

Encontramos algumas mós de feição primitiva e fragmentos de duas mós circulares e girantes, feitas d'um grés escuro e muito brando. Os dois typos vão representados nas figs. 453 e 454 (est. XXXVII).

Esta associação da mó primitiva e da mó circular prova que a estação do Crasto pertence ao mesmo periodo de transição d'um para o outro utensilio, já observado em Santa Olaya.

Um dos fragmentos da mó circular conserva o orificio lateral, onde era fixada a manivela para a pôr em movimento.

---

[1] *Les tombeaux puniques de Carthage,* pag. 18; *Musée Lavigerie,* t. I, pag. 183, e est. XXVI, fig. 6; *La nécropole punique de Douïmès, fouilles de 1895 e 1896,* pags. 16-17, e fig. 45.

[2] *Hist. de l'Art* cit., t. III, pag. 734 e segs., e ests. VI a IX; POTTIER, *Catalogue des vases ant. du Louvre,* 1.ª parte, pag. 151; *Guida del Museo Civico di Bologna,* pag. 42.

[3] *L'Anthropologie,* t. XVI, n.º 2, pag. 176.

Na fig. 455 (est. xxxvi) representamos um seixo espheroidal de quartzo guarnecido de covinhas abertas com uma broca. Estacio da Veiga tambem colligiu no Algarve espheroides de pedra crivados de orificios [1]; e um exemplar se acha archivado no Museu Ethnologico de Lisboa. O sr. dr. José Fortes annuncia-nos um calhau de granito com buracos, recolhido por elle em ruinas romanas da Povoa de Varzim [2].

Já em outro logar dissemos que estas covinhas se encontram em um machado e n'uma grossa placa de schisto de Bensafrim (Algarve) [3] e em louças neolithicas da nossa região [4]; e interpretamos este lavor como pura decoração [5].

Entretanto outros vêem n'ellas uma representação sideral. O sr. Cleusiou, por exemplo, referindo-se a um polidor neolithico, guarnecido de covinhas, que foi encontrado na Russia, pensa que estas symbolisam as estrellas [6].

O mais notavel é que essas covinhas guarnecem as pedras das paredes de templos attribuidos aos phenicios. Referindo-se ao templo de Hagiar Kim, em Malta, os srs. Perrot e Chipiez exprimem-se n'estes termos: «Partout la pierre des parois y a été piquée d'une multitude de petits trous très rapprochés, dans lesquels on a proposé de reconnaître le souvenir et l'imitation des étoiles semées sur la voûte des cieux. Cette interprétation est peut-être plus ingénieuse que solide; n'est-il pas plus simple d'admettre que si les colons phéniciens de Malte ont pris ce parti, c'est qu'ils ont trouvé quelque agrément à l'effet qu'ils obtenaient par ce moyen? Ce même décor a été observé dans certaines parties du temple de Gozzo. Dans ce travail l'outil, dans ces milliers de points qu'il a marqués en creux sur le parement, il ne faut voir, croyons-nous, qu'un ornement comparable à la ciselure que, dans d'autre constructions dues à des ouvriers de la même race, on a pris soin de ménager, sur la face apparente du mur, tout le long des joints» [7].

Entretanto no nosso exemplar do Crasto não é verosimil que as covinhas tenham um caracter puramente decorativo. Para que adornar um seixo em bruto, que não tem apparencia de qualquer applicação util?!

De resto a approximação entre certos objectos phenicios ou punicos e outros do fim da idade da pedra na peninsula não resulta sómente d'estes factos. Poderiamos citar outros; mas limitamo-nos a indicar que em 1905 o dr. Adalbert Bezzenberger, de Kónigsberg, visitando o Museu da Figueira, nos affirmou que vira nas collecções punicas do rev. P. Delattre grande quantidade de contasinhas discoides de schisto inteiramente semelhantes ás que nós temos recolhido nos dolmens da Serra do Cabo Mondego.

Além dos objectos mencionados recolhemos pedras d'amolar, uma das quaes vae representada na fig. 451 (est. xxxvi), e seixos que serviram de pilões ou trituradores, como o da fig. 452 (est. xxxvi).

---

[1] *Antig. monum. do Algarve*, t. I, pags. 279 e 283, e t. II, est. XXIII, fig. 3, e pag. 404.

[2] *Restos d'uma villa lusitano-romana*, pag. 25, fig. 8.

[3] *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 79 e segs.; *Catalogo geral do Museu da Figueira*, pag. 58, n.os 2643 e 2492.

[4] *Catalogo* cit., pag. 46, n.os 2529 a 2549.

[5] *Memorias* cit., log. cit.

[6] *La création de l'homme et des premiers âges de l'humanité*, pag. 779 e segs.

[7] *Hist. de l'Art*, t. III, pags. 302 e 303.

§ 3.º **Chifre e osso**

O objecto da fig. 456 (est. XXXVII) é feito d'uma ponta de veado. Apresenta vestigios de haver tido na parte superior um pequeno appendice, talvez furado, e com destino á suspensão. Tem o aspecto d'um estojo para encerrar pequenos objectos ou alguma substancia pulverulenta ou pastosa.

Nas figs. 457 e 458 (est. XXXVII) representamos dois objectos feitos da parte ossea do chifre de boi. Parecem ter servido de cabos a quaesquer instrumentos.

O mesmo destino póde verosimilmente attribuir-se ao objecto da fig. 459 (est. XXXVII), feito d'um osso longo de animal.

§ 4.º **Rebotalhos de cosinha**

O que mais abundava no deposito negro eram os ossos de boi, carneiro, cabra ou bode.

Não se encontraram defezas de javali, que aliás eram muito numerosas nos povoados de Santa Olaya.

Das conchas poucas foram as variedades encontradas. As principaes são o *Cardium edule* e as univalves, conhecidas vulgarmente pelo nome de *lapas (Fissurella graeca, L).*

PARTE 3.ª

CHÕES E PARDINHEIROS

Brenha é uma aldeia de 216 fogos, com pouco mais de 800 habitantes, situada na vertente septentrional da Serra do Cabo Mondego, a cinco kilometros approximadamente para NNE da Figueira.

O solo é muito pedregoso, e tem um forte declive para o norte, indo as ultimas ondulações expirar na planicie, que a algumas centenas de metros da povoação começa a estender-se para o norte, nascente e poente.

Na parte da encosta que fica para o norte da mesma povoação, distante d'esta 200^{m} approximadamente, está o sitio denominado Chões. Alli, entre as massas de rocha que afloram, ha uns tractos de terreno de cultura, açoutados pelas ventanias do norte, e que seguem o declive geral da vertente.

Em um d'esses terrenos, parte do qual, a mais baixa, pertence a Manoel Francisco da Silva, de Brenha, e a outra, a mais alta, aos representantes do fallecido Ignacio Francisco Maia, do mesmo logar, encontramos restos dos fundos de duas cabanas, contendo deposito negro, semelhante ao do Crasto. Essas duas partes do terreno estão separadas por um muro moderno de alvenaria secca; e na superior havia indicios de outros depositos negros, dispostos pela encosta acima; mas os proprietarios do solo, que se achava plantado de vinha, não nos permittiram estender para alli a nossa excavação.

Tivemos, pois, de limitar-nos ao estudo dos restos dos dois lares, e a recolher o pobre mobiliario que n'elles existia.

Não encontramos indicio algum de que o logar tivesse sido outr'ora fortificado. O terreno é aberto e accessivel de todos os lados; e nos arredores encontra-se agua potavel a pequena profundidade.

Ambos os lares estavam manifestamente cerceados pela cultura; e apresentavam uma fórma arredondada, que se tornou bem distincta a $0^{m},40$ da superficie do solo. O da parte mais baixa do terreno media $1^{m},70$ por $1^{m},40$; e o da parte alta media approximadamente no diametro $1^{m},50$.

Estas porções dos primitivos depositos escaparam aos trabalhos de cultura por occuparem a parte mais funda da especie de fossas em que assentavam as cabanas. O fundo d'estas fossas era formado pelo solo natural, composto de argila amarellada, e em parte, pelo menos, parecia revestido com cascalho.

A distancia entre os dois depositos não excedia 3^{m}, e a differença de nivel era de $0^{m},70$.

Ambos os depositos tinham a espessura maxima de $0^{m},50$. Estavam fortemente empastados e eram constituidos por terra vegetal carregada de carvão, cinzas, ossos de animaes e fragmentos de ceramica.

Nenhum objecto com feição romana appareceu nos entulhos, nem nos terrenos proximos. Evidentemente as habitações foram muito anteriores á occupação do povo-rei.

Só o lar superior forneceu um metal, o bronze. É o fragmento de bracelete representado na fig. 466 (est. XXXVII), de secção circular e liso, que pertence ao typo mais simples de Santa Olaya.

Na ceramica dos dois depositos distinguiam-se em primeiro logar os fragmentos de vasos de fabríco indigena, que eram os mais abundantes. A pasta trabalhada á mão, apresenta os caracteres da sua similar de Santa Olaya. A fórma e a rara decoração, limitada ao bordo, são tambem semelhantes ás d'esta ultima estação, como se vê pelo exemplar representado na fig. 467 (est. XXXVII).

Notam-se tambem fragmentos de vasos exoticos, trabalhados á roda. São os pratos tronconicos, de pasta pura e macia, mas geralmente branda, a ponto de riscar-se com a unha, e ás vezes misturada com mica branca. Damos os desenhos dos perfis de dois fragmentos nas figs. 469 e 470 (est. XXXVII), que reproduzem typos de Santa Olaya (figs. 98 e 104, est. XXII). O da fig. 470 conserva vestigios de pintura vermelha na superficie interna.

Notam-se ainda fragmentos de vasos de pasta micacea e dura, como a do Crasto, outros de vasos de pasta vermelha bastante pura e bem cosida, semelhante á das amphoras e *pithoï* de Santa Olaya, outros de pequenas tijellas de pasta muito fina, semelhantes á da fig. 105 (est. XXII), outros de vasos bojudos de mediana grandeza, feitos de pasta arenosa e dura, como a que appareceu no Crasto, e finalmente fragmentos de vasos d'uma pasta vermelha muita corroida nas superficies, apresentando a asa bifida ou com cannelura média longitudinal, tão commum em Santa Olaya (figs. 471 e 472, est. XXXVII).

No meio d'esta mistura apparecem pedaços de pequenas tijellas, feitas de pasta indigena, negra e bastante depurada, trabalhada á mão, imitando as tijellas importadas. Na fig. 468 (est. XXXVII) representamos um exemplar.

Além dos restos de vasos, recolhemos duas fusaiólas de barro, que vão representadas nas figs. 473 e 474 (est. XXXVII). Approximam-se do typo da fig. 258 (est. XXVIII); e uma tem radiações gravadas, como a da fig. 264 (est. XXVIII), encontrada em Santa Olaya. Esta gravura representará o sol? A affirmativa não seria caso novo na sciencia.

Em pedra recolhemos alguns calhaus que parecem ter servido de pilões (fig. 475, est. XXXVII), e um seixo escuro, com um caprichoso veio de quartzo branco, que apresenta o aspecto d'um *phallus* (fig. 476, est. XXXVII). Um seixo com fórma phallica foi tambem encontrado pelo sr. dr. Joaquim Jardim no dolmen n.º 8 de Alcalar [1], e outro foi recolhido por nós, no meio de restos de cosinha, nas ruinas romanas de Budens (Algarve). Ambos se acham expostos no Museu da Figueira [2].

---

[1] Vej. o n.º 2 do *Boletim da Sociedade Archeologica*, pag. 45.

[2] *Catalogo geral*, pag. 57, n.º 7405, e pag. 104, n.os 2924 e 2962.

Os caracteres que ficam notados quanto á ceramica parecem auctorisar a opinião de que a estação dos Chões foi contemporanea dos povoados pre-romanos de Santa Olaya e do Crasto, e que os seus moradores eram tão miseraveis como os d'este ultimo.

Esta gente devia ser principalmente pastora. Os seus restos de cosinha assim o indicam. De animaes selvagens não appareceu outro vestigio senão um dente de veado.

A estação dos Chões não foi a unica assignalada na vertente septentrional da Serra. Encontramos outra, que devia remontar á mesma idade e ter atravessado a epocha romana e a Edade Media, no sitio dos Pardinheiros, a 1 kilometro para O de Quiaios; mas alli tudo está destroçado e confundido pela cultura do terreno. Numerosas sondagens descobriram em diversos pontos grande quantidade de terra negra, carregada de carvões, ossos de animaes e conchas marinhas, tendo á mistura alguns fragmentos ceramicos de typo primitivo, como o que fica mencionado nas estações descriptas, outros de louça micacea e dura, como a do Crasto, outros de ceramica e vidros romanos, e até de ceramica medieval.

Em uma das sondagens surgiu, no meio da mistura, um mediano bronze, que parece de Commodo, e n'outra um fragmento de louça pintada, como a de Santa Olaya.

Além da completa subversão dos estratos archeologicos, os fragmentos da ceramica estavam reduzidos a taes dimensões que não permittiram, sequer, formular uma hypothese sobre as fórmas dos vasos. É, a nosso vêr, uma estação inteiramente perdida para a sciencia.

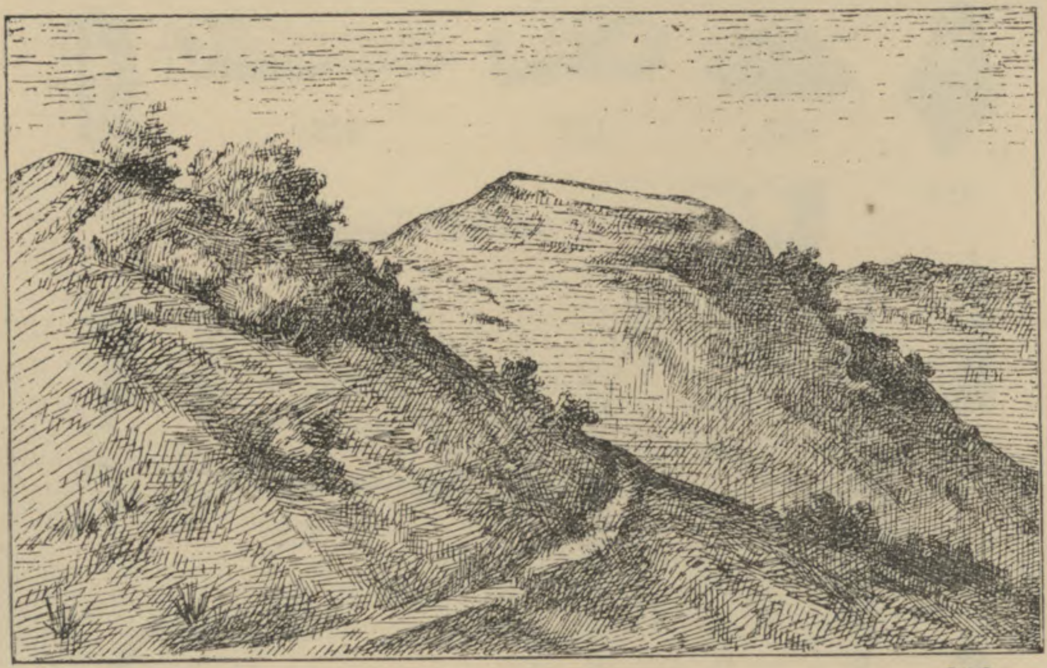
CONCLUSÕES

Do que fica exposto sobre as estações de Santa Olaya, Crasto e Chões, limitamo-nos a tirar duas conclusões geraes:

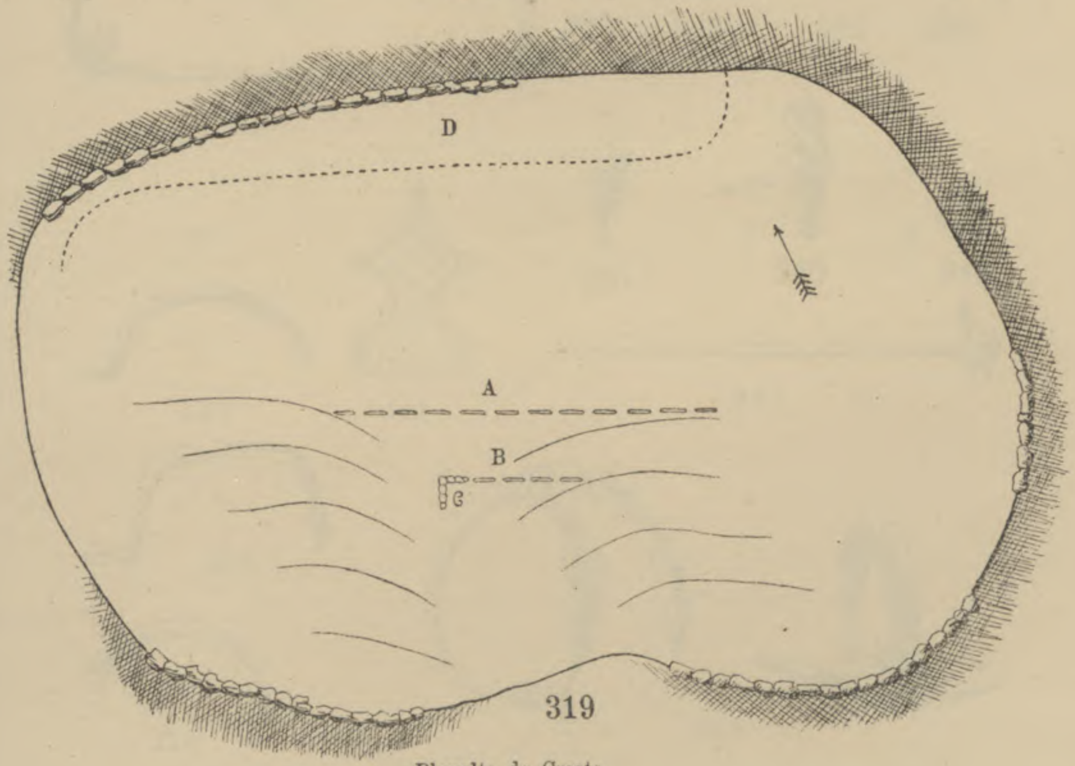
1.ª Que estas estações são da idade do ferro, e pertencem ao periodo que os archeologos estrangeiros denominam *marneano* ou *Tène* I.

2.ª Que foram mais ou menos penetradas por influencias ibero-punicas, vindas provavelmente do sul da peninsula, pela via maritima; e que ao elemento punico d'essas influencias deverão attribuir-se certas reminiscencias da Etruria e do oriente mediterraneo.

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA.



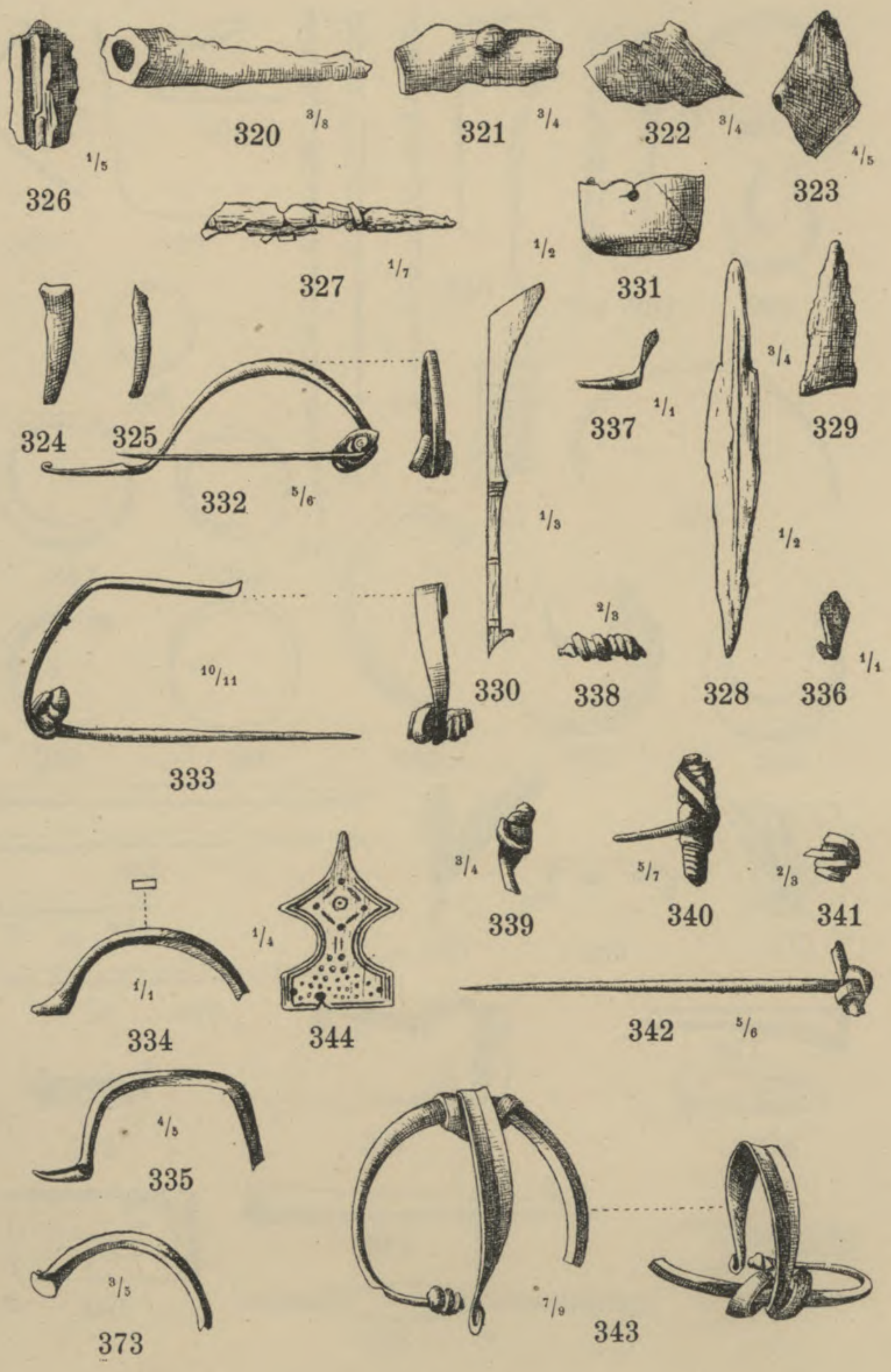
O Crasto visto do O. 318



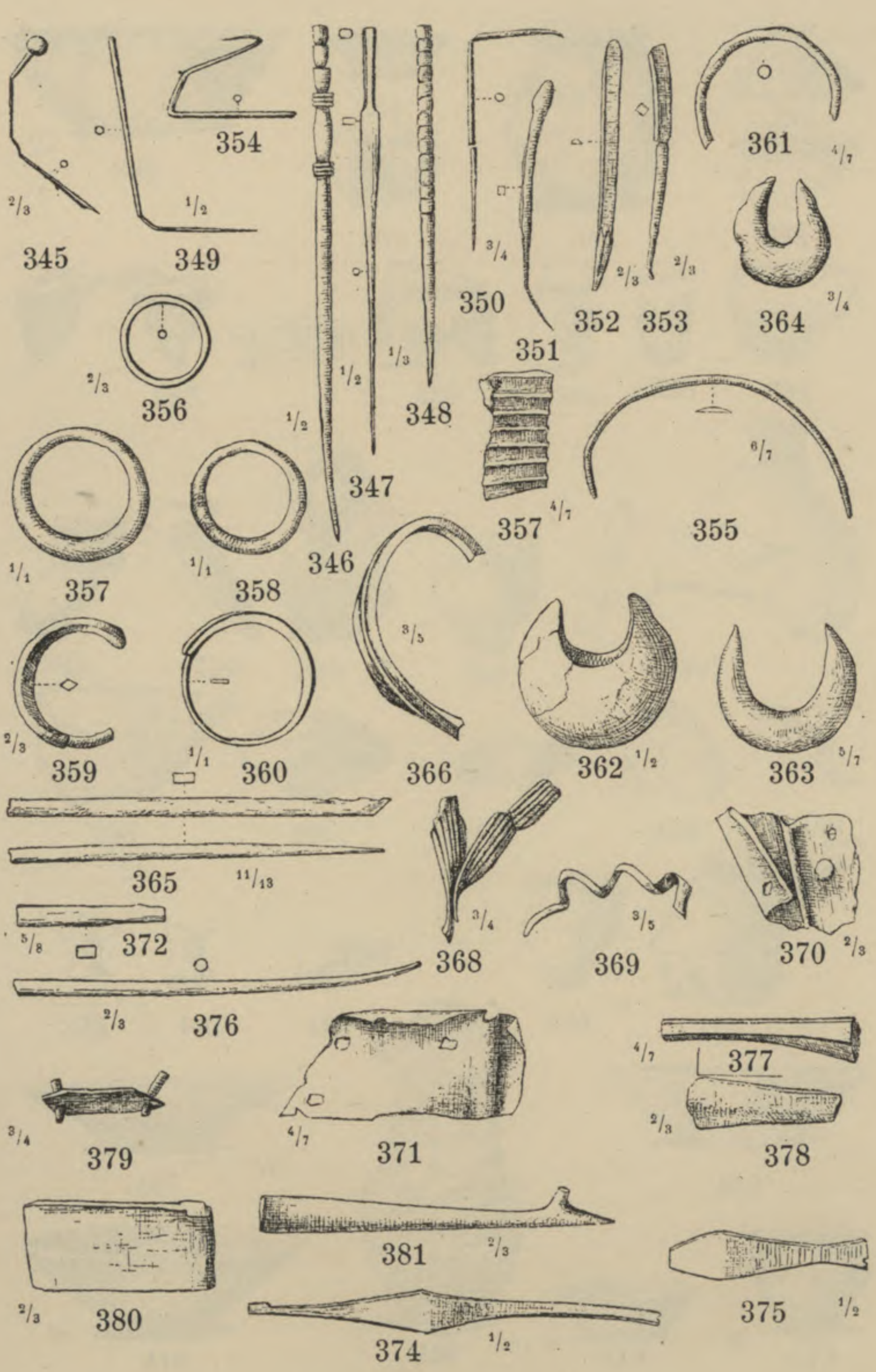
319

Planalto do Crasto

B.N.



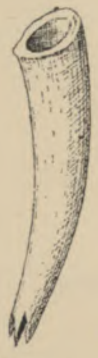
DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DO CRASTO



DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DO CRASTO

DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DO CRASTO

DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DO CRASTO

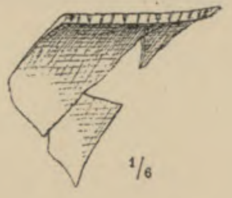

456

1/3
457

1/2
458

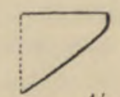
4/10
459

1/2
466

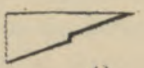

1/6
467

1/7
453

1/6
468


1/5
469

1/7
454


1/4
470

1/6
471

1/5
472

1/4
473

1/4
474

1/5
475

476

DA ESTAÇÃO PRÉ-ROMANA DO CRASTO

BN

O POVEIRO

ESTUDO ANTHROPOLOGICO DOS PESCADORES DA POVOA DE VARZIM

De entre as populações que debruam o litoral do paiz destacam-se dois nucleos importantes conhecidos por denominações proprias: o *Poveiro* da Povoa de Varzim e o *Varino* de Ovar. Estes dois agrupamentos de gente piscatoria, com os seus trajes e costumes tradicionaes e inconfundiveis, e cujos representantes se mostram sempre nas nossas cidades á beira-mar, para onde emigram, exercendo o seu mistér de pescadores ou de vendedeiras de peixe, teem chamado sobre si as attenções dos que os visitaram e conheceram, tecendo-lhes nos seus livros as descripções mais phantasiosas e enthusiasticas sobre as suas origens, typo ethnico e belleza do seu elemento feminino. Isto era de molde a despertar a minha curiosidade de anthropologista, e desde muito que desejava fazer o estudo d'essas interessantes colonias piscatorias, de origens tão remotas, e deduzir-lhes, pelos methodos scientificos, a composição ethnica.

Graças ao convite do meu velho amigo e camarada de redacção Rocha Peixoto, que tão devotado e prestante tem sido para a sua terra natal, pude emfim applicar a minha investigação anthropometrica em 150 homens e 65 mulheres da classe pescadora da Povoa de Varzim, n'uma campanha scientifica que realisamos em setembro do anno findo.

Para este estudo sobre o *Poveiro* concorreram tambem dedicadamente os srs. Arthur Cruz, Santos Graça, tenente Francisco de Padua e alferes Adelino de Castro, já resolvendo as difficuldades que este genero de estudos sempre acarreta, já prestando-me esclarecimentos de toda a ordem para o bom exito dos meus trabalhos. A esses, pois, e ao distincto photographo-amador sr. José Calheiros, que de tão amavel auxilio me foi na obtenção das provas photographicas que figuram n'esta memoria, patenteio aqui o meu vivo e caloroso agradecimento.

Os pescadores poveiros agglomeram-se na orla d'uma pequena bahia ou angra que define uma parte do sinuoso contorno maritimo da região onde assenta a villa da Povoa de Varzim, o mais importante centro piscatorio e a praia de banhos mais concorrida e dilecta da provincia interamnense, demorando a 6 leguas ao norte da cidade do Porto (fig. 1). Constituem uma grande colonia habitando o denso casarío que forma, a sudoeste, o bairro mais populoso da villa, contendo approximadamente 1:200 casas de

alvenaria. O typo d'estas habitações é terrea, de 3 a 4 metros de frente por 6 a 7 de fundo e de $2^{m},5$ a 3 de altura, subdividindo-se em 2 ou 3 compartimentos internos, e recebendo luz por uma porta ou por uma porta e uma janella [1].

A alimentação do pescador compõe-se quasi exclusivamente de borôa de milho, caldo de legumes, peixe fresco, salgado ou secco em casa, e farta porção de vinho, se o póde comprar; e quando na agua, no uso da sua profissão, serve-se do farnel — a *cesta* — que transporta no barco e que a mulher lhe confeccionou para a viagem.

O seu traje caracteristico consiste, no homem (fig. 2), em calça, collete e casaco de *varas,* de uma lã grosseira, beirã, de côr azul ou branca e a que lhe dão aquelle nome por se vender ainda, a desejo do pescador, pela velha medida, camisa, entre esta e o collete uma camisola de lã ordinaria e a facha. Geralmente anda descalço, usando comtudo, por vezes, sócos ou chinellos de coiro ou liga. Cobria-lhe outr'ora a cabeça a carapuça ou *catalão,* como usaram os pastores e pescadores do litoral mediterranico, hellenos, etruscos e romanos e como ainda hoje se vê nos italianos e gregos [2]; porém, vae desapparecendo por completo, substituída pela boina hespanhola.

Fig. 1 — Litoral poveiro
Da carta topographica de Portugal
Esc.: 1 : 100.000

A mulher (fig. 3) veste casaco e saia de lã grosseira, lenço de chita, calçando sócos, sendo rarissimo o uso de meias. Cobria-se ainda com uma saia de melhor fazenda e escura que lhe servia de manto e que cahiu quasi em desuso, sendo substituída agora pelo chale do commercio. Este costume da saia servindo de cobertura teem ainda hoje as mulheres da Serra de Arga e povoações adjacentes, Estorãos e S. Lourenço, como observou Rocha Peixoto [3].

A unica occupação do *Poveiro* é a da pesca maritima no alto mar, emquanto os seus visinhos de Abremar e Lavra, occupando-se especialmente da agricultura, exercem subsidiariamente a pesca em pequenos barcos e proximo da costa.

«Quer em Bouças, quer em Villa do Conde, a pesca sempre teve um caracter apenas subsidiario da principal occupação maritima dos seus habitantes — a navegação. A pesca era e é ainda (embora essa navegação se possa dizer extincta) a aprendizagem ou a reforma dos marinheiros e moços de bordo. Na Povoa o caso é outro.

«Acha-se ahi uma verdadeira colonia de gente pescadora por tradição e officio exclusivo. A navegação, emquanto a havia, recebia o excesso de creação d'essa gente prolifica, mas o pescar era e é o modo de vida do geral dos homens. Nascem, vivem e morrem pescadores...» [4].

---

[1] *Inquerito industrial de 1890,* pag. 114.

[2] Rocha Peixoto, *O traje serrano,* in *Portvgalia,* pag. 378, fasc. 3, t. II. Porto, 1907.

[3] Ob. cit., fig. 12 *b,* pag. 376.

[4] [Oliveira Martins], *Relatorio do inquerito industrial do Porto,* pag. 20. Porto, 1881.

Mareantes sabedores e arrojados percorrem o Atlantico desde as alturas de Lisboa até para além do Cabo Ortegal. N'uma das sessões anthropometricas um pescador contou-me que tinha um irmão casado em Bordeus, onde tem ido vel-o no seu barco.

N'esta extensão oceanica o pescador da Povoa conhece todos os pontos e accidentes da costa, todos os bancos e bons lugares de pesca. O *Mar da Pedra,* a 5 leguas de distancia, tem, a 18 braças de profundidade, uma extensa rocha de 2 leguas de largura, que começa na costa da Galliza e ultrapassa na direcção de NNO para SSO, a barra do Tejo; o *Mar Novo,* a 10 leguas a OE da Villa da Povoa de Varzim, é um lugar frequentado pelo poveiro, bem como o *Mar das Gatas* a SO, 10 leguas; e mais proximo, uma legua antes do Mar da Pedra, elle vae pescar o congro no sitio que denomina *Limpo.*

Pelas alturas de Caminha, de Vianna, do Porto, de Espinho e de Aveiro, vêem-se, lá longe, no mar, em dias de claro azul, pairar os grandes latinos da frota poveira de 600 barcos [1] guarnecidos, os de grande porte para a pesca do alto, de 20 a 30 remadores, e com 4 a 6 homens os pequenos que exercem a pesca junto da costa. Quantas vezes são surprehendidos pelo temporal que os faz correr para os portos mais proximos onde arribam, ou os arroja desastrosamente sobre a penedía da costa! Dizia, nos fins do seculo XVIII, o illustre economista Constantino Botelho de Lacerda Lobo [2]:

«Estes são, pois, os mais industriosos e peritos na sua arte, que tem toda a costa do Minho; huns occupam-se em todo o genero de pescarias, indo procurar o peixe em diversos tempos do anno, a sitios que ficam a 10 e 12 leguas distantes da Povoa; outros empregão-se sómente na pesca da faneca, ruivo, congro e sardinha em tempo competente.»

De regresso á terra o poveiro entrega á mulher, que é a principal administradora da sua casa, o peixe para vender e as rêdes para beneficiar. Cessou a sua obrigação; em terra repousa; só no mar é que labuta. Estes verdadeiros homens do mar são, no emtanto, bondosos e d'uma grande simplicidade de vida.

Sobre a duna e a attestar a sua profunda religiosidade, ergue-se, junto do casarío piscatorio, a capella da Senhora da Lapa, administrada pela Real Irmandade de Nossa Senhora da Assumpção, que em 1791 substituiu a Confraria de Nossa Senhora da Lapa, amparo dos homens do mar, fundada em 1761.

Dos *Estatutos de compromisso da irmandade da corporação dos pescadores d'esta villa da Povoa de Varzim,* approvados por alvará de 21 de fevereiro de 1791, transcrevo o curioso capitulo I, que define nitidamente a condição profissional do pescador:

«Para ser admittido como irmão é necessario ser actual pescador de bons costumes e maior de 14 annos, ter domicilio na villa e freguezia ou ao menos nos lugares contiguos a ella; ter exercido a pescaria na villa por espaço de 4 annos continuos e immediatamente anteriores á data da acceitação. É considerado pescador todo aquelle

---

[1] O numero de barcos matriculados na Delegação maritima da Povoa de Varzim era, no mez de novembro ultimo, de 684.

[2] *Memorias sobre algumas observações feitas no anno de 1789, relativas ao estado da pescaria na provincia de Entre Douro e Minho,* in *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* t. IV, pag. 400. Lisboa, 1812.

que sem dolo, nem malicia se empregar no exercicio da pescaria levando a sua vida por este emprego e arte, ao menos a maior parte do anno. Acceite o pretendente, presta juramento aos Santos Evangelhos de cumprir o que pelos estatutos lhe é ordenado.»

Fig. 2—Trajo do poveiro

Todo este trato de terreno á beira Atlantico, que vae desde o Ave ao Cavado, de Villa do Conde a Espozende, tendo de permeio a Povoa de Varzim, foi desde os tempos prehistoricos densamente habitado. As *mamuínhas* de Laundos e, mais para o interior, a *anta* do Folão, os machados de pedra polidos encontrados junto de Fornello, os numerosos *castros* que cobrem todas as alturas de certa importancia estrategica, como os de Santa Clara, Retorta, Santagões, Castello, Touguinha, Laundos, Nabaes e outros com as suas duas *cividades* de Terroso e de Bagunte e ainda os vestigios de habitações espalhadas sob os areaes das praias de Lavra, Povoa, Mós e Abremar, attestam a permanencia de sociedades humanas neolithicas, luso-romanas até hoje. Era uma parte da *Ophiusæ frons* de Avieno, que os oestrymnios habitaram, e cujos montes fortificados os ligures e os draganes defenderem ao lado dos seus visinhos do sul, os cempses e os saefes [1].

Assim como hoje nós vemos da costa perpassar pela estrada oceanica os navios que veem dos lados da Mancha em demanda dos nossos portos e do estreito de Gibraltar e vice-versa, transportando viajantes e mercadorias, assim tambem aquelles antigos habitantes deveriam ter visto sulcar o mar que banhava Ophiusa, as embarcações tartessias, tyrias e carthaginezas que iam trocar pelos productos naturaes do occidente europeu os que ellas transportavam da civilisação mediterranica. E esse commercio era activo ao longo da nossa costa, por essa grande estrada maritima dos metaes preciosos do estanho, da prata e do chumbo, extrahidos das Cassiterides e dos territorios dos artabros, dos callaicos e d'além Pyrineus.

Não era só na costa oriental da nossa peninsula que existiam colonias e feitorías phenicias, mas tambem na occidental. Nem se podia comprehender que esse povo semita, eminentemente commerciante e navegador, não tivesse, sobre o extenso litoral da velha Ophiusa, d'essas estações suas, junto dos portos onde convergiam os productos indigenas vindos do interior do territorio interduramnense. Eram pontos intermedios, *étapes* necessarias da sua extensissima linha commercial que ia do extremo oriental do Mediterraneo até ao norte do Atlantico, para as embarcações phenicias ou punicas refrescarem ou carregarem esses productos. Foi, pois, com os habitantes d'esta

[1] Festus Avienus, *Ora maritima*, estudo e interpretação de Martins Sarmento, pag. 76 e segs. Porto, 1906.

parte da Iberia, que nos interessa, que os tyrios e depois os carthaginezes travaram relações commerciaes [1].

«A costa foi ahi, desde eras archaicas, frequentada e habitada, tal como é hoje, por innumeras povoas litoraes» [2].

«C'est à n'en point douter, l'existence de ces mines (d'ouro, prata e estanho) voisines de celles de l'Espagne, qui avaient attiré les Phéniciens et les Carthaginois dans ces parages, et qui les avaient décidés à y fonder des comptoirs ou des établissements commerciaux...»

Fig. 3
Traje da poveira (quasi em desuso)

«C'est aussi probablement dans les *emporium* de ces villes qu'ils se procuraient l'étain que recueillaient les Artabres et les Calaïques dans la partie nord'ouest de l'ancienne Ibérie, aujourd'hui la Galicie» [3].

«Quando Ezechiele (586 a. Cr.) lo promina (o estanho) fra i metalli che la merciaia Traschich manda su mercati di Tiro puó darsi che egli alluda allo stagno che veniva preso nella Lusitania i nella Galizia» [4].

«Au contraire il est certain que, pendant la période carthaginoise des navires partis de Gadès allaient chercher les cuirs et les métaux dans un archipel que l'on appela Cassiterides ou îles de l'étain. En échange ils y livraient aux indigènes du sel, des vases et des armes de bronze, ainsi que des poteries...»

«Il s'y était creé des marchés où les habitants des grandes terres voisines pouvaient aisement apporter les denrées qu'ils désiraient céder aux trafiquants étrangers. Ce commerce de l'Atlantique était un monopole, pour le mettre à l'abri de toute concurrence, point de précautions que ne prissent les carthaginois. Leurs pilots gardaient jalousement le secret des vents, des courants et des mouillages...» [5].

Não se ignora ainda que uma das grandes industrias lucrativas e prosperas dos phenicios era a pesca e a salga da sardinha, da pescada, do atum e outras especies marinhas que tornou florescentissimas as colonias da costa iberica, Gadira, Sexti, Carthagena e Malachath [6].

«I Fenici sono cananei che piantarono le loro sedi sulla costa del mare ricco di pesci» [7].

---

1 Martins Sarmento, *Ora maritima*, de F. Avienus, pags. 52, 76 e 79; Alberto Sampaio, *Povoas maritimas*, in *Portvgalia*, t. II, pags. 215 e 218. Porto, 1907.

2 Ricardo Severo, *O Thesouro de Laundos* (Sep. da *Portvgalia*, t. II), pag. 4. Porto, 1907.

3 Bargés, *Recherches archéologiques sur les colonies phéniciennes établies sur le littoral de la Celtoliguria*, pag. 141. Paris, 1879.

4 R. Pietschmann, *Storia dei Fenici*, pag. 365. Milano, 1899.

5 Perrot et Chipiez, *Hist. de l'art dans l'antiq.*; t. III, *Phénicie-Cypre*, pags. 48-49. Paris, 1885.

6 Bargés, ob. cit., pag. 146.

7 Pietschmann, ob. cit., pag. 149.

Por certo que uma estação tão rica em pescado como era o mar da actual Povoa de Varzim, centro, além d'isso, d'uma região povoadissima, não teria escapado aos phenicios, os quaes ainda aproveitariam as qualidades piscatorias e navegadoras dos œstrymnios da Ophiusa que, segundo Estrabão, já percorriam audaciosamente o Atlantico nas suas barcas de couro, tendo ensinado aos tartessios, e depois aos phenicios, a estrada commercial para as ilhas do estanho [1].

Fig. 4
Louro caracteristico, de alta estatura
Typo nordico. Frente

E só assim se póde explicar o encontro do elemento semita, certamente phenicio, na mestiçagem do actual pescador poveiro, como adeante mostrarei.

A estação proto-historica de Santa Olaya, magistralmente explorada pelo nosso querido e insigne archeologo Santos Rocha, que n'ella descobriu uma forte influencia punica, era um d'esses entrepostos commerciaes da velha Ophiusa [2]. E esse outeiro cercado pelas aguas do mar que entravam pela barra do Mondego fôra um verdadeiro ilheu, em cujo planalto se agglomerou e sobrepoz o casarío das tres velhas povoações proto-historicas, n'uma disposição topographica semelhante aos centros phenicios de Tyro, Arados e Gadira.

A 4 kilometros a NE da Povoa de Varzim demora a *cividade* de Terrozo, que foi recentemente explorada por Rocha Peixoto e José Fortes. Estes affirmaram-me ter notado no mobiliario recolhido umas contas e braceletes de presumivel proveniencia phenicia, o que vem fortificar o meu asserto.

Sabe-se que, apoz a destruição de Carthago, os romanos utilisaram-se do commercio e da industria phenicias nas suas colonias do norte d'Africa e da Iberia.

«Les anciennes populations phéniciennes doivent entrer aussi en ligne de compte. Il est très probable à priori qu'elles n'ont pas entièrement disparu sous les flots divers des invasions. Il est certain que les romains ne les troublèrent pas. Kartage détruite, les emporia de la côte se soumirent et continuèrent à prospérer sous la domination romaine» [3].

No sub-solo da actual villa da Povoa teem apparecido restos de habitações do periodo lusitano-romano, como os do *Alto de Martim Vaz,* estudados cuidadosamente pelo nosso collega José Fortes, o qual quer ver, n'esse conjuncto de paredes derruídas e no mobiliario encontrado, uma *villa urbana fructuaria* e *rustica,* que um dos proceres da *cividade* de Ter-

Fig. 5
Dolichocephalo, hyperleptorrhinio
O mesmo. Perfil

---

[1] Martins Sarmento, ob. cit., pags. 79 e 95.

[2] Santos Rocha, *Estações pre-romanas da idade do ferro nas visinhanças da Figueira.* Parte 1.ª, *Santa Olaya,* in *Portvgalia,* t. II, pag. 311 e segs. Porto, 1907.

[3] R. Collignon, *Étude sur l'ethnographie générale de la Tunisie,* pag. 340.

rozo fundára [1]. Porém, quer-me parecer que as ruinas de Martim Vaz representam apenas uma parcella da proto-historica povoação maritima dos velhos œstrymnios que exerciam a industria da pesca e da salga de peixe sob o regime phenicio que d'ella fizera possessão sua. Se se tivesse podido continuar com a exploração archeologica por sob o pavimento das ruas actuaes da villa, por certo que se encontrariam mais ruinas da antiquissima Povoa, como já aconteceu na Rua da Junqueira. Coexistira esse povoado e seu porto com os dos *castros* e *cividades* lusitanas dos arredores, servindo-lhes de entreposto commercial, com os grandes centros civilisadores da bacia mediterranica e do norte do Atlantico.

Fig. 6
Louro caracteristico. Typo nordico
Frente

E essa industria e esse trafego duravam ainda no seculo XIII da nossa era. Então á Povoa velha succedera, sobrepondo-se-lhe, a *Poboa Noua de Varazim,* a cujas cincoenta e quatro familias D. Diniz outhorgou a carta de fôro que o eminente historiador Alberto Sampaio em primeira mão publicou [2]. Estas familias, na sua quasi totalidade pescadoras, continuaram a manter os mesmos predicados dos seus antepassados remotos, fortalecidas ainda por um outro elemento ethnico — o nordico navegador — que veio produzir o *facies* notavel do typo mestiço do poveiro actual.

«Avaliando pelas suas determinações, a pesca era um trabalho culminante; fazia-se no rio e no mar; na agua dôce pescavam-se as especies actualmente exploradas; no mar acontecia o mesmo, accrescendo ainda a pesca da baleia!! Os pescadores não se limitavam a explorar a costa portugalense; demandando a Galliza, para onde os levavam talvez as suas relações ethnicas, iam exercer alli a sua industria. Por lá se demoravam muito tempo, pois desembarcavam e tomavam pousadas em terra. Á medida que colhiam o peixe — a pescada, segundo parece, salgavam-a e remettiam-na em caravellas. O uso do peixe salgado entre nós, vê-se, remonta a tempos bem antigos» [3].

Fig. 7
Dolichocephalo, leptorrhinio
O mesmo. Perfil

Então a população poveira importava sobretudo tres productos essenciaes para o seu viver: pão, sal e vinho, consoante reza o foral de D. Diniz.

O trafego maritimo de 1253 ainda era com os paizes do norte da Europa, a Inglaterra, Flandres, Hollanda e França e com o norte da Africa, a Berberia [4], isto é, com as duas regiões d'onde vieram

[1] José Fortes, *Restos d'uma villa lusitano-romana,* pags. 14 a 43. Porto, 1905.

[2] Alberto Sampaio, *A Bajlya da Poboa Noua de Varazim.* (Ed. Rocha Peixoto). Porto, 1907.

[3] Idem, *O Norte maritimo,* in *Revista de Portugal,* vol. II, pag. 595. Porto, 1890.

[4] Idem, *O Norte maritimo* cit., pag. 594.

as principaes influencias ethnicas na mestiçagem da população pescadora poveira: o *Littus saxonicum* e a costa sul do Mediterraneo onde os velhos tyrios fundaram a legendaria Carthago.

Toda essa navegação commercial, essa cabotagem importante, desappareceram por completo, não restando já na memoria da gente da terra; ficou, sim, a industria da pescaria, sempre activa e rendosa, destacando-se na costa maritima do norte do nosso paiz.

O sr. Manuel Silva, notario e distincto investigador povoense, forneceu-me obsequiosamente as seguintes interessantes informações que traslado na integra:

Não resta duvida alguma sobre a constituição do primitivo estrato da população da Povoa, nos tempos em que foi outhorgada a carta de foro: — o pescador exclusivamente.

Fig. 8 — Loura caracteristica
Frente

Fig. 9 — Typo nordico
A mesma. Perfil

Nos fins do seculo XVIII ainda era vulgar a residencia do pescador para o lado nascente da Villa e em logares e ruas que hoje são habitados por outras classes, como agricultores, proprietarios, artifices, etc. [1]. Começou indiscutivelmente n'esse seculo o deslocamento do pescador para poente e sul, constituindo-se n'este ponto o bairro actual, propriamente reservado aos pescadores, sendo d'essa epocha (1770) que data a construcção da capella da Lapa, para onde transferiram a imagem que se encontrava na capella de S. Roque [2].

O pescador tem vivido sempre socialmente adstricto a esse bairro (sul) e a parte do bairro norte, demarcados approximadamente pelo molhe supposto com prolongamento pela rua Tenente Valladim até á rua da Ribeira, por esta, largo de S. Roque, rua do Pelourinho, etc. Esse isolamento foi naturalmente um obstaculo á penetração por outras classes da villa, mesmo as mais identicas em condições de vida, ou antes, de recursos financeiros. Ainda é de muito poucos annos o termo da desconfiança rude de todos os pescadores para com a gente chamada da *terra* e que os mais broncos alcunhavam de *peixes de coiro*.

Assim a evolução dos appellidos foi, desde a carta de foral até agora, extremamente lenta e muito reduzida. São 54 os nomes inscriptos n'essa carta; mas ha appellidos repetidos, o que denota parentesco proximo entre os seus portadores: — Joannes, Martins, etc. Decorrido o lapso de 561 annos ainda apparecem agora em uso, entre a classe, estes: = Fernandes = Cação, como alcunha = Potrica [3] = Cadeli, transformado em Cadilhe = Ribeiro, actualmente como appellido = Martins = Picão, alcunha = Netto = Maio = e = Mouro. É de notar que os nomes do foral conteem *só um appellido* precedido do nome do baptismo.

---

[1] Notas n.os 67 e 68 dos tabelliães Antonio Monteiro Salgado e João de Castro Guimarães, no archivo do notario Manoel Silva. *Passim*.

[2] Escriptura de 18 de março de 1770 a fls. 11 da nota n.º 54 do tabellião Luiz Machado de Barros Villas-Boas, no archivo do notario Fiuza da Silva.

[3] Na fig. 10 representa-se um dos descendentes actuaes d'esta familia. — Dos Maios subsistem numerosos representantes, contando-se entre elles o já fallecido «Cego do Maio», tão justamente celebrado pelos innumeros e heroicos salvamentos em naufragios.

Em 1770 os principaes mestres e marinheiros firmaram o compromisso de, per si, successores e bens, contribuírem para a edificação, fabrica e patrimonio da capella da Lapa; e no respectivo titulo ou escriptura d'obrigação appareceram mencionados 53 individuos, cujos nomes constam, em geral, de dois appellidos seguindo ao nome do baptismo. Quasi todos resultam da combinação dos appellidos do foral ou d'esses com novos: — Antonio Fernandes Pinheiro, João Fernandes Troina, Ignacio Rodrigues Maio, José Fernandes, etc. [1].

Os nomes actuaes são, em regra, constituídos com dois appellidos e, mais raramente, com tres, sendo o distinctivo entre dois nomes eguaes a palavra Novo equivalente a Junior. Predominam actualmente os appellidos seguintes: — Maio, Regufe, Rodrigues, Fangueiro, Silva, Almeida, Pinheiro, Magdalena, Graça, Cancella, Pinto, Marques, Pereira, Frasco, Castro, Trocado, Dourado, Santos, Ramos, Ribeiro, Gonçalves, Fernandes, Martins, Areias, Troina, Matta, Pontes, Couto, Cucello, Ferradeira, Neves, Cadilhe, Capellão, Nunes, Craveira, Moreira, Alves, Vianna, Christello, Cazeira, Rajão, Moça, Lazera, etc. [2].

Fig. 10 *
Olhos pardos, cabello escuro e bigode ruivo
Mestiço do typo nordico
com o brachycephalo. Frente

As mulheres nenhum appellido usam e só dois nomes proprios seguidos, assim: de Jesus, da Hora, da Conceição, da Assumpção, etc.

Observa-se o costume do nome do pae ser usado só pelos filhos e o da mãe pelas filhas; e este facto ainda mais contribue para a limitada combinação dos appellidos.

Fig. 11
Mesaticephalo-dolichoide, brachypsida,
mesorrhinico
O mesmo. Perfil

N'estes factos apontados pelo sr. Manuel Silva mostra-se tambem a resistencia tenaz da classe piscatoria á penetração de elementos extranhos, dando-se n'ella assim uma endogamia que tornou mais intima a fusão dos differentes caracteres somaticos das suas raças fundamentaes, como se verá.

No estudo anthropometrico que vae seguir-se incluo os logares da Poça da Barca e das Cachinas, os quaes, apezar de pertencerem administrativamente ao concelho de Villa do Conde, devido a um capricho insensato de politica, pertencem ethnicamente á mesma população piscatoria poveira. E tal é essa affinidade ethnica que a gente d'esses dois logares usa de todos os subterfugios para fugir ás imposições administrativas de Villa do Conde, ligando-se teimosamente ao bairro poveiro d'onde, aliás, nunca deveria ter sido separada.

¹ Citada escriptura de 18 de março de 1770.

² A existencia d'estes appellidos, bem como a dos que no foral mencionada foi, em confronto com aquelles, documenta-se com varias escripturas nas notas actuaes, e com o recenseamento eleitoral para o anno de 1907.

* Chama-se Antonio Potrica e descende de um dos primeiros habitantes da Povoa, mencionado no foral de D. Diniz.

A população poveira era, em 1720, de 1:092 habitantes; em 1851, de 8:758 [1]; em 1889, de 6:336 [2] pescadores d'ambos os sexos; em 1905, de 5:900 e em novembro do anno findo, de 6:000, approximadamente. Tomando por media este ultimo numero e comparando-o com o dos 215 individuos observados, vê-se que a série estudada é sufficiente para a deducção exacta dos seus typos ethnicos.

ESTUDO GERAL DA CABEÇA

CARACTERES DESCRIPTIVOS. — A CÔR — A simples inspecção do quadro da côr mostra-nos quanto é intima a fusão de um elemento louro com o moreno. Assim, ao passo que na população minhota [3] este elemento excede 64.0 %, no poveiro esse excesso não vae além de 31.6 %, o que indica um maximo de mestiços louros. E, de facto, esses mestiços, na côr dos olhos e do cabello, patenteiam-se quasi no dobro dos da população minhota confinante. Mas ainda resalta mais essa influencia loura no poveiro, se notarmos que, na classe dos medios, os olhos verdes e os cabellos louro-cendrados entram na seguinte percentagem: ♂ 14.7, ♀ 12.3; cabellos louro-cendrados ♂ 14.7, ♀ 18.5. Essa influencia é, pois, *grosso modo*, de 30 %, muito mais forte do que a da população minhota.

Na *côr da pelle* esse predominio ainda se accentúa mais: os individuos de pelle rosea (n.º 25 da Escala chromatica de Broca) [4], exclusiva da gente nordica, apresentam-se sobre os morenos de pelle branca-mate (n.º 26) com mais de 70 %.

Quadro da percentagem da côr

Numero de observações	Populações	Côr dos olhos			Côr dos cabellos					Semi-somma dos olhos e cabellos		Excesso do typo moreno sobre o louro	Côr da pelle	
		Claros	Medios	Escuros	Ruivos	Louros	Medios	Escuros	Negros	Escuros	Claros		Rosea — N.º 25 da Esc. chr. de Broca	Morena — N.º 26 da Esc. chr. de Broca
150 ♂...	Poveiros .	19.3	**48.7**	32.0	2.7	6.7	30.7	**46.7**	13.2	**45.9**	14.3	31.6	**77.3**	22.7
65 ♀...	Poveiros .	24.6	26.1	**49.3**	–	13.9	36.9	**46.2**	3.0	**49.2**	19.2	30.0	**72.3**	27.7
110 ♂...	Minhotos.	10.9	18.2	**70.9**	1.9	4.5	19.1	**63.6**	10.9	**72.7**	8.7	64.0	–	–

Ainda para pesar mais essa influencia nordica, costumo tomar nota das *ephelides* ou *sardas*, que se manteem e transmittem tenazmente n'uma mestiçagem, accusando, sobretudo, o typo ruivo de que ellas são parte caracteristica [5]. Pois bem: esse impor-

[1] PADRE JOSÉ JOAQUIM MARTINS GESTEIRA, *Memorias historicas da villa da Povoa de Varzim*, pag. 71. Porto, 1851.

[2] *Inquerito industrial de 1890*, pag. 114.

[3] FONSECA CARDOSO, *O Minhoto d'Entre o Cavado e Ancora* (Sep. do t. I da *Portvgalia)*, pag. 18. Porto, 1899.

[4] *Instructions pour les recherches anthropologiques à faire sur le vivant.*

[5] FONSECA CARDOSO, ob. cit., pag. 19.

tante caracter descriptivo, que convem notar sempre com cuidado nas observações anthropologicas no vivo, entra no poveiro com a seguinte percentagem, muito superior á do minhoto e condizendo com a da côr dos olhos e dos cabellos:

Ephelides

Poveiro . 150 ♂	37.3
Poveiro . 65 ♀	55.3
Minhoto — 110 ♂	10.0

E accrescentarei ainda, para maior confirmação, que na série poveira observei 48 homens com bigode louro ou ruivo, ou sejam 30 %.

Fig. 12 — Mestiço do typo brachycephalo com o dolichocephalo moreno
Frente

Fig. 13 — Moreno, mesaticephalo-brachyoide, mesopsida e leptorrhinio-moderado
O mesmo. Perfil

Destaca-se, pois, evidentemente a conclusão de que na colonia piscatoria da Povoa de Varzim o typo louro entra na sua mestiçagem com o influente numero de 30 %.

Outro facto accusa o quadro da côr no grupo das mulheres: o predominio dos olhos escuros sobre os claros e medios, o que dá logar a suppôr, para explicar esta maioria, que se deu uma maior afluencia de mulheres indigenas morenas.

Fórma do nariz — Apezar de o numero de narizes rectos ser mais forte no respectivo quadro, nota-se: 1.°, que no poveiro a percentagem dos convexos é tres vezes mais forte e a dos concavos duas vezes menor que no minhoto; 2.°, que nas mulheres predomina a fórma recta e accentúa-se a convexa, sendo minima a concava.

Quadro do perfil do nariz

Populações	Concavos	Rectos	Convexos
Poveiro . 150 ♂	12.7	44.6	44.6
Poveiro . 65 ♀	7.7	60.0	32.3
Minhoto — 110 ♂	21.8	65.0	12.7

Como sabemos que a raça dolichocephala-morena indigena no nosso paiz é caracterisada pelo nariz recto [1] e que a fórma convexa pertence sobretudo á nordica ou

[1] Fonseca Cardoso, ob. cit., pag. 20.

loura, infere-se que sobre a colonia poveira influiu fortemente uma emigração nordica. E no agrupamento das mulheres nota-se o mesmo phenomeno que para a côr dos olhos, isto é, que o elemento feminino indigena prevalecía.

Ainda tenho a observar que nos narizes convexos ha a destacar a fórma aquilina semitica, que observei na população poveira, ligada sempre a typos morenos e de olhos rasgados em amendoa nas mulheres. A fórma aquilina d'este typo oriental entra n'uma percentagem menor de 5 %, é certo, mas bem frisante.

A estes caracteres descriptivos tenho a juntar os labios finos, bem delineados e os dentes pequenos, muito egualmente unidos nos maxillares, onde brilha a intensa alvura do seu esmalte.

Caracteres anthropometricos. — o indice cephalico — Este indice é, na media, de 77.3 ♂ e 77.5 ♀ ou dolichocephalo, variando de 83.4 a 70.0 nos homens e de 83.9 a 72.1 nas mulheres, denotando uma cabeça mais longa que a do minhoto, cujo indice é 78.1 ou mesaticephalo. Este facto resalta no quadro da seriação, onde se nota uma influencia minima de cabeças brachycephalas; e, com effeito, ao observar nas

Quadro da seriação do indice cephalico a uma unidade

Indices	Poveiro		Minhoto
	150 ♂	65 ♀	110 ♂
65	-	-	-
66	-	-	-
67	-	-	-
68	-	-	-
69	-	-	0.9
70	1.4	-	-
71	1.4	-	0.9
72	2.0	1.5	3.6
73	2.7	-	0.9
74	6.0	4.6	2.7
75	10.6	12.8	11.8
76	15.3	13.8	10.0
77	14.7	**15.4**	13.6
78	**20.0**	**15.4**	**17.2**
79	12.0	12.4	14.5
80	6.0	15.4	9.1
81	6.5	4.6	5.6
82	.7	3.0	1.8
83	.7	-	3.6
84	-	1.5	-
85	-	-	0.9
86	-	-	0.9
87	-	-	-
88	-	-	-
89	-	-	1.8

sessões anthropometricas os individuos que ia mensurando, debalde eu procurei um brachycephalo nitido. Já no grupo das mulheres essa influencia é mais accentuada, marcando a sua seriação e agrupamentos um logar intermedio entre o homem poveiro e o minhoto. Isto indica que sobre uma população preexistente, já mestiçada com a fusão

das duas raças neolithicas, dolichocephala e brachycephala, actuou um elemento forte dolichocephalo, o qual sabemos ser, pelo estudo já feito dos caracteres descriptivos, o nordico.

Agrupamentos do indice cephalico

Nomenclatura	Poveiro		Minhoto
	150 ♂	65 ♀	110 ♂
Dolichocephalos (77 para baixo).....	**54.1**	47.7	44.5
Mesaticephalos (78 a 81)...........	44.1	**47.8**	**46.4**
Brachycephalos (82 para cima)......	1.4	4.5	9.1

Indices verticaes — Estes dois indices veem confirmar o que acabamos de expôr. A uma população dolicho-platycephala veiu juntar-se uma outra dolicho-hypsicephala, a qual faz sobresahir no quadro dos agrupamentos a população poveira, embora semelhantes, nos seus indices medios, ao minhoto. O *indice vertico-longo* é no poveiro, para os dois sexos, de 66.3 e no minhoto de 66.1; o *vertico-transverso*, respectivamente, de 85.3 ♂ e 85.5 ♀ e no minhoto de 85.0.

Fig. 14
Olhos claros, cabello escuro, pelle rosea, rosto largo e alta estatura
Dolichocephala, leptorrhinia. Frente

Fig. 15
Mestiça do typo nordico com o dolichocephalo moreno
A mesma. Perfil

Agrupamentos dos indices verticaes

INDICE VERTICO-LONGO				INDICE VERTICO-TRANSVERSO			
Nomenclatura	Poveiro		Minhoto	Nomenclatura	Poveiro		Minhoto
	150 ♂	65 ♀	110 ♂		150 ♂	65 ♀	110 ♂
Hypsicephalos (70 p.ª cima)	11.3	20.0	10.0	Hypsicephalos (86 p.ª cima)	**48.7**	**46.2**	**34.9**
Mesocephalos (69–67).....	24.0	29.0	23.6	Mesocephalos (85–83).....	28.7	27.7	31.8
Platycephalos (66 p.ª cima).	**64.7**	**50.8**	**66.4**	Platycephalos (66 p.ª baixo)	22.6	26.1	33.3

Indice anterior — Este indice, que nos dá a fórma da oval anterior do rosto passando pelo vertex, pelo mento e pelos zygomas, varía no poveiro: de 76.7 a 57.5 no homem e de 70.4 a 56.1 na mulher, denotando assim uma profunda e intima mesti-

çagem, que fez tornar o indice medio mesopsida de 63.7 ♂ e 63.3 ♀. Nas duas seriações nota-se, no emtanto, a tendencia para os rostos alongados que se accentúa ainda mais na série feminina. Esta, como acima já observei e expliquei, approxima-se da serie minhota. Notarei ainda, nas fórmas de rosto alongado, as faces escoadas nos zygomas, dando a impressão d'um triangulo, cuja base fica no diametro bi-parietal e o vertice no mento. A este rosto, em ponta para baixo, associa-se quasi sempre o nariz aquilino

Seriação do indice anterior a duas unidades

Indices	Poveiro		Minhoto —
	150 ♂	65 ♀	110 ♂
54–55	–	–	1.0
56–57	–	1.6	1.8
58–59	3.3	9.2	12.7
60–61	13.3	23.0	19.1
62–63	26.5	**27.7**	23.6
64–65	**31.3**	21.6	**26.3**
66–67	14.6	12.3	7.3
68–69	7.3	3.0	6.4
70–71	2.3	1.6	1.8
72–73	–	–	–
74–75	.7	–	–
76–77	.7	–	–

e a côr morena. Este typo semitico, como já indiquei, entra na mestiçagem do poveiro na proporção de 5 a 8 %.

Foi, pois, d'este fusionamento intimo, certamente devido á endogamia mantida tenazmente dentro da colonia piscatoria, que o poveiro apresenta esta mesopsia caracteristica, accentuada pela proeminencia do seu nariz grosseiro e leptorrhinio.

Agrupamentos do indice anterior

Nomenclatura	Poveiro		Minhoto —
	150 ♂	65 ♀	110 ♂
Dolichopsidas (61 para baixo)	20.7	36.9	40.9
Mesopsidas (62 a 65)	**61.3**	**50.8**	**46.2**
Brachypsidas (66 para cima)........	18.0	12.3	12.6

O INDICE FACIAL-mento-ophryaco-byzigomatico vem reforçar o que acabei de expôr quanto ao rosto. Assim, a face no homem poveiro dá-nos um indice de 97.1 e na mulher de 100.0, approximando-se esta do indice do minhoto, 100.0, que mostra uma face menos leptoprosopa que a do poveiro medio. Esta influencia leptoprosopa é manifestada na percentagem de 64.6 ♂ e 56.7 ♀. Nas mulheres a chamæoprosopia entra com 12.6 %, o que fez baixar o seu indice medio, dando 30.7 % de mesoprosopos.

Indice nasal—As variações d'este indice vão de 82.6 a 51.0 nos homens e de 83.0 a 50.9 nas mulheres, ou sejam, *grosso modo,* de 32 unidades, indicativas d'uma grande mescla de dois elementos egualmente fortes, um leptorrhinio e outro mesorrhinico, o que produziu na media um indice leptorrhinio moderado de 66.1 ♂ e de 64.6 ♀. No minhoto, se exceptuarmos o do concelho de Ponte de Lima, o nariz é mais fino 64.2 que o do poveiro, o qual é longo e proeminente, porém de base mais grosseira. Se compararmos os agrupamentos poveiros com o minhoto confinante, notaremos logo que o grupo mesorrhinico apresenta no poveiro uma percentagem dupla da do minhoto; e foi este o moderador da leptorrhinia. Como explicar este phenomeno? Pela mesorrhinia da nossa raça autochtone, pequena, dolichocephala (Beaumes-Chaudes) [1] ou pela mesorrhinia do elemento semita que, como já se viu, entrou na mestiçagem da população piscatoria poveira? A grande maioria dos narizes de dorso longo e convexo sobre os da região minhota parece explicar esta ultima hypothese. Seja como fôr, o que não offerece duvida é que á população neolithica, já mestiça, d'esta parte do litoral interamnense, se veio juntar e mesclar uma outra de fórmas nasaes alongadas e convexas, umas nordicas, outras semiticas.

Fig. 16—Moreno, de alta estatura, nariz longo e convexo Frente

Agrupamentos do indice nasal

Nomenclatura		Poveiro		Minhoto
		150 ♂	65 ♀	110 ♂
Hyperleptorrhinios	54 para baixo..	1.3	3.1	6.5
Leptorrhinios	55–59	12.7	18.5	15.7
	60–64	**27.3**	**33.8**	30.1
	65–69	24.7	24.6	**30.9**
Mesorrhinios	70–74	22.7	13.8	11.0
	75–79	9.3	3.1	3.9
	80–85	2.0	1.5	1.9

Fig. 17—Mesaticephalo-dolichoide, leptorrhinio. É o typo medio do pescador poveiro. O mesmo. Perfil

Angulo facial de Cuvier—Com esta mensuração fecho o estudo cephalometrico do *Poveiro.* Infelizmente, devido á fractura irremediavel do goniometro facial mediano de Topinard no decorrer da

[1] Fonseca Cardoso, ob. cit., pag. 30.

segunda sessão, apenas posso fazer o seu estudo sobre 56 homens e 20 mulheres. Assim, o poveiro é mesognatha com angulos medios de 66°.4 ♂ e 65°.3 ♀.

Sabendo que o typo germanico ou merovingio tem um prognathismo sob-nasal caracteristico, como se vê no typo dos Reihengraber de Hölder [1], e que nós já descriminamos entre a população do valle do Ave [2], prognathismo que contrasta com o

Agrupamentos do angulo facial de Cuvier

Nomenclatura	Poveiro	
	56 ♂	20 ♀
Prognathas (64 para baixo).........	33.9	30.0
Mesognathas (65 a 69)............	**48.2**	**65.0**
Orthognathas (70 a 74)............	12.5	5.0
Hyper-orthognathas (75 para cima)..	5.4	–

quasi orthognathismo do typo humano mediterranico, explica-se a percentagem do grupo prognatha 33.9 ♂ e 30.0 ♀ em notavel concordancia com as dos outros caracteres do typo louro acima expostos e que influiu na mesognathia da população poveira actual.

Proporções da cabeça — Fazendo a comparação das diversas alturas parciaes e diametros da cabeça do pescador com a sua altura total e confrontando as proporções deduzidas com as do minhoto, chega-se ás seguintes conclusões:

Quadro das proporções da cabeça — Altura total da cabeça = 100

Populações	Proporções verticaes				Proporções transversaes								
										Differença com o byzigomatico do			
	Altura ophryaca	Do ophryon á bocca	Do nasion á bocca	Da bocca ao mento	Do transverso maximo	Do frontal minimo	Do biorbitario-externo	Do byzigomatico	Do bigoniaco	Frontal minimo	Biorbitario externo	Bigoniaco	Transverso maximo
Poveiro 150 ♂.........	33.0	43.1	35.3	22.5	68.8	49.1	53.7	63.7	49.5	-14.6	-10.0	-14.2	+ 5.1
Poveiro 65 ♀.........	36.7	42.0	34.7	21.3	70.0	49.7	53.6	63.3	49.5	-13.6	- 9.7	-13.8	+ 9.3
Minhoto, 110 ♂.........	37.4	42.4	–	20.3	69.5	–	54.0	62.6	47.5	–	- 8.6	-15.1	+ 6.9
Arabes cl., 20 ♂ (Collignon)	35.22	45.33	–	19.45	65.97	–	54.39	60.49	54.61	–	- 6.10	- 5.88	+ 5.49
Parisienses, 42 ♂ (Topinard)	40.9	39.8	–	19.1	–	–	50.4	60.38	47.8	–	-10.4	-13.0	–

---

[1] Topinard, *Éléments d'anthropologie générale*, pags. 880 e 890. Paris, 1885.

[2] Ricardo Severo e Fonseca Cardoso, *O ossuario de Ferreiró* (Sep. do t. I da *Portvgalia*), pag. 24. Porto, 1900.

A altura da cabeça, proporcionalmente á estatura, é, no poveiro, de 13.2 no homem e de 13.8 na mulher, sendo um pouco maior n'esta.

A altura ophryaca, que corresponde justamente á do cerebro, é menor no poveiro que no minhoto, no arabe e no parisiense; a mulher, n'este caso, avantaja-se ao homem em 3.7 unidades; em compensação, a parte da face até á bocca é-lhe mais desenvolvida, tendo apenas a excedel-o em duas unidades o arabe; este desenvolvimento, porém, torna-se mais notavel na porção sob-boccal. De modo que nas proporções verticaes o que o homem poveiro perde na parte supra-ophryaca, ganha-o no maior desenvolvimento das partes infra-ophryaca, sobretudo na mandibular.

Nas proporções transversaes noto um desenvolvimento bi-parietal maior do que no arabe, sendo, no emtanto, sobrepujado pela mulher; as da largura frontal minima são eguaes ás do bigoniaco, sendo este maior do que o parisiense e muito menor em seis unidades que o arabe. A largura bizygomatica é maior do que a do arabe e do parisiense.

Fig. 18
Cabello escuro, olhos azues, pelle rosea e estatura media
Frente

Fig. 19
Mesaticephala-dolichoide e leptorrhinia
Typo medio da pescadora poveira
A mesma. Perfil

É notavel o retrahimento bigoniaco com relação ao diametro bizygomatico, muito mais accentuado ainda que no arabe classico.

Vê-se, portanto, como o desenvolvimento das differentes partes cephalometricas do poveiro obedece a influencias ethnicas diversas: umas approximando-o do minhoto; outras afastando-o d'este para o arabe e obedecendo no seu desenvolvimento mandibular a uma influencia nordica.

A ESTATURA

No poveiro ella é de $1^{m},648$ no homem e de $1^{m},547$ na mulher, fazendo esta uma differença d'aquelle de $0^{m},10$. O minhoto, com a sua estatura de $1^{m},638$, é mais baixo $0^{m},01$ precisamente.

Se considerarmos os dois quadros das seriações e dos agrupamentos da estatura poveira, salta logo á vista a influencia das altas estaturas, o que se evidenceia ainda mais no grupo feminino. Se o minhoto apresenta um agrupamento modificador de 30 $^{0}/_{0}$ de pequenas estaturas, estas no poveiro reduzem-se a 16 $^{0}/_{0}$, contrabalançada pelos 20 $^{0}/_{0}$ de altas. Na mulher esse destaque ainda é mais frisante, pois que, tendo uma maioria de altas estaturas, apenas apresenta 17 $^{0}/_{0}$ de medias baixas. Esta composição

da estatura poveira quão afastada fica da dos montanhezes de Castro Laboreiro [1] e como se approxima da da população nordica que se sepultou nos cemiterios proto-historicos de Abujarda e Alcoutão! Aquella, mostrando ainda a preponderancia da gente

Seriação da estatura a duas unidades

Estaturas	Poveiro		Minhoto
	150 ♂	65 ♀	— 3:089 ♂
$1^m.84-1^m.83$	-	-	.03
$1^m.82-1^m.81$	-	-	.10
$1^m.80-1^m.79$	-	-	.29
$1^m.78-1^m.77$	1.4	-	.90
$1^m.76-1^m.75$	3.3	-	1.55
$1^m.74-1^m.73$	4.7	-	2.41
$1^m.72-1^m.71$	7.3	-	5.49
$1^m.70-1^m.69$	9.3	1.6	7.01
$1^m.68-1^m.67$	7.3	1.6	9.51
$1^m.66-1^m.65$	**16.7**	7.7	**12.68**
$1^m.64-1^m.63$	12.7	4.6	12.42
$1^m.62-1^m.61$	16.0	4.6	**12.71**
$1^m.60-1^m.59$	8.6	15.3	11.09
$1^m.58-1^m.57$	4.7	13.8	8.73
$1^m.56-1^m.55$	5.9	13.8	6.76
$1^m.54-1^m.53$	0.7	**21.0**	3.03
$1^m.52-1^m.51$	1.4	10.7	2.19
$1^m.50-1^m.49$	-	4.6	1.49
$1^m.48-1^m.47$	-	-	0.81
$1^m.46-1^m.45$	-	-	.51
$1^m.44-1^m.43$	-	-	.23
$1^m.42-1^m.41$	-	1.6	.12
$1^m.40-1^m.39$	-	-	.09

neolithica de pequena estatura; esta, dos invasores nordicos, gaulezes ou germanos. Já ao analysar a estatura do minhoto d'Entre o Cavado e Ancora accentuava «essa influencia especialmente maritima d'um povo de alta estatura que, alongando o oceano

Agrupamentos da estatura

Nomenclatura masculina	Poveiro — 150 ♂	Minhoto — 3:089 ♂	Nomenclatura feminina	Poveiro — 65 ♀
Altas estaturas, $1^m.70$ para cima...	20.0	13.5	Altas estaturas, $1^m.58$ para cima...	**41.6**
Estaturas medias { altas, $1^m.69-1^m.65$ ...	30.0	26.2	Estaturas medias { altas, $1^m.57-1^m.53$ ...	41.5
Estaturas medias { baixas, $1^m.64-1^m.60$ ...	**34.0**	**30.5**	Estaturas medias { baixas, $1^m.52-1^m.40$ ...	16.9
Pequenas estaturas, $1^m.59$ para baixo	16.0	29.8	Pequenas estaturas, $1^m.39$ para baixo	-

até Vianna, continuou depois para sudoeste» [2]. Eis, pois, como este importante caracter anthropologico vem desenganadamente fortalecer as conclusões que a tal respeito tirei do estudo dos outros caracteres.

[1] FONSECA CARDOSO, *Castro Laboreiro* (Sep. do t. II da *Portvgalia)*, pag. 8. Porto, 1906.
[2] IDEM, *O Minhoto d'Entre Cavado e Ancora* cit., pags. 12 e 16.

CONCLUSÕES

A colonia piscatoria que habita o litoral povoense destaca-se, pois, como uma localisação curiosa, d'entre a população d'esta provincia de Entre o Douro e o Minho.

O *poveiro medio* é de estatura antes elevada, membrudo, de pelle rosea, olhos escuros ou medios, cabello castanho escuro ou arruivado, bocca de labios finos e bem delineados, com dentes mui brancos, pequenos e unidos; o mento saliente. A cabeça é dolichocephala, o rosto mesopsida de contorno elliptico e com os zygomas pouco accusados, o nariz longo, leptorrhinio, de dorso proeminente e convexo ou recto.

Fig. 20
Moreno, de estatura media alta
Mestiço de semita? Frente

Sobre o seu fundo indigena, constituído pela ligação intima das duas raças neolithicas — a dolichocephala, mesoprosopa, morena, de pequena estatura e a brachycephala mongoloide que descriminei ao estudar a população minhota — actuaram depois outros dois typos humanos: o semita e o nordico.

O primeiro, representado no homem da fig. 22 e nas mulheres das figs. 24 e 26, é caracterisado pela côr morena da sua pelle (n.° 26 da Escala chromatica de Broca), cabellos escuros ou negros, olhos escuros, grandes e rasgados em amendoa; o nariz aquilino, adunco, de base abaixada, glabella pouco nitida, continuando-se a linha nasal quasi sem resalto com a mediana frontal que é elevada; cabeça dolichoide; o contorno anterior largo e ancho nos parietaes e escoando-se para o mento, dando assim á face uma fórma triangular e em ponta para baixo.

Fig. 21
Mesaticephalo-dolichoide, mesopsida
e mesorrhinio. O mesmo. Perfil

Fazendo a sua comparação com os typos semitas estudados por Fouquet, Sergi e Bertholon nas necropoles egypciacas e nas sepulturas phenicias, nota-se a sua semelhança flagrante.

Assim, o primeiro auctor [1] descreve-nos um typo das necropoles de Kawamil, Beit-Allam, como tendo a glabella e as arcadas supraciliares pouco accentuadas, a fronte direita; o craneo alonga-se de deante para traz até ás bossas parietaes, retrahindo-se depois bruscamente; a face é alongada, estreitando para o mento, que é accentuado; o nariz é longo, proeminente e aquilino.

---

[1] J. de Morgan, *Recherches sur les origines de l'Égypte. Appendice*, par le Dr. Fouquet, pag. 306, figs. 21 e 22 e cabeça 16-m. Paris, 1897.

Os cabellos d'estas cabeças mumificadas são castanhos escuros ou negros, finos, lisos ou levemente ondulados.

Sergi [1], n'um estudo que fez sobre uma serie de 86 craneos egypcios da collecção do Museu de Napoles, destaca a variedade pentagonoide, ortognatha, de nariz leptorrhinio e aquilino, cabellos negros ou castanhos.

«Os semitas teem a cabeça como a dos velhos phenicios e dos egypcios» [2].

Fig. 22
Moreno, de estatura media, nariz aquilino, face alongada em ponta. Frente

Bertholon, que se dedicou ao estudo dos caracteres anthropologicos dos phenicios [3], sobre os dois craneos de Carthago que observou, reunidos aos de Bulla-Regia, Sagama e Cornu descriptos pelos drs. Carton, Mantegazza e Zanetti, e sobre os craneos da necropole de Sidon, estudados por Chantre, traça assim os caracteres da cabeça phenicia: «Sept crânes pheniciens ont fourni un indice céphalique moyen de 77.30».

«Le pariétal est absolument caractéristique dans le crâne phenicien. *Il lui donne un aspect tout particulier*. Les bosses pariétales sont fort accusées placées sur un *plan antérieur* à celui où on les observe d'ordinaire».

... «Cette condition assure au crâne moyen, et par suite, au cerveau pariétal un développement inusité. Je serais tenté d'appeler la race phenicienne du *nom de race pariétale* pour caractériser, en un seul mot, le plus marquant de ses caractères anthropologiques».

«La glabelle n'est pas trop accusée, même chez les sujets masculins. Les arcades sourcilières sont à peine saillantes. Les sinus frontaux n'ont qu'un centimètre d'epaisseur».

Fig. 23
Dolichocephalo. Typo semitico-phenicio
O mesmo. Perfil

«Les Pheniciens sont très megasèmes par leur indice orbitaire».

«Cette race phenicienne serait leptorrhinienne sur les limites de la mesorrhinie. La face vous paraît plutôt alongée».

O typo [4] que encontrei na mestiçagem do

---

[1] SERGI, *Africa. Antropologia della stirpe camitica*, pag. 59. Torino, 1897.

[2] WILLIAM RIPLEY, *The races of Europe*, pag. 387. London, 1900.

[3] BERTHOLON, *Note sur deux crânes pheniciens trouvés en Tunisie*, in *L'Anthropologie*, t. I, pag. 314. Paris, 1890. — O MESMO, *Note sur l'identité des caractères anthropologiques des Basques et des Pheniciens*, in *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, t. VII, pag. 663. Paris, 1896.

[4] Comparando ainda os perfis das cabeças femininas das figs. 24 e 26 com o perfil do bronze da collecção Piretié e o contorno anterior do rosto da nossa fig. 13 com o contorno correspondente da esta-

poveiro é, não me resta duvida, descendente d'essa velha raça semita d'origem cananeana, que viveu nas primeiras edades do Egypto, que fundou Tyro, Sidon, Arabos, Gadira, Carthago e as colonias industriaes do oriente e occidente da velha Europa, do Phenicio pescador e navegador. E por mar que outra raça semita, a não ser ella, poderia estabelecer-se e mesclar-se com a população d'esta parte da velha Ophiusæ, hoje Povoa de Varzim?

Fig. 24
Morena, de alta estatura e nariz aquilino
Frente

Como já disse, esta raça entrou na proporção de 5 a 8 $^0/_0$ na mesclagem poveira. E a sua influencia ethnica não passou por certo do litoral lusitano, não havendo influído sobre as populações do interior, onde não tenho encontrado representantes. Será, pois, sobre a população, que habita o nosso contorno maritimo, que se poderá localisar este typo phenicio como vestigio da sua remota colonisação. Talvez elle entre em maior numero na composição ethnica do ovarino, tão accentuadamente moreno. É um problema interessante a resolver.

O segundo typo—*nordico*—que predominou na formação do actual poveiro n'uma proporção de 30 $^0/_0$, caracterisa-se pela sua alta estatura de $1^m,72$ nos homens e na de $1^m,60$ nas mulheres, pelle rosea, por vezes com ephelides, olhos claros, cabellos louros ou ruivos. A cabeça é dolichocephala, a face longa, leptoprosopa, o nariz leptorrhinio, de dorso convexo e base horisontal e a glabella accusada.

As figs. 4, 6 e 8 representam-o no nosso estudo, mostrando-nos a sua proveniencia do *Littus saxonicum* ou scandinavo.

Houve varias invasões nordicas pelo solo portuguez, desde os *Galatas* do IV seculo (a. C.), os Tamahus, que chegaram a ultrapassar a fronteira do Egypto, até ás godas e suevas dos tempos medievicos; porém, só um ramo d'esta raça loura e alta era navegador—o Normando—só elle poderia por mar vir nas suas aventuras de piratas audazes estabelecer-se no nosso litoral, legando á technica do nosso pescador os vocabulos d'origem germanica que elle adoptou.

Fig. 25
Mesaticephala, leptorrhinia. Typo semita
A mesma. Perfil

«... com toda a probabilidade (os vocabulos) não foram trazidos pelos invasores nórdicos do seculo V, porque os suevos e visigodos, os unicos que exerceram influencia, não eram povos navegadores; talvez viessem mais tarde com a intervenção dos normandos» [1].

---

tua de Athienau, publicados a pags. 77, fig. 26 e 254, fig. 195 do volume *Phénicie-Cypre* da *Histoire de l'art dans l'antiquité* de PERROT e CHIPIEZ, fica-se impressionado com a semelhança d'esses typos.

[1] ALBERTO SAMPAIO, *As Povoas maritimas do norte de Portugal*, in *Portvgalia*, t. II, pag. 219.

O illustre anthropologista francez, dr. Collignon, que fez o estudo da população dos Calvados, distingue os descendentes actuaes dos velhos normandos, «leurs aventureux ancêtres, les rois de la mer» que colonisaram as Canarias e povoaram o Canadá, como dolichocephalos, de cabellos louros ou ruivos, olhos azues, de pelle branca, largas espaduas e finas ancas [1], que habitam ainda o territorio dos departamentos maritimos de Seine-Inférieure, Eure e Calvados.

«Os normandos actuaes são physicamente os specimens puros d'esses irrequietos e errantes aventureiros, louros ou ruivos, com o perfil recto, a cabeça elliptica».

É em Coutances, Caen, Bayeux que abundam os representantes, muito bellos, altos, de face longa e nariz convexo, d'esse povo actual normando de sangue Scandinavo, artificioso, capaz, energico, valente e industrioso [2].

«Na orla maritima, ao longo da costa, nós vemos a raça Teutonica representar a linha invasora. Os Normandos devem ter sido claros e de face longa. Os velhos piratas saxões guarneceram toda a costa nos arredores da embocadura do Sena e tornaram-se tão notaveis que mereceram n'esta região o titulo dado pelos velhos geographos de *Littus saxonicum*.

Fig. 26
Morena, de alta estatura e nariz aquilino
Frente

Fig. 27
Mesaticephala, leptorrhinia. Typo semita
A mesma. Perfil

«A Normandia actual é uma das partes mais louras da França e distinctamente teutonica na fórma da cabeça da sua população. Esta é de elevada estatura, cabeça longa, nariz longo e proeminente» [3].

Nem a historia, nem a tradição local nos accusam o estabelecimento de normandos na margem da angra poveira; mas as piratarías d'estes navegadores teutonicos no noroeste da nossa peninsula datam desde 842-850, continuando em 866-910, em 925-931, em 966-984, não restando duvida sobre o seu estabelecimento em pontos da costa portugalense, como na região de Santa Maria, banhada pelo rio Ovar em 1026 onde cederam, como resgate, propriedades a esses piratas nordicos. São estes os esclarecimentos que obtivemos no trabalho notavel do egregio historiador Alberto Sampaio sobre as Povoas maritimas do norte de Portugal. Foi tambem em 911 que esse povo louro se estabeleceu definitivamente no territorio banhado pelo Sena inferior, que se ficou denominando Normandia.

---

[1] R. Collignon, *Anthropologie du Calvados et de la région environnante*, pags. 20-27. Caen, 1894.

[2] John Beddoe, *The races of Britain*, cap. VIII, London, 1885. *The Normans*, pag. 92.

[3] Ripley, *The races of Europe*, pags. 152-154. London, 1900.

Quadro recapitulativo das differentes observações

			Poveiro	
			150 ♂	65 ♀
Olhos — %		Claros	19.0	24.6
		Medios	48.7	26.1
		Escuros	32.6	49.3
Cabello — %		Ruivos	2.7	–
		Louros	6.7	13.9
		Medios	30.7	36.9
		Escuros	46.7	46.2
		Negros	13.2	3.0
Nariz — %		Concavos	12.7	7.7
		Rectos	44.6	60.0
		Convexos	42.7	32.3
Medidas da cabeça	Diametros	Antero-posterior maximo	194	187
		Transverso maximo	150	145
		Bizygomatico	139	131
		Biorbitario externo	117	111
		Frontal minimo	107	103
		Bigoniaco	108	102
	Altura do vertex ao	Ophryon	75	76
		Nasion	92	91
		Bocca	169	163
		Mento	218	207
		Tragus	128	124
	Altura da face		143	131
	Nariz	Comprimento	51.5	48.0
		Largura	34.0	31.0
	Indices	Cephalico	77.3	77.5
		Vertico-longo	66.3	66.3
		Vertico-transverso	85.3	85.5
		Anterior do rosto	63.7	63.3
		Facial	97.1	100.0
		Nasal	66.1	64.6
		Modulo de Smith	157.3	179.6
	Angulo facial de Cuvier		90°.6	88°.5
Estatura	Altas estaturas		20.0	41.6
	Estaturas medias	Altas	30.0	41.5
		Baixas	34.0	16.9
	Pequenas estaturas		16.0	–
	Media		1m.648	1m.547

Pelas illustrações que apresento n'este trabalho, se poderá ver como os differentes caracteres ethnicos, que acabo de descrever, se fusionaram, se amalgamaram n'uma mestiçagem profunda, de que o poveiro actual é a resultante.

Sobre um estrato indigena já pescador, porção d'esses œstrymnios de Avieno que ensinaram aos tartessios e aos tyrios o caminho das ricas Cassiterides, assentaram depois, em epochas mui differentes e distanciadas, duas raças humanas tambem pescadoras e navegadoras: a phenicia semitica e a loura teutonica ou normanda. E assim se produziu o poveiro, de viver simples, pacifico, exercendo a pesca como navegante audaz e atrevido.

Por herança nasce, vive e morre pescador.

Porto. Janeiro, 1908.

FONSECA CARDOSO.

ETHNOGRAPHIA PORTUGUESA

AS FILIGRANAS

PRELIMINAR

Na intenção de avultar o seu prestigio pela riquesa ou pelo brilho, o homem encontrou no ouro, desde tempos ignorados e remotos, desde os prenuncios, certamente, da primeira edade metallica, o mais invejavel agente de seducção e dominio. A pedra preciosa é a chave dos corações, dizem os orientaes proclamando o supremo fastigio do luxo. Mas o ouro, cedendo a applicações tam variadas e magnificas, fecundo nos empregos e facil nas transformações, submettendo-se aos estylos ou amoldando-se simplesmente ao desvarío e tyrannia das vaidades, sempre com o mesmo fulgor, malleavel e ductil, inalteravel e plastico, reune todos os attractivos como todas as facilidades para ser o eleito dos adornos.

Joia pessoal, decoração de arma ou baixella de apparato e de serviço, o ouro invade ainda, como finamente já está observado, os templos dos deuses e os palacios reaes, ornamentando os altares com os vasos sagrados e destinados á celebração dos mysterios ou fornecendo, em sceptros, corôas e thronos, os emblemas caracteristicos do poder soberano. Para muitos homens, annotou-se ainda, foi elle o fim supremo da lucta; para outros a explicação ou a desculpa das mais condemnaveis acções!

De quando data a primeira fundição? Como muitas origens, tambem a da metallurgia do ouro ficará envolta n'um mysterio que só vagamente se entreabre ao esmorecer dos tempos neolithicos e quando já alvorece a primeira epocha dos metaes. Na peninsula, tam celebrada nos textos antigos pela abundancia dos seus veios metalliferos, as especies nobres muito cedo estimularam a pesquisa e a cubiça. Decerto nos familiarisamos breve com os iniciaes processos de busca, de lavra e de fabríco; e quando no cobre e no bronze modelavamos ou cinzelavamos utensilios ou enfeites, já parallelamente, barbaramente o ouro originava os seus primeiros e mais raros artefactos. Zona invejada de exploração frequentemente investigada e percorrida, nucleo afastado de irradiação dos metaes, os seus mais antigos productos, entretanto, não correspondem, na barbarie primordial, aos que iriam ser concebidos e realisados por civilisações que na peninsula só buscavam a materia excelsa. A nossa ourivesaria inicial, tomando do alheio, e com manifesta subalternidade artistica, a lição mais singella

e accessivel ao rude aborigene iberico, foi originariamente massiça, seduzindo mais pela côr e brilho refulgentes do que pela associação dos seus elementos constructivos, pela graça e levesa dos accessorios e pela arte da combinação dos ornamentos.

No solo portuguez as joias antigas mais frequentes são os braceletes e os torques, estes geralmente sob o schema monotono da sanguesuga lisa ou estriada e aquelles redusidos a fitas ou vergalhões nús ou parcamente ornamentados [1]. Com linhas, pontos e triangulos [2] se acommoda geralmente o aurifice proto-historico indigena, mesmo nas grandes peças de ostentação, como esse diadema da edade do cobre, onde a imaginação decorativa só soube crear, entremeados, pontos e dentes de serra [3]. Proporcionalmente são raridades as grandes peças: os sumptuosos collares de Penella e de Cintra ou a armilla famosa de Lebução com os seus ornatos tam varios e tam dextros [4]. E, quando os processos technicos se desenvolvem e avançam, adelgaçando o ouro á fieira ou manipulando o trancelim, ainda o artefacto não é um producto de arte mas apenas pretexto de ostentação e de vaidade. As interessantes arrecadas de Laundos, presumivelmente dos ultimos tempos da edade do ferro, visavam mais á exhibição do esplendor do metal do que ao effeito esthetico, que as limitadas faculdades do ourives não souberam alcançar dos já adquiridos progressos de factura [5].

Estabelecida a presumpção [6] de que os ourives ibericos cedo conseguiram estirar o fio a martello, quando surge a obra em ouro mais rica em ideação e ornamentos, logo se procura encontrar a fonte inspiradora. O diadema junto ao thesouro de Jávea, com os seus ornatos granosos e a puncção e as suas cadeias com pingente filigranado, é uma bella peça sobre a qual se disputaram logo directas influencias orientaes ou hellenicas [7]. E uma joia como a lamina de Caceres [8], se é indigena, excepcionalmente esplende entre a mesquinhez e indigencia da toreutica local.

Ora a esta situação de inferioridade esthetica, que ao deante e entre nós será immutavelmente confirmada, contrapoz-se, como a archeographia vae denunciando, a habil acquisição de varios processos technicos. A filigrana e a trança de ouro apparecem muito cedo, antes da era presente, nos pequenos thesouros legados, geralmente

---

1 RICARDO SEVERO, *O thesouro de Lebução*, in *Portvgalia*, II, pags. 1-14. — O MESMO, *Os braceletes d'ouro de Arnozella*, id., pags. 63-71. — O MESMO, *Os torques de Almoster*, id., pags. 72-4. — O MESMO, *O torque de Serrazes*, id., pag. 109. — O MESMO, *O bracelete de Tellões*, id., pags. 109-10 e 283. — JOSÉ FORTES, *Museu municipal Azuaga*, id., pag. 119. Porto, 1905-6.

2 FORTES, *Duas joias archaicas*, in *Portvgalia*, II, pag. 413. Porto, 1907.

3 IDEM, *A sepultura da Quinta da Agua Branca*, in *Portvgalia*, II, pag. 245. Porto, 1906.

4 GABRIEL PEREIRA, *O collar da Penha Verde*, in *Boletim da R. Assoc. dos arch. civis e arch. portuguezes*, tom. VII, 3.ª serie, pags. 77-8 e est. chromolithog. Lisboa, 1898. — SEVERO, *O thesouro* cit., pag. 8.

5 SEVERO, *As arrecadas d'ouro do castro de Laundos*, in *Portvgalia*, II, pag. 407. Porto, 1907.

6 PIERRE PARIS, *Essai sur l art et l'industrie de l'Espagne primitive*, II, pag. 242. Leroux ed. Paris, 1904.

7 RAMON MÉLIDA, *El tesoro ibérico de Jávea*, annexo ao Ext. da *Rev. de Arch., Bibliot. y Museos* intitulado *Las esculturas del Cerro de los Santos*. Madrid, 1906. — O MESMO, *Iberia arqueológica ante-romana*, lám. XIII. Madrid, 1906. — PARIS, *Le trésor de Jávea*, in *Rev. Arch.*, VIII, pags. 430-2. Leroux ed. Paris, 1906.

8 EMILE CARTAILHAC, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pags. 334-6 e pl. IV. Reinwald ed. Paris, 1886. — PARIS, *Essai* cit., II, pag. 250 e segs.

em necropoles, das populações apenas contemporaneas dos primeiros alvores da Historia. Não foi pelos arabes ou, como se affirmou com ligeiresa e audacia, depois das nossas viagens á India, que em Portugal se fabricaram com fio de ouro os primeiros artefactos d'esta arte graciosa e facil. O ensinamento é ignorado e remoto, como desconhecida e longinqua fica a origem precisa d'esta alada applicação dos metaes nobres.

Effectivamente aos phenicios investiram no papel de descobridores d'esses complicados enrolamentos de fios, das malhas de admiravel tenuidade e da poalha de grãos de ouro quasi imperceptivel, que mais tarde tam notavelmente fulguram nas joias de procedencia etrusca [1]. Mas afinal não só os tumulos egypcios, com as revelações dos seus despojos, antecipam a precedencia, como os fios de ouro e o granitado de certa ourivesaria mycenica accusam a posse e o uso da fieira e do maçarico [2]. Dia a dia as descobertas nos revelam o Egypto, a Assyria, a India talvez, como productoras, antes da Grecia e da Etruria, da arte da filigrana [3]. E sem que uma e outra d'estas regiões ficassem tributarias do Oriente, na evolução da sua ourivesaria perdura, não raro, o cunho de origem, e nomeadamente na obra onde a granulação e a filigrana constituíam o principal motivo de ornato. A Phenicia pois, como em quasi tudo, assimilava e transmittia.

Sob o ponto de vista da subtil dextreza de fabríco as joias etruscas são, de resto, as mais interessantes, quando comportam fio e granalha de ouro. Umas vezes os fios entrançam-se, outras enrolam-se e curvam-se e outras soldam-se ás superficies, figurando, em tenue relêvo, volutas e rosetas, meandros ou entrelaços [4]. Mais fino, porém, que a filigrana é o granulado, verdadeiro pó de ouro obtido com a incidencia da chamma do maçarico em pequenas parcellas do metal e immediatamente soldado com uma nitidez e delicadesa inegualaveis [5]. Tam leve mesmo fica o ornato granoso que os olhos mal o distinguem e ao tacto se revela por uma superficie breve e harmonicamente rugosa [6]. E este habilissimo engenho, já provado na fecunda imaginação do ourives da Grecia e das suas colonias do Ponto [7], haveria de subsistir na Toscana, através de todas as renovações do gosto, das intrusões violentas ou pacificas da volubilidade das modas e da inconstancia dos tempos: ainda actualmente em reconditos burgos dos Apeninos se mantem um estylo sobrevivente, com a mesma paciencia de labor, egual finura de pormenores e fabríco e invencivel desdem pelos modernos recursos mecanicos [8].

---

[1] G. Perrot et Ch. Chipiez, *Histoire de l'art dans l'antiquité*, III, *Phénicie*, pags. 816, 818 e 840. Hachette ed. Paris, 1885.

[2] Perrot et Chipiez, ob. cit., VI, *La Grèce*, pags. 957 e 965. 1894. — Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Caelatura* de E. Saglio, I, 2.ème partie, pags. 793-4. Hachette ed. Paris, 1887.

[3] Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. cit., pags. 795-6. — Os mesmos, *Dict.*, voc. *Aurifex* de E. Saglio, pag. 569, I, 1.ère partie, 1873. — J. Marquardt, *La vie privée des romains*, II, pag. 343. Fontemoing ed. Paris, 1893.

[4] Jules Martha, *L'art étrusque*, pag. 561. F. Didot ed. Paris, 1889.

[5] Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Caelatura* cit., pags. 794-5. — Martha, ob. cit., pag. 562.

[6] Martha, ob. cit., pag. 562.

[7] Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Caelatura* cit., pags. 795-6. — Perrot, ob. cit., V, *Lydie et Carie*, pags. 296-8 e 203-5-7. Paris, 1890.

[8] A. Noël des Vergers, *L'Étrurie et les étrusques, ou dix ans de fouilles dans les marennes toscanes*, III, pags. 26-7. F. Didot ed. Paris, 1862-4. — Martha, ob. cit., pag. 562. — Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Caelatura* cit., pag. 795. — Eugène Fontenay, *Les bijoux anciens et modernes*, pag. 264 e segs. Quantin ed. Paris, 1887.

Por virtude d'outras manifestações é licito conjecturar que a influencia da ourivesaria oriental e hellenica se exerceu tam directamente sobre a Toscana como na Iberia. E a technica do diadema de Alicante, ou obra de ourives grego ao gosto hespanhol ou fabríco indigena em parte subordinado aos moldes inspiradores e propulsores, denuncía, no granitado e filigrana, a identidade do seu fabríco com as joias de ouro encontradas na Etruria [1]. Data, pois, d'essa epocha imprecisa mas distante a technica da filigrana nas duas peninsulas, ao deante com hiatos que as descobertas porventura ainda desvendam, e entretanto persistente no sul e occidente da Europa pela antiga utensilagem e pelos padrões sobreviventes.

Seguindo a irradiação do artefacto filigranado e a sua ulterior radicação, logo em Roma surgem certas joias de ouro em que as minucias de execução suggerem a lembrança do artigo greco-etrusco [2], consagrando-se numerosos dos seus *fabri aurarii* ao fabríco de cadeias e filigranas para os atavíos femininos [3]. Nas necropoles gaulezas encontra-se a filigrana guarnecendo varios dos adornos exhumados [4]. E, se dos artistas wisigothicos mais resalta a sua ourivesaria de caracter particularissimo, avultando, pela originalidade inconfundivel, o celebrado thesouro de Guarrazar com as suas corôas, diademas, nimbos, collares, anneis e braceletes profusamente ornados de pedrarias [5], algumas peças ulteriores que offerecem a mais viva analogia com o estylo wisigodo exhibem esse gracioso pormenor decorativo. Tal a cruz dos Angelles, na cathedral de Oviedo, dos seculos IX ou X, com todo o reverso ornado de filigrana muito fina, e ainda a de Compostella e do seculo IX, com ornamentação tambem filigranada [6].

Os arabes da conquista, no seculo VIII, já encontravam pois, na peninsula, aptidões technicas desenvolvidas nas officinas dos ourives wisigothicos [7] e dos que os precederam. Familiarisados com o luxo, os novos conquistadores enalteceram, não obstante, a arte que se lhes deparava, tam decisiva e progressiva, de resto, que, após a ruina da monarchia wisigoda e nos países que escaparam ao dominio musulmano, a ourivesaria continuava a ser praticada e a ser fecunda, sem a interferencia do ensino ou do estimulo agarenos [8]. A merovingia, por exemplo, tam habil como inexperiente e barbara, obtinha com os arabescos de fios de ouro um dos seus mais presados e usados recursos de decoração; e do periodo carlovingio tambem subsistem alguns evangeliarios e calices onde um dos elementos ornamentaes é a ramagem de filigrana achatada e estriada [9]. Notavel se revela ainda o emprego do enfeite filigranado na maioria das cruzes attribuídas a Santo Eloy [10].

---

1 PARIS, *Le trésor* cit., pags. 431-2.

2 PIERRE GUSMAN, *Pompei*, pag. 457. May ed. Paris, s. d.

3 MARQUARDT, ob. cit., II, nota 3 de pag. 343, pag. 361 e nota 4. — GUSMAN, ob. cit., pag. 345.

4 HENRY HAVARD, *Histoire de l'orfèvrerie française*, pag. 35. Quantin ed. Paris, 1896.

5 CH. DAVILLIER, *Recherches sur l'orfèvrerie en Espagne au Moyen-Age et à la Renaissance*, pags. 3-13. Quantin ed. Paris, 1879. Etc.

6 DAVILLIER, ob. cit., pag. 33 e nota 3 e pag. 34.

7 JOAQUIM DE VASCONCELLOS, *Historia da ourivesaria e joialheria portuguezas*, pag. 109 e nota. S. l. n. d.

8 DAVILLIER, ob. cit., pags. 13 e 31.

9 HAVARD, ob. cit., pags. 60, 78 e 89 e fig. de pag. 76.

10 TEXIER, *Dict. d'orfèvrerie, de gravure et de ciselure chrétiennes*, in *Encyclopédie* MIGNE, pag. 940. Migne ed. Paris, 1857.

Emtanto a arte arabe, sumptuosa e esplendente, assignalavel sobremodo nos seus artefactos de ferro incrustados de ouro, realisava com primor a filigrana, desde as primeiras officinas que installou até aos ultimos alentos da hegemonia sarracena [1]. Como seu legado apenas sobreviveram, em mais definida accentuação de origem, certos objectos que ainda hoje manufacturam os ourives de Malaga e de Cordova [2].

Na plenitude da arte romanica Veneza cria, a datar do seculo XII, a reputação immarcessivel dos seus artefactos de fios de ouro e prata, sendo então as suas joias objecto de grande aura [3]. Parallelamente a filigrana espiralada e granulada ornamentava com pedrarías, perolas e esmaltes outros artefactos sacros francezes, com o caracter de trabalho occidental sem influencias da fabricação de Byzancio [4]. No seculo seguinte este genero de ornamentação adquiria ainda mais brilho e vida, dispondo-se os enrolamentos de fios metallicos granulados, não completamente soldados aos fundos, mas apenas nas origens, desligando-se portanto á maneira de espiraes para se elevarem até sete e oito millimetros ao alto [5].

Entre nós, se não é facil, para essa epocha, historiar com documentação bastante a ourivesaria do tempo, mais se difficulta a apreciação dos recursos ornamentaes alcançados com os rendilhados metallicos. Sabe-se que nos costumes e fóros de Castello-Bom (1188) se encontra um titulo referente ao exercicio da profissão de aurifice [6], e que já anteriormente, no ultimo quartel do seculo XI, vivia em Coimbra um Johannes aurifex [7]. Dos dois seculos seguintes e na mesma cidade ha memoria de outros ourives [8]. O objecto, porém, rareia, salientando-se, com o calice da mulher, a cruz de Sancho I, ornada de pedras preciosas e filigranas [9], e bem assim, das proximidades do tempo, outro mobiliario em que o accessorio do fio de ouro tambem resplandece [10].

É menos arduo seguir o desenvolvimento d'esta arte sumptuaria em Hespanha, que então e depois, nos seculos XIV e XV, produz uma numerosa alfaia filigranada sacra e profana [11], attingindo no seculo XVI, com a exuberancia do gothico florído, a maxima delicadesa e pericia do adorno filigranado em joias inolvidaveis como a cruz de Léon!

---

[1] Gaston Migeon, *Manuel d'art musulman*, II, *Les arts plastiques et industriels*, pag. 158. Picard ed. Paris, 1907.—Davillier, ob. cit., pag. 20.

[2] Davillier, ob. cit., pag. 29.

[3] Jules Labarte, *Histoire des arts industriels au Moyen-Age et à l'époque de la Renaissance*, II, pags. 276-7. Muel et C.ie eds. Paris, 1868.—Havard, *Dict. de l'ameublement et de la décoration depuis le XIII.me siècle jusqu'à nos jours*, voc. *Filigrane*, II, pag. 814. Quantin ed. Paris, s. d.

[4] Viollet-le-Duc, *Dict. raisonné du mobilier français de l'époque carlovingienne à la Renaissance*, voc. *Orfèvre*, II, pags. 178-81. Morel et C.ie eds. Paris, 1871.

[5] Idem, *Dict.* e voc. cits. pags. 196-7.

[6] *Relatorio e programma da Exposição de ourivesaria e joialheria nacional*, in *Rev. da Soc. de Instrucção do Porto*, III, pag. 485. Porto, 1883.

[7] Souza Viterbo, *Arte e artistas em Portugal*, pags. 116-7. Ferreira ed. Lisboa, 1892.

[8] Idem, ob. cit., pags. 117-8.

[9] Vasconcellos, ob. cit., nota de pag. 13.—Filippe Simões, *A Exp. retrospectiva de arte ornamental portugueza e hespanhola em Lisboa*, pag. 38. Lisboa, 1882.

[10] S. Viterbo, *A Exp. de arte ornamental*, in *Bol. da Soc. de Geog. de Lisboa*, 3.a serie, pag. 520 e segs. Lisboa, 1882.

[11] Giner de los Rios, *Artes industriales desde el cristianismo hasta nuestros dias*, pag. 17. López ed. Barcelona, s. d.

Antes do seculo xv Portugal está sob a influencia de elementos alheios e diminutos, com apoucados recursos e sem grande tradição artistica [1], como naturalmente incapacitado, pela sabida ausencia de genio creador, de se manifestar sob uma feição propria. Não ha originalidade na ourivesaria portuguesa: ha um certo caracter na ourivesaria peninsular, denunciado sempre, e sobretudo, nos seculos xv e xvi, sendo então, pelo fausto da côrte e do culto, pelo conhecimento dos productos de fóra e pela facil obtenção da materia prima desde que nos votamos á navegação e á conquista, que a ourivesaria nacional alcança o seu relativo esplendor [2]. A celebrada custodia de Belem [3] representa, effectivamente, o auge da arte portuguesa, sem manifestar todavia nem um «milagre», pois que seria irrealisavel não havendo precedentes do mesmo estylo e technica, nem um «assombro» porque na epocha e antes se concebiam e effectuavam joias estrangeiras, que a amplificação delirante do criterio patriotico inteiramente desconhece [4].

No seculo xvii accusa-se entre nós, adoptando uma qualificação precisa e feliz, uma Renascença posthuma, tímida, sem novidade e retraducção dos typos hespanhoes [5]. Através d'essa arte bastarda subsistem, chegando algumas até nós, lindas joias de filigrana do seculo anterior, com perolas, rubís e saphiras engastadas [6]. Nós fabricamos pouco e mau, á semelhança, mas muito mais humildemente, do que succede na decadencia hespanhola, com as suas custodias e tabernaculos de 200 e 300 kilos de prata e a gigante, emmaranhada e profusa complicação da sua estructura e accessorios [7].

Em França, onde no seculo de quinhentos se desenvolvera principalmente o fabríco da filigrana, ainda no seculo immediato os artefactos eram em tal numero que só no inventario da Corôa se contavam, filigranadas, 919 peças de prata e 199 de ouro [8].

Do seculo xviii em deante é mais praticavel a apreciação do artefacto de ouro ou prata na sua misera decadencia, afóra um ou outro lampejo, aliás de suggestão ou ensinamento alheios. A filigrana é que desapparece da baixella e da alfaia do culto para regressar a destinos mais humildes, confinando-se em modelos e padrões que jámais esquecera, retomando outros, abastardando muitos e defendendo-se, até á ultima crise, no reducto que foi sempre o seu amparo mais seguro: o uso popular e a rotina.

Assim vem permanecendo, mais ou menos, em Salamanca, Malaga e Cordova, em França, na Italia e nomeadamente em Genova, Florença, Napoles e Roma, na Dinamarca onde se trabalha com admiravel finura, na Suecia e na Noruega onde tambem a cruz de Malta, mas de prata, é quasi uma joia nacional, na Turquia, na Africa em

---

1 Vasconcellos, *A ourivesaria profana*, in *Arte portugueza*, pag. 46. Porto, 1882. (Id. na *Hist. da ouriv.)*

2 Idem, *Hist.* cit., pags. 13-7.

3 É edificante a leitura dos seguintes passos: J. Ribeiro Guimarães, *Summario de varia historia*, iii, pags. 40-54. R. & Semiond eds. Lisboa, 1873.—Theophilo Braga, *Gil Vicente e as origens do theatro nacional*, pag. 492 e segs. Lello & Irmão eds. Porto, 1898.

4 Vasconcellos, *Hist.* cit., pags. 29-30.

5 Idem, *Ourivesaria religiosa*, in *Arte portugueza* cit., pag. 46. (Id. na *Hist. da ouriv.)*

6 Idem, *Exp. districtal de Aveiro em 1882. Reliquias da arte nacional*, pag. 27. Aveiro, 1883.

7 Idem, *Exp. de ouriv. e joalheria nacional*, in *Commercio do Porto* de i-xi-83.

8 Havard, *Dict.*, voc. *Filigrane* cit., pags. 815-6.

mãos de judeus e de berbéres, na America do Sul figurando os productos mais extravagantes, na China e principalmente na India, onde se exhibe inexcedivel.

Não é, pois, a obra subtil de fio de ouro e prata, tam graciosa, tão leve e, em rigor, barata e facil, nem uma arte nacional, como se julgou e até já se escreveu, nem lição da India ou da Mourama. A sua longevidade na peninsula é bem maior, como a sua expansão mais dilatada. Cedo, muito cedo a ostentação e a vangloria adoptaram nos adornos que scintillam este delicado pormenor ornamental que, além de gracil e airoso, tambem reluz!

I

A technica

Os arcabouços das peças ou armações. Origens dos schemas. — Obtenção do fio: a fieira, a tenaz e o banco; o cylindro, o taboleiro e o carrinho. Torcedura e recosimento; a denticulação. — Organisação das espiraes e dos crespos: a buxella, o ferro do crespo e a embutideira. Enchimento. — Solda: as substancias, a piruca ou aranhola e a borrachinha. — Outro recosimento. — Limpar e córar. Arear ou polir. Brunir. — A materia prima utilisada.

Para o fabríco d'uma peça de filigrana começa-se, em regra, por organisar o seu arcabouço fundamental, destinando-se os grandes espaços que as nervuras estructuraes limitam a serem guarnecidos ou preenchidos pelo fio de ouro ou de prata, cuja tenuidade e disposição caracterisam esta especialidade artistica. Ao arcabouço — que, tratando-se d'uma folha vegetal, seria a margem do limbo, o peciolo e as nervuras mediana e secundarias — é o que, em Travassos, denominam a *armação,* fita de ouro ou de prata obtida no que chamam o *cylindro,* isto é, entre dois tamboretes de aço parallelos, animados de movimento e dando-lhe a espessura e largura pretendidas. Os padrões tradicionaes fixados de memoria ou em singellos debuxos archivados, os modelos de encommenda procedendo do cliente occasional e principalmente do mercador, um ou outro raro objecto de inventiva do artifice enquadram as faculdades productivas.

Edificada a armação, o fio que a vae ornar e encher é sufficientemente adelgaçado de sorte a curvar-se e enrolar-se em espiras ou SS e em *rodilhões,* como dizem em Travassos, ou *crespos,* que é a denominação de Gondomar. Para a obtenção do fio já não se usa, mas ainda lembra, o martello, como provavelmente se procedera na antiguidade [1] e ainda nos tempos merovingios, achatando-se e allongando-se o metal por simples percussão mas com uma dextresa admiravel [2]. Succedeu-lhe a *fieira* ou *damasquilho.* E a fieira é, como se sabe, uma espessa placa de aço crivada de orificios com os calibres successivamente decrescentes, através dos quaes o ouro e a prata são levados á espessura d'uma *aresta* e até d'um *cabelleiro.* Chama-se a esta operação *puxar o ouro* (Travassos). E para tal começa-se por collocar a fieira entre dois tacos de madeira, parallelos e firmes no extremo da superficie d'um banco. O ouro ou a prata,

[1] Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Caelatura* cit., pag. 794.
[2] Havard, *Hist.* cit., pags. 59-60.

antecipadamente fundidos e vasados em *rilheiros* (S. Cosme), e batidos *em redondo* n'uma bigorna, são levados a uma das aberturas da fieira. D'ella se faz emergir a ponta do fio a distender; e essa ponta é agarrada por uma longa tenaz de hastes recurvas, onde engancha a corrente de ferro ligada ao eixo d'um *sarilho* no extremo do banco [1] opposto ao que sustenta o damasquilho. Corrido o fio, passa-se depois para o ostiolo immediatamente inferior e seguintes até se conseguir o adelgaçamento requerido.

Cl. de A. Cardoso

Fig. 1—O carrinho

Por aqui ficam os ourives de Travassos. Em Gondomar, porém, ao banco preferem geralmente o *cylindro,* passando d'aqui o fio, como aliás tambem do banco, para o *taboleiro,* onde d'uma nova fieira annexa com os *pertuchos* diminutos, puxa á mão, com uma tenaz, o filigraneiro. É então que o fio se leva á *grossura d'uma aresta.* Por fim do taboleiro vae ao *carrinho* (fig. 1), no qual, por entre as estreitissimas aberturas dos *rubins,* os dois metaes attingem a finura extrema. É a *finura do cabelleiro,* ou o mais alto grau de ductilidade que podem, com taes instrumentos, alcançar.

Fig. 2
Argola. Peso, 5 grs.
2/3 da gr. nat.

A fieira é já antiga; usavam-a de ferro os egypcios e de aço os arabes, obtendo estes ultimos o fio de prata applicando contra as plantas dos pés o damasquilho e esticando o metal ajudados por uma corda [2]. Actualmente as populações berbéres do norte de Africa adoptam o mesmo banco já descripto, com a tenaz, o sarilho e a cadeia sem fim, *recosendo,* como entre nós, o fio [3], isto é, mettendo-o cautellosamente ao fogo entre carvões, e assim evitando que, tornando-se quebradiço, se não dome á espessura desejada.

D'ordinario não se applica o fio singello. Tomam-se dois, torcem-se á mão concluindo a operação entre duas taboas, submette-se rapidamente o cordão ao fogo da forja — o que tambem se chama *recoser* — ligando d'est'arte o par de fios, e levam-se depois ao cylindro que os esmaga, convertendo-os

---

[1] O banco installado á direita da officina do seculo XVI, representada na fig. 817 de pag. 1222 do tom. III do *Dict.* de HAVARD, é fundamentalmente o mesmo ainda usado pelos filigraneiros de Travassos e Gondomar.

[2] PAUL EUDEL, *L'orfèvrerie algérienne et tunisienne,* pag. 185. Jourdan ed. Alger, 1902. — FONTENAY, ob. cit., pags. 491-2.

[3] EUDEL, ob. cit., pags. 185-6.

na tenue fita de subtillima denticulação que o trançado explica. O fio torcido com outro egual e parecendo ambos um só fio gravado é, e foi na antiguidade, o elemento principal da filigrana [1]. As velhas e modernas joias guarnecidas, com surprehendente pericia technica, de volutas e entrelaços, de SS e circulos, de ornamentos ou reticulados, ou vermiculados, ou imbricados, teem em geral, nos dois fios trançados, o essencial elemento d'esta decoração variada e inexgotavel.

Fig. 3
Arrecada. Peso, 8,5 grs.
2/3 da gr. nat.

Fig. 4
Arrecada. Peso, 2,5 grs.
Gr. nat.

Fig. 5
Arrecada. Peso, 1,5 grs.
Gr. nat.

Fig. 6
Arrecada. Peso, 10 grs.
2/3 da gr. nat.

Fig. 7
Arrecada. Peso, 9,5 grs.
2/3 da gr. nat.

Fig. 8
Arrecada. Peso, 11,5 grs.
2/3 da gr. nat.

Resta encher as *armações*—de arrecadas ou pulseiras, de anneis ou alfinetes, de gargantilhas ou pingentes, de cruses ou relicarios, de brincos ou corações. Mas préviamente organisam-se os SS e os crespos, maiores ou menores, conforme os espaços em que devam ser intercalados. Para encurvar e enrolar o fio dos SS—que são sempre, nos remates, muito ou pouco espiralados e constituem o motivo mais commum de ornato e enchimento—emprega-se a *buxella* (Travassos), especie de pinça de aço cujos ramos findam em gumes. Sobre o taboleiro de ferro e forçando, prendendo, tomando e largando o fio, lento e lento lhe dão a curvatura, cortando-o com um dos gumes logo que o S ou a espiral attingiram a dimensão e o enrolamento necessarios. Com a buxella ainda em Travassos obtinham os *rodilhões*. Em Gondomar, porém, mais facilmente conseguem hoje realisar o mesmo elemento decorativo que na localidade, aliás, se chama *crespo*. Para tal ha o *ferro do crespo*, especie de alicate cujos ramos unem, no extremo, em cone. Fixo o fio de ouro na extremidade do utensilio, introduz-se na *embutideira*—que é uma lamina com pequenas cavidades conicas—e dá-se ao ferro um movimento de rotação mais ou menos prolongado. Claro está que se vae enrolando em volta do ferro; e como a cavidade tem a forma d'um pequenissimo cone invertido e a ella se adapta a terminação conica do *ferro*, o ornamento resultante é um diminutissimo cone, cuja superficie se gerou com o encurvamento, progressivamente crescente em diametro, do fio aureo.

Então, obtidos estes *rolos*, procede-se emfim ao enchimento das armações. Reali-

[1] Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Caelatura* cit., pag. 794.

sada a peça ou parte d'ella, conforme a estructura e as dimensões, dispõe-se n'um carvão ou na especie de umbella constituída principalmente por muitos fios de ferro, que em S. Cosme denominam *piruca* e em Travassos chamam *aranhola*. Cobre-se, seguidamente, de solda. E o maçarico, cuja representação mais remota se encontra já em pinturas do Egypto [1], intervem agora com a sua caracteristica funcção. É por este emprego nas obras de ouro que os artifices da prata, pejorativamente, classificam os ourives, com desdem, de *maçariqueiros*. Effectivamente os primeiros não occupam a bocca, mas a forja.

Fig. 9
Argola d'uma andada
Pedras de côr azul-escura
Peso, 26 grs.
1/2 da gr. nat.

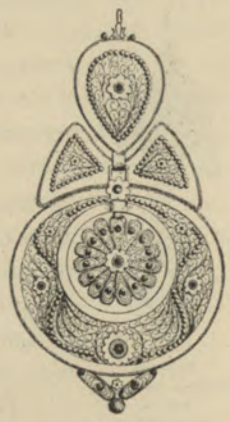


Fig. 10
Argola á rainha
Peso, 33 grs.
1/2 da gr. nat.

Na pratica d'uma soldadura tam subtil que não seja perceptivel a olho nú reside a habilidade suprema do artifice [2]. As joias encontradas nas necropoles da Etruria offerecem soldas d'uma delicadesa inimitavel [3]. E na ourivesaria merovingia, tam inferior estheticamente á gallo-romana, é interessante constatar, a par da inexperiencia ante os recursos ornamentaes da filigrana, o primor da applicação das soldas [4].

Em Travassos metade da solda é formada pelo ouro e a outra metade compõe-se de um terço de cobre e dois de prata. Em Gondomar a 10 grammas de ouro addiciona-se gramma e meia de prata e uma e meia de cobre e trincal. Esparge-se a solda com a *borrachinha;* e, applicando o maçarico, vigia-se ininterruptamente a acção do fogo. Então, se não ha em vista a fraude do emprego d'uma solda diminuída em ouro e destinada a tornar a peça mais pesada, o que, de resto, é menos frequente na obra de filigrana, o artifice, desde o «cantar da cigarra» até ao abandono do maçarico, effectuou uma das mais delicadas tarefas da sua empresa technica.

Fig. 11—Brinco de fuso.
Peso, 6 grs.
2/3 da gr. nat.

Fig. 12—Brinco de fuso.
Peso, 9 grs.
2/3 da gr. nat.

Borracha ou borrachinha é a indevida denominação, já antiga *(Borrachia* em Bluteau), d'uma pequena caixa de cobre, de forma cylindrica, d'onde emerge lateralmente um tubo ao de cima serrilhado. Dentro está a solda. E obliquando o recipiente sobre a peça faz-se oscillar e verter a poalha metallica passando a unha pela serrilha — que então *canta de cigarra!*

No ouro como na prata a similitude da manufactura é completa, sendo ambos os metaes, como se sabe e por egual, malleaveis e ducteis. Como o ouro, a prata é inalteravel ao ar e na agoa, e 1 gramma d'esta substancia

---

[1] DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Caelatura* cit., pag. 793.—FONTENAY, ob. cit., pag. 505.
[2] HAVARD, *Dict.*, voc. *Filigrane* cit., pag. 814.
[3] DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Caelatura* cit., pag. 795.
[4] HAVARD, *Hist.* cit., pags. 58-60.

pode fornecer mais de 2:000 metros de fio [1]. Liga-se, em geral, com o cobre; e apenas, para *limpar,* algumas leves divergencias nem contam para além dos interesses profissionaes.

A peça de filigrana de ouro, uma vez soldada, é de novo *recosida* afim de desapparecerem os effeitos do fumo e da soldadura. Enchem-se, para tal, em Travassos, dois recipientes de barro, justapostos pelas boccas ou bojos, com carvão de urze, havendo-se incluído as peças de ouro de permeio. Pousa-se depois o volume na forja afim de as aquecer; e é visivel que a alta temperatura em nada as prejudica, visto não manterem contacto directo com o fogo, de que os carvões as distanceiam. Seguidamente, depois de esfriadas, vão a *embranquecer* n'uma vasilha, onde as espera uma solução muito diluída de acido sulfurico.

Fig. 13
Brinco de fuso ou de campaínhas
Esmalte azul e branco
Peso, 7 grs.
Gr. nat.

Fig. 14
Brinco de fuso ou de campaínhas
Cabeça esmaltada
Peso, 10 grs.
2/3 da gr. nat.

Depois de *limpar* falta ainda *córar.* Prepara-se para o effeito uma massa em que entram, em Gondomar como em Travassos, 2 partes de salitre, 1 de sal e outra de pedra hume. Tudo misturado e addicionado d'alguma agoa vae a ferver, depois do que esfría e secca. É então que, de novo vertendo mais agoa e introdusindo as peças, se conduz outra vez o recipiente ao fogo, deixando que a pasta entre em ebullição. A côr fica mais ou menos *carregada,* conforme o tempo que as peças se demorem na massa e ao fogo.

Mas ainda aqui não remata a tarefa. As filigranas depois de *receberem a côr,* são ainda *areadas* ou polidas com areia fina, agoa e uma escova, afim de adquirirem o brilho conhecido. E voltam mais uma vez, rapidamente, á massa ou á *côr,* no proposito de expungil-as d'um ou outro defeito, procedente d'est'ultima diligencia, e fixarem o tom, definitivamente. Isto feito, são os objectos *brunidos,* ultima e simplissima operação que se limita ao attrito habil e, de resto, summario, d'uma haste de aço cylindrica — o *brunidor.*

N'uma e n'outra localidade, onde actualmente se trabalha em filigrana, a materia prima principal é o dinheiro. Ás moedas, libras sobretudo, accrescente-se ainda a *cascalhada,* velhos brincos, anneis, cordões e argolas, que vão ao cadinho para formarem as barras. Assim desappareceram e desapparecem antigos artefactos e mais ou menos valiosos especimens monetarios. Mas tal regimen vem de longe: em casos de necessidade particular ou de calamidade publica, como se verá, fundiu-se sempre o objecto de ouro e prata e sem escrupulo [2].

Fig. 15
Conta coberta avulsa
Gr. nat.

Fig. 16
Parte de collar de contas cobertas de filigrana
Peso do fio de 40 contas, 7 grs. Gr. nat.

Supplementarmente outro pequeno artificio dá algum ouro. É a *escovilha,* ou sejam os cadinhos, os carvões das forjas, o lixo das officinas e o das lojas, tudo quei-

[1] Havard, *Dict.,* voc. *Argent,* I, pag. 129.
[2] Vasconcellos, *Ouriv. prof.* cit., pag. 18.

mado para apuro dos residuos. Em Guimarães chamavam *covilheiros* aos que adquiriam os cadinhos para se aproveitarem d'esses vagos despojos. A extracção offerecia-se, ainda assim, lenta e penosa. Préviamente os cadinhos eram pisados, peneirados e, por fim, lavados. Extrahida a borra, ficava apenas areia e ouro; e d'esta mistura, lavada em um caco, dispunha-se o metal no fundo, permittindo facilmente a exclusão da areia. Ia depois o ouro com azougue a um pequeno moente onde se triturava durante algum tempo. E acabada a moedura, lançava-se a nova mistura n'um cadinho, sobre o qual um outro servia de tampa. N'este praticava-se superiormente um furo e introdusia-se-lhe um tubo de ferro. Condusiam-se então á forja, começando em breve o mercurio a sahir pelo tubo — d'onde passava para um alguidar com agoa — e ficando o ouro no fundo do cadinho inferior.

II

Os artefactos

As primeiras joias. — Os brincos. Multiplicidade typologica. A argola; ascendencia remota e remota evolução para o schema lunular. Anterioridade regional denunciada nas arrecadas proto-historicas do castro de Laundos. Precedencias mycenicas, etruscas e phenicias. Progressos ornamentaes. O brinco fusiforme e a sua perfeita identidade com o modelo phenicio. O brinco com tintinabulos: este accessorio já apparece nas joias troianas, etruscas, romanas e ibericas. Outros themas e sua filiação artistica e technica. — Cordões, collares e gargantilhas. As contas e os modelos toscanos. — A cruz de Malta, os crucifixos, os relicarios e os corações. A cruz e o coração motivos de preferencia em todas as manifestações artisticas populares. — Os broches. — Os berloques. — Os anneis. Seu apreço. Sobrevivencia de padrões italo-gregos. — As pulseiras; aberração e desvarío das formas preferidas. — Os alfinetes de cabeça e seu desuso. — Conclusões.

O costume de perfurar o lobulo da orelha procede do Oriente, tendo sido iniciado por asiaticos e egypcios e penetrando na Europa por via dos hellenicos [1]. É entre nós uma das preoccupações primarias relacionadas com o ornamento das creanças; acaso só precederão os brincos um pequeno crucifixo de ouro e os amuletos: «botões» diminutos, mesmo umas «argolinhas» constituem em geral as primeiras joias que ataviam os alvores da infancia feminina. Mais tarde os brincos são, entre todos os adornos, os de preferencia indeclinavel. «Deitar ás orelhas» o producto do primeiro ganho é converter nos enfeites adequados as economias asperamente, morosamente amealhadas, muitas vezes depois de annos dolorídos de despeitos, de aspirações insoffridas e de pungentes anceios!

Assim é natural que o aurifice multiplicasse o seu engenho concebendo e realisando numerosos modelos, addicionados ainda de maior variedade de accessorios. No Portugal antigo — escrevia-se ha mais d'um seculo — houve arrecadas de *pensamentos,* assim chamadas pela sua demasiada finura, de *bicha,* pela figura d'uma cobrinha, de *alfinete,* por se introdusirem nos buracos dos lobulos e não fecharem. Os *arrieis de orelhas* eram anneis de ouro, grossos e largos, que d'ellas pendiam e até os homens

[1] Daremberg et Saglio, *Dict.,* voc. *Inaures* de E. Saglio, III, pag. 440.

usavam. Mas «os nomes e figuras dos [brincos] do nosso tempo (sec. XVIII) não caberiam n'um só diccionario e bem corpulento» [1].

Fig. 17
Collar e cruz (modelo antiquado). Peso, 53,5 grs. 1/2 da gr. nat.

Áparte os modelos de tam simples estructura que decerto a todos os povos occorreram, a arrecada, circular ou em crescente, é entre nós um dos padrões de ascendencia mais remota. O schema do corpo superior das notaveis arrecadas do castro de Laundos confina com o da arrecada actual de travessão recto e ainda o d'outras arrecadas d'um castro da Galliza [2]. D'estas ultimas facilmente se passa á lunula definitivamente accentuada, a qual, desde os tempos proto-historicos, assim enraísa, sequer, na orla do noroeste da peninsula. Independentemente das formas simples em caixa, de chapa batida lisa ou historiada e de sanguesuga ou roliça *(africanas),* as filigranadas que ainda actualmente se fabricam dão a serie quasi ininterrupta, a começar no modelo circular (fig. 2) e passando successivamente — duplicando ou triplicando as zonas luniformes, espaçando-as, ornamentando-as periphericamente e enchendo-lhes os vasios — ao thema e alicerces do crescente (figs. 3 a 8). Este motivo lunular parece de origem phenicia [3]; semeado de granulos de ouro é muito frequente entre os

---

[1] VITERBO, *Elucid.*, vocs. *Arrancanes* ou *Arrecadas* e *Arriel*, I, pags. 137 e 140; voc. *Pensamentos*, II, pag. 213 (ed. de 1798). — BLUTEAU, *Vocab.*, vocs. *Bicha*, II, pag. 119 e *Pensamentos*, VI, pag. 399 (ed. de 1712 e segs.)

[2] J. VILLA-AMIL Y CASTRO, *Adornos de oro encontrados en Galicia*, in *Museo español de antigüedades*, III, figs. 1, 2, 4 e 5 e pag. 545 e segs. Madrid, 1874. — O MESMO, *Productos de la metalurgia gallega en tiempos remotos*, in *Bol. de la Comisión provincial de monumentos hist. y artist. de Orense*, III, pag. 145 e lám. III. Orense, 1907. — SEVERO, *As arrecadas* cit., pag. 411, pl. XXXI e figs. 4, 5 e 7. — Entre outros innumeros exemplos, não fallando já nos mostruarios dos ourives, lembre-se ainda os surprehendidos occasionalmente nas mulheres poveiras photographadas na interessante e proficiente memoria de FONSECA CARDOSO, *O poveiro, Estudo anthrop. dos pescadores da Povoa de Varzim*, in *Portvgalia*, II, figs. 14, 15, 18, 19, 24 e 25 de pags. 529, 533 e 537. Porto, 1908.

[3] FONTENAY, ob. cit., pag. 101. — O indefesso, illustre e benemerito archeologo sr. Santos Rocha, na sua notavel memoria intitulada *Estações pre-romanas da idade do ferro* e inserta no tom. II da *Portvgalia*, pag. 301 e segs., não admitte uma influencia caracteristicamente punica, uma vez que se conhecem arrecadas de bronze da idade do ferro e pre-mycenicas (pags. 328-9). Os passos que cita são procedentes — considerando-se como arrecadas aquelles barbaros esboços (salvo o crescente do *Compte-rendu* do Congresso anthrop. de 1900, Mem. de REINACH) que bem podiam evolutir n'outro sentido.

despojos d'aquella procedencia [1]; e até uma argola tambem phenicia e em crescente exhibe leves filigranas espiraladas, se bem que em disposição diversa das que as nossas apresentam [2]. Do mesmo motivo, emtanto, se podem approximar o brinco mycenico em que, a estructura sendo a mesma, se inscrevem dois remates em espiraes [3], e ainda alguns de Troia e da Etruria [4].

Lunulado é fundamentalmente o contorno da arrecada em cujo centro vasado oscilla uma peça tambem em crescente e articulada (fig. 9); mais complexa, embora com os mesmos cordões granosos em SS, as mesmas rosetas e as mesmas espiraes interpoladas, já se mostra um outro typo muito em voga, onde, entre as peças em que o brinco se dobra, um annexo diptero intermediario se inclue para harmonia do conjuncto (figs. 10 e 50).

Fig. 18
Collar e brinco, antigos. Cabeça e centro do laço do brinco com esmaltes e dois pequenos diamantes. Peso do collar, 9 grs. Peso do brinco, 2,9 grs. 1/2 da gr. nat.

Com parentesco distante o typo fusiforme egualmente ainda perdura (figs. 11 e 12). Um botão, uma rosacea ou uma conta suspendem a parte essencial do adorno, recamada, ás series ou ás zonas, de cordões, de crespos e de rêdes. Assim delineados, burilados a primor e decompondo-se em seis peças, ha-os na ourivesaria antiga nacional [5]; o simile mais perfeito, comtudo, encontra-se no exemplar phenicio do mesmo talhe, egualmente articulado, com a mesma serie de flores em baixo e em roda e uma perola terminal [6].

Não subsistem, se acaso já existiram, os brincos decomponiveis em duas ou mais peças d'uma das quaes pendiam, por trancelins, alguns berloques. Em formas nossas tam interessantes que logo lembram os typos etruscos (figs. 13 e 14), o primeiro ou segundo corpo directamente suspende dois tintinabulos. As variedades d'este gracioso padrão de brincos, cujos modelos recatados e quasi em desuso é lastima não ser possivel aqui fixal-os, teem conceptivamente uma estirpe tam imprecisa como archaica. No Egypto os pingentes suspensos de cadeias existiam já na epocha de Ramsés [7], foram depois tambem usados na Phenicia [8] e encontraram-se em sepulturas

---

1 Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Inaures* cit., pag. 441 e fig. 3999.

2 Perrot, *Phénicie* cit., pag. 823 e fig. 576-c.

3 Idem, *La Grèce* cit., pag. 971 e fig. 548. — Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Inaures* cit., pag. 443 e fig. 4003.

4 Fontenay, ob. cit., pag. 101.

5 Vasconcellos, *A Exp. de arte ornamental em Vianna*, in *Exp. de arte ornamental do districto de Vianna... em 1896*, pag. 26. Vianna, 1898.

6 Perrot, *Phénicie* cit., pag. 823 e fig. 576-e.

7 Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Inaures* cit., pag. 440.

8 Perrot, *Phénicie* cit., pag. 818 e fig. 576-d.

da edade do ferro da Italia [1]. É mesmo muito frequente este ornamento entre os despojos da sumptuaria etrusca, ás vezes appensado a joias de grandes dimensões, pyriformes ou amphoristicos, vitreos ou granaticos [2]. A pequena campanula, porém, tambem figura [3], como já succedera em Troia [4]; e não se ignora que os *crotalia* dos *inaures* romanos, ou sejam duas e tres pedras entrechocando-se, visavam á obtenção d'um ruído analogo [5]. No collar de ouro apparecido em Cintra, e hoje em Londres, alguns hemispherios que o ornavam fasiam lembrar metades de guisos, enfeite não alheio a outras joias da edade do ferro [6]; e em duas pequenas peças d'uma manilha do excepcional thesouro de Lebução um grão de areia interno e solto manifestamente fôra incluído para ambas tilintarem [7]. Mais tarde e successivamente as pequenas campas se exhibiram nas pyxides, nos calices e nas cruses processionaes, sobrevivendo todavia no artefacto popular a despeito de todas as fluctuações mundanas e artisticas!

Fig. 19
Collar completo. Esmaltes azues e brancos
Peso total, 38,8 grs. — 1/2 da gr. nat.

N'este summario introspecto dos brincos de filigrana ainda em uso, numerosas modalidades levemente differenciaveis se poderiam incluir, não contando os modelos perdidos no cadinho ou nas reservas domesticas arrecadadas. Com elles indistinctamente se associam os de molde ou chapa, variamente debuxados, discoides, oblongos, pyramidados (figs. 47 e 48), decomponiveis em duas e mais partes, com esmaltes figurando um amor perfeito ou outra flor, como, a partir do seculo XVI, não cessou de ser moda [8], ou representando uma ave [9], cysne ou pomba, á maneira d'outros italo-gregos. Mais padrões e motivos, como o cacho de uvas, assumpto já de adopção phenicia [10], a mesma moeda suspensa outr'ora de brincos e collares romanos [11], o azeviche,

---

[1] O. MONTÉLIUS, *La civilisation primitive en Italie* etc., 2.ème partie, *Italie centrale*, fig. 7, serie B, pl. 153 do Atlas (I). Stockholm, 1904.

[2] MARTHA, ob. cit., pags. 568-9 e 571-2.

[3] NOËL DES VERGERS, ob. cit., pag. 278 e n.os 5, 6 e 7 de pl. XXXI. — FONTENAY, ob. cit., figs. de pags. 109, 110 e 113.

[4] FONTENAY, ob. cit., pag. 95.

[5] DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Inaures* cit., pag. 446. — FONTENAY, figs. de pag. 116.

[6] SEVERO, *O thesouro* cit., pag. 8. — VILLA-AMIL Y CASTRO, *Productos* cit., III, pag. 85.

[7] SEVERO, *O thesouro* cit., pag. 12.

[8] FONTENAY, ob. cit., pag. 228.

[9] IDEM, ob. cit., figs. de pags. 108-9.

[10] PERROT, *Phénicie* cit., pag. 823 e fig. 584.

[11] FONTENAY, ob. cit., fig. e pag. 117 e pags. 182-3.

os coraes e os vidros matisados, os «beijinhos» ou gasteropodes do Gen. *Cyprœa, C. Europœa,* Montg., (var. *tripunctata),* até as sementes rubidas exoticas e os elytros coruscantes de coleopteros da fauna entomologica brasileira completam o quadro das variedades d'esse adorno.

Fig. 20
Centro do collar da fig. 18. Esmaltes azues e brancos
Peso, 4,8 gr.
2/3 da gr. nat.

Depois dos brincos é para o ornamento do peito e do pescoço que se volvem os desejos. A serrana do planalto barrosão, emquanto não alcança o fio ou fios de contas de ouro, adopta-os de vidros opacos ou corados [1]. Os cadeados de grossas argolas, os grilhões massiços, os cordões de trança (figs. 48 a 50) succederão aos fios de contas lisas, esphericas ou ovaladas [2], uma vez a mulher minhota ascenda em bem-estar e na fortuna. D'essas contas umas são exterior e levemente guarnecidas de fio de ouro (figs. 15 e 16) e outras todas formadas de filigrana. É então que, sem attingirem a subtil delicadeza das italianas actuaes, lembram as admiraveis perolas de ouro da Etruria [3]: dir-se-hiam nossas, em dimensões e estylo, as dezeseis apparecidas n'uma pequena sepultura *ad arca* das proximidades da cidade etrusca de Mezzabotto, em Bolonha, fundada 500 annos a. de C. [4]!

D'estes collares de contas, tam varios em extensão quanto permitte o numero de elementos adquiridos, apartam-se os completamente formados, ás vezes tambem de contas ou «azeitonas» alternadamente polidas e estriadas (fig. 17), outros com mais ou menos filigrana nos SS componentes e entremeados de rosetas (fig. 18), outros ainda superiormente complicados no seu thema repetido e realçado com esmaltes (fig. 19), e todos suspendendo florões, o symbolo da fé ou o symbolo do amor.

Fig. 21
Cruz. Roseta central esmaltada a azul e branco
Peso, 11,5 grs.
1/2 da gr. nat.

Fig. 22
«Estrella» ou cruz de Malta
Esmaltes azues e brancos
Peso, 27 grs.
1/2 da gr. nat.

Estes accessorios pendentes, quando não procedem já d'uma arte culta (figs. 18 e 20), figuram ordinariamente a cruz de Malta diversamente estylisada (figs. 17, 19, 21, 22, 47 e 48), alegrada ainda com rosaceas em esmalte e prolixa, não raro, de pormenores filigranados. Outras vezes é o crucifixo em que a obra de filigrana resplandece n'uma abafada aureola (fig. 23); outras são os relicarios (figs. 24, 25 e 49), ou porque

[1] Rocha Peixoto, *O traje serrano,* in *Portugalia,* II, pag. 385. Porto, 1907.

[2] As contas ovoides, sem filigrana, ainda muito communs, teem ascendentes remotos e fabricados com varias substancias. Ás vezes affectam grosseiramente a forma de dois troncos de cone unidos pelos planos das bases. E além do seu destino para collares tambem na antiguidade se adoptavam isoladamente como brincos. Ex.: Antonio Magni, *La necropoli ligure-gallica di Piannezo nel canton Ticino,* pag. 56 e tav. VIII. Milano, 1907.

[3] Noël des Vergers, ob. cit., pag. 27.

[4] Montélius, ob. cit., 1.ère partie. *Italie septentrionale,* pag. 517 do texto e fig. 4 de pl. 109, serie B do Atlas.

encerrem despojos sagrados ou porque exhibam a imagem de Jesus; outras, por fim, os corações.

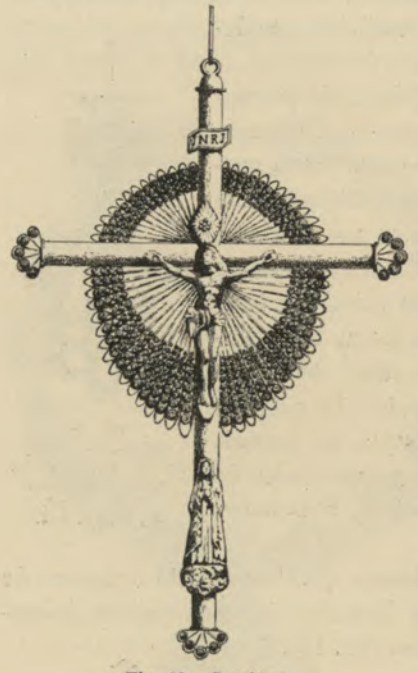


Fig. 23 — Crucifixo
Peso, 31,5 grs. — 1/2 da gr. nat.

O mais vulgar apparece-nos simplesmente recortado n'uma chapa; assim diminuto e mais accessivel, quando de filigrana limita-se a obra de fio de ouro a singellas enroscaduras e espiraes symetricamente dispostas (figs. 26 e 27); ainda barato o ornamento cordiforme é de chapa brunida com ligeiras applicações granulosas e orlas denticuladas (fig. 28); até que surgem os de composição progressivamente mais diffusa (figs. 29 e 30), alguns mesmo com as suas espiras interessantemente irradiantes e um dextro enrolamento peripherico (fig. 31, faces anterior e posterior), outros ainda mais complexos e nos quaes se accentuam, exuberantes, os motivos espiriformes e em SS (fig. 32, faces ant. e post.). Com a cruz o coração deveria, realmente, ser um dos themas populares mais preferidos. Elle ornamenta os jugos e as rocas, as espadelas, as colheres e os chavões, as caixas de rapé e os polvorinhos, a olaria commum e a faiança de comer e ornamento, as colchas e os bordados, as rendas de bilro e as rendas de malheiro, os escudetes e candeias; é peso de tear e é pregadeira; pinta-se nos barcos e pinta-se na pelle; borda-se nas camisolas e nos fatos, para a vista, e recorta-se em bentinhos, para dentro; foi ou é amuleto e emblema; faz-se de panno, de pedra, de vidro, de coral, de cornalina, de madre-perola, de osso, de chumbo e de prata; no mais apparatoso alarde do luxo e do adorno o mesmo motivo, pois, (figs. 47 a 50) não deixaria de exhibir-se com a sua chammejante e aurea pompa!

Fig. 24
Relicario ovoide, modelo antigo e raro
Peso, 6 grs.
2/3 da gr. nat.

Fig. 25 — Relicario. Fundo do ediculo: palhão vermelho. Turquezas (?) nos centros das rosetas. Peso, 16 grs. 2/3 da gr. nat.

Em collares dos camponeses do Auvergne, fabricados no seculo XVIII, um dos elementos ornamentaes é cordiforme; o coração d'um pingente de ouro veneta recorda os nossos [1]; nos anneis populares do Poitou, ornados com monogrammas e attributos religiosos, apparecem por egual os corações, sendo ainda estes e as cruses os principaes berloques adoptados [2]; ao menos como amuleto ainda se sabe do seu

---

[1] Fontenay, ob. cit., pags. 232 e 241.

[2] H. Gelin, *L'Ethnographie à l'Exp. de Niort (1896)*, in *La Tradition en Poitou et Charentes*, pags. 72-4 e figs. da pl. em face de pag. 72. Paris, 1897.

uso [1], occulto e suspenso ao peito. De sorte que, por entre os medalhões ornamentaes ou com retratos, os corações mais ou menos, e principalmente entre nós, constituem um dos paramentos necessarios para diminuir a monotonia dos collares. E estes, ao contrario dos antigos opulentamente enriquecidos de amuletos, cabeças de animaes e humanas, amphoras, flores e fructos de ouro, de vidros e de pedrarías, suspendem apenas, entre nós, uma só peça que affirma a crença, defende do maleficio ou symbolisa o affecto — em qualquer caso, e sempre, blasonando e luzindo!

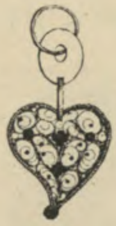


Fig. 26
« Venera »
Peso, 2 grs.
2/3 da gr. nat.

Fig. 27
«Borboleta»
Peso, 8 decs.
Gr. nat.

Os broches de filigrana, em rigor, não teem caracter tradicional. Com a invasão da moderna variedade de berloques para pulseiras e correntes surgiu a dos broches inspirados em motivos floraes, faunisticos e outros de mais ou menos indigente ideação. Da fibula, outr'ora deliciosamente filigranada [2], e mais util do que o broche, que ás vezes a lembra, não resta, se a houve, nem tradição nem vestigio. Fabricam-se os broches filigranados como se produzem as *châtelaines* — outro artefacto de introducção recente, embora já antigo e triumphante, principalmente no seculo XVIII [3], destinando-se uns e outras a usos que a moda popular pouco ou nada reconhece.

Já os anneis são objecto de muito e generalisado apreço. Os antigos modelos, entre os quaes não esqueceu o serpentiforme, de ascendencia, sequer, italo-grega e com similes nos braceletes etruscos e hellenicos figurando cobras [4], perduram nas velhas matrizes subsistentes, ornatados apenas, ás vezes esmaltados e ainda com vidros coloridos ou com pedras, outras, por fim, filigranados (figs. 33 e 34) nas zonas exteriores de exhibição. Do antigo artefacto que decerto o babylonio inventou [5], emblema do poder e, na Roma antiga, privativo a principio de cavalleiros e senadores [6], sobrevivem, nas classes cultas, os brazonados e com sinetes. O popular de filigrana cahe em desuso como em desuso subsiste a pulseira do mesmo lavor.

Fig. 28
Coração de chapa
Peso, 22 grs.
1/2 da gr. nat.

Entretanto elaboraram-se braceletes filigranados de que restam despojos de arte mais ou menos erudita (fig. 35). Mas as manilhas, que actualmente como jugulam os pulsos das mulheres ruraes abastadas, são obra de chapa fosca e brunida, estructuralmente confusa e arrebicada, comparavel na sua indisivel barbaríe aos broches tambem de chapa e aos florões incongruentes e intrincados que pendem das gargantilhas. Mais interessantes na sua elementar sobrie-

1 G. Bellucci, *Amuleti italiani contemporanei*, pags. 68-9 e 73. Perugia, 1898.

2 Martha, ob. cit., pags. 581-3.

3 Fontenay, ob. cit., pag. 457.

4 Idem, ob. cit., figs. de pags. 31-2 e pag. 277 e segs.

5 J. L. Pic, *Le Hradischt de Stradonitz en Bohême*, trad. de Joseph Déchelette, pag. 40. Leipzig, 1906.

6 Marquardt, ob. cit., pags. 359-60.

dade, algumas armillas proto-historicas sobrelevam em moderação e equilibrio [1] as aberrações e os desvaríos dos braceletes actuaes!

Por ultimo e dos alfinetes (fig. 36), a não serem os de gravata, esqueceram decerto os da cabeça, mesmo nos tempos já distantes em que ella se ataviava com rêdes reluzentes de vidrilhos. E os alfinetes, de uso geral em toda a antiguidade [2], ornamentaes e esculpidos, foram um accessorio muito commum de utilidade e adorno nos tempos lusitano-romanos [3].

Fig. 29
«Coração de bico»
Peso, 1,5 gr.
Gr. nat.

Fig. 30
«Coração de fios»
Pedras esparsas de vidros coloridos
Peso, 19 grs.
1/2 da gr. nat.

Resulta, pois, que a obra de filigrana portuguesa carece de originalidade não só nos arcabouços estructuraes, com precedencias orientaes, hellenicas e etruscas, como nos pormenores decorativos — os SS e as espiras. Os SS são um constante elemento de ornamentação greco-etrusca, ou simples ou já espiralando nos remates [4]. De per si só as espiraes constituíram brincos, e muito cedo, em Troia, em Mycenas e na Etruria [5]. Por fim o aurifice pre-mycenico e mycenico do primeiro periodo empregou-as em tudo, orlando e enchendo [6]. «Os enrolamentos em espiral constituíam um motivo principal na ornamentação mycenica» [7]. É o que vemos ainda hoje, em regra, mais grosseiro e mais barbaro. E sobre as presumiveis influencias longinquas começavam a instruir-nos as recentes descobertas dos artefactos proto-historicos peninsulares — nas formas, nos accessorios e nos destinos — se o que ainda viceja e fructifica não fosse um limpido espelho do passado [8]!

---

[1] Nos fasciculos que constituem o II tomo da *Portvgalia* os varios artigos, anteriormente citados, que se occupam da ourivesaria proto-historica entre nós accrescentam até á data, triplicando-o, o inventario de artefactos de ouro já descriptos e descobertos em Portugal. Vêr a nota 2 de pag. 68 do tomo II da *Portvgalia* e ainda os escriptos subsequentes.

[2] Martha, ob. cit., pag. 564. — Fontenay, ob. cit., pag. 193. — Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Acus*, de E. Saglio, I, 1.ère partie, pags. 61-4 e resps. figs.

[3] Só na acropole da cividade de Terroso, perto e no concelho da Povoa de Varzim, uma exploração recentemente effectuada (1906-7) pôz a descoberto varias dezenas de alfinetes de bronze mais ou menos ornamentados. Fazem parte, como todo o espolio archeologico, das collecções municipaes do Porto.

[4] Martha, ob. cit., pag. 567. — Montélius, ob. cit., 1.ère partie, pag. 517 e fig. 9 de pl. 109, serie B. — Severo, *As arrecadas* cit., pag. 409.

[5] Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Inaures* cit., pag. 445.

[6] Perrot, *La Grèce* cit., pag. 958 e figs. 519-21.

[7] Sophus Müller, *L'Europe préhistorique*, pag. 96 e segs. Lamarre ed. Paris, s. d. [1908]. — Joseph Déchelette, *Manuel d'arch. préhist., celtique et gallo-romaine*, I, pag. 613. Picard ed. Paris, 1908.

[8] Os pesos indicados nas illustrações referem-se ás peças, todas de ouro, inicialmente desenhadas na grandesa natural. Emtanto são variaveis, exactamente como as dimensões dos artefactos. Assim os pesos variam d'esta sorte nos objectos representados nas figs.: 2, de 5 a 18 grs.; 3, de 1,5 a 15; 4, de 2 a 12; 5, de 1,5 a 20; 6, de 2 a 15; 7, de 9,5 a 22,5; 13, de 4 a 20; 16, de 6 a 18; 22, de 3 a 80; 23, de 3 a 100; 25, de 16 a 50; 26, de 2 a 6; 28, de 1 a 60, e 29 e 31, de 1,5 a 100. O alfinete de gravata figurado em remate d'este estudo é esmaltado a azul e branco, pesa 3,9 grs. e está redusido a 2/3 da gr. nat.

III

Os accessorios: pedras e esmaltes

A associação das gemmas com os metaes nobres. Preferencias ou dominio de certas pedrarías. Emprego parallelo da falsa joalheria. A sua introducção em Portugal. — O quartzo hyalino. Os lapidarios de Contumil. A corporação de lapidarios de Penafiel, ignorada ou já esquecida. Como desbastavam, facetavam e poliam o crystal de rocha. As clientelas de Guimarães e Gondomar: como ellas, com as fraudes, se subverteram e despenharam a lapidação. Triumpho dos vidros córados estrangeiros. — Hypotheses sobre a invenção dos esmaltes. Os esmaltes de origem celtica. Futuro papel nas artes sumptuarias. Os esmaltes aragonezes; d'elles derivam, porventura, os nossos esmaltes artisticos. Sobriedade de concepção, factura e paleta do esmalte portuguez. Agiologio e geometria. — O esmalte popular. Parallelismo dos nossos padrões com certos da edade do ferro. Os dois processos de fabríco. — O esmalte industrial, ordinario e alheio invade o mercado portuguez.

Ás filigranas tambem se juntavam e associam ainda hoje, como se viu, as pedras e os esmaltes. A união, com os metaes de adorno, das gemmas e dos vidros, tem origens distantes, decerto nas civilisações orientaes, e nomeadamente na Babylonia, no Egypto, que soube gravar e lapidar [1], porventura mais remotamente nos povos indianos. O aurifice phenicio misturava ao brilho dos metaes preciosos os tons variados da cornalina ou do onyx, do quartzo ou das pedras artificiaes, attenuando assim a uniformidade de diademas e collares [2]; em Mycenas o joalheiro empregava frequentemente as pedras pouco finas e a vidraría, conseguindo d'est'arte dar ás joias, sob um menor valor intrinseco, uma ostentosa apparencia de riqueza [3]; em Roma eram muito estimadas as esmeraldas, granadas e amethystas [4], tornando-se essencial como ornamento a pedra ou a perola e attingindo-se no tempo do Imperio [5], e mais ainda na decadencia [6], a loucura pelo adorno em que as côres irisadas, a limpidez ou o fogo dos crystaes raros dominavam, ou sequer modestamente se exhibiam os effeitos chromaticos das cornalinas, das agathas, dos jaspes e dos topasios [7]; os esmaltes gaulezes derivavam da imitação dos coraes, antes usados [8], além dos numerosos atavíos de vidro, opacos ou pouco diaphanos e variadamente córados que as populações da mesma civilisação ainda importavam [9]; nas joias merovingias á grande economia dos metaes nobres contrapunha-se frequentemente a relativa profusão de granadas, amethystas e saphiras, ou, á

---

[1] Alfredo Bensaude, *O diamante*, in *Rev. de Scs. Naturaes e Sociaes*, II, pag. 161. Porto, 1893. — Fontenay, ob. cit., pag. 77.

[2] Perrot, *Phénicie* cit., pags. 824-9.

[3] Idem, *La Grèce* cit., pags. 972-5.

[4] Marquardt, ob. cit., pag. 363.

[5] Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Inaures* cit.. pag. 446.

[6] Fontenay, ob. cit., pag. 75.

[7] Gusman, ob. cit., pag. 458.

[8] Déchelette, *Le Hradischt de Stradonic*, in *Les fouilles du Mont Beuvray de 1897 à 1901*, pag. 147. Picard ed. Paris, 1904.

[9] Pic, ob. cit., pags. 38-9. — Fontenay, ob. cit., quadro de pag. 74.

faltas d'ellas, da vidraria polychromica, lapidada ou incrustada [1]; na ourivesaria gothica encontram-se filigranas encastoando pedras e camapheus [2]; e posteriormente alcançavam grande apreço as peças decoradas com aljofares [3] matisando anneis e diademas, brincos e gorgeiras!

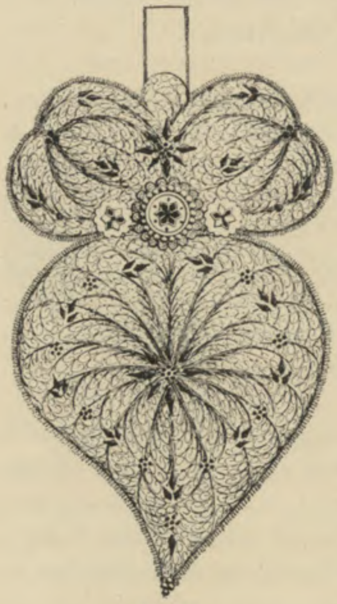


Fig. 31
Coração. Face anterior
Roseta central substituida, em alguns casos, pela V. da Conceição em esmalte (allemão ?)

D'entre a varia pedraría estimada pela raridade, pelo fulgor e até pelas supersticiosas virtudes medicinaes e magicas [4], ou, mais commum, admittida pelo brilho e chromía do seu polido e facetas, resignando-se a vaidade a supportar um epidoto ou chrysolitho á mingoa de um diamante de grande agoa, domina a silica crystallisada. Na Grecia archaica [5], na Phenicia [6] e em Roma [7] o crystal de rocha era muito procurado para a mais varia applicação ornamental; em França o diamante de Alençon [8], que consiste n'um crystal de quartzo negro de grande translucidez e affectando a forma de duplas pyramides hexagonaes, foi uma das pedras mais apropriadas pela baixa joalhería; mesmo no seculo XIV uma medida regia prohibe a talha do crystal de rocha em forma de diamante [9], defendendo assim a insciencia dos incautos; e já dois seculos antes, pelo menos, os lapidarios de Paris talhavam o quartzo, como se averigua no seu Compromisso associativo [10].

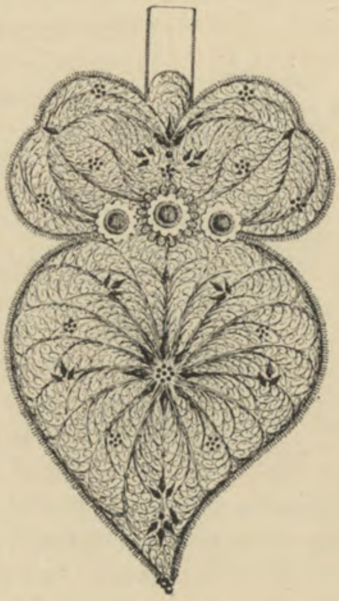


Fig. 31-*bis*
Face posterior do coração de fig. 31
Esmaltes e vidraria polychromica
Peso, 45 grs.
$1/2$ da gr. nat.

A joalhería falsa começou a entrar em Portugal com a mulher de Affonso VI [11]; mas o emprego do quartzo hyalino nas filigranas, e principalmente nas de prata, reinou com muito exito desde tempos imprecisos, emquanto não se subverteu, com as fraudes,

[1] Havard, *Hist.* cit., pag. 59.
[2] Vasconcellos, *Hist. da ouriv.* cit., pag. 115.
[3] Idem, *A Exp.... em Vianna* cit., pag. 36.
[4] Bensaude, ob. cit., pag. 161 e segs.
[5] Perrot, *La Grèce* cit., pag. 975.
[6] Idem, *Phénicie* cit., pag. 824.
[7] Gusman, ob. cit., pag. 458.
[8] Havard, *Dict.*, voc. *Diamant*, II, pag. 124.
[9] Idem, *Dict.*, voc. *Diamant* cit., pag. 124.
[10] Idem, *Hist.* cit., pags. 368-70. — O mesmo, *Dict.*, voc. *Lapidaire*, III, pags. 272-4.
[11] Vasconcellos, *Exp. de ouriv.* cit., in *Commercio* cit. de 12-XII-83.

a exportação dos artefactos para a America. Ha trinta annos ainda se encontravam lapidarios nos arredores do Porto, occupando-se sobretudo do desbaste do crystal de rocha. Varios exerciam a industria em Contumil, junto a Venda Nova, na freguesia de Rio Tinto, ou seja n'uma das mais notaveis zonas que, no norte do paiz, se pode antolhar ao petrographo [1]. Os filigraneiros de Gondomar lá conduziam as *garras* de ouro ou prata, escolhendo os lapidarios, das pedras já por elles facetadas, as que melhor se acommodavam aos engastes. Era então que os ourives expediam as filigranas para o Pará, até á altura em que as demasías da burla no toque dos metaes desacreditou de vez a industria e a ruíu.

Fig. 32
Coração. Face anterior. Modelo já pouco frequente. Esmaltes e turquesas (?)

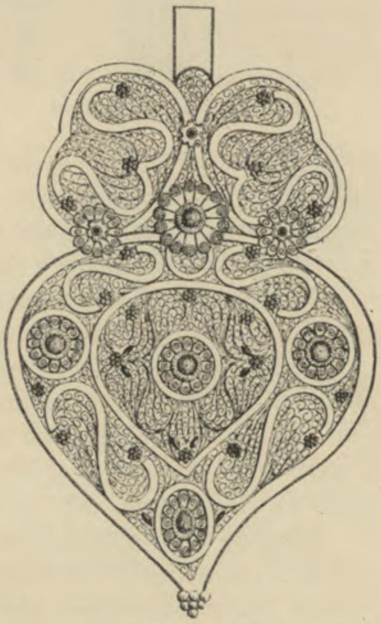


Fig. 32-*bis*
Face posterior do coração de fig. 32
Peso, 80,5 grs.—$^1/_2$ da gr. nat.

Mas passam quarenta annos, e com elles a lembrança se vae amortecendo da corporação dos lapidarios que habitavam Penafiel. Eram ainda os prismas hexagonaes uni-pyramidados de quartzo *(pedrinhas agudas enfacetadas)*, desbastados em semi-dodecaedros e até em varios polyedros mais ou menos regulares, o objecto principal

[1] A titulo de curiosidade annotar-se-ha que toda aquella região da bacia do Baixo Douro é, geologicamente, muito instructiva. Independentemente dos depositos anthracitosos de S. Pedro da Cova, dos sedimentos siluricos e fossiliferos do seu aro e da zona antimonifera das immediações de Gondomar, as pegmatites, os gneiss e os micaschistos de Rio Tinto, Venda Nova, Fanzeres e proximidades encerram varias especies muito interessantes para a mineralogia nacional. O quartzo hyalino, leitoso, defumado e roseo (Marco da Continha, Venda Nova), a amethysta, a opala commum (Pedreira da Boavista, em Rio Tinto), a turmalina, nos schistos micaceos e nas rochas granitoides do logar da Azenha e em Venda Nova, a moscowite, em grandes lamellas foliaceas, com o n. v. de *espelho de gato* (Estrada de Venda Nova a Fanzeres, Azenha e Marco da Continha), o berylo, em lindos prismas hexagonaes (Marco da Continha), a granada almandina, já frequente nos micaschistos da Granja, disseminada na Bouça da Azenha e, adeante, nos gneiss da Areosa, a disthena, nos schistos do logar da Azenha, a estaurolithe, na forma do prisma primitivo ou maclada, vulgarmente denominada *cruzeta* (Quinta da Egreja, Mouros e Santa Eulalia, em Fanzeres), a esmeralda, em pequenissimos prismas hexagonaes, no gneiss da pedreira de Alvarinho (Fanzeres) e a pinite (?) constituem, n'uma area restricta, um curioso mostruario e ensinamento. Entre outras collecções existe a reunida pelo director da *Portvgalia* e illustre engenheiro sr. Ricardo Severo e pelo A., actualmente pertença do Gab. de Geologia da Acad. Polytechnica do Porto.

da sua industria. Para o desbaste, facetado e polidura o lapidario começava por annexar, com betume, um crystal solto á extremidade d'uma vara, levando-o depois á roda de chumbo onde, com o esmeril, a pouco e pouco obtinha as faces. O movimento do disco era associado ao d'outra roda a que uma manivella se annexava, relacionando-as uma corda de tripa em 8 — exactamente, mas em plano horisontal, o apparelho elementar que convence experimentalmente sobre a recomposição da luz branca pela reunião das sete côres espectraes, ou «disco de Newton». As facetas, uma vez ultimadas, ficavam *mônas*, isto é, sem brilho algum; mas este manifestava-se após nova applicação do facetado n'uma roda de cobre e «terra pôdre». Só então, e para despojar os crystaes dos residuos do betume, é que se mergulhavam n'uma vasilha com agoa e algum azeite; e, depois d'uma fervura, as pedras resurgiam diaphanas e limpidas.

Fig. 33 — Annel. Peso, 2 grs.

Restava esperar o ourives de Guimarães ou directamente ir lá vende-las. Nos brincos de prata, principalmente, n'outros artefactos e até nos pentes se applicavam então, despenhando-se por fim, como se verá, uma industria de exportação tam remuneradora e prospera, mercê da frandulagem com que se pretendeu imbuír o *brasileiro!*

Extincta a profissão, ou redusida a mais limitados horisontes, vieram os vidros alheios substituir na ourivesaria popular, e sobretudo aquelles que grosseiramente imitam turquesas e rubís, os crystaes siliciosos encontrados nas drusas ou desintegrados das nossas pegmatites e filões. Só prevaleceram os esmaltes, aliás modernamente adquiridos sob a forma solida ou de pastas completamente organisadas.

Fig. 34
Annel. Pedras baixas, brancas e azues
Peso, 3 grs. Gr. nat.

O esmalte é inicialmente uma substancia pulverulenta, composta de areias e oxydos de chumbo, potassa ou soda, vitrificavel a altas temperaturas, opaca se addicionada d'um estannato de chumbo, córada de modo vario pela adjunção d'outros oxydos metallicos e inalteravel depois de solidificada. No estado pastoso deposita-se nos alvéolos

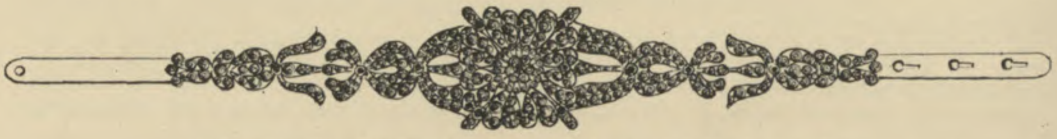


Fig. 35 — Pulseira relacionada com o collar da fig. 18. Rubís e esmeraldas
Peso, 20 grs. — $^2/_3$ da gr. nat.

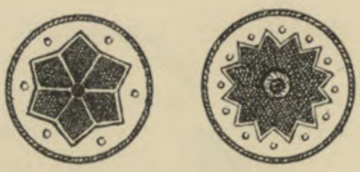
que, ao fogo, deve, em definitiva, preencher, tendo em vista certas precauções que exigem sagacidade e dextreza technicas, no que diz respeito, sobremodo, aos coefficientes de dilatação da substancia vitrea e do metal com que tem de fazer corpo, da adherencia, da fusibilidade, por fim, maior que a do supporte e a da solda [1]. As difficul-

[1] Paul Randau, *La fabrication des émaux et l'émaillage*, trad. de E. Campagne, pags. 16-96. Dunod ed. Paris, 1905. — Charles Blanc, *L'art dans la parure et dans le vêtement*, pag. 274. Laurens ed. Paris, s. d. — Havard, *Dict.*, voc. *Émail*, II, pag. 369. — Pic, ob. cit., pag. 45.

dades de fabríco, requerendo aptidões cultivadas e grande perseverança, consagrava outr'ora a producção dos esmaltes, e legitimamente, como uma arte nobre; com estes «crystaes» de engenho e artificio, inalteraveis ao ar e humidade, brilhantes e coloridos, ornamentavam-se e produsiam-se varios artefactos sumptuarios de ouro e prata, de cobre ou vidro, de faiança ou porcellana. As antigas corporações do officio guardavam segredo dos seus processos; e algumas dynastias de 5 e até de 9 chefes mantiveram o sigillo de varias das suas descobertas [1].

Fig. 36 — Alfinete de mulher, já raro. Engastado no centro, um vidro negro ou azeviche. Peso, 2,80 grs. 2/3 da gr. nat.

A invenção do esmalte é assumpto muito controvertido [2] de longa epocha. Suspeita-se que se fabricou no Egypto, primeiramente [3]; encontraram-se algumas joias de ouro esmaltado nas necropoles da Etruria [4], aliás consideradas como de importação hellenica [5]; mas o que não é já contestavel, independentemente das origens obscuras dos esmaltes chinas e bysantinos, é a sua antiguidade nas populações gaulezas. Um antigo texto allude, certamente, a um processo de esmaltagem usado por um povo das Gallias [6]; e nas ruinas de Bibracte, dos fins da segunda edade do ferro, todo um bairro parece ter sido occupado por officinas de esmaltadores [7]. Estes ornamentos vitreos, mais recentes, emtanto, do que outros tambem de origem celtica [8], eram em regra de côr vermelho-sanguinea, empregados quasi exclusivamente em fibulas e outros objectos de pequenas dimensões [9] e percursores dos ricos esmaltes polychromicos que, ao deante, no tempo do imperio romano, a industria celtica viria a produsir na Inglaterra [10]. No hradischt de Strado-



Figs. 37 e 38 — Esmaltes

Figs. 39, 40 e 41 — Esmaltes

---

[1] Havard, *Dict.*, voc. *Émail* cit., pags. 369 e 379.

[2] Interessa deveras lêr o resumo das disputas ácerca da origem dos esmaltes a pags. 164-79 do tom. I de — M. C. Barrière-Flavy, *Les arts industriels des peuples barbares de la Gaule du V.ème au VIII.ème siècle.* Picard ed. Paris, 1901. — Vêr ainda, entre outros: — Gabriel Millet, *L'art byzantin*, in *Histoire de l'Art*, par André Michel, I, 1.ère part., pag. 275 e segs. Colin ed. Paris, 1905. — Paul Leprieur, *L'art de l'époque mérovingienne et carolingienne en Occident*, in *Hist.*, A. e tom. cits., pag. 424 e segs.

[3] Pic, ob. cit., pag. 45. — Randau, ob. cit., pag. 1.

[4] Martha, ob. cit., pag. 563. — Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Caelatura* cit., pag. 799.

[5] Pic, ob. cit., pag. 45.

[6] G. Dottin, *Manuel pour servir à l'étude de l'Antiquité celtique*, pag. 156. Champion ed. Paris, 1906. — Fontenay, ob. cit., pag. 344.

[7] Dottin, ob. cit., pag. 156. — Fontenay, ob. cit., pags. 344-5.

[8] Déchelette, *L'Oppidum de Bibracte*, pags. 55-7. Picard ed. Paris, s. d. — O mesmo, *Le Hradischt* cit., pag. 145.

[9] Idem, *L'Oppidum* cit., pag. 57; *Les fouilles* cit., pag. 25; *Le Hradischt* cit., pag. 148.

[10] Idem, *Le Hradischt* cit., pag. 148.

nitz, centro de cultura celtica na Bohemia, os esmaltes exhumados são por egual monochromicos, da mesma technica, applicaveis aos mesmos typos de ornamento e de identico estylo decorativo [1]. Enraísada a arte nas ilhas britannicas, a principio ainda barbara mas breve progredindo até attingir no seculo XIII, e principalmente no seguinte, uma importancia capital [2], varias influencias ulteriores contribuem para o seu exito.

Os esmaltes allemães e franceses, e principalmente os ultimos, desthronam ao deante essa situação primacial, encontrando por sua vez, ao irradiar a Renascença ita-

Fig. 42 — Esmaltes

liana, uma competencia brilhante nos florentinos e venetas. Do seculo XIV fallam os documentos sobre a existencia, em Hespanha, de ourives esmaltadores [3]. E parece que foram os aragonezes os nossos mestres na arte culta de esmaltar [4], se bem que, nunca attingindo a sua multiplicidade, brilho e desenvoltura, fossemos sobrios na extensão e variedade dos motivos ornamentaes. É da segunda metade do seculo XV em deante que, em maior grau, se applicou o esmalte artistico em Portugal, realçando com este vidro certas molduras e florões, a indumentaria ou carnadura das imagens, as joias e os escudos de armas [5]. Como *émail des peintres* apparecem, no seculo XVIII, e realisadas por artistas anonymos, pequenas figuras de devoção em pintura polychromica [6], restando, dos esmaltes de caracter popular, mesmo nos que se observam mais antigos, as rosetas, estrellas e polygonos, ou, quando muito, um motivo da avifauna ou um singello pormenor phytomorphico.

Estes motivos ornam tanto a obra de chapa como a filigrana, subordinados a uma

---

[1] Pic, ob. cit., pags. 47-9. — Déchelette, *L'Oppidum* cit., nota de pags. 49-50. — O mesmo, *Le Hradischt* cit., pag. 146.

[2] Paul Mantz, *Notes sur l'orfèvrerie anglaise*, in *Gazette des Beaux-Arts*, IX, pags. 6-13. Paris, 1874.

[3] Davillier, ob. cit., pags. 65-70.

[4] Vasconcellos, *Hist. da ouriv.* cit., pags. 95-6.

[5] Idem, *Exp.... de Aveiro* cit., pags. 26 e 51-2.

[6] Idem, *Exp.... de Aveiro* cit., pags. 52-3. — Parece que a collecção mais completa, embora restricta, que subsiste dos esmaltes nacionaes representativos das imagens mais queridas da hagiographia popular portuguesa, é a que pertenceu ao professor do Lyceu do Porto, colleccionador, naturalista e antiquario, o extincto Augusto Luzo da Silva. A serie foi adquirida, com outros objectos de arte hispanica e portuguesa, pelo Museu municipal do Porto.

indigente paleta em que dominam o branco e azul ferrete, e, menos frequentemente, a perola, o negro e azul claro. Os polygonos (figs. 37 e 38) e as rosaceas de seis ou oito petalas (figs. 39, 40 e 41), motivo este de que o ourives mycenico fez constante uso [1], são os padrões vulgarissimos, azues e brancos, que avultam nos collares, corações e cruzes de Malta. Já na obra de chapa, broches e brincos, as folhas, os amores perfeitos e outra decoração que as rosaceas explicam (fig. 42) constituem os themas preferentes. Apenas uma pomba no inicial esmalte branco, um esboço de pé de flor (fig. 43) e ainda um ou outro motivo ornamental, rudimentar e incaracteristico (fig. 44) dilatam, e d'esta sorte, a inventiva do artifice. Por ultimo, e como ideação já complexa, o ourives nada mais concebe do que a associação dos mesmos themas, como se observa n'esse alfinete (fig. 45) em que a pedra d'um annel, os amores e o polygono estellar são os esmaltes!

Fig. 43
Esmalte

Fig. 44
Esmalte

Sem se identificar, esta arte pode considerar-se parallela á de Bibracte (Tène III) e de Stradonitz, ou seja dos fins da segunda edade do ferro, pois n'um e n'outro centro os botões dos cravos ou arrebitos, as fibulas e outros pequenos objectos eram revestidos com esmaltes cruciaes ou irradiantes [2], o que dizer quer, sob schemas da mesma simplesa esthetica. É, afinal, o aspecto da arte na infancia ou immobilisada, afóra algumas variantes de padrão, penuria ou exuberancia decorativa e maior ou menor gamma chromatica: assim as fibulas esmaltadas a azul, verde, vermelho e branco, em zonas e com estrellas e circulos, d'uma necropole da epocha scytho-bysantina [3], por exemplo.

O esmaltador portuguez usa os dois processos mais vulgares [4] e em francez denominados *cloisonné* e *champlevé*. Só est'ultimo se praticava nos centros de Beuvray e da Bohemia. Entre nós o ourives dispõe, quando o adopta, de *cepos de ferro,* isto é, troncos de cone em cujo plano de troncatura está aberto o molde do debuxo a obter — a rosa, a *Viola* ou a estrella. É a «matriz», que já remonta a grande antiguidade, decerto aos tempos prehistoricos [5]. Sobrepõe-se-lhe uma folha de ouro e, ao de cima, uma lamina de chumbo mais espessa; e, com pancadas firmes de martello, assim no ouro se conseguem os cavados onde o esmalte será alojado. No outro processo — *cloisonné* — organisam-se os contornos com uma leve fita de ouro. Realisado este arcabouço, por exemplo d'um polygono, solda-se á peça ou chapa, limitando assim a fita, como se está vendo, as cellulas a preencher.

Fig. 45 — Alfinete com esmaltes

A materia prima para esmaltes é adquirida no mercado, triturada em casa e conservada em agoa. A pasta, uma vez incluída nos alveolos, fica a seccar, indo depois ao

---

[1] PERROT, *La Grèce* cit., pag. 958.

[2] DÉCHELETTE, *Le Hradischt* cit., pag. 149 e figs. 7-12 da pl. XXIV. — PIC, ob. cit., pag. 48 e figs. da pl. IX.

[3] ERNEST CHANTRE, *Recherches anthropologiques dans le Caucase*, III, pag. 11 e segs. e 29 e segs. e pl. XX. Reinwald ed. Paris, 1887.

[4] RANDAU, ob. cit., pags. 208-10.

[5] FONTENAY, ob. cit., pag. 495.

maçarico; e como subsistam algumas rebarbas ou escorrencias, limam-se seguidamente, lavam-se com uma escova e voltam ao fogo por pouco tempo.

Decerto o estado improgressivo da arte do esmalte entre nós explica, com outros motivos interesseiros, a importação do esmalte estrangeiro, industrial e ordinario, em chapa de cobre ou ferro, e destinado a encorporar-se na filigrana artistica que o commercio de ourivesaria actual procura introdusir no chamado gosto culto!

IV

Usos e costumes

A seducção dos ornamentos. A exaggeração antiga e a exaggeração barbara. Sobrevivencias: «o peito da minhota é um ceu estrellado». Multiplicidade e profusão dos adornos: nas mulheres, nos anjinhos, nos andores, nas imagens, nas cruzes e nos arcos festivos. Os mostruarios das feiras e das romarias. A accumulação dos artefactos de ouro como uma das formas antigas de capitalisação. Emtanto os reveses familiares e os abalos sociaes promovem frequentes destruições. Melhor se manteem as alfaias sacras. Novos destinos do numerario sobrecellente. A ostentação, não obstante, perdurará. Inanidade já antiga de todas as repressões. A eterna comedia humana!

Pelo geral sestro de esplandecer, a mulher não se contenta com o realce de poucas joias que discreta e moderadamente scintillem. Constellar o peito com a faustosa e fulgida profusão de adornos, estrangular os pulsos, constringir os dedos, lacerar as orelhas, tudo se pratíca comtanto que a creatura rutíle e deslumbre! É a primeva barbarie atavica! Já nos povos onde se encontra, porventura, a lição das nossas filigranas, se ostentava a mesma garridice aurifulgente. As mulheres phenicias, além dos seus diademas, alfinetes, anneis e brincos, suspendiam ao peito collares triplos [1]. As toscanas penduravam dos lobulos brincos insupportaveis e enormes [2] cujo peso, não raro, lhes fendía as orelhas [3]; no seio os collares irradiavam as claridades dos varios matizes de berloques [4]; e ainda hoje, na mesma região dos Apeninos onde perdura o fabríco da filigrana, as raparigas, nos dias festivos, usam collares, alfinetes e enormes brincos d'uma admiravel bellesa [5]. O gosto communicou-se aos povos de em volta [6]: o romano exaggerou-se mais ainda, se é possivel, na pomposa hyperbole da barbaríe das primeiras edades [7]. Os gaulezes, homens e mulheres, traziam manilhas de ouro nos punhos e nos braços, anneis e collares, attingindo alguns d'estes um peso consideravel [8]. Na Iberia tambem aos dois sexos immensamente sedusiam os ornamentos. As figuras femininas do Cerro de los Santos exhibem abundantemente diademas com

---

[1] Perrot, *Phénicie* cit., pag. 824.
[2] Martha, ob. cit., pag. 570.
[3] Fontenay, ob. cit., pags. 113 e 117.
[4] Martha, ob. cit., pag. 573.
[5] Noël des Vergers, ob. cit., pag. 27.
[6] Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Aurifex* cit., pag. 570.
[7] Idem, *Dict.*, voc. *Inaures* cit., pag. 442.
[8] Dottin, ob. cit., pag. 133.

innumeros pingentes, grandes brincos, muitos anneis e duplos e triplos collares [1]. N'um inventario de joias romanas encontrado em Hespanha e interpretado por Hübner vê-se que a uma só mulher pertenciam alfinetes de cabello e diademas de ouro, brincos com perolas e pedras finas, cadeias, cordões e numerosos e variadissimos berloques e pingentes de gemmas, de ouro e de vidros [2].

Fig. 46 — Mulheres de Vianna do Castello

Entre nós, e ainda actualmente, «o peito da minhota é um ceu estrellado» [3]. Multiplicam-se os cordões e as gargantilhas, duplicando-se os corações, accrescentando-se-lhes as cruzes e os crucifixos, as Virgens da Conceição e os medalhões (figs. 46 a 50). Todo o peito corisca, os pulsos diffundem luz, faíscam os dedos e das orelhas pendem, até aos hombros, brincos lucilantes! Estes ás vezes são aos dois e tres pares; de sorte que não é estranho observar-se orelhas com um e dois rasgos, como já succedera na Etruria, como mais ou menos acontecera em Roma [4]. O ouro exposto no busto d'uma lavradeira abastada seria, muitas vezes, o dote invejado da maioria das jornaleiras ruraes; e conta-se que uma mulher de Villar de Andorinha, no concelho de Gaya,

---

1 Paris, *Essai* cit., II, pag. 242. — Mélida, *Las esculturas* cit., *Question de autenticidad*, in *Rev. de Arch., Bibliot. y Museos*, VIII e segs. Madrid, 1903 e segs.

2 Marquardt, ob. cit., II, pags. 360-1.

3 D. Antonio da Costa, *No Minho*, pag. 259. Porto, 1874.

4 Daremberg et Saglio, *Dict.*, voc. *Inaures* cit., pag. 446.

pode levar ao pescoço o valor de dois contos de réis [1]! Esta exaggeração depara-se-nos principalmente no Minho, se bem que, em outras populações ruraes, a mesma aspiração subsista embora menos se alardeie. No Entre Douro e Minho, porém, a fascinação torna extensivo o *oirar* aos acontecimentos mais popularmente respeitaveis da vida social e religiosa. Carregam-se de ouro os *anjinhos* que vão nas procissões da Maia, de S. Mamede (Porto) e de Sinfães; para o mesmo fim sollicitam-se, em Bouças, das pessoas de amisade, ouros de emprestimo; e nas de Amorim (Povoa de Varzim) as creanças tanto succumbiam d'antes ao seu peso que as mães, de lado, ajudavam-as a aguenta-lo no percurso com bandejas! Mais para o norte, em procissões do concelho de Coura, não só as mordomas as acompanham *oiradas* mas ainda lhes sobejam cordões e gorgeiras para enfeitarem os andores. Ás imagens promettem-se objectos de ouro para as ornamentar ou para vender em seu intento. Nas romarias, como a de Mattosinhos, as lavradeiras ricas, com os seus vestuarios azues, côr de canario e verdes, a abundancia de laçarotes, rendas e vidrilhos, ás vezes mesmo os velhos modelos de chapeus citadinos, encareciam o seu prestigio de fartura com a fartura da sua riquesa aurea. Pelas feiras minhotas, cada uma das quaes é ordinaria e localmente, para os da terra, a *primeira da provincia,* ainda a congregação pretexta, em certas d'anno sobretudo, que se divulgue a abastança. Assim se «veem caminhar para uma feira ou romaria os ranchos de minhotas em fatos domingueiros, pujantes de vida, com grandes brincos e o peito coberto de cordões e adereços, todas faíscantes de ouro» [2].

Cl. da Phot. Biel.

Fig. 47 — Mulher dos arredores do Porto

Em freguesias dos concelhos de Villa Verde e da Povoa de Lanhoso a cruz que vae no *Compasso,* em domingo ou segunda-feira de Paschoa, é ornada com laçarias variegadas e cordões de ouro. E por fim quando em certos logares do ultimo concelho referido casa uma rustica abastada, as amigas ornamentam ainda com cordões de ouro e lenços de seda o tradicional arco festeiro [3].

---

[1] J. Augusto Vieira, *O Minho pittoresco,* II, pag. 758. Pereira ed. Lisboa, 1887.

[2] Alberto Sampaio, *A propriedade e cultura no Minho,* pag. 126. Porto, 1888.

[3] Vieira, ob. cit., I, pags. 395-6 e 519. Lisboa, 1886.

A accumulação de riquesa sob a forma de joias e numerario foi, comtudo, mais geral antes do seculo passado. Nos seculos XV e XVI havia em Portugal thesouros incalculaveis em ouro e prata, afóra os do paço real e os dos mosteiros [1]. As familias ricas e burguesas de França só a contar dos principios do seculo XIX é que deixaram de constituír, com ouro e prata, a collocação habitual das sommas disponiveis [2]. Mesmo fóra da Europa, como n'ella e ainda hoje, se conservava assim o superfluo e prevenía o futuro: velhas familias arabes tinham o costume de conservarem em buracos feitos na terra a sua fortuna em joias e moeda [3]. E quem ignora as velhas lendas de thesouros, occultos uns pelos mouros, outros enterrados nos pavimentos das casas, sob as lareiras, ou por entre as fendas das paredes, e até explicando assim, pela sorte inesperada do encontro, as subitas prosperidades da fortuna?

Cl. da Phot. Biel.
Fig. 48 — Mulher dos arredores do Porto

Emtanto os reveses familiares e os abalos sociaes promoveram frequentemente a destruição necessaria d'um mobiliario incalculavel, subsistindo melhor, se bem que diminuída, a alfaia das egrejas. «A maior parte das economias femininas é collocada n'estes enfeites (vestidos vistosos e adereços de ouro) que nos tempos tristes são vendidos e o seu producto applicado a necessidades mais superiores» [4]. O rei Affonso V mais d'uma vez lançou mão do dinheiro dos orphãos e da prata das egrejas e conventos para custear as suas guerras com os reis catholicos, para as suas correrías em Africa e até para doações á fidalguia [5]. Ante outras necessidades de guerra os monarchas sahiam do aperto recorrendo aos thesouros sacros [6]. As novas modas e o appetite das acquisições de novo estylo levavam ainda a refundir aqui, na Hespanha, em toda a parte, obras innumeraveis e preciosas de ourivesaria profana [7]. Só para a França se annota que as suas velhas pratas se foram perdendo, fundindo-se no tempo de Luiz XIV em dias de angustia, destruindo-se por terror nos tempos da Revolução, vendendo-se para satisfazer os caprichos da moda na epocha da Restauração e lançando-se apressadamente ao cadinho em 1848 para serem amoedadas [8]. Assim com as facilidades de fundir, refundir e metamorphosear a prata e o ouro, se destroem, por necessidade e por moda, as formas mais bellas ou mais complexas, tornando o artefacto de ouro transitorio e instavel [9].

---

[1] VASCONCELLOS, *Ouriv. prof.* cit., pags. 14 e 18.
[2] HAVARD, *Hist.* cit., pags. 350 e 458.
[3] EUDEL, ob. cit., pag. 260.
[4] SAMPAIO, ob. cit., pag. 126.
[5] VASCONCELLOS, *Hist. da ouriv.* cit., pag. 10.
[6] S. VITERBO, *Artes* cit., pags. 114-5 e 298-9.
[7] DAVILLIER, ob. cit., pag. 132. — VASCONCELLOS, *Hist. da ouriv.* cit., pag. 114.
[8] EUDEL, *Le truquage*, pag. 72. Rouveyre ed. Paris, s. d.
[9] HAVARD, *Hist.* cit., pags. 7-8. — O MESMO, *Dict.*, voc. *Orf.* cit., pag. 1267.

Os modernos processos e vantagens de capitalisação veem attenuando visivelmente os excessos, sempre gravosos, da transformação da moeda e productos nos metaes manufacturados. Só a ostentação e a vaidade explicarão os desvios d'uma já reconhecida e salutar preferencia de destinos. A jactancia, porém, não findará: na velha Grecia já Solon se viu forçado a temperar, com leis sumptuarias, o luxo exaggerado dos seus compatriotas [1]; em Roma as perscripções da lei Oppia impediam as mulheres de trazerem mais d'uma meia onça de ouro [2]; depois, em todos os tempos e países, succederam-se as repressões sempre illudidas e estereis; entre nós, mesmo, uma lei de Affonso IV comporta disposições repressivas do luxo em que entre muito ouro, prata e aljofares; outra, de João I, determina que ninguem, não sendo cavalleiro, use ouro ou cousas douradas; ainda as Ordenações affonsinas, no seculo seguinte, legislaram sobre o emprego do ouro e dos objectos que o fingissem [3].

Então, depois, agora e sempre, nem leis, nem um senso avisado impedirão jámais, em homens e mulheres, nem a comedia nem a vangloria!

V

Conspecto social

Regiões de fabríco actuaes e extinctas. — As prosperidades d'outr'ora. A decadencia e suas causas: fluctuações da moda, logros e moderno regimen das contrastarías. Identidade das fraudes, já antigas, dentro e fóra do paiz. Tentativas seculares, ininterruptas e insufficientes de repressão. O descredito. A crise. — Reviviscencia e seus fautores. Outra vez a moda. Novas officinas. — A população industrial. Condições de trabalho e regimen economico. A disparidade entre o lucro do mercador e a retribuição do fabricante. Inopia tradicional e aggravada do artifice. — O aprendizado. Regimen educativo. A especialisação. Os modelos. Os canhenhos. As circumstancias em que se operam «os progressos». — Miseria economica, miseria physica e miseria moral.

A industria da filigrana exerce-se actualmente não longe do Porto, nas freguesias de Rio Tinto, Fanzeres (?) e S. Pedro da Cova e, com maior intensidade, nas de Valbom e S. Cosme de Gondomar. Mais ao norte subsiste na freguesia de Travassos, concelho da Povoa de Lanhoso, não contando os fabricantes das freguesias de Oliveira e Sobradello, no mesmo concelho, exclusivamente votados, a bem dizer, á profissão de *conteiros*. As vicissitudes não lograram subverter, nos arredores do Porto e Braga, uma industria que em Guimarães e seu aro pouco a pouco desfalleceu e afinal se extinguiu. «Onde param os artistas que faziam (em Castellões) a filigrana de ouro e rendilhavam o metal com as delicadesas mais subtís, onde estão os cravadores de pedras finas, os lapidarios, os lavrantes de prata de cujas mãos sahiam as famosas salvas que eram o luxo e a riquesa das casas solarengas da provincia [4]?» Effectivamente des-

---

[1] IDEM, *Hist.* cit., pag. 24.

[2] DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Aurifex* cit., pag. 570.

[3] H. DA GAMA BARROS, *Historia da administração publica em Portugal nos seculos XII a XV*, I, pag. 536; II, pag. 209. Lisboa, Imp. Nac. e Typ. da Acad. das Scs. 1885-96.

[4] VIEIRA, ob. cit., I, pag. 615.

appareceram os filigraneiros e os productores de contas; com o passamento d'um habilidoso artifice de edade já provecta e de trez filhos que com elle fabricavam salvas e castiçaes, findou a lavrantería; e só com intermittencias trabalhavam, ha annos, os dois ou trez ultimos cravadores de pedras finas [1].

Entretanto a industria fôra prospera. Contavam-se, em Travassos, officinas com seis, dez e dezeseis operarios, nenhum amealhando consideravelmente mas mantendo-se n'um grato desafogo. As fluctuações da moda, porém, e o moderno regimen das contrastarías, impedindo o fabríco com ouro baixo e consequentemente os lucros advindos d'uma fraude desconhecida ou tolerada, iniciou a ruína que em breve se accelerava com o conhecimento, na Galliza, em Africa e no Brasil, d'um ludibrio mais imprevidente e dilatado. Nos artefactos exportados para a America as ligas de cobre e ouro só d'este tinham o vestigio. Era, conveem os de agora, o excesso da desvergonha e desafôro. O mercado brasileiro fechou-se para os productos de Travassos, como para os de Guimarães, d'onde a filigrana de prata salpicada de crystaes de rocha chegava ao seu destino toda negra, tal a quantidade de estanho dominante. Tinha sido gente de Braga, diziam os vimaranenses, que sabendo dos lucros provindos d'este artefacto, assentára officinas em Guimarães fabricando-o com estanho fino. Desvalorisado o artigo, que consistia principalmente em brincos, o descredito propagou-se e o mercado definitivamente se encerrou.

Cl. da Phot. Biel.
Fig. 49 — Mulher da Maia

Cl. da Phot. Biel.
Fig. 50 — Mulher de Vianna

Para a Africa, que ainda hoje recebe algumas contas de filigrana de ouro muito baixo, exportavam-se outr'ora, antes de se fomentar o mesmo suspeitoso renome, «aos saccos e ás canastras». O negociante portuguez de lá não era estranho, aliás, a esta entendida e deliberada exploração do preto. E na Galliza o dolo attingia egual e despejada pertinacia, associando-se enganosamente o elemento cuprico aos milhares de contas «de ouro» que para lá se expediam, subtrahidas, para mais, aos encargos da aduana. De contrabando é certo que ainda hoje vae muita conta de filigrana para a Galliza. Mas, já conhecedores do antigo logro, vigiam a mercancia e regeitam o artigo affigurando-se-lhes ou convencendo-se que os defraudam.

1 *Rel. da Exp. ind. de Guimarães em 1884*, pag. 36. Porto, 1884.

No paiz as falcatrúas — descontando no registro as que escapam aos não profissionaes — eram da mesma naturesa, embora, por virtude de receios fiscaes e não escrupulos, notoriamente attenuadas. A formação das ligas, entre nós como em toda a parte onde se manufactura o ouro, dava o ensejo primacial para a espoliação. Conta-se que em Travassos um mestre, a um tempo fabricante e mercador, condusia as argolas ao contraste, o qual as legalisava *firmando* o puncção, como era da praxe, no arco que directamente atravessa o lobulo da orelha. Contrastadas as peças volvia á officina e cuidava immediatamente de lhes amputar os componentes, que eram de mais vulto e de bom ouro, substituindo-os por outros de ouro baixo onde o cobre assistia em grande parte. Assim vinham depois para o mercado. E a verdade é que alcançou basto dinheiro, comprando muitas terras no logar e dispendendo grandes sommas com amores.

— Queria que todo Travassos fosse d'elle, e as mulheres!

Veio, porém, o descalabro da industria para o qual tambem concorrera a sua insaciedade e fraudulagem. E o homem morreu misero, accudindo-se-lhe com subscripções benemerentes para o tratamento como enfermo e para a morte!

Outro caso vulgar de falcatrúa está na applicação das marcas dos objectos manufacturados com ouro de lei em outros artefactos, anneis principalmente, destinados de principio á exportação: é approximadamente, se bem que com diverso objectivo, a falsificação das pratas dos seculos XVI e XVII em Inglaterra e para a qual o objecto *antigo* se fabríca de novo inteiramente, adaptando-se-lhe os velhos fragmentos cobertos com os puncções do tempo [1].

Estas fraudes, todavia, egualmente commettidas por outros e em mais logares, accusam-se já, em França, nos tempos merovingios. A apropriação d'uma parte do metal pelos aurifices, o seu reconhecimento e a frequencia vieram a determinar então e ulteriormente varias disposições de vigilancia [2]. Ao formarem-se as primeiras communidades, reviviscencia das gildes scandinavas [3] e dos Collegios romanos, nos fins do seculo XII e principios do XIII, os estatutos das corporações dos ourives eram muito simples mas extremamente severos [4]. Sob uma dissimulação religiosa, erigindo em patrono, como depois na Hespanha e em Portugal, ao ourives S. Eloy [5], fazendo uso d'um sello e até possuíndo mais tarde bandeiras, a codificação, que abrangia usos praticados de tempos immemoriaes [6], teve que soffrer varias reformas. Ao puncção da Casa corporativa em cada localidade juntava-se, por lei do principio do seculo XIV, o

---

[1] EUDEL, *Le truquage* cit., pag. 83.

[2] HAVARD, *Hist.* cit., pag. 63 e nota 2.

[3] IDEM, *Hist.* cit., pag. 146.

[4] IDEM, *Dict.*, voc. *Orfèvre* cit., pag. 1206. — TEXIER, ob. cit., pags. 988-9.

[5] TEXIER, ob. cit., pag. 931 e segs. — *A lenda de Santo Eloy. Estudo critico de um manuscripto do seculo XV, da Collecção Pombalina, existente sob o n.º 746 na Bibliotheca Nacional de Lisboa e pela primeira vez publicado* por ALFONSO HINCKER (Codice mandado escrever pelos mordomos do «espital do glorioso servo e amigo do Senhor deus, Santo Eloy. Confraria dos honrrados ourivezes d'esta muy nobre e leal cidade de Lixboa»). In *Instituto,* toms. 46 e 47. Coimbra, 1899-90.

[6] HAVARD, *Hist.* cit., pags. 146-7. — PAUL LACROIX (Bibliophile Jacob), *Les arts au Moyen Age et à l'époque de la Renaissance,* pag. 164 e segs. Didot ed. Paris, 1869. — O MESMO, *Mœurs, usages et costumes au Moyen Age et à l'époque de la Renaissance,* pag. 293 e segs. Didot ed. Paris, 1871.

punção individual do mestre, o que não obstava ao proseguimento dos logros [1]. É então que, nos fins do mesmo seculo, para remedio do damno, a renovação de estatutos e regulamentos envolve a obrigação de os ourives terem as lojas em logares apparentes sobre a via publica. Numerosos decretos reaes confirmam a restricção, consignada, de passo, nos estatutos dos ourives da maioria das cidades importantes, determinando-se mesmo o arruamento nos bairros mais frequentados como necessidade indeclinavel para o leal exercicio de semelhante profissão. Accresciam ainda as visitas nocturnas em dias e horas não previstas; mas as peças, submettidas á inspecção dos Guardas e authenticadas com o punção da Communidade, recebiam depois, como entre nós, um pé, asas ou tampos não presentes ao *contrôle*. Numerosos exemplos de repressões severas, penalidades mais ou menos rigorosas applicadas aos delinquentes não protegiam efficazmente o publico, tendo até ficado celebres, pelo numero e pelo escandalo, os delictos respeitantes ao peso e qualidade do ouro, em Lyon, nos seculos XV-XVII [2]. A fiscalisação directa do Estado por via das contrastarías, successivamente alterada e melhorada, nasce da inefficacia de ordenações e regimens que não sabiam nem podiam prevenir os mais habeis e delictuosos ardís, muitos dos quaes occorriam a profissionaes bem distanciados pelo sangue e pelo logar: na Argelia o ourives indigena tambem juntava a fragmentos de baixo titulo outras partes do objecto já submettidas ao contraste [3]!

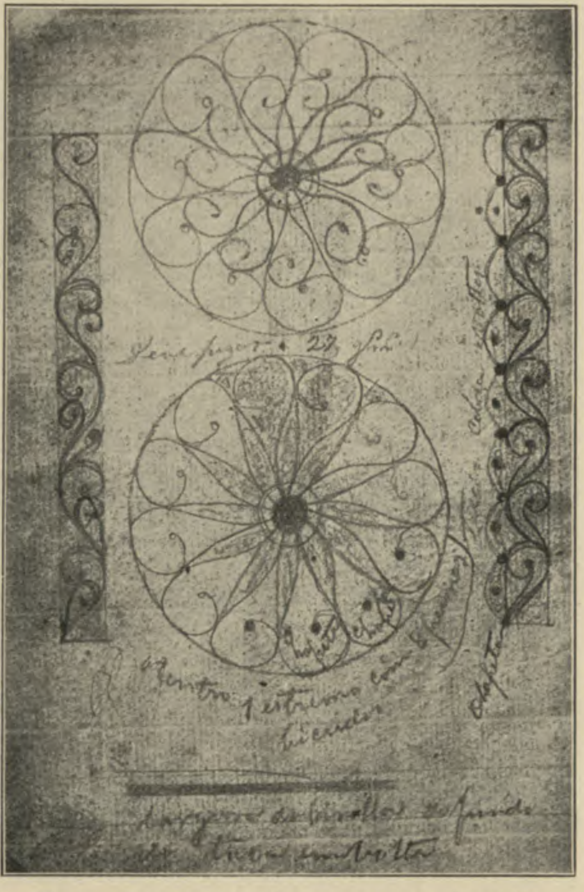


Fig. 51 — Pagina redusida do canhenho d'um filigraneiro de Leiradella (Travassos)

Nos Compromissos dos officios dos ourives de ouro e cravação e ourives da prata da cidade do Porto, naturalmente inspirados em diplomas similares ou sequer dictados pelo mesmo espirito de occupação, directa ou subentendidamente se estatúe ácerca da lealdade profissional. Os numerosos pleitos, tam curiosos, entre os ourives de ouro e os da prata, separados em dois officios desde tempos bem antigos, denuncíam interessan-

[1] Havard, *Dict.*, voc. *Orfèvre* cit., pags. 1207-8.

[2] Idem, *Hist.* cit., pags. 152-6. — O mesmo, *Dict.*, voc. *Orfèvre* cit., pags. 1209 e 1232-3.

[3] Eudel, *L'Orf. alg.* cit., pag. 260.

tes formas dolosas, ou para o publico ou entre concorrentes. Um Regimento é ainda expresso em prohibir a venda de peças com pedras falsas ou imitadas, vidrilhos e aljofares fingidos engastados em ouro; e nas Ordenações philippinas se legisla muito expressamente sobre pesos, quilate e pedras contrafeitas [1]. Mas taes referencias, afóra a approximação com factos parallelos n'outro capitulo da toreutica popular, não cabem aqui individuados com minucia [2].

Os filigraneiros de Travassos, quando a crise se manifestou aguda e por fim apparentemente insanavel, lançaram mão ou do recurso já tradicional, emigrando, ou volvendo-se em assalariados da lavoura, ou, e estes o maior numero, entregando-se ao officio de pedreiros! Inesperada est'ultima transmutação de mistéres! Convergindo o descredito e o desuso no paiz e na exportação, a industria da filigrana passaria, como tantas outras, ao quadro das laborações extinctas para commentario melancholico de historiadores e economistas, se um rejuvenescimento provocado de fóra com a moda das contas de filigrana, não surgisse a tempo, como surgiu, de reconquistar alguns profissionaes transviados. O regresso á industria de varios artifices desertores, associado

---

[1] VASCONCELLOS, *A officina e a aprendizagem no seculo XVI em Portugal*, in *Rev. da Soc. de Inst. do Porto*, II, pags. 176-7, 186 e 226. Porto, 1882 (Id. na *Hist. da ouriv.)* — THEOPHILO BRAGA, *O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*, I, pags. 151-2. Ferreira ed. Lisboa, 1886.

[2] O illustre escriptor, sr. JOAQUIM DE VASCONCELLOS, além dos seus trabalhos sobre a Historia da ourivesaria, exhumou ha annos, da Bibliotheca municipal do Porto, os codices que encerram os estatutos das antigas corporações de officios da cidade. Vêr os seus *Elementos para a Hist. da Ourivesaria Portugueza e artes dos metaes em geral*, insertos nos toms. XVIII e XIX da *Rev. de Guimarães* e que dizem respeito aos mestéres de ferreiro, serralheiro, anzoleiro, dourador, espingardeiro, etc. Os que se referem aos ourives teem os seguintes titulos: *Regimento e estatuto dos Ourives do Ouro d'esta cidade do Porto, reformado no anno de 1634; Compromisso e Estatutos da Confraria de Santo Eloi Erecta na Igreja de S. Nicolau Em que são encabeçados os ourives d'ouro. 1691* (Com additamentos posteriores); *Compromisso e Estatutos dos ourives da Prata da Cidade do Porto mandados fazer no anno de 1746; Compromisso ou Estatutos dos Ourives de Ouro e Cravação da Cidade do Porto e sua comarca. Ordenados para o bom regimen da Corporação e utilidade da Republica no anno de 1822.* Estes Regimentos serão opportunamente reprodusidos na integra em publicação official da alludida Bibliotheca. Vêr ainda o *Catalogo da Bibliotheca publica municipal do Porto. Indice preparatorio dos manuscriptos*, 9.º fasc. Porto, 1896. E mais, ácerca das corporações portuenses de mesteiraes e além dos diplomas a ellas respeitantes e existentes no Archivo do municipio do Porto: ANTONIO REBELLO DA COSTA, *Descripção topografica e historica da cidade do Porto*, pags. 235-7. Porto, 1789.

No Archivo da Contrastaría do Porto existem documentos que deverão ser consultados por quem se proponha concorrer com subsidios, decerto proveitosos, para o mesmo capitulo historico da Arte portuguesa. E diz-se que varios outros se encontram dispersos entre descendentes de antigos ourives, como, por exemplo, os Gasparinhos. Ao antigo Moreira da Prata pertencia a carta de mestre de seu avô exhibida na Exposição de ourivesaria realisada em 1883 no Palacio de Crystal.

Ainda na *Rev. de Guimarães*, toms. VIII, IX e XI, se encontram os *Subsidios para a Hist. das industrias vimaranenses*, subscriptos por AVELINO DA SILVA GUIMARÃES. Os Compromissos que se referem aos ourives estão integralmente transcriptos e denominam-se assim: *Estatutos dos Ourives de Ouro e Prata da villa de Guimarães (1781)* e *Regimento para os Ensaiadores dos Officios dos Ourives do Ouro, e da Prata, e dos Ourives dos dittos officios... (1781).*

D'um modo geral, e independentemente das informações dispersas dos srs. JOSÉ MACHADO (Braga), SOUZA VITERBO, RIBEIRO GUIMARÃES (Lisboa), etc., etc., o sr. GAMA BARROS, na sua magistral *Hist. da administração* cit., I, pag. 517 e segs., occupa-se dos *mecanicos* e da sua intervenção na administração municipal de Lisboa nos fins do seculo XIV, o que leva a conjecturar, com outros indicios, uma anterior organisação especial dos differentes grupos de mestéres.

aos elementos subsistentes que a filigrana popular das cruzes e dos corações precariamente ainda amparava, em Gondomar sobretudo, promoveu assim a actual reviviscencia. Com a filigrana avigorou-se, quasi contemporaneamente, a elementar industria das *contas lisas,* tambem desprestigiada no tracto extorsivo com a Galliza. E por fim até uma calorosa exhortação encontrava echo nas iniciativas do negocio portuense: «a filigrana, immobilisada em typos decrepitos, e da qual tam lindos effeitos se tirariam, applicando-a em ouro a serviços de toucador, a frascos de crystal, a molduras de retratos, a encadernações de devocionarios» [1] começava a apparecer nos mostruarios da cidade com um encanto de effeitos e uma novidade de applicação e aura de exito que apparentava, entre nós, uma original e inedita arte sumptuaria [2]. Parallelamente ainda a multiplicidade de berloques de preço abordavel augmentou os redditos da industria. E assim, em Travassos, novas officinas se organisaram, nunca ultrapassando cada uma o limite maximo de 6 operarios quando muito, e numerosos artifices por sua conta e na propria casa, trabalhando sós ou com a familia, se constituiram autonomicamente em productores.

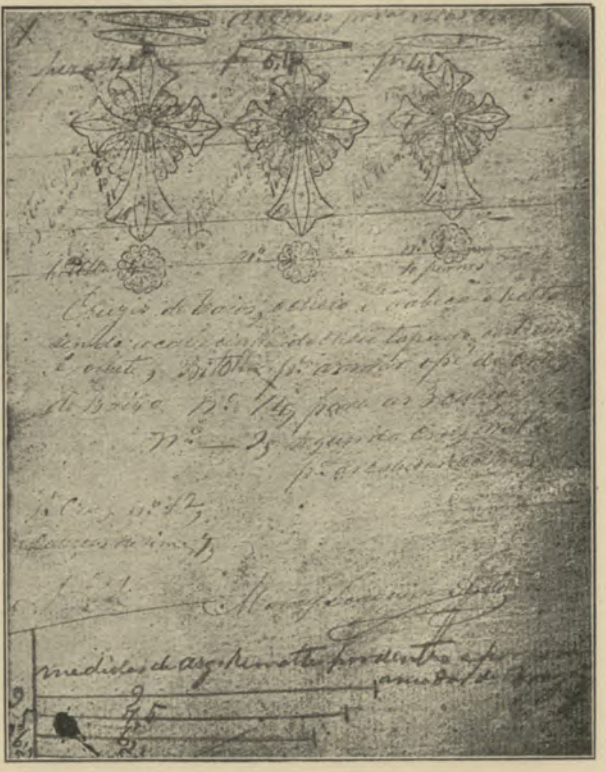


Fig. 52 — Outra pagina, idem

Para a Povoa de Lanhoso as informações officiaes dão 38 officinas, discriminando 21 mestres e 41 operarios [3]. Taes numeros, porém, nada elucidam sem pormenorisações mais adstrictas á especialisação do mistér. E succede decerto, como se declara para Gondomar, que ha muitas e importantes omissões, mercê da má vontade e sus-

---

[1] Ramalho Ortigão, *O culto da arte em Portugal*, pag. 135. Pereira ed. Lisboa, 1896.

[2] Nos estabelecimentos portuenses de ourivesaria e joalheria mais frequentados por clientela abastada são numerosas, de ha tempos, as applicações de filigrana a certo mobiliario de ornamento, para pessoas, para mesa e para toucador. Um negociante local, o sr. José Rosas, que para as suas encommendas de filigranas, contas e bolsas de prata organisou um album de padrões *(Ourivesaria de José Rosas,* etc., 8.º oblongo, 7 pls. phototyps.) enviou propositalmente a Londres um filho no intuito de o adextrar superiormente na arte da ourivesaria. Dos resultados obtidos e em parte já patentes nos seus mostruarios, fez-se uma primeira prova na Exp. effectuada em Lisboa em 1906. Vêr: *A primeira Exp. de arte promovida pela «Illustração Portugueza»* (sem A.) in *Ill. Port.*, n.º 43, de 17-XII-906; *A 1.ª Exp. d'arte da «Illustração Portugueza»*, por José de Figueiredo, id., n.º 45, de 31-XII-906.

[3] *Inquerito industrial de 1890,* IV, Imp. Nac. Lisboa, 1891.

peição dos industriaes. De facto, n'est'ultimo concelho registram-se 103 officinas de ouro e 67 de prata e enumeram-se 47 mestres e 135 operarios para o primeiro metal e respectivamente 49 e 83 para o segundo. Por outro lado annotam-se os seguintes numeros de operarios para as officinas: 184 ouro e 153 prata [1]! Taes numeros são incotejaveis e escapam á mais bem intencionada destrinça, sabendo-se, por informações directas (1907) na Contrastaría local (S. Cosme), que se approxima de 200 o numero dos mestres que lá teem a sua marca registrada e que outros ahi residentes preferiram archiva-la na do Porto.

Entretanto, não obstante o desvío algarismal e inconciliavel das fontes de informação, ajuísa-se grosseiramente da latitude da industria, ainda assim diminuída certamente em braços por não haverem revivido os filigraneiros das cercanías de Guimarães e Famalicão e não constar, nomeadamente em Lanhoso, que aos novos incitamentos acorressem adherentes em numero superior aos que outr'ora se contavam. Subsidiariamente estancou-se, de ha muito, o fabríco de cadinhos em Prado, vendidos aos milhares, e n'outros tempos, aos ourives de Guimarães. Os lapidarios de Venda Nova, e principalmente de Penafiel, sem rasão de subsistirem, passaram despercebidamente ao dominio da historia das industrias moribundas, se não extinctas. E assim a revivificação actual não exprime ainda, porventura, nem em intensidade, nem em expansão, nem como adjuvante de occupações accessorias — pois os crystaes, os esmaltes e a vidraría colorída veem de fóra — as prosperidades que é licito presumir remotamente. Voltarão se a moda prosegue e os creditos, para a exportação, se recuperam — comtanto que se apercebam da concorrencia allemã e italiana [2]!

A situação economica dos artifices, porém, não corresponde ao movimento que vae sendo assignalado. A retribuição do fabríco é baixissima e, só com ella, nenhum alcança uma elementar medianía. Apenas alguns mercantes enriquecem, lamentando-se sempre — é claro! — da exorbitancia dos seus dispendios em aluguer e pessoal, da voracidade tributaria e d'outros horrores, que nem os impede de capitalisarem, ás vezes soberbamente, nem lhes adoça o animo no sentido de espoliarem menos descaroavelmente o productor. É o logar commum velho e relho do mercador que floresce — o senhorío, o caixeiro, o imposto, o empate — emquanto quem trabalha enlanguesce e por fim até a mercadoría se abastarda! Sabendo-se o peso da materia prima empregada e seu valor, o custeio da mão de obra e os pequenos desembolsos accessorios até que um objecto chegue á venda, maravilha o desproposito do lucro leonino que o intermediario reclama para si! Só a frivolidade inconstante das mulheres e a fraquesa dos homens — tantas vezes governados pelas consortes! — explicam e permittem a descompassada ganancia d'esse trafico!

Outros negociantes medianos, menos procurados, lançam tambem mão d'outras astucias. A suspeita de que o objecto de ouro que vá a brunir ou a concertar torna por

---

[1] *Inquerito ind.* cit. e tom. cit.

[2] A industria allemã já produz, imitando os portuguezes, varios padrões de filigrana. O sr. J. de Vasconcellos mostrou ao A. uma cruz de Malta reprodusindo soffrivelmente as nossas, de cobre dourado e tendo a rosacea central pintada com as côres dos nossos esmaltes: branca e azul ferrete. — É ainda sobejamente conhecida a invasão dos seus esmaltes ornamentaes e de devoção, estes ultimos muito apreciados pelos iconolatras e pelo beaterio janota!

vezes desfalcado tem o fundamento em estratagemas habeis e sabidos. N'uma villa da provincia um negociante de ourivesaria pouco a pouco consolidára uma fortuna, associando á sua funcção normal a ardileza de supprimir varios elos aos cordões que lhe levavam a soldar. A fraude vulgarisava-se, um ou outro protesto levantava clamores, mas a clientela desprevenida, e principalmente a rural, frequentava sempre o mercador, captiva da sua bonhomica acolheita. Uma vez certa mulher contára previamente as argolas d'uma gorgeira que carecia de restauro. E como verificasse, no retorno, a subtracção de componentes, invectivou da porta o traficante, com paixão e destempero. O honrado mercador, benevolo e sorrindo, á mulher e ao publico que assistia não contestava e nada oppunha. Afagando as brancas barbas, suavemente, tranquillamente, com uma infinita doçura de quem tudo perdôa, apenas redarguía:

—Desabafe, mulher, desabafe! Eu já lhe conheço o genio!

E ficou com as argolas!

Fig. 53 — Ainda outra pagina, idem

Algumas vezes entre o mercador citadino e o fabricante ha o mestre de officina que tambem commerceia e, portanto, pode haver mais rendimentos. N'este caso, em Travassos, um artifice regular ajusta-se por 16 libras annuaes e alimentos; mas se trabalha a jornal este é, em media, de 120 réis diarios e o comer e 500 réis, raro 600, sem o sustento. Em Gondomar os fabricantes contratados ao anno, além do internato e mantimento, vencem de 9 a 15 libras e ainda mais. Preferem, emtanto, n'uma e n'outra banda, a officina propria, com as mulheres, as irmãs, as filhas [1] e os rapazes cooperando.

É assim, de ordinario, que se faz o aprendizado, á vista do pae e lentamente. O moço, por muito vêr, vae ensaiando e começando pelo simples. A certa altura da edade e da vontade o chefe manda executar faceis modelos, aconselhando e corrigindo. Até que, com a dependencia exclusiva da aptidão e da constancia, o rapaz apparece artista habilitado a fixar-se nas suas preferencias. Se o aprendiz pratica com mestre estranho são 5 ou 6 annos a media do tempo occupado gratuitamente na casa alheia.

[1] Na Exposição de ourivesaria de 1883 estiveram durante algumas semanas trabalhando em filigrana, e á vista do publico, varias mulheres do concelho de Gondomar.

A especialisação accentua-se a quando operario feito: uns dedicam-se aos brincos, broches e *châtelaines,* outros a gargantilhas vestidas de filigrana, argolas e anneis, outros aos corações, outros ás cruzes de Malta. Das duas ultimas especialidades já não ha representação em Travassos e mesmo ás cruzes poucos se applicam em Gondomar. Simultaneamente a obra de chapa por via de matrizes de ferro, nos dois concelhos dos districtos do Porto e Braga, é com frequencia praticada como recurso compensador das falhas de encommenda do artefacto filigranado. Apenas o *conteiro* que, com uma fôrma, corta dois discos de ouro, arredonda-os seguidamente em dois hemispherios e depois os solda, se adstringe a este fabríco rudimentar mas lucrativo. Quando cobertas de filigrana é o artifice d'esta especialidade que realisa a associação, como é só este quem elabora as contas filigranadas, primeiro organisando em plano a armação e depois *fechando-a em redondo.*

Os modelos do artigo popular são tradicionaes se bem que, modernamente, uma grande variedade de berloques—folhas, flores, insectos, aves, utensilios, instrumentos, etc.—de baixo preço, ouro ou prata, invadissem o mercado com destino a accessorios de pulseiras, pingentes de cadeias de relogio e de cordões de peito, brincos, broches e atavíos da cabeça. Os padrões ou procedem da inventiva do ourives, ou mais frequentemente da estampa e do conselho do mercante. Apparecem então alguns d'um menos que mediocre bom gosto: uma guitarra, por exemplo, uma cesta, uma cadeira de palhinha, uma garrafa, uma mala de viagem, um guarda-chuva, um bule e um regador! Mas, além d'estes modelos, reprodusem outros obtidos pelo negociante na graphica estrangeira com destino á ornamentação do mobiliario de luxo preferido pela gente que, com demasiada e generosa polidez, dizemos culta! E é manifesto, aqui e em toda a parte, que são as preferencias dos clientes que determinam a mediocridade do artigo; «o gosto publico que governa—já se disse com asserto—é o resultado da cumplicidade tacita do productor e do consummidor».

Para os artefactos tradicionaes previne-se, em geral, o filigraneiro com o seu canhenho de medidas, contornos e padrões, como se exemplifica nas figs. 51 a 53, representativas de trez paginas do album d'um artifice da Leiradella, em Travassos, e exhibindo dados, armações, detalhes e bitolas. De sorte que os seus progressos, não se confinando n'esse restricto inventario archivado n'um caderno, dependem realmente da boa escolha dos modelos praticaveis que se lhe offereçam, uma vez que a aptidão technica, a tenacidade voluntariosa embora lenta, a sua capacidade nada creadora mas regularmente imitativa—que é a subalterna e exclusiva capacidade portuguesa—triumpham com aferrado engenho e constancia dos embaraços e surpresas do inedito. Transporta-los para as Escolas industriaes com o arremêdo de ensino que é professado entre nós, subtrahi-los do seu natural ambiente para os lançar ao contagio de aspirações pervertidas e dissolventes—as do emprego publico, nomeadamente, que agitam e conturbam um serralheiro com tres annos de classe!—, não é decerto, com a nossa indole, a solução tam chimericamente seductora dos theoricos, mas deveras a annulação e perda de muitos e excellentes destinos technicos. Só daria fructos, porventura, a escola movel especialisada.

Já no logar a sinceridade, a bondade, a ingenuidade, tam imaginosamente attribuídas em lettra redonda ás populações ruraes, ou agricolas ou manufactureiras, provam, pela ausencia, esta tam decantada illusão litteraria. São, decerto, mais restrictos

os factores deprimentes; mas os susceptiveis de cultivo esplendem por vezes com bem viva irradiação. O filigraneiro geralmente, como todos os profissionaes congeneres aldeãos, tem no abuso do vinho o pretexto mais cubiçado das suas distracções e o goso mais agudo dos seus prazeres. Mas é desnecessario o estímulo alcoolico para que, conversados, se não revelem lastimavelmente despidos d'um espirito de solidariedade instinctivo e rudimentar. Deprimem-se e depreciam-se revelando, descobrindo, suspeitando e inventando logros, concluíndo-se, em remate d'uma indagação contraprovada, que não ha um só camarada que d'outro faça boa ausencia.

Assim vegetam e se aviltam, trabalhando entretanto com a perseverança a que a vida rudemente obriga, vida que pelo aspecto da officina, da casa miseravel, da pobre vestidura, do mobiliario humilde e até do aspecto physico do habitante, tanto contrasta com outra que decorre inoccupada, satisfeita e galante — a de alguns dos que compram, por preços que elle quasi ignora, as suas mais lindas bijuterias!

Porto. Janeiro, 1908.

ROCHA PEIXOTO.

As Póvoas marítimas do norte de Portugal

CAPÍTULO III

O MAR LIVRE

Estabelecida a segurança do litoral em virtude da tomada de Lisboa, não tardou a revelar-se nas nossas populações costeiras do norte, uma nova ordem de cousas. Descrevê-la sem a exposição minuciosa dos factos não é possível: sendo êles, na verdade, muitos e variados, a sua complecsidade aconselhou a divisão em duas secções, ocupando-se uma da costa, a outra do Pôrto. Assim, não obstante a aridez dos detalhes, será exequível o esbôço do quadro que se nos representa nas entre-linhas do laconismo medieval. Pôsto que a cada passo se sinta a falta de documentos, nem por isso deixaremos de cometer a empresa com o aussílio dos que pudemos consultar. Como expressão típica do movimento iniciado, juntamos a produção do sal marinho, a pesca e a navegação: compreende-se que o modo de ser da primeira lhe permitisse resistir á incessante acometida de inimigos, conseguindo atravessar a salvo a alta Idade-média até á monarquia [1]: as duas restantes, mal instruídas na antiguidade, jamais tomariam vulto apreciável sem terminar a pertinácia sistemática da pirataria sarracena.

I — A costa

Apesar de ser a barra do Douro a principal da pequena costa, o desenvolvimento foi simultáneo em toda. Nas águas do Minho encontrâmos na campanha de 1121 as primeiras embarcações portuguesas [2]: o texto da *Historia Compostelana* não indica a procedência, já se notou: supôs-se que algumas seriam aparelhadas em estaleiros na foz da nossa marjem. Infelizmente a Inquirição de Afonso III, relativa a Caminha [3], muito resumida, não diz palavra a respeito de navegação e construções navais. O foral de D. Denis de 1284, posterior apenas 26 anos, preenche até certo ponto a lacuna, mas não de maneira que a hipótese, posta no capítulo II [4], fique esclarecida com o detalhe

---

[1] Cf. *Portvgalia*, cap. I, t. II, pájs. 219-220; ed. separata, pájs. 10-11.

[2] Cap. II, *Portvgalia*, t. II, pájs. 395-396; ed. separata, pájs. 30-31.

[3] *Inq.*, vol. I, páj. 349, 1.ª col. Pela alusão que se faz a um castelo, já desaparecido, a povoação parece ter certa antiguidade — «Item, dixerunt que o monte u steve o castelo de Camina deu a aromper por del Rey Menendus Ferreiro o joiz...»

[4] Cap. II, *Portvgalia*, t. II, páj. 396; ed. separata, páj. 31.

necessário. Uma passajem do foral, transcrita em nota no fundo da pájina [1], deixa-nos prever em Caminha um pequeno centro marítimo, onde se começasse a esboçar a indústria naval, cuja crecença se atrofiou por motivo que ignoramos. —— O trecho referido encerra duas proposições; revela uma a navegação, outra a pesca, ambas retrogradando ao passado — inferéncia resultante da interpretação mais singela do texto. A cláusula, pela qual o rei retém a décima de tudo que entrar pela barra do Minho, não abraça a totalidade dos importadores, mas é restritiva aos obrigados a a pagá-la — «de illis qui debent dare de directo». Havia-os, portanto, esentos. A excepção, pela singularidade, é bem obscura: em todo o caso subentende costumes a que foi preciso atender, estabelecidos, com certeza, antes da fiscalização costeira. ¿Os privilejiados descenderiam dos iniciadores dêsse trabalho na província portugalense, logo depois da vinda dos Genoveses de Gelmírez, quando então nenhuma contribuição se devia? Sendo assim, a carta conservou o privilejio dos que já o logravam. A tributação da pesca aparta-se também dos termos usuais: estipula-se o navão, exceptuando-se os vezinhos — «de illis qui non fuerint uicini», cousa trivial: mas do que pagar o pescador forasteiro ametade é cedida áqueles — «Et nos populatores debetis habere aliam medietatem». A cedéncia nesta matéria é insólita, só explicável pela completa imunidade anterior, o que é confirmado pela mudez das *Inquirições;* nada dizem a tal respeito, naturalmente por não haver nenhum onus fiscal. —— Após a proclamação da independéncia nacional, Caminha tornara-se fronteira da Galiza; em virtude da posição, podia acontecer que o novo trabalho se visse a cada passo muito embaraçado, persistindo sempre um núcleo, de que dá fé o foral de D. Denis, á espera de oportunidade.

Quanto á foz do Lima, as Inquirições de 1258 abrem com estas palavras — «Item, in parrochia Sancti Salvatoris de Atrio que agura chamam Viana» [2]. A primeira impressão, despertada pela leitura menos atenta, é a concurréncia de dois topónimos na denominação geral da paróquia, depreendendo-se que «Atrio» fôra até então oficial, e que «Viana», de uso comum, estava em véspora de suplantá-lo. Achamo-nos em presença dum facto não vulgar, cuja intelijéncia facilitará uma prévia e rápida vista a toda a circunscrição.

Era ela de superfície assás estensa e populosa, com uma agricultura variada, que demonstram as pensões devidas á coroa, detalhadamente enunciadas [3]. Compunha-se de quatro «lugares», datando talvez da divisão agrária romana [4], a cada um dos quais,

---

[1] «Et retinemus nobis et omnibus nostris successoribus decimas omnium qui intauerint per focem minij de illis qui debent dare de directo. Item retinemus nobis et omnibus nostris successoribus medietatem de Navão de illis qui non fuerint uicini. Et uos populatores debetis habere aliam medietatem de ipsa Nauão». *Chancelaria de D. Denis,* liv. I, fl. 108, verso — *Doações.* Inédito. A composição da passajem citada não foi revista á face do orijinal.

[2] *Inq.*, vol. I, páj. 329, 2.ª col.

[3] Constavam de farinha, trigo, cevada, milho alvo e painço (segunda), linho em rama, tecido grosso de linho (bragal), legumes, cabritos ou cordeiros se tivessem reixelos, galinhas, ovos, manteiga e queijo quando tinham vacas. *Inq.*, pájs. 329-330, 2.ª col.

[4] Cf. *As «vilas» do norte de Port.*, cap. VI, especialmente páj. 55; *passim.* Ed. separata, Imp. Moderna, 1903.

por hábito, o rejisto da fazenda nacional chama «vilas» [1]; eram as de «Figueireto», «Sanctus Salvator», «Atrio» e «Crasto». As duas primeiras não confinavam com o rio ou mar, porisso que os impostos consistiam, exclusivamente, em produtos agrícolas [2].— A de «Crasto», pelo contrário, entestava com o mar, porque, além de géneros tirados da lavoura, pagava sal; — «et fazem todos outros foros quomo fazem os de Atrio: et est pousa del Rey et do Ricomem» [3]. A mais das pensões especificadas, competiam-lhe ainda as obrigações expressas em geral no começo do trecho citado, entre as quais havia uma de que em breve se falará. O final deixa perceber aqui, no tempo romano-visigodo, o paço do proprietário de toda, se toda foi uma única vila antiga, ou se houve anexações, escolheram o dela para tal fim, na restauração novi-goda [4].— O depoimento privativo da «Vila de Atrio» interessa-nos sobremodo, por nos transmitir preciosos esclarecimentos. O princípio — «Item, da vila de Atrio que chamam Viana» [5], acusando a mesma desdenominação acima dita nesta parte especial, indica o seu ponto de partida, pois as outras três conservaram a designação anterior. Aqui devemos procurar o motivo da mudança de nome. Que essa superfície era marjinal do rio, di-lo o imposto assim declarado — «da Camboa pedrina dam al Rey o melior peixe cada que y morrer, et a tertia de todo o outro pescado» [6], contribuição inadmissível em situação diversa. Isto, porém, que já é alguma cousa, não frisa tudo. A incerteza continuaria, se outra passajem não ferisse o ponto capital da questão: a saber — «de navio que veer cum peixotas de fora parte pora Viana dá de navao j. peixota; et se duser congros dá amorca ou j. pargo ou iiij. dineiros» [7]. As palavras «pora Viana» exprimem não a vila, mas sim aquele sítio dela em que surjiam tais navios. Viana era, claramente, na secção paroquiana de «Atrio» o pôrto da foz do Lima. O preceito — «esses davanditos d Atrio vam sobre Gallecia cum corpore Regis in quaes navios ouverem» [8], mostra-nos de relance, como numa fulgurante projecção de luz, embarcações da localidade, ancoradas no seu melhor surjidouro que não seria senão êsse, onde se descarregava o pescado, e junto dêle o rude estaleiro com o acessório essencial dum punhado de casebres, habitados quando se não receasse assalto de inimigos. Algumas embarcações pertenceriam aos de «Crasto», que tinham de fazer todo o foro de «Atrio», incompleto sem elas.

A obrigação, precedentemente notada, retrotrai-se á fundação da monarquia, quando com freqüência rebentavam hostilidades entre portugueses e galegos. Então a gente tinha de apresentar-se com seus navios, se o rei tomasse o comando do exército. Depois, era inútil impôr-se tal dever. A indústria, como em Caminha, nascida da doutrina dos Genoveses, consolidou-se aqui com robusteza pela maior distáncia da raia, que a punha a salvo do primeiro ímpeto da Galiza. Não obstante a posição favorável neste caso, o povoado não podia deixar de ter vida atormentada, emquanto

---

[1] Cf. *As «vilas» do norte de Port.*, ed. cit., páj. 129.

[2] *Inq.*, vol. I, páj. 330, 1.ª col.

[3] *Inq.*, vol. I, páj. 330, 2.ª col.

[4] Cf. *As «vilas» do norte de Port.*, ed. separata, pájs. 57-58, 141-143; *passim*.

[5] *Inq.*, vol. I, páj. 330, 1.ª col.

[6] *Inq.*, vol. I, páj. 330, 1.ª col.

[7] *Inq.*, vol. I, páj. 330, 1.ª col.

[8] *Inq.*, vol. I, páj. 330, 1.ª col.

durou a malfeitoria dos piratas: terminada esta, desafogado do grande obstáculo, salientou-se, em breve prazo, de modo que denominava a vila e toda a paróquia antes das *Inquirições* de Afonso III. O progresso, efectuado na sombra, evidencea-se no foral concedido, pouco depois, pelo mesmo rei. A primeira «alçada» daquelas começou em 26 de abril de 1258, estando «S. Salvator de Atrio» quási no princípio [1]; o foral é datado de 18 de junho dêsse ano [2]. Pôsto que seja pequena a diferença de datas, deve dar-se prioridade ás *Inquirições;* basta notar que não fazem a mínima alusão ao foral: se êste existisse, a inquirição mudava: os direitos da coroa eram os que êle especifica. O diploma exara logo no comêço uma declaração que nos não surpreende, quanto á mudança toponímica; o rei resolve criar uma póvoa em «atrium» junto á foz do Lima; e adopta, como designação oficial, o nome «Viana» [3]; tal adopção pelo govêrno («de nouo impono») torná-lo há de uso exclusivo; êsse nome, já nosso conhecido, era corrente na linguajem popular para denominar o pôrto e toda a paróquia; a novidade é que, por disposição da carta concelhia, designará também o território do concelho.

A exposição antecedente pôs em evidência que «de fora parte pora Viana» entravam na barra do Lima embarcações com peixe; e de facto havia ali um mercado de bastantes transacções, por isso que á pesca feita pelos moradores acrecia o pescado de fora. Por virtude do foral, êles ficaram esentos de impostos, continuando os estranhos a pagar a tributação do costume. Não era só a isto que se limitava o tráfego da barra. O documento é muito expresso a êste respeito em duas estipulações aduaneiras. A coroa reserva para si a décima de todas as importações por via de mar; mas se os importadores forem vezinhos de Viana não pagarão nenhum imposto, excepto das mercadorias procedentes de França e do Levante — «nisi de rebus que uenerint de partibus francie et de terra sarracenorum» [4]. Através desta determinação fiscal vê-se nítidamente um comércio marítimo de larga travessia, assás valioso para recaírem nele os tributos todos de importação a cargo dos residentes, e por isso mesmo estabelecido com regularidade. As *Inquirições* guardam silêncio absoluto a respeito de tal comércio. Dir-se-ia uma riqueza medrada na ignorância do fisco. E não será desacertada a suposição. Notou-se acima a obrigação que assistia aos moradores de «Atrio» e «Crasto» de se embarcarem para a Galiza em seus navios dada certa eventualidade. É de presumir que fôsse esta a única contribuição, que incidia sôbre êles; e na verdade não pequena, dado o caso previsto; por conseqùência as mercadorias que os mesmos importavam não eram tributadas. Só assim se pode explicar a omissão no

---

[1] «Era M.ªCC.ªXC.ªVI.ª feria vj.ª xxvj.ª die Aprilis». *Inq.*, vol. I, páj. 293. Abranje 21 julgados: 1.º Prado, 2.º Neiva, 3.º Aguiar, 4.º Geraz, 5.º Ponte de Lima, etc. É na *Inquirição* dêste que se lê a da «parrochia S. Salvatoris de Atrio». Das 3 anteriores, a do Geraz e Aguiar são muito pequenas.

[2] «Facta carta Vimaranis XVIII die Junii, Rege mandante. Era M.ªCC.ªLXXXX.ªVI.ª» *Leges et Consuetud., P. M. H.*, páj. 692. Êste foral parece que foi renovado no ano de 1262. *Ibid.*, páj. 690.

[3] «... uolo facere populam in loco qui dicitur atrium in foce Limie cui popule de nouo impono nomen Viana». *Lages et Consuet., P. M. H.*, páj. 691.

[4] «Et retineo... totam decimam de omnibus rebus que intrauerint per focem limie... et piscatores qui non fuerint vicini de Viana dent... nauaon prout dare consueuerunt in ipsa marina. Et vicini de Viana non dent decimam regi nisi de rebus qui uenerint de partibus francie et de terra sarracenorum. Et piscatores vicini de Viana non dent mihi decimam de piscato nec nauaon». *Leges et Consuet., P. M. H.*, páj. 692.

rejisto da fazenda pública dum tráfego marítimo tam notável para a época. Como acabaram cedo as pretensões de prolongar o reino ao norte, o serviço de guerra referido caducou de facto; e os navios livres de qualquer obrigação e de piratas, puderam ser empregados em comércio de longo curso, apreendido com os cruzados que não deixariam de refrescar a meúdo nas águas do Lima. O caso seria levado, incontinente, ao conhecimento do rei, de passajem em Guimarães, que se apressou a taxar a importação francesa e levantina, em troca do imposto sôbre a pesca, de rendimento inferior sem dúvida. Não foi, pois, o foral que orijinou Viana; já existia antes, e se notabilizara no trabalho do mar. Marcar o momento preciso da nascença do seu comércio marítimo, é impossível; despontando após a abertura do oceano, foi-se desenvolvendo, obscuramente, até que Afonso III o trousse á luz da publicidade. O foral dêste criou, é certo, a póvoa concelhia; mas sem concelho já era um povoado de armadores e mareantes; do primitivo, nascido por mera espontaneidade popular, derivou-se a cidade que tanto se distinguiu nas navegações portuguesas.

Antes de concluir o exame da foz do Lima, temos de apontar um centro de produção de sal em Ameedela, hoje Meadela, pegada a Viana e do mesmo lado do rio. Havia ali um terreno inundável pela água salgada, assás espaçoso, avaliando pelo número de «cortes de sainas ou saynas», que declaram as *Inquirições*: como era todo reguengo, resta informação suficiente para nos mostrar a sua importância. Ficavam no «lugar» da Pereira ou Pereiras, e rejiam-se por uma usança que faz remontar a exploração ao tempo antigo. O «Servicial» ia tomar conta do sal pertencente ao fisco, e os produtores ajudavam-no a carregar as «bestias», se as levava, ou metiam-lho nos barcos [1]. Um antepassado dêle, servo, fôra mandado fazer êsse serviço, que se transmitiu aos descendentes. A presúria, encontrando o costume, conservou-o [2]. Não se entenda, contudo, que a extracção dêste produto era o trabalho exclusivo da localidade: como em muitas mais, juntava-se á lavoura; duma e doutro pagavam-se pensões próprias; donde procede a frase que se repete «pam et sal» [3].

Pouco abaixo, na foz do Neiva, estava situada a paróquia de Santiago do Castelo de Neiva — «Sancti Jacobi de juxta prope Castellum». Aqui junto dum castelo ou tôrre, cujas reparações competiam aos moradores, assim como a obrigação de darem do seu comer ao casteleiro no primeiro dia do mês, exercia-se a agricultura, produzindo principalmente trigo e linho [4]. Pescavam também ora no rio em pesqueiras, de que pagavam ametade do peixe, ora no mar — «Item, dam al Rey de navoo do porto do mar ccc. congros» [5]: a espécie da pensão indica que só barcos de pescador o utilizavam; a mesma encontra-se em 1220 — «dant de navao de portu de mari ccc. congros» [6]. Ela provinha, talvez, do reinado de Sancho I: no seu tempo, Petrus Maurus foi obrigado «per forciam» a ser serviçal: recorreu ao rei que lhe fez justiça; o filho,

---

[1] *Inq.*, vol. I, pájs. 330-332, 2.ª col.
[2] Cf. *As «vilas» do norte de Port.*, ed. separata, páj. 106.
[3] *Inq.*, vol. I, páj. 332, 1.ª col.
[4] *Inq.*, vol. I, pájs. 312, 2.ª col.; 313, 2.ª col.
[5] *Inq.*, vol. I, páj. 313, 1.ª col.
[6] *Inq.*, vol. I, páj. 104, 1.ª col.

porém, chamado Carvom, aceitou a serviçaria. Ora, como em 1258 se diz — «Carvom, que era foreiro dos navaos» [1], colije-se ter sido o serviço dêstes o imposto ao pai; a violéncia mal podia proceder de erro em qualificar a «geração», a respeito da qual se não enganavam na localidade; mas procederia da novidade do serviço, a que Petrus Maurus não se julgava adstrito. Sendo assim, então nasceu aqui a pesca marítima, da qual não consta ter-se desenvolvido nenhuma navegação.

Igual falta dava-se na imediata embocadura do Cávado. As *Inquirições* de 1220 são omissas por completo acerca da marjem direita, e as de 1258 apenas fazem alusão indirecta ao sítio, onde se criou a povoação que posteriormente se afamou na arte de construir embarcações e navegar; tal é — «Item, in Espoesendi ha uno casal de Sancta Ovaya de Rio Covo, et lavram no os de Palmeira et non querem dar renda al Rey» [2]. E nada mais.

Do lado fronteiro sabemos que Fão em 959 era uma vila rural [3]. Por troca com D. Gunterode, obtiveram parte dela Didacus e sua mulher Ildóncia, que a doaram ao mosteiro de Guimarães. Mediante o título chegou-nos o conhecimento de toda, e da possessão fragmentada dos doadores, conforme a passajem do mesmo diploma — «ipsa fundo iam prefata... secundum ea commutaui». Como o padroado se acha posteriormente em poder do mosteiro de Guimarães [4], é de prever que a doação compreendeu a igreja e terras onde andava êsse direito. As fórmulas vulgares de transmissão, usadas pelo notário, não a distinguem de outra qualquer vila rural. Assim continuou até á época portuguesa.

Em 1220, a freguesía de S. Paio de Fão achava-se constituída em couto, governada por uma junta administrativa — «concelium tenuit illam» [5]. Exceptuando o objecto da doação, dois terços duma pesqueira do padroeiro e cinco casais do mosteiro da Costa [6], o mais, parece, pertencia á coroa. As *Inquirições* desta data, única fonte que nos resta [7], nomeam trinta e cinco casais reguengos, que pagavam o terço do pão, do linho e do sal: com as duas produções agrícolas predominantes emparelhava-se o último em importáncia. Á pesada renda adicionavam-se «direituras» bastante onerosas. Entre a lavoura e o fabrico do sal, faziam a pesca fluvial em «piscarias» ou «camboas», pela qual pagavam o décimo do pescado; e pela da foz, ametade, se o mordomo estivesse presente. No caso contrário, nada [8].

Além dos lavradores acasalados, viviam ali populares, designados em geral, como habitantes sem casais — «habitant et non tenent casalia» [9]. Estavam obrigados a duas

---

[1] *Inq.*, vol. I, pájs. 104 e 313, 1.ª col.

[2] *Inq.*, vol. I, páj. 312, 1.ª-2.ª col.

[3] «Vila nuncupata fano que est erga amne catauo haud procul ab ore maris». *Dipl. et Ch.*, *P. M. H.*, n.º 77. Cf. cap. I.

[4] *Inq.*, vol. I, páj. 188, 2.ª col.

[5] *Inq.*, vol. I, páj. 116, 2.ª col. — Cf. *Inq.*, páj. 312, 1.ª col. — «Couto de Palmeira et de Fao».

[6] *Inq.*, vol. I, páj. 235, 2.ª col.

[7] As *Inquirições* de Afonso III não tratam de Fão. No liv. V das *Inq.* de D. Denis, páj. 131 e na gaveta 8 m. 5 n.º 10 encontra-se uma quási de igual teor das de 1220, reùnindo o que nestas está disperso por cada secção.

[8] *Inq.*, vol. I, páj. 36, 2.ª col.

[9] *Inq.*, vol. I, páj. 116, 2.ª col.

séries de contribuições: a primeira pela habitação na freguesia, satisfazendo pensões ficsas, moderadas na verdade. A segunda série descobre a sua profissão; se não vão pescar, paga cada um dois quarteiros de trigo; se pescam, ficam sujeitos ás quotas do pescado, expressas no texto, variando duma para outra espécie. Tributação tam minuciosa e diferenceadora só podia aplicar-se em indústria exercida com a maior regularidade e muita prática. Eram pescadores de ofício; nem êsses homens tinham mais nenhum, visto que o depoimento não recorda qualquer imposto por diferente mister. Tais pescadores foram, evidentemente, o embrião donde mais tarde saíram aquêles que, embarcando-se em longas derrotas, ilustraram a embocadura do Cávado.

Pouco há que dizer a respeito das povoações que se seguem até á Póvoa. Apúlia, em 1220 era couto da sé de Braga, limitando-se as *Inquirições* a numerar os casais que lhe pertenciam e ás ordens monásticas [1]. Não passe todavia sem se observar que no documento citado se lê sempre «Pulia», nunca «Apulia» [2]. — De Amorim sabe-se pelas pensões dos reguengos, que os lavradores se davam á pesca [3]. Os de Mondim ou Mandim [4], quando o Ricomem chegava, haviam de dar-lhe «de suo piscato», obrigação bem expressiva da vulgarização do peixe na alimentação local.

Da Póvoa de Varzim, deixando de lado a simples menção de «uilla euracini» [5], a notícia, que pretende remontar mais lonje, lê-se no Fragmento IV dos *Livros de Linhagens* — «Este dom Guterre veo com o comde dom Hemrrique a Portugall... e deulhe o comde muitas herdades e possissões... e deulhe o porto de Varazim» [6]. O texto apontado, se fôsse verídico, provaria a freqùentação da baía pòveira antes da fundação da monarquia. Êle, porém, não é exacto, nem se lhe pode atribuir maior antiguidade que o reinado de Afonso IV, pois na continuação acrecenta que um bisneto do cavaleiro, Dom Gómez Lourenço, «foy padrinho delrrey dom Dinis de Portugall a que Deus perdoe». Embora seja verdadeira a tradição duma doação de alguns bens reguengos (não de todos, logo se dirá), ou a interpolassem para enaltecer a nobreza dos posteriormente adquiridos, a respeito do «pôrto», ela não tem a mínima plausibilidade.

Esclarecem êste ponto e outros, que constituem o nosso objecto privativo, as *Inquirições* de 1220 e o foral de 1308. Pôsto que o primeiro documento não memore «Varazim», deve ser trazido á colacção pela declaração dos impostos da pesca na sua enseada. Então o solo da Póvoa actual incluía-se na freguesia de Arjivai [7], onde a

---

[1] *Inq.*, vol. I, pájs. 36, 1.ª col.; 235, 1.ª col.

[2] Na *Corografia* de CARVALHO, publicada no princípio do século XVIII, lê-se — «... Couto da Pulha, nome, que entendemos, lhe puzerão os Romanos, quando habitarão esta terra, em memória da sua Apulia», vol. I, páj. 167, ed. de Braga de 1868. Talvez do autor citado, procedesse a mudança da denominação antiga e a adopção de «Apúlia» na linguajem letrada: na popular, consta-nos, «Couto da Pulha» ou «Pulha» são ainda hoje correntes.

[3] *Inq.*, vol. I, páj. 35, 1.ª col.

[4] *Inq.*, vol. I, páj. 115, 1.ª col.

[5] *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.º 67 (ano 953). A vila é únicamente mencionada como limitação da «uilla de comite».

[6] *Scriptores, Os Livros de Linhagens, P. M. H.*, páj. 356.

[7] Foi só em 1625 que se criou a freguesia actual separada de Arjivai, segundo as *Memorias hist. da Villa da Povoa de Varzim*, páj. 20, por J. J. MARTINS GESTEIRA.

coroa possuía vários reguengos. O mais importante era o dêste mesmo nome, compreendendo quarenta casais, não falando de dois já doados; os lavradores de vinte, além de mais encargos, quando iam pescar ao mar — «ad mare pescare», pagavam ao fisco o navão, ou uma mealha se o não faziam na Sexta-feira [1]. Igual mister exerciam os da Gesteira, obrigados também ao navão ou cada um a dois soldos por ano, se não pescavam [2]. Os de Santa Cristina, chegando o governador da terra, serviam-no de pescado [3]. Se a alternativa da «mealha» ou «dois soldos» mostra um trabalho usual, a declaração da pesca marítima e o pagamento do navão á coroa provam que lhe pertencia a ela, não aos descendentes de D. Guterre, o pôrto de Varazim — parte integrante da freguesia de Arjivai, por onde haviam de entrar ou sair os pescadores tributários, aparelhar aí, varar e descarregar os barcos. A omissão das *Inquirições* de 1220 não é de estranhar, por serem apenas um «extracto, e ainda assim incompleto das actas originaes» [4]: não obstante, o conhecimento da disseminação da pesca nos lugares interiores da freguesia, é já valioso: apesar de não conterem uma única palavra acêrca do litoral dentro dos limites desta, de modo nenhum devemos imajiná-lo deserto, nem todo de propriedade particular. Um documento, embora posterior, dá fé aqui duma pequena colmea humana em estado florecente, e por isso com longa idade; informando-nos mais que o assento pertencia á coroa, confirma a inexactidão da passajem precedentemente transcrita dos *Livros de Linhagens:* é o foral, acima lembrado.

Principia D. Denis [5] por expor que deseja «fazer graça e mercee» aos habitantes do reguengo de «Varazim de Jusaão», que nomea. São uns 54 chefes de família, populares, alguns com apelidos actualmente lá usados: a êles, sucessores ou a quaisquer residentes de futuro, mediante 250 libras, pagas «aas terças do Ano», o rei dá o reguengo pelos «seus termhos Rotos e por Ronper assi do mar come da terra», permitindo-lhe que «façam hy hũa pobra», a qual ficou instituída com administração própria — «E mando que... mettam seu Juiz e seu moordomo e chegador e o juiz uenha iurar Aa mha chancelaria em cada huum Ano».

O diploma esquece a tributação anterior e o número de casais. Quanto a êstes a falta é preenchida pela *Inquirição* de Afonso IV, onde se diz terem sido onze e meio [6].

---

1 «De Sancto Michaele de Argivar (Arjivai)... habet ibi Rex xxij casalia, et de istis casalibus tenet inde P. P., amo Regis, ij. casalia, et dicunt quod per cartam; et de omnibus... dant terciam fructus; et pro directuris etc.... Et sunt ibi alia xx. casalia, et dant quartam panis». *(Inq.*, vol. I, páj. 34, 1.ª col.) — «De S. M. de Argivai... in Argivai in Regalengo est pausa de maiordomo. Et sunt ibi xx. casalia de quibus dant Regi quando venit per ibi vj. vj. denarios pro collecta. Et habent pro foro si non fuerint in feria vj.ª ad mare pescare dabunt singulas mealas, et dant de piscato suum novao». *(Inq. ibid.*, pájs. 113-114).

2 «Et habet eciam (Rex) in Ageesteira viij. casalia, et dant quartam panis; et quot vadunt pescare dant suum navaum et qui non vadunt pescare dant ij. ij. solidos pro anno». *(Inq.*, vol. I, páj, 34, 1.ª col.) «Et in Ageesteira sunt viij. casalia, et dant Regi pro collecta vj. vj. denarios». *(Inq. ibid.*, páj. 114, 1.ª col.)

3 «Et quando venit pausare Dominus terre in Sancta Christina quisque dat illi suum servicium de piscato». *(Inq.*, vol. I, páj. 114, 1.ª col.)

4 *Inq.*, vol. I, *Prologo.*

5 O Foral e a *Inquirição* de Afonso IV, vão transcritos no fim do volume, nota B. A composição foi revista na Tôrre do Tombo.

6 «El Rey auya hi xj. casaes e meo». Cf. a *Inq.* de Afonso IV.

Se compararmos a soma dos 54 agraciados com a dessas unidades, concluiremos que davam emprêgo a 12, restando 42 que habitavam mas não lavravam casais, com haveres todavia de igual consideração, pois veem nomeados na lista. Além do trabalho agrícola, com certeza prosperava outro assás lucrativo; basta reflectir na superioridade numérica dos que tinham de procurar em diverso ofício os meios para satisfazerem a quota da capitação e na quantia total imposta, desproporcionada pela grandeza á população deminuta. Em 1310 o mesmo rei fez um contracto de semelhante natureza com o concelho de Lamego, remindo uma «colheita» muito onerosa por 100 libras [1], emquanto que levava 250, só pela concessão da «póvoa», a 54 famílias dum pequeno reguengo. Embora as vantagens da administração autónoma fôssem avultadas, permanecia sempre a questão fundamental — o pagamento de quantia tam elevada. E contudo a medida não estava cheia. O foral numa nova cláusula tributária explana a possibilidade da acquisição pecuniária, comunicando-nos simultáneamente o conhecimento duma navegação costeira, criada pelos laboriosos reguengueiros. Cremos sêr êste o mais antigo documento que a assinala, e talvez único. A cláusula, passada desapercebida até hoje, é do teor seguinte — «E mando que todolos pobradores... que trouxerem barcas ou bayxees que sseiam con pan ou con vĩo ou con sal ou con ssardihas e descarregarem no porto dessa pobra dem A mjm... de cada barca ou de cada bayxel sete soldos... e se hy ueerem outras barcas ou bayxẽs tambem dos vezĩos... come de ffora parte com outras merchandias darem a mjm... os meus dereitos...» Em face desta declaração não é lícito duvidar que no reinado de D. Denis havia na enseada pòveira um tráfego, digno da atenção do fisco. Nesse negócio não pode deixar de ver-se o manancial de riqueza que abastecia de dinheiro a localidade, habilitando-a a desobrigar-se das pesadas contribuições; dêle proveiu o bem-estar geral com o desejo da autonomia; cara, como fôra, mudava de facto as condições da vida local e atrairia moradores, com o aumento dos quais a capitação diminuía. O futuro provou a segurança da previsão.

Em 1220, já se disse acima, abundavam pescadores pela freguesia de Arjivai com um rejime, indicativo de certa diuturnidade; por isso não haverá erro, retrotaindo o desenvolvimento da sua indústria ao tempo de Sancho I que a fomentou na contígua foz do Ave. As embarcações de sardinhas supoem-na de uso corrente entre os nossos reguengueiros, á qual ajuntaram a cabotajem; o foral designando, expressamente, a descarga de três produtos extra-locais — pão, vinho e sal, encontrou essa ocupação seguida e ficsada ¿quem sabe desde quando?, prevenindo-se mais a eventualidade da importação doutras mercadorias, quer de vezinho ou de forasteiro.

Depois, constituída a «póvoa», os pescadores com-paroquianos apressar-se-iam a estabelecer-se aqui. ¿Seria a sua afluéncia que deu a predominância á pesca, influindo dum modo decisivo na criação da maior que houve na costa portuguesa, ao passo que deixaram desaparecer a pequena navegação? Seja como for, achando-se tributada no reinado de Afonso II a pesca na baía pòveira, ela existia antes: no de D. Denis manifesta-se um comércio, que não perseverou, merecedor da graça fiscal. Das 54 famílias foraleiras, e das arjivalenses por ventura acrecidas, descende a numerosa população

---

[1] VITERBO, *Elucid.*, v. *Colheita.*

que tanto se distinguiu no trabalho da pescaria até á decadência hodierna, provocada por motivo estranho e superior á actividade local.

Desde a vila rural «euracini» de 953 até á organização administrativa da urbana em 1308 interpõe-se largo tempo secular, durante o qual nenhuma mutação de propriedades aí chegou ao nosso conhecimento; apenas, por incidente, em 1033 a menção do topónimo na forma «uerazini» [1]. Em parte dêsse período, consoante se descreveu no capítulo anterior, a gente sofria da instabilidade privativa de tal situação; mudada, porém, novo modo de ser apareceu na localidade. A génese é sempre a mesma: ocorrendo circunstâncias apropriadas, de antigos pobres casalejos saía o povoado, com ou sem carta. Ainda hoje se chama «vila velha» um bairro onde podia ter sido muito bem a «pobra» de D. Denis.

Após a outorga do foral, o rei doou os direitos, que estipulara, a seu filho bastardo Afonso Sánchez e mulher D. Teresa Martins [2]. Por entremédio dêles, em virtude do traspasso da doação [3], o convento de Vila de Conde, fundado pelos dois, tornou-se donatário da «póvoa», que continuou com administração própria, chamando-se no reinado de Afonso IV — «A bajlya da poboa noua de varazim».

Seguindo a ordem estabelecida, da foz do Ave, o nosso exame ocupar-se há, primeiro, da marjem direita. Ficava nela a «uilla de comite», da qual existe uma sucinta descrição na carta de venda de 953, feita por Flámula ao mosteiro de Guimarães [4]. Adapta-se êste ensejo para resalvar com a largueza necessária a falta ocorrida num estudo anterior, e já rectificada sumáriamente, como era possível fazê-lo numa tabela de correcções [5]. A vila era nesse tempo uma simples unidade rural, e pôsto que estivesse íntegra, do que dão fé as confrontações, não pertencia já a um único proprietário: pelos documentos posteriores, publicados, temos conhecimento que havia três — a vendedora, a coroa e o mosteiro da Costa. A alienação feita em 953 recaíu na igreja «ecclesia que est fundata in castro uocitato sancto iohoanne per suos terminos ab intecro uobis illa concedimus», dentro dos quais «terminos» haviam de estar os bens que a dotavam: com a igreja e terras anecsas a vendedora incluíu no contracto pesqueiras e salinas [6] que faziam parte do seu herdamento, pois destas talvez houvesse mais proprietários [7]. Foi isso o objecto da venda de Flámula, deixando nos termos gené-

---

[1] «... illa (vila) teroso et aue iacemtia... inter uerazini et regaulfi et amorim...» *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.º 281.

[2] Cf. a *Inq.* de Afonso IV.

[3] No testamento da instituição do convento dizem os fundadores em data de 1318: — «outrossi lhe damos as nosas villas e lugares q' chamão de poboa de varazim... retemos para nos e pera aq'lles q' depos de nos veerem a justiça e apellaçoeẽs de varazim e nom all». (D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA, *Provas da Historia Geanol. da Casa Real portug.*, t. I, páj. 123, doc. 18).

[4] *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.º 67.

[5] *As «vilas» do norte de Port.*, ed. separata, pags. 91 e 168.

[6] «... cum suas salinas et cum suas piscarias». *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.º 67.

[7] Um documento inédito do *Liber fidei*, n.º 155, do arquivo da sé de Braga, narra uma doação de salinas á mesma pelo presbítero «Radulfus leonegis» «in uilla quos uocitant de conde que est in littore maris subtus mons castro sancti iohanis discurrente riuo aue». O doador afirma possuí-las por avoenga «et de contramudatione. et de conparatione damus illas II^{os} modios de sal». (Era 1138, ano 1100). O título foi-nos comunicado pelo nosso erudito amigo, o sr. Oliveira Guimarães, Rev. Abade de Tajilde, a

ricos a ermida de S. Julião, inscrita no inventário do mosteiro de Guimarães de 1059 [1], o qual aliás confirma o resto. Considerando a expressão «uilla de comite» com as antigas demarcações como identificação local—fórmula tabelioa da época, a porção vendida continha só o que acima ficou referido. O notário, escrevendo «ecclesia», julgou-se dispensado de falar do terreno, onde assistia o direito do padroado. Nem era necessário: duzentos e tantos anos depois, a doação réjia, que alienou quanto lá tinha a fazenda nacional, não o compreendeu, logo se verá, nem quatro casais. Casos análogos ocorrem muitas vezes: em Fão já se observou um igual: a munificência dos reis, cumpre notar, pródiga em dispor dos bens da nação, respeitava sempre a propriedade particular. Pelo que toca ao nosso assunto, deve acentuar-se o grande interesse da menção de salinas e pesqueiras, por constar dela a indústria do sal e pesca fluvial no século X em Vila de Conde.

Do tempo português, tem a precedência a deixa de Sancho I a D. Maria Pais Ribeira, e filhos de entre ambos, dos bens e direitos realengos: da redacção da verba testamentária percebe-se que a doação fôra feita na vida do testador—«Ista sunt hereditates quas ego dedi domnae Mariae Pelagij & filijs meis quos de illa habeo, Villa Comitis... [2]» As *Inquirições* de 1220 não mencionam Vila de Conde: mas tratando de Fromariz (limítrofe), chamam-nos a atenção, peculiarmente, alguns dados do seu conteúdo. O estado tinha aqui seis casais, e campos não acasalados. Daqueles, além do resto, cada caseiro pagava, quando ia pescar, um bragal e o navão [3]. Em vista disto, certos lavradores de Fromariz acumulavam a lavoura com a pesca. ¿Aconteceria o mesmo em Vila de Conde? O exame, que vai seguir-se, torna a probabilidade de todo o ponto verosímil, embora nos vejamos obrigados a saltar por cima de dois reinados, sendo só no de Afonso III que foi possível obter dados positivos. Na falta da publicação das *Inquirições* de 1258 entre Cávado e Ave, valeu-nos uma cópia manuscrita da parte concernente á localidade [4]: dela nos serviremos, com reservas todavia, porque nas actas das freguesias próssimas pode haver referência importante que ignoramos. Segundo os depoimentos, o domínio de Vila de Conde pertencia aos netos de D. Maria Pais [5], menos o direito do padroado com dois casais em poder do mosteiro de Mumadona e outros dois possuídos pelo da Costa. A declaração do padroado lê-se logo no princípio; a das terras mais abaixo—com a especificação

---

quem testemunhamos profundo agradecimento. É uma cópia, segundo nos diz, do século XIII ou princípio do XIV, e assás incorrecta. Como a *Inquirição*, adeante citada, de Vila de Conde, de Afonso III, não alude a esta propriedade da sé de Braga, é lícito duvidar se nesse tempo a não julgaram válida, ou já então teria passado para o mosteiro de Guimarães ou para a coroa.

[1] «... *ad foze de Aue villa de comitis* cum suas salinas et piscarias et ecclesia sancti iohannis apostoli. *Et intus in mare heremita sancti iuliani...*» *Dipl. et Ch., P. M. H.*, n.º 420, páj. 258.

[2] Escritura III na *Monar. Lusit.*, t. IV, ed. de 1632: é o segundo testamento. No primeiro, que não teve efeito, o rei deixava Vila de Conde á filha menor; transcrito por J. P. Ribeiro nas *Diss. Chr. e Crit.*, t. III, part. II, páj. 116, ed. de 1813.

[3] *Inq.*, páj. 33, 2.ª col.

[4] Veja-se a nota B no fim do volume, onde será transcrita de teor, por se não acomodar a uma nota de pájina. Encontra-se no *Livro de Leitura Nova*, fl. 1.

[5] «Interrogati Cuius est villa de Cõde Dixerunt quod de neptis Done Marie Pelagij». *Cópia manuscrita da Inq. de Vila de Conde*, referida na nota precedente.

que eram dos dois mosteiros antes da doação réjia e nunca fizeram foro ao fisco: as do mosteiro de Guimarães foram, sem dúvida, o objecto da venda de Flámula, e nelas incidia o direito da apresentação do páruco, suposição tanto mais pláusivel que a possessão provinha de tempos anteriores ao doador. Como se vê, exceptuada a igreja e quatro casais, a vila fôra reguenga; e era já falecida a donatária primitiva, pois o senhorio estava na mão dos netos. Observe-se que na *Inquirição* o único nome individual da família é o da sua fundadora: ¿seria intencional êste emprêgo, contra a regra adoptada nas *Inquirições,* com o fim de remontar até ela actos ulteriores?

Quanto á matéria privativa dêste estudo, o documento contém só uma fujitiva comunicação. Poucas foram as preguntas e sêcas as respostas. Declara-se haver mais de sessenta pinácias; encargo fiscal, nenhum; entravam no mar pela barra do Ave: os direitos do rio estavam em poder de Dona Maria por causa do navão que Pindelo e Azurara pagavam á coroa [1]. Eis o contexto completo, que junta á concisão o vago da generalidade. A frase «direitos do rio» é de significação indecisa, e crêmo-la propositada; fica indeterminado, quais eram e se compreendiam os devidos pelo surjidouro de navios: nestes direitos houve de facto usurpação, não pela donatária nomeada (manifesta alteração de data) mas na própria época da *Inquirição,* quando os netos eram senhores do domínio. Por outro lado, a respeito de embarcações que iam ao mar, a pergunta versou únicamente sôbre pinácias: como em toda a costa, aqui elas eram destinadas á pesca, ou quando muito á cabotajem do sal, do que há exemplo em S. João da Foz do Douro. Interpretando á letra, haveríamos de concluir pela caréncia absoluta de outras embarcações—interpretação que se nos não figura aceitável, em face da detalhada *Inquirição* contemporánea da marjem fronteira que trata da mesma barra. Cotejadas, ver-se há que ambas se completam recíprocamente, resultando do confronto o conhecimento de muita cousa inconfessa [2].

Á esquerda do rio mencionam-se duas localidades—Pindelo e Zurara. A primeira situada em baixo, perto da foz, era a sede e denominava a paróquia, que se alongava para cima, abranjendo a segunda, conforme notificam os dois passos—«... inquisitio ville... Pinidillus et parrochianorum Ecclesie ejusdem loci» [3]—... inquisitio ville... Zurara et parrochianorum predice Ecclesie Pinidilli» [4].

---

[1] «Interrogatus Quot Pinacie sunt ibi. Dixerunt quod sexaginta et plus. Interrogatus si faciunt uel fecerunt inde forum domino Regi. Dixerunt quod non. Interrogatus per quem locum intrant in mare. Dixerunt quod per focem de Auem. Interrogatus Quis habet iura de fluuio ipso. Responderunt quod dona Maria prepter *(sic)* nauaum quod habitatores de Pijndelo et de Zurara dabant domino Regi». *Cópia manuscrita da Inq. de Vila de Conde,* já citada.

[2] Sôbre os navegantes ilustres do tempo subseqùente, oriundos de Vila de Conde, e monumentos que afirmam a sua posterior actividade náutica, cf. o que dissemos numa breve memória, que não podia ser senão muito resumida, pelo fim a que se destinava, publicada na *Revista de Portugal,* t. II, pájs. 713 por deante.

[3] *Inq.,* vol. I, pájs. 480-481.

[4] *Inq.,* vol. I, páj. 482, 1.ª col. «Pindelo», reduzido na actualidade, a um lugarzinho a curta distáncia da foz do Ave, conservava ainda uma certa importáncia em 1386: neste ano, D. João I, a pedido do concelho do Porto, confirma a mercê anteriormente feita, dando-lhe «por seus termhos... e por jurdiçom e sogeiçom aterra DEZURARA E PIJDELLO com seus thermos e entradas e sahidas e perteenças». *Corpus Codicum* etc., pájs. 122-123.

Zurara [1], por ventura lugar dalguma antiga vila rural, permaneceu com pouca população por dilatado tempo: mas no do nosso rejisto continha 151 casais [2], sendo 123 da coroa, 22 de duas damas, 6 de Vairão. Quando começou a haver concurrência para aqui, considerava-se reguengo todo o terreno. Certos cavaleiros deram queixa disto a Sancho I, que mandou inquirir. Um velho, conhecedor do local, chamado lá, corroborou a pre-existência da propriedade particular, e demarcou o que pertencia a cada um. O rei aceitou a decisão. A intervenção dêle diz-nos que o engrandecimento de Zurara vem do seu reinado, pois não é crível que os interessados demorassem a reclamação: e dos bens particulares, que já havia, deduz-se uma população, embora escassa, estabelecida antes da gente chegada neste tempo. A afluência de moradores foi provocada talvez pelo alargamento do trabalho do mar, do qual todavia não falam as *Inquirições* no parágrafo que lhe dedicam. O depoimento da marjem direita resalvou o descuido. Como Zurara se incluía na paróquia de Pindelo, afirmando-se que ambos pagavam o navão a D. Maria Pais, não se forçará a interpretação, se entendermos a pesca dos dois idêntica, tanto mais que a fluvial, logo veremos, estava monopolizada por Vila de Conde. Acaso também os de Zurara cooperavam em tudo com Pindelo, compreendidos na generalidade dos paroquianos.

Na secção de Pindelo especializa-se o imposto por «pinacia» e «barca» quando pescavam no mar, assim como por «caravela», «pinacia» ou «barco» se apanhavam só um peixe [3]. Não se limitando a pescar na costa próssima, iam ao lonje [4] — facto bastantemente característico do seu adeantamento. Em cada caso pagavam-se certas contribuições. O depoente, domiciliado lá desde sessenta anos, sempre as vira usar na forma por êle individuada — «semper ita vidit uti» [5], declarando mais que fôra Sancho I, quem as estipulou numa carta, queimada no incêndio da casa onde se guardava [6]. A protecção, dispensada pelo mesmo, manifesta-se na proibição aos Ricos-homens de pousar ali, a qual depois desprezaram, produzindo o abandôno da habitação em quarenta casais [7].

A designação do outorgador da carta é de grande peso, porque determina a época primordial da indústria. Provávelmente então não tinha nascido o comércio marítimo. Denunciado agora duma maneira lacónica, consistia na importação de panos, chumbo,

---

[1] Tem-se atribuído a esta localidade o foral do Conde Henrique de 1102, confirmado por Afonso II (CARVALHO, *Corografía;* e PINHO LEAL, *Port. ant. e mod.)* É equívoco: êsse foral refere-se a Azurara da Beira *(Leg. et Consuet., P. M. H.*, páj. 353).

[2] *Inq.*, vol. I, páj. 482, 1.ª col.

[3] «Interrogatus de hominibus morantibus in ipso loco qui piscantur in mari cujusmodi forum faciunt Domino Regi, dixit quod qualibet pinacia et qualibet barca dat...; et si forte evenerit quod caravela vel pinacia aut barcus non possit piscari plusquam unum piscem...» *Inq.*, vol. I, páj. 481, 1.ª col.

[4] «Interrogatus de illis hominibus morantibus in ipso loco, qui vadunt piscari ad alium locum et dimittunt mulieres in Pindillo, cujusmodi forum...» *Inq.*, vol. I, páj. 481, 1.ª col.

[5] *Inq.*, vol. I, páj. 481, 1.ª col.

[6] «... quod habuerunt inde cartam Domini Regis Sancii, avvi istius Regis, et fuit cremata in una domo ubi sedebat». *Inq.*, vol. I, páj. 481, 1.ª col.

[7] «Interrogatus quare illa casalia sunt depopulata, dixit quod per malfectoriam Divitum hominum qui tenent Terram quod pausant in villa, quod non debebant nec solebant ibi pausare in tempore Domini Regis Sancii, avvi istius Regis». *Inq.*, vol. I, páj. 481, 1.ª col.

estanho, *linam* e sal: sôbre os direitos avinham-se com o mordomo de Pindelo (mordomo real), pagando ora mais ora menos. Serviam-se de embarcações de armação e lotação variada, exprimidas no interrogatório por «navibus», «baxellis», «omnibus aliis barcis» [1].

Temos á vista importações por via do mar, em parte internacionais — panos, chumbo e estanho; o sal, de produção indíjena, vinha por cabotajem; na enumeração resta «linam», cuja significação desconhecemos: ¿haveria equívoco na leitura ou escrita — «linam» por «linum»? Ainda assim persiste a hesitação, se era nacional ou estranjeiro. Tudo isto carecia de tarifa, ficando a contribuição dependente do acordo entre o interessado e o ajente do fisco; de modo nenhum pode admittir-se que quem deu a carta aos pescadores, não tarifasse as mercadorias se as importassem. A aclaração de quando foi usurpado á fazenda pública êste imposto por avença inteirar-nos há do princípio dêsse comércio: a continuação do depoimento marca-o com assás precisão. A coroa perdera os direitos das importações, porque os mordomos de Vila de Conde vieram cobrá-los a Pindelo — cousa que nunca se fizera nem se costumava fazer no tempo do pai e irmão do monarca reinante (Afonso III) — «in tempore patris nec fratris istius Regis» [2]. A conclusão é fácil de deduzir: os impostos eram cobrados pelo fisco nos reinados de Sancho II e Afonso II; o comércio existia, portanto, na vida de ambos; e como só êstes são designados determinantemente, êle devia ter nascido pouco após o falecimento de Sancho I. Fundada a pesca, dela orijinou-se em curto período a navegação: e tal incremento tomou logo, que D. João Pérez da Maia tentou desobstruir a barra, mandando quebrar um penedo que dificultava a entrada [3].

Quanto á pesca fluvial, antes da doação a D. Maria Pais, os de Vila de Conde eram os primeiros que levantavam estacadas (palos) e caneiros no rio, no sítio chamado «Petra rubea»; em seguida, acima, os de Pindelo. O rio pertencia, ametade pela vea de agua, a cada banda: mas em virtude da protecção da donatária, os de Vila de Conde tomaram conta dêle; construíram caneiros, moinhos e azenhas, não se consentindo aos de Pindelo fazer o mesmo, sob pena de lhes ser derrubado tudo [4].

Da *Inquirição* da marjem direita consta que Vila de Conde armava para cima de sessenta pinácias. A da esquerda demonstrou, além da pesca no mar, a navegação internacional: isto em duas localidades, mal divididas pelo pequeno rio. É claro que qualquer progresso ocorrido numa, pela prossimidade havia de repercutir-se na outra, imediata e necessáriamente. Se da pesca em Pindelo nasceu a navegação, o mesmo fenómeno não podia deixar de dar-se no povoado fronteiro. O arrolamento elevadíssimo das pinácias (em S. João da Foz apenas havia seis) presta a maior probabilidade á

[1] «Interrogatus de navibus et de baxellis et de omnibus aliis barcis, qui intrant per focem Ave et que ducunt pannos vel plumbeum vel stannum vel linam vel sal, cujusmodi forum faciunt inde Domino Regi, dixit quod adveniebant se cum Maiordomo Pinidilli... quandoque magis quandoque minus...» *Inq.*, vol. I, páj. 481, 1.ª-2.ª col.

[2] «... et modo non faciunt inde Domino Regi ullum forum. Interrogatus quare modo non faciunt forum sicut antea, dixit quod Maiordomi Ville Comitis veniunt capere illud forum ad villam et ad portum Pinidilli, et hoc videt modo facere eis quod non solebant facere in tempore patris nec fratris istius Regis». *Inq.*, vol. I, páj. 481, 2.ª col.

[3] *Inq.*. vol. I, páj. 481, 2.ª col.

[4] *Inq.*, vol. I, pájs. 481, 2.ª col. — 482, 1.ª col.

presunção que nele se incluíam navios de comércio. Os inquiridores englobá-los-iam naquela designação, com o fim de encubrir o extravio do imposto devido á coroa pelas mercadorias, em atenção ao valimento dos donatários. A usurpação dos direitos do pôrto pelos descendentes de D. Maria Pais mostra de sobra o interesse que tinham de os possuir tanto pelo rendimento como para beneficiarem a sua gente. A prioridade, porém, essa teve-a a marjem esquerda. A carta de Sancho I, conferida aos pescadores de Pindelo, apresenta-se-nos como o impulso inicial do movimento que lançou de foz em fora os habitantes da embocadura do Ave.

A população circunjacente ao Leça não se dispensou de tomar parte na nova actividade, pôsto que em proporção assás restrita. Segundo as *Inquirições* de 1258, Real, Matosinhos, Guifões e Moroza pescavam ora no mar ora no rio. Os da primeira davam um peixe pelo navão, se reexportavam em barcas pescado que tinha vindo de fora [1]. Os da segunda pela pesca marítima pagavam «navaum unum»; a esta juntavam a extracção do sal; as salinas eram todas reguengas [2]; a renda delas variava muito. Guifões e Moroza não estavam sujeitos a nenhuma contribuição por qualquer pesca [3]; de priviléjio não se fala; por isso a esenção teria outra causa; ou o trabalho era some nos, feito irregularmente em intervalos da vida rural, ou seria recente e estava por taxar. De navegação há só o ténue vestíjio referido. — Em Matosinhos (Bouças), de tempos anteriores sabe-se, que Sancho I fizera a sua filha, D. Mafalda uma doação de bens e direitos, doação não reconhecida por Afonso II [4]. E de facto as *Inquirições* de 1258 não aludem ao senhorio da infanta: nas de 1220 a localidade é omissa.

Para concluir a nossa revista, temos de examinar a marjem direita da foz do Douro, rio acima até perto do Pôrto. Deriva-se, principalmente, das *Inquirições* de 1258 o conhecimento que dela pudemos obter. Então S. João da Foz, contendo 37 casais e 14 famílias de cabaneiros (cabanarii), era couto do mosteiro de Santo-Tirso. Foi a infanta D. Mafalda quem o estabeleceu com a anuência de seu pai [5]. Antes, parece pelo depoimento de Lordelo, havia uma pequena ermida, e estanciava por ali um frade de Santo-Tirso a pescar com os seus homens numa caravela, dando o dízimo á igreja dessa freguesia [6]. Depois, coutado o lugar pela infanta, a pesca progrediu duma forma extraordinária; em 1258 havia lá 6 pinácias, 1 caravela (iam fazer outra) e 20 barcos savaleiros; não pagavam navão; mas do sal que vinha em pinácias, avinham-se com o mordomo de Bouças; do que compravam no Pôrto e o traziam ás costas pagavam por cada saco 1 dinheiro [7]. — Pescava-se também na Can-

---

[1] *Inq.*, vol. I, páj. 467, 1.ª col.

[2] *Inq.*, vol. I, páj. 468, 2.ª col.

[3] *Inq.*, vol. I, pájs. 470, 2.ª col. e 471, 1.ª col.

[4] HERCULANO, *Hist. de Port.*, t. II, liv. IV, pájs. 150-152, 2.ª ed.

[5] «notum facio omnibus... quod cum olim, viventi patre meo, auctoritate ejus, cautassem Ecclesiam, sive heremitagium *Sancti Johannis de foce Dorii Domno Menendo Abbati Sancti Tirsi*, et ejus Conventui, necnon et eorum successoribus in perpetuum». J. P. RIBEIRO, *Diss. Chron. e Crit.*, t. I, doc. 47, páj. 259 e segs., ed. de 1810.

[6] *Inq.*, vol. I, páj. 459, 2.ª col.

[7] *Inq.*, vol. I, páj. 457, 2.ª col.

tareira; entendiam-se com o mesmo mordomo [1]. Aí, ou mais acima cobrava-se a portajem do sal que se dirijia ao Pôrto: á voz de — «estica», proferida pelo mordomo de Bouças ou seu oficial, as embarcações paravam e pagavam a contribuição [2]. Da variedade dessas no transporte do sal, no qual empregavam a pinácia, transparece a importáncia do produto, apesar de ser vulgar a sua extracção. Se escolhiam o barco, conforme a distáncia, como é natural, afluiria aqui sal de toda a costa. Sem dúvida, tinha aplicação mais larga que o consumo portuense. — Os de Lordelo pescavam no Douro e no mar: davam á coroa ametade de «dulfini et hyrcis et tunine et balene»: do outro pescado, nada: asseveravam que foi sempre assim na vida da infanta D. Mafalda e de Sancho I [3]. — Na granja de santa «Ouvaye», pertencente ao mosteiro de Tarouca, os inquiridores encontraram frades, que não pagavam imposto pela pesca [4]. — Em Ramalde foi recolhida uma tradição assás valiosa. Testemunha ocular afirma que a infanta quis povoar Lordelo, e mandou vir barcos de sal para a Sovereira. Sancho II impediu-a de levar a cabo o plano [5]. — O desenvolvimento da pesca tanto no Douro e no mar pela sua barra, como a de Pindelo pela foz do Ave, datava do reinado de Sancho I: a êle as testemunhas reportam o uso e costume fiscal.

Na marjem direita do Douro damos a jornada por concluída: daqui para baixo não foi possível obter esclarecimentos. A terceira alçada das *Inquirições* de Afonso III, embora se efectuasse em terras ao sul dêste rio, deixou em claro a parte do litoral [6] — lacuna deplorável, sobretudo por causa de Aveiro, onde com a maior probabilidade não se demorou a nascer a navegação, e a fortificar-se a indústria do sal: existente já no século X [7], seria apenas o esboço dum trabalho que tam florecente se tornou. Se há documentos, pelos quais se possa averiguar a orijem da vida marítima desta rejião costeira, temos a desfortuna de ignorá-los. Mas pelo que se observou na parte examinada, vista a identidade de condições sociais e políticas, não haverá exajero, supondo isso mesmo na embocadura do Vouga.

II — O Pôrto

O silêncio sôbre cousas marítimas, observado na doação de D. Teresa e no foral de Hugo, interrompe-se no testamento de 1188 do sucessor de Afonso Henríquez [8]. Sancho I, no legado a favor da rainha, deixa-lhe os réditos de Alenquer, da Terra

---

[1] *Inq.*, vol. I, páj. 459, 2.ª col.

[2] «quando Maiordomus et ejus Sagio dicebat navibus et pinaciis et barcis deferentibus sal, que intrabant per focem Dorii, estica (?), statim stabant et dabant eis portaginem». *Inq.*, vol. I, páj. 459, 2.ª col.

[3] «ita uti fuerunt cum Domina Regina Maphalda et cum Domino Rege Sancio veteri». *Inq.*, vol. I, páj. 459, 2.ª col.

[4] *Inq.*, vol. I, páj. 459, 2.ª col.

[5] «dixit quod vidit et presens fuit quando Domina Regina voluit populare Loordelo et fecit venire barcas salis stare in loco qui dicitur Sovereira, et Dominus Rex Sancius, frater istius Regis, noluit quod populare eam et defendit ei etc.» *Inq.*, vol. I, páj. 462, 2.ª col.

[6] Cf. *Memorias para a Hist. das Inquirições*, publicadas sob a direcção de J. P. RIBEIRO em 1815.

[7] Cap. I, *Portvgalia*, t. II, páj. 220; ed. sep., páj. 11; *Dipl. et Ch.*, *P. M. H.*, n.º 76, páj. 46, ano 959.

[8] É o primeiro testamento, sem data: HERCULANO, todavia, é de opinião que deve ser a indicada. *Hist. de Port.*, t. II, nota final III, páj. 441, 2.ª ed.

do Vouga, da de Santa Maria, e do Pôrto — «et de Portu; exceptis pannis navium, quos debet filius meus, qui regnaverit, habere» [1]. Reparemos desde já na forma definitiva do topónimo «Portu», coincidindo com o aparecimento do mais antigo vestíjio de navegação portuense. Não é, como foi no passado o pôrto de Cale, «Portucale», «Portugale» ou «Portugala»; mas simplesmente «Portu», cuja significação lata, desprendida da antiga estáncia romana, exprime diversa e larguíssima área de acção. Sobretudo interessante é o final do trecho, por conter a primeira menção, que topamos, de importação estranjeira pela barra do Douro [2]. A expressão lacónica — «pannis navium», não se pode traduzir senão pelos panos vindos por mar e descarregados aqui, consistindo o rédito exceptuado na contribuição que pagavam; a taxa desta havia de ser a décima, inferível de diplomas posteriores: êsses impostos, o testador reservava-os para o filho que lhe sucedesse no trôno — «quos debet filius meus, qui regnaverit, habere». Quaisquer que fôssem os motivos da excepção, é de crer que teriam sido muito fortes. Êsse rendimento, quando teve lugar a transmissão dos direitos da coroa a favor de Hugo, não existia: e sendo mudo o diploma a tal respeito, circunstáncia já notada [3], êle não podia cair no domínio do donatário em virtude da doação de D. Teresa; além disso, na data do testamento os réditos reais estavam livres do dízimo eclesiástico, e por emquanto não tinha rebentado nenhuma discórdia com a mitra; a primeira explosão violenta entre o rei e o bispo Martinho Rodríguez, conhecidamente motivada por outras questões [4], estalou em 1209 [5], data de muito valor, como momento de transição entre a velha e futura sociedade. A reserva dos panos, todavia, permite presumir que o monarca, ou não quis privar o reinante imediato do novo rendimento, prevendo acaso o acrécimo futuro da receita pública por essa fonte; ou não quis tirar-lhe a intervenção directa na fiscalização da barra. E, na verdade, por êste tempo as cousas no Pôrto estavam em véspora de grande mudança. A segurança e a incipiente importação estranjeira abriram horizonte mais largo á vida local, que medrava dia a dia.

Na visita de Ordonho II a Gomado em 922, notou-se a existéncia de barcos no Douro [6]. Grassava ainda a pirataria dos normandos; em seguida, entre 1071 e 1112,

---

[1] «Do preterea Regine, uxori mee, omnes reditus de Alanquer, et de terra de Vauga, et de terra de Sancta Maria, et de Portu; exceptis pannis navium, quos debet filius meus, qui regnaverit, habere». J. P. RIBEIRO, *Diss. Chron. e Crit.*, t. III, 2.ª parte, páj. 116, ed. de 1813.

[2] Deixâmos de lado a notícia da venda por Afonso Henríquez á mitra portucalense, na Era 1179, da «ametade da dizima de todas as barcas que viessem das partes de Frãça á cidade do Porto». (D. RODRIGO DA CUNHA, *Catalogo dos bispos do Porto*, parte II, cap. I, pájs. 28-29, ed. de 1623). As razões são óbvias; basta apontar algumas, tais como — a falta do orijinal e indicação do arquivo onde se guardava; a excessiva boa-fé do autor (cf. HERCULANO, *Hist. de Port.*, t. II, notas finaes 21 e 28); a nenhuma referéncia a êsse documento nos posteriores; a impossibilidade dum comércio seguido entre o Pôrto e França em 1141 (Era 1179) seis anos antes da tomada de Lisboa; e finalmente o estado ruinoso da sé, do burgo e pertenças nesta última data até 1147. (Cap. II, *Portvgalia*, t. II, pájs. 399-400; ed. separata, pájs. 34-35).

[3] Cap. II, *Portvgalia*, t. II, páj. 395; ed. separata, páj. 30.

[4] HERCULANO, *Hist. de Port.*, t. II, pájs. 106-110.

[5] A rebelião popular contra o bispo, a sua prisão que durou quási cinco meses, a fujida e regresso, ocorreram desde Março de 1209 até Dezembro de 1210. HERC., *Hist. de Port.*. t. II, pájs. 110-114, e nota final VII no mesmo t., pájs. 454-455, 2.ª ed.

[6] Cap. I, *Portvgalia*, t. II, páj. 227; ed. separata, páj. 18.

começou a sarracena, incomparávelmente mais destruìdora [1]. Como os documentos primordiais do burgo episcopal nada dizem quanto ao movimento do rio, deve entender-se reduzido a pouquíssimo. No reinado, porém, de Sancho I depara-se uma tam rápida quam inesperada renovação: na partilha do rendimento da sé entre o bispo e o cabido, em 1200, assentou-se que ficassem pertencendo áquele o imposto («lucra»), pago pelos barcos de quatro remos ou mais [2]. Não só a maneira de os qualificar, mas também a circunstáncia de serem tributários á sé, (os provenientes do mar nada lhe pagavam) convencem-nos que eram barcos empregados no serviço fluvial. Em 922 satisfaziam á coroa o «nabulum» e o «portaticum», doados, em cada sábado, ao mosteiro de Crestuma desde Aliouirio ou Aliovirio (?) até á Foz [3]. Devia-se o «nabulum» (navão) pela pesca; o «portaticum» (portático ou portajem) pela introdução dos géneros conduzidos. Êsses barcos, não falados nos diplomas acima aludidos, tinham aumentado em número com tamanho tráfego, que o tributo auferido atinjia em 1200 soma assás valiosa, pois constituía no activo da diocese uma das verbas atribuída ao bispo. —— É ocasião de indagar, como tal receita, omitida no título primitivo, passou para a mitra. Duas doações, feitas por D. Teresa a Hugo, mencionadas no *Catalogo dos Bispos do Porto,* verdadeiras ou não, explicam a transferéncia. Na obra faltam os textos orijinais, donde o autor extraíu as versões em vulgar; e dada a sua credulidade, devemos ficar em dúvida, se são verídicos. Seguindo a ordem cronolójica, a primeira com data do ano 1118 contém a doação do «mosteiro de Santa Marinha de Crestuma, & o couto delle...» e termina — «Ainda hoje possue este couto a Igreja do Porto, mas nam o mosteiro, q. ja nam ha no lugar de Crestuma...» [4]; a segunda do ano 1128, com a mesma deficiéncia da fonte orijinária, refere a doação da «ametade do Porto dagoa do Douro, convẽ a saber da pedra salgada, ate o mar Oceano» [5]. Nestas duas doações, bem que supostas, em todo o caso consentidas pela coroa, talvez se fundasse a sé para deitar mão ao provento, que delas se derivava. Seja como for, é certo que êsse e a excepção no legado de Sancho I denotam o aparecimento, na localidade, de novas condições económicas de largo alcance.

Não era só êste o único ponto da costa afectado de tal ajitação. A lei geral, relativa «aaqueles que acaeçer perigoo no mar» de 1211 [6], manifesta quanto se alargara a navegação: da do norte conhecemos, pelo exposto, a presteza em desabrochar; o mesmo devia dar-se na restante, fora da nossa área de investigação. É objecto da lei

[1] Cap. I, *Portvgalia,* t. II, pájs. 230 e 232; ed. separata, pájs. 21 e 23. Cf. cap. II, *Portvgalia,* t. II, páj. 392 e ed. separata, páj. 27.

[2] «et lucra que a navibus quator remorum et supra solent provenire». J. PEDRO RIBEIRO, *Diss. Chron. e Crit.,* t. V, páj. 95, ed. de 1836.

[3] Cap. I, *Portvgalia,* t. I, páj. 227; ed. separata, páj. 18.

[4] D. R. DA CUNHA, *Catal. dos bispos do Porto,* parte II, cap. I, páj. 16, ed. de 1623.

[5] IDEM, obr. cit., parte II, cap. I, pájs. 15-16, ed. cit.; J. PEDRO RIBEIRO *(Diss. Chron. e Crit.,* t. IV, parte II, páj. 58) repetiu-a, sem a criticar, acrecentando, que se não encontra hoje no *Censual.* A respeito dêste códice, seja-nos lícito repetir as palavras de HERCULANO — «Geralmente as datas do *Censual* foram transcriptas com grande negligencia... Alem disso, não é dificil encontrar ahi documentos suspeitos». *Hist. de Port.,* t. II, nota final XXI, páj. 491, 2.ª ed.

[6] *Leg. et Consuet., P. M. H.,* pájs. 164-165.

promulgada por Afonso II, fazer guardar a propriedade das cousas salvas em naufrájio, ordenando que se entreguem a seu dono, seja nacional ou estranjeiro, sem nenhum gravame. A lei antecede nove anos a publicação em Roma dos estatutos do imperador Frederico II [1], nos quais há uma análoga: vista a prioridade, a nossa não pode deixar de considerar-se decidida por motivos próprios, com o intuito de protejer o negócio marítimo no litoral português. O britamento das naus ocorreria então ameúdo; e a gente, não acostumada a reconhecer propriedade nos salvados, tomá-los-ia por desertos, sendo precisa a intervenção do govêrno para pôr côbro, com dura pêna, a essa estranha compreensão jurídica, não extinta na actualidade.

Bem que não compreendido no quadro do presente estudo, chama-nos a atenção outro facto, praticado pelo mesmo rei — orijem duma das mais culminantes reclamações, exijidas pela mitra ao sucessor imediato, e da qual resultam para nós esclarecimentos importantes. Foi a concessão aos bispos do dízimo eclesiástico sôbre as rendas reais de cada diocese, em 13 de abril de 1218 [2]. Dêste modo, as omissas na doação de D. Teresa ficaram sujeitas ao pagamento dessa quota; — munificência que mal se compadece com o procedimento de quem lutou sempre, obstinadamente, pelas regalias da coroa. Qualquer que fôsse a razão de tamanha liberalidade, no Pôrto, é certo, atinjia valor não de desprezar.

Uma das rendas reais, abranjidas no donativo de Afonso II foi o imposto sôbre o tráfego comercial pela barra do Douro, cobrado antes, únicamente, pelo fisco: depois, em virtude da doação pertencia á mitra o dízimo dêle. Agravando-se, porém, a luta entre a coroa e o alto clero, a dádiva ficou, letra morta [3], até que o filho, sentindo o trôno abalado, julgou poder salvar-se, aceitando a composição apresentada por Pedro Salvadores, na qual o bispo portuense fez inserir cláusulas sobremodo elucidativas a respeito dêsse comércio, em virtude das precauções tomadas para a segurança da quota doada. E pôsto que, em seguida á capitulação, os burgueses proseguissem nas hostilidades contra o bispo, foi esta a sua última refrega. Provávelmente, adquirindo dêle o que desejavam, tornaram-se indiferentes ás pretensões da coroa, discórdias políticas e até se eximiram de pelejar no Algarve [4].

Foi lavrado o documento de 1238 (era 1276), cincoenta anos após o testamento acima citado de Sancho I, no qual apenas se lê a referéncia já notada; da comparação dos dois deriva-se o conhecimento do progresso efectuado neste pequeno prazo. O tratado [5], apesar de restrito ao nosso assunto, é ainda bastante estenso para uma nota de

---

[1] HERCULANO, *Hist. de Port.*, t. II, pájs. 240-241, e nota final XIII, páj. 471, 2.ª ed.

[2] HERCULANO, *Hist. de Port.*, t. II, páj. 216, 2.ª ed.

[3] «... dixit quod Episcopi nec Capitulum nunquam habuerunt decimas Regis, nisi ex tempore fratris istius Regis». *Inq.*, vol. I, páj. 472, 1.ª col.

[4] HERCULANO, *Hist. de Port.*, t. II, páj. 358 e t. III, páj. 45, 2.ª ed.

[5] «... ego S. secundus... Rex... restituo sive integro et concedo pro me... vobis... Ecclesie Portugalensi... decimam integre tocius illius decime quam hactenus ego, et antecessores mei precipere consuevimus et de cetero perceperimus... de pannis et de quibuscunque ducantur ad Civitatem Portugalensem vel Portum Dorii, de quibus ego, vel successores mei hubuerimus decimam ubicunque eam perceperimus, et si alique merces in portu aliquo de navigiis venientibus ad Portum extrahantur et ipsis mercibus sicut de aliis que in eisdem navibus defferuntur ad Portugalensem Ecclesia Portugalensis ex

pájina; os factos revelados, contudo, são de tal significação que entendêmos devê-lo reproduzir, assim limitado, repetindo no texto as passajens comprovativas de cada afirmativa.

O trecho, precedentemente, citado das *Inquirições* diz que a cobrança do dízimo eclesiástico nunca se realizara senão no tempo de Sancho II, talvez por motivo de se ter agravado, pouco depois da concessão, a desavença com os bispos, que atormentou o fim da vida do doador. Essa falta de pagamento depreende-se também das palavras — «restituo sive integro», com as quais se abre o diploma: só a seguir, o rei concede êle próprio — «concedo pro me» a mesma graça feita pelo seu predecessor, a qual consistia no dízimo da décima fiscal até então recebida e da que houvesse a receber-se pelos panos e outras mercadorias entradas no Pôrto pela foz do Douro; e da declaração — «quam hactenus ego, et antecessores mei percipere consuevimus» conclui-se sem erro que a taxa aduaneira fôra sempre a décima, datando por isso das primeiras importações e portanto do tempo do avô. Destas a mais importante eram os panos, que são a única mencionada no testamento de Sancho I e igualmente agora na composição do neto — «de pannis et de quibuscunque ducantur...», incluindo-se as outras na generalidade do adjectivo-relativo-composto, falta de detalhe explanada de leve, não de todo, no decreto taxativo do irmão.

Até êste ponto o documento não apresenta nenhuma novidade; é apenas a confirmação da dádiva feita por Afonso II. Na continuação, porém, formularam-se cláusulas de outra ordem, introduzidas de novo com fim bem claro. Ordena a primeira, que se algumas mercadorias, transportadas em navio consignado ao Pôrto, forem descarregadas onde a coroa receba a décima, a sé terá a sua quota correspondente — «si alique merces in portu aliquo...». Nesta ocasião andava já no ar a mudança do sítio da descarga, tentada sem resultado por Afonso III, pois o vencido declara que dá posse á igreja do dízimo, e promete pagar com pontualidade, sem fraude ou malícia — «in mutatione portus». Não se fiando nas contas do fisco, a mitra obteve mais a faculdade de ter um dezimeiro e escrivão seus próprios, não sendo permitido aos empregados reais proceder á decimajem fiscal na ausência dos outros — «mei decimarii non deciment sine vestro». A última cláusula, enfim, informa-nos que o dízimo eclesiástico era extraído com todo o rigor — peça a peça, e só se trocava, mediante avaliação, uma por outra quando houvesse conveniéncia recíproca; da parte final pode inferir-se o pagamento em espécie, visto que, se o cálculo se fizesse sempre pelo valor em dinheiro, seria inútil prever a necessidade de trocar uma cousa por outra equivalente — «justa estimationem de una re pro alia».

Com a concessão do dízimo da décima recebia a sé um por cento das importações portuenses por via de mar. Apesar de parecer deminuta a percentajem, a amplidão, que lhe deu o documento examinado, faz presumir á primeira vista quam avultada havia

---

mea decima quam ego habuero de mercibus illis sic extractis suam decimam integre percipiet et ab ista die... Mitto... vos in possessione ipsius decime, et faciam eam vobis... et sine mora persolvi, dilationem fraudem vel malitiam aliqua in mutatione portus... Concedo... quod constituatis vestrum specialem Decimarium et scriptorem... qui recipiant vostram decimam... mei Decimarii non deciment sine vestro... nehil faciant in barcis vel extra barcas sine eo... Do etiam... quod Decimarius vester recipiat decimam vestram de unequaque petia vel justa estimationem de una re pro alia sicut mea utilitas et vestra maior fuerit». J. P. Ribeiro, *Diss. Chron. e Crit.*, t. IV, parte II, pájs. 152-154.

de ser a quantia — suposição resultante da meticulosa estipulação de seguranças exijidas pelo bispo vencedor, acrecendo ainda que onerou a sua quota com a despesa de dois empregados. Infelizmente, não existe nenhum rol de contas, pelo qual se possa fazer juizo directo sôbre essa contribuição, começada a cobrar por Sancho I. Mas que ela atinjira grande monta, dizem-no as entre-linhas da composição e sobretudo a criação dos oficiais eclesiásticos: com êles e os do estado esboçava se uma repartição pública, embora rudimentar, organizada adrede. Estava, pelo menos, lançada a base da instituição tam nacional, chamada «Alfándega», que na verdade quási veiu á luz com a nação. Tudo isto por si só, senão houvesse mais, era indício seguro do progresso comercial ocorrido durante as duas gerações passadas e a presente de que faz parte o reinado de Afonso III.

Dêste, o diploma de maior esclarecimento para a nossa questão é o decreto estivativo de 1253 [1], tanto por ser dirijido especialmente ás autoridades e população de Entre-Douro-e-Minho [2], como pelo rejisto de muita fazenda estranjeira em circulação na província. Não importa buscar agora, se a estiva obrigava só ao território indicado ou se abranjia o país inteiro [3]: basta-nos o facto contastado da venda de cousas trazidas pelo comércio internacional provinciano. Consoante diz o proémio, manifestara-se de repente uma grande carestia com o receio de quebra da moeda, fundado já no rumor de ser tal o intento do rei, já por se aprossimar o tempo em que se costumava fazê-la [4]. O endereço á rejião minhota, com expressa insisténcia, dá-nos a certeza de ter sido aqui, onde o encarecimento se acentuava mais.

Delineava-se na velha província uma crise económica-comercial, apresentando-se com assás gravidade, talvez por causa do aumento das importações que seriam logo, por efeito da prevista deminuição do metal precioso na moeda, cotadas com alta excessiva, a capricho da especulação, como acontece sempre em qualquer época e lugar. A subida precipitada nessa série de artigos não tardou a envolver em geral, desordenadamente, todos os outros, abaixando ou elevando o preço a troche-moche, perturbando e confundindo a economia pre-estabelecida. Apressou-se o rei a acudir-lhe com a medida radical da estiva.

Eis a orijem do famoso quadro de 1253. Não se pode dizer que contém todo o viver quotidiano; basta notar a falta do mobiliário na sua estensa ramificação e o custo dos cereais. Apesar de incompleto, contudo abraça um largo circuíto: além da mercadoria, tarifa alguns salários em géneros e dinheiro, excepto os da indústria fabríl: a mudez a respeito desta deixa a suspeita que o principal ou único queixoso, senão o prejudicado, era o proprietário rural. Mau grado do incompleto é um documento de subido valor para a história da nossa baixa idade-média, — quási uma feira-grande do passado, onde por entre a desvairada mercadoria, necessária ou supérflua, se acotovelam

---

[1] *Leg. et Consuet., P. M. H.*, pájs. 192-196.

[2] «pro quanto precio unaquaque res specialiter uenderetur a Minio usque ad Dorium». Decr. cit., *Leg. et Consuet., P. M. H.*, páj. 192.

[3] Cf. Herculano, *Hist. de Port.*, t. III, páj. 43 e nota I; Argumento da decr. cit., *Leg. et Consuet., P. M. H.*, pájs. 191-192; Sr. Gama Barros, *Hist. da Adm. pub. em Port.*, t. II, páj. 185, nota 5.

[4] «quod timebant quod ego frangerem monetam et quia dicebant quod tempus britandi monetam apropinquabat». *Leg. et Consuet., P. M. H.*, decr. cit., páj. 192.

donas e cavaleiros, a burguesia e o povo. Por desfortuna falta um estudo detalhado e coordenador, nem aqui é ensejo de tentá-lo: por isso faremos do códice emprego restrito, e aproveitá-lo hemos sobretudo na parte referente á larga informação acerca dum artigo, que pela sua difusão devia constituir o ramo mais importante do tráfego marítimo.

Era êsse o pano de lã, exclusivamente mencionado nos diplomas de Sancho I e Sancho II: o decreto explana a sua importância com a menção por estenso de trinta e três espécies, acompanhadas, em regra, da procedência. Tal diversidade nunca podia ter-se efectuado sem procura correspondente, ou sem compradores a quem conviesse o tipo apropriado á fortuna e posição social.

Não sendo possível transcrever o teor da lista, extratar-se há o principal. Exceptuado o burel e pouco mais, os outros panos provinham de quatro procedências— inglesa, flamenga, francesa e espanhola, segundo resam as designações do decreto. No cimo da escala estava a «escarlata inglesa» a 70 soldos [1] o côvado ($0^m,68$): partindo daí observa-se uma multiplicidade de preços intermédios, consoante a qualidade, até ao burel nacional, no fundo, estivado a 2 soldos a vara ($1^m,10$), ou seja 1,2 soldo por côvado. De burel vestia-se o trabalhador rural [2]. A «armarfega» a 2 s. o côvado e certa «sargia» a 2 s., acaso ambas também de fabrico no país, serviriam em geral para o lavrador pouco remediado. Ao popular com abastança de meios adaptavam-se os tipos de 4 a 9 s. Os outros de 10 a 70 s. destinavam-se á gente rica, conforme a classe: e como a cada uma pertencia o seu traje, na nobreza, e na burguesia que abundava na província [3], o tecido caro importado havia de ter venda certa. Idêntica colocação, note-se de passajem, teriam outros artigos do luxo, de proveniência estranha, com preço muito elevado, que senão discutem por ser imprópria a ocasião.

A referência antecedente ao decreto de 1253, embora curtíssima, parece-nos bem sujestiva do rendimento aduaneiro. Não admira por isso que a mitra pugnasse com tanto empenho para haver o dízimo da contribuição. Nem passe desapercebido o conhecimento proveniente da mesma fonte a respeito da navegação seguida com a França, Flandres e Inglaterra. Os objectos dessas procedências eram trazidos por um comércio normal, feito com tal regularidade que vieram a tomar largo espaço no mercado provinciano. Além disto, a freqüentação e fiscalização dos portos vê-se da estipulação do decreto sôbre a sacada de mercadorias do reino, ordenando que as exportações se façam todas por êles [4].

---

[1] O marco nacional continha 229,5 gr. de prata (Sr. C. LOBO, *Hist. da Soc. em Port. no sec. XV*, páj. 276, nota I); o marco de prata = 12 libras (*Leg. et Consuet.*, *P. M. H.*, páj. 192); a libra = 20 soldos (Sr. C. LOBO, obr. cit., páj. 278); o soldo = 12 dinheiros (Sr. C. LOBO, obr. cit., *ibid.*). Libra, soldo e dinheiro eram moedas de conta; a libra = 19,125 gr. de prata, o soldo = 0,956, aprossimadamente.

[2] *Leg. et Consuet.*, *P. M. H.*, decr. cit. No final da páj. 193 e princípio da 194 vem designado o salário que se devia dar aos criados de lavoura, em dinheiro, e em «usos», como ainda hoje se diz: nêstes lê-se sempre uma certa medida de burel; por ex. — o abegão, moço adulto e azemel, recebia cada um 9 côvados; o cachôpo (cachopius), «froque» e «sagia» do mesmo; o moço de vacas, 9 varas; e assim por deante entrando sempre o burel no cómputo da paga total. Êste tecido ainda se fabríca no distrito de Bragança.

[3] *As «vilas» do norte de Portugal*, pájs. 125, 126 e 133, ed. separata.

[4] «... quod merchandia que pertinet ad mercatorem non extrahatur per terram sed tota ueniat ad portus et quicunque eam per terram sacauerit perdat eam». *Leg. et Consuet.*, *P. M. H.*, páj. 194.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Não era só o Pôrto a única cidade comerciante do norte. Vila de Conde e Viana, já vimos, eram-no também, de modo que o Entre-Douro-e-Minho recebia manufacturas e materias primas por três barras, pelas quais se exportava igualmente a equivalência do recebido: mas o Pôrto tanto por possuir a melhor entrada da pequena costa, como pela situação tornara-se o centro de todo o movimento. Na foz do Douro surjiam navios com carga de diversas mercadorias, mencionados ora por designação técnica — «carauela», «barca seeyra», «burcardus trincatus», «Burcia», ora sob a genérica — de maior lotação que a «pinacia». Tal é a revelação feita pelo foral de Gaia de 1255 [1]. Ainda que êle se refira á marjem esquerda, o maior número das embarcações, senão todas, viriam destinadas aos habitantes da direita, hipótese fácil de aceitar desde que se conhecem os motivos que levaram o rei a criar a nova vila. O foral rejistou, é claro, o existente, relativo á cidade episcopal, supondo que boa parte dêle passaria para o concelho recem-fundado. O trabalho, porém, que dava áquela tamanha superioridade, radicara-se e progredira de modo a aumentar-lhe cabedais e população com extraordinária pujança.

Informa-nos da prosperidade geral um facto que devemos relembrar, não obstante ser muito conhecido. Era o Pôrto adstrito ao serviço militar. Quando foi resolvida a campanha do Algarve em 1249, estava já tam endinheirado que remiu essa obrigação por «avultada somma» [2]. Como a quantia havia de repartir-se pelos vezinhos, a remissão supõe fartura de meios disseminada. A abastança dêstes em país e época de limitadíssimos recursos não se pode explicar só pela labutação antiga. Nova fonte de riquezas tinha brotado: fôra o comércio internacional que depressa encheu de dinheiro o burgo arruinado ao fundar da monarquia — em parte pelos lucros próprios, em parte pela acção produzida desde o negócio interno até á criação de indústrias que o luxo aparecido provocara. Fundamentalmente mudara-se o viver aqui. Mais que a campanha para arredondar o solo nacional pelo sul, valia o ganho certo do escritório, da loja e da oficina.

Distinguia-se bem da antiga, acostumada a defrontar-se a cada instante com inimigos, a gente que após 1147 veiu estabelecer-se no couto. Em 1209, notou-se acima, foi a primeira revolta com uma violéncia sem precedentes — ocorréncia denunciadora do crecimento da população, não pelo processo ordinário, mas pela imigração de adventícios, carecidos de tradição local, sem os quais a sedição seria um enigma indecifrável. Riqueza e homens surjiam como por encanto; e virtualmente novas aspirações. Á sombra da imunidade foraleira nascera a póvoa marítima: medrada, e no momento de transformar-se em cidade comercial de larga hejemonia, revolta-se contra a vassalajem episcopal. Abandonada então e depois pelo aliado, a pertinácia não se demorou a dar-lhe a vitória.

No alto campeava ainda, decaída todavia do poder senhoril primevo, a fortaleza onde se recolheu talvez a guarda-avançada dos imigrantes: mas em breve estenderam-se pelas encostas e rechãs voltadas ao rio. Seguí-los passo a passo, é impossível: subsistem, contudo, duas balisas. A ermida de S. Nicolau fundara-se, é de crer, quando se aglomeraram moradores pelo sítio da hodierna igreja paroquial do mesmo nome, e

[1] Foral de Vila Nova de Gaia. *Leg. et Consuet.*, *P. M. H.*, pájs. 662-663.

[2] Herculano, *Hist. de Port.*, t. III, pájs. 6 e 45.

foram engrossando de tal modo que em 1249 o bispo julgou necessário provê-la de capelão, com as oblações para o cabido [1]. Dez ou doze anos antes, a convite de Pedro Salvadores, haviam-se estabelecido os frades dominicos um pouco acima [2]: a sua popularidade, que pôs em perigo os benesses do clero secular, não deixaria de provocar construções na contiguidade do convento. O largo espaço entre o burgo primordial e êstes pontos, despovoado na chegada dos cruzados, ia-se cubrindo de habitantes, cuja tendéncia se inclinava sempre a poente e para o fundo.

De facto, por êste tempo não era novidade o acrecimo da população na marjem de Miragaia dentro do limite que a mitra considerava do couto, em oposição á coroa. A testemunha, interrogada nas *Inquirições* de 1258, afirma terem-se construído ali setenta e cinco casas, não havia quinze anos, e estavam a fazer mais. Ela atribui, é certo, a febre de construir ao influcso do bispo Julião [3], para indicar, talvez, que se apressava a tomar posse do terreno contestado. Seja êste o motivo, fica também de pé a consideração que qualquer vantajem concedida de nada valeria se os moradores não encontrassem outras no sítio, e essas não podiam ser senão a prossimidade do rio, por facilitar o trabalho em relação á navegação e pesca. Partisse ou não por aqui a linha divisória do couto, questão fora do nosso propósito, resta averiguado que por volta de 1243 o chão contíguo ao ribeiro de Miragaia começara a encher-se de habitações, e portanto em curto prazo para a época a população estendia-se já muito ao lonje do penhasco do «Castrum Novum». Mas não era só ao nascente do regato que se verificava êste fenómeno: vamos vê-lo na mesma marjem em localidade estranha á influéncia episcopal.

Afirma a mesma *Inquirição* que os habitantes da «vila baixa» e de «Gaia» não costumavam pagar impostos de entrada na «vila do Porto», mas pagavam-nos no tempo da testemunha; foi o bispo Julião quem os mandou cobrar [4]. Esta singela afirmação pede exame detido. O depoimento distingue duas vilas. Da do Pôrto não há duvida quanto á situação. A «baixa» desde já sabemos, ficava fora do couto, porque o prelado exijiu o pagamento da portajem aos moradores dela. Outra indicação nos dá o epíteto: em virtude dêle torna-se necessário admitir qualquer povoação marjinal, independente da acção da mitra. A marjem esquerda tem de ser excluída; a palavra «Gaia» exprime-a, referindo-se, é provável, ao lugarejo que deu o nome á Vila Nova de Afonso III [5]. Nem então a confusão era possível; três anos depois do foral não

---

[1] J. PEDRO RIBEIRO, nas *Diss. Chron. e Crit.*, t. V, páj. 98, citando o *Censual* f. 132, menciona a provisão do bispo Julião a êste respeito.

[2] O convite aos frades foi feito por Pedro Salvadores no capítulo provincial da Ordem, reùnido em Burgos em 1237 (HERC., *Hist. de Port.*, t. II, páj, 349; cf. *ibid.*, páj. 350). Em 1239, a infanta D. Mafalda doou a igreja de Santa Cruz da Maia ou de Riba de Leça á sé do Pôrto, para a indemnizar do prejuizo sofrido com os dominicanos, em troca do lugar onde habitavam no Pôrto. J. P. RIBEIRO, *Diss. Chron. e Crit.*, t. V, páj. 298, ed. de 1836; *Mon. Lus.*, liv. XIV, cap. XXIII, ed. de 1632.

[3] «... ex quo tempore Episcopus populavit ipsum locum, dixit quod non sunt aduc XV. anni elapsi quod eum incepit populare, et inter illam aquam predictam et inter illam petram picatam que jacet ultra illam aquam, sunt modo facte LXXV^{a} case et cotidie faciunt magis». *Inq.*, vol. I, páj. 472, 1.^{a} col.

[4] «Item, dixit quod tunc non capiebant portaginem in villa Portus hominibus morantibus in villa bayxa nec in Gaya, et modo capiant eis illam. Interrogatus quare, dixit quod nescit, quia nunquam alius Episcopus mandavit eam capere nisi Dompnus Julianus». *Inq.*, páj. 472, 1.^{a} col.

[5] Cap. I, *Portvgalia*, t. II, páj. 224; ed. separata, pájs. 14-15.

bastavam para mudar a linguajem popular. Temos, portanto, de voltar á marjem direita: nesta, a Vila-baixa havia de estar situada um pouco a oeste de Miragaia, por ser aqui onde terminava a pretensão eclesiástica na demarcação do couto. Na impossibilidade de alongar mais o seu território, e tendo crecido além a população, o donatário contentou-se com a cobrança da portajem, derogando o uso.

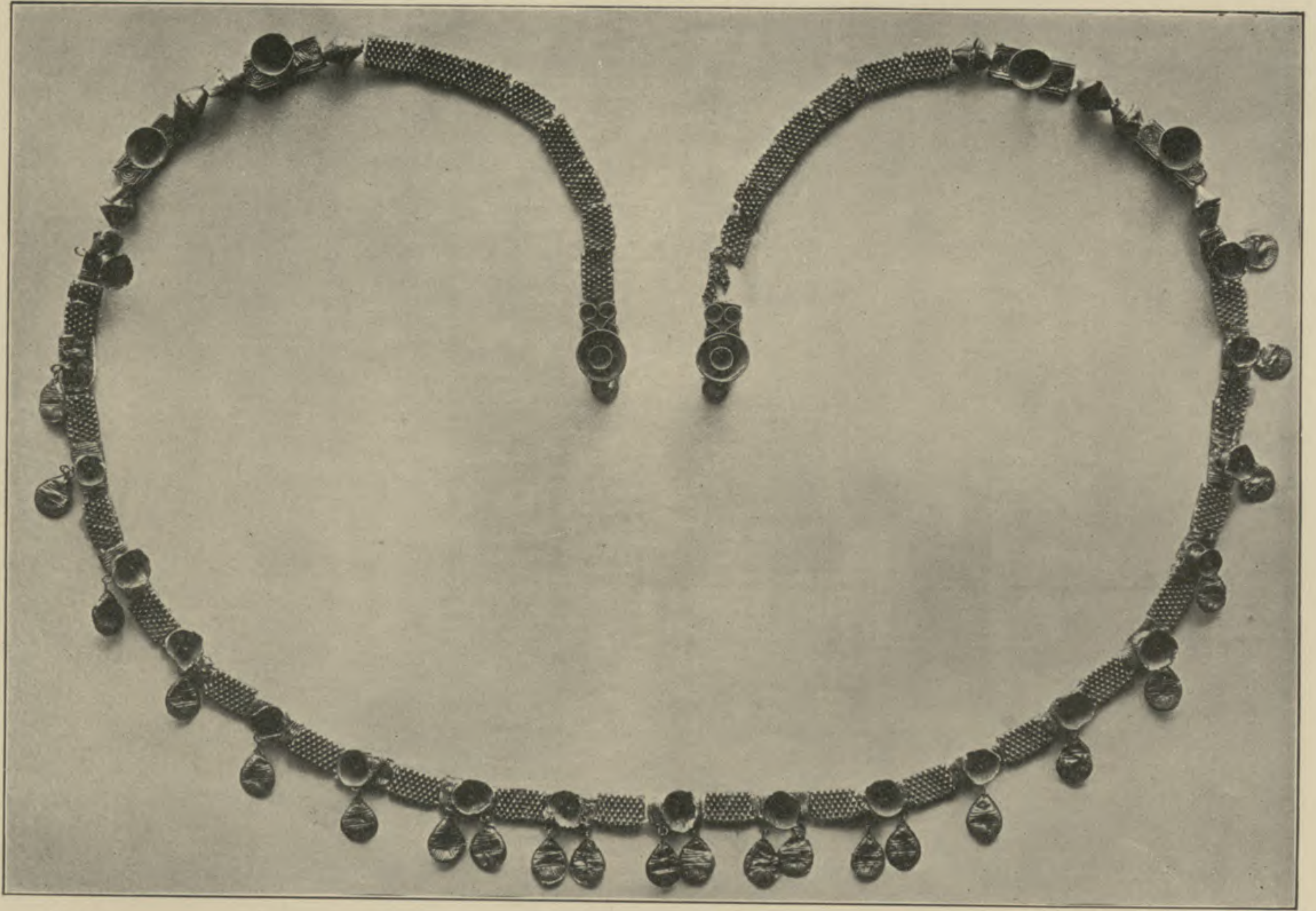
Se nenhum bispo arrecadara tal imposto, é porque a coroa o não recebia quando fez a doação, e por isso o priviléjio retrotrai-se a costumes anteriores, sempre respeitados. A vila alta a par da sé, nascida no govêrno visigótico, formara-se, consoante ponderâmos [1], do «Portucale locum», com a maior probabilidade, no mesmo sítio da Vila-baixa das *Inquirições*. Que o lugar procedia de lonjínqua data e fôra sempre habitado, vê-se dessa tradição, impossível de manter-se sem a continuidade de gerações passadas ali. Os habitantes ficariam, desde o princípio, esentos da portajem no burgo episcopal, por terem sido o tronco dêle. A esenção dos de Gaia derivar-se-ia de antigas relações. Desta maneira, o «Portucale locum» romano da marjem direita do Douro, em meado do século XIII, reflorecia na Vila-baixa portuguesa, ao mesmo passo que se povoava o território entre ela e o píncaro da sé visigótica.

No norte do país achava-se, pois, firmada a marinha mercante de longo curso, muito antes da acquisição de todo o solo nacional. O curto pedaço da costa movimenta-se, cheio de vida; a pesca ora no mar ora nas barras dos rios; nas do Lima e Ave, talvez também na do Minho, a navegação para o estranjeiro; e em grande, na do Douro; a cabotajem generalizada. Fez-se tudo isto nas três gerações que se seguiram á do fundador da monarquia. Desde então tem de datar-se a nascença das navegações portuguesas. Não era o génio do sul, ainda no berço, que podia influir de qualquer modo neste progresso marítimo. Lisboa comerciante data de Afonso III, que a elevou a capital e fomentou o seu engrandecimento [2]. Da chancelaria do mesmo monarca, entre 1254 a 1258, emanou-se o documento, do qual consta haver então um comércio de panos com a França pelos portos do Algarve [3]. No Pôrto, já antes de 1188, entravam os «pannis navium» de Sancho I. A álea, que foi pelos mares fora, lançou-a, não a índole duma ou doutra população, mas a força das circunstáncias. No norte, onde ela punjiu primeiramente, aqui se esboçou logo o futuro da nação.

ALBERTO SAMPAIO.

---

[1] Cap. I, *Portvgalia*, t. II, páj. 221; ed. separata, páj. 12.
[2] HERCULANO, *Hist. de Port.*, t. III, páj. 53, 2.ª ed.
[3] IDEM, *Hist. de Port.*, t. III, nota final VI, pájs. 404-405, 2.ª ed.



$^1/_2$ GR.

COLLAR D'OURO DA ESTELLA

(POVOA DE VARZIM)

VARIA

NOTAS E COMMUNICAÇÕES

OUROS PROTOHISTORICOS DA ESTELLA

(POVOA DE VARZIM)

A historia da nossa ourivesaria archaica inscreve hoje mais um capitulo valiosissimo; e é ainda o concelho da Povoa de Varzim que lhe ministra um dos mais preciosos elementos de reconstituição, representado num opulento e sugestivo thesouro, em que se ostentam, intactas e perfeitas, um par de arrecadas, typo de Laundos; um longo collar de numerosas e ornamentadas peças componentes; a *cabeça* d'um torques; e, em feliz complemento, dezeseis fragmentos de metal em bruto, ouro e prata, com vestigios seguros de trabalho manual. Assim, d'um só lance, a materia prima e o emergente producto manufacturado—inclusos num mesmo vaso de barro, conjunctos ambos no mesmo meio archeologico, a integrarem-se, a revelar-nos segredos d'um longinquo passado industrial, a precisar os traços d'um momento protohistorico do trabalho indigena! É de véras uma boa fortuna, e de vantajosa opportunidade sobretudo, porque surge a proposito para preencher algumas lacunas, sentidas e accusadas na brilhante memoria ethnographica d'este fasciculo—*As Filigranas* [1].

De justiça é proclamá-lo: ao sumptuoso thesouro da Estella fica vinculado o nome do nosso prestimoso camarada Rocha Peixoto, seu adquirente, a quem de resto a archeologia nacional deve já outros momentosos serviços, quer por emprehendimentos de sua directa e pessoal interferencia, como a reconstituição e progressivo alargamento das collecções do museu do Porto, as largas explorações inéditas do Castêllo de Guifões, da cividade de Terroso, do castro de Laundos, e outros reconhecimentos scientificos de menor vastidão, como o de Ossella, etc.; quer em especial na afanosa acquisição de notabilissimos objectos para o estabelecimento da sua zelosa e intelligente directoria, como os thesouros de Viatodos e de Laundos, sem fallar na de numerosas lapides epigraphicas, das abundantes collecções ceramicas d'Amarante e concelhos proximos, das reducções ethnographicas, etc.; quer na facilitação, generosa e desprendida, do estudo d'outras estações e objectos archeologicos, do seu primario conhecimento, como a *villa* do Alto de Martim Vaz, a notavel sepultura da Quinta da Agua Branca, o collar de Valle da Malhada, etc.; quer, emfim, em incitamentos scientificos, realçando os que visam a edição da *Portvgalia,* em que o seu nome não pode desligar-se do do nosso querido director Ricardo Severo. A nós não coube sequer uma parcella de collaboração no achado relatando, na sua definitiva acquisição para o museu do Porto, na averiguação das suas condições de jazida, planeada com rigorosa orientação scientifica por

[1] Confr. pags. 542 e 543 d'este tomo.

R. Peixoto e executada com inexcedivel zêlo e circunspeção pelo conhecido publicista Candido Augusto Landolt e o nosso estimado collaborador artistico G. Arthur Cruz [1]; só nos cumpre expôr, em synthese, os seus trabalhos e indagações, e rapidamente, para não estorvar demasiado a avançada impressão d'este fasciculo da *Portvgalia.*

a) O ACHADO E SUAS CIRCUNSTANCIAS.

Sob o aviso e penhorante informação de C. Landolt, o nosso camarada, acorrendo ao estabelecimento do ourives povoense, snr. Americo Augusto da Silva, e reconhecendo de prompto a superior importancia do achado, alcançou, em curtos momentos e favoraveis condições pecuniarias, a transferencia para o museu portuense de quasi todos os valores do esconderijo, que presumivelmente estavam condemnados ao cadinho reductor: o contracto effectuou-se a 20 d'abril ultimo. Já a obtenção do torques e das informações complementares sobre o thesouro se protraíu por bastante tempo ante os artificios gananciosos dos achadores Bernardino Francisco Corrêa e Manoel Miána, empenhados em fazer *render* ainda o seu invento, e em não compartir o producto com o proprietario do terreno que, por isso, lhes convinha occultar. Afinal a perspicacia e actividade de Landolt conseguiram desenvincilhar os enrêdos despistantes dos saloios, e apurar em definitiva isto: nos limites dos concelhos da Povoa de Varzim e Esposende, junto á orla maritima, fica o logar da *Villa Mendes* ou Villa de D. Mendo, já na freguesia povoense da Estella, onde é fama terem apparecido a meúdo antigualhas varias, entre outras, algumas sepulturas, pedras lavradas, etc.; ahi, numa bouça, mysteriosamente, teimosamente, os achadores rasgavam ha tempos profundas vallas, associados ambos na mira cubiçosa d'encontrar thesouros escondidos. Não se lhes baldou d'esta vez a expectativa: a 18 ou 19 d'abril topavam, á profundidade de 80 a 90 cm. d'um terreno arenoso, com *«um pucaro pequeno, barrigudo»*, contendo o thesouro que a sciencia agora conquistou [2]. Eis tudo e o pouco que indirectamente a indagação alcançou a custo; de resto falharam até hoje as diligencias para encontrar e obter o vaso envolvente, que seria acaso um excellente indicador.

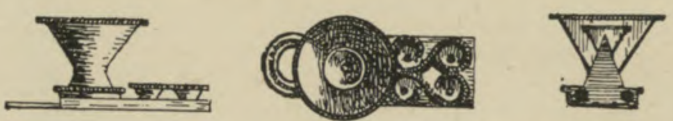


Fig. 1 — Fecho do collar; perfil, frente e corte transversal — Gr. nat.

Frisa-se, de principio, a circunstancia de se haverem encerrado numa vasilha de barro as joias inhumadas; ha frequentes casos parallelos na Iberia, quer o vaso contenha singularmente ouros ou numerario, quer conjunctamente ambas estas especies de valores; basta citar as duas capitaes occorrencias similares, mais recentes — o thesouro de Jávea em Hespanha [3] e o de Laundos entre nós [4]. Numa e noutra, em perfeito accordo, Mélida e R. Severo viram respectivamente thesouros escondidos por quem depois não pôde rehavê-los; é tambem a inferencia a que ora os factos direitamente nos conduzem, annotando que seria um aurifice o inhumador da Estella, simultaneamente industrial e commerciante, pois que, ao par d'arrecadas, acabadas e integras, associou as peças d'um collar, conjecturalmente deteriorado no momento, a *cabeça* d'um torques muito incompleto, mais os granitos de materia prima, cortados pela sua talhadeira profissional.

---

[1] Na conjunctura prestou tambem excellentes serviços o snr. Fiuza da Silva, da Povoa de Varzim.

[2] A noticia do achado e das diligencias por elle provocadas foram summuladas em o n.º 17, de 26 d'abril ultimo, do hebdomadario povoense, *A Propaganda*. O relato modifica-se em cartas ulteriores do A. da noticia.

[3] RAMON MÉLIDA, *El tesoro ibérico de Jávea*, appendice ao Ext. da *Rev. de Arch., Bibliot. y museos* sobre *Las esculturas del Cerro de los Santos*, Madrid, 1906, pag. 105.

[4] RICARDO SEVERO, *As arrecadas d'ouro do castro de Laundos*, in *Portvgalia*, t. II, pag. 407.

A aurea collecção ainda relembra, no conjuncto ostentoso e imponente, as affirmações registradas por outros collaboradores e por nós nas paginas d'esta revista sobre a riqueza aurigena da Peninsula [1] e a pronunciada affeição dos autochtonos, ás vezes excessiva, pela joia luminosa que avulta e valorisa as linhas estheticas do rosto ou do busto. Nas séries já compactas do archivo de nummaria indigena, o *collar da Estella* é entanto, e ficará diuturnamente, como vistosa peça, preciosa e unica, a attestar mais destacantemente essa velha predileção pelos exagerados enfeites da ourivesaria. Por elle, pois, encetaremos a

Fig. 2 — Peça intermediaria do collar; perfil, frente e corte transversal — Gr. nat.

b) Descripção do thesouro.

O collar—No estado em que foi gentilmente confiado para o estudo, compõe-se de 67 peças em gráu variavel de conservação, muito precaria por vezes, e tal que induz á conjectura de que não seriam os achadores que descuidosa e negligentemente as esmagaram, deformaram e partiram, na preoccupação soffrega e empolgante de as arrecadarem e logo vender a peso. Mas é difficil precisar seguramente as causas das deteriorações—se anteriores á inhumação e provenientes do longo uso, se coetaneas d'esta e originadas na pressão das terras, se ulteriores e resultantes da mera indifferença e atabalhoamento dos achadores. Confrontando-as com a perfeita conservação das arrecadas, é mais acceitavel que, para a ruina, concorressem varios d'estes motivos, em especial os anteriores á inhumação e os posteriores ao seu encontro.

As numerosas peças integrantes, repetindo-se com accentuada monotonia, podem reduzir-se fundamentalmente a cinco elementos, quatro da mesma construcção basilar—uma tenue folha d'ouro dobrada e depois soldada num parallelepipedo occo, em que varios pormenores e accessorios decorativos se *levantam* a puncção, se prendem pela solda ou penduram medeante dous pequenos aros [2]. As contas que tambem entram no collar, essas têm uma technica mais singella, como veremos. Segue a enumeração das peças elementares, cujo peso total devia orçar por 37 gr.

1) Os 2 fechos terminaes (fig. 1) são constituidos por um solido geometrico, tendo d'altura $0^m,0225$, de largura 9 mm. e d'espessura $1\,^1/_2$ mm.; soldaram-se-lhes: —*a)* no reverso, aneis filigranados, em que passava o laço para prender a joia atraz da nuca [3]; e *b)* no anverso, uma placa com quatro fossêtas tendo no fundo um umbigo e superiormente ligadas pelos bordos, duas a duas, medeante ∽ ∽ filigranados (fig. 10, n.º 4); e depois dois appendices caliciformes, concentricos, emergindo do vertice interior do cone inscripto um pequeno espigão, e avivados tambem a filigranas o bordo e o pé do calice envolvente. Estas peças, como as subsequentes n.ºs 2) a 4), teem nos topos os orificios dos *canevões*, por onde enfiava o duplo cordão, presumivelmente metallico, que as mantinha a todas em collar integrado.

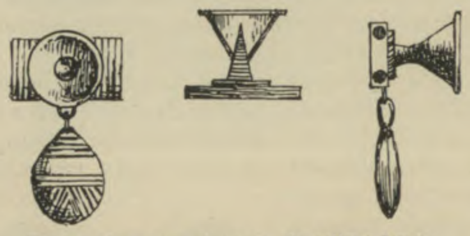


Fig. 3 — Peça com pingente, do collar; frente, corte transversal e perfil — Gr. nat.

[1] Confr. tambem E. Chabrand, *Coup d'œil général sur l'extraction et la métallurgie de l'or dans l'antiquité*, in *Bull. de la Soc. Dauph. d'éthnol. et d'anthrop.*, t. viii, n.º 1, pag. 94 e segs.

[2] Ao iniciar o estudo e a descripção do collar, é de relembrar o que escrevemos na nota (2), pag. 412, d'este t. ii. Seria a joia extraviada um simile d'esta?

[3] Como no celebre diadema de Cáceres e nos collares egypcios. Vid. P. Paris, *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*, t. ii, pag. 249, e Eugène Fontenay, *Les bijoux anciens et modernes*, Paris, 1887, pag. 134.

2) 34 parallelepipedos, alguns incompletos (fig. 2), cujo anverso é apenas decorado com relêvos losanguicos, *levantados* em matriz (fig. 10, n.º 3); medem d'altura 13 mm., de largura 9 e d'espessura cêrca de 2. É a peça menos ornamental e de mais frequencia; deveria servir d'intermediaria ás outras, menos communs e mais vistosas.

Uma circunstancia curiosa se nota em algumas d'ellas: occas todas e em regra vasias, umas poucas conteem entanto travessas de baixo ouro. Fraude, a acudir ao peso? Expediente industrial em resultado de concerto, a facilitar a reparação d'uma parede occasionalmente achatada? É mais plausivel a primeira conjectura.

Fig. 4 — Peça ornamental do collar; perfil, frente e corte transversal — Gr. nat.

3) 19 solidos identicos (fig. 3), sustentando no anverso um appendice caliciforme, singello, de bocca mais ou menos ampla, com um forte espigão ao centro e uma orla de pontos relevados a circundar-lhe o pé; a superficie livre do mesmo anverso é enfeitada de linhas parallelas, *levantadas* (fig. 10, n.º 1). Cinco d'estas peças exhibem dous pingentes; as demais apenas um — todos suspensos de dous pequenos aros, um dos quaes soldado na peça e o outro passado num orificio do pingente. Estes accessorios [1] constam de duas finas lamellas convexas, ajustadas e soldadas pelos topos; nas superficies bombeadas *levantaram-se* linhas parallelas, horisontaes e obliquas, estas respectivamente oppostas (fig. 10, n.º 2). Os solidos medem 10 mm. de comprimento; a um falta o pingente e a outro o calice decorativo.

4) 4 peças maiores (altura 22 mm.) e mais interessantes (fig. 4); na superficie do anverso ostentam, em relevo, dous graciosos *postes* (fig. 10, n.º 5); entre elles ergue-se um grande calice, com filigranas e um forte pistillo acuminado.

5) 8 contas bitronconicas (fig. 5), com uma ligeira ornamentação de duas linhas pontuadas, circundantes: comprimento 6 mm.; diametro maximo 8 $^1/_2$ mm. Recortadas duas folhas d'ouro, dobraram-se respectivamente em cones truncados, que depois se ajustaram e soldaram pelas bases.

A reconstituição do collar — A precedente descripção esclarece que o collar não pode incluir-se na classificação provisoria que d'estas joias archaicas formulamos na revista [2]; ha que abrir mais uma alinea, como de resto poderá succeder ainda com o evento ulterior de novos achados. Ao concluir o estudo, refaremos a classificação para abranger os recentes especimens; desde já, abeiremo-nos d'um problema difficil, o mais melindroso porventura que provoca o estudo archeographico do *collar da Estella.*

Comprehende-se que um acervo de 67 peças diversas se presta a multiplas combinações para a ordenação definitiva d'um collar; falhando o padrão typico, é justa a apprehensão de ir parar a um arranjo de elementos, que não traduza o plano artistico do aurifice protohistorico e antes corresponda arbitrariamente ao nosso gosto, moderno e occasional. Com o collaborador artistico assentamos na disposição photogravada (est. XXXVIII), reconhecendo contudo, bem expressamente, que d'outras reconstituições eram susceptiveis as peças em estudo, e outras de facto obtivemos sem todavia se abonarem com decisivas razões de preferencia. Entretanto, não foi o mero capricho que nos inspirou; trabalhou-se com certos dados seguros. Assim, é indiscutivel a localisação das duas peças terminaes; certa a posição *absoluta* attribuida ás outras — como forçada pela linha dos *canevões* e até justificada pelo bracelete etrusco do Louvre, de

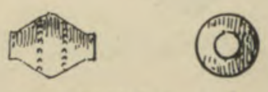


Fig. 5 — Conta bitronconica do collar, de frente e de perfil Gr. nat.

[1] Fazem pensar, pela forma e systema de ligação, nos pingentes dos collares da Grecia da Epopéa. PERROT ET CHIPIEZ, *Histoire de l'art*, t. VII, *La Grèce de l'Epopée*, figs. 106, 107 e 109.

[2] *Portvgalia*, t. II, pag. 414.

placas rectangulares, a que se refere J. Martha na sua obra acêrca da arte etrusca [1]; em homenagem ao equilibrio da joia, tambem não se duvidará de que o centro seria marcado com uma peça de dous pingentes, unico elemento do collar em numero impar d'exemplares; bem assim de que os dous lados tinham de ser simetricos. Não repugnará por fim que ás partes menos decoradas (fig. 2), sendo em maior numero, coubesse

Fig. 6 — As arrecadas d'ouro: reverso e anverso — Gr. nat.

a funcção de intermediarias, para separação e destaque das outras, e ás peças de pingentes (fig. 3), mais ornamentaes, a localisação no trecho central do custoso atavio.

De principio vacillou-se em dispô-lo numa ou em multiplas voltas: a inspecção das estatuas viris do *Cerro de los Santos;* sobretudo a das deusas ou sacerdotisas do mesmo santuario d'Albacete, com as suas xorcas duplas e triplices; o estudo do notorio busto d'Elche com o triplice collar enfeitado de pingentes e amuletos; a serie dos collares multiplices, etruscos e d'outras regiões mediterraneanas — tudo isto nos incitava a buscar uma solução parallela. Uma difficuldade baldou desde logo o intento; a somma das medidas lineares das peças não dava regularmente sequer para um collar duplo. Com uma só volta ficará, porém, bastante extenso? É possivel, mas não esqueça

[1] *L'art étrusque*, pag. 578, fig. 386.

a observação de P. Paris [1]: «Les colliers sont l'ornement vraiment essentiel des statues féminines du Cerro. Plus ou moins riches, plus ou moins alourdis de pendeloques et amulettes, ils *descendent sur le sein*». E, se é licito tirar inferencias de factos ethnographicos recentes, ou antigos d'outras regiões, para o passado indigena, attente-se então nos pesados e longos collares e *grilhões* das nossas camponezas [2], das mulheres argelinas, das estatuas do Cerro e do busto d'Elche [3]. De resto, annote-se ainda que os orificios dos *canevões* das peças terminaes ou fechos do collar, se não contraríam a hypothese d'um collar duplo, tambem não forçam a adoptá-la.

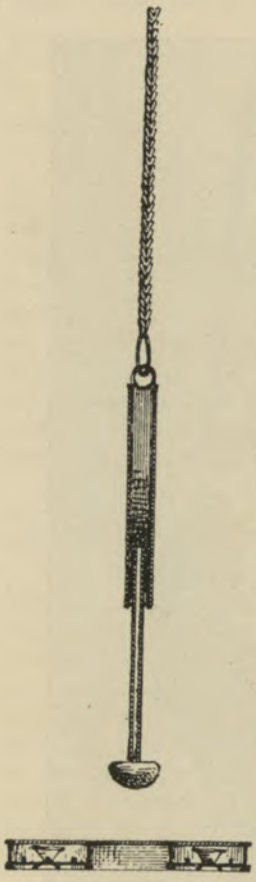


Fig. 7
As arrecadas d'ouro; perfil e corte transversal
Gr. nat.

As arrecadas (figs. 6 e 7) — Já o dissemos: a conservação é perfeita, apesar da apparente fragilidade e das vicissitudes por que passaram; sem a patina, dir-se-iam promptas a suspender no pavilhão auricular de qualquer lusitana rica.

A forma geral é conhecida na archeographia indigena; são do mesmo estylo das de Laundos e Affife — estylo que se affirma agora nos novos documentos com um destaque notavel, revelando uma interessante escola d'ourivesaria com adeantados processos technicos, os seus caracteristicos modelos de joalheria e uma orientação decorativa, pobre sim, mas bem definida e uniforme. Em confronto, os exemplares d'arrecadas d'Affife, Laundos e Estella obedecem claramente a um só eschema architectonico com os mesmos componentes fundamentaes: o trancelim, uma caixa circular ao centro e, pendente d'esta, um corpo triangular, que em baixo supporta um appendice terminal. A cadeia superior, trançada de quatro fios d'ouro (fig. 10, n.° 9), liga-se por duas argolinhas ao corpo medeo; a caixa central exhibe a mesma abertura circular no meio, continuada até á peripheria com identico desvío simetrico, depois uma decoração inteiramente similar de calices, de raias concentricas nos lados (fig. 10, n.° 7), de cordões filigranados a debruar as arestas; como nas de Laundos, ha nas da Estella um travessão d'arame, aqui porém com uma breve interrupção; o corpo triangular, composto de duas placas soldadas pelos reversos, ostenta, no anverso sobretudo, a mesma decoração de granulações relevadas (fig. 10, n.° 11), e é limitado egualmente por uma breve lamina debruada de fios filigranados; o appendice inferior é, emfim, uma semi-esphera semelhante á das arrecadas d'Affife.

Cumpre entanto assignalar episodios divergentes: além das dimensões mais restrictas, occorrem nas da Estella ornamentações mais historiadas. São 9 num exemplar e 10 no outro os diminutos recipientes caliciformes e umbiculados, soldados no fundo do anverso da caixa central; aos lados d'estes accessorios d'adorno, correm duas séries de 3 fios grosseiramente soldados. Aos calices oppoem-se no reverso correspondente numero de fossêtas umbiculadas e superiormente orladas d'um fio liso.

Porém a mais radical divergencia ornamental localisa-se no reverso do corpo triangular: no campo divisam-se granulações meio apagadas; sobre ellas, porém, desenham-se nitidamente com fio d'ouro — ao meio, duas circunferencias concentricas,

---

[1] Obr. cit., t. I, pag. 289.
[2] ROCHA PEIXOTO, *As Filigranas* in *Portvgalia*, t. II, pags. 567, 569, 571, figs. 46, 48 a 50.
[3] R. MÉLIDA, loc. cit., lam. VI; P. PARIS, loc. cit., t. I, pag. 286, pl. XII.

d'onde partem duas crossas em direcção aos angulos da base do triangulo, e, junto aos tres vertices d'este, tres pequenas circunferencias, cujos diametros variam sem simetria (fig. 10, n.^{os} 10 a 13). Peso 24$^{gr.}$,2.

O torques (fig. 8)—Só appareceu uma das *cabeças;* essa basta para esclarecer que se trata d'uma replica, bastante inferior, do torques de Lebução [1]. Compôr-se-ia d'uma haste losanguica, que adelgaçaria do centro para as extremidades, onde apenas tinha 6 mm. d'espessura; terminaria por duas grossas *cabeças,* occas, formadas de duas virolas concavas, deseguaes (diametros maximos 16 $^1/_2$ e 21 $^1/_2$ mm., minimos 8 e 14 $^1/_2$ mm.), juxtapostas e tapadas por chapas circulares, numa das quaes se embutia e soldava a haste; na outra, um pouco concava, se desenhou um triscelo inscripto em circunferencia (figs. 8 e 10, n.° 8). As duas figuras geometricas são traçadas com linhas de pontos, batidas a trepano; por esse mesmo processo de toreutica se preencheu o triscelo de linhas rectas, alternando com outras onduladas—tudo num desenho meudo, quasi imperceptivel, e sem grande rigor de execução, o que de resto succede com todas as joias descriptas. Peso 28 gr.

Fig. 8 — Cabeça de torques d'ouro; de perfil e de topo — Gr. nat.

Granitos de prata e ouro (fig. 9)—A par dos artefactos, a materia prima; são 16 fragmentos de metal fundido, affectando geralmente a forma lenticular, plano-convexa. É curioso que sempre succede encontrar-se com esta configuração o metal destinado a trabalhos metallurgicos, ou seja bronze, como no thesouro morgeano de Viatodos [2], ou seja ouro e prata, como nos despojos da cividade de Terroso e no thesouro de Laundos [3].

Do exame dos meniscos de bronze, de Viatodos, conclue-se que o metal em fusão foi vertido numa pequena cova, de fundo concavo; é presumivel que para os metaes nobres se observasse o mesmo singello processo.

Só tres granitos, um de prata, estão intactos; aos outros faltam pedaços mais ou menos importantes, separados evidentemente com o auxilio d'um instrumento cortante

Fig. 9 — Granitos de prata e ouro — $^{14}/_{15}$ gr.

que deixou vestigios nitidos e lisos no côrte. O estudo attento dos granitos incompletos demonstra que, para utilisar uma porção do metal, se seccionavam os pequenos blocos seguindo um plano obliquo á base, ora ferindo-os cêrca da parte medea, ora só na peri-

---

1 Ricardo Severo, *O Thesouro de Lebução,* in *Portvgalia,* t. ii, pag. 11.
2 Confr. *Portvgalia,* t. ii, pag. 110.
3 Ricardo Severo, *As arrecadas* cit., in *Portvgalia,* t. ii, pag. 405.

pheria; que de quatro granitos se separou um só pedaço, mas d'outros destacaram-se dous, tres até cinco, por successivas talhaduras, em direcções diversas; que o instrumento cortante frequentemente era accionado até á separação definitiva do fragmento utilisando, mas por vezes a talhadeira foi só batida até certa profundidade, terminando-se o trabalho á mão; e, emfim, que o cinzel ou talhadeira empregada não tinha menos de 15 mm. no gume, o qual era recto e bem afiado, — certamente um utensilio semelhante ao *caelum* romano [1]. O maior diametro d'um dos granitos intactos é de 11 mm.; o de outro parcialmente utilisado de cêrca de 24 mm.; o de prata pesa 3$^{gr.}$,80 e outro d'ouro 4 gr.

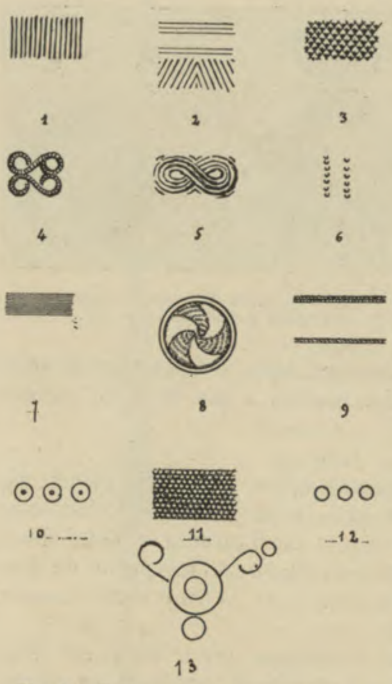


Fig. 10 — Eschema das ornamentações das joias da Estella

Apesar de não se haverem encontrado ainda os moldes dos bronzistas dos machados de duplas caneluras e duplas aselhas, já estava assente que era local a metallurgia d'estes instrumentos, e o thesouro de Viatodos, revelando a associação no mesmo esconderijo de machados ainda com o cabeço infundibuliforme, e de meniscos de bronze não trabalhado, confirmára solemnemente a conjectura. Depois, pela exploração da *cividade* de Terroso (Povoa de Varzim) colhêramos, Rocha Peixoto e nós, a certeza scientifica do indigenato, em mais avançadas eras, da industria metallurgica não só do bronze, mas da prata e do ouro; cadinhos com restos de metal, granitos de prata e ouro com indicios de trabalho, tudo exhumado do fundo da camada archeologica, demonstráram-nos á saciedade que na região florescêra a manufactura d'aquelles metaes, de resto tambem contraprovada, em relação ao bronze, pela superabundancia dos artefactos encontrados. Iamos passar á exploração do visinho *castro* de Laundos, quando o acaso fez exhumar ali, dentro d'um mesmo vaso, as arrecadas e um bolo de prata, que R. Severo estudou nesta revista [2]; era mais um facto e bem frisante, a corroborar as nossas averiguações anteriores, tanto mais que o vaso era egual aos muitos que apanháramos em Terroso. Agora, este precioso achado da Estella, em que se nos depáram reunidos o ouro e a prata, em numerosos fragmentos vincados pelo cinzel do aurifice, e, por outro lado, joias perfeitas com outras incompletas ou deformadas pelo uso, dá o maximo realce ás nossas primitivas indagações, imprimindo-lhes o cunho de verdades definitivamente adquiridas para a sciencia. Assim surgiram e se accumulam as provas ineluctaveis de que artefactos tão destros de ourivesaria protohistorica não eram de importação, pelo menos no tracto geographico em que se exhumaram; da mesma maneira que não o foram os machados prehistoricos e os bronzes dos castros.

c) Toque, ligas.

Era de prevêr; os ouros teem um baixo toque; *ligados* com prata e cobre, faltalhes aquella bella côr amarella, caracteristica das primitivas ligas de 22 quilates. Não ousamos submetter qualquer das partes do achado a um *ensaio real,* com receio da emergente deterioração; contentamo-nos com o *visual,* feito graciosamente pelo

[1] Daremberg et Ed. Saglio, *Dict. des antiq. grecq. et rom.*, voc. *Caelum*, figs. 983 a 989.
[2] *Portvgalia*, t. II, pag. 405.

Ex.^mo^ Snr. Francisco Augusto do Amaral, primeiro ensaiador da Contrastaria do Porto [1]. Com as suas indicações formulamos o seguinte quadro dos toques do espoleo da Estella:

Collar	0,600
Arrecadas	0,600
Torques	0,400
Granitos, d'ouro	0,600
» de prata	0,900
Barras forrando algumas peças do collar (ouro)	0,200

Vê-se que o aurifice regional tinha já conhecimento das ligas, e que até abusava d'ellas, não vacillando em servir á clientella ingenua artefactos bem pobres em ouro [2]. O elevado toque do granito de prata mostra que elle era destinado a fazer a liga do ouro [3]. A notavel concordancia dos toques do collar, das arrecadas e dos granitos d'ouro convence de que estes eram realmente empregados nos artefactos encerrados no mesmo vaso. O torques apresenta uma grande baixa, de 200 millesimos, em relação aos outros ouros, e uma côr mais pallida; explica-se esta differença. No collar e nas arrecadas o artista tinha de empregar profusamente a solda; no torques, não, que é fundido. A este baixou, pois, livremente o toque; naquellas joias só até aonde lhe permittia, sem deteriorações, o frequente uso da soldadura. A liga mais baixa é a das laminas, com que algumas das peças são forradas; e tão baixa é que torna acceitavel a hypothese addusida d'uma fraude industrial e commercial.

Fig. 11 — Pedra tronconica com triscelo. Museu de Gaya — 1/5 gr.

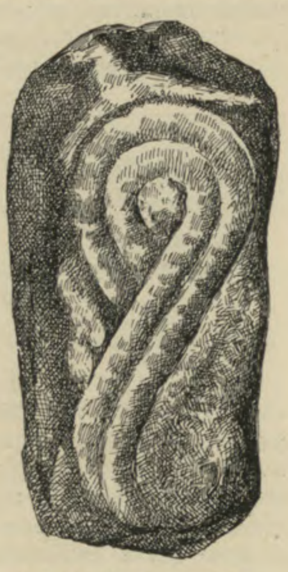


Fig. 12 — Pedra prismatica, com postes nas quatro faces. Museu de Gaya — 1/5 gr.

Demais, em confronto com ensaios já conhecidos d'ouros archaicos, os algarismos constatados comprovam outro facto interessante; se estão muito longe dos toques dos 2 braceletes d'Evora (22 quilates) [4], das 16 manilhas das Baralhas (0,830) [5], do torques d'Almoster (0,900) [6], do torques de Serrazes (22 quilates ou 0,917) [7] e do bracelete de Tellões (0,813) [8], approximam-se sensivelmente das ligas da armilla de Lebu-

[1] A este habil funccionario e ao illustre director, snr. Salgueiro, deixamos aqui o protesto do nosso reconhecimento pelas facilidades e gentilezas dispensadas, nesta e noutras circunstancias similares.

[2] O toque legal das obras d'ouro é actualmente 0,91666 ou 0,800 e das de prata 0,91666 ou 0,833; Dec. de 10 d'agosto de 1881, lei de 27 de julho de 1882 e regulamento de 10 de fevereiro de 1886.

[3] Outra seria, para nós, a conclusão, se não fosse tão baixo o toque dos ouros do mesmo esconderijo. Não esquecemos que o torques de prata, de *Cortinhas (Portvgalia*, t. II, pag. 119), tem 0,958 — quasi prata pura.

[4] *Bol. da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes*, t. VII, pag. 6.

[5] *Portvgalia*, t. II, pag. 67.

[6] Ib., pag. 72.

[7] Ib., pag. 109.

[8] Ib., pag. 283.

ção (0,662) [1], do torques do mesmo thesouro (0,580) [2] e das arrecadas de Laundos (0,640 a 0,650) [3], joias que mantêm um manifesto parentesco com as da Estella. Vae-se apurando, pois, que, ao declinar dos tempos protohistoricos, era d'uso mais geral o toque baixo, oscillando, pelo que se vê, entre 0,400 e 0,662; é occorrencia assignalavel em região d'uma exuberancia aurifera, não menos afamada do que a da Irlanda, onde entanto o toque dos ouros antigos varía entre 18 e 21 quilates [4].

d) A TECHNICA.

Com o conhecimento das ligas, o aurifice regional adquirira tambem a destreza para reduzir o ouro a laminas tenuissimas, cortá-las em fitas [5], encurvá-las para manufacturar pingentes, calices decorativos, contas bitronconicas; para *levantar* a puncção e em matrizes os diversos desenhos ornamentaes; para soldar as superficies obtidas, planas ou curvas, adaptando-as pelos bordos de forma a crear solidos occos, d'uma grande leveza e fragilidade; sciente da extrema ductilidade do metal, converteu-o em fios delgados com o auxilio do martello [6] ou já mesmo da fieira [7], trançando correntes, torcendo filigranas e desenhando nas superficies os varios themas descriptos. Outro processo de trabalho praticava ainda, mui diverso e gestando artefactos de maior solidez e resistencia; pela fusão do metal e subsequente martellagem e polidura realisava obras, como a *cabeça* do torques, a que tambem correspondia diversa maneira de decorar as superficies, burilando nellas os motivos do seu restricto elenco d'ornatos geometricos.

Fig. 13
Caco ornamentado da cividade de Terroso
2/3 gr.

A technica era de resto habil num ou no outro trabalho, e revéla seguramente um estadío de progresso industrial, que em nada se subalternisa ao que decorre do exame da joalheria etrusca ou phenicia, tão elegante e decorativa [8]. Com o primeiro processo, que parece muito grato ao aurifice da região d'Entre-Douro-e-Minho, criou-se uma joalheria caracteristica, de typos privativos, não encontrados por enquanto fóra d'aquella area topographica. É uma factura fina, delicada, presumivelmente barata e d'exito commercial pelo pequeno dispendio relativo do metal nobre. Entretanto deve ponderar-se que a habilidade profissional, nella revelada, não se circunscrevia á breve região demarcada pelos achados das arrecadas d'Affife, Laundos e Estella; o disco de Bensafrim, o diadema de Cáceres, a ourivesaria gallega, um bracelete e a placa d'um pingente com filigranas do Museu de Madrid, são na peninsula outros tantos testemunhos materiaes da mesma technica avançada, que mereceu os encomios de P. Paris, e a sua admiração pelo contraste com a barbarie da industria iberica dos idolos de bronze [9]. Já com o outro processo, tambem amplamente usado na Iberia, não floresceu na região uma escola d'ourivesaria, original e interessante, como a anterior; pelo menos ainda não se colheram dados para o affirmar.

---

[1] Ib., pag. 3.

[2] Ib., pag. 11.

[3] Ib., pag. 405.

[4] W. R. WILDE, *Catalogue of the antiquities of gold* etc. Dublin, 1862, pag. 4.

[5] De resto, a pratica da laminagem do ouro e a obtenção de placas rectangulares já eram antiquissimas neste recanto da Iberia; provas — o *diadema da Quinta da Agua Branca (Portvgalia*, t. II, pag. 245 e fig. 6) e as placas e pequenos tubos das grutas do Casal do Pardo *(O Arch. Port.*, t. XII, pags. 329 e 335, e figs. 320-324, 387 e 388), da primeira epoca dos metaes.

[6] ROCHA PEIXOTO, *As Filigranas* cit., pag. 546. Segundo se vê das indagações ahi exaradas, ainda ha pouco os filigraneiros de Travassos abandonaram o emprego do martello para obter o fio d'ouro.

[7] DAREMBERG ET ED. SAGLIO, *Dict.* cit., voc. *Caelatura*. A fieira era já conhecida dos ourives egypcios.

[8] Confr. J. MARTHA, obr. cit., pag. 560.

[9] Obr. cit., t. II, pag. 241.

e) As decorações.

Tão diversificados na technica da factura e da ornamentação, os dous processos deveriam entretanto ser coetaneos; ambos teem de commum o seguinte: os themas d'ornato são puramente geometricos, e o observador maravilha-se com razão da impotencia esthetica do artista e da barbarie do cliente [1], que, ao findar a idade do ferro, se comprazem e acommodam em produsir e adquirir joias onde apenas se desenham velhissimos trechos decorativos, já conhecidos e executados em plena idade do bronze. Essa arte incompleta, porque é ainda incapaz de imitar a natureza viva, fazendo um desenho zoomorphico, o perfil humano ou emfim o contorno d'um vegetal; essa arte de resto é quasi a unica que ao aurifice e ao consumidor se mostra nos povoados que frequentam ou habitam. No castro, na cividade proxima só encontram gravados no rochedo nativo e no granito da casa — a espiral, os circulos concentricos, os *postes,* o torso duplo ou triplice, a swastica, uma ornamentação puramente geometrica em summa; no interior da casa castreja não contemplam outra arte, a quebrar a monotonia das superficies, na pobre baixella de barro. Outros elementos, não descortinados na pedra ou na argilla, esses continúa o artista a reproduzí-los na lamina metallica, dominado por uma vaga tradição, de que a rotina, a falta d'incitamentos não deixam emancipá-lo. Parece que a arte indigena, entregue a si mesma neste recanto da Iberia, ficou diuturnamente estacionaria, num estado de barbara rudeza, de que só tarde se levantou.

Fig. 14
Caco ornamentado
da cividade de Terroso
$^2/_3$ gr.

Em pormenor, estudando singularmente os principaes motivos de adorno, melhormente se constata esta verdade. Os appendiculos caliciformes do collar e das arrecadas já apparecem no collar da Penha Verde ou xorca de Cintra, pertencente hoje ao British Museum e que é attribuida ao sec. VIII a. de J.-C. por Charles H. Read [2]. No periodo d'Hallstatt, é ainda empregado este accessorio, por exemplo, na espada de bronze de Whittingham, Northumberland. Decorrem seculos; e o aurifice da Estella, como o d'Affife e o de Laundos, não abandonou ainda o atavio archaico, comprazendo-se em reproduzí-lo na forma conica ou na semi-esferica, singellamente ou aos pares concentricos. É certo, porém, que o artista de Cáceres [3], e o de Chatillon-sur-Seine (Côte-d'Or), em França [4], o imitam, embora deem simultaneamente outros testemunhos de mais avançada ideação artistica.

O triscelo do torques, forma de swastica que tambem apparece insculpida no castro de Sabroso, na citania de Briteiros e numas pedras tronconicas do Museu de Gaya [5] (fig. 11), já é vulgar na civilisação mycenica, diffundindo-se largamente no velho mundo; sobrevive nas moedas celticas da Bavaria e na primitiva arte britannica, como na fibula de prata dourada de Backworth, Northumberland, no pichel de bronze de Elveden, Suffolk, e — facto mais curioso e interessante para o caso — nas cabeças do torques d'ouro de Clevedon, Som. [6], da idade do ferro.

Os *postes* parallelos e ᔕ ᔕ do collar da Estella, que Sabroso e Briteiros utilisam na ornamentação das hombreiras, e que se encontram gravados nas quatro faces d'uma pedra prismatica, do Museu de Gaya (fig. 12), para aonde veio de Riba Tua, e ainda nas louças d'aquellas estações archeologicas e da cividade de Terroso (fig. 13), esses veem egualmente da civilisação mycenica e da idade do bronze, em que alastram até

---

1 Fontenay, obr. cit., pag. 5, parodiando uma phrase conhecida, diz com verdade «qu'un peuple a toujours la bijouterie dont il est digne.»

2 *A guide to the antiquities of the bronze age,* 1904, pag. 148.

3 P. Paris, obr. cit., t. II, pag. 249 e pl. IX. Confr. tambem a fig. 388, pag. 245.

4 Fontenay, obr. cit., pag. 119, figura, reproduz uma joia com a ornamentação de pateras ou calices, que parece pertencer á civilisação da primeira idade do ferro. Cfr. A. de Mortillet, *L'or en France aux temps préh. et protoh.,* in *Rev. de l'Ecole d'Anthrop. de Paris,* an. XII, fasc. II, pag. 57.

5 Confr. *Portugalia,* t. II, pag. 118; inéditas, provéem de Riba Tua, Alijó.

6 Charles H. Read, *A guide to the antiquities of the early iron age,* 1905, figs. 84, 99 e 126.

ás regiões nordicas [1], conquanto não seja só na arte indigena que tardiamente se reproduzem, pois tambem resurgem, de quando em quando, no *Latekeltik* da Inglaterra [2]. Semelhantemente, no que se refere aos circulos concentricos, tambem gravados nos rochedos dos castros [3] e nas ornamentações incisas da respectiva louça (fig. 14). As linhas onduladas, alternando com rectas, do torques; as raias parallelas, o ornato reticulado, determinado pelo cruzamento de linhas perpendiculares ou obliquas e os circulos das arrecadas e do collar — tudo isso, que se repete no desenho incuso da ceramica castreja (figs. 15 e 16) ou pintado das chamadas louças ibero-mycenicas, constitue um estylo antiquissimo, commum á ideação ornamental de todos os povos primitivos. Ha, quando muito, a destacar a crossa, decoração mais invulgar, se não é, como tambem parece, a espiral de menos voltas do que as da usada na celebre lamina d'ouro de Bensafrim (Algarve) [4]; é certo que a crossa de muitas linhas parallelas tambem figura nas pinturas das louças ibéricas [5], e em algumas pedras esculpidas em baixo relevo de Osuna, de aspecto mycenico [6]. As contas bitronconicas não são accessorio ornamentario, da privativa factura dos joalheiros da Estella; a ourivesaria egypcia [7] e por outro lado a velha bijouteria irlandeza [8] produziram-nas tambem, assim como Rhodes, a Phenicia, a Etruria [9]. P. Paris [10], ante o grupo estatuario do *Cerro* e d'Elche, já presumia que a arte de estirar o fio d'ouro e prata a martello não era extranha aos ourives coevos; o achado da Estella tem, entre outros meritos, o grande alcance de provar authenticamente que as filigranas, manufacturadas já no velho mundo mediterranico [11], eram por egual do conhecimento da *caelatura* local, em tempos pre-romanos. Sob as influencias orientaes ellas avançaram mesmo até aos paizes escandinavicos, já desde a primitiva idade do ferro [12].

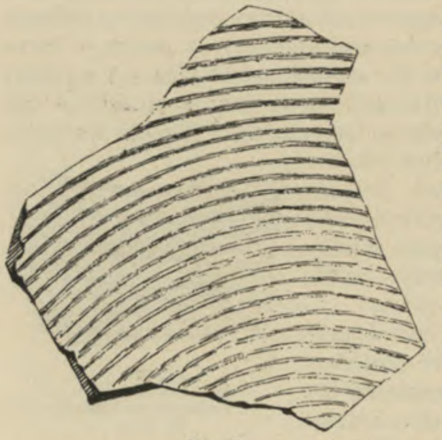


Fig. 15
Caco ornamentado da cividade de Terroso
2/3 gr.

Vê-se agora melhor, com a precedente revisão dos principaes episodios ornamentaes, que o joalheiro da Estella era de apoucada inventiva artistica, d'uma patente inferioridade esthetica; rotineiro, produzindo obras sem fina elegancia e antes monotonas e pesadas, como o collar da Estella, em que não se recorreu sequer ao feliz expediente de alternar o metal luzente com as gemmas, o ambar, as vidrarias vistosas, á maneira chypriota ou italo-grega [13]. Soube-lhes imprimir uma certa leveza com as placas tenues, as tranças das correntes, as filigranas delicadas e os pingentes ageis e sono-

---

[1] F. Martins Sarmento, *A arte mycenica no noroeste da Hespanha*, in *Portvgalia*, t. I, pag. 3; J. F., *La spirale préhistorique*, extrait de la *Rev. Préh.*, Paris, 1907; Oscar Montelius, *Les temps préhist. en Suède*, figs. 64, 65, 67, 72, etc.

[2] Charles H. Read, obr. acima cit., pag. 24.

[3] *La spirale* cit., figs. 2 a 4.

[4] Ibid., fig. 1; *Portvgalia*, t. II, pag. 492, figura; *Bol. da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, t. I, pag. 64, est. III, fig. 43.

[5] P. Paris, obr. cit., t. II, pag. 60, fig. 75.

[6] Arthur Engel et Pierre Paris, *Une forteresse ibérique à Osuna*, extrait, Paris, 1906, pags. 400 e 401, pl. V, B e pl. VI, A, B.

[7] Fontenay, obr. cit., pag. 139.

[8] W. R. Wilde, obr. cit., pag. 37, fig. 563.

[9] Martha, obr. cit., pags. 574 e 575.

[10] Obr. cit., t. II, pag. 242.

[11] Rocha Peixoto, *Filigranas* cit.; a historia antiga da filigrana está ali bem condensada.

[12] Hans Hildebrand, *The industrial arts of Scandinavia in the pagan time*, 1894, pag. 140.

[13] Perrot et Chipiez, *Histoire de l'art dans l'antiquité*, t. II, *Phénicie-Cypre*, pag. 824.

ros, tal como o phenicio e o etrusco; mas não torneou o escolho d'um aspecto massiço, desgracioso, inesthetico.

f) Escola d'ourivesaria, de Laundos. Influencias, chronologia.

Entretanto logrou crear typos de muito caracter. A collecção das arrecadas de Affife, Laundos e Estella com o collar, de que, em vão, se rebusca um calco exotico, documentam palpitantemente a existencia d'um estylo particular, d'uma *escola* d'ourives, que denominaremos de *Laundos* por vir d'este castro a primeira joia estudada, com toda a proficiencia, pelo nosso director Ricardo Severo.

Pretende hoje negar-se a realidade d'uma arte iberica, com caracteres muito privativos; a tempo vem, pois, o achado que a revéla, ao menos num departamento superior do trabalho industrial. Não se dirá, como agora para a ceramica *ibero-mycenica* de P. Paris, que esta ourivesaria se deve á industria e importação punicas. É evidente que foi manufacturada aqui, por artista indigena segundo moldes inteiramente regionaes, sob o dominio d'uma vigente arte local. Já o mostramos, e sustentaremos mesmo em perigo d'incorrer na condemnação de *iberolatras*... E, para a correlativa arte decorativa, não deve entretanto prescindir-se tambem da *hypothese mycenica,* como para a ceramica iberica o entendem e vivamente sustentam Berlanga e Louis Siret [1]. Procurou-se demonstrar precedentemente, em rapido esboço, que a arte da ourivesaria é a mesma da ceramica regional, gravada ou pintada; é a mesma do canteiro em ornamentações dos edificios castrejos, e até, fixe-se bem, a que se insculpturou nos rochedos nativos, d'esta vez sem apparente fim decorativo. A unidade, a communidade dos fundamentaes motivos é patente — a swastica na forma de triscelo e tetrascelo, a espiral, os circulos concentricos, só ou com appendice radial, os *postes,* o torso, a cruz semelhando a de Malta, a cruz inscripta num circulo, os ∽ ∽, o lozango cyclico, etc. [2]. Ás vezes, a algumas d'estas figuras gravadas nos rochedos *associaram-se as prehistoricas covinhas (fossettes),* como uma data, um attestado d'antiguidade [3]. Com a nova theoria de Siret e Berlanga, em suas logicas consequencias, como acreditar que tudo isto é obra de Phenicios e de Carthaginezes? Seriam elles tambem que, descendo dos navios carregados d'estanho ou da pacotilha do seu trafico, se deram á canceira improductiva de se internar pelo Minho, pelo Douro, por Traz-os-Montes, a esculpir aqui e além, perto dos povoados autochtonos, mas ás vezes em recessos pouco accessiveis das rochas, as diversas figuras geometricas de innegavel aspecto egeano?! Ainda não o acreditamos. Um certo typo tumular, prehistorico, e numerosos factos da palethnologia iberica provam, mesmo no parecer de Siret [4] que, em primitivas eras, desde a ultima fase do neolithico, a cultura egeana influenciou fortemente a peninsula. Não repugna acreditar na persistencia centenaria d'esse fundamental influxo no que tinha de mais summario com relação á arte [5]; o isolamento geographico explica-a; identicas occorrencias a probabilisam [6]. E, se quizerem, poderá additar-se que a favoreceram e sus-

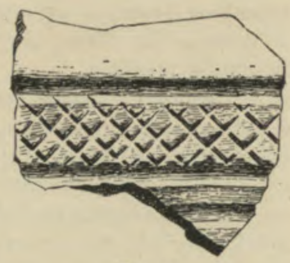


Fig. 16
Caco ornamentado da cividade de Terroso — 2/3 gr.

---

[1] R. M. de Berlanga, *Malaca,* in *Revista de la Associacion artistico-arqueológica Barcelonesa* (an. 1906-1908); Louis Siret, *A propos de poteries pseudo-mycéniennes,* in *L'Anthropologie,* t. XVIII, pag. 277. Confr. P. Paris, *Note sur la céramique ibérique,* in *L'Anthrop.,* t. cit., pag. 626.

[2] *La spirale* cit., *passim.*

[3] *La spirale* cit., pag. 11.

[4] Loc. cit., pags. 272 e 278; Mesmo A., *Essai sur la chronologie protohistorique de l'Espagne,* in *Rev. Arch.,* t. X, pag. 392; *Orientaux et occidentaux en Espagne aux temps préhistoriques,* extrait da *Rev. des Quest. sc.,* Bruxelles, 1907, *passim.*

[5] Segundo o Dr. Manoel Monteiro, *S. Pedro de Rates* (Porto, 1908), ainda sobrevivem motivos mycenicos na architectura romanica; v. pag. 27.

[6] Exemplo notavel: nos *castros romanisados* e *no estrato lusitano-romano,* é vulgarissimo o achado de instrumentos neolithicos, em especial da hacha, que parece ter feito parte da utensilagem

tentaram, até uma baixa epoca, as relações commerciaes com Phenicios, Gregos e Punicos, pois que, no pensamento de Siret, «*en architecture, comme en peinture, Carthage avait conservé beaucoup de motifs mycéniens*» [1]. De resto, não se excluem outras influencias mediterraneanas e orientaes, nem as puramente europêas, como as celticas ou gaulezas, na evolução geral das artes e industrias, de que num certo momento resultou a ourivesaria do *estylo de Laundos;* menos, outros elementos locaes, espontaneos, que pelo estudo começam a aflorar e a definirem-se com individuação. Mas o que não é ainda opportuno, numa região incompletamente estudada e desde a idade da pedra [2] aberta, pelas suas riquezas naturaes, a complexas influencias extranhas; o que é devéras precoce é separar com nitidez os differentes elementos ethnicos de que se elaborou todo este processo artistico e industrial. Ainda ha-de attingir-se esse desideratum...

Já insinuamos que os ouros da Estella são pre-romanos, protohistoricos, presumivelmente do fim do segundo periodo da idade do ferro. O intimo parentesco com as arrecadas do castro de Laundos, onde um fundo de cultura pre-romana remanesce palpitante e vivaz; e por outro lado a sua associação com parte d'um torques do typo da civilisação da *Tène,* esclarece-nos sufficientemente sobre este ponto, embora sem a desejavel precisão.

Assim, estudada perfunctoriamente por todos os aspectos a aurea collecção da Estella, resta dar cabimento aos dous novos collares na classificação provisoria d'elles [3], refazendo-a parcialmente d'este modo:

1.º — Collares fechados, circulares, massiços e roliços — typo, o *torques de Penella;*

2.º — Collares de haste aberta, em forma de crescente, massiços, com fechos independentes — typos, os *torques de Almoster* e *de Serrazes;* variante, o *collar da Penha Verde* ou *xorca de Cintra;*

3.º — Collares penanulares, massiços, lisos, com pequenos botões terminaes — typo, o *torques da Serra da Conceição;*

4.º — Collares penanulares, massiços, com grossas *cabeças* terminaes — typos, os *torques de Lebução* e *da Estella;*

5.º — Collares, adelgaçando do meio para os extremos, que se curvam formando ganchos de prisão directa; secção quadrada — typo, o *torques de Reguengos;*

6.º — Collares de multiplas peças ornamentadas, segundo o *estylo de Laundos,* e formando pequenos solidos prismaticos, de tenue chapa soldada; com contas bitronconicas e pingentes — typo, o *collar da Estella;*

7.º — Collares de fios torcidos ou entrançados em grupo e fundindo-se em cada extremo num só ramo liso e roliço — typos, o *torques de prata de Cortinhas* e os de prata e ouro, provenientes da Beira e existentes no Museu Ethnologico de Lisboa [4];

8.º — Collares penanulares, massiços, secção losanguica, adelgaçando do meio para os extremos, com pequenos botões terminaes e uma ornamentação incusa no estylo dos braceletes de Gotland, da arte Viking — typo, o *collar de Valle da Malhada* [5].

Porto, maio de 1908.

José Fortes.

---

castreja. Confr. E. Pottier, *Catalogue des vases antiques de terre cuite,* Paris, 1896, que, a pag. 197, constata tambem esta sobrevivencia do geometrico curvilinio mycenense... dont les produits se sont en quelque sorte cristallisés dans l'Europe centrale pendant une durée d'environ vingt siècles et qui compte parmi ses héritiers le moyen âge français lui-même.

[1] Loc. cit., pag. 299.

[2] J. Déchelette, *Manuel d'Archéologie préh., celtique et gallo-romaine,* Paris, 1908, t. I, pags. 425 e 619.

[3] Confr. *Portvgalia,* t. II, pag. 414.

[4] *O Archeologo Português,* t. XI, pag. 355.

[5] J. F., *Duas joias archaicas,* in *Portvgalia,* t. II, pag. 413, fig. 1.

A NECROPOLE DE CANIDELLO

(TERRA DA MAIA)

Um simples volver d'olhos sobre a carta de Portugal descobre, ao norte do Porto, uma região triangularmente limitada pelos caminhos ferro-viarios do Minho e do Porto á Povoa e Famalicão; intégre-se nesta area a faixa de terreno que, pelo litoral, separa a linha da Povoa do oceano atlantico, e teremos uma parte importante da velha provincia *interamnense*—a antiga *Terra da Maia*—importante pela densidade da sua população, pela fertilidade do solo, importante, e sobretudo, pelas riquezas archeologicas que encerra.

Se dentro dos limites apontados existiram *cividades, castros, povoas maritimas* e *estações prehistoricas*, como Bagunte, Terroso, Alvarelhos, Guifões, Laundos, Calendario, povoas Martim Vaz e Lavra, e antas varias, principalmente no planalto da Serra de Santa Eufemia [1] e suas ramificações... póde affirmar-se que poucas regiões haverá tão ricas como esta para campo de explorações scientificas.

No coração da antiga *Terra da Maia* fica situada a freguezia de S. Pedro de Canidello [2]. Procure-se o centro do hypothetico triangulo isosceles formado pelas linhas ferreas, já mencionadas, que ficam ao norte da cidade do Porto, e ter-se-ha approximadamente a situação da parochia de Canidello, no concelho de Villa do Conde. Recosta-se na vertente occidental da Serra de Santa Eufemia, exposta ao meio dia, a contemplar o oceano em grande extensão, e defendida do norte pelo prolongamento orographico da mesma serra que se ramifica, aqui, em contraforte, na direcção do poente. Localisada entre os castros de Alvarelhos e Santo Ovidio de Vairão, quasi a meia distancia, pela sua altitude, posição desafogada e largo horisonte, Canidello é, no dizer de medicos abalisados, a terra mais hygienica do concelho.

A estação de caminho de ferro que lhe fica mais proxima—a uns 5 kilometros—é Modivas. D'aqui segue-se pela estrada que, passando em Santa Christina de Malta, atravessará Canidello, quando fôr concluida, e entroncará com a que de Villa do Conde vae tocar na estação de S. Romão, na linha do Minho.

D'esta ou da estação da Trofa póde tambem seguir-se para Canidello por boas estradas, percorrendo-se a distancia approximada d'uns 6 ou 7 kilometros. De Villa do Conde, a que se liga por boa estrada, dista 10 kilometros.

Qualquer das vias indicada dá, com relativa facilidade, accesso ao local ou *habitat* occupado pelo homem prehistorico que, em duas antellas por nós exploradas, deixou vestigios da civilisação neolithica. O terreno que, além de pinheiros, alguns sobreiros e poucos carvalhos, está coberto d'uma vegetação rasteira, geralmente matto mollar, é de constituição granitica. Uma camada de terra vegetal estende-se por toda a parte, permittindo difficilmente que o granito, aqui ou ali, irrompa em pedreiras de mesquinhas proporções.

Neste sitio passa, junto das *antellas* pelo sul, a antiga estrada que ligava Villa do Conde a Paços de Ferreira.

Quem da estação de Modivas se dirigisse para a necropole, ás primeiras casas de Canidello, deveria tomar o caminho que vae por detraz das bouças do passal, e, antes de chegar á encruzilhada, encontraria, á esquerda, rente com a antiga estrada que já pisa, a primeira mamôa que foi explorada, numa propriedade inculta do sr. Joaquim

[1] No «Monte Grande» realisaram em 1905 varias explorações prehistoricas os drs. Felix Pereira e Ricardo Severo. Os resultados ainda estão ineditos.

[2] Latitude, 41°,22'; longitude, 0°,32'.

Moreira Maia, de Canidello, o qual, de bom grado, deu auctorisação para que se realisasse este trabalho.

Será denominada *Antella das Alminhas,* por ficar junto ás que a mendiga Mariana de Canidello, fallecida com 80 annos de idade em 1849, mandára erigir ali, em cumprimento d'um voto que tinha feito para que esta terra nada soffresse com a invasão franceza de 1809. Na esquina da bouça em que se encontra a mamôa bastante apparente ainda, está o nicho das alminhas, como que a proteger os que passam pela encruzilhada já referida, d'onde se ramificam cinco caminhos differentes.

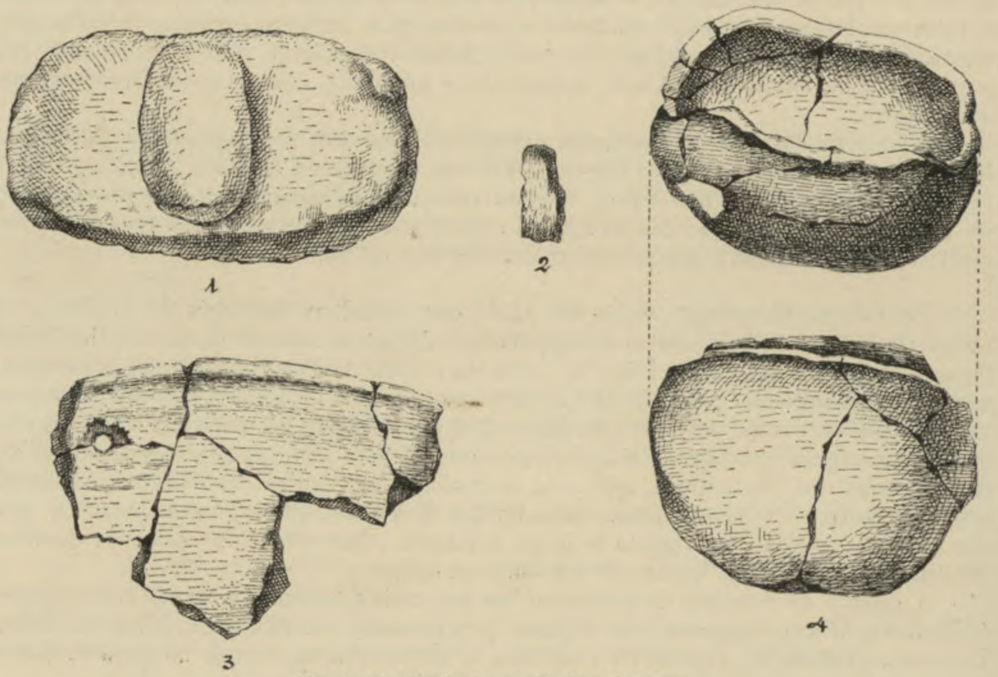


Fig. 1—Mobiliario da antella das Alminhas

Á distancia approximada d'uns cem metros, noutra bouça, que é pertença do sr. Justino de Sousa Azevedo, da freguezia de Malta, perto das primeiras casas do Farilhe, a aldeia mais populosa de Canidello, está situada a segunda *antella,* tendo a mamôa quasi desfeita, cortada em parte, segundo parece, pela estrada antiga que lhe passa junto; será para o caso denominada *Antella do Farilhe.*

Nenhum dos monumentos era conhecido do povo, nem, por conseguinte, designado por elle com qualquer nome caracteristico. É mesmo de notar que, a não ser a palavra *Madorna* que denomina uma pequena aldeia de Vairão, a uns tresentes metros de distancia, não offereça o onomastico palavras que tenham physionomia prehistorica.

Nenhuma lenda nem pratica supersticiosa apparece que possa relacionar-se com os monumentos prehistoricos de que se trata aqui; e, apesar d'isso, a cada passo se encontram esparsos objectos da epoca neolithica, sobre tudo quando se procede a trabalhos culturaes.

Na exploração das antellas de Canidello, que se realisou no verão de 1905, seguiu-se o processo geralmente adoptado em trabalhos d'esta natureza [1], isto é,

---

[1] Ha outros methodos, principalmente o processo de *Nessel,* que afinal dão o mesmo resultado. (V. *Manuel de recherches préhistoriques,* pag. 293).

abriu-se uma valla que, partindo de E, se dirigiu ao centro da *camara*, na qual tudo se rebuscou até ao terreno nativo, extrahindo-se todos os fragmentos de ceramica, ainda os mais insignificantes, e todas as esquirolas de silex, até as mais microscopicas.

Sómente foi abandonado o trabalho depois de não haver esperança de encontrar-se mais nada.

O resultado da exploração, se não foi d'uma importancia summa, por terem sido violadas ambas as mamôas, em tempos remotos talvez, é comtudo digno de minuciosa referencia, porque deu alguns exemplares muito perfeitos, que poderiam qualificar-se de verdadeiras peças de compendio.

Inventarie-se, pois, o espolio encontrado em cada um d'estes monumentos.

Fig. 2 — Mobiliario da antella do Farilhe

Antella das Alminhas — Se não é possivel a descripção rigorosa das condições d'esta jazida prehistorica, póde certamente affirmar-se que a orientação do *tumulus* seria E. O., por isso que a posição de algumas pedras presumivelmente intactas indicava esta hypothese. Vestigios de galeria não existiam, nem tão pouco podia avaliar-se quaes as dimensões da *camara* que, parece, era do typo polygonal irregular, porém de mesquinhas proporções. Todo o material abandonado pelo profanador do monumento estava em completa desordem, indicio de que foi tudo bem remexido: isto explica tambem a pobreza do mobiliario.

Não obstante appareceram, perfeitamente conservadas, uma mó dormente e uma movel (fig. 1, n.º 1), de granito, as quaes estavam collocadas exactamente na posição em que foram desenhadas. Fazem lembrar as de *Chassemy (Aisne)* [1], sendo as mós de Canidello mais perfeitas talvez, embora de menores dimensões.

Encontrou-se tambem uma pequenina faca, ou antes uma delicada lanceta de operações cirurgicas, de quartzo hyalino ou crystal de rocha, que vae representada na fig. 1, n.º 2.

Com os fragmentos de ceramica extrahidos do entulho, apenas pôde reconstituir-se, em parte, um vaso (fig. 1, n.º 4). Tinha a forma de *callote* ou escudella, ligei-

---

[1] V. *Manuel de recherches préhistoriques*, já cit., pag. 157.

ramente estreitado no bocal, de pasta amarellada, grosseira, micacea, mal cosida, sem ornatos, tendo apenas um rebordo irregular e visivelmente trabalhado á mão.

Um pedaço da borda d'outro vaso, provavelmente semelhante ao já descripto, apresentava a singularidade de ter um furo (fig. 1, n.º 3) que, em virtude de ter sido feito depois da cosedura com instrumento perfurante, que trabalhou d'um e d'outro lado, talvez para que não lascasse, ficou em sentido obliquo á parede vasada, por não se terem encontrado justamente, como decerto desejava o operador, as duas partes do orificio.

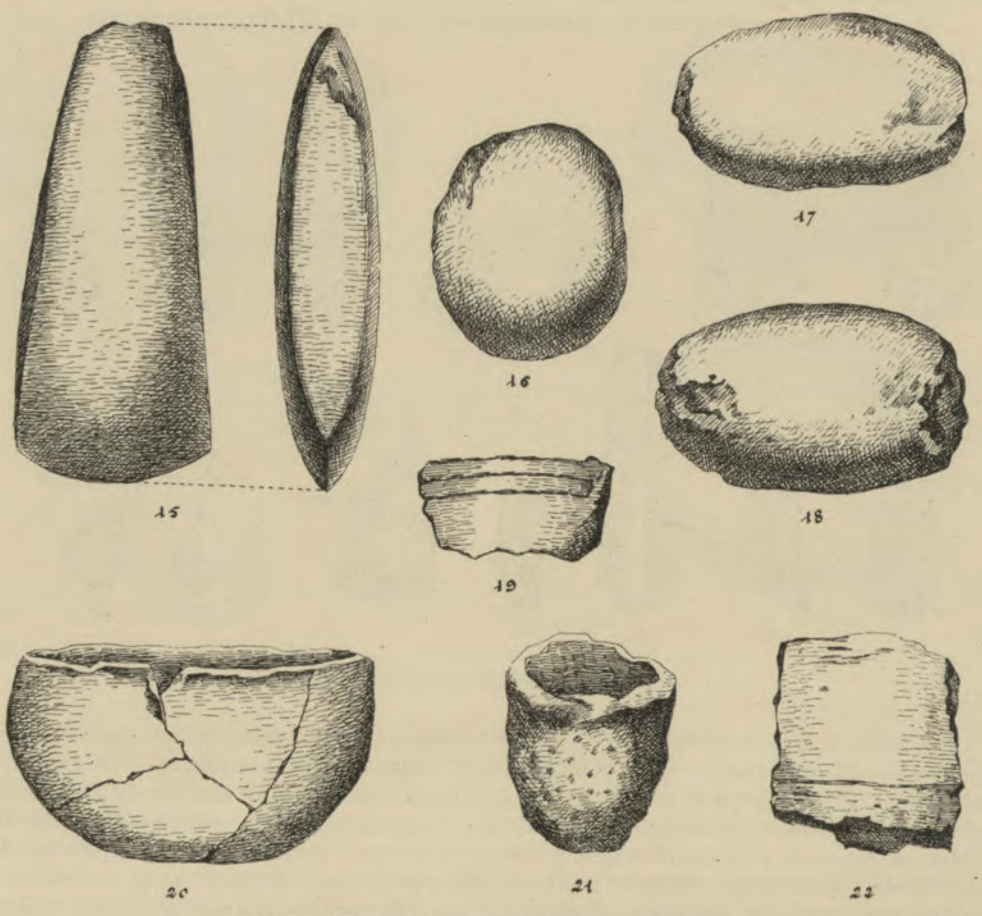


Fig. 3—Mobiliario da antella do Farilhe (continuação)

E nada mais, a não ser restos de ceramica, seixos roliços, resquicios de carvão e vestigios de materias córantes. Apenas uma *covinha* intencional se via numa pedra encontrada na mamôa.

Antella do Farilhe—Aqui, como no monumento já descripto, encontra-se a mesma, ou maior desordem, motivada por antigos remeximentos. As pedras, que não foram levadas para fins utilitarios, jazem deslocadas de mistura com o entulho: nenhuma indicação fornecem da primitiva posição que tiveram. Não ha tambem vestigios de galeria, nem póde calcular-se a grandeza da camara. Devia ser, porém, de modestas proporções. O mobiliario é que era bastante numeroso e relativamente interessante. Merece, por isso, circunstanciado inventario.

Pontas de lança.—De silex esbranquiçado appareceram duas, sendo uma muito perfeita, e a outra partida (fig. 2, n.os 1 e 2). Em ambas se nota uma face plana e outra convexa, com retoques, e ligeiramente arqueadas.

Pontas de flecha.—Uma de silex avermelhado (fig. 2, n.º 3) e outra tambem de silex esbranquiçado (fig. 2, n.º 4). Ambas perfeitissimas e finamente retocadas.

Cinco pontas de quartzite branca (fig. 2, n.os 5, 6, 7, 13 e 14).

A primeira (fig. 2, n.º 5) é uma peça bastante perfeita.

Facas.—Uma de quartzite branca (quebrada) com dois fios; a secção transversal, triangular (fig. 2, n.º 8); não tem retoques. Outra faca, de silex cinzento, com dois fios; a secção transversal, triangular e sem retoques (fig. 2, n.º 9). Outra faca ainda de silex escuro, dois fios, tendo um algumas fracturas ou retoques que, se fossem mais regulares, fariam suppô-la uma serra; a secção transversal, trapezoidal; uma das faces lisa, e a opposta com tres facetas; a linha longitudinal ligeiramenie curva (n.º 10).

Finalmente outra faca, de silex, levemente avermelhado, dois fios, secção transversal triangular, uma face lisa e a opposta em duas facetas; a linha longitudinal muito curva (fig. 2, n.º 11).

Nucleo.—Um de silex esbranquiçado com manchas escuras (fig. 2, n.º 12).

Machado.—De schisto, bem polido, sem vestigios d'uso; forma subtriangular, gume convexo; secção transversal approximadamente trapezoidal (fig. 3, n.º 15). É bom exemplar, e vae desenhado de face e de perfil.

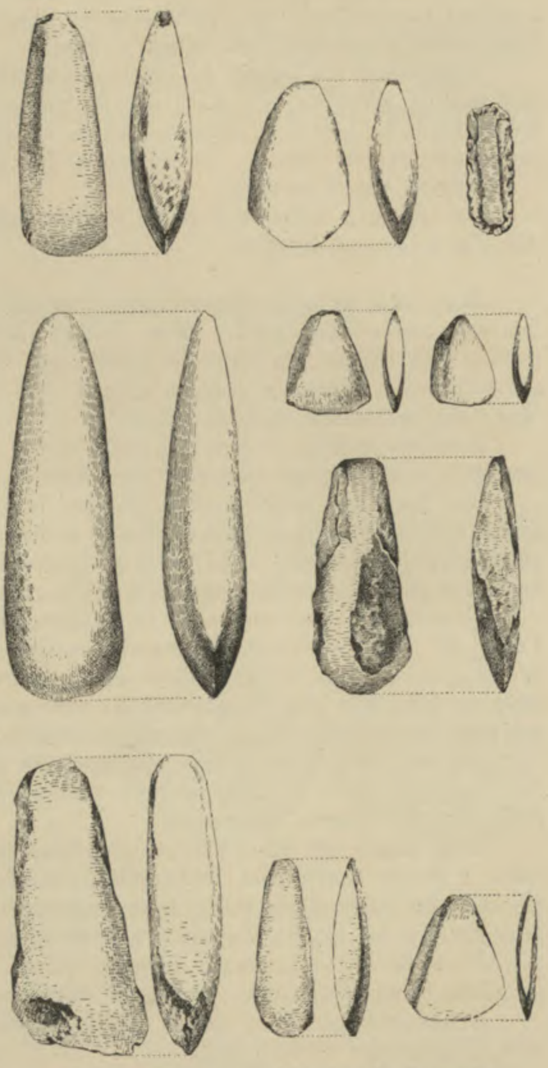


Fig. 4—Instrumentos prehistoricos das freguezias de Canidello, Fornello e Alvarelhos

Seixos rolados.—Entre varios, que nenhum indicio tinham d'uso, appareceram dois, um dos quaes serviu de percutor (fig. 3, n.º 18); o outro seria utilisado como desbastador, pois apresenta-se, em volta, muito cerceado pelo attrito (fig. 3, n.º 16). Os seixos, que são de quartzite, podem provir do leito do Ave ou do mar. Em abundancia existe na região a materia prima das pontas de flecha feitas de quartzite. O silex é que não apparece por estes sitios.

Mó.—De granito, movente, isolada, appareceu uma (fig. 3, n.º 17), muito semelhante á da antella das *Alminhas*.

Ceramica.—Com os varios fragmentos extrahidos do entulho, apenas foi possivel reconstituir um vaso, cuja galba é semelhante á do que appareceu na antella das *Alminhas*. É tambem em forma de *callote;* a pasta é grosseira de espessura variavel, de côr ligeiramente avermelhada, as superficies exteriores, em parte, ennegrecidas pela

acção do fogo, micacea, com muitos grãos siliciosos. Não tem ornatos e foi fabricado sem auxilio de roda (fig. 3, n.º 20).

Um caco, pertencente ao bocal d'outro vaso, apresentava dois sulcos, junto ao rebordo, como na fig. 3, n.º 19 se reconhece. E um outro caco (fig. 3, n.º 22) indica a altura approximada da parede d'outro vaso, pois mostra o bordo e a linha em que essa parede se recurva para formar o fundo.

Finalmente um bocado de barro pouco consistente, no interior em forma de casulo, que poderia ser involucro d'um ôvo de pomba, e, exteriormente, sem vestigios de trabalho manual, estava a reclamar, entre os objectos ceramicos acima descriptos, um logar, que lhe foi negado, concedendo-se-lhe apenas, como curiosidade, o *croquis* que o representa (fig. 3, n.º 21).

De ceramica authentica ficam muitos fragmentos que pertenceram a varios vasos, que não é possivel integrar.

Seria aqui o logar proprio para tirar algumas conclusões do que fica exposto, se houvesse auctoridade para o fazer. Talvez fosse logico concluir que os povos prehistoricos d'esta região, em vista do espolio que deixaram, seriam guerreiros, caçadores e agricultores... Talvez se podesse affirmar que elles tinham a ideia da immortalidade... Mas nada se conclue, nem se affirma.

Junta-se apenas, ao que fica, mais algum material prehistorico colhido em volta da necropole de Canidello e, com este appendice, dá-se por findo este despretencioso trabalho.

São mais dez instrumentos que nos legou o homem neolithico d'estes sitios, a saber: seis machados, tres machadinhas e uma faca. E foram encontrados estes objectos em Canidello, Fornello e Alvarelhos, freguezias confinantes e, por isso, proximas da necropole. Inventariem-se; vão todos representados na fig. 4.

Canidello.—Um machado. De schisto, polido, sem uso, encontrado na quinta do Paço, em 1906, quando se procedia a um desaterro para se abrir uma pedreira. É exemplar perfeito, tendo apenas uma pequena fractura, visivel no desenho. Foi certamente fabricado pelo artista que fez o da antella do Farilhe; são muito semelhantes em tudo, inclusivamente na materia empregada, que é exactamente egual.

Um machado.—De schisto, polido, com pouco uso, encontrado na mesma quinta do Paço, em 1905, ao abrir-se uma valla para plantação de videiras. É tambem perfeito, mas de menores dimensões.

Uma faca.—De silex escuro, dois fios, nos quaes ha algumas fracturas ou retoques; a secção transversal, trapezoidal; uma das faces lisa, e a opposta com tres facetas; a linha longitudinal recta. Esta peça appareceu ha annos na cortinha do sr. Albino Dias Pereira, no Eirado, que de boa vontade a cedeu.

Fornello.—Um machado de pedra polida; parece que teve algum uso, e constava ao offerente que tinha sido encontrado na aldeia de Azevedo.

É bastante grande e esteve muito tempo guardado com veneração para que na casa do possuidor não cahissem raios.

Uma machadinha.—De quartzite branca, muito manchada de escuro e vermelho, pequenina, sem uso, muito bem polida; forma sub-triangular, gume ligeiramente convexo.

Alvarelhos.—Um machado. De schisto, mal polido, com fracturas no gume.

Um machado.—De schisto, esboçado, e já polido no gume, bem afiado, e sem uso.

Um pequeno machado.—De schisto, mal acabado.

Uma machadinha.—De quartzite branca, manchada de escuro e vermelho, sem uso, polida, forma triangular, gume convexo, peça muito perfeita.

Uma machadinha.—De quartzite branca, manchada de azul-escuro, bem polida, pequenissima.

Os tres machados foram encontrados em Sobre-Sá, junto ao *lagar dos Mouros* [1],

---

[1] J. Fortes, *A Estação archeologica d'Alvarelhos*, pag. 8.

por Bernardino Andrade, que os cedeu; e as machadinhas foram compradas a uma mulher do mesmo logar, que lhes chamava *faisquinhas* e por nada queria vendê-las. Quando, porém, lhe mostraram a numisma, cedeu-as!...

Antes do ponto final, permitta-se que, em signal de gratidão, se estampem aqui os nomes dos srs. José da Silva de Almeida Barreto e Antonio da Silva Filippe, aquelle como auxiliar, archeologicamente apaixonado, na exploração da necropole, e este como desenhista eminente que, sem retribuição alguma, se encarregou da parte artistica d'este modesto trabalho.

Canidello, 1907.

ABBADE SOUSA MAIA.

NOTAS DE NUMMARIA PORTUGUEZA

I

TOSTÃO, INEDITO, DE 1641

[o°₀oIOANESo] IIIIoDGoREXoPOR[TVGALIE] Armas do reino, dentro de um circulo de globulos, ladeadas pelos algarismos 16–41. Por descuido havido na collocação do disco metallico sobre os cunhos, não foram impressas as letras que faltam.

℞. o°₀oINo[HOCo] SIGNOoVIN[CES], legenda que vae da esquerda para a direita. No campo a cruz da Ordem de Christo com um ponto no centro. Nos angulos superiores é cantonada por grupos de cinco pontos e nos inferiores pelos algarismos 16–41. Prata de 11 dinheiros. Diametro de 27 mill. Peso 6$^{gr.}$,50, ou 130 grãos.

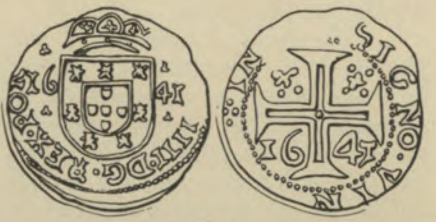


Fig. 1

Este exemplar, que existiu na collecção do fallecido numismata José Lamas, incluido no respectivo catalogo sob o n.º 340, teve no reverso, primitivamente, duas flores de lis, que foram deformadas pela applicação posterior de grupos de cinco pontos. Como se vê da respectiva data *ao pé da cruz*, é originario da lei de 1 de julho de 1641 [1], que lhe deu o peso de 135 $\frac{18}{34}$ grãos, na razão de 34 peças por cada marco de prata. Para o complemento d'este peso faltam cinco grãos. A irregularidade com que a moeda foi batida tem mais responsabilidade na falta que o cerceio criminoso do publico, se o disco metallico foi reduzido, o que nos parece mais provavel.

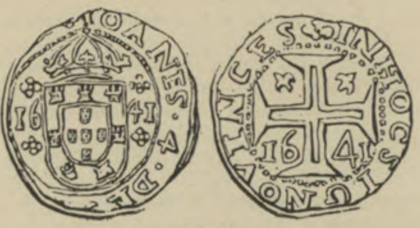


Fig. 2

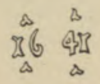
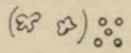
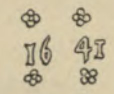
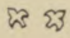
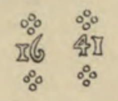
O catalogo a que nos referimos não a menciona como inedita, sendo certo que o é, e variante, muito notavel, de duas moedas de identico valor, já figuradas no vol. II da obra de Teixeira de Aragão, sob os n.os 5 e 6 da est. XXX, reproduzidas nas figs. 2 e 3, mas reconheceu-lhe a qualificação de rara, qualificação bem merecida.

Os tres exemplares, figs. 1, 2 e 3, são, como se vê, de typo identico, mas é neces-

---

[1] TEIXEIRA DE ARAGÃO, doc. n.º 100.

sario reflectir que os distinguem varias particularidades, que se apreciam incontestavelmente comparando-os; as principaes constam da tabella seguinte:

Differenças nos anversos		Differenças nos reversos
Nas legendas	Na ornamentação das datas	Nos angulos superiores da cruz
Fig. 1 IOANES∘IIII∘		
Fig. 2 IOANES∘4∘		
Fig. 3 IOANES∘4∘		

A fig. 3, n.º 5 de Aragão, mostra o primeiro tostão que foi emittido no reinado de D. João IV pela provisão de 14 de fevereiro de 1641, como se vê dos grupos de quatro globulos nos angulos da cruz, que não tem data. Vem desenhado, só pelo reverso, na estampa já citada. Pela primeira vez se mostra o respectivo anverso.

Esta raridade, que pertenceu a Joaquim José Judice dos Santos, está collocada no medalheiro do sr. dr. José Antonio de Azevedo Borralho, em Benavente. Pesa $8^{gr.}$,05, ou 161 grãos.

Teixeira de Aragão diz, a pag. 18 do vol. II, que não conheceu qualquer exemplar de tostão emittido pela provisão de 14 de fevereiro de 1641, que marcou o peso de *duas oitavas e vinte grãos e nove catorzavos* [1], isto é, 164 $\frac{16}{28}$ grãos, e apresentou o desenho da fig. 3 com o peso de 161 grãos. Na mesma pagina diz que foi lavrado por lei de 1 de julho de 1641, sem reparar que não tem data nos angulos da cruz, e nós já vimos acima que por esta lei lhe competiria o peso de 135 $\frac{18}{34}$ grãos. É conveniente que se registe o equivoco, involuntario, para presidir a futuras confrontações entre valores de prata e leis que os auctorisaram na epoca gloriosa da independencia de Portugal. Os cunhos são obra do gravador Braz Falcão, e não de Cypriano do Couto, porque este foi nomeado gravador em 17 de março do mesmo anno, tendo aquelle passado a ensaiador [2].

---

[1] Doc. n.º 98.

[2] O alvará de nomeação de Cypriano do Couto, ainda inedito, é concebido nos seguintes termos: —*Eu El Rey faco saber aos que este meu aluará virem que auendo respº a bras falcão largar o off.º de abridor dos cunhos da caza da moeda e a boa informação que se teue da suffeciencia de sipriano do couto oriues ey por bem e me praz de fazer m.ce ao dito sipriano do couto do dito off.º de abridor dos cunhos da dita caza da moeda com declaração que ajudara ao dito bras falcão no off.º de ensaiador da prata de que he prouido com o qual officio de abridor dos cunhos hauera o dito sipriano do couto o ordenado que lhe tocar e todos os proes e percalcos que lhe dereitamente lhe pertencerem assi como e da maneira que os tinha e auia o dito bras falcão seu antesesor; pello que mando ao thr.º juiz da dita caza da moeda lhe de a posse do dito offi.º e lho deixe seruir e hauer o dito ordenado proes e precalcos como dito he sem duuida nẽ contralição alguã. E em minha chr.ª lhe sera dado juram.to dos santos euangelhos que bem e verdadeiram.te sirua guardando em tudo meu servico e dr.to as partes de que se fará asento nas costas deste que sera registado nos L.os de minha faz.ª e da dita caza da moeda da data delle a quatro mezes primeiros seguintes. E esta m.ce lhe faco com declaração que tirandolhe ou extinguindo o dito offi.º nẽ por isso lhe ficara minha faz.ª obrigada a satisfação algũa. E este se cumprira enteiram.te como nelle se contem. E valera como carta sem embargo da ordenação do 2.º liuro titulo 40 que dispoem o contrario. Bertholameu daraujo o fez em Lx.ª a dezasete de março de seiscentos e quarenta e hum afonço de barros Caminha a fez escreuer.*—Archivo da Torre do Tombo. Livro 12 de Doações, a fl. 73, da chancellaria de D. João IV.

O terceiro typo de tostão emittido no mesmo anno parece ser o que apresentamos na fig. 2. Tem a data gravada junto á cruz, conforme o que foi preceituado na lei de 1 de julho, e mostra francamente duas flores de lis no reverso. É obra de Cypriano do Couto. O desenho é copiado de pag. 187 da obra de Lopes Fernandes. O autor disse que o exemplar pertenceu a Antonio Ribeiro Neves, mas, certamente porque não figurava na sua collecção monetaria, deixou de mencionar o peso respectivo, que muito conviria saber-se, mesmo porque até hoje não foi visto outro exemplar absolutamente igual.

Fig. 3

Os tostões (figs. 1 e 2) são os unicos que têm data em duplicado.

O alvará de 8 de junho de 1643 (doc. n.º 114 de Aragão) mandou recolher no praso de seis mezes, sob graves penas contra os delinquentes, toda a prata portuguesa que circulava, para com ella se fabricar moeda nova com a cruz da Ordem de S. Jorge e menor peso, e eis porque os tostões de D. João IV anteriores á promulgação d'este alvará não existem n'outros medalheiros conhecidos.

Lisboa, Janeiro de 1908.

Manoel Joaquim de Campos.

ETHNOGRAPHIA TRANSMONTANA

A AGRICULTURA

(Concelho de Moncorvo)

Annuindo aos desejos do meu erudito mestre e desinteressado amigo Rocha Peixoto, não obstante não ter competencia alguma, visto ser completamente leigo em assumptos ethnographicos, vou tracejar algumas linhas desconnexas e attinentes á nossa diminuta e atrasada agricultura.

Dividirei, para melhor comprehensão, este modesto trabalho rudimentar nos seguintes capitulos, lamentando não irem acompanhados dos respectivos *clichés,* como era meu desejo: *Lavoura, Arboricultura, Apicultura, Sericicultura, Pecuaria* e *Complemento.*

I

LAVOURA

A região do districto de Bragança é extremamente cerealifera, sobretudo os concelhos de Bragança, Macedo, Mirandella, Mogadouro, Vimioso e Vinhaes; os outros concelhos do sul do districto superabundam, em compensação, em amendoa, azeite, fructos e vinho. Para maior facilidade na comprehensão d'este trabalho, é necessario sub-dividir este capitulo, assás vasto e interessante, nos seguintes: *Instrumentos agricolas, Cultivo dos campos, Colheitas* e *Meteorologia agricola.*

1.º **Instrumentos agricolas.**—Ha n'este concelho um antigo vocabulo para exprimir o conjuncto de todos estes instrumentos e que é *Empeiraria.* Os principaes instrumentos pertencentes á lavoura, são os seguintes: *trado, jugo, carro, grade* e *trilho,*

e estes por sua vez compõem-se de differentes peças, como passo a descrever sem mais preambulos, pois assim convem a este genero essencialmente claro, breve e conciso.

Arado.—Instrumento destinado a arrotear os campos; consta de: *temão* e *chavelha, rabella, teiró, mexilho, invecas* e *relha*.

O *temão* consta de uma haste de madeira, ordinariamente de castanho, pinho ou negrilho, do comprimento de 2 $^1/_2$ a 3 metros, conforme a corpolencia dos animaes, bois, vaccas, cavallos, machos ou jumentos. Termina na extremidade da frente em ponta inferiormente aguçada, tendo 1 ou 2 *buracos* para segurar a *chavelha*, peça de cerca de $0^m,22$ de comprimento; na extremidade opposta o *temão* encaixa na *rabella*.

A *rabella* ou *rabiça*, pois por ambos estes nomes é conhecida no concelho, compõe-se de tres partes distinctas: *mãozeira*, furos para a *teiró* e *temão, invecas* e *dente da relha*. Ha *mãozeiras inteiriças*, isto é, fazendo parte do todo, ou *enxertas*, seguras á rabella com pregos, ou por uma argola de ferro ou de chifre. A *teiró* é uma peça de madeira ou de ferro, que liga a *rabella* ao *temão* na parte posterior d'este, assim como o *mexilho* de madeira ou de ferro tambem une as *invecas*. Estas são duas peças lateraes e assentes na parte inferior da rabella e costumam ser sempre de madeira, algumas vezes brochada na parte anterior para mais resistencia; n'este concelho teem os seguintes nomes: *aivecas, aviacas, invecas* e *orelheiras*.

A *relha* é composta de *hombreiras*, ou partes mais largas, *lacrimaes*, partes concavas, onde entram as *invecas*, e a *ponta*, a parte perfurante. Relativamente á *relha*, existe n'este concelho a seguinte adivinha popular: Que é, que é, que fossa como uma gata e gata não é, e *relumbra* como a prata e prata não é?

Alguns lavradores usam da *trasga*, principalmente em terrenos fortes e planos, para o *carro* e *arado* para pouparem, dizem elles, o *tamoeiro*, ou correia que prende ao jugo estes utensilios agricolas. É uma peça de negrilho em fórma de ferradura fechada na parte inferior e esta segura ao jugo pelo *meio tamoeiro*.

Jugo.—Este compõe-se de uma peça, sempre de freixo ou negrilho, de $1^m,10$ a $1^m,15$ de comprimento, sendo o do carro geralmente mais largo; consta de *duas gamellas*, ou curvaturas assentes sobre as *meleias* ou *belfas*, segundo é gado bovino, muar ou azinino, aonde são ligadas por duas compridas correias, chamadas vulgarmente *cornaes* ou *sôgas*; tem mais ao centro um *castello* de cada lado para as *sôgas* e dous no meio para o *tamoeiro*.

O jugo, como instrumento excessivamente oppressor, tem sido muitas vezes tomado em sentido metaphorico, dizendo-se com muita razão: o jugo do matrimonio. Jesus, na sua bondade infinita, recommendando a sublimidade da sua celeste doutrina, diz aos seus discipulos—*Jugum meum suave est*. O meu jugo é suave. Mas... adiante. Alguns lavradores novos e ricos costumam muitas vezes ornar os bois com vistosos *collares, collareiras* ou *colleiras* de cabedal com uma ou muitas *campainhas* na parte inferior. Ás vezes os sons agudos das campainhas casados horrorosamente com o *chiadouro dos carros* produzem um barulho medonho, ensurdecedor—verdadeiramente infernal! E no emtanto os nossos honrados e moirejantes lavradores amam enthusiasticamente estas principaes e retumbantes arias da vida agricola!

Como partes complementares do *jugo* ainda devo accrescentar as *meleias* e as *belfas*; as primeiras tambem chamadas *mulhêlhas* são destinadas a cobrir a cabeça do gado bovino; são de pelle de bezerro, suino ou chibato; as segundas, formadas de estopa e bezerro, affectando a configuração d'uma *chouriça*, unem na parte inferior por meio d'um pau chamado *sôvinha*.

Para *tanger* ou *tocar* os animaes bovinos usa-se da *aguilhada* de castanho, freixo, lodão, amendoeira, marmelleiro, etc., assim como a *vara* sómente usada para o gado cavallar, muar ou azinino. Eis as principaes partes do arado; vejamos agora em resumo os preços respectivos, assim como d'outros artigos complementares: arado, 1$000 a 1$200; jugo de carro, 1$000 e de arado, 600; tamoeiro de carro, 1$000 e de arado, 500; sôgas, 1$000 a 1$200; relha, 800; mexilho de ferro, 200 a 240; teiró de ferro, 700 a 800; temão, 200 a 300; trasga, 60 a 80; meleias, 1$000 a 3$500 e belfas, 1$200 réis.

Vamos terminar este capitulo com uma adivinha popular relativa ao arado: *Zangarilho, zangarilha*... mas, como offerece sentido duplo, tenho de omittil-a.

Como ainda n'este trabalho hei de apresentar mais adivinhas agricolas, podem os numerosos e intelligentes leitores ir desde já avaliando o nosso rico patrimonio litterario popular. Segundo a auctorisada opinião do dr. Leite de Vasconcellos, Traz-os-Montes é a primeira provincia do reino em *Folk-lore, romances, adivinhas,* etc.

Carro.—Desde os modicos e rudimentares carros da agricultura até aos modernos e luxuosos automoveis vae uma distancia infinita. Os primeiros, simples e modestos, prestam innumeros serviços agricolas á humanidade; os segundos, dourado apanagio das classes mais abastadas da sociedade, synthetisam o luxo, o progresso, a civilisação.

Na sua simplicidade extraordinaria o carro compõe-se de tres partes: *sobrado, eixo* e *rodas,* ou, segundo a technologia popular, de duas: *trapeiro* e *rodado.*

O *sobrado* comprehende as *varas, travessas, treitoiras, coucões* e *taboado.* As *varas* teem 4^{m},40 de comprimento até ao *taboado* e o *sobrado* 1^{m},70 a 1^{m},80. Constam do *cabeçalho* com um buraco para o *chavelhão* ou com duas *chavelhas* lateraes; *pombella,* travessa entre a abertura das varas com dous *buracos* para estadulhos ou *estadulhetas.* O sobrado tem: quatro *travessas,* quatro *taboas,* quatro *'streitoiras,* dous *coucões* e oito *estadulhos;* ás vezes accrescem dous *verbiões,* quatro *endrenças* e quatro *cancellas.* Os *coucões* assentam sobre a parte superior do *eixo* e sobre a inferior das *varas,* assim como as *'streitoiras* assentam dos lados do *eixo,* sendo estas seguras com *apladouras, cunhos* ou *pescunhos.*

Eixo é uma só peça de freixo, cujas extremidades encaixam nas rodas e ligado ao *sobrado* pelas *'streitoiras* ou *coucões;* para cantar melhor o carro apertam-se as *'streitoiras;* para se fazer *callar* unta-se o *eixo* com sabão e para andar melhor unta-se com borras d'azeite. A parte do *eixo* entre as varas e as rodas chama-se *margaridal* ou *morial;* o seu fim principal é obstar á juncção das rodas com as varas.

As *rodas* compõem-se das seguintes partes: *meão* ou *milde, calubas, travessas* ou *relhas, cantelras, sobrerelhas, chapas* ou *cambotas* e *brochas.* Ainda podemos mencionar as *meias luas,* ou aberturas circulares no meio das rodas.

O *meão* ou *milde* é o verdadeiro esteio da roda; interiormente é atravessado por duas *relhas,* que vão reentrar no interior das *cambas;* estas são cobertas no trilho ou pizo por quatro *chapas* e estas seguras á roda por oito *brochas* de ferro cada uma. As *cancellas* ou *caniças* feitas de taboas ou de verga de madeira entretecida sobre quatro *travessas* lateraes e quatro *banzos;* a *engarella* é a mesma cousa, faltando-lhe unicamente o revestimento; as caniças, a engarella e mesmo pipas de vinho ou azeite, mós, etc., assentam sobre os *verbiões.* Quando a *carrada* é muito grande, costumam os lavradores *acamboar,* isto é, collocando ao carro duas ou tres juntas de bois por meio de grossos calabres. Antigamente no rio Douro, se este processo se destinava a puxar por uns barcos, costumava chamar-se *allar o barco.* Hoje, porém, em virtude do caminho de ferro, este processo está quasi extincto. A *corda* empregada chama-se *calabre,* de linho, de 24 a 30 metros de comprimento e custa ordinariamente 1$000 réis.

No transporte de pedras para fazer paredes de campo, usa-se da *corça* ou *corço,* peça grossa de madeira e do feitio d'um angulo agudo, mas só se póde usar, como é facil de presumir, correndo a pedra ao baixo.

Como n'este concelho ha muita falta de madeira de freixo, a mais propria em geral para um carro, os nossos lavradores costumam ir compral-a a Caravellas e á Trindade, concelho de Villa Flôr, a Chacim, concelho de Macedo e a Sanhoanne, concelho do Mogadouro. O custo d'um carro completo regula por 15$000 a 25$000 réis, conforme são maiores ou menores, a especie da madeira, etc.

Mas... vamos á adivinha popular sobre o carro: «Corre altos e carradas e só faz duas pégadas». Os estadulhos tambem teem a sua: «São oito irmãos, andam sempre a caminhar e nunca se encontram». Basta. Assim iriamos muito longe. Mais tarde publicarei, se poder, um volume intitulado—*Adivinhas populares transmontanas,* já em via de preparação.

Grade. — A grade é um instrumento de madeira destinado a *destorroar* as terras da agricultura; consta de dous *banzos* e quatro *travessas*, tendo cada *banzo* quatro furos, onde entram as quatro travessas pelas suas extremidades.

Para se poder *gradar* ou *agrádar* prende-se a *grade* á *tamoella* ou *temãozeira* por meio d'um guilho de madeira ou de ferro, embutido na travessa da frente e no *cadeiado* da *tamoella;* esta regula por 2 a 3 metros de comprimento preza ao jugo por meio da *trasga, tamoeiro* e *chavelha*. As grades são ordinariamente de negrilho, pinho, sobreiro, castanho, etc., e custam, cada uma, 1$200 a 1$500 réis.

Como complemento da grade, devo accrescentar ainda o *trilho* e *engarella;* o primeiro costuma ser uma peça composta de tres taboas muito unidas com duas travessas, geralmente de pinho, cravejadas com puas de ferro na parte inferior e puxada por bois, cavallos, jumentos, etc.; ás vezes faz-se a *trilha* só com animaes, sem o auxilio d'este utensilio. Carviçaes, em virtude da sua muita madeira de pinho, exporta trilhos para a maior parte d'este concelho e dos circumvisinhos.

Já vimos como se fazia a engarella de carro; vejamos como se faz em cavalgaduras. Assenta-se sobre a albarda um pau bifurcado e carregam os molhos de cereal dos lados. Com este processo os pobres fazem mais commoda e economicamente a *carreja*.

Antes de concluir este capitulo, vejamos os principaes preços dos artigos d'uma officina de lavrador: 1.°, bedame, 300 réis; 2.°, enchó, 300 réis; 3.°, escopro, 150 réis; 4.°, formão, 200 a 300 réis; 5.°, martello, 240 réis; 6.°, machada, 360 réis; 7.°, grosa, 280 réis; 8.°, plaina, 200 réis; 9.°, podão, 300 réis; 10.°, serra, 200 réis; 11.°, trado, 200 a 300 réis; 12.°, verruma ou trivella, 30 a 40 réis.

Eis os principaes instrumentos agricolas, succintamente esboçados, em uso n'este concelho de Moncorvo; n'um trabalho d'esta ordem, destinado a uma revista, entendi por varias razões, não lhe dar maior amplitude.

2.° **Cultivo dos campos**. — A cultura dos campos é um dos trabalhos mais usado e interessante do nosso concelho. Os cereaes, sobretudo trigo e centeio, constituem o principal objecto da nossa agricultura e uma das receitas mais importantes.

As terras destinadas á lavoura levam ordinariamente tres e ás vezes mais arados: 1.°, *decrua,* feita no inverno; 2.°, *vima* ou *intravessa,* feita desde abril a junho; 3.°, *sementeira,* desde os meiados de setembro até principios de novembro.

O *trigo serôdio* e o *centenico* semeiam-se nos fins de março, em terrenos quentes, e em abril em sitios frescos; estes, desde a sementeira á ceifa, demoram apenas tres mezes, d'onde lhes provém os nomes de *tremezinhos*. O *trigo serôdio* é muito mais fino e, por isso, mais caro e estimado. Costuma-se semeiar por dia 40 a 50 litros, conforme é em chãos ou em terrenos muito magros e declivosos.

Os lavradores costumam adubar os campos com os estrumes dos gados lanigero e caprino, com estrumes feitos nas *lojas* ou *côrtes,* nas ruas e caminhos publicos e já se vae começando a introduzir o costume dos adubos chimicos, regulando a sacca de 50 kilos na estação do Pocinho (linha do Douro) por 900 a 1$000 réis. Alguns terrenos são gradados na sementeira, principalmente os destinados ao linho, batatas, feijões, milho, etc.

As regas fazem-se por meio de açudes e agueiras conduzidas dos ribeiros mais proximos, ou por meio de poços artesianos com engenhos chamados *bombas, noreas,* ou com vasilhas, taes como: *cantaro, gravano, balde, regador,* etc.; as levadas, comtudo, n'este concelho, são pouco numerosas e de pouca importancia. Os modernos processos de drenagem são em geral desconhecidos entre nós; raras vezes se encontram importantes cannos d'escoamento; á superficie dos terrenos usam os agricultores os *sucos* (sulcos) em varias direcções, segundo a natureza dos terrenos.

As sementeiras nos *areaços, sairinhos* ou *frieiras* costumam ser feitas muito mais cedo. Alguns pobres jornaleiros arrendam terras de matto; *rôçam-n'as* ou *boucam-n'as* desde janeiro até maio; deitam-lhes o fogo desde julho até agosto, e em outubro deitam-lhes o centeio sem mais nenhuma volta, isto é, sem mais cava ou arado.

Antes de semeiar, divide-se a terra em differentes zonas, chamadas *embelgas*, feitas com sulcos do arado ou com pedras ou ramos d'arvores. E quanto ao trigo alguns lavradores banham-n'o com vinagre e com pedra-lipes, para não criar morrão, dizem elles. Nos caminhos publicos abrem orificios nas paredes, chamados *gateiras*, para conduzirem as *enxurradas* aos predios em todo o anno, mas sobretudo depois da sementeira.

Os lavradores mais abastados empregam juntas de bois nas aldeias de poucas pastagens, taes como: Cabeça Boa, Cardanha, Castedo, Horta, Louza, Moncorvo, Peredo e Urros; e vaccas nas terras abundantes de forragens, como: Carviçaes, Felgar, Felgueiras, Larinho, Maçores, Souto, etc. Assim estas povoações ultimas, além de fazerem os seus serviços agricolas, criam numerosas manadas de novilhos. Durante o tempo da sementeira ás vezes deitam dous arados a uma só junta de bois. É muito curioso este processo!...

Os jornaleiros ou cavam elles mesmos os terrenos, ou os lavram com jumentos; muitas vezes ajudam-se uns aos outros, chamando-se este contracto *torna-geira*. Alguns lavram só com um animal, usando n'este caso o temão aberto como as varas do carro e raras vezes com animaes differentes, como boi e cavallo, macho e jumento, etc.

N'este concelho está muito em pratica a celebre determinação de Moysés no *Deuteronomio*, cap. XXII, vers. 10: *Non arabis in bove simul et asino*. Todo este capitulo é bello tratado sobre agricultura. As suas providencias a este respeito são realmente admiraveis.

Como supplemento, ainda accrescentarei outro utensilio d'agricultura: a *enxada* e a *calagouça*. A primeira affecta regularmente a fórma d'um triangulo acutangulo; ha tres especies d'ella: 1.ª, de *bico*; 2.ª, de *ganchos*; 3.ª, *rasa* ou de *corte*. Custam a 1.ª, 800 réis; a 2.ª, 1$000 réis e a 3.ª, 800 réis.

A *calagouça, calagouço, foice* ou *roçadoura* é um instrumento em fórma de podão proprio para cortar as plantas bravas, damninhas e espinhosas. Muitas vezes nas desordens populares a *calagouça* representa um papel tristemente tragico! É como um alfange nas mãos d'um mussulmano!...

3.° **Colheitas**. — Depois d'arduos trabalhos — abundantes e saborosos fructos; depois de contínuas canceiras — as messes aurifulgentes; depois de incessantes martyrios — a immarcessivel gloria!

As principaes colheitas, como é facil deduzir-se, são n'este concelho as dos cereaes: trigo, centeio, cevada, milho e lentilhas. Alegres e sorridentes ceifeiras, agora já podeis entoar effusivamente a vossa predilecta trova popular:

> Ó trigo, que assim és de lindo,
> Quem me dera a tua côr!
> Entras na Hostia Sagrada,
> Serves de Nosso Senhor!

A primeira operação é naturalmente a *sega* ou *segada*, seguindo-se-lhe a *carreja* e a *malhada*; a ceifa é feita em muitas aldeias por homens e mulheres conjunctamente, e n'outras só por homens, mas só nas terras mais cerealiferas, vindo para estas grandes ranchadas de segadores da provincia da Beira Baixa.

As foices entre nós chamam-se *ceitoiras* e *verdoguilhos*, estes muito mais estreitos, d'onde lhes provém o nome, creio eu, pois *vergodilho* é corrupção de *vergadilho*. Custam 200 a 300 réis. Ao conteúdo da mão cheia chamam *manada*; cinco a dez d'estas, conforme o cereal, denominam *gavella*; quatro a oito d'estas fórma o *mólho*, e muitos d'estes n'uma grande mó chamam um *rolheiro* ou *rilheiro*. Antes de *enrolheirar* colloca-se o cereal em *cordões* e *cemelhas* para seccar melhor.

Os preços das geiras da *segada* oscillam entre 240 a 300 réis os homens, e as mulheres a 200 réis, tudo a secco, isto é, sem comida; ás vezes chegam a 500 réis os homens.

Actualmente já se começa a introduzir o costume de ajustar a segada aos grandes ranchos de ceifeiros. Este serviço é feito com grande enthusiasmo, já por *empreitada* e já á *geira*, havendo em ambos os casos, ás refeições, a costumada e tradicional *badana*, carne de ovelha, e algumas vezes a anti-hygienica e detestavel *cabra*, origem de graves e perniciosas doenças.

Á *segada* segue-se a *carreja*. Esta póde ser feita em *carros* ou na *engarella*, segundo os agricultores são ricos ou pobres.

A *malhada* é feita em *eiras* de granito, de schisto, ou simplesmente em lameiras publicas, como succede principalmente no Peredo e Urros. Ha eiras naturaes de lagens de granito, na verdade muito extensas e notaveis, como na Cardanha, Carviçaes, Castedo, Louza, etc.

O instrumento usado é a *mangueira* ou *mangoal*, composta de duas peças: a *haste*, de 1^m,50 a 1^m,60 d'altura e o *malho* ou *pítigo*, de 0^m,88 a 1 metro de comprimento. A *haste* na extremidade superior tem uma correia chamada *meilha* ou *meão*; n'este entra o *fato*, de couro de boi, que liga a *haste* ao *meão*. O fato compõe-se de dous buracos e de duas abraçadeiras.

Á eira coberta de cereal para se malhar chama-se *eirado*; na debulha ha homens para *malhar* e mulheres para virar a palha e fazer as *fachas*.

No acto de ajuntar o grão usam de umas vassouras grandes para *coanhar*, isto é, limpar as espigas; depois de junto o grão n'uma mó no meio da eira, procedem á limpa definitiva e ultima usando de *coanhos, rodo, baleios, forcados, pás, envendos*, etc.

A respeito das forcadas ha a seguinte historia popular: Quando se devem colher? Quando se precisam, responde o preguiceiro; quando se encontram, responde o cuidadoso.

Em seguida á limpa procede-se, como é natural, á ensaccadura do pão e conduz-se em carros ou cargas ás tulhas, arcas de castanho, pinho ou negrilho e algumas vezes a... cortiços enormes de sobreiro! Alguns levam mais de 750 litros!

Ainda nas eiras muitas vezes procedem á cobrança: os usurarios, os arrendatarios, o parocho, o barbeiro, o ferreiro, etc., chegando algumas occasiões o desgraçado lavrador a não recolher um grão de cereal!

4.º **Meteorologia agricola.** — O nosso lavrador, simplesmente munido do *Seringador, Borda d'Agua* e *Lunario Perpetuo* e, sobretudo, nas suas velhas e continuas experiencias, abalança-se a fazer os seus mais infalliveis prognosticos.

Na maioria das suas previsões usa de interessantes adagios, muitas vezes rimados, como aconselha a mnemonica. Entre centenares, apresentamos alguns:

1.º Lua nova trovejada — 30 dias é molhada.

2.º Nevoinha na serra — agua na terra.

3.º Geada sobre lama — por mais agua clama.

4.º Quando de manhã se ri Castella — agua de tarde na terra.

5.º Semeia-me no pó e colherás bom mó; semeia-me na lama e chora-me na cama.

6.º Grão a grão — enche a gallinha o sarrão.

7.º Leitão de mez — e cabrito de tres.

8.º Troveja em março? Semeia-me no alto e no baixo (Serodio e centenico).

9.º Agua de S. João — tira azeite e vinho e não dá pão.

10.º Em abril — aguas mil, coadas pelo mandil; vae onde tiveres de ir e a casa virás dormir.

11.º A mulher e a ovelha — com tempo á cortelha.

12.º Sol madrugador, homem resador e frade cortez — arrenega-me de todos tres.

13.º Dos Santos ao Natal — é inverno natural.

14.º O melhor sacco de pão — para o S. João, ou entre as gavellas — se passam ellas.

15.º Natal na praça — e Paschoa em casa.

16.º Quando a Candelária chora — o inverno vae fóra.

17.º Maio pardo, centeio grado; e maio ventoso, maio venturoso.

18.º Ha vento cantaril? Solta os bois e deita a fugir. (*Cantaril* = sul).

19.º Uva de terra tez — não a comas nem a dês — dá vinho por tres.

20.º Do *cerejo* ao castanho — bem me eu *avanho*; do castanho ao *cerejo* — mal me eu vejo.

Muitos mais podia accrescentar rimados e outros em prosa, como: Amarra-se o fumo? Temos tempestade. Cantam os *rincoalhos*? Temos bom tempo. A lua leva circulo? Temos agua. Os fructos murcham muito? Temos chuvas, etc.; mas é necessario rematar este capitulo.

II

ARBORICULTURA

As principaes arvores d'este concelho podem reduzir-se ás seguintes: *vinha, oliveira, amendoeira* e *castanheiro*. Ha outras especies secundarias, taes como arvores fructiferas: *laranjeira, pereira, figueira, pecegueiro, cerejeira*, etc., e outras lenhosas, como: *carvalho, carrasco*, etc.

A vinha occupa incontestavelmente o primeiro logar. As terras mais abundantes de vinho são, pela ordem numerica, as seguintes: Moncorvo, Louza, Horta, Felgar, Felgueiras, Castedo, Larinho, etc., e as mais productoras d'azeite pela mesma ordem, as seguintes: Moncorvo, Louza, Horta, Castedo, Felgar, Urros, etc.

Para mais facilidade das materias sub-dividirei este capitulo em: *Viticultura* e *Olivicultura*.

1.° **Viticultura.**—Esta comprehende varias secções, taes como: *plantação do bacello, enxertia, poda, empa, enxoframento, calda bordaleza, cavas*, etc.

Seguindo ainda systhematicamente a velha e reprovada rotina, os nossos viticultores plantam ainda algumas cêpas nacionaes, sujeitando-se inconscientemente a verem os seus vinhedos phyloxerados dentro de poucos annos. Muitos, mais especuladores e praticos, vão já adoptando a plantação de bacellos americanos, preferindo as castas *Rupestris, Haramont, Viala, Riparia*, etc. O milheiro d'estas cêpas oscilla entre 6$000 a 12$000 réis, conforme a grande procura d'elle e a sua superioridade.

Na plantação do nacional empregam-se simples varas, ao passo que no americano são sempre bacellos barbados de 1 a 3 annos, previamente cultivados em canteiros competentemente adubados e regados. O plantio varía de custo em milheiro, segundo a natureza dos terrenos; póde importar o milheiro de 25$000 a 50$000 réis e ás vezes chega a attingir o preço fabuloso de 100$000 réis, principalmente nas alcantiladas ribanceiras do Douro.

Os instrumentos usados n'este serviço, são: *alvião, pá, ferro* e *enxada*.

Na plantação abrem-se valados de differente largura e profundidade e lançam-se-lhes os bacellos á distancia de 1 a metro meio, dobrando-os levemente na parte inferior; a esta operação chamam *gemer* o bacello. Depois de plantado costumam arrazar o terreno e a este acto chama-se entre nós *alegrar* o bacello. *Alegrar* parece-me ser uma corrupção de *arregrar, regrar*.

Passados um ou dous annos, procede-se á *enxertia;* esta costuma ser feita de *puia* e esta segura ao *cavallo* do americano por meio de rafia ou barbante, mas raras vezes. Desde a plantação até á póda arruma-se a cada bacello um *rodrigão* para se não perder o sitio da nova planta.

Muitos proprietarios costumam plantar por entre a vinha oliveiras, figueiras, na maior parte de *estaca* e raras vezes barbadas, e muitos usam, junto das paredes, pecegueiros, pereiras, cerejeiras, macieiras, etc. Este processo foi uma grande previdencia. Muitos terrenos de vinhedos extensos e actualmente extinctos, hoje estão convertidos em soberbos e viçosos olivaes! Mas a vinha prospéra pouco em companhia de tão inopportunos visinhos.

A *póda* faz-se com *podão* ou *thezoura*, durante os mezes de fevereiro a abril; o primeiro custa 200 a 240 réis e a segunda 600 a 1$000 réis. Ha differentes systemas, mas os mais usados são: de *peito* ou córte rente e feita com o *podão;* e de *galho* de córte comprido, sendo este cortado no anno ou annos seguintes.

A vara deixada e destinada á producção, chama-se *vara do vinho;* quando se deseja reforçar a videira, deixa-se uma vara mais atraz com um ou dous *ôlhos* ou *gromos* e chama-se *espera, pollegar* ou *talicão*. Durante a fructificação é costume *mondarem-se* os *ôlhos* nocivos, isto é, os que apparecem fóra da *vara do vinho*. A *póda* faz-se regularmente desde fevereiro até abril, segundo os terrenos são mais ou menos

frios; nas margens do Douro e Villariça póde-se fazer mesmo em seguida á vindima. As geiras da *póda* regulam por 300 a 360 réis, assim como a *cava* e a *erguida*.

O *podão* ou *podôa* compõe-se das seguintes partes: *cabo* de madeira torneada; *peito* ou parte central; *gaveto* ou parte recurvada e superior; e *pêto* ou *crista*. O seu preço regula por 200 a 240 réis e as *thezouras* por 600 a 1$000 réis.

Erguida ou *empa* faz-se de dous modos: 1.°, sobre a parreira e 2.°, sobre madeira chamada *rodrigão; ata-se* com *junça* ou *junco* e em grandes *latadas* com *vimes*. Ao acto de virar a vara para se *erguer*, chama-se *gemêl-a;* esta operação é necessaria para a seiva não ir só para os *ôlhos* da frente da vara.

Quando no inverno se abre um vallado e se lhe lança uma vide d'uma parreira visinha, chama-se a este serviço lançar *camas* ou *burros;* estes devem estar presos á mãe durante um anno ou dous. Ás vezes na *póda* de tarde e na *erguida* a seiva corre em grande abundancia; a isto chamam *chorar* a videira e á seiva *mellaço*.

Ha duas especies de *cava:* 1.ª, *decrua*, feita aos montões, desde março até abril; 2.ª, *arregrar, alegrar* ou *arrazar*, desde abril até maio, inclusivè. Se na *decrua* algum terreno não é revolvido, chamam-lhe a este ironicamente *manta* ou *queijo* e se os cavadores estão aos poucos de pé, descançando, dizem logo os amos: Lá está fulano a *plantar choupos ou olmos*. Muitos proprietarios usam do *enxofre* e *calda bordeleza*.

Mas... passou o verão e os *gachos* estão maduros e, por isso, é necessario o agricultor receber o desejado premio dos seus incessantes sacrificios. Começa a *vindima*—o periodo aureo e remunerador do proprietario.

A *vindima* faz-se em setembro e outubro. Homens carregam e transportam as uvas todos *aforrados*, em mangas de camisa, deixando espelhar em seus rostos bronzeados a sua intima satisfação; mulheres robustas e córadas procedem ao *córte* e *apanha* para as cestas e cestos vindimeiros, entoando os seus costumados e melodiosos descantes populares.

Os cestos regulam por 65 litros e custam 200 réis; *meios cestos*, 32 litros, 120 réis e as *cestas*, 15, 8, 6 e 4 litros, 80, 60 e 40 réis. Os cestos transportam-se em carros ou em cargas, segundo os caminhos permittem um ou outro processo.

Lagares de vinho.—Compõem-se das seguintes partes: *praça, pio, viga, parafuso, peso, malhaes* e *porta*.

A *praça* é um recinto fechado destinado para se expremer a uva; o *pio* é um deposito de fórma rectangular para onde corre o *vinho môsto;* a *viga* é uma grande trave destinada a fazer a pressão; o *parafuso* é uma haste de madeira terminando na parte inferior sobre o *peso* e na superior encaixando na *cabeça da viga;* o *peso*, de granito e de fórma cylindrica, é destinado a augmentar a pressão da viga; *porta* é uma peça de madeira que assenta sobre o *pé do vinhaço* e os *malhaes* differentes cunhas collocadas entre a *porta* e *viga*.

Ha n'este concelho antigos lagares de vinho, de muito asseio e capacidade, assim como já se começam a usar as *prensas*, principalmente entre as classes mais abastadas.

D'alguns lagares corre directamente para as vasilhas: *cubas, pipas* ou *toneis;* d'outros é necessario leval-o em cantaros ou ôdres de vinho.

Depois de convenientemente incubado o vinho nas *adegas* ou *armazens*, soffre muitas operações durante a fermentação e durante o anno.

Não obstante não ter conhecimentos alguns sobre vinicultura, muitas cousas poderia ainda escrever sobre este curioso e interessante assumpto; mas, procedendo assim, este trabalho tornar-se-hia excessivamente extenso.

2.° **Olivicultura.**—A oliveira é uma das plantas mais estimadas desde toda a antiguidade, limitando-se o seu cultivo n'este concelho a duas operações: *cava* ou *lavra* e *limpa*. A *limpa* faz-se com um *raspador* e com uma *foice* ou *calagouço*.

As principaes terras productoras d'azeite são as seguintes: Moncorvo, Louza, Castedo, Carviçaes, Horta, Açoreira, Urros, Felgar, Larinho, etc.; a maior parte das freguezias d'este concelho colhe azeite para consummo e muitas vezes para exportação.

O azeite é de primeira ordem, sendo melhor o de Carviçaes e Mós. A azeitona d'esta ultima povoação é muitissimo afamada para comer, assim como a de Moncorvo para produzir muito azeite.

Na apanha para *embarque* ou *talha* a azeitona é *ripada*, isto é, colhida á mão; na do azeite, porém, é *varejada*, muitas vezes brutalmente a ponto de comprometter a colheita futura. Para mais facilidade d'este serviço usa-se de *toldes* de lona; um proprietario regular deve possuir uma duzia d'elles. Assim abrevia o serviço e economisa dinheiro.

N'este concelho ha o seguinte adagio agricola relativo ao azeite: «Dia de Santa Luzia — sóbe o azeite á *oliva*». A oliveira, de resto, é muito decantada; no meu *Folk-Lore Transmontano* possuo dezenas de trovas populares attinentes á oliveira, algumas d'um mimo, doçura, naturalidade e sentimento extraordinarios.

Lagar d'azeite. — Consta de: *pio, praça, pia* e *tarefas*. O *pio*, onde se moe a azeitona, compõe-se das peças seguintes: *aduellas*, formando a parede circular; *baldão* ou *varanga*, haste por onde puxa, ordinariamente, um boi; *pastor de cantaria* ou *madeira*, onde se encostam levemente as pedras. Os lagares mais antigos só tinham uma *pedra* ou *mó* e então o *pastor* era de madeira; mais tarde adoptaram o costume de duas e tres *mós*, sendo já muito raro apparecer um lagar d'uma só pedra.

Para chegar a azeitona ás *mós* usa-se d'um *rôdo*, ou separado e movido á mão, ou atravessando o *baldão* ou *varanga*.

A *massa* é conduzida á *praça* em *gamellas* de madeira e em seguida lançada sobre duas ou tres *ceiras*. Depois procede-se á *caldeação*, isto é, ao acto de lançar agua a ferver da *caldeira* sobre as ceiras a fim de se desfazer por completo o *bagaço* ou *brulho*. O processo empregado para *espremer* a *massa* é semelhante ao do vinho, isto é: *viga, malhaes, fuzo*, etc.

Entre nós a qualidade do azeite é muito prejudicada com a grande demora da azeitona nas tulhas, onde fermenta e apodrece totalmente. Podendo nós ter um azeite dos melhores do mundo, muitas vezes, devido á detestavel rotina, temol-o do mais inferior!

Na Quinta da Tarrincha ha um lagar d'azeite movido a agua pertencente ao illustre e nobre Conde de Pinhel. Hoje a maior parte dos proprietarios ricos possuem *prensas*, sobretudo em Moncorvo e na Louza; n'esta ultima povoação, terra da minha naturalidade, ha dez lagares e duas prensas. O azeite fabricado nas *prensas*, se houvesse o maximo cuidado, poderia rivalisar com os melhores d'Italia; mas não se obtem este aperfeiçoamento por o preço não remunerar tanto trabalho e dispendio.

Principaes quintas d'azeite: Moncorvo, Bandeiras, Campo, Carvalhal, Marmelleiro, Rego da Barca, Silveira, Tarrincha, Valle da Pia, Louza, Farfão, Telhada, Carviçaes, Arcas, etc. Principaes proprietarios, os ex.mos snrs.: Caetano d'Oliveira, dr. Margarido, dr. Bernardo Doutel e Candido, da Horta; Francisco Antonio e Ambrosio, da Cardanha; D. Candida, de Carviçaes; Emilio Pimenta, de Maçores.

III

APICULTURA

N'este concelho a cultura da abelha é bastante usada, podendo sêl-o ainda em maior escala. Os processos seguidos são ainda os medievaes, ou antes os usados nos primeiros seculos. Tarde, muito tarde, este concelho se banhará nos refulgentes explendores do progresso e da civilisação!

Ha duas especies de colmeaes: 1.ª, os murados e em fórma circular chamam-se *silhas*; 2.ª, os sem muros, ou simplesmente colmeaes. Cada fila de cortiços chama-se *carreira*.

A *colmeia* consta de: *cortiço, só, tampa, juizes* e *bios*; o *cortiço* de sobreiro é pregado com puas chamadas *bios* e feitos de *esteva* ou *urze*; o *só* é a cobertura do cortiço e a *tampa* é uma pedra sobre o só para segurar o cortiço; *juizes*, são quatro

paus collocados interiormente em fórma de cruz e em duas filas e, finalmente, a pedra, onde se deposita a colmeia, chama-se *assento* ou *alvado*.

Cada colmeia custa de 1$000 a 2$000 réis e cada cortiço 200 réis; o litro de mel 300 réis e o kilo de cêra virgem de 400 a 500 réis. Ha tres especies de cêra: 1.ª, da *cresta*; 2.ª, da *xarça*; 3.ª, *morta*; variando o preço conforme é d'uma ou outra especie.

Os enxames costumam sahir em abril e maio; alguns annos não sahem devido aos rigores do inverno e outras causas. A *cresta* costuma fazer-se em junho, empregando uma picaresca mascara de arame, *luvas* e *lumiaco* ou morrão de lume; a *xarça*, ou segunda cresta, em fevereiro.

Antigamente, ainda não ha muitos annos, Felgueiras era o grande emporio de cêra e mel do concelho de Moncorvo. Mais de trinta cerieiros percorriam as principaes povoações d'este districto e da Beira Baixa, fazendo importantes transacções. Hoje, porém, devido a excessivas contribuições industriaes este ramo de commercio tende a diminuir espantosamente. Actualmente só possuem os felgueirenses activos e industriosos dous lagares da cêra, um commum e outro particular.

Em Carviçaes tambem existiu outr'ora um fabricante de cêra, mas, em virtude das razões acima apontadas, teve de abandonar forçadamente esta industria.

As principaes terras productoras, são: Mós, Souto, Carviçaes, Felgueiras, Louza, Maçores, etc. Toda esta região é assás apropriada para explorações apicolas; mais tarde se tirará todo o proveito d'esta industria, por causa do grande desleixo e costumada rotina dos nossos proprietarios. Para concluir e comprovar esta minha asserção, basta dizer o seguinte: n'este concelho ainda não ha nenhuma colmeia moderna! Exactamente como nos principios da monarchia!

IV

SERICICULTURA

Relativamente a esta importantissima industria nacional, outr'ora tão prospera e hoje tão diminuta, posso exclamar como o vate mantuano: *Campus ubi Troia fuit!* Ha cerca de 25 annos tem esmorecido por completo, já pelo *Bombyx* não ter regulado bem e já por os preços da seda serem extremamente modicos. Senão vejamos: antigamente pagava-se n'este concelho cada 0^k,459 a 480 réis e nos ultimos annos a 200 e 240 réis! Não produzindo tanto o sirgo e vender-se por metade o producto, era fatal o desanimo.

Hoje poucas aldeias e poucas pessoas se dedicam a este ramo de industria. O *casulo* entre nós, chamava-se tambem *capêllo* e *folhêlho*. O *sirgo* soffria quatro *mudas*, sendo cada uma no fim de 8 dias, pouco mais ou menos; cada *alferga* de semente custava ordinariamente 100 réis. Havia tres especies: 1.ª, *branco*; 2.ª, *preto*; 3.ª, *sirgado*; mas o mais usado é o branco, embora se encontrem as outras duas especies simultaneamente.

O *chôco* era feito antigamente nos seios das mulheres e actualmente muitas pessoas *chocam-no* nas suas proprias camas.

Moncorvo e Louza possuiram fabricas de fiação dirigidas sabiamente pelo celebre francez Germont, fallecido ha muitos annos na Louza; depois da sua morte esta industria diminuiu muitissimo n'este concelho e hoje póde classificar-se certamente como uma sombra do passado.

V

PECUARIA

N'este concelho ha esplendidos rebanhos de gado lanigero e caprino e alguns bellos exemplares de gado bovino das duas raças—gallega e mirandeza. Para exemplo da nossa fauna, apresento a seguinte estatistica relativa a Carviçaes: juntas de bois, 15; juntas de vaccas, 100; gado cavallar, 150 cabeças; muar, 12 cabeças; suino, 800

cabeças; lanigero, 1:000 cabeças; caprino, 2:000 cabeças. As povoações mais abundantes em *cria*, são: Carviçaes, Moncorvo, Louza, Felgar, Castedo, Urros, etc.

Ha tres feiras no concelho para transacções pecuarias: Moncorvo, dia 8 de cada mez, excepto se fôr dia sanctificado, que é transferida para o dia 9. Carviçaes sempre no dia 24 de cada mez e por fim Urros. Para reproducção existe no Souto uma *parada* ou posto hippico e azinino; antes de havel-a no Souto era necessario recorrerem a Bragança e ao Mogadouro—a S. Martinho. O concelho exporta muito gado bovino, lanigero e caprino, novilhos para a Beira e carneiros, ovelhas e cabras para Hespanha.

Como supplemento d'este artigo, devo accrescentar algumas linhas relativamente a *ovos* e *lacticinios*; os primeiros são em grande abundancia, devido ás muitas aves domesticas: gallinhas, peruas, patas, etc.

O leite de cabra e ovelha é empregado, além do demasiado gasto em lacticinios, no fabríco do queijo, sendo o melhor o de Felgar, Louza, Moncorvo, Açoreira, Peredo, etc.

O leite é *ordinhado* ou *mugido* para as latas, em seguida lançado em cantaros de barro ou lata e depois transportado a casa, onde se deita em *barranhões* para se coagular por meio do *coalho*. Uma vez *coalhado* expreme-se na *francella* e entre o *aro* e o *cincho* de lata ou de madeira. O sôro chama-se vulgarmente *tabefe;* este, depois de fervido, dá saborosissimos *requeijões* de *panno* ou de *fôrma* de lata ou de barro.

N'este concelho importa-se muito da Beira com o falso nome de Serra da Estrella, sendo a maior parte dos concelhos da Figueira, Fozcôa, etc.

Para melhor comprehensão das materias explanadas n'estes capitulos, julgo conveniente apresentar o seguinte:

VI

COMPLEMENTO

Instrumentos agricolas.—Alavanca, alvião, ancinho, calagouça, calagouço, cangalhas, cantaro, ceitoira, cesta, cestos da agua, cestos vindimeiros, corça, corço, criva, crivo, engarella de bois, engarella de bestas, enxada raza, de ganchos e de bico, enxofradeira, espantalhos, forcada, forcado, foice, gadanha, gancha, gancho, grade, gravasco, machada, machado, maço carreiro, maço pequeno, malho, mangueira, navalhas, pás de madeira e de ferro, pedra d'afiar, picareta, podão, podoa, regador, restello, rodo, sacha, sacho, serra, thesoura, trilho, verdoguilho, etc.

Estatistica de Carviçaes.—*Gado:* Bovino, 15 juntas; vaccum, 100 juntas; novilhos, 100; gado cavallar, 150 cabeças; muar, 12; azinino, 200; caprino, 2:000; lanigero, 1:000; suino, 800.

Differentes industrias: Commerciantes, 8; carpinteiros, 6; latoeiros, 1; caldeireiros, 2; alfaiates, 3; barbeiros e curandeiros, 8; ferreiros, 2; serralheiros, 1; boticarios, 1; sapateiros, 5; albardeiros, 2; serradores, 16; taverneiros, 6; ferradores, 2; hospedarias, 2; etc.

Producções de fructos: Azeite, 1:440 almudes (15 litros); vinho, 2:000 (idem); amendoa, 250 arrobas (15 kilos); batata, 10:000 alqueires (15 litros); castanha, 8:000 (idem); centeio, 20:000 alqueires (idem); trigo, 3:000 alqueires (idem); feijão frade, 1:000 alqueires (idem); feno, 300 carros.

Preços: Azeite, almude, 4$000 a 5$000 réis; vinho, 1$200 réis; amendoa, arroba, 4$000 réis; batata, alqueire, 240 réis; castanha, 200 réis; centeio, 500 réis; trigo, 600 réis; feijão frade, 800 réis; feno, arroba, 200 réis.

Geiras: Lavrador, a lavrar no verão, 1$200 réis e no inverno, 1$000 réis; carro, no verão, 1$500 réis e no inverno, 1$200 réis; de verão dá-se de comer ao lavrador e á cria e no inverno só uma vez ao lavrador. Jornaleiros: azeitona, 240 réis a homens e 120 réis a mulheres, tudo a secco; vindima, 200 réis a homens e 100 réis a mulheres e de comer; segada, 300 a 500 réis a homens e de comer; malhada, 400 réis a homens e 120 réis a mulheres e uma vez de comer. Cavas em todo o anno: 300 réis

a homens, a secco; gadanheiros, 800 réis a secco e 500 réis e comer; serradores e carpinteiros, 500 réis a secco, etc.

Azeite. Terras mais productivas: Moncorvo, Louza, Castedo, Carviçaes, Horta, Açoreira, Urros, Felgar, etc.; *batata:* Carviçaes, Felgar, Felgueiras, Larinho, Louza, etc.; *castanha:* Felgueiras (muita e optima), Carviçaes, Felgar, Louza, Mós e Souto; *vinho:* Moncorvo, Louza, Castedo, Felgar, Carviçaes, etc.; *amendoa:* Açoreira, Moncorvo, Carviçaes, Maçores, Mós, Peredo e Urros; *centeio:* Carviçaes, Mucaro, Felgar, Larinho e Urros; *trigo,* as mesmas; *feijão:* Moncorvo, Carviçaes, Horta, Larinho e Louza; *milho,* só Moncorvo, etc.

Conclusão. — Não obstante não ter noções algumas sobre agronomia, muito mais me poderia espraiar sobre este modesto e despretencioso trabalho agricola, mas julgo-me no imperioso dever de terminar e isto por duas razões: para não abusar da infinita paciencia dos numerosos e intelligentes leitores da *Portvgalia* e para não me tornar excessivamente extenso e insupportavel.

Que outros mais auctorisados desenvolvam com toda a amplitude este importantissimo assumpto, assim como muitos outros d'este malfadado concelho, são esses os meus maiores desejos, como extrenuo defensor d'estes descurados estudos ethnographicos.

Carviçaes. Junho de 1905.

Tavares Teixeira.

ALCOBAÇA ETHNOGRAPHICA

I

AS ROCAS DA MINHA TERRA

As rocas da minha terra documentam varias notas de arte tradicional, de varias origens, accusam symbolos de religiões esquecidas, impressões trazidas de longes terras, por ventura dos nossos descobrimentos aventurosos, talvez mesmo o tempo das velhas castellãs medievaes com o seu cortejo de apaixonados trovadores, e tudo expresso em notas da mais carinhosa phantasia.

Preciosos objectos que o progresso leva de vencida na sua marcha triumphal de conquistador, elles desappareceráo como delicadas joias da poesia e da moralidade das familias, levando comsigo o fundo encanto dos serões d'aldeia, e talvez mesmo notas de grande alcance perante a familia e perante a sociedade aldeã.

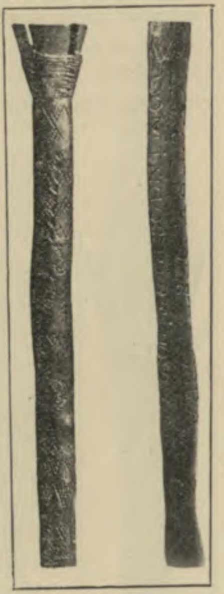
Novas maneiras de trabalho, novas maneiras de ser virão apagar na velha tela da tradição tudo quanto nella havia de mais ingenuo e de mais simples.

Na aldeia não se praticam senão excepcionalmente os impetos brutaes do amor. Ha o amor recatado e feliz, numa ancia de felicidade inconcebida, abstracta e vaga, numa previsão e previdencia ingenua e galante onde, a par das confissões mutuas e sinceras do amor mais ardente e delirante, ha o calculo pratico da vida, e, como coisa á parte, a previa acquisição de tudo o que no futuro constitua o bem estar da familia. Trocam-se e accumulam-se os mais simples e curiosos objectos num amor espiritual e de um real platonismo.

A região serrana da minha terra, onde o homem vive desde os afastados periodos da nossa prehistoria, fica situada perto do littoral e é formada por grandes pregas geologicas que constituem confortaveis abrigos. Por ali deixaram os primitivos invasores

e navegadores notas ethnicas, pequenas colonias, progressos, innovações, e por esta forma se foram accumulando e herdando riquezas ethnographicas de diversas procedencias até ás ultimas colonias francezas, flamengas e allemãs, que pelos seculos XIII e XIV aqui chegavam chamadas pelos frades de Claraval que tinham vindo fundar o mosteiro d'Alcobaça.

Comprehende-se o cosmopolitismo geral, e como consequencia a extraordinaria riqueza que as terras d'Alcobaça representam sob o duplo ponto de vista anthropologico e ethnographico.



Figs. 2 e 3

E é assim que muitas povoações do concelho se distinguem ainda hoje pela entoação caracteristica da linguagem, pelas vivas ou amortecidas côres do vestuario, pelas industrias caseiras, pelas qualidades moraes, e fundamentalmente pela estatura e restantes caracteres anthropologicos. Muito ha que dizer sobre esses diversos ramos da sciencia humana.

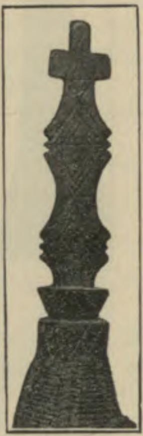


Fig. 1

Por agora limitar-me-ei apenas a fazer o registo de algumas formas de ethnographia mais caracteristicas, para salvar do esquecimento os já bem velhos e bem pouco resistentes documentos que me foi possivel colligir, e que tendem a desapparecer ante a moderna industria nas suas manifestações de progresso e de economia. E esses documentos de uma impossivel conservação pela sua antiguidade, pela materia de que são feitos e, por ultimo, pelo abandono a que foram votados, terão em breves annos deixado de existir.

Iniciarei o estudo d'ethnographia local «Alcobaça ethnographica» com o primeiro capitulo *Rocas da minha terra,* subordinando-lhe por similhança ornamental, por significação amorosa e approximação espiritual definida — os sarilhos e bicos de descamisar.

Enorme e difficil tarefa seria a descripção minuciosa de cada objecto. Serão as palavras substituidas com a maior vantagem pelos desenhos e photogravuras, nem sempre faceis de realisar. E sobre este assumpto convem declarar que muitas e graves difficuldades surgiram diversas vezes para obter matrizes em condições acceitaveis, attendendo á pouca profundidade da gravura, ao gastamento produzido por longo trabalho e, por ultimo, á côr da madeira envelhecida a confundir-se com os traços menos intensos da gravura.

Realisei o melhor que me foi possivel a minha missão salvadora.

Origens. — Procedem os objectos a estudar, de duas fontes inteiramente distinctas: uma, a mais interessante, a mais significativa, a mais valiosa, traduz-se no sentimento amoroso e é o producto de um arduo trabalho por parte do namorado, que deseja offerecer á sua mais amada o valioso presente que é o symbolo do trabalho e da economia caseira. Era sob um estado de espirito muito especial que elle faria nos longos serões, á lareira, sob a esperança de uma felicidade sonhada e longinqua, o valioso presente que era o symbolo de futura felicidade. Era phantasiando e sonhando que elle ia enfeitando a roca e o sarilho d'onde sahiria e passaria o fio de linho e de lã que havia de constituir o abrigo do corpo e o agasalho dos filhos.

Fig. 4

Comprehende-se, portanto, como nesse estado mental, todo amor e carinho, lhe voejasse a phantasia em caprichosas ornamentações symbolicas, nada extranhas aos hieroglyphos do amor, da crença e da religião.

Fig. 6

E com que profundo interesse, com que ardente curiosidade, elle pedia a quem soubesse, para lhe fazer a escripta com que se lia o nome della, para a poder gravar na prenda querida, como uma carinhosa intenção, como um bem nitido exclusivismo! Quanto affecto e poesia traduz esta ingenua phrase que encima a ornamentação de uma roca:

AMOrZINhOI	*Amorzinho I*
MArIA.Mq.ɔ.	*Maria Marques*
MArqUIꞀAɔ.	*Mariquitas.*

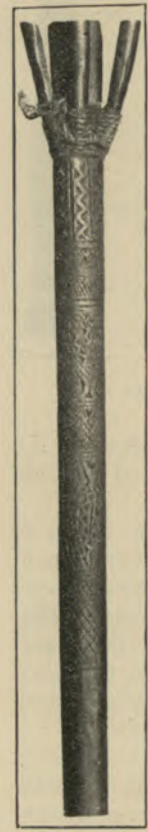


Fig. 5

Ha, além d'isto, uma escripta symbolica que todo o coração d'aldeia lê, sente e comprehende, e nós havemos de, com elle, aprender a lêr essa hieroglyphica amorosa.

A outra origem era puramente industrial, mas satisfazendo sempre ao mais ardente namorado. Nesta forma attinge-se a moderna execução da gravura sem mais material do que um simples canivete, o eterno e universal instrumento de trabalho. Eram geralmente pastores, como Joaquim Bonito, como Antonio Palhaço, o *Vaqueiro,* os ignorados e esquecidos artistas que gravaram algumas das preciosas rocas e sarilhos que se referem neste estudo.

Bonito e *Vaqueiro* podem considerar-se, nas terras d'Alcobaça, dois artistas excepcionaes. Ha nos seus trabalhos, como vamos ver, toda a technica, toda a intuição, todo o segredo e poder ornamental. Ha creações de um extranho arrojo, ha effeitos, equilibrios, harmonias, não faceis de achar, e que na sua originalidade são de um formoso conjuncto.

O espirito creador e phantasista desdobra-se especialmente nas cimeiras, a parte mais visivel e mais em evidencia, aquella que a todo o momento seria admirada por uns olhos queridos; ha ahi a segura preoccupação do bello, em pacientes e felizes execuções, em resoluções de problemas ornamentaes muito preciosos, que a cruz quasi sempre termina como em poetica apotheose. Os fustes, qualquer que seja a sua proveniencia, são quasi sempre inspirados em modelos inteiramente classicos e cujas origens se perdem nas trevas da nossa prehistoria, como aliás quasi toda a nossa ornamentação popular.

Fig. 7

Avassalla o meu espirito um verdadeiro assombro quando vejo a primorosa gravura d'essas creações, levadas a effeito sem nenhuma especie de prévia educação. E perante essas cimeiras de longinqua impressão gothica ou de rapida impressão byzantina, eu vejo como é espontanea e grande a alma artista d'este bom povo portuguez. E vejo então esses pobres e ingenuos pastores, guiando os rebanhos queridos serra em fóra, ouvindo o uivar dos lobos no mais fechado das brenhas, escutando o latir dos cães de guarda na avançada dos mais imprudentes; estou a vel-o então debuxando,

marcando, gravando, largo o pensamento em doidas phantasias, mas na ignorancia do mundo e das coisas: — esquecido e feliz.

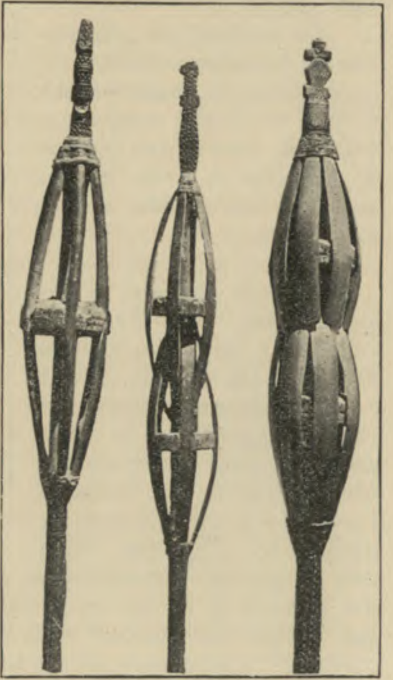


Fig. 9

ORNAMENTAÇÃO. — Da simples observação de qualquer modelo, e especialmente dos fustes, salta inquestionavelmente a impressão de um trabalho prehistorico. Sobresahem, porém, alguns typos caracteristicos onde toda a especie de ornamentação se póde referir como singelas cópias das gravuras em placas de schisto tão vulgares na archeologia nacional, tracejada e variada nas diversas e successivas fachas, como que para quebrar a monotonia da repetição.

O modelo mais completo d'este typo, embora por vezes alternado com diversa symbologia, é o n.º 1 da serie, adiante referido. Noutros modelos da mesma procedencia, com pequenas variantes se repete a ornamentação, que apparece agora com symbolos d'amor e religião e com a representação de diversos animaes (fig. 2). Quasi todos os exemplares que possuo d'esta serie teem uma extensa tarja onde se repete a legenda da fig. 3, variando apenas o nome da possuidora, e com a data.

Fig. 8

JAZUVINA GUILHERMA
MESTRE DESTAOBRA
DOMINGOS.RIBEiRO.30.5.97 [1797]

Ha nesta serie interessantes zoographias do gallo, pavão, peixes, lagartos e cobras, repetindo-se com frequencia o coração nú ou flamejante (fig. 4). A maior representação é a dos ophidios que em alguns exemplares attinge o numero de quatro.

A facha que se repete com quasi certa precisão, nesta serie, e com a mesma disposição, é aquella em que se figura um gallo, uma barca e um peixe, que se interpretam o gallo e a barca de S. Pedro, e o peixe não só attributo de S. Pedro, como pescador, mas ainda como o symbolo inicial do christianismo.

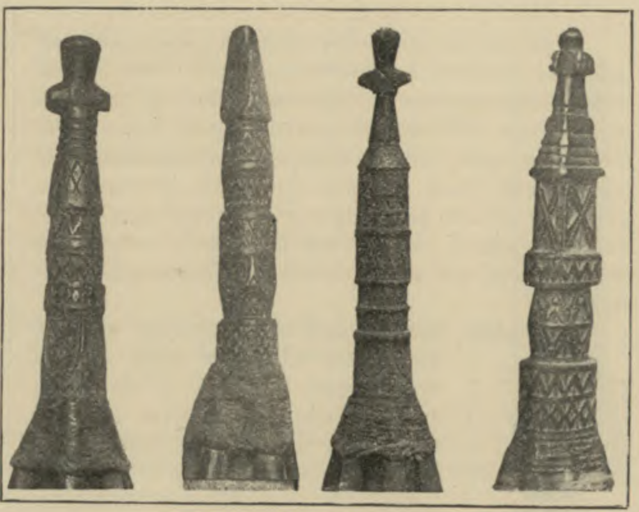
Isto succede em toda a vertente oriental da serra, havendo ahi tres curiosos typos de rocas que aqui registamos.

Fig. 10
Antonio Palhaço, o *Vaqueiro*

Do lado occidental da serra surgem tres artistas excepcionaes, um, esquecido e ignorado, e do qual nem ao menos foi possivel suspeitar o nome. É o que tem por typo de trabalho o que vae representado nas figs. 5, 6 e 7 e onde, na ornamentação do fuste, ha uma nitida impressão de arte micenica (fig. 7). Gravura muito superficial, curvas achadas e tiradas com muita graça e intuição. A cimeira remata este exemplar com um indiscutivel equilibrio artistico.

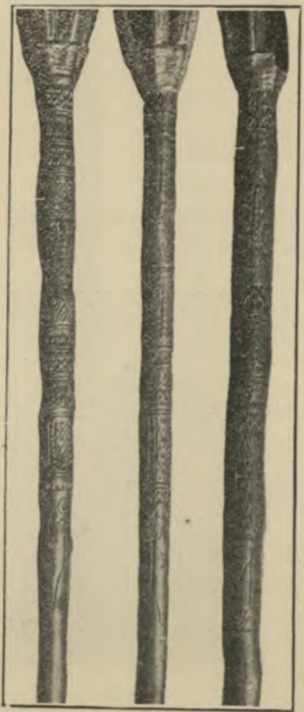
Além d'este ha outros trabalhos de menor valor, e, d'esses, registo apenas o que me parece de mais originalidade (fig. 9).

Os artistas que produziram os melhores trabalhos da nossa collecção, ainda vivem; e, por ser muito original a sua obra, resolvemos agrupar os trabalhos de cada um, no que foi possivel obter e photographar.



Figs. 11, 12, 13 e 14

Antonio Palhaço, o *Vaqueiro* (fig. 10). Um bom velhote de 70 annos, maioral de toiros. Ha mais de 50 que é empregado nesse mister nas vastas propriedades do nosso amigo e grande mestre do torneio a cavallo, sr. Victorino Froes. No inverno, quando os campos se alagavam, subia com as grandes manadas para região serrana e por ahi se conservava até ao exgoto dos campos. E foi na região serrana que mais se conservaram os seus trabalhos, porque foi ahi tambem que mais se demorou a industria caseira de fiação e tecelagem.



Figs. 15, 16 e 17

É natural de Alfeizarão, e ahi vive casado e com filhos.

Agrupando, — sem largos commentarios — a sua obra escolhida d'entre muitas dezenas d'exemplares, julgamos prestar um bom serviço á ethnographia portugueza; e muito é para lamentar que uma grande parte dos seus trabalhos esteja perdida. Concorreu para isso a fragilidade da materia prima, e o pouco valor ligado a objectos cujo uso deixou de ser necessario. Dos que se salvaram e chegaram ao nosso conhecimento, fazem parte da nossa collecção os das figs. 12 e 14, conservando-se outros, e muitos ainda, em mãos certamente avaras da galanteria, ciosas d'estas joias de tão preciosa arte popular.

Os escudos das cimeiras n.os 11, 12 e 13, a que correspondem respectivamente os fustes, são de um extremo interesse, e especialmente os dos n.os 11 e 12, que teem suprema graça e delicadeza.

É muito curiosa a forma como os espaços deixados pelos escudos foram preenchidos, e como foi completa e sem esforço a sua ornamentação.

Onde, porém, este artista toma um inesperado e apartado interesse, é na forma por que nos seus trabalhos conseguiu representar a figura humana. Ha nelle toda uma evolução figurativa, como facilmente se deduz dos desenhos copiados a simples traços, podendo-se conferir algumas figuras nos n.os 18, 19, 20, 21 e 22.

Vê-se, e sem contestação, toda a forma pessoal com que elle, partindo da simples cruz (fig. 18), lhe foi encurvando e quebrando os braços até representar toda a figura humana, segundo a sua

esthetica e segundo a sua interpretação. Curiosa, ingenua, e pouco vulgar forma é esta que um extranho e perdido engenho tão bem soube aproveitar.

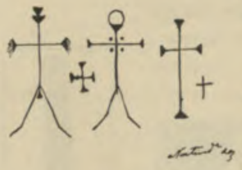


Fig. 18

Do inquerito que lhe fiz sobre a origem d'estas ornamentações, resultou saber que tinha aprendido a *enfeitar* em Alfeizarão, mas como era vulgar sahir com toiros para corridas, por toda a parte onde via coisas bonitas as admirava, e que depois no trabalho d'*enfeitar* se recordava do que tinha visto, e enfeitava como lhe vinha á ideia. É assim que se explica a creação dos escudos que constituem uma das partes mais graciosas da sua ornamentação.

Fig. 19

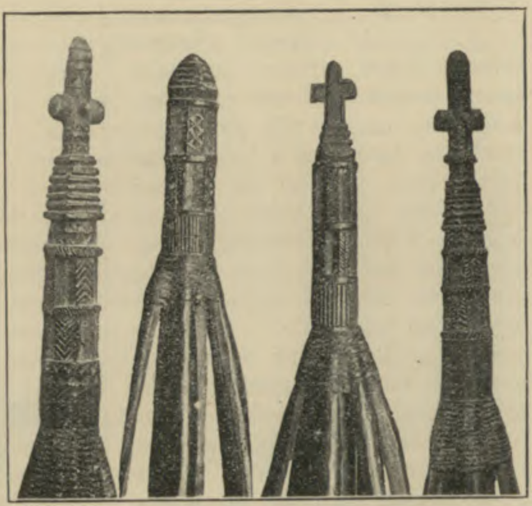
Figs. 20, 21 e 22

Nos tres ultimos grupos, n.os 20 a 22, as figuras humanas sustentam nas mãos penas de pavão, cujo brilho de côres muito deviam ter impressionado o *Vaqueiro*. A parte terminal das mesmas penas, e por ventura a mais brilhante, foi aproveitada como que em resplendores de cruzes.

A collocação do coração em cada figura dos ultimos grupos tem um caracter muito particular. A *chave*, eterno symbolo amoroso, com que se *abrem* os corações, não esqueceu nos grupos em que elles se representam.

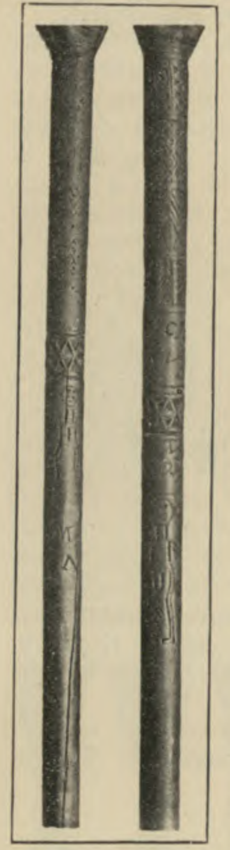
Fig. 23—Joaquim Bonito

Joaquim Bonito (fig. 23). Nascido no Carvalhal de Turquel, conta agora approximadamente 60 annos. Trabalhou nas ornamentações de rocas, sarilhos e bicos de descamisar, e diz não ter havido na sua ascendencia quem o precedesse nesses trabalhos. Arroga a si toda a expontaneidade dos seus trabalhos — o que não julgamos completamente verdadeiro — chegando a affirmar que nunca viu rocas



Figs. 24, 25, 26 e 27

enfeitadas e que começou a fazel-as aos 16 annos, como *entretimento,* quando guardava o gado.


Figs. 28 e 29

Esta falta de sinceridade não nos dispõe muito a seu favor; porque, se observarmos as cruzes terminaes das suas rocas, reconhecemos que em muitas dezenas se repetem os n.os 24 e 27 que nos dão uma longinqua impressão gothica, que elle muito bem podia ter recebido em Alcobaça ou Batalha.

Além d'isto temos repetido em dois exemplares identicos, o sarilho n.º 31, que é perfeito e completamente um obelisco egypcio, variando especialmente nas figuras das bases, cuja disposição e nudez muito recorda os trabalhos de certas raças negras da nossa Africa Oriental.

O mesmo se póde dizer com respeito á evolução figurativa de figs. 34, 35 e 36.

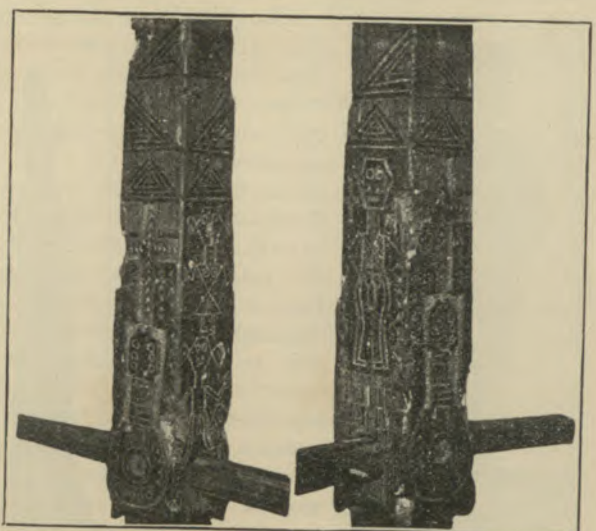
Na ingenua nudez das figs. 32, 33 e 34, como em muitos trabalhos de archeologia prehistorica, e de raças mais retardadas, distingue-se o homem da mulher, pela representação dos orgãos sexuaes, muito intencionalmente representados para não suscitar confusões.

As figs. 34, 35 e 36 formam curiosa evolução terminada na n.º 36, collocada como que em interessante throno.

Fig. 30

Fig. 31

Assaltados pelas duvidas acima expressas, procedemos a diversas investigações sobre se na ascendencia do Bonito, ou nas proximidades do Carvalhal, haveria algum marinheiro ou degredado que trouxesse das suas viagens ou desterro, alguns objectos d'arte africana que aqui fossem imitados. E esta nossa investigação, embora não produzisse resultado, levou-nos a largas pesquizas com respeito ao sarilho n.os 31-33 e, na nossa pequena collecção d'armas africanas, fomos achar um exemplar cujo traçado geometrico muito se approxima do objecto em questão.


Figs. 32 e 33

O sarilho, como se vê nas gravuras, tem, infelizmente, a sua parte terminal protegida por um revestimento metallico que interessa a gravura, deixando apenas a descoberto, resto de um M e a legenda *Bonito*. Surgem no nosso espirito grandes duvidas sobre se este Bonito será o actual. O ornamento geral em nada se approxima dos seus restantes

trabalhos, constituindo um todo á parte; outro exemplar muito identico tem um modo de gravura muito differente, embora de quasi igual desenho; e sobre tudo isto o seu estado material que precisamente indica grande antiguidade.

É indiscutivel que os trabalhos do Bonito teem um caracter muito pessoal e mesmo inconfundivel, mas no meu espirito fica a certeza de que este exemplar foi feito por um seu ascendente.

Figs. 34, 35 e 36

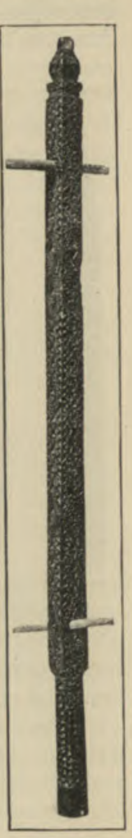


Fig. 38

Na ornamentação geral das rocas, e muito especialmente nas cimeiras, ha muita originalidade. O fuste estacionou no n.º 30, repetido em muitas dezenas de exemplares, e a cimeira podemos dizer que estacionou no n.º 24, que é indiscutivelmente bello.

Apesar de contemporaneos e visinhos de trabalho, os dois decoradores nem se approximam, nem se imitam. O Bonito cahiu na repetição de um unico modelo n.ºs 27 e 30, mas o *Vaqueiro,* embora não variasse grandemente no fuste, variou nas cimeiras com infinita delicadeza.

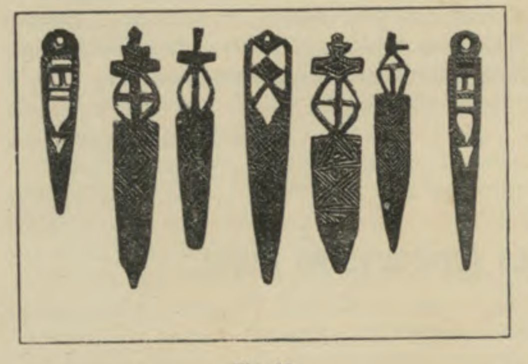


Fig. 37

A arrogancia *artistica* do Bonito leva-o á declaração de que não conhece nem conheceu o *Vaqueiro,* quando é certo que durante muitos invernos seguidos elle veiu guardar os touros para as immediações do Carvalhal, e que é nesta região que existe o maior numero dos seus trabalhos.

Figs. 39 e 40

Deve, segundo a affirmação dos proprios artistas, que nós acreditamos, ter sido de muitas centenas de exemplares o numero dos seus trabalhos; mas, infelizmente, a falta de uso fez com que o tempo consumisse uma grande parte, o desleixo fez perder outra, havendo hoje pequeno numero de bons exemplares e esses mesmos de uma duração muito limitada, como succede com o precioso sarilho n.º 38, em que só as fibras mais resistentes conservam a forma milagrosamente mantida.

Como ponto final ao pittoresco registo das rocas, damos a curiosa serie d'agulhetas, de diversas procedencias, pertencendo ao Bonito os exemplares dos extremos da gravura (fig. 37).

SARILHOS.—Além dos exemplares referidos ao Bonito, temos outros de varios decoradores, sendo o n.° 38 um bom especimen a cuja escola pertence o n.° 39, infelizmente mutilado; o n.° 40 tem ornamentada apenas a sua parte terminal. Sendo aliás um instrumento vulgar, raras vezes era ornamentado, declarando o Bonito que na sua vida apenas fizera tres.

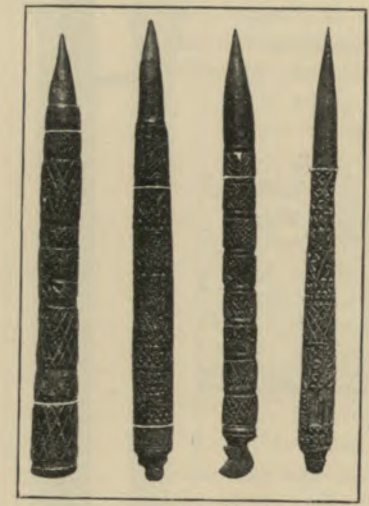


Fig. 41

BICOS DE DESCAMISAR.—Duas substancias eram escolhidas para a manufactura d'estes objectos—a madeira e o osso. Da primeira são os n.os 41 e da segunda os do n.° 42.

Os bicos de descamisar o milho, além da sua origem popular, de curiosa feitura e desenho, constituiram uma industria das cadeias de Alcobaça, Caldas e Ourem, ligada a muitissimos outros objectos de uso popular, em cujo numero entra grande variedade de artefactos, predominando os amuletiformes.

Fig. 42

Dos muitos e repetidos bicos de descamisar que observamos, reproduzimos apenas aquelles que pelas suas ornamentações se tornavam typicos, e d'entre elles destacamos o n.° 2 da fig. 42 que tem todos os caracteristicos de um verdadeiro amuleto.

M. VIEIRA NATIVIDADE.

COSTUMES E TRADIÇÕES AGRICOLAS DO MINHO

II

REGIMEN PASTORIL DOS POVOS DA SERRA DO GEREZ

Em outro artigo, anterior a este e publicado no ultimo numero da *Portvgalia* (tom. II, fasc. 3, pags. 459-72), ficaram transcriptos, com ligeiras annotações, os regulamentos proprios por onde, ha certamente alguns seculos, se regem os povos que estacionam na Serra do Gerez, creando para si um regimen pastoril *sui generis* e constituindo-se, ao mesmo tempo, em um viver social independente que as suas circunstancias especiaes lhes proporcionavam e impunham.

Não é facil determinar nos tempos as origens das povoações que teem o seu *habitat* nas montanhas do Gerez, mas por muitos motivos parece fóra de duvida que ellas existiam já ao tempo da dominação romana.

Tudo o leva a crêr, pela tradição, pelos costumes e ainda pela sua passagem certa n'estes sitios, cortados pela *Geira,* ou via militar romana, do tempo de Tito e Domi-

ciano, que, partindo de Braga, em grande percurso atravessa a Serra do Gerez, existindo ainda nos primitivos logares restos de calçada e numerosos marcos milliarios que permittem, n'uma boa parte, a sua reconstituição.

Comprehende-se que não sejam muitas, nem numerosamente habitadas, as povoações a que me refiro. A pobreza natural do solo agricola, feito quasi só da desaggregação da grande massa granitica que forma a região gereziana, convidava pouco á fixação de povoados, que mal tinham superficie para expandir-se e menos ainda possibilidade de cultura, para se alimentarem, o que constitue condição essencial de vida.

D'ahi a diminuta habitabilidade das serras e a grande miseria de recursos naturaes e monetarios de que sempre viveriam e ainda hoje vivem as suas povoações, apenas estabelecidas n'um ou n'outro ponto onde a montanha, abrindo mais largas clareiras, dava jús ao aproveitamento de mais ferteis nesgas de terreno agricultavel.

Covide, S. João do Campo e Villarinho são, por certo, as povoações mais antigas do Gerez; as restantes teem mais proxima origem, se bem que antiquadas tambem, e muito mais recentes são as Caldas do Gerez.

Memoria ou noticia escripta não ha que alcance para lá de D. João V; porém, em 1886 ou 1887, ao abrirem-se os trabalhos para a captagem das nascentes thermaes e novas construcções junto d'ellas, o apparecimento de numerosas moedas dos imperadores Gallieno e Constancio vieram confirmar que já os romanos, se não usaram, conheceram bem as aguas mineraes do Gerez, não deixando, porém, vestigios de estacionamento duradouro.

Na vertente gallega das Mouroãs, em um grupo de sete marcos existia um de Constancio (milha XXXVII) do anno 305, e no percurso total da Geira, que atravessa a Serra do Gerez, existem marcos milliarios que vão desde Tito e Domiciano (anno 79 da era christã) até Decencio (353 annos depois de Christo).

É de 1735 a data das primeiras edificações que D. João V mandou fazer, as quaes a muito pouco se reduziram e que serviriam apenas durante a epocha thermal, marcada do S. João ao S. Miguel. Eram modestas construcções para o culto, para banhos e para um passageiro e pouco commodo agasalho. Finda a temporada tudo desapparecia do Gerez, que ficava abandonado, edificios e campos, á passagem de algum raro pastor ou contrabandista.

Este estado de cousas manteve-se assim por largos annos, até que ha 40 ou 45, começaram a ficar tambem de inverno, com casa permanente, alguns dos que ali se estabeleciam no verão e que foram os primeiros habitantes, verdadeiros fundadores da povoação das Caldas do Gerez [1].

D'ali por deante outros mais se teem fixado, adventicios que vão augmentando as gerações dos primeiros iniciadores, para o que na maxima parte contribuem o desenvolvimento da secção florestal, da empreza thermal e do posto fiscal ali estabelecidos.

D'esta mistura de proveniencias e diversidade de typos, que auxiliam pouco uma homogeneidade de costumes e de sociabilidade, e ainda por ser de recente data, nasce a falta de originalidade e de velhos costumes a que atraz me referi, não servindo por isso esta povoação como elemento de estudo tradicional. Em todo o caso mais ou menos se acommodam aos usos regionaes, seguindo-os ou não, conforme circunstancias especiaes lhes fazem advir d'ahi conveniencia maior ou menor.

Como se viu já, os gados pastam na serra ou em vezeira pastoreada, ou ao feirio (sem guarda). A serra é a fonte permanente de recursos forraginosos para o sustento da grande massa pecuaria que forma uma boa parte da minguada riqueza d'estas gentes. É uma alimentação gratuita, pois que, mesmo agora, que o *monte* é quasi todo

---

[1] Os primeiros individuos que se fixaram nas Caldas foram Francisco José da Silva (o Botequim), João da Silva Casa Velha e Antonio Alves Rigor, todos casados. Depois, passados 4 ou 5 annos, vieram José Gonçalves Egrejas, Antonio José da Silva Botequim e Fructuoso José Alves, aos quaes outros se teem seguido successivamente. Todos são já fallecidos, menos Francisco Botequim e mulher, os quaes teem de idade, elle 89 annos e ella 84, feitos em dezembro corrente.

propriedade do Estado, o usofructo dos pastos pertence aos povos. Pena é que nunca da parte d'estes, que nos seus regulamentos mostram ter uma certa percepção natural da utilidade que lhes vem da união para o aproveitamento commum da riqueza das serras, houvesse algum conselho ou alguma iniciativa que os encaminhasse para que o regimen pastoril que adoptam se modificasse no sentido de obter o seu melhoramento.

O unico e grande regenerador das pastagens era para estas gentes, e é ainda, o fogo. De 5 em 5 annos, pouco mais ou menos, queimava-se o monte e ainda se queima agora na parte não pertencente ao Estado. Por este meio afugentava-se o lobo e outros animaes damninhos e obtinham-se depois renovos muito apetecidos do gado.

Claro que toda a vegetação se anniquilava por tal processo e as encostas se desnudavam por completo, indo com o tempo até á negação de toda a vida vegetal, tornando-se escalvadas e áridas. Por outro lado a fauna tambem se reduzia. As proprias aves, hoje ainda poucas, eram quasi nenhumas.

Agora, graças á efficaz protecção do regimen florestal, a que grande parte da serra foi sujeita, toda a vida se desenvolve desafogadamente, não sendo raro já deter-se o espirito agradavelmente impressionado ao som de diversos e agradaveis cantares, por aves que alegremente saltam pela ramaria, bem como as escarpadas encostas e imminencias, antes desoladamente núas, ostentam agora as primicias de uma vegetação lenhosa, que promette ser rica e imponente.

A caça aos lobos era até ha poucos annos uma pratica certa e regulamentada, que annualmente se fazia, havendo sitios marcados na serra onde tinham logar as montarias. Eram ordinariamente feitas por conta das parochias.

No Villar para cada anno havia um *monteiro* nomeado pelo regedor, que era o que superintendia na organisação e direcção das caçadas. D'estas, a inicial realisava-se sempre na primeira sexta-feira da quaresma, sem ser preciso aviso ou convocação, porque assim estava estabelecido e o dia a marcava. Quaesquer outras eram indicadas pelo monteiro, que as fazia annunciar por toques de buzina.

Cada casa da freguezia dava um caçador e ao que faltasse era imposta a multa de um pinto (480 réis) ou d'um cantaro de vinho (12 litros). Havia local certo para a reunião dos caçadores, de onde partiam todos para a serra, para o ponto onde tinha logar a montaria. Dividiam-se os batedores em 3 grupos: uns, que estavam nas esperas, silenciosos, escondidos atraz de muros de pedra secca, feitos de proposito para esse fim: eram os que tinham de fazer fogo; outros, divididos em duas compridas alas e bastante distanciados, eram as *esperas de torna* ou *monteadores:* fallavam alto, gritavam, para obrigarem o lobo a fugir n'uma dada direcção, indo lançar-se na bocca onde os outros o atacavam. Eram os que *davam* o lobo. N'isto consistiam as caçadas a tiro.

Havia ainda a caça de *fôjo*. O *fôjo* é uma cova grande e profunda, aberta na extremidade de duas extensas paredes altas e capeadas, com algumas centenas de metros, cuja disposição é a de um angulo de muito larga abertura. Ao fechar o angulo em um pequeno corredor, este tem o fôjo no ponto de convergencia das paredes lateraes, de forma que o lobo, monteado e batido pelas esperas de torna, é obrigado a metter-se entre as duas paredes, ao começo das quaes alguns homens o perseguem a tiro, forçando-o a caminhar para a frente, no sentido da unica sahida que tem e por onde cahe dentro do fôjo, cuja bocca previamente foi tapada com matto e tem no fundo uma porta por onde o lobo é tirado depois de ter sido morto a tiro. Quasi todas as freguezias possuiam o seu fôjo e ainda se encontram muitos pela serra.

Havia tambem as *caçadas geraes*. Eram promovidas pelas camaras precedendo aviso dos regedores. Todas as freguezias em um determinado dia se reuniam na serra, batendo o monte inteiro, a dentro dos limites das áreas que lhes pertenciam.

Havia um outro fôjo denominado *de cabrita*. Em volta de uma rocha, em encosta, fazia-se uma parede de 3 a 4 metros de altura e capeada para dentro; punha-se no penedo um cabrito que, vendo-se só, berrava, attrahindo o lobo; este ia, mas depois não podia sahir, sendo logo morto de fóra, a tiro.

Ha alguns annos que deixaram de se fazer caçadas aos lobos, porque deixaram de ser vistos e de causar estragos nos gados, sendo hoje rarissimo encontral-os.

A freguezia de Villar da Veiga, que tem caminhado na vanguarda em tendencias de progredimento, reconheceu já em documento publico antigo, que do fogo lhe não podiam vir só os suppostos beneficios, antes elle trazia desvantagens, para as quaes pediam severas penalidades, superiores até ás estabelecidas nas infracções aos actuaes regulamentos florestaes; limitavam porém esse regimen a uma pequena parte, junto da povoação.

Ha poucos annos tambem, em requerimento feito aos serviços florestaes, a junta de parochia, *reconhecendo os beneficios da arborisação,* pedia uma porção de semente de pinheiro para povoar uma parte dos seus baldíos. Segue um documento de agosto de 1800, interessante e util para os presentes estudos e que diz respeito á freguezia de Villar da Veiga, notando comtudo que já na escriptura de união da freguezia de Covide se encontram disposições similhantes em muitos pontos:

«Dom João por graça de Deos Princepe Regente de Portugal e dos Algarves d'Aquem, e d'Alem Mar em Africa, e de Guiné &. Faço saber, que os Lavradores da freguezia e Lugar de S. Antonio do Villar da Veiga Concelho da Ribeira de Soás Comarca de Guimaraens: Me Representarão por sua petição, que a sua freguezia se achava situada nas fraldas da extença, e escabroza Serra do Geres, e para a Cultura de seus bens, e p.ª a sua subsistencia e de seus Gados, e de Colmeias; necessitavão de que huma parte do Montado que hera commum contigo ao mesmo Lugar; lhe seja Coutado por demarcação, e vedado para nele se não arencar Torgo para Carvão, nem outro uzo pela rais, nem se cortem Arvores pelo pé, e nem se arranquem, e que nem no dito Montado se lance fogo para assim se conservarem as Lanhas; as Colmeias, os Pastos, e Estrumes p.ª a conservação publica, e dos Supp.es e dos seus Bens, e Gados devendo principiar a dita demarcação ou Circuito principiando nas Areias das Mestras por todo o Rio Cavado athé o Regato ou Ribeiro de Affonsis, continoando daqui pelo meio do Corral da Cova; Chão de Ventusello, Tadornella; Collo de Outim, Eira do Rey; o Regato, ou Ribeiro de Cova athé o Tojo; e daqui á Janella do Trabaço athé fichar nas ditas Areias das Mestras, devendo se igualmente impor a qualquer transgresor, e por cada ves a pena de trezentos Cruzados para o acusador, e a terça parte para a Camera, e mais trinta dias de Cadeia, em atenção a ser a Causa publica em beneficio do Estado: Pedindo-Me lhes fizece Mercê conceder-lhe Provisão para o dito effeito: E visto seu requerim.to e informação que Mandei tomar pelo Provedor da Comarca de Guimarãens ouvindo os Officiaes da Camera Nobreza e Povo respectivo que não tiverão duvida, como tambem a não teve o Procurador da Coroa a quem se deu vista; e constar pelo Auto da Vistoria que o terreno que se demarcara aos Supp.es hera o mesmo que elles requerião, no que não causava prejuizo algum ao Publico, nem particular: E tendo concideração ao todo o referido: Hey por bem fazer Mercê aos Supp.es de lhe conceder a faculdade necessaria de poderem Coutar a parte do Matto commum da Serra do Geres de que fazem menção e que lhe foi demarcada; para que n'elle se não arranque Torgo, nem cortem Arvores pelo pé, nem Lancem fogo, reduzida a pena Suplicada a quantia de seis mil reis, e pela reincidencia a doze mil reis pagos da Cadeia. Pelo que Mando as Justiças a que o conhecimento desta Provisão pertenser, a cumpram e guardem como nella se contem e valerá posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno sem embargo da Ord. L.º 2.º F.s 40 incontrario: Esta Provisão se trasladará nos Livros da Camera para constar a todo o tempo que Eu assim o houve por bem. De que pagarão de novos direitos dezaseis mil e oitocentos reis, que se carregarão ao Thezoureiro delles a fl.s 158 v do L.º 19 de sua receita, e se registou o conhecimento em forma no L.º 62 do registo Geral a fls. 177. O Princepe Nosso Snr o Mandou pelos Ministros abacho Assinados do seu Concelho, e seus Dez.res do Paço. José Joaquim Curvo Semedo a fes em Lisboa a trinta de Agosto de mil e oitocentos annos. Desta mil e dozentos reis, e de Assignaturas mil e seiscentos reis. João Pedro Federico Ludovici, a fez escrever. Joseph Joachim Sor.ª Godinho —Alexandre Jose Fr.re Castello José Alberto Leitão.»

Um costume antigo existe entre as freguezias de Villar e Campo e que procede d'uma rivalidade: qual das duas vezeiras terá o touro mais possante.

Ambas possuem seu curral em Leonte, de forma que sempre no começo das vezeiras costumam lançar os dois touros a *turrar,* obrigando-os á lucta, que de uma e outra parte tem bastos admiradores. Por vezes os touros brigam valentemente e já tem succedido ficar ali algum ferido de morte; como consequencia, tambem não poucas vezes os homens de um e outro lado armam disputa, que nem sempre acaba á boa paz.

Está estabelecido que se o juiz de Villar resolver que se não consinta a *turra,* esta se não realisará; não havendo determinação especial, é ainda assim preciso que algum vezeiro a auctorise. É muito atrazadora esta pratica, feita unicamente com o

intuito de gozar o espectaculo, verdadeiramente digno de Nero, sem que ao menos aproveitem d'elle o ensinamento das vantagens de uma especial selecção, reconhecendo para as funcções de reproducção as qualidades de superioridade manifestadas na lucta pelo triumphador. Ha apenas o prazer de assistir a uma briga, em que os espectadores attestam uns restos que ainda lhes giram da tradição romana e em que o circo é transportado ás alturas da Serra do Gerez.

Além das especies pecuarias a que me tenho referido, fazem ainda os povos serranos do Gerez a exploração de uma outra cuja cultura tem uma relativa importancia local: é a das abelhas. Os cortiços são muito pequenos e cobertos de colmo, talvez motivado isto pelos frios e neves da região, obrigando assim os enxames a aconchegarem-se mais para temperarem o interior de suas vivendas. Agglomeram-se em quantidade maior ou menor, cercados de vedação de muro de pedra solta, para ficarem defendidos dos fogos e gados.

Aos colmeaes chamam-lhes *silhas*. Dar-lhes-hão esta nome por analogia, por serem apertados em volta pelo referido muro ou cinta de pedra?

Nos regulamentos das vezeiras e na linguagem d'estes povos apparecem termos por elles empregados, além d'aquelles a que me referi já no primeiro artigo, que se não encontram nos diccionarios, achando por isso conveniente reproduzir alguns para intelligencia dos leitores e de quem com os mesmos povos haja de tratar:

Abalou-se; deu-se de pérda; teve uma abaladura—é o mesmo que—abortou; teve um aborto.

Boccânho—Chama-se assim a um lapso de bom tempo em dia de chuva, ou a uma aberta de sol em dia nublado ou chuvoso.

Côcão—Espaço da Serra, ás vezes de muito grande extensão, fechado por obstaculos naturaes (rio ou ravina profunda, montanha inaccessivel, etc.), permittindo apenas uma entrada, tapada a qual os gados, uma vez ali lançados, não mais podem sahir. Utilisam-se para os gados ao feirio, abandonando-os ahi os donos mezes seguidos até os irem buscar, ou de tempos a tempos vêl-os.

Colládo—Garganta entre dois montes.

Croça—Capa de palha para abrigo da chuva, a que em outras regiões se chama *palhoça* ou *coroça*.

Estivada—Preparação das terras depois das segadas do centeio para as sementeiras do milho.

Gâvedo—Qualquer vaso ou recipiente para solidos ou liquidos.

Mariólas—Pedras pequenas e outros signaes collocados sobre outras maiores, que as tornem visiveis e servem para indicar aos pastores os caminhos quando tapados pela neve, ou marcar outros pontos de passagem em sitios onde não haja caminho aberto.

Moscadouros—São certos collados que no verão os gados procuram á hora do calor para se refrescarem e evitarem a perseguição e picadas das moscas. Em regra sitios elevados onde corre sempre alguma viração.

Poios—Cabeços elevados.

Sibíco—Pequena porção. (Um sibíco—um bocadinho).

S. Miguel—Nome generico que se dá ás colheitas do outomno, principalmente á do milho. (Recolher o S. Miguel—recolher o milho).

Soberano—Cria bovina depois de desmamada (3 a 4 mezes).

Tomada—Porção de monte, conservado ordinariamente a matto, vedado por muro de pedra ou ramos de arvores. (De *tomar*, apropriando-se cada qual, em outros tempos, da parte de baldio que lhe convinha?)

Dictado agricola da região: Carvalho no carro; castanheiro na mão. Refere-se ás condições de exito provavel na transplantação d'estas arvores.

Vendiço—Corrupção de adventicio.

Contractos.—No regimen de gados ha varias fórmas de contractos, sendo os mais vulgares *a perdas e ganhos,* ou só *a ganhos*. Em qualquer dos casos dão-se a meias, comprando-os uns *(senhorios)* e sustentando-os outros *(pensadores)*. Quando resolvem vendel-os, os ganhos, se os ha, são repartidos por egual. O ganho é o que os animaes rendem a mais do *casco,* que é o nome que se dá ao seu custo.

Havendo perdas, isto é, havendo diminuição de valor, desastre ou morte, a parte que recebeu o gado indemnisa em metade o valor da perda.

Lagares.—No Villar e outras freguezias ha lagares communs para a fabricação do azeite. Os direitos de propriedade dividem-se em quinhões, tambem chamados sortes ou peças, tendo cada um dos compartilhantes um ou mais quinhões.

No Villar da Veiga o lagar tem uma organisação muito similhante á da vezeira: ha juiz, procurador e junta ou accordo, composto de 6 membros (os 6 *homens do accordo)*. O juiz é tirado por escala, que já vem seguindo de ha muitos annos entre os individuos casados da freguezia, conforme a ordem chronologica por que esses casamentos se teem realisado desde o começo.

Para se dar principio ao serviço do lagar faz-se um *chamado* (convocação), mandando o procurador avisar todos os quinhoeiros, e n'essa reunião marca-se a abertura do lagar e o dia em que elle se deve limpar e preparar e metter-lhe a agua. Estes serviços são feitos por todos, levando cada um 1 quarto (5 litros) de azeitona para a primeira moedura, ficando assim as ceiras e todos os utensilios untados e aptos ao funccionamento. Chama-se a esta operação *enfarnar* o lagar.

O azeite que da operação sobeja é dividido depois tambem por egual entre todos. O juiz e o accordo são quem determina e providenceia em todos os serviços do lagar, fiscalisando para que não entre azeitona de estranhos, impondo multas, etc. Quem faltar aos chamados ou aos serviços determinados é multado. Fóra do lagar ha um deposito coberto, fechado, para onde correm as aguas ruças da tarefa e do pilão e que corresponde ao inferno de alguns lagares. Chamam-lhe *lagarêta*.

No começo da epocha a lagarêta é arrematada em leilão entre os socios e o que arrematar fica com direito ao azeite que, tendo-se escapado das sangrias das tarefas, póde depois obter por decantação. Este rendimento, pago em dinheiro, é applicado ao custeio das despezas, reparações do lagar, compra de ceiras e utensilios, etc., e quando esse e qualquer outro dinheiro existente não cheguem, é a differença rateada entre todos proporcionalmente.

A ordem de utilisação do lagar é á roda, começando em um anno por cima e em outro por baixo da freguezia. Cada visinho avisa o que se lhe segue á medida que se vão servindo.

Aguas.—Ha aguas communs de rios, ribeiros e ravinas *(aguas partidas)* e que se destinam á rega de differentes veigas ou campos cultivados onde muitos teem partes, divididas apenas por alguns regos. Nas veigas é que a agua é repartida em tantas partes ou regueiras quantas são precisas para facilitar a rega das differentes sortes, leiras ou talhões. A rega é feita *á vez*, esperando sempre um quinhoeiro que aquelle que o antecede acabe a rega para tomar conta da agua.

Afim de regular o uso d'estas aguas e marcar o dia para as metter nas veigas, limpar as levadas, etc., reunem-se os interessados, deliberando em commum sobre esses assumptos. Este é o regulamento das aguas das veigas. Ha ainda as aguas de lima e rega, que são levadas pertencentes a dois e mais proprietarios, tendo o direito a ellas repartido por dias e horas da semana.

Outros teem o direito ao uso de agua de *torna a torna*, que é o que mais póde *tornar* (metter a agua no seu terreno). De torna a torna não teem dias marcados, de fórma que succede muitas vezes que, mal um tem encaminhado a agua para as suas terras, já outro visinho as tem cortado para as d'elle. Isto dá origem a graves conflictos, tão frequentes no Minho, e que por vezes acabam pela aggressão de que resultam, não raro, mortes.

Vessadas.—São os serviços de lavoura e sementeira em commum, gratuitos. Faziam-se reunindo-se os individuos que cada proprietario convidava, cujo numero ás vezes se elevava a 20, 30 e mais pessoas, as quaes ficavam por esse facto no direito de serem por elle servidas em egualdade de circunstancias.

Para o gado seguia-se o mesmo processo e regra, sendo gentes e gados sustentados pelo proprietario. Estão cahindo em desuso, fazendo-as cada um apenas com as pessoas de familia e o menor numero de extranhos.

Cavadas.—Vessadas em que os serviços, como o termo indica, são só de enxada.

Segadas. Malhadas.—Ceifa e debulha do centeio.

Esfolhadas.—Descamisas dos milhos nos campos ou nas eiras.

Todos estes serviços, bem como outros (colheita de linhos, vindimas, pizadas, carretos de productos, etc.), eram gratuitos, feitos em commum e retribuindo-se mutuamente. Eram serviços de *torna*. N'elles havia sempre, da reunião de homens e mulheres, de rapazes e raparigas, a dominante nota da alegria e dos cantares do Minho, animados ainda pelas liberdades que todos se permittiam, tradicionalmente conservadas e que o uso tornava toleraveis.

Nas arrancadas dos linhos os rapazes, tombando e rolando sobre elles as raparigas, *talhavam uma camisa;* egual liberdade se permittia nas malhadas; e nas esfolhadas appareciam rapazes mascarados, divertindo-se e intrigando com a sua presença e ditos a assistencia.

Estes costumes porém estão quasi de todo decahidos, talvez por se irem tornando inconvenientes e licenciosos.

Não era só para o regimen pastoril e para a regulamentação de outros usos agricolas e mesmo sociaes que nas povoações da serra se adoptava o communismo como meio de melhor realisarem todos os interesses que se prendessem com a vida collectiva. Nem só dos bens materiaes e da terra elles cuidavam entre todos por cada um e cada um por todos: egualmente procediam e usam ainda para tratar dos bens da alma. Assim, reunem-se tambem para rezar, organisando *rezadas*.

Comquanto venha pouco a proposito, não fecharei comtudo este artigo sem descrever uma rezada em Villar da Veiga. No dia 20 de janeiro de cada anno, sem ser preciso aviso ou convocação, porque o dia e o costume o marcam, reune-se o povo da freguezia em um lugar já certo, ao ar livre, a fim de fazerem uma rezada ao Martyr S. Sebastião. Todos, homens com a cabeça descoberta, mulheres e menores das diversas casas da freguezia e das povoações visinhas que á mesma pertencem, se dispõem, uns sentados, outros de pé, sendo a hora da reunião annunciada por um repique no sino da Egreja.

A presidencia para o acto faz-se por escala, já antiga, entre os homens casados, seguindo-se annualmente a ordem chronologica dos casamentos para assim servirem á roda todos os casados. Este presidente ou mordomo, reunidos todos, toma então a palavra e pelo rol que tem, diz: «F... é obrigado a rezar ao Martyr S. Sebastião um Padre Nosso».

O individuo nomeado avança, ajoelha no meio do terreiro e de mãos postas todos rezam o Padre Nosso, dizendo antes o presidente: «Em louvor do Martyr S. Sebastião».

Se succede da mesma casa haver mais do que uma pessoa (marido, mulher, filho ou creado) quatro, por exemplo, o nomeado ao levantar-se, diz: «Estamos quatro». Então o presidente, diz: «Em louvor do Martyr S. Sebastião quatro Padre Nossos» e as quatro pessoas ajoelham, rezando-se quatro Padre Nossos. E assim successivamente, até terminar a rezada. O dia considera-se santificado até que a reza termine, ninguem trabalhando senão depois d'isso.

A este presidente pertence tambem acompanhar os enterros com a cruz, acompanhar o abbade pela Paschoa na colheita do folar e acompanhar o Viatico. Quando algum a quem pertença não queira desempenhar taes encargos, paga 3 ou 4 mil réis a quem o substitua n'elles.

Esta é a rezada de S. Sebastião, mas fazem-se ainda outras, a todas as quaes succede ressentirem-se da decadencia em que vão cahindo outros costumes tradicionaes, havendo já muitas rezadas em que falta a representação de muitas casas. É no fim d'esta rezada que se arrematam as esmolas em generos (azeite, vinho, grão, carne, etc.), dadas aos differentes santos que teem festividades na freguezia e que são levados pelos thesoureiros das respectivas commissões.

Gerez. Dezembro de 1907.

Tude M. de Sousa.

OS PUCAREIROS DE OSSELLA

Vão a desapparecer os ceramistas populares da freguesia de Ossella, no concelho de Oliveira de Azemeis e districto de Aveiro. Do não mui remoto e numeroso grupo de oleiros subsistem apenas dois no logar do Mosteiro, da freguesia alludida, e outro, de lá destacado, no logar de Barbeita, freguesia de Castellões e concelho contiguo de Macieira de Cambra. É, pois, uma industria local que se extingue á mingoa de recursos. A exiguidade dos lucros desviou os oleiros para outras occupações, limitando-se os que sobrevivem a venderem os seus *pucaros* negros nas feiras, e associando interpoladamente alguma agricultura ao seu descaroavel mistér.

Para fixar a lembrança d'esta rustica profissão moribunda, uma breve annotação tem seu logar. Os actuaes oleiros empregam dois barros, necessarios para a plasticidade e consistencia; um buscam-o em Lordello, freguesia de Villa Chã do Cambra e o outro em Bustello do Caima, na freguesia de Ossella. Misturados e pisados a maço e em secco n'uma pia de pedra, peneirados depois e por fim amassados á mão e com a agoa que baste, está prompta a pasta para ser modelada. A roda, assente e movente sobre o eixo do trabul, é a mesma, em configuração e dimensões, que se encontra nos arredores de Amarante e em Baião *(Portvgalia,* II, 75). Com o fanadouro (Id., 76) alisam as superficies. E uma vez seccas as loiças, a cocção effectua-se em covas (Id., 76 e fig. 5), durando umas 3 ou 4 horas, empregando-se, como combustivel, achas e caruma, e abafando-se a fornada com terra antes de se levantar definitivamente o vasilhame.

O schema fundamental das vasilhas é a oval sabida (Id., 77), maior ou menor, azelhada ou sem ansas, predominando as panelas, os cantaros, as caçoilas e, nomeadamente, os pucaros. Ornamentação incisa insignificante ou nulla.

Tempo houve — e os vestigios perduram — em que, influenciados pelas loiças beirãs provindas de S. Pedro do Sul (?) e de Molellos, alguns aperfeiçoamentos se accusaram no fabrico local. Variaram, melhoraram e crearam-se novas formas, incluindo as bilhas de segredo, bules e assucareiros. Adoptou-se em todo o vasilhame o brunido, conseguindo-o o oleiro com a fricção d'um seixo na peça antes de ir ao fogo, á altura em que a consistencia da pasta permittia a applicação sem o perigo de a amolgar. E por fim multiplicaram-se as ornamentações incisas, geometricas ou floraes, accentuadamente com o aspecto das de Molellos, e sempre, na recta ou na curva, em linhas interrompidas.

Para as effectuar o oleiro dispõe de varias *pintadeiras*. E a pintadeira é um cone recto de madeira muito allongado (eixo $=0^{m},1$; diametro da circumferencia da base $=0^{m},015$), com entalhas mais ou menos numerosas e profundas na peripheria da base. Tomando o utensilio pelo vertice e fazendo-o correr pela gola ou bojo, realisando, a um tempo, successivos movimentos de rotação, assim se imprimem, consoante o modelo ou phantasia do louceiro, as decorações incisas e interrompidas: só gravam, é bem claro, as saliencias das entalhas. Os similes encontram-se na *conteira* de Prado *(Portvgalia,* I, 238) e n'um utensilio analogo usado pelo ceramista romano.

As aptidões do exilado de Barbeita e d'um dos oleiros do Mosteiro — cujo pae já fôra barrista de fama e galardoado na Exposição ceramica do Palacio de Crystal, em 1882 — confirmam os vaticinios sobre os progressos formaes e decorativos do vasilhame popular, se outro fôsse o aprendisado e mais remuneradora a occupação. Despremiada, porém, como se sabe, e impotente na concorrencia com outros artefactos, mesmo a despeito da sua inverosimil baratesa, esta olaría regional em breve succumbirá, restando apenas na geração que passa a reminiscencia dos antigos «paneleiros», ou, como mais frequentemente os denominam, dos *pucareiros* da Ossella.

R. P.

COSTUMES ALGARVIOS

O VESTUARIO

Nada mais incaracteristico do que o vestuario no Algarve, sem uma unica nota typica, sem o minimo tom de originalidade. Verdade seja que o mesmo se dá por esse mundo fóra onde a civilisação—eu chamar-lhe-ia antes selvageria—vae lançando para o montão das cousas velhas esses trajes de côres variegadas e de feitios tão diversos que faziam a alegria e o encanto dos nossos avós. A moda, esse tyranno, como todos, grosseiro e cruel, que empurra desapiedadamente tudo quanto, na sua passagem, se oppõe aos seus caprichos tolos e estupidos, levou de vencida o antigo trajar, na sua maioria, d'uma belleza verdadeiramente fascinante, e substituiu-o por umas cousas sem gosto nem graça. Aqui, como na Hespanha, como em toda a parte, a maldita moda, se ainda o não fez, não tardará muito que não faça desapparecer por completo essas vestes garridas que variavam de região para região.

Sob o ponto de vista do vestuario ha que fazer-se uma distincção: ou se trata da mulher da cidade ou da do campo. A da cidade, quer pobre, quer rica, veste geralmente da mesma forma, isto é, consoante os figurinos francezes; a differença está na qualidade do tecido: a capa mais ou menos comprida e o chapeu tambem mais ou menos enfeitado, consoante as ordens de Paris. Quanto á mulher do campo (fallo da pobre, porque não só a rica, senão tambem a remediada, começaram já a ser atacadas do prurido de trajar conforme as senhoras), no que a acompanha tambem a de infima condição da cidade, o seu vestuario compõe-se, afóra a camisa e o saiote, de panno grosseiro e aspero, de saia de chita, d'um ou varios matizes, casaveque de fazenda quasi sempre igual á do vestido, chaile, na maioria das vezes de côr clara, e lenço de sêda para as de mais alguns haveres e nos dias festivos, de lã ou chita para as mais pobres e em dias de semana. Por sobre o lenço costumam muitas do campo pôr um chapeu d'homem, ás vezes preso ao queixo por uma fita, o que lhes dá um aspecto nada agradavel.

O espartilho—esse inimigo figadal da saude e robustez que a moda lhes impõe—é substituído, nas camponezas e em muitas da cidade, por um simples collete de panno crú ou entrançado que lhes dá uma tal ou qual elegancia, sem os inconvenientes do espartilho. Este mesmo—parece-me poder affirmal-o—no geral é mais reservado para visitas ou passeios, sendo o collete de uso diario e constante.

Não tem a mulher do Algarve paixão tão viva e intensa pelos adornos e enfeites, como a do norte; umas simples argolas ou botões d'ouro para as orelhas, um annel ou dois do mesmo metal para os dedos e um bom cordão para o pescoço constituem todo o seu luxo, cifrando-se na acquisição d'este ultimo todas as suas ambições, os seus mais ardentes sonhos desde a juventude.

Os homens, se são do campo ou trabalhadores, usam geralmente a jaqueta e o chapeu braguez; d'ahi para cima dominam os figurinos. Nos velhos, ha annos, ainda se via a chamada calça de alçapão, isto é, uma especie de calção que tinha, em vez da actual braguilha, um quadrado de panno que se abotoava d'ambos os lados; cobriam-lhe o resto da perna umas polainas de roupa, assertoadas atraz; hoje este traje desappareceu por completo.

Um uso que tambem predominava em todo o Algarve, não ha muito, e ainda não desappareceu por completo nas mulheres, apesar das prohibições, era o do chamado capote, do qual se serviam ambos os sexos. Consistia este numa especie de capa a toda a altura do corpo, com uma longa romeira pendente sobre as costas. As mulheres, porém, usavam-o d'uma maneira muito singular: levantavam a aba direita sobre o hombro esquerdo a vir cahir no lado opposto, enrolavam depois nella, por completo, cabeça

e rosto, fazendo uma especie de tubo ou oculo diante dos olhos. D'este modo viam tudo quanto se passava em volta d'ellas, escondidas naquelle reducto de panno, sem poderem ser vistas, aguçando assim a curiosidade e quiçá os desejos de quem as via passar, todas lépidas e saracoteadas, mostrando uma meia muito alva ou um pé elegante. Em Faro e arredores aquella especie de oculo era de dimensões muito menores e formado por uma mantilha posta na cabeça a cahir sobre o capote: dava-se-lhe o nome de biôco. Era o capote um traje tão indispensavel que fazia parte do enxoval d'uma noiva e, com o respectivo lenço de cambraia, constituia, ha cincoenta annos a esta parte, o luxo ainda da mais rica, que, assim vestida, se apresentava á frente dos convidados que a acompanhavam a pé ao templo onde ella ia receber por esposo aquelle a quem consagrava affecto intenso ou que o interesse e a conveniencia lhe impunham.

Como reliquia do antigo trajar, lá de raro em raro se encontra um velho camponez com a sua camisa de linho, muito branco e espesso, preparado em casa, com as suas pregas no peito, os botões de forma conica, feitos da mesma fazenda e, a prender os collarinhos, dois outros d'ouro, ligados entre si por uma cadeiazinha do mesmo metal.

No littoral do Algarve a mulher usa em geral meias, na serra, porém, é vulgar dispensarem essa parte do vestuario e trazerem as pernas nuas; cobrem-lhes os pés quasi sempre sapatos grosseiros, usando só nas occasiões solemnes botas ou sapatos de cabedal mais fino. É frequente verem-se as mulheres do campo, quando véem á cidade, antes de entrarem nesta, trocarem os sapatos grosseiros de que se serviram no caminho por outros mais finos, repetindo a operação, ao regressarem a casa, certamente por economia. Só muito raramente se vê uma mulher descalça, e isso apenas se observa n'alguma mendiga ou extremamente indigente. Já não succede o mesmo com os homens, especialmente os da classe maritima, sobretudo quando se entregam aos misteres da sua profissão.

J. J. Nunes.

OS PREGÕES D'ELVAS

O Padre Raphael Bluteau, na Parte II do *Supplemento ao Vocabulario Portuguez e Latino,* referindo-se aos «Pregões de cousas, que se vendem nas Cidades», diz assim:

«Os pregoens em Lisboa mais usados são os seguintes: *Quem quer hum par de varas de caça, hum par de varas de Hollanda:* Isto dizem as criadas das mulheres, que vendem com huma cesta á cabeça, chea de pannos de Hollanda, Inglaterra, India, &c. — *Ha sem sal de posta:* He o pregaõ das Regateiras, que vendem sardinhas, querem dizer que são frescas, e taõ grandes, que se pódem fazer postas dellas. — *Ha sem sal, como cavalla:* Querem dizer, que saõ taõ grandes como o peixe, a que chamamos *Cavalla;* ou querem comparallas com o dito peixe, por terem semelhança no feitio; mas nunca nomeaõ *Sardinhas.* — *Ferro velho, Estanho velho, Lataõ para vender, Passamane de prata, Galaõ velho:* He o pregaõ dos que compraõ pela Cidade ferros velhos, &c. Trazem ordinariamente as capas traçadas à canhota, do braço esquerdo para o direito. — *Marcay cal* ou *Marcay quel:* Dizem as mulheres, que vendem pedras de cal, para vender, querem dizer, *Compray cal.* — As mulheres, que vendem favinhas frescas dizem: *Tenho rica Sirîa,* ou *Cirîa.* — *Idos,* carregando no I, he o pregaõ das negras, que vendem *Tramoços.* — *Biú,* ou *Carbiú,* era o pregaõ dos que vendiaõ sacas de carvão, que traziaõ às costas. — Os que vendem peneiras de toda a sorte, trazem de ordinario vinte, ou trinta peneiras, metidas humas pelas outras em hum circulo grande, que trazem às costas, e o sinal para serem chamados he tangerem apressado hum pandeiro. Os que vendem pannos de linho, com seu fardo ás costas, sustentado por hum pao, que he sua vara de medir, dizem *Mercay panos medir,* dizem, *Mercay panos de linho.*»

O *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1875,* reproduzindo, num artigo intitulado *Pregões de Lisboa,* algumas d'aquellas informações de Bluteau, accrescenta:

«Hoje os pregões variam. Apregoando sardinhas dizem as vendedeiras: — *É salgadinha da costa!* ou — *E' canudos de prata! Viva sem sal!* Os vendedores de fructas: — *Amoras da horta! Um par de melões! Melancias da Varzea! Reaes figos tenho! Figos de capa rota!* ou *Quem quer figos, quem quer*

almoçar! As pretas que vendem mexilhão guizado declaram:—*Erre! Erre!* e algumas accrescentam: —*Com seu alho alho e seu sarabugalho, e azeite de Santarem que é pouco mas sabe bem!* As que vendem fava secca cosida e temperada apregoam:—*Fava rica!* As que vendem castanhas cosidas dizem: —*Quentinhas d'erva doce!* Tramoços:—*Tramoços salaios!* Nabos:—*Mão de nabos!* Os aguadeiros dizem:—*Haú!* para significar agua.»

Julio Machado, num dos excellentes folhetins que publicou no periodico *A Revolução de Setembro,* e que reproduziu no seu apreciavel livrinho—*Trechos de folhetins,* notou, e com amoroso enthusiasmo, o graciosissimo pregão das varinas vendendo sardinha:—*Biba! Bibinha! Quem a quer bibinha?*

No *Cancioneiro de Musicas Populares para canto e piano,* dos srs. Cesar das Neves e Gualdino de Campos, foram dados á estampa, e com a respectiva musica, sete apregoados classicos, sendo quatro da cidade do Porto:

—*Sabão a vintem, quem merca sabão?*—*Quem compra sapatos, quem compra botinhas?*—*Quem compra vassouras?*—*Louça de folha barata, quem merca louça de folha?*—; um de Lisboa:—*Castanha cosida, quem as quer quentinhas de herva doce?*,

e dois das vareiras:

Merca melões de Coimbra, tão bons, merca melões de Coimbra?—*Merca o mexilhão d'Aveiro?*

Que me conste, foi o *Cancioneiro de Musicas Populares* a primeira publicação que archivou as melodias dos pregões portuguezes.

Em o n.º 10 (abril de 1906) da revista illustrada *Serões,* deu á estampa o sr. Adriano Merêa um muito interessante artigo, no qual, além de quatorze photogravuras em que os vendilhões são nitidamente representados, vem a musica de dezoito pregões lisbonenses:

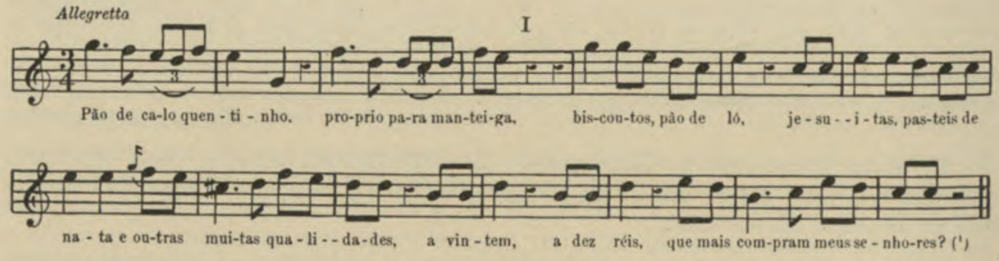
O *A'... ú* (do aguadeiro gallego), o *Ierr, ierr* (da preta do mexilhão), o *Concerta chapeus de sol* (dos galleguitos), e mais os seguintes:—*Agulhas e alfinetes,*—*Oh! azeite doce e petroline*—*Quem quer ostras, ostras*—*Ha por'hi alguns ossos, ou cebo, ou trapo, que vendam, ou algum chumbo, ou latão?* —*Abat-jours, abat-jours, a trinta réis e a pataco*—*Quem quer azeitonas novas?*—*Merca o cabaz de morangos*—*Oh! ric'amora da horta, amora fria*—*Quem quer figos, quem quer almoçar*—*Merca laranja da China*—*Oh branquinha alfeloa, gergelim, amendoa doce*—*Broinhas de milho quentinhas de herva doce*—*Castanhas cosidas, quem as quer quentinhas de herva doce*—*E ó tramoço saloio*—*Pinhão novo, pinhão novo, pinhão novo.*

Como se vê, a colheita dos pregões portuguezes está muito adeantada pelo que respeita á capital do reino; nas provincias, porém, acha-se quasi inteiramente por fazer! E porque não se faz? havendo tanto e tão excellente no genero!

Pela difficuldade da empresa? Não; pois basta para tanto um pouco de boa vontade. E como esta, felizmente, não me falta, procurei e consegui archivar, e com a respectiva musica, os pregões da minha terra natal—no que fui bondosamente coadjuvado por uma distincta senhora, cujo nome não posso declarar, por assim m'o haver exigido a sua modestia, restando-me tão sómente reiterar aqui o meu mui subido reconhecimento pela mercê.

Não são muito numerosos os apregoados da presente collecção; mas, entre elles, alguns ha verdadeiramente notaveis pelo sentimento musical.

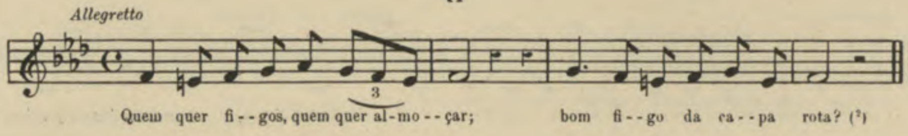
I



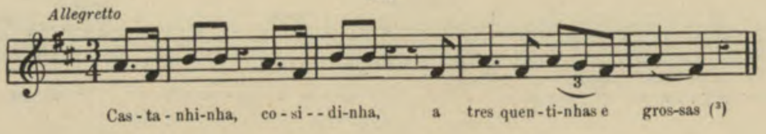
---

¹ Pregão de mulher.

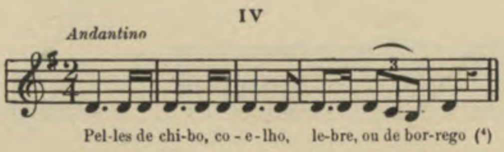
II



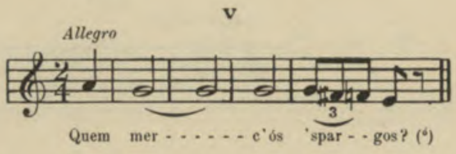
III



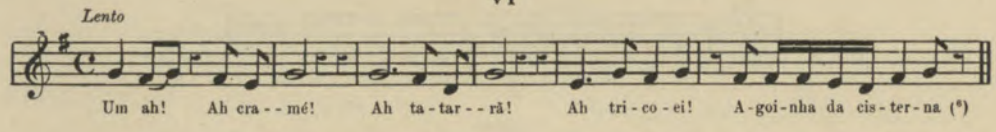
IV



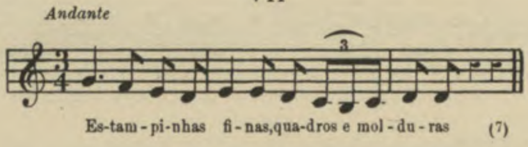
V



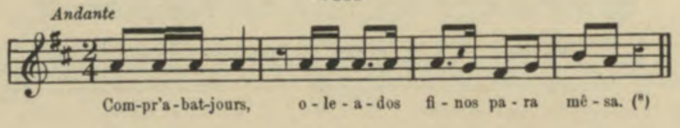
VI



VII



VIII



---

2 Pregão de mulher e de rapaz.

3 Pregão de rapaz.

4 Pregão de homem.

5 Pregão de rapaz.

6 «*Ah! Aos caramelos! Ah como torrão! A cinco rèis! Aguinha da cisterna*». Pregão de rapaz. Entre as pequenas industrias populares da cidade de Elvas figurava, nos seculos XVII, XVIII e XIX, a do fabrico de caramelos — especie de confeição feita de assucar em ponto muito subido, batido fóra do lume, de modo que, coagulando-se, fica fôfo — industria caseira (hoje bastante decadente) exercida por mulheres. Creio que esta industria ou foi creada, ou se desenvolveu, depois do anno de 1650, em que se concluiu a construcção «para commodo e delicia dos elvenses» da grande cisterna publica denominada *Cisterna da Praça*, magestoso edificio, feito sob a traça e direcção do engenheiro francez Nicolau de Langres. O reservatorio (destinado a fornecer agua fresca a toda a população durante o estio, e que abre, com certa solemnidade, na vespera do dia de S. João Baptista) tem a capacidade de 2:240 metros cubicos e é abastecido pelo monumental aqueducto da *Amoreira*.

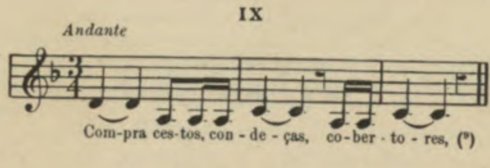
Antonio Diniz, no poema «O Hyssope», canto I, refere-se a esta industria elvense:

> E o calor que as guelas lhe seccava,
> Lhe faz bradar por *agua e caramelos.*

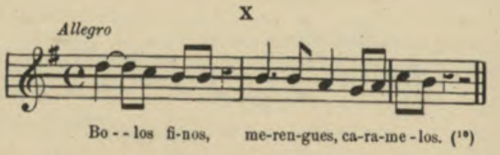
7 Pregão de homem.

8 Pregão de homem.

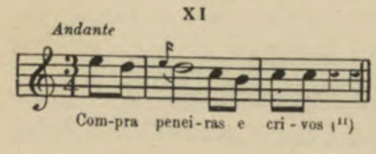
IX



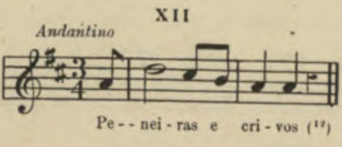
X



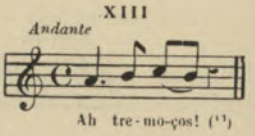
XI



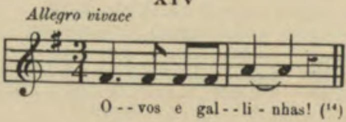
XII



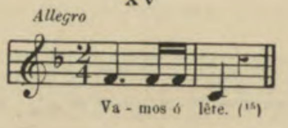
XIII



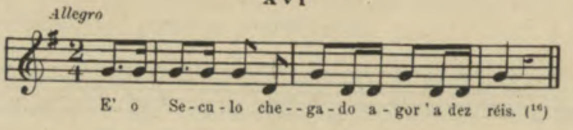
XIV



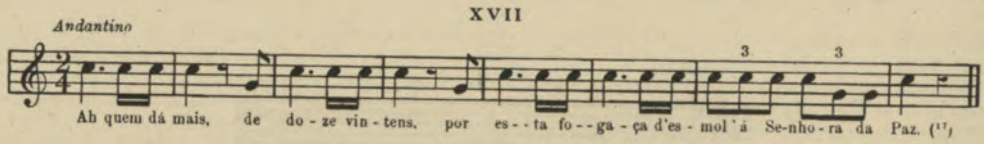
XV



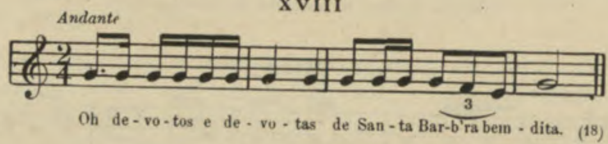
XVI



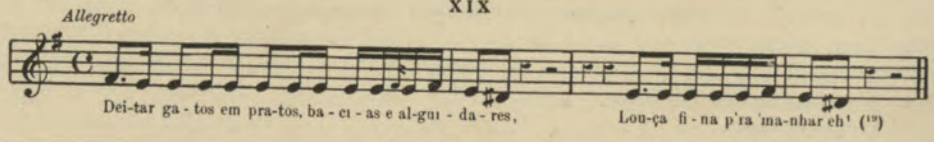
XVII



XVIII



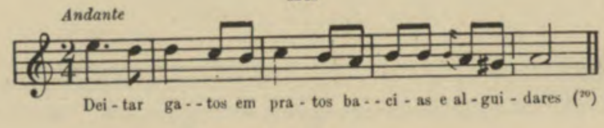
XIX



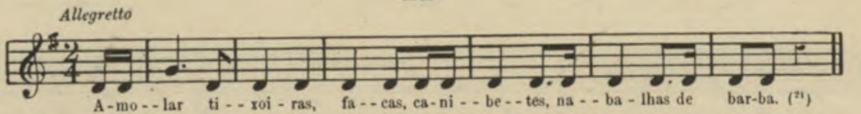
---

9 Pregão de homem.
10 Pregão de mulher.
11 Pregão de homem.
12 Pregão de homem.
13 Pregão de mulher.
14 Pregão de homem.
15 Pregão de homem.
16 Pregão de rapaz.
17 Pregão de rapaz.
18 Por occasião das trovoadas, percorre as ruas d'Elvas um velho, de opa branca vestida, chapeu desabado na cabeça, alcofa de palma na mão esquerda, e alta vara na mão direita, pedindo (em pregão) esmola para Santa Barbara bemdita, que se venera na egreja da Magdalena. Na vara (que lhe é confiada, assim como a opa, pela respectiva confraria) está pintada a imagem de Santa Barbara. Das esmolas que recolhe pertence-lhe metade, entregando a outra parte, com a opa e a vara, ao thesoureiro da confraria, logo que a tempestade se afasta.
19 Pregão dos galleguitos.

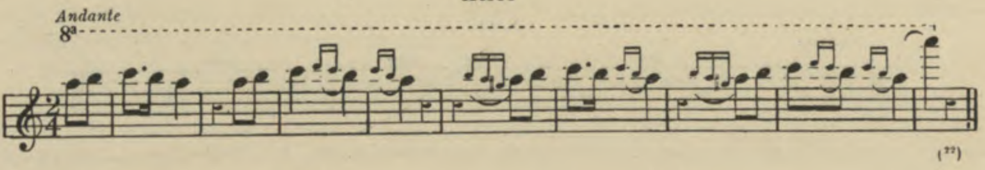
XX



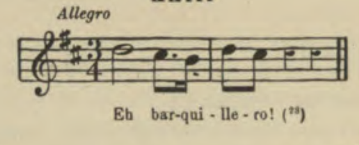
XXI



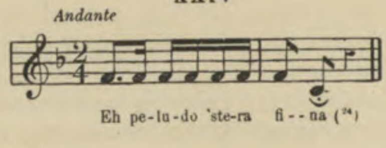
XXII



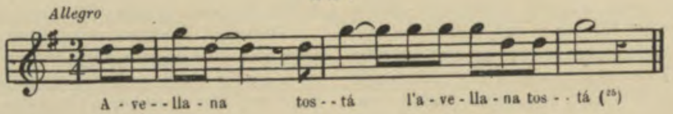
XXIII



XXIV

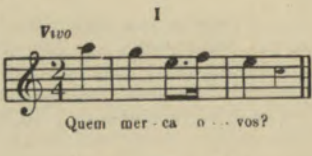


XXV

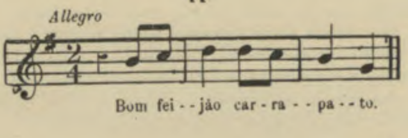


Seis pregões recolhidos em Lisboa, e que não veem na collecção do sr. Adriano Merêa

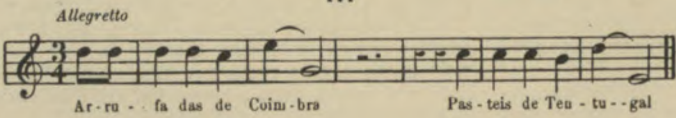
I



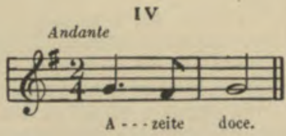
II



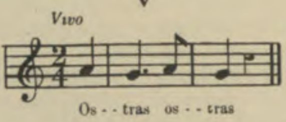
III



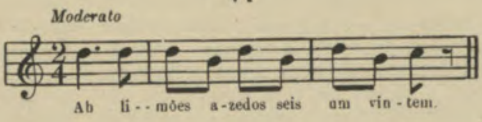
IV



V



VI

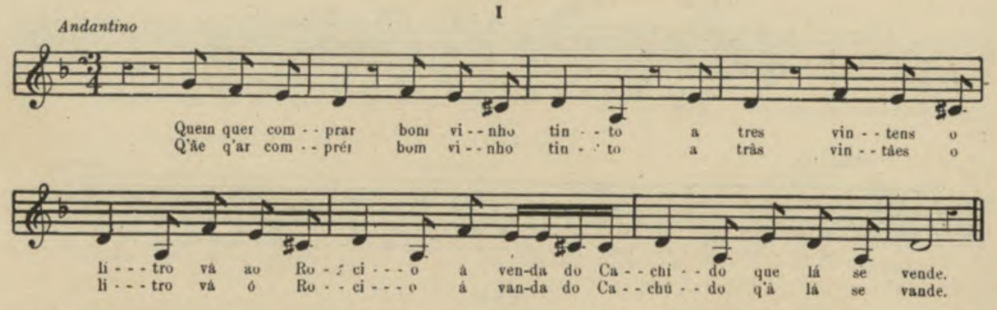


---

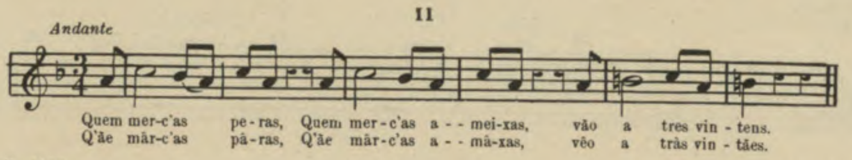
20 Pregão dos galleguitos.
21 Pregão dos gallegos.
22 O amolador de thesouras, facas, etc., toca em um flautim.
23 Pregão de homem hespanhol vendendo *barquillos*.
24 Pregão hespanhol.
25 Pregão de mulher hespanhola vendendo *ervilhanas* torradas.

Dois apregoados da cidade de Portalegre

I



II



Abril, 1906.

A. Thomaz Pires.

FOLK-LORE

CONTOS POPULARES DE ANIMAES

I.—**O lobo e a raposa**—Uma vez uma raposa e um lobo roubaram um carneiro e foram enterra-lo para depois o comerem, quando podessem. Mas a raposa pensou lograr o lobo, e ao outro dia foi a casa d'elle pedir-lhe emprestados os seus sapatinhos para um baptisado.—Pois não, senhora Comadre, aqui estão. D'alli a pouco volta a raposa:—Muito obrigada, senhor Compadre, já está prompto o baptisado.—Sim? E como se chama o seu afilhado?—Chama-se *Comecheicho*.—Ah! nome muito bonito, nome muito bonito! Tinha a raposa começado a comer o carneiro.

No outro dia torna lá a raposa a pedir-lhe os sapatos para outro baptisado. O lobo de boa vontade lh'os empresta e na volta pergunta-lhe o nome do afilhado.—Chama-se *Meieicho*.—Nome muito bonito, diz-lhe o lobo! Estava metade do carneiro comida.

Ao outro dia a mesma coisa e nova pergunta sobre o nome do afilhado, ao que a raposa respondeu:—Chama-se *Acabeicho*.—Nome muito bonito! Estava o carneiro todo comido.

Diz depois a raposa ao lobo:—É verdade, senhor Compadre, quando havemos de comer o carneiro? Combinaram e fixaram o dia.

A raposa tinha deixado o rabo do carneiro de fóra, á flôr da terra. No dia marcado lá foram fazer a boda. Chegados, diz o lobo á raposa:—Puxe lá, senhora Comadre, por esse rabo. A raposa finge um grande esforço e diz que não póde puxar mais, que está muito enterrado, que é melhor o Compadre puxar agora para ella descançar. O lobo vae com toda a força a puxar e cae para traz, dando uma grande pancada no rabo. Accode a raposa:—Ah! o carneiro está pôdre! O lobo, desconfiando, diz que não, que foi a raposa que o comeu. Grande bulha: porque foi você, não fui eu, foi você, etc., até que a raposa faz uma aposta:—Olhe, senhor Compadre, vamo-nos deitar ao olho do sol e aquelle que primeiro lhe suar o rabo, foi o que comeu o carneiro.

Deitados, depressa adormeceu o lobo. E a raposa, logo que o vê dormir, mija-lhe no rabo; n'isto acorda o lobo e a raposa faz-se egualmente acordada, dizendo:—Foi o senhor Compadre que comeu o carneiro; tem o rabo todo suado!—Foi você, senhora Comadre! Finalmente, de tal maneira se azedou a questão que pegaram á pancada e assim terminou a boda.

II.—**A raposa e o gato**—Era uma vez uma raposa que perguntou a um gato quantas manhas tinha.—Tenho duas: uma de arrabunhar e outra de engatar. E tu, raposa, quantas tens?—Eu, mil e um *chorro*. (Chorro=folle de pelle de cabra).

N'isto vê-se ao longe uma matilha de cães. Diz o gato:—Vamos nós vêr, raposa, quem mais depressa se livra d'aquelles cães que além veem, tu, com as tuas mil manhas e um chorro, e eu, com as minhas duas?—Pois sim. Quando os cães veem mais perto, o gato trepa por uma arvore ficando livre e a raposa deita a correr por alli fóra, cheia de medo a dizer:

—Ai! os meus olhinhos já iam pelos *guiços*, o meu rabo na bocca dos cães! ah! minhas perninhas, que de boa me livrasteis! Se eu d'esta escapar, contas com gatos não quero mais.

III.—**O rouxinol**—No tempo em que crescem os abraços de videira adormeceu, uma noite, o rouxinol, e, quando pela manhã acordou, não pôde voar, porque um abraço, crescendo, prendeu-lhe um pé. A mãe então recommendou-lhe que não dormisse durante esse tempo e por isso elle canta:—A minha mãe disse, disse, disse, diiiiisse, que eu não dormisse, que não dormisse, que não dormiiiiisse.....

Rasão por que o rouxinol canta de noite.

Versões de Vinhaes.

(*Continua*). R. P. (*Collector*).

NOTICIAS

Esconderijo morgeano de Ganfei

(Valença)

É o nono de que temos conhecimento; e, como a maioria dos anteriores, composto exclusivamente de machados de dupla aselha e dupla canelura (confr. *Portvgalia*, t. II, pag. 475). A noticia do achado, as circunstancias de jazida, o destino dos 24 instrumentos exhumados e o estudo directo de 15 exemplares, alguns incompletos — tudo se deve ás diligencias do conhecido professor da Escola de desenho industrial de Vianna do Castello, sr. Serafim de Souza Neves, a quem effusivamente agradecemos os valiosos serviços prestados.

No dia 8 de maio findo, ao arrancar um alto pinheiro d'uma bouça situada nas proximidades do posto fiscal da Gingleta sobre a margem do rio Minho, freguesia de Ganfei, concelho de Valença, appareceram reunidos os 24 machados, que logo se dispersaram em poder de varios adquirentes — após a usual averiguação prévia sobre a qualidade do metal, por meio d'ensaios brutaes que inutilisaram alguns exemplares.

Está feita nesta Revista a descripção geral dos machados d'este typo; não a repetiremos. Bastará agora congregar num quadro os caracteres especiaes dos varios instrumentos examinados. Antes, notule-se que nenhum estava preparado para uso immediato, se a sua funcção propria era a geralmente attribuida de arma ou utensilio industrial. Todos conservam as rebarbas da fundição, o gume rombo, por afiar, e a grande maioria o cabeço infundibuliforme. Só um é ornamentado com a frequente nervura medea nas faces maiores, a partir da *espera* para o gume; os outros são lisos e de secção hexagonal. Mas, ainda nestes não se apuram dous exemplares eguaes — o que suppõe a utilisação de multiplos moldes bivalves, presumivelmente de argilla.

Numeros	Comprimento	Largura do gume	Espessura maxima	Largura das caneluras	Peso	Forma do *talon*	Observações
1	$0^m,252$	$0^m,048$	$0^m,0345$	$0^m,021$	1k,225	Quadrado	1 anel partido, sem cabeço, nervura medea.
2	$0^m,246$	$0^m,050$	$0^m,0340$	$0^m,013$	1k,185	Ovalar	Perfeito, com cabeço, liso.
3	$0^m,233$	$0^m,049$	$0^m,0405$	$0^m,009$	1k,215	Redondo	Idem, idem.
4	$0^m,244$	$0^m,042$	$0^m,0300$	$0^m,015$	1k,115	Ovalar	Idem, idem.
5	$0^m,223$	$0^m,046$	$0^m,0310$	$0^m,014$	1k,105	Quadrado	Idem, idem, mas deteriorado.
6	$0^m,225$	$0^m,041$	$0^m,0390$	$0^m,013$	1k,115	Ovalar	Cabeço, 2 aneis, gume partido.
7	$0^m,225$	$0^m,043$	$0^m,0410$	$0^m,020$	1k,240	Quadrado	Cabeço, aneis e gume partidos, má conservação.
8	$0^m,247$	$0^m,051$	$0^m,0420$	$0^m,017$	1k,055	»	Perfeito, sem cabeço, liso.
9	$0^m,228$	$0^m,048$	$0^m,0430$	$0^m,017$	1k,155	»	Idem, com cabeço, liso.
10	$0^m,229$	$0^m,045$	$0^m,0370$	$0^m,024$	1k,300	Redondo	Idem, idem.
11	$0^m,167$	$0^m,045$	$0^m,0400$	$0^m,011$	0k,860	Oval	Falta a parte superior.
12	$0^m,125$	—	$0^m,0340$	$0^m,015$	0k,700	Redondo	Idem a inferior.
13	$0^m,123$	—	$0^m,0320$	$0^m,013$	0k,680	»	Idem, idem.
14	$0^m,070$	$0^m,044$	—	—	0k,264	—	Idem a parte superior.
15	$0^m,065$	$0^m,048$	—	—	0k,288	—	Idem, idem.

Vê-se, pois, que são especimens banaes, de insistente frequencia; mercadoria corrente ao norte do territorio portuguez, e na Galliza (confr. José Villaamil y Castro, *Productos de la metalurgia gallega en tempos remotos*, in *Bol. de la Comision prov. de monum. hist. y art. de Orense*, t. III, pag. 102). É opportuno observar-se que, se vão classificados como *machados* os instrumentos d'este e d'outros esconderijos, não se ignora entretanto que alguns AA. os reputam *moeda*, allegando a sua superabundancia em desproporção com outros objectos de bronze, e a subsistencia, incompativel com aquella attribuída funcção, do *cabeço* e das rebarbas lateraes e do gume (confr. Villaamil cit., pag. 101). Sem lhe prestar immediata e incondicional adhesão, convém consignar o alvitre meramente conjectural. De resto não repugna admittir que elles servissem accidentalmente de valores d'escambo para acquisição das cousas indispensaveis á vida do bronzista millenario.

J. Fortes.

Machados avulsos da idade do bronze

(Famalicão e Barcellos)

Ha que registrar mais uma recente acquisição do Museu municipal do Porto; trata-se de mais dous machados de bronze, achados occasionalmente no logar da Bouça, freguesia de Louro, concelho de Famalicão — não longe da freguesia de Viatodos, onde ainda ha pouco apparecêra um esconderijo de machados e de metal em bruto, pertencentes na quasi totalidade ao mesmo Museu (confr. *Portvgalia*, t. II, pag. 110). Mas o typo dos instrumentos recem-adquiridos é diverso, e menos frequente ao norte do Paiz.

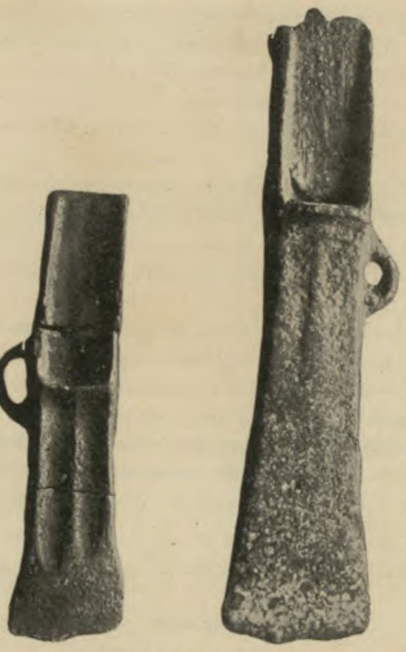


Fig. 1 — N.º 1, hacha de Barcellos; n.º 2, machado de Famalicão

Um é do molde dos de dupla canelura, mas tem um só anel lateral; parece ter sido utilisado, porque já não tem o cabeço da fundição e apresenta as rebarbas bastante rebatidas. Comprimento 0^{m},202; espessura na *espera* 0^{m},038; largura das caneluras 0^{m},024 e do gume 0^{m},049 (fig. 1, n.º 2).

Com este mesmo typo já possuia ha tempos o Museu uma outra pequena hacha inédita, de Barcellos, muito perfeita mas infelizmente fracturada; foi tambem utilisada e exhibe, como o anterior instrumento, uma nervura entre dous sulcos nas faces maiores. Comprimento 0^{m},140; espessura na *espera* 0^{m},022; largura das duplas caneluras 0^{m},020 e do gume 0^{m},036 (fig. 1, n.º 1).

Fig. 2 — Machado de Famalicão

O outro machado recem-entrado é do typo de *alvado*, que de Mortillet já collocava no extremo da evolução formal d'estes instrumentos durante a idade do bronze, periodo larnaudiano. É um pequeno exemplar d'um só anel lateral, decorado com uma nervura medea nas faces mais largas; chegou a ser preparado para o trabalho, rebatendo-se-lhe as rebarbas e afiando-se-lhe cuidadosamente o gume. Comprimento 0^{m},145; largura do gume 0^{m},041; e no alvado, quadrado, 0^{m},037 (fig. 2). O Museu do Porto tambem já possuia outro exemplar do mesmo typo, procedente de Candemil, Amarante, embora maior e com duplo anel (confr. Rocha Peixoto, *Guia do Museu municipal do Porto*, 1902, pag. XV).

Machados como estes teem sido encontrados não só em Portugal (confr. *Portvgalia*, I, pag. 826, fig. 2, e *O Archeologo Português*, X, pag. 166, ests. III e IV), mas ainda em Hespanha (confr. *Portvgalia*, ibid., pag. 342, fig. 35, e Santiago de la Iglesia, *Catalogo de la seccion de protohistoria gallega*, in *Almanaque de Ferrol*, 1908, estampa n.º 12).

J. Fortes.

Vasos em forma de chapeu invertido

(Villa do Conde)

Vão decorridos cinco annos, andando uma *jornaleira* a cavar uma horta na freguesia de Tougui-nha, concelho de Villa do Conde, encontraram-se os dous vasos das figs. 1 a 3, pertencentes hoje ao Museu municipal do Porto. Era no centro da parochia, num terreno á margem da estrada municipal, que da villa segue em direcção á parte oriental do concelho, e onde se ergue ao presente um predio de grato aspecto.

O desconhecimento das condições precisas de jazida, e por ventura d'outros indicadores justapostos, difficulta a caracterisação adequada dos vasos reproduzidos, que se subordinam a um typo de ceramica archaica, de curiosa e original configuração, por enquanto só revelado na area do Entre-Douro-e-Minho. Hemisfericos, fundo chato, apodos, amplo collarinho ligeiramente obliquo ao plano da base e por vezes com ornamentações incisas; frequentemente, protuberancias mamilares no bojo; sempre aselha adventicia sob o collarinho; manufactura grosseira, sem interferencia da roda de oleiro, nem preliminar e meticulosa escolha e preparo da argilla, menos ainda a cosedura perfeita, resultando assim côr desegual, ás vezes anegrada; decoração geometrica, singella, limitando-se mesmo, como num exemplar villacondense, a impressões da unha do oleiro no barro fresco; esses pequenos vasos (alturas respectivas 86 e 72 mm.; diametros correspondentes, na bocca, 90 e 82 mm.) poder-se-iam acaso incluir nas louças neolithicas, datando-os do fim da epoca da pedra polida. Assim o intendeu o dr. José Leite de Vasconcellos, a proposito de dous especimens da mesma familia, expostos no Museu Ethnologico Português e provenientes da provincia do Minho (Bellinho, concelho de Vianna do Castello, e Arcos-de-Val-de-Vez [?]) — exemplares em que, a par do caracteristico aspecto de chapeu invertido, ha no farto collarinho uma decoração incisa mais complexa: *espinha*, linhas radiaes, linhas circulares, linhas obliquas parallelas.

Fig. 1 — Vaso de Villa do Conde. Perfil

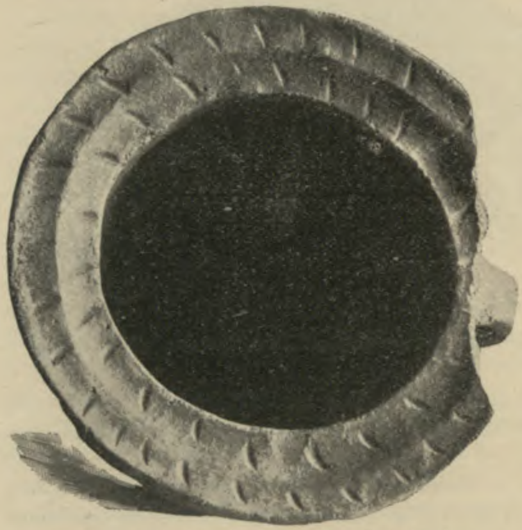


Fig. 2 — Vaso de Villa do Conde, visto de cima

Mas será acceitavel em absoluto esse parecer? Desconhecemos-lhe os fundamentos; estão infelizmente inéditos os dous exemplares das vitrinas de Belem; apenas se conhece a perfunctoria referencia d'aquelle A., inserta na *Notice sommaire sur le Musée éthnologique portugais* (pag. 2 e nota [1]). É, licito, pois, inquirir: a recuada attribuição chronologica seria determinada pela analogia dos referidos vasos com outros em forma de cone truncado e invertido, de asa anular e decorativas saliencias mamilares, como o n.º 2761 do Museu municipal da Figueira da Foz, proveniente dos dolmens neolithicos do Seixo e da Sobreda, Oliveira do Hospital (confr. *Catalogo geral* d'este museu, a pag. 47), e o recolhido no Museu da Sociedade Martins Sarmento, para aonde veio d'uma anta de Villa Chã, Barcellos? Sel-o-ia antes pela semelhança com as vasilhas hemisfericas, mas de bordo vertical, como a do dolmen do Cabeço dos Moinhos e a da necropole dolmenica da Moita, Cantanhede, a que se refere o *Bol. da Soc. arch. Santos Rocha*, a pag. 9? Conviria saber se ha outras razões mais solidas para a emissão d'aquelle parecer. Porque a verdade é que outros dous vasos congéneres, figurando um

Fig. 3 — Vaso de Villa do Conde

chapeu invertido, que estão em posse da Sociedade Martins Sarmento, tambem não nos elucidam melhormente acêrca da pretensa ancianidade do typo; pois não encontramos bem definida a sua proveniencia quando, ha bastantes annos, os vimos nas estantes do Museu de Guimarães.

Fig. 4 — Fragmento de vaso da cividade de Terroso. Perfil

Ora, se as razões que alicerçam o voto do dr. Leite de Vasconcellos, são valiosas e scientificamente seguras, não constituindo mera conjectura transitoria, devemos então concluir que a forma typica perdurou largos seculos; dous factos de nossa averiguação legitimam esta inferencia, de resto nada extranhavel na archeografia indigena.

O primeiro e mais decisivo foi colhido nas recentes explorações da *cividade* de Terroso, Povoa de Varzim, em que, Rocha Peixoto e nós, descubrimos os valiosos fragmentos do collarinho ornamentado e ainda parte do bojo d'um vaso em forma de chapeu invertido (figs. 4 e 5). Incompleto e fragmentado embora, não pode, em confronto directo, duvidar-se de que na verdade constitue uma réplica dos vasos do Museu nacional, conquanto mais modesto na decoração do collarinho: a mesma galba, a mesma manufactura grosseira, sem a roda, a mesma technica decorativa. Pelas restrictas dimensões dos fragmentos reconstituidos, só não pode garantir-se, mas é licito suppôr-se, a existencia da aselha adventicia e dos mamilos da pansa.

Fig. 5 — Fragmento de vaso da cividade de Terroso, visto de cima

Pois andava no estrato lusitano-romano; e, notule-se, apesar dos numerosos instrumentos de pedra polida recolhidos nos pavimentos das casas redondas e sobre os arruamentos calcetados da acropole, não deparamos naquella *cividade* com qualquer camada archeologica, attribuivel á epoca neolithica ou sequer á idade do bronze. Addite-se de resto que nesse mesmo meio lusitano-romano colligimos ainda varios outros vasos trabalhados á mão.

Fig. 6 — Vaso do cemiterio de Gulpilhares (Gaya)

O segundo facto não tem tanto valor para o caso, e todavia é de alcance e muito elucidante. No visinho concelho de Gaya, procede-se á exploração d'uma ampla necropole, que a seu tempo descreveremos detidamente; está datada por moedas, e é do fim da segunda metade do sec. IV depois de J.-C., como outras amarantinas, cujo espoieo entregamos ao Museu do Porto.

Entre o abundante vasilhame votivo exhumado, em que surgiram formas novas, muito interessantes, contam-se varios exemplares architectados á mão, e entre estes o da fig. 6 exhibindo a decoração em mamilos, a asa anular e os grosseiros caracteres qualitativos dos vasos de Villa do Conde ou do Museu de Lisboa! Comprehende-se como esta recente descoberta é um proveitoso aviso, para travar a geral tendencia de *envelhecer* demasiadamente as peças ceramicas de barbaro fabrico... Que, de resto, já a citania de Briteiros nos fornecêra vasos com a antiga decoração mamilar dos tempos neolithicos.

Em summa, e porque nos acanhados limites d'um *noticiario* são vedadas explanações largas: ante a obscuridade da origem dos vasos villacondenses e similares, devemos restringir-nos a affirmar o seu parentesco intimo com os dous congéneres do Museu de Lisboa, com o outro par do Museu de Guimarães, e, emfim, com o revelado nos fragmentos da *cividade* de Terroso — os quaes nos fornecem o unico elemento seguro, pelo menos até agora conhecido, para estabelecer um momento chronologico do seu uso no paiz. Anciosamente se esperam melhores dados para completar o estudo d'uma unidade fictil, que suppomos peculiar da região, e assim mais uma revelação do indigenato e da originalidade d'uma industria importante, á qual vae em moda negar autonomia e espontaneidade. Não importa que o presente producto, de per si, não abone a superioridade da manufactura olarica; interessa em todo o caso como monumento discreto do trabalho indigena, de livre concepção e factura independente.

Porto, junho de 1908. J. FORTES.

Subsidios para o inventario archeologico do concelho de Felgueiras

I. — INSCRIPÇÕES EM PENEDOS — O Ave, pouco antes de chegar a Vizella, separa os concelhos de Felgueiras e Guimarães, atravessando um valle limitado a sul pela montanha do Senhor dos Perdidos, que lança as suas primeiras raizes no valle de Pombeiro, perpendicular áquelle, e vae, n'uma legua talvez a poente, incorporar-se na serra de Barrosas.

Desde a aba da montanha até o rio vão a este successivamente marginando as freguezias de S. Jorge de Vizella, Santa Comba de Regilde e Santo Adrião de Vizella, as quaes já teem o nome nos archivos da archeologia patria, mórmente a primeira d'ellas, onde Martins Sarmento encontrou uma estatua callaica, que está no Museu de Guimarães. Este mesmo douto archeologo descreve na *Revista de Guimarães* (vol. I, pag. 180 e segs.) o cristello de Regilde e castro de Santo Adrião, e, a proposito d'esta freguezia, occupou-se d'uma inscripção que está na capella-mór da egreja matriz, e que Argote *(Memoria para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga*, liv. III, cap. XIX) tambem menciona.

No cimo da pequena cordilheira do Senhor dos Perdidos, logo em seu começo e olhando ainda o valle de Pombeiro, mas já na freguezia de Lagares, está o monte de Pegas, a que Argote (Loc. cit.) chama o cristello de S. Verissimo de Lagares. A poente d'este ergue-se um cabeço mais elevado, baptisado pelo povo do sitio, de Castello dos Mouros. Estes altos são coroados de penedos, alguns de grandes dimensões, e, por entre elles, a cada passo apparecem fragmentos de telha de rebordo e de outra ceramica archeologica. Alguns dos penedos com inscripção, que Argote (Loc. cit.) apresenta como existindo ahi, já não se encontram.

Na vertente norte do Castello dos Mouros, uns 200 metros abaixo do seu cume, estão umas chãs cultivadas, que formam o logar de Froia, que encima a freguezia de Penacova. N'esse local encontrou Martins Sarmento dois penedos com inscripções ineditas: um, na Bouça Nova, que foi levado para o Museu de Guimarães, e outro, que ainda se conserva na borda da leira das Cruínhas. N'um dos lados d'este penedo ha as lettras G A L, e no outro lado as V N N G. A um penedo com estes caracteres tambem Argote (Loc. cit.) faz referencia, e não sabemos se é aquelle, porque ha varios com a inscripção repetida. A proposito diz Martins Sarmento *(Rev. de Guim.*, loc. cit.) «que tudo isto é d'uma escuridade cerrada, e só póde dar conta da impressão que lhe causou ver o mesmo nome repetido nas duas partes», isto é, em Froia e por baixo d'este logar, junto á egreja de Penacova, onde tambem apparece telha romana e penedos com fossetas.

A impressão que teve Martins Sarmento de se lhe deparar a mesma inscripção em dois penedos, seria bem maior, se acaso, como nós, a visse em outros penedos mais. Realmente ha os caracteres G A L n'um penedo que está no campo da Deveza; e na parede do campo da Chã, por baixo do logar do Chôco, encontramos uma pedra com as lettras V N N G.

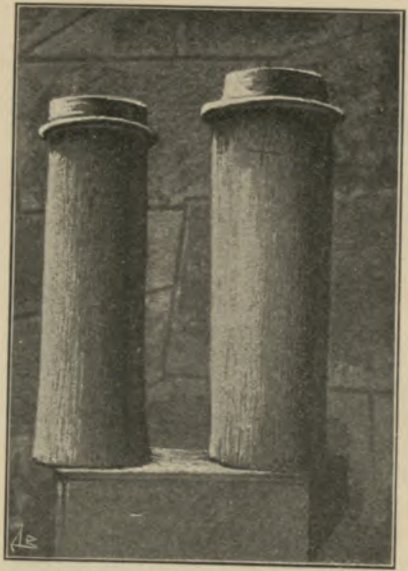
Tão repetida é esta inscripção que nos lembra ter ella servido para demarcações.

II — TUBOS DE ARGILLA DE PENACOVA — Ha anno e meio, no logar do Monte, entre Froia e o vertice do Castello dos Mouros, no quintal d'uma casinha, que está á beira do caminho publico que desce para Penacova, começaram de pesquisar agua, e, a certa altura da exploração, appareceram uns largos tubos de argilla.

Este achado extranho deu logo muito que fallar por toda a Penacova, e em breve propalava-se por fóra d'ella tão palpitante occorrencia. Quando a soubemos, fomos ao local do achado, mas os tubos encontrados tinham desapparecido. Por essa occasião mandamos abrir uma rota perpendicular á presumida direcção dos tubos, e effectivamente os fomos encontrar á profundidade de dois metros, retirando tres intactos.

Encontraram-se os tubos reunidos pelas extremidades, de modo a formarem uma tubagem contínua, que coleava e descia o monte para Froia com orientação sudoeste-nordeste, como depois melhor verificamos, procedendo a nova exploração mais demorada e cuidadosa.

A certa altura d'esta segunda exploração, a fileira dos tubos interrompeu-se, tanto para um como para outro lado, e não foi possivel encontrar-lhe seguimento. Temos, comtudo, a convicção de que ella devia começar n'um terreno inculto, que limita o quintal a poente, onde ha uma boa nascente, pois a tubagem certamente serviu para conducção de agua.



Os tubos, de grossa argilla esbranquiçada, teem todos a fórma cylindroide. São de dimensões desiguaes, conservando, no emtanto, afim de realisarem perfeita a juncção de uns aos outros, invariaveis os diametros das boccas homologas. E é para este effeito que os tubos mais largos se afuzam um pouco nas extremidades, e os mais estreitos levemente se afunilam.

O tubo maior tem $0^m,76$ de altura, e o mais pequeno $0^m,69$ (fig. junta). É entre estas dimensões que varía a altura dos outros. O diametro de abertura de uma das extremidades dos tubos é de $0^m,23$, e o da bocca opposta de $0^m,18$.

A $0^m,07$ ou $0^m,08$ atraz d'esta bocca, apresentam todos os tubos um filete delgado de $0^m,02$ ou $0^m,03$ de saliencia. É esta extremidade que até ao filete entra na outra para formar a tubagem.

Não apparecem nas ligações vestigios de argamassa. Varios tubos são *litterati:* ou teem a lettra R ou o signal ⋏, como se vê nos da figura annexa.

O monte do Castello dos Mouros foi uma estação pre-romana que subsistiu á conquista.

As chãs mais proximas dos altos habitados foram os primeiros terrenos cultivados por esse povo, que procurou o cimo das montanhas para estabelecer os seus povoados. Assim, nas chãs da Froia deve ter sido primeiro onde os moradores do Castello dos Mouros fizeram culturas agricolas. Para as irrigar, aproveitariam a proxima nascente d'agua, a que já alludimos, e a conduziriam pelos tubos que vimos de descrever.

Este processo de conducção d'agua é luxuoso bastante para o podermos referir a epochas pre-romanas, em que a agricultura foi rudimentarissima; deve ser posterior, obra luso-romana. Tambem d'esta epocha são frequentes os objectos d'argilla com marcas, lettras ou outros signaes, identicos aos gravados nos tubos.

EDUARDO DE FREITAS.

Thesouros encontrados em alguns castros do Norte de Portugal

I.—MONTE DE SANTO OVIDIO ou de S. Miguel de Aurego (freguezia de Santa Marinha de Arcozello, Ponte de Lima). É um velho castro eriçado de penedía; n'uma de suas vertentes sobre o Lima afloram á superficie do solo restos de olaria lusitano-romana. A sua altitude é de 251 metros. No cume do monte, de fórma conica, ha uma velhissima ermida dedicada a S. Miguel e, posteriormente, a Santo Ovidio. Ainda hoje se veneram ahi as imagens d'ambos os patronos. A configuração d'este pequeno templo

é muito semelhante, embora a sua architectura seja mais sobria, á de S. Christovão (S. Julião de Freixo, Ponte de Lima), que se encontra tambem no meio d'um castro abandonado e que Martins Sarmento [1] suppunha occupar possivelmente o lugar d'um santuario pagão [2].

Velhas chronicas regionaes resam de antigualhas apparecidas ha mais d'um seculo pelas encostas d'este monte de Aurego [3]. A serra, que para o norte e a distancia de poucas centenas de metros lhe serve de guarda-costas, tem o nome de serra de Antellas: talvez para ahi fosse o cemiterio mais antigo do castro [4].

Em março do anno passado (1907), quando uns pedreiros desfaziam um rochedo lá muito para o alto e a poucos metros da ermida, encontraram um thesouro de moedas romanas. Não pude averiguar rigorosamente as condições do achado. Eram cerca de 4 a 5 kilos de moedas, pequenos bronzes (n.os 1, 2, 3 e 4 da escala de Mionnet). Examinei perto de metade do achado. As moedas eram, na sua maior parte, frustes. Apenas encontrei duas de prata completamente deterioradas e dous medios bronzes (n.º 5 da escala de Mionnet) com o busto iconographico de Juliano. Pude identificar as dos seguintes imperadores: Claudio II, Helena, Theodoro, Constantino I, Cidade de Roma, Povo romano, Constantinopla, Constantino Junior, Constante, Constancio II, Constancio Junior, Juliano, Valentiniano I, Valentiniano II, Graciano, Valente, Theodosio, Arcadio e Honorio.

II. — Castro de Eiras e de Aboim das Choças (Arcos de Valdevez). A cerca de 12 kilometros dos Arcos de Valdevez, no lado esquerdo da estrada que segue para Monção, principia a erguer-se, logo acima do sitio de Villar, um crasto notavel pela sua extensão. Apresenta vestigios nitidos de casas circulares a que os aldeãos chamam fornos [5]. Quasi na linha divisoria das duas freguezias de Eiras e Aboim alguns trabalhadores que procediam á exploração d'uma pedreira encontraram, pelo S. João do anno passado (1907), perto de meia rasa de dinheiro velho, dizem elles.

Foram-me cedidos cerca de 2 kilos d'essas moedas. São pequenos bronzes, mais bem conservados que os de Santo Ovidio, e bastante numerosos os de n.º 4 da escala de Mionnet (em Santo Ovidio predominam os do n.º 3). Medios bronzes não vi nenhum, e de prata apenas observei uma moeda completamente oxidada. São dos seguintes imperadores: Constancio Chloro, Helena, Theodora, Maxencio, Constantino I, Constantinopla, Cidade de Roma, Constante I, Constancio II, Constancio Junior, Juliano, Valentiniano I, Valente, Graciano, Maximo, Valentiniano II, Theodosio, Arcadio e Honorio.

III. — Monte do Castello (S. Thiago de Carreiras, Villa Verde). Separando as freguezias de S. Thiago de Carreiras, Moure e Barluido está o monte do Castello. No ponto mais alto do seu dorso ha vestigios de fortaleza antiga, e dizem as chronicas que do desmantelado forte foi a pedra para a reconstrucção da ponte de Prado. Este monte é muito fallado em velhas chronicas, sobretudo por, na sua vertente sobre Moure, ter existido, em tempos passados, um velho convento benedictino. Segundo a lenda popular ha pr'ahi muito thesouro encantado e repete-se a vulgarissima lenda castreja d'uma estrada subterranea até ao Cavado, por onde os mouros levavam os cavallos a beber. No começo da sup-

---

1 *Revista de Guimarães*, vol. V, pag. 7.

2 Seria interessante investigar a origem das ermidas de que ha noticia em grande numero de castros, umas ainda expostas ao culto, outras abandonadas e outras completamente destruídas, como a de Santo Isidoro no castro de Escariz (S. Martinho, Villa Verde). Ao tempo das invasões os castros eram ainda povoados (provam-no, além d'outros documentos, os recentes achados de moedas) e a christianisação de seus habitantes estava feita pelo menos na região gallaica e portanto no Norte do Portugal de hoje. Muito possivelmente essas ermidas, que geralmente occupam o centro dos castros, eram os antigos templos luso-romanos apropriados ao culto da nova religião e foram porventura os primeiros templos christãos da peninsula. Muitos dos patronos d'essas ermidas são ainda hoje santos lusitanos, e d'outros — S. Miguel, o archanjo purificador dos templos pagãos em posse até então do demonio...

3 *Chorographia Portugueza*, do Padre Carvalho, tom. I, pag. 201, 1.ª ed.; *Extrangeiros no Lima*, tom. I, pags. 217 e 260 e segs.; *Portugal Antigo e Moderno*, vol. V, pag. 212.

4 Os cemiterios das cividades eram fóra de seus muros, como se deprehende do canon XVIII do Concilio bracarense realisado em 599. Vide *Memorias* do Contador d'Argote, tom. IV, pag. 453.

5 É possivel que a freguezia de Eiras tome o nome dos antigos lares do seu castro. Conheço dous, um em Marrancos (provavelmente um *dun*) com o nome de *eira redonda*, e outro em Annaes (Ponte de Lima) denominado *eira da chamusca*. Este ultimo ainda hoje tem o nome de *crasto*; e *eira da chamusca* é como chamam ao seu ponto mais alto. O ponto culminante d'alguns crastos tem o nome de *eirado*.

posta estrada parece ter havido uma cisterna. No mesmo monte, e a pouca distancia para nascente, surgem vestigios seguros d'um castro abandonado. Na vertente sobre Carreiras encontrou um cavador, ha cerca de cinco annos, uma «panella» de moedas romanas. Examinei apenas uma centena d'essas moedas, todas pequenos bronzes (soube por pessoas fidedignas que não appareceram moedas nem maiores, nem d'outro metal). Eram dos imperadores Constancio Chloro, Theodora, Constantino I, Constantinopla, Cidade de Roma, Constantino Junior, Constante, Constancio II, Juliano, Valentiniano I, Valentiniano II, Graciano, Valente, Theodosio e Arcadio.

Comparando-se as moedas dos tres achados, vê-se que as mais numerosas, constituindo uma grande parte da sua totalidade, são as dos imperadores Constante e Constancio II. Pertencem todas á mesma epocha e foram enterradas pelo tempo dos imperadores Arcadio e Honorio. O seu esconderijo data, pois, da invasão dos barbaros e coincide com a destruição dos castros pelos invasores, «que não deixaram pedra sobre pedra» no dizer dos chronistas. A ausencia de moedas d'oiro, o pequenissimo numero de moedas de prata e a falta de grandes e medios bronzes n'estes thesouros concordam plenamente com a pobreza do mobiliario luso-romano dos nossos castros, sobretudo no seu ultimo seculo de existencia.

Alguns castros prolongaram a sua vida pela alta edade media. Um d'estes foi o de Santo Isidoro (S. Martinho de Escariz), que ainda existia ao tempo das *Inquirições* de Affonso II «quod ista ecclesia non habet parrochianos, et ista hemerita habet senarias parvas et mediam casalis» [1]. Em 1527 tinha, juntamente com Santa Marinha das Neves, 73 moradores [2]. Pouco tempo depois (1558) era incorporada nas duas freguezias de S. Martinho de Escariz e S. Thiago d'Arcozello, ficando a ermida servindo de limite ás duas [3].

As moedas apparecidas ha annos em Braga, quando se procedia á renovação do velho bairro das Travessas, a antiga *cividade*, eram contemporaneas das d'estes achados: as dos imperadores mais recentes eram de Arcadio e Honorio. Comparem-se tambem estes achados com outros, como o mais recente de Braga, de que deu noticia, no fasciculo precedente da *Portvgalia*, o sr. J. M., e vê-se que uma lei geral vae regularisando o esconderijo d'estes thesouros e talvez um dia ella venha explicar a extranha lenda velhissima dos cyprianistas... Os barbaros conquistadores a inventaram certamente: o dinheiro que esperavam dos vencidos desappareceu-lhes como por encanto e as riquezas de que fallava a tradição antiga, em minas d'oiro de grande valor, viram-n'as desapparecer n'aquelle silencio de morte e de mysterio que envolveu tragicamente as rebeldes povoações dos *altos*, tão heroicas que só o ferro, o fogo, a fome e a peste conseguiram subjugar [4]. Estranha raça a que elles dominaram e a quem deram o extraordinario poder de encantar os thesouros de suas riquezas...

Certo é que os *roteiros* dos cyprianistas lá vão procurar os velhos castros, os monumentos mysteriosos d'essa raça extincta, as aras sagradas dos seus deuses e por vezes as profanadas sepulturas dos seus heroes, para ahi collocarem os thesouros encantados [5].

Julho de 1908.

Manuel de Oliveira.

---

1 *Port. Mon. Hist.*, *Inquisitiones*, pag. 226, 1.ª col.

2 *Povoação de Entre Doiro e Minho*, in *Archivo Historico Portuguez*, vol. III, pag. 251.

3 Tombo d'Escariz, documento manuscripto de 1558, existente no Archivo parochial. Este crasto tem actualmente o nome de Santosillos, santos idus (corrupção de Santo Isidoro). Já no seculo XVIII tinha esta denominação que levou o Padre Carvalho á ridicula hypothese: «Santos idus, nome que lhe devia pôr a Gentilidade Romana, que começaria ou daria fim a esta fabrica nos idos d'algum mez». (*Chorographia*, tom. I, pag. 344). São notaveis os vestigios das muralhas e d'uma larga estrada que desce para Arcozello, dando uma ramificação que communica com a ponte do crasto sobre o Neiva e que fica logo na quebrada do monte. A imaginação popular, surprehendida com o cordão socalcado da muralha que circunda o planalto do monte, fez d'elle habitação de mouros encantados, prezos n'um recinto defezo por um enorme cordão d'ouro que corresponde á muralha tão nitidamente cortada. Tambem aqui se reproduz a lenda classica d'uma estrada subterranea até ao Neiva.

4 Idacio, *Chronicon*, cap. XVI.

5 Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, vol. V, pag. 5.

Materiaes para o inventario archeologico do concelho de Baião

I.—CASTROS

I.—Castro de Porto Manso (freguesia de Ancêde). O castro assim denominado, acha-se situado um pouco acima e a pequena distancia do logar de Porto Manso, lado E., na margem esquerda do rio Ovil e a curta distancia da confluencia d'este com o rio Douro. No sopé do monte passa a via ferrea do Douro, com a estação em Mosteirô, a um kilometro de distancia. O monte acha-se plantado de pinheiros e carvalhos, e é ingreme, muito escarpado e de custoso accesso, principalmente do N. e O. Por todos os outros lados é mais facilmente accessivel.

O oppido assenta na corôa do monte, não muito ampla, e era cingido em todo o seu contorno por um simples muro, apenas. D'este, de ha muito totalmente desfeito, restam apenas, n'um ou n'outro ponto, uns tenues e apagados vestigios, e, do lado N., em soffrivel estado, mas muito diminuido em altura, um pequeno lanço de poucos metros de extensão. É de mediana espessura e construido, como o de todos os mais castros d'esta região, com miuda pedra de granito, não obrada e assente em sêcco.

Ha a notar ainda, do lado E., a uns 50 metros distantes da muralha, vestigios de um extenso e largo fôsso, obra evidentemente intencional. Era este o lado mais facilmente accessivel, o lado fraco, o ponto vulneravel da estação murada.

A area occupada pelo castro acha-se, no todo, soffrivelmente conservada; não se divisam, porém, vestigios de casotas castrejas, nem tambem as enygmaticas covinhas circulares ou outras quaesquer gravuras nas fragas e penedos.

Encontrada n'este castro, vi eu uma pequena mó de atafona luso-romana *(mola)*, actualmente recolhida em Mosteirô. Disseram-me terem apparecido ali moedas de cobre ou bronze dos imperadores romanos. Não as vi, porém. Soltos, á superficie do sólo, encontram-se fragmentos de ceramica romana, raros, lisos e vulgares: nenhum ornamentado, nem digno de particular menção. Como se vê, este castro foi romanisado.

De mouros, ha uma lenda muito vulgar: é uma mina de ouro—que os mouros ali deixaram, já se vê—com outra de peste ao pé. Quem, por engano, descobrir a peste, caírá logo morto e empestará o mundo.

Vestigios de influencia romana. A cerca de um kilometro a nascente da estação de Mosteirô, ao lado direito da estrada que conduz ao logar de Ancêde, fica a casa e quinta da familia Negrão. Dentro d'este predio, na descida para uns pomares que lhe ficam proximos e onde se acha assente a casa da azenha, notam-se abundantes e evidentes vestigios de influencia romana. Todo o terreno adjacente a esta casa está juncado de fragmentos de ceramica—telha, tijolo, louça, etc.; soterradas, divisam-se casotas rectangulares, dentro das quaes abundam exemplares da mesma ceramica; e, no pomar inferior, teem apparecido por vezes, ao cavar a terra, pequenas moedas de cobre ou bronze dos imperadores romanos. Entre os objectos ali encontrados, destacarei os seguintes:

Uma mó de granito, a mó dormente, de atafona manuaria;

uma ara de pedra granitica, mutilada na parte inferior, mas conservando toda a parte superior em bom estado, com a respectiva inscripção em caracteres romanos. É como se segue:

I. O. M.
NISPRO
EX.VOTO

Foi lida pela primeira vez pelo insigne archeologo F. Martins Sarmento, que a decifrou á face de um decalque que lhe remetti. Acha-se publicada na *Revista de Guimarães* e no *C. I. L.* de Hübner.

Fragmentos de olaria archaica encontrei-os tambem dentro de uma bouça de matto, a uns seis ou setecentos metros a O. da casa de Esmoriz. Ignoro o nome do local. Por m'o dizer o meu fallecido amigo Manoel Negrão, sei que uma vasilha de barro luso-romana e um machado de bronze, que possuia na sua collecção, tinham apparecido por aquelles sitios; a vasilha excavada pela agua, o machado na fenda de um penedo, que uns brocantes despedaçaram. No sitio não havia indicios de ter sido habitado.

Cacos de telha romana encontrei-os igualmente em um montão de entulho ao lado da igreja romanica do antigo mosteiro de Ermêllo: tinham apparecido por ali perto. N'essa mesma occasião anda-

vam escavando e terraplanando o terreno adjacente á igreja do lado N., e tinham posto a descoberto quatro sepulturas. Duas estavam vasias; as outras duas, formadas e tampadas com pedras miudas não obradas, continham, cada uma d'ellas, as ossadas completas de um esqueleto humano em perfeito estado de conservação; mas offereciam tão pequena resistencia e desfaziam-se com tal facilidade, que não foi possivel conserva-las. Os esqueletos jaziam em decubito, e as sepulturas nada mais continham. Pareciam muito antigas estas sepulturas, e deviam ser anteriores á fundação da igreja, que data de 1107. Omitto as razões em que me fundo, para não alongar em demasía este artigo.

No interior da igreja ha pequenas inscripções gravadas nas paredes, mas não as pude lêr, por insufficiencia de luz. Exteriormente, ha, por baixo de uma janella que dá luz para a capella-mór, uma outra inscripção, da qual só consegui lêr parte por causa da espessa camada de musgo que reveste a pedra; vê-se, porém, que é o epitaphio de um certo D. Beraldo, cuja caveira foi transferida para o convento de Ancêde, onde os frades a guardarám cautelosamente, como uma boa fonte de receita — porque possuia o mirifico dom de curar a raiva.

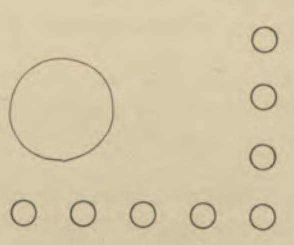
Não incluo na presente relação dos castros o monte denominado o Castello, sobranceiro ao logar de Ancêde, porque, tendo-o vistoriado, não divisei alli indicio algum de estação castrense.

Penedos com lendas. Tenho noticia de um, apenas, situado no logar de Pontozêllo e denominado *a fraga do rendeiro.* Dizem que era costume irem queimar alli, sobre aquella fraga, em certo dia do anno, todos os titulos e recibos dos dizimos e primicias devidos á igreja. Se o fumo subia direito para o ceu, sem se desviar para um ou outro lado, era isso signal e prova de que tudo estava direito, bom e legal. (Textual).

II. — Castro do Cruito (freguesia do Gôve). É este um formoso oppido, uma das mais notaveis e bem conservadas estações luso-romanas d'este concelho. Denomina-se o Crasto e abrange com o seu duplo cinto de muralhas circulares todo o cume e grande parte da encosta de um amplo e alteroso monte denominado o Cruito. Acha-se situado na margem esquerda do rio Ovil, sobranceiro a este mesmo rio e a cêrca de um e meio a dous kilometros da ponte do Gôve.

Podemos scindi-lo em duas secções ou partes distinctas. No alto, na culminancia do monte, a acropole, dentro da qual se divisam a aflorar do sólo, n'um ou n'outro ponto, vestigios de casotas circulares, e, pela encosta fóra, ampla, desafogada, de pendôr suave, a segunda secção ou zona da estação murada, a parte, por assim dizer, *urbana.* Os muros, tanto o exterior da zona urbana, como o interior, protector da cidadella, acham-se em adiantado e deploravel estado de ruina; uns prostrados, destruidos e desfeitos outros, e a pedra de que eram formados na maior parte saqueada.

Abundam por todo elle lages e penedos. Na face de um d'estes, um pequeno penedo, arrumado para o lado S. da encosta voltada a O., acham-se gravadas, formando um pequeno grupo, algumas, não me recordo quantas, das mysteriosas covinhas circulares — *fossettes.* N'um outro penedo, bastante afastado d'este para o N. O., parte d'elle nivellado com o sólo, parte elevado de $1^{m},50$ até 2 metros de alto, acham-se cavadas, na face da pedra que está de nivel com o sólo e que é inteiramente plana, nove fossas, todas de forma circular. Acham-se dispostas da seguinte forma:



Não tirei medidas d'estas fossas; mas devem medir muito approximadamente, a maior, de diametro 4 palmos e de profundidade $1\,^1/_2$; as outras oito, todas iguaes na forma e dimensões e que se acham equidistantemente dispostas, de diametro 1 palmo e de altura outro tanto. Estão todas em bom estado. Não teem soffrido o menor damno.

Este grupo de fossas, de que nem sequer tento dar uma ligeira descripção, — o que não conseguiria realisar com algum proveito para o leitor sem o auxilio complementar e indispensavel de uma boa prova

photographica, que reproduzisse fielmente não só as fossas, mas tambem todo o conjuncto d'este singular monumento, — é devéras um trabalho muito curioso. Para elle chamo a attenção dos futuros visitadores d'este castro e muito particularmente d'aquelles que se dedicam ao estudo d'estas mysteriosas construcções.

Nada mais encontrei n'este castro digno de particular menção, a não ser a ceramica usual: fragmentos de *tegulæ*, de louça, tijolo, escorias de ferro e bocadinhos de louza — pedra estranha á região e, portanto, importada de fóra.

N'este castro, segundo me affirmou o meu guia e elle dava como cousa certa e segura, ha uma «estrada subterranea» que vae dar ao rio proximo (rio Ovil), e desemboca no sitio onde está um penedo com uma grande cova cheia de dinheiro. Na cova ninguem póde entrar: está lá dentro uma moura. A estrada servia para os mouros irem colher agua ao rio e levar os cavallos a beber, a occultas do inimigo.

III. — Castro de Pousada (freguesia de Santa Cruz do Douro). É um pequeno oppido. Acha-se situado a cêrca de tres kilometros acima da portella do Gôve, ao lado direito da estrada que vae para Santa Cruz do Douro. Pousa na corôa de um pequeno outeiro, de relevo pouco saliente, na cumiada do monte denominado de Pousada ou dos Fieis de Deus. É de facil accesso. O recinto que occupa é todo plano. Cingia-o em todo o seu contorno uma só cintura de muralhas. D'estas, resta apenas um extenso lanço, do lado do N., em adiantado estado de ruina. O mesmo systema de construcção já referido nos castros precedentes: pedra miuda assente em sêcco. Não encontrei exemplares de ceramica; apenas, cravada no sólo, uma pequena pedra, que me pareceu pedra de afiar. Lá ficou. O castro está muito bem conservado; e uma exploração alli effectuada podia, sem grande dispendio e com pequeno trabalho, dar bom resultado. Dentro está levantado um marco geodesico.

IV. — O Castello (freguesia de Santa Cruz do Douro). É um oppido regular. Fica não muito distante do antecedente, para o S., no sitio chamado Pram, entre os logares de Enxames e Agrellos. Assenta na culminancia de um monte denominado o Castello. Está soffrivelmente conservado. Apresenta ainda vestigios de muralha pelo lado S. Pelo chão abundam cacos de olaria romana — telha, louça vulgar, etc. Notam-se vestigios de casotas rectangulares e, solta pelo chão, pedra miuda das velhas construcções.

V. — Castro do Mantél (freguesia de Santa Cruz do Douro). Fica esta bella estação castrense a tres para quatro kilometros do castro de Pousada, e tem por visinhos, até á distancia maxima de um kilometro, os logares de Lodão, Queixomil e Cedofeita. O monte pertence, no todo ou em parte, á visinha quinta de Campos, propriedade do sr. conde de Castello de Paiva.

É o maior, mais importante e talvez o mais bem conservado oppido d'este concelho. Denomina-se o Crasto, e o monte em que assenta, o Mantél. Toma toda a corôa do monte, alto, isolado, em excellentes condições de defesa, e estende-se por uma grande parte da sua dilatada encosta voltada a O.

Protegiam-n'o tres ordens de muralhas: duas circulares — a da cidadella e a immediata e parallela a esta e que se acha lançada a meio da encosta. A terceira e a mais afastada da *arx*, acha-se lançada ao fundo da encosta, do lado O.; e não era, nem podia ser circular, nem, portanto, dar volta inteira á roda do monte, por lhe ser impedimento a particular configuração d'este. Abrangia uma parte da aba do monte do lado do O. e ia rematar pelo N. e S. na circumferencia da muralha immediata. Da muralha exterior restam vestigios; das duas outras, interiores, vestigios e alguns lanços em plena derrocada.

Do nascente, do lado de fóra da segunda muralha circular e quasi rente a ella, está aberta uma formidavel trincheira, com a escarpa e contra-escarpa revestida, de alto a baixo, com um fôrro de miuda cantaria; sobre a contra-escarpa e apoiando-se em parte n'ella, notam-se os vestigios de uma construcção de pedra miuda, casa ou o quer que seja, cujo destino não é facil imaginar qual fosse. Uma das entradas do castro era por aquelle lado. O mesmo systema de construcção de muros já mencionado nos outros castros. Não encontrei fragmentos de *tegulæ*; apenas alguns cacos de louça lisa e vulgar.

Vestigios de influencia romana. No paçal d'esta freguesia e a pequena distancia da igreja parochial, apparecem, ao lavrar a terra, cacos de *tegulæ* e de outras louças. Appareceu tambem uma mó manuaria e uma moeda de bronze dos imperadores romanos.

VI.—O Crasto (freguesia do Zezere). Perto da igreja matriz d'esta freguesia ergue-se um morro denominado o Crasto. Divisam-se reliquias de um oppido em adiantado estado de ruina. Já não tem muros; apenas vestigios d'elles. Pelo chão cacos de barros cosidos de olaria romana. D'este castro foram remettidas para o Museu da Sociedade Martins Sarmento duas esculpturas em pedra granitica, uma representando um quadrupede, a outra uma figura humana.

VII.—O Castro (freguesia da Teixeira). Acha-se situado na margem esquerda do rio Teixeira, defronte do sitio chamado *Volta grande*, na estrada de Quintella a Mezão-frio. O monte chama-se o Crasto. Está em plena ruina. Já não tem muros. Pelo chão cacos de olaria usual.

II.—DOLMEN E MAMÔAS DO MONTE DA ABOBOREIRA

Para rematar este singelo trabalho, emprehendido no intuito de attraír para as antigualhas d'este concelho a attenção de futuros e mais competentes pesquizadores, resta-me dar noticia das reliquias dos monumentos megalithicos que por aqui se encontram, indicando ao mesmo tempo, com a possivel exactidão, os locaes certos onde se acham situados. Para isso teremos de nos transportar á cumiada do monte da Aboboreira, por cujo planalto as iremos encontrar.

O monte da Aboboreira ou serra da Aboboreira, como o povo em geral o denomina, faz parte do massiço orographico do Marão e constitue um robusto contraforte que, avançando de E. a O. até o concelho do Marco, onde termina, rompe por entre os concelhos de Baião e Amarante, aos quaes serve de natural barreira divisoria—ficando Amarante ao N. e Baião ao S.

Pela cumiada d'este monte fóra passava antigamente a unica via de communicação terrestre do Porto para a Regoa e Traz-os-Montes, outr'ora muito concorrida, mas deixada de seguir e de todo abandonada desde que a Companh'a dos vinhos do Alto Douro rasgou a estrada, mais viavel e segura, por Amarante a Mezãofrio e Regoa.

Para orientação do leitor que acaso deseje visitar estas reliquias, e para maior claresa da nossa exposição, imaginemo-nos partindo do Marco para Quintella, extremo oriental do monte da Aboboreira. Vencida a subida pela encosta de Taboado, venda da Giesta até ao logar da Aboboreira, triste, pobre e miseravel povoação, já no alto, e percorrida mais uma e meia legoa do agreste monte, teremos attingido o seu ponto culminante. É a fonte do Mél.

A fonte do Mél é um pequeno veio d'agua, limpidissima, que rebenta expontanea na raiz de um pequeno outeiro ou mamillo que lhe fica sobranceiro. O outeiro chama-se a Menina do Crasto.

Entre este outeiro e um outro, que lhe fica ao pé e se chama o Outeiro do Conselho, vêem-se vestigios de uma mamôa. A uns 50 metros a sudoeste d'esta mamôa, restos de um pequeno dolmen. Conserva ainda erectos, em perfeito aprumo e solidamente firmes, todos os esteios que constituiam a camara. É de fórma perfeitamente circular, pequeno diametro e diminuta altura. Não tirei medidas; mas não errarei muito se der de altura aos esteios 1^m,10 ou 1^m,20 e de diametro á crypta, 1^m ou 1^m,10. Já não tem tampa, nem galeria, nem mamôa, nem sequer vestigios d'ella.

Prosigamos na derrota que vinhamos seguindo. Andados mais uns 2:500 metros, daremos ingresso n'um sitio que se denomina *Chão de Parada*. É uma espaçosa chã, toda despida de arvoredo. Á nossa esquerda dá logo na vista um pequeno nicho de cantaria, encimado de uma cruz. Commemora um milagre: a apparição de Nossa Senhora pelos annos de 1860 e tantos—espectaculo que eu por poucos momentos perdi, porque tive de atravessar aquelle monte na madrugada do dia do memorado caso. Lá deparei ainda com uma parte dos fieis, que ali tinham pernoutado, e com uma bojuda pipa de vinho, a cuja torneira elles iam, de quando em quando, reaccender a fé.

Cerrado o parenthesis, volvamos os olhos para o N. E. Lá nos surge no extremo da esplanada o dolmen da Aboboreira ou da fonte do Mél, conhecido tambem com o nome de Casa do mouro ou da moura e Cova do ladrão. Consta elle de uma camara de fórma apparentemente circular, constituida por nove esteios monolithos de granito muito duro, de textura muito grosseira e sem o mais leve indicio de trabalho intencional. Tem todos os esteios a mesma altura, 2^m,45. Na largura differem: 7 medem 1^m,50; os restantes, 1^m,90. Espessura, todos elles, 0^m,25. A tampa, monolithe tambem, de granito igual aos esteios, tem, medida no seu maior diametro, 3^m,60 e no opposto, 2^m,50. Assenta por igual no topo de todos os esteios. A crypta, apparentemente circular, mas de facto polygonal, pois que cada um dos esteios sobrepõe no

immediato nas junturas de contacto, tem, medida interiormente, de altura do pavimento ao tecto $2^{m},45$ e de largura, n'um sentido $3^{m},50$, e no opposto $2^{m},45$. A porta está voltada ao nascente e mede na abertura horisontal pouco mais de 1 metro e de altura $2^{m},45$. A galeria, constituida por dous renques de pedras de media grandesa, acha-se muito estragada: falta-lhe todo o capeado e a maior parte das paredes lateraes. A mamôa, bastante diminuida em altura, mas em soffrivel estado ainda, tem de diametro na base 15 metros. É limitada em todo o seu perimetro por uma orla de pequenas pedras.

Se d'este ponto tirarmos uma recta em direcção ao sul, percorridos 50 a 60 metros, iremos deparar com uma mamôa de 15 metros de diametro. Está em bom estado. Percorrida igual distancia para a frente, outra mamôa, igual á antecedente. Na cavidade central tem algumas pedras caídas. Se d'esta ultima mamôa tirarmos uma outra recta em direcção ao poente, percorridos 60 a 70 metros iremos encontrar outra mamôa um pouco menor que a antecedente. Está muito estragada, quasi desfeita. Este sitio, como já disse, chama-se Chão de Parada e pertence á freguesia de S. João de Ovil. As memorias parochiaes manuscriptas de 1758 dão noticia de quatro ou cinco antas aqui existentes. Vê-se, portanto, que os dolmens que faltam desappareceram depois d'aquella data.

No sitio chamado Outeiro Gordo, afastado uns 500 metros do ponto em que estamos, ha mais cinco mamôas. Regulam pelas antecedentes e estão em soffrivel estado — algumas com pedras tombadas na cavidade central. Ha mais algumas, perto do logar da Aboboreira, á margem do caminho que vae para Campêllo. Tenho noticia d'ellas por informação de um amigo meu, que as viu.

Marco de Canavezes. XII — 1907.

J. de V.

Castros do concelho de Amarante

(CONTINUAÇÃO)

IV. — Castello Velho. A uns sete kilometros a sudoeste d'Amarante, e no extremo das freguezias de Louredo e Villa Cahiz, ficam os montes ou serra de Santa Cruz, pequena faixa de terreno escalvado e pedregoso com cabeços, cujas cotas maximas oscillam entre 450 e 500 metros.

Figs. 1 a 4

Foi num d'estes morros, de forma accentuadamente conica, conhecido no toponymo actual pelo nome de Castello Velho, e a que a carta geodesica dá 459 metros d'altitude, que uma pequena tribu lusitana se fixou por um tempo mais ou menos longo, ou d'elle se serviu como reducto ou simples posto de observação.

Figs. 5 a 8

E digo uma pequena tribu ou familia, porque é tal a quantidade dos afloramentos graniticos que só a noroeste se poderiam construir algumas poucas d'essas nossas conhecidas redondas casas castrejas, a não ser que, por entre a penedía e de encosto a ella, nos claros, onde hoje cresce a giesta de flores brancas, se erguessem, aqui e além, frageis choupanas de madeira, torrões e pedra miuda á seme-

lhança dos cortelhos serranos; ha, porém, carencia absoluta de vestigios evidentes de casas e mesmo de muralhas defensivas.

Que foi um pequeno castro não existe duvida; tudo no-lo diz: a forma, o nome, a lenda, que aqui, como em estações identicas, tudo attribue a mouros e mouras encantadas, sem esquecer o tal caminho subterraneo até ao rio, neste caso forrado d'ouro pela crendice popular; porém, se isto não fosse bastante, lá temos os seixos rolados, que só podiam vir do Tamega, que tão distante corre, numero sufficiente de fragmentos de uma ceramica grosseira, mas cara-

Fig. 9

Fig. 10

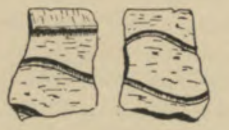
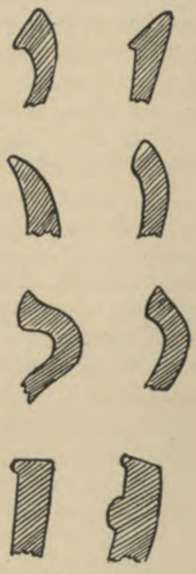


Fig. 11 *a* e *b*

cteristica, que os cyprianistas põem a descoberto nas suas excavações nocturnas á cata de thesouros, e, superior a tudo, as interessantes insculpturas, quasi todas para nós, para mim pelo menos, enigmaticas, que o fustigar dos seculos até hoje conservou para dentro em pouco o barbaro camartello despedaçar, como a tantissimas outras, e rolar pelo monte abaixo para vergonha nossa.

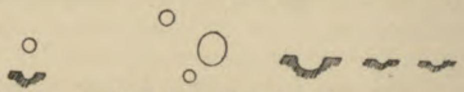


Figs. 12 a 14

D'entre esses restos ceramicos colligí alguns com simples ornamentações incisas (figs. 1 a 4), pequenos filetes com impressões unguiaes e digitaes (figs. 5 a 8), sulcos longitudinaes, ora horisontaes (figs. 6 a 9), ora sinuosos (figs. 8, 10 e 11), ás vezes os dois combinados (fig. 8), e em alguns nas duas superficies interna e externa (fig. 11 *a* e *b)*, rebordos mais ou menos artisticos (figs. 12 a 14), azas, uma das quaes com orificios (figs. 15 a 17), fundos de vasos e varios cacos em que mais facilmente se podem notar algumas particularidades ácerca do fabríco e cosedura, pois ha peças em que é evidente que naquelle não entrou o auxilio da roda d'oleiro, e noutras se vê, pelas diversas côres e dureza da pasta, que a cocção não era perfeita, o que nos leva a suppôr que o artista, não conhecendo o forno, cosia os seus vasos pelo processo da *soenga* (*Portvgalia*, t. II, pag. 76), ainda hoje em uso nas olarias do concelho.

Figs. 15 a 17

Fig. 18

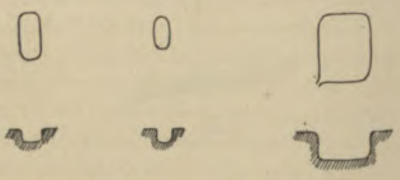


Figs. 19 *a* e *b* e 20 *a* e *b*

A argilla era de varias especies — mais ou menos plastica — e nunca peneirada, tal a grande quantidade de grãos de quartzo e orthose que indistinctamente se encontra espalhada por toda a massa. De envolta com estes cacos apparecem, aqui e além, fragmentos de escorial.

As insculpturas são de quatro especies: covas, pias, excavações e escadas.

As covinhas (figs. 19 *a* e *b* e 20 *a* e *b)* são ou isoladas, ou associadas a pias e degraus.



Figs. 22 *a* e *b*, 23 *a* e *b* e 24 *a* e *b*

As excavações (fig. 21 *a, b* e *c)*, de forma um tanto rectangular, dão umas leves ideias dos *lagares de mouros (Portvgalia*, t. I, pag. 606), mas não o eram de certo, e talvez servissem para

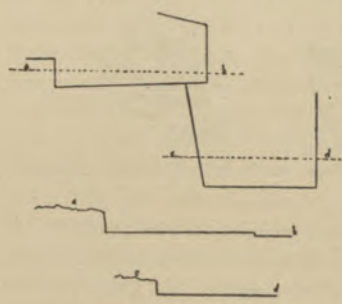


Fig. 21 *a, b* e *c*

firmar alguns postes de madeira ou pedra na vedação de um pequeno recinto, visto que as paredes de algumas dão, em parte, alinhamento com cortes que atravessam em todo o comprimento a parte superior dos dois penedos terminaes, embora estes cortes, a que dão accesso pequenos degraus abertos na rocha, estejam em differentes planos de nivel.

As pias (figs. 22 *a* e *b*, 23 *a* e *b* e 24 *a* e *b)*, são ellipticas ou rectangulares.

As escadas (fig. 25), essas ha-as de duas formas: umas, e são aquellas de que acabo de fallar, são tão toscas que nos degraus mal se póde firmar um pé; outras, abertas na rocha como as primeiras, foram feitas com todo o cuidado e dão, segundo dizem, para um poço, que ha pouco ainda estava em parte aberto, e que os pastores encheram de pedras para o gado lá não cahir. Depois encontram-se, aqui e alli, neste ou naquelle penedo, sulcos longitudinaes, interrompidos ou não, degraus isolados, cantos de degraus (figs. 26 e 27) e, a pouca distancia do castro, um penedo furado, onde o povo diz ser o açougue dos mouros, olhando o orificio como prisão dos bois.

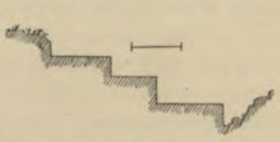


Fig. 25

Figs. 26 e 27

(Continua)

J. Pinho.

Uma velha necropole

No alto do monte de S. Mamede, freguesia de Frades, concelho da Povoa de Lanhoso, quiz a piedade votiva d'alguns parochianos erguer uma egreja em substituição d'uma capella abandonada e sem culto, que ali se encontra.

Ao abrir as vallas em que haviam de solidar-se os alicerces e ao desaterrar um declive contíguo, começaram a apparecer varias sepulturas contendo cinzas umas, restos osteologicos outras. Uma natural mas previdente curiosidade levou o digno abbade, promotor das obras, a observar a organisação dos covaes e d'esse exame, confirmado alguns dias depois por quem isto escreve, resultou averiguar-se que eram profundados no salão, salvo quando o desnivelamento do terreno o não permittia, pois, n'este caso, uma das paredes longitudinaes e, sequer, uma das testeiras eram constituidas por lousas de granito de que se formavam tambem as coberturas.

Dirigidos para o nascente e em numero avultado (32 se descobriram), tinham dimensões varias que se confinavam, nos mais perfeitos, entre $1^{m},25$ e $2^{m},0$ no comprimento, $0^{m},43$ e $0^{m},58$ no cabeçal e $0^{m},26$ nos pés.

Infelizmente a abundante necropole, que se não achava indemne de vandalismos, pois já havia sido profanada, não forneceu elementos capazes de provocarem um assêrto seguro e insuspeitoso quanto ás suas origens. Miudos fragmentos de ceramica rudemente fabricada em cuja pasta a mica assaz interferia, eis o insufficientissimo espolio, disperso e sem ordem, que as funebres fossas guardavam; no terreno circumdante, onde ha annos se encontraram uns exemplares da «mola manuaria», apenas se logrou agora o magro inventario de fragmentos de brelho e telha de rebordo.

Trata-se d'uma povoação castreja e cemiterio posterior ao abandono da estancia, caso porventura parallelo ou analogo ao da citania de Briteiros (Martins Sarmento), ao do castro de Laundos, na Povoa de Varzim (José Fortes e Rocha Peixoto), ao do castro de Ossella, no concelho de Oliveira de Azemeis (Id., id.) e ainda ao que nos descreve D. José Ramón Mélida no fasc. 1.º do t. LII do *Boletin de la Real Academia de la Historia?* (Madrid, 1908).

A interrogativa subsiste, pelo menos emquanto se não desvendar mais o habitat do humilimo e pobrissimo povo, que viveu nas derradeiras cristas do audacioso braço da Cabreira estendido na margem esquerda do Cavado, cuja liquida sinuosidade, espelhenta e mansa, se vê até ao mar, atravez do valle deliciosamente ameno e deslumbrante.

M. M.

O homem da maça

Refere Pinho Leal, a pag. 452 do vol. II do seu *Portugal antigo e moderno*, que n'um sêrro da freguesia de Santa Cruz do Bispo, concelho de Bouças, e entre as capellas de Nossa Senhora do Livramento e de S. Sebastião, se encontrou uma estatua de pedra representando Hercules e a que o vulgo chama o *homem da maça* — «pela que tem na mão». J. Augusto Vieira, a pags. 670-1 do II tomo do *Minho pittoresco*, reproduz, approximadamente, a mesma noticia, sem additamento que melhor a aclare. Velho Barbosa, não obstante alludir a algumas antigualhas do concelho na sua excellente *Memoria historica da antiguidade do mosteiro de Leça, chamada do Balio*, não exara referencia a semelhante estatua, como, de resto, a outras velharías posteriormente indicadas por Martins Sarmento e ainda na pag. 288 do tomo II da *Portvgalia*. Mais allusões vagas, escriptas ou verbaes, não valem menção, sequer. A verdade é que a estatua, objecto de phantasias que veem n'ella desde um Hercules a um S. Christovão, foi ha annos implantada ao lado da capella de S. Braz, pequeno templo restaurado então e sito n'um alto que domina ao fundo da Quinta de Santa Cruz do Bispo, a esplendida propriedade reformada, segundo o Padre Carvalho na sua *Corografia*, pelo bispo do Porto D. Rodrigo Pinheiro.

O homem da maça: frente e costas

Já não tem, como informava Pinho Leal, a maça na mão! Enterrada quasi até aos joelhos, como na estampa se vê, e de taes proporções que assim mesmo attinge a estatura media d'um homem, faltam-lhe os dois ante-braços, avantajando-se ainda as mutilações na bocca, olhos e nariz. Esculptoricamente a figura não é uma obra nem de arte culta, nem de arte barbara; reproduz presumivelmente, com escrupulo de copia e certa aptidão de cinzel, um velho guerreiro, no qual a cabelleira hirsuta e ondeada, as mangas do gibão, as pregas d'este abaixo do cinto, as joelheiras e a provavel couraça que uma tenue crista saliente denuncía ao longo do sterno, são mais habilmente delineadas do que varios dos pormenores da nossa conhecida esculptura proto-historica. Junto á figura ha uma outra, mais barbara, representativa d'um leão (?) e com a qual se completa a interpretação popular d'estes velhos despojos de grossa estatuaria em granito.

Assim o «homem da maça» é por alli conhecido desde tempos muito antigos e representa um individuo que, vindo uma vez com uma maça de maçar o linho, se viu perseguido por um bicho enorme e temeroso. Defendendo-se, luctando e invocando um santo, com a referida maça conseguiu subjugar a féra. Eis o que, em reconhecimento e para memoria, as duas figuras representam.

Manifestamente o povo não deixaria de explicar as duas esculpturas que alli possue, como semelhantemente acontece com as representações menores de bois, porcos e serpentes esculpidas em fontes e outros annexos da quinta ou com os vestigios proto-historicos e romanos d'esta região e contiguas, aliás ainda pouco estudadas.

Ha a notar, todavia, por sobre a indecisão do observador ante as duas esculpturas avulsas e imprecisas, que só o acaso alli reuniu ha poucos annos, os vestigios muito attenuados d'um culto remoto, porventura até litholatrico. Effectivamente, quando em fevereiro tem logar a romaria a S. Braz, as raparigas enfeitam o «homem da maça» com grinaldas de flores no pescoço e na cabeça, abraçando-o depois durante a festa ao orago e rogando-lhe que as case depressa. É claro que occorrem varias interpretações ácerca da sobrevivencia d'este costume relacionado não com um monolitho intencional ou nativo, mas com uma verdadeira figura humana e, para mais, alentada e heroica. Talvez explorações e acquisições ulteriores esclareçam um facto que, por agora, e em virtude de certas nevoas e illogismos, bastará registrar.

Accode ao observador, entretanto, a lembrança dos «penedos dos casamentos», como o que está não muito distante do santuario da Senhora da Peneda, no concelho dos Arcos de Val de Vez, o de Santo Thyrso de Prazins, de que nos falla Martins Sarmento a pag. 183 do tomo I da *Rev. de Guimarães*,

e outros ainda a que alludem os nossos folk-loristas. N'elles a forma e intenção divergem; mas a verdade é que, em remate, deriva uma consagração similar.

Aos archeologos não tem passado despercebida a especie de veneração consagrada ás pedras e, nomeadamente, aos «menhir» como se pode vêr, por exemplo, a pags. 439 e segs. do I tomo, ainda recente, do *Manuel d'Arch. préhist.* do sr. J. Déchelette. De Jubainville, no seu artigo *Le culte des «menhir» dans le monde celtique* inserto no tomo XXVII da *Rev. celtique*, allude, em pag. 314, a um culto que consiste em dançar-se á volta d'um menhir; e no tomo seguinte da mencionada revista o mesmo A., em artigo intitulado *Les pierres baptisées*, refere-se ás danças de roda em torno de «menhir», no intuito de se encontrar marido ainda no anno da pratica.

O sr. Paul Sébillot, a pags. 56-63 do tomo IV da sua vasta obra *Le folk-lore de France*, relata maior e mais vario numero de casos analogos ainda subsistentes. Assim as raparigas que desejam marido friccionam o ventre contra um menhir ou mesmo pedra que não o seja, pratica que adoptam outras mulheres para serem fecundas e outras ainda para terem leite. Ha casos parallelos ou identicos entre nós. Para alcançarem filhos varões, os dois conjuges procedem semelhantemente e por egual tambem se abraçam ao penedo. E andar em volta dos megalithos ou de quaesquer blocos naturaes reputados pelas suas virtudes, ou ainda dançar em torno d'elles, são costumes dos mais frequentes, principalmente nos dias das festas patronaes, sempre relacionando-se taes praticas com o amor ou com a fecundidade. Ora os similes entre nós, e as suas variantes, são bem conhecidos; e o caso do «homem da maça» decerto enraíza, embora desnaturado ou transferido, no mesmo longinquo fundo pagão.

R. P.

Benemeritos da Archeologia

AS EXPLORAÇÕES DA CIVIDADE DE TERROSO E DO CASTRO DE LAUNDOS, NO CONCELHO DA POVOA DE VARZIM

A *Portvgalia* memóra, ao encerrar-se o presente volume, um dos factos culminantes para a Historia da Archeologia entre nós. Trata-se da vasta exploração de toda a acropole da cividade de Terroso

David Alves

Santos Graça

Arthur Cruz

José Calheiros

Abbade de Terroso

e ainda d'algumas suas dependencias, em duas campanhas successivas, cada uma de alguns mezes, nos annos de 1906 e 1907; e bem assim, n'est'ultima data, a d'uma grande parte do proximo monte ou

castro de S. Felix em Laundos. Ambas as estancias demoram no concelho da Povoa de Varzim, recentemente bem digno de reparo pelos interessantes subsidios archeologicos que vem fornecendo á Sciencia; e não escapam decerto á observação, mesmo distrahida, dos que percorrem a orla littoral, ou, pela linha ferrea, attentam nos dois sêrros que, em parte, emmolduram a varzea poveira.

A benemerencia avulta por, aos importantes dispendios effectuados — e que motivos bem transparentes não permittem exarar com cifras — serem alheios os directamente interessados em semelhantes indagações scientificas. Basta apenas consignar que em Terroso, independentemente da exploração em trechos de muralhas e em varios taboleiros da estancia, se pozeram a descoberto, no planalto dominante, mais de cem edificações e seus annexos, a muralha subsistente, pavimentos de ruas e outros pormenores constructivos accessorios. O espolio exhumado, de pedra, barro, vidro, bronze, ferro, prata e ouro, encheu

Fig. 1 — Brigada de trabalhadores n'uma das phases da campanha de 1906 (Terroso)

44 caixotes, depois de feita a selecção do que importava archivar e ainda excluindo o material destinado a presentear alguns museus do paiz. Quem conhece, sobretudo por os haver effectuado á sua custa, os dispendios que representam alguns breves e ás vezes bem ingratos reconhecimentos archeologicos, formará ideia, pela ligeira indicação exhibida, do vulto da exploração que vimos memorando.

Evidentemente este caso não é singular e, de trabalhos extensos custeados pela benemerencia privada, temos precedentes bem notaveis (*Portvgalia*, II, 122-3). A raridade está em depararem-se-nos pessoas alheias a estudos d'essa indole, contribuindo tão largamente para explorações, cuja amplitude opportunamente será ajuísada com o merecido relêvo.

O capitalista povoense, sr. ANTONIO FRANCISCO DOS SANTOS GRAÇA, já evidenciado na terra da sua naturalidade por assignalaveis benemerencias, foi o patrono da exploração da cividade de Terroso, depois de informado e esclarecido ácerca da importancia e significação scientificas d'esse emprehendimento. Com uma prompta e sagaz comprehensão e uma generosidade a que não pôz limites, para logo se dispôz a iniciar os trabalhos. E effectivamente, em breves dias, começava a campanha de 1906, com uma brigada de operarios cuja media quotidiana era de 25. Interrompida a exploração em outubro d'esse anno por virtude do estado do tempo, reatou-se em maio do anno seguinte; e proseguiria

com maior latitude, se innumeras resistencias locaes a vencer não tivessem já embotado todos os esforços...

Ora n'este anno de 1907 tinham sido exhumadas do proximo castro de Laundos as já celebres arrecadas de que esta revista, pela penna illustre e sabia do seu generoso e benemerito director, logo deu noticia *(Portvgalia,* II, 403-12). Ausentara-se temporariamente para a America o sr. SANTOS GRAÇA. E o echo do achado, com a retumbancia da vasta exploração da cividade, logo fez conceber um inquerito similar no outro castro. É então que o sr. dr. DAVID JOSÉ ALVES se promptifica a effectuar os desembolsos necessarios, egualmente sem limites e ainda, como procedera o sr. SANTOS GRAÇA para o mobiliario de Terroso, cedendo-o todo ao Museu municipal do Porto, não querendo reservar sequer, nem um

Fig. 2—Reconhecimento inicial d'uma zona na campanha de 1907 (Terroso)

nem outro, *um só objecto de lembrança!* A exploração de Laundos, que se dilatou por trez mezes e com o pessoal já adextrado de Terroso [1], não assumiu a importancia da cividade visinha, pois mais restricto é o seu ambito e mais profundas e extensas as depradações e sevicias. Emtanto, o acto generoso do sr. dr. DAVID ALVES, outro povoense illustre e um verdadeiro, lucido e prestante *reformador* da sua terra, merece o gratissimo registro que honra estas paginas!

Para em tudo ser venturosa — excepção feita da conducta d'alguns proprietarios de terrenos — a exploração encontrou ainda no sr. GONÇALO ARTHUR CRUZ, funccionario illustre e diplomado da Camara municipal da Povoa de Varzim, o mais intelligente e desvelado cooperador artistico e technico. Foi elle o fiscal incansavel dos trabalhos, o topographo cuidadosissimo no levantamento de plantas, perfis e córtes e o artista, por fim, dos numerosissimos e excellentes desenhos que proclamarão o valor e

[1] Com satisfação se consigna ainda a admiravel disciplina mantida durante os serviços e a intelligencia revelada por alguns dos obreiros. Um d'elles, ainda moço, descortinava admiravelmente e com notavel anciedade e carinho, os mais pequenos objectos. Deve-se-lhe a quasi totalidade dos 70 e tantos alfinetes e agulhas de bronze encontradas na cividade.

destaque da sua competencia. Ao seu nome é grato associar o do capitalista e habilissimo photographo amador, sr. José Calheiros, ao qual se devem os numerosos *clichés* que foi possivel obter durante as explorações, através, não raro, de muitas difficuldades e vicissitudes.

Por fim no exemplarissimo sacerdote que é o abbade da freguesia de Terroso, rev.º P.e Antonio Gomes Ferreira, encontrou-se, pela sua acolheita tão fidalga e generosa, pelo interesse que, de começo, lhe despertaram os trabalhos, pelo sollicito affan em remover difficuldades, pelo esforço em alcançar operarios nas duas epochas de absorvente faina agricola, pela hospitalidade com que albergou o fiscal permanente do Museu do Porto (Abilio Pereira), pelos seus lucidos conselhos e pela sagacidade das suas vistas, o ideal do cooperador desinteressado e prestimoso.

Fig. 3 — Alto do castro de S. Felix no inicio da exploração

(Foi junto ao moinho da esquerda que appareceram as arrecadas de ouro de Laundos)

No paiz não se effectuou decerto ainda, em circumstancias parallelas, uma exploração archeologica para a qual convergissem desinteressadamente tantos elementos da mais varia aptidão e utilidade. O insigne e auctorisadissimo Historiador sr. dr. Alberto Sampaio, em *As «Villas» do Norte de Portugal* diz *(Portvgalia,* I, 107): «Deve-se a Francisco Martins Sarmento o conhecimento systematico d'estas antigas residencias (cividades, citanias, castros) entre Minho e Douro; pelas suas admiraveis explorações em Briteiros e Sabroso, pela determinação de grande quantidade de ruinas similares no mesmo territorio, com a sua sabia critica de larga envergadura, desvendou-se o veu mysterioso que as cobriu durante seculos.»

As explorações de Terroso e de Laundos trarão, pois, novos subsidios para a obra gloriosamente iniciada pelo emerito archeologo vimaranense; e — interessante coincidencia! — patrocinadas com a generosidade de que Martins Sarmento deu o exemplo perduravel e magnifico!

Prepara-se actualmente uma Memoria ácerca dos resultados d'esta campanha archeologica, em cuja direcção scientifica foram investidos dois redactores da *Portvgalia:* o sr. Conselheiro dr. José Fortes e o Conservador do Museu municipal do Porto.

R. P.

OS MORTOS

JOSÉ VICENTE BARBOSA DU BOCAGE

2-V-1823 † 3-XI-1907

Com o passamento de Barbosa du Bocage desappareceu o fundador da zoologia em Portugal. A reorganisação do antigo museu do palacio da Ajuda, transferido em 1836 para o convento de Jesus e por fim installado, depois de 1861, no edificio da Escola Polytechnica onde hoje, sob a legitima denominação de *Museu Bocage*, é o nosso mais importante mostruario de productos naturaes, deve-se exclusivamente a esse naturalista insigne e venerando. Em 1858 Barbosa du Bocage encontrou apenas despojos da origem mais varia e da mais discutivel significação, em grande parte inuteis pelo estado em que se iam desfazendo, ou desvalorisados pelo mutismo ou evidente mentira das suas proveniencias e outras elucidações accessorias. A fauna de Portugal quasi não tinha representantes; a administração de Domingos Vandelli passára sem relêvo de maior, afóra a apprehensão de Geoffroy Saint-Hilaire, em 1808, por ordem de Junot e a perda definitiva, entre outras, das series mais importantes colligidas na America, no ultimo quartel do seculo XVIII, pelo grande homem e grande desgraçado que fôra o doutor Alexandre Rodrigues Ferreira; no convento de Jesus as collecções apenas pretextavam o amparo de varias entidades parasitas. E' então que Barbosa du Bocage se lança á obra, enchendo meio seculo com tam extraordinario labor que um dos seus illustres biographos acertadamente diz assumir a morte de Bocage as proporções d'um grande desastre nacional.

Não paga a pena pormenorisar, pois tudo se lhe deve; e decerto um museu de semelhante amplitude não se organisa e desenvolve, iniciando, creando e promovendo as cooperações que o enriqueceram, sem um trabalho e um desvêlo de que não ha precedentes nem parallelos em Portugal. Esse Museu, dizia-se n'uma sessão da *Sociedade Portugueza de Sciencias Naturaes (Bulletin*, I, 126), é o monumento mais grandioso que o sabio erigiu á custa da sua intelligencia e vontade.

Um dos primeiros serviços de Bocage consistiu nas negociações com o Jardim das Plantas, de Paris, no sentido de obter uma indemnisação dos objectos de cá sahidos por occasião da invasão franceza. Alcançou, como consta d'um seu relatorio de 1860 e d'outros posteriores, uma notavel compensação em especies mammalogicas, ornythologicas, ichthyologicas, erpetologicas, entomologicas e carcinologicas. Logo em 1862 publíca as suas *Instrucções praticas* sobre o modo de colligir productos zoologicos para o Museu de Lisboa e a ellas addita o nosso primeiro Catalogo de aves, ulterior e successivamente ampliado pelos trabalhos de Albino Geraldes (1879), W. Tait (1894 e segs.) e Paulino de Oliveira (1896). A sua noticia sobre a cabra do Gerez já fôra impressa e distribuida cinco annos antes (1857). E da fauna portuguesa, entremeiada com numerosos estudos e notas da fauna ultramarina, ao deante mesmo a sua principal occupação, appareciam successivamente a lista dos mammiferos e reptis portuguezes (1863), a dos arvicolas (1865), as noticias referentes á celebre esponja abyssal, a *Hyalonema lusitanica*, Boc., (1864-5), as diagnoses dos esqualos portugueses (1865-6), a noticia do batrachio novo *Chioglossa lusitanica*, Boc., (1864), a nota sobre esponjas siliciosas ineditas (1870), o Catalogo dos peixes maritimos, de collaboração com F. de Brito Capello, etc. O seu principal labor, como dissemos, com o concurso admiravel, entre outros, de José Anchieta, incidiu sobretudo na fauna das possessões, avultando principalmente as suas ornythologia e erpetologia angolenses. Mas para se formar ideia, em conjuncto, da vastidão da sua obra litteraria, bastará consignar que attinge quasi 100 a somma de especies novas para a sciencia por elle descriptas e é de 177 o numero das *Publicações scientificas de J. V. Barbosa du Bocage* (Lisboa, Typ. da Acad. R. das Scs., 1901), acrescidas ainda com algumas notas ulteriormente publicadas no *Jornal das scs. phys., math. e naturaes*. De resto uma pleiade illustre de discipulos creou, alguns já extinctos, como Brito Capello, J. Augusto de Sousa, Pereira Guimarães e Arruda Furtado, outros felizmente ainda vivos e na effectividade do estudo, como Alberto Girard, Anthero de Seabra, Balthasar Osorio, Bettencourt Ferreira, etc.

As circumstancias em que Bocage se encontrou e achou a Historia Natural entre nós não lhe permittiam, para ser util ao seu paiz, outra orientação do que aquella a que se devotou durante mais de 50 annos: organisar, reunir, coordenar e dar á Sciencia a fecunda e famosa ennumeração de algumas centenas de factos e documentos ineditos. Ora, sob estes multiplos aspectos, perdemos o nosso maior naturalista.

R. P.

JOAQUIM FILIPPE NERY DA ENCARNAÇÃO DELGADO

26-V-1835 † 3-VIII-1908

Instituída a Commissão Geologica de Portugal em 1857, um moço official de engenharia recem-diplomado, encetava, como adjuncto, a carreira de geologo, que jámais abandonaria, e na qual um merito intrinseco e uma inexgotavel devoção resplandeceriam ao deante com o mais vivo destaque. Nery Delgado representa effectivamente, na ala dos portuguezes de estudo e de saber, um papel de relêvo que as circumstancias por um lado facilitaram, tão aberto era o campo em que se iria exercer essa actividade admiravel, mas cujos embaraços de novidade e iniciativa punham á prova o mais decidido enthusiasmo, a fé adolescente e a mentalidade bem armada mas desprovida de recursos materiaes e de tradição. A historia da actual Direcção do Serviço Geologico está feita através das suas memorias, das *Communicações* e da exigua bibliographia que precede a organisação d'este instituto emerito. E enche de honra e gloria — sequer para portugueses — os tres nomes iniciaes de Pereira da Costa e, nomeadamente, de Carlos Ribeiro e Nery Delgado. Ao deante, com a fortuna de adhesões e cooperação sempre relevantes, a instituição subsistia, como se mantem, com o mais radiante prestigio scientifico que é licito lograr em Portugal.

A dentro do mesmo objectivo a obra do general Nery Delgado, chefe da Commissão desde 1882, póde categorisar-se sob varios aspectos. De caracter geral e interesse mais accessivel é a sua collaboração nas duas edições (1876 e 1899) da *Carta geologica* do reino e, anteriormente, do notavel *Relatorio ácerca da arborisação geral do Paiz* (1868). Como especialidade, a que preferentemente se devotou, é a sua ininterrupta dedicação ao estudo do paleozoico e, principalmente, da estratigraphia e fauna siluricas, estudo esse manifestado em monographias dispersas em livros ou nas *Communicações* da Direcção. E ainda n'este quadro dos terrenos primarios cumpre relembrar, como um dos seus trabalhos de mais brilhante realce, a monographia e seu supplemento ácerca das *Bilobites*. Veem, por fim, as suas investigações de archeologia e anthropologia prehistoricas, uma já remota, a *Noticia ácerca das grutas de Cesareda* (1867) e outra, das mais esclarecidas que conta a bibliographia nacional da especialidade, *La grotte de Furninha, à Peniche*, incluída no *Compte-rendu* da 9.ª sessão do *Congrès international d'Anthrop. et d'Arch. préhist.* realisado em Lisboa em 1880. E', de resto, a organisação d'este notavel relatorio, obra quasi integral de Delgado, e das mais absorventes e meticulosas, por motivo da doença que prostrára Carlos Ribeiro, quasi á altura do famoso certamen.

Por ultimo, Relatorios de congressos em que representára o paiz e de commissões lá fóra desempenhadas, os elogios historicos de J. Victorino Damasio e de Carlos Ribeiro, o reconhecimento dos jazigos de Vimioso com um excellente artigo de vulgarisação correspondente exarado no tomo IV da *Rev. de Portugal* (1892) completam a sua solida bibliographia, na quasi totalidade inscripta nas memorias e nas *Communicações* da Direcção do Serviço Geologico.

O desenvolvimento e carinho pelo Museu, as suas numerosas benemerencias em favor d'outras instituições de ensino que o procuravam, o seu alheamento da exhibição e da notoriedade, a sua honradez e lisura profissionaes, a sua inesquecivel bonhomia, polidez ingenita e delicadesa nos actos e no commercio com os homens, reuniam, na mesma figura de sabio, as virtudes magnificas e bellas do homem bom e do homem de caracter.

A *Portvgalia* perde n'elle, como perdeu em Martins Sarmento, um dos seus mais dilectos e pranteados amigos. Quando trez dos seus redactores, ha vinte annos e ainda rapazes de escola, no ardente enthusiasmo dos alvores, fundavam no Porto a *Sociedade Carlos Ribeiro* (1888) e bem assim o seu orgão ou *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* (1890-98), precursora da presente revista, Nery Delgado foi o mais paternal, mas tambem o mais prodigo dos seus protectores. Era admiravel como este bondosissimo homem, já de ha muito uma figura primacial na Sciencia da peninsula e conhecido em todos os paízes europeus como um dos mais respeitaveis geologos contemporaneos — veja-se, por exemplo, as considerações a elle tributadas no Congresso Geologico de Londres! — acolhía, animava, instruía e por todos os modos, com os livros e com os especimens, ministrava *aos rapazes* o fulgor esplendido do seu saber e a caudalosa benignidade do seu grande coração! As suas cartas, que conservamos, constituem um tomo perfeito d'essa alliança perfeita! Os moços depois, feitos homens, mantiveram-se inalteravelmente amigos, por vezes até á ternura em face da inolvidavel bondade... que, ao recordar de novo, e na hora d'este transe imprevisto e irreparavel, impede que se alinhem mais lettras para publico sob tam irreprimivel magoa...

R. P.

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

VIMARANIS || MONVMENTA HISTORICA || A SAECVLO NONO POST CHRISTVM || VSQVE AD VICESIMVM || IVSSV || VIMARANENSIS SENATVS || EDITA || VIMARANE || EX TYPIS ANTONII LUDOVICI DA SILVA DANTAS || MDCCCCVIII.

VIMARANENSI SENATVI || AC || CLARORVM VIRORVM COETVI, CVI VVLGO NOMEN || SOCIEDADE MARTINS SARMENTO || IOANNES GOMES DE OLIVEIRA GUIMARÃES || ATANAGILDENSIS ABBAS || HOC OPVS || ADDICIT, DEVOVET.

COM grandíssimo agrado, pôsto que com a mínima idoneidade, venho dar aos leitores da *Portvgalia* conhecimento desta obra, merecedora de especial consideração. Apresentou o projecto dela, na sessão da Câmara Municipal de Guimarães de 6 de abril de 1898, o falecido distinto clínico — Dr. Antero Campos da Silva — e na mesma ocasião propôs que se oferecesse a execução (Pról. IX-X) á Sociedade Martins Sarmento, á qual já sobejavam louros de suma competéncia. A Sociedade, aceitando o encargo, depô-lo nas mãos dum dos seus mais abalisados membros — o sr. P.e João Gomes de Oliveira Guimarães, Rev. Abade de Tajilde, perito em trabalhos análogos, dos quais basta citar a edição dos inéditos de S. Salvador do Souto: investigador infatigável, conhecendo a fundo o concelho, com larga instrução histórica e espírito perspicaz, a ninguém podia tocar melhor a honrosa incumbéncia.

O projecto primitivo limitava-se simplesmente á publicação de inéditos, existentes no arquivo municipal ou em outros quaisquer (Pról. X), enquanto que o adoptado agora (Pról. XII-XIII) compreende todos os que dizem respeito a Guimarães e ao seu concelho, divulgados ou não, formando a colecção um todo completo de notícias e tradições as mais antigas que foi possível rastrear. Ajuntou-lhe ainda o erudito coleccionador acrecentamentos que subministram informações preciosas, estremamente difíceis de obter, e ao mesmo tempo facilitam o estudo dos monumentos colijidos.

Não é de estranhar que ao plano, amplificado depois, só principiasse a dar-se execução ao cabo de dez anos. Feita a trabalhosa busca, seguia-se a coordenação. O autor, entendendo com bom conceito que os períodos da história nacional, aceites no uso comum, se adequavam ao seu propósito com a vantajem de serem conhecidos, delineou a divisão em cinco secções. Abranje a primeira os documentos até ao reinado de Afonso Henríquez: a segunda, os da dinastia burgonhesa; a terceira, quarta e quinta, respectivamente, os da dinastia de Aviz, espanhola e bragantina. A PARS I e a II teem os títulos em latim, porque nele se acham escritos os diplomas daquela, e com poucas excepções os desta que são todos em número restrito, segundo cremos. Não obstante a rareza dos da PARS II era impossível incluí-los na secção anterior, podendo todavia como prolongamento dela serem julgados alguns, os de data próssima á fundação da monarquia.

A PARS I, única que acaba de ser publicada, encerra, na totalidade, 76 documentos, procedentes de várias fontes, sendo a maioria respigada nos *Diplomata et Chartae, Portvgaliae Monvmenta Historica;* uns 15, transcritos do inédito *Liber Fidei*, conservado no arquivo da sé de Braga, recebem agora a luz da publicidade; da Tôrre do Tombo vieram três: a *Nova Malta* de Figueiredo e a *Crónica de Cister,* forneceram dois; dos *Scriptores, P. Mon. Hist.*, proveem o foral do Conde Henrique e o excerpto da vida de S. Geraldo. A colecção, principiando no ano de 870, termina em 1043: neste período, só por feliz acaso, se encontrará de futuro algum escrito relativo a Guimarães ou ao concelho, pois tanto as publicações eruditas como os arquivos foram investigados com a mácsima diligéncia, e os textos revistos escrupulosamente. Mas isto não é ainda tudo.

Entre as dificuldades, que nos depara a interpretação dêsses velhos pergaminhos, avulta a identificação, no sítio, das propriedades, lugares, montes e rios mencionados em cada um. Quem uma vez se defrontou com o assunto, conhece-as de sobra por experiéncia própria. Trabalho detalhado, compreensivo de área estensa, ao qual se possa recorrer de pronto, falta entre nós. Não obstante o progresso dos estudos históricos no nosso país, a lacuna continua aberta, nem é fácil de preencher. Quem tiver a dedicação de se entregar a essa ímproba tarefa, precisa de saber quási de cor os diplomas e respectivos documentos posteriores para seguir a mudança toponímica se a houve, e simultáneamente conhecer todos os acidentes topográficos para se obter a certeza da identificação — predicados ambos difíceis de encontrar no

mesmo indivíduo. Eis porque as notas, singelas na aparência, lançadas no fundo de cada diploma, se representam imenso labor de exploração local, são também verdadeiras joias de valor inestimável. Delas vai sair o «index remissivo» (Prol. XII) dos topónimos com a identificação correspondente, quando possa fazer-se: e as assinaturas das partes figurantes fornecem a matéria para o de nomes pessoais — duas obras que, aumentando a justa reputação do autor, completam a PARS I e a II, rematadas com o mapa, desenhado por um distintíssimo engenheiro, em quem o saber técnico se une com intensa cultura intelectual.

O mapa indicar-nos há a situação dos lugares novi-godos com o nome de então a par do actual, as citânias e os castros; assim teremos deante dos olhos o quadro gráfico das evoluções sociais desde o tempo proto-histórico até ao presente. A's fortalezas no píncaro dos montes sucedem, nos vales e encostas, as vilas rurais do senhor indíjena romanizado; depois, onde estas foram, vêem-se as freguesias dos cavaleiros e lavradores que fundaram a nação. O leitor conterráneo poderá divisar através de finos traços a longa cadea de sucessos que passaram por cima da sua terra; verá como o nome do obscuro lugar, em que habita, possui antiquíssima linhajem; e mais que nunca amará o torrão, onde persiste sempre a sua raça, apesar das mutações políticas.

Imajine-se o exemplo seguido por todos os concelhos que teem documentos anteriores á monarquia, pois não faltam aí homens instruídos e de boa-vontade. Explorada a rejião do Minho ao Mondego, até onde chegam os *Dipl. et Chart., P. M. H.*, com inéditos que se descubririam sem dúvida, tornava-se possível a elaboração do dicionário de topónimos do período novi-godo, em confronto com os hodiernos, como também o de nomes pessoais, compreendendo o norte inteiro do país. ¿As duas obras, comentadas á luz da erudição moderna, quanto alargariam o horizonte do nosso saber histórico? Brilhantemente encetada, abre o caminho a compilação vimaranense — modêlo de vindouras monografias.

Seria grave injustiça, se, antes de concluir, ficasse por assinalar a beleza tipográfica, reveladora do muito amor com que o livro foi composto e impresso na oficina do Sr. Dantas. Do mesmo modo, não posso ocultar as mais calorosas saudações á Camara Municipal de Guimarães, á Sociedade Mart!ns Sarmento, e ao meu ilustre amigo, Rev. Abade de Tajilde, que tam sábiamente empreendeu a publicação dos *Vimaranis Monvmenta Historica.*

Pôrto: Julho 22, 1908.

ALBERTO SAMPAIO.

Arronches Junqueiro — ESTUDOS SETUBALENSES. 1.ª parte. *Superstições e usos tradicionaes.* 8.°, II-85 pags. Typ. Mascarenhas. Setubal, 1906.

O titulo d'este opusculo indica sufficientemente a sua indole. É uma collectanea folk-lorica apreciavel, se não tanto pelos factos que relata, na quasi totalidade conhecidos em outras regiões do paiz, ao menos por precisar mais uma zona onde figuram. O snr. Junqueiro, n'este e em outros trabalhos seus de archeologia, denuncia qualidades de investigador que muito desejariamos vêr dilatadas ao inquerito da habitação, mobiliario, indumentaria, alimentação, vida agricola, industria da pesca, officios e artes populares da interessante região onde habita.

R. P.

Federico Maciñeira y Pardo — EL SANTUARIO DE S. ANDRÉS DE TEIXIDO, 8.°, 22 pags. e 2 ests. no texto. Ferrol, 1907.

O estimavel investigador gallego coordena n'este opusculo as suas notas archeologicas e ethnographicas ácerca d'um celebrado santuario que partilha, com o de Compostella, o mais alto renome na Galliza em materia de fé. Artisticamente a estancia religiosa, que demora encravada nas vertentes occidentaes do Cabo Ortegal, nada tem a vêr com a sumptuosa basilica de S. Thiago. Bem ao contrario, como se deprehende da breve resenha architectonica com que fecha a monographia, o templo foi, á imitação do que succedeu entre nós nos seculos XVII e XVIII, e principalmente n'est'ultimo, profundamente remodelado, nada subsistindo, a bem dizer, da fabrica primitiva. O espolio archeologico do arredor, entretanto, e nomeadamente as sobrevivencias de velhas formas de religiosidade pagã, denunciam a antiguidade d'um remotissimo culto, do qual var'os ritos, crenças e superstições desfiguradas, inexplicadas ou francamente christianisadas perduram a despeito dos annos transcorridos.

A similitude de costumes e de manifestações exteriores da fé popular no santuario gallego e nos nossos convida-nos a esta rapida annotação, e mais uma vez enseja a *Portvgalia* a accentuar e insistir na utilidade do estreitamento de relações scientificas, pela viagem e pela leitura, com os nossos visinhos de Hespanha e principalmente com as regiões sabidas de norte e de leste.

Os clamores, os vestigios dos cultos das pedras, das agoas e das arvores, os retabulos votivos e outros ex-votos, as veneras, as romarias, os quarteis e mais pormenores descriptos pelo snr. Maciñeira y Pardo dão a ideia, ao leitor portuguez, de que está passando pelos olhos o relato d'um santuario minhoto, das suas origens, da rasão da sua aura e da exhibição da fé publica — tradusido em hespanhol com alteração dos nomes proprios!

Ao snr. Maciñeira y Pardo, por esta e outras gentilesas, as homenagens gratas da *Portvgalia.*

R. P.

EDITOR — RICARDO SEVERO.

SERVIÇO DE CORRESPONDENCIA E PERMUTA

COM

ACADEMIAS, INSTITUTOS, SOCIEDADES E PERIODICOS SCIENTIFICOS

As publicações recebidas em troca estão indicadas em typo italico

Algeria	*Revue Africaine*	Alger
Allemanha	Berliner Gesselschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte. — *Verhandlungen.* — *Zeitschrift für Ethnologie*	Berlin
	Königliche Bibliothek	id.
	Zentralblatt für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte	Breslau
	Zentralblatt für Anthropologie, Ethnologie, etc.	Jena.
	Correspondenz-Blatt der deutschen Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte	München
	Münchener Gesellschaft für Anthropologie	id.
	Internationales Zentralblatt für Anthropologie und verwandte Wissenschaften	Stettin
Aust.ª-Hungria	*Pravek,* Revue d'archéol. et d'anthrop. des Pays Tchèques	Moravia
	Anthropologischen Gesellschaft. — *Mittheilungen,* etc.	Wien
	Bibliothèque Nationale	id.
Belgica	Académie R. d'Archéologie de Belgique. — *Annales.* — *Bull.*	Anvers
	Académie Royale des scienc., des lettres et des beaux-arts de Belgique. — *Annuaire.* — *Bull.*	id.
	Bibliothèque Nationale	Bruxelles
	Société d'Archéologie de Bruxelles. — *Annales.* — *Annuaires.*	id.
	Société d'Anthropologie	id.
	Société d'Archéol. de Namur. — *Annales*	Namur
	Société belge de Microscopie. — *Annales*	id.
	Société des Bollandistes. — *Analecta Bollandiana*	id.
	Société d'Histoire et d'Archéol. de Gand. — *Annales.* — *Bull.*	Gand
Brazil	Bibliotheca Nacional	Rio de Janeiro
	Gabinete portuguez de leitura	id.
	Museu Nacional. — *Archivos.* — *Revista*	id.
	Centro de sc., lettras e artes de Campinas. — *Revista.*	S. Paulo
	Eschola Polytechnica	id.
	Instituto historico e geographico	id.
	Museu Paulista. — *Revista*	id.
Chili	*Boletin de Hijiene y Demografia*	Santiago
	Revista chilena de Hijiene	id.
	Sociedad cientifica de Chile. — *Actas de la Sociedad,* etc.	id.
Dinamarca	Société Royale des Antiquaires du Nord	Copenhague
Egypto	Institut Egyptien. — *Bulletins.* — *Mémoires*	Cairo
Estados Unidos	Peabody Museum of Archaeology and Ethnology. — *Memoirs*	Cambridge
	» » » » — *Reports.*	id.
	American Antiquarian	Chicago
	The Antiquarian	Ohio

Estados Unidos	Anthropological Society	WASHINGTON
	Bureau of Ethnology (Smith. Inst.) — *Annual Report.* — *Bull.*	id.
	Geological Survey (Smith. Inst.) — *Monographs.* — *Annual Report.* — *Bulletin*	id.
	Smithsonian Institution. — *Annual Report*	id.
	The American Anthropologist	id.
França	*Bulletin Hispanique*	BORDEAUX
	Société des Antiquaires du Centre. — *Mémoires*	BOURGES
	Société dauphinoise d'éthnologie et d'anthrop. — *Bull.*	GRENOBLE
	Société d'Anthropologie	LYON
	Académie des sc., lettres et beaux-arts. — *Mémoires*	MARSEILLE
	Académie des Sciences	PARIS
	Bibliothèque Nationale	id.
	École d'Anthropologie. — *Revue*	id.
	Feuille des jeunes naturalistes	id.
	L'Anthropologie (Revue bi-mensuelle)	id.
	Mélusine (publ. por M. H. Gaidoz)	id.
	Mercure de France	id.
	Musée Guimet. — *Annales* (Bibliothèque d'études)	id.
	» » — *Revue de l'Histoire des Religions*	id.
	Muséum d'Histoire Naturelle. — *Bulletins*	id.
	Polybiblion (Revue bibliographique universelle)	id.
	Revue Archéologique	id.
	Revue Hispanique	id.
	Revue (La) Préhistorique	id.
	Société des Antiquaires de France. — *Bull.*	id.
	Société d'Anthropologie. — *Bulletins et Mémoires*	id.
	Société d'Ethnographie	id.
	Société de Géographie	id.
	Société des Traditions populaires	id.
	Société Zoologique de France. — *Bulletins*	id.
	Société des Sciences historiques et naturelles. — *Bulletins*	SÉMUR
	Société archéol. du Midi de la France. — *Bull.*	TOULOUSE
	Université de Toulouse. — *Annuaires.* — *Bull.* — *Rapports an.*	id.
Grecia	*Archaiologikè Hetairia*	ATHÈNES
	École Française d'Athènes	id.
	Société historique et éthnologique	id.
Hespanha	Asociación Artistico-Arqueologica Barcelonesa. — *Revista*	BARCELONA
	Real Academia de Buenas Letras de Barcelona. — *Bol.*	id.
	Universidad	id.
	Revista de Estremadura	CÁCERES
	Ateneo cientifico, literario y artistico	MADRID
	Biblioteca Nacional	id.
	Real Academia de ciencias de Madrid. — *Rev.* — *Memorias*	id.
	Real Academia de la Historia. — *Boletin*	id.
	Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos	id.
	Sociedad Esp. de Historia Natural. — *Actas.* — *Boletins.* — *Memorias*	id.
	Comición prov. de Monumentos historicos y artisticos. — *Boletin*	ORENSE
	Societat arqueologica Luliana. — *Bol.*	PALMA
	Sociedad castellana de excursiones. — *Bol.*	VALLADOLID
	Revista de Aragón	ZARAGOZA
Hollanda	Bibliothèque Royale	LA HAYE
	Internationales Archiv für Ethnographie	LEIDE
Hungria	Bibliothèque Nationale	BUDAPEST
	Ethnologische Mittheilungen aus Ungarn	id.
India Ingleza	Anthropological Society. — *The Journal*	BOMBAY
Inglaterra	Royal Irish Academy	DUBLIN
	Royal Society of Antiquaries of Ireland	id.
	Society of Antiquaries of Scotland. — *Proceedings*	EDIMBOURG

Inglaterra.	Anthropological Institute of Great-Britain and Ireland. — *The Journal*. — *Man* (Monthly record)	LONDRES
	British Archaeological Association	id.
	British Museum	id.
	Geological Society of London. — *Abstracts of the Proceedings*	id.
	Linnean Society of London. — *Proceedings*	id.
	Reliquary	id.
	Royal Archaelogical Institute of Great-Britain and Ireland	id.
	Society of Antiquaries of London	id.
	Society of Biblical Archaeology	id.
Italia	*Revista archeologica della Provincia e antica diocese di Como*	COMO
	Revista di Scienze biologique	id.
	Società italiana di Antropologia, Etnologia, etc. — *Archivio*	FIRENZE
	Società reale	NAPOLES
	Società reale di Napoli. — *Atti*. — *Rendiconti*	id.
	Biblioteca nazionale	ROMA
	Bulletino di Paletnologia italiana	id.
	Cosmos	id.
	Museo preístorico	id.
	Reale Accademia dei Lincei. — *Notizie degli scavi di antichitá*	id.
	Società italiana di scienze naturali. — *Atti*	id.
	Società romana di Antropologia. — *Atti*	id.
Japão	Anthropological Society of Tokyo. — *The Journal*	TOKIO
Mexico	Museo nacional de ciencias	CORDOBA
	Instituto Geologico. — *Boletin*	MEXICO
	Sociedad cientifica Antonio Alzate	id.
Portugal	Bibliotheca Municipal	BEJA
	Bibliotheca Nacional	BRAGA
	Bibliotheca da Universidade	COIMBRA
	O Instituto. — *Revista scientifica e litteraria*	id.
	Sociedade Broteriana. — *Boletim*	id.
	Bibliotheca Nacional	EVORA
	Bibliotheca Municipal	FIGUEIRA DA FOZ
	Sociedade Archeologica Santos Rocha. — *Boletim*	id.
	Sociedade Martins Sarmento. — *Revista de Guimarães*	GUIMARÃES
	Academia Real das Sciencias. — *Jornal das sciencias mathematicas, physicas e naturaes*	LISBOA
	Archivo historico portuguez	id.
	Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes. — *Revista de Obras Publicas e Minas*	id.
	Associação do Magisterio Secundario Official. — *Boletim*	id.
	Bibliotheca Nacional	id.
	Direcção dos Trabalhos Geologicos. — *Communicações*	id.
	Institut Royal de bactériologie Camara Pestana. — *Archives*	id.
	Museu da Eschola Polytechnica	id.
	Museu Ethnologico. — *O Archeologo Português*	id.
	Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. — *Boletim*	id.
	Revista Lusitana	id.
	Sociedade de Geographia. — *Boletins*	id.
	Sociedade pharmaceutica lusitana. — *Jornal*	id.
	Sociedade das sciencias medicas. — *Jornal*	id.
	Oriente (O) português	NOVA GOA
	Academia Polytechnica do Porto. — *Annaes*	PORTO
	Bibliotheca Municipal	id.
	Instituto portuense de estudos e conferencias. — *Boletim*	id.
	Revista de chimica pura e applicada	id.
	Bibliotheca Municipal	POVOA DE VARZIM
	Broteria. — Revista de sc. nat. do Collegio S. Fiel	SOALHEIRA
Rep. Argentina	Academia nacional de ciencias	BUENOS-AYRES
	El Monitor de la educacion común	id.
	Museo Nacional de Buenos-Ayres. — *Communicaciones*	id.

Rep. Argentina	Museo Nacional de Buenos-Ayres. — *Anales del Museo* . . .	BUENOS-AYRES
	Sociedad cientifica Argentina. — *Anales*	id.
	Museo de La Plata	LA PLATA
	Universidad	id.
Romania . .	Arte Romana	JASSY
	Sociatatea stiintifica si literara	id.
	Société des médecins et des naturalistes. — *Bulletin*	id.
Russia . . .	Société des Naturalistes. — *Mémoires*	KIEW
	Musée polytechnique	MOSCOW
	Société Impériale des Amis des Sciences Naturelles, de l'Anthropologie et de l'Ethnographie	id.
	Société Impériale archéologique	id.
	Académie Impériale des Sciences. — *Bulletin*	ST. PÉTERSBOURG
	Comité Géologique. — *Bulletins*. — *Mémoires*. — *Bibliothèque géologique*	id.
Suécia . . .	*Kongl. Vitterhets Historie och Antikvitets Akademiens* . . .	STOCKHOLM
	Svenska Sällskapet för Anthropologie och Geografi. — Ymer. .	id.
Suissa . . .	Bibliothèque de la Ville. Société d'Histoire Suisse	BERNE
	Société des Arts. — *Comptes-Rendus*	GENÈVE
	Société de Géographie	id.
	Société vaudoise de sciences naturelles. — *Bulletins*	LAUSANNE
	Ecole Polytechnique	ZURICH
	Jahrbuch für Schweizerische Geschichte	id.
Uruguay . .	Museo Nacional de Montevideo. — *Anales del Museo*, etc. . .	MONTEVIDEO

INDICE GERAL

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO TOMO SEGUNDO DA «PORTVGALIA»

SEGUNDO A CLASSIFICAÇÃO DO PROGRAMMA E NA ORDEM ALPHABETICA DOS AUCTORES

MEMORIAS

PALETHNOLOGIA — PALETHNOGRAPHIA

PAGS.

A. Santos Rocha — *Estações pre-romanas da edade do ferro nas visinhanças da Figueira*, com uma *Nota sobre os restos humanos da necropole de Ferrestello*, por **Ricardo Severo** e **Fonseca Cardoso** (com 6 illustrações e 20 estampas avulsas) . . . . 301–359 e 493–516

H. Alcalde del Rio — *Las pinturas y grabados de las cavernas prehistóricas de la provincia de Santander* (com 3 ills. e 10 ests. avulsas) 137–178

José Fortes — *As fibulas do noroeste da peninsula* (com 38 ills.) 15–33

Ricardo Severo — *O thesouro de Lebução* [Traz-os-Montes] (com 5 ills. e 2 ests. avulsas). 1–14

ANTHROPOLOGIA — ANTHROPOMETRIA

Fonseca Cardoso — *Castro Laboreiro* [Ensaio anthropologico] (com 9 ills.). 179–186

— — *O Poveiro*. Estudo anthropologico dos pescadores da Povoa de Varzim (com 27 ills.) 517–538

ETHNOGRAPHIA — FOLK-LORE

Luiz de Magalhães — *Os barcos da Ria de Aveiro* (com 9 ills. e 1 est. avulsa) 49–62

Rocha Peixoto — *Illuminação popular* (com 36 ills.) 35–48

— — *Tabulæ votivæ* (com 11 ills.) 187–212

— — *O traje serrano* [Norte de Portugal] (com 55 ills.) 360–389

— — *As filigranas* (com 53 ills.) 540–579

ARCHEOLOGIA — HISTORIA

Alberto Sampaio — *As Póvoas marítimas do norte de Portugal* . . 213–232, 390–401 e 580–601

VARIA

PALETHNOLOGIA — PALETHNOGRAPHIA

José Fortes — *A sepultura da Quinta da Agoa Branca* [Edade do cobre] (com 9 ills.) 241–252

— — *Necropole lusitano-romana da Lomba* [Amarante] (com 4 ills. e 1 est.) 252–262

— — *Duas joias archaicas* (com 3 ills.) 412–416

— — *Ouros protohistoricos da Estella* (com 16 ills. e 1 est.) 605–618

		PAGS.
Ricardo Severo	— *Os braceletes d'ouro de Arnozella* (com 12 ills. e 1 est.)	63–71
—	— *Os torques de Almoster* (com 1 ill.)	72–74
—	— *O Mercurio de Casal-Comba* [Estatueta de bronze do Museu Azuaga] (com 2 ills. e 1 est.)	233–241
—	— *O castro de Villarinho de Cotas* (com 7 ills.)	263–269
—	— *As arrecadas d'ouro do castro de Laundos* (com 7 ills. e 1 est.)	403–412
—	— *Necropoles lusitano-romanas de inhumação* (com 22 ills.)	417–431
Souza Maia	— *A necropole de Canidello* (com 4 ills.)	619–625

ETHNOGRAPHIA — FOLK-LORE

A. Thomaz Pires	— *A olaria em Elvas*	274–277
—	— *Os pregões d'Elvas* (com 33 musicas no texto)	655–660
Carlos Alves	— *Ethnographia mirandeza: O casamento em Terra de Miranda*	100–102
—	— *Idem: A matança do porco*	277–280
J. J. Nunes	— *Costumes algarvios: O vestuario*	654–655
José Pinho	— *Ethnographia amarantina: A caça* (com 40 ills.)	84–100
—	— *Idem: A pesca* (com 25 ills.)	448–459
Manuel Monteiro	— *A loiça de Miranda do Corvo* (com 6 ills.)	431–438
Mello de Mattos	— *As chaminés alemtejanas* (com 13 ills.)	79–84
M. V. Natividade	— *Alcobaça ethnographica: As rocas da minha terra* (com 42 ills.)	638–646
Pedro F. Thomaz	— *Folk-lore beirão* (com musicas)	108, 281–282 e 473–474
Rocha Peixoto	— *Sobrevivencia da primitiva roda de oleiro em Portugal* (com 5 ills.)	74–78
—	— *«Prisões» de gado* (com 3 ills.)	78–79
—	— *Uma ornamentação ceramica actual de caracter archaico* (com 1 ill.)	270–272
—	— *Os cataventos* (com 46 ills.)	439–448
—	— *Os pucareiros de Ossella*	653
R. P. (Collector)	— *Contos populares de animaes*	660
Tavares Teixeira	— *Folk-lore transmontano*	107–108, 280 e 472–473
—	— *Ethnographia transmontana: A agricultura*	627–638
Tude de Souza	— *Regimen pastoril dos povos da Serra do Gerez*	459–472 e 646–652

ARCHEOLOGIA — HISTORIA

M. J. de Campos	— *Tostão, inedito, de 1641* (com 3 ills.)	625–627
Manuel Monteiro	— *Prodigios de S. Bernardo em azulejo* (com 2 ills.)	272–274
P. A. d'Azevedo	— *Os tremedores em Portugal no seculo XVI*	103–107

NOTICIAS

A. A. Gonçalves	— *Sepulturas romanas de Condeixa-a-Velha*	285–286
A. Pereira Lopo	— *Inscripções brigantinas* (com 2 ills.)	127
—	— *Inscripção de Miranda do Douro* (com 1 ill.)	289
Eduardo de Freitas	— *Subsidios para o inventario archeologico do concelho de Felgueiras* (com 1 ill.)	665–666
J. de Vasconcellos	— *Materiaes para o inventario archeologico do concelho de Baião*	669–673
José Fortes	— *Thesouro de Viatodos* (com 1 ill.)	110–111
—	— *Restos de uma villa lusitano-romana* (Povoa de Varzim)	113
—	— *Museu municipal Azuaga* (com 1 ill.)	117–119
—	— *Noticias epigraphicas* (com 13 ills.)	124–126, 289–290 e 479–480
—	— *Esconderijo morgeano da Carpinteira* (Melgaço)	475
—	— *Casa e necropole lusitano-romanas de Villarinho* [Amarante] (com 1 ill.)	477–478

PAGS.

José Fortes — *Esconderijo morgeano de Ganfei* (Valença) 661
— — *Machados avulsos da edade do bronze* [Famalicão e Barcellos] (com 2 ills.). 662
— — *Vasos em forma de chapeu invertido* [Villa do Conde] (com 6 ills.) . 662–665
José Machado — *Achado de moedas romanas em Braga* 478
José Pinho — *Castros do concelho de Amarante* (com 27 ills.). . . . . . 476 e 673–675
Manuel de Oliveira — *Thesouros encontrados em alguns castros do norte de Portugal* . . 666–668
Manuel Monteiro — *Uma velha necropole* (Povoa de Lanhoso) 675
Ricardo Severo — *Novas descobertas de ourivesaria proto-historica: O torque de Serrazes; O bracelete de Tellões* (com 1 ill.). 109–110
— — *O cemiterio romano do Monte do Penouço* [Rio Tinto] (com 4 ills.) . 111–113
— — *Les dolmens de Villa Pouca d'Aguiar* (Questions d'authenticité) . . 113–117
— — *Noticias epigraphicas* (com 4 ills.) . . . . 126–127 e 289
— — *Outros achados em Tellões* (com 1 ill.) 282
— — *O bracelete d'ouro de Tellões* (com 1 ill.). 283
— — *José Fortes* 478
Rocha Peixoto — *O museu municipal de Bragança*. 120
— — *Museus episcopaes* 120–122
— — *Excavações archeologicas* 122–123
— — *A cividade de Riodouro* 284
— — *Sepulturas abertas em rocha* 287–288
— — *O homem da maça* (com 1 ill.) 676–677
— — *Benemeritos da archeologia* [Terroso e Laundos, no concelho da Povoa de Varzim] (com 8 ills.) 677–680

OS MORTOS

Fonseca Cardoso — *Ferraz de Macedo* (com 1 retrato) 481
— — *Vasconcellos Abreu*. 483
José Fortes — *Henriques Pinheiro* 482
— — *Albano Bellino*. 482
— — *Pereira Botto* 482
Manuel Monteiro — *Pereira Caldas* (com 1 retrato) 128
Rocha Peixoto — *Dias Nunes*. 483
— — *Barbosa du Bocage* (com 1 retrato) 681
— — *Nery Delgado* (com 1 retrato). 682

BIBLIOGRAPHIA

Alberto Sampaio — *Numantia*, de Adolf Schulten 294–296
— — *Le droit de marché*, de C. Boulanger. 298–299
— — *Vimaranis Monumenta Historica* 683–684
Fonseca Cardoso — *La spirale préhistorique*, de José Fortes 489
— — *O concelho de Guimarães*, de João de Meira. 489–490
José Fortes — *Antiguidades*, de F. Tavares Proença. 133
— — *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha* (com 1 ill.) . . . 491–492
Ricardo Severo — *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*, de Pierre Paris . 129–133
— — *Deux mots à propos du livre de Mr. Georges Engerrand*, de Nery Delgado 291–292
— — *Religiões da Lusitania*, de J. Leite de Vasconcellos 292–294

		PAGS.
Ricardo Severo	— *La capacité du crâne et la composition éthnique probable du peuple portugais,* de Costa Ferreira.	296–297
—	— *La capacité cranienne chez les criminels portugais,* de Costa Ferreira.	297
—	— *O Museu municipal da Figueira da Foz,* de Santos Rocha . . .	300
—	— *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*	300
Rocha Peixoto	— *Catalogo do Museu Archeologico de Evora,* de A. F. Barata . . .	133
—	— *Historia d'um fogo-morto,* de José Caldas	134–135
—	— *L'outillage agricole en Portugal,* de A. Flébus	135
—	— *Ensaios ethnographicos,* de J. Leite de Vasconcellos. . . 135–136 e	409
—	— *Geographia historica e ethnographica de Hespanha e Portugal,* de F. Adolpho Coelho	136
—	— *Restos d'uma villa lusitano-romana,* de José Fortes	291
—	— *Les éolithes du Portugal,* de José Fortes	292
—	— *Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra*	297
—	— *Algumas palavras a respeito de pucaros de Portugal,* de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos	297–298
—	— *Estudos e notas elvenses,* de A. Thomaz Pires	298
—	— *Cantos populares portuguezes,* de A. Thomaz Pires	298
—	— *Ceramica portugueza,* de José Queiroz (com 9 ills.)	484–489
—	— *Cancioneiro popular politico,* de A. Thomaz Pires	490
—	— *Alcobaça d'outro tempo,* de M. Vieira Natividade	490
—	— *O Archeologo Português* [SUPPLEMENTO]	492 A–492 S
—	— *Estudos setubalenses,* de Arronches Junqueiro	684
—	— *El santuario de S. Andrés de Teixido,* de F. Maciñeira y Pardo . .	684

LISTA DOS COLLABORADORES LITTERARIOS

	PAGS.
A. Augusto Gonçalves	285–286
Alberto Sampaio	213–232, 294–296, 298–299, 390–401, 580–604 e 683–684
Antonio dos Santos Rocha	301–356 e 493–516
A. Pereira Lopo	127 e 289
A. Thomaz Pires	274–277 e 655–660
Carlos Alves	100–102 e 277–280
Eduardo de Freitas	665–666
Fonseca Cardoso	179–186, 357–359, 481, 483, 489–490 e 517–539
Hermilio Alcalde del Rio	137–178
J. J. Nunes	654–655
João de Vasconcellos	669–673
José Fortes	15–33, 110–111, 113, 117–119, 124–126, 133, 241–262, 289–290, 412–416, 475, 477–478, 479–480, 482, 491–492, 605–618 e 661–665
José Machado	478
José Pinho	84–100, 448–459, 459, 476 e 673–675
Luiz de Magalhães	49–62
Manuel de Oliveira	666–668
Manuel Joaquim de Campos	625–627
Manuel Monteiro	128, 272–274, 431–438 e 675
Mello de Mattos	79–84
M. Vieira Natividade	638–646
Pedro A. d'Azevedo	103–107
Pedro Fernandes Thomaz	108, 281–282 e 473–474
Ricardo Severo	1–14, 63–74, 109–110, 111–113, 113–117, 126–127, 129–133, 233–241, 263–269, 283, 289, 291–292, 292–294, 296–297, 300, 357–359, 403–412, 417–431 e 478
Rocha Peixoto	35–48, 74–79, 120–123, 133–136, 187–212, 270–272, 284, 287–288, 291, 292, 297–298, 360–389, 439–448, 483, 484–489, 490, 492 A–492 S, 540–579, 653, 660, 676–682 e 684
Sousa Maia	119–625
Tavares Teixeira	607–108, 280, 472–473 e 627–638
Tude de Sousa	459–472 e 646–652

LISTA DOS COLLABORADORES ARTISTICOS

	PAGS.
A. Augusto Gonçalves	20
Antonio da Silva Filippe	620–623
Arthur Cruz	Pl. xvi. 255, 257, 259, 444, 493, 503, 509, 547–565, 579, 606–608, 610, 612–617 e 620–623
D. Clotilde da Rocha Peixoto	36, 38, 39, 42–44, 47, 206, 208, 271, 361, 362, 364–365. 369, 374, 378, 379, 382, 383, 384, 435–437, 445, 446–447, 486 e 488–489
Francisco Gil	45, 194 e 197
Hermilio Alcalde del Rio	Pls. v–xiv. 154 e 175
Igo de Pinho	46, 387 e 445
Joaquim Arôso	37, 200–201 e 210–211
José Fortes	16–20, 21–32, 110, 124–126, 243, 290, 413 e 479–480
José Pinho	31, 75–76, 78–79, 85–99, 204, 273, 378, 383, 440, 450–458 e 673–675
Michelangelo Soá	Pls. i e ii. 1, 39–41 e 80–83
M. Vieira Natividade	639–640, 643 e 645
Ricardo Severo	65–73, 109, 111–112, 126–127, 264, 266–267, 283, 404–411, 417, 418, 420, 422–423, 424, 426 e 431
Silva Rocha	Pl. iii. 52–53 e 56–59
Silvestro Silvestri	137
D. Sophia de Sousa	Pls. xvii–xxx e pls. xxxii–xxxvii. 301, 351, 439–444 e 448

INDICE DAS ESTAMPAS

N.º das estampas	Designação das estampas	Numeração das figuras
I	O THESOURO DE LEBUÇÃO. Des. M. Soá. Lith. Nac.	
	Armilla	A
	Torques	B
	Peças d'um adorno de pulso	C
	Desenhos das *cabeças* do torques	*b*
	Ampliação d'esse desenho	*b'*
II	O THESOURO DE LEBUÇÃO. Desenhos ornamentaes da armilla. Des. M. Soá. Lith. Nac.	1–17
III	PRÔA E PÔPA DE UM BARCO MOLICEIRO. Ria d'Aveiro. Des. Silva Rocha. Lith. Nac.	
IV	BRACELETES D'OURO DE ARNOSELLA. Cliché de R. Severo. Photot. de Biel & C.ª.	
V–XIV	PLANTA DAS CAVERNAS D'ALTAMIRA E OUTRAS. Pinturas das cavernas; ossos gravados. Des. Hermilio Alcalde.	
XV	O MERCURIO DE CASAL-COMBA. Estatueta de bronze do Museu Azuaga. Cliché e photot. de Biel & C.ª.	
XVI	NECROPOLES LUSITANO-ROMANAS POR INCINERAÇÃO (AMARANTE). Des. A. Cruz. Lith. de Sousa & Filho.	
XVII	PLANTA DAS EXCAVAÇÕES DE SANTA OLAYA. Des. D. Sophia de Sousa.	
XVIII–XXIX	OBJECTOS PROVENIENTES DAS EXCAVAÇÕES EM SANTA OLAYA. Des. D. Sophia de Sousa.	
XXX	ESPÉCIMENS DA LOUÇA PINTADA DE SANTA OLAYA. Des. D. Sophia de Sousa. Lith. de Sousa & Filho.	
XXXI	ARRECADAS D'OURO DO CASTRO DE LAUNDOS. Photot. de Biel & C.ª.	
XXXII–XXXVII	OBJECTOS PROVENIENTES DAS EXCAVAÇÕES DO CRASTO. Des. D. Sophia de Sousa.	
XXXVIII	COLLAR D'OURO DA ESTELLA (POVOA DE VARZIM). Cliché de Marques Abreu.	

PHOTOTYPIAS E LITHOGRAPHIAS DE **E. BIEL & C.ª — PORTO**
C. SOUSA & FILHO — PORTO

INDICE DAS GRAVURAS INTERCALADAS NO TEXTO

Numeração geral das gravuras	Designação das gravuras e collaboradores artisticos	Pags.
1–2	Cabeçalho. Lettra inicial C. Motivos do thesouro de Lebução. Des. de **M. Soá** . .	1
3	A armilla de Lebução. Cliché de **R. Severo**	3
4	Idem, idem. Outro aspecto. Cliché de **R. Severo**	5
5–6	Desenhos d'um torques de Lebução. Des. de **M. Soá**. Lith. Nac.	11
7–44	Typos de fibulas de Briteiros, Sabroso, Villar de Mouros, Monte Redondo, Conimbriga, Galliza, Santa Luzia, Traz-os-Montes, Guifões, Pedrulha, Algarve. Des. de **Abel Cardoso, A. A. Gonçalves** e **J. Fortes**	16–32
45–80	Meios d'illuminação popular: vélas, candeias, lampeões, lanternas, etc. Des. de **D. Clotilde R. Peixoto, J. Arôso, F. Gil, Igo de Pinho, J. Pinho** e **M. Soá** . .	36–47
81	Mappa da ria de Aveiro	50
82–89	Barcos da Ria d'Aveiro. Clichés de **D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães**. Des. de **S. Rocha**	54–61
90–101	Braceletes d'ouro. Des. de **R. Severo**	65–71
102	Torques d'Almoster. Des. de **R. Severo**	73
103–105	Pico, pia e roda d'oleiro de Villa Secca. Des. de **J. Pinho**.	75–76
106	Oleiro de Lordello (Ancêde). Cliché de **R. Peixoto**	76
107	Na soenga (Villa Secca). Cliché de **R. Peixoto**.	77
109–110	Prisões de gado, de Briteiros e Alhões. Des. de **J. Fortes** e **J. Pinho**.	78–79
111–123	Chaminés alemtejanas. Des. de **M. Soá**.	80–83
124–163	Armadilhas de caça. Des. de **J. Pinho**	85–99
164	Torque de Serrazes. Des. de **R. Severo**.	109
165	Machado de bronze, frente e perfil. Des. de **J. Fortes**.	110
166	Planta e córte do sarcophago de Rio Tinto. Des. de **R. Severo**	111
167–168	Vasos de vidro e barro do mesmo sarcophago. Des. de **R. Severo**	112
169	Botão de bronze. Des. de **R. Severo**	112
170	Torques de prata, de Cortinhas. Cliché de **R. Severo**.	119
171–182	Lapides epigraphicas e um sinete de bronze. Des. de **J. Fortes** e **R. Severo**. . .	124–127
183	Retrato de Pereira Caldas	128
184–185	Cabeçalho e lettra A. Motivos d'Altamira. Des. de **S. Silvestri**	137
186–187	Objectos prehistoricos d'Altamira. Des. de **H. Alcalde**	154
188	Estratigrafia da Caverna del Castillo. Des. de **H. Alcalde**	175
189–197	Typos humanos de Castro Laboreiro. Clichés de **R. Severo**	180–186
198–208	Ex-votos ou tabulæ votivæ. Des. de **D. Clotilde R. Peixoto, J. Arôso, J. Pinho** e **F. Gil**	189–211
209–210	Mercurio de Casal-Comba, reverso e perfil. Cliché de **R. Severo**	235–237
211–213	Plantas e córte da sepultura da Quinta da Agua Branca. Des. de **J. Fortes**. . .	243
214–215	Pedra com covinhas, duas faces. Clichés de **J. Fortes**	244–245
216–219	Objectos d'ouro e cobre da mesma sepultura. Clichés de **Alvão**	247–249
220	Planta do predio de Antonio Bento Pinto. Des. de **A. Cruz**	255
221	Diagramma do córte e planta da sepultura A. Des. de **A. Cruz**	257
222–223	Objectos de barro da sepultura da Lomba. Des. de **A. Cruz**	259
224	Planta do edificio do *castro* de Villarinho de Cotas. Des. de **R. Severo**	264
225	Vaso de barro do mesmo *castro*. Cliché de **R. Severo**.	265
226–230	Fivela, fibula e placa de cinturão do mesmo *castro*. Des. de **R. Severo**	266–267
231	Bilha de barro, de Guimarães. Des. de **D. Clotilde R. Peixoto**	271

Numeração geral das gravuras	Designação das gravuras e collaboradores artisticos	Pags.
232–233	Milagres de S. Bernardo. Quadros d'azulejo. Des. de **J. Pinho**	273
234–235	Musicas d'uns romances populares	281–282
236	Bracelete d'ouro de Tellões. Des. de **R. Severo**	283
237	Fivela annular de Tellões. Des. de **R. Severo**	283
238	Lapide de Guidões. Cliché de **D. Ramos**	289
239–241	Lapides epigraphicas. Des. de **R. Severo** e **J. Fortes**	289–290
242	Cabeçalho e lettra O. Motivo: louças pre-romanas da Figueira. Des. de **D. S. de Sousa**	301
243	Carta topographica da região do Mondego	311
244	Planta do Outeiro de Santa Olaya	313
245	Parte occidental das excavações de Santa Olaya	315
246	Contas de vidro de Santa Olaya. Des. de **D. S. de Sousa**	351
247	Furador d'osso, de Montalegre. Des. de **D. Clotilde R. Peixoto**	361
248–276	Trajes serranos. Clichés de **R. Peixoto.** Des. de **D. Clotilde R. Peixoto**	361–377
277	Ornamentos de chapeu de palha. Des. de **D. Clotilde R. Peixoto**	378
278	Abarca. Des. de **J. Pinho**	378
279	Pica. Des. de **D. Clotilde R. Peixoto**	378
280	Ornamentos a ponto de cruz. Des. de **D. Clotilde R. Peixoto**	379
281	Em Rebordãos (vestuario). Cliché de **R. Peixoto**	380
282	Pastor e vezeira de reichêlos (S. João do Campo do Gerez). Cliché de **R. Peixoto**	381
283	Moca (Miranda). Des. de **D. Clotilde R. Peixoto**	382
284	Fumadeira (Castro Laboreiro). Des. de **D. Clotilde R. Peixoto**	383
285–286	Patifas (Alhões). Des. de **J. Pinho**	383
287	Berloque (Gralheira). Des. de **J. Pinho**	383
288–294	Vestuarios de Miranda, Pitões, Lindoso e Montalegre. Clichés de **R. Peixoto.** Des. de **D. Clotilde R. Peixoto, Igo de Pinho** e **J. Pinho**	384–388
295–296	Vaso de barro e bôlo de prata, do thesouro de Laundos. Des. de **R. Severo**	404–405
297	Esquisso linear da arrecada d'Affife. Des. de **R. Severo**	406
298	Esboço geometrico da arrecada de Laundos. Des. de **R. Severo**	407
299	Arrecadas do Castro da Masma, Galliza. Des. de **R. Severo**	408
300	Desenho schematico das arrecadas. Des. de **R. Severo**	409
301	Arrecada actual. Des. de **R. Severo**	411
302–303	Collar de Valle da Malhada e sua decoração. Cliché de **J. Fortes.** Des. de **R. Severo.**	413
304	Bracelete d'ouro de Bairro. Des. de **R. Severo**	413
305	Mappa da região do cemiterio do Bairral. Des. de **R. Severo**	417
306	Bordos de vasos. Des. de **R. Severo**	418
307	Sepultura n.º 1. Cliché de **R. Severo**	419
308–317	Vasos de barro. Clichés de **R. Severo**	420–424
318–319	Vasos de vidro. Clichés de **R. Severo**	424–425
320–321	Cavilha e tacha de ferro. Des. de **R. Severo**	426
322–326	Vasos de barro. Clichés de **R. Severo**	427–430
327	Argola de bronze. Des. de **R. Severo**	431
328	Oleiro de Miranda do Corvo ao torno. Cliché de **S. Pinto**	433
329–332	Vasos de Miranda. Des. de **D. Clotilde R. Peixoto**	435–437
333	Rosario. Des. de **D. Clotilde R. Peixoto**	437
334–380	Cataventos. Des. de **D. Clotilde R. Peixoto, Igo de Pinho, J. Pinho, A. Cruz** e **D. S. de Sousa**	439–448
381	Rêde hydrographica do concelho d'Amarante. Des. de **J. Pinho**	450
382–405	Armadilhas de pesca e aprestos varios. Des. de **J. Pinho**	451–458
406–407	Musicas do folk-lore beirão	473–474
408	Vaso pintado. Des. de **J. Fortes**	477
409–412	Lapides epigraphicas. Des. de **J. Fortes**	479–480
413	Retrato de Francisco Ferraz de Macedo	481
414–416	Ceramica portugueza. Clichés de **J. Calheiros**	484–485
417–422	Azulejos. Des. de **D. Clotilde R. Peixoto**	486–488
423	Marcas d'oleiro. Des. de **D. Clotilde R. Peixoto**	489
424	Placa d'ouro, do Museu da Figueira da Foz	492
425–426	Cabeçalho, faiança, e lettra C. Des. de **A. Cruz**	493
427	Alfinete e fibula do Crasto. Des. de **A. Cruz**	503
428	Objectos do Crasto. Des. de **A. Cruz**	509
429	Littoral poveiro	518
430–453	Typos poveiros. Clichés de **J. Calheiros**	520–538
454	Filigranas — O carrinho. Cliché de **A. Cardoso**	547
455–500	Artefactos de filigrana d'ouro. Des. de **A. Cruz**	547–565
501–505	Mulheres adornadas de filigranas. Clichés de **E. Biel**	567–571
506–508	Paginas do canhenho de filigraneiros. Clichés de **G. Oliveira**	573–577

Numeração geral das gravuras	Designação das gravuras e collaboradores artisticos	Pags.
509	Adorno filigranado. Des. de **A. Cruz**	579
510–514	Peças do collar da Estella (Povoa de Varzim). Des. de **A. Cruz**	606–608
515–516	Arrecadas da Estella, reverso, anverso e perfil. Cliché de **M. Abreu**. Des. de **A. Cruz**.	609–610
517	Cabeça de torques d'ouro (Estella). Cliché de **M. Abreu**	611
518	Granitos de ouro e prata. Cliché de **M. Abreu**	611
519	Eschema das ornamentações dos ouros da Estella. Des. de **A. Cruz**	612
520–521	Pedras gravadas do museu de Gaya. Des. de **A. Cruz**	613
522–525	Cacos ornamentados de Terroso. Des. de **A. Cruz**	614–617
526–529	Mobiliario neolithico d'antellas de Villa do Conde e outras procedencias. Des. de **S. Filippe** e **A. Cruz**	620–623
530–532	Moedas portuguezas, antigas	625–627
533–540	Ornamentações em rocas d'Alcobaça. Des. de **M. Natividade**	639–641
541	Antonio Palhaço, o *Vaqueiro*. Cliché de **M. Natividade**	641
542–554	Ornamentações em rocas d'Alcobaça. Clichés e des. de **M. Natividade**	641–643
555	Joaquim Bonito. Cliché de **M. Natividade**	643
556–562	Ornamentações em rocas d'Alcobaça. Clichés e des. de **M. Natividade**	643–645
563–565	Idem em sarilhos. Clichés de **M. Natividade**	644–645
566–568	Idem em rocas d'Alcobaça. Clichés de **M. Natividade**	643–645
569	Agulhetas ornamentadas d'Alcobaça. Clichés de **M. Natividade**	645
570–572	Sarilhos ornamentados d'Alcobaça. Clichés de **M. Natividade**	645
573–574	Bicos de descamisar ornamentados. Clichés de **M. Natividade**	646
575–607	Musicas de pregões	656–660
608–609	Machados de bronze. Clichés de **M. Abreu**	662
610–615	Vasos antigos de barro, de Villa do Conde, Terroso e Gulpilhares (Gaya). Clichés de **M. Abreu**	663–664
616	Tubos lusitano-romanos, de Felgueiras. Cliché de **E. Freitas**	666
617	Fossas em penedos. Des. de **J. Pinho**	670
618–632	Louças ornamentadas de castros amarantinos. Des. de **J. Pinho**	673–674
633–634	Rebordos de louças dos castros amarantinos. Des. de **J. Pinho**	674
635–642	Covinhas e excavações em rochas dos mesmos castros. Des. de **J. Pinho**.	674
643–645	Escadas em rochas. Des. de **J. Pinho**	675
646	O homem da maça (Bouças). Cliché de **R. Peixoto**	676
647–651	Retratos de benemeritos da archeologia	677
652	Brigada de trabalhadores, em excavações de Terroso. Cliché de **J. Calheiros**	678
653	Reconhecimento d'uma zona, nas mesmas excavações. Cliché de **J. Calheiros**	679
654	Alto do castro de S. Felix (Povoa de Varzim). Cliché de **J. Calheiros**	680
655	Retrato de José Vicente Barbosa du Bocage	681
656	Idem de Joaquim Filippe Nery da Encarnação Delgado	682

ZINCOGRAPHIAS E SIMILI-GRAVURAS DE **MARQUES ABREU & C.ª — PORTO**

ECA NACIONAL DE

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFFICINAS DA «IMPRENSA PORTUGUEZA»
Rua Formosa n.º 112—PORTO

Acabado em 7 de Setembro de 1908

POLA GREY

BNP
EFG0000958013